UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Ana Beatriz Freire de Almeida

A SINTAXE NA *NOVA GRAMMATICA ANALYTICA DA LINGUA PORTUGUEZA* (1881), DE CHARLES ADRIEN OLIVIER GRIVET (1816-1876): UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA

João Pessoa
2022

ANA BEATRIZ FREIRE DE ALMEIDA

A SINTAXE NA *NOVA GRAMMATICA ANALYTICA DA LINGUA PORTUGUEZA* (1881), DE CHARLES ADRIEN OLIVIER GRIVET (1816-1876): UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), para a obtenção do grau de Mestra em Linguística, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Eduardo Vieira.

João Pessoa

2022

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A447s Almeida, Ana Beatriz Freire de.
A sintaxe na Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza (1881), de Charles Adrien Olivier Grivet (1816-1876) : uma análise historiográfica / Ana Beatriz Freire de Almeida. - João Pessoa, 2022.
928 f. : il.

Orientação: Francisco Eduardo Vieira.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Gramática. 2. Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza. 3. Grivet, Charles. 4. Historiografia da linguística. 5. Século XIX. I. Vieira, Francisco Eduardo. II. Título.

UFPB/BC CDU 81'36(043)

Elaborado por WALQUELINE DA SILVA ARAUJO - CRB-15/514

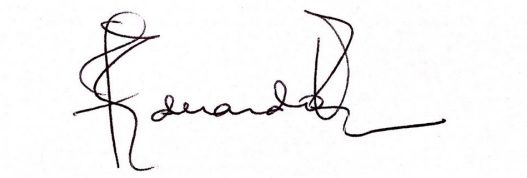
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
ANA BEATRIZ FREIRE DE ALMEIDA

Aos oito dias do mês de junho de dois mil e vinte e dois (08/06/2022), às nove horas e trinta minutos, realizou-se, via Plataforma Google Meet, a sessão pública de defesa de dissertação intitulada **"A sintaxe na Nova Grammatica Analytica Da Lingua Portugueza (1881), de Charles Adrien Olivier Grivet (1816-1876): uma análise historiográfica"**, apresentada pela mestranda **ANA BEATRIZ FREIRE DE ALMEIDA**, licenciada em **Letras** pela **Universidade Federal da Pernambuco – UFPE**, tendo concluído os créditos para obtenção do título de MESTRA EM LINGUÍSTICA, área de concentração **Linguística e Práticas Sociais**, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Jan Edson Rodrigues Leite, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O Prof. Dr. Francisco Eduardo Vieira (PROLING – UFPB), na qualidade de orientador, presidiu a Banca Examinadora, da qual fizeram parte os Professores Doutores Carlos Alberto Faraco (Examinador/UFPR) e Mônica Mano Trindade Ferraz (Examinadora/PROLING – UFPB). Dando início aos trabalhos, o senhor Presidente Prof. Dr. Francisco Eduardo Vieira convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra à mestranda para apresentar uma síntese de sua Dissertação. Após isso, a mestranda foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a dissertação, à qual foi atribuído o conceito **APROVADA**. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr. Francisco Eduardo Vieira, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos, e, para constar, a presente ata foi lavrada e assinada por todos os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 08 de junho de 2022.

Observações:

Nada a declarar.



Prof. Dr. Francisco Eduardo Vieira
(Presidente da Banca Examinadora)

Prof. Dr. Carlos Alberto Faraco
(Examinador)

Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz
(Examinadora)

Cidade Universitária – Campus I 58051-970 João Pessoa – PB
Caixa Postal: 5070 Fone/fax: (83) 3216-7745
E-mail: proling@cchla.ufpb.br www.cchla.ufpb.br/proling

A preciosa grammatica Grivet teria sido devorada pelos vermes de algum dos archivos publicos, se M.me Grivet, confiante na protecção da população brazileira e em homenagem á memoria de seu esposo, não emprehendesse a sua publicação. (ALGUMAS..., 1881, p. VIII)

A Ana Maria Freire (*in memoriam*) †

RESUMO

Esta dissertação analisa a abordagem sintática realizada pela *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (NGALP) (1881), de Charles Adrien Olivier Grivet (1816-1876). O objetivo geral desta pesquisa é investigar os principais conhecimentos sintáticos elaborados pelo autor na NGALP. Para que isso fosse possível, buscamos compreender os acontecimentos e ideias políticas e socioculturais que englobam a produção da gramática. Além disso, descrevemos e interpretamos os conhecimentos sintáticos sistematizados nela, identificamos movimentos de continuidade e de ruptura com a tradição gramatical estabelecidos pelo autor e contrastamos a metalinguagem e as definições presentes na obra com outros modelos teóricos dos estudos da linguagem. O trabalho está situado na área da Historiografia da Linguística, que se propõe a interpretar, por meio de narrativas descritivas e explicativas, como o conhecimento sobre a linguagem foi produzido em determinado contexto social e cultural através do tempo (SWIGGERS, 2009). As principais categorias teóricas e analíticas que norteiam o trabalho são a do tratamento da metalinguagem (KOERNER, 2014a, 2014c), a da influência (KOERNER, 2014b; BATISTA, 2020a; ALTMAN, 2018), a da retórica (BATISTA, 2018, 2019, 2020a, 2020b; MURRAY, 1998; SWIGGERS, 2014, 2019) e, em especial, a das camadas do conhecimento linguístico (SWIGGERS, 2004, 2019, 2020a, 2020b). Após a familiarização com a obra e sua leitura prévia, destacamos os principais pontos a serem abordados na análise sintática realizada por Grivet e, com o auxílio das camadas do conhecimento linguístico, estruturamos a análise em quatro partes, cada uma correspondente a uma determinada camada: contextual, teórica, técnica e documental. Na contextual, mostramos que o autor não se propõe a romper com a tradição dos estudos linguísticos, mas a mostrar novas possibilidades de análise. Na teórica, discorremos sobre a concepção linguística do autor, especialmente em relação à sintaxe. Nesta parte, dissertamos de forma substancial sobre i) a teoria das funções; ii) a centralidade do fato (verbo); iii) a compreensão da sintaxe como funções exercidas por palavras; e iv) a crítica à teoria do verbo substantivo. Na terceira camada do conhecimento, a técnica, abordamos técnicas de análise e métodos de apresentação dos dados do material investigado, expondo a rede taxonômica operada por Grivet. Por último, na quarta camada, a documental, exploramos a constituição da documentação usada para a descrição linguística da gramática. Além da análise da obra, também realizamos um levantamento, na Hemeroteca Brasileira e na *Swiss National Library*, de outras fontes que nos fornecessem mais informações sobre Grivet e sua obra.

Palavras-chave: Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza. Charles Grivet. Gramática. Historiografia da Linguística. Século XIX.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the syntactic approach performed by *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (NGALP) (1881) by Charles Adrien Olivier Grivet (1816-1876). The general objective of this research is to investigate the main syntactic knowledge elaborated by the referred author in NGALP. To make this possible, we sought to understand the political and sociocultural events and ideas that encompassed the production of the grammar. In addition, we describe and interpret the syntactic knowledge systematized in it, we identified movements of continuity and rupture with the grammatical tradition established by the author and contrasted the metalanguage and definitions present in the work with other theoretical models of language studies. The work is situated in the area of Historiography of Linguistics, which proposes to interpret, through descriptive and explanatory narratives, how knowledge about language was produced in a certain social and cultural context through time (SWIGGERS, 2009). The main theoretical and analytical categories that guided the work were the treatment of metalanguage (KOERNER, 2014a, 2014c), the influence (KOERNER, 2014b; BATISTA, 2020a; ALTMAN, 2018), the rhetoric (BATISTA, 2018, 2019, 2020a, 2020b; MURRAY, 1998; SWIGGERS, 2014, 2019) and in particular the layers of linguistic knowledge (SWIGGERS, 2004, 2019, 2020a, 2020b). After familiarization with the work and its previous reading, we highlight the main points to be addressed in the syntactic analysis performed by Grivet and, with the help of the layers of linguistic knowledge, we structured the analysis in four parts, each corresponding to a given layer: contextual, theoretical, technical and documentary. In the contextual layer, we show that the author does not propose to break with the tradition of linguistic studies, but to show new possibilities for analysis. In theoretical layer, we discuss the author's linguistic conception, especially regarding syntax. In this part, we have substantially discussed i) the theory of functions; ii) the centrality of fact (verb); iii) the understanding of syntax as functions exercised by words; and iv) the critique of noun verb theory. In the third layer of knowledge, the technical, we approach techniques of analysis and methods of data presentation of the material investigated, exposing the taxonomic network operated by Grivet. Finally, in the fourth layer, the documentary, we explore the constitution of the documentation used for the linguistic description of the grammar. In addition to the analysis of the work, we also conducted a survey, in the *Brazilian Hemeroteca* and in the *Swiss National Library*, of other sources that would provide us with more information about Grivet and his work.

Keywords: Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza. Charles Grivet. Gramática. Historiography of Linguistics. 19th century.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento de trabalhos sobre Grivet e sua obra 19
Quadro 2 – Quadro para mapeamento da organização geral da obra e da parte “Syntaxe” 64
Quadro 3 – Quadro para mapeamento das definições gerais de sintaxe em Grivet (1881) 65
Quadro 4 – Quadro para mapeamento da teoria das funções em Grivet (1881) 65
Quadro 5 – Quadro do mapeamento da crítica de Grivet (1881) à teoria do verbo substantivo 66
Quadro 6 – Quadro do mapeamento de exceções ou notas em Grivet (1881) 66
Quadro 7 – Quadro do mapeamento de outras observações sintáticas em Grivet (1881) 66
Quadro 8 – Quadro do mapeamento de trechos inusitados ou relevantes 67
Quadro 9 – Quadro do mapeamento de referências racionalistas 67
Quadro 10 – Quadro do mapeamento de referências à língua francesa 67
Quadro 11 – Quadro do mapeamento de referências a outras línguas 68
Quadro 12 – Quadro do mapeamento de referências aos clássicos 68
Quadro 13 – Quadro do mapeamento de referências a outras/os gramáticas/gramáticos 68
Quadro 14 – Quadro preenchido do mapeamento de referências à língua francesa 69
Quadro 15 – Divisão e definição das espécies de palavras de acordo com Grivet (1881) 81
Quadro 16 – Título das gramáticas de língua portuguesa publicadas nos anos de 1870 87
Quadro 17 – Definição dos elementos da teoria das funções de Grivet (1881) 94
Quadro 18 – Tempos do modo indicativo 97
Quadro 19 – Tempos do modo condicional 98
Quadro 20 – Tempos do modo subjuntivo 101
Quadro 21 – Divisões da parte "Syntaxe" em Grivet (1881) 127

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Registro da chegada de Charles Grivet ao Brasil 24
Figura 2 – Registro da chegada da família de Grivet ao Brasil 24
Figura 3 – Notícia da tentativa de Grivet de abrir uma escola no Pará 25
Figura 4 – Concessão das licenças de Grivet e da sua esposa 26
Figura 5 – Divulgação do colégio de meninas da Madame Grivet 27
Figura 6 – Notícia do fechamento temporário do Colégio da Madame Grivet 28
Figura 7 – Notícia da reabertura do Colégio da Madame Grivet 28
Figura 8 – Oferta de aulas particulares de Grivet 29
Figura 9 – Catálogo de uma livraria que ofertava a primeira gramática de Grivet 30
Figura 10 – Anúncio de venda da primeira gramática de Grivet 30
Figura 11 – Registro da morte de Carolina, filha de Grivet 31
Figura 12 – Registro da morte de Charles Grivet em jornal brasileiro 32
Figura 13 – Notícia da morte de Grivet em jornal suíço 32
Figura 14 – Anúncio de venda da *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* 33
Figura 15 – Notícia da morte da Madame Grivet 35
Figura 16 – Texto “Conheça a gramática”, de Napoleão Mendes de Almeida 36
Figura 17 – Texto “Erros de linguagem no uso cotidiano”, de Cécil Meira 37
Figura 18 – Organograma da Historiografia da Linguística 45
Figura 19 – Modelo de camadas do conhecimento 55
Figura 20 – Capa da *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, de C. A. O. Grivet (1881) 62
Figura 21 – Divisão quinquepartida de Grivet citada no século XIX 80
Figura 22 – Primeira crítica a Grivet em um periódico 89
Figura 23 – Grivet citado em periódico, ao lado de Julio Ribeiro, como argumento de autoridade 92
Figura 24 – Citação a Grivet em jornal do século XIX sobre discussão acerca do pronome “lhe” como complemento direto 107
Figura 25 – Referência a Grivet em jornal de 1964 117
Figura 26 – Crítica de Grivet ao verbo substantivo em publicação do século XX 122
Figura 27 – Exemplo de análise sintática de Grivet 130
Figura 28 – Rede taxonômica de Grivet (1881) 130

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Documentação utilizada na abordagem sintática de Grivet..... 131
Tabela 2 – Documentação não literária utilizada na abordagem sintática de Grivet ... 138

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Autores mais citados por Grivet (1881) 135
Gráfico 2 – Nacionalidade dos autores citados por C. A. O. Grivet (1881)..... 136
Gráfico 3 – Século dos autores citados por C. A. O. Grivet (1881)..... 137

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GPR	Gramática de Port-Royal
GT	Gramática Tradicional
HGEL	Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas
HL	Historiografia da Linguística
LP	Língua portuguesa
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
NGALP	*Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14
1.1 Tema e objeto 14
1.2 Outras histórias, outras historiografias 19
1.3 Charles Grivet: vida e obra 23
1.3.1 A *Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (1865), primeira gramática de C. A. O. Grivet 29
1.3.2 A *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (1881), de C. A. O. Grivet 31
1.4 Perguntas 38
1.5 Objetivos 39
1.6 Justificativa 39
1.7 Organização da dissertação 40
2 HISTORIOGRAFIA DA LINGUÍSTICA E SUAS CATEGORIAS TEÓRICAS E ANALÍTICAS 42
2.1 Historiografia da Linguística: a disciplina e o papel do historiógrafo 42
2.2 Tratamento da metalinguagem: adaptando o passado 46
2.3 Influência: motivações e inspirações para produção 48
2.4 Retórica: posicionamento e persuasão 52
2.5 Camadas do conhecimento linguístico: explicação da dinâmica linguística 55
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA 58
3.1 As fases da pesquisa historiográfica: heurística, hermenêutica e executiva 59
3.2 Fonte da pesquisa: a *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* 61
3.3 Método de análise da fonte da pesquisa 64
3.4 Levantamento da fonte secundária 70
4 O BRASIL DO SÉCULO XIX: EDUCAÇÃO E GRAMÁTICA 72
4.1 Educação e ensino de língua portuguesa 72
4.2 Periodização linguística: linhagem latinizada, racionalista e empirista 75
5 A *NOVA GRAMMATICA ANALYTICA DA LINGUA PORTUGUEZA* E SUA ABORDAGEM SINTÁTICA 79
5.1 *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*: visão geral 79
5.2 Camada contextual: retórica e influência 83
5.3 Camada teórica: Grivet e sua visão de linguagem 93

5.3.1 A teoria das funções 94
5.3.1.1 Facto 95
5.3.1.1.1 Modo indicativo 97
5.3.1.1.2 Modo condicional 98
5.3.1.1.3 Modo imperativo 99
5.3.1.1.4 Modo subjuntivo 100
5.3.1.2 Sujeito 102
5.3.1.3 Complemento direto 104
5.3.1.4 Complemento indireto 108
5.3.1.5 Predicado 110
5.3.1.6 Aposição 113
5.3.1.7 Ligação 114
5.3.2 A teoria do verbo substantivo 117
5.3.3 As figuras de linguagem 123
5.3.3.1 Elipse 123
5.3.3.2 Pleonasmo 124
5.3.3.3 Silepse 125
5.3.3.4 Inversão 126
5.3.3.5 Exclamação 127
5.4 Camada técnica: técnicas e métodos de análise de Grivet 127
5.5 Camada documental: o exemplar linguístico da gramática 131
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 140
REFERÊNCIAS 144
APÊNDICES 149
APÊNDICE A – LEVANTAMENTO DAS FONTES SECUNDÁRIAS – VIDA PESSOAL DE GRIVET 149
APÊNDICE B – LEVANTAMENTO DAS FONTES SECUNDÁRIAS – VIDA PROFISSIONAL DE GRIVET 171
APÊNDICE C – LEVANTAMENTO DAS FONTES SECUNDÁRIAS – GRAMÁTICAS DE GRIVET 279
APÊNDICE D – LEVANTAMENTO DAS FONTES SECUNDÁRIAS – TEMAS GRAMATICAIS DE GRIVET 654

1 INTRODUÇÃO

1.1 Tema e objeto

Esta pesquisa tem como tema a abordagem da sintaxe na obra *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*[1] (1881), de Charles Adrien Olivier Grivet (1816-1876). Entendemos o conhecimento sintático como uma dimensão do conhecimento linguístico, ou seja, a parte dos estudos linguísticos que, em resumo, investiga a relação entre os constituintes da oração.

A ideia para realização deste trabalho surgiu a partir de um contato despretensioso com gramáticas brasileiras antigas disponibilizadas na internet. Observando algumas dessas obras por mera curiosidade, a gramática citada chamou nossa atenção. Isso aconteceu devido à proximidade dessa obra com a língua francesa, que nos é estimada. Essa percepção foi decorrente do fato de que, em várias partes da gramática, o francês é usado como exemplo, seja para mostrar algum fenômeno que ocorre em língua francesa e não ocorre em língua portuguesa (LP), seja para mostrar a ocorrência do mesmo fenômeno em ambas as línguas. Por exemplo, podemos ver uma amostra do francês na gramática quando Grivet trata de "haver", verbo "unipessoal", empregado com o sujeito oculto, pois o autor estabelece uma ligação com o francês:

> Que haverá, logo, de extraordinario que esta constante assistencia dos referidos pronomes [J'aime, tu aimes, il aime, ils aiment, j'aimais, tu aimais etc.] junto aos verbos pessoaes, de muito os mais numerosos e os mais frequentes, viesse a constituir, no francez, uma especie de predicamento indispensavel a toda a mesma ordem de palavras, alastrando-se, embora sem necessidade, mas por uma analogia do que as linguas offerecem outros exemplos, até aos verbos impessoaes? Que, outrossim, os mesmos verbos, sob a pressão da logica, dispensassem o excrescente IL em uma epoca ainda não mui remota, para logo depois o tomarem sob o impulso de uma conveniencia que hoje nos escapa, é o que attestão as seguintes notas, do proprio punho do famoso cardeal de Richelieu, fundador da Academia Franceza, a quem o desgraçado Carlos I de Inglaterra pedira soccorros.
> « *Faut réfléchir long-temps et attendre: - : — les communes sont fortes ; le roi Charles compte sur les Ecossais ; ils le vendront*. »
> « *Faut prendre garde.* IL Y A *là un homme de guerre qui est venu voir Vincennes, et a dit qu'on ne devait jamais frapper les princes qu'à la téte*. »
> La Fontaine tambem disse, na fabula das Adevinhas (*Les Devineresses*):
> Point de raisons, *fallut* deviner et prédire.

[1] Como o título da gramática será recorrente ao longo do texto, por vezes, vamos nos referir a ela como NGALP.

> Portanto, como termo syntaxico, o tal IL não é nada. Não é nada porque, ainda que pronome por natureza, ahi não substitue a nenhum substantivo, e conseguintemento não representa idéa alguma; faz apenas o officio de indicador: « *Ahi vai verbo »;* é palavra expletiva e mais nada. (GRIVET, 1881, p. 234-235)[2]

O pronome "il", na língua francesa, significa "ele" ou é utilizado antes de verbos impessoais, como em "il pleut" (em português, "chove"). No trecho mencionado, Grivet explica que, no francês, é necessário utilizar esse pronome antes do verbo, ainda que ele não seja substituído por nenhum verbo e sirva para anunciar que um verbo aparecerá em seguida. Como sabemos, esse fenômeno não ocorre em português. Assim, esse tipo de relação com o francês nos marcou durante a primeira leitura que fizemos da obra, já que, a princípio, comentários como esse da citação acima não teriam nenhuma motivação explícita. Depois, quando fizemos uma busca rápida sobre o autor, descobrimos que ele era suíço, e sua língua materna era o francês. A nossa observação, então, fazia sentido, pois nossa primeira língua tende a ser um parâmetro para o estudo de outras. Então, entendemos as possíveis razões das menções ao francês em sua obra.

Motivados pela curiosidade em relação ao pensamento sintático de Grivet e pelo desejo de contribuir para a reflexão sobre a história das ideias linguísticas a respeito da sintaxe, nosso propósito, com esta pesquisa, é analisar os principais conhecimentos sintáticos na NGALP (1881). Para a realização do trabalho, utilizaremos, como base, pressupostos teórico-metodológicos da Historiografia da Linguística, disciplina que estuda o conjunto de produtos que modelaram tradições do pensamento linguístico (SWIGGERS, 2009).

Antes de nos aprofundarmos na gramática de Grivet (1881), é importante discorrermos brevemente sobre o "horizonte de retrospecção" (AUROUX, 2014) dos saberes sintáticos no Brasil. O horizonte de retrospecção é o conjunto de saberes que antecederam a discussão sobre um tema, indicando que o conhecimento não se dá de forma instantânea. Desse modo, em seguida, discorremos brevemente sobre os conhecimentos gramaticais produzidos até o momento da publicação da *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*.

A gramaticografia da língua portuguesa está inserida numa tradição cuja origem reside na cultura greco-latina (VIEIRA, 2018). A *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536), do lusitano Fernão de Oliveira (1507-1581), é reconhecida como a primeira gramática do

[2] Os grifos em itálico são do autor. É recorrente o uso desse recurso na gramática de Grivet. Como, neste trabalho, citaremos muitas passagens grifadas da gramática, evitaremos o uso da expressão "grifos do autor" para evitar a repetição. Quando o grifo for nosso, usaremos apenas o negrito e informaremos que foram feitos por nós.

português. A maior parte dessa gramática é dedicada à análise fonética da língua portuguesa, com alguns capítulos dedicados ao léxico, mas quase nenhuma material sobre sintaxe. Segundo Borges Neto (2020), essa e outras gramáticas do período renascentista – como a *Gramatica da lingua portuguesa* (1540), de João de Barros (1496-1570), em geral, se afastavam do pensamento especulativo e retomavam o espírito descritivo-normativo das gramáticas clássicas, particularmente a de Donato e a de Prisciano.

Os séculos XVI, XVII e XVIII são muito parecidos [3] em relação aos estudos gramaticais (BORGES NETO, 2020), não havendo mudanças significativas. Nos séculos XVI e XVII, surgiram as obras dos missionários católicos, que escreveram gramáticas e dicionários de línguas não-europeias a partir do modelo das *artes grammaticae* latinas, procurando encontrar equivalências entre a língua descrita na gramática e a língua já conhecida por eles, como o português, o espanhol e o latim.

No século XVII, a Europa ainda teve contato com a *Grammaire générale et raisonnée contenant les fondemens de l'art de parler, expliqués d'une manière claire et naturelle* (1660)[4], também conhecida como *Gramática de Port-Royal* (doravante GPR). Essa obra foi escrita por Antoine Arnauld (1612-1694) e por Claude Lancelot (1615-1695). O pensamento central da obra é o de que a gramática é resultado de processos mentais universais. Então, a linguagem seria geral e racional. O pensamento, que está ligado à linguagem, na perspectiva da GPR, é constituído pela concepção (isolamento de algo no mundo), pelo juízo (afirmação de que algo é ou não é) e pelo raciocínio (uso de dois juízos para chegar a outro). Dessa forma, toda oração expressaria uma proposição, por exemplo, a frase "eu amo" seria concebida como "eu sou amante", seguindo o uso da fórmula "sujeito + verbo 'ser' + atributo".

O pensamento da GPR foi difundido pelo mundo, chegando também às gramáticas portuguesas, como é o caso, já no século XVIII, da *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina* (1721), de Jeronymo Contador de Argote (1676-1749). António José dos Reis Lobato (1721? – 1804?), autor da *Arte da grammatica da lingua portuguesa* (1770), é um outro gramático influenciado pela GPR, chegando a citá-la em seu texto, apesar de não usar seus conceitos adequadamente (BORGES NETO, 2020).

---

[3] Isso não significa que a produção desses séculos não seja importante. No entanto, para a discussão realizada neste trabalho, a observação de Borges Neto (2018) é suficiente. Para mais informações sobre os estudos gramaticais nesse período, conferir Borges Neto (2018) e Vieira (2018).

[4] Em português: *Gramática geral e razoada contendo os fundamentos da arte de falar, explicados de modo claro e natural*.

Em território brasileiro, foi apenas no século XIX que começou a produção de gramáticas de língua portuguesa. De acordo com Polachini (2018), num levantamento de pretensão exaustiva de gramáticas brasileiras do século XIX, 204 obras foram publicadas no Brasil durante esse período, sendo 127 edições específicas e 77 reedições.

Todos esses instrumentos linguísticos citados são exemplares da Gramática Tradicional (GT), uma "maxiteoria" (cf. LAUDAN, 2011) que engloba outras teorias menores. Para Laudan (2011), a história das disciplinas intelectuais é marcada pela presença de tradições de pesquisa. Com a Gramática Tradicional – que, segundo Vieira (2020b), com base nas definições de Laudan (2011), pode ser considerada como uma maxiteoria – não é diferente. A tradição de pesquisa GT está permeada de teorias menores que a constituem. Essas teorias estão presentes, por exemplo, nas diversas obras gramaticais publicadas ao longo dos séculos.

Conforme Vieira (2020b), a GT, como maxiteoria, é atravessada por cinco diretrizes epistemológicas. Assim, as teorias que historicamente as constituem: i) buscam construir e ensinar um padrão linguístico idealizado; ii) promovem uma visão de língua invariável e homogênea; iii) privilegiam a escrita literária do passado; iv) tomam a oração como unidade máxima de análise; e v) utilizam a terminologia da gramática greco-latina.

A primeira diretriz indicada por Vieira (2020b) é a da construção e do ensino de um padrão linguístico idealizado. Isso está ligado ao caráter pedagógico da gramática, já que as primeiras gramáticas gregas serviam como instrumento de reconstrução e de preservação do grego clássico e como manual pedagógico para comparação de textos literários. Por esse motivo, a padronização linguística foi necessária, bem como seu ensino.

A segunda diretriz é a da promoção de língua invariável e homogênea. O olhar para o passado, desde as primeiras gramáticas, é uma forte característica da construção da GT. Tanto a língua grega quanto a latina foram padronizadas a partir de registros de regiões e de épocas distintas das que viviam seus agentes padronizadores (VIEIRA, 2020b). As gramáticas serviam como instrumentos de combate ao uso "inadequado" da língua. Para isso, promoviam uma língua uniformizada e idealizada, o que é justificado devido ao fato de a gramática trabalhar numa perspectiva lógico-semântica, ou seja, com a possibilidade de uma oração ser verdadeira ou falsa, não interessando se ela, de fato, é verdadeira ou não.

A terceira diretriz é a do uso da escrita literária do passado. Ao reconstruir o padrão da língua grega e latina, como já dito, os agentes buscavam registros escritos de tempos

anteriores. Essa literatura pregressa perdurou como exemplar linguístico de gramáticas muito utilizadas no ensino de língua portuguesa no Brasil publicadas até pouco tempo atrás.

A quarta diretriz é a da oração como unidade máxima de análise. Segundo Vieira (2020b), desde as primeiras gramáticas greco-latinas, a análise da GT é centrada na oração, que manifesta um sentido completo, sendo a perfeita expressão de um juízo. Categorias gramaticais – como a noção de complemento, transitividade e concordância – foram elaboradas e discutidas por gramáticos ao longo da história para a análise da oração, não para unidades maiores, como o texto. A gramática tradicional, desde o seu princípio, com os escritos greco-latinos, não se propôs a analisar objetos maiores, que explicassem aspectos textuais-discursivos. No entanto, isso não significa que ela não sirva para as análises para as quais ela majoritariamente se volta: morfológica e sintática. As categorias analíticas elaboradas para a GT ao longo do tempo foram elaboradas para o tratamento da oração. Utilizá-las para a análise de dimensões linguísticas maiores seria fugir da teoria da GT.

A quinta diretriz é a da terminologia da gramática greco-latina. Os termos gramaticais estão ancorados àqueles utilizados nas gramáticas greco-latinas. Eles foram transliterados da língua grega, provenientes da tradução latina ou formados posteriormente a partir dos radicais gregos. Essa terminologia atravessa a história e chega até os dias de hoje (VIEIRA, 2020b).

A NGALP (1881) abarca teorias que são englobadas pela GT. É inegável que na obra há uma continuidade das diretrizes citadas acima, mas, apesar disso, Charles Grivet traz algumas ideias sintáticas no Brasil que diferem das dos seus autores contemporâneos. Isso acontece porque, apesar de serem guiadas pelas cinco diretrizes epistemológicas citadas, as gramáticas do português não são todas iguais.

Diante disso, descrevemos alguns saberes sintáticos presentes na *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portuguesa* (1881) para que possamos organizar as concepções de Grivet sobre essa dimensão do conhecimento linguístico. Além disso, realizamos um levantamento em jornais e revistas brasileiras publicadas entre a metade do século XIX e o início do século XXI, a fim de que tivéssemos conhecimento de aspectos contextuais da vida de Grivet, da produção de suas publicações e do momento social, político e cultural no qual o autor estava inserido, que pode ter influenciado a produção de sua obra e as ideias nela contidas. Com o mapeamento desse material, também podemos observar a repercussão da gramática na sociedade da época e vindoura.

A realização deste trabalho está vinculada ao projeto “Historiografia da Sintaxe no Brasil (HSB): teoria, norma e ensino”, do grupo de pesquisa Historiografia, Gramática e

Ensino de Línguas (HGEL), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coliderado pelo Prof. Dr. Francisco Eduardo Vieira, orientador desta pesquisa. Outros trabalhos cujo foco é a historiografia da gramática brasileira já foram e estão sendo desenvolvidos nesse grupo, e essa dissertação pretende contribuir com essa grande narrativa historiográfica.

Em seguida, apresentamos trabalhos realizados por pesquisadores brasileiros e estrangeiros sobre a NGALP (1881).

1.2 Outras histórias, outras historiografias

Com o intuito de investigar os trabalhos que já trataram da *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (1881) e/ou do seu autor, Charles Adrien Olivier Grivet, realizamos uma busca na *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações*, no *Google Acadêmico* e no repositório digital de três instituições brasileiras com grupos de pesquisa consolidados em Historiografia da Linguística, a saber: Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e Universidade Estadual Paulista (UNESP). Para a busca, foram utilizados os seguintes descritores: "*Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*", "*Nova Grammatica Analytica*", "Charles Adrien Olivier Grivet", "Adrien Grivet", "Charles Grivet" e "Grivet", com o filtro "Linguística" para área e/ou nome do Programa de Pós-Graduação de Linguística de cada instituição, no caso dos repositórios.

Encontramos alguns trabalhos que apenas mencionavam a *Nova Grammatica Analytica* e/ou Grivet, com o propósito de contextualizar as produções gramaticais do século XIX. Esses trabalhos não foram considerados para esse levantamento, de modo que apresentaremos apenas aqueles que analisam, ainda que em partes, a gramática que é nossa principal fonte de estudo. Expomos, abaixo, as seis pesquisas encontradas. No Quadro 1, mostramos as referências completas desses trabalhos, ordenados dos mais descritivos (aqueles que enfatizam o modo como a gramática está organizada) para os mais interpretativos (aqueles que, além de apresentarem como a gramática está organizada, elaboram explicações para as ideias contidas na obra).

Quadro 1 – Levantamento de trabalhos sobre Grivet e sua obra

ASSEN, Wagner. O percurso histórico da gramática no Brasil, observações sobre o advérbio. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro, v. 24, n. 72, p. 1507-1520, 2018.

JESUITA, Cristiano Silva. *As Gramáticas Gerais e Filosóficas Tardias do Século XIX*. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.
FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia Antônia Guedes. Nova Grammatica Analytica da Língua Portuguesa (by Charles Adrien Olivier Grivet). *Revista da Anpoll*. Florianópolis, v. 1, n. 20, p. 85-101, 2006a.
FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia Antônia Guedes. Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza – Charles Adrien Olivier Grivet. *In*: FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia Antônia Guedes. *As concepções linguísticas no século XIX*: a gramática no Brasil. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006b. p. 111-120.
ROCHA, Fernando Martins. *A norma de uso nas construções com a partícula SE e o verbo haver na gramaticografia de língua portuguesa*. 2018. 220 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.
PARREIRA, Andressa Dorásio. *Contribución de la historia de la gramática brasileña del siglo XIX*. 2011. 417 f. Tese (Doutorado em Análise do Discurso e suas aplicações) – Facultad de Filología, Universidad de Salamanca, Salamanca, 2011.

Fonte: elaborado pela autora (2022)

O objetivo do artigo de Assen (2018) é analisar as características gramaticais do século XIX. Para isso, o autor tece uma comparação sobre a noção de advérbio e sobre noções gerais de gramática na NGALP (1881) e em outras obras – na *Grammatica Portugueza* (1866), de Francisco Sotero dos Reis (1800-1871); no *Breve Compendio de Grammatica Portugueza* (1817), de Frei Caneca (1779-1825); e na *Grammatica Analytica* (1887) e na *Grammatica Descriptiva* (1894), ambas de Maximino Maciel (1865-1923). Em relação à *Nova Grammatica Analytica*, o autor só apresenta a descrição de algumas partes da obra, como sua divisão e as principais noções de sintaxe, como a teoria das funções, e, num quadro comparativo com outros autores, tece algumas considerações sobre Grivet, como na observação feita em "princípios teóricos de base":

> 1. Purista conservador se insere no período de transição do período filosófico e científico.
> 2. Distancia-se das postulações da gramática filosófica demarcando seu âmbito teórico na corrente científica.
> 3. Seus estudos primam pelas marcas de incorreções do uso da língua, tendo como principal destino professores e acadêmicos. (ASSEN, 2018, p. 1515)

Para esse comentário, o autor se baseia em outros linguistas, como Leonor Lopes Fávero, Márcia Molina e Ricardo Cavaliere. Vemos, assim, que Grivet, até o momento, é

avaliado como um autor de transição entre o "período filosófico" e o "período científico", considerando a proposta de periodização linguística de Cavaliere (2001).

A dissertação de Jesuita (2014) busca mostrar que a gramaticografia brasileira não depende de bruscas rupturas. Para o autor, as gramáticas brasileiras sustentam um desenvolvimento contínuo e com sobreposição de diferentes correntes teóricas. Para isso, Jesuita (2014) tem como objeto de estudo a NGALP (1881), de Grivet, e a *Grammatica Portugueza Philosophica* (1881), de Ernesto Carneiro Ribeiro (1839-1920). O foco do trabalho é a descrição das obras, apresentando como conclusão que Grivet se afasta das orientações da gramática geral e filosófica, se valendo, muitas vezes, das inovações da corrente científica[5], tais como as críticas ao verbo substantivo e as teorias da elipse, afastando-se, segundo o autor, das orientações da gramática geral e filosófica.

Fávero e Molina (2006a, 2006b) têm como objetivo analisar a *Nova Grammatica Analytica*. Ambos os textos são predominantemente descritivos: as autoras apresentam alguns dados biográficos do autor e realizam uma descrição geral da obra. A conclusão das autoras é a de que a obra reflete as transformações da sociedade do século XIX causadas pelo desenvolvimento científico, o que repercutiu em diversas áreas da ciência, incluindo os estudos da linguagem. Isso significa que, para as linguistas, as obras gramaticais desse período, ainda que valorizassem preceitos da gramática geral e filosófica, inseriam elementos das novas correntes de estudos linguísticos. Segundo as autoras, Grivet incorporou, por exemplo, elementos naturais – aqueles tomados das ciências físicas –, como o da substituição. O autor defende que:

> Não é sem estranheza que se nota como o principio da substituição, um dos mais valiosos promotores hodiernos do progresso nas sciencias physicas, adapta-se com o mesmo acerto e proficiência aos estudos philologicos, verificando-se assim novamente a superioridade do METHODO EXPERIMENTAL sobre o DOGMATICO. Apenas empregado, nos casos alludidos, a desfazer duvidas de importancia secundaria, elle se torna dahi em diante um auxiliar indispensável em todas as questões intrincadas, não deixando difficuldade alguma sem solução satisfactoria. (GRIVET, 1881, p. 60)

A tese de Rocha (2018) tem como objetivo descrever e analisar a partícula "se" em 32 gramáticas brasileiras publicadas entre 1540 e 2010. Uma dessas obras é a *Nova Grammatica Analytica*. O autor do trabalho destaca uma inovação de Grivet em relação às vozes verbais. O

[5] O termo "corrente científica" (CAVALIERE, 2001) faz parte de propostas de periodização dos estudos linguísticos (cf. 1.4).

gramático, ao comparar as três vozes verbais (ativa, passiva e pronominal), observa que o significado da voz ativa é incompatível com a das outras duas vozes. Rocha (2018) informa que,

> [s]egundo Grivet (1881), no exemplo 'Daquella porta para dentro ouvem a palavra de Deos', apenas esta voz ativa consegue transmitir a ideia de pluralidade de ouvintes da palavra de Deus, sendo que as outras duas vozes (passiva e pronominal) apenas remetem a ideia da singularidade de um ouvinte da palavra. (ROCHA, 2018, p. 92-93)

Com esse exemplo, Grivet defende que, se o período estivesse na voz passiva – "Daquela porta para dentro, a voz de Deus é ouvida" – ou na voz pronominal – "Daquela porta para dentro, ouve-se a voz de Deus" –, não saberíamos se era apenas um ou mais ouvintes da voz de Deus, como sabemos pela voz ativa. Assim, as noções dessas três vozes não seriam equivalentes, pois as vozes passiva e pronominal poderiam alterar o sentido da voz ativa.

Em relação ao verbo, o autor ressalta a análise de Grivet sobre a "substantividade verbal", afirmando que a ideia de que todo verbo tem sujeito é falsa. Além disso, outras observações são feitas ao longo do trabalho, como o fato de o gramático afastar-se da definição tradicional de "sujeito", que se torna dependente do verbo – definição abandonada pelas gramáticas publicadas após a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), mas adotadas posteriormente por algumas correntes gerativistas (cf. ROCHA, 2018).

Por fim, a tese de Parreira (2011), a única internacional presente no Quadro 1, realizada na Universidade de Salamanca, na Espanha, aborda a evolução da gramaticografia brasileira no século XIX para mostrar que as gramáticas publicadas entre 1817 e 1872 não representam uma mudança teórica na tradição de estudos linguísticos. O foco da pesquisa não é a obra de Grivet; o trabalho do autor, no entanto, é analisado em partes por Parreira (2011), que nos apresenta algumas das concepções do gramático, como i) a ideia de o particípio formar uma classe de palavra independente; e ii) a proposta de trocar o termo "etimologia" por "lexicologia".

Com o levantamento desses artigos, capítulos de livros, dissertações e teses, é possível perceber que são poucos os trabalhos acadêmicos que abordam a obra que analisamos, e a maioria não tem como principal objeto de pesquisa – apenas Jesuita (2014) – as ideias linguísticas de Grivet. Por esse motivo, tomamos as concepções desse gramático, sistematizadas na NGALP (1881), como foco desta pesquisa.

1.3 Charles Grivet: vida e obra

Partes da biografia de Grivet e suas publicações estão documentadas em fontes diversas, como as citadas na subseção anterior. Somando essas informações ao levantamento que realizamos na Hemeroteca Brasileira[6] e na *Swiss National Library*[7], dois portais que possibilitam a busca de periódicos, respectivamente, brasileiros e suíços, de várias épocas, expomos a trajetória pessoal e profissional do autor. A sistematização desses dados contribui para inferir possíveis influências no pensamento do autor, proporcionando que, com essas referências, atribuamos sentidos à leitura da NGALP.

Nas primeiras páginas da obra, podemos ler um texto intitulado "Algumas palavras sobre o professor Grivet", de autoria desconhecida. Nele, vemos que Charles Adrien Olivier Grivet nasceu em 1816, em Villars-le-Terroir, Cantão de Vaud, na Suíça. O autor (desconhecido) do texto inicial da gramática de Grivet afirma que o gramático, durante a juventude, foi criado nos costumes da religião católica romana. Além disso, em casa, era "[...] um filho irreprehensivel" (ALGUMAS..., 1881, p. V) e, nas aulas, "[...] um estudante de não vulgar merecimento" (ALGUMAS..., 1881, p. V).

Apesar do nascimento em Villars-le-Terroir, Grivet era originário de Attalons, cidade suíça, e cidadão do Cantão de Friburgo, comuna suíça, ambas localizadas a, respectivamente, 64km e 28km, de Berna, capital do país. Em Friburgo, de 1827 a 1836, o autor estudou francês, latim, grego, história, geografia, retórica, filosofia, matemática, física, química e direito. Com todo esse conhecimento, o gramático escolheu ser professor e logo recebeu propostas de trabalho, sendo uma delas a de um general russo. Em 1837, então, na Rússia, Grivet teve seu primeiro emprego como professor, cumprindo, com respeito e simpatia, o que lhe era exigido (ALGUMAS..., 1881). Depois disso, voltou para a Suíça e, posteriormente, em 1843, ocupou o posto de professor na Escola-Média de Friburgo. Foi nessa época que conheceu sua esposa, Maria Barbosa Franco Grivet (1816-1906) – fundamental para gravar o sobrenome "Grivet" no Brasil e para publicar a gramática que analisamos.

Enquanto ainda estava na Suíça, Grivet foi membro e secretário da *Société d'Histoire du Canton de Fribourg*, inaugurada em 1840 e existente até hoje. Esse grupo se reúne com o

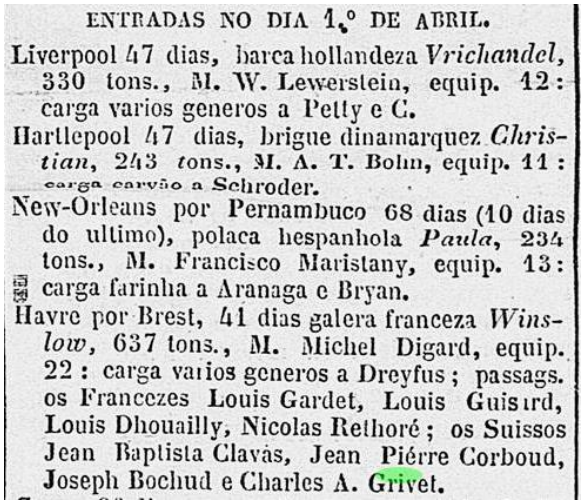
[6] Disponível em: http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/. Acesso em 27 jul. 2021.
[7] Disponível em: https://www.nb.admin.ch/snl/en/home/collections/digital-collections.html. Acesso em 27 jul. 2021.

objetivo de cultivar a história de Friburgo em suas dimensões política, social, econômica, técnica, religiosa, esportiva, cultural e militar.

Até 1848, a Suíça era uma confederação formada por vários cantões – como o de Friburgo. Depois desse ano, no qual a constituição foi consolidada, o país se tornou um estado federal. Um ano antes, em 1847, Friburgo participou da Guerra de Sounderbund, um conflito civil entre liberais protestantes e democratas católicos. Os protestantes venceram essa guerra, fundamentando o novo estado nos direitos humanos franceses, na filosofia alemã do estado de direito e no utilitarismo inglês (PETROV, 2020). É provável que, devido a esses acontecimentos, Grivet, para se manter fiel a seus princípios católicos, tenha decidido deixar o país.

Assim, no dia 1º de abril de 1856, Grivet desembarcou no Brasil com um objetivo: fundar uma escola para meninos. Tanto seu desembarque no Brasil quanto o de sua mulher e de sua filha, que chegaram no ano seguinte, foram registrados publicamente, como podemos ver nas Figuras 1 e 2:

Figura 1 – Registro da chegada de Charles Grivet ao Brasil



ENTRADAS NO DIA 1.º DE ABRIL.

Liverpool 47 dias, barca hollandeza *Vrichandel*, 330 tons., M. W. Lewerstein, equip. 12: carga varios generos a Petty e C.

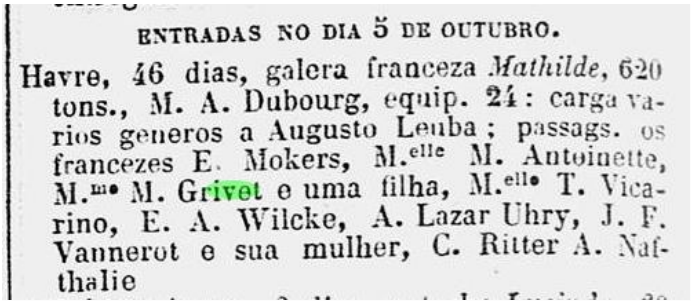
Hartlepool 47 dias, brigue dinamarquez *Christian*, 243 tons., M. A. T. Bohn, equip. 11: carga carvão a Schroder.

New-Orleans por Pernambuco 68 dias (10 dias do ultimo), polaca hespanhola *Paula*, 234 tons., M. Francisco Maristany, equip. 13: carga farinha a Aranaga e Bryan.

Havre por Brest, 41 dias galera franceza *Winslow*, 637 tons., M. Michel Digard, equip. 22: carga varios generos a Dreyfus; passags. os Francezes Louis Gardet, Louis Guisard, Louis Dhouailly, Nicolas Rethoré; os Suissos Jean Baptista Clavás, Jean Piérre Corboud, Joseph Bochud e Charles A. Grivet.

Fonte: Diário do Rio de Janeiro (RJ) – Ano 1856/Edição 00092

Figura 2 – Registro da chegada da família de Grivet ao Brasil



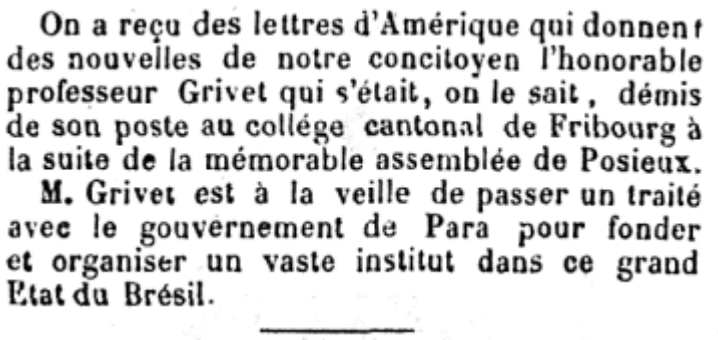
ENTRADAS NO DIA 5 DE OUTUBRO.

Havre, 46 dias, galera franceza *Mathilde*, 620 tons., M. A. Dubourg, equip. 24: carga varios generos a Augusto Leuba; passags. os francezes E. Mokers, M.elle M. Antoinette, M.me M. Grivet e uma filha, M.elle T. Vicarino, E. A. Wilcke, A. Lazar Uhry, J. F. Vannerot e sua mulher, C. Ritter A. Naftalie

Fonte: Diário do Rio de Janeiro (RJ) – Ano 1857/Edição 00272

Em um dos periódicos suíços, encontramos a informação de que Grivet tentou fundar a escola para meninos no Pará, estado localizado no Norte do Brasil. Podemos visualizar essa notícia abaixo, num trecho do jornal suíço *Le Chroniqueur*, na Figura 3:

Figura 3 – Notícia da tentativa de Grivet de abrir uma escola no Pará[8]



On a reçu des lettres d'Amérique qui donnent des nouvelles de notre concitoyen l'honorable professeur Grivet qui s'était, on le sait, démis de son poste au collége cantonal de Fribourg à la suite de la mémorable assemblée de Posieux.

M. Grivet est à la veille de passer un traité avec le gouvernement de Para pour fonder et organiser un vaste institut dans ce grand Etat du Brésil.

Fonte: Le Chroniqueur – Ano 1857, p. 3

Não encontramos nenhum registro desse acontecimento nos jornais brasileiros. Também não encontramos dados que registrem sua estadia no Pará. Por esse motivo, não temos um conhecimento mais detalhado dessa história. Além disso, não sabemos se Grivet foi pessoalmente ao Pará e se morou lá. No Brasil, só encontramos registros da passagem e permanência do autor no Rio de Janeiro, que, na época, era a capital do país.

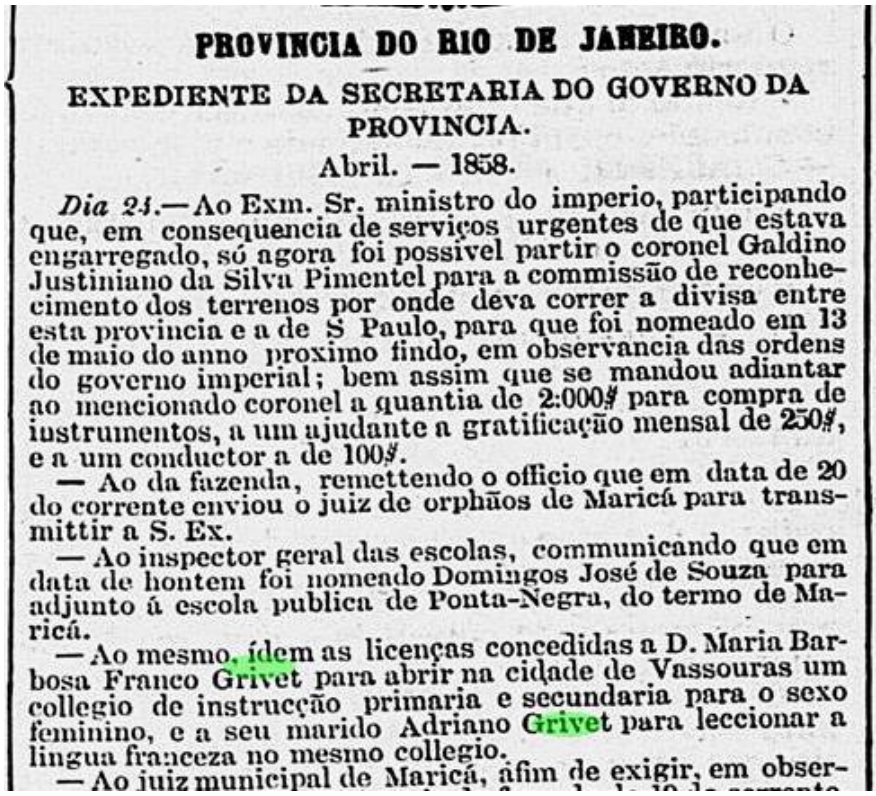
Em terras cariocas, o gramático suíço tratou de aprender a língua portuguesa para conseguir seu diploma de capacidade profissional. Depois disso, ele começou a ofertar aulas particulares de francês e a ensinar a língua em escolas, como na de sua esposa, que, ao contrário do marido, conseguiu abrir um instituto de ensino. Segundo o texto inicial de sua gramática, Grivet, na visão da sociedade, era um bom profissional:

> [...] a sua [de Grivet] reputação achava-se solidamente firmada na opinião da sociedade fluminense, em cujo seio elle era recebido com todas as provas de sincera estima e alto apreço. Ainda hoje, nesta côrte, encontrão-se senhoras, illustres mãis de familia, que recebêrão as suas lições e que fallão a seu respeito com verdadeiro enthusiasmo. (ALGUMAS..., 1881, p. VII)

[8] "Recebemos cartas da América que dão notícias do nosso concidadão, o honrado professor Grivet, que, nós sabemos, se demitiu do seu posto no colégio cantonal de Friburgo como resultado da memorável reunião de Posieux.
M. Grivet está prestes a negociar com o governo do Pará para fundar e organizar um vasto instituto nesse grande estado do Brasil." (tradução nossa).

Grivet veio para o Brasil, como já dito, com o objetivo de fundar uma escola para meninos. Embora ele não tenha conseguido abrir essa instituição, sua esposa, Maria Barbosa Franco Grivet, conseguiu uma autorização para abrir um colégio de instrução primária e secundária para meninas em Vassouras, cidade localizada a 111km da capital fluminense. Já Grivet conseguiu uma licença para lecionar francês nesse colégio, conforme a Figura 4:

Figura 4 – Concessão das licenças de Grivet e da sua esposa



PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO.

EXPEDIENTE DA SECRETARIA DO GOVERNO DA PROVINCIA.

Abril. — 1858.

Dia 24.— Ao Exm. Sr. ministro do imperio, participando que, em consequencia de serviços urgentes de que estava engarregado, só agora foi possivel partir o coronel Galdino Justiniano da Silva Pimentel para a commissão de reconhecimento dos terrenos por onde deva correr a divisa entre esta provincia e a de S Paulo, para que foi nomeado em 13 de maio do anno proximo findo, em observancia das ordens do governo imperial; bem assim que se mandou adiantar ao mencionado coronel a quantia de 2:000$ para compra de instrumentos, a um ajudante a gratificação mensal de 250$, e a um conductor a de 100$.

— Ao da fazenda, remettendo o officio que em data de 20 do corrente enviou o juiz de orphãos de Maricá para transmittir a S. Ex.

— Ao inspector geral das escolas, communicando que em data de hontem foi nomeado Domingos José de Souza para adjunto á escola publica de Ponta-Negra, do termo de Maricá.

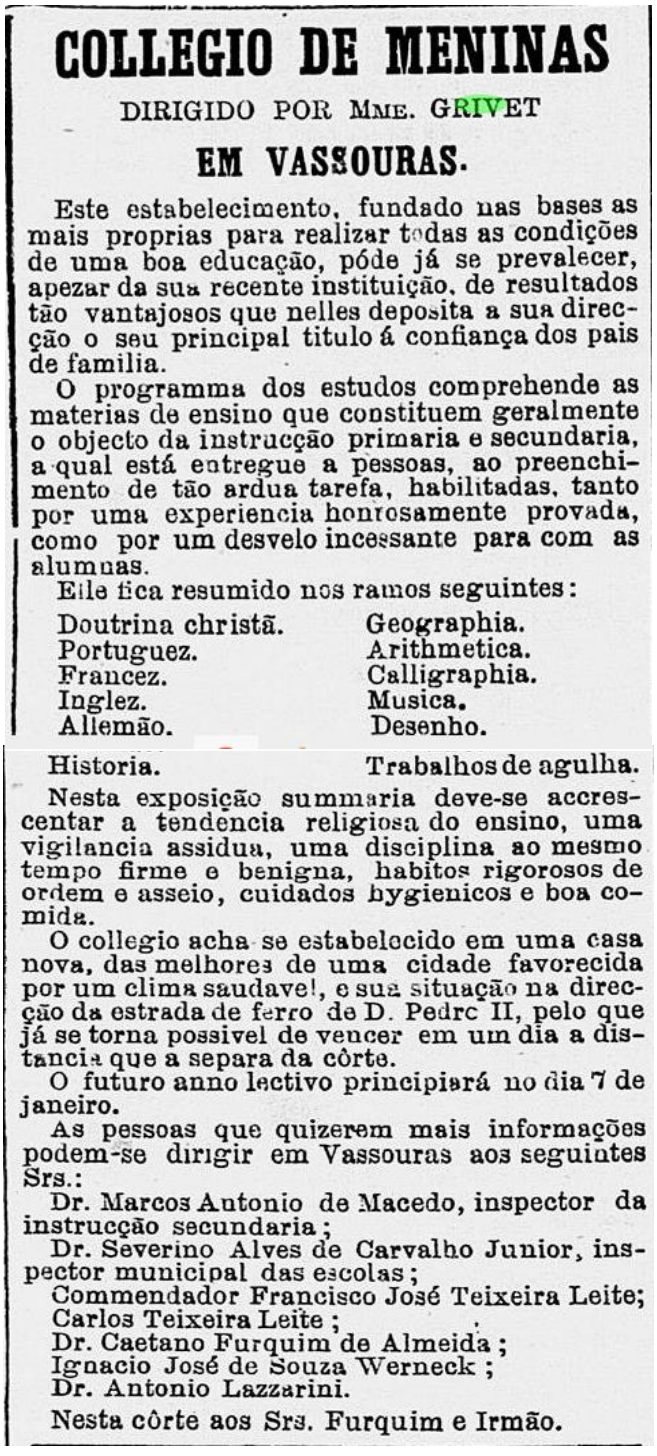
— Ao mesmo, idem as licenças concedidas a D. Maria Barbosa Franco Grivet para abrir na cidade de Vassouras um collegio de instrucção primaria e secundaria para o sexo feminino, e a seu marido Adriano Grivet para leccionar a lingua franceza no mesmo collegio.

— Ao juiz municipal de Maricá, afim de exigir, em obser-

Fonte: Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) – Ano 1858/Edição 00135

O colégio foi inaugurado, e, com base no levantamento dos periódicos, podemos afirmar que a instituição foi amplamente divulgada na época. Na Figura 5, a seguir, ilustramos uma de suas chamadas de divulgação:

Figura 5 – Divulgação do colégio de meninas da Madame Grivet



COLLEGIO DE MENINAS

DIRIGIDO POR Mme. GRIVET

EM VASSOURAS.

Este estabelecimento, fundado nas bases as mais proprias para realizar todas as condições de uma boa educação, póde já se prevalecer, apezar da sua recente instituição, de resultados tão vantajosos que nelles deposita a sua direcção o seu principal titulo á confiança dos pais de familia.

O programma dos estudos comprehende as materias de ensino que constituem geralmente o objecto da instrucção primaria e secundaria, a qual está entregue a pessoas, ao preenchimento de tão ardua tarefa, habilitadas, tanto por uma experiencia honrosamente provada, como por um desvelo incessante para com as alumnas.

Elle fica resumido nos ramos seguintes:

Doutrina christã.	Geographia.
Portuguez.	Arithmetica.
Francez.	Calligraphia.
Inglez.	Musica.
Allemão.	Desenho.
Historia.	Trabalhos de agulha.

Nesta exposição summaria deve-se accrescentar a tendencia religiosa do ensino, uma vigilancia assidua, uma disciplina ao mesmo tempo firme e benigna, habitos rigorosos de ordem e asseio, cuidados hygienicos e boa comida.

O collegio acha se estabelecido em uma casa nova, das melhores de uma cidade favorecida por um clima saudavel, e sua situação na direcção da estrada de ferro de D. Pedro II, pelo que já se torna possivel de vencer em um dia a distancia que a separa da côrte.

O futuro anno lectivo principiará no dia 7 de janeiro.

As pessoas que quizerem mais informações podem-se dirigir em Vassouras aos seguintes Srs.:

Dr. Marcos Antonio de Macedo, inspector da instrucção secundaria;

Dr. Severino Alves de Carvalho Junior, inspector municipal das escolas;

Commendador Francisco José Teixeira Leite;

Carlos Teixeira Leite;

Dr. Caetano Furquim de Almeida;

Ignacio José de Souza Werneck;

Dr. Antonio Lazzarini.

Nesta côrte aos Srs. Furquim e Irmão.

Fonte: Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) – Ano 1858/Edição 00303

O colégio era bem visto pela sociedade, sendo apreciado, especialmente, pela educação cristã e por formar as meninas para serem donas de casa, conforme algumas críticas públicas da época. Além da criação cristã de Grivet, a educação da escola também teve influência da própria Madame Grivet, que, na Suíça, foi educada com as irmãs Ursulinas, congregação cristã, e com as senhoras do Coração de Jesus, outra congregação cristã. Não

apenas o sistema de ensino e o corpo docente eram elogiados, mas também a estrutura física do colégio. No entanto, em 1862, ocorreu um problema decorrente de chuvas, de maneira que a escola ficou sem aulas por um tempo. Na Figura 6, vemos a publicação desse evento:

Figura 6 – Notícia do fechamento temporário do Colégio da Madame Grivet

COLLEGIO DE MENINAS

DIRIGIDO POR

Mme GRIVET.

Tendo as recentes chuvas e o máo estado das estradas forçosamente demorado por alguns dias a transferencia deste estabelecimento de Vassouras para a côrte, informa-se aos pais que pretenderem confiar-lhe as suas filhas, que a abertura dos cursos não poderá ter logar a 7 do presente mez, como foi primitivamente assentado, mas sim um pouco mais tarde e em dia que será annunciado por esta folha.

Fonte: Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1862/Edição 00002

Somente após quatro anos, em 1866, o colégio foi reaberto:

Figura 7 – Notícia da reabertura do Colégio da Madame Grivet

COLLEGIO DE MENINAS.

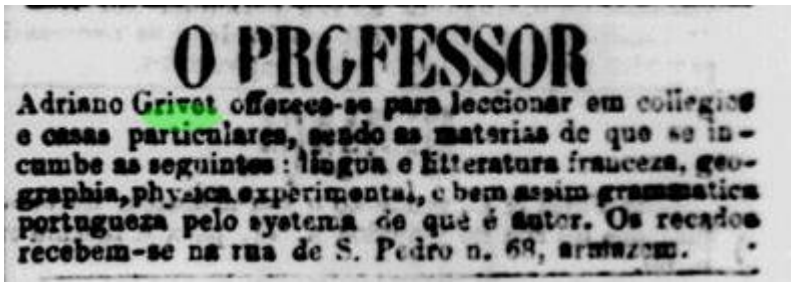
Mme. Grivet participa aos Illm. Srs. pais das suas discipulas, e mais pessoas a quem possa interessar, que reabre o seu estabelecimento de educação, na rua Arcos n. 56, a 2 de abril proximo futuro.

Fonte: Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1866/Edição 00085

Entre o fechamento, por causa dos danos físicos, e a reabertura do colégio, Charles Grivet publicou sua primeira gramática. Antes de apresentá-la, é importante considerarmos, dados os problemas com o colégio, a possibilidade de a publicação da gramática ter sido

motivada pela necessidade do casal de conseguir dinheiro para se manter e para reabrir a escola. O anúncio abaixo corrobora essa ideia:

Figura 8 – Oferta de aulas particulares de Grivet[9]


O PROFESSOR

Adriano Grivet offerece-se para leccionar em collegios e casas particulares, sendo as materias de que se incumbe as seguintes : língua e litteratura franceza, geographia, physica experimental, e bem assim grammatica portugueza pelo systema de que é autor. Os recados recebem-se na rua de S. Pedro n. 68, armazem.

Fonte: Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1866/Edição 00049

Na Figura 8, podemos ver que, em 1866, mesmo com a reabertura do colégio da esposa e com a publicação de sua primeira gramática, o gramático procurava outros trabalhos em escolas particulares ou com aulas privadas em casa. Feita essa observação, passemos, então, para a apresentação da sua primeira gramática.

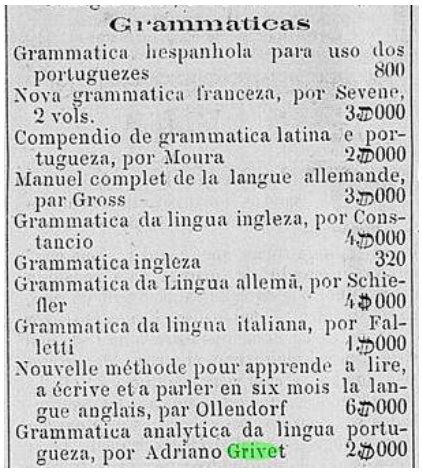
1.3.1 A *Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (1865), primeira gramática de C. A. O. Grivet[10]

A obra publicada por Grivet em 1865 foi a *Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, precursora da *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*. Podemos ver algumas menções a essa primeira gramática em catálogos das livrarias da época, como mostram as Figuras 9 e 10:

[9] "Adriano Grivet offerece-se para leccionar em collegios e casas particulares, sendo as materias de que se incumbe as seguintes : língua e litteratura franceza, geographia, physica experimental, e bem assim grammatica portugueza pelo systema de que é autor. Os recados recebem-se na rua de S. Pedro n. 68, armazém".

[10] Em e-mail trocado por nós com Ricardo Cavaliere, o linguista informou que já teve contato com a edição de 1865, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, mas, na ocasião, não era permitido tirar fotografias ou fazer cópias do material. Dessa forma, todas as informações sobre a primeira gramática do autor foram coletadas a partir de outros trabalhos de pesquisa, da NGALP e, principalmente, do levantamento realizado nos periódicos.

Figura 9 – Catálogo de uma livraria que ofertava a primeira gramática de Grivet

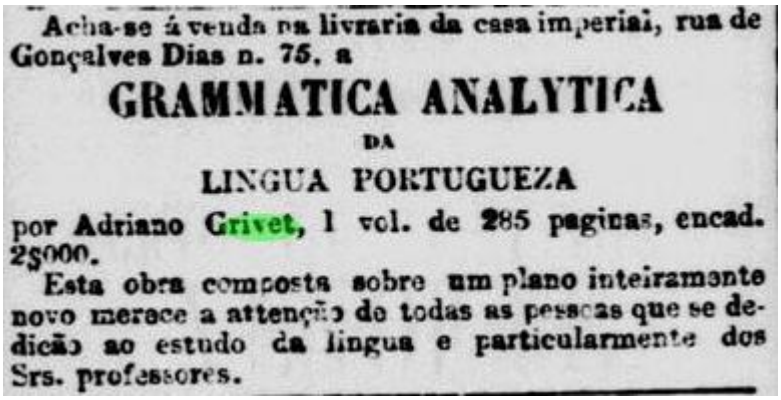


Grammaticas

Grammatica hespanhola para uso dos portuguezes 800
Nova grammatica franceza, por Sevene, 2 vols. 3$000
Compendio de grammatica latina e portugueza, por Moura 2$000
Manuel complet de la langue allemande, par Gross 3$000
Grammatica da lingua ingleza, por Constancio 4$000
Grammatica ingleza 320
Grammatica da Lingua allemã, por Schiefler 4$000
Grammatica da lingua italiana, por Falletti 1$000
Nouvelle méthode pour apprende a lire, a écrive et a parler en six mois la langue anglais, par Ollendorf 6$000
Grammatica analytica da lingua portugueza, por Adriano Grivet 2$000

Fonte: Correio Paulistano (SP) – Ano 1865/Edição 02702

Figura 10 – Anúncio de venda da primeira gramática de Grivet



Acha-se á venda na livraria da casa imperial, rua de Gonçalves Dias n. 75, a

GRAMMATICA ANALYTICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

por Adriano Grivet, 1 vol. de 285 paginas, encad. 2$000.

Esta obra composta sobre um plano inteiramente novo merece a attenção de todas as pessoas que se dedicão ao estudo da lingua e particularmente dos Srs. professores.

Fonte: Jornal do Commercio (RJ) – Ano 1866/Edição 00156

A sua primeira gramática, nos anos próximos do seu lançamento, era vendida por 2$000 (dois mil réis). O historiador Laurentino Gomes (2007) faz uma conversão do valor dos réis utilizados na época da vinda da corte portuguesa para o Brasil (início do século XIX) para o valor do real (R$) brasileiro na época da publicação do seu livro. De forma resumida, uma mercadoria vendida no Rio de Janeiro daquela época por 4$000 (quatro mil réis) equivaleria, em 2007, a uma compra de $100 (cem dólares americanos). No Brasil de 2007, esses dólares equivaleriam a um valor próximo de R$220. Hoje, esse valor seria de aproximadamente R$505.

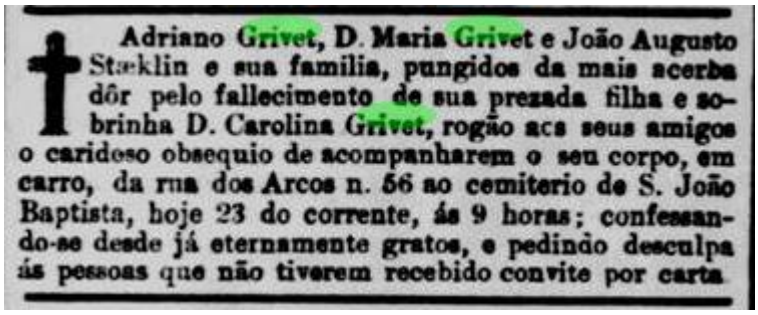
O *site* Diniz Numismática[11], administrado por Bruno Diniz, historiador e cientista político, também nos fornece algumas informações que podem ajudar na conversão. No

[11] Disponível em: https://www.diniznumismatica.com/2015/11/conversao-hipotetica-dos-reis-para-o.html. Acesso em 03 jul. 2021.

portal, encontramos que 1$000 (mil réis) equivaleria, hoje, ao poder de compra de R$123. Isto é, o poder de compra dessa primeira gramática de Grivet, que chegou a ser vendida por 2$000 (dois mil réis), nos dias atuais, considerando a inflação, seria equivalente à compra de um livro de aproximadamente R$250. Dessa forma, vemos que a aquisição da obra era cara, inacessível à parte da população.

Em 1869, quatro anos após a publicação de sua primeira gramática e treze anos após sua chegada no Brasil, Grivet recebeu uma proposta de retorno à Suíça. Pensando em ajudar sua filha, Carolina Grivet, que estava com tuberculose, ele decidiu voltar para seu país de origem. No entanto, enquanto ainda estava no Brasil, a doença da filha se agravou, e ela faleceu antes de sua partida. A ocasião também foi registrada na imprensa da época, como vemos na Figura 11:

Figura 11 – Registro da morte de Carolina, filha de Grivet



† Adriano Grivet, D. Maria Grivet e João Augusto Stæklin e sua familia, pungidos da mais acerba dôr pelo fallecimento de sua prezada filha e sobrinha D. Carolina Grivet, rogão aos seus amigos o caridoso obsequio de acompanharem o seu corpo, em carro, da rua dos Arcos n. 56 ao cemiterio de S. João Baptista, hoje 23 do corrente, ás 9 horas; confessando-se desde já eternamente gratos, e pedindo desculpa ás pessoas que não tiverem recebido convite por carta.

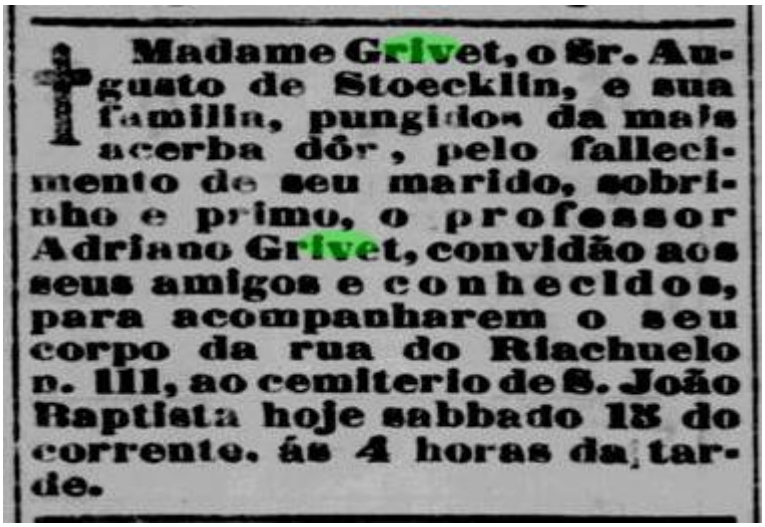
Fonte: Jornal do Commercio (RJ) – Ano 1869/Edição 00173

Por não querer se separar da terra em que estava o corpo da filha, Grivet recusou a proposta da Suíça e decidiu continuar no Brasil.

1.3.2 A *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (1881), de C. A. O. Grivet

No decorrer desses acontecimentos, Grivet já dedicava-se ao ajuste da sua primeira gramática e à ampliação de suas ideias. Em 1874, esse trabalho já estava finalizado, e o autor apenas aguardava recursos para que a nova gramática fosse publicada. Contudo, a vontade do suíço não seria realizada em vida, pois, em 14 de janeiro de 1876, "[...] o illustre mestre deixou de existir!" (ALGUMAS..., 1881, p. VIII). Na Figura 12, visualizamos a notícia de sua morte:

Figura 12 – Registro da morte de Charles Grivet em jornal brasileiro

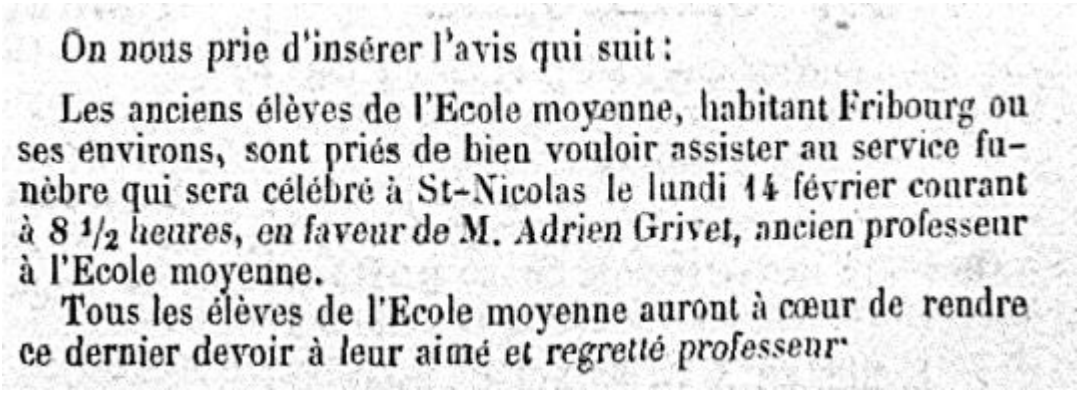


† Madame Grivet, o Sr. Augusto de Stoecklin, e sua familia, pungidos da mais acerba dôr, pelo fallecimento de seu marido, sobrinho e primo, o professor Adriano Grivet, convidão aos seus amigos e conhecidos, para acompanharem o seu corpo da rua do Riachuelo n. 111, ao cemiterio de S. João Baptista hoje sabbado 18 do corrente, ás 4 horas da tarde.

Fonte: Jornal do Commercio (RJ) – Ano 1876/Edição 00015

Apesar de ter deixado a Suíça há 20 anos, Grivet ainda era lembrado pelas pessoas que lá viviam, conforme a Figura 13:

Figura 13 – Notícia da morte de Grivet em jornal suíço[12]



On nous prie d'insérer l'avis qui suit :

Les anciens élèves de l'Ecole moyenne, habitant Fribourg ou ses environs, sont priés de bien vouloir assister au service funèbre qui sera célébré à St-Nicolas le lundi 14 février courant à 8 1/2 heures, en faveur de M. Adrien Grivet, ancien professeur à l'Ecole moyenne.

Tous les élèves de l'Ecole moyenne auront à cœur de rendre ce dernier devoir à leur aimé et regretté professeur"

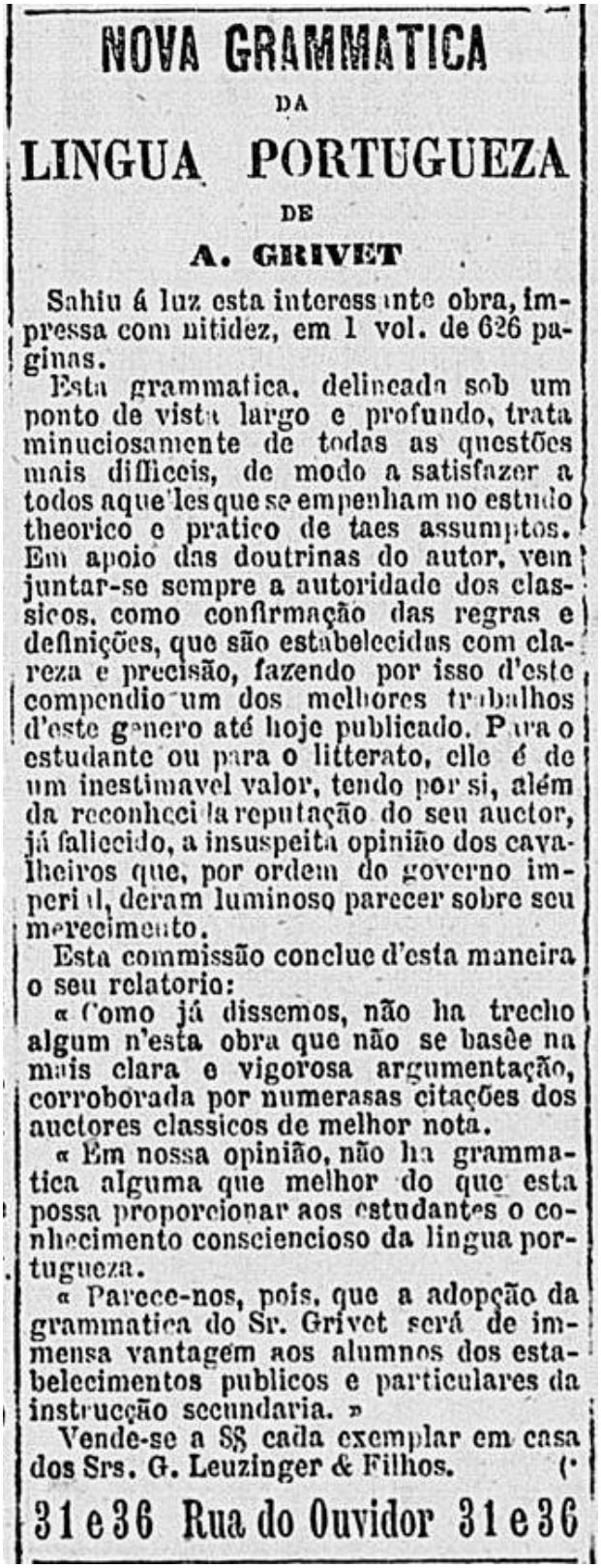
Fonte: Le Chroniqueur – 10 February 1876 (p. 3)

Em 1881, enfim, a *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* foi publicada. A obra tem 626 páginas, 341 a mais do que a antecessora, o que demonstra o esforço do autor para aperfeiçoar seu trabalho. Abaixo, na Figura 14, vemos um dos primeiros anúncios de venda publicados na época:

---

[12] "Agradecemos por inserir o aviso que segue:
Os antigos alunos da Escola Média, habitantes de Friburgo ou de seus arredores, estão convidados a gentilmente irem ao funeral que será feito a St-Nicolas, na segunda-feira, dia 14 de fevereiro do ano corrente, às 8h30, a favor de M. Adrien Grivet, antigo professor da Escola Média.
Todos os alunos da Escola Média tentarão se empenhar nesse último dever a seu amado e saudoso professor" (Tradução nossa)

Figura 14 – Anúncio de venda da *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*



NOVA GRAMMATICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

DE

A. GRIVET

Sahiu á luz esta interessante obra, impressa com nitidez, em 1 vol. de 626 paginas.

Esta grammatica, delineada sob um ponto de vista largo e profundo, trata minuciosamente de todas as questões mais difficeis, de modo a satisfazer a todos aquelles que se empenham no estudo theorico e pratico de taes assumptos. Em apoio das doutrinas do autor, vem juntar-se sempre a autoridade dos classicos, como confirmação das regras e definições, que são estabelecidas com clareza e precisão, fazendo por isso d'este compendio um dos melhores trabalhos d'este genero até hoje publicado. Para o estudante ou para o litterato, elle é de um inestimavel valor, tendo por si, além da reconhecida reputação do seu auctor, já fallecido, a insuspeita opinião dos cavalheiros que, por ordem do governo imperial, deram luminoso parecer sobre seu merecimento.

Esta commissão conclue d'esta maneira o seu relatorio:

« Como já dissemos, não ha trecho algum n'esta obra que não se basêe na mais clara e vigorosa argumentação, corroborada por numerasas citações dos auctores classicos de melhor nota.

« Em nossa opinião, não ha grammatica alguma que melhor do que esta possa proporcionar aos estudantes o conhecimento consciencioso da lingua portugueza.

« Parece-nos, pois, que a adopção da grammatica do Sr. Grivet será de immensa vantagem aos alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares da instrucção secundaria. »

Vende-se a 8$ cada exemplar em casa dos Srs. G. Leuzinger & Filhos.

31 e 36 Rua do Ouvidor 31 e 36

Fonte: Gazeta de Noticias (RJ) – Ano 1881/Edição 00161

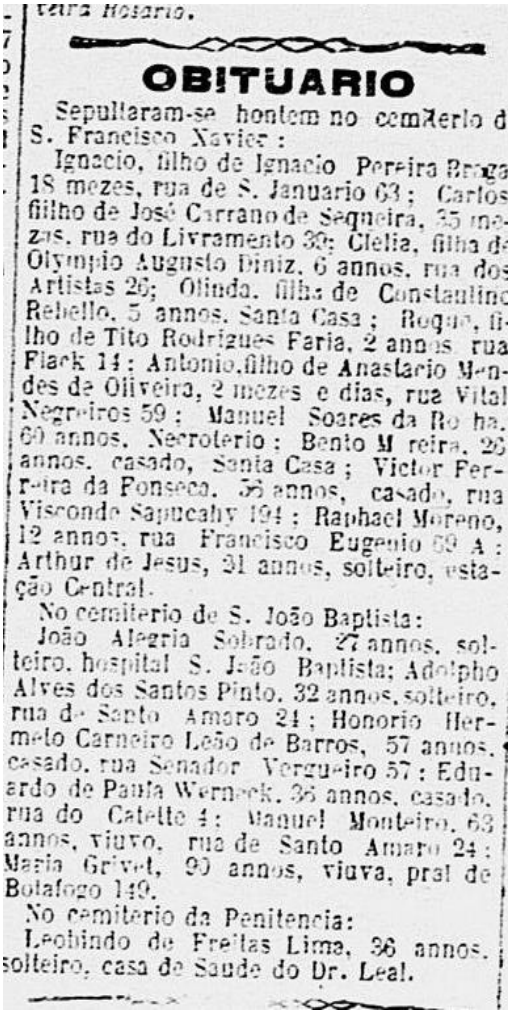
A obra foi publicada pela tipografia Leuzinger, fundada por George Leuzinger (1813-1892), originário do Cantão de Glarus, na Suíça, localizado a 123km da capital. O tipógrafo chegou ao Brasil em 1832 e, aos poucos, foi construindo uma das tipografias mais bem equipadas do país, publicando também edições de obras como *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882). Segundo Hallewell (2017), na opinião de Melo Morais Filho, Leuzinger conheceu quase todos os imigrantes falantes de francês e de alemão que chegaram ao Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Isso explica sua ligação com a obra de Grivet, havendo a possibilidade de eles terem se conhecido ou não.

Na primeira publicação que encontramos sobre sua venda, em 1883, a segunda gramática de Grivet custava 8$000 (oito mil réis) – o equivalente, hoje, a aproximadamente R$1000. Já na última, em 1947, ela era vendida por 200 cruzeiros[13]. Em todos os anúncios encontrados, a obra aparecia na categoria "filologia".

Sobre a Madame Grivet, a última notícia registrada sobre ela é a de sua morte, em 1906, aos 90 anos, como pode ser visto na Figura 15:

[13] Em 1947, o salário mínimo mensal era de Cr$380 (trezentos e oitenta cruzeiros), de acordo com o site *Diário das Leis*. Nota-se, então, que a gramática custava mais da metade de um salário. Para mais informações sobre o histórico do salário mínimo no Brasil, conferir: https://www.diariodasleis.com.br/monetaria/exibe_indice.php?id_indice=15. Acesso em 28 out. 2021.

Figura 15 – Notícia da morte da Madame Grivet



vaira Rosario.

OBITUARIO

Sepultaram-se hontem no cemiterio d S. Francisco Xavier :

Ignacio, filho de Ignacio Pereira Braga 18 mezes, rua de S. Januario 63 ; Carlos filho de José Carrano de Sequeira, 35 mezes, rua do Livramento 39; Clelia, filha d Olympio Augusto Diniz, 6 annos, rua dos Artistas 26; Olinda, filha de Constantino Rebello, 5 annos, Santa Casa ; Roque, filho de Tito Rodrigues Faria, 2 annos rua Flack 14 ; Antonio, filho de Anastario Mendes de Oliveira, 2 mezes e dias, rua Vital Negreiros 59 ; Manuel Soares da Rocha, 60 annos, Necroterio ; Bento Moreira, 26 annos, casado, Santa Casa ; Victor Ferreira da Fonseca, 56 annos, casado, rua Visconde Sapucahy 194 ; Raphael Moreno, 12 annos, rua Francisco Eugenio 69 A ; Arthur de Jesus, 31 annos, solteiro, estação Central.

No cemiterio de S. João Baptista:

João Alegria Sobrado, 27 annos, solteiro, hospital S. João Baptista; Adolpho Alves dos Santos Pinto, 32 annos, solteiro, rua de Santo Amaro 24 ; Honorio Hermeto Carneiro Leão de Barros, 57 annos, casado, rua Senador Vergueiro 57 ; Eduardo de Paula Werneck, 36 annos, casado, rua do Catette 4 ; Manuel Monteiro, 63 annos, viuvo, rua de Santo Amaro 24 ; Maria Grivet, 90 annos, viuva, praia de Botafogo 149.

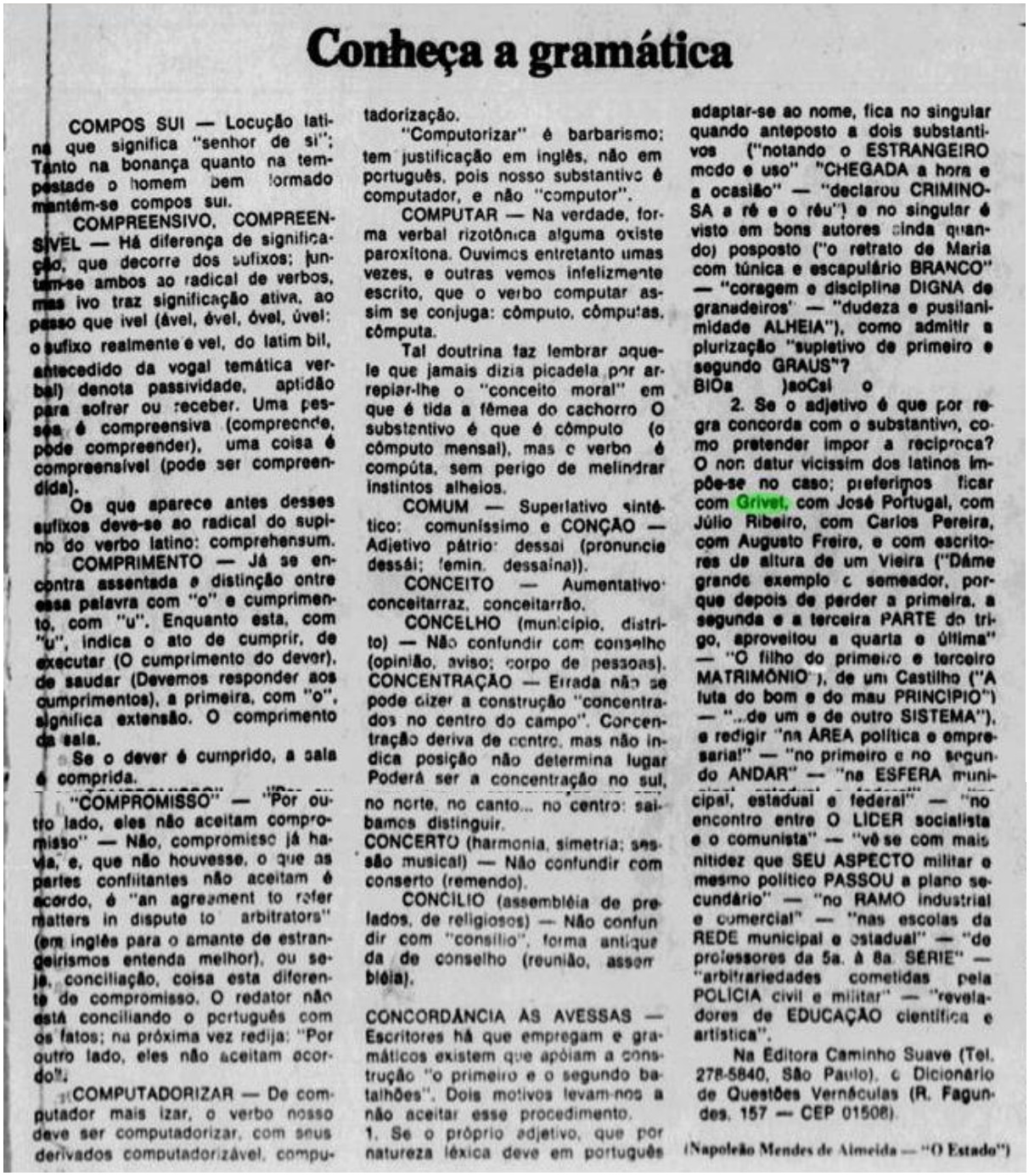
No cemiterio da Penitencia:

Leobindo de Freitas Lima, 36 annos, solteiro, casa de Saude do Dr. Leal.

Fonte: Gazeta de Noticias (RJ) – Ano 1906/Edição 00248 (1)

Assim, em 1906, foi encerrada a existência física da família Grivet no Brasil. As ideias de Charles Grivet, no entanto, repercutiram até o fim do século XX, como mostrado abaixo:

Figura 16 – Texto "Conheça a gramática", de Napoleão Mendes de Almeida



Conheça a gramática

COMPOS SUI — Locução latina que significa "senhor de si"; Tanto na bonança quanto na tempestade o homem bem formado mantém-se compos sui.

COMPREENSIVO, COMPREENSÍVEL — Há diferença de significação, que decorre dos sufixos; juntam-se ambos ao radical de verbos, mas ivo traz significação ativa, ao passo que ível (ável, ível, ível, úvel: o sufixo realmente é vel, do latim bil, antecedido da vogal temática verbal) denota passividade, aptidão para sofrer ou receber. Uma pessoa é compreensiva (compreende, pode compreender), uma coisa é compreensível (pode ser compreendida).

Os que aparece antes desses sufixos deve-se ao radical do supino do verbo latino: comprehensum.

COMPRIMENTO — Já se encontra assentada a distinção entre essa palavra com "o" e cumprimento, com "u". Enquanto esta, com "u", indica o ato de cumprir, de executar (O cumprimento do dever), de saudar (Devemos responder aos cumprimentos), a primeira, com "o", significa extensão. O comprimento da sala.

Se o dever é cumprido, a sala é comprida.

"COMPROMISSO" — "Por outro lado, eles não aceitam compromisso" — Não, compromisso já havia, e, que não houvesse, o que as partes conflitantes não aceitam é acordo, é "an agreement to refer matters in dispute to arbitrators" (em inglês para o amante de estrangeirismos entenda melhor), ou seja, conciliação, coisa esta diferente de compromisso. O redator não está conciliando o português com os fatos; na próxima vez redija: "Por outro lado, eles não aceitam acordo".

COMPUTADORIZAR — De computador mais izar, o verbo nosso deve ser computadorizar, com seus derivados computadorizável, computadorização.

"Computorizar" é barbarismo; tem justificação em inglês, não em português, pois nosso substantivo é computador, e não "computor".

COMPUTAR — Na verdade, forma verbal rizotônica alguma existe paroxítona. Ouvimos entretanto umas vezes, e outras vemos infelizmente escrito, que o verbo computar assim se conjuga: cômputo, cômputas, cômputa.

Tal doutrina faz lembrar aquele que jamais dizia picadela por arrepiar-lhe o "conceito moral" em que é tida a fêmea do cachorro O substantivo é que é cômputo (o cômputo mensal), mas o verbo é compúta, sem perigo de melindrar instintos alheios.

COMUM — Superlativo sintético: comunissimo e CONÇAO — Adjetivo pátrio: dessai (pronuncie dessái; femin. dessaina)).

CONCEITO — Aumentativo: conceitarraz, conceitarrão.

CONCELHO (município, distrito) — Não confundir com conselho (opinião, aviso; corpo de pessoas).

CONCENTRAÇAO — Errada não se pode dizer a construção "concentrados no centro do campo". Concentração deriva de centro, mas não indica posição não determina lugar Poderá ser a concentração no sul, no norte, no canto... no centro: saibamos distinguir.

CONCERTO (harmonia, simetria; sessão musical) — Não confundir com conserto (remendo).

CONCILIO (assembléia de prelados, de religiosos) — Não confundir com "consilio", forma antiquada de conselho (reunião, assembléia).

CONCORDÂNCIA AS AVESSAS — Escritores há que empregam e gramáticos existem que apóiam a construção "o primeiro e o segundo batalhões". Dois motivos levam-nos a não aceitar esse procedimento.

1. Se o próprio adjetivo, que por natureza léxica deve em português adaptar-se ao nome, fica no singular quando anteposto a dois substantivos ("notando o ESTRANGEIRO modo e uso" "CHEGADA a hora e a ocasião" — "declarou CRIMINOSA a ré e o réu") e no singular é visto em bons autores ainda quando) posposto ("o retrato de Maria com túnica e escapulário BRANCO" — "coragem e disciplina DIGNA de granadeiros" — "dudeza e pusilanimidade ALHEIA"), como admitir a plurização "supletivo de primeiro e segundo GRAUS"?

BIOs)aoCsi o

2. Se o adjetivo é que por regra concorda com o substantivo, como pretender impor a reciproca? O non datur vicissim dos latinos impõe-se no caso; preferimos ficar com Grivet, com José Portugal, com Júlio Ribeiro, com Carlos Pereira, com Augusto Freire, e com escritores de altura de um Vieira ("Dáme grande exemplo o semeador, porque depois de perder a primeira, a segunda e a terceira PARTE do trigo, aproveitou a quarta e última" — "O filho do primeiro e terceiro MATRIMÔNIO"), de um Castilho ("A luta do bom e do mau PRINCÍPIO") — "...de um e de outro SISTEMA"), e redigir "na AREA politica e empresarial" — "no primeiro e no segundo ANDAR" — "na ESFERA municipal, estadual e federal" — "no encontro entre O LIDER socialista e o comunista" — "vê se com mais nitidez que SEU ASPECTO militar e mesmo politico PASSOU a plano secundário" — "no RAMO industrial e comercial" — "nas escolas da REDE municipal e estadual" — "de professores da 5a. à 8a. SÉRIE" — "arbitrariedades cometidas pela POLICIA civil e militar" — "reveladores de EDUCAÇÃO científica e artística".

Na Editora Caminho Suave (Tel. 278-5840, São Paulo), o Dicionário de Questões Vernáculas (R. Fagundes, 157 — CEP 01508).

(Napoleão Mendes de Almeida — "O Estado")

Fonte: O Poti (RN) – Ano 1984/Edição 00043

Na Figura 16, lemos um texto escrito por Napoleão Mendes de Almeida (1911-1998), um dos mais importantes gramáticos e filólogos do século XX (BORGES, 2008). Uma das publicações mais famosas do autor é a *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, cuja primeira edição foi publicada em 1943, e a última, a 46ª edição, em 2009 (VIEIRA, 2018). É interessante observar que, mesmo 103 anos após a publicação da *Nova Grammatica Analytica*, e 108 após a morte de Grivet, o autor continuou como referência no estudo da

língua portuguesa e de outros gramáticos, como é o caso de Napoleão Mendes de Almeida, cujas ideias também influenciaram outros estudiosos da linguagem.

A última aparição de Grivet em um jornal brasileiro pode ser vista abaixo, na Figura 17:

Figura 17 – Texto "Erros de linguagem no uso cotidiano", de Cécil Meira

Cécil Meira

Erros de linguagem no uso cotidiano

No uso da língua portuguesa temos de levar em conta o conceito lógico do termo atenção. É certo que para tudo que fazemos o elemento atenção é fundamental, mas em nossa escrita diante das dificuldades e complexidades da língua portuguesa, devemos redobrar nossa atenção no momento em que escrevemos. Todos nós sabemos que o idioma exige a presença de nosso pensamento, da boa idéia, enfim daquilo que representa a expressão e a comunidade.

Com referência ao significado psicológico da atenção, queremos referir-nos ao que aconteceu com o grande cientista e professor Brown Sequard, conforme nos relata o psicólogo inglês Stanley Jevons. Logicamente, a definição de atenção seria a aplicação do espírito ou dos sentidos ao que se faz, ou diz. Conta Jevons que o professor Brown Sequard compareceu a sala de aula para explicar um assunto referente a endocrinologia, isto é, aos estudos das glândulas internas. O objetivo do preceptor consistia em dar conhecimento aos estudantes do seguinte preceito: "Retirando-se a glândula supra renal de um animal, ele morre". Mas não ficou nisso. Ilustrou no quadro negro a figura bem traçada de um animal, colocou na posição certa a glândula supra renal, fez uma seta indicativa, no sentido de bem orientar os estudantes. E assim prosseguiu. No decorrer de toda a aula, por várias vezes insistiu na frase axiomática, dizendo: retirando-se a glândula supra renal de um animal, ele morre. Enfim esgotou o assunto, até o momento em que bateu a campa do término da aula. Já se preparava recolhendo seu material de ensino quando, mais uma vez, dirigiu-se aos estudantes esclarecendo: — Como os srs. viram, se retirarmos a glândula supra renal de um animal, ele morre. Neste momento, já encerrando a aula, foi interpelado por um aluno indagando se podia fazer uma pergunta. O professor aquiesceu, e perguntou:

— Que deseja?

O estudante levantou-se, respeitosamente, dizendo que desejava fazer uma pergunta. O sr. pode me explicar o que acontece com um animal se nós retirarmos a glândula supra renal do mesmo?

Eis o problema fundamental a atenção. A língua portuguesa é ao mesmo tempo fácil e difícil. Se o assunto é difícil e complexo deve redobrar a atenção do estudante ou da pessoa, em geral que deseja aprender. Se não houver atenção, de modo que nosso espírito e nossos sentidos convirjam para o problema, certamente que vamos errar e em vez de aprender vamos desaprender. Se ensinamos que o pretérito perfeito do verbo reaver é reouvera e não reavera, se não houver atenção logo adiante vamos errar.

Mas, deixemos essas preliminares de lado e vamos ver mais alguns aspectos de erros ou falhas de nossa linguagem. No verbo vir, encontramos vimos NO PRESENTE e viemos no passado. É comum confundir vimos com viemos e viemos com vimos. Vamos aos exemplos: — vimos agora a presença do governador para pedir... e dizemos — viemos, ontem, a presença do governador para pedir... o que ocorre no uso cotidiano é ouvirmos, por exemplo, — viemos hoje a presença do governador, quando o certo é — vimos, hoje, a presença do governador, e do mesmo modo dizemos-viemos, ontem, a presença do governador. Tudo é muito claro, se houver atenção. Vimos é presente e viemos é passado.

Vamos, agora, divagar um pouco sobre o plural das palavras terminadas em ão sendo esses vocábulos de prosódia nasalada, os estrangeiros não sabem pronunciar tais palavras, uma vez que fazem a pronúncia sem a ortoépia nasal. Mas isto é secundário e é problema para estrangeiros. Todas as palavras em português terminada em ão recebem três terminações — ões, ães, e ães. O número maior são das palavras terminadas em ões — coração, corações, opinião, opiniões, clarão, clarões, e assim por diante; o segundo plural é ães e assim temos mão, maõs, vão (da janela) vãos, sótão, sótãos; o terceiro plural é em ães e assim dizemos — pão, paês, cão, cães, tabelião, tabeliães. Mas, além disso ocorrem outras singularidades. Temos, por exemplo, palavras terminadas em ão com plural duplo e ambos certos: — aldeão, aldeões e aldeãos, vilão, vilãos e vilões, truão, truões e truães. Além desse plural duplo algumas terminadas em ão têm plural triplo, isto é, — ancião dá anciões, anciãos e anciães, alão (cão de alto porte) dá corretamente, alãos, alães, e alões.

Estas singularidades de nosso idioma exigem muita atenção e, às vezes, devemos recorrer ao dicionário para tirar a dúvida ou as dúvidas. É natural que estamos discorrendo ligeiramente sobre o assunto, mas a finalidade fundamental é que sempre devemos atentar para a forma correta na hora de escrever.

Ao terminarmos mais essa digressão sobre esses pequenos óbices, que nos ocorrem todos os dias, queremos chamar a atenção para um fato singular sobre os grandes conhecedores da lingüística portuguesa.

É impressionante que apontemos como grandes conhecedores do idioma pátrio, mestres que não são portugueses e não são brasileiros, e é em homenagem a eles que os cito neste momento. Muita gente não sabe que foi o professor alemão Frederico Diez o formulador de uma regra, que até hoje usamos sobre o infinitivo pessoal, tanto estudou o português e tanto se aprofundou em seus mistérios, que devemos a ele a norma do infinitivo pessoal e que acompanha outra forma já elaborada pelo professor português Jerônimo Soares Barbosa, em sua Gramática Filosófica. Hoje, ambas as normas são utilizadas para solução de alguns problemas do infinitivo pessoal além dos ensinamentos do grande mestre brasileiro Miguel Said Ali. Da mesma forma, é grande honra para nós saber que uma das melhores gramáticas da língua portuguesa é da autoria de um professor suíço, sr. Grivet. Ele publicou e sistematizou os fenômenos da lingüística portuguesa sob o nome "Nova Gramática

Nascido na cidade de Friburgo na Suíça, desde moço tornou-se emérito professor e foi convidado, ainda muito jovem, por um general russo para ensinar dois de seus filhos. Passado algum tempo com saudade de sua terra natal e de seus velhos pais regressou à Suíça. Em sua volta ocorreu o fato doloroso da perda de seus pais e foi quando ele resolveu emigrar para o Brasil. Embora suíço tornou-se no Brasil grande mestre de línguas, principalmente de português, que ele estudou a fundo. Não foi difícil assim a elaboração de uma belíssima gramática da língua portuguesa e todos os grandes conhecedores de nosso idioma, em Portugal e no Brasil, acolhem suas lições, como primorosas ordenações de nossa lingüística.

Citamos esses dois grandes mestres estrangeiros — Frederico Diez e Charles Adrien Olivier Grivet, seu nome por inteiro, como exemplo para juventude brasileira, que deve, com seus estudos, e com sua inteligência, enobrecer cada vez mais o rico idioma português.

Fonte: Diário do Pará (PA) – Ano 1989/Edição 02229 (1)

O texto foi escrito por Cécil Meira (1914-?), escritor e jornalista que contribuiu com algumas publicações para a língua e a literatura portuguesa, como *Introdução ao estudo da literatura* (1965). No trecho em destaque na figura acima, Meira cita dois estrangeiros como exemplo para estudo da língua portuguesa: Grivet e Frederico Diez. Podemos ler que "[...] uma das melhores gramáticas da língua portuguesa é da autoria de um professor suíço, sr. Grivet [que] publicou e sistematizou os fenômenos da lingüística portuguesa sob o nome 'Nova Gramática Analítica da Língua portuguesa'". Outro comentário do autor é o de que:

“[c]itamos esses dois grandes mestres estrangeiros [Grivet e Frederico Diez] [...] como exemplo para juventude brasileira, que deve, com seus estudos, e com sua inteligência, enobrecer cada vez mais o rico idioma português”.

Com esse percurso de Grivet, podemos ver que o autor, apesar de não ter sido falante nativo da língua portuguesa, ganhou prestígio como professor de português e como autor de uma gramática de língua portuguesa. Parte desse mérito também se deve à Madame Grivet, que, como dona de uma instituição de ensino, também contribuiu para a imagem dos Grivet na sociedade brasileira do século XIX.

A gramática póstuma do autor, como consequência, prolongou seu legado e chegou a ser utilizada pelas escolas públicas brasileiras. Também é possível vermos a influência que ela exerceu em gramáticos dos séculos posteriores, chegando, por exemplo, a Napoleão Mendes de Almeida.

1.4 Perguntas

Motivados pela investigação do pensamento do gramático suíço sobre a sintaxe, nossa principal questão de pesquisa é: quais são os principais conhecimentos sintáticos elaborados por Charles Adrien Olivier Grivet na *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (1881)?

A partir desta pergunta central, elaboramos outros questionamentos, que estão elencados abaixo:

i. como acontecimentos e ideias políticas, científicas e socioculturais do período que a *Nova Grammatica Analytica da Lingua* Portugueza (1881) foi produzida refletem as orientações epistemológicas da obra?
ii. quais e como conhecimentos sintáticos são sistematizados na gramática?
iii. quais são os movimentos de continuidade e de ruptura estabelecidos pelo autor entre a abordagem sintática da obra e o contexto intelectual da época?
iv. de que modo a metalinguagem e as definições presentes na obra dialogam com o arcabouço categorial e conceitual da gramaticografia greco-latina ou com algum outro modelo teórico dos estudos da linguagem?

Essas perguntas guiam o percurso da nossa narrativa historiográfica e orientam nossas descrições, análises e interpretações sobre o objeto analisado e sobre o material secundário levantado.

1.5 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é investigar os principais conhecimentos sintáticos elaborados por Charles Adrien Olivier Grivet na *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (1881). Para que isso se torne possível, determinamos os seguintes objetivos específicos:

i. compreender como acontecimentos e ideias políticas, científicas e socioculturais do período que a *Nova Grammatica Analytica da Lingua* Portugueza (1881) foi produzida refletem as orientações epistemológicas da obra;
ii. descrever e interpretar quais e como conhecimentos sintáticos são sistematizados na gramática;
iii. identificar movimentos de continuidade e de ruptura estabelecidos pelo autor entre a abordagem sintática da obra e o contexto intelectual da época;
iv. contrastar a metalinguagem e as definições presentes na obra com o arcabouço categorial e conceitual da gramaticografia greco-latina ou com algum outro modelo teórico dos estudos da linguagem.

1.6 Justificativa

A gramaticografia da língua portuguesa, em seu princípio, privilegiou o estudo dos fenômenos que hoje conhecemos como fonético/fonológicos e morfológicos. A sintaxe, quando comparada a essas outras dimensões linguísticas, possui pouco espaço nos estudos gramaticais até o século XVIII. Nos séculos seguintes, as reflexões sintáticas ganharam um espaço maior no pensamento gramatical. A gramaticografia brasileira, que teve início no século XIX, acompanhou esse movimento e deu atenção especial à sintaxe nas suas investigações (cf. BORGES NETO, 2020). Os produtos elaborados durante a história da sintaxe – tanto da sintaxe geral quanto da sintaxe de língua portuguesa, sobretudo a do português do Brasil – são refletidos até hoje em nosso jeito de pensar as questões gramaticais,

o que tem consequências para o ensino de português, sobretudo na educação básica. Vários capítulos da trajetória dos estudos sintáticos ainda precisam ser (re)narrados, para que, no atual estado da Linguística, possamos ter consciência da história das ideias sobre nossa língua.

Tendo em vista a importância de construirmos, enquanto grupo de pesquisa, uma historiografia da sintaxe no Brasil, um projeto extenso e que demanda muitos recursos, este trabalho é significativo porque faz parte dessa grande narrativa, pois foca uma gramática brasileira da língua portuguesa, que, mesmo escrita por um estrangeiro, teve repercussão até o final do século XX, segundo as fontes levantadas por nós (Apêndice D).

Compreender os motivos que levam uma obra publicada em 1881 a ser citada como argumento de autoridade linguística durante todo o século XX, poucos anos distantes de nós, é interessante para refletirmos sobre nossa relação atual com a gramática, sobretudo com a sintaxe. A *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, como produto linguístico e historiográfico, é uma das heranças deixadas por aqueles que nos antecederam para hoje, nós, estudiosos da linguagem, entendermos o desenvolvimento de alguns processos linguísticos.

Além dos motivos citados, poucas são as pesquisas sobre as obras de Charles Grivet. A análise de suas ideias, nesta pesquisa, considera fatores externos (históricos, sociais etc.) e fatores internos (o texto da gramática) para a interpretação do conjunto da obra. O resgate do trabalho de Grivet, portanto, pode nos ajudar a entender e a repensar alguns aspectos das concepções atuais de sintaxe.

1.7 Organização da dissertação

Nesse capítulo, apresentamos o tema e o objeto da pesquisa, o estado da arte, as perguntas, os objetivos e as justificativas para realização deste trabalho. A seguir, expomos, de modo resumido, o que se encontra nos próximos capítulos.

No capítulo 2, “Historiografia da Linguística e suas categorias de análise”, a fim de contextualizar o leitor sobre o aparato teórico-metodológico que orienta este trabalho, discorremos sobre o que é a HL, segundo seus principais pesquisadores, e as principais categorias de análise utilizadas nesta pesquisa.

No capítulo 3, “Procedimentos para realização da pesquisa”, apresentamos a metodologia utilizada para a execução de nosso trabalho. Nessa parte, apresentamos as três

fases gerais de uma pesquisa historiográfica, a fonte historiográfica, o método de análise dessa fonte e o levantamento das fontes secundárias.

No capítulo 4, “O Brasil do século XIX: história, gramática, sociedade e educação”, estabelecemos o clima de opinião que permeou a obra. Para tanto, é apresentado o contexto no qual a obra foi publicada, englobando os aspectos históricos e sociais gerais, o ensino de língua portuguesa no período e as ideias linguísticas que permeavam a época.

No capítulo 5, “A *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* e sua abordagem sintática”, analisamos o modo como Charles Grivet trata a sintaxe. Para tanto, nos guiamos pela camada contextual, teórica, técnica e documental da obra.

No capítulo 6, “Considerações finais”, sintetizamos os principais resultados obtidos com a pesquisa e tecemos alguns últimos comentários sobre todo o trabalho, indicando, também, novos caminhos de pesquisa.

Em “Apêndices”, encontramos o levantamento das fontes secundárias, que está separado em i) vida pessoal de Grivet (Apêndice A), ii) vida profissional de Grivet (Apêndice B), iii) gramáticas de Grivet (Apêndice C) e iv) temas gramaticais de Grivet (Apêndice D).

2 HISTORIOGRAFIA DA LINGUÍSTICA E SUAS CATEGORIAS TEÓRICAS E ANALÍTICAS

Neste capítulo, expomos a base teórico-metodológica na qual a nossa pesquisa está ancorada. Primeiramente, apresentamos a disciplina Historiografia da Linguística (HL). Depois, explicamos os princípios de uma análise historiográfica, abarcando o tratamento dado à metalinguagem. Em seguida, discorremos sobre as principais categorias utilizadas para a realização do trabalho. Nossos principais guias teóricos são Altman (2003, 2012), Batista (2019), Koerner (1996, 2014a, 2014b), Murray (1998) e Swiggers (2004, 2009, 2010, 2013, 2019).

2.1 Historiografia da Linguística: a disciplina e o papel do historiógrafo

Antes de comentarmos sobre o que é e o que faz a HL, é necessário explicar o que é a Linguística para essa disciplina. Altman (2012) afirma que:

> [o] conhecimento sobre a linguagem, formalizado ou não, institucionalizado ou não, fez parte da vida intelectual de muitos povos antes do século XIX, sob outras formas e sob diferentes designações. Não há razão alguma por que devam ser excluídos das historiografias linguísticas contemporâneas que se propõem abrangentes, ou mesmo daquelas mais especializadas, que se erigem a partir de problemas específicos e das respostas dadas a esses problemas. De uma perspectiva ampla, o termo linguística pode se referir a qualquer estudo sobre a linguagem que tenha sido feito pelo homem, onde quer que se encontrem dele vestígios de documentação. (ALTMAN, 2012, p. 20)

A autora defende que o conhecimento sobre a linguagem é anterior aos eventos do século XIX – como é o caso da publicação da gramática que analisamos. Nesse sentido, estudos que antecedem esse século devem ser incluídos no escopo dos saberes da linguagem. Então, para Altman (2012), a Linguística abarca as ideias sobre a linguagem através do tempo, desde que seus vestígios sejam encontrados. Essa disciplina une os conhecimentos e as reflexões atreladas aos fenômenos da linguagem e à história da língua, independentemente de sua periodização.

Tendo em vista essa concepção de Linguística, podemos afirmar que a HL é uma disciplina que procura interpretar, por meio de narrativas descritivas e explicativas, como o conhecimento sobre a linguagem foi produzido em determinado contexto social e cultural

através do tempo (SWIGGERS, 2009). O objeto da Historiografia da Linguística não é a língua, mas as ideias construídas sobre a língua e sobre a linguagem no decorrer da história.

É importante frisar que cabe à HL não apenas expor uma história, mas, por meio do diálogo com outras ciências e com base em fontes de pesquisa, interpretar narrativas, já existentes ou não, e (re)construí-las. A disciplina pode se apresentar de várias formas, a depender do objeto e do objetivo do historiógrafo. A seguir, mostramos algumas possibilidades historiográficas. Como nosso intuito não é produzir um manual introdutório sobre a HL, focaremos os aspectos que interessam ao desenvolvimento da nossa pesquisa.

Swiggers (2019) apresenta possíveis caminhos a serem seguidos numa pesquisa de cunho historiográfico. O que o autor chama de "cobertura da pesquisa" diz respeito às questões que podem ser levantadas pela HL. Esses tópicos são complexos, já que podem envolver uma gama de agentes, contextos, produtos, entre outros. Dessa forma, o pesquisador propõe a realização de quatro perguntas para organizar a cobertura da Historiografia da Linguística:

i) que tipos de (partes de) conhecimento linguístico foram elaborados no passado?
ii) por quais processos o conhecimento linguístico foi produzido, difundido e "recebido"?
iii) como esse conhecimento linguístico foi enquadrado?
iv) em que (tipos de) contextos o conhecimento linguístico foi produzido, transmitido, "recebido"?

Em nosso estudo, o tipo de interesse linguístico abordado é o gramatical, que consiste num conhecimento (sub)sistêmico da linguagem. Esse saber foi produzido por um autor, Grivet, e divulgado numa obra impressa, difundida por livrarias que a comercializavam para cidadãos em geral, apesar de professores de português serem seu público-alvo. Em relação ao enquadramento do conhecimento linguístico que estudamos, ou seja, o formato e a forma de expressão do conteúdo, temos uma mistura de dois tipos listados por Swiggers (2019): proposicional e modular. Proposicional porque Grivet faz afirmações e negações sobre a língua, e modular porque o gramático estabelece um modelo teórico de análise. Sobre o contexto em que a obra circulou, este foi, predominantemente, científico, visto que a maior parte da circulação da gramática foi em escolas, na época, já responsáveis pelo processo de educação formal.

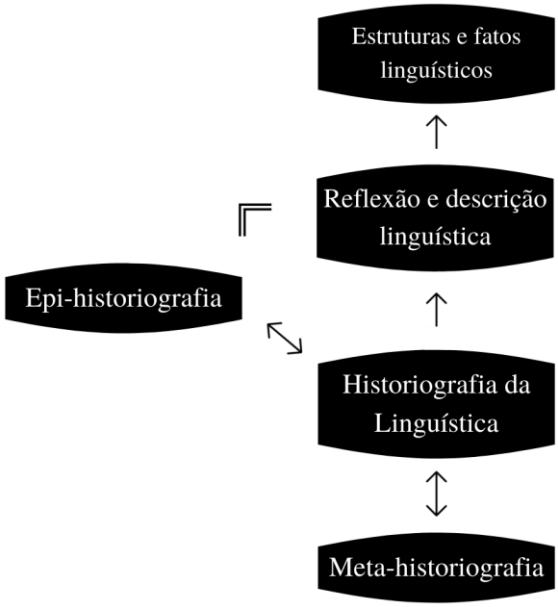
A periodização da pesquisa historiográfica pode ser externa (em virtude de eventos definidos por fatores políticos, econômicos e científicos), interna (por causa de propriedades caracterizadoras de determinado período) ou mista. A área problemática pode abarcar tópicos relevantes, fatos ou agentes atuantes. Nesta pesquisa, temos a periodização de uma história interna de um agente atuante, uma vez que nos concentramos na obra de um autor específico.

Os requisitos quantitativos e qualitativos definidos por Swiggers (2019) para uma pesquisa historiográfica dizem respeito à quantidade de textos-fontes pertinentes à pesquisa, à cobertura exaustiva de dados biográficos e bibliográficos, ao diálogo com a literatura secundária e à exposição da pesquisa. Destacamos, aqui, a importância da pretensão de exaustividade numa pesquisa historiográfica. Quando procuramos documentos ou trabalhos que já trataram sobre nosso objeto, é interessante que busquemos o máximo de informações possíveis em variadas fontes.

É imprescindível que o historiógrafo, devido a seu papel de descrever e de interpretar o conhecimento linguístico, tenha formação em Linguística, já que "[...] a falta de uma formação completa e abrangente em Linguística é prejudicial a qualquer tentativa de uma prática séria da Historiografia Linguística" (SWIGGERS, 2019, p. 55). Para analisar os estudos da linguagem, o pesquisador deve conhecer os interesses e os métodos dessa disciplina. Além disso, deve ter a capacidade de projetar os problemas no passado, considerando o contexto cultural, social e político da época e evitando os anacronismos. Com a finalidade de possibilitar esse processo, é preciso que o estudioso, a depender de seu objeto de estudo, se dedique ao conhecimento dos fundamentos de outras ciências que sejam pertinentes a seu objeto e a seu objetivo de pesquisa.

A fim de sintetizar a Historiografia da Linguística, consideramos pertinente reproduzir, na Figura 18, um esquema adaptado de Swiggers (2010):

Figura 18 – Organograma da Historiografia da Linguística



Fonte: adaptada de Swiggers (2010, p. 4)

O primeiro item do organograma, “estruturas e fatos linguísticos”, é o objeto da Linguística. Essas estruturas e esses fatos linguísticos são situações e padrões da língua e da linguagem. Já o segundo elemento, “reflexão e descrição linguística”, é a própria Linguística, isto é, as ideias sobre língua e linguagem. Por esse motivo, existe uma seta partindo desse elemento (a disciplina) para o primeiro (seu objeto). A “epi-historiografia”, que se apresenta à esquerda da figura, se ocupa da documentação sobre agentes e produtos históricos, ou seja, do levantamento de dados para que se chegue à HL. O símbolo “⌐”, entre “reflexão e descrição linguística” e “epi-historiografia”, indica a relação factual entre esses dois elementos. Já a seta de duas pontas entre “Epi-historiografia” e “Historiografia da Linguística” sinaliza a necessidade de uma documentação para que se possa constituir uma pesquisa historiográfica.

O último elemento, “meta-historiografia”, é o quadro teórico-metodológico da Historiografia da Linguística. Ele é necessário para que nos localizemos num ponto de vista cientificamente fundamentado. A meta-historiografia, para Swiggers (2010), é dividida em i) construtiva, porque apresenta o arcabouço geral da disciplina; ii) crítica, porque critica os produtos provenientes do trabalho historiográfico; e iii) especulativa ou contemplativa, porque busca refletir filosoficamente sobre os produtos historiográficos. A meta-historiografia serve para melhorar a compreensão das dimensões da pesquisa historiográfica, o que pode ser feito através de vários meios: documentação, contextualização e elaboração do aparelho hermenêutico.

Resumidamente, o organograma pode ser lido da seguinte forma: a língua (primeiro elemento) é analisada pela Linguística (segundo elemento), que é objeto da Historiografia da Linguística (quarto elemento). A epi-historiografia (terceiro elemento) media a relação entre a HL e a Linguística, pois lida com informações sobre os agentes e sobre os produtos materiais envolvidos com informações de outras áreas. Já a meta-historiografia (quinto elemento) é a reflexão sobre a relação de todos esses elementos.

Apesar de ser relativamente nova, a HL é bastante complexa. Ainda vale a pena expormos um trecho de Swiggers (2013) sobre a importância dessa disciplina para a formação do pesquisador de Linguística:

> [d]iante do menosprezo que se nota, ao menos em certos países, a respeito da historiografia da linguística, há de ressaltar sua importância cognitiva e educativa. A história das reflexões e dos esforços envidados em prol do fenômeno da linguagem é uma parcela essencial de nossa história como seres humanos, e seu estudo não só nos ensina muito sobre a história da linguística (e sua proto-história), como também sobre o papel central que exerceu e ainda exerce a linguagem na história das culturas, das sociedades, das atividades intelectuais da humanidade. (SWIGGERS, 2013, p. 49)

Olhar para o passado é ter ferramentas para lidar com os problemas do presente. A história nos permite entender nosso atual contexto. As teorias linguísticas que conhecemos hoje não surgiram do nada. Ideias que pensamos serem novas e "revolucionárias" já existem desde a Antiguidade. Ter consciência dos conhecimentos linguísticos ao longo do tempo e interpretá-los é construir novos horizontes de pesquisa e de ensino para o presente.

2.2 Tratamento da metalinguagem: adaptando o passado

Outro ponto que tem sido debatido na HL – de grande importância para nosso trabalho – é a questão da metalinguagem. O conceito de um termo científico muda ao longo do tempo. A própria palavra "metalinguagem" teve seu sentido alterado no decurso das épocas. Segundo Rosa (2020), para Roman Jakobson, a metalinguagem era a comunicação voltada para a comunicação, ou seja, a utilização da língua para falar dela mesma. Esse sentido acompanhou a formação de muitos linguistas brasileiros, mas não era o único nem o original. O termo "metalinguagem" não era da área da Linguística, era da Lógica (KOERNER, 2014a), então, quando foi adaptado para os estudos da linguagem, sofreu alterações.

Para John Lyons, de acordo com Rosa (2020), metalinguagem seria o uso de uma língua para descrever uma outra, em vez de usar uma língua para se descrever. Assim, surgiu

a distinção entre linguagem-objeto, que pode ser uma língua natural, e a metalinguagem, que é um instrumento científico que fala da linguagem. Esse primeiro sentido, também utilizado por Koerner (2014a), é o que utilizamos aqui, o da metalinguagem que engloba termos que se referem a elementos da língua e à relação entre eles.

Ao analisar um texto escrito em outra época, o historiógrafo, no momento presente, se depara com termos não mais utilizados naquele momento da ciência. Embora o estudioso não possa fugir do vocabulário moderno, ele deve ter cuidado ao usá-lo. É importante discutir esse tema porque "[...] pelo menos uma parte do sucesso ou fracasso do historiógrafo da linguística depende de como lida com o problema da 'metalinguagem'" (KOERNER, 2014a, p. 78).

A questão da metalinguagem, então, é observar "[...] a linguagem empregue para descrever ideias do passado sobre a linguagem e a linguística [...]" (KOERNER, 2014c, p. 57). Um exemplo de como a metalinguagem pode ser um problema é o conceito de arbitrariedade em Saussure. Koerner (2014c) afirma que essa noção saussuriana tem sido usada para discutir a semiótica dos estoicos (séc. III a.C.), como se eles tivessem lido o *Curso de Linguística Geral* (1916) e os artigos de Charles S. Pierce (1839-1914).

Trabalhar apenas com os metatermos da obra analisada afastaria a compreensão de outros estudiosos da linguagem sobre o texto do historiógrafo, segundo Koerner (2014a). Por outro lado, ao usar uma terminologia atual para se referir ao texto analisado, o pesquisador corre o risco de distorcer as teorias linguísticas do passado. Para resolver esse impasse, a adaptação ao vocabulário moderno deve ser feita, mas com o devido cuidado para não falsear ideias linguísticas do material analisado, causando distorções historiográficas. Para que equívocos sejam evitados, Koerner (2014c) sugere a aplicação de três princípios na análise historiográfica: o da contextualização, o da imanência e o da adequação.

O princípio da contextualização é caracterizado por uma análise histórica e intelectual, isto é, pela busca de fontes históricas, com o intuito de tomar conhecimento do que acontecia no período de publicação do material analisado. Isso não significa que o historiógrafo deva resenhar fontes e contextualizar tudo o que acontecia, mas realizar recortes das partes da história que dialoguem com seu objeto. Já a análise intelectual se refere aos aspectos específicos que se relacionam com o produto historiografado, isto é, quais eram as concepções epistemológicas das outras disciplinas que dialogam com o objeto.

O segundo princípio trata da análise do texto em sua imanência, ou seja, em seu próprio quadro teórico, visto que o texto é considerado como um sistema de ideias sobre a linguagem. Para isso, o pesquisador deve analisar seu objeto dentro de organização

sistemática desse objeto e conhecê-lo a partir da relação que ele estabelece com outras teorias, com outros elementos dentro do sistema investigado, que estão documentados em uma fonte historiográfica. É importante destacar que o quadro geral da teoria e a terminologia utilizada devem ser definidos internamente, não em relação a alguma teoria da Linguística moderna.

Por último, no princípio da adequação, o historiógrafo, depois de ter contextualizado e analisado seu objeto, pode estabelecer comparações com as ideias linguísticas de seu tempo e de outros tempos. Assim, o pesquisador precisa indicar para seu leitor o fato de as aproximações terem sido feitas por ele, o que significa ser explícito nas adaptações que está propondo.

Acerca desses três princípios, Koerner (2014c, p. 59) ainda pontua:

> [...] [se], e somente se, estes três princípios, isto é, a contextualização histórica e intelectual, a análise do texto no seu próprio quadro teórico [...] e uma descrição clara das ferramentas empregues na tentativa de tornar o texto mais facilmente acessível ao linguista moderno, estão a ser adequadamente tidos em conta, é que se pode esperar que distorções sérias das ideias e intenções dos linguistas, dos filósofos da linguagem, ou dos gramáticos do passado possam ser evitadas.

Para o autor, então, esses três princípios podem auxiliar o historiógrafo da linguística a trabalhar com a metalinguagem de fontes historiográficas e a não cometer anacronismos, adaptando o arcabouço teórico à linguagem moderna em seu contexto intelectual e a seu quadro teórico. Dessa forma, o pesquisador evita a distorção histórica e o distanciamento entre sua pesquisa e os atuais leitores.

2.3 Influência: motivações e inspirações para produção

Quando Auroux (2014) trata de “horizonte de retrospecção”, ele se refere aos acontecimentos passados, muitas vezes esquecidos, que interferem nas práticas do tempo presente. O passado, que atua por meio da memória, ajuda a planejar e a organizar o futuro, visto que ideias e pensamentos não surgem do nada. A história de cada indivíduo molda seus interesses, seu jeito de agir, seu modo de pensar e de se comportar. A questão da influência na Historiografia da Linguística ainda é de difícil definição. Koerner (2014b) chama a atenção para o fato de que esse termo costuma ser utilizado por pesquisadores sem o definirem em seus trabalhos, como se seu sentido fosse dado pelo senso comum.

No entanto, existem diferentes tipos de influência. É por isso que consideramos pertinente expor o que entendemos por essa categoria de análise. Antes, é preciso atentar para a importância do estudo da influência em qualquer trabalho historiográfico. Sobre isso, Cavaliere (2020) afirma:

> [...] a investigação sobre o fenômeno da influência no corpo da sociedade contribui decisivamente para que entendamos por que certas crenças – religiosas, políticas, artísticas e científicas – ganham prestígio e perduram no decurso do tempo, ao passo que outras caem no esquecimento das coisas irrelevantes. (CAVALIERE, 2020, p. 133)

Nem sempre o trabalho mais elaborado ganha destaque na história da Linguística, e nem sempre o que ganha destaque é o mais elaborado. Algumas ideias são prestigiadas, e outras não o são devido a fatores externos a elas, como posicionamentos políticos. Em razão disso, é importante estudarmos o contexto social e histórico que permeia nosso objeto de estudo.

O historiógrafo da Linguística pode observar os pensamentos que perpassaram a produção do seu objeto em análise por meio de referências textuais. Entretanto, essas referências não estão presentes em todos os materiais analisados. Cavaliere (2020) comenta que o hábito de oferecer referências explícitas de obras e de autores consultados, no Brasil, só se estabeleceu na segunda década do século XX. Dessa forma, uma alternativa sugerida pelo autor é a de que, nesses casos,

> [a] ausência de referência explícita das obras e autores consultados pode ser suprida pela análise contextualizada do texto linguístico, seja no interior de um dado paradigma, seja pela via da metalinguagem utilizada. (CAVALIERE, 2020, p. 137)

Em outras palavras, mesmo que as referências não estejam explícitas no documento, é possível sabermos quais autores e obras influenciaram a produção daquela ideia linguística. Cavaliere (2020) cita como exemplo a obra *Estrutura da língua portuguesa* (1970), de Joaquim Mattoso Camara Jr. (1904-1970). Esse texto foi publicado postumamente, sem que os devidos ajustes fossem realizados pelo autor, como a inserção de referências. No entanto, pela leitura sistemática da obra, é possível sabermos os textos que exerceram influência sobre Mattoso Camara Jr.: os do estruturalismo norte-americano. O estabelecimento dessa relação de influência também se dá pela história do linguista, já que ele foi aluno, nos EUA, de

pesquisadores que se dedicaram aos estudos estruturais, como Roman Jakobson (1896-1962), que foi um dos pioneiros desse tipo de análise.

Por esse motivo, é necessária uma investigação sobre a formação intelectual do autor do objeto analisado, Charles Adrien Olivier Grivet. Para Koerner (2014b), a categoria de análise da influência, em resumo, diz respeito aos elementos que, direta ou indiretamente, tiveram impacto sobre a elaboração de uma ideia sobre a linguagem. O pesquisador aponta que:

> [o]s antecedentes de um autor em particular, a sua tradição familiar, escolaridade, primeiros estudos e os interesses pessoais e as ocupações durante os seus anos de formação podem ser importantes para estabelecer conexões que podem conduzir a provas (frequentemente inconscientes) de empréstimo, integração e assimilação de particulares ideias, conceitos ou teorias. Papéis de família, correspondência, currículos escolares, cursos universitários frequentados por um dado autor podem servir como fontes para o historiógrafo. (KOERNER, 2014b, p. 101)

A formação intelectual do autor e a presença de relações intertextuais nos materiais em análise são alguns dos elementos que interessam à análise do historiógrafo. Além dessas formas de influência, também podemos observar o impacto social, político e cultural na produção e na difusão dos conhecimentos linguísticos. Escrever uma gramática no Brasil do século XIX, quando a imprensa estava sendo iniciada, não é a mesma coisa de escrever uma gramática nos anos de 1960, quando o país estava passando por um regime ditatorial; nem é o mesmo processo de escrever uma gramática no Brasil dos anos 2000, pois as demandas sociais desses três momentos são diferentes.

No âmbito da HL, a influência também é vista como um problema, no sentido de que ela pode ser apresentada como argumento conveniente, como se todas as coisas se dessem numa relação de causa e consequência, como se não houvesse descontinuação das ideias. Koerner (2014b) exemplifica o problema da influência com três nomes de destaque na Linguística: Wilhelm von Humboldt (1767-1835), August Schleicher (1882-1934) e Ferdinand de Saussure (1853-1913). Para o autor, não podemos dizer que Humboldt, Schleicher e Saussure, cada um a seu tempo, elaboraram suas ideias a partir da leitura de, respectivamente, Johann Gottfried von Herder (1774-1803), Charles Darwin (1809-1882) e Émile Durkheim (1858-1917). Todos os pares citados estavam vivendo um mesmo clima de opinião, estavam inseridos num mesmo ambiente intelectual que influenciou seus pensamentos. Dessa forma, não é possível afirmar que houve uma influência de um sobre o outro.

Para que esse problema seja repensado, Koerner (2014b) sugere que sejam considerados os seguintes pontos ao explorar a categoria influência numa pesquisa historiográfica: i) o histórico do autor, ii) a prova textual; e iii) o reconhecimento público. O primeiro aspecto trata dos antecedentes do autor e das informações sobre sua formação. Em nossa pesquisa, depois da realização do levantamento de fontes com informações sobre o autor, como jornais e revistas nacionais e internacionais, pudemos compilar dados que orientam a análise e a interpretação da obra, como os lugares onde o autor trabalhou, quais eram seus ciclos sociais, a quais causas se dedicava, entre outros. O segundo ponto é a prova textual, ou seja, o estabelecimento de um paralelo entre uma teoria ou um conceito e suas supostas fontes. O histórico do autor pode ajudar a estabelecer essas fontes, como os ambientes acadêmicos nos quais circulava, qual foi sua formação, de qual grupos de pesquisa participava etc. No terceiro ponto, o reconhecimento público ocorre quando existem referências diretas a outras obras. Nesse caso, é necessário o estudo das obras citadas pelo autor para estabelecer a relação de influência.

No caso da citação, podemos refletir, ainda, que "[c]itar é, na busca por evidências do argumento de influência, expor aquilo que um pesquisador considera seu domínio de atuação e também fixar uma imagem que se quer reconhecida entre seus pares" (BATISTA, 2020a, p. 65). Quando um autor se utiliza desse artifício, ele busca parceiros de profissão para traçar uma rede discursiva e se inserir nesse meio, procurando o reconhecimento dos seus pares.

Batista (2020a), ao tratar da influência, afirma que ela pode ser captada por meio de dois aspectos: i) posicionamentos intelectuais e científicos de um agente no seu processo de formação intelectual (como obras lidas) e/ou pessoal (comunicações institucionalizadas ou privadas); e ii) contexto histórico, social, político, ideológico e cultural, isto é, a ausência de um contato necessariamente efetivo entre as pessoas.

Altman (2018) alerta sobre um cuidado que devemos ter ao considerarmos a influência: o da perda da dimensão coletiva do conhecimento. Para a autora, se pensarmos na influência em termos de *Zeitgeist*, ou seja, que o espírito da época de um autor o levou a um pensamento, essa seria uma concepção muito ampla e insatisfatória. No entanto, se apenas investigamos os vestígios, a extensão do conceito de influência seria reduzida e, dessa forma, correríamos o risco da perda das contribuições vindas do coletivo.

Assim, Altman (2018) sugere que, por questões metodológicas, seria mais proveitoso pensarmos em gerações ou grupos que dialogam tendo como centro uma ideia ou um pensamento, pois "[...] mais do que concluir pela influência de um 'pioneiro-herói' de quem

emana todo o conhecimento, cabe ao historiógrafo reconstruir o percurso, sempre coletivo, que o conhecimento percorre" (ALTMAN, 2018, p. 178).

Dessa forma, construir uma rede de influências permite que o historiógrafo analise a produção do conhecimento linguístico de forma contextualizada, pois esse conhecimento é consequência de uma formação intelectual e histórica individual e coletiva. Essa categoria é fundamental para compreendermos as possíveis origens e as ligações de ideias linguísticas.

2.4 Retórica: posicionamento e persuasão

Não obstante os esforços do historiógrafo para estabelecer critérios metodológicos que confiram à pesquisa o caráter de cientificidade, toda produção historiográfica é fruto de uma seleção feita pelo pesquisador, que realizou recortes e definiu parâmetros de análise. Para Batista (2018), esse produto historiográfico precisa ser entendido a partir de um contexto social, histórico e intelectual, uma vez que a construção de um fato histórico é considerada um produto discursivo, elaborado mediante os propósitos do historiador.

Um trabalho sobre a linguagem é uma elaboração retórica que, segundo Batista (2018, p. 148), se configura como "[...] uma escrita cujo objetivo é ressaltar um fato e agentes em meio a tantos outros, e, portanto, convencer e persuadir em torno das escolhas feitas [...]". Quando nos comunicamos, o fazemos com alguma intenção. Com a produção linguística, não é diferente. Um autor produz seu discurso em busca de sentidos que são do seu interesse produzir ou reproduzir.

Na Historiografia da Linguística, essa "[...] manifestação linguístico-discursiva, em busca de persuasão, de um agente da produção ou recepção de estudos sobre línguas e linguagem, circunscrito a um programa de investigação (Swiggers 2004) e a um grupo de especialidade (Murray 1994)"[14] (BATISTA, 2018, p. 149) recebe o nome de retórica. Essa categoria de análise, resumidamente, é utilizada para se referir ao posicionamento de um agente diante dos trabalhos de seus predecessores e/ou contemporâneos e à persuasão estabelecida por ele em seu texto.

A retórica diz respeito a escolhas linguísticas e intenções dos atos comunicativos, explícitas ou implícitas, e também à persuasão, que é base de toda interação verbal. Ela tem

[14] Neste trabalho, não trabalhamos diretamente com as noções de "programa de investigação" e de "grupo de especialidade", mas, para melhor compreensão, as resumiremos aqui. A expressão "programa de investigação", utilizada por Swiggers (2004), se refere a conjuntos de práticas, concepções e procedimentos metodológicos compartilhados por autores e escolas. Já "grupo de especialidade", segundo Murray (1998), trata de grupos organizados institucionalmente que têm como objetivo legitimar o modelo teórico que defendem.

como objetivo convencer sobre a legitimidade de algum saber ou técnica. Para isso, são utilizadas configurações textuais e discursivas e argumentos que sustentam ideias linguísticas da natureza de uma teoria a ser difundida. É dessa forma que os agentes de conhecimento atuam com o intuito de convencer o número máximo de pessoas sobre o seu empenho nos estudos sobre a linguagem, tendo em vista o caráter coletivo da produção intelectual (BATISTA, 2020a).

Segundo Murray (1998), a retórica pode ser de continuidade ou revolucionária. A retórica de continuidade é filiada a uma determinada tradição de pesquisa, devendo seus feitos a essa tradição. Por sua vez, a retórica revolucionária é aquela com reivindicações, que clama por descontinuidade e que rejeita o trabalho de cientistas predecessores ou procura se afastar deles. É fundamental destacar que, conforme Batista (2020b), o que os autores afirmam fazer pode ficar apenas no nível retórico, isto é, um pesquisador pode alegar romper com estudos linguísticos praticados até o momento, mas, na prática, não se afastar muito deles.

A escolha retórica, para Murray (1998), depende de três fatores relacionados ao pesquisador: i) do seu potencial de elite (*relative eliteness*) – se o cientista trabalha ou estuda numa instituição prestigiada, se ela está geograficamente localizada numa área mais prestigiada; ii) da sua idade profissional – se é um estudante de pós-graduação, se é um recém-doutor ou se é um professor universitário que já atua há bastante tempo; e iii) do reconhecimento de seus pares – se mantém diálogo com outros grupos de estudo e se esses grupos conhecem e aprovam suas pesquisas. A aceitação de uma ideia linguística depende de vários fatores, e esses são alguns deles.

A partir disso, nos baseando também em Batista (2019), temos como premissas as ideias de que i) o conhecimento resulta da articulação entre fatores intelectuais, sociais e históricos; ii) o posicionamento linguístico-discursivo evidencia a inserção social e institucional; iii) as manifestações discursivas que advogam por descontinuidade podem ser vazias; e iv) os grupos de especialidade legitimam ou não as ideias linguísticas. Dessa forma, o conhecimento, gerado em certo contexto social, é posicionado contra ou a favor de alguma tradição já existente. A ruptura declarada pelo autor pode ser falseada, isto é, pode clamar por uma mudança, mas, na prática, dar continuidade às ideias daquela tradição a qual ele se opõe. Mesmo que suas ideias descontinuem a tradição, grupos de especialidade – constituídos por outros pesquisadores da mesma área – precisam reconhecer suas concepções linguísticas.

Para que a retórica seja evidenciada pelo historiógrafo, Batista (2019) traça um quadro sociorretórico com o intuito de propor procedimentos metodológicos que guiem essa análise.

Para isso, é necessário que o pesquisador i) compreenda como é construída a legitimidade de um saber por meio do discurso produzido; ii) analise recursos linguísticos e argumentativos utilizados nas retóricas de ruptura ou de continuidade; e iii) interprete os saberes e o discurso em sua circunstância histórica, social e ideológica. Objetivando realizar esses movimentos, o autor sugere que sejam observados o contexto histórico do objeto, o público consumidor e os modos como o objeto foi divulgado, a natureza das controvérsias científicas/intelectuais que o cercam, as vozes discursivas presentes no trabalho, as estratégias de argumentação e a estrutura textual presente no objeto.

Os passos para que esse procedimento seja realizado seguem as etapas de contextualização social e histórica, análise da retórica e estabelecimento da relação da retórica com seu ambiente de circulação e recepção (BATISTA, 2019). A primeira fase dialoga com o princípio da contextualização de Koerner (2014c), sobre o qual já tratamos. A análise da retórica envolve outras subetapas, como a análise das provas e de argumentos que corroboram os posicionamentos adotados pelo autor e a análise da configuração lexical e gramatical da retórica, ou seja, a observação da estrutura textual. Essa segunda etapa está relacionada à camadas contextual de conhecimento linguístico (SWIGGERS, 2014, 2019), acerca da qual discutiremos na próxima subseção. Na terceira etapa, o historiógrafo busca compreender os resultados da retórica empregada pelo autor do objeto: se ela foi de continuação ou de descontinuação e como ela se colocou na construção histórica e social de um campo de saber.

Ainda, é interessante observar que a análise retórica está mais associada a alguns gêneros do discurso, como prefácios e posfácios, resenhas e quarta capa, pois, por meio deles, os autores querem atrair possíveis leitores para suas obras. Apesar da predominância de material para ser analisado nesses gêneros, isso não significa que a retórica também não possa ser manifestada em outros. Devemos, contudo, estar atentos à natureza do objeto analisado, que determina o que precisa receber mais destaque na observação e na interpretação historiográfica.

Em nosso trabalho, a retórica de Grivet pode ser observada pelos traços linguísticos no texto. O movimento retórico de um autor começa pelo título dado à gramática – se ela é apresentada como “nova”, “novíssima”, se é da “língua portuguesa” ou do “português brasileiro”. Os elementos pré-textuais também são importantes para observar esses movimentos retóricos. Em nosso objeto de pesquisa, sendo uma publicação póstuma, esses elementos não foram escritos por Grivet. Retomaremos essa discussão posteriormente.

2.5 Camadas do conhecimento linguístico: explicação da dinâmica linguística

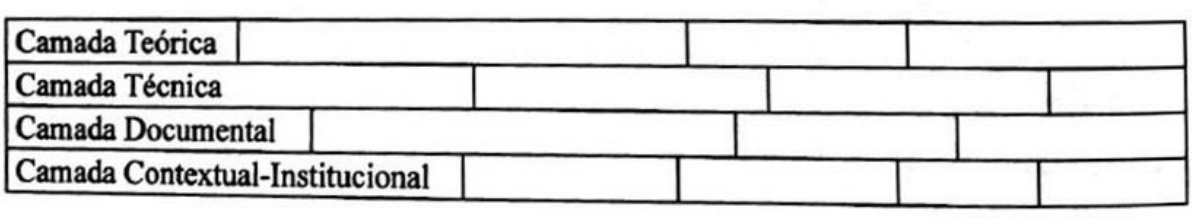
A dinâmica da história da Linguística é heterogênea. No decorrer dos estudos da linguagem, podemos observar conflitos de pensamentos. Algumas ideias divergem de outras, mas também podem apresentar aspectos em comum. O físico Peter Galison (1955-), para descrever o desenvolvimento da Microfísica, explicou a história da disciplina dividindo-a em três camadas: uma experimental (experimentos de laboratório), uma instrumental (elaboração de equipamentos técnicos) e uma teórica (SWIGGERS, 2020a, 2020b).

Galison explica essa divisão em camadas com a analogia da parede de tijolos. Numa construção desse tipo, os tijolos não são postos um acima da outro. Pelo contrário, as fileiras precisam ficar numa posição alternada para sustentar a outra. Então, a ciência, no caso, a Microfísica, seria formada por mais de um revestimento, mais de uma camada, uma amparando a outra.

Pensando na Linguística, podemos afirmar que ela é menos dependente de experimentos do que as ciências da natureza, pois, nela, a teoria e a prática se misturam. Além disso, é comum que as atividades científicas dos estudos da linguagem sejam acumuladas por uma única pessoa, ao contrário do que ocorre nas ciências exatas e da natureza. Apesar dessas diferenças em relação a outras áreas do conhecimento, ou seja, o acúmulo de tarefas do pesquisador e a menor recorrência do método experimental, não se pode concluir que a prática linguística é constituída por uma monocamada (SWIGGERS, 2020a, 2020b).

A fim de descrever e de analisar a dinâmica linguística, Swiggers (2004, 2019), com base no pensamento de Peter Galison, propõe o modelo das "camadas do conhecimento linguístico". Essas camadas se dividem em quatro: teórica, técnica, documental e contextual-institucional. Para lidar com essa categoria de análise de forma mais fácil, o autor, de forma imagética, também utiliza o esquema da parede de tijolos, que pode ser visto na Figura 19:

Figura 19 – Modelo de camadas do conhecimento



Fonte: Swiggers (2019, p. 68)

A dinâmica na história das ciências se explica por uma “superposição” de camadas. Cada “tijolo” corresponde a uma estrutura dessas camadas. A quebra de um tijolo pode significar uma mudança, mas não uma ruptura completa com um paradigma. Para isso, seria necessário quebrar todos os “tijolos” ao mesmo tempo. Essa parede pode sofrer rachaduras e ter partes profundamente modificadas, mas ainda ficar de pé, sustentando-se.

Devemos nos atentar para o fato de que essa analogia não é absoluta, pois nossos dados são fatos que devem ser analisados com atributos históricos, ideológicos, psicológicos e até mesmo com a “sorte e acaso” (SWIGGERS, 2020a, p. 5) para explicar suas ocorrências.

A camada teórica corresponde à visão global de linguagem, à concepção de tarefas, aos *insights* e às afirmações teóricas sobre a linguagem que podemos encontrar no material em análise. No nosso estudo, trabalhamos essa camada com a exploração dos conceitos elaborados por Grivet sobre gramática, enfatizando sempre a sintaxe e, por conseguinte, as funções exercidas pelo verbo, pelo substantivo, pelos complementos etc.

A camada técnica diz respeito às técnicas de análise e aos métodos de apresentação dos dados. Quando fazemos uso dessa camada em nossa pesquisa, queremos mostrar como o autor estudado divide sua obra, especialmente a explanação sintática, e quais termos utiliza para lidar com os dados, isto é, a rede taxonômica empregada por Grivet. Para Swiggers (2020a), o grau de tecnicidade, até certo ponto, está ligado à teoria, visto que essa rede taxonômica está atrelada a uma teoria.

A camada documental trata da documentação sobre a qual o estudo linguístico se apoia, considerando as línguas usadas e os tipos de fontes. Em nosso estudo, analisamos o exemplar linguístico usado pelo suíço para constituir as amostras linguísticas que o auxiliam a demonstrar as descrições linguísticas elaboradas por ele.

Já a camada contextual-institucional diz respeito ao contexto cultural e institucional que cerca as práticas linguísticas do material analisado. Em nossa pesquisa, essa camada pode ser observada nas explicações sobre a retórica do autor e suas influências explícitas – através de citações diretas – ou não – através da sua biografia, o que inclui seu histórico pessoal, profissional e o próprio período histórico em que o autor viveu.

Essas camadas podem ser utilizadas de diversas maneiras. Um exemplo é a tradição gramatical, que teve mudanças na sua camada documental e técnica – com a modificação da abordagem da língua latina para as línguas europeias modernas – e na sua camada teórica – com a passagem da linhagem latinizada para racionalista e empirista, por exemplo. Apesar

dessas modificações, a noção de tradição gramatical continua e, ainda hoje, no século XXI, temos exemplares da GT publicados.

Como vantagens da utilização das camadas para descrever e explicar a história dos estudos da linguagem, Swiggers (2019, 2020a, 2020b) aponta que:

i) o uso dessas categorias se faz necessário porque permite explicar que mudanças e inovações numa camada não correspondem, necessariamente, a uma quebra de toda a tradição de pesquisa – com isso, auxilia também na explicação sobre a inovação ou a estagnação de um pensamento linguístico;
ii) o modelo permite entender a dinâmica da disciplina de diferentes formas, como as mudanças intracamadas, as mudanças na relação entre duas camadas ou a sobreposição de todas as camadas;
iii) a utilização desse modelo pode servir de padrão de referência para projetos em Historiografia da Linguística, já que pode ser tomado como ponto de partida para o estudo de um objeto.

As camadas do conhecimento podem ser utilizadas para estudar teorias e modelos linguísticos ou a própria história da Linguística. Dessa forma, ela permite detectar mudanças em cada tijolo da parede do que entendemos por estudos da linguagem. Na realização de nossa pesquisa, a utilização do modelo de camadas é pertinente por permitir a análise dos movimentos de continuidade e de descontinuidade da gramática investigada. Além disso, ele auxilia a estabelecer os pontos teóricos, técnicos, documentais e contextuais a serem tratados, como um recurso instrumental e organizacional.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A elaboração da metodologia é fundamental para a execução de qualquer pesquisa. É por meio de técnicas de análise que as fontes de informação, de forma sistemática, são organizadas e interpretadas. No caso da Historiografia da Linguística, segundo Koerner (2014c), as técnicas adotadas pelo pesquisador devem ser adaptadas ao seu objeto e aos seus objetivos. Pela diversidade de fontes com as quais a HL lida, não existe uma trajetória apriorística para a realização de uma pesquisa. Sobre essa questão, Koerner (2014c) afirma:

> [...] é legítimo que o historiógrafo procure diretrizes e modelos a imitar para além do seu próprio campo. É importante compreender, entretanto, que devido à natureza particular do objeto de investigação, nomeadamente, as teorias da linguagem (bem como as teorias da linguística), a sua aplicação e a sua evolução através do tempo, os historiadores da linguística devem insistir em procurar o seu próprio quadro, a sua própria metodologia e epistemologia, e não podem ficar à espera e aplicar os métodos e os ensinamentos de outros campos diretamente ao seu objeto de investigação [...] (KOERNER, 2014c, p. 46)

As contribuições de outras áreas do conhecimento – e da própria Linguística – são bem-vindas. Entretanto, o historiógrafo não pode aplicar diretamente à sua pesquisa a mesma metodologia de outras áreas e de outros trabalhos, mesmo os da HL, visto que cada trabalho tem uma finalidade e um objeto diferente. Dessa forma, nesta pesquisa, nos inspiramos em metodologias de outros trabalhos, mas as adaptamos conforme nossas especificidades científicas.

Nosso principal objeto de estudo é a *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (1881), de Charles Grivet. Além dessa fonte, também nos apoiamos em publicações de jornais, o que confere um caráter documental ao trabalho, que, segundo Marconi e Lakatos (2019, p. 190), tem como característica "[...] tomar como fonte de coleta de dados apenas documentos, escritos ou não, que constituem o que se denomina de fontes primárias". Isso acontece porque tanto a gramática quanto os jornais são os objetos dos quais extraímos dados diretamente.

Ainda, nosso trabalho é de natureza descritivo-interpretativa, pois, além de descrever o objeto analisado, elaboramos interpretações e reflexões acerca do material, dialogando com as noções, de Swiggers (2013), de historiografia nocional-estrutural (análise estrutural do conjunto de ideias), correlativa (correlação de pontos de vista e o contexto), arquitetônico-

axiomática (descrição e análise da estrutura de teorias como sistemas de axiomas) e, de certa forma, atomística (busca da análise de acontecimentos e fatos). Para tornar isso possível, nossos movimentos analíticos estão ancorados principalmente nas categorias teórico-analíticas citadas no capítulo anterior: i) influência; ii) retórica; e iii) camadas do conhecimento linguístico. Todas elas são utilizadas no âmbito da Historiografia da Linguística, disciplina à qual essa pesquisa está vinculada.

Neste capítulo, expomos o percurso metodológico realizado nesse estudo. Por motivos organizacionais, o dividimos em quatro partes: i) as fases da pesquisa historiográfica: heurística, hermenêutica e executiva; ii) fonte da pesquisa; iii) método de análise da fonte da pesquisa; e iv) levantamento da literatura secundária.

Na primeira parte, "As fases da pesquisa historiográfica: heurística, hermenêutica e executiva", tratamos de uma orientação geral das pesquisa em HL. Na segunda, "Fonte da pesquisa", exploramos aspectos gerais da *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*. Na terceira, "Método de análise da fonte da pesquisa", expomos como foi realizada a extração de dados da gramática. Na quarta e última, "Levantamento das fontes secundárias", explicamos de que modo foi realizado o levantamento das publicações, em jornais dos séculos XIX, XX e XXI, relativas à gramática e a Grivet e sua família.

3.1 As fases da pesquisa historiográfica: heurística, hermenêutica e executiva

Como já explicamos, a metodologia específica de cada pesquisa em HL deve ser adaptada de acordo com o objeto, os interesses e os objetivos de cada historiógrafo (SWIGGERS, 2013). No entanto, algumas fases mais amplas são comuns às pesquisas historiográficas: a heurística, a hermenêutica e a executiva.

Na primeira fase, a heurística, o historiógrafo deve realizar a contextualização histórica e intelectual do seu objeto. Nessa etapa, são executadas atividades como "[...] informar-se sobre as fontes e sua disponibilidade; ler os textos-fontes; 'catalogar' ideias, os pontos de vista e a terminologia; contextualizar as ideias, os termos" (SWIGGERS, 2013, p. 44). Isso significa que o pesquisador precisa relatar informações históricas e sociais sobre a época associadas ao seu objeto e interpretar esses dados, que devem ser pertinentes à análise. Em nossa pesquisa, na fase heurística, as seguintes tarefas foram executadas: i) a leitura e o mapeamento do texto-fonte, *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (1881), de Charles Grivet; ii) o levantamento e a organização de documentações do acervo digital da

Hemeroteca Brasileira e da *Swiss National Library; e* iii) o estabelecimento apriorístico das categorias de análise utilizadas. A leitura e o mapeamento foram feitos para ter um contato prévio com o material antes da análise dos dados (cf. 3.2 e 3.3). Já o levantamento da documentação dos acervos digitais foi realizada para termos mais informações contextuais sobre a obra e seu autor (cf. 3.4).

A partir da fase heurística, a pesquisa deve avançar em direção a uma etapa fundamentada na interpretação contextualizada do conhecimento linguístico (SWIGGERS, 2010). A segunda fase é a hermenêutica, que, para Swiggers (2013), compreende a interpretação do objeto com uso de categorias interpretativas. A partir delas, além de descrever e interpretar o texto de Grivet (1881), com base, também, na documentação levantada na fase anterior, poderemos proceder à análise dos saberes sintáticos do autor. Na fase hermenêutica desta pesquisa, realizamos uma análise interpretativa e crítica dos dados coletados na fase heurística.

Na última fase, a executiva, conforme Swiggers (2013), o pesquisador deve considerar três parâmetros: i) o formato da exposição; ii) a dimensão da intencionalidade do historiógrafo; e iii) a dimensão do programa cognitivo. O primeiro se refere à forma do texto, que pode ser sequencial, remetendo a uma narrativa; tópica, focalizando a análise de um tema ou um tipo de problema; ou combinatória, mesclando o contexto e o ponto de vista em alguma época da história da Linguística. No nosso trabalho, predominam duas formas, a tópica e a combinatória, uma vez que, apesar de focarmos um tema, em alguns trechos, realizamos uma relação entre o pensamento de Grivet e o contexto e os pontos da vista da época.

O segundo parâmetro, o da dimensão da intencionalidade do historiógrafo, trata da escolha do pesquisador pelo tipo de historiografia a ser executada, ou seja, suas escolhas intencionais. Ela pode ser taxonômica (ou classificadora), isto é, quando ela sistematiza e classifica os objetos de estudo; polêmica (ou apologética), quando o estudioso defende ou critica algum pensamento linguístico; teleológica, quando o objetivo do pesquisador é compreender as causas de um pensamento linguístico; ou exegético-crítica, que diz respeito ao estudo explicativo e interpretativo de uma ideia linguística. Aqui, optamos por uma historiografia predominantemente exegético-crítica, porque interpretamos ideias linguísticas.

O último parâmetro, o da dimensão do programa cognitivo, se refere ao perfil intelectual do produto historiográfico, e sua determinação está atrelada ao objeto de estudo e à documentação disponível. Swiggers (2013) afirma que a Historiografia da Linguística pode

ser atomística, por buscar uma análise de acontecimentos e fatos; narrativa, por relatar cronologicamente os eventos; nocional-estrutural, por buscar uma análise estrutural do conjunto de ideias e tipos de abordagem; arquitetônico-axiomática, por descrever e analisar a estrutura lógica de teorias e modelos como sistemas de axiomas; e correlativa, por procurar correlacionar pontos de vista e o contexto sociocultural e político.

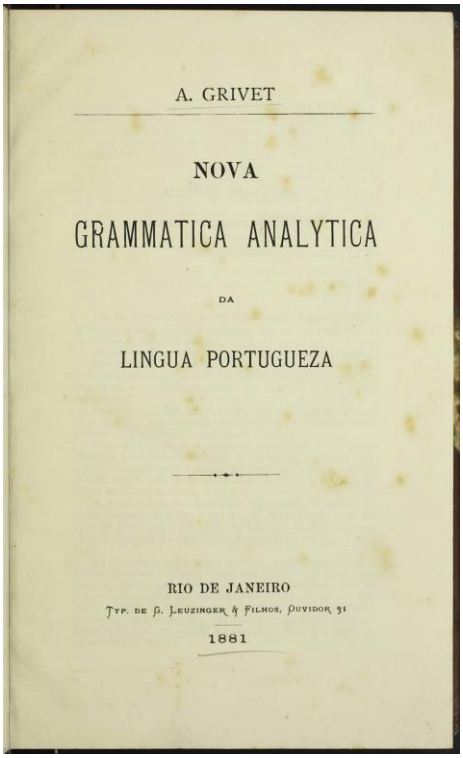
Dessa forma, como explanado anteriormente, nossa pesquisa é predominantemente nocional-estrutural, correlativa e arquitetônico-axiomática, pois buscamos compreender as ideias de Charles Grivet, descrevê-las e interpretá-las, considerando sua imanência e seu contexto sócio-histórico. Entretanto, a característica atomística também está presente, pois, em alguns momentos, buscamos uma análise de acontecimentos e fatos.

3.2 Fonte da pesquisa: a *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*

O tratamento da fonte da pesquisa historiográfica é de suma importância para o andamento do trabalho. Os tipos de materiais que podem servir de fonte, segundo Altman (2012), ultrapassam as formas tradicionais de estudos da linguagem, como as gramáticas e os textos teóricos. Entre essas fontes, também podem ser incluídas autobiografias, prefácios, resenhas, textos orais e até mesmo fotográficos, especialmente quando lidamos com os séculos XIX e XX. Neste trabalho, tomamos uma gramática como fonte principal da pesquisa e publicações de jornais como fontes secundárias.

A obra aqui analisada, como já mencionado, é a *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, de autoria de Charles Adrien Olivier Grivet. O documento foi publicado em 1881, cinco anos após a morte do seu autor. Apesar da data de publicação, a gramática foi totalmente escrita por Grivet – com exceção de alguns elementos pré-textuais – e baseada numa obra anterior do autor, *Grammatica Analytica da Lingua Portuguesa*, publicada em 1865. Como não encontramos a obra de 1865 disponível em sebos e em formato digital online, decidimos direcionar a análise exclusivamente para a *Nova Grammatica Analytica*, de 1881. A obra teve apenas uma edição, cuja capa podemos ver na Figura 20:

Figura 20 – Capa da *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, de C. A. O. Grivet (1881)



Fonte: Grivet (1881)

De início, a *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* parece apenas mais uma produção gramatical brasileira, do fim do século XIX, sobre a língua portuguesa. No entanto, algumas peculiaridades nos chamam atenção. A primeira é o fato de ser uma obra póstuma. A segunda é a nacionalidade do autor, visto que Grivet, de origem suíça, é um dos poucos autores estrangeiros de gramáticas brasileiras do século XIX (POLACHINI, 2018). Sua nacionalidade pode justificar algumas especificidades internas da obra, como a sua isenção à polêmica nacionalista da época[15].

Expostos esses fatos, podemos discorrer sobre o escasso estudo da obra de Grivet. Como vimos no primeiro capítulo (cf. 1.2), esse autor é pouco estudado. Seus contemporâneos, como Júlio Ribeiro (1881) e João Ribeiro (1887), foram e estão sendo protagonistas de pesquisas historiográficas e não historiográficas. Todavia, o pensamento de Grivet parece não ser objeto de análises mais detalhadas. Podemos nos perguntar, então, os motivos para isso: suas ideias linguísticas não são relevantes para a gramaticografia brasileira? Se são, elas tiveram impacto na história dos estudos linguísticos brasileiros? Se

[15] Aqui, nos referimos à defesa de José de Alencar (1829-1877) pelo distanciamento do português falado no Brasil e em Portugal.

tiveram, como e por quê? Sua nacionalidade teria alguma influência nisso? O autor é representativo da sua época? Não obstante essas não sejam exatamente as perguntas de pesquisa (cf. 1.4), elas também nos motivam a analisar essa gramática.

O que justificaria, portanto, a quase total ausência de Grivet nas pesquisas linguísticas? Gurgel (2007), ao tratar da representatividade como critério para seleção de fontes, delineia os traços encontrados nos trabalhos de algumas linguistas – como Cristina Altman, Olga Coelho, Rosa Virgínia Mattos e Silva, Leonor Lopes Fávero, Márcia Molina etc. – para estabelecimento do que seria representatividade no *corpus* da pesquisa de cada uma. Os critérios utilizados por essas linguistas, segundo Gurgel (2007), são eventualidade, função da autoria, gênero textual, geração da autoria, institucionalidade, marco linguístico, motivação, nacionalidade da autoria, nomenclatura da obra, pioneirismo, repercussividade, temática e tempo.

Esses critérios são válidos para constituição de um *corpus*, visto que eles devem estar relacionados aos recortes da problemática de uma pesquisa. No entanto, podemos repensá-los, já que replicá-los seria marginalizar uma série de pensamentos linguísticos que foram descontinuados por motivos externos, não-linguísticos, os quais não têm relação direta com a consistência desses pensamentos.

Se esses critérios de seleção fossem utilizados em relação à obra de Grivet (1881), o autor não seria selecionado por diversos motivos, como o fato de não ter se envolvido no debate de língua nacional (eventualidade), de não ter nascido no Brasil (nacionalidade), de sua gramática ter tido apenas uma edição (repercussividade) etc. Dessa forma, a partir daqueles critérios, o autor não seria representativo.

Entretanto, esse é um motivo válido para um autor ou uma obra não ser estudada? Acreditamos que não, pois obras que fogem dos modelos dominantes têm mais chances de ficar à margem dos estudos. Sobre o critério da repercussividade, que mais apareceu nos trabalhos analisados por Gurgel (2007, p. 272), a autora levanta algumas questões: "[...] 1) Quando uma fonte repercutiu? – No passado ou no presente? Quando no passado?; 2) Em quem uma fonte repercutiu?; 3) Por que ela repercutiu?; 4) Como ela repercutiu; 5) Onde ela repercutiu?". Pensando sobre esses questionamentos, podemos perceber que, às vezes, não basta uma ideia ser boa para que ela seja aceita. Fatores externos ao estudo da linguagem auxiliam ou dificultam a propagação de certas ideias linguísticas.

É por esse motivo que, nesta pesquisa, utilizamos uma fonte "pouco representativa", se usarmos os critérios citados como referência. Com a escolha dessa gramática póstuma, de

edição única, pouco estudada e de autor estrangeiro, queremos demonstrar que obras que não tiveram grande destaque em alguns meios e não ficaram marcadas na história – pelo menos na história contada pela maioria – podem contribuir para os estudos linguísticos e serem, pelo menos, (re)conhecidas.

3.3 Método de análise da fonte da pesquisa

Como já abordado anteriormente, a Historiografia da Linguística, apesar de ter um direcionamento metodológico geral para a pesquisa – as fases heurística, hermenêutica e executiva –, não possui uma metodologia única para realizar a extração e intepretação de dados das fontes. Cabe ao historiógrafo, pois, adequar seus instrumentos de pesquisa ao seu objeto e aos seus objetivos.

Neste trabalho, para coletar os dados sintáticos da *Nova Grammatica Analytica*, nosso primeiro passo foi realizar a leitura do capítulo "Syntaxe", para que a obra, a escrita do autor e seus pensamentos se tornassem, para nós, familiares. Em seguida, elaboramos quadros, inspirados em Silva (2021), para organização das informações contidas no texto. No total, foram 12 quadros. Apresentamos, a seguir, esses instrumentos, tecendo comentários explicativos sobre seus critérios de criação.

Como a *Nova Grammatica Analytica* não tem sumário, nossa primeira necessidade foi mapear como ela está organizada, em geral e, especificamente, no capítulo "Syntaxe". Por isso, elaboramos o Quadro 2 para localizar os capítulos e suas subdivisões. Na primeira coluna, "divisões da obra", inserimos o título do capítulo ou da subdivisão. Na segunda coluna, "página (numeração da gramática)", inserimos em qual página, pela numeração da gramática, estava aquele título. Na última coluna, "página (numeração do PDF)", inserimos em qual página do arquivo no formato *.pdf* estava aquele título, pois a numeração da gramática e do arquivo digital são diferentes.

Quadro 2 – Quadro para mapeamento da organização geral da obra e da parte "Syntaxe"

Organização geral da *Nova Grammatica Analytica* e da parte "Syntaxe"		
Divisões da obra	Página (numeração da gramática)	Página (numeração do PDF)

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Todo o capítulo destinado à sintaxe em Grivet (1881) nos interessa neste trabalho; elaboramos, todavia, um quadro geral para organizar de forma sintética o que o autor entende pelo tema. Assim, o Quadro 3 foi desenvolvido para traçarmos questões gerais da abordagem sintática no trabalho do suíço. Na primeira coluna, "definição", inserimos o conceito do autor sobre sintaxe; em "metatermos", os principais metatermos utilizados pelo autor; em "definição de oração", o modo como o autor conceitua oração; e, em "organização da oração", a forma como a oração é organizada na obra.

Quadro 3 – Quadro para mapeamento das definições gerais de sintaxe em Grivet (1881)

Definições gerais de sintaxe			
Definição	Metatermos	Definição de oração	Organização da oração

Fonte: elaborado pela autora (2022)

O Quadro 4 foi pensado para organizarmos o pensamento do autor sobre uma das principais teorias da obra: a das funções. Grivet aborda a teoria das funções logo no início do capítulo sobre sintaxe, mas também a retoma no decorrer das 275 páginas dedicadas ao estudo sintático. Em razão disso, esse quadro foi necessário para sistematizar as informações e facilitar a análise dessa ideia na obra.

Quadro 4 – Quadro para mapeamento da teoria das funções em Grivet (1881)

Funções	Fato	
	Sujeito	
	Complemento direto	
	Complemento indireto	
	Predicado	
	Aposição	
	Ligação	
Distribuição dos termos de acordo com as "espécies de palavras"	Verbo	
	Substantivo	
	Artigo	
	Adjetivo	
	Pronome	

	Particípio	
	Preposição	
	Advérbio	
	Conjunção	

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Na exposição de Grivet sobre sintaxe, um dos trechos relevantes – e que ocupa 18 páginas – é a crítica à teoria do verbo substantivo, um conceito que passou por várias mudanças ao longo da história da gramática, mas que, em suma, é relacionado à cópula que une os termos de uma proposição: o sujeito e o atributo (POLACHINI, 2018). Por essa razão, dedicamos um quadro apenas para essa objeção de Grivet, como podemos ver no Quadro 5.

Quadro 5 – Quadro do mapeamento da crítica de Grivet (1881) à teoria do verbo substantivo

Crítica à teoria do verbo substantivo

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Para organizar as exceções ou notas pontuadas por Grivet, elaboramos o Quadro 6. No Quadro 7, inserimos observações sintáticas mais gerais realizadas ao longo do capítulo.

Quadro 6 – Quadro do mapeamento de exceções ou notas em Grivet (1881)

Exceções ou notas

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Quadro 7 – Quadro do mapeamento de outras observações sintáticas em Grivet (1881)

Outras observações sintáticas

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Algumas passagens inusitadas e/ou relevantes foram identificadas. Um exemplo é o seguinte:

> **Advertência.** Na nossa primeira grammatica, dentre os não poucos erros em que nos fez incorrer uma exagerada deferencia a opinioes tradicionaes, e dentre outros erros que só a nós devemos imputar, assignalamos agora o de termos incluido os gerúndios na classe dos participios (GRIVET, 1881, p. 342).

Por esse trecho, podemos dimensionar a evolução da primeira gramática de Grivet, a *Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (1865), a qual não temos acesso, para a obra analisada neste trabalho, a *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (1881). Esse e outros trechos relevantes para contextualizar alguns aspectos da obra estão no Quadro 8.

Quadro 8 – Quadro do mapeamento de trechos inusitados ou relevantes

Trechos relevantes para contextualização da obra

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Por percebermos, ao longo da leitura da obra, menções à "mente" e a palavras do mesmo campo lexical, achamos importante organizar essas citações, como no Quadro 9. Essas citações de Grivet ao aparato mental humano nos chamou atenção devido ao fato de ser uma evidência da influência racionalista (cf. 4.2) na obra.

Quadro 9 – Quadro do mapeamento de referências racionalistas

Menções a ideias racionalistas

Fonte: elaborado pela autora (2022)

No início do trabalho, expomos nossa curiosidade pela gramática de Grivet por causa das menções à língua francesa. Essas referências não poderiam estar ausentes do mapeamento da gramática. Por isso, o Quadro 10 foi elaborado para a organização desses trechos em que o autor utiliza o francês para exemplificar temas gramaticais.

Quadro 10 – Quadro do mapeamento de referências à língua francesa

Referências à língua francesa

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Além do francês, outras línguas são, por vezes, apesar de poucas, citadas pelo gramático suíço, como o alemão. Em razão disso, o Quadro 11 foi elaborado para sistematizar as referências a essas línguas, sejam elas voltadas para a sintaxe ou não, desde que comentadas pelo autor.

Quadro 11 – Quadro do mapeamento de referências a outras línguas

Referências a outras línguas

Fonte: elaborado pela autora (2022)

A maior parte do exemplar linguístico utilizado pelo autor é composta por autores clássicos, isto é, autores mais antigos do que Grivet e que ganharam destaque na literatura. Dessa forma, o Quadro 12 foi desenvolvido por nós.

Quadro 12 – Quadro do mapeamento de referências aos clássicos

Referências aos clássicos

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Por último, o Quadro 13 foi elaborado para que listássemos outras gramáticas ou outros gramáticos aos quais Grivet faz referência explícita.

Quadro 13 – Quadro do mapeamento de referências a outras/os gramáticas/gramáticos

Referências a outras gramáticas/gramáticos

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Nesses quadros apresentados, inserimos trechos copiados diretamente da fonte, ou seja, citações diretas. Para exemplificarmos, abaixo, no Quadro 14, inserimos o quadro das referências à língua francesa preenchido:

Quadro 14 – Quadro preenchido do mapeamento de referências à língua francesa

Referências à língua francesa
"A verdade é que, tanto em relação ao francez, como ás mais linguas, nunca se imaginou tamanho absurdo, tão qualificada parvoiçada" (p. 227) [sobre teoria do verbo substantivo]
"Quem compara, ainda que mui perfunctoriamente, a conjugação dos verbos francezes com a dos verbos portuguezes, não tarda em ficar advertido da razão que impõe aos primeiros, no discurso, uma constante adjuncção dos pronomes sujeitos, ao passo que dispensa geralmente os segundos de tão importuna formalidade, com grande proveito para a linguagem, que dahi cobra alacridade e vigor" (p. 234) Obs.: é numa resposta a outros gramáticos que compararam com o francês. A pronúncia de várias formas verbais do francês é igual. Por isso, precisa do sujeito marcado.
"Portanto, como termo syntaxico, o tal IL não é nada. Não é nada porque, ainda que pronome por natureza, ahi não substitue a nenhum substantivo, e conseguintemento não representa idéa alguma; faz apenas o officio de indicador: « *Ahi vai verbo»;* é palavra expletiva e mais nada" (p. 235) Obs.: ele diz que "il" não é substituto direto de nome porque, se fosse feminino, teria que substituir "il" por "elle".
"Nas mesmas condições, emfim, forma ella a terceira classe dos combinados, isto é, o verbo gerundial, que o francez possuia também em tempos ainda não mui remotos, mas deixou cahir em desuso por falta de assenso sobre se devia o seu gerúndio ser variavel ou invariavel" (p. 268)
"O 1.º tempo do condicional *(presente-passado-futuro proprio)* deve, com mais alguns tempos, tão estirada denominação á conveniência de reagir, a bem da verdade, contra a mania que faz transferir, sem critério, das grammaticas francezas, tudo quanto parece ter applicação á grammatica portuguesa" (p. 298)
"Sendo o sujeito composto, a regencia por elle exercida não é tão absolutamente a que, importada da lingua franceza, onde tem o seu cabimento, vai desmoronando por ahi, nas escolas, a vernaculidade portugueza, que repugna ao *afrancezamento* syntaxico por indole e isensão" (p. 351)
"O francez, sequioso de supprir a falta tão sensivel de terminações caracteristicas pela ligação possivel das palavras, mórmente na elocução emphatica do pulpito, da tribuna e do theatro, não achou, todavia, neste recurso senão um meio muito insuficiente de emendar o seu vicio originario. Para compensar o que ainda assim lhe fallecia, não admittiu senão parcamente o jogo das inversões, e pautou mais as relações de sua syntaxe por uma especie de systema algebrico, procedendo por equações. Deste modo firmava elle a integridade do pensamento. O portuguez, pelo contrario, rico de sonoridades caracteristicas, e, por isso, mais musical, acabou por offender-se de qualquer dissonancia ; e, no seu melindre excessivo, antes quiz constranger o espirito ao esforço de uma interpretação do que sujeitar o ouvido a uma cacofonia" (p. 356-357)
"Se, todavia, os novadores desentoados notarem que tal argumentação desmerece por nimiamente fraca, não será fora de proposito recordar lhes que o proprio francez, apezar de sua pouca exigencia em semelhante assumpto, não duvida de em mais de um caso sacrificar o rigor mathematico á euphonia, sem que o motivo tenha mais de valioso do que o que acaba de ser allegado. Pois, reconhecendo, por exemplo, no vocabulo « tout », um mero adverbio, isto é, uma *palavra invariavel*, quando por anteposição a um adjectivo ou participio, modificar-lhes o alcance de significação, todos os grammaticos francezes lhe attribuem, não obstante, a variabilidade adjectival em certas e determinadas circumstancias. (« *Ces personnes sont* TOUT ETONNEES, TOUTES STUPEFAITES *de ce qui arrive*. » — … TOUT … TOUTES !!)" (p. 357)

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Quando necessário, após algumas citações, também inserimos comentários para contextualizar o que foi dito.

3.4 Levantamento da fonte secundária

A fim de contextualizar a produção da *Nova Grammatica Analytica*, além de utilizar uma literatura secundária – informações em livros de História e de Sociologia –, procuramos dados sobre a obra e sobre seu autor em dois portais de documentação na *internet*: Hemeroteca Brasileira e *Swiss National Library*. Ambos reúnem publicações de jornais e revistas antigas dos seus países, respectivamente, Brasil e Suíça. O primeiro foi escolhido em razão de a obra ter sido publicada no Brasil, e a escolha do segundo se deveu à nacionalidade do autor, que cresceu e trabalhou em seu país de origem antes de vir para o Brasil. Nos dois *sites*, realizamos uma busca com os descritores "Charles Adrien Olivier Grivet", "Adrien Grivet" e "Charles Grivet", do período de 1850, década em que o gramático nasceu, até 2019[16], para que pudéssemos ver sua repercussão até os dias atuais. Com o levantamento, pudemos obter as seguintes informações:

i. acessibilidade da *Nova Grammatica Analytica*, ou seja, a disponibilidade e o preço da obra;
ii. aceitabilidade da obra, com as notícias de seu lançamento e as referências a Grivet em consultórios gramaticais;
iii. repercussão da obra ao longo do tempo, isto é, durante quanto tempo foi citada e quais pessoas a citavam;
iv. dados pessoais de Grivet e de sua família, que podem ter influenciado as ideias e as decisões profissionais do gramático;
v. informações sobre o colégio da Madame Grivet (1816-1906), sua esposa, como as bases de ensino da escola, que podem ter influência de Charles Grivet ou o terem influenciado;
vi. outros dados relevantes para a análise da obra.

Para organizar esses dados, capturávamos a tela do *site* e a inseríamos num editor de textos com as seguintes informações: nome do jornal, cidade e edição do periódico e ano de publicação. Enquanto salvávamos esses dados, já os colocávamos em ordem cronológica.

[16] O levantamento foi realizado em 2020, primeiro ano do nosso mestrado. O ano de 2019 foi escolhido como último porque gostaríamos de trabalhar com anos que já tivessem terminado.

Esse procedimento foi realizado separadamente na Hemeroteca Brasileira e na *Swiss National Library*.

Quando todas as publicações já estavam salvas, foram separadas em quatro categorias: i) vida pessoal; ii) vida profissional, iii) gramáticas; e iv) temas gramaticais. Na primeira, concentramos notícias sobre a vida pessoal do autor, como sua chegada ao Brasil e a morte de sua filha. Na segunda, reunimos publicações sobre sua carreira profissional, como o dia em que Grivet ganhou autorização para trabalhar no Brasil, e sobre o colégio de sua esposa, no qual ele atuava como professor. Na terceira categoria, "gramáticas", juntamos as informações contextuais relativas às suas duas gramáticas, como propagandas de lançamento e anúncios de livrarias, ou seja, dados externos às obras. Na última categoria, "temas gramaticais", reunimos publicações que discutiam alguns temas do pensamento gramatical de Grivet e publicações que o utilizavam como argumento de autoridade.

Consideramos esse levantamento importante para pesquisas futuras. Por isso, também o disponibilizamos neste trabalho, nos apêndices. Mantivemos as categorias de organização para facilitar a leitura: vida pessoal (Apêndice A), vida profissional (Apêndice B), gramáticas (Apêndice C) e temas gramaticais (Apêndice D).

No próximo capítulo, teceremos considerações sobre o Brasil do século XIX, discorrendo sobre a sociedade, o pensamento gramatical predominante e a educação daquela época. Essa contextualização servirá para melhor compreendermos a esfera social em que a *Nova Grammatica Analytica* foi pensada, produzida, publicada e consumida.

4 O BRASIL DO SÉCULO XIX: EDUCAÇÃO E GRAMÁTICA

Contextualizar um objeto e estabelecer o clima de opinião de determinada época envolve a reunião de aspectos históricos, sociais e intelectuais do período. Uma obra não é produzida no vácuo. É por compreender isso que tentamos buscar aspectos do meio social em que a gramática aqui analisada foi concebida. Entender a sociedade em que a *Nova Grammatica Analytica* foi produzida é importante para refletirmos sobre particularidades da obra. Assim, neste capítulo, discutimos alguns elementos sócio-históricos que situam a produção da gramática.

A fim de organizar a apresentação dos conteúdos, dividimos o capítulo em duas subseções. Na primeira, "Educação e ensino de língua portuguesa", expomos um quadro geral da educação do Brasil na época, principalmente no que concerne ao ensino de língua portuguesa. Depois, em "Periodização linguística: linhagem latinizada, racionalista e empirista", apresentamos esses três linhagens que percorrem o pensamento gramatical.

4.1 Educação e ensino de língua portuguesa

Após a proclamação da Independência, em 1822, o país necessitava de uma estrutura jurídico-administrativa. Assim, de acordo com Saviani (2013), Dom Pedro I convocou a Assembleia Geral Constituinte e Legislativa. Na inauguração dessa Assembleia, o imperador destacou a importância de uma legislação voltada para a instrução pública. A Comissão de Instrução Pública da Assembleia Geral Constituinte e Legislativa promoveu um concurso no qual premiaria a melhor proposta para o tratado da educação dos brasileiros.

Depois disso, ocorreram muitas discussões sobre as propostas. A Câmara dos Deputados, por meio da Lei de 15 de outubro de 1827, autorizou a criação das "Escolas de Primeiras Letras". Os 17 artigos dessa lei, em suma, determinavam a construção de escolas em cidades e vilas e forneciam orientações quanto aos conteúdos a serem ensinados. Os assuntos relativos à língua portuguesa eram leitura, escritura e noções de gramática da língua nacional (SAVIANI, 2013).

A partir desse momento, foi iniciado o processo de educação formal no Brasil. Muitas críticas foram feitas ao sistema, que carecia de cuidados com as instalações físicas. Esse sistema também precisava valorizar mais os professores, financeira e profissionalmente. Além disso, o primeiro grau do sistema educacional era obrigatório a todos os cidadãos, o que não

se estendia aos escravos, que não eram considerados cidadãos, logo, não podiam se matricular nem frequentar as escolas. Notamos que a implantação do processo educativo formal no nosso país, há quase 300 anos, deixou resquícios que se estendem até hoje, como a exclusão de alguns grupos sociais dos espaços educativos e a desvalorização econômica na área da Educação.

Na segunda metade do século XIX, houve um intenso debate sobre conteúdos e métodos de ensino e sobre os meios de efetivar uma educação popular. Foi difundida a crença do poder da escola como fator de mudança social. Nesse contexto, um modelo de ensino que direcionava para a escolarização em massa foi gerado (SOUZA, 2000). Classes socioeconomicamente mais desfavorecidas foram contempladas pela educação formal, mas problemas de inclusão surgiram – os grupos que, por muitos anos, foram excluídos não conseguiam acompanhar aqueles que tinham mais condições e já estavam inseridos no contexto educacional.

No que tange ao ensino de língua portuguesa, no século XIX, segundo Bunzen (2011), este era organizado nas disciplinas "Gramática Geral" e/ou "Gramática Filosófica", que priorizavam a comparação da língua vernácula e com a língua latina. No final da primeira metade do século XIX, a "língua nacional" começou a aparecer como principal objeto de ensino das aulas de "Gramática Nacional". Os conhecimentos gramaticais, assim, contribuíram para a emergência e para a institucionalização da língua portuguesa como disciplina escolar.

Posteriormente, ocorreram reformas políticas que modificaram o ensino de língua. Os textos em latim ou em línguas estrangeiras trabalhados em sala de aula deram espaço a textos em língua portuguesa, elaborados por autores portugueses ou brasileiros. Até o fim do período histórico conhecido como "Brasil Império"[17], alguns fatores sobre o ensino de LP merecem atenção.

O primeiro é a inclusão obrigatória, em 1871, da língua portuguesa nos exames para ingresso nos cursos superiores do Império. Para que uma pessoa ingressasse no ensino superior, era preciso fazer um exame avaliatório de português, ao contrário do que ocorria no início do século, quando eram solicitados exames de gramática latina e de uma língua estrangeira. Outro fato para o qual chamamos atenção é a criação do cargo de professor de

[17] Para ser organizada de forma didática, a história do Brasil é dividida em fases. A do "Brasil Império" tem início em 1822, com o processo de independência do país, e termina em 1889, com a Proclamação da República (DOLHNIKOFF, 2019).

português, também em 1871, o que impactou na produção linguística, já que obras voltadas para concursos começaram a ser produzidas.

Cabe um destaque para a formação do professor de língua portuguesa. Segundo Salino (2012), a cultura brasileira foi alimentada pelo tronco humanístico das disciplinas de gramática, retórica e poética aplicadas ao latim e ao português. Essa cultura, que não apresentava um objetivo imediatista, no Brasil, servia para distinguir os letrados e os ignorantes, voltando-se para a formação da aristocracia e para preparar a elite que não abria mão do poder. Pensando nesse público consumidor da NGALP, podemos presumir as motivações de Grivet para discussões tão complexas na sua obra. Salino (2012, p. 16), inclusive, afirma que "[a] gramática [...] de Grivet – um tratado muito desenvolvido e sério – estava mais próximo do uso dos professores do que dos alunos", até mesmo porque Grivet endereçou a obra aos primeiros.

Apesar de não ser o foco do nosso trabalho adentrarmos o assunto, mas apenas darmos um panorama que auxilie na análise da NGALP, essas divisões do ensino de português, nomenclaturas e direcionamentos oficiais sobre os conteúdos a serem ministrados pelos professores não necessariamente correspondiam à realidade da sala de aula e aos materiais/recursos didáticos utilizados. Como estava no início da profissão de professor de português, da língua portuguesa como disciplina escolar e com uma intensa produção de materiais didáticos, era comum que determinados conteúdos fossem confundidos – como Retórica e Gramática – ou que os professores pudessem continuar suas aulas da maneira como faziam antes de leis e decretos do governo. Além disso, essas mudanças e adaptações não ocorreram de um dia para o outro, mas com certo tempo, e ainda podemos ver transformações sendo feitas.

A primeira gramática de Grivet, que veio a originar a que analisamos, foi publicada em 1865. Apesar de não termos acesso a ela, sabemos que essa obra é mais sintética do que a de 1881. O autor, na época, passava por problemas financeiros. Aliando essa dificuldade de Grivet às demandas por materiais preparatórios para exames e para aulas de português, podemos inferir que a produção da *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* foi, de certa forma, motivada por esses fatores.

Para Clare (2003), só no final do século XIX é que os ensinos de Gramática, Retórica e Poética deram lugar à disciplina "Língua Portuguesa", baseada na leitura da gramática da língua e na leitura de antologias de autores lusitanos e de alguns brasileiros que imitavam os clássicos, para que o "bem escrever" fosse aprendido e imitado pelos alunos. Para a autora,

isso ocorria porque as teorias histórico-evolutivas chegaram ao Brasil nessa época e, de acordo com essas teorias, o estado presente da língua seria uma corrupção da fase passada. Dessa forma, o exemplar linguístico seria majoritariamente autores portugueses dos séculos XVI e XVII.

Com todas essas alterações legais, a dinâmica de ensino também foi alterada, possibilitando a antecipação de atividades de escrita nas escolas. Além disso, o ensino de LP passou a focar a gramática histórica, e o processo de formação da língua portuguesa, as práticas de leitura e de recitação dos clássicos continuaram. Pensando no ensino de gramática, na subseção a seguir, aprofundaremos esse assunto, pois o modo de pensar gramatical do século XIX afetava a formação dos professores e dos alunos. A gramática que analisamos, cujo público-alvo eram professores do que hoje chamamos de "educação básica", é exemplo disso.

4.2 Periodização linguística: linhagem latinizada, racionalista e empirista

Periodizar os estudos da linguagem significa destacar os marcos linguísticos através do tempo. Segundo Polachini (2018), desde os primeiros anos do século XX, foram feitas sete revisões históricas da produção gramatical brasileira. Em ordem cronológica, temos a de Maximino Maciel (1910), a de Antenor Nascentes (1939), a de Silvio Elia (1975), a de Ricardo Cavaliere (2001), a de Leodegário A. de Azevedo Filho (2002), a de Andressa Parreira (2011) e a da própria Bruna Polachini (2018).

Todas essas propostas de periodização elegem diferentes critérios para dividir os marcos linguísticos. Tendo em vista que os diferentes autores usam critérios distintos e que mudanças não ocorrem de um dia para o outro, uma obra não pode ser definida apenas com características daquela fase da Linguística apenas porque foi publicada nesse período. Um trabalho pode ser influenciado por pensamentos anteriores àquele século e servir de suporte para ideias reaproveitadas tempos depois de sua publicação.

No entanto, o delineamento de uma periodização linguística serve para nos situar temporalmente com base em características da maioria das obras publicadas em determinada época. No século XVIII, anterior à publicação da NGALP (século XIX), o empirismo predominou o âmbito dos estudos científicos, logo, afetou também a forma de se pensar a linguagem. Tendo em vista a importância do empirismo para o pensamento linguístico, nos alinhamos à classificação de Faraco e Vieira (2021), que, questionando o engessamento de

uma periodização linguística, consideram o empirismo para discorrer sobre a historiografia da gramaticografia de língua portuguesa, juntamente com as linhagens latinizada e racionalista.

No Renascimento europeu, buscava-se legitimar as línguas modernas através do latim e lhes designar uma gramática com base nessa língua. A padronização das línguas europeias em grande escala foi nomeada por Auroux (2014) como "revolução tecnológica da gramatização". Nesse contexto, um autor que se destaca é Elio Antonio de Nebrija (1441-1522), que, influenciado por Prisciano, escreveu a primeira gramática de uma língua românica (BORGES NETO, 2020). Nebrija, em geral, compara o castelhano ao latim, utilizando as categorias de declinação e de caso da língua latina para descrever o castelhano. Esse modelo, para Faraco e Vieira (2021), foi bastante usado na gramaticografia de língua portuguesa do século XVI, XVII e XVIII, como podemos ver, por exemplo, nas tábuas de declinação da *Grammatica da língua portuguesa* (1540), de João de Barros (1496-1570), e da *Regras da língua portuguesa, espelho da língua latina* (1725), de Pe. Dom Jeronymo Contador de Argote (1675-1749).

De forma geral, as gramáticas de linhagem latinizada adotavam a concepção de que a substância sintática é a mesma na língua portuguesa e na latina, o que permitiria a comparação e a repetição dos moldes para a construção das gramáticas do português. Para Faraco e Vieira (2021), as gramáticas latinizadas explicitam sua vinculação à gramática latina tanto retórica quanto analiticamente. Essas gramáticas estiveram presentes na gramaticografia de língua portuguesa até o final do século XVIII, tendo a *Arte da grammatica da lingua portuguesa* (1770), de Antônio José dos Reis Lobato (1721-1804?), como última grande sistematização desse modelo.

Já a linhagem racionalista é proveniente da perspectiva logicista e universalizante de autores europeus de gramáticas latinas do século XVI. Para essa concepção, devia-se estudar os princípios racionais que determinam as estruturas linguísticas. Nesse contexto, podemos evidenciar a *Gramática de Port-Royal* (1660), que ficou consolidada como modelo gramatical racionalista/filosófico, pois tinha como objeto tanto o uso linguístico quanto o conhecimento das suas razões. Faraco e Vieira (2021) acrescentam que a linhagem racionalista só teve impacto na gramaticografia de língua portuguesa com Jeronymo Soares Barbosa (1737-1816), que se opõe de forma explícita às gramáticas latinizadas.

A linhagem empirista, em geral, não é adotada na historiografia da gramaticografia das línguas modernas. No entanto, Faraco e Vieira (2021) a integram para compreender ocorrências da gramaticografia que não estavam alinhadas nem à abordagem latinizada nem à

racionalista. Os autores apontam o aparecimento da linhagem empirista na gramaticografia francesa no século XVIII, com Claude Buffier (1661-1737) e sua *Grammaire Françoise sur un plan nouveau pour rendre les principes plus clairs & la pratique plus aisée* (1709). O autor reconhece que muitas palavras do francês vêm do latim, mas defende que a prática gramatical da língua latina não pode ser aplicada ao francês. Para ele, a gramática deve ser ajustada às línguas, não o contrário. Podemos ver, assim, uma posição descritivista que enfatiza o uso linguístico e que se opõe às gramáticas latinizadas. Anos após, Cesar Du Marsais (1676-1756), na sua obra *Logique et Principes de Grammaire* (1769), corrobora os estudos de Buffier, defendendo que a gramática de uma língua não deveria ser tomada para outra.

Na gramaticografia da língua espanhola, a história da *Gramática de la Lengua Castellana*, elaborada pela Real Academia Espanhola (RAE), mostra o embate entre dois modelos que se apresentaram como opções à linhagem latinizada: o racionalista e o empirista. Os acadêmicos da RAE discutiram se a gramática devia ser razoada ou descritiva. No primeiro caso, ela seguiria um modelo semelhante à Gramática de Port-Royal, apresentando regras e seus fundamentos. Já no segundo caso, o foco seria o uso linguístico, com apresentação das regras desse uso.

Dessa forma, é possível perceber que em:

> [...] meados para o fim do século 17, estavam em cena duas grandes tendências interpretativas do processo do conhecimento: uma racionalista, que postulava uma dinâmica hipotético-dedutiva, considerando que assim tinha sido, no fundo, o raciocínio de Copérnico; e outra empirista, que postulava uma dinâmica indutivo-generalizante, que dava grande ênfase ao papel das observações sistemáticas. (FARACO; VIEIRA, 2021, p. 485)

Na gramaticografia portuguesa, vemos o impacto do empirismo a partir de Rudimentos da *Grammatica Portugueza, cómmodos á instrucção da Mocidade, e confirmados com selectos exemplos de bons Autores*, obra de Pedro José da Fonseca (1737-1816), que não era nem latinizada nem filosófica. É importante destacar que:

> [...] Pedro José da Fonseca foi o único gramático a merecer elogios de Soares Barbosa na introdução de sua *Grammatica philosophica*, em contraste com as críticas fortes que este fez aos demais gramáticos citados [...] [e] o destacou positivamente dentre os demais gramáticos como alguém que emendou grande parte dos defeitos das gramáticas anteriores. (FARACO; VIEIRA, 2021, p. 487, grifo dos autores)

Esse gramático abandonou as tábuas de declinação, e sua concepção de sintaxe da oração, apesar de subordinada às relações de concordância e regência, não era mais sistematizada com a terminologia de casos da língua latina.

Considerar a linhagem empirista, além da latinizada e da racionalista, é proveitoso porque veremos que Grivet, apesar de, algumas vezes, se aproximar de pensamentos racionalistas, envereda pelo descritivismo, sobressaindo mais a tendência empirista em seu texto. No nosso trabalho, são reconhecidos os momentos em que o autor assume pensamentos que se assemelham mais aos de outras linhagens, mostrando, assim, a ausência de engessamento ao analisar esses dados.

5 A *NOVA GRAMMATICA ANALYTICA DA LINGUA PORTUGUEZA* E SUA ABORDAGEM SINTÁTICA

Neste capítulo, analisamos o tratamento dado por Charles Grivet à sintaxe na *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (1881). Para tanto, utilizamos as camadas do conhecimento linguístico (SWIGGERS, 2004, 2019) como principal categoria de análise, sobretudo por estabelecer parâmetros para análise da fonte e por motivos organizacionais. Além disso, no interior das camadas do conhecimento linguístico, também mobilizamos outras categorias, como a influência (KOERNER, 2014b) e a retórica (BATISTA, 2019).

Como vimos no segundo capítulo, as camadas do conhecimento linguístico são divididas em quatro: contextual, documental, técnica e teórica. Para melhor estruturar o trabalho, organizamos este capítulo em cinco partes.

Na primeira, expomos um panorama da obra, destacando alguns tópicos de outras partes da gramática que serão importantes para a análise da abordagem sintática.

Na segunda parte, dedicada à análise da camada contextual, analisamos o contexto cultural e institucional da NGALP e de Grivet. Assim, abordamos estratégias discursivas na retórica mobilizada pelo autor, suas influências intelectuais e um pouco da recepção de suas ideias na sociedade.

Em seguida, na análise da camada teórica, investigamos a visão de linguagem presente na obra analisada. Para isso, analisamos os principais pensamentos sintáticos do autor, como a teoria das funções, a crítica ao verbo substantivo e as figuras de linguagem.

Na camada técnica, exploramos as técnicas de análise e os métodos de apresentação utilizado por Grivet na *Nova Grammatica Analytica*.

Por fim, na camada documental, tratamos da documentação linguística utilizada na obra para auxiliar na elaboração dessa fonte. Nessa parte, analisamos quem foram os autores e quais foram os textos citados por Grivet e de quais países eles eram, quais domínios discursivos eram utilizados como exemplar linguístico, entre outros aspectos.

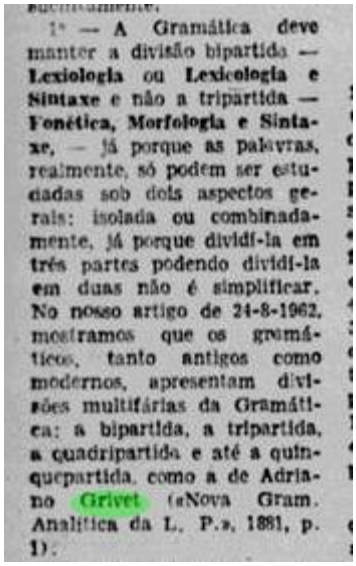
5.1 *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*: visão geral

A NGALP é iniciada com o texto “Algumas palavras sobre o professor Grivet”, de autoria desconhecida, que fornece ao leitor algumas informações biográficas sobre o autor da gramática. Em seguida, podemos ler o “Relatorio do Conselheiro...”, um documento que,

como já abordado, foi fundamental para a publicação da obra. Depois, o "Prefacio", escrito por Grivet, revela suas expectativas com a obra, como a de a obra servir como método de ensino sistemático da linguagem.

As "Noções preliminares" já indicam alguns pensamentos do autor, como sua noção de gramática, que é a da "[...] arte de fallar e escrever corretamente" (GRIVET, 1881, p. 1), já abordada anteriormente. Nessa parte, o gramático também afirma que, para falar e escrever corretamente, é preciso seguir as numerosas regras da "boa razão" (dos clássicos). Para torná-las mais compreensíveis, a gramática é dividida em cinco partes, sendo elas: "lexicologia", "syntaxe", "orthographia", "prosódia" e "pontuação". Essa forma de partição parece ser singular, já que, como vemos na Figura 21, ela é citada em trecho do artigo "A reforma gramatical portuguêsa (II)", de Délcio Muniz, publicado em 1967:

Figura 21 – Divisão quinquepartida de Grivet citada no século XIX



1º — A Gramática deve manter a divisão bipartida — **Lexiologia** ou **Lexicologia e Sintaxe** e não a tripartida — **Fonética, Morfologia e Sintaxe**, — já porque as palavras, realmente, só podem ser estudadas sob dois aspectos gerais: isolada ou combinadamente, já porque dividí-la em três partes podendo dividí-la em duas não é simplificar. No nosso artigo de 24-8-1962, mostramos que os gramáticos, tanto antigos como modernos, apresentam divisões multifárias da Gramática: a bipartida, a tripartida, a quadripartida e até a quinquepartida, como a de Adriano Grivet («Nova Gram. Analítica da L. P.», 1881, p. 1);

Fonte: Jornal do Commercio (RJ) – Ano 1967/Edição 00153 (1)

A partir dessa divisão, já notamos particularidades do autor. A seção "Etimologia", comum em gramáticas gerais e filosóficas, como na *Grammatica portugueza, accommodada aos princípios geraes da palavra, seguidos de immediata applicação pratica* (1866), de Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), não aparece na *Nova Grammatica Analytica*. Para Cavaliere (2000), a etimologia, que tratava da origem e da formação dos vocábulos, passou a integrar uma subseção da morfologia e, posteriormente, só apareceu em gramáticas históricas. Dessa forma, podemos observar que Grivet já se afastava da abordagem filosófica/racionalista.

Outra observação a ser feita é a adição de uma quinta parte, a "pontuação", que, até o momento, fazia parte da ortografia. A quinta divisão da gramática representa uma inovação em relação à tradicional divisão em quatro partes, que vem desde o período medieval (FÁVERO, 1996 *apud* JESUITA, 2014), com Prisciano (séc. V-VI d.C.), e ainda era encontrada no século XIX, com Ernesto Carneiro Ribeiro (1839-1920), na *Grammatica Portugueza Philosophica* (1881), por exemplo. Isso demonstra que, apesar de seguir uma tradição gramatical, também alinhada aos seus autores contemporâneos, pelo fato de apresentar divisões já conhecidas da gramática, o autor é crítico e, além de eliminar a "etimologia" dos seus tópicos, adiciona uma outra parte em sua obra, a da pontuação.

A seguir, expomos um pouco sobre quatro partes da gramática NGALP, deixando as próximas subseções para tratar predominantemente da sintaxe, que é tema do nosso trabalho e foco da nossa investigação.

A lexicologia está exposta em 219 páginas, o que corresponde a 34,9% da obra. Para Grivet (1881, p. 1), ela "[...] é a parte da Grammatica que ensina a natureza e as fórmas das palavras". Na lexicologia, o autor divide as palavras em dez espécies, numa divisão conhecida hoje como "classes de palavras". As dez espécies são: verbo, substantivo, artigo, adjectivo, pronome, participio, preposição, adverbio, conjuncção e interjeição. Dessas dez classes apresentadas por Grivet, só o "particípio" não é mais considerado como uma classe para a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB)[18], que adicionou a categoria "numeral" e manteve o quantitativo de dez classes.

É pertinente reproduzir a definição de cada espécie de palavra, pois elas estão diretamente ligadas à teoria da funções, sobre a qual discutiremos adiante. No Quadro 15, podemos ler, então, a noção de cada uma das dez espécies de palavras. Numa coluna ao lado das definições, inserimos o critério utilizado pelo autor para elaborá-las.

Quadro 15 – Divisão e definição das espécies de palavras de acordo com Grivet (1881)

Nome da espécie	Definição	Critério(s) utilizado(s) para elaborar a definição
Verbo	"[...] é uma palavra que enuncia um facto" (p. 3)	Semântico
Substantivo (ou nome)	"[...] é uma palavra que designa entes ou abstracções" (p. 3)	Semântico

[18] A NGB é uma uniformização da nomenclatura gramatical instituída em 1959 pela Portaria Ministerial nº 36 de 28 de janeiro do mesmo ano. Essa política linguística repercutiu – e ainda repercute – nas práticas pedagógicas e na elaboração de materiais didáticos de língua portuguesa. Para mais informações, consultar Henriques (2009).

Artigo	"[...] é uma palavra que, antepondo-se essencialmente aos substantivos, e accidentalmente a pronomes ou mesmo a verbos no infinitivo, confere-lhes um sentido preciso" (p. 3)	Sintático e semântico
Adjectivo	"[...] é uma palavra que se accrescenta mediata ou immediatamente aos substantivos, pronomes ou mesmo a verbos no infinitivo para os qualificar ou determinar" (p. 4)	Sintático e semântico
Pronome	"[...] é uma palavra que, dispensando a frequente reproducção dos substantivos, suppre-os em todas as suas funções" (p. 4)	Semântico
Participio	"[...] é uma palavra que, procedendo do verbo, coadjuva-o na conjugação, ou porta-se como mero adjectivo junto a substantivos ou pronomes" (p. 4)	Morfossintático
Preposição	"[...] é uma palavra que se antepõe essencialmente a substantivos, pronomes ou verbos no infinitivo, e accidentalmente a adverbios, para marcar uma relação" (p. 4)	Sintático e semântico
Adverbio	"[...] é uma palavra que se ajunta a um verbo, participio, adjectivo, ou até a outro adverbio, para modificar-lhes o alcance de significação" (p. 4)	Sintático e semântico
Conjuncção	"[...] é uma palavra que liga partes de uma oração, ou orações completas, para denunciá-las como conexas ou opostas" (p. 4)	Sintático e semântico
Interjeição	"[...] é uma palavra que implicitamente abrange todos os elementos de uma proposição ou pensamento" (p. 4)	Sintático e semântico

Fonte: elaborado pela autora (2022)

É perceptível, nessas definições das classes de palavras segundo Grivet (1881), a utilização do critério sintático para elaboração dos conceitos. Cabe ressaltar que, na tradição gramatical, a análise sintática está fundamentada num componente lógico-semântico, que prescinde de contextos (VIEIRA; FARACO, 2020). Ou seja, os aspectos textual-discursivos e contextuais – os quais nem a Gramática Tradicional nem Grivet se propõem a abarcar – não são contemplados nessa perspectiva de análise, pois não são o foco de análise.

O próximo capítulo da obra é o da Syntaxe, que, apesar de tratarmos melhor nas próximas subseções, adiantamos que está explicitada em 275 páginas, significando 43,9%, ou seja, quase metade da NGALP.

Em seguida, a ortografia é discorrida em 25 páginas, o que corresponde a 3,9% da obra. Para Grivet (1881, p. 498), a ortografia "[...] é a parte da Grammatica que trata do modo mais adequado de escrever as palavras". Nos estudos ortográficos, estão inclusos os sinais ortográficos e as letras.

Em seguida, a prosódia ocupa 8 páginas, o que significa dizer que ela preenche 1,2% da obra. A prosódia "[...] é a parte da grammatica que versa sobre a pronunciação metrica das palavras" (GRIVET, 1881, p. 525). Nesse capítulo, podemos ler sobre a tonicidade das palavras, sempre exemplificadas com autores literários.

A última parte, que trata da pontuação, está estruturada em 93 páginas, correspondendo a 14,8% da gramática. A pontuação "[...] é a parte da grammatica que versa sobre os casos em que convem separar por signaes os pensamentos escriptos, e suas partes" (GRIVET, 1881, p. 534). O estudo da pontuação, dessa forma, explora, em uma divisão realizada pelo autor, os principais sinais de pontuação (vírgula, ponto e vírgula, dois pontos e ponto final) e os sinais de pontuação acessórios (interrogação, exclamação, pontos suspensivos e parênteses).

5.2 Camada contextual: retórica e influência

Na camada contextual, é analisado o contexto cultural e institucional que engloba as práticas linguísticas. Dessa forma, nesta subseção, vemos as estratégias discursivas mobilizadas por Grivet em sua retórica, suas influências intelectuais e um pouco da recepção dos trabalhos do autor na sociedade.

O único exemplar da NGALP era um manuscrito, que foi deixado para Madame Grivet. O Conselheiro Octaviano solicitou ao Ministro do Império que, caso achasse a gramática relevante, a obra fosse impressa pela Typographia Nacional e adotada pelas escolas públicas brasileiras. Esse fato nos leva a pensar que a morte de Charles Grivet foi essencial para o reconhecimento dessa obra. O último registro de escrita da gramática foi o prefácio, assinalado em 4 de maio de 1874.

Pelas palavras do autor no prefácio, a gramática já estava pronta, mas, por algum motivo, ela não foi publicada logo. É por isso que acreditamos que a morte do suíço tenha sido fundamental tanto para a publicação da obra quanto para a relevância que ela ganhou. Madame Grivet também teve um papel fundamental na publicação da obra, pois a gramática "[...] teria sido devorada pelos vermes de algum dos archivos públicos, se M.^{me} Grivet,

confiante na protecção da população brazileira e em homenagem á memória de seu esposo, não emprehendesse a sua publicação" (ALGUMAS..., 1881, p. VIII).

A carta do Conselheiro para o Ministro foi enviada, e achamos válido reproduzir um trecho do documento:

> Nunca conheci quem reunisse tanta illustração a tanta aptidão no magistério. Sua morte foi uma perda irreparável. Observava eu, quando minhas filhas, á noute, repetião suas lições em casa, que o Snr. Grivet lhes facilitava o ensino das linguas portugueza e franceza, por meio de um systema grammatical de rara precisão nas definições e de feliz gradação na marcha das idéas. (ALGUMAS..., 1881, p. VIII)

Diante do pedido, o ministro do Império reuniu uma comissão para o estudo da gramática. Após esse estudo, ele emitiu um parecer positivo para a obra. Esse parecer é reproduzido integralmente nas primeiras páginas da *Nova Grammatica Analytica*. Aqui, nos limitamos a destacar dois trechos do documento:

> Esta obra, pela robusteza da lógica e pela vasta erudição que a rege desde o principio até o fim, destaca-se completamente de todas as outras de igual natureza até hoje conhecidas. Classificadas as matérias segundo as mais vigorosas exigências da linguagem, cada parte é tratada com magistral proficiência. As regras, ampla e claramente expostas, são sempre acompanhadas de valiosissimas reflexões sobre a sua applicação, sendo estas corroboradas, a cada passo, pelo exemplo e autoridade dos escriptores clássicos de melhor nota; e assim firmadas, tanto as regras como a sua genuina applicação, poem naturalmente em relevo as incorrecções que o uso tem pouco a pouco introduzido na pratica (RELATORIO..., 1881, p. XIX).

> Nem se diga que por ter tão profundamente penetrado nos mysteriös da bella lingua de Antonio Vieira, a obra do Snr. Grivet é inaccessivel aos espiritos menos reflectidos ; visto que, por meio de uma analyse perfeitamente desenvolvida, tornam-se de facil comprehensão os assumptos mais abstractos e os mais complicados. (RELATORIO..., 1881, p. XIX)

Expressões como "robusteza da lógica" e "vasta erudição" nos permitem supor que não era de todo fácil a compreensão da gramática pelos professores de português em geral, já que tanto a disciplina Língua Portuguesa quanto o cargo de professor de português tinham sido criados há pouco tempo, ou seja, a formação desses professores ainda estava entrando em estabilidade. Além disso, podemos ler que "[...] a obra do Snr. Grivet é inaccessivel aos espiritos menos reflectidos", o que corrobora nosso pensamento, uma vez que, "[...] para formar um juizo seguro ácerca desta obra, seria preciso lêl-a toda, não havendo nella palavra alguma supérflua" (RELATORIO..., 1881, p. XIX), também contribuindo para a nossa ideia

de que a leitura da gramática de Grivet foi, provavelmente, complexa até mesmo para os professores da época.

No prefácio, escrito pelo autor e datado em 1874, lemos:

> [o]fferecendo á consideração dos mestres esta nova grammatica, comprazo-me na esperança de que lhe achem os requisitos que faltavão á que publiquei em 1865, para que fosse um bom livro escolar, e nella encontrem mórmente, além de um tratado completo sobre a materia, o methodo mais apropriado para a introducção, nas aulas, do **estudo systematico dos classicos**, sem o qual, por mais que se faça, a regeneração da linguagem não passará de uma aspiração chimerica. (GRIVET, 1881, s/p, grifo nosso)

Nesse trecho, destacamos a referência à *Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* ("[...] á que publiquei em 1865 [...]"), a primeira obra do autor, que antecipou gramática que analisamos, e a intenção do autor com a produção da *Nova Grammatica Analytica*. Essa obra foi escrita para professores de língua portuguesa para que, nas suas aulas, constasse o "estudo systematico dos classicos". Sem esse estudo dos clássicos nas aulas de língua, para Grivet, o processo de aprendizagem seria uma ilusão. O autor já explicita, então, a importância dos autores clássicos para o seu trabalho, dialogando, assim, com a terceira diretriz epistemológica da Gramática Tradicional, estabelecida por Vieira (2020b), a da escrita literária pregressa, isto é, o gramático já anuncia a notoriedade de textos anteriores à sua época para sua exposição gramatical.

Na continuação do prefácio, temos:

> [n]ão quer isso dizer que a linguagem deva ficar estacionaria no meio deste constante e irresistivel andar de todas as cousas humanas; não, muito pelo contrario: a cada seculo, **a cada geração mesmo compete uma phraseologia propria, que, reflexo historico, registre as suas conquistas no dominio da civilisação, e formule as suas aspirações para o ideal em que tem fitos os olhos**; porém **o valor litterario desta phraseologia não póde estar em romper ella com as tradições das éras anteriores**, e sim em vasar os pensamentos novos no molde largamente accommodatécio donde, pela vez primeira, sahiu a lingua no esplendor da mocidade, do vigor e da louçania, firmando para sempre a sua autonomia entre as suas irmãas da estirpe greco-latina. (GRIVET, 1881, s/p, grifos nossos)

Salientamos, primeiro, o reconhecimento, por parte do autor, da transformação da língua através do tempo, que é adequada, pela sociedade, de acordo com sua história, suas conquistas e suas aspirações. Outro destaque que fazemos, nesse trecho, é o de que o autor admite que a "fraseologia", com o significado de gramática, não pode romper com as

tradições anteriores, mas pode apresentar seu pensamento em novos moldes, mais adequados para seu contexto.

É exatamente isso que Grivet faz. Sua retórica corresponde ao que ele realiza na gramática. O autor, no prefácio da *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, não se propõe a romper com a tradição gramatical. Pelo contrário, até então, ele já afirmou a importância do trabalho com os clássicos e, no último trecho citado, ele admitiu que muitas das suas ideias não rompem com gramáticas anteriores: o que muda é a forma de apresentá-las – disso surge, possivelmente, a "teoria das funções", sobre a qual discorremos na próxima subseção.

No fim do prefácio, lemos:

> [n]este intuito não só extractei, dos mesmos clássicos, a generalidade dos exemplos destinados a illustrar e confirmar a minha doutrina grammatical, senão também procurei tornar intuitiva a utilidade de soccorrer-se assiduamente a estes mananciaes da boa dicção pela pratica de processsos analyticos pouco intrincados, e por isso mesmo mais expeditos e intelligiveis. Pois pareceu-me que o meio, senão unico, ao menos mais adequado para reagir com efficacia contra a **decadencia crescente da linguagem**, era o de pôr em frequente confrontação as **loquellas espurias** do tempo presente com as lições dos benemeritos das lettras, que accommodando genialmente a **arte da palavra** aos **dictames do bom senso, isto é, da logica**, buxilárão o padrão perenne das feições caracteristicas da lingua portuguesa. (GRIVET, 1881, s/p, grifos nossos)

O autor retoma os clássicos e, em seguida, afirma que o modo como idealizou a gramática foi, para ele, a mais eficaz contra a "decadencia crescente da linguagem", confrontando as "loquellas espurias" (falas falsificadas, adulteradas) do seu tempo com as lições dos mestres da linguagem, dos clássicos. Nessa passagem, o gramático trata a mudança linguística de forma negativa, apesar de reconhecer, anteriormente, que ela existe.

Depois, Grivet chama a gramática de "arte da palavra". O chamamento de gramática como "arte" advém do sentido de ser um processo de experiências anteriores que foram acumuladas e aprimoradas com o tempo (VIEIRA, 2018). A gramática, ainda, segue as regras de bom senso, que, para ele, é a lógica, dialogando brevemente, assim, com a influência racionalista comum nas gramáticas daquela época. No entanto, também vemos uma referência aos clássicos ("[...] estes mananciais da boa dicção [...]"), se aproximando também de uma perspectiva empirista.

Os elementos pré-textuais são importantes para observar movimentos retóricos. Em nosso objeto de pesquisa, sendo uma publicação póstuma, a maior parte desses elementos não

foram escritos por Grivet, o que dificulta a análise. No entanto, podemos observar alguns outros gestos, como o título dado à gramática: *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*.

O adjetivo "nova" já supõe uma "velha" gramática, não necessariamente a sua publicada anteriormente, em 1865, mas até mesmo em relação a gramáticas de outros autores. Vejamos no Quadro 16 o título das gramáticas de língua portuguesa publicadas na década de 70 do século XIX:

Quadro 16 – Título das gramáticas de língua portuguesa publicadas nos anos de 1870

Ano de publicação	Nome da gramática	Autor(es)
1870	*Grammatica theorica e pratica da lingua portugueza*	Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1823-1876)
1870	*Compendio da grammatica portugueza adoptado para uso das escolas da publicas do Rio Grande do Sul pelo respectivo Conselho Director da Instrucção Publica*	Frederico Ernesto Estrella Villeroy (1835-1897)
1871	*Noções de prosódia e orthographia para uso da infância que frequenta as aulas do primeiro grau do instituto santista, intercaladas de um resumo da etymologia e syntaxe, extrahido da Grammatica portugueza de Francisco Sotero dos Reis pelo doutor Pedro Nunes Leal*	Augusto Freire da Silva (1836-?)
1871	*Grammatica da lingua nacional. Compendio adaptado ao ensino nas aulas de instrucção primaria.*	H. C. Taylor (?)
1871	*Grammatica analytica e explicativa da lingua portuguesa*	José Ortiz e Candido Matheus de Faria Pardal (?) e (?-1888)
1872	*Grammatica portugueza para as escolas primarias, adoptada e premiada pelo conselho da instrucção publica da provincia do Pará*	Julio Cesar Ribeiro Souza (1843-1887)
1873	*Rudimentos da grammatica portugueza*	Salvador Henrique Albuquerque (1813-1880)
1874	*Postillas de grammatica portugueza*	Manuel José Pereira Frazão (1836-?)
1875	*Explicador de portuguez de conformidade com o programma do 1° anno do imperial collegio de Pedro II*	Francisco da Silveira da Ávila Pimentel (1837-1907)
1875	*Grammatica elementar da língua portugueza extrahida dos melhores auctores e coordenada*	Filipe Pinto Marques

	por...	(?)
1875	*Compendio da grammatica portugueza: para uso de alunos de humanidades, que frequentam a aula de portugues*	Augusto Freire da Silva (1836-?)
1876	*Grammatica portugueza destinada ao curso do 1.° anno do Imperial Collegio Pedro Segundo*	Manuel Olimpio Rodrigues da Costa (?-1891)
1876	*Breve compêndio de grammatica portugueza, organisado em fôrma systematica, com adaptação á capacidade dos alumnos*	Frei Joaquim do Amor Divino Caneca (1779-1825)
1876	*Grammatica portugueza elementar fundada sob o methodo histórico-comparativo*	Theóphilo Braga (1843-1924)
1875	*Grammatica Portugueza*	Augusto Freire da Silva (1836-?)
1876	*Grammatica Portugueza Elementar*	Augusto Epiphanio da Silva Dias (1841-1916)
1879	*Elementos de Grammatica Portugueza*	Ernesto Carneiro Ribeiro (1839-1920)

Fonte: HGEL (2022)[19]

Nenhuma das gramáticas de língua portuguesa publicadas perto da morte de Grivet, em 1876, recebeu o adjetivo "nova" e derivados no título, o que já diferencia a NGALP das contemporâneas. Na Figura 10 (cf. 1.3.1), num anúncio de venda da primeira gramática de Grivet, a de 1865, podemos ver que suas ideias já eram difundidas como "[...] um plano inteiramente novo [...]".

Não podemos dizer se essas palavras são do gramático ou do autor do anúncio do jornal, mas o título da obra analisada neste trabalho estabelece um posicionamento no campo dos saberes linguísticos. Diante disso, podemos nos perguntar: nova em relação a quê? Na camada teórica e na técnica (cf. 5.3 e 5.4), a seguir, nos aprofundaremos nas ideias do autor, mas adiantamos que i) a teoria das funções; ii) a centralidade dada ao fato (o verbo); iii) a compreensão da sintaxe como funções exercidas por palavras; e iv) uma crítica fundamentada à teoria do verbo substantivo são elementos e aspectos que marcam a obra de Grivet.

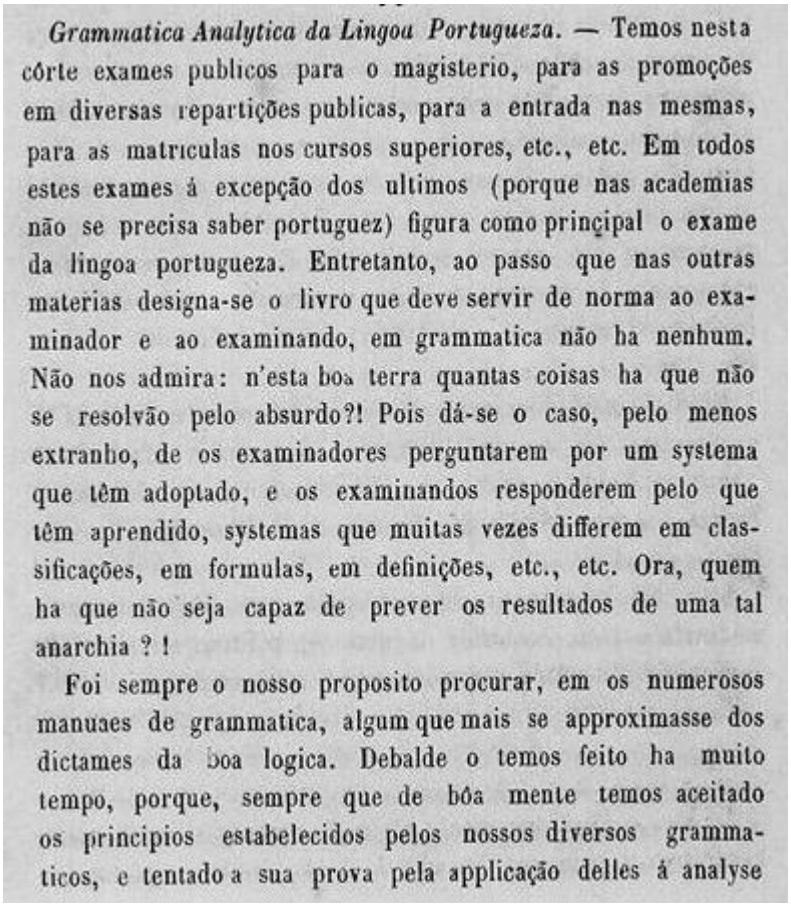
Uma outra expressão que pode ser observada é o "lingua portugueza" no nome da obra, que parece seguir a convenção contemporânea, visto que, da lista do Quadro 16, apenas duas obras não usam "portugueza": *Grammatica da lingua nacional* (1871), de H. C. Taylor,

[19] A lista de gramáticas foi extraída do catálogo de gramáticas da língua portuguesa (de 1536 a 2018), um documento elaborado pelo HGEL e, até o momento, de uso interno do grupo.

e *Explicador de portuguez de conformidade com o programma do 1° anno do imperial collegio de Pedro II* (1875), de Francisco da Silveira da Ávila Pimentel.

É importante destacarmos o espaço que Charles Grivet ocupou nos periódicos. A primeira crítica à sua obra (à primeira edição) foi publicada em 1866, na Revista Mensal da Sociedade do Rio de Janeiro. Vale a pena a sua reprodução completa, na Figura 22, porque nos orienta em relação a algumas questões da época:

Figura 22 – Primeira crítica a Grivet em um periódico



Grammatica Analytica da Lingoa Portugueza. — Temos nesta côrte exames publicos para o magisterio, para as promoções em diversas repartições publicas, para a entrada nas mesmas, para as matriculas nos cursos superiores, etc., etc. Em todos estes exames á excepção dos ultimos (porque nas academias não se precisa saber portuguez) figura como principal o exame da lingoa portugueza. Entretanto, ao passo que nas outras materias designa-se o livro que deve servir de norma ao examinador e ao examinando, em grammatica não ha nenhum. Não nos admira: n'esta boa terra quantas coisas ha que não se resolvão pelo absurdo?! Pois dá-se o caso, pelo menos extranho, de os examinadores perguntarem por um systema que têm adoptado, e os examinandos responderem pelo que têm aprendido, systemas que muitas vezes differem em classificações, em formulas, em definições, etc., etc. Ora, quem ha que não seja capaz de prever os resultados de uma tal anarchia ? !

Foi sempre o nosso proposito procurar, em os numerosos manuaes de grammatica, algum que mais se approximasse dos dictames da boa logica. Debalde o temos feito ha muito tempo, porque, sempre que de bôa mente temos aceitado os principios estabelecidos pelos nossos diversos grammaticos, e tentado a sua prova pela applicação delles á analyse

dos classicos, só temos conseguido verificar a impossibilidade de conciliar os mesmos principios com a realidade litteraria.

E, para não incorrermos na pécha de censor irreflectido ou de pessimista exagerado, citaremos ao menos, dentre mil exemplos, um que comprova a nossa asserção; escolhemo-lo de proposito entre as especies de palavras cujo emprego é mais frequente na lingoagem ordinaria, e cuja theoria parece das mais faceis.

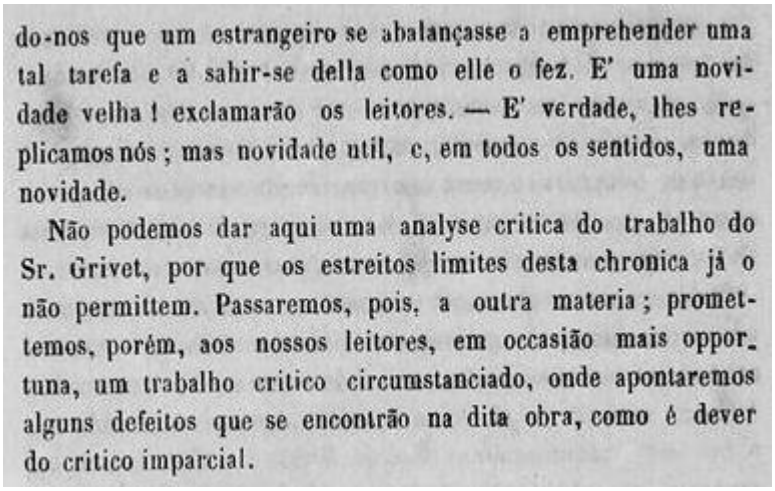
Todos os nossos grammaticos limitão-se a distribuir em duas unicas classificações a palavra *que*, fazendo della um pronome relativo ou uma conjuncção, parecendo nisso copiar a grammatica franceza em que tal facto se dá. Entretanto, procurando applicar esta classificação ao dito de Vieira : « *Que homem ha, senhores, que não busque o descanço* ? » achamo-nos completamente impossibilitados de classificar o primeiro *que*. Será pronome? será conjuncção ? No primeiro caso qual é o seu antecedente? No segundo, quaes são as partes ligadas?....

Dicant paduani.

Não se diga que é uma questão de *lana caprina*! Não ! Nenhuma falsidade deste genero deixa de arrastar no ensino consequencias funestas. Duas capitaes nos occorrem : 1ª os meninos acostumão-se muito cêdo a considerar as regras da grammatica como *balas* que, por terem diametro maior que o da bocca da peça, são inuteis nos arsenaes por não servirem na occasião precisa ; e, medindo então umas pelas outras cousas, descrêm de tudo quanto lhes ensina o mestre.

A segunda é ainda mais momentosa. — Não será bastante indecoroso, para nós, que os vindouros nos possão exprobrar de não termos sabido grammatica, por encontrarem, como se encontrão, tantos erros crassos, e o que mais é, nos documentos os mais solemnes, como sejão as leis, os decretos, os regulamentos, de nossa época ? ! Deve, pois, valer alguma coisa o saber grammatica.

Forão estas ponderosas razões que nos levárão a lêr, e a recommendar aos nóssos leitores que leião, a *Grammatica analytica* do Sr. Adriano Grivet, publicada o anno passado, admiran-



do-nos que um estrangeiro se abalançasse a emprehender uma tal tarefa e a sahir-se della como elle o fez. E' uma novidade velha! exclamarão os leitores. — E' verdade, lhes replicamos nós; mas novidade util, e, em todos os sentidos, uma novidade.

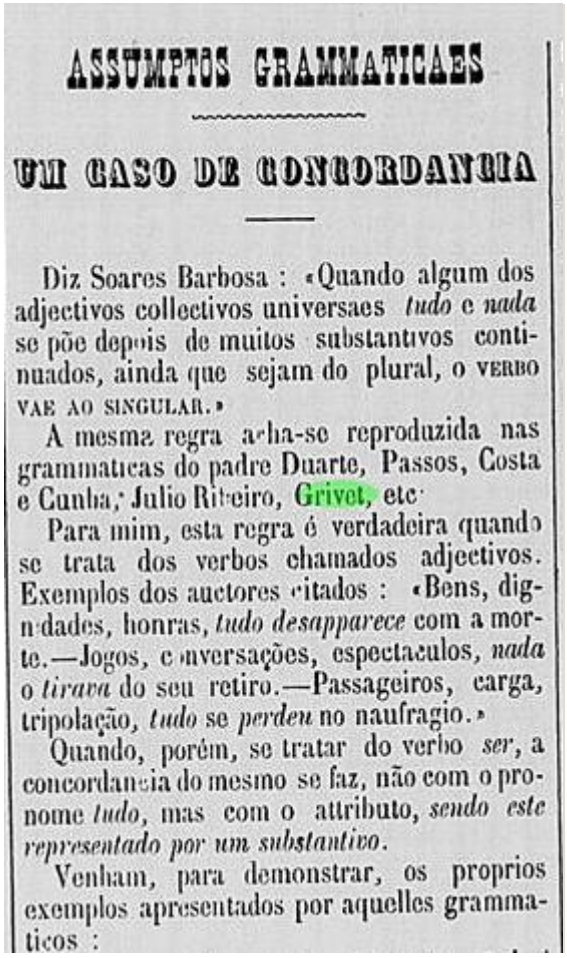
Não podemos dar aqui uma analyse critica do trabalho do Sr. Grivet, por que os estreitos limites desta chronica já o não permittem. Passaremos, pois, a outra materia; promettemos, porém, aos nossos leitores, em occasião mais opportuna, um trabalho critico circumstanciado, onde apontaremos alguns defeitos que se encontrão na dita obra, como é dever do critico imparcial.

Fonte: Revista Mensal da Sociedade (RJ) – Ano 1866/Edição 00009 (1)

No começo, o crítico informa sobre as condições da institucionalização da língua portuguesa naquela época: o português passou a ser cobrado nos exames para concursos. No entanto, não havia um material que guiasse os estudos, de forma que classificações e definições diferiam devido à falta de sistematização. Depois, problematiza a classificação do "que" dos gramáticos lidos por ele até o momento e termina com a indicação da primeira obra de Grivet. Aparece, novamente, o sentido de "novo", dessa vez atrelado à nacionalidade do autor. Acreditamos que a "novidade" é relativa a alguma de suas concepções linguísticas, mas não descartamos a possibilidade de o "novo" ser também por causa de um estrangeiro que, em pouco tempo, aprendeu português e escreveu uma gramática robusta dessa língua.

O gramático suíço, nos anos seguintes, continuou com aparições nos periódicos como argumento de autoridade – as citações completas podem ser vistas no Apêndice D. Abaixo, na Figura 23, vemos que Grivet aparece em igualdade com Julio Ribeiro, por exemplo, quando o assunto é concordância:

Figura 23 – Grivet citado em periódico, ao lado de Julio Ribeiro, como argumento de autoridade



ASSUMPTOS GRAMMATICAES

UM CASO DE CONCORDANCIA

Diz Soares Barbosa : «Quando algum dos adjectivos collectivos universaes *tudo* e *nada* se põe depois de muitos substantivos continuados, ainda que sejam do plural, o VERBO VAE AO SINGULAR.»

A mesma regra acha-se reproduzida nas grammaticas do padre Duarte, Passos, Costa e Cunha, Julio Ribeiro, Grivet, etc.

Para mim, esta regra é verdadeira quando se trata dos verbos chamados adjectivos. Exemplos dos auctores citados : «Bens, dignidades, honras, *tudo desapparece* com a morte.—Jogos, conversações, espectaculos, *nada* o *tirava* do seu retiro.—Passageiros, carga, tripolação, *tudo* se *perdeu* no naufragio.»

Quando, porém, se tratar do verbo *ser*, a concordancia do mesmo se faz, não com o pronome *tudo*, mas com o attributo, *sendo este representado por um substantivo*.

Venham, para demonstrar, os proprios exemplos apresentados por aquelles grammaticos :

Fonte: Diario de Belém: Folha Politica, Noticiosa e Commercial (PA) - Ano 1889\Edição 00027 (1)

Em 1984, o autor foi citado pela penúltima vez (Figura 16, cf. 1.3.2) como argumento de autoridade por Napoleão Mendes de Almeida, o que indica uma possível influência de Grivet sob este outro gramático, que nos é tão recente. Já a última ocorrência (Figura 17, cf. 1.3.2) do suíço nos jornais foi em 1989, pelo escritor Cécil Meira.

Em relação à rede de influências de Grivet, o autor cita vários trechos de outros textos em sua obra, mas todas sem referências. Identificamos que algumas são da *Grammatica portugueza, accommodada aos princípios geraes da palavra, seguidos de immediata applicação pratica* (1866), de Francisco Sotero dos Reis (1800-1871). Então, essa é a única influência explícita, ainda que seja para criticar o gramático maranhense.

5.3 Camada teórica: Grivet e sua visão de linguagem

A análise da camada teórica, como abordado anteriormente, ocorre pela investigação da visão de linguagem do objeto estudado. Assim, nesta subseção, discorremos sobre a concepção linguística, especialmente na dimensão sintática, presente na *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*. Como dito na subseção anterior, apesar de focalizarmos o capítulo "Syntaxe" da obra, precisamos recorrer a outras partes para compreender o pensamento teórico global do autor.

Nas "Noções preliminares", o gramático explica que:

> 1. GRAMMATICA é a arte de fallar e escrever correctamente : o seu objecto é, portanto, a palavra.
> 2. Falla e escreve correctamente quem se conforma com as regras sanccionadas pelos dictames da boa razão, e segundo os usos respeitáveis pelo assenso que grangeárão dos doutos. (GRIVET, 1881, p. 1)

Dando continuidade à afirmação de que a gramática é a "arte da palavra", Grivet, agora, declara que ela é a "arte de fallar e escrever correctamente" e que seu objeto é a palavra, o que parece coerente, já que dedica a maior parte da sua obra para a sintaxe – que, segundo o autor, é a "[...] theoria das funcções que as palavras exercem na enunciação dos pensamentos" (GRIVET, 1881, p. 222).

A primeira declaração de Grivet (1881, p. 222) sobre sintaxe é a de que ela "[...] é a theoria das funcções que as palavras exercem na enunciação dos pensamentos, e das relações que dahi entre ellas occorrem". Dessa forma, o autor se afasta das definições de sintaxe dos seus contemporâneos, como:

> [a] syntaxe considera as palavras como relacionadas umas com outras na construcção de sentenças, e considera as sentenças no que diz respeito á sua estructura, quer sejam simples, quer se componham de membros ou de clausulas. (RIBEIRO, 1885, p. 209)

> [*s*]*yntaxe* é a quarta parte da grammatica, que ensina a compor a oração. (CANECA, 1875, p. 54)

Tanto a definição de Júlio Ribeiro (1885) quanto a de Frei Caneca (1875) são voltadas para a relação das palavras e composição das sentenças. Grivet não nega essa relação entre palavras, mas acrescenta a noção de "teoria das funções".

5.3.1 A teoria das funções

As funções exercidas pelos termos são um resumo feito, na parte dedicada à sintaxe, a partir das dez espécies de palavras distribuídas na lexicologia. Os termos que compõem a teoria das funções são sete: fato, sujeito, complemento directo, complemento indirecto, predicado, apposição e ligação.

Antes de nos aprofundarmos em cada função, é preciso compreendermos melhor a organização delas. Para Grivet (1881, p. 222), é necessário que:

> [...] não se entenda que todos estes termos encontrem-se necessariamente juntos em toda e qualquer enunciação de pensamento, e sim tão somente que, seja qual fôr o pensamento, todas as palavras que o constituem, cabem forçosamente em uma ou outra destas sete categorias, com excepção, todavia, das interjeições, que, por pertencerem á linguagem figurada, se avalião de um modo todo especial.

As palavras que constituem qualquer enunciação do pensamento farão parte, obrigatoriamente, de algum dos sete termos das funções. No entanto, nem todas as sete categorias aparecerão sempre. A exceção é a interjeição, que, por ser utilizada num sentido figurado, é preciso que seja analisada de outra forma.

Ainda sobre o trecho citado, observarmos que, para se referir aos termos do pensamento, Grivet (1881, p. 222) utiliza "todas as palavras que o constituem", isto é, a noção de constituinte ou de sintagma não estava presente nas ideias gramaticais do autor. Dessa forma, vemos que esses itens (as palavras) são significativos para a enunciação do pensamento. A análise sintática instaurada por Grivet não é feita por constituintes/sintagmas, mas pela função que as *palavras* exercem.

Vejamos as funções que podem ser exercidas pelas palavras. Abaixo, no Quadro 17, expomos esses termos juntamente às definições elaboradas por Grivet.

Quadro 17 – Definição dos elementos da teoria das funções de Grivet (1881)

Função	Definição
Facto	"O FACTO fica enunciado por um verbo, e só por um verbo em um dos quatro modos outros que o infinitivo" (p. 222)
Sujeito	"O SUJEITO [fica enunciado] essencialmente por um substantivo ou um pronome, accidentalmente por um infinitivo" (p. 222)
Complemento directo	"O COMPLEMENTO DIRECTO [fica enunciado] promiscuamente por um substantivo ou um pronome, e separadamente por um infinitivo" (p. 223)

Complemento indirecto	"O COMPLEMENTO INDIRECTO [fica enunciado] explicitamente por um substantivo, um pronome, um infinitivo ou uma locução adverbial, implicitamente por um adverbio" (p. 223)
Predicado	"O PREDICADO [fica enunciado] essencialmente por um adjectivo ou um participio variavel, accidentalmente por um substantivo, um pronome ou um infinitivo" (p. 223)
Apposição	"A APPOSIÇÃO [fica enunciada] essencialmente por um artigo, um adjectivo ou um participio variavel, accidentalmente por um substantivo, um pronome ou um infinitivo" (p. 223)
Ligação	"A LIGAÇÃO [fica enunciada] isoladamente por uma conjuncção ou locução conjunctiva, contractamente por todo o pronome adjectivo ou adverbio implicando ostensiva ou disfarçadamente QUE ou SE" (p. 223)

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Na abordagem da sintaxe realizada com a teoria das funções, um papel é atribuído a cada palavra. A análise, então, não é pelos sintagmas, mas pela função exercida por cada elemento. Para estudar melhor cada uma das sete funções, dividimos, a seguir, esse subtópico para tratar de cada uma delas.

5.3.1.1 Facto

A primeira função descrita por Grivet é o fato, que é enunciado por um verbo. O fato é a palavra que, segundo o autor, dá vida ao discurso. Sem o verbo, que tem essa função, não há comunicação, independentemente de quais outras forem as espécies de palavras utilizadas na enunciação. O fato pode aparecer com ou sem sujeito, com ou sem complementos e com ou sem predicado, como nos exemplos:

> (Com ou sem sujeito). A NOITE CHEGÁRA. — RELAMPEJAVA.
> (Com ou sem complemento). *Tudo* se muda por instantes. — *Tudo* passa. (P. Man. Bernardes).
> (Com ou sem predicado). *Se os olhos vêm com odio,* — O ANJO É FEIO ; — *se com amor, o* — QUE NÃO É, — *tem ser*. (P. Ant. Vieira). (GRIVET, 1881, p. 291-292)

O gramático alerta sobre o infinitivo. Segundo ele, outros autores atribuíram a essa forma propriedades idênticas às dos quatro modos: indicativo, condicional, imperativo e subjuntivo. Entretanto, ele não exprime um pensamento, apenas uma ideia ou um conjunto de ideias, como em "PREGAR [*não ha de ser*] PRAGUEJAR. (Gil Vicente)" (GRIVET, 1881, p. 292). Sem o que está entre colchetes no exemplo do autor, ou seja, se fosse apenas "PREGAR

PRAGUEJAR", pensaríamos sobre as ações de pregar e de praguejar, mas nada seria afirmado e não teríamos maiores informações, como quem prega ou pragueja. Isto é, com "eu prego" ou "eu praguejo", temos dados sobre o sujeito e o número (primeira pessoa do singular) e o tempo e o modo verbal (presente do modo indicativo, de acordo com Grivet). Já se fosse possível uma proposição com apenas "pregar" ou "praguejar", não saberíamos o sujeito, o número, o tempo e o modo. De forma resumida, o sentido (em termos lógico-semanticos) não é completo, pois não podemos dizer se a oração é verdadeira ou falsa.

Outros fatores que também diferenciam o infinitivo dos demais, é que i) ele pode ser regido por uma preposição, já o fato, não, e ii) com exceção do imperativo, todo fato pode ser relacionado com um fato anterior através de uma ligação subordinativa (que ou se), o que não ocorre com o infinitivo.

Como os termos sintáticos são considerados a partir das espécies de palavras que os produzem, o autor ainda acrescenta que o verbo "[...] fornece, nos quatro primeiros modos, o facto, e só o facto ; no infinitivo fornece um sujeito, um complemento directo ou indirecto, um predicado ou uma apposição" (GRIVET, 1881, p. 223). A função do fato só se faz presente quando o verbo aparece nos modos indicativo, condicional, imperativo ou subjuntivo. Caso o verbo esteja no modo infinitivo, a função do fato não ocorrerá.

Mais explicações sobre o fato podem ser vistas no trecho abaixo:

> O pensamento consta de UMA ou MAIS IDÉAS. Quando consta de uma, o termo que lhe corresponde, só póde ser um facto, isto é, um verbo em um modo outro que o infinitivo ; e só um facto de necessidade, isto é, ao qual fallece absolutamente todo e qualquer sujeito, como lhe póde fallecer todo e qualquer predicado, todo e qualquer complemento. EX. ANOITECE. — TROVEJOU. — CHOVERÁ. (GRIVET, 1881, p. 224)

Antes, o autor explica que pensamento é um ato intelectual que implica a formação de um juízo. Com essa ideia, podemos perceber uma influência racionalista que remete à Gramática de Port-Royal. O que caracteriza um pensamento é o fato de ele poder ser aceito ou não, independentemente do seu valor de verdade. Ideias soltas não formam um pensamento. Por isso, ele é constituído por uma ou mais ideias. Quando é de apenas uma, esse termo, se não estiver no infinitivo, é o fato.

Na citação anterior, temos três frases com exemplos de fatos: "anoitece", "trovejou" e "choverá". Todas elas, apesar de só terem uma palavra, remetem a uma ideia e podem ser impugnadas: anoitece? Sim/não! Trovejou? Sim/não! Choverá? Sim/não! Se esses verbos estivessem no infinitivo, as perguntas não poderiam ser feitas.

Depois da introdução sobre o que é o fato, Grivet se aprofunda nos quatro modos verbais: o indicativo, o condicional, o imperativo e o subjuntivo. Por motivos organizacionais, também dividimos esses modos nos subtópicos em seguida.

5.3.1.1.1 Modo indicativo

O modo indicativo apresenta oito tempos, sendo cinco simples e três compostos. Para sistematizar essa classificação, elaboramos o quadro abaixo, com o número ordinal do tempo, seu nome e um ou mais exemplos dados pelo autor.

Quadro 18 – Tempos do modo indicativo

Tempo	Nome	Exemplos de Grivet (1881)
1º	presente	*"Os olhos* VÊM *pelo coração ; e, assim como quem* VÊ *por vidros de diversas côres, todas as cousas lhe* PARECEM *daquela côr, assim as vistas se* TINGEM *dos mesmos humores de que* ESTÃO *bem ou mal* AFFECTOS *os corações*. (P. Ant. Vieira)" (p. 294)
2º	pretérito imperfeito	"*Partimos para a cidade de Trento, onde então se* CELEBRAVA *o sagrado concilio...*" (p. 295) "*O que a turca* FAZIA *por mostrar religião e santidade*. (Pantaleão de Aveiro)" (p. 295)
3º	pretérito perfeito simples	"*Emfim (el rei D. Sebastião*) TORNOU *para Lisboa, mais acceso em desejos, e com muita pressa* : ORDENOU *coronéis* ; LEVANTOU *terços* : NOMEOU *capitães ;* CHAMOU *hispanhoes, tudescos e italianos*…" (p. 296)
4º	pretérito prefeito composto	*"Estes são os aduladores,… attentos somente a não desgostar ou entristecer o agrado em que* TÊM FUNDADO *seus interesses*. (P. Ant. Vieira)" (p. 296)
5º	pretérito mais que perfeito simples	*"Fabricou Salomão um palacio real em Jerusalem, que, depois do templo que elle* EDIFICARA, *foi o segundo milagre*. (P. Ant. Vieira)" (p. 296)
6º	pretérito mais que perfeito composto	*"E logo, pedindo um missal fez (D. João de Castro) juramento sobre os Evangelhos que, até a hora presente, não era devedor à fazenda real de um só cruzado, nem* HAVIA RECEBIDO *cousa de christão, judeo, mouro ou gentio ; nem, para a autoridade do cargo ou da pessoa, tinha outras alfaias que as que de Portugal* TROUXERA ; *e que ainda a prata que no reino* FIZERA, HAVIA *já* GASTADO ; *nem* TIVERA *jámais possibilidade para comprar outra colcha que a que na cama vião*. (Jacintho Freiro de Andrade)" (p. 297)
7º	futuro simples	*"Como se* ANIMARÁ *o soldado a buscar a honra por meio das bombardas e dos mosquetes, se vê em um peito o sangue das balas, e noutro a purpura das cruzes ? [...] (P. Ant. Vieira)*" (p. 297)
8º	futuro composto	"*Perdeu V. Ex. um tão grande, tão fiel e tão honrado amigo e parente... … Só nos fica o allivio e consolação da fé, esperando que, assim como Deos o livrou das perseguições tão mal merecidas deste mundo, lhe* HAVERÁ DADO *no céo o descanso*. (P. Ant. Vieira)" (p. 298)

Fonte: elaborado pela autora.

O primeiro tempo, presente, sem muitos mistérios, indica ações que ainda ocorrem no tempo atual. Já o segundo, pretérito imperfeito, implica uma lembrança, podendo substituir o presente quando o fato é subordinado a um verbo que antes anunciou um passado. Dessa forma, o verbo, por atração, seria "constrangido" a declarar no passado o que, na verdade, é do presente: "Bem DISSE S. Ambrosio que mais VALIA um dinheiro tirado do pouco, do que um thesouro tirado do máximo. (P. Man. Bernardes) […]" (GRIVET, 1881, p. 295). Nesse caso, o "valia" significa um "vale", mas, devido ao passado em "disse", o verbo "valer" é forçado a ficar também no passado.

O pretérito perfeito simples, terceiro tempo, aponta fatos que já sucederam. Grivet comenta que esse tempo já recebeu, pelos filólogos, o nome de "passado histórico" ou "nativo". O quarto tempo, pretérito perfeito composto, substitui o terceiro quando se refere a um fato sucedido de forma repetitiva ou completamente concluído.

Já o quinto tempo, pretérito mais que perfeito simples, indica o fato como anterior a uma época já terminada, caracterizando um "duplo passado". O alcance do sexto tempo, pretérito mais que perfeito composto, é o mesmo que do quinto, diferenciado apenas por causa da mistura nas orações, sem distinção na determinação do tempo. O penúltimo tempo, futuro simples, remete a um fato que ainda ocorrerá. O último, futuro composto, a um que já terá ocorrido quando outro acontecer.

5.3.1.1.2 Modo condicional

Esse modo apresenta quatro tempos, sendo dois condicionais genuínos e dois condicionais suplementares. Genuínos são os que não podem ser confundidos com outras inflexões do verbo devido a suas formas, podendo exprimir o condicional com a perfeita propriedade de sentido. Os suplementares não modificam a propriedade dos genuínos, mas podem substituí-los para melhorar a elocução pela variedade e pela eufonia, como em "PUDERA-SE fazer problema onde ha mais pescadores, e mais modos e traças de pescar, se no mar, ou na terra. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 298), em que "pudera-se" podia ser trocado por "poder-se-hia", sem alterar o sentido, favorecendo, assim, a dicção.

No quadro abaixo, encontramos os tempos do modo condicional:

Quadro 19 – Tempos do modo condicional

Tempo	Nome	Exemplo de Grivet (1881)
1º	Presente-passado-futuro	"*Eu faria isso* AGORA MESMO, — *eu faria isso já* HONTEM, — *eu*

	proprio	*faria isso de boa vontade* AMANHÃA, — *se me sobrasse tempo*" (p. 299)
2º	Pretérito próprio	"*Que* TERIA SIDO *da Europa christãa, se Carlos Magno não repellisse os Sarracenos ?* — A expressão : *Que* SERIA *da Europa christãa*… poderia alludir, contra a vontade, á epoca presente" (p. 299)
3º	Presente-passado-futuro próprio	"*Estes são os aduladores, que louvão o que não* DEVERÃO [*deverião]*] *louvar, e applaudem o que não* DEVÊRÃO [*deverião]*] *applaudir, e ajudão o que* DEVÊRÃO [*deverião]*] *estorvar*. (P. Ant. Vieira)" (p. 299)
4º	Pretérito próprio	"*Faça-se Vossa Alteza amar, e nesta só palavra digo a Vossa Alteza mais do que* PUDERA [*poderia]*] *em largos discursos*. (P. Ant. Vieira)" (p. 299)

Fonte: elaborado pela autora.

O primeiro tempo, presente-passado-futuro próprio, é assim chamado por causa da sua capacidade de poder se referir a qualquer um desses tempos, como no exemplo mostrado no quadro. Já o segundo, pretérito próprio, ocupa o lugar do primeiro quando este, na expressão do passado, devido a alguma circunstância, ficaria ambíguo. O terceiro, presente-passado-futuro próprio, e o quarto tempo, pretérito próprio, correspondem ao primeiro e ao segundo, substituindo-os apenas por questões de dicção.

O autor ainda critica a língua portuguesa por permitir o uso do segundo tempo do indicativo, pretérito imperfeito, no lugar do condicional, como no caso de "[s]e os homens se comerão somente depois de mortos, parece que era [seria, fôra]] menos horror, e menos materia de sentimento. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 300).

5.3.1.1.3 Modo imperativo

Como, no modo imperativo, o fato é mandado ou pedido, ele só pode se referir ao futuro, não podendo indicar o tempo presente, já que, se algo já é, não precisa ser mandado. Além disso, podemos pressupor que, perto de quem manda ou dá a ordem, está alguém que ouça e possa cumprir. Dessa forma, o mesmo modo não pode abranger mais de uma pessoa, ou é a segunda do singular ou a segunda do plural, como em "[a]s arvores que ao espinheiro offerecêrão o governo, disserão-lhe : « vem ». Elle disse-lhes : « vinde ». (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 301).

Na segunda pessoa, também fica restrito a ela exprimir o mandado ou o pedido sob o teor negativo, devendo a flexão verbal ser substituída pela do 1º tempo do subjuntivo: "[o]' voadores, contentai-vos com o mar e o nadar, e não queirais voar, pois sois peixes. (P. Ant.

Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 301). Isso também ocorre quando, "[...] por uma ficção que recorda o MODO OPTATIVO da lingua grega [...]" (GRIVET, 1881, p. 301), a ordem ou pedido é direcionado à primeira ou à terceira pessoa do singular ou do plural. É interessante notar a menção feita pelo autor à língua grega para fins de explicação de um detalhe do português, que pode ser visto abaixo:

> (3.ª P.) — FAÇA O PRINCIPE seu corpo da guarda o amor dos subditos. — ADMITTA homens aos cargos pelo ser, não pelo parecer. — SEJA clemente, mas não DEIXE de ser severo. (P. Ant. Vieira).

A exceção ocorre se um sujeito se dirigir a si mesmo, como se fosse um estranho. Nesse caso, o verbo volta para o imperativo: "*[e]spirito meu, eu ando em uma região desconhecida, onde não sei bem o nome das cousas*… DÁ-*me, te rogo, alguma luz nessa materia*. (P. Man. Bernardes)" (GRIVET, 1881, p. 302).

5.3.1.1.4 Modo subjuntivo

O subjuntivo é o modo da eventualidade, ou seja, o que pode acontecer ou não:

> Autores ha que se persuadem não estar o céo privado de semelhantes recreações ; mas, QUANDO o ESTEJA destas, bem sabemos que tem outras muitas e maiores. (P. Man. Consciencia). (GRIVET, 1881, p. 304)

Convém observar que o fato, por ser subordinado, no subjuntivo, não é obrigatoriamente anteposto por uma ligação subordinativa, como "quando", "ainda que" e "se". Quando a ligação aparece, é devido ao bem da eufonia: "PEDIU *Sansão a seus pais* QUE *lhe* DESSEM *por mulher uma philistéa*. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 305).

O uso dessas ligações não indica necessariamente o modo subjuntivo, mas, sem alguma delas, o subjuntivo não é produzido. É isso que ocorre nos seguintes exemplos que, carecendo de eventualidade, são classificados, respectivamente, no indicativo e no condicional:

> *Antigamente houve entre gentes barbaras o impiissimo costume* QUE *os filhos* ENTERRAVÃO *vivos seus pais quando estes, por velhos e enfermos, não podião ganhar de comer*. (P. Man. Bernardes).
> *Aquelles que tudo erão delicias, mimos, trajos, damas, banquetes, festas, cheiros, musicas, passatempos, mettidos em masmorras, sem allivio nem consolação alguma*,… QUE SENTIRIÃO ? QUE IMAGINARIÃO ? QUE FARIÃO ?

> QUE DIRIÃO ? EM QUE CUIDARIÃO ? (Luiz Torres de Lima). (GRIVET, 1881, p. 305-306)

O autor afirma que o emprego do subjuntivo é resumido a três causas que o promovem: i) o sentido de um verbo anterior; ii) a especialidade da ligação; e iii) uma circunstância acidental. Os verbos anteriores que impõem o subjuntivo ao fato são aqueles que enunciam uma vontade, um sentimento, uma dúvida, uma negativa, uma interrogação ou exclamação direta. Temos um exemplo em: "*[n]ecessario* É QUE HAJA *premios para que haja soldados, e* QUE, *aos premios, se* ENTRE *pela porta do merecimento*. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 306).

Já a especialidade da ligação se refere ao fato de que ela, por si só, não evoca nenhum modo, mas uma proposição subordinada. É por isso que deve-se considerar o modo do fato da proposição.

Quando o subjuntivo não é por causa do verbo nem por causa da ligação, a eventualidade pode estar subordinada a um verbo de forma oculta, requerendo, assim, uma inversão de proposições.

Grivet apresenta ainda os tempos do subjuntivo, que podemos ver no quadro abaixo:

Quadro 20 – Tempos do modo subjuntivo

Tempo	Nome	Exemplo de Grivet (1881)
1º	presente-futuro	"*Não digo que o seu pai* ESTEJA AGORA *aqui, nem tão pouco que aqui* ESTEJA AMANHÃA." (GRIVET, 1881, p. 321)
2º	presente-passado-futuro-próprio	*"Eu desejára que o seu pai aqui* ESTIVESSE AGORA, — *aqui* ESTIVESSE HONTEM, — *aqui* ESTIVESSE AMANHÃA, *para com elle tratar deste assumpto"* (GRIVET, 1881, p. 321)
3º	presente-passado-futuro-suplementar	*Quem haverá que se não admire de uma tal volta, da fortuna em dous sujeitos tão notáveis : um tão valente, outro tão altivo ! E' possivel que nisto* PARÁRÃO *as façanhas e victorias de Sansão ? E' possivel que nisto* PARÁRÃO *as riquezas e bizarrias do Prodigo ? Nisto pararão ; ou, para melhor dizer, não parárão só nisto*. (P. Ant. Vieira) (p. 323-324)
4º	pretérito perfeito	*"Admira-nos o ver quão depressa* HAJA *a terra* GERADO *e* PRODUZIDO ; *mas, quanto maior motivo temos para admiração, se considerarmos como as sementes lançadas nella não fructificão, se primeiro não morrem !* (Fr. Luiz de Granada)" (p. 326)
5º	préterito mais que perfeito próprio	*"Quando, para este ministério, mandavão de Ceilão um elephante, o levavão para a ribeira, onde todos os outros, quando este entrava, lhe fazião uma reverencia com muita submissão, sem que alguma hora o* TIVESSEM VISTO. (João Ribeiro). — (Não : *o* VISSEM)" (p. 326)
6º	pretérito mais que perfeito supplementar	Ø

7º	futuro simples	« *Quando* FORDES CONVIDADO *á casa e á mesa alheia, não deveis tomar os primeiros lugares, senão o ultimo, porque (para que) não succeda vir o senhor da casa,. e vos mande levantar do lugar que tomastes, e o dê a outro melhor do que vós, e então vos acheis com affronta no ultimo lugar. Porém, se* ESCOLHERDES *o ultimo, virá o dono da casa e senhor do convite, e, vendo-vos alli, vos dirá : Amigo, subí para cima ! E então ficareis com gloria entre os mais convidados ; porque todo aquelle que se* EXALTAR, *será humilhado, e o que se humilha, será exaltado*. » (PARAB. EVANG. P. J. B. de Castro)" (p. 326)
8º	futuro composto	Ø

Fonte: elaborado pela autora.

O primeiro tempo, presente-futuro, enuncia tanto o presente quanto o futuro. O segundo, presente-passado-futuro próprio, tem formas peculiares e se presta a enunciar as três épocas de duração que o nomeiam. Grivet comenta que, devido à correlação com o modo condicional, o segundo tempo do subjuntivo pode ser, por vezes, suprido por ele, como em "[e], que vos parece – que faria o Cesar neste caso? (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 321). Nesse exemplo, a segunda proposição está subordinada a uma interrogação direta, dessa forma, o fato passa para o subjuntivo.

O presente-passado-futuro suplementar, terceiro tempo, serve para suprir o segundo por causa da eufonia e da variedade. O quarto, pretérito perfeito, indica um passado. O quinto, pretérito mais que perfeito próprio, e o sexto tempo, pretérito mais que perfeito suplementar, substituem, respectivamente, o segundo e o terceiro, quando estão em circunstâncias que causem a obscuridade da proposição. O sétimo e o oitavo tempo do subjuntivo, respectivamente futuro simples e futuro composto, correspondem ao sétimo e oitavo do indicativo, mas tendo a eventualidade como condição.

5.3.1.2 Sujeito

Para Grivet, a função do "sujeito", que pode ter uma ou mais palavras, é impor ao verbo o número e a pessoa. Caso não haja sujeito, falta ao verbo "personalidade". Por esse motivo, o verbo só apresenta uma forma em cada tempo. Estão aptos a serem sujeitos apenas o substantivo, o pronome e o verbo na sua forma infinitiva. Se o verbo estiver no gerúndio, ele não pode ser um sujeito. Vejamos um exemplo do autor:

> *Não se soffre que gente que tem um mesmo Pai celestial, e caminha juntamente para uma mesma cidade celestial, não se ame no*

> *caminho,* HAVENDO DE TER *no cabo da jornada tão perfeita amizade e paz eternamente*. (D. Fr. Bartholomeo dos Martyres). (GRIVET, 1881, p. 346)

Na citação acima, "havendo", em versalete, não poderia ser considerado o sujeito do anunciado, visto que o gerúndio, por só ter uma forma, não daria a "personalidade" a "ter", ou seja, não lhe daria os atributos necessários, que são o número, a pessoa, o modo e o tempo.

O autor também abre a possibilidade de palavras substantivadas exercerem a função de sujeito, desde que acompanhadas por um artigo ou adjetivo determinativo. Para o autor, adjetivo determinativo é aquele que traz uma ideia de numeração, de pertença etc., como "dois", "este", "algum", entre outros, o que, hoje, chamamos, de numeral e pronome.

Ao considerarmos uma palavra substantivada, devemos nos atentar à função exercida pelo termo. Leiamos este exemplo dado pelo autor:

> *Oh ! quem pudera examinar* ESTE PORQUE *!...* OS PORQUES *desta desunião nenhuma cousa valem, nenhuma cousa montão, nenhuma cousa pesão ; e as consequencias della montão tudo, pesão tudo, e levão tudo !* (P. Ant.Vieira). (GRIVET, 1881, p. 347)

No primeiro destaque em versalete, o "porque" está acompanhado por "este", um adjetivo determinativo (hoje, pronome demonstrativo). Já o segundo está pelo artigo "os", sendo sujeito dos fatos (verbos) que seguem no enunciado (*valem*, *montão* e *pesão*). Não podemos, entretanto, afirmar que o primeiro "porque" é sujeito, pois, apesar de aparecer substantivado, ele exerce a função de complemento direto de "examinar".

O que também não pode ocorrer, para Grivet, é uma proposição ou uma oração formar o sujeito de um verbo, ideia defendida pela maior parte dos gramáticos, de acordo com o suíço. Isso se deve à impossibilidade de uma oração ser um todo e apenas uma parte. Ela teria que abdicar sua exclusividade da expressão de um pensamento, sua autonomia. Se uma proposição pudesse ser o sujeito de outra, a primeira, dessa forma, seria parte integrante da segunda. Então, haveria duas proposições ou apenas uma, pois uma proposição não poderia representar um todo e uma só parte simultaneamente.

Um exemplo dado é "[q]uem quer vai, — quem não quer manda. (P. Man. Bernardes)" (GRIVET, 1881, p. 348). Se considerássemos que uma oração pode fazer parte da outra, "quem quer" seria o sujeito de "vai", e "quem não quer", de "manda". Para proceder à análise, Grivet troca o vocábulo "quem" por "aquele que", resultando em "aquele que quer vai, aquele que não quer manda". Cada fato é regido pelo seu próprio sujeito, que não é uma proposição, mas um pronome. O autor termina sua análise destacando a pontuação

inadequada do trecho extraído de Padre Manuel Bernardes, tendo como grafia correta: “quem quer, vai; quem não quer, manda”.

O sujeito pode ser simples ou composto. Caso seja simples, o verbo concorda com ele em número, pessoa e gênero, no caso de um verbo na voz passiva. Em relação a essa concordância do verbo com o sujeito quanto ao gênero, acreditamos que seja, na verdade, a concordância do particípio com o sujeito, como num exemplo apresentado pelo gramático: “[q]uantos VIERÃO *a servir porque* QUIZERÃO [ELLES *quizerão*] SER *mais* SERVIDOS, *ou* SERVIDOS *de mais do que* PODIÃO [ELLES podião]] *manter* ! (P. Ant. Vieira)” (GRIVET, 1881, p. 350). Nota-se que “servidos” concorda com “elles”, não com “quizerão”.

Caso seja composto:

> [...] a regencia por elle [sujeito composto] exercida não é tão absolutamente a que, importada da lingua franceza, onde tem o seu cabimento, vai desmoronando por ahi, nas escolas, a vernaculidade portugueza, que repugna ao afrancesamento syntaxico por indole e isenção. (GRIVET, 1881, p. 351)

Nesse trecho, o autor declara que o sujeito composto, no português, foi tomado da língua francesa, mas que, nas escolas, onde há a “vernaculidade portugueza”, ele foi modificado. Com o composto – formado por substantivos, pronomes ou os dois –, o verbo passa para o plural, concordando também em gênero, caso seja passivo. A concordância de gênero se dá com a palavra mais próxima do verbo, por anteposição ou posposição.

Se os substantivos representarem ideias abstratas, como em “[a] vida e o tempo nunca pára. (P. Ant. Vieira)” (GRIVET, 1881, p. 352), o verbo, por silepse, continua no singular, mostrando mais uma vez o critério semântico utilizado pelo autor nas suas concepções sintáticas.

Em seguida, o autor comenta casos de particularidades de concordância e faz um comentário que merece ser reproduzido: “[...] o que assenta ao francez, não tem necessariamente igual cabimento no portuguez ; porquanto, obedecendo a necessidades diversas, cada um dos idiomas deve caminhar por sua propria vereda” (GRIVET, 1881, p. 356). O autor, nesse trecho, reconhece a particularidade de cada língua, não sendo possível, portanto, transferir a gramática de uma língua para outra. Dessa forma, ele se mostra contrário ao que vinha fazendo a linhagem gramatical latinizada.

5.3.1.3 Complemento direto

O complemento direto é o "[...] termo que abrange a palavra ou conjuncto de palavras inteirando o sentido de um verbo sem intervenção de preposição, quer expressa, quer occulta" (GRIVET, 1881, p. 360-361). As classes que podem exercer essa função são substantivos, pronome e verbos no infinitivo. Esse complemento pode ser simples, quando constituído por uma única palavra, ou composto, quando é formado por mais de uma.

Grivet faz uma observação importante sobre o complemento: ele não pode modificar o verbo. Só quem pode fazê-lo é o sujeito. Essa regra parece dispensável, mas, para o autor, ela se faz necessária, pois ele alerta para erros de confusão de complemento direto com sujeitos e vice-versa. Um exemplo é o discurso da tribuna "[e]rão *estas as observações* que *me* OCORRÊRÃO *fazer sobre a materia*..." (GRIVET, 1881, p. 361). Não podemos atribuir ao verbo "ocorrerão" o "que", pronome relativo que o antecede, como sujeito, pois o "que" é complemento direto de "fazer", e o sujeito de "ocorreu" é o verbo "fazer".

Uma outra lei descrita pelo gramático é a de que um verbo pode ter apenas um complemento direto simples ou composto, formado por substantivos ou pronomes. O seguinte caso seria inaceitável: "ENSINO GRAMMATICA *os* FILHOS *de meu tio*" (GRIVET, 1881, p. 362). Para orações desse tipo, com mais de um complemento, um deles deveria ter uma preposição, tornando-se indireto, como em "ENSINO *em grammatica os* FILHOS *de meu tio*" (GRIVET, 1881, p. 362).

O caso não é aplicado a verbos que tenham dois complementos cujo primeiro seja substantivo ou pronome e o segundo seja um infinitivo. O autor exemplifica com "*Frei Thomaz da Costa* FAZIA DERRETER *em lagrimas até* OS MAIS DESCOMPOSTOS *na vida*. (Fr. Luiz de Souza)" (GRIVET, 1881, p. 362). Nessa citação, "derreter" e "os mais decompostos" são os complementos do verbo "fazia".

Um comentário é feito em relação ao francês. Grivet afirma que os gramáticos franceses não distinguem complementos diretos de infinitivos e de substantivos e pronomes, afirmando que nenhum verbo pode ter dois complementos diretos. Para o autor, isso repercutiu na gramática portuguesa na forma de subversão de bons princípios, gerando as terminações "arem", "erem", "irem" e "orem" nos infinitivos pessoais. Um exemplo é:

> « *A historia póde-se comparar com um velho que, tendo vivido milhares de annos, tendo visto* EDIFICAREM-SE AS CIDADES, E CAHIREM *em decadencia,* NASCEREM, FLORESCEREM E MORREREM AS NAÇÕES *da terra, se senta para nos contar quanto se tem passado*…» (GRIVET, 1881, p. 363)

Segundo o suíço, essa tendência também é fruto da teoria filosófica do verbo substantivo, a qual veremos adiante (cf. 5.3.2). A desaprovação ao infinitivo pessoal fica evidente no trecho abaixo, em que o autor condiciona a existência do verbo a um sujeito:

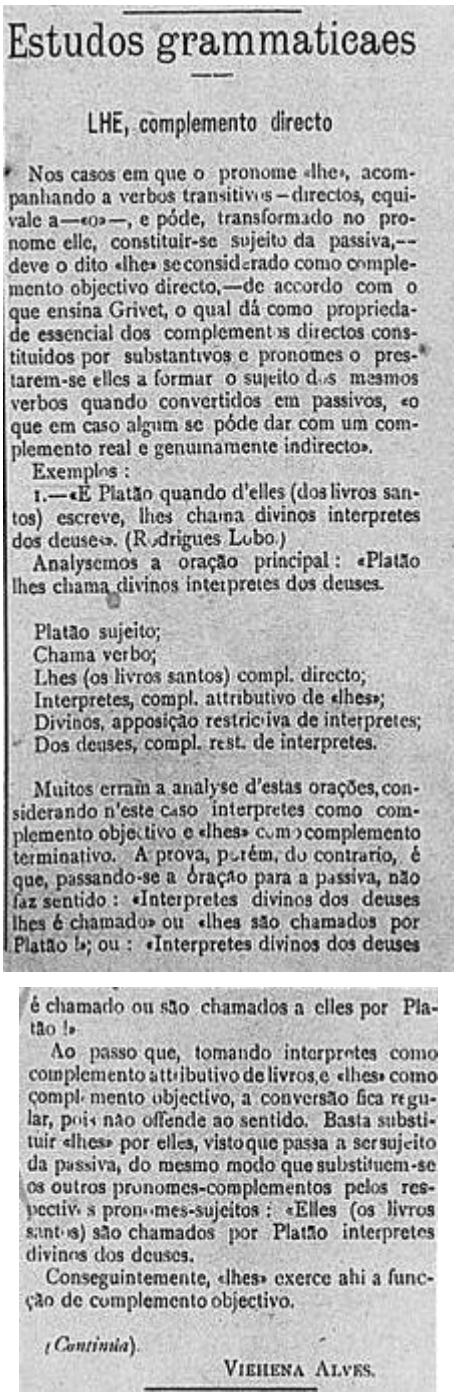
> OBSERVAÇÃO. Não tendo os grammaticos francezes cogitado desta distincção entre complementos directos de infinitivo, e complementos directos de substantivos e pronomes, embora o caso se dê em francez com a mesma frequencia como em portuguez (*Je* vous *entends* PARLER *Je* LES *vois* VENIR), aconteceu que se limitarão a declarar succintamonte e sem mais indagações que : « *Nenhum verbo póde ter dous complementos directos* ». Resvalou naturalmente tão conciso e commodo aphorismo para a grammatica portuguesa ; mas, encontrando ahi *tempos pessoaes* no infinitivo, dou isto azo a uma subversão dos bons principios, pelo abandono das normas que legarão os classicos. Porquanto, sob a preoccupação incessante, entranhada, indestructivel do que *nenhum verbo existe sem sujeito.* (GRIVET, 1881, p. 363)

A fim de verificar se um elemento é complemento direto ou sujeito, um método proposto pelo gramático é a substituição da palavra por um pronome pessoal (o, a, os, as) para indicar que é um complemento direto, ou pelos pronomes “elle”, “ella”, “elles” e “ellas”, o que indicaria que é um sujeito.

A segregação dos substantivos e pronomes e do infinitivo como complemento direto também é justificada pelos chamados verbos neutros. Estes são os verbos que não têm complemento, como “ir” e “vir”. Os substantivos e os pronomes podem ser utilizados com verbos ativos, pronominais e alguns impessoais, nunca com os verbos neutros. Já o infinitivo pode ser usado com todas essas formas, como em “*[a]s arvores* FORÃO OFFERECER *o governo á oliveira… O espinheiro respondeu* : « VINDE *todas* DEITAR-VOS *a meus pés.* » (P. Ant. Vieira)..” (GRIVET, 1881, p. 365).

Os conhecimentos de Griver sobre complemento direto também podiam ser vistos nas discussões dos jornais do século XIX, como na Figura 24, abaixo:

Figura 24 – Citação a Grivet em jornal do século XIX sobre discussão acerca do pronome “lhe” como complemento direto



Estudos grammaticaes

LHE, complemento directo

Nos casos em que o pronome «lhe», acompanhando a verbos transitivos—directos, equivale a—«o»—, e póde, transformado no pronome elle, constituir-se sujeito da passiva,—deve o dito «lhe» se considerado como complemento objectivo directo,—de accordo com o que ensina Grivet, o qual dá como propriedade essencial dos complementos directos constituidos por substantivos e pronomes o prestarem-se elles a formar o sujeito dos mesmos verbos quando convertidos em passivos, «o que em caso algum se póde dar com um complemento real e genuinamente indirecto».

Exemplos :

1.—«E Platão quando d'elles (dos livros santos) escreve, lhes chama divinos interpretes dos deuses». (Rodrigues Lobo.)

Analysemos a oração principal : «Platão lhes chama divinos interpretes dos deuses.

Platão sujeito;
Chama verbo;
Lhes (os livros santos) compl. directo;
Interpretes, compl. attributivo de «lhes»;
Divinos, apposição restrictiva de interpretes;
Dos deuses, compl. rest. de interpretes.

Muitos errain a analyse d'estas orações, considerando n'este caso interpretes como complemento objectivo e «lhes» como complemento terminativo. A prova, porém, do contrario, é que, passando-se a oração para a passiva, não faz sentido : «Interpretes divinos dos deuses lhes é chamado» ou «lhes são chamados por Platão !»; ou : «Interpretes divinos dos deuses é chamado ou são chamados a elles por Platão !»

Ao passo que, tomando interpretes como complemento attributivo de livros, e «lhes» como complemento objectivo, a conversão fica regular, pois não offende ao sentido. Basta substituir «lhes» por elles, visto que passa a ser sujeito da passiva, do mesmo modo que substituem-se os outros pronomes-complementos pelos respectivos pronomes-sujeitos : «Elles (os livros santos) são chamados por Platão interpretes divinos dos deuses.

Conseguintemente, «lhes» exerce ahi a funcção de complemento objectivo.

(*Continúa*).

VILHENA ALVES.

Fonte: A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1891/Edição 00372 (1)

O artigo, escrito por Vilhena Alves, discorre acerca do pronome “lhe”. De acordo com o texto, esse pronome, quando acompanhado de verbos transitivos diretos, equivalendo a “o”, pode ser transformado em “ele”, atuando como sujeito da passiva. Essa afirmação é amparada por uma citação a Grivet, que afirma ser possível os complementos diretos, quando constituídos por substantivos e pronomes, formarem o sujeito dos mesmos verbos quando na

forma passiva. No entanto, a ideia de Vilhena Alves entra em conflito com Grivet, quando o gramático chama “lhe” e “lhes” de complementos indiretos pleonásticos e afirma que eles só podem servir como indiretos, conforme veremos na próxima subseção.

5.3.1.4 Complemento indireto

O complemento indireto pode ser expresso por um substantivo, um pronome, um verbo no infinitivo ou uma locução adverbial. Ele caracteriza-se por ser “[...] o termo que abrange a palavra ou conjuncto de palavras regidas, quer expressa, quer occulta, quer implicitamente de uma preposição” (GRIVET, 1881, p. 372). Com apenas um enunciado, Grivet exemplifica o que seria uma regência expressa, oculta e implícita:

> [v]eiu UMA VEZ a luz A SER JULGADA **NO** JUIZO **DOS** HOMENS, e vinha ella MUITO confiada, porque JÁ ANTIGAMENTE tinha apparecido **DIANTE DO** JUIZO **DE** DEOS, e sahíra **DELLE** COM GRANDES APPROVAÇÕES. (P. Ant. Vieira). (GRIVET, 1881, p. 372, grifos nossos)

No trecho acima, as preposições explícitas estão destacadas em negrito. Já a oculta, para o autor, está em “[de] uma vez”, e a implícita, em “porque [muito] já antigamente”.

As palavras que podem exercer a função de complemento indireto são substantivos, pronomes, verbos no infinitivo e advérbios. Assim como o direto, o complemento indireto pode ser simples ou composto. Quando composto, das palavras devem ser regidas pela mesma preposição, repetida ou não, contanto que estabeleçam uma relação, fator determinado pela possibilidade de intercalação de uma conjunção copulativa entre elas.

Em “*[e]’ a guerra aquelle monstro que se sustenta* DAS FAZENDAS, DO SANGUE, DAS VIDAS ; e, *quanto mais come e consome, tanto menos se farta*. (P. Ant. Vieira)” (GRIVET, 1881, p. 373), por exemplo, “das fazendas”, “do sangue” e “das vidas” constituem essa relação de complemento indireto composto. No entanto, em “*[u]m só livro que se achou, era* DAS VIDAS DOS SANTOS. (P. Ant. Vieira)” (GRIVET, 1881, p. 373), não temos essa relação em “das vidas dos Santos”, apesar da forma “de”, já que não poderia haver uma ligação copulativa entre as palavras, nem mesmo o auxílio da vírgula para se interpor entre esses membros.

Em seguida, o gramático comenta sobre a repetição das preposições dos complementos indiretos. Ele começa por falar de uma anomalia, a da necessidade da preposição expressa para os pronomes de terceira ordem (mim, ti, si, nós, vós, si), como em

"*[q]uanto ás cousas da India, elas fallarão* por si *e* por mim. (Affonso de Albuquerque)" (GRIVET, 1881, p. 374), não podendo ser "[...] elas fallarão por si e mim", ou seja, o "por" não pode ser oculto.

O autor também discorre sobre a preposição "entre", cujo sentido é tão particular que sua repetição se torna inadmissível, como em "*[q]uero metter tempo* ENTRE A MORTE E A VIDA" (P. Ant. Vieira), enunciado no qual a repetição da preposição é desnecessária.

A criação dos, segundo palavras do autor, complementos indiretos pleonásticos, também é discorrida na gramática. Essa classificação é direcionada aos pronomes "lhe" e "lhes", que correspondem às locuções "a elle", "a ella", "a elles" e "a ellas", e foram criados apenas com a propriedade de representação de complemento indireto, como em "A UM PRINCIPE *virtuoso, tudo se* LHE *rende* ; A UM PRINCIPE *vicioso, parece que a terra se* LHE *levanta,* (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 376).

Caso um complemento indireto sirva para dois verbos, ele pode ser usado apenas uma vez, como em "[a]*ssim o poderá fazer quem tanto* CONFIA *ou* PRESUMIR *de sua constancia*. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 377), que "de sua constancia" complementa tanto "confiar" quanto "presumir". No entanto, o autor estabelece uma exceção:

> [n]ão seria, porém, correcto dizer : *No mesmo dia* ENTRÁMOS *e* SAHÍMOS DAQUELLA CIDADE. Pois se se póde *sahir de uma cidade*, não se póde *entrar* DE *uma cidade*. Carece em tal caso dar a cada verbo o complemento que pede : ENTRÁMOS NAQUELLA CIDADE, *e* DELLA SAHÍMOS *no mesmo dia*. (GRIVET, 1881, p. 377)

A ressalva de Grivet parece ter um critério semântico. Já a observação que faz em seguida apoia-se em critérios sintáticos: a dos substantivos, adjetivos, pronomes, particípio e advérbios inteirados por um só complemento. É o caso de "O AMOR *e* A FÉ EM DEOS" (GRIVET, 1881, p. 377), que, para o autor, não seria correto, já que a preposição "em" não poderia ser utilizada com o substantivo "amor", ou seja, não existe "amor em Deos".

Sobre os gerúndios, o gramático afirma que eles "merecem mais ser attendidos por interesse pela grammatica geral, do que pelo da grammatica portugueza, porquanto a invariabilidade constante desta forma verbal" (GRIVET, 1881, p. 378), o que nos parece uma retomada da ideia de que existiria uma gramática geral e uma específica para cada língua.

Para isso, ele conta com a ajuda do latim, ao dizer que os gerúndios do português vieram de duas formas do verbo latino: do particípio presente e do chamado em "DO". No particípio presente, a terminação do verbo latino é -ns, -ntis, variando de acordo com o

gênero, o número e o caso. Já o gerúndio em "DO", chamado assim por Grivet devido à sua terminação, é invariável em gênero e número.

O autor continua:

> Em these geral, póde-se dizer que os gerundios portugueses representão habitualmente o participio presente do latim quando, mais presos pelo seu sentido a um substantivo ou pronome ao qual vão mediata ou imediatamente antepostos, ou mediatamente pospostos, servem-lhe de apposição. E, quando não é um gerundio que substitue ao mesmo participio presente latino, então é um adjectivo verbal que delle se formou, com as terminações ANTE, ENTE, INTE, commemorativas das tres conjugações regulares do portuguez. (GRIVET, 1881, p. 379)

Essa citação, acrescida de outros comentários, como "[o]s gerundios portuguezes representão o gerundio em DO do latim quando [...]" (GRIVET, 1881, p. 379), nos mostram que o autor ainda resgata características das gramáticas latinizadas, comparando o português com o latim e elaborando regras para a primeira língua com base na segunda.

5.3.1.5 Predicado

A função do predicado é exercida, essencialmente, por um adjetivo ou um particípio, aproximando-se do que atualmente chamamos pelo mesmo nome. O predicado é definido como:

> palavra ou conjuncto de palavras que, mediante um verbo de estado, declara uma qualificação ou situação do sujeito, a não ser que, sendo o mesmo verbo accidentalmente impessoal, o predicado fique sem referencia nenhuma, mas existindo por amor do verbo de estado (GRIVET, 1881, p. 388-389)

Um exemplo dado pelo autor é "se os HOMENS *vos* são INGRATOS, *não* SEJAIS VÓS INGRATOS *a Deos*. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 389). Nesse caso, "ingratos", nas duas ocorrências, é apontado como predicado. Num outro exemplo, "E' CERTO *que todos desejais o descanso* ; É CERTO *que todos o buscais com grande trabalho*. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 389), tanto "que todos desejais [...]" quanto "que todos o buscais [...]" são classificados como predicados de "é certo".

As principais características do predicado são i) ter um verbo de estado perto dele; e ii) referir-se ao sujeito ou, quando não existe sujeito, a outro termo. Os verbos de estado são "ser" e "estar". Os verbos neutros também podem, por imitação, emitir um predicado,

substituindo “ser” e “estar”. Um exemplo é visto na análise seguir: “Até AS AGUAS *que por entre as veias descem,* SAHEM CRUAS. (Franc. Rodrigues Lobo). — (*Até as aguas sahem* [SÃO] *cruas*)” (GRIVET, 1881, p. 390). Para o autor, o verbo de estado “ser” está na construção do período, de forma que “sahem” substitui “ser”, logo, “cruas” é um predicado.

Essa relação de verbos neutros e verbos de estado só ocorre quando podemos substituir os primeiros pelos segundos. Caso contrário, o verbo se restringe às relações comuns, a de verbos de ação, como em “VEIU *uma vez a luz a ser julgada no juizo dos homens, — e* VINHA *ella muito* CONFIADA” (GRIVET, 1881, p. 391). O verbo “vir” aparece duas vezes (“veiu” e “vinha”), mas apenas na sua segunda ocorrência é que podemos dizer que ele é acompanhado de um predicado, já que pode ser substituído por “estava”, de “estar”. Na primeira ocorrência, “vir” é apenas um verbo de ação.

Para Grivet, até mesmo os verbos “ser” e “estar” podem deixar de ser verbos de estado. Isso acontece quando o predicado não está presente, como em “*[s]e os olhos vêm com amor, o que não* É, — *tem* SER ; — *se com odio, o que tem* SER, — *e é bem que* SEJA, — *não* É, — *nem* SERÁ — *jamais*. (P. Ant. Vieira)” (GRIVET, 1881, p. 391). Pela ausência do predicado, todos os verbos “ser”, nesse caso, não são de estado.

Sobre as palavras mais comuns que constituem o predicado, o gramático afirma que são os adjetivos e os particípios, porque, por serem variáveis em gênero e número, expõem, pela concordância, a referência ao sujeito. Em caso de substantivo composto, quanto à concordância de gênero, o predicado assume a do mais próximo: “*[n]a China,* AS CIDADES, VILLAS *e* LUGARES *são* FREQUENTES *e* VISINHOS *uns dos outros*. (P. João do Lucona)” (GRIVET, 1881, p. 392).

Já a concordância de número depende do verbo, mostrando a centralidade do fato para as análises de Grivet. Se o verbo concordar apenas com o elemento mais próximo, o predicado deve seguir a mesma regra: “POIS esta mesma IGNORANCIA e LOUCURA É *a de todos ou quasi todos os que se chamão christãos*. (P. Ant. Vieira). — (Não : …AS *de todos*…)” (GRIVET, 1881, p. 392). Caso o verbo passe para o plural, assim o predicado também o fará.

Ainda sobre as classes de palavras mais recorrentes como predicados, o autor comenta que:

> Se os adjectivos e participios são os predicados por excellencia, quasi com a mesma propriedade o são tambem os substantivos, pronomes e infinitivos : os substantivos, porque lhes é frequentemente licito supprir aos adjectivos ; os pronomes, porque compete-lhes fazer tudo quanto fazem os substantivos ; os infinitivos, emfim, porque em tudo manobrão como os substantivos e

> pronomes, embora geralmente em separado e por conta propria. (GRIVET, 1881, p. 392)

Isto é, tanto o substantivo quanto o pronome e o infinitivo, por poderem exercer a mesma função que os adjetivos, podem constituir o predicado. Apesar dessa ampliação de classes feita pelo gramático, vemos que ele atribui prototipicamente o adjetivo ao predicado. Grivet também alerta para a possibilidade de coadunação do sujeito ao predicado, como em "A HISTORIA é MESTRA da vida. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 393).

Quando o sujeito é singular, o predicado é constituído por um ou mais substantivos e a oração fica no plural, temos um caso de silepse, por ser o predicado que rege o verbo, não o sujeito. Um exemplo disso é "[a] *dilação* SÃO DOUS MALES. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 396).

Numa retomada da crítica à teoria do verbo substantivo, Grivet afirma:

> Junto a um verbo de estado, só póde haver um predicado, o qual é *simples* ou *composto* ; mas não póde haver dous, como o deixa suppôr a theoria do verbo substantivo, sendo um em officio, e outro de sobressalente. (GRIVET, 1881, p. 398)

A explicação dada pelo autor é baseada no exemplo "*[d]izem que o infante D. Henrique* FOI ELEITO REI *de Chypre*" (GRIVET, 1881, p. 398). Pela teoria do verbo substantivo, o particípio ligado a "ser" é necessariamente um predicado. Para essa teoria, então, "eleito" seria o termo mais qualificado para ser o predicado. Já que também concorda em número e gênero com o sujeito, D. Henrique, o que seria, então, "rei"? Para os substantivistas, segundo Grivet, "rei", por completar "eleito", com ele, seria um atributo composto.

Se é um complemento, cabe classificar se é direto ou indireto. No caso, direto, já que não há preposição. No entanto, ainda assim se conferiria a um verbo passivo (foi eleito) a classificação de complemento. A conclusão a qual Grivet chega é a de que nenhum particípio de verbo passivo pode constituir um predicado, pois o particípio, com o auxiliar, forma o termo indivisível de um fato. Isso pode ser visto com a inversão do verbo passivo no ativo: "*[d]izem que* ELEGÊRÃO *ao infante D. Henrique rei de Chypre*" (GRIVET, 1881, p. 399). O particípio "eleito", então, concorda com o sujeito, sendo parte integrante do fato. Já "rei" concorda com o mesmo sujeito, mas como predicado simples.

5.3.1.6 Aposição

Para Grivet (1881, p. 403), aposição é "[...] toda a palavra variavel que, não sendo facto syntaxico, prende-se directamente, pela concordância possivel, a um substantivo, pronome ou infinitivo, para tornar-lhe o sentido mais preciso" (GRIVET, 1881, p. 403). Isto é, são aqueles elementos que aparecem junto a outros para explicar ou complementar seu sentido, o que hoje chamamos de "aposto".

A aposição pode ser formada essencialmente por artigos, adjetivos ou particípios variáveis ou acidentalmente por substantivos, pronomes e infinitivos. Podemos ver abaixo exemplos dados pelo autor de aposições essenciais, respectivamente substantivos, pronomes e infinitivo:

> [e]sta vida dos pastores, como mais quieta, tem em seu trabalho todas as cousas com que póde sustentar-se : a LÃA, o LEITE, as PELLES, a CARNE dos animaes ; as HERVAS, os LEGUMES, e o FRUCTO das plantas. (Franc. Rodr. Lobo). [...] (GRIVET, 1881, p. 404)

> [s]endo propostos a Gatão dous cidadãos romanos para o provimento de duas praças, respondeu que ambos lhe descontentavão : UM, porque nada tinha ; OUTRO, porque nada lhe bastava. (P. Ant. Vieira) [...] (GRIVET, 1881, p. 404)

> [a]ssim disse Bersabé a Salomão : « Trago-vos, senhor, uma petição : não me envergonheis a face ! » e, porque se chama ENVERGONHAR a face negar o que se pede ? (P. Ant Vieira). — (… porque negar [o que se pede] chama-SE ENVERGONHAR… ?). (GRIVET, 1881, p. 404)

No primeiro exemplo, "lãa, leite, pelles [...]" são substantivos que explicam as "cousas" com as quais os pastores podem se sustentar, constituindo a aposição. No segundo, os pronomes "um" e "outro", referentes a "ambos", é que constituem a aposição. No último, "envergonhar" constitui a aposição porque, se alterarmos a ordem da frase, fica explícito que esse verbo no infinitivo é o complemento do que se pede: "[...] porque negar [o que se pede] chama-se envergonhar".

O gramático continua sua explanação afirmando que a aposição é um termo meramente anexo, pois nunca se relaciona diretamente com o fato, termo que é dominante. O autor também admite sua semelhança com o predicado, mas afirma que eles se diferenciam por duas características essenciais.

A primeira é que o predicado só pode se referir a um sujeito, isso quando há verbo. Já a aposição pode aparecer junto de um sujeito, de um complemento, de um predicado ou até mesmo de uma outra aposição. O segundo é que os predicados podem existir mesmo sem referência a algum sujeito, como em "é certo *que*...". As aposições, no entanto, dependem de uma palavra amparada, podendo, nesse caso, ser submetida a ambiguidades, como em "HAVENDO *antes* ARPOADO *um filho, recebeu a baleia mãi junto delle os golpes da morte*. (Franc. de Brito Freire)" (GRIVET, 1881, p. 405). A pergunta que deve ser feita é: quem arpoou (fisgou) o filho da baleia? A aposição "havendo arpoado" só pode ser anexada ao sujeito "baleia", mas a mãe teria arpoado seu próprio filho? A solução dada por Grivet (1881, p. 406) é a reelaboração da frase para "*[h]avendo-se-lhe antes arpoado um filho*..." ou "*[h]avendo-lhe sido antes arpoado um filho*...".

Uma outra característica das aposições é que elas podem se referir ao mesmo termo sem serem necessariamente compostas, como em "AQUELLA *idade* DOURADA *tão* CELEBRE *nos* PRIMEIROS *tempos, quem a fez?* (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 406). O que caracteriza uma aposição composta é a interposição de uma ligação copulativa entre as partes que a constituem, por exemplo, "*[o] que Christo ensinava, não era filosofia* HUMANA, TERRENA *e* HUMILDE, *senão sabedoria do céo*. (João Franco Barreto)" (GRIVET, 1881, p. 406).

5.3.1.7 Ligação

Para o gramático, a última função listada, a ligação, "[...] é a palavra ou conjuncto de palavras que, por interposição, torna os termos *compostos*, as preposições *connexas*, ou as orações *correlativas*" (GRIVET, 1881, p. 409). Isto é, são os elementos que permitem a conexão de outros termos, que hoje chamamos de "conectivos". Os três casos citados pelo autor – termos compostos, preposições conexas e orações correlativas – podem ser encontrados num único exemplo:

> O jugo E as cadeias de ferro E de bronze têm estas quatro cousas :
> QUE carregão, ferem, soão E durão.
> E as mesmas quatro tem o jugo E cadeias da infamia. (P. Man. Bernardes).
> (GRIVET, 1881, p. 410).

Na primeira linha, os substantivos "jugo" e "cadeias" são conectados pela ligação copulativa "e", tornando os dois elementos num só sujeito. Na segunda, os quatro fatos sintáticos – *carregão, ferem, soão* e *durão* – são unidos pela ligação subordinativa "que". Já

na última, para Grivet, a primeira ligação copulativa “e” tem por finalidade considerar ambas as ordens do pensamento para uma mesma finalidade, e a segunda ligação “e” reúne novamente o sujeito dos substantivos “jugo” e “cadeias”.

Antecipando possíveis críticas, Grivet (1881, p. 410-411) afirma que:

> Ora, se desta exemplificação resalta que, além de sua imprescindivel assistencia na linguagem, as ligações exercem nella uma funcção toda especial, que nenhuma outra póde supprir, claro é que sua constituição em termo syntaxico é tão justificada como a do sujeito, dos complementos ou de outro qualquer orgão dos pensamentos.
> Sob esta consideração abrigamos a esperança que nos seja aceita esta innovação em Grammatica, visto formar ella uma das bases da analyse logica.

O autor justifica a existência da ligação como função sintática pelo fato de que outras não podem exercer esse papel, sendo ela única. Além disso, aponta esse gesto analítico como uma inovação.

As ligações copulativas, seja intervindo entre partes do mesmo termo, entre preposições ou entre orações, sempre estabelecem, para Grivet, a solidariedade. A diferença é que, no caso de afirmação, ela aparece em forma de “e”, de negação, com “nem”, e, de alternância, com “ou”. A prova da relação entre esses termos é a de que eles podem se substituir, mas não sem alteração do pensamento, como em “[t]udo o que nasce na terra, o sol ou a chuva o cria. (P. Ant. Vieira)” (GRIVET, 1881, p. 411). O trecho “[...] o sol e a chuva[...]” poderia ser substituído por “[...] o sol nem a chuva [...]”, o que mudaria o sentido, mas não a relação entre os termos.

Um outro tipo de relação, que desmancha a solidariedade, é a estabelecida por “mas” e “porém”. Por definirem um significado de contraste, devem ser precedidas de sinais de pontuação, como em “[f]ez um fulano Topete, homem nobre, mas de pouca renda, umas rijas festas. (P. Man. Bernardes)” e “[o] entendimento é parte que discorre, porem póde discorrer mal. (Mathias Ayres da Silva de Eça)” (GRIVET, 1881, p. 411).

As ligações subordinativas, como “que” e “se”, só aparecem relacionadas a proposições, pois, com palavras, a função conciliativa não funciona. Em “[m]aior gloria é emendar que castigar. (P. Ant. Vieira)” (GRIVET, 1881, p. 413), por exemplo, o “que” estabelece uma relação entre “emendar” e “castigar”. Aparentemente, é uma relação entre palavras, mas, nesse caso, ambos os infinitivos sujeitos exercem uma proposição própria.

Quando uma ligação subordinativa aparece no início de uma oração, duas são as hipóteses que explicam essa ocorrência: i) a proposição está invertida; ou ii) a proposição

dependente da subordinada está omissa, como no caso das orações interrogativas ou exclamativas. O primeiro caso pode ser visto em "QUE *Jonathas se resolvesse a amar a David quando não conhecia as paixões deste tyranno affecto, não foi muita fineza*. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 413), visto que "não foi muita fineza que Jonathas se resolvesse a amar David [...]", isto é, a ordem da proposição foi invertida. Já o segundo caso pode ser observado com "QUANDO *fazem os ministros o que fazem ? e,* QUANDO *fazem o que devem fazer ?* QUANDO *respondem?* QUANDO *deferem?* QUANDO *despachão ?* QUANDO *ouvem ?* (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 414). Podemos inferir que alguém pergunta todas esses proposições, como "eu pergunto quando fazem os ministros o que fazem, pergunto quando fazem o que devem fazer [...]".

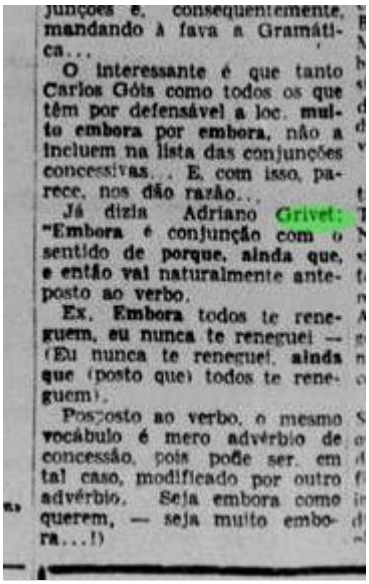
O autor ainda acrescenta uma terceira categoria de ligação, a preventiva. Grivet não a define com um conceito, mas explica a finalidade de alguns termos que chama de ligação preventiva, como "pois", que tem como finalidade indicar uma conclusão:

> [p]arece-vos que tenho dito muito ? Pois ainda não está discorrido tudo… A maior pensão, o maior cuidado e o maior trabalho dos homens é buscar pão para a bôcca. POIS isto por que todos trabalhão, hei de ensinar hoje o modo com que se possa alcançar sem trabalho. (P. Ant. Vieira). (GRIVET, 1881, p. 417)

Sobre o uso do "pois", o autor alerta para o fato de que, naquela época, essa acepção já estava em desuso e que os clássicos a utilizavam como equivalente de "porque", "já que", "visto que" e "visto como". Um outro exemplo é "[s]ejão ouvidos nesta causa todos, pois toca a todos. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 417), que pode ser lido como "sejam ouvidos nesta causa todos, visto como toca a todos".

As lições de Grivet sobre ligação em proposições perduraram mais tempo do que sua presença física na terra, e a prova está na figura abaixo.

Figura 25 – Referência a Grivet em jornal de 1964



junções e, consequentemente, mandando à fava a Gramática...

O interessante é que tanto Carlos Góis como todos os que têm por defensável a loc. **muito embora** por **embora**, não a incluem na lista das conjunções concessivas... E, com isso, parece, nos dão razão...

Já dizia Adriano Grivet: "**Embora** é conjunção com o sentido de **porque, ainda que**, e então vai naturalmente anteposto ao verbo.

Ex. **Embora** todos te reneguem, **eu nunca te reneguei** — (Eu nunca te reneguei, **ainda que** (posto que) todos te reneguem).

Posposto ao verbo, o mesmo vocábulo é mero advérbio de concessão, pois pode ser, em tal caso, modificado por outro advérbio. Seja embora como querem, — seja muito embora...!)

Fonte: Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1964\Edição 00118 (1)

Na figura, é possível lermos, num jornal de 1964, a menção à NGALP para tratar da conjunção "embora", mostrando o valor de Grivet para os estudos da língua portuguesa quase 100 anos após sua morte.

5.3.2 A teoria do verbo substantivo

Na NGALP, 19 são as páginas dedicadas à discussão da teoria do verbo substantivo. Para essa teoria, num pensamento, não poderia haver menos de três termos, que são sujeito, verbo e atributo (predicado), como em "Deus é onipotente". Mesmo que ocultos, os três elementos existiriam para que fosse estabelecida uma relação, e o pensamento fosse expressado.

Grivet se opõe a essa teoria que, para ele, se contradiz. Numa citação direta do gramático a um texto de autoria desconhecida, podemos ler que, para o autor desse texto, apenas o verbo substantivo merece ser chamado de "verbo", e os outros são apenas "verbo substantivo" ou "verbo atributivo", pois "[...] nada mais exprimem do que a idéa do mesmo verbo substantivo, em combinação intima com o seu indefectível attributo ; pois VIVER, por exemplo, nada mais é senão o equivalente de SER VIVENTE" (GRIVET, 1881, p. 227).

Segundo o gramático suíço, aceitar a existência do verbo substantivo seria complicar os estudos da língua portuguesa, porque trocaria o entendimento de "ando procurando", por

exemplo, para “sou andante sendo procurante”, pensamento que atenderia às explicações da teoria.

Grivet ainda comenta que o verbo substantivo é assunto das gramáticas filosóficas, criticando, inclusive, seus contemporâneos que tratam do assunto: “[...] e hoje não ha, neste assumpto, autor que deixe de lhe fazer a devida continencia, embora nem todos pareção igualmente convencidos de sua desmarcada eficácia” (GRIVET, 1881, p. 227). É possível que um desses autores que o gramático esconde o nome seja Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), que afirma, na sua *Grammatica portugueza accommodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação prática* (1871, 2ª ed.), que

> [a] fórma primitiva do verbo é uma e unica em todas as linguas : na portugueza, *Ser*, que quer dizer, ser *ente*, indeterminadamente ; nas outras, o equivalente de, *Ser*. Divide-se porem o verbo em substantivo e attributivo ou adjectivo, segundo se acha em sua fórma primitiva, ou unido ao attributo, como, *Viver*, que quer dizer, *ser vivente*. (REIS, 1871, p. 39)

Grivet resume em quatro os pontos exigidos pela teoria do verbo substantivo: i) a necessidade de ter três termos na proposição; ii) a exigência de haver sujeito para um fato; iii) a impossibilidade de existir um verbo atributivo que não seja transformado em verbo substantivo; e iv) a necessidade de que, para além do verbo substantivo, não haja verbo sem atributo. O gramático refuta todas essas exigências com a proposição “chove”, que i) só tem um termo; ii) não tem sujeito; iii) não é resolvida com o verbo substantivo; e iv) não tem predicado.

“Chove” também é usada para o autor negar a ideia de que o verbo afirmaria a existência da qualidade na substância, na pessoa ou na coisa, unindo o sujeito ao atributo. Caso “chove” fosse decomposta pelo modelo ensinado, geraria os termos de “é chovente”, que mostram a existência da qualidade, mas não a substância, pessoa ou coisa qualificada. Então, “parece legitima a conclusão de que pode haver e ha proposição em que o verbo existe sem sujeito, em que o *nexo* só está amarrado do (sic) um lado… !!” (GRIVET, 1889, p. 229).

É afirmado, pelas citações desconhecidas que o suíço faz, que os verbos unipessoais já unem sujeito e atributo, ficando, na voz ativa, uma só proposição, ou duas na passiva. Assim, “chove” seria “há/cai chuva”; “venta”, “há/sibila vento”; “viver-se”, “existe/dá-se o viver/a vida”; e “fala-se”, “existe/ouve-se o falar/a fala”. O gramático rebate que, entre as versões na voz ativa e passiva, não há nada em comum nas relações sintáticas. Para ele, em “cai chuva”, vemos um verbo neutro acompanhado do seu sujeito, podendo dizer, também, “caem chuvas”.

Já em “há chuva”, vemos um verbo impessoal e seu complemento direto, já que não podemos dizer “hão chuvas”.

O autor continua afirmando que, mesmo com sua demonstração dos problemas da teoria do verbo substantivo, devido a preconceitos enraizados por quem defende a teoria do verbo substantivo[20], o que ele está defendendo não será aceito. Então, continua com sua exposição com citações diretas sem identificação e a crítica a elas, como em:

> «*A forma primitiva do verbo é uma e unica em todas as línguas : na portuguesa* SER*, que quer dizer, ser* ENTE *indeterminadamente* : *nas outras o equivalente de*, SER. »
> Eis-ahi até onde pode levar, philosophicamente fallando, a paixão por um systema que, como o da analyse, sendo bom em si, víra-se todavia contra si mesmo logo que deixa do gyrar nos seus estrictos limites. Pois, nem o PRIMITIVO *ser* escapa ahi ao sestro da decomposição analytica ! E, que decomposição é esta, em que reapparece, como um do seus proprios elementos, o mesmo todo considerado já como composto ; SER, isto é, SER *ente* ! e’ o caso do perguntar se afinal ENTE não poderia, por ventura, vir a ser também subdividido ; é o caso do perguntar seriamente se a analyse assim entendida não é, em vez do um methodo eminentemente pratico, o jogo de uma imaginação desvairada, que, do atomo, pretende fazer dous e até tres atomos. (GRIVET, 1881, p. 229)

Opondo-se à afirmação de que a forma primitiva do verbo “ser” seria “ente”, Grivet pergunta se “ente” também poderia ser subdividido. Fica evidente também o tom irônico que o autor utiliza, não apenas nesse trecho, para se referir à teoria do verbo substantivo.

Polachini (2018), em análise de gramáticas brasileiras oitocentistas de língua portuguesa, discorre sobre o fato de que vários gramáticos, sendo a favor ou contra, debatiam a respeito do verbo “estar” como exemplo de verbo substantivo. A linguista destaca que essa discussão não podia ocorrer em qualquer língua, a exemplo do francês, que era a primeira língua dos estudiosos que teorizavam a gramática geral. O debate não podia abranger o francês porque “être” pode significar tanto “ser” quanto “estar”. Dessa forma, se teria mais de um exemplo de verbo substantivo, o que geraria consequências para a teoria.

Os gramáticos do início do século XIX apresentam apenas o verbo “ser” como exemplo de verbo substantivo. Em meados de 1850, duas possibilidades surgem quanto ao verbo “estar”: uma nega a chance de ele ser verbo substantivo, outra procura justificar sua

---

[20] “Mas tão enraizados preconceitos não se deixão arrancar nem pela mais categorica demonstração. Cumpre, portanto, discutí-los, tanto mais que o exemplo citado, e outros analogos, desafiarão mui particularmente o estro dos *substantivistas* a todo o transe, e inspirárão-lhes as mais excêntricas transsubstanciações" (GRIVET, 1881, p. 228).

classificação quanto verbo substantivo. Exemplos de autores que negam o verbo "estar" como substantivo são: Raymundo Antonio Camara Bithencourt (?-?), em sua *Epitome da grammatica philosophica da lingua portugueza* (1862); Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), em *Grammatica Portugueza: accommodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação pratica* (1877); Julio Cezar Ribeiro Vaughan (1845-1890), na *Grammatica Portugueza* (1881); Ernesto Carneiro Ribeiro (1839-1920), na *Grammatica Portugueza Philosophica* (1881) e na *Nova Grammatica Portugueza* (1890), e Maximino de Araujo Maciel (1865-1923), na *Grammatica Analytica* (1887).

Em Polachini (2016), vemos uma análise focada em dois desses autores: Bithencourt e Costa Duarte. Para Bithencourt, o verbo "ser" seria substantivo, "estar" e "haver" seriam auxiliares, e os demais seriam adjetivos. O verbo substantivo toma diversas formas e, por vezes, precisaria do auxiliares para significar. O verbo adjetivo seria a união entre verbo substantivo e atributo numa palavra.

Já Costa Duarte, em sua gramática editada em 1829, apresenta as noções de verbo substantivo e de verbo adjetivo. O verbo substantivo une o atribuito e o sujeito, enunciando a coexistência dos dois. O verbo que representa essa teoria, para ele, é o "ser". Já o verbo adjetivo representa a redução e a concentração do sujeito, verbo substantivo e atributo numa só palavra, como "amo" no lugar de "sou amante". Em edição posterior, de 1853, Costa Duarte afirma que o verbo substantivo não tem em si atributo algum e que serve para unir atributo e sujeito, acrescentando "estar", não mais apenas "ser", como exemplo dessa teoria.

Outro autor a acrescentar "estar" como exemplo de verbo substantivo é Fillippe Benicio de Oliveira Condurú (1818-1879), na sua *Grammatica elementar da língua portugueza* (1888). Condurú também não considerava o modelo descritivo do verbo substantivo. Assim, Polachini (2018) conclui que a adição de "estar" como exemplo aparece com uma crítica a esse modelo de descrição.

Grivet também participa dessa discussão sobre o verbo substantivo ter outros exemplos além de "ser". O suíço menciona um texto de autoria desconhecida cujo escritor afirma que:

> « Alguns grammaticos pretendem fazer tambem, ESTAR, verbo substantivo, o qual, si assim fosse, deixaria de ser o unico verbo (??) : — (Que desgraça !) mas esta doutrina é insustentavel e erronea, por que, ESTAR, que se resolve por, SER ESTANTE, e » do simples latino STARE, estar FIRME, ou ainda do composto EXSTARE, estar EMINENTE, já envolve em sua significação a idéa de ESTADA, ESTADO, ATTITUDE em certa maneira (!!), ou a idéa de

> EXISTENCIA MODAL (???), e já é por conseguinte o verbo substantivo combinado com um attributo. » (GRIVET, 1881, p. 239)

Grivet responde que o verbo “estar” é um verbo de estado, assim como “existir”, “permanecer” e “ficar”. Esses verbos são assim chamados porque servem como mediadores entre um predicado e um sujeito, quando existe sujeito. Ele exemplifica essa situação com “Pedro É velho. — Pedro ESTÁ doente. — Pedro EXISTE occulto. — Pedro PERMANECE absorto, — Pedro FICA aborrecido” (GRIVET, 1881, p. 240). A pergunta feita pelo autor é: se o adjetivo “velho”, encostado no verbo “ser”, é considerado predicado, por que também não o são os adjetivos “doente” e “occulto" e os particípios “absorto” e “aborrecido”? Grivet chama de antiquado considerar, nesses casos, os particípios “estante”, “nascente”, “vivente”, “ficante” e “morrente”, o que seria a base da teoria do verbo substantivo.

É com essa crítica que Grivet instaura um diferente tipo de análise sintática. No lugar de uma espécie de decomposição na análise sintática (substantivo + atributo), Grivet coloca o verbo, isto é, a função do fato, como núcleo da oração, da sintaxe e, de certa forma, da gramática. Como vimos na subseção anterior, a da teoria das funções, os outros elementos da proposição estão subordinados ao verbo.

Apesar de algumas ideias de Grivet remeterem à lógica, seu argumento constante é contra a teoria do verbo substantivo, que dá base à sintaxe racionalista. Ele enfatiza o uso linguístico. Num trecho do prefácio, já citado anteriormente, mas repetido em seguida para facilitar a leitura, vemos uma outra referência à lógica:

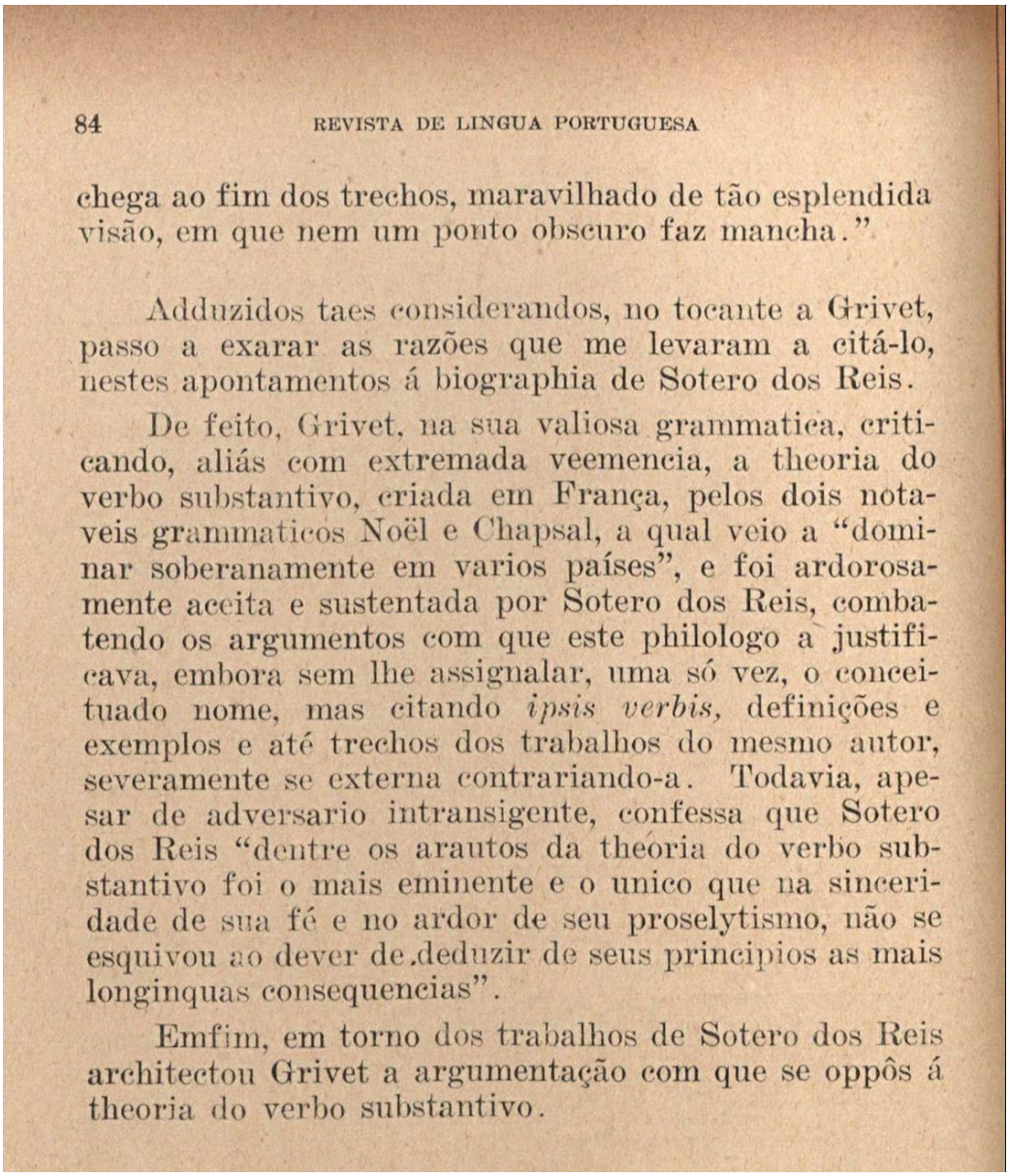
> [n]este intuito não só extractei, dos mesmos clássicos, a generalidade dos exemplos destinados a illustrar e confirmar a minha doutrina grammatical, senão também procurei tornar intuitiva a utilidade de soccorrer-se assiduamente a **estes mananciaes da boa dicção** pela pratica de processsos analyticos pouco intrincados, e por isso mesmo mais expeditos e intelligiveis. Pois pareceu-me que o meio, senão unico, ao menos mais adequado para reagir com efficacia contra a decadencia crescente da linguagem, era o de pôr em frequente confrontação as loquellas espurias do tempo presente com as lições dos benemeritos das lettras, que accommodando genialmente a arte da palavra aos **dictames do bom senso, isto é, da logica**, buxilárão o padrão perenne das feições caracteristicas da lingua portuguesa. (GRIVET, 1881, s/p, grifos nossos)

O trecho “[...] dictames do bom senso, isto é, da logica” sugere uma aproximação com a linhagem racionalista. No entanto, também vemos uma aproximação com a linhagem empirista devido à menção aos clássicos em “[...] estes mananciais da boa dicção [...]”. Apesar de trechos que o ligam ao racionalismo, a obra de Grivet é predominantemente

descritiva e crítica à teoria do verbo substantivo, alinhando-se mais a uma abordagem empirista.

Ainda é proveitoso dizer que, mesmo após anos de sua morte e da publicação da NGALP, a crítica de Grivet ao verbo substantivo continuou a ser citada em documentos brasileiros, como visto a seguir, na Figura 26:

Figura 26 – Crítica de Grivet ao verbo substantivo em publicação do século XX



84 REVISTA DE LINGUA PORTUGUESA

chega ao fim dos trechos, maravilhado de tão esplendida visão, em que nem um ponto obscuro faz mancha."

Adduzidos taes considerandos, no tocante a Grivet, passo a exarar as razões que me levaram a citá-lo, nestes apontamentos á biographia de Sotero dos Reis.

De feito, Grivet, na sua valiosa grammatica, criticando, aliás com extremada veemencia, a theoria do verbo substantivo, criada em França, pelos dois notaveis grammaticos Noël e Chapsal, a qual veio a "dominar soberanamente em varios países", e foi ardorosamente aceita e sustentada por Sotero dos Reis, combatendo os argumentos com que este philologo a justificava, embora sem lhe assignalar, uma só vez, o conceituado nome, mas citando *ipsis verbis*, definições e exemplos e até trechos dos trabalhos do mesmo autor, severamente se externa contrariando-a. Todavia, apesar de adversario intransigente, confessa que Sotero dos Reis "dentre os arautos da theoria do verbo substantivo foi o mais eminente e o unico que na sinceridade de sua fé e no ardor de seu proselytismo, não se esquivou ao dever de deduzir de seus principios as mais longinquas consequencias".

Emfim, em torno dos trabalhos de Sotero dos Reis architectou Grivet a argumentação com que se oppôs á theoria do verbo substantivo.

Fonte: Revista de Lingua Portuguesa (RJ) - Ano 1929/Edição 00060 (2)

Nesse trecho de um biografia de Sotero dos Reis, o autor do texto publicado na Revista de Lingua Portuguesa afirma que Grivet construiu sua crítica ao verbo substantivo ao redor dos escritos do gramático brasileiro. Ainda cita uma declaração de Grivet sobre Sotero

dos Reis, ainda que não cite sua fonte – não é da NGALP – em que o suíço admite que o brasileiro foi o único substantivista que levou suas convicções até as últimas consequências, isto é, o que mais foi longe nas reflexões sobre o verbo substantivo.

5.3.3 As figuras de linguagem

Na NGALP, vemos que uma proposição pode ser chamada de plena quando i) não há o que suprir; ii) não há o que subtrair; iii) não há o que comentar; iv) não há o que transferir; e v) não há o que substituir. Caso falhe em algum desses cinco itens, a proposição será chamada de "figurada", sendo as figuras os "[...] desvios de enunciação dos pensamentos" (GRIVET, 1881, p. 277). Esses figuras podem ser cinco: elipse, pleonasmo, silepse, inversão e exclamação.

5.3.3.1 Elipse

A elipse ocorre quando um ou mais termos de uma proposição fica subtendido, podendo até mesmo a proposição inteira ficar subentendida. Temos ambas as ocorrências exemplificadas em:

> Ha mais — para onde subir ? — Isto ó : Ha mais [LUGAR] — para onde [SE POSSA] subir ? — Isto é : [PERGUNTO EU — SE] ha mais lugar — para onde SE PODE subir ? (GRIVET, 1881, p. 278)

No exemplo acima – trecho de P. Antônio Vieira, apesar de não citado explicitamente –, a elipse ocorre tanto pela ocultação de alguns termos, como "lugar" ("Há mais [lugar] para onde subir?"), quanto pela ocultação da proposição "pergunto eu se" ("[eu pergunto se:] há mais lugar para onde subir?"). São legítimas aquelas elipses que, na supressão de termos ou proposições, não direcionam a equívocos. Já as ilegítimas são aquelas que provocam dubiedade dos termos.

Grivet ainda comenta sobre um tipo de elipse, a anacoluta, que consiste numa quebra brusca das partes da oração e, dessa forma, "[...] desconcerta o espirito, e o deixa perplexo sobre qual seja o termo ou os termos elididos" (GRIVET, 1881, p. 280). Como exemplar, temos:

> Fallando el rei Antigono com o principe seu filho sobre a administração e governo do reino de que o havia de deixar por herdeiro, ADMIRADO O GENEROSO MOÇO DE TAMANHAS OBRIGAÇÕES E ENCARGOS, REFERE ELIANO que lhe disse o pai : « Ainda não sabias, filho meu, que o nosso reinar não é outra cousa senão uma servidão honrada. » (P. Ant. Vieira). (GRIVET, 1881, p. 280)

Nesse trecho, para o autor, é obscuro o conhecimento de qual verbo o substantivo "moço" vai reger. Esse recurso, entretanto, é legítimo para o campo literário, já que "[...] reproduz com naturalidade as hesitações de um espirito perturbado, ou os desvarios de uma paixão desenfreada" (GRIVET, 1881, p. 280).

5.3.3.2 Pleonasmo

O pleonasmo é caracterizado por repetir na mesma proposição ou oração uma ideia já posta, como em "[t]udo isto que vemos com nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, imenso: a alma, (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 280). No trecho, "com os olhos" é dispensável, já que só podemos ver com os olhos.

Legítimos são os pleonasmos que evitam os equívocos, como é o caso de:

> Por isso nos encommendou tanto o Senhor amor e paz no Evangelho, dizendo : « Minha paz vos dou, minha paz vos deixo. Amai-VOS UNS AOS OUTROS ; porque nisto quero que vos conheção em todo o mundo por meus discipulos, se vos amardes UNS AOS OUTROS. » (D. Fr. Bartholomeu dos Martyres). (GRIVET, 1881, p. 280-281)

A expressão "uns aos outros" é um pleonasmo, mas, sem ela, o sentido seria alterado. "Amai-vos" poderia ser interpretado como reflexivo, ou seja, "amem a vocês mesmos", não o sentido original, que é de sentimento recíproco, amar ao próximo. Já os pleonasmos ilegítimos são aqueles redundantes sem necessidade, como as locuções "mais melhor", "menos pior", "muito ótimo" e "muito péssimo".

Uma espécie de pleonasmo é a perissologia, ou tautologia, que consiste em, numa proposição, usar palavras de mesma origem: "apoderar-se do poder". Nesses casos, Grivet recomenda que sejam utilizados sinônimos, como: "apoderar-se da autoridade". Caso não seja possível a utilização de sinônimos, a tautologia é justificada. Também são aceitas e dignas de imitação aquelas tautologias que tornam a dicção mais incisiva. Para o autor, "[n]inguém usou com maior tino e pericia de tão delicado artificio de estylo como o P. Ant. Vieira": "Estas são

as contas que se fazem sem se fazer conta da que se ha de dar a Deos quando a pedir do preço do seu sangue. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 282).

No entanto, P. Antônio Vieira também é criticado pelo gramático. Dentre os exemplos de tautologias não imitáveis e que podem ser consideradas descuido de redação, estão:

> Os aduladores reaes SERVEM lisonjeiramente aos príncipes para os ganhar, ou lhes ganhar a graça, e para se SERVIREM da mesma graça, para os fins que só pretendem de seus próprios interesses. (P. Ant. Vieira).
> E, quando, FINALMENTE, chegar seu FIM, a falta ou rotura desta união será o ultimo paroxismo de que ha de morrer o mundo. (P. Ant. Vieira). (GRIVET, 1881, p. 283)

É possível ver assim que, apesar de P. Antônio Vieira ser destaque do exemplar linguístico usado na gramática – aprofundaremos na camada documental (cf. 3.5) – Grivet também direciona um olhar questionador sobre seus textos.

5.3.3.3 Silepse

Na silepse, a concordância entre os termos se dá pelo sentido, não pela morfossintaxe, como é o caso de "Diogenes viu que uma grande TROPA de varas e ministros de justiça LEVAVÃO a enforcar uns ladrões. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 284). Nesse caso, a tropa que levava, mas, devido ao sentido do coletivo, o verbo passou para o plural. Outros tipos de concordância também podem ser alterados, como em:

> « O' meu amado Senhor, não me falleis já pelas vossas CREATURAS, que pouco ou quasi nada me podem dizer de vós; sendo vós infinito, e ELLES limitados ; vós luz, e ELLES sombras; vós eterno, e ELLES defectíveis ; fallai-me por vós mesmos. » (P. Man. Bernardes). (GRIVET, 1881, p. 284)

No trecho acima, "criaturas", substantivo feminino, é retomado três vezes no masculino, como "elles", numa atribuição mental de sentido. O contrário também é visto em:

> E, se passarmos dos solios aos estrados, tambem acharemos nos toucados estes malmequeres : nenhuma gentileza ha tão confiada, que a não piquem os alfinetes de ver a OUTREM mais bem PRENDADA. (GRIVET, 1881, p. 284-285)

Nesse exemplo, "outrem", que é um pronome masculino, recebe o adjetivo de "prendada", no feminino, aludindo o sentido a mulheres.

São legítimas as silepses cuja impressão mental produzida pelas palavras não são prejudicadas; já as ilegítimas infringem as regras de concordância de forma que não seja razoável, a exemplo de:

> [a]lgum genero de desconfiança alcançou Diogo Alvares do espanto e temor do gentio ; mas elle, no melhor modo que póde, os deixou satisfeitos, dando-lhes a entender que aquelle genero de INSTRUMENTO não fazia damno mais que a inimigos, que, com facilidade e menos perigo, podião ser vencidos COM AQUELLAS NOVAS, do que com os seus antigos arcos e frechas. (Fr. Ant. de S. Maria Jaboatão). (GRIVET, 1881, p. 286)

Nesse caso, o "gênero de instrumento", masculino, é retomado no plural e no feminino, o que, para Grivet, não é plausível.

5.3.3.4 Inversão

A figura de linguagem chamada de inversão é a mudança de posição dos termos sintáticos na proposição, diferente da ordem "[...] da que requer o raciocínio analytico" (GRIVET, 1881, p. 287), que hoje chamamos de ordem direta. Podemos observar em: "[t]errivel palavra é um non. (P. Ant. Vieira). — (Um non é palavra terrivel)" (GRIVET, 1881, p. 287)". No texto de P. Antônio Vieira, o sujeito é posto depois do predicado. Já no exemplo dado por Grivet do que seria uma ordem do raciocínio analítico, a ordem direta, o sujeito aparece anteposto ao predicado.

Para o gramático, a expressividade dessa figura de linguagem pode concorrer com uma desordem, como temos em:

> Era Affranio Burrho homem de grave e maduro juizo, mestre ou aio que tinha sido, com Seneca, do mesmo Nero. (P. Ant. Vieira). — (Affranio Burrho era homem de grave e maduro juizo, que tinha sido, com Seneca, mestre ou aio do mesmo Nero). (GRIVET, 1881, p. 288)

As inversões são ilegítimas quando embaralham pensamentos e resultam em proposições inteligíveis. As legítimas, pelo contrário, expressam maior clareza ou harmonia na dicção, como: "[p]or mais que confeiteis um não, sempre amarga ; por mais que o enfeiteis, sempre é feio ; por mais que o doureis, sempre é de ferro. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 287). Caso o trecho fosse passado para a ordem direta, sua clareza não mudaria; a harmonia, entretanto, seria alterada.

5.3.3.5 Exclamação

Para Grivet, a exclamação é uma proposição implícita, o que configura uma figura de linguagem. Vejamos: "[c]redes que são estas palavras de Christo? SIM. Agora respondei-me. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 289). Segundo o autor, "sim" é uma exclamação porque representa a proposição implícita "vós o crêdes".

O gramático continua afirmando que as interjeições devem ser contempladas como figuras na sintaxe devido ao caráter de "sim"/ "não" e "ah!" / "oh!" como tipos de respostas definitivas, expressando um sentimento vivo. O "ah!" / "oh!", na fala, só demonstra um sentido pela entonação, já, na escrita, por proposições que os acompanham como comentários.

É preciso nos atentarmos também às expressões isoladas que representam uma proposição, mas que podem, por restauração analítica, ser consideras elípticas: "[h]ouve alguem que dissesse á oliveira que havia de deixar as suas azeitonas, nem á figueira os seus figos, nem á vide as suas uvas ? NINGUEM. (P. Ant. Vieira)" (GRIVET, 1881, p. 289). Nesse caso, "o disse" pode ficar implícito: "ninguém o disse".

5.4 Camada técnica: técnicas e métodos de análise de Grivet

A camada técnica diz respeito às técnicas de análise e aos métodos de apresentação dos dados do material investigado. Em seguida, abordaremos como Charles Grivet organiza a abordagem sintática na NGALP em relação à análise linguística e a metalinguagem utilizada por ele.

Tanto pelo espaço que ocupa quanto pela importância em outras partes da obra, como vimos as espécies de palavras definidas pelo autor, a sintaxe é o cerne da *Nova Grammatica Analytica da Lingua* Portugueza, ocupando 275 páginas, o que corresponde a 43,9% da obra. Essa parte é subdividida em 10 capítulos, expostos abaixo, no Quadro 21:

Quadro 21 – Divisões da parte "Syntaxe" em Grivet (1881)

Título	Subdivisões
Segunda parte – Syntaxe	∅
Termos syntaxicos – Idéa – Pensamento. Proposição – oração	
Exercicio sobre o modo de completar e dispor as proposições nas indagações analyticas de syntaxe	

Exposição episodica da theoria do verbo substantivo	
Capitulo I | Considerações geraes ácerca da collocação das palavras no discurso	1. Adjectivo possessivo (cujo) 2. Adjectivos indefinitos (que – qual – qualquer – quanto) 3. Pronomes relativos (que – quem – o qual) 4. Pronomes indefinitos (qual – quanto – que – quem) 5. Adverbios (que – como – porque – quando – quanto – quão – onde e congeneres) 6. Conjuncções subordinativas (que – como – conforme – embora – emquanto – porquanto – porque – quando – quão – segundo – se – senão)
Capítulo II | Das figuras de syntaxe	1. Da ellypse 2. Do pleonasmo 3. Da syllepse 4. Da inversão 5. Da exclamação
Capítulo III | Termos syntaxicos – Do facto	1. Do modo indicativo 2. Do modo condicional 3. Do modo imperativo 4. Do modo subjunctivo Dos tempos do subjunctivo
Capítulo IV | Do infinitivo	Do infinitivo como expressão verbal Dos gerundios
Capítulo V | Do sujeito	Ø
Capítulo VI | Do complemento directo	
Capítulo VII | Do complemento indirecto	
Capítulo VIII | Do predicado	
Capítulo IX | Da apposição	
Capítulo X | Da ligação	Das ligações copulativas Das ligações subordinativas Das ligações preventivas
Capítulo XI | Dos idiotismos	Ø
Capítulo XII | Observações peculiares sobre as diversas especies de palavras	
VERBOS	Ter – haver Ser – estar Dos verbos pronominaes como reflexivos, reciprocos ou ambiguos Dos verbos pronominaes em substituição aos passivos Dos verbos pronominaes como impessoaes
SUBSTANTIVOS	Do genero e numero de alguns substantivos
ARTIGOS	Do emprego, omissão e repetição dos artigos
ADJECTIVOS	Dos determinativos numeraes Dos determinativos demonstrativos

	Dos determinativos possessivos Dos determinativos indefinitos
PRONOMES	Dos pronomes pessoaes Dos pronomes numeraes Dos pronomes demonstrativos Dos pronomes possessivos Dos pronomes relativos Dos pronomes indefinitos
PREPOSIÇÕES	∅
ADVERBIOS	Aqui, ahi, ali – cá, lá – acolá Onde, aonde, donde, até onde, para onde, por onde
CONJUNCÇÕES	Porque – por que Porquanto – por quanto Nem
DA ANALYSE SYNTAXICA	Especimen da analyse sintaxica (V. o argumento da analyse lexicológica)

Fonte: elaborado pela autora (2022)

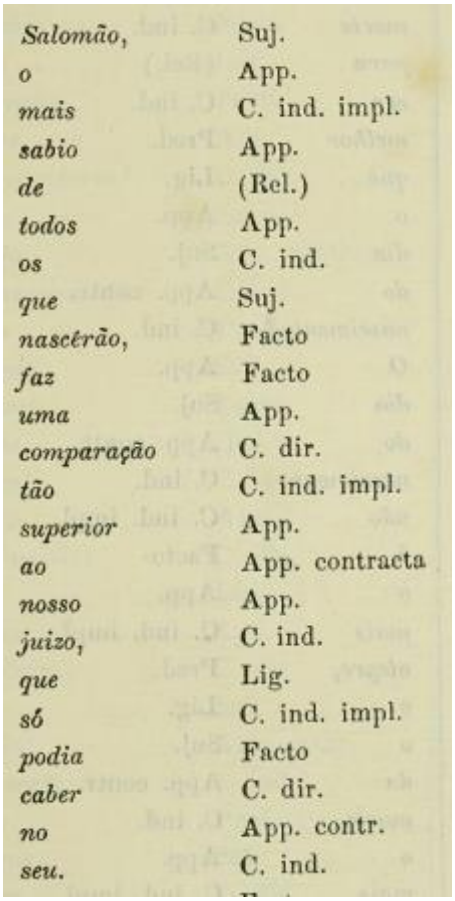
Depois de uma introdução sobre a sintaxe, discorrendo sobre os termos que formam uma proposição e sobre a teoria das funções, Grivet segue para um ponto central em seu pensamento sobre a linguagem: a crítica ao verbo substantivo. No nosso ponto de vista, essa ordem já demonstra a atenção dada pelo autor ao empenho contra a teoria substantivista. A antecipação dessa discussão, entretanto, pode ter um fundamento: os argumentos presentes no tópico "Exposição episodica da theoria do verbo substantivo" subsidiam a defesa do autor sobre a centralidade do verbo (fato) na sintaxe, o que é melhor explorado depois.

Em seguida, são feitas algumas considerações gerais sobre as palavras no discurso, como pronomes, advérbios e conjunções. Dando continuidade à obra, as figuras de linguagem, sobre as quais já discutimos, aparecem no texto.

Começam, então, os capítulos sobre cada uma das teorias da função. O primeiro é o do fato e, pelas suas peculiaridades, o infinitivo também ganha um capítulo. Depois, vemos sobre o sujeito, o complemento direto, o complemento indireto, o predicado, a aposição e a ligação.

Ainda, um capítulo é dedicado aos idiotismos da língua e outro, a observações peculiares. No final, o autor ainda dedica um espaço às classes de palavras e termina com um exemplo de análise sintática. Podemos ver um trecho do modelo de análise sintática do autor na figura abaixo:

Figura 27 – Exemplo de análise sintática de Grivet

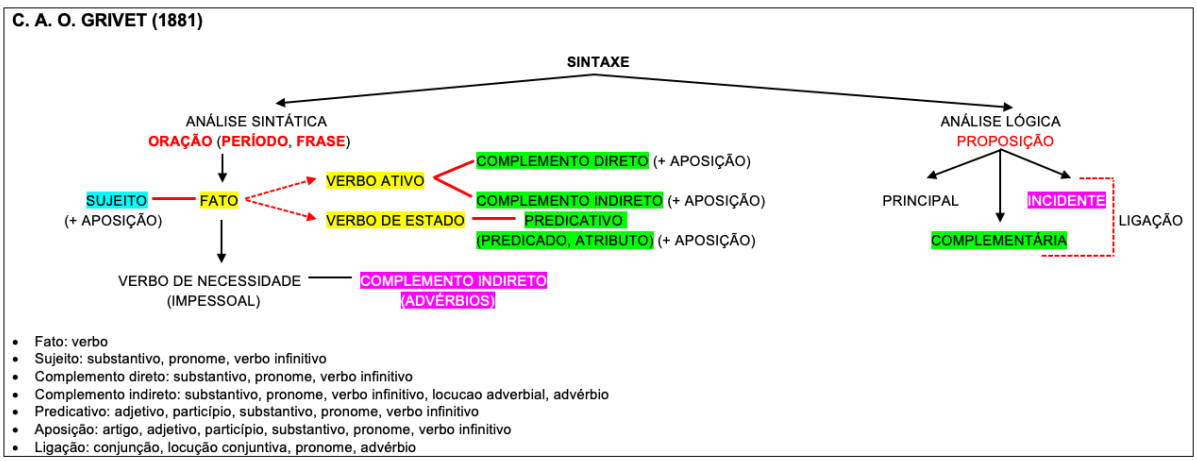


Salomão,	Suj.
o	App.
mais	C. ind. impl.
sabio	App.
de	(Rel.)
todos	App.
os	C. ind.
que	Suj.
nascérão,	Facto
faz	Facto
uma	App.
comparação	C. dir.
tão	C. ind. impl.
superior	App.
ao	App. contracta
nosso	App.
juizo,	C. ind.
que	Lig.
só	C. ind. impl.
podia	Facto
caber	C. dir.
no	App. contr.
seu.	C. ind.

Fonte: Grivet (1881, p. 491)

Nota-se que, nas classificações feitas na análise sintática do autor, não são postas as classes de palavra, mas o nome das funções que elas exercem na proposição. Faraco e Vieira (2019) organizaram a rede taxonômica utilizada no Grivet, apresentada em seguida:

Figura 28 – Rede taxonômica de Grivet (1881)



Fonte: Faraco e Vieira (2019, s/p)

No esquema organizado pelos autores, as cores nos ajudam na interpretação. De início, vemos duas divisões: análise sintática e análise lógica. O principal da análise da proposição é visto na análise sintática como o sujeito e o fato, que pode ser um verbo ativo ou um verbo de estado. Essa parte principal pode precisar de uma parte complementária, representada pelos complementos direto e indireto ou pelo predicado. Há, também, os casos de incidente, caracterizados pelos advérbios.

5.5 Camada documental: o exemplar linguístico da gramática

Seguimos o trabalho com a análise da camada documental. Nessa camada do conhecimento linguístico, segundo Swiggers (2004, 2019), encontramos a constituição da documentação na qual um estudo se baseia. No caso da *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* e das gramáticas em geral, essa documentação pode ser observada pelos exemplos utilizados pelo autor para a descrição linguística.

A maior parte da camada documental utilizada por Grivet, nessa gramática, é constituída por exemplos literários lusitanos. Para sistematizar esses dados, organizamos, na Tabela 1, a seguir, o nome do autor ou do texto citado com o ano de nascimento/morte ou de publicação; a origem da autoria e a quantidade de vezes em que é citado no texto, junto à porcentagem que representa no total de citações.

Não fizemos adaptações na grafia dos nomes, optando por manter a de Grivet, exceto quando o autor abrevia partes dele. Quando não conseguimos identificar informações biográficas referentes à data de nascimento ou de morte, inserimos o século em que o autor teve alguma publicação, apenas para estabelecer uma localização temporal. Em certos casos, quando não conseguimos essas informações, inserimos uma interrogação. Além disso, contamos somente as citações que continham o nome do autor do texto referenciado. Dito isso, vejamos a Tabela 1:

Tabela 1 – Documentação utilizada na abordagem sintática de Grivet

Nome do autor/da obra	Origem da autoria	Quantidade de citações e porcentagem
Padre Antonio Vieira (1608-1697)	Portugal	751 (59,36%)

Padre Manuel Bernardes (1644-1710)	Portugal	182 (14,38%)
Frei Luiz de Souza (1555-1632)	Portugal	51 (4,03%)
Frei Manuel Consciencia[21] (1669-1739)	Portugal	18 (1,42%)
Frei Luiz de Granada (1505-1588)	Espanha	16 (1,26%)
D. Frei Bartholomeo dos Martyres (1514-1590)	Portugal	15 (1,18%)
Padre João Baptista de Castro (1700-1775)	Portugal	14 (1,10%)
Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622)	Portugal	13 (1,02%)
Fernão Mendes Pinto (1509-1583)	Portugal	10 (0,79%)
João de Barros (1496-1570)	Portugal	10 (0,79%)
Luiz Torres de Lima (?-?)	Portugal	10 (0,79%)
P. D. Raphael Bluteau (1638-1734)	Reino Unido	10 (0,79%)
Duarte Nunes de Leão (1530-1608)	Portugal	9 (0,71%)
Periodico[22]	–	9 (0,71%)
João Franco Barreto (1600-1674)	Portugal	8 (0,63%)
P. Balthazar Telles (1596-1675)	Portugal	8 (0,63%)
Frei Francisco de Santa Maria (1653-1713)	Portugal	7 (0,55%)
P. João de Lucena (1549-1600)	Portugal	7 (0,55%)
D. Frei Amador Arraes (1530-1600)	Portugal	6 (0,47%)
D. Frei Caetano Brandão (1740-1805)	Portugal	6 (0,47%)
D. Francisco Manoel de Mello (1608-1666)	Portugal	6 (0,47%)
Diogo do Couto (1542-1616)	Portugal	6 (0,47%)
André de Rezende (1500-1573)	Portugal	5 (0,39%)
Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão (1695-1779)	Brasil	5 (0,39%)
Fr. João de Ceita (1578-1633)	Portugal	5 (0,39%)
Pantaleão de Aveiro (?-?)	Portugal	5 (0,39%)
Duarte Ribeiro de Macedo (1618-1680)	Portugal	4 (0,31%)
História de D. Manoel / Vida de D. Manoel[23]	–	4 (0,31%)

[21] Apesar de Grivet citá-lo como "Fr. Man. Consciencia", encontramos apenas a existência de um padre com esse nome. Acreditamos que se trate da mesma pessoa.
[22] Textos extraídos de jornais por Grivet, que não os referencia.
[23] Tanto "história de D. Manoel" quando "Vida de D. Manoel" são usados como referência a um texto que, provavelmente, conta a história de Manuel I de Portugal (1495-1521). Também é provável que a referência seja

João Ribeiro[24] (?-?)	–	4 (0,31%)
Mathias Ayres da Silva do Eça (1705-1763)	Brasil[25]	4 (0,31%)
Antonio de Souza de Macedo (1677-1738)	Portugal	3 (0,23%)
Fr. Bernardo da Cruz (1505-1565)	Portugal	3 (0,23%)
Franc. de Brito Freire (1625-1692)	Portugal	3 (0,23%)
Frei Antonio das Chagas (1631-1682)	Portugal	3 (0,23%)
Jacintho Freire de Andrade (1597-1657)	Portugal	3 (0,23%)
La Fontaine (1621-1695)	França	3 (0,23%)
Manoel Godinho (1563-1623)	Malásia[26]	3 (0,23%)
Pedro Nunes (1502-1578)	Portugal	3 (0,23%)
Cardeal de Richelieu (1585-1642)	França	2 (0,15%)
Cicero (106 a.C. – 43 a.C.)	Itália	2 (0,15%)
Fr. João Pacheco (séc. XVII-XVIII)	Portugal	2 (0,15%)
Gabriel Soares de Souza (1540-1591)	Portugal	2 (0,15%)
Manuel Severim de Faria[27] (1584-1655)	Portugal	2 (0,15%)
P. Simão de Vasconcellos (1597-1671)	Portugal	2 (0,15%)
Affonso de Albuquerque (1452-1515)	Portugal	1 (0,07%)
Camões (1524-1580)	Portugal	1 (0,07%)
Chron. do Condestavel[28]	–	1 (0,07%)
D. Hieronymo Osorio (1506-1580)	Portugal	1 (0,07%)
D. João de Castro (1500-1548)	Portugal	1 (0,07%)
D. Manoel (carta ao rei da França)[29]	–	1 (0,07%)

à obra *Da vida e feitos d'El Rei D. Manoel: XII. Livros dedicados ao Cardeal D. Henrique seu filho* (1804-1806), escrita por Jerónimo Osório (1506-1580), um bispo português citado em outros trechos da gramática.

[24] Encontramos apenas um autor com esse nome, João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (1860-1934), nascido em Sergipe, no Brasil. Sua primeira publicação oficial, uma coletânea de poesias, foi divulgada em 1881, quando Grivet já tinha morrido. No entanto, João Ribeiro foi para o Rio de Janeiro ainda jovem. Por esse motivo, não sabemos se esse é o autor a quem Grivet se refere, nem se Ribeiro e Grivet tiveram contato antes da morte do gramático.

[25] Mathias Ayres da Silva do Eça nasceu em São Paulo, no Brasil, e, posteriormente, aos 11 anos de idade, mudou-se para Lisboa, em Portugal.

[26] Esse autor foi educado na Malásia e no Colégio da Companhia de Jesus, em Goa, na Índia. Ele tinha cidadania portuguesa.

[27] Num dos exemplos, Grivet menciona "Man. de Faria Severim", mas se trata da mesma pessoa.

[28] Trata-se de uma obra, mas não encontramos maiores informações sobre ela.

[29] Não encontramos outras informações sobre o texto.

D. Maria de França (séc. XII)	França	1 (0,07%)
Decalogo[30]	–	1 (0,07%)
Fórmula majestatica	–	1 (0,07%)
Fr. Apollinario da Conceição (1692-1760)	Portugal	1 (0,07%)
Fr. Domingos Teixeira (séc. XVI)	Portugal	1 (0,07%)
Francisco de Andrade (1540-1614)	Portugal	1 (0,07%)
Francisco Manuel de Melo (1608-1666)[31]	Portugal	1 (0,07%)
Frei Bernardo de Brito (1569-1617)	Portugal	1 (0,07%)
Gil Vicente (1465-1546)	Portugal	1 (0,07%)
José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha[32] (1810-1879)	Portugal	1 (0,07%)
Luiz Mendes de Vasconcellos (1542/1543-1623)	Portugal	1 (0,07%)
Paralellos	–	1 (0,07%)
Ruy Gonçalves(?-?)	Desconhecida	1 (0,07%)
S. Carlos (?-?)	Desconhecida	1 (0,07%)
Theatro Portuguez	–	1 (0,07%)
TOTAL	45 de Portugal 3 da França 2 do Brasil 1 da Espanha 1 da Itália 1 do Reino Unido 1 de Malásia 2 origens desconhecidas 9 casos em que não se aplica[33]	1265 (100%)

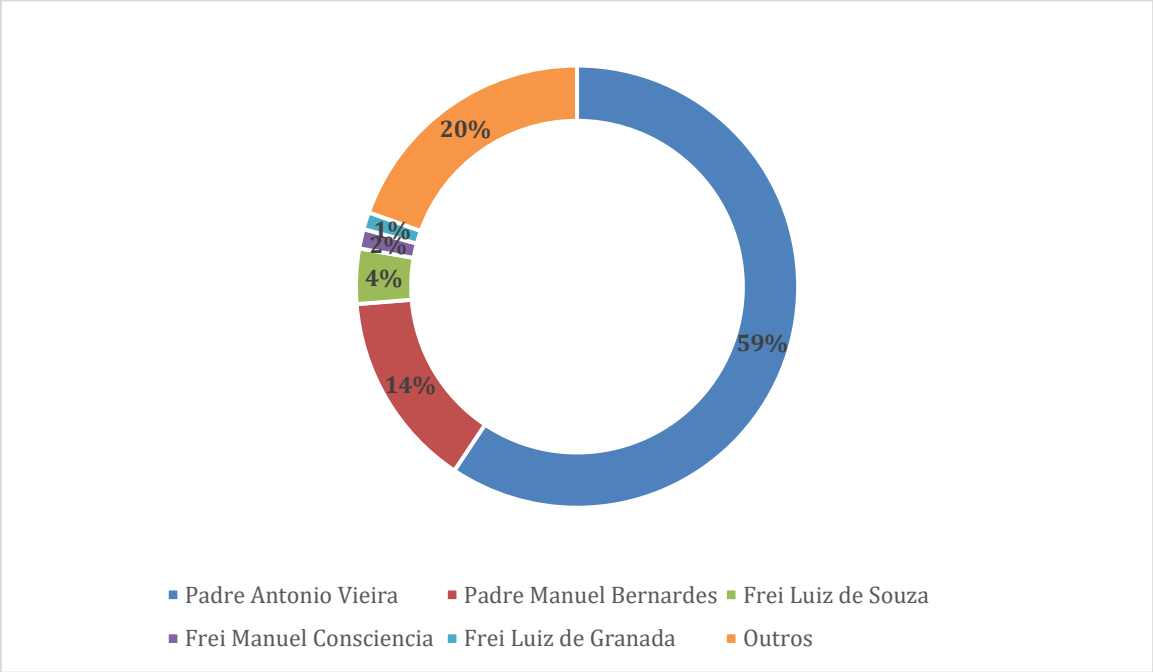
Fonte: elaborada pela autora (2022)

O primeiro dado que nos chama a atenção é a predominância de textos do Padre Antonio Vieira, que constituem 59,36% dos exemplos citados por Grivet. Os cinco nomes

[30] Refere-se ao Antigo Testamento, texto bíblico, do Decálogo: Êxodo 20:12.
[31] Na gramática de Grivet, a referência aparece como "Epanaphoras", texto de Francisco Manuel de Melo.
[32] Grivet, na gramática, faz referência a *Íris clássico* (1868), obra de José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (1810-1879).
[33] Não se aplica, pois é referência a um texto cuja autoria é desconhecida.

mais citados são de figuras religiosas, como podemos ver no Gráfico 1, que mostra os autores mais citados pelo gramático suíço.

Gráfico 1 – Autores mais citados por Grivet (1881)



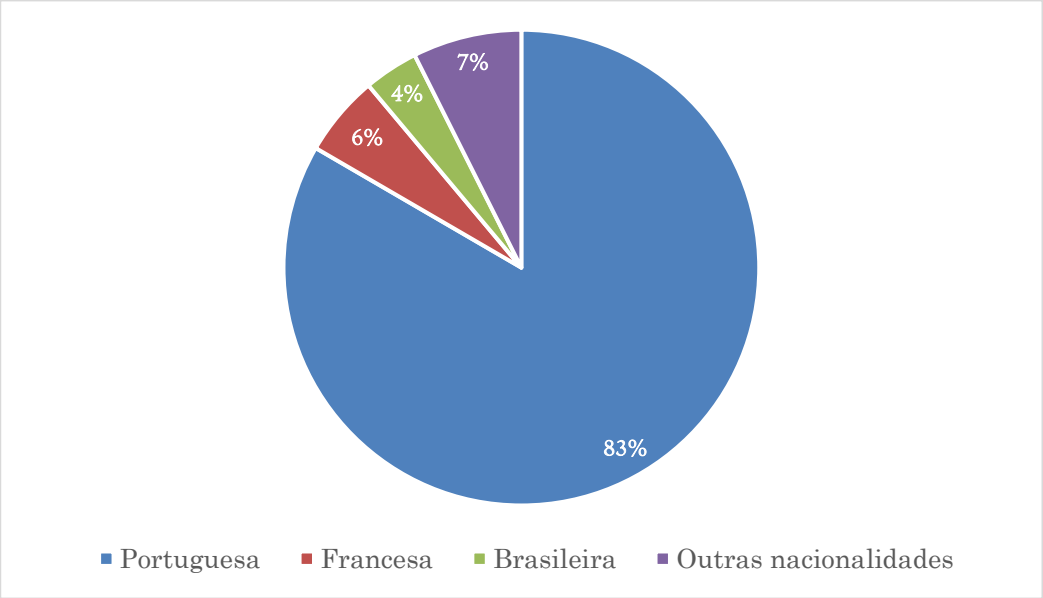
Fonte: elaborado pela autora (2022)

Depois do Pe. Antonio Vieira, os autores mais citados são: Padre Manuel Bernardes (14,38%), Frei Luiz de Souza (4,03%), Frei Manuel Consciencia (1,42%) e Frei Luiz de Granada (1,26%). Compreendemos essa preferência do autor por figuras religiosas, já que Grivet teve uma educação cristã católica. Além disso, deve-se considerar que ele só aprendeu português quando chegou ao Brasil, ou seja, no final da década de 1850. As gramáticas brasileiras publicadas nessa época, que corresponde ao período da gramática geral e filosófica, foram, provavelmente, utilizadas para que Grivet aprendesse o português. Essas obras, que foram publicadas entre os anos de 1840 e 1860 (intervalo baseado no tempo de chegada e provável aprendizado da língua portuguesa pelo autor) e que podem ter servido de instrumentos didáticos para o suíço, utilizavam a literatura pregressa como aparato documental – o que já foi herdado da tradição gramatical.

Para melhor visualizarmos essas informações, elaboramos o Gráfico 2, que mostra o percentual da nacionalidade dos autores citados por Grivet na discussão sintática da *Nova Grammatica Analytica*. Consideramos, para o seguinte gráfico, a nacionalidade dos 54 autores citados, excluindo as duas nacionalidades desconhecidas (Ruy Gonçalves e S. Carlos, ambos

com apenas uma citação no texto) e os 9 casos em que o fator nacionalidade não se aplica, pois são textos com caráter mais universal, como a Bíblia, por exemplo.

Gráfico 2 – Nacionalidade dos autores citados por C. A. O. Grivet (1881)

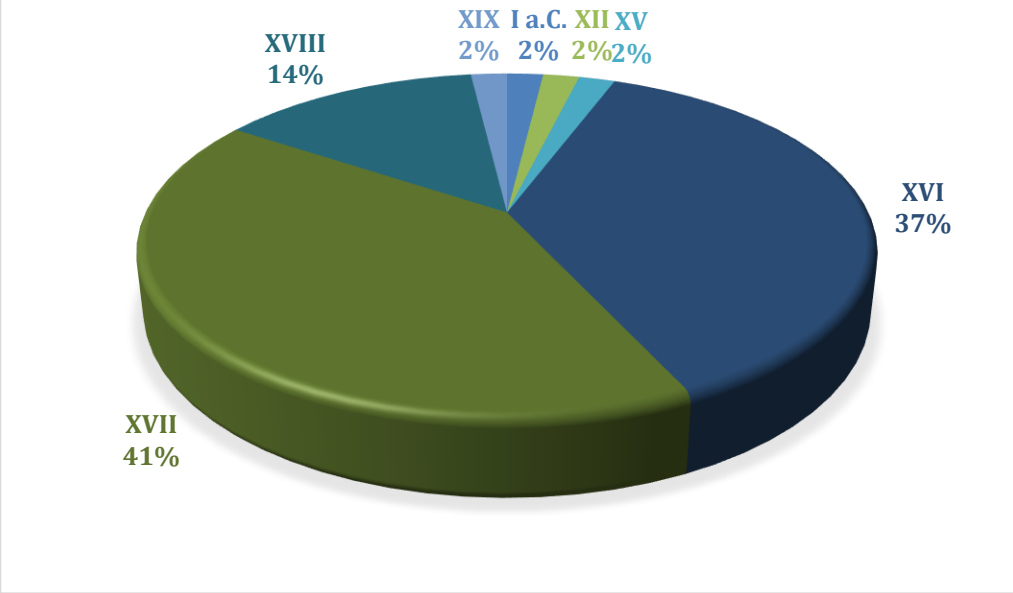


Fonte: elaborado pela autora (2022)

Podemos observar, no Gráfico 2, a predominância de autores portugueses (83%) no texto de Grivet. Em seguida, os franceses, com 6% de participação, alguns brasileiros, com 4% e, de outras nacionalidades, 7%. A maior parte do exemplário linguístico mobilizado por Grivet é lusitana, seguindo o modelo das gramáticas portuguesas da época.

Outra informação observada é o século ao qual pertencem os autores citados pelo suíço. Por isso, elaboramos o Gráfico 3, que mostra o percentual de citações de acordo com os séculos. Os textos que o gramático referenciou, novamente, não foram considerados para o gráfico a seguir. Ademais, alguns autores viveram durante a transição de séculos; então, usamos o século em que eles mais viveram, como Antonio de Souza de Macedo, que nasceu em 1677 e morreu em 1738, e que, por ter vivenciado mais o século XVIII do que o XVII, foi considerado autor do século XVIII. A seguir, podemos observar o Gráfico 3:

Gráfico 3 – Século dos autores citados por C. A. O. Grivet (1881)



Fonte: elaborado pela autora (2022)

Textos antigos predominam no exemplário linguístico da *Nova Grammatica Analytica*. A maioria dos autores citados são dos séculos XVII (41%) e XVI (37%). Tanto o autor mais antigo citado por Grivet (a saber, Cicero) quanto o autor contemporâneo do gramático também citado em seu texto (a saber, José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha) têm a mesma participação na discussão sintática da *Nova Grammatica Analytica*, a de 2%. Podemos afirmar, então, que o exemplar linguístico é constituído majoritariamente por autores dos séculos XVI e XVII.

Acreditamos que isso se deva à tradição gramatical já introduzida a Grivet pelas gramáticas que podem ter lhe servido para o aprendizado da língua portuguesa. Essas obras que o autor, provavelmente, se apropriou para aprender o português também eram produtos da GT, cujas diretrizes já foram mencionadas nesse trabalho. Destacamos a terceira diretriz epistemológica delineada por Vieira (2020), a do uso da escrita literária do passado. Tendo sido leitor desses produtos da Gramática Tradicional, não surpreende que Grivet também tenha utilizado esse exemplar linguístico literário pregresso para sua gramática, que também é fruto da GT.

Além disso, a atmosfera intelectual da época contribuía para a utilização de textos antigos. A Linguística histórico-comparativa já estava chegando ao Brasil, então os gramáticos – entre eles, Grivet – buscavam incluí-la em seus trabalhos. Podemos ver essa filiação a uma cientificidade em um trecho em que Grivet, após falar da dificuldade de classificar os verbos, comenta:

> Não é sem estranheza que se nota como o principio da substituição, um dos mais valiosos promotores hodiernos do progresso nas sciencias physicas, adapta-se com o mesmo acerto e proficiência aos estudos philologicos, verificando-se assim novamente a superioridade do METHODO EXPERIMENTAL sobre o DOGMATICO. (GRIVET, 1881, p. 60).

Nesse trecho, podemos observar que o autor já estava ciente da utilização das técnicas das ciências da natureza nos estudos da linguagem. O método experimental, que, resumidamente, consiste no teste de hipóteses e de variáveis sobre o objeto de estudo, para Grivet, seria mais adequado do que o método dogmático, no qual as premissas são inquestionáveis.

A maioria dos exemplos da gramática são literários, ainda que possamos ver textos não literários na base documental do autor. Por esse motivo, no quadro abaixo, reunimos esses textos e autores com suas ocupações, o número de vezes em que são citados por Grivet e alguns desses exemplos:

Tabela 2 – Documentação não literária utilizada na abordagem sintática de Grivet

Nome do autor/texto	Ocupação	Número de exemplos
Periodico	–	9 (0,71%)
Duarte Nunes de Leão	Jurista, gramático e historiador	9 (0,71%)
História de D. Manoel (Vida de D. Manoel)	–	4 (0,31%)
Duarte Ribeiro de Macedo	Embaixador, jurisconsulto, diplomata, economista	4 (0,31%)
Manoel Godinho	Cartógrafo e escritor	3 (0,23%)
Gabriel Soares de Souza	Agricultor, empresário, botânico, escritor e historiador	2 (0,15%)
D. Manoel (carta ao rei da França)	–	1 (0,07%)

Fonte: elaborada pela autora (2022)

Mais importante do que pensarmos sobre os dados quantitativos resultantes desse levantamento é vermos as inspirações de Grivet para a constituição do exemplário linguístico da sua gramática. É notório o valor que o autor dava aos textos literários, sobretudo os

escritos por figuras da Igreja. É possível perceber também que o autor cita manifestações linguísticas não literárias, como periódicos e outros textos não literários, mas os textos literários predominam nos exemplos da gramática.

O autor se apoia em fenômenos linguísticos que foram utilizados nas obras, não havendo muitos dados inventados. Não obstante os exemplos inventados também apareçam, a maioria deles vem depois de explicações do autor para indicar uma exceção. A seguir, podemos ver como isso funciona:

> 1.° Dentre os numeraes, só os cardeaes vão necessariamente antepostos ao substantivo amparado.
> *Se houvesse* DOUS *homens de consciencia, e outros que lhes succedessem, não haveria inconveniente em estar o governo dividido*. (P. Ant. Vieira).
> VINTE E DOUS *pescadores destes se achárão acaso a um sermão de S. Antonio*. (P. Ant. Vieira).
> Porém, junto a pronomes pessoaes, o contrario é que se dá.
> Ex. *Assentemos nós* TRES *no que se tem de fazer* (GRIVET, 1881, p. 258).

Para discorrer sobre a ordem dos números em relação ao substantivo, primeiro, Grivet utiliza o Pe. Antonio Vieira como exemplo. Depois, para indicar que, com pronomes pessoais, o contrário ocorre, o autor utiliza um exemplo criado por ele.

Na análise da camada documental da *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, pudemos constatar que Grivet usa a literatura na maior parte do seu exemplário linguístico para tratar do nível sintático de análise. A maior parte desses autores utilizados por ele são portugueses e do século XVII, predominando, também, a presença de figuras religiosas, como padres e freis.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta dessa pesquisa foi investigar os principais conhecimentos sintáticos elaborados por Charles Adrien Olivier Grivet na *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* (1881). Para essa grande proposta, delimitamos também como guia compreender como acontecimentos e ideias políticas, científicas e socioculturais do período que a *obra* foi produzida refletiram nas orientações epistemológicas da obra; descrever e interpretar quais e como conhecimentos sintáticos são sistematizados na gramática; identificar movimentos de continuidade e de ruptura estabelecidos pelo autor entre a abordagem sintática da obra e o contexto intelectual da época; e contrastar a metalinguagem e as definições presentes na obra com o arcabouço categorial e conceitual da gramaticografia greco-latina ou com algum outro modelo teórico dos estudos da linguagem.

Para que isso fosse possível, partimos dos pressupostos da Historiografia da Linguística, que interpreta como o conhecimento sobre a linguagem foi produzido em determinado contexto social e cultural através do tempo, por meio de narrativas descritivas e explicativas. As principais categorias teóricas e analíticas utilizadas para a análise das fontes foram a do tratamento da metalinguagem, a da influência, a da retórica e a da camada dos conhecimentos linguísticos, que estruturou o trabalho.

Depois de um primeiro contato com a gramática, mapeamos suas principais informações relativas aos nossos objetivos, como a organização geral da obra, as definições elaboradas pelo autor e questões específicas da sintaxe. Além disso, também realizamos um levantamento de fontes, na Hemeroteca Brasileira e na *Swiss National Library*, que contextualizassem e nos dessem mais informações sobre Grivet e suas obras.

A dissertação, além desta parte das considerações finais, foi dividida em mais cinco capítulos. Do primeiro ao terceiro, apresentamos o tema da pesquisa; mostramos um pouco da contribuição de outros estudos que abordam a NGALP; reconstituímos parte da trajetória de Grivet; expomos as perguntas, os objetivos e a justificativa da pesquisa; apresentamos algumas categorias teóricas e analíticas e tratamos da metodologia usada para o desenvolvimento do estudo. No quarto, contextualizamos a situação do modelo educacional no século XIX, fundamental à compreensão da obra. Também apresentamos um panorama das linhagens gramaticais daquela época.

Em seguida, dividimos o quinto capítulo, o da análise, em cinco partes. Na primeira, abordamos aspectos gerais da obra.

Dedicamos a segunda parte do quinto capítulo à análise da camada contextual, englobando o contexto cultural e institucional da NGALP e de Grivet. Assim, abordamos estratégias discursivas na retórica mobilizada pelo autor, suas influências intelectuais e um pouco da recepção de suas ideias na sociedade.

Vimos que a obra foi direcionada a professores de língua portuguesa, cargo que, na época, ainda estava sendo institucionalizado. É notável também a importância que o autor dá ao estudo dos clássicos para a aprendizagem do português.

Um outro aspecto que fica evidente logo no prefácio é o de que o autor não se propõe a romper com a tradição gramatical, porque seu valor não está em romper com estudos anteriores, mas em apresentar novas formas de sistematização das ideias linguísticas.

O posicionamento de Grivet também fica expresso no nome dado à sua obra: *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*. Essa "novidade", sugerida pelo nome da obra e pelos textos de sua divulgação, nos fazem questionar sobre o que faz ela ser diferente do que já tinha sido visto até então. Podemos dizer que, no mínimo, quatro são as inovações do autor: i) a teoria das funções, ii) a centralidade do fato (verbo), iii) a compreensão da sintaxe como funções exercidas por palavras; e iv) uma crítica fundamentada à teoria do verbo substantivo.

Ainda pode ser destacado o espaço que Charles Grivet teve nos periódicos. A primeira crítica às suas ideias apareceu em 1866, um ano após a publicação da sua primeira gramática. As críticas continuaram – a maioria, positiva – e até mesmo igualavam Grivet a outros gramáticos mais celebrados, como Julio Ribeiro. Por essas publicações, é possível ver que até mesmo Napoleão Mendes de Almeida, um gramático que publicou ainda em nosso século XXI, teve acesso à obra de Grivet.

Em seguida, na terceira parte do quinto capítulo, a análise da camada teórica, investigamos a visão de linguagem presente na NGALP. Para isso, abordamos os principais pensamentos sintáticos do autor, como a teoria das funções, a crítica ao verbo substantivo e as figuras de linguagem.

Para Grivet, a gramática é a arte de falar e escrever corretamente, e seu objeto é a palavra. A sintaxe, que ocupa quase metade da obra, é o centro das discussões do autor. Para ele, essa dimensão linguística é representada pela teoria das funções que as palavras exercem na enunciação dos pensamentos e nas relações decorrentes disso. São sete os termos da teoria das funções: fato, sujeito, complemento direto, complemento indireto, predicado, aposição e ligação.

O fato é o que dá vida ao discurso, é o verbo. A ele, todos os outros termos estão subordinados. Os modos em que os verbos podem aparecer são quatro: indicativo, condicional, imperativo e subjuntivo. A função do sujeito pode ser exercida por uma ou mais palavras, dando "personalidade" ao verbo. O complemento direto é a palavra ou conjunto de palavras que complementam o sentido do verbo, sem apresentar preposição. Já o complemento indireto também faz isso, mas apresentando uma preposição. O predicado é uma palavra ou conjunto de palavras que, perto de um verbo de estado, designa uma qualidade ou a situação do sujeito. À aposição, cabe o papel de explicar ou complementar o sentido dos termos dos quais ela aparece junto. A última função, a da ligação, se trata dos elementos que possibilitam a conexão com outros termos.

A crítica à teoria do verbo substantivo é um ponto central da gramática. Para isso, Grivet cita textos que defendem o verbo substantivo e refuta os argumentos dos substantivistas. Pelo menos alguns desses textos são de autoria de Francisco Sotero dos Reis, gramático contemporâneo do suíço. Por se colocar fortemente contra essa teoria, Grivet propõe um tipo diferente de análise sintática, na qual a decomposição analítica (substantivo + atributo) dá lugar ao verbo (o fato) como núcleo da oração. Lembremos que os outros termos da oração estão subordinados ao verbo. Assim, a gramática é centrada também no verbo. Suas considerações contra a teoria do verbo substantivo também nos ajudam a ver que o autor, apesar de algumas aproximações com o racionalismo, escreve uma obra majoritariamente descritiva, alinhando-se à linhagem empirista.

Para Grivet, quando, numa proposição, há o que suprir, subtrair, comentar, transferir ou substituir, ocorrem as figuras de linguagem: elipse, pleonasmo, silepse, inversão e exclamação. Na elipse, um ou mais termos de uma oração fica subentendido. O pleonasmo é caracterizado por repetir na proposição uma ideia já mencionada. A silepse é marcada pelo fato de que a concordância entre os termos da proposição se dá pelo sentido, não pela sua estrutura morfossintática. Já a inversão é a mera troca da posição dos termos sintáticos. A última figura de linguagem, a exclamação, é uma proposição implícita.

Em seguida, na camada técnica, a quarta parte do quinto capítulo, exploramos as técnicas de análise e os métodos de apresentação utilizado por Grivet na *Nova Grammatica Analytica*. Numa análise de uma proposição realizada pelo autor, fica claro o funcionamento da teoria das funções. Além disso, também apresentamos a rede taxonômica dos estudos do gramático.

Por fim, na camada documental, quinta parte do quinto capítulo, tratamos da documentação linguística utilizada na obra para auxiliar na elaboração dessa fonte. Analisamos quem foram os autores e quais foram os textos citados por Grivet e de quais países eles eram, quais domínios discursivos eram utilizados como exemplar linguístico, entre outros aspectos. A obra é constituída majoritariamente por textos literários lusitanos (83% dos exemplos), com destaque para o Padre Antônio Vieira, que representa 59,35% dos exemplos de Grivet. Além disso, o exemplar linguístico se concentra nos séculos XVI e XVII, isto é, textos escritos de 200 a 300 anos antes da publicação da obra.

O percurso desse trabalho foi guiado pelo compromisso com a HL em investigar tanto a fonte quanto os elementos que a cercam. No nosso caso, a *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* e o contexto social, histórico, político e ideológico do século XIX.

A exposição dessas ideias de Grivet abre caminhos para o mesmo tipo de pesquisa com outros gramáticos pouco explorados pelas áreas da Linguística e também para a continuidade da exploração dos pensamentos do gramático suíço. Pela extensão do tema, alguns aspectos sintáticos do autor não foram aprofundados por nós nesse trabalho, como a subordinação. Explorar outras partes da gramática, como a lexicologia, também é um caminho.

Além das páginas anteriores, deixamos um apêndice com publicações do século XIX e XX que focam na vida e na obra de Charles Grivet, mas que também dão um panorama dos estudos linguísticos desses séculos. É desse forma que encerramos e esperamos ter contribuído para os estudos linguísticos brasileiros.

REFERÊNCIAS

Primárias

ALGUMAS palavras sobre o professor Grivet. *In*: GRIVET, A. **Nova grammatica analytica da lingua portugueza**. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, ouvidor 31, 1881. p. V-VIII.

CANECA, F J. do A. D. **Breve Compendio de Grammatica Portugueza organisado em forma systematica, com adaptação a capacidade dos alunos**. Recife: Typographia Mercantil, 1875

GRIVET, A. **Nova grammatica analytica da lingua portugueza**. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, ouvidor 31, 1881.

RELATORIO do Conselheiro Dr. Francisco Octaviano de Almeida Rosa e do Commendador J. B. Calogeras sobre a grammatica portuguesa de A. GRIVET. *In*: GRIVET, A. **Nova grammatica analytica da lingua portugueza**. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, ouvidor 31, 1881. p. XIX-XIV.

REIS, F. S. **Grammatica portugueza accommodada aos principios geraes da palavra seguidos de immediata applicação prática**. 2. ed. Maranhão: Typ. de R. de Almeida, 1871.

RIBEIRO, J. **Grammatica portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Teixeira & Irmão Editores, 1885.

Secundárias

ALTMAN, C. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

ALTMAN, C. História, Estórias e Historiografia da Linguística brasileira. **Todas as Letras**, v. 14, n. 1, p. 14-37, 2012.

ALTMAN, C. Zeitgeist: em homenagem a Evanildo Bechara por ocasião dos seus 90 anos. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 164-182, jul.-dez., 2018. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/276>. Acesso em: 06 mar. 2022.

ASSEN, W. O percurso histórico da gramática no Brasil, observações sobre o advérbio. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 72, p. 1507-1520, 2018.

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. 3. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2014.

BATISTA, R. O. História da linguística e retórica revolucionária. **Lingüística**, Montevidéu, v. 34, n. 2, p. 145-168, dez., 2018. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2018000200145&lng=es&nrm=iso. Acesso em 15 maio 2021.

BATISTA, R. O. Historiografia da Linguística e um quadro sociorretórico de análise. *In*: BATISTA, R. O. **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 81-113.

BATISTA, R. de O. **Fundamentos da pesquisa em Historiografia da Linguística**. São Paulo: Mackenzie, 2020a.

BATISTA, R. O. Retóricas revolucionárias na linguística: recepção de teorias e novidade científica. **Forma y Función**, Bogotá, v. 33, n. 2, p. 41-61, 2020b. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-338X2020000200041&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 15 maio 2021.

BORGES, J. M. **Um Estudo Descritivo-Analítico da Gramática Metódica da Língua Portuguesa e do Dicionário de Questões Vernáculas de Napoleão Mendes de Almeida**. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

BORGES NETO, José. **História da Gramática**. Curitiba: Editora da UFPR, 2020.

BUNZEN, C. A fabricação da disciplina português. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 11, n. 34, p. 885-911, set./dez, 2011.

CAVALIERE, R. A Noção de conectivo nas gramáticas brasileiras do século XIX. **Filol. Linguíst. Port.**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 9-30, jan./jul., 2018.

CAVALIERE, R. **Fonologia e Morfologia na Gramática Científica Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.

CAVALIERE, R. O tema da influência em Historiografia da Linguística. *In*: BATISTA, R. O.; BASTOS, N. B. **Questões em historiografia da linguística**: homenagem a Cristina Altman. São Paulo: Pá de Palavra, 2020. p. 133-148.

CAVALIERE, R. Uma proposta de periodização dos estudos linguísticos no Brasil. **Alfa**. v. 45. p. 49-69, 2001.

CLARE, Nícia de Andrade Verdini. Ensino de língua portuguesa: uma visão histórica. **Idioma 23**, Rio de Janeiro, ano XXII, p. 7-24, 2003.

DOLHNIKOFF, M. **História do Brasil império**. São Paulo: Contexto, 2019.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. A.; VIEIRA, F. E. A linhagem empirista na gramaticografia do século 18. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 3, p. 464-492, 7 dez. 2021.

FARACO, C. A; VIEIRA, F. E. Rede taxonômica da sintaxe da oração em Grivet (1881). Minicurso "A gramática tradicional: fundamentos epistemológicos e deslocamentos contemporâneos", **XII Mini-Enapol de Historiografia Linguística**, Universidade de São Paulo, 2019.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: edUSP, 2015.

FÁVERO, L. L.; MOLINA, M. A. G. Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza - Charles Adrien Olivier Grivet. *In*: FÁVERO, L. L.; MOLINA, M. A. G. **As concepções linguísticas no século XIX**: a gramática no Brasil. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006a, p. 111-120.

FÁVERO, L. L.; MOLINA, M. A. G. Nova Grammatica Analytica da Língua Portuguesa (by Charles Adrien Olivier Grivet). **Revista da Anpoll**. Florianópolis, vol. 1, n. 20, p. 85-101, 2006b.

FÁVERO, L. L. O verbo na tradição gramatical brasileira. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 17-30, 2015.

GOMES, L. **1808**: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil. São Paulo: Planeta, 2007.

GUIMARÃES, E. Sinopse dos estudos do português no Brasil: a gramatização brasileira. *In*: GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. P. **Língua e cidadania**: o português no Brasil. Campinas: Pontes, 1996. p. 127-138.

GURGEL, S. A representatividade como critério de seleção de fontes: um problema epistemológico. **Estudos Linguísticos**, v. XXXVII, n. 2, p. 267-273, 2007.

HALLEWELL, L. **O Livro no Brasil**: Sua História. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

HENRIQUES, C. C. **Nomenclatura Gramatical Brasileira**: 50 anos depois. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

JESUITA, C. S. **As Gramáticas Gerais e Filosóficas Tardias do Século XIX**. 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

KOERNER, E. F. K. O problema da metalinguagem em historiografia da linguística. *In*: KOERNER, E. F. K. **Quatro décadas de historiografia linguística**: estudos selecionados. Trás-os-Montes e Alto Douro: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014a. p. 75-90.

KOERNER. E. F. K. O problema da ‘influência’ na historiografia linguística. *In*: KOERNER. E. F. K. **Quatro décadas de historiografia linguística**: estudos selecionados. Trás-os-Montes e Alto Douro: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014b. p. 91-102.

KOERNER, E. F. K. Questões que persistem na historiografia linguística. *In*: KOERNER, E. F. K. **Quatro décadas de historiografia linguística**: estudos selecionados. Trás-os-Montes e Alto Douro: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014c. p. 45-64.

LAUDAN, L. **O progresso e seus problemas**: rumo a uma teoria do crescimento científico. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. V. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MURRAY, S. O. **American Sociolinguistics**: theorists and theory groups. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.

PARREIRA, A. D. **Contribución de la historia de la gramática brasileña del siglo XIX**. 2011. 417 f. Tese (Doutorado em Análise do Discurso e suas aplicações) – Facultad de Filología, Universidad de Salamanca, Salamanca, 2011.

PETROV, Igor. Suíça, de 1848 à atualidade. **Swissinfo.ch**, 2020. Disponível em: https://www.swissinfo.ch/por/su%C3%AD%C3%A7a-de-1848-%C3%A0-atualidade/45810934. Acesso em: 26 set. 2021.

POLACHINI, B. S. Análise de textos e metatextos gramaticais: Costa Duarte (1829, 1853, 1859, 1877) e Bithencourt (1862) sobre o 'verbo substantivo'. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 16, p. 17-30, 2016.

POLACHINI, B. S. **Uma história serial e conceitual da gramática brasileira oitocentista de língua portuguesa**. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ROCHA, F. M. **A norma de uso nas construções com a partícula SE e o verbo haver na gramaticografia de língua portuguesa**. 2018. 220 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.

ROSA, M. C. A questão da metalinguagem na Historiografia da Linguística. *In*: BATISTA, R. O.; BASTOS, N. B. **Questões em historiografia da linguística**: homenagem a Cristina Altman. São Paulo: Pá de Palavra, 2020. p. 122-132.

SALINO, Emerson. **O século XIX abre as portas para a educação: o ensino de língua portuguesa no Colégio Pedro II**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SILVA, A. R. C. **Variação, mudança linguística e português do Brasil na *Grammatica Portuguesa***: Curso Superior (1920 [1887]), de João Ribeiro (1860-1934). 2021. 130f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

SOUZA, R. F. Inovação educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano XX, n. 51, nov., 2000.

SWIGGERS, P. A dinâmica na (/da) história da linguística: posições e deslocamentos de "camadas". **Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-

9, jan.-abr. 2020a. Disponível em: http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/12968. Acesso em: 07 mar. 2022.

SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 44-45, 2013. p. 39-59.

SWIGGERS, P. Evolução e dinâmica da Linguística: uma textura de "camadas" anotações meta-historiográficas. *In*: BATISTA, R. O.; BASTOS, N. B. **Questões em historiografia da linguística**: homenagem a Cristina Altman. São Paulo: Pá de Palavra, 2020b. p. 114-121.

SWIGGERS, P. História, Historiografia da Linguística: status, modelos e classificações. **Eutomia**, ano 3, v. 2, p. 1-17, dez., 2010.

SWIGGERS, P. Historiografia da Linguística: princípios, perspectivas, problemas. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Historiografia da Linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2019, p. 45-80.

SWIGGERS, P. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. **Revista Argentina de Historiografia Lingüística**, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 67-76, 2009.

SWIGGERS, P. Modelos, métodos y problemas en la historiografia de la Lingüística. In: ZUMBADO, C. *et al*. (eds.). **Nuevas aportaciones a la Historiografía Lingüística**. Congresso Internacional de Lasehl. Madrid: Arco Libros, 2004, p. 113-146.

VIEIRA, F. E. **A gramática tradicional**: história crítica. São Paulo: Parábola, 2018.
VIEIRA, F. E. A sintaxe no Brasil: notas historiográficas e eixos temáticos de investigação. **Alfa**, São Paulo, v. 64, e12288, 2020a.

VIEIRA, F. E. Tradição gramatical: história, epistemologia e ensino. *In*: BAGNO, M.; VIEIRA, F. E. (Orgs.). **História das línguas, histórias da linguística**: homenagem a Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2020b. p. 85-124.

VIEIRA, F. E; FARACO, C. A. **Escrever na universidade**: gramática do período e da coordenação. São Paulo: Parábola, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A – LEVANTAMENTO DAS FONTES SECUNDÁRIAS – VIDA PESSOAL DE GRIVET

— Entrárão hontem neste porto:

De *Caravellas*, os Srs. Manoel Antonio de Jesus e Demetrio Antonio Lopes Ferreira.

Do Havre, os Srs. Louis Gardet, Louis Guisard, Louis Dhonailly, Nicolas Rethoré, Jean Baptiste Claras, Jean Pierre Corboud, Joseph Bochud e Charles A. Grivet.

De Jerumirim, o Sr. Felippe Nery de Carvalho.

De Itapemirim, o Sr. Fernando Angusto Ferreira de Azevedo Queiroz.

De Maceió, dous escravos.

De Mangaratiba, o Sr. Francisco Alves de Mello.

De Pernambuco, um escravo.

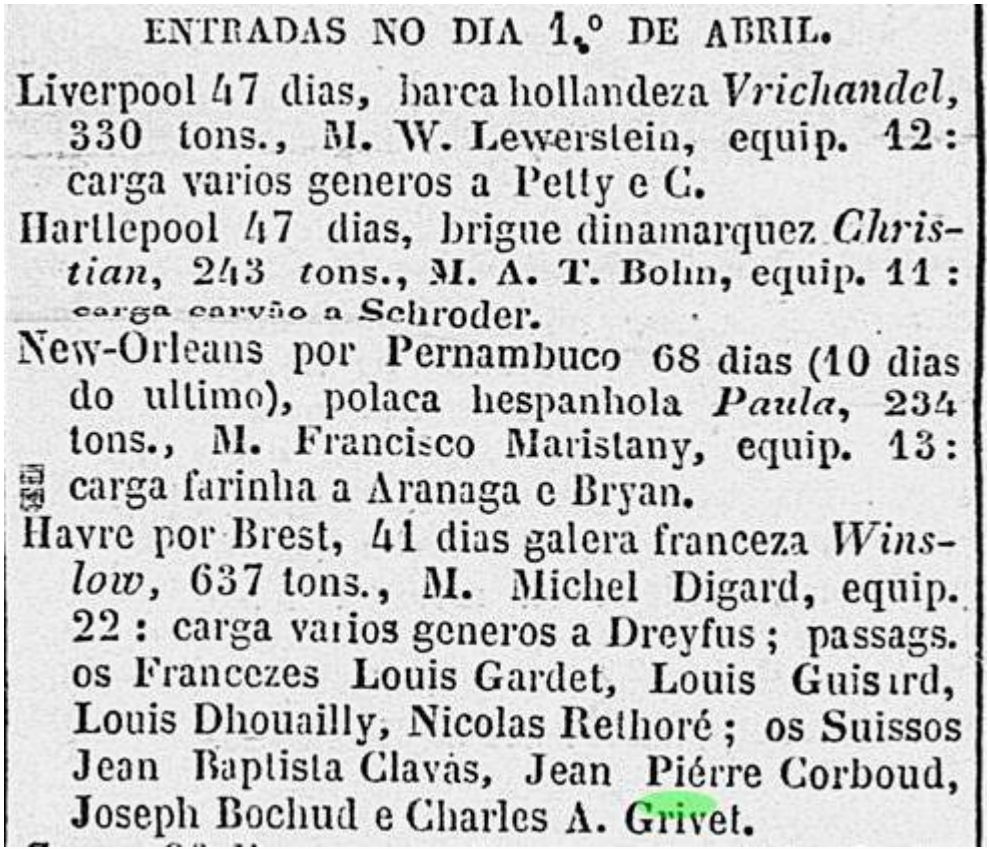
De S. Matheus, os Srs. Joaquim dos Santos Rosa, Antonio José de Almeida, José Antonio de Mello, João das Chagas Moreira, Joaquim Mariano Sudré, Luiz José da Silva e José Joaquim dos Anjos Maciel.

De S. Sebastião, o Sr. Francisco Luiz Martins e uma escrava.

De Ubatuba, os Srs. João Martins e Antonio José da Cunha.

Da Victoria, os Srs. Manoel Ferreira das Neves, Marcellino Pinto Ribeiro e um escravo.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1856\Edição 00091 (1)



ENTRADAS NO DIA 1.º DE ABRIL.

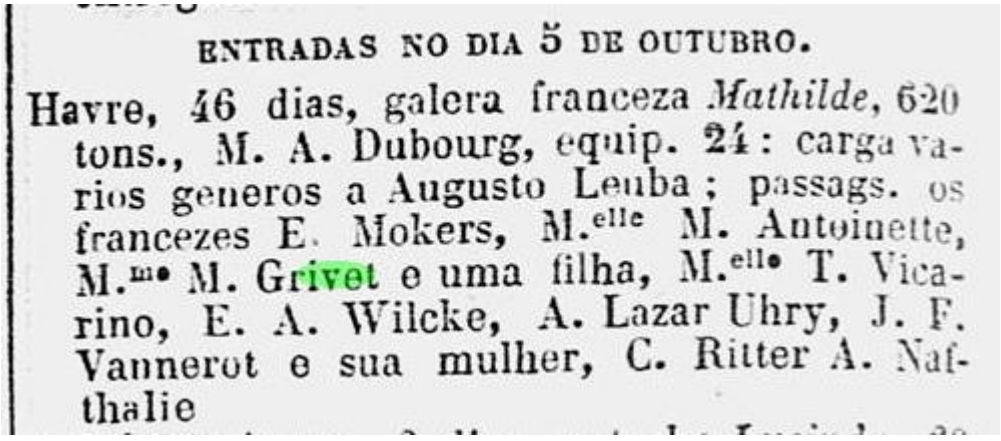
Liverpool 47 dias, barca hollandeza *Vrichandel*, 330 tons., M. W. Lewerstein, equip. 12: carga varios generos a Petty e C.

Hartlepool 47 dias, brigue dinamarquez *Christian*, 243 tons., M. A. T. Bohn, equip. 11: carga carvão a Schroder.

New-Orleans por Pernambuco 68 dias (10 dias do ultimo), polaca hespanhola *Paula*, 234 tons., M. Francisco Maristany, equip. 13: carga farinha a Aranaga e Bryan.

Havre por Brest, 41 dias galera franceza *Winslow*, 637 tons., M. Michel Digard, equip. 22: carga varios generos a Dreyfus; passags. os Francezes Louis Gardet, Louis Guisard, Louis Dhouailly, Nicolas Rethoré; os Suissos Jean Baptista Clavás, Jean Piérre Corboud, Joseph Bochud e Charles A. Grivet.

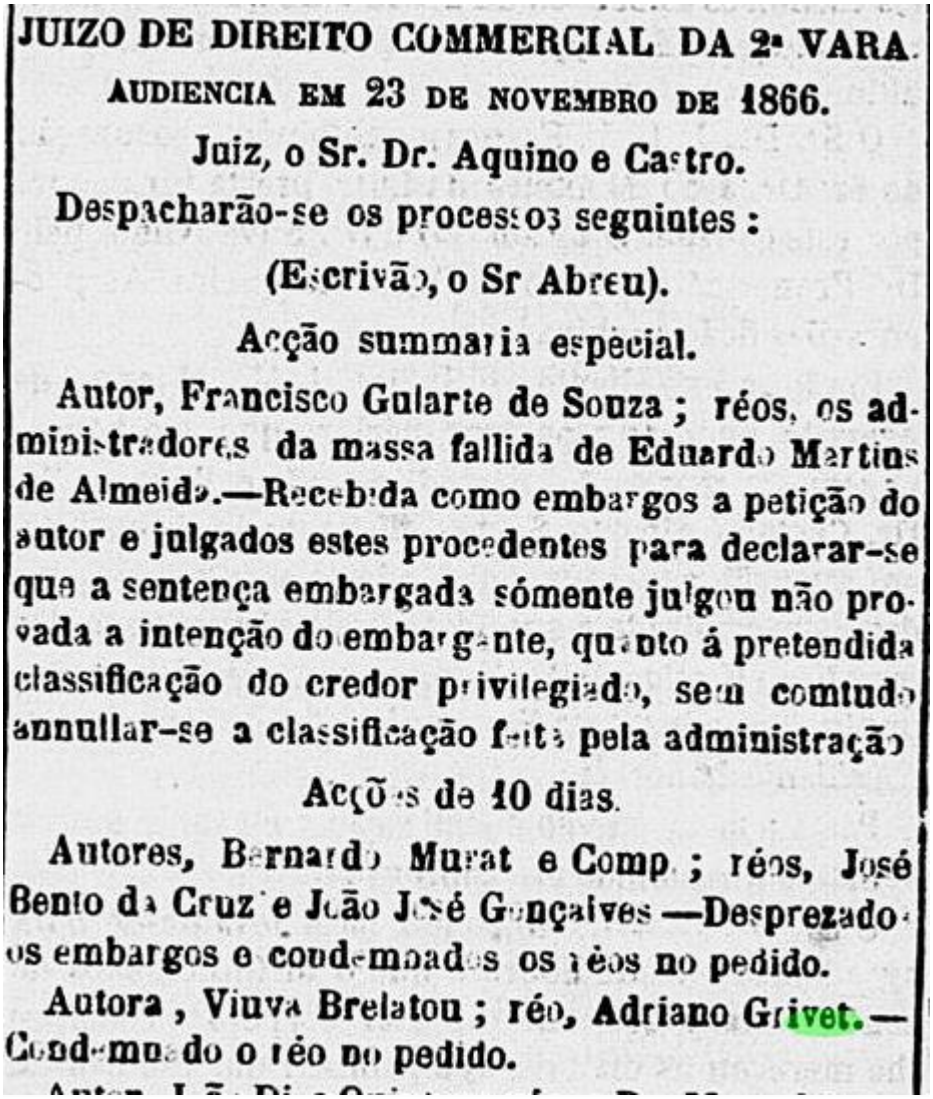
Diário do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1856\Edição 00092 (1)



ENTRADAS NO DIA 5 DE OUTUBRO.

Havre, 46 dias, galera franceza *Mathilde*, 620 tons., M. A. Dubourg, equip. 24: carga varios generos a Augusto Leuba; passags. os francezes E. Mokers, M.elle M. Antoinette, M.me M. Grivet e uma filha, M.elle T. Vicarino, E. A. Wilcke, A. Lazar Uhry, J. F. Vannerot e sua mulher, C. Ritter A. Naf-thalie

Diário do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1857\Edição 00272 (1)



JUIZO DE DIREITO COMMERCIAL DA 2ª VARA.

AUDIENCIA EM 23 DE NOVEMBRO DE 1866.

Juiz, o Sr. Dr. Aquino e Castro.

Despacharão-se os processos seguintes:

(Escrivão, o Sr Abreu).

Acção summaria especial.

Autor, Francisco Gularte de Souza; réos, os administradores da massa fallida de Eduardo Martins de Almeida.—Recebida como embargos a petição do autor e julgados estes procedentes para declarar-se que a sentença embargada sómente julgou não provada a intenção do embargante, quanto á pretendida classificação do credor privilegiado, sem comtudo annullar-se a classificação feita pela administração

Acções de 10 dias.

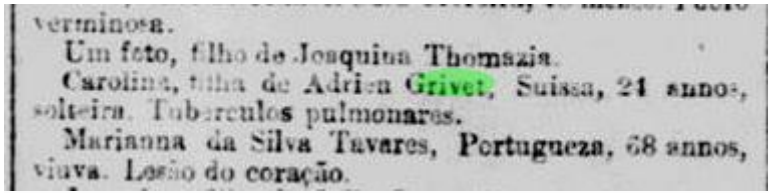
Autores, Bernardo Murat e Comp; réos, José Bento da Cruz e João José Gonçalves —Desprezados os embargos e condemnados os réos no pedido.

Autora, Viuva Brelatou; réo, Adriano Grivet.—Condemnado o réo no pedido.

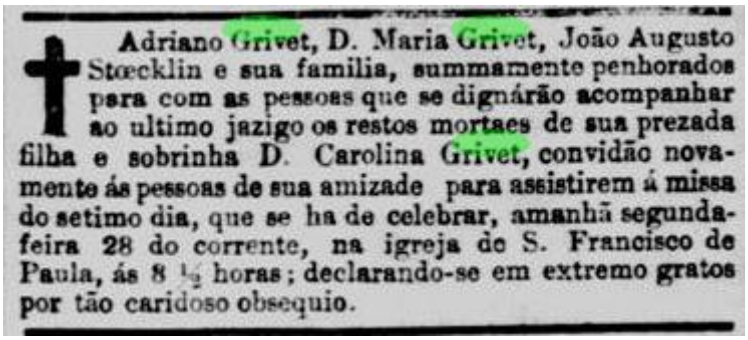
Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1866\Edição 00325 (1)

Adriano Grivet, D. Maria Grivet e João Augusto Stæklin e sua familia, pungidos da mais acerba dôr pelo fallecimento de sua prezada filha e sobrinha D. Carolina Grivet, rogão aos seus amigos o caridoso obsequio de acompanharem o seu corpo, em carro, da rua dos Arcos n. 56 ao cemiterio de S. João Baptista, hoje 23 do corrente, ás 9 horas; confessando-se desde já eternamente gratos, e pedindo desculpa ás pessoas que não tiverem recebido convite por carta.

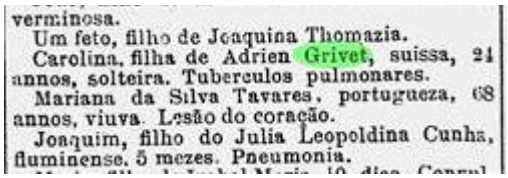
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1869\Edição 00173 (1)


verminosa.
Um feto, filho de Joaquina Thomazia.
Carolina, filha de Adrien Grivet, Suissa, 21 annos, solteira. Tuberculos pulmonares.
Marianna da Silva Tavares, Portugueza, 68 annos, viuva. Lesão do coração.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1869\Edição 00176 (1)


Adriano Grivet, D. Maria Grivet, João Augusto Stœcklin e sua familia, summamente penhorados para com as pessoas que se dignárão acompanhar ao ultimo jazigo os restos mortaes de sua prezada filha e sobrinha D. Carolina Grivet, convidão novamente ás pessoas de sua amizade para assistirem á missa do setimo dia, que se ha de celebrar, amanhã segunda-feira 28 do corrente, na igreja de S. Francisco de Paula, ás 8 ½ horas; declarando-se em extremo gratos por tão caridoso obsequio.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1869\Edição 00177 (1)


verminosa.
Um feto, filho de Joaquina Thomazia.
Carolina, filha de Adrien Grivet, suissa, 21 annos, solteira. Tuberculos pulmonares.
Mariana da Silva Tavares, portugueza, 68 annos, viuva. Lesão do coração.
Joaquim, filho do Julia Leopoldina Cunha, fluminense, 5 mezes. Pneumonia.

Diário do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1869\Edição 00174 (1)

A hydrophobia e o seu antidoto o Alisma plantago.

Sr. Redactor.— Em confirmação do que a nosso pedido foi publicado no *Jornal do Commercio* do dia 18, sobre a hydrophobia e seu tratamento, sirva-se V. de dar publicidade á carta que acabamos de receber do illustre cavalheiro o Sr. Adriano Grivet, a qual em seu original temos a honra de remetter, etc.

De V.

VIUVA MARTINS & C.

« Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1872.

« Illma. Sra. Viuva Martins & C. — No *Jornal do Commercio* de ante-hontem, 18 do corrente, appareceu. sob a rubrica « MEDICAMENTO CONTRA A HYDROPHOBIA, » uma noticia que vivamente me impressionou, porque de tal modo concordava com informações que me forão dadas sobre o mesmo assumpto, ácerca de trinta annos, por um medico distincto, morador nos arredores de Moscow, com quem entretive relações de amizade, que não me posso furtar ao desejo de confirmar a relação publicada com o meu fraco, porém desinteressado testemunho.

« Até tinha eu na occasião consignado por escripto aquellas mesmas informações; porém o papel em que se achavão sumio-se: a não ser assim, eu as reproduziria textualmente aqui, para mostrar a sua conformidade com a referida publicação.

« A circumstancia que me induzio a prestar o maior credito á communicação que me fôra feita, foi que o mesmo informante e sua mulher tinhão sido mordidos havia uns dez annos, por um cão que a principio suspeitava-se sómente ser damnado, mas que effectivamente o era; pois, tendo sido recluso em uma granja, o animal morreu alguns dias depois, com todos os symptomas da hydrophobia a mais caracterisada

« Ora, sabendo o medico que a medicina official era absolutamente impotente para combater tão horrivel enfermidade, apressou-se em mandar chamar um daquelles curandeiros que abundão nas diversas provincias da Russia. O empyrico, uma vez ao facto do que se lhe pedia, afastou-se para ir procurar o seu especifico, e reappareceu em breve com umas raizes recem-tiradas da terra. Raspou-as em uma fatia de pão, e fê las assim comer sem outras ceremonias, a não ser a emissão surda de umas palavras mysteriosas.

« O' homem, disse-lhe o medico, queres mostrar-me a planta de que tu tiraste aquellas raizes? » Depois de alguma hesitação: « Sim! respondeu o curandeiro, mostrarei. Porém a REZA é que não lhe quero ensinar.» —« Está visto! replicou o doutor: a resa fica por tua conta; é com isso que ganhas dinheiro. »

« Emquanto o medico me estava contando, sorrindo-se, estas recordações, dirigio-se de repente para a margem de um açude que alli se achava, e pegando de uma planta que profusamente crescia no lugar, apresentou-m'a como o famoso especifico. Experimentei o sabor da raiz, que achei bastante amargoso, mas ao mesmo tempo aromatico.

« Apenas accrescentarei que os camponezes da Russia pouco se assustão desta terrivel molestia, pela plena confiança que têm em seus curandeiros. Entretanto não ha talvez paiz onde os casos de hydrophobia sejão mais frequentes, já porque os cães pullulão nas povoações, já porque os lobos, que vagueião em grande numero pelas matas, são geralmente os que inoculão-lhes o *virus rabico*; pois levados pelo frenesi que nelles desenvolve a doença, os lobos, em vez de se embrenharem, procurão os povoados para acommetter homens e animaes.

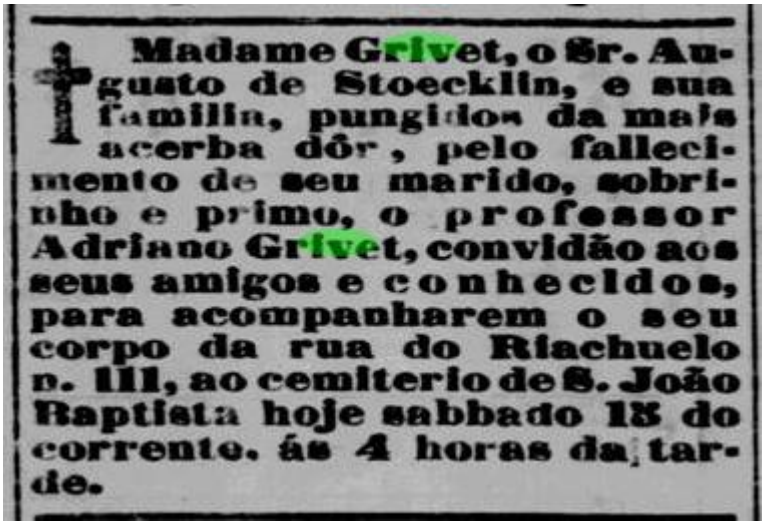
« Em 1838, mostrou-se-me, em um lugar tão central da cidade de Moscow como o é o largo de S. Francisco nesta cidade, o sitio onde tinha sido morto a machadadas, o anno anterior, um lobo damnado.

« Alonguei-me mais do que pretendia fazê-lo: sirva-me de desculpa o ter sido movido unicamente pelo desejo de contribuir a um acto humanitario, qual o que impellio a V. S. a offerecer gratuitamente o seu remedio aos que delle precisassem. Pois nem tenho a honra de conhecer a V. S., nem tão pouco delle sou conhecido.

« Autoriso a V. S. a fazer destas linhas o uso que lhe convier; e sou, com a maior consideração, de V. S., attento venerador *-Adriano Crivet.*

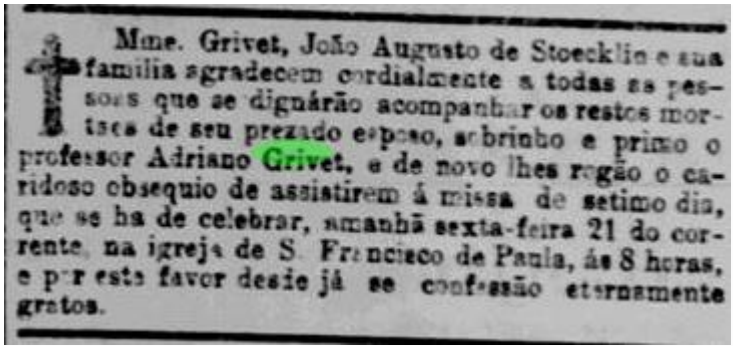
« Rua do Rezende n. 16 C. »

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1872\Edição 00021 (1)



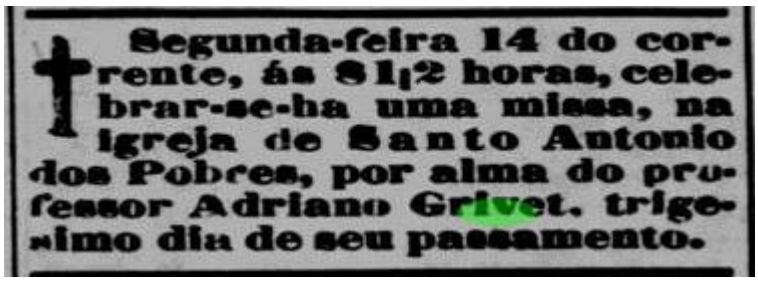
Madame Grivet, o Sr. Augusto de Stoecklin, e sua familia, pungidos da mais acerba dôr, pelo fallecimento de seu marido, sobrinho e primo, o professor Adriano Grivet, convidão aos seus amigos e conhecidos, para acompanharem o seu corpo da rua do Riachuelo n. 111, ao cemiterio de S. João Baptista hoje sabbado 18 do corrente, ás 4 horas da tarde.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1876\Edição 00015 (1)



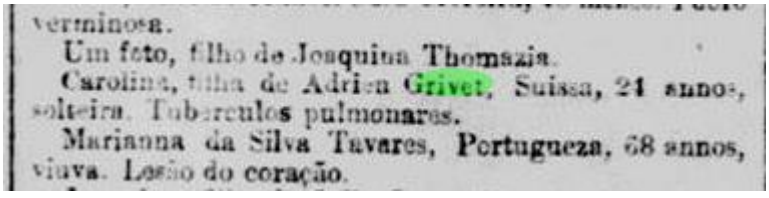
Mme. Grivet, João Augusto de Stoecklin e sua familia agradecem cordialmente a todas as pessoas que se dignárão acompanhar os restos mortaes de seu prezado esposo, sobrinho e primo o professor Adriano Grivet, e de novo lhes rogão o caridoso obsequio de assistirem á missa de setimo dia, que se ha de celebrar, amanhã sexta-feira 21 do corrente, na igreja de S. Francisco de Paula, ás 8 horas, e por este favor desde já se confessão eternamente gratos.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1876\Edição 00020 (1)



Segunda-feira 14 do corrente, ás 8 1/2 horas, celebrar-se-ha uma missa, na igreja de Santo Antonio dos Pobres, por alma do professor Adriano Grivet, trigesimo dia de seu passamento.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1876\Edição 00043 (1)



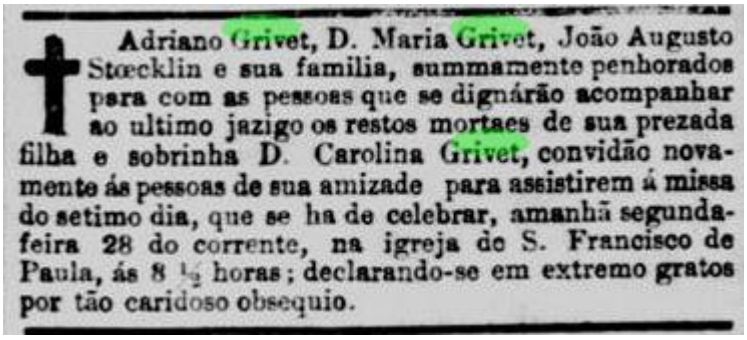
verminosa.

Um feto, filho de Joaquina Thomazia.

Carolina, filha de Adrien Grivet, Suissa, 21 annos, solteira. Tuberculos pulmonares.

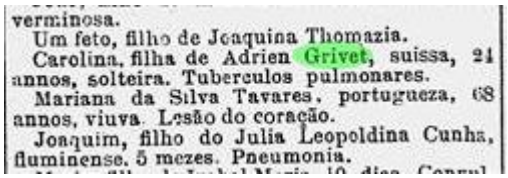
Marianna da Silva Tavares, Portugueza, 68 annos, viuva. Lesão do coração.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1869\Edição 00176 (1)



† Adriano Grivet, D. Maria Grivet, João Augusto Stœcklin e sua familia, summamente penhorados para com as pessoas que se dignárão acompanhar ao ultimo jazigo os restos mortaes de sua prezada filha e sobrinha D. Carolina Grivet, convidão novamente ás pessoas de sua amizade para assistirem á missa do setimo dia, que se ha de celebrar, amanhã segunda-feira 28 do corrente, na igreja do S. Francisco de Paula, ás 8 ½ horas; declarando-se em extremo gratos por tão caridoso obsequio.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1869\Edição 00177 (1)

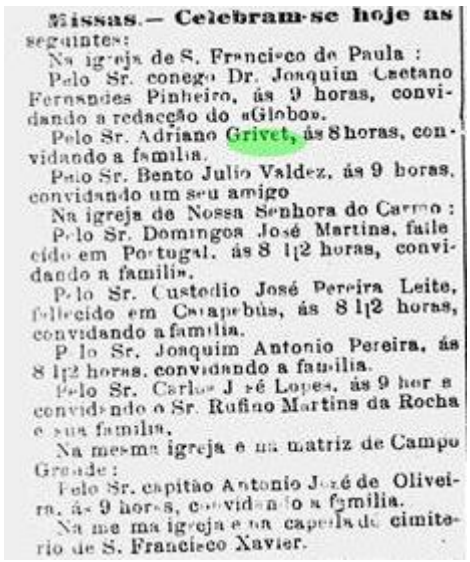


verminosa.
Um feto, filho de Joaquina Thomazia.
Carolina, filha de Adrien Grivet, suissa, 21 annos, solteira. Tuberculos pulmonares.
Mariana da Silva Tavares, portugueza, 68 annos, viuva. Lesão do coração.
Joaquim, filho do Julia Leopoldina Cunha, fluminense, 5 mezes. Pneumonia.

Diário do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1869\Edição 00174 (1)

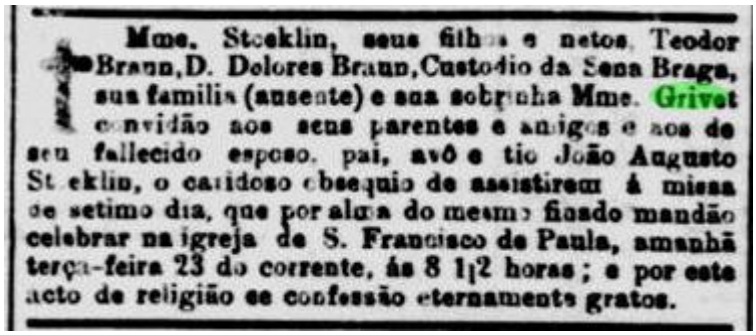
† Adriano Grivet, D. Maria Grivet e João Augusto Stæklin e sua familia, pungidos da mais acerba dôr pelo fallecimento de sua prezada filha e sobrinha D. Carolina Grivet, rogão aos seus amigos o caridoso obsequio de acompanharem o seu corpo, em carro, da rua dos Arcos n. 56 ao cemiterio de S. João Baptista, hoje 23 do corrente, ás 9 horas; confessando-se desde já eternamente gratos, e pedindo desculpa ás pessoas que não tiverem recebido convite por carta.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1869\Edição 00173 (1)



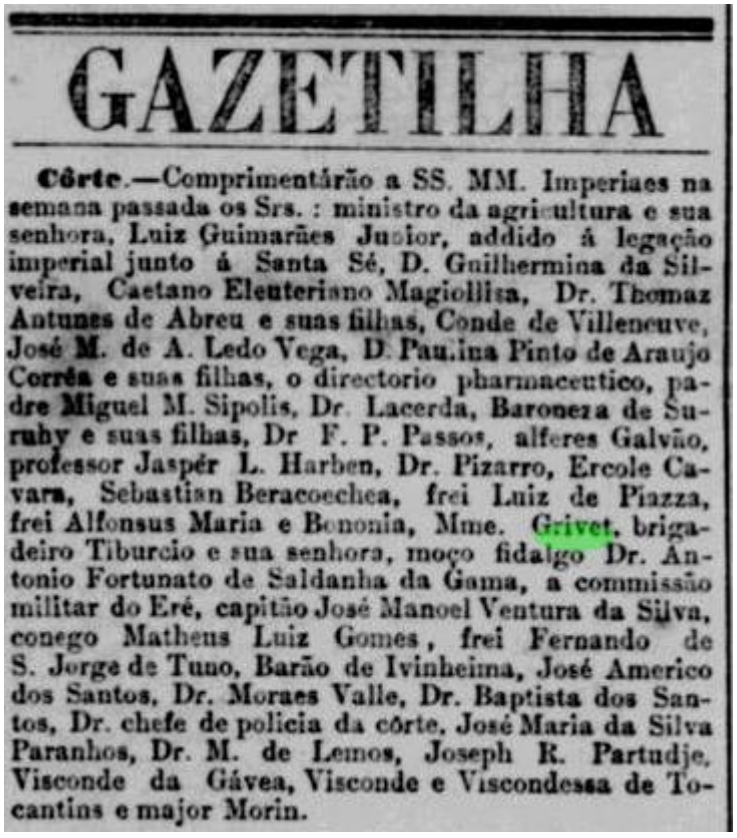
Missas.— Celebram-se hoje as seguintes:
Na igreja de S. Francisco de Paula :
Pelo Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, ás 9 horas, convidando a redacção do «Globo».
Pelo Sr. Adriano Grivet, ás 8 horas, convidando a familia.
Pelo Sr. Bento Julio Valdez, ás 9 horas, convidando um seu amigo
Na igreja de Nossa Senhora do Carmo :
Pelo Sr. Domingos José Martins, fallecido em Portugal, ás 8 1|2 horas, convidando a familia.
Pelo Sr. Custodio José Pereira Leite, fallecido em Caxapebús, ás 8 1|2 horas, convidando a familia.
Pelo Sr. Joaquim Antonio Pereira, ás 8 1|2 horas, convidando a familia.
Pelo Sr. Carlos José Lopes, ás 9 horas convidando o Sr. Rufino Martins da Rocha e sua familia.
Na mesma igreja e na matriz de Campo Grande :
Pelo Sr. capitão Antonio José de Oliveira, ás 9 horas, convidando a familia.
Na mesma igreja e na capella do cimiterio de S. Francisco Xavier.

O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ) - Ano 1876\Edição 00021 (1)



Mme. Stoeklin, seus filhos e netos, Teodor Braun, D. Dolores Braun, Custodio da Sena Braga, sua familia (ausente) e sua sobrinha Mme. Grivet convidão aos seus parentes e amigos e aos de seu fallecido esposo, pai, avô e tio João Augusto Stoeklin, o caridoso obsequio de assistirem á missa de setimo dia, que por alma do mesmo finado mandão celebrar na igreja de S. Francisco de Paula, amanhã terça-feira 23 do corrente, ás 8 1|2 horas; e por este acto de religião se confessão eternamente gratos.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1876\Edição 00142 (1)



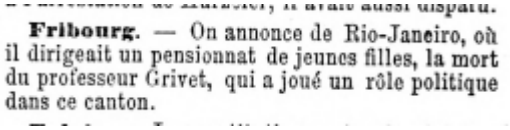
GAZETILHA

Côrte.—Comprimentárão a SS. MM. Imperiaes na semana passada os Srs.: ministro da agricultura e sua senhora, Luiz Guimarães Junior, addido á legação imperial junto á Santa Sé, D. Guilhermina da Silveira, Caetano Eleuterisno Magiollisa, Dr. Thomaz Antunes de Abreu e suas filhas, Conde de Villeneuve, José M. de A. Ledo Vega, D. Paulina Pinto de Araujo Corrêa e suas filhas, o directorio pharmaceutico, padre Miguel M. Sipolis, Dr. Lacerda, Baroneza de Suruhy e suas filhas, Dr F. P. Passos, alferes Galvão, professor Jaspér L. Harben, Dr. Pizarro, Ercole Cavara, Sebastian Beracoechea, frei Luiz de Piazza, frei Alfonsus Maria e Bononia, Mme. Grivet, brigadeiro Tiburcio e sua senhora, moço fidalgo Dr. Antonio Fortunato de Saldanha da Gama, a commissão militar do Eré, capitão José Manoel Ventura da Silva, conego Matheus Luiz Gomes, frei Fernando de S. Jorge de Tuno, Barão de Ivinheima, José Americo dos Santos, Dr. Moraes Valle, Dr. Baptista dos Santos, Dr. chefe de policia da côrte, José Maria da Silva Paranhos, Dr. M. de Lemos, Joseph R. Partudje, Visconde da Gávea, Visconde e Viscondessa de Tocantins e major Morin.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1881\Edição 00164 (1)

Missas. — Celebram-se hoje:
Na igreja matriz do SS Sacramento:
Por D Agostinha Antonia de Abreu Pereira, ás 8 1[2 horas, convidando sua familia.
Pelo 1º tenente José Gomes dos Santos, ás 8 1[2 horas, convidando seu pai, o Sr. capitão tenente João Ignacio dos Santos e sua familia.
Na igreja da Ordem Terceira da Conceição:
Pelo commendador Jeronymo José de Freitas Guimarães, ás 9 horas, convidando sua viuva
Na igreja matriz de S. José:
Pelo Sr. Apollinario Antonio da Silva, ás 8 1/2 horas, convidando sua familia.
Na igreja de S. Francisco de Paula:
Pelo Dr. Antonio Agostinho José da Silva, ás 8 1/2 horas, convidando sua familia.
Por D. Marianna de Souza Alves, ás 9 horas, convidando seu filho, o Sr. Manoel Martins Alves e sua familia.
Pelo Sr. Manoel da Silva Santos, ás 8 horas convidando seu filho, o Sr. Domingos Manoel da Silva Santos.
Na igreja matriz de Santa Rita:
Pelo Sr. João Baptista Rangel, ás 8 1/2 horas convidando sua familia.
Na igreja do convento de Santo Antonio:
Por D Adelaide Maria da Conceição Maceió, ás 8 1/2 horas, convidando suas tias, as Sras. D. Jacintha José e Maria Domingas da Costa.
Na igreja matriz de S. Antonio:
Pelo Sr. Adriano Grivet, ás 8 1[2 horas
Pelo Sr. João Baptista Rangel, ás 8 horas, convidando os Srs. José Gomes da

O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ) - Ano 1876\Edição 00045 (1)



Fribourg. — On annonce de Rio-Janeiro, où il dirigeait un pensionnat de jeunes filles, la mort du professeur Grivet, qui a joué un rôle politique dans ce canton.

Le Jura 18 February 1876 (p. 1)

CANTON DE FRIBOURG.

Réunion de la société cantonale d'histoire

LE 10 FÉVRIER 1876.

(Suite et fin.)

M. l'abbé de Ræmy, aumônier à Bourguillon, produit un spécimen du style notarial et des formalités pratiquées dans les actes civils du XVI^e^ et XVII^e^ siècles. C'est un testament fait en 1622, par un membre de l'ancienne famille des Ræmy. Cette pièce intéresse par les précautions minutieuses exigées déjà à cette époque pour assurer la validité des dispositions testamentaires, et elle respire d'un bout à l'autre ces sentiments de piété qui animaient nos pieux ancêtres dans tout ce qu'ils faisaient, à plus forte raison, à l'instant solennel de la mort.

Enfin, M. Gremaud, président, en suite d'une demande formulée dans l'avant-dernière séance, fait connaître le fruit de ses recherches sur le R. P. Gumppenberg, jésuite au collége de notre ville. Ce zélé religieux fut, comme on l'a dit, le promoteur infatigable de la bâtisse de la chapelle de Lorette, en 1647 et 48. Ce dévôt champion de la bienheureuse Vierge Marie naquit à Munich, en 1600

de la bienheureuse Vierge Marie naquit à Munich, en 1609, se fit jésuite à l'âge de 16 ans; fut professeur d'humanités, de philosophie et de théologie; pendant plusieurs années pénitencier à Rome, et pendant plus de trente ans prédicateur en Allemagne, où il mourut en 1675. Il remplit avec distinction ce même emploi, dans l'église de St.-Nicolas, à Fribourg, pendant les années de 1646 à 1649. Ses sermons lui acquirent une réputation méritée et une grande autorité sur les âmes avides de sa parole.

Quelques jours avant son départ, plusieurs magistrats montèrent au collége pour faire au digne religieux leurs adieux et leurs remercîments, en lui offrant un repas, d'après nos usages. Le P. Gumppenberg a donné dans son livre intitulé: *Atlas marianus*, l'historique d'un très-grand nombre de sanctuaires consacrés à la Sainte Vierge dans le monde catholique et devenus célèbres par les miracles qui s'y sont opérés.

Le secrétaire donne connaissance de la mort de M. Ad. Grivet, d'Attalens, professeur à Fribourg de *1845 à 1853, et réfugié ensuite* à Bâle, d'où il alla établir une maison d'éducation renommée à Rio-Janeiro, au Brésil. Les journaux ont annoncé sa mort survenue au mois de janvier dernier, et ils ont donné la biographie de ce Fribourgeois qui fut membre et secrétaire de la société d'histoire de son pays natal.

M. le pasteur Ochsenbein demande que MM. les ecclésiastiques des deux cultes veuillent bien prendre copie des inscriptions qui se trouvent sur les cloches, afin qu'on en puisse faire un recueil. M. Gremaud est chargé de les recevoir.

Avant de lever la séance, M. Gremaud donne lecture d'une biographie de Claude d'Estavayer, qui fut abbé de Haute-Combe, en Savoie, plus tard évêque de Belley, chanoine-prévôt de Lausanne; Claude d'Estavayer finit ses jours dans l'abbaye de Romainmôtier, en 1534, dont il avait été élu abbé. Il fut longtemps au service du duc de Savoie et fit partie de son conseil. On peut voir son écusson sculpté sur une pierre déposée à l'entrée du lycée.

La Liberté 24 February 1876 (p. 2)

BIBLIOGRAPHIE.

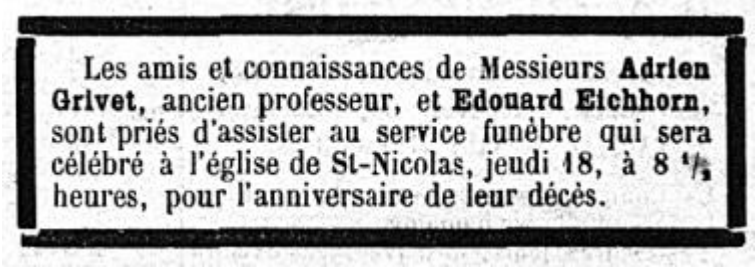
Les **Etrennes fribourgeoises** pour l'année 1877 viennent de paraître à l'imprimerie Fragnière. C'est la onzième année que ce charmant volume de *plus de 200 pages est offert à tous les amis de notre* littérature fribourgeoise et de notre pays. Après le calendrier, accompagné de la liste des foires pour les villes suisses et de proverbes et dictons populaires, nous trouvons un annuaire de toutes les autorités cantonales fribourgeoises. L'auteur, par un sentiment de délicatesse populaire et peut-être de scepticisme à l'égard du scrutin, n'a cependant pas cru devoir mettre les noms des membres du Grand Conseil, vu le renouvellement prochain de cette autorité : c'est du reste une lacune que nous lui pardonnons volontiers.

Mais la partie la plus intéressante des *Etrennes* est certainement la partie littéraire, subdivisée elle-même *en divers chapitres. Nous y trouvons en premier lieu* quelques conseils aux agriculteurs sur la culture des terres et signé par un agronome A. R., dont Fribourg peut à juste titre s'honorer. Vient ensuite la nécrologie des quelques hommes que Fribourg a perdus : Adrien Grivet, professeur à Rio, Charrière, le célèbre industriel, Joseph Grivet, directeur de la Caisse d'amortissement, Perroud, conseiller d'Etat, l'ingénieur Striensky et notre aimé et *tant regretté* Pierre Sciobéret.

Après ces articles nécrologiques, nous retrouvons quelques pages tirées de Grivet et de Sciobéret, puis *diverses études* et bon nombre d'anecdotes ; nous remarquons entr'autres, la conférence donnée à Fribourg par M. de Saussure sur la Suisse à l'époque glacière et une description de l'incendie d'Albeuve. — La Bibliographie contient quelques bienveillantes critiques sur les ouvrages parus à l'occasion de la fête de Morat, les notions sur la constitution politique du pays, etc. Puis arrivent les biographies du grand-vicaire Schaller, de dom Grangier, Jean Grimoux, le célèbre peintre romontois, entrecoupées de variétés fort intéressantes. Le volume se termine par quelques coraules et chants populaires, trop oubliés dans le pays.

On le voit, les *Etrennes* forment un volume fort attrayant et qui ne doit manquer dans aucune famille. Nous ne pouvons qu'en recommander l'acquisition à nos lecteurs.

Le Confédéré de Fribourg 19 November 1876 (p. 3)



Les amis et connaissances de Messieurs **Adrien Grivet**, ancien professeur, et **Edouard Eichhorn**, sont priés d'assister au service funèbre qui sera célébré à l'église de St-Nicolas, jeudi 18, à 8 ½ heures, pour l'anniversaire de leur décès.

Le Chroniqueur 16 January 1877 (p. 3)

On nous prie d'informer les amis et connaissances de MM. Adrien Grivet, ancien professeur, et Edouard Eichhorn qu'un service funèbre sera célébré à l'église de St-Nicolas, jeudi 18, à 8 ½ heures, pour l'anniversaire de leur décès.

Le Confédéré de Fribourg 17 January 1877 (p. 3)

MOVIMENTO DO PORTO

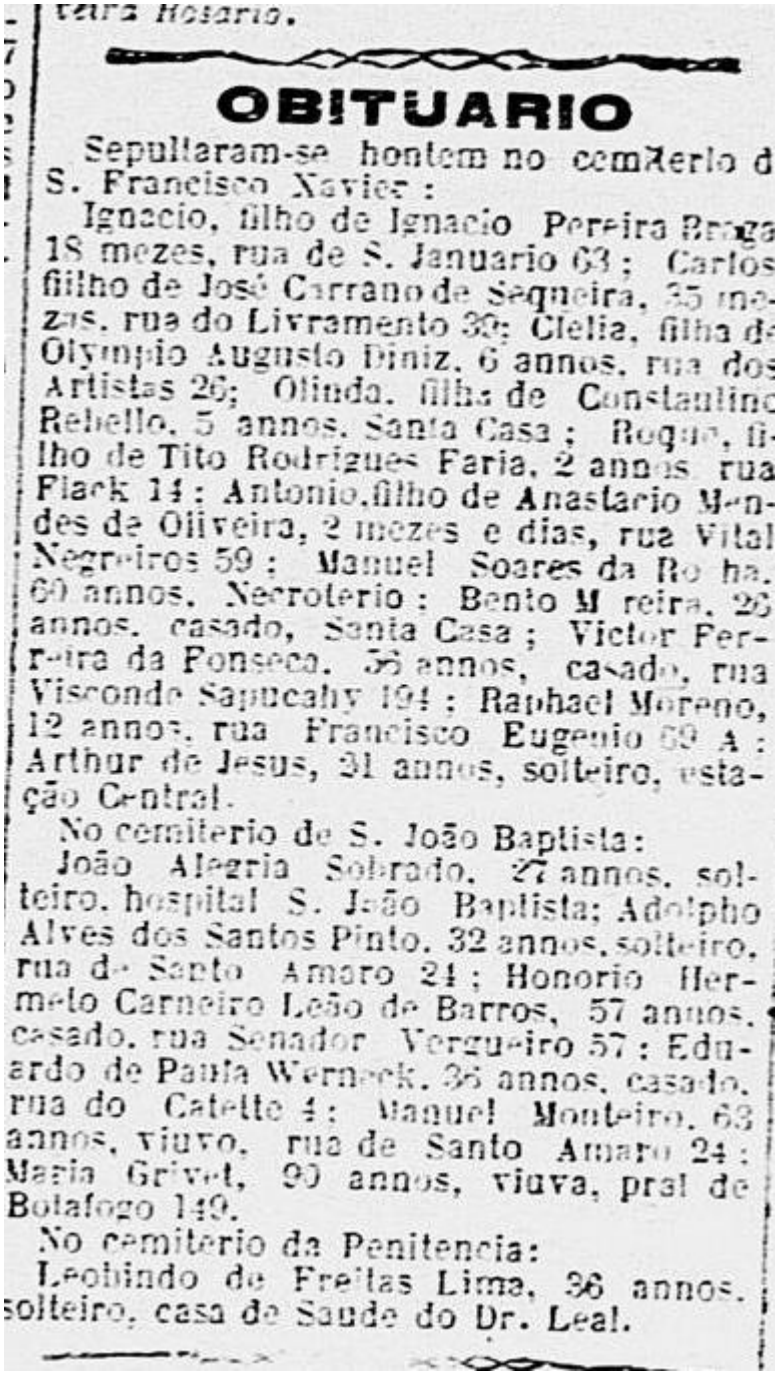
ENTRADAS NO DIA 9

HAMBURGO—60 d. galera allemã *Julius*, 968 tons., M.

PORTO-ALEGRE e escalas— 10 d. (16 horas de Santos) Paquete nacional *Rio-Pardo*, Comm. 1º tenente E. do Prado Seixas: passags. Dr. Luiz Maria Gonzaga Lacerda, Dr. Pedro de Alcantara de Miranda Véras, Francisco França, alferes Gustavo dos Santos Sarahyba, Honorio Eston, Antonio Francisco da Rocha e sua mulher, Eugenio de Souza Passos, José dos Santos Silva, Antonio Joaquim Dias, Carlos Landares e 1 filha, D. Carlota Cecilia Pinheiro e 2 filhos, Fabio Antonio de Faria, D. Julia Gautier, D. Luiza Gautier Ramos, D. Leonor Maurell e 3 filhos, Pedro A. Schevor, Antonio Carlos da Cruz, D. Maria Magdalena, José Alves Pinto Junior; os Allemães D. Joanna E. H. Mehner, George Kantorowier, D. Maria Grivet Stechlin, Carl H. P. Buhle, Dr Felex Kerakoroski e 6 filhos, e 50 passageiros de 3ª classe.

SANTOS — 16 h. Paquete inglez

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1886\Edição 00313 (1)



veira Rosario.

OBITUARIO

Sepultaram-se hontem no cemiterio d S. Francisco Xavier:

Ignacio, filho de Ignacio Pereira Braga 18 mezes, rua de S. Januario 63; Carlos filho de José Carrano de Sequeira, 35 mezes, rua do Livramento 39; Clelia, filha de Olympio Augusto Diniz, 6 annos, rua dos Artistas 26; Olinda, filha de Constantino Rebello, 5 annos, Santa Casa; Roque, filho de Tito Rodrigues Faria, 2 annos, rua Flack 14; Antonio, filho de Anastario Mendes de Oliveira, 2 mezes e dias, rua Vital Negreiros 59; Manuel Soares da Rocha, 60 annos, Necroterio; Bento Moreira, 26 annos, casado, Santa Casa; Victor Ferreira da Fonseca, 36 annos, casado, rua Visconde Sapucahy 194; Raphael Moreno, 12 annos, rua Francisco Eugenio 69 A; Arthur de Jesus, 31 annos, solteiro, estação Central.

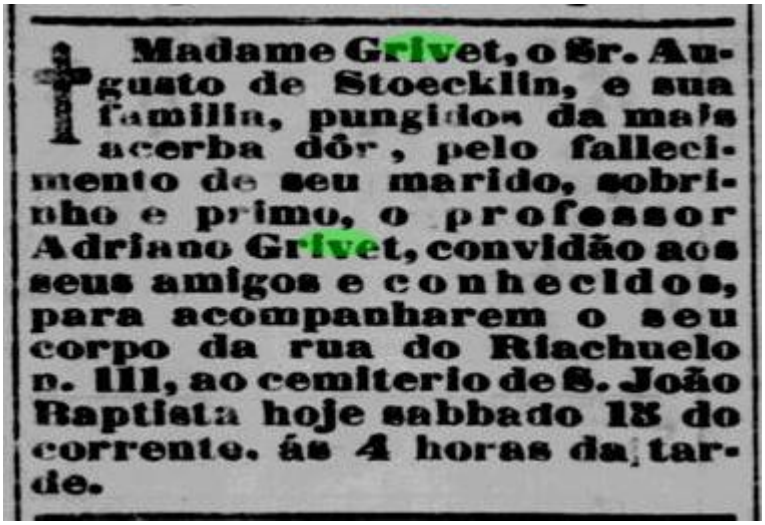
No cemiterio de S. João Baptista:

João Alegria Sobrado, 27 annos, solteiro, hospital S. João Baptista; Adolpho Alves dos Santos Pinto, 32 annos, solteiro, rua de Santo Amaro 24; Honorio Hermelo Carneiro Leão de Barros, 57 annos, casado, rua Senador Vergueiro 57; Eduardo de Paula Werneck, 36 annos, casado, rua do Catette 4; Manuel Monteiro, 63 annos, viuvo, rua de Santo Amaro 24; Maria Grivet, 90 annos, viuva, praia de Botafogo 149.

No cemiterio da Penitencia:

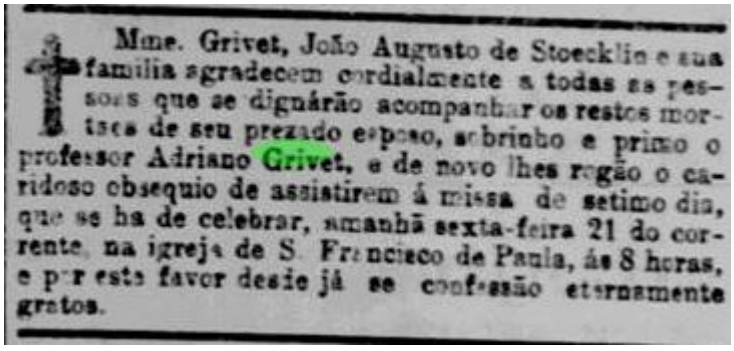
Leobindo de Freitas Lima, 36 annos, solteiro, casa de Saude do Dr. Leal.

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1906\Edição 00248 (1)



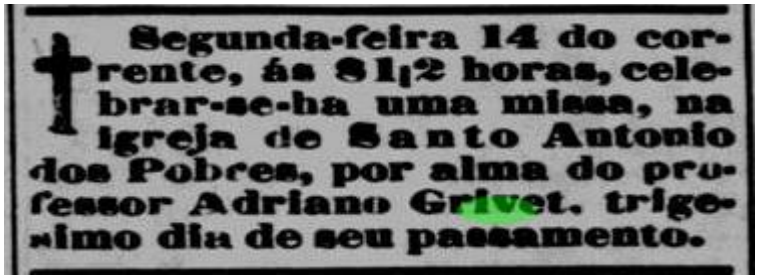
Madame Grivet, o Sr. Augusto de Stoecklin, e sua familia, pungidos da mais acerba dôr, pelo fallecimento de seu marido, sobrinho e primo, o professor Adriano Grivet, convidão aos seus amigos e conhecidos, para acompanharem o seu corpo da rua do Riachuelo n. 111, ao cemiterio de S. João Baptista hoje sabbado 18 do corrente, ás 4 horas da tarde.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1876\Edição 00015 (1)



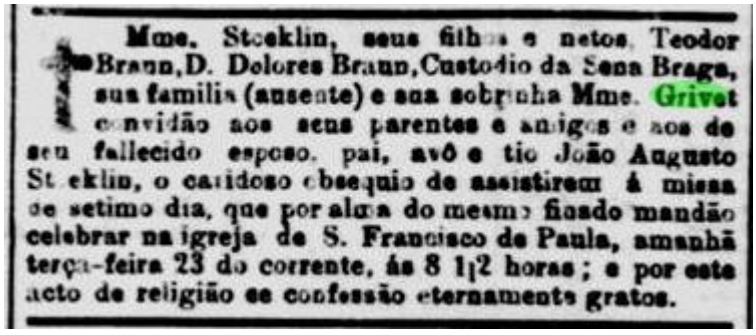
Mme. Grivet, João Augusto de Stoecklin e sua familia agradecem cordialmente a todas as pessoas que se dignárão acompanhar os restos mortaes de seu prezado esposo, sobrinho e primo o professor Adriano Grivet, e de novo lhes rogão o caridoso obsequio de assistirem á missa de setimo dia, que se ha de celebrar, amanhã sexta-feira 21 do corrente, na igreja de S. Francisco de Paula, ás 8 horas, e por este favor desde já se confessão eternamente gratos.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1876\Edição 00020 (1)



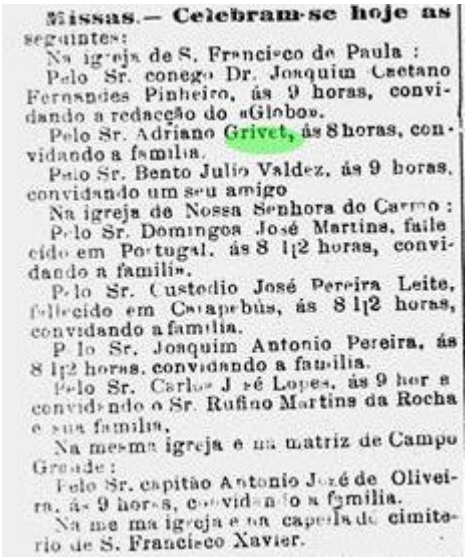
Segunda-feira 14 do corrente, ás 8 1/2 horas, celebrar-se-ha uma missa, na igreja de Santo Antonio dos Pobres, por alma do professor Adriano Grivet, trigesimo dia de seu passamento.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1876\Edição 00043 (1)



Mme. Stoeklin, seus filhos e netos, Teodor Braun, D. Dolores Braun, Custodio da Sena Braga, sua familia (ausente) e sua sobrinha Mme. Grivet convidão aos seus parentes e amigos e aos de seu fallecido esposo, pai, avô e tio João Augusto Stoeklin, o caridoso obsequio de assistirem á missa de setimo dia, que por alma do mesmo finado mandão celebrar na igreja de S. Francisco de Paula, amanhã terça-feira 23 do corrente, ás 8 1/2 horas; e por este acto de religião se confessão eternamente gratos.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1876\Edição 00142 (1)



Missas.— Celebram-se hoje as seguintes:

Na igreja de S. Francisco de Paula :

Pelo Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, ás 9 horas, convidando a redacção do «Globo».

Pelo Sr. Adriano Grivet, ás 8 horas, convidando a familia.

Pelo Sr. Bento Julio Valdez, ás 9 horas, convidando um seu amigo

Na igreja de Nossa Senhora do Carmo :

Pelo Sr. Domingos José Martins, fallecido em Portugal, ás 8 1|2 horas, convidando a familia.

Pelo Sr. Custodio José Pereira Leite, fallecido em Caripebús, ás 8 1|2 horas, convidando a familia.

Pelo Sr. Joaquim Antonio Pereira, ás 8 1|2 horas, convidando a familia.

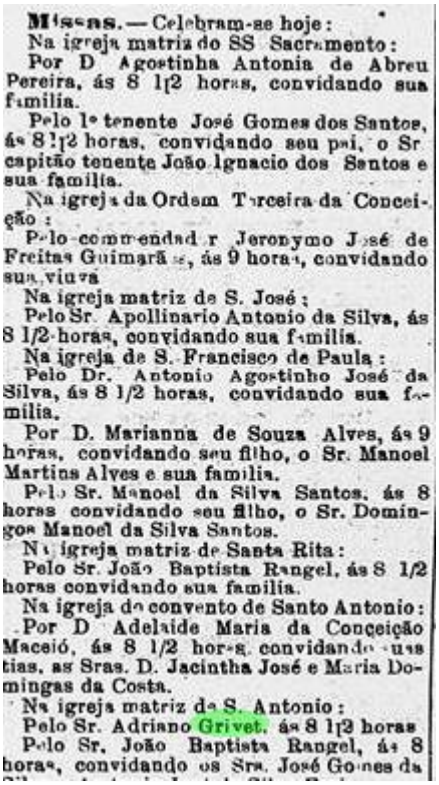
Pelo Sr. Carlos José Lopes, ás 9 horas convidando o Sr. Rufino Martins da Rocha e sua familia.

Na mesma igreja e na matriz de Campo Grande :

Pelo Sr. capitão Antonio José de Oliveira, ás 9 horas, convidando a familia.

Na mesma igreja e na capella do cimiterio de S. Francisco Xavier.

O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ) - Ano 1876\Edição 00021 (1)



Missas. — Celebram-se hoje:

Na igreja matriz do SS Sacramento:

Por D Agostinha Antonia de Abreu Pereira, ás 8 1|2 horas, convidando sua familia.

Pelo 1º tenente José Gomes dos Santos, ás 8 1|2 horas, convidando seu pai, o Sr capitão tenente João Ignacio dos Santos e sua familia.

Na igreja da Ordem Terceira da Conceição :

Pelo commendador Jeronymo José de Freitas Guimarães, ás 9 horas, convidando sua viuva

Na igreja matriz de S. José ;

Pelo Sr. Apollinario Antonio da Silva, ás 8 1/2 horas, convidando sua familia.

Na igreja de S. Francisco de Paula :

Pelo Dr. Antonio Agostinho José da Silva, ás 8 1/2 horas, convidando sua familia.

Por D. Marianna de Souza Alves, ás 9 horas, convidando seu filho, o Sr. Manoel Martins Alves e sua familia.

Pelo Sr. Manoel da Silva Santos, ás 8 horas convidando seu filho, o Sr. Domingos Manoel da Silva Santos.

Na igreja matriz de Santa Rita :

Pelo Sr. João Baptista Rangel, ás 8 1/2 horas convidando sua familia.

Na igreja do convento de Santo Antonio:

Por D Adelaide Maria da Conceição Maceió, ás 8 1/2 horas, convidando suas tias, as Sras. D. Jacintha José e Maria Domingas da Costa.

Na igreja matriz de S. Antonio :

Pelo Sr. Adriano Grivet, ás 8 1|2 horas

Pelo Sr. João Baptista Rangel, ás 8 horas, convidando os Srs. José Gomes da

O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ) - Ano 1876\Edição 00045 (1)

GAZETILHA

Côrte.—Comprimentárão a SS. MM. Imperiaes na semana passada os Srs.: ministro da agricultura e sua senhora, Luiz Guimarães Junior, addido á legação imperial junto á Santa Sé, D. Guilhermina da Silveira, Caetano Eleuterio Magiollisa, Dr. Thomaz Antunes de Abreu e suas filhas, Conde de Villeneuve, José M. de A. Ledo Vega, D. Paulina Pinto de Araujo Corrêa e suas filhas, o directorio pharmaceutico, padre Miguel M. Sipolis, Dr. Lacerda, Baroneza de Suruhy e suas filhas, Dr F. P. Passos, alferes Galvão, professor Jaspér L. Harben, Dr. Pizarro, Ercole Cavara, Sebastian Beracoechea, frei Luiz de Piazza, frei Alfonsus Maria e Bononia, Mme. Grivet, brigadeiro Tiburcio e sua senhora, moço fidalgo Dr. Antonio Fortunato de Saldanha da Gama, a commissão militar do Eré, capitão José Manoel Ventura da Silva, conego Matheus Luiz Gomes, frei Fernando de S. Jorge de Tuno, Barão de Ivinheima, José Americo dos Santos, Dr. Moraes Valle, Dr. Baptista dos Santos, Dr. chefe de policia da côrte, José Maria da Silva Paranhos, Dr. M. de Lemos, Joseph R. Partudje, Visconde da Gávea, Visconde e Viscondessa de Tocantins e major Morin.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1881\Edição 00164 (1)

MOVIMENTO DO PORTO

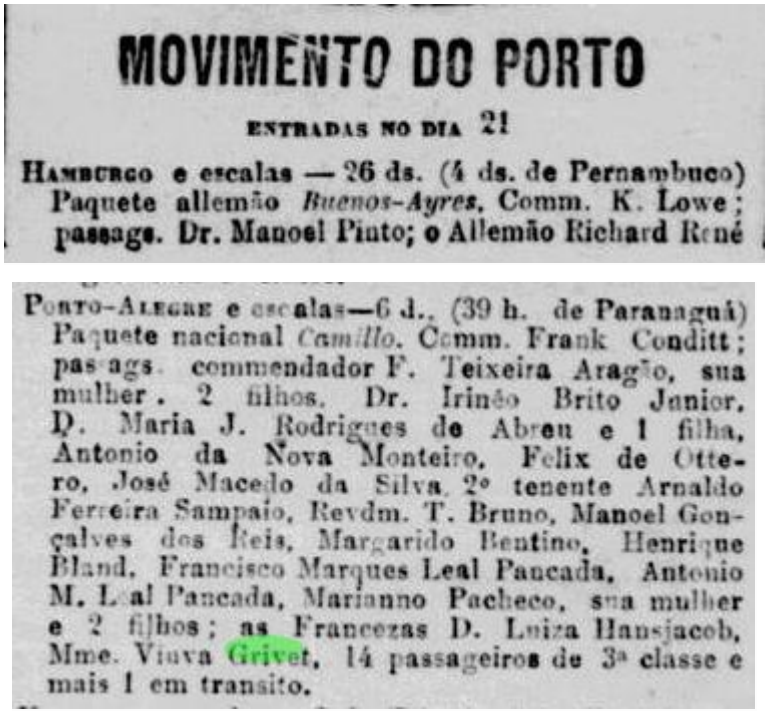
ENTRADAS NO DIA 9

HAMBURGO—60 d. galera allemã *Julius*, 968 tons., M.

PORTO-ALEGRE e escalas— 10 d. (16 horas de Santos) Paquete nacional *Rio-Pardo*, Comm. 1º tenente E. do Prado Seixas; passags. Dr. Luiz Maria Gonzaga Lacerda, Dr. Pedro de Alcantara de Miranda Véras, Francisco França, alferes Gustavo dos Santos Sarahyba, Honorio Eston, Antonio Francisco da Rocha e sua mulher, Eugenio de Souza Passos, José dos Santos Silva, Antonio Joaquim Dias, Carlos Landares e 1 filha, D. Carlota Cecília Pinheiro e 2 filhos, Fabio Antonio de Faria, D. Julia Gautier, D. Luiza Gautier Ramos, D. Leonor Maurell e 3 filhos, Pedro A. Schevor, Antonio Carlos da Cruz, D. Maria Magdalena, José Alves Pinto Junior; os Allemães D. Joanna E. H. Mehner, George Kantorowier, D. Maria Grivet Stechlin, Carl H. P. Buhle, Dr Felex Kerakoroski e 6 filhos, e 50 passageiros de 3ª classe.

SANTOS — 16 h. Paquete inglez

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1886\Edição 00313 (1)



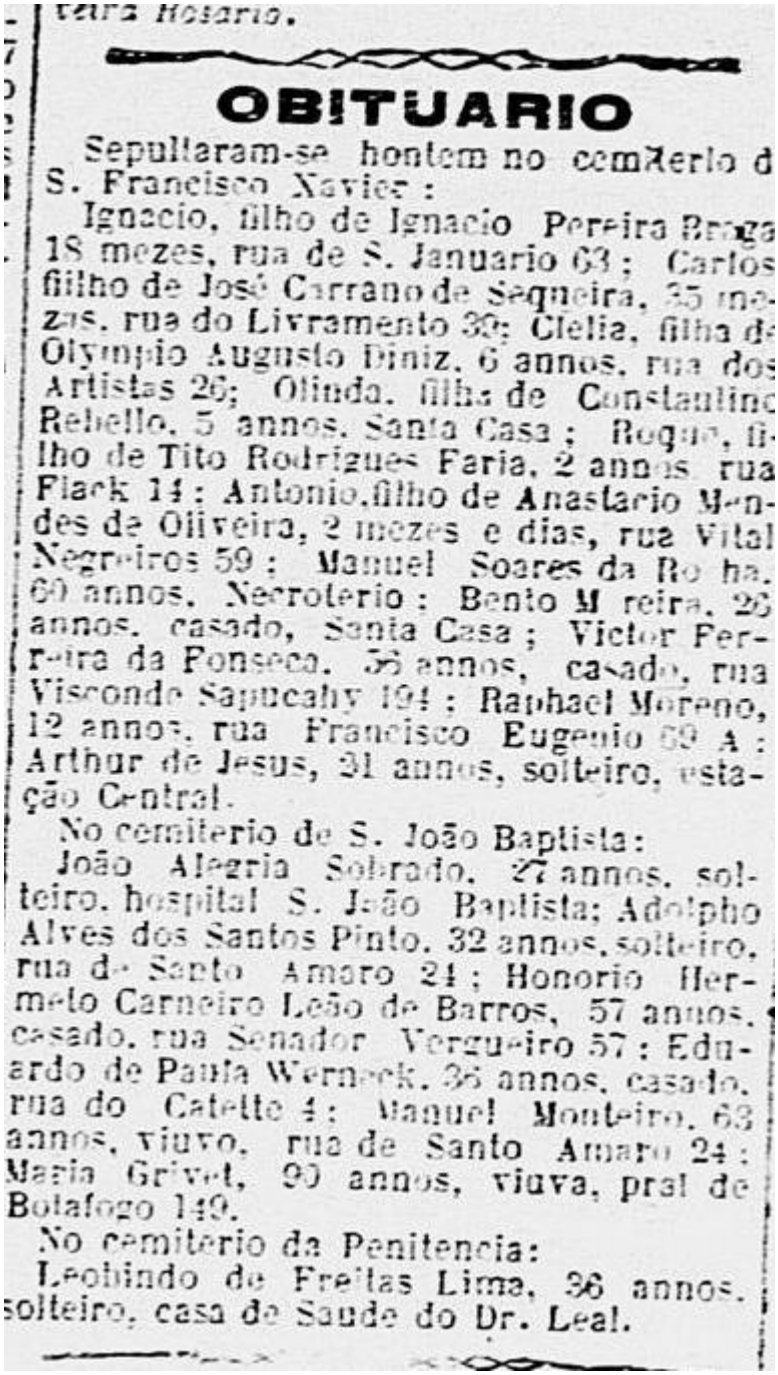
MOVIMENTO DO PORTO

ENTRADAS NO DIA 21

HAMBURGO e escalas — 26 ds. (4 ds. de Pernambuco)
Paquete allemão *Buenos-Ayres*, Comm. K. Lowe; passags. Dr. Manoel Pinto; o Allemão Richard René

PORTO-ALEGRE e escalas—6 d., (39 h. de Paranaguá)
Paquete nacional *Camillo*, Comm. Frank Conditt; passags. commendador F. Teixeira Aragão, sua mulher, 2 filhos, Dr. Irinêo Brito Junior, D. Maria J. Rodrigues de Abreu e 1 filha, Antonio da Nova Monteiro, Felix de Ottero, José Macedo da Silva, 2º tenente Arnaldo Ferreira Sampaio, Revdm. T. Bruno, Manoel Gonçalves dos Reis, Margarido Bentino, Henrique Bland, Francisco Marques Leal Pancada, Antonio M. Leal Pancada, Marianno Pacheco, sua mulher e 2 filhos; as Francezas D. Luiza Hansjacob, Mme. Viuva Grivet, 14 passageiros de 3ª classe e mais 1 em transito.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1888\Edição 00173 (1)



veira Rosario.

OBITUARIO

Sepultaram-se hontem no cemiterio d S. Francisco Xavier:

Ignacio, filho de Ignacio Pereira Braga 18 mezes, rua de S. Januario 63; Carlos filho de José Carrano de Sequeira, 35 mezes, rua do Livramento 39; Clelia, filha de Olympio Augusto Diniz, 6 annos, rua dos Artistas 26; Olinda, filha de Constantino Rebello, 5 annos, Santa Casa; Roque, filho de Tito Rodrigues Faria, 2 annos, rua Flack 14; Antonio, filho de Anastario Mendes de Oliveira, 2 mezes e dias, rua Vital Negreiros 59; Manuel Soares da Rocha, 60 annos, Necroterio; Bento Moreira, 26 annos, casado, Santa Casa; Victor Ferreira da Fonseca, 36 annos, casado, rua Visconde Sapucahy 194; Raphael Moreno, 12 annos, rua Francisco Eugenio 69 A; Arthur de Jesus, 31 annos, solteiro, estação Central.

No cemiterio de S. João Baptista:

João Alegria Sobrado, 27 annos, solteiro, hospital S. João Baptista; Adolpho Alves dos Santos Pinto, 32 annos, solteiro, rua de Santo Amaro 24; Honorio Hermelo Carneiro Leão de Barros, 57 annos, casado, rua Senador Vergueiro 57; Eduardo de Paula Werneck, 36 annos, casado, rua do Catette 4; Manuel Monteiro, 63 annos, viuvo, rua de Santo Amaro 24; Maria Grivet, 90 annos, viuva, praia de Botafogo 149.

No cemiterio da Penitencia:

Leobindo de Freitas Lima, 36 annos, solteiro, casa de Saude do Dr. Leal.

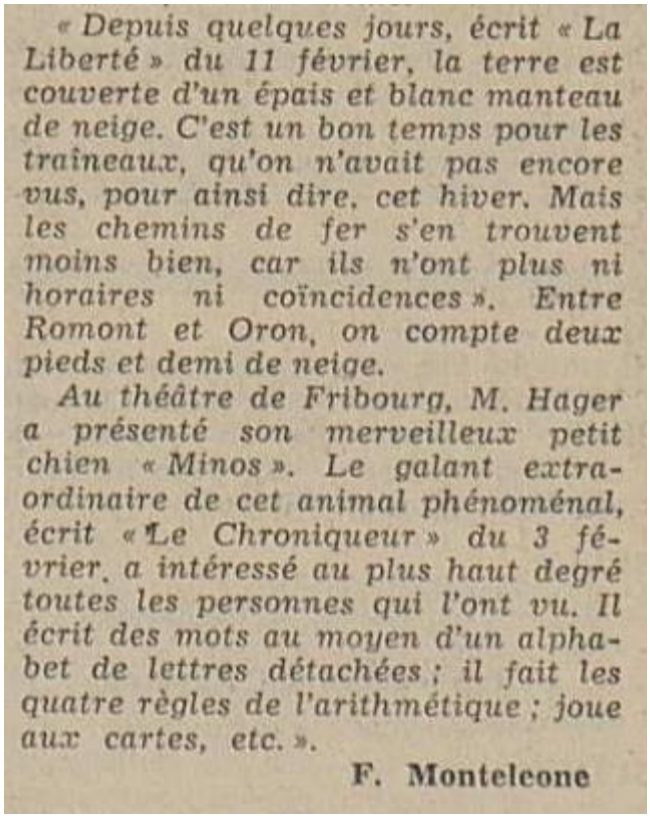
Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1906\Edição 00248 (1)

De tout un peu

« La Liberté » du 18 février annonce la mort, survenue à Rio de Janeiro, de M. Adrien Grivet, allié Stoecklin. Le défunt fut professeur à l'école moyenne de Fribourg de 1845 à 1848 ; à l'école cantonale de 1848 à 1853 ; à l'école industrielle de Bâle de 1853 à 1856. En 1856, il partit pour le Brésil, où il fonda un pensionnat de jeunes filles. La traversée de Brest à Rio fut fort pénible ; on peut en lire une relation, due à Adrien Grivet lui-même, dans les « Etrennes fribourgeoises » pour 1877.

De Charmey, on écrit au « Confédéré » (6 février) : « Les nouvelles à vous donner de notre vallée sont bonnes. Les travaux de la route marchent grand train : plus on avance, plus le tracé se perfectionne, plus on met de soin dans les détails et d'attention à tout prévoir. Nos Charmeysans apprécient comme ils le doivent tous les bienfaits de la Confédération, cette route si hardie, ce pont (du Javroz) si pittoresque, le service postal, le télégraphe, tant d'innovations utiles et de sages réformes qui sont le fruit de la nouvelle Constitution ».

On prépare activement le jubilé de la bataille de Morat. « Le Chroniqueur » du 19 février annonce que l'Etat de Fribourg prend à sa charge l'illumination et la décoration des bâtiments d'Etat à Morat « et en sus l'entretien complet du militaire nécessaire ». Au surplus, l'Etat de Fribourg et la commune de Morat fournissent gratuitement le bois de construction pour la cantine.



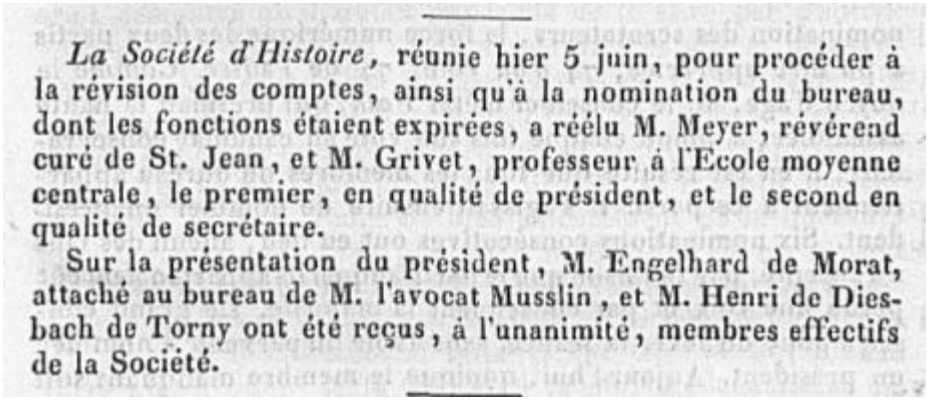
« Depuis quelques jours, écrit « La Liberté » du 11 février, la terre est couverte d'un épais et blanc manteau de neige. C'est un bon temps pour les traîneaux, qu'on n'avait pas encore vus, pour ainsi dire, cet hiver. Mais les chemins de fer s'en trouvent moins bien, car ils n'ont plus ni horaires ni coïncidences ». Entre Romont et Oron, on compte deux pieds et demi de neige.

Au théâtre de Fribourg, M. Hager a présenté son merveilleux petit chien « Minos ». Le galant extraordinaire de cet animal phénoménal, écrit « Le Chroniqueur » du 3 février, a intéressé au plus haut degré toutes les personnes qui l'ont vu. Il écrit des mots au moyen d'un alphabet de lettres détachées ; il fait les quatre règles de l'arithmétique ; joue aux cartes, etc. ».

F. Monteleone

La Liberté 21 February 1976 (p. 11)

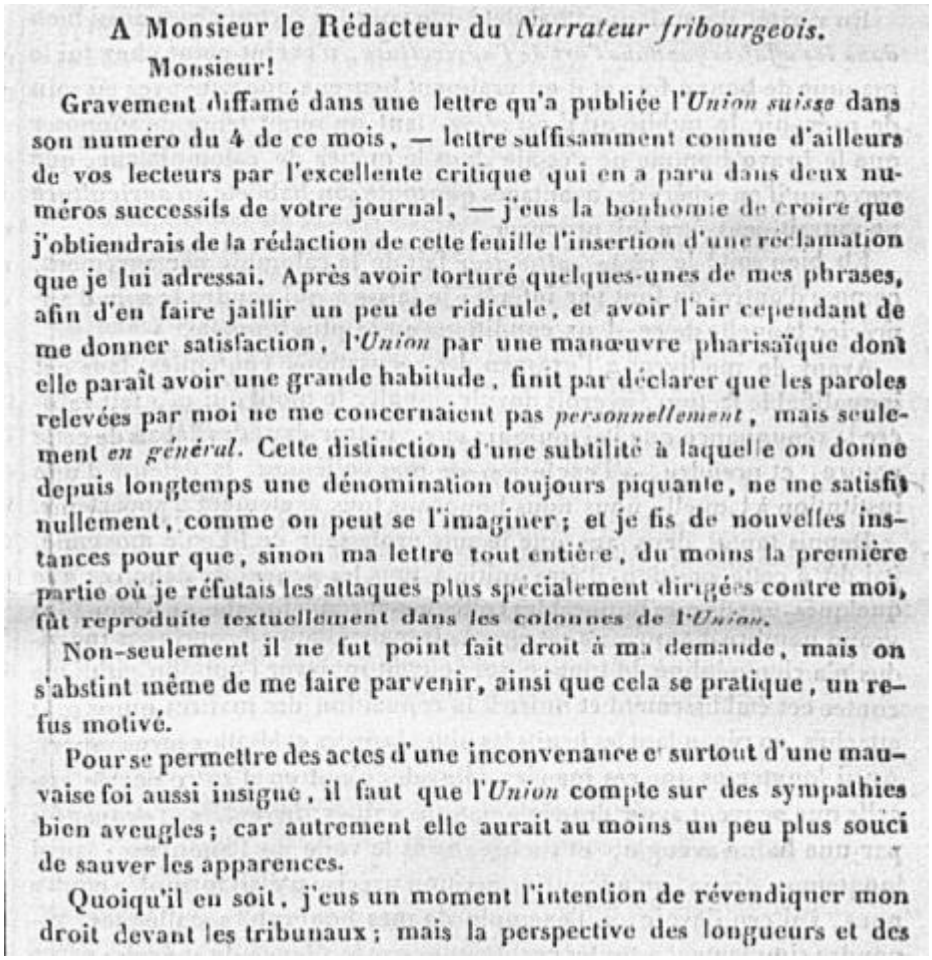
APÊNDICE B – LEVANTAMENTO DAS FONTES SECUNDÁRIAS – VIDA PROFISSIONAL DE GRIVET



La Société d'Histoire, réunie hier 5 juin, pour procéder à la révision des comptes, ainsi qu'à la nomination du bureau, dont les fonctions étaient expirées, a réélu M. Meyer, révérend curé de St. Jean, et M. Grivet, professeur à l'Ecole moyenne centrale, le premier, en qualité de président, et le second en qualité de secrétaire.

Sur la présentation du président, M. Engelhard de Morat, attaché au bureau de M. l'avocat Musslin, et M. Henri de Diesbach de Torny ont été reçus, à l'unanimité, membres effectifs de la Société.

Le Narrateur fribourgeois 6 June 1845 (p. 2)



A Monsieur le Rédacteur du *Narrateur fribourgeois.*

Monsieur!

Gravement diffamé dans une lettre qu'a publiée l'*Union suisse* dans son numéro du 4 de ce mois, — lettre suffisamment connue d'ailleurs de vos lecteurs par l'excellente critique qui en a paru dans deux numéros successifs de votre journal, — j'eus la bonhomie de croire que j'obtiendrais de la rédaction de cette feuille l'insertion d'une réclamation que je lui adressai. Après avoir torturé quelques-unes de mes phrases, afin d'en faire jaillir un peu de ridicule, et avoir l'air cependant de me donner satisfaction, l'*Union* par une manœuvre pharisaïque dont elle paraît avoir une grande habitude, finit par déclarer que les paroles relevées par moi ne me concernaient pas *personnellement*, mais seulement *en général*. Cette distinction d'une subtilité à laquelle on donne depuis longtemps une dénomination toujours piquante, ne me satisfit nullement, comme on peut se l'imaginer; et je fis de nouvelles instances pour que, sinon ma lettre tout entière, du moins la première partie où je réfutais les attaques plus spécialement dirigées contre moi, fût reproduite textuellement dans les colonnes de l'*Union*.

Non-seulement il ne fut point fait droit à ma demande, mais on s'abstint même de me faire parvenir, ainsi que cela se pratique, un refus motivé.

Pour se permettre des actes d'une inconvenance et surtout d'une mauvaise foi aussi insigne, il faut que l'*Union* compte sur des sympathies bien aveugles; car autrement elle aurait au moins un peu plus souci de sauver les apparences.

Quoiqu'il en soit, j'eus un moment l'intention de révendiquer mon droit devant les tribunaux; mais la perspective des longueurs et des

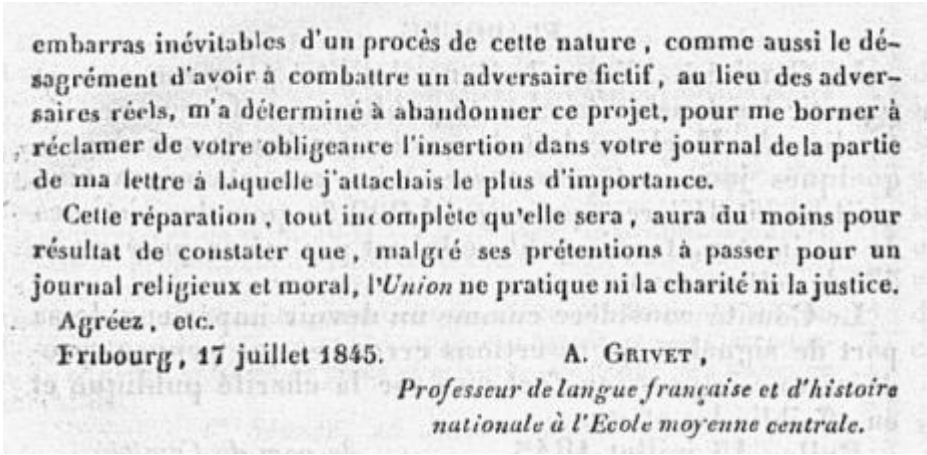
armoires, pénètre dans *les alcoves et les réduits secrets*. Dépêchez-vous! pour Dieu, dépêchez vous! Entendez-vous le bruit des maisons qui croulent? sentez-vous la chaleur de la flamme qui vous lèche déjà. On jette par les fenêtres les lits, les vêtements, le linge, le blé, les provisions, tout ce qui tombe sous la main. On emporte des enfants dans leurs berceaux. Les maisons sont dépouillées, vidées, mises à nu. Les prés sont couverts d'objets qui semblaient faits pour ne jamais s'y trouver. Maintenant, essayons de couper le feu, crie une voix. Vingt bras se lèvent pour demander des haches, on leur en donne. Démolissez cette maison. Soudain les coups retentissent, la besogne sera bientôt faite, mais la chaleur est horrible. Les démolisseurs jettent leur outil et la flamme triomphe.

Enfin le fléau est repu. Il s'est arrêté quand tout a été consumé, quand il n'a plus rien trouvé à dévorer. Venez maintenant, pauvres laboureurs, contempler ce qui reste de vos maisons, de vos granges, de vos écuries, de vos fourrages, de vos arbres fruitiers, de vos jardins potagers! Vous qui cette année même aviez réparé votre demeure; vous qui l'aviez agrandie; vous qui aviez bâti une grange neuve à trois rangs; vous dont *l'habitation comptait* près de trois siècles et n'était jamais sortie de votre famille, venez ou plutôt ne venez pas. Allez à votre pasteur, qui vous recueillera dans sa maison et vous consolera, car sa maison est debout; allez à votre église vous incliner devant Dieu et le bénir, car la maison de Dieu est debout aussi et la flamme n'a pas osé la toucher.

Puis la nuit vient s'asseoir sur cette scène de deuil et de destruction. Quelques tourbillons de flammes s'élèvent encore ici et là du foyer de l'embrasement. Mais les pompes veillent pour préserver les bâtiments qui restent, car l'eau ne manque plus. Les secours en vivres commencent à se montrer. On voit de temps à autres un char chargé traverser le chemin et s'arrêter au milieu du village incendié. Des groupes se forment tout autour, éclairés de reflets étranges. On distribue du pain, du vin, de la viande. Vingt tabliers s'ouvrent, quarante bras se tendent. L'air est toujours embrasé, le ciel toujours rouge. On dirait une armée en fuite qui s'est arrêtée pour bivouaquer un instant et reprendre des forces tout près du champ de bataille.

La statistique, corbeau officiel qui s'abat sur tous les désastres, non pour les réparer mais pour les constater, donne les chiffres suivants, car elle ne donne que des chiffres. Cent onze personnes composant trente-une familles sont sans asile dans ce pauvre village. Trente-neuf bâtiments tant maisons que granges sont détruits. L'assurance de ces bâtiments n'est portée en cadastre que pour la minime somme de 29,000 francs. Aucun mobilier n'était assuré. Les secours arrivent de toutes parts. Il pleut à Morlon du pain, du vin et des provisions. Ce sont là des *pluies*, des *averses*, que nous aimons fort. Tout le pays a été généreux, humain. Les autorités, les municipalités ont fait preuve de cœur et de dévouement. Bulle, la *radicale*, ne s'est point trop mal montrée pour ses frères *conservateurs* qui lui en témoignent hautement leur reconnaissance. Nous qui sommes comme la statistique, qui écrivons et ne faisons pas, qui demandons et ne donnons guère, nous feuilletoniste improvisé, nous supplions ceux qui nous *liront non de* plaindre les pauvres incendiés de Morlon, mais de les secourir, non d'en parler avec attendrissement, mais de leur envoyer quelque petit écu. Et à cet égard, nous leur donnerons un avis. S'ils mettent leur offrande à la poste, qu'ils aient soin d'écrire au revers *Pour les incendiés de Morlon*. Car sans cette précaution, la poste qui est toute griffe et toute ongle, la poste qui n'a point d'entrailles, la poste qui ne vit que de taxes et de surtaxes ne manquerait pas de lever un tribut sur ces humbles envois.

Un homme de lettres.



embarras inévitables d'un procès de cette nature, comme aussi le désagrément d'avoir à combattre un adversaire fictif, au lieu des adversaires réels, m'a déterminé à abandonner ce projet, pour me borner à réclamer de votre obligeance l'insertion dans votre journal de la partie de ma lettre à laquelle j'attachais le plus d'importance.

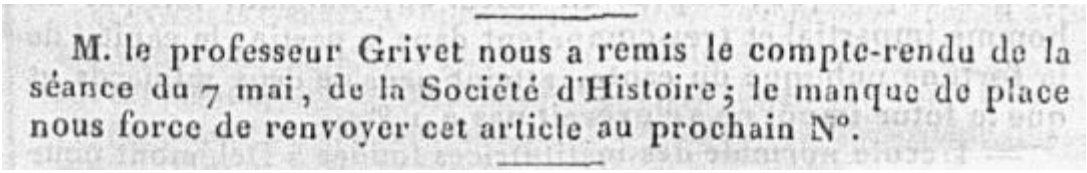
Cette réparation, tout incomplète qu'elle sera, aura du moins pour résultat de constater que, malgré ses prétentions à passer pour un journal religieux et moral, l'*Union* ne pratique ni la charité ni la justice.

Agréez, etc.

Fribourg, 17 juillet 1845. A. GRIVET,

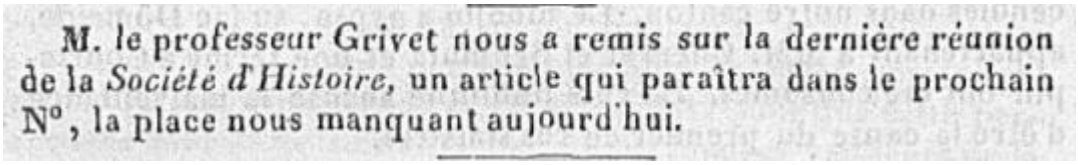
Professeur de langue française et d'histoire nationale à l'Ecole moyenne centrale.

Le Narrateur fribourgeois 18 July 1845 (p. 3-4)



M. le professeur Grivet nous a remis le compte-rendu de la séance du 7 mai, de la Société d'Histoire; le manque de place nous force de renvoyer cet article au prochain N°.

Le Narrateur fribourgeois 15 May 1846 (p. 2)



M. le professeur Grivet nous a remis sur la dernière réunion de la *Société d'Histoire,* un article qui paraîtra dans le prochain N°, la place nous manquant aujourd'hui.

Le Narrateur fribourgeois 22 December 1846 (p. 4)

CONFÉDÉRATION SUISSE.

FRIBOURG.

Hier, 27 novembre, a eu lieu l'examen d'admission à l'Ecole cantonale. Plus de 120 élèves, parmi lesquels des jeunes gens de Lucerne, St-Gall, Unterwald, Valais, Thurgovie, etc., se sont présentés dans les différents cours. Le plus grand nombre (environ 90), fréquenteront le Progymnase. On sait que le *Progymnase* embrasse les études préparatoires nécessaires à toutes les classes d'élèves, quelle que soit leur destination; on y enseigne les mêmes branches qui formaient le programme de l'ancienne école moyenne, plus le latin et les éléments de la physique et de l'histoire naturelle. Les autres élèves seront départis entre les différentes sections du *Gymnase :* section littéraire ou Gymnase proprement dit, section industrielle et section pédagogique ou école normale. La section pédagogique, l'une des plus importantes, si l'on considère l'urgent besoin d'instituteurs capables où se trouve notre canton, compte 20 candidats.

Jeudi matin, 30 novembre, s'ouvre l'Ecole cantonale. Nous formons des vœux pour que cet établissement prenne un rapide essort et démente, comme il vient déjà de le faire d'une manière éclatante, les prévisions pusillanimes ou intéressées de certaines gens.

La composition du personnel enseignant nous est une garantie que nous ne serons point déçus dans notre attente. Nous donnons ici les noms des professeurs et maîtres qui le composent. Nous aurons sous peu d'autres noms à ajouter à ce programme.

I. PROFESSEURS.

M. *Daguet*, directeur de l'Ecole cantonale : pédagogie, histoire et histoire de la philosophie.
» *Prat*, ancien directeur de l'Ecole moyenne; mathématiques au Gymnase.
» *Auvet*, ingénieur, élève de l'Ecole centrale de Paris : physique et chimie.
» *Lambert :* littérature grecque et latine, philosophie.
» *Bornet :* littérature française (section littéraire) et langue latine.
» *Grivet :* langue française au Progymnase et à la section industrielle.
» *Ayer :* géographie dans toutes les sections, histoire nationale et une partie du français au Progymnase.
» *Dietrich :* dessin, arpentage et une partie des mathématiques.
» *Schmuts*, de Morat : comptabilité, calcul usuel, économie politique, cours supérieur d'allemand.
» *Eichhorn*, de Schwytz : langue allemande (cours inférieurs moyens).
» *Jungo*, professeur à l'école secondaire de Glaris : enseignement du français aux Allemands.

II. MAITRES AUXILIAIRES.

M. *Passali*, de Locarno et de Fribourg, pour l'italien.
» *Majeux*, pour le français et le latin.
» *Scioberet*, pour le grec et la surveillance.
» *Vogt*, pour le chant.
» *Eggis*, pour la musique instrumentale.

On remarquera une lacune dans ce tableau du cours enseignant. *Cette lacune sera remplie lorsque le Conseil d'Etat* aura nommé le professeur de religion et aumônier de l'Ecole cantonale, ce qui ne tardera pas à avoir lieu.

(Communiqué.)

Le Confédéré de Fribourg 28 November 1848 (p. 1)

CONFÉDÉRATION SUISSE.

—

FRIBOURG.

La discussion du tarif général en premier débat a pris au Grand Conseil quatre jours consécutifs. Nous reviendrons sur ce tarif.

Jeudi, le Grand Conseil a eu une séance d'après midi pour entendre la lecture d'un message du Conseil d'Etat concernant l'école d'agriculture, d'un rapport volumineux de la commission spéciale nommée par lui pour examiner l'école et de deux mémoires du directeur M. Streckeisen au directeur de l'Instruction publique. Cette lecture n'a pas duré moins de deux heures; les débats ont été renvoyés au lendemain.

Le Conseil d'Etat propose de faire compléter l'enquête prise par la commission, attendu qu'elle n'est pas suffisante pour éclairer le Grand Conseil et déterminer une décision; de voter en attendant le subside demandé sans lequel l'école ne peut marcher.

La commission, composée de MM. Broye, président; Gœldlin; Grivet, professeur; Pierre Favre; Herrenschwand, et Gendre, juge de paix à Belfaux, par l'organe de son rapporteur, M. Grivet, dit en substance ce qui suit:

Le but de sa mission ne lui a pas été assez clairement défini; elle n'a pas eu le temps suffisant pour faire un examen sérieux, et les pièces et documents lui ont été remis trop tard; le motif qui a déterminé le Conseil d'Etat à l'envoyer sur les lieux paraît être une plainte portée contre la marche de l'école et la manière de faire de MM. Streckeisen et Guéron.

Il est de fait que l'école, qui a été saluée avec tant de joie à son berceau et sur laquelle les citoyens amis de leur pays fondaient de si belles espérances, se trouve aujourd'hui déconsidérée dans l'opinion et sérieusement compromise. Ce fâcheux résultat doit être attribué à diverses causes.

D'abord le dissentiment des opinions tant dans le comité de surveillance que dans le personnel enseignant sur la direction à donner à l'école; les uns voulant un système pratique qui ferait de l'école une ferme-modèle soit de rendement et coûterait peu; les autres voulant un système théorique consistant dans l'enseignement de toutes les branches de la science agricole et qui coûterait beaucoup. La commission se prononce pour un système mixte; elle voudrait appliquer le premier système pendant quelques années et arriver à l'autre par une transition ménagée; l'établissement serait réduit immédiatement à des proportions plus modestes.

Une autre cause de désorganisation, c'est que les élèves arrivent pour la plupart mal préparés, sans vocation réelle et parce qu'ils ne savent que faire. Comme le cours n'est que de deux ans; que par suite de la répartition du temps entre la théorie et la pratique, les élèves n'ont qu'une année pour la théorie, le plan d'études consacré par la loi est irréalisable. Il faudrait le réduire à l'enseignement des branches les plus nécessaires.

Le défaut d'harmonie entre les maîtres a aussi exercé une influence défavorable, d'autant plus que les élèves en parlent au dehors. Les élèves fribourgeois sont blessés fréquemment dans leur amour-propre national par des propos méprisants. On exige d'eux des actes de servilisme;

M. Guéron, directeur des travaux, s'*est fait ramasser sa pipe par un élève.*

Le comité de surveillance n'a rien fait; son protocole n'est pas même tenu régulièrement; il devait dans l'origine donner de bonne direction à M. Streckeisen. De son côté celui-ci s'est montré trop peu disposé à écouter les avis du comité; il n'a pas provoqué sa réunion aussi souvent qu'il l'aurait dû dans l'intérêt de l'établissement. M. Streckeisen paraît être entier, hautain.

L'échec éprouvé par la charrue de l'école au concours de Bourguillon a produit le plus mauvais effet dans le public. *Une circonstance qui prouve le peu* d'affection des élèves pour les maîtres et leur détachement de l'école, c'est qu'ils s'en sont réjouis. Les Fribourgeois se plaignent qu'on leur donne la charrue la plus lourde et la moins commode, tandis que l'autre beaucoup *plus avantageuse, plus facile à* manier est abandonnée aux étrangers.

Il est tout à fait regrettable qu'il y ait si peu de Fribourgeois dans le personnel enseignant. Si le programme des connaissances exigées pour les maîtres n'avait pas été si pompeux, il se serait présenté au concours des Fribourgeois capables, qui auraient pu faire prospérer l'école. Il fallait accorder une plus large part à l'élément catholique et préférer les domestiques fribourgeois.

La commission recherche ensuite les motifs qui peuvent justifier M. Streckeisen; elle les trouve dans le délabrement du domaine au moment où il lui a été remis; dans les embarras et les difficultés inséparables d'un premier établissement; dans sa qualité d'étranger et son ignorance de nos usages; dans le peu de temps qu'il a eu pour organiser l'établissement; dans l'hostilité de l'opinion, &c., &c.

(*La suite à mardi.*)

Après une longue discussion, le *Grand Conseil*, *sur la* proposition de M. Glasson, a décidé d'accorder le crédit demandé; de faire procéder à une enquête parlementaire sur la situation de l'école, par une commission de trois de ses membres qui s'adjoindra *deux experts pris au besoin* hors du canton. Les trois membres nommés sont MM. Bremond, Frossard et Presset.

Le Confédéré de Fribourg 27 September 1851 (p. 1)

Souscription nationale. **Le comité provisoire bernois auquel il a été donné pleins-pouvoirs pour agir dans l'intérêt de cette souscription, s'est adjoint dès le lendemain un cinquième membre dans la personne de M. le professeur Charles Brunner, fils. Ce choix sera généralement approuvé. Ajoutons qu'en raison de la situation où se trouve actuellement le canton, on a jugé convenable d'ajourner les mesures opportunes en vue d'obtenir le concours des ressortissans du canton de Berne à l'œuvre patriotique. On sait aussi que la disette, qui se fait vivement sentir sur quelques points du canton, sollicite vivement en ce moment la bienfaisance publique.**

Le comité cantonal fribourgeois vient de se constituer. M. le conseiller d'état Pittet a été élu président; M. le professeur Grivet, secrétaire et M. Göldlin, caissier. Plus six autres membres.

Courrier du Valais 8 April 1852 (p. 2)

Le comité central général:
Pestalozzi-Hoffmeister, président du comité de Zurich. — Schinz, colonel fédéral. — C. Brunner de Watteville, professeur, délégué de Berne. — Schumacher-Uttenberg, ancien colonel fédéral, de Lucerne. — N. von Moos, délégué d'Unterwalden-Obwalden. — Dr Ferd. Jann, à Stanz, délégué de Nidwalden. — Eman. Schneider, secrétaire d'Etat, délégué de Bâle-Ville. — Adrien Grivet, professeur, délégué de Fribourg. — Pflüger, de Soleure. — Stäheli-Wild, de St.-Gall. — Blattner, conseiller d'Etat, d'Argovie. — F. Feer, ancien président de la ville, d'Argovie. — J.-B. Pioda, député au conseil national, délégué du Tessin. — Henri Richard, ancien consul, délégué de Vaud. — Eugène Doxat, de Vaud. — Aimé Steinlen, de Vaud. — Dr Grillet, délégué du comité du Valais. — Jeanrenaud-Besson, conseiller d'Etat, délégué de Neuchâtel. — L. Rilliet-de Constant, colonel fédéral, délégué du cercle national de Genève.

Courrier du Valais 2 May 1852 (p. 3)

DERNIÈRES NOUVELLES.

L'assemblée de Posieux a nommé un comité provisoire composé de MM. Charles, président; Wuilleret, vice-président; Bondallaz, député; Presset, notaire; Moura, de Grandvillard; Glasson, Boniface; Grivet, professeur; Vonderweid, Alfred; Monnerat, député; Bæriswyl, député; Chollet, commissaire; Perrier, colonel.

Nous donnerons de plus longs détails dans notre prochain numéro.

F. Dupont, Rédacteur responsable.

Le Narrateur fribourgeois 25 May 1852 (p. 4)

Il y a cent ans

Les délégués cantonaux de la Souscription nationale pour éteindre la dette du Sonderbund *se réunirent à Aarau, le 23 avril 1852 ; le comité fribourgeois était représenté par le professeur Adrien Grivet. Les délégués donnèrent successivement connaissance des résultats obtenus dans leur canton. Ils résolurent de verser le produit entier de la souscription à l'Assemblée fédérale, lors de sa prochaine session, et d'exprimer aux députés le désir qu'une remise totale de la dette et une amnistie générale pour tous les délits provenant du Sonderbund fussent décidées.* **J. N.**

La Liberté 23 April 1952 (p. 5)

CONFÉDÉRATION SUISSE.

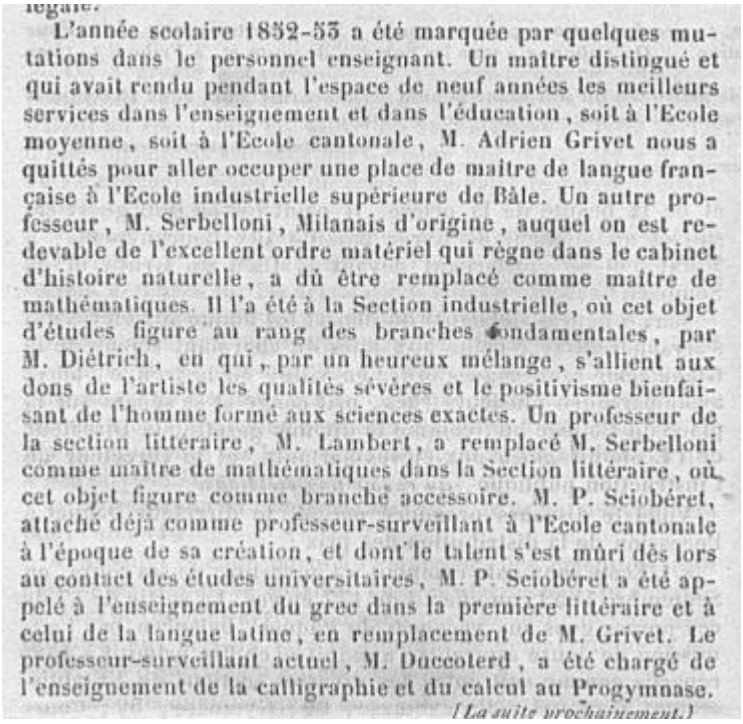
FRIBOURG.

Une heure et quart, 24 mai. — L'assemblée populaire ouverte à midi et demie est terminée. L'article premier du programme a subi une modification dans ce sens, que l'on désapprouve la politique suivie par le gouvernement, attendu qu'elle est contraire aux intérêts moraux et matériels du canton. Un comité d'agitation a été nommé. Il se compose des citoyens *Charles*, président; *Wuilleret*, avocat, vice-président; *Grivet*, professeur; *Chollet*, commissaire; *Diesbach*, Amédée; *Glasson*, Boniface; *Bondallaz*, député; *Perrier*, colonel; *Mourra*, du Grandvillard; *Müsslin*, avocat; *Bœriswyl*, député; *Presset*, notaire, etc., etc.

Un seul des articles a été soumis à une contre-épreuve. Une grande partie des gens arrivés se trouvaient couchés derrière les haies, pris de vin; malgré tous les efforts, il fut impossible de leur faire participer à une votation. Dans une demi-heure, tout fut terminé. L'avocat Wuilleret seul a pris la parole. Point de discours, absence complète d'enthousiasme. L'assemblée est évaluée par les appréciateurs les plus impartiaux à 8,000 hommes, y compris les étrangers, les curieux, les incapables, les crétins, les prébendaires, etc. Dans un dénombrement, essayé en vain, l'on a vu figurer *des étrangers, plus un grand nombre* d'individus qui passaient de la tête à la queue pour être comptés deux fois.

L'impression sommaire et définitive de cette assemblée, dans son apparence sur les lieux, dans ses résultats, dans l'examen de la physionomie des campagnards qui en reviennent en grand nombre et passent par la ville, est celle que *le parti sonderbundien et jésuitique s'est défait lui-même à Posieux le 24 Mai 1852.*

Le Confédéré de Fribourg 25 May 1852 (p. 1)

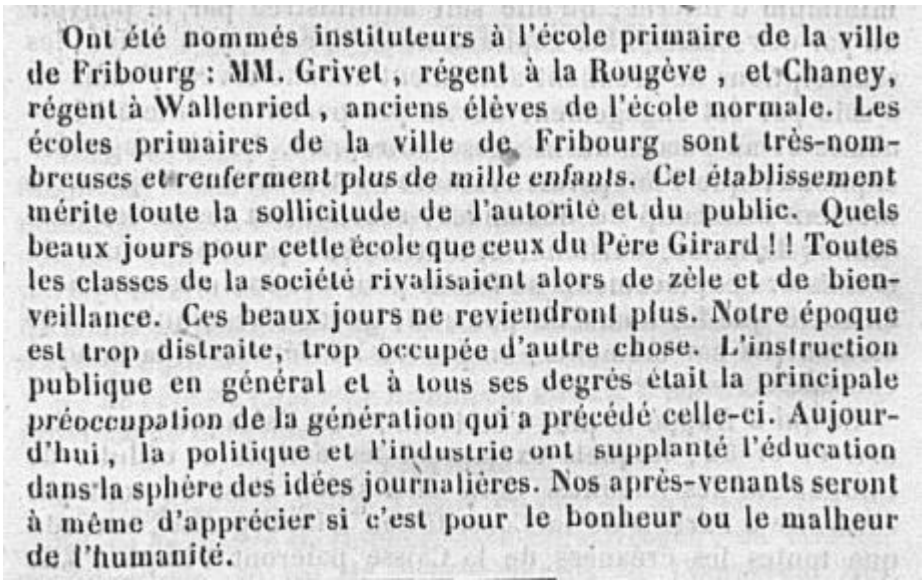


légale.

L'année scolaire 1852-53 a été marquée par quelques mutations dans le personnel enseignant. Un maître distingué et qui avait rendu pendant l'espace de neuf années les meilleurs services dans l'enseignement et dans l'éducation, soit à l'Ecole moyenne, soit à l'Ecole cantonale, M. Adrien Grivet nous a quittés pour aller occuper une place de maître de langue française à l'Ecole industrielle supérieure de Bâle. Un autre professeur, M. Serbelloni, Milanais d'origine, auquel on est redevable de l'excellent ordre matériel qui règne dans le cabinet d'histoire naturelle, a dû être remplacé comme maître de mathématiques. Il l'a été à la Section industrielle, où cet objet d'études figure au rang des branches fondamentales, par M. Diétrich, en qui, par un heureux mélange, s'allient aux dons de l'artiste les qualités sévères et le positivisme bienfaisant de l'homme formé aux sciences exactes. Un professeur de la section littéraire, M. Lambert, a remplacé M. Serbelloni comme maître de mathématiques dans la Section littéraire, où cet objet figure comme branche accessoire. M. P. Sciobéret, attaché déjà comme professeur-surveillant à l'Ecole cantonale à l'époque de sa création, et dont le talent s'est mûri dès lors au contact des études universitaires, M. P. Sciobéret a été appelé à l'enseignement du grec dans la première littéraire et à celui de la langue latine, en remplacement de M. Grivet. Le professeur-surveillant actuel, M. Duccoterd, a été chargé de l'enseignement de la calligraphie et du calcul au Progymnase.

(La suite prochainement.)

Le Narrateur fribourgeois 22 July 1853 (p. 2)



Ont été nommés instituteurs à l'école primaire de la ville de Fribourg : MM. Grivet, régent à la Rougève, et Chaney, régent à Wallenried, anciens élèves de l'école normale. Les écoles primaires de la ville de Fribourg sont très-nombreuses et renferment plus de mille enfants. Cet établissement mérite toute la sollicitude de l'autorité et du public. Quels beaux jours pour cette école que ceux du Père Girard ! ! Toutes les classes de la société rivalisaient alors de zèle et de bienveillance. Ces beaux jours ne reviendront plus. Notre époque est trop distraite, trop occupée d'autre chose. L'instruction publique en général et à tous ses degrés était la principale préoccupation de la génération qui a précédé celle-ci. Aujourd'hui, la politique et l'industrie ont supplanté l'éducation dans la sphère des idées journalières. Nos après-venants seront à même d'apprécier si c'est pour le bonheur ou le malheur de l'humanité.

Le Narrateur fribourgeois 17 March 1854 (p. 1)

CORRESPONDANCE.

Réunion générale des Instituteurs.

Fribourg, 21 septembre.

Permettez-moi, citoyen Rédacteur, de vous faire connaître, dans ces quelques lignes, et aussi succinctement qu'il *me sera* possible, ce qui s'est fait hier, 20 septembre, dans l'assemblée générale des Instituteurs fribourgeois.

A 9 heures et demie, dans l'une des salles de la maison d'école de *Fribourg*, 110 instituteurs et 8 *institutrices étaient réunis*. La séance a été ouverte par un chant patriotique (*Vierge douce et fière*), fort bien exécuté, sous la direction de l'excellent M. Vogt. La réunion était présidée par M. Daguet. Dans son discours d'ouverture, il a *rappelé quel était le but de cette sixième assemblée générale*; quel bien il est résulté pour les instituteurs et pour l'instruction en général de ces *réunions*; il a *témoigné sa satisfaction de ce que* nombre de régents fribourgeois ont acquis des connaissances même *littéraires*, assez *élevées pour leur permettre de bien traiter* plusieurs des sujets proposés par l'assemblée générale de Morat, l'an passé; il a *constaté les progrès* faits dans les écoles depuis 1830; enfin, il a payé un juste tribut d'éloges, dans une invocation chaleureuse et bien exprimée, au vénérable éducateur, *qui repose maintenant*, et à qui le canton de Fribourg doit l'organisation de bon nombre de ses institutions scolaires.

M. Grivet étant appelé aux fonctions de secrétaire, lit le protocole de la conférence de Morat. Après quelques explications, le procès-verbal en est adopté. — M. l'inspecteur Schærly fait lecture d'un rapport concernant la marche des conférences locales. Il appert de ce rapport laconique, mais intéressant, qu'il y a dans le canton huit chefs-lieux de conférences; que dans les réunions qui y ont eu lieu, plusieurs sujets de composition ont été traités, quelques-uns avec talent, entr'autres celui-ci : *Quelles sont les qualités que doit avoir un instituteur pour mériter le beau nom d'éducateur?* — Dans ces conférences l'on s'est occupé non-seulement d'éducation, mais aussi de littérature, voire même de déclamation, d'instruction civique, de physique et, enfin, de politique. Le rapporteur fait quelques reproches concernant l'abstention où ont cru devoir rester plusieurs instituteurs de traiter d'autres sujets que ceux proposés à Morat, et surtout de ne pas aborder des sujets pratiques; il signale de nombreuses absences et constate que la tenue de quelques protocoles est incomplète. Les compositions qui ont été lues aux conférences, cette année, par les instituteurs et les institutrices, s'élèvent au nombre de 131, donc 51 de plus que l'année passée. Aucune autre observation n'est présentée.

M. Ayer, professeur à l'Ecole cantonale, s'offrant pour faire le rapport général de cette année, est accepté avec remerciements. Les questions à traiter pour la prochaine réunion, 1856, qui aura lieu à Romont, sont celles-ci :

De l'importance de la politesse et du bon ton comme moyen éducatif pratique dans les écoles primaires; et : *Quels sont les moyens que doit employer un instituteur pour donner le plus d'intérêt possible à son enseignement, et pour rendre ainsi le séjour de l'école agréable à l'enfant?* proposées par M. Pasquier, inspecteur.

pement intellectuel? par M. Gemmond, inspecteur.

Quels sont les résultats pratiques du « Cours de langue maternelle » du R. P. Girard? par M. Ayer, professeur, question qui a eu la priorité sur celle-ci qui lui ressemble, faite par M. Grivet, instituteur : Quels sont les changements à apporter au « Cours de langue maternelle » du R. P. Girard?

Quelle est la mission de l'instituteur en dehors de l'école? par M. Schærly, inspecteur.

La méthode, dite de l'unité, ne pourrait-elle pas être employée pour l'enseignement de l'Arithmétique, préférablement à toute autre? par M. Duccotterd, professeur.

Enfin, *Une collection de gravures et de tableaux représentant les principaux traits de l'histoire suisse ne serait-elle pas très-utile pour l'enseignement de cette branche?* a été posée par M. Daguet.

La lecture des comptes généraux a fait connaître que la caisse est dans un bon état, et les comptes ont été approuvés. Un programme d'organisation pour les conférences générales, présenté par les instituteurs allemands de Morat, est renvoyé à plus tard. Il en est de même de la question de la fondation d'un journal pédagogique pour le canton, journal qui présente, quant à son établissement, de grandes difficultés. Toutefois, c'est une question à étudier. *A cette occasion*, M. Ayer offre à l'activité de Messieurs les instituteurs le journal l'*Emulation*, qui s'empressera d'accepter dans ses colonnes tout ce qui sera digne d'y paraître, et que ces messieurs voudront faire connaître. Diverses questions d'une moindre importance occupent encore l'assemblée après quoi l'on passe à la nomination du comité central, par présentation, ce sont : MM. Genilloud, inspecteur; Rey et Perroud, instituteurs à Romont; Levrat, à Lieffrens; et Pégaitaz, à Mézières près Romont.

Voilà quelle a été la partie essentielle, et comme l'on pourrait dire *officielle* de cette réunion. J'ai été heureux de voir ces instituteurs fribourgeois de la campagne. Tous ont une physionomie avenante; l'on voit en eux le contentement; mais c'était le bonheur qu'ils avaient de se voir et de se tendre une main fraternelle; car hélas! combien de tribulations ne rencontreront-ils pas à la rentrée dans leurs foyers? Une autre chose m'a moins plu : j'ai été frappé du peu d'ordre qu'il y avait dans les discussions, et de la manière singulière avec laquelle on passait sans votation d'un sujet à un autre.

Mais je reviens à notre réunion. Un banquet simple et frugal était préparé dans le bâtiment des Grand'Places. La fanfare des chasseurs, par une aimable attention, était venue prêter ses joyeuses clameurs à la gaîté générale. Un discours plein d'esprit, de naïveté, et d'humour dirai-je aussi, de M. Pasquier, inspecteur, a amusé et fait du bien en même temps. Ce n'était rien moins qu'un appel aux instituteurs afin qu'ils donnent un *assaut décisif au Malakoff des préjugés et au Sébastopol de l'ignorance*. Ainsi s'est terminée cette fête qui laissera d'agréables souvenirs, non pas par la présence des représentants des autorités qui eussent dû s'y montrer, ni pour le vin d'honneur qu'on avait reçu ailleurs et qui n'a point été offert, mais pour le plaisir de s'être vus et encouragés dans la grande œuvre.

Agréez, etc. *Un Observateur.*

Le Confédéré de Fribourg 25 September 1855 (p. 2-3)

M. Grivet, *professeur au collége cantonal de Fribourg jusqu'au moment où il entra dans le* comité de Posieux, avait quitté notre ville, peu de temps après, abreuvé de dégoûts comme tant d'autres qui avaient désiré que la politique du 24 mai fut portée à ses dernières conséquences, Il alla à Bâle où il continua à se vouer à l'enseignement, particulièrement à l'école industrielle et au gymnase. Il y conquit l'affection, la confiance et l'estime de tous ceux qui le connurent.

M. Grivet va quitter Bâle pour se rendre dans l'Amérique du Sud.

Le Chroniqueur 1 December 1855 (p. 3)

CHRONIQUE LOCALE.

M. Grivet, ancien professeur à l'école cantonale, s'est embarqué au Hâvre, avec trois citoyens fribourgeois, pour l'Amérique. Après 34 jours de traversée, battus par d'effrayables tempêtes et *plusieurs fois exposés à la mort, nos quatre concitoyens* ont enfin pu revenir à terre à . . . Brest, d'où ils donnent les détails les plus navrants à leurs parents. C'est ce qui résulte aussi d'une correspondance bâloise du *Journal de Genève.*

Concert au profit des pauvres. Le Concert du 27 janvier a donné une recette brute de 442 fr. 25 cent. Les dépenses pour chauffage, éclairage, *programme, copies, etc., selon notes,* que le Comité tient à la disposition de chacun, ont été de fr. 242 25

Le bénéfice net de fr. 200 —

a été réparti par égales portions entre l'administration communale des pauvres et la Société des Dames charitables à Fribourg.

Le Confédéré de Fribourg 5 February 1856 (p. 5)

FEUILLETON.

LES AVENTURES D'UNE NUIT DE NOUVEL AN

par Zschokke.

XIII.

(Suite.)

Au moment où toute la troupe se mettait en mouvement, arriva avec grand fracas, un carosse attelé de huit chevaux, et précédé de coureurs qui portaient des torches.

— Halte! cria une voix de l'intérieur de la voiture, lorsqu'elle fut arrivée près du groupe des agents.

Les chevaux s'arrêtèrent; la portière s'ouvrit, et un homme, couvert d'un par-dessus sur lequel brillait une étoile, s'en élança et s'avança droit sur les prisonniers. Arrivé *près du prince*, il l'*examina* des pieds à la tête, et dit:

— C'est bien lui; je reconnais l'oiseau à son plumage. Masque, qui êtes-vous?

Julien, qui avait reconnu le duc Hermann, crut plus prudent de se taire.

— Répondez-moi donc, répéta le maréchal d'une voix tonnante.

Julien se contenta de remuer la tête en signe de refus. Ces manières d'agir intriguèrent encore davantage le duc, qui se mit à interroger les agents.

Ceux-ci lui apprirent qu'ils avaient reçu l'ordre d'arrêter un veilleur de nuit qui avait chanté des vers séditieux; il leur avait toujours échappé par ses détours dans des ruelles obscures et tortueuses.

Le rapport général sur les conférences de 1854 à 1855, rédigé par M. le professeur Ayer, a été distribué aux sections, séance tenante. Le rapporteur pour l'année écoulée fut choisi dans la personne de M. Daguet, directeur.

Dans le choix du lieu de la prochaine réunion on s'est prononcé presque unanimement pour Bulle, et le nouveau comité fut composé comme suit: MM. Pasquier inspecteur, Majeux directeur, Barras, Ayer instituteurs à Bulle, et Jacqueroud à Broc.

La séance terminée, les instituteurs se rendirent en ordre et musique en tête à *l'hôtel des treize cantons*, où a eu lieu le banquet. Il y avait environ 140 convives, dans le nombre, le préfet de la Glâne, le syndic de Romont et des membres du Conseil communal, qui ont bien voulu honorer la fête de leur présence; plusieurs instituteurs vaudois étaient aussi venus prendre part à ce banquet fraternel. Les toastes ont été nombreux et ont offert parfois le charme d'une discussion vive et animée entre des opinions contraires.

M. *Ayer*, professeur, a porté un toast aux conférences pédagogiques, si propres à raffermir le courage et la persévérance de l'instituteur. Il a aussi porté la santé de *M. Presset*, qui de simple régent de village est arrivé à l'un des premiers postes de la république.

Répondant à ce toast le directeur de l'instruction publique a dit, qu'ayant partagé les peines et les misères de l'instituteur, il avait appris à connaître ses besoins, et qu'il travaillerait de toutes ses forces *à lui rendre sa pénible tâche plus agréable et plus facile. Il* a terminé en portant un toast *à la prospérité de nos écoles.*

M. *Daguet*, directeur, a porté les toasts suivants: *à l'école militante, souffrante et triomphante; à M. Schaller, ancien directeur d'instruction publique; aux instituteurs vaudois, présents au banquet; aux institutrices; un toast à la franchise.*

M. Pasquier, inspecteur, a porté un toast *aux autorités de la ville de Romont, pour leur réception amicale*. Par la réponse de M. le *Dr Rauch*, syndic de Romont, on a appris avec une vive satisfaction que la Glâne aurait bientôt son école de district, et l'assemblée a *applaudi vivement à un toast porté par M. Ayer à l'établissement et* à la prospérité des écoles secondaires.

D'autres toasts ont été portés: par *M. Rauch, à la mémoire du père Girard;* par *M. Schœrly*, inspecteur, *à la patrie Suisse;* par *M. Page*, instituteur à Moudon, *à l'union des instituteurs vaudois et fribourgeois;* par *M. Grivet*, instituteur à Fribourg, *aux bienfaits d'une bonne éducation et instruction;* par M. *Léorat*, instituteur à Moudon, *au préfet de la Glâne;* enfin le chef de l'instruction publique a fait un très-bon discours au sujet des bienfaits que la centralisation a procurés à la Suisse et à notre canton, et indiqué les limites qu'elle ne peut *dépasser sans dégénérer en despotisme.*

Toutes ces paroles généreuses n'auront pas été dites en vain, et la fête cantonale des instituteurs de 1856 comptera parmi les plus belles et les plus fécondes en bons résultats.

Voici comment termine un autre correspondant :

Quel beau spectacle que celui de nombreux instituteurs et amis de l'instruction publique, réunis dans un aussi noble but que l'est celui du perfectionnement de l'enseignement primaire! Oh! si le régime gouvernemental actuel n'est pas exempt de reproches, les bienfaits que lui doit l'instruction populaire pourraient lui faire pardonner *bien des choses. Quel contraste, si l'on soulève le sombre voile* qui cache 1847!

Le peuple commence à comprendre la nécessité de l'instruction et à apprécier les sacrifices qui ont été faits. Réjouissons-nous-en. C'est

Le Confédéré de Fribourg 30 August 1856 (p. 2)

Voici le programme des questions posées à la réunion générale de Romont et qui doivent être traitées par les conférences d'instituteurs pendant l'année scolaire 1856-1857 :

Les quatre questions obligatoires.

1. L'étude des auteurs classiques, en prose et en vers, est-elle

nécessaire à l'instituteur primaire pour acquérir la culture littéraire? (proposé par M. Daguet, directeur.)

2. Ne conviendrait-il pas que, dans un pays de pâtres et d'agriculteurs comme le nôtre, le programme de l'enseignement primaire fût plus simple et plus pratique, afin de mieux répondre aux besoins des familles et de jouir ainsi de plus de popularité? (par M. Pasquier, inspecteur.)

3. Quelles sont les connaissances agricoles qu'il importe le plus à un instituteur de posséder? (par M. Genilloud, inspecteur).

4. L'école et le paupérisme. (par M. Schærly, inspecteur.)

Questions facultatives.

1. L'enseignement du chant dans les écoles catholiques est généralement négligé. Quels sont les moyens de relever cette branche d'enseignement? (par M. Schærly, inspecteur.)

2. Que doit faire l'instituteur pour son élève après son émancipation? Ne pourrait-il pas contribuer puissamment à son bien-être futur, en l'aidant autant que possible dans le choix d'une profession? (par M. Grivet, instituteur.)

3. De quels ouvrages doit se composer la bibliothèque des instituteurs? (par M. Daguet.)

4. L'enseignement de l'arithmétique n'obtiendrait-il pas un plus grand développement, si l'instituteur avait entre le mains un choix de problèmes moraux et éducatifs, en rapport avec le cours de langue? (par M. Lévrat.)

5. Ne serait-il pas préférable, sous tous les rapports, d'établir par concordat une seule école normale pour la Suisse française? (par M. Th. Rey.)

6. De l'importance de l'enseignement de la conjugaison et des moyens d'en simplifier l'étude pour la rendre plus accessible aux commençants. (par M. Ayer, professeur.)

Le Confédéré de Fribourg 4 September 1856 (p. 3)

On a reçu des lettres d'Amérique qui donnent des nouvelles de notre concitoyen l'honorable professeur Grivet qui s'était, on le sait, démis de son poste au collége cantonal de Fribourg à la suite de la mémorable assemblée de Posieux.

M. Grivet est à la veille de passer un traité avec le gouvernement de Para pour fonder et organiser un vaste institut dans ce grand Etat du Brésil.

Le Chroniqueur 13 May 1857 (p. 3)

PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO.

EXPEDIENTE DA SECRETARIA DO GOVERNO DA PROVINCIA.

Abril. — 1858.

Dia 24.— Ao Exm. Sr. ministro do imperio, participando que, em consequencia de serviços urgentes de que estava engarregado, só agora foi possivel partir o coronel Galdino Justiniano da Silva Pimentel para a commissão de reconhecimento dos terrenos por onde deva correr a divisa entre esta provincia e a de S Paulo, para que foi nomeado em 13 de maio do anno proximo findo, em observancia das ordens do governo imperial; bem assim que se mandou adiantar ao mencionado coronel a quantia de 2:000$ para compra de instrumentos, a um ajudante a gratificação mensal de 250$, e a um conductor a de 100$.

— Ao da fazenda, remettendo o officio que em data de 20 do corrente enviou o juiz de orphãos de Maricá para transmittir a S. Ex.

— Ao inspector geral das escolas, communicando que em data de hontem foi nomeado Domingos José de Souza para adjunto á escola publica de Ponta-Negra, do termo de Maricá.

— Ao mesmo, ídem as licenças concedidas a D. Maria Barbosa Franco Grivet para abrir na cidade de Vassouras um collegio de instrucção primaria e secundaria para o sexo feminino, e a seu marido Adriano Grivet para leccionar a lingua franceza no mesmo collegio.

— Ao juiz municipal de Maricá, áfim de exigir, em obser-

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1858\Edição 00135 (1)

COLLEGIO DE MENINAS

DIRIGIDO POR Mme. GRIVET

EM VASSOURAS.

Este estabelecimento, fundado nas bases as mais proprias para realizar todas as condições de uma boa educação, póde já se prevalecer, apezar da sua recente instituição, de resultados tão vantajosos que nelles deposita a sua direcção o seu principal titulo á confiança dos pais de familia.

O programma dos estudos comprehende as materias de ensino que constituem geralmente o objecto da instrucção primaria e secundaria, a qual está entregue a pessoas, ao preenchimento de tão ardua tarefa, habilitadas, tanto por uma experiencia honrosamente provada, como por um desvelo incessante para com as alumnas.

Elle fica resumido nos ramos seguintes:

Doutrina christã.	Geographia.
Portuguez.	Arithmetica.
Francez.	Calligraphia.
Inglez.	Musica.
Allemão.	Desenho.
Historia.	Trabalhos de agulha.

Nesta exposição summaria deve-se accrescentar a tendencia religiosa do ensino, uma vigilancia assidua, uma disciplina ao mesmo tempo firme e benigna, habitos rigorosos de ordem e asseio, cuidados hygienicos e boa comida.

O collegio acha-se estabelecido em uma casa nova, das melhores de uma cidade favorecida por um clima saudavel, e sua situação na direcção da estrada de ferro de D. Pedro II, pelo que já se torna possivel de vencer em um dia a distancia que a separa da côrte.

O futuro anno lectivo principiará no dia 7 de janeiro.

As pessoas que quizerem mais informações podem-se dirigir em Vassouras aos seguintes Srs.:

Dr. Marcos Antonio de Macedo, inspector da instrucção secundaria;

Dr. Severino Alves de Carvalho Junior, inspector municipal das escolas;

Commendador Francisco José Teixeira Leite;

Carlos Teixeira Leite;

Dr. Caetano Furquim de Almeida;

Ignacio José de Souza Werneck;

Dr. Antonio Lazzarini.

Nesta côrte aos Srs. Furquim e Irmão.

COLLEGIO DE MENINAS

DIRIGIDO POR Mme GRIVET.

EM VASSOURAS.

Este estabelecimento, fundado nas bases as mais proprias para realizar todas as condições de uma boa educação, póde já prevalecer-se, apezar de sua recente instituição, de resultados tão vantajosos, que a sua direcção nelles deposita o seu principal titulo á confiança dos pais de familia.

O programma dos estudos comprehende as materias de ensino que constituem geralmente o objecto da instrucção primaria e secundaria, a qual é dirigida por pessoas perfeitamente habilitadas ao preenchimento de tão ardua tarefa, não só por uma experiencia honrosamente provada, como por um desvelo incessante para com as alumnas.

O programma compõe-se dos seguintes ramos :

Doutrina christãa.	Allemão.	Calligraphia.
Portuguez.	Historia.	Musica.
Francez.	Geographia.	Desenho.
Inglez.	Arithmetica.	Trabalhos de agulha.

A' esta exposição summaria devem-se accrescentar a tendencia religiosa do ensino, uma vigilancia assidua, uma disciplina ao mesmo tempo firme e benigna, habitos rigorosos de asseio e ordem, cuidados hygienicos e boa alimentação.

O collegio acha-se estabelecido n'uma casa nova e das melhores de uma cidade favorecida por um clima muito salubre, e por sua posição na direcção da estrada de ferro de D. Pedro II, pelo que já se torna possivel vencer em um dia com muita commodidade a distancia que a separa da côrte.

O futuro anno lectivo principiará no dia 7 de Janeiro de 1859.

As pessoas que quizerem mais informações podem dirigir-se em Vassouras aos seguintes senhores :

Dr. Marcos Antonio de Macedo, inspector da instrucção secundaria.

Dr. Severino Alves de Carvalho Junior, inspector das escolas.

Commendador Francisco José Teixeira Leite.

Carlos Teixeira Leite.

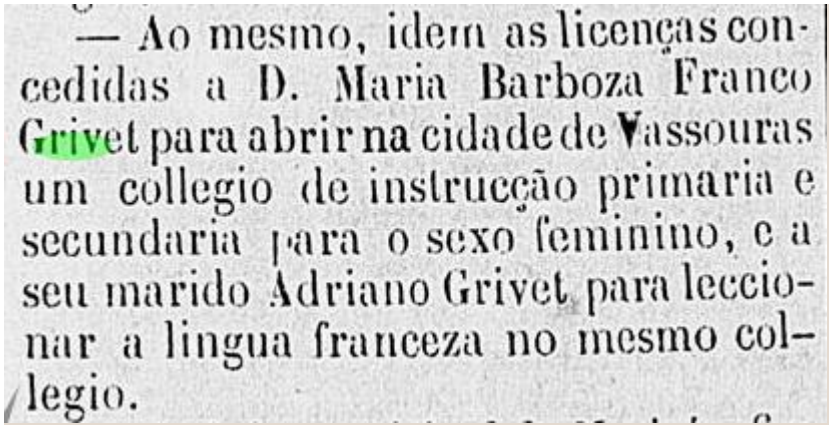
Dr. Francisco de Assis e Almeida.

Dr. Antonio Lazzarini.

Ignacio José de Souza Werneck.

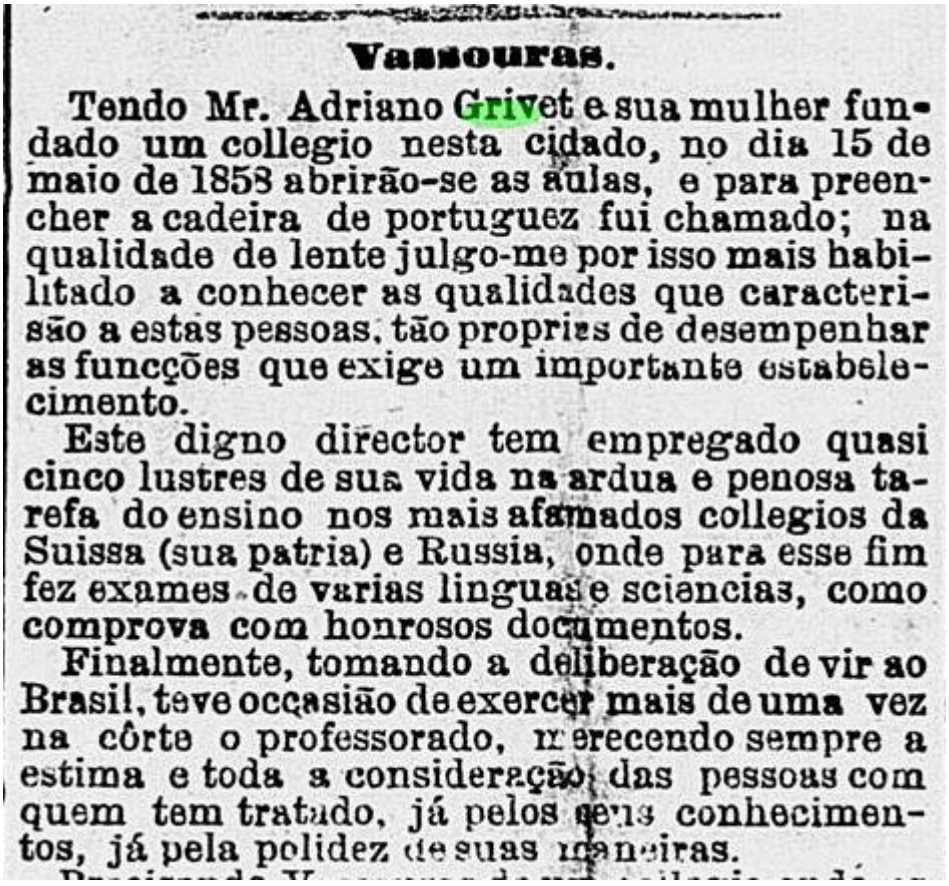
E nesta côrte, aos Srs. Furquim e Irmão.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1858\Edição 00308 (1)



— Ao mesmo, idem as licenças concedidas a D. Maria Barboza Franco Grivet para abrir na cidade de Vassouras um collegio de instrucção primaria e secundaria para o sexo feminino, e a seu marido Adriano Grivet para leccionar a lingua franceza no mesmo collegio.

A Patria: Folha da Provincia do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1858\Edição 00112 (1)

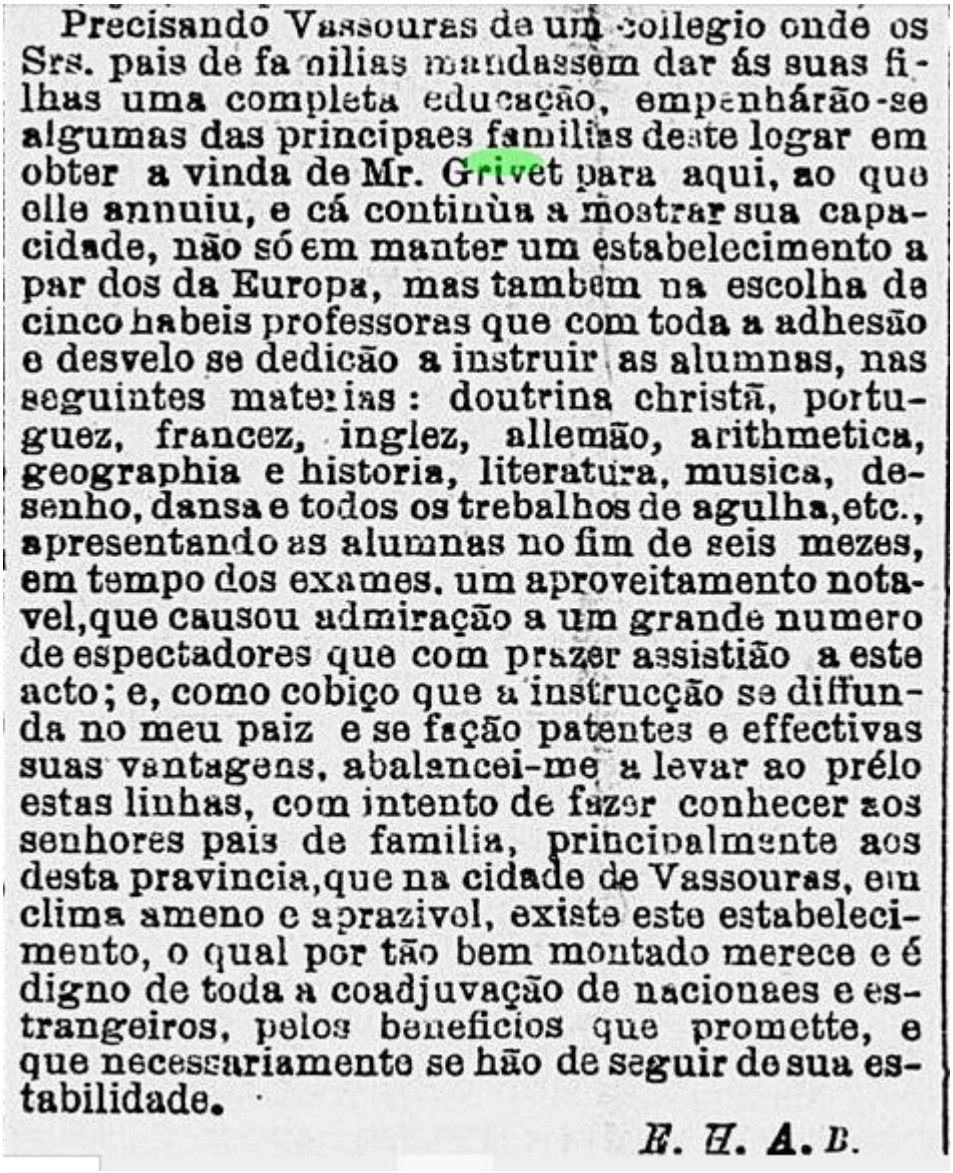


Vassouras.

Tendo Mr. Adriano Grivet e sua mulher fundado um collegio nesta cidado, no dia 15 de maio de 1858 abrirão-se as aulas, e para preencher a cadeira de portuguez fui chamado; na qualidade de lente julgo-me por isso mais habilitado a conhecer as qualidades que caracterisão a estas pessoas, tão proprias de desempenhar as funcções que exige um importante estabelecimento.

Este digno director tem empregado quasi cinco lustres de sua vida na ardua e penosa tarefa do ensino nos mais afamados collegios da Suissa (sua patria) e Russia, onde para esse fim fez exames de varias linguas e sciencias, como comprova com honrosos documentos.

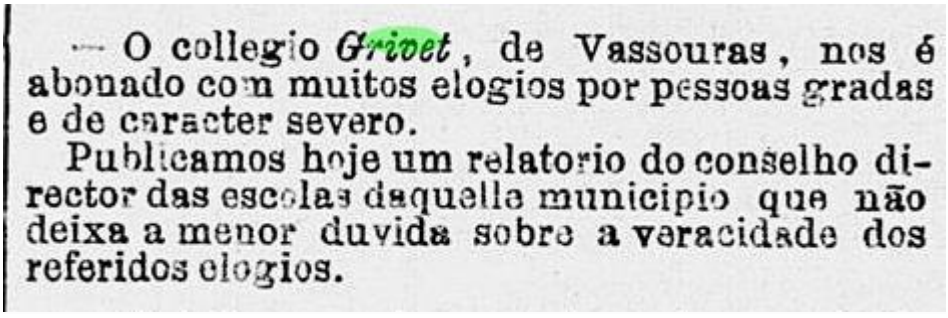
Finalmente, tomando a deliberação de vir ao Brasil, teve occasião de exercer mais de uma vez na côrte o professorado, merecendo sempre a estima e toda a consideração das pessoas com quem tem tratado, já pelos seus conhecimentos, já pela polidez de suas maneiras.



Precisando Vassouras de um collegio onde os Srs. pais de familias mandassem dar ás suas filhas uma completa educação, empenhárão-se algumas das principaes familias deste logar em obter a vinda de Mr. Grivet para aqui, ao que elle annuiu, e cá continúa a mostrar sua capacidade, não só em manter um estabelecimento a par dos da Europa, mas tambem na escolha de cinco habeis professoras que com toda a adhesão e desvelo se dedicão a instruir as alumnas, nas seguintes materias: doutrina christã, portuguez, francez, inglez, allemão, arithmetica, geographia e historia, literatura, musica, desenho, dansa e todos os trebalhos de agulha, etc., apresentando as alumnas no fim de seis mezes, em tempo dos exames, um aproveitamento notavel, que causou admiração a um grande numero de espectadores que com prazer assistião a este acto; e, como cobiço que a instrucção se diffunda no meu paiz e se fação patentes e effectivas suas vantagens, abalancei-me a levar ao prélo estas linhas, com intento de fazer conhecer aos senhores pais de familia, principalmente aos desta pravincia, que na cidade de Vassouras, em clima ameno e aprazivel, existe este estabelecimento, o qual por tão bem montado merece e é digno de toda a coadjuvação de nacionaes e estrangeiros, pelos beneficios que promette, e que necessariamente se hão de seguir de sua estabilidade.

E. H. A. B.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1859\Edição 00094 (1)



— O collegio *Grivet*, de Vassouras, nos é abonado com muitos elogios por pessoas gradas e de caracter severo.

Publicamos hoje um relatorio do conselho director das escolas daquella municipio que não deixa a menor duvida sobre a veracidade dos referidos elogios.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1859\Edição 00111 (2)

Vassouras.

No dia 6 do corrente os abaixo assignados, membros do conselho municipal das escolas de Vassouras, e inspector parochial respectivo, forão ao collégio de meninas desta cidade, dirigido por Mr. e Mme Grivet, e passando a examinar o referido collegio observárão que elle se acha estabelecido em um vasto e magnifico edificio, com todo o asseio e decencia, em um logar apropriado e com todas as divisões e reparações necessarias para todos os actos e exercicios internos.

As meninas achavão-se limpas e decentemente vestidas, observando-se em seu trato e maneiras a melhor conveniencia e regularidade compativel com a sua idade, e em seus semblantes a satisfação e contentamento juvenil que revela a delicadeza e affeição com que são tratadas.

Examinados alguns trabalhos das educandas, notárão tambem que não desmerecem elles o bom conceito que nos exames de dezembro proximo passado inspirou o progresso e adiantamente que ellas conseguirão no pouco tempo que se acha instituido este collegio, progresso que em verdade sorprendeu a todos quantos assistirão a taes exames.

A educação moral e religiosa no collegio de Mr. e Mme. Grivet, marcha a par da litteraria. Alli se ensinão todos os preceitos e doutrinas da religião catholica, e procura-se incutir no espirito das educandas todas as maximas de moral que podem elevar e espirito, ennobrecer o coração e fazer de boas filhas perfeitas esposas e mães de familia, fim sublime da creação da mulher.

Mr. Grivet é um perfeito pai de familia pelo agrado, ternura e affecto que despende com suas educandas!

Homem de espirito cultivado, coração puro e caracter grave, elle comprehende que o magisterio é um sacerdocio e trata de desempenhar fielmente a sua missão.

Seus attestados os mais honrosos provão a longa pratica que elle tem tido do ensino não só na Suissa, sua patria, como no Imperio da Russia, onde depois de ter passado por severas provas exerceu o magisterio por muitos annos.

Mme. Grivet, sua esposa, a uma bella intelligencia bem cultivada reune em gráo eminente todas as qualidades e virtudes da mãi de familia européa.

Educada em sua patria entre as irmãs Ursulinas e as Senhoras do Coração de Jesus, tão respeitadas na Suissa pelo esmero de sua educação e pela severidade religiosa que observão, ella exerceu o ensino na sua cidade natal autorisada pelo conselho de educação do Cantão de Fribourg como attestão seus documentos; Indo depois para a Russia soffreu no Gymnasio de Ichernigoff um rigoroso exame, e lhe foi concedido o direito de ensinar em todo o imperio as materias em que foi approvada, direito que ella exerceu pelo espaço de sete annos. Vindo com seu marido para o Brasil; ella, a instancias de algumas pessoas deste municipio que della conseguirão as melhores informações, creou o seu collegio nesta cidade, autorisada pelo Exm presidente desta provincia.

No ensino do collegio Mr. e Mm. Grivet são coadjuvados pelo Sr. Eduardo Henrique Braga, natural de S. João de El-Rei, onde exerceu o ensino por alguns annos no bem conhecido e acreditado collegio do Sr. Duval. O Sr. Braga occupa-se do ensino da lingua portugueza, arithmetica, calligraphia e desenho.

arithmetica, calligraphia e desenho.

Pela Sra. D. Honoria de Siqueira e Silva pertencente á uma familia distincta.

Esta senhora exerce o ensino elementar de leitura, da escriptura, do calculo e da grammatica portugueza e primeiras lições do catheçismo.

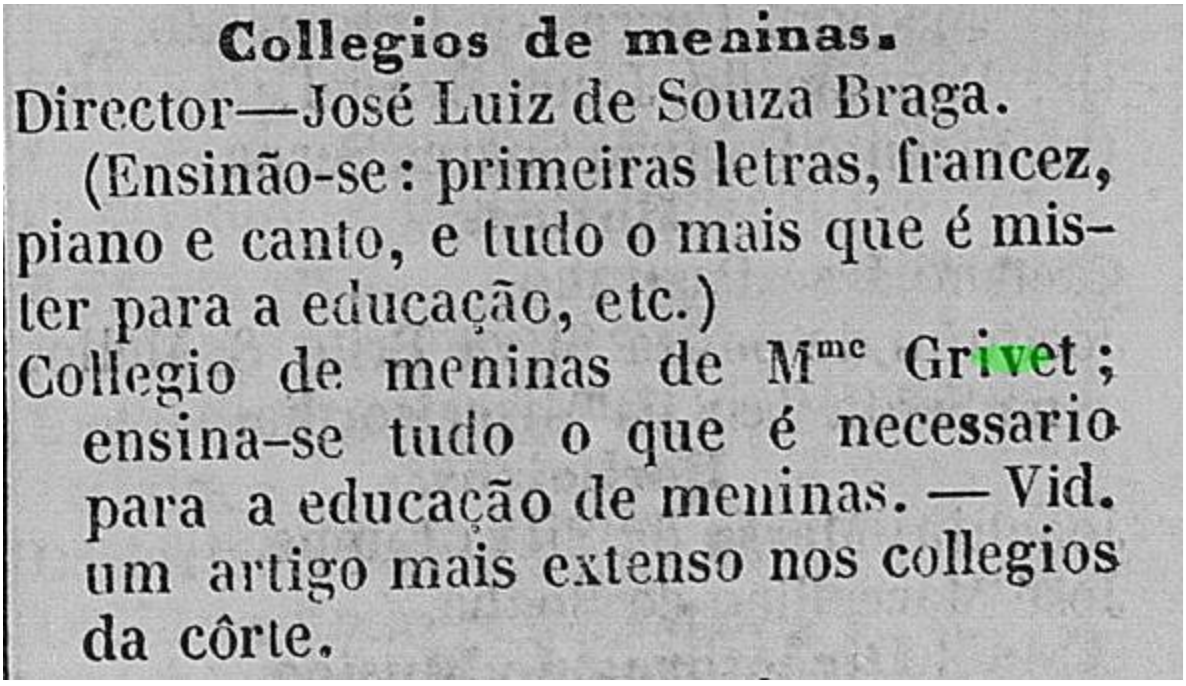
Por Mlle. Ermelinda von Schmith Auerbach, de Heidelberg que occupa-se do ensino do inglez e allemão, do que tem bastante pratica, por haver ensinado essas linguas na Inglaterra e Allemanha donde trouxe honorificos attestados.

Por Mlle. Joanna Roller, de Burgdorf, cantão de Berne na Suissa, que ensina piano e canto. Esta senhora discipula dos celebres Henkel e Mener em Francfort, sobre o Mena e de Richl em Munich, recommenda-se por um talento incontestavel de execução, gosto e facilidade com que sabe vencer as maiores difficuldades.

Por Mlle. Fanny Wenglo, de S. Gall, encarregada da vigilancia, cuidados hygienicos das educandas, e do ensino dos trabalhos de agulha, em que mostra habilitações proprias.

A' vista pois de tudo quanto foi observado com a mais escrupulosa attenção e cuidado, entendem os abaixo assignados poder confiadamente apresentar aos pais de familia desta provincia o collegio de Mr. e Mme. Grivet, como um daquelles que maiores e mais seguras garantias offerece para o ensino e educação das meninas, e nesta exposição leal e sincera se julgão acompanhados pelo sentimento unanime de todos os pais que alli tem suas filhas, bem como na opinião geral deste municipio. — *Severino Alves de Carvalho*, presidente do conselho e inspector municipal — *Francisco de Assis e Almeida*, 1º membro do conselho municipal.—*Christovão Rodrigues de Andrade*, 2º membro do conselho. — Dr. *Joaquim Corrêa de Figueiredo*, inspector parochial.

Vassouras, 6 de abril de 1859.



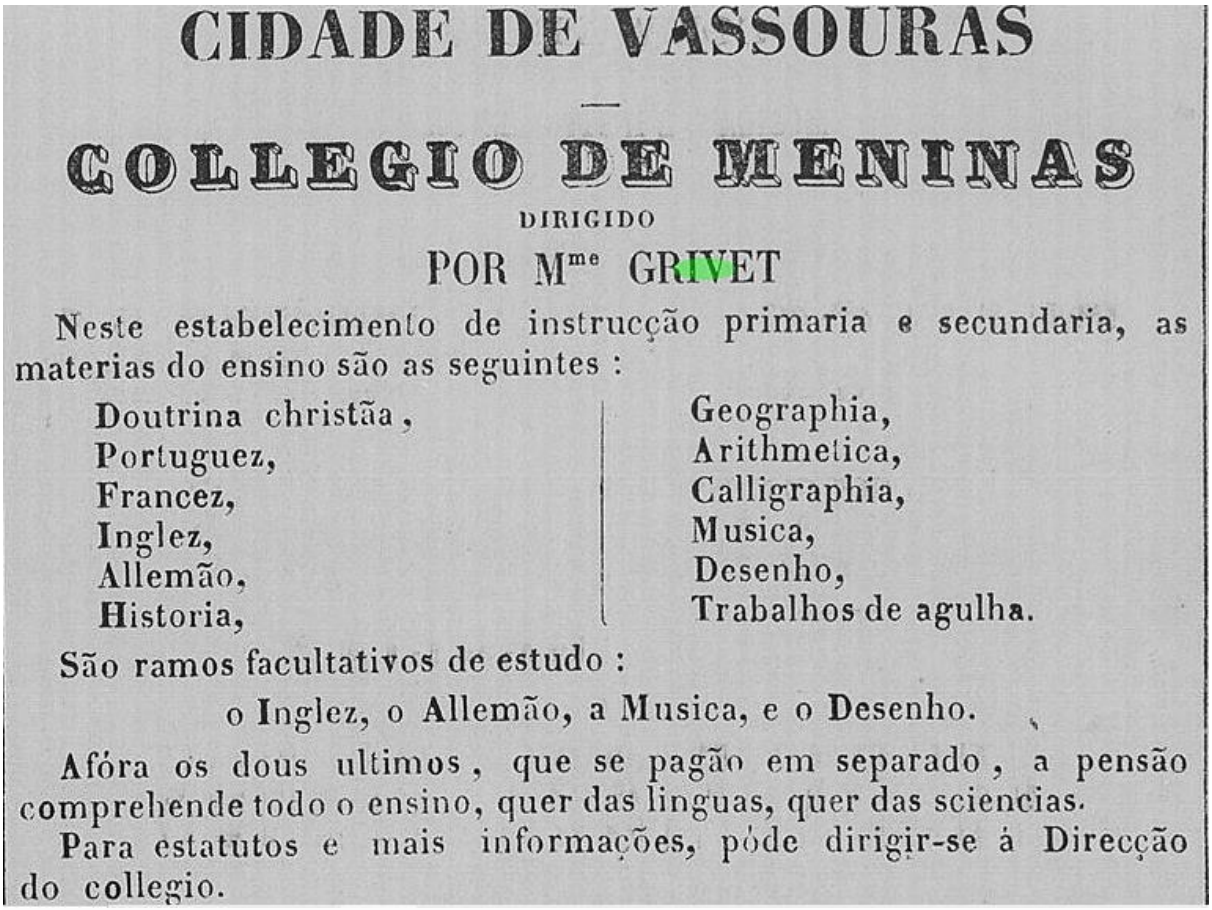
Collegios de meninas.

Director—José Luiz de Souza Braga.

(Ensinão-se: primeiras letras, francez, piano e canto, e tudo o mais que é mister para a educação, etc.)

Collegio de meninas de Mme Grivet; ensina-se tudo o que é necessario para a educação de meninas. — Vid. um artigo mais extenso nos collegios da côrte.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1859\Edição 00016 (3)



CIDADE DE VASSOURAS

—

COLLEGIO DE MENINAS

DIRIGIDO

POR Mme GRIVET

Neste estabelecimento de instrucção primaria e secundaria, as materias do ensino são as seguintes:

Doutrina christãa,	Geographia,
Portuguez,	Arithmetica,
Francez,	Calligraphia,
Inglez,	Musica,
Allemão,	Desenho,
Historia,	Trabalhos de agulha.

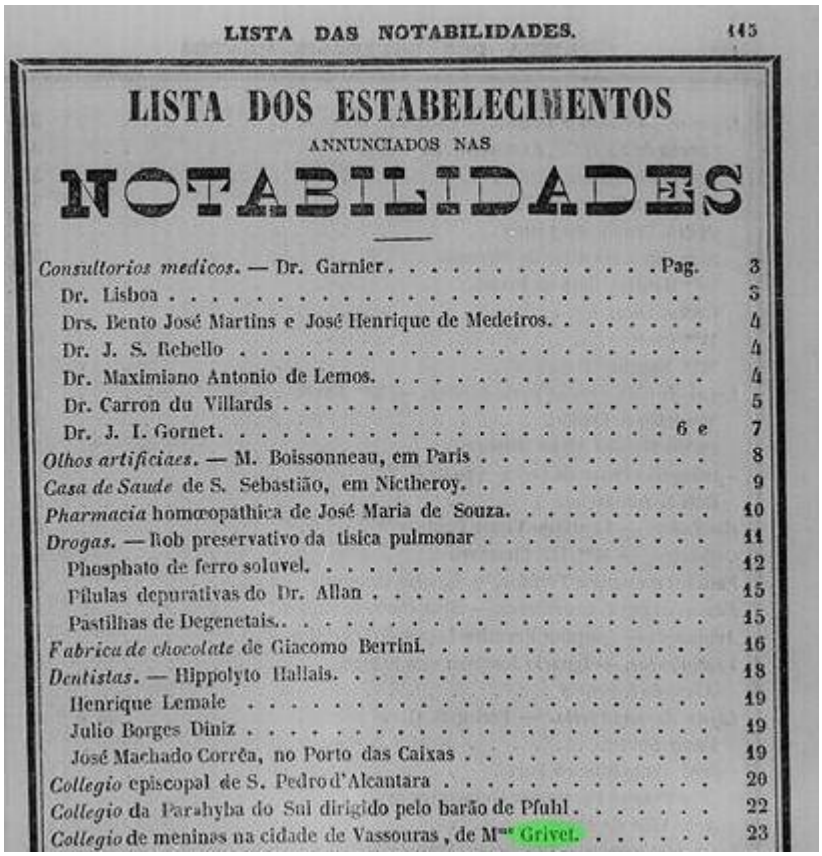
São ramos facultativos de estudo:

o Inglez, o Allemão, a Musica, e o Desenho.

Afóra os dous ultimos, que se pagão em separado, a pensão comprehende todo o ensino, quer das linguas, quer das sciencias.

Para estatutos e mais informações, póde dirigir-se á Direcção do collegio.

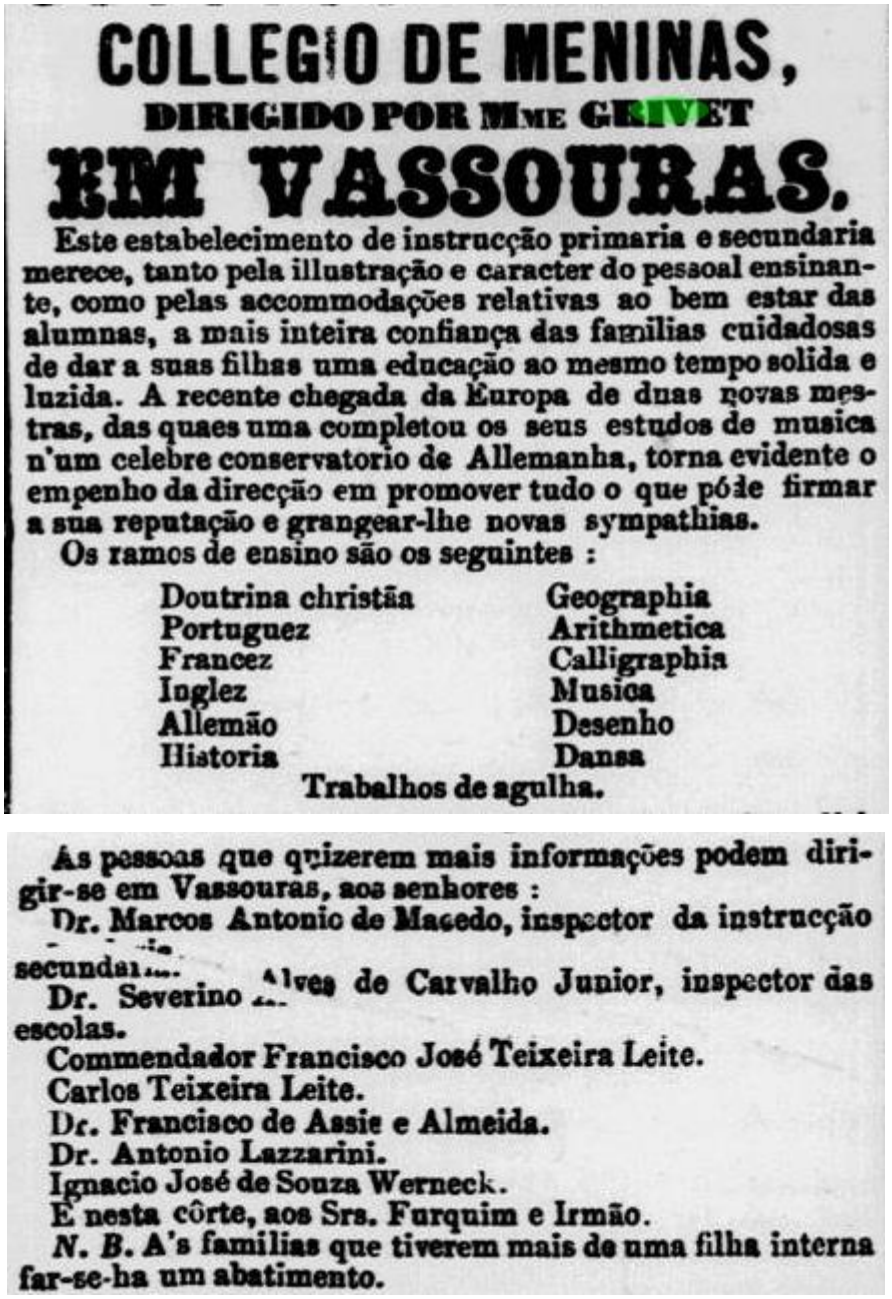
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1859\Edição 00016 (3)



LISTA DOS ESTABELECIMENTOS
ANNUNCIADOS NAS
NOTABILIDADES

Consultorios medicos. — Dr. Garnier . . . . . Pag. 3
Dr. Lisboa 3
Drs. Bento José Martins e José Henrique de Medeiros. 4
Dr. J. S. Rebello 4
Dr. Maximiano Antonio de Lemos. 4
Dr. Carron du Villards 5
Dr. J. I. Gornet. . . . . 6 e 7
Olhos artificiaes. — M. Boissonneau, em Paris 8
Casa de Saude de S. Sebastião, em Nictheroy. 9
Pharmacia homœopathica de José Maria de Souza. 10
Drogas. — Rob preservativo da tisica pulmonar 11
Phosphato de ferro soluvel. 12
Pilulas depurativas do Dr. Allan 15
Pastilhas de Degenetais.. 15
Fabrica de chocolate de Giacomo Berrini. 16
Dentistas. — Hippolyto Hallais. 18
Henrique Lemale 19
Julio Borges Diniz 19
José Machado Corrêa, no Porto das Caixas 19
Collegio episcopal de S. Pedro d'Alcantara 20
Collegio da Parahyba do Sul dirigido pelo barão de Pfuhl 22
Collegio de meninas na cidade de Vassouras, de M^me^ Grivet. 23

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1859\Edição 00016 (3)



COLLEGIO DE MENINAS,

DIRIGIDO POR Mme GRIVET

EM VASSOURAS.

Este estabelecimento de instrucção primaria e secundaria merece, tanto pela illustração e caracter do pessoal ensinante, como pelas accommodações relativas ao bem estar das alumnas, a mais inteira confiança das familias cuidadosas de dar a suas filhas uma educação ao mesmo tempo solida e luzida. A recente chegada da Europa de duas novas mestras, das quaes uma completou os seus estudos de musica n'um celebre conservatorio de Allemanha, torna evidente o empenho da direcção em promover tudo o que póde firmar a sua reputação e grangear-lhe novas sympathias.

Os ramos de ensino são os seguintes :

Doutrina christãa	Geographia
Portuguez	Arithmetica
Francez	Calligraphia
Inglez	Musica
Allemão	Desenho
Historia	Dansa

Trabalhos de agulha.

As pessoas que quizerem mais informações podem dirigir-se em Vassouras, aos senhores :

Dr. Marcos Antonio de Macedo, inspector da instrucção secundaria.

Dr. Severino Alves de Carvalho Junior, inspector das escolas.

Commendador Francisco José Teixeira Leite.

Carlos Teixeira Leite.

Dr. Francisco de Assis e Almeida.

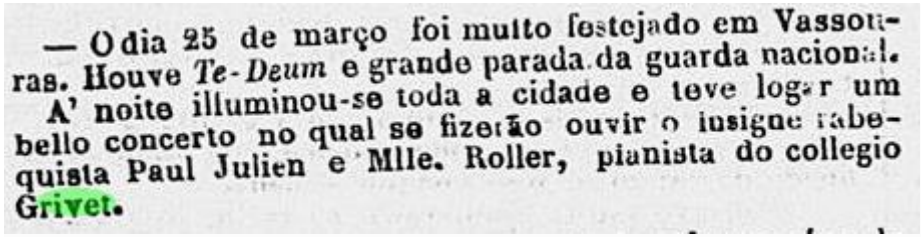
Dr. Antonio Lazzarini.

Ignacio José de Souza Werneck.

E nesta côrte, aos Srs. Furquim e Irmão.

N. B. A's familias que tiverem mais de uma filha interna far-se-ha um abatimento.

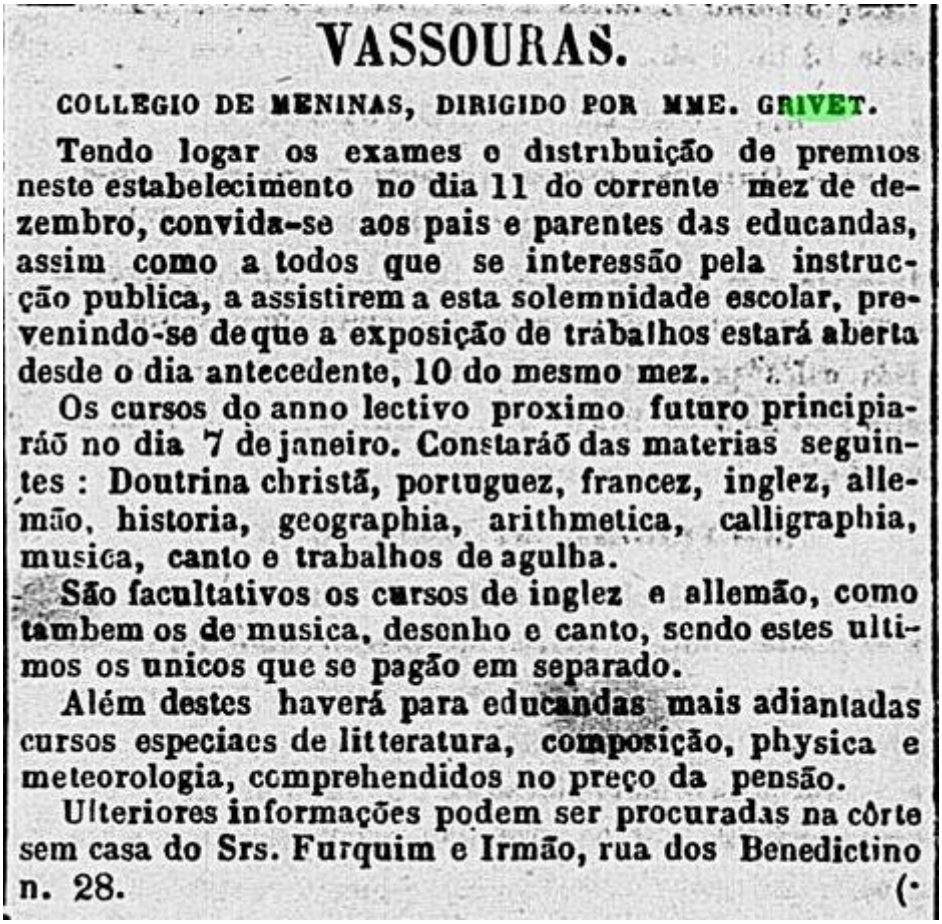
Jornal do Commercio - Ano 1859\Edição 00064 (1)



— O dia 25 de março foi muito festejado em Vassouras. Houve *Te-Deum* e grande parada da guarda nacional.

A' noite illuminou-se toda a cidade e teve logar um bello concerto no qual se fizerão ouvir o insigne rabequista Paul Julien e Mlle. Roller, pianista do collegio Grivet.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1860\Edição 00089 (1)



VASSOURAS.

COLLEGIO DE MENINAS, DIRIGIDO POR MME. GRIVET.

Tendo logar os exames e distribuição de premios neste estabelecimento no dia 11 do corrente mez de dezembro, convida-se aos pais e parentes das educandas, assim como a todos que se interessão pela instrucção publica, a assistirem a esta solemnidade escolar, prevenindo-se de que a exposição de trabalhos estará aberta desde o dia antecedente, 10 do mesmo mez.

Os cursos do anno lectivo proximo futuro principiarão no dia 7 de janeiro. Constarão das materias seguintes: Doutrina christã, portuguez, francez, inglez, allemão, historia, geographia, arithmetica, calligraphia, musica, canto e trabalhos de agulha.

São facultativos os cursos de inglez e allemão, como tambem os de musica, desenho e canto, sendo estes ultimos os unicos que se pagão em separado.

Além destes haverá para educandas mais adiantadas cursos especiaes de litteratura, composição, physica e meteorologia, comprehendidos no preço da pensão.

Ulteriores informações podem ser procuradas na côrte sem casa do Srs. Furquim e Irmão, rua dos Benedictino n. 28.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1860\Edição 00336 (1)

COMMUNICADO.

Olho vivo.

A população do Rio de Janeiro está demonstrando com o seu vivo interesse pelas eleições que não é fundada a accusação do indifferentismo que lhe dirigião. Necessario é comtudo que a vigilancia não se limite á questão presente, e nos acautelemos desde já contra fraudes futuras.

Se os meios organisados para a eleição de hoje se empregarem em janeiro em vigiar a moralidade das qualificações, a raça dos phosphoros póde ser exterminada, com prejuizo unicamente da policia papal.

Quando em 1840 se promovia a maioridade, o chefe dos olygarchas declarou que a camara, porventura eleita sob os auspicios de uma politica liberal seria dissolvida.

E foi dissolvida, antes de installada

E' papa preste

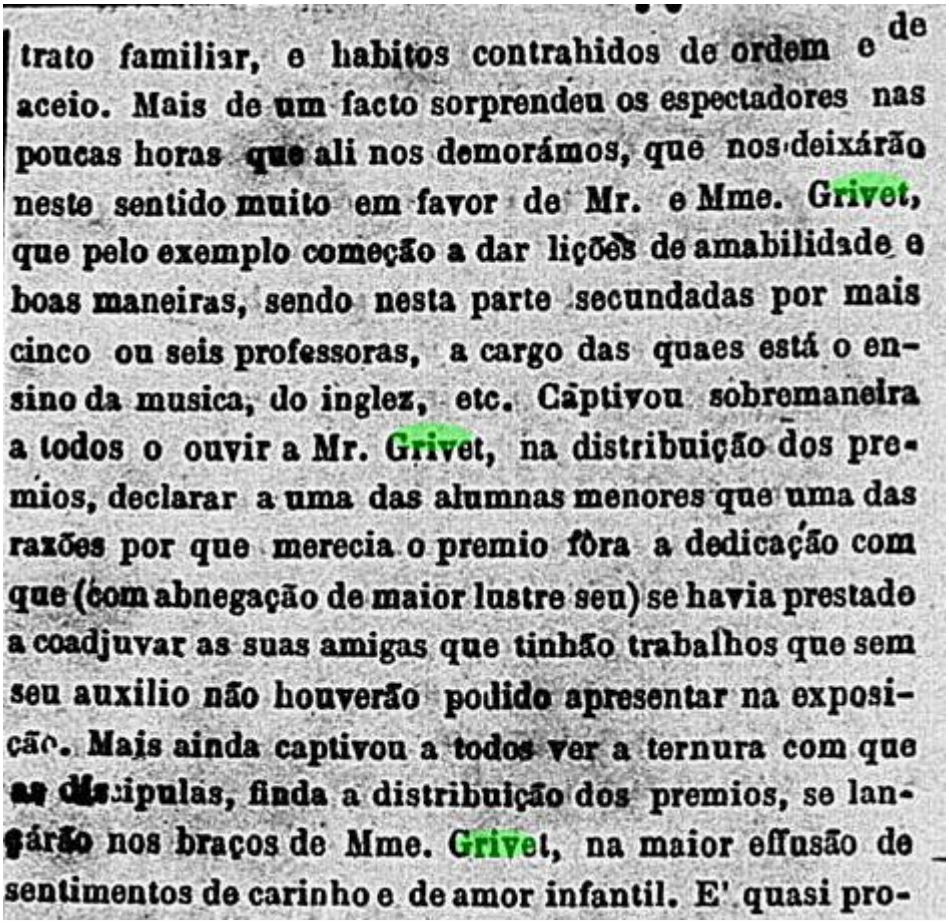
lora abaladiça desde

ravel por tudo, excepto pela salubridade de seu clima, principalmente para a infancia. Pela minha parte tinha eu até muitas vezes ouvido lamentar e lamentado que, em meio de tantos collegios de meninos em Petropolis e Nova Friburgo, não houvesse tambem algum de meninas, e sabia que um estabelecimento semelhante fundado nesta ultima povoação pelo Sr. Pinheiro e sua familia, não havia podido vingar.

Agora, porém, sei que só aqui em Vassouras ha nada menos que dous: o da Sra. Braga e o de Mme. Grivet. Não conheço ainda o primeiro, e sei que nesta cidade umas familias são partidarias de um e outras de outro, o que, desde logo, é um bom signal a favor de ambos, e uma garantia de que pelo estimulo, os dous hão de tratar de aperfeiçoar-se cada vez mais, como succede nos collegios de meninos de Petropolis e Nova-Friburgo. Os habitantes de Vassouras são, pois, os primeiros interessados em fazer votos pela continuação da existencia dos dous estabelecimentos, em vez de desejarem só triumpho completo de um delles. E' conservar Carthago para melhor poder sustentar o valor dos romanos. O clima de Vassouras, embora menos frio que o de Petropolis e o de Nova-Friburgo, é muito sadio. Os ares são mui puros; o horizonte em varias direcções é dos mais abertos no meio das morrarias desta nossa Suissa, que assim podemos chamar, todo este districto de serra acima, descortinão-se até as serras do districto de Valença, além do Parahyba. Dos dous estabelecimentos mencionados tive já occasião de visitar o de Mm. Grivet, e no melhor ensejo possivel; pois foi em um dia de exame. Assistião as primeiras fa-

pois foi em um dia de exame. Assistião as primeiras familias de Vassouras, e o concurso era numeroso e brilhante. Em uma das salas do estabelecimento estavão expostos os trabalhos de agulha e bordados das alumnas, entre os quaes se vião alguns verdadeiramente admiraveis, da filha mais velha do Sr. commendador Furquim, e das duas filhas do Sr. Dr. Teixeira. No francez, ainda as discipulas menores, nos parecerão muito adiantadas, fallando-o até algumas dellas, com muita facilidade e correcção. No inglez, e tambem no piano, levou a palma e obteve o primeiro premio D. Ercilia Lazzarini. Na geographia e na analyse grammatical admirei o adiantamento da menina D. Luiza Furquim de Almeida, que tambem deu de si muito boa conta no piano, e em leitura de inglez.

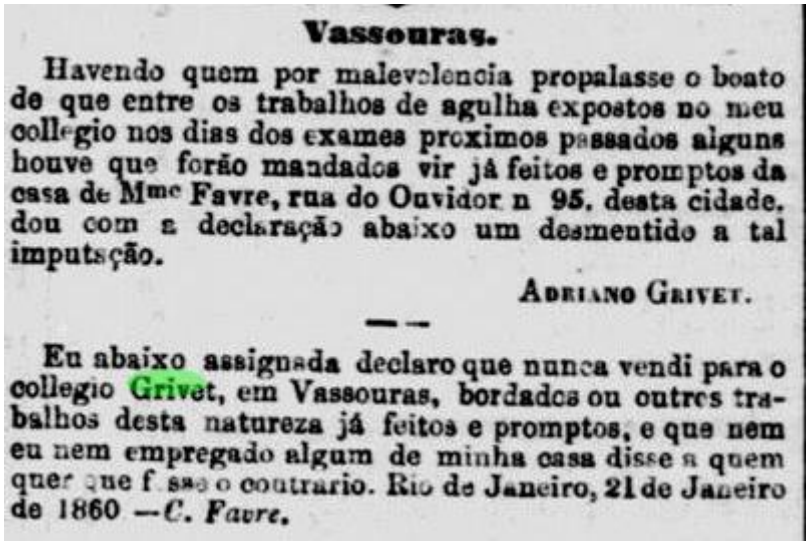
Porém em abono da verdade, o que mais gostei no collegio Grivet, foi ver que nelles não se entende só por educação de uma menina, o cultivar-lhe simplesmente, quanto possivel, o espirito, com as doutrinas das aulas, descuidando a outra parte não menos essencial do ensino, que tem por fim inspirar-lhe [illegible] no genio, maneiras distinctas ou



trato familiar, e habitos contrahidos de ordem e de aceio. Mais de um facto sorprendeu os espectadores nas poucas horas que ali nos demorámos, que nos deixárão neste sentido muito em favor de Mr. e Mme. Grivet, que pelo exemplo começão a dar lições de amabilidade e boas maneiras, sendo nesta parte secundadas por mais cinco ou seis professoras, a cargo das quaes está o ensino da musica, do inglez, etc. Captivou sobremaneira a todos o ouvir a Mr. Grivet, na distribuição dos premios, declarar a uma das alumnas menores que uma das razões por que merecia o premio fôra a dedicação com que (com abnegação de maior lustre seu) se havia prestado a coadjuvar as suas amigas que tinhão trabalhos que sem seu auxilio não houverão podido apresentar na exposição. Mais ainda captivou a todos ver a ternura com que as discipulas, finda a distribuição dos premios, se lançárão nos braços de Mme. Grivet, na maior effusão de sentimentos de carinho e de amor infantil. E' quasi pro-

sentimentos de carinho e de amor infantil. E' quasi proverbial em Vassouras, que as meninas gostão mais de estar no collegio de Grivet que falhar algum dia em suas proprias casas. E que missão mais gloriosa póde ter quem ensina, do que a de fazer inspirar aos seus discipulos o amor ao trabalho e ao estudo ? O collegio Grivet occupa um dos melhores sobrados da cidade de Vassouras

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1860\Edição 00360 (1)



Vassouras.

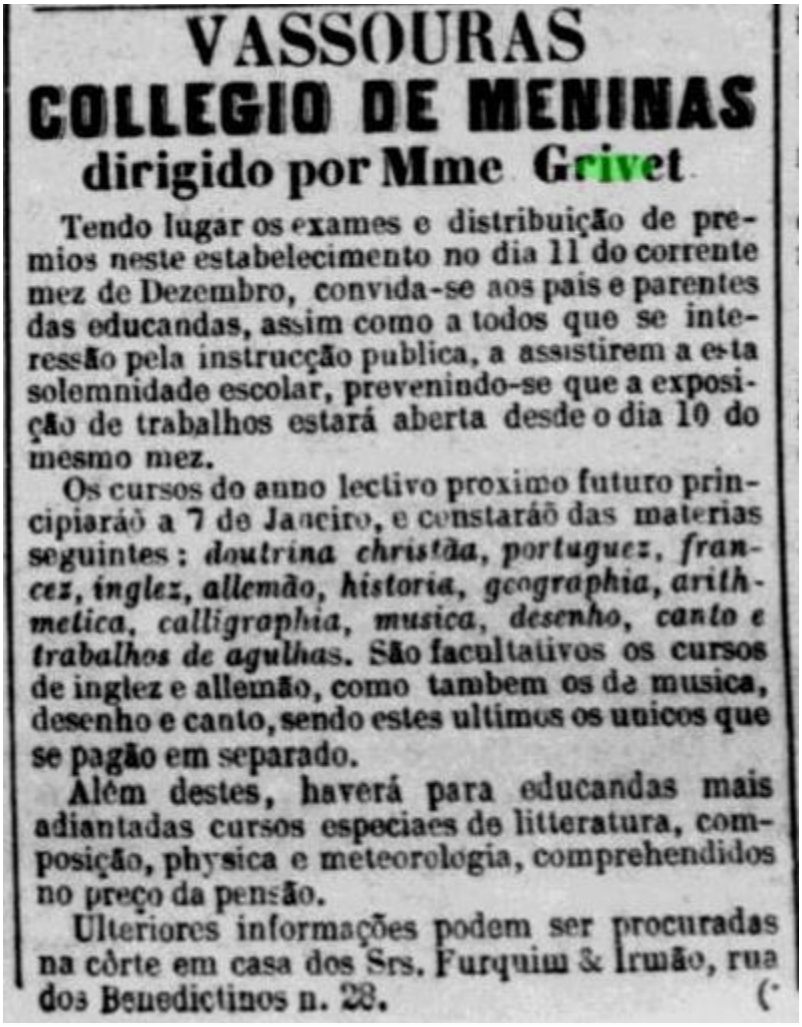
Havendo quem por malevolencia propalasse o boato de que entre os trabalhos de agulha expostos no meu collegio nos dias dos exames proximos passados alguns houve que forão mandados vir já feitos e promptos da casa de Mme Favre, rua do Ouvidor n 95. desta cidade. dou com a declaração abaixo um desmentido a tal imputação.

ADRIANO GRIVET.

— —

Eu abaixo assignada declaro que nunca vendi para o collegio Grivet, em Vassouras, bordados ou outros trabalhos desta natureza já feitos e promptos, e que nem eu nem empregado algum de minha casa disse a quem quer que fosse o contrario. Rio de Janeiro, 21 de Janeiro de 1860 —*C. Favre.*

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1860\Edição 00022 (1)



VASSOURAS

COLLEGIO DE MENINAS

dirigido por Mme Grivet

Tendo lugar os exames e distribuição de premios neste estabelecimento no dia 11 do corrente mez de Dezembro, convida-se aos pais e parentes das educandas, assim como a todos que se interessão pela instrucção publica, a assistirem a esta solemnidade escolar, prevenindo-se que a exposição de trabalhos estará aberta desde o dia 10 do mesmo mez.

Os cursos do anno lectivo proximo futuro principiarão a 7 de Janeiro, e constarão das materias seguintes: *doutrina christãa, portuguez, francez, inglez, allemão, historia, geographia, arithmetica, calligraphia, musica, desenho, canto e trabalhos de agulhas.* São facultativos os cursos de inglez e allemão, como tambem os de musica, desenho e canto, sendo estes ultimos os unicos que se pagão em separado.

Além destes, haverá para educandas mais adiantadas cursos especiaes de litteratura, composição, physica e meteorologia, comprehendidos no preço da pensão.

Ulteriores informações podem ser procuradas na côrte em casa dos Srs. Furquim & Irmão, rua dos Benedictinos n. 28.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1860\Edição 00333 (1)

VASSOURAS.

COLLEGIO DE MENINAS

dirigido por Mme. Grivet.

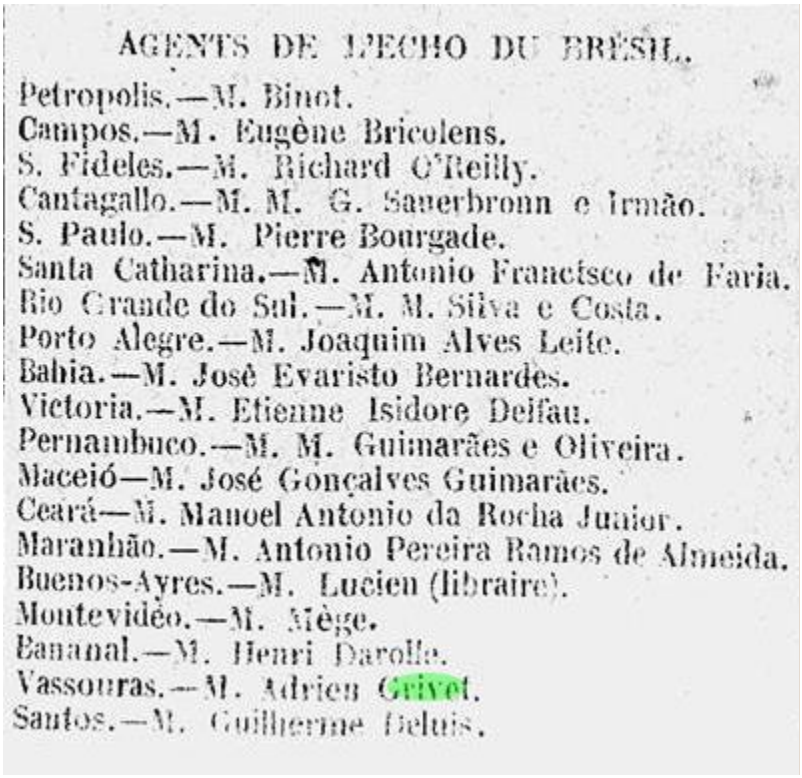
Tendo lugar os exames e distribuição de premios neste estabelecimento no dia 11 do corrente mez de Dezembro, convida-se aos pais e parentes das educandas, assim como a todos que se interessão pela instrucção publica, a assistirem a esta solemnidade escolar, prevenindo-se que a exposição de trabalhos estará aberta desde o dia 10 do mesmo mez.

Os cursos do anno lectivo proximo futuro principiarão a 7 de Janeiro, e constarão das materias seguintes: *doutrina christã, portuguez, francez, inglez, allemão, historia, geographia, arithmetica, calligraphia, musica, desenho, canto e trabalhos de agulhas.* São facultativos os cursos de inglez e allemão, como tambem os de musica, desenho e canto, sendo estes ultimos os unicos que se pagão em separado.

Além destes, haverá para educandas mais adiantadas cursos especiaes de litteratura, composição, physica e meteorologia, comprehendidos no preço da pensão.

Ulteriores informações podem ser procuradas na côrte em casa dos Srs. Furquim & Irmão, rua dos Benedictinos n. 28. (*

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1860\Edição 00334 (1)



AGENTS DE L'ECHO DU BRÉSIL.

Petropolis.—M. Binot.
Campos.—M. Eugène Bricolens.
S. Fideles.—M. Richard O'Reilly.
Cantagallo.—M. M. G. Sauerbronn e Irmão.
S. Paulo.—M. Pierre Bourgade.
Santa Catharina.—M. Antonio Francisco de Faria.
Rio Grande do Sul.—M. M. Silva e Costa.
Porto Alegre.—M. Joaquim Alves Leite.
Bahia.—M. José Evaristo Bernardes.
Victoria.—M. Etienne Isidore Delfau.
Pernambuco.—M. M. Guimarães e Oliveira.
Maceió—M. José Gonçalves Guimarães.
Ceará—M. Manoel Antonio da Rocha Junior.
Maranhão.—M. Antonio Pereira Ramos de Almeida.
Buenos-Ayres.—M. Lucien (libraire).
Montevidéo.—M. Mège.
Bananal.—M. Henri Darolle.
Vassouras.—M. Adrien Grivet.
Santos.—M. Guilherme Deluis.

L'Écho du Brésil: Et de L'Amerique du Sud - Ce Journal parait tous dimanches (RJ) - Ano 1860\Edição 00045 (1)

Nada tenho a accrescentar ás considerações que fiz no relatorio do anno passado ácerca deste importante ramo da administração provincial.

E' certo que ainda não attingimos ao melhoramento das habilitações que deve ter a classe dos professores; e, salvas honrosas excepções, ainda ha muito a desejar a esse respeito. Só a acção do tempo, as frequentes visitas do director e dos inspectores das escolas, e, melhorando o nosso estado financeiro, a execução do artigo da lei de 4 de fevereiro de 1859, que crêa uma escola normal, poderão ir remediando taes inconvenientes.

A instrucção publica primaria é fornecida por 191 escolas, das quaes 119 são destinadas ao sexo masculino, e 72 ao feminino.

149 estão providas de professores effectivos, e das 42 restantes, 18 são regidas interinamente, sendo 9 do sexo masculino, e 9 do feminino, e estão vagas 24, sendo 10 de meninos, e 14 de meninas.

Funccionão portanto 167 escolas, sendo 58 do sexo feminino, e 109 do masculino.

Durante o anno findo matricularão-se nestas 3.858 alumnos, e naquellas 1.474: ao todo 5.332.

Houve um accrescimo de 278 alumnos sobre as matriculas do anno de 1859, sendo de 189 nas escolas do sexo masculino, e de 89 nas do feminino.

Forão approvados em exames publicos 169 alumnos, sendo 125 do sexo masculino, e 44 do feminino. E' este algarismo inferior ao dos discipulos approvados em 1859, o qual subiu a 263. Esta differença porém explica-se pela suspensão mais ou menos prolongada do ensino em grande numero de escolas, em consequencia de accessos obtidos pelos respectivos professores de umas para outras classes.

Pelo que respeita á instrucção publica secundaria, pouco lisonjeiro, se não desanimador, é o seu estado, caminhando em sensivel decadencia.

Com a extincção dos Lyceus pelo art. 36 da lei n.º 1.127 de 4 de fevereiro de 1859, continuárão os professores a leccionar em aulas avulsas as materias, de que se occupavão.

Essas aulas estão assim collocadas: 4 em Angra dos Reis, destinadas ao ensino da lingua latina, mathematicas, françez, e philosophia—, 6 na cidade de Campos, onde se ensina as linguas latina, e franceza, geographia, historia, philosophia, mathematicas e rhetorica; uma de latim na villa de Itaborahy; e uma de inglez na cidade de Nitherohy.

A' excepção da cadeira de philosophia em Angra, e das de philosophia e rhetorica, em Campos, nas quaes o ensino está suspenso por falta de alumnos, as outras funccionão com muito limitada frequencia, e sem nenhum resultado conhecido.

De todas estas cadeiras uma unica mereceu ser conservada; é a da lingua latina da cidade de Campos. As informações ministradas pelo director da instrucção sobre a proficiencia do professor e os brilhantes resultados que annualmente colhe dos esforços que emprega para o aproveitamento de seus discipulos, são assás lisonjeiros, e de sobra justificão a conveniencia de sua conservação.

Não é satisfactorio o estado da instrucção primaria e secundaria particular: é, porém, de esperar que vá progressivamente melhorando.

São faceis de remover as causas que teem enervado o seu desenvolvimento: está providenciado na lei n.º 1.127, e no regulamento de 24 de setembro de 1859, quanto basta para prevenir que o ensino desça da altura de um sacerdocio a uma especulação lucrativa, e que os esforços dedicados da administração sejão illudidos pelos directores dos estabelecimentos de instrucção particular.

Organisada convenientemente a inspecção desses estabelecimentos, e dependendo a abertura delles de escrupulosos exames, porque devem passar os directores e mestres, a instrucção necessariamente se desenvolverá, e os resultados que produzir compensarão os cuidados da administração, e corresponderão aos votos da provincia.

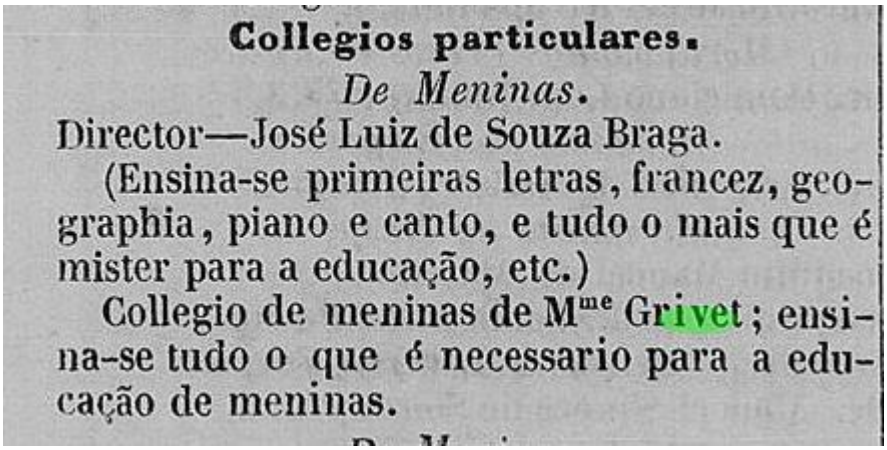
Insufficientes são as informações sobre este ponto ministradas pela directoria de instrucção: muito poucos professores remetterão os mappas dos alumnos admittidos á matricula.

Dos dados, que forão presentes, collige-se que em 3 escolas do sexo feminino se matricularão 90 alumnos, e 105 em 5 do masculino.

Em 4 collegios de meninas matricularão-se 134 alumnas; e 7 do masculino forão frequentadas por 638 discipulos. Estes algarismos dão a somma de 967, divididos do seguinte modo: 743 do sexo masculino, 224 do feminino.

Deverião completar este quadro exactas noticias, sobre o aproveitamento dos alumnos: entretanto ainda neste ponto são deficientes as informações, visto como os professores se julgárão dispensados de enviar os mappas de frequencia, e exames de seus alumnos. Sei, porém, por informações officiaes que, destes collegios, alguns ha que com razão merecem o favor publico, e que nelles a mocidade adquire, a par de uma educação desvelada, instrucção regular.

Posso declarar que se achão nesse caso os de Vassouras do Dr. Fernandes, e da Sra. D. Marianna Braga, bem como o de Mr. Grivet, os quaes visitei em agosto do anno passado, quando alli me achei.



Collegios particulares.

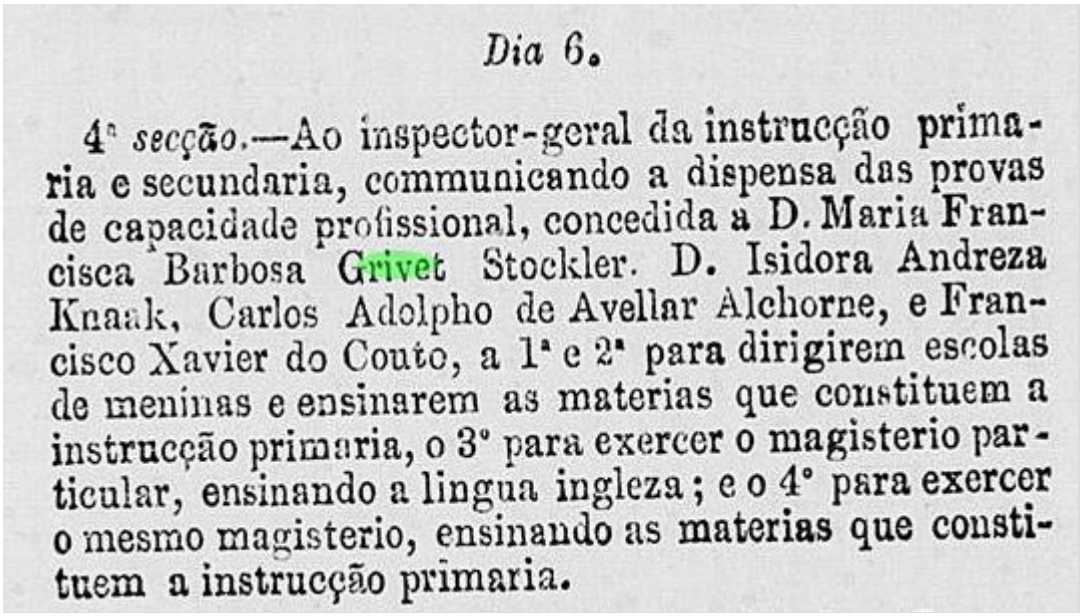
De Meninas.

Director—José Luiz de Souza Braga.

(Ensina-se primeiras letras, francez, geographia, piano e canto, e tudo o mais que é mister para a educação, etc.)

Collegio de meninas de M^me^ Grivet; ensina-se tudo o que é necessario para a educação de meninas.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1861\Edição 00018 (2)



Dia 6.

4ª *secção.*—Ao inspector-geral da instrucção primaria e secundaria, communicando a dispensa das provas de capacidade profissional, concedida a D. Maria Francisca Barbosa Grivet Stockler. D. Isidora Andreza Knaak, Carlos Adolpho de Avellar Alchorne, e Francisco Xavier do Couto, a 1ª e 2ª para dirigirem escolas de meninas e ensinarem as materias que constituem a instrucção primaria, o 3° para exercer o magisterio particular, ensinando a lingua ingleza; e o 4° para exercer o mesmo magisterio, ensinando as materias que constituem a instrucção primaria.

Boletim do Expediente do Governo: Ministerio do Imperio (RJ) - Ano 1861\Edição 00028 (1)

COLLEGIO DE MENINAS

DIRIGIDO POR

Mme GRIVET.

Tendo as recentes chuvas e o máo estado das estradas forçosamente demorado por alguns dias a transferencia deste estabelecimento de Vassouras para a côrte, informa-se aos pais que pretenderem confiar-lhe as suas filhas, que a abertura dos cursos não poderá ter logar a 7 do presente mez, como foi primitivamente assentado, mas sim um pouco mais tarde e em dia que será annunciado por esta folha.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1862\Edição 00001 (1)

COLLEGIO DE MENINAS

DIRIGIDO POR

Mme GRIVET.

Tendo as recentes chuvas e o máo estado das estradas forçosamente demorado por alguns dias a transferencia deste estabelecimento de Vassouras para a côrte, informa-se aos pais que pretenderem confiar-lhe as suas filhas, que a abertura dos cursos não poderá ter logar a 7 do presente mez, como foi primitivamente assentado, mas sim um pouco mais tarde e em dia que será annunciado por esta folha.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1862\Edição 00002 (1)

COLLEGIO DE MENINAS

DIRIGIDO POR

Mme GRIVET

Tendo as recentes chuvas e o máo estado das estradas forçosamente demorado por alguns dias a transferencia deste estabelecimento de Vassouras para a côrte, informa-se aos pais que pretenderem confiar-lhe as suas filhas, que a abertura dos cursos não poderá ter logar a 7 do presente mez, como foi primitivamente assentado, mas sim um pouco mais tarde e em dia que será annunciado por esta folha.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1862\Edição 00003 (1)

COLLEGIO DE MENINAS,

DIRIGIDO POR

M.me GRIVET,

8 C RUA DE S. CLEMENTE 8 C

Os cursos deste estabelecimento principião a 3 de fevereiro proximo futuro.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1862\Edição 00034 (1)

COLLEGIO DE MEN NAS

DIRIGIDO POR Mme GRIVET.

Tendo as recentes chuvas e o máo estado das estradas forço-amente demorado por alguns dias a transferencia deste estabelecimento de Vassouras para a côrte, informa-se aos pais que pretenderem confiar-lhes as suas filhas, que a abertura dos cursos não poderá ter lugar a 7 do presente mez, como foi primitivamente assentado, mas sim um pouco mais tarde, e em dia que será annunciado por esta folha.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1862\Edição 00003 (1)

COLLEGIO DE MENINAS
DIRIGIDO POR Mme GRIVET
8 C Rua de S. Clemente 8 C
Os cursos deste estabelecimento principião a 3 de
Fevereiro proximo futuro.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1862\Edição 00029 (1)

COLLEGIO DE MENINAS
DIRIGIDO
POR Mme GRIVET
8 C Rua de S. Clemente 8 C
Os cursos deste estabelecimento principião a 3 de
Fevereiro proximo futuro.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1862\Edição 00033 (1)

tres, a instrucção necessariamente se desenvolverá, e os resultados que produzir compensarão os cuidados da administração e corresponderão aos votos da provincia.

« Insufficientes são as informações sobre este ponto ministradas pela directoria de instrucção: muito poucos professores remettêrão os mappas dos alumnos admittidos á matricula.

« Dos dados que forão presentes colligio-se que em 3 escolas do sexo feminino se matriculárão 90 alumnos, 105 em 5 do masculino.

« Em 4 collegios de meninas matriculárão-se 131 alumnas, e 7 do masculino forão frequentadas por 638 discipulos. Estes algarismos dão a somma de 967, divididos do seguinte modo: 713 do sexo masculino, 221 do feminino.

« Deverião completar este quadro exactas noticias sobre o aproveitamento dos alumnos: entretanto ainda neste ponto são deficientes as informações, visto como os professores se julgárão dispensados de enviar os mappas de frequencia e exames dos seus alumnos. Sei porém por informações officiaes que, destes collegios, algum ha que com razão merecem o favor publico, e que nelles a mocidade adquire, a par de uma educação desvelada, instrucção regular.

« Posso declarar que se achão nesse caso os de Vasconcellos, do Dr. Fernandes, e da Sra. D. Marianna Braga, bem como o de Mr. Grivet, os quaes visitei em Agosto do anno passado, quando alli me achei. »

Ainda mais do que em outra qualquer provincia, era e é na do Rio de Janeiro o estado das finanças a questão vital; porque grandes despezas menos prudentemente effectuadas e pouco fructuosas determinárão uma situação rainosa, mas felizmente não desesperada.

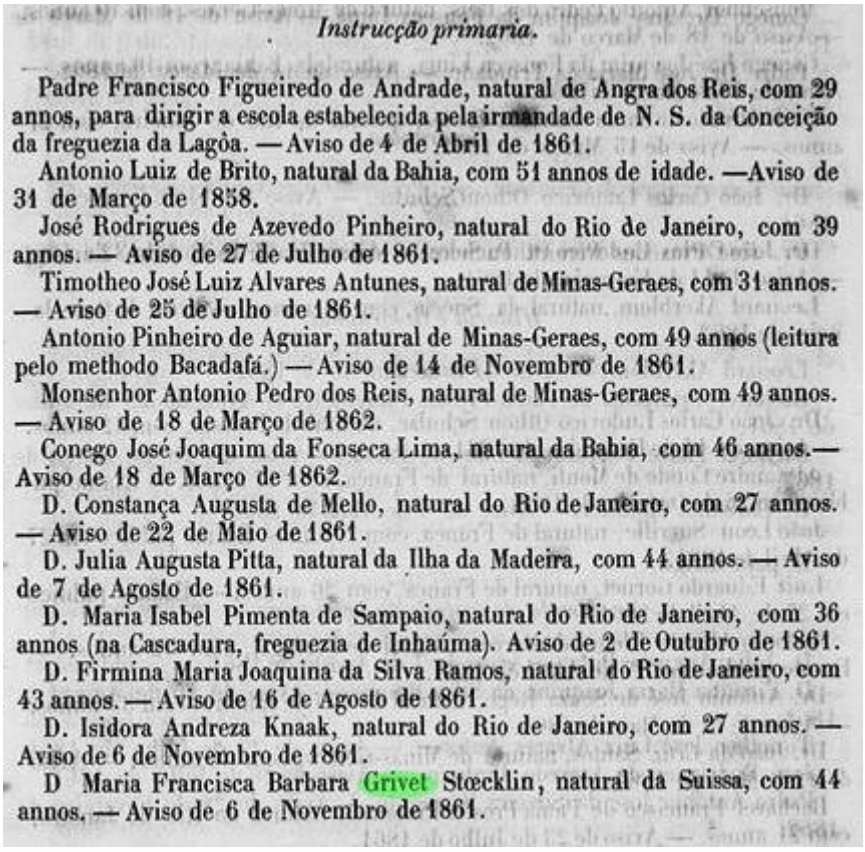
Abundando em esclarecimentos a tal respeito, os relatorios com que o ultimo presidente da provincia entregou a administração ao vice-presidente e o que este

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1862\Edição 00144 (1)

já tenho tido occasião de declarar.

Não obstante porém a falta de professores exclusivamente dedicados ao magisterio é um dos obstaculos com que todos lutão em geral.

Durante o anno proximo passado habilitárão-se nos exames, a que se continúa a proceder em Abril e Outubro, na fórma das instrucções de 5 de Janeiro de 1855, e preenchidas as disposições do regulamento, forão considerados em circumstancias de obter diploma de professor particular de



Instrucção primaria.

Padre Francisco Figueiredo de Andrade, natural de Angra dos Reis, com 29 annos, para dirigir a escola estabelecida pela irmandade de N. S. da Conceição da freguezia da Lagôa. — Aviso de 4 de Abril de 1861.

Antonio Luiz de Brito, natural da Bahia, com 51 annos de idade. —Aviso de 31 de Março de 1858.

José Rodrigues de Azevedo Pinheiro, natural do Rio de Janeiro, com 39 annos. — Aviso de 27 de Julho de 1861.

Timotheo José Luiz Alvares Antunes, natural de Minas-Geraes, com 31 annos. — Aviso de 25 de Julho de 1861.

Antonio Pinheiro de Aguiar, natural de Minas-Geraes, com 49 annos (leitura pelo methodo Bacadafá.) — Aviso de 14 de Novembro de 1861.

Monsenhor Antonio Pedro dos Reis, natural de Minas-Geraes, com 49 annos. — Aviso de 18 de Março de 1862.

Conego José Joaquim da Fonseca Lima, natural da Bahia, com 46 annos.— Aviso de 18 de Março de 1862.

D. Constança Augusta de Mello, natural do Rio de Janeiro, com 27 annos. — Aviso de 22 de Maio de 1861.

D. Julia Augusta Pitta, natural da Ilha da Madeira, com 44 annos. — Aviso de 7 de Agosto de 1861.

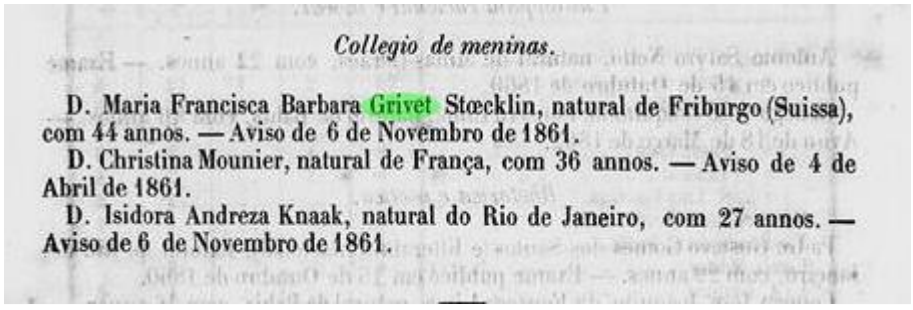
D. Maria Isabel Pimenta de Sampaio, natural do Rio de Janeiro, com 36 annos (na Cascadura, freguezia de Inhaúma). Aviso de 2 de Outubro de 1861.

D. Firmina Maria Joaquina da Silva Ramos, natural do Rio de Janeiro, com 43 annos. — Aviso de 16 de Agosto de 1861.

D. Isidora Andreza Knaak, natural do Rio de Janeiro, com 27 annos. — Aviso de 6 de Novembro de 1861.

D Maria Francisca Barbara Grivet Stœcklin, natural da Suissa, com 44 annos. — Aviso de 6 de Novembro de 1861.

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1862\Edição 00001 (4)



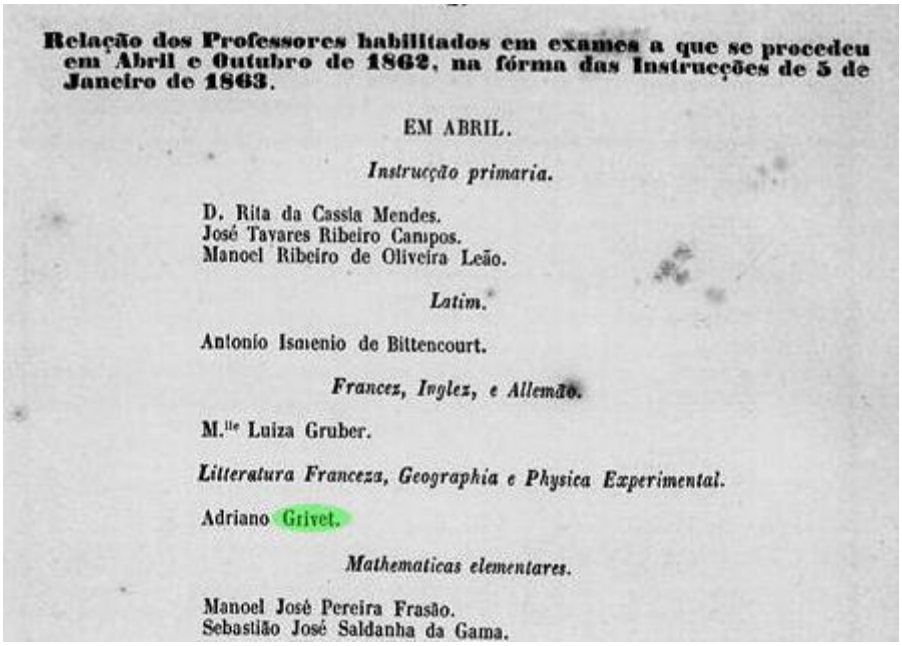
Collegio de meninas.

D. Maria Francisca Barbara Grivet Stœcklin, natural de Friburgo (Suissa), com 44 annos. — Aviso de 6 de Novembro de 1861.

D. Christina Mounier, natural de França, com 36 annos. — Aviso de 4 de Abril de 1861.

D. Isidora Andreza Knaak, natural do Rio de Janeiro, com 27 annos. — Aviso de 6 de Novembro de 1861.

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1862\Edição 00001 (4)



Relação dos Professores habilitados em exames a que se procedeu em Abril e Outubro de 1862, na fórma das Instrucções de 5 de Janeiro de 1863.

EM ABRIL.

Instrucção primaria.

D. Rita da Cassia Mendes.
José Tavares Ribeiro Campos.
Manoel Ribeiro de Oliveira Leão.

Latim.

Antonio Isaienio de Bittencourt.

Francez, Inglez, e Allemão.

M.lle Luiza Gruber.

Litteratura Franceza, Geographia e Physica Experimental.

Adriano Grivet.

Mathematicas elementares.

Manoel José Pereira Frasão.
Sebastião José Saldanha da Gama.

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1862\Edição 00001 (4)

Collegio de Mme. Grivet

8 C S. CLEMENTE 8 C

Abrem-se novamente os cursos a 12 do presente mez.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1863\Edição 00005 (1)

Collegio de Mme. Grivet

8 C S. CLEMENTE 8 C

Abrem-se novamente os cursos a 12 do presente mez.

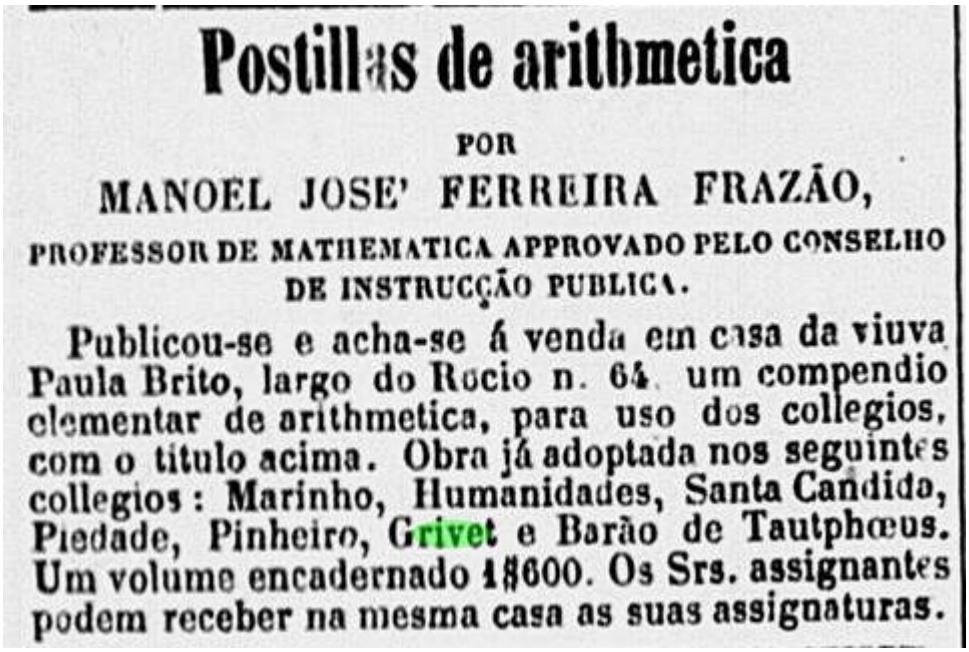
Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1863\Edição 00007 (1)

Collegio de Mme. Grivet

8 C S. CLEMENTE 8 C

Abrem-se novamente os cursos a 12 do presente mez.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1863\Edição 00011 (1)



Postillas de arithmetica

POR

MANOEL JOSE' FERREIRA FRAZÃO,

PROFESSOR DE MATHEMATICA APPROVADO PELO CONSELHO DE INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Publicou-se e acha-se á venda em casa da viuva Paula Brito, largo do Rocio n. 64, um compendio elementar de arithmetica, para uso dos collegios, com o titulo acima. Obra já adoptada nos seguintes collegios: Marinho, Humanidades, Santa Candida, Piedade, Pinheiro, Grivet e Barão de Tautphœus. Um volume encadernado 1$600. Os Srs. assignantes podem receber na mesma casa as suas assignaturas.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1863\Edição 00042 (1)

GRANDE CONCERTO

vocal e instrumental

DADO POR

Mme. Theodolinda Gesly

NO CLUB FLUMINENSE

HOJE

DOMINGO 25 DE OUTUBRO DE 1863.

Com o valioso concurso dos primeiros artistas lyricos e suas discipulas, do distincto rabiquista o Sr. André Gravestein, terminando com um elegante

BAILE FAMILIAR

1ª PARTE.

Fantasia da opera *Traviata*, a quatro mãos, executada por Mme. Gesly e uma discipula do collegio de Mme. Grivet.

Dueto da opera *Attila*, cantado pelos Srs. Celestino e Rossi.

Romance da opera *Bravo*, pelo Sr. Mazzi.

Fantasia do *Belisario*, por uma discipula do collegio de Mme. Groz'.

Grande aria de *Stabat Mater* de Rossini, pelo Sr. Arthur Gentil.

Cavatina do *Stabat Mater*, cantada por Mme. Gesly.

Romance de *Maria de Rudens*, cantado pelo Sr. Cervini.

Dueto da opera *Ernani*, pelo Sr. Mazzi e uma distincta dilletante.

Grande aria da opera *Attila*, cantada pelo Sr. Celestino.

Grande solo de rabeca, executado pelo Sr. Gravestien.

2ª PARTE.

Grande ouvertura da opera *Semiramide*, executada a quatro mãos por Mme. Gesly e a menina Maria Gotha.

Aria de *La refrain de la fleuse*, cantada por Mme. Gesly.

Fantasia sobre motivos da *Traviata*, executada por uma discipula de Mme. Grivet.

Aria da opera *Semiramide*, cantada pela Sra. D. Emilia Constança de Jesus Corrêa.

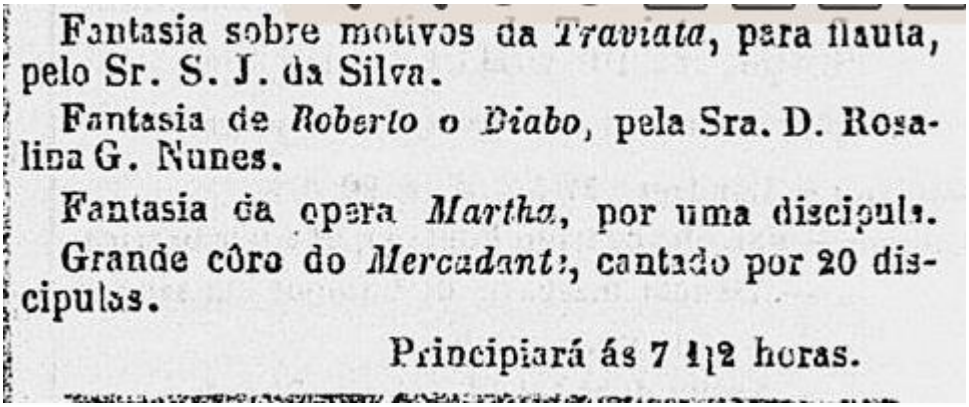
Cavatina da opera *Uberto conde de S. Bonifacio*, cantada pela Sra. D. Rosalina Gandi Nunes.

Romance da opera *Maria de Rohan*, pelo Sr. Cirvini.

Rondinhello de *Marco Visconti*, cantado por uma discipula.

Fantasia sobre motivos da *Traviata*, para flauta, pelo Sr. S. J. da Silva.

Fantasia de *Roberto o Diabo*, pela Sra. D. Rosalina G. Nunes.



Fantasia sobre motivos da *Traviata*, para flauta, pelo Sr. S. J. da Silva.

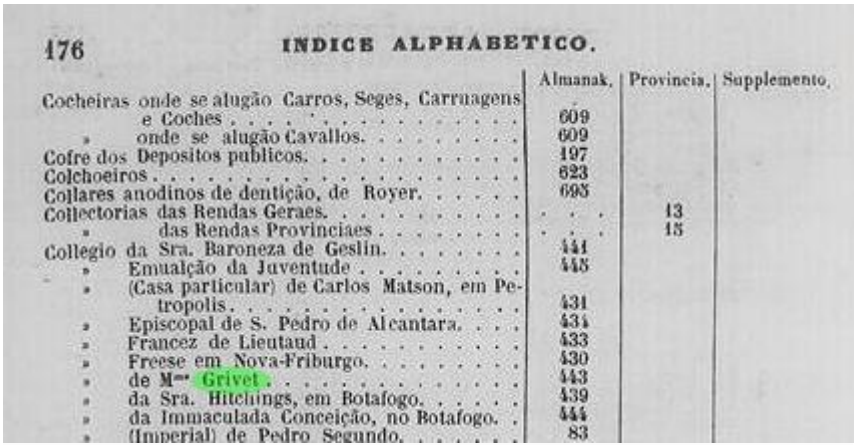
Fantasia de *Roberto o Diabo*, pela Sra. D. Rosalina G. Nunes.

Fantasia da opera *Martha*, por uma discipula.

Grande côro do *Mercadante*, cantado por 20 discipulas.

Principiará ás 7 1|2 horas.

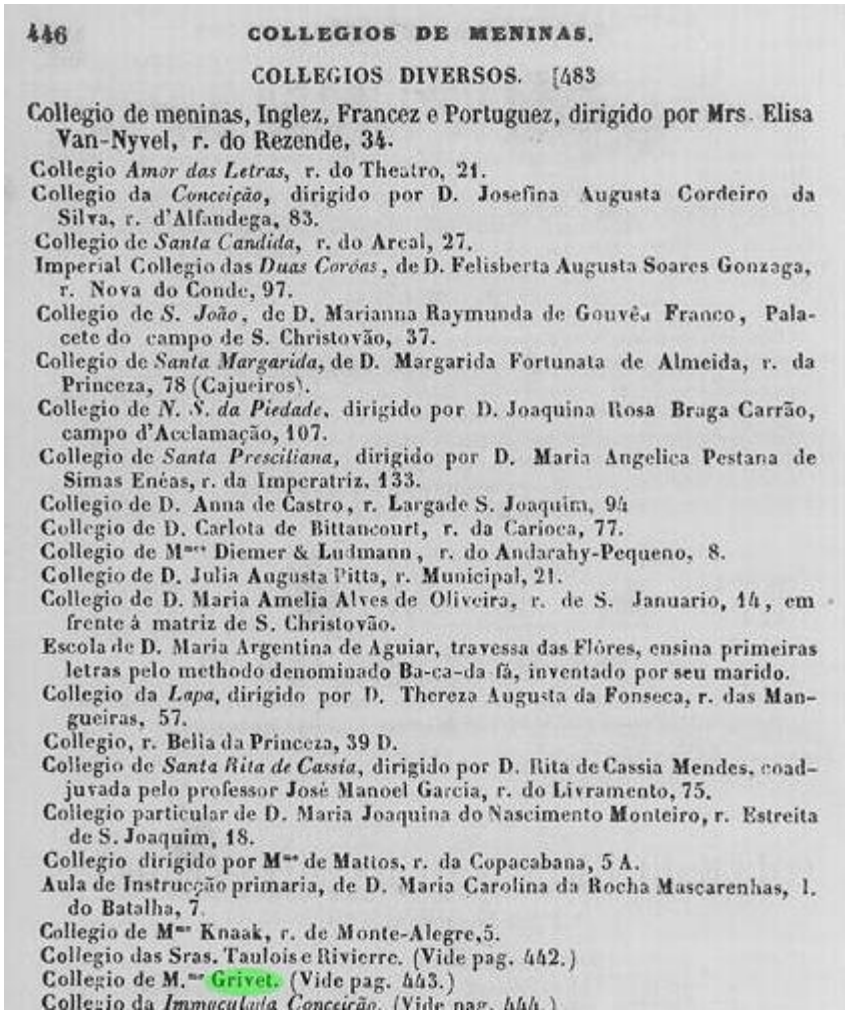
Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1863\Edição 00293 (1)



176 INDICE ALPHABETICO.

	Almanak.	Provincia.	Supplemento.
Cocheiras onde se alugão Carros, Seges, Carruagens e Coches	609		
» onde se alugão Cavallos	609		
Cofre dos Depositos publicos	197		
Colchoeiros	623		
Collares anodinos de dentição, de Royer	693		
Collectorias das Rendas Geraes		13	
» das Rendas Provinciaes		15	
Collegio da Sra. Baroneza de Geslin	441		
» Emulação da Juventude	445		
» (Casa particular) de Carlos Matson, em Petropolis	431		
» Episcopal de S. Pedro de Alcantara	434		
» Francez de Lieutaud	433		
» Freese em Nova-Friburgo	430		
» de Mme Grivet	443		
» da Sra. Hitchings, em Botafogo	439		
» da Immaculada Conceição, no Botafogo	444		
» (Imperial) de Pedro Segundo	83		

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1863\Edição 00020 (4)



446 COLLEGIOS DE MENINAS.

COLLEGIOS DIVERSOS. [483

Collegio de meninas, Inglez, Francez e Portuguez, dirigido por Mrs. Elisa Van-Nyvel, r. do Rezende, 34.

Collegio *Amor das Letras*, r. do Theatro, 21.

Collegio da *Conceição*, dirigido por D. Josefina Augusta Cordeiro da Silva, r. d'Alfandega, 83.

Collegio de *Santa Candida*, r. do Areal, 27.

Imperial Collegio das *Duas Corôas*, de D. Felisberta Augusta Soares Gonzaga, r. Nova do Conde, 97.

Collegio de *S. João*, de D. Marianna Raymunda de Gouvêa Franco, Palacete do campo de S. Christovão, 37.

Collegio de *Santa Margarida*, de D. Margarida Fortunata de Almeida, r. da Princeza, 78 (Cajueiros).

Collegio de *N. S. da Piedade*, dirigido por D. Joaquina Rosa Braga Carrão, campo d'Acclamação, 107.

Collegio de *Santa Presciliana*, dirigido por D. Maria Angelica Pestana de Simas Enéas, r. da Imperatriz, 133.

Collegio de D. Anna de Castro, r. Largade S. Joaquim, 94

Collegio de D. Carlota de Bittancourt, r. da Carioca, 77.

Collegio de M^mes Diemer & Ludmann, r. do Andarahy-Pequeno, 8.

Collegio de D. Julia Augusta Pitta, r. Municipal, 21.

Collegio de D. Maria Amelia Alves de Oliveira, r. de S. Januario, 14, em frente á matriz de S. Christovão.

Escola de D. Maria Argentina de Aguiar, travessa das Flôres, ensina primeiras letras pelo methodo denominado Ba-ca-da fá, inventado por seu marido.

Collegio da *Lapa*, dirigido por D. Thereza Augusta da Fonseca, r. das Mangueiras, 57.

Collegio, r. Bella da Princeza, 39 D.

Collegio de *Santa Rita de Cassia*, dirigido por D. Rita de Cassia Mendes, coadjuvada pelo professor José Manoel Garcia, r. do Livramento, 75.

Collegio particular de D. Maria Joaquina do Nascimento Monteiro, r. Estreita de S. Joaquim, 18.

Collegio dirigido por M^me de Mattos, r. da Copacabana, 5 A.

Aula de Instrucção primaria, de D. Maria Carolina da Rocha Mascarenhas, l. do Batalha, 7.

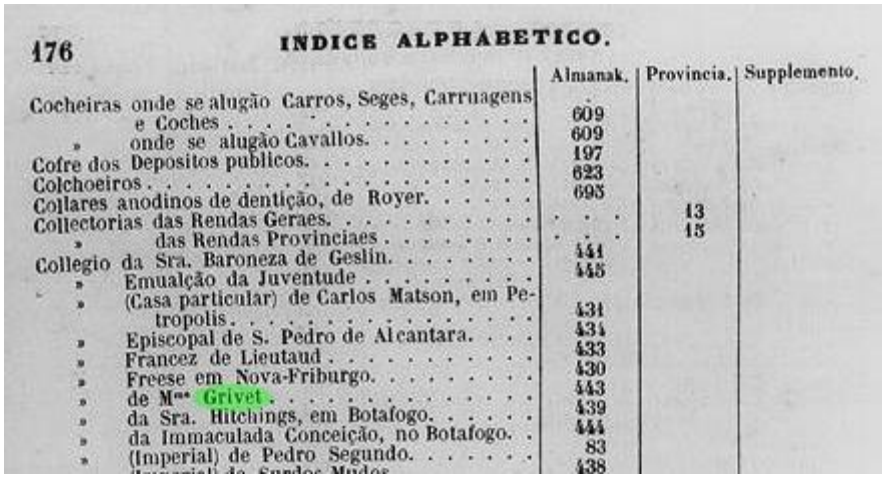
Collegio de M^me Knaak, r. de Monte-Alegre, 5.

Collegio das Sras. Taulois e Rivierre. (Vide pag. 442.)

Collegio de M.^me Grivet. (Vide pag. 443.)

Collegio da *Immaculada Conceição*. (Vide pag. 444.)

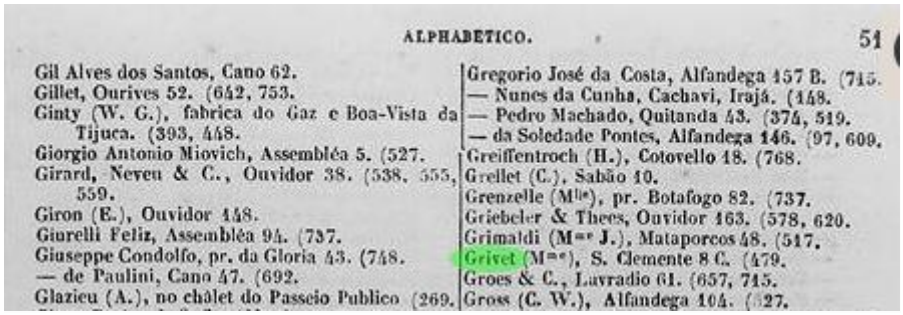
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1863\Edição 00020 (4)



176 INDICE ALPHABETICO.

	Almanak.	Provincia.	Supplemento.
Cocheiras onde se alugão Carros, Seges, Carruagens e Coches	609		
» onde se alugão Cavallos	609		
Cofre dos Depositos publicos	197		
Colchoeiros	623		
Collares anodinos de dentição, de Royer	695		
Collectorias das Rendas Geraes	. . .	13	
» das Rendas Provinciaes	. . .	15	
Collegio da Sra. Baroneza de Geslin	441		
» Emulação da Juventude	445		
» (Casa particular) de Carlos Matson, em Petropolis	431		
» Episcopal de S. Pedro de Alcantara	434		
» Francez de Lieutaud	433		
» Freese em Nova-Friburgo	430		
» de M^me Grivet	443		
» da Sra. Hitchings, em Botafogo	439		
» da Immaculada Conceição, no Botafogo	444		
» (Imperial) de Pedro Segundo	83		
	438		

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1863\Edição 00020 (4)



ALPHABETICO. 51

Gil Alves dos Santos, Cano 62.
Gillet, Ourives 52. (642, 753.
Ginty (W. G.), fabrica do Gaz e Boa-Vista da Tijuca. (393, 448.
Giorgio Antonio Miovich, Assembléa 5. (527.
Girard, Neveu & C., Ouvidor 38. (538, 555, 559.
Giron (E.), Ouvidor 148.
Giurelli Feliz, Assembléa 94. (737.
Giuseppe Condolfo, pr. da Gloria 43. (748.
— de Paulini, Cano 47. (692.
Glazieu (A.), no châlet do Passeio Publico (269.
Gregorio José da Costa, Alfandega 157 B. (715.
— Nunes da Cunha, Cachavi, Irajá. (148.
— Pedro Machado, Quitanda 43. (374, 519.
— da Soledade Pontes, Alfandega 146. (97, 609.
Greiffentroch (H.), Cotovello 18. (768.
Grellet (C.), Sabão 10.
Grenzelle (Mlle), pr. Botafogo 82. (737.
Griebeler & Thees, Ouvidor 163. (578, 620.
Grimaldi (Mme J.), Mataporcos 48. (517.
Grivet (Mme), S. Clemente 8 C. (479.
Groes & C., Lavradio 61. (657, 715.
Gross (C. W.), Alfandega 104. (527.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1863\Edição 00020 (4)

Collegio Grivet.

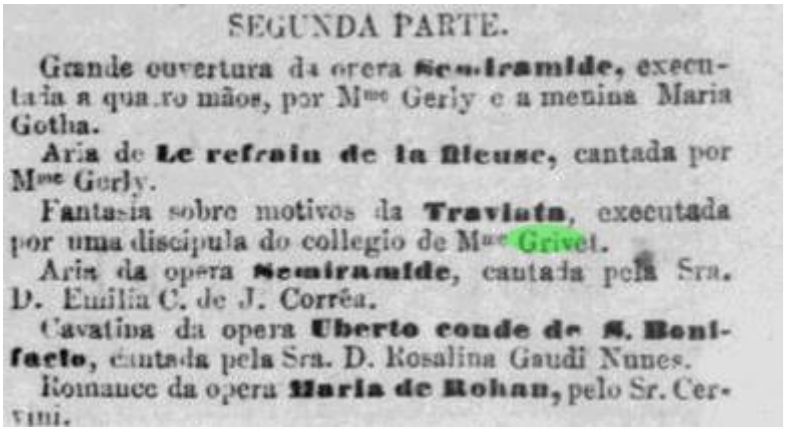
Achando-me actualmente nesta côrte, e tendo ido visitar, em companhia dos meus amigos os Srs. D. Frederico Loco e Francisco Antonio da Gama, uma filha minha e uma sobrinha pensionistas internas do collegio Grivet, estabelecido á rua de S. Clemente n. 8 C, dignou-se Mme Grivet com toda a solicitude, bem como seu digno marido, mostrar-nos todo o estabelecimento.

Não é possivel deixar de dar publicidade (e isso sem me ser pedido) ás vantagens que offerece á educação das meninas um tal collegio, não só pelo esmerado asseio, boa ordem e moralidade, como tambem pelo amor e desvelo com que são tratadas as alumnas. O collegio Grivet é um dos de primeira ordem, conta por ora não avultado numero de alumnas, porém as que possue são de familias que honrão o collegio. Portanto, os Srs. pais que desejão dar ás suas filhas uma esmerada educação, tornando-as ao mesmo tempo verdadeiras donas de casa, pois nesse ponto tambem muito se empenha a digna directora, acho que devem ir visitar esse estabelecimento, afim de ficarem convictos da veracidade do que venho de expôr.

MANOEL MARTINS DE OLIVEIRA,
fazendeiro no Mar de Hespanha.

Rio de Janeiro, 5 de Maio de 1863.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1863\Edição 00124 (1)



SEGUNDA PARTE.

Grande ouvertura da opera **Semiramide**, executada a quatro mãos, por Mme Gerly e a menina Maria Gotha.

Aria de **Le refrain de la fleuse**, cantada por Mme Gerly.

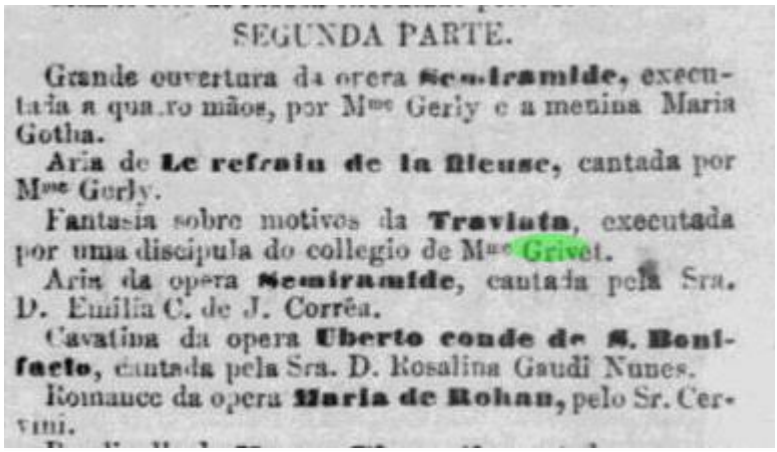
Fantasia sobre motivos da **Traviata**, executada por uma discipula do collegio de Mme Grivet.

Aria da opera **Semiramide**, cantada pela Sra. D. Emilia C. de J. Corrêa.

Cavatina da opera **Uberto conde de S. Bonifacio**, cantada pela Sra. D. Rosalina Gaudi Nunes.

Romance da opera **Maria de Rohan**, pelo Sr. Cervini.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1863\Edição 00294 (1)



SEGUNDA PARTE.

Grande ouvertura da opera **Semiramide**, executada a quatro mãos, por Mme Gerly e a menina Maria Gotha.

Aria de **Le refrain de la fleuse**, cantada por Mme Gerly.

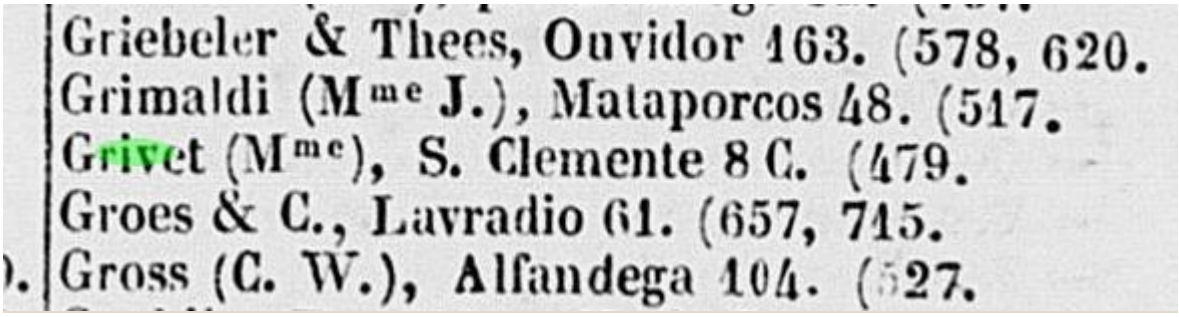
Fantasia sobre motivos da **Traviata**, executada por uma discipula do collegio de Mme Grivet.

Aria da opera **Semiramide**, cantada pela Sra. D. Emilia C. de J. Corrêa.

Cavatina da opera **Uberto conde de S. Bonifacio**, cantada pela Sra. D. Rosalina Gaudi Nunes.

Romance da opera **Maria de Rohan**, pelo Sr. Cervini.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1863\Edição 00294 (1)



Griebeler & Thees, Ouvidor 163. (578, 620.
Grimaldi (Mme J.), Mataporcos 48. (517.
Grivet (Mme), S. Clemente 8 C. (479.
Groes & C., Lavradio 61. (657, 715.
Gross (C. W.), Alfandega 104. (527.

Indicador Alphabetico: Da Morada dos seus principais habitantes (RJ) - Ano 1863\Edição 00001 (1)

PROFESSORAS.

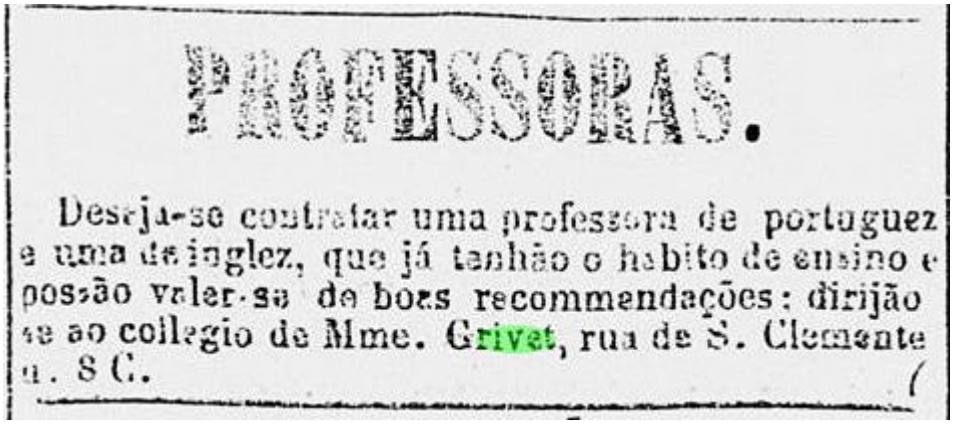
Deseja-se contratar uma professora de portuguez e uma de inglez, que já tenhão o habito de ensino e possão valer-se de boas recommendações; dirijão-se ao collegio de Mme. Grivet, rua de S. Clemente, n. 8 C.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1864\Edição 00046 (1)

PROFESSORAS.

Deseja-se contratar uma professora de portuguez e uma de inglez, que já tenhão o habito de ensino e possão valer-se de boas recommendações; dirijão se ao collegio de Mme. Grivet, rua de S. Clemente n. 8 C.

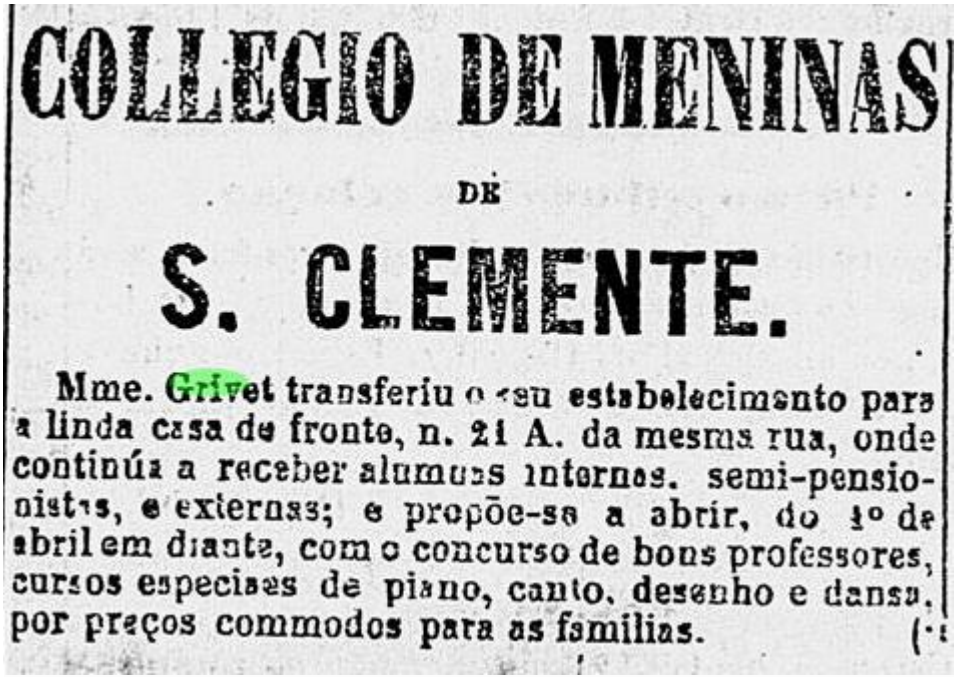
Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1864\Edição 00047 (2)



PROFESSORAS.

Deseja-se contratar uma professora de portuguez e uma de inglez, que já tenhão o habito de ensino e possão valer-se de boas recommendações; dirijão se ao collegio de Mme. Grivet, rua de S. Clemente n. 8 C.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1864\Edição 00047 (2)



COLLEGIO DE MENINAS

DE

S. CLEMENTE.

Mme. Grivet transferiu o seu estabelecimento para a linda casa de fronte, n. 21 A. da mesma rua, onde continúa a receber alumnas internas, semi-pensionistas, e externas; e propõe-se a abrir, do 1º de abril em diante, com o concurso de bons professores, cursos especiaes de piano, canto, desenho e dansa, por preços commodos para as familias. (·

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1864\Edição 00081 (1)

COLLEGIO DE MENINAS

DE

S. CLEMENTE.

Mme. Grivet transferiu o seu estabelecimento para a linda casa de fronte, n. 21 A, da mesma rua, onde continúa a receber alumnas internas, semi-pensionistas, e externas; e propõe-se a abrir, do 1º de abril em diante, com o concurso de bons professores, cursos especiaes de piano, canto, desenho e dansa, por preços commodos para as familias. (·

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1864\Edição 00083 (1)

Collegio de meninas, em S. Clemente

DIRIGIDO POR Mme. GRIVET.

A reabertura deste estabelecimento terá logar a 7 de janeiro proximo futuro, na casa n. 43, com optimas accommodações, grande chacara e uma entrada pela rua de S Joaquim. Tendo-se feito uma diminuição sobre os preços da pensão podem os novos estatutos ser procurados no mesmo estabelecimento.

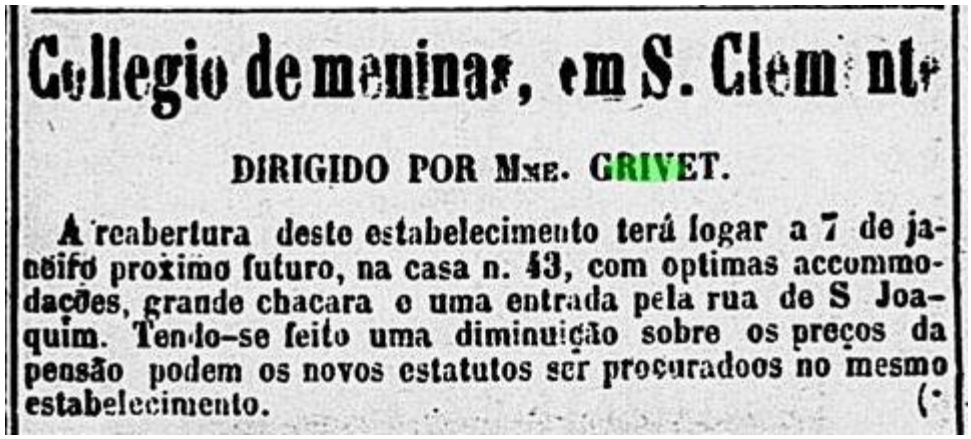
Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1864\Edição 00356 (1)

Collegio de meninas, em S. Clemente

DIRIGIDO POR Mme. GRIVET.

A reabertura deste estabelecimento terá logar a 7 de janeiro proximo futuro, na casa n. 43, com optimas accommodações, grande chacara e uma entrada pela rua de S Joaquim. Tendo-se feito uma diminuição sobre os preços da pensão, podem os novos estatutos ser procurados no mesmo estabelecimento.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1864\Edição 00357 (1)

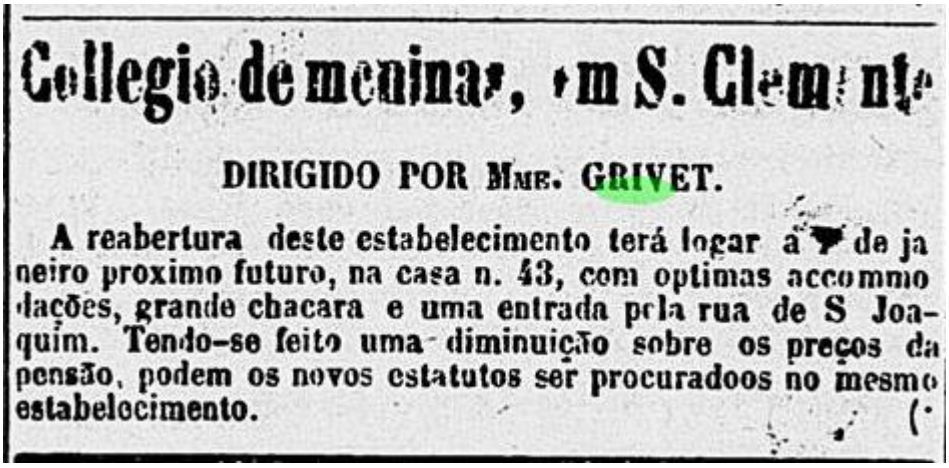


Collegio de meninas, em S. Clemente

DIRIGIDO POR Mme. GRIVET.

A reabertura deste estabelecimento terá logar a 7 de janeiro proximo futuro, na casa n. 43, com optimas accommodações, grande chacara e uma entrada pela rua de S Joaquim. Tendo-se feito uma diminuição sobre os preços da pensão podem os novos estatutos ser procurados no mesmo estabelecimento.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1864\Edição 00358 (1)

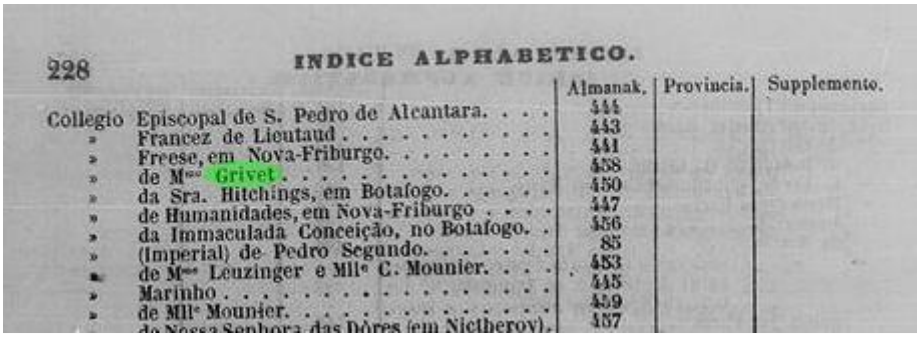


Collegio de meninas, em S. Clemente

DIRIGIDO POR Mme. GRIVET.

A reabertura deste estabelecimento terá logar a 1 de janeiro proximo futuro, na casa n. 43, com optimas accommodações, grande chacara e uma entrada pela rua de S Joaquim. Tendo-se feito uma diminuição sobre os preços da pensão, podem os novos estatutos ser procuradoos no mesmo estabelecimento.

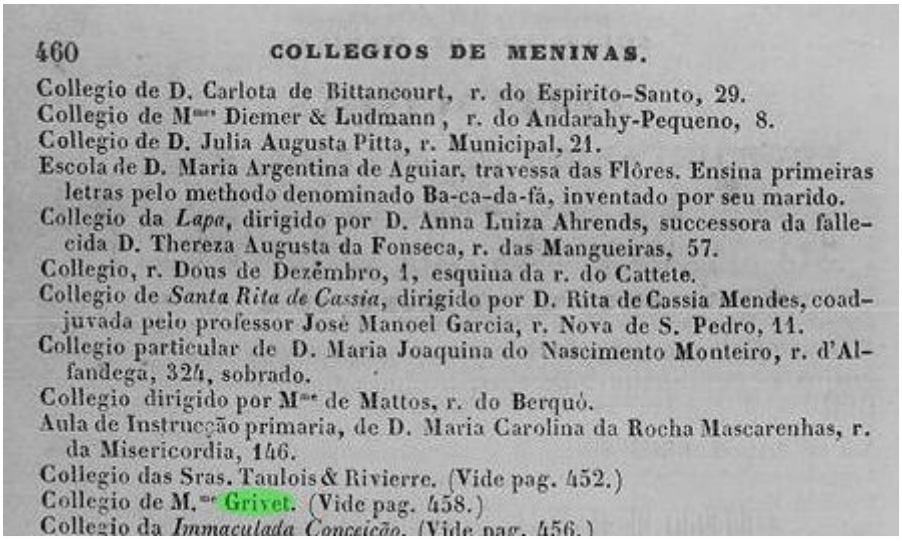
Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1864\Edição 00359 (1)



228 INDICE ALPHABETICO.

		Almanak.	Provincia.	Supplemento.
Collegio	Episcopal de S. Pedro de Alcantara. . . .	444		
»	Francez de Lieutaud	443		
»	Freese, em Nova-Friburgo.	441		
»	de Mme Grivet	458		
»	da Sra. Hitchings, em Botafogo.	450		
»	de Humanidades, em Nova-Friburgo	447		
»	da Immaculada Conceição, no Botafogo. .	456		
»	(Imperial) de Pedro Segundo.	85		
»	de Mme Leuzinger e Mlle C. Mounier. . . .	453		
»	Marinho	445		
»	de Mlle Mounier.	459		
»	de Nossa Senhora das Dôres (em Nictheroy).	457		

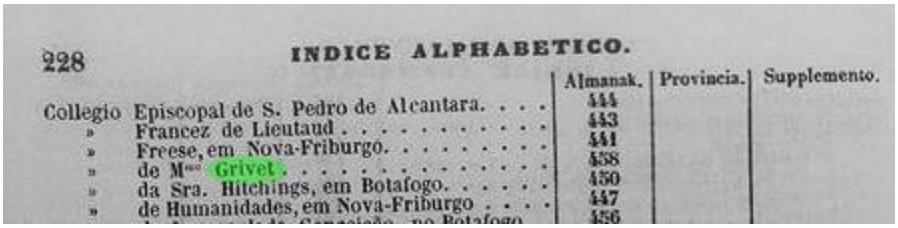
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1864\Edição 00021 (3)



460 COLLEGIOS DE MENINAS.

Collegio de D. Carlota de Bittancourt, r. do Espirito-Santo, 29.
Collegio de Mme Diemer & Ludmann, r. do Andarahy-Pequeno, 8.
Collegio de D. Julia Augusta Pitta, r. Municipal, 21.
Escola de D. Maria Argentina de Aguiar, travessa das Flôres. Ensina primeiras letras pelo methodo denominado Ba-ca-da-fá, inventado por seu marido.
Collegio da *Lapa*, dirigido por D. Anna Luiza Ahrends, successora da fallecida D. Thereza Augusta da Fonseca, r. das Mangueiras, 57.
Collegio, r. Dous de Dezembro, 1, esquina da r. do Cattete.
Collegio de *Santa Rita de Cassia*, dirigido por D. Rita de Cassia Mendes, coadjuvada pelo professor José Manoel Garcia, r. Nova de S. Pedro, 11.
Collegio particular de D. Maria Joaquina do Nascimento Monteiro, r. d'Alfandega, 324, sobrado.
Collegio dirigido por Mme de Mattos, r. do Berquó.
Aula de Instrucção primaria, de D. Maria Carolina da Rocha Mascarenhas, r. da Misericordia, 146.
Collegio das Sras. Taulois & Rivierre. (Vide pag. 452.)
Collegio de Mme Grivet. (Vide pag. 458.)
Collegio da *Immaculada Conceição*. (Vide pag. 456.)

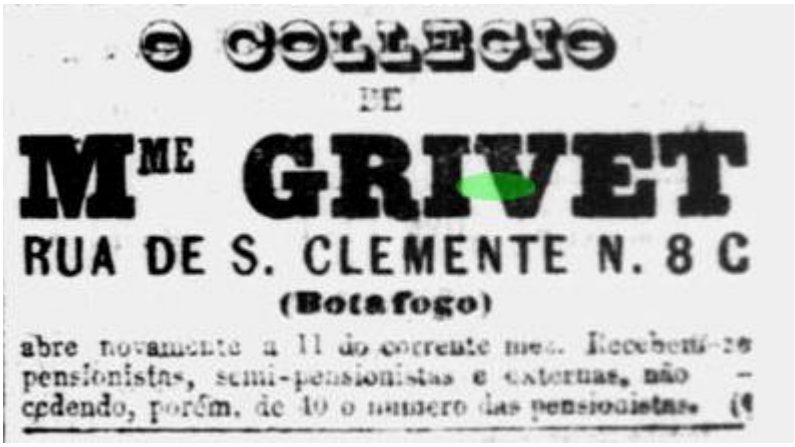
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1864\Edição 00021 (3)



228 INDICE ALPHABETICO.

		Almanak.	Provincia.	Supplemento.
Collegio	Episcopal de S. Pedro de Alcantara. . . .	444		
»	Francez de Lieutaud	443		
»	Freese, em Nova-Friburgo.	441		
»	de Mme Grivet.	438		
»	da Sra. Hitchings, em Botafogo.	450		
»	de Humanidades, em Nova-Friburgo	447		
		456		

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1864\Edição 00021 (3)



O COLLEGIO
DE
MME GRIVET
RUA DE S. CLEMENTE N. 8 C
(Botafogo)
abre novamente a 11 do corrente mez. Recebem-se pensionistas, semi-pensionistas e externas, não excedendo, porém, de 40 o numero das pensionistas.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1864\Edição 00007 (1)

COLLEGIO DE MENINAS
DE
S. CLEMENTE
Mme Grivet transferio o seu estabelecimento para a linda casa defronte, n. 21 A, da mesma rua, onde continua a receber alumnas internas, semi-pensionistas e externas, e propõe-se a abrir, do 1º de Abril em diante, com o concurso de bons professores, cursos especiaes de piano, canto, desenho e dansa, por preços commodos para as familias.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1864\Edição 00083 (1)

ANNUNCIOS.

COLLEGIO DE MENINAS

EM

S. CLEMENTE

DIRIDO POR

Mme GRIVET.

A reabertura deste estabelecimento terá lugar a 7 de Janeiro proximo futuro, na casa n. 43, com optimas accommodações, grande chacara, e uma entrada pela rua de S. Joaquim. Tendo-se feito uma diminuição sobre os preços da pensão, podem os novos estatutos ser procurados no mesmo estabelecimento. (·

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1864\Edição 00359 (1)

COLLEGIO DE MENINAS

EM

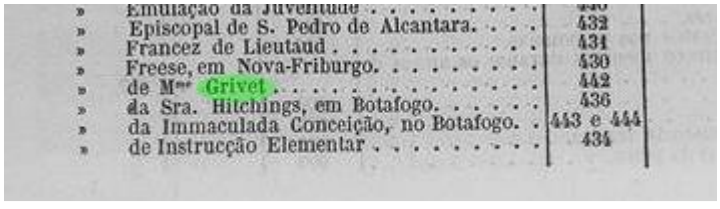
S. CLEMENTE

DIRIDO POR

Mme GRIVET.

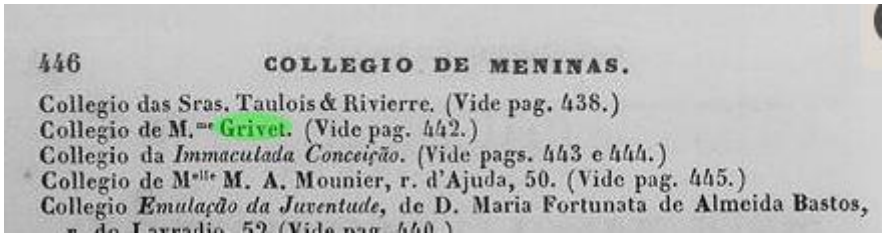
A reabertura deste estabelecimento terá lugar a 7 de Janeiro proximo futuro, na casa n. 43, com optimas accommodações, grande chacara, e uma entrada pela rua de S. Joaquim. Tendo-se feito uma diminuição sobre os preços da pensão, podem os novos estatutos ser procurados no mesmo estabelecimento. (·

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1864\Edição 00361 (1)



»	Emulação da Juventude	
»	Episcopal de S. Pedro de Alcantara.	432
»	Francez de Lieutaud	431
»	Freese, em Nova-Friburgo.	430
»	de Mme Grivet	442
»	da Sra. Hitchings, em Botafogo.	436
»	da Immaculada Conceição, no Botafogo.	443 e 444
»	de Instrucção Elementar	434

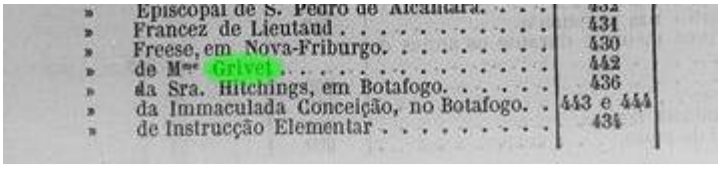
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1865\Edição 00022 (4)



446 COLLEGIO DE MENINAS.

Collegio das Sras. Taulois & Rivierre. (Vide pag. 438.)
Collegio de M.me Grivet. (Vide pag. 442.)
Collegio da *Immaculada Conceição*. (Vide pags. 443 e 444.)
Collegio de Mlle M. A. Mounier, r. d'Ajuda, 50. (Vide pag. 445.)
Collegio *Emulação da Juventude*, de D. Maria Fortunata de Almeida Bastos,

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1865\Edição 00022 (4)



»	Episcopal de S. Pedro de Alcantara. . . .	432
»	Francez de Lieutaud	431
»	Freese, em Nova-Friburgo.	430
»	de Mme Grivet	442
»	da Sra. Hitchings, em Botafogo.	436
»	da Immaculada Conceição, no Botafogo. .	443 e 444
»	de Instrucção Elementar	434

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1865\Edição 00022 (4)

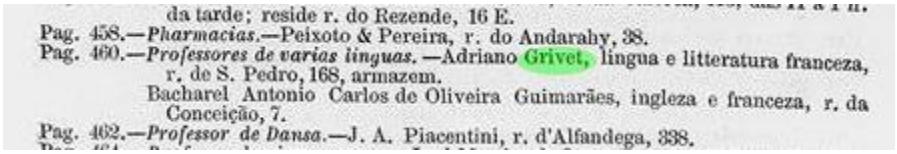
Greiffentroch (H.), Cotovello 18. (366, 768.
A. Griebeler & Thees, Ouvidor 163. (578, 620.
Grivet (Mme), S. Clemente 43. (479, 483.
Groes & C., Lavradio 61. (657.
Gross (C. G.), Alfandega 164. (1[illegible]6, 527.
Guahyba, Fogo 105, N. de S. Pedro 1 e Pescadores 30. (501, 502.
Guedes & Barboza, Violas 54. (555.
— & C., Quitanda 193 e Munic. 13. (527, 555.
—, Silva & C., Direita 77. (526.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1865\Edição 00022 (4)

COLLEGIO DE MENINAS.

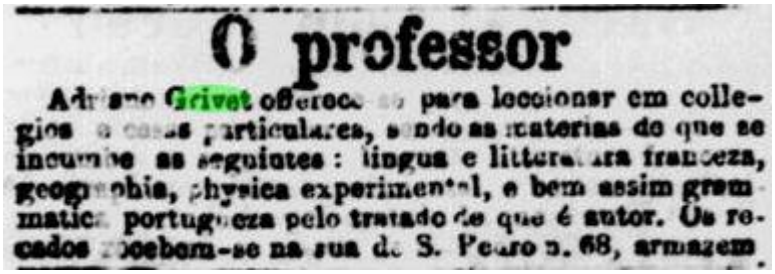
Mme. Grivet participa aos Illm. Srs. pais das suas discipulas, e mais pessoas a quem possa interessar, que reabre o seu estabelecimento de educação, na rua Arcos n. 56, a 2 de abril proximo futuro. (·

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1866\Edição 00085 (1)



da tarde; reside r. do Rezende, 16 E.
Pag. 458.—*Pharmacias.*—Peixoto & Pereira, r. do Andarahy, 38.
Pag. 460.—*Professores de varias linguas.*—Adriano Grivet, lingua e litteratura franceza, r. de S. Pedro, 168, armazem.
Bacharel Antonio Carlos de Oliveira Guimarães, ingleza e franceza, r. da Conceição, 7.
Pag. 462.—*Professor de Dansa.*—J. A. Piacentini, r. d'Alfandega, 338.

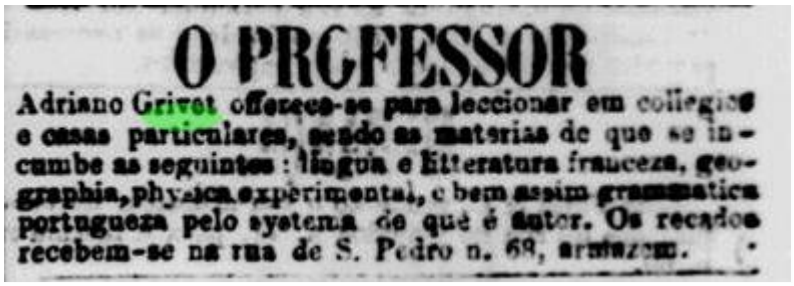
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1866\Edição 00010 (2)



O professor

Adriano Grivet offerece-se para leccionar em collegios e casas particulares, sendo as materias do que se incumbe as seguintes: lingua e litteratura franceza, geographia, physica experimental, e bem assim grammatica portugueza pelo tratado de que é autor. Os recados recebem-se na sua de S. Pedro n. 68, armazem.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1866\Edição 00047 (1)



O PROFESSOR

Adriano Grivet offerece-se para leccionar em collegios e casas particulares, sendo as materias de que se incumbe as seguintes: lingua e litteratura franceza, geographia, physica experimental, e bem assim grammatica portugueza pelo systema de que é autor. Os recados recebem-se na rua de S. Pedro n. 68, armazem.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1866\Edição 00049 (1)

COLLEGIO DE MENINAS.

Mme Grivet participa aos Illms. pais das suas discipulas e mais pessoas a quem possa interessar, que reabre o seu estabelecimento de educação, na rua dos Arcos n. 56, a 2 de Abril proximo futuro.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1866\Edição 00084 (1)

PIANO

CANTO

HARPA.

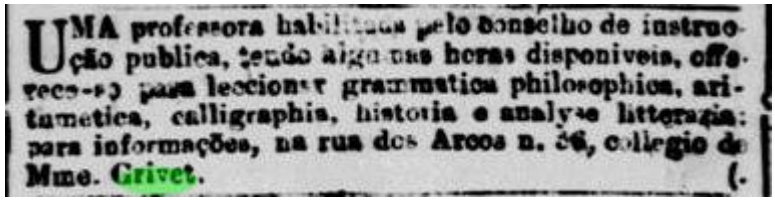
Uma senhora que recebeu sua educação musical em Paris e recentemente chegada da Europa se offerece para dar lições de piano, canto e harpa; encontra-se na rua dos Arcos n. 56, no collegio de meninas de Mme. Grivet.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1866\Edição 00243 (1)

Leçons de harpe, piano et chant.

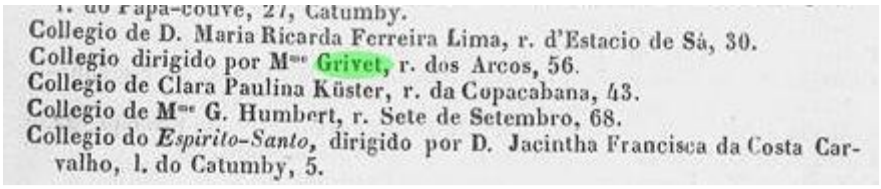
Mlle. Brown, qui a reçu son éducation musicale à Paris, nouvellement arrivée de France, s'offre aux les meilleurs renseignements pour donner des leçons de harpe, piano e chant; pour traiter, s'adresser au collége de Mme. Grivet, rua dos Arcos n. 56.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1866\Edição 00275 (2)



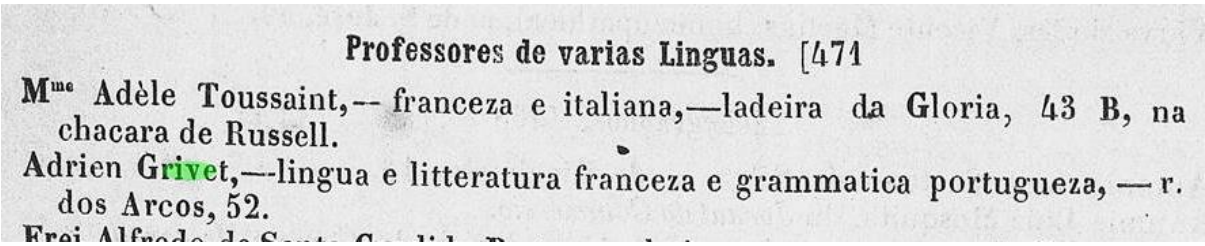
UMA professora habilitada pelo conselho de instrucção publica, tendo algumas horas disponiveis, offerece-se para leccionar grammatica philosophica, arithmetica, calligraphia, historia e analyse litteraria: para informações, na rua dos Arcos n. 56, collegio de Mme. Grivet.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1866\Edição 00275 (2)



1. do Papa-couve, 27, Catumby.
Collegio de D. Maria Ricarda Ferreira Lima, r. d'Estacio de Sá, 30.
Collegio dirigido por Mme Grivet, r. dos Arcos, 56.
Collegio de Clara Paulina Küster, r. da Copacabana, 43.
Collegio de Mme G. Humbert, r. Sete de Setembro, 68.
Collegio do *Espirito-Santo*, dirigido por D. Jacintha Francisca da Costa Carvalho, l. do Catumby, 5.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1867\Edição 00004 (4)



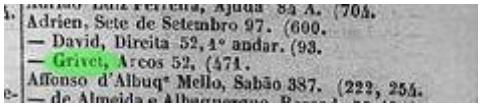
Professores de varias Linguas. [471

M^me Adèle Toussaint,-- franceza e italiana,—ladeira da Gloria, 43 B, na chacara de Russell.

Adrien Grivet,—lingua e litteratura franceza e grammatica portugueza, — r. dos Arcos, 52.

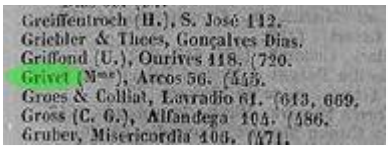
Frei Alfredo de Santa [illegible]

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1867\Edição 00004 (4)



Adrien, Sete de Setembro 97. (600.
— David, Direita 52, 1° andar. (93.
— Grivet, Arcos 52. (471.
Affonso d'Albuq^e Mello, Sabão 387. (223, 254.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1867\Edição 00004 (4)



Greiffentroch (H.), S. José 112.
Griebler & Theces, Gonçalves Dias.
Griffond (U.), Ourives 118. (720.
Grivet (M^me), Arcos 56. (545.
Groes & Colliat, Lavradio 61. (613, 669.
Gross (C. G.), Alfandega 104. (586.
Gruber, Misericordia 106. (471.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1867\Edição 00004 (4)

COLLEGIO DE MENINAS
DIRIGIDO POR M^me GRIVET
56 RUA DOS ARCOS 56
Reabertura das aulas a 7 do corrente

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1867\Edição 00002 (1)

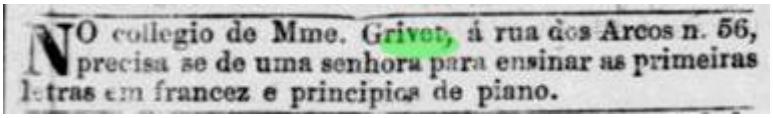
COLLEGIO DE MENINAS
DIRIGIDO POR M^me GRIVET
56 RUA DOS ARCOS 56
Reabertura das aulas a 7 do corrente

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1867\Edição 00006 (1)

PROFESSORA.

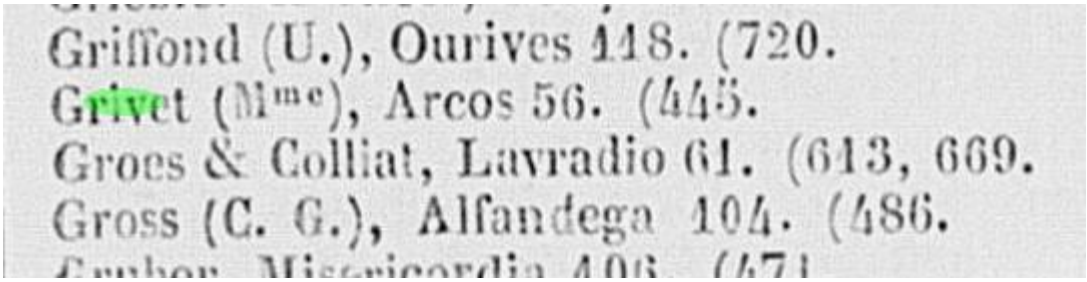
A Sra. Marie Brown, recentemente chegada da Europa, que recebeu a sua educação musical em Pariz, se offerece para dar lições de piano, canto e harpa; para tratar, dirijão-se ao collegio de Mme. Grivet, rua dos Arcos n. 56.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1867\Edição 00006 (1)



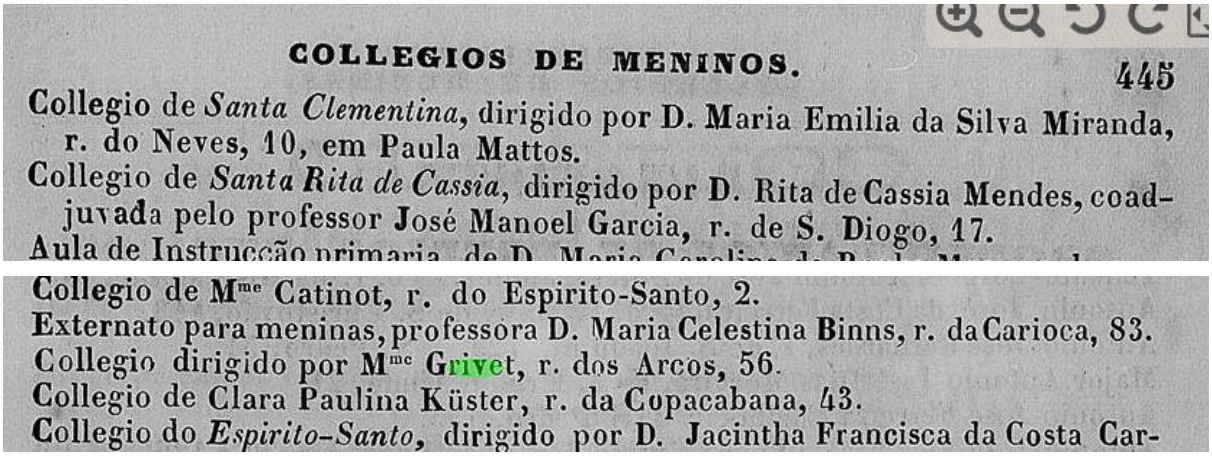
NO collegio de Mme. Grivet, á rua dos Arcos n. 56, precisa se de uma senhora para ensinar as primeiras letras em francez e principios de piano.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1867\Edição 00281 (1)



Griffond (U.), Ourives 118. (720.
Grivet (Mme), Arcos 56. (445.
Groes & Colliat, Lavradio 61. (613, 669.
Gross (C. G.), Alfandega 104. (486.

Indicador Alphabetico: Da Morada dos seus principais habitantes (RJ) - Ano 1867\Edição 00001 (1)



COLLEGIOS DE MENINOS. 445

Collegio de *Santa Clementina*, dirigido por D. Maria Emilia da Silva Miranda, r. do Neves, 10, em Paula Mattos.
Collegio de *Santa Rita de Cassia*, dirigido por D. Rita de Cassia Mendes, coadjuvada pelo professor José Manoel Garcia, r. de S. Diogo, 17.
Aula de Instrucção primaria, de D. Maria Carolina de Paula Mo...

Collegio de Mme Catinot, r. do Espirito-Santo, 2.
Externato para meninas, professora D. Maria Celestina Binns, r. da Carioca, 83.
Collegio dirigido por Mme Grivet, r. dos Arcos, 56.
Collegio de Clara Paulina Küster, r. da Copacabana, 43.
Collegio do *Espirito-Santo*, dirigido por D. Jacintha Francisca da Costa Car-

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1868\Edição 00025 (3)

Adrião Luiz Ferreira, Ajuda 84 A. (704.
Adrien, Sete de Setembro 97. (600.
— Grivet, Arcos 52. (471.
Æneas Bruce, Rosario 109. (471.
Affonseca Franco (J. A. de), S. Bento 3.
Affonso d'Albuq^e Mello, Sabão 387. (222, 254.
— de Almeida e Albuquerque, Rezende 33. (254.
— Anglada, Pescadores 27. (175 d.

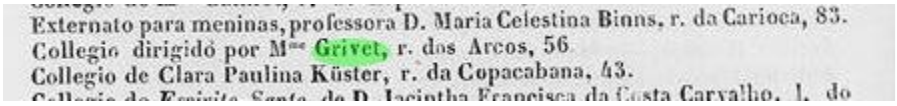
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1868\Edição 00025 (3)

Grivet (M^me), Arcos 56. (445.
Gross (C. G.), Alfandega 105. (486.
Gruber, Misericordia 103. (471.
Gualyba, S. Joaq^m 116 e Direita 14. (461.

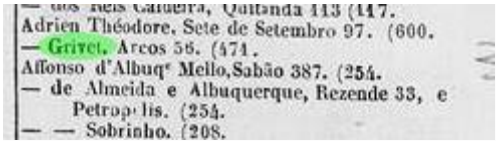
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1868\Edição 00025 (3)

COLLEGIO DE MENINAS
56 Rua dos Arcos 56
DIRIGIDO POR
M^ME GRIVET
Tornão a abrir-se as aulas no dia 8 deste mez.

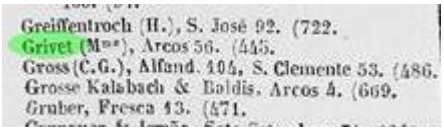
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1868\Edição 00007 (1)


Externato para meninas, professora D. Maria Celestina Binns, r. da Carioca, 83.
Collegio dirigido por M^me Grivet, r. dos Arcos, 56
Collegio de Clara Paulina Küster, r. da Copacabana, 43.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1869\Edição 00026 (3)


Adrien Théodore, Sete de Setembro 97. (600.
— Grivet, Arcos 56. (471.
Affonso d'Albuq^e Mello, Sabão 387. (254.
— de Almeida e Albuquerque, Rezende 33, e Petropolis. (254.
— — Sobrinho. (208.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1869\Edição 00026 (3)


Greiffentroch (H.), S. José 92. (722.
Grivet (M^me), Arcos 56. (445.
Gross (C.G.), Alfand. 104, S. Clemente 53. (486.
Grosse Kalabach & Baldis, Arcos 4. (669.
Gruber, Fresca 13. (471.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1869\Edição 00026 (3)

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1869\Edição 00026 (3)

COLLEGIO DE MENINAS

56 RUA DOS ARCOS 56

No collegio de Mme. Grivet admittem-se ainda algumas alumnas externas ou meio-pensionistas, e, tendo sido contratada uma habilissima mestra de piano, recebem-se tambem discipulas para piano só, pelo preço do estabelecimento.

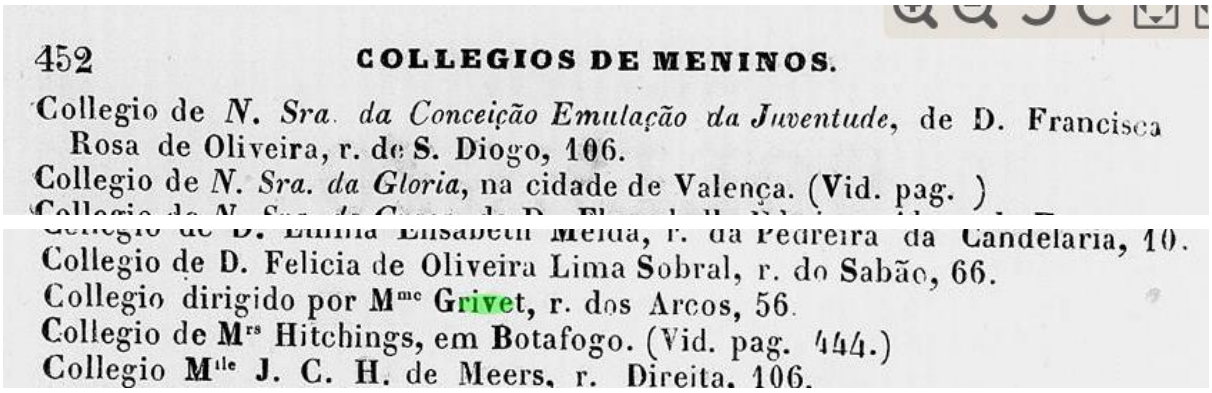
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1869\Edição 00198 (1)

COLLEGIO DE MENINAS

56 RUA DOS ARCOS 56

No collegio de Mme. Grivet admittem-se ainda algumas alumnas externas ou meio-pensionistas, e, tendo sido contratada uma habilissima mestra de piano, recebem-se tambem discipulas para piano só, pelo preço doestabelecimento.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1869\Edição 00200 (1)



452 COLLEGIOS DE MENINOS.

Collegio de *N. Sra. da Conceição Emulação da Juventude*, de D. Francisca Rosa de Oliveira, r. de S. Diogo, 106.

Collegio de *N. Sra. da Gloria*, na cidade de Valença. (Vid. pag.)

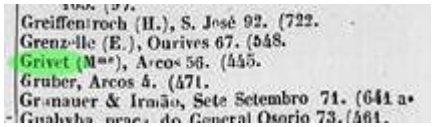
Collegio de D. Felicia de Oliveira Lima Sobral, r. do Sabão, 66.

Collegio dirigido por Mme Grivet, r. dos Arcos, 56.

Collegio de Mrs Hitchings, em Botafogo. (Vid. pag. 444.)

Collegio Mlle J. C. H. de Meers, r. Direita, 106.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1870\Edição 00027 (2)



Greiffenrroch (H.), S. José 92. (722.

Grenz-lle (E.), Ourives 67. (548.

Grivet (Mme), Arcos 56. (445.

Gruber, Arcos 5. (471.

Gr-nauer & Irmão, Sete Setembro 71. (641 a

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1870\Edição 00027 (2)

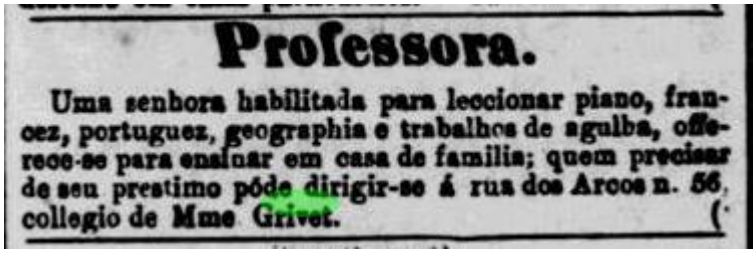
COLLEGIO
DE
M.ME GRIVET.
56 RUA DOS ARCOS 56
Reabertura das aulas a 10 do corrente.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1870\Edição 00006 (1)

Professora.

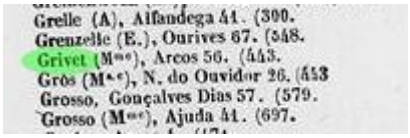
Uma senhora habilitada para leccionar piano, francez, portuguez, geographia e trabalhos de agulha, offerece-se para ensinar em casa de familia; quem precisar de seu prestimo póde dirigir-se á rua dos Arcos n. 56, collegio de Mme Grivet.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1870\Edição 00016 (1)

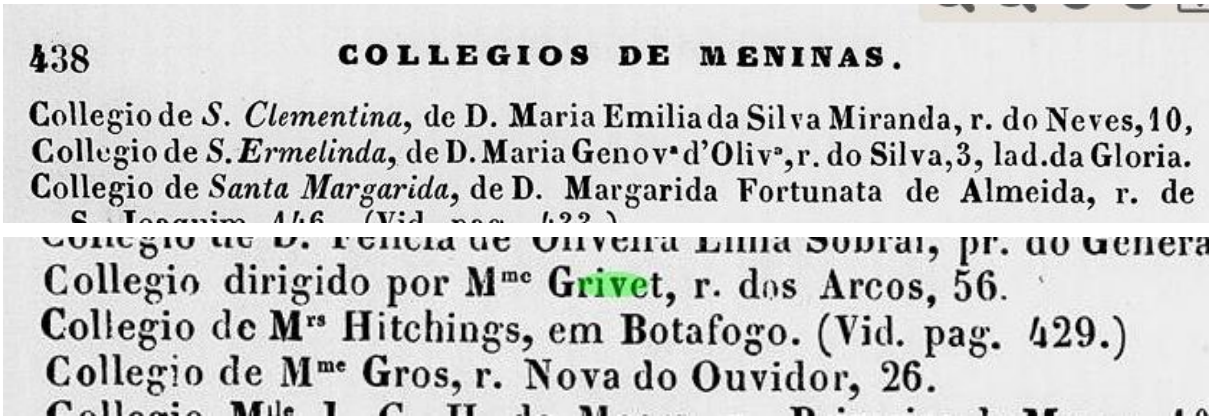

Professora.

Uma senhora habilitada para leccionar piano, francez, portuguez, geographia e trabalhos de agulha, offerece-se para ensinar em casa de familia; quem precisar de seu prestimo póde dirigir-se á rua dos Arcos n. 56, collegio de Mme Grivet.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1870\Edição 00018 (1)


Grelle (A), Alfandega 41. (390.
Grenzelle (E.), Ourives 67. (548.
Grivet (Mme), Arcos 56. (443.
Grós (Mme), N. do Ouvidor 26. (453
Grosso, Gonçalves Dias 57. (579.
Grosso (Mme), Ajuda 41. (697.

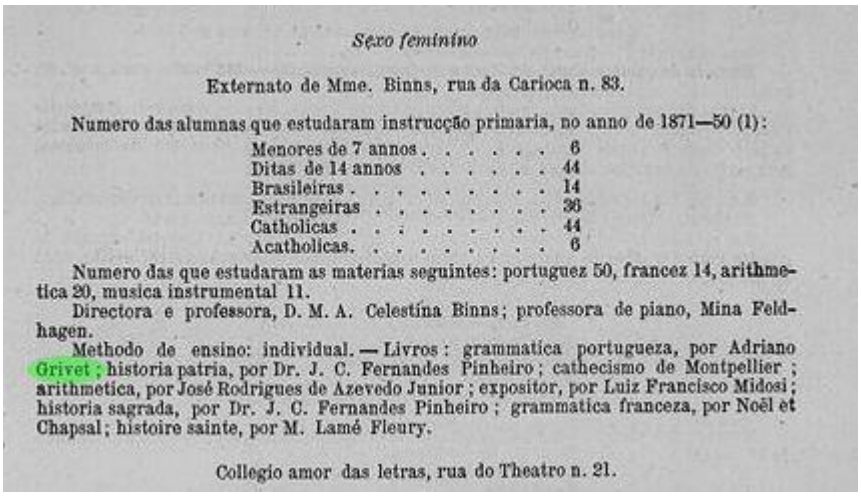
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1871\Edição 00028 (2)


438 **COLLEGIOS DE MENINAS.**

Collegio de *S. Clementina*, de D. Maria Emilia da Silva Miranda, r. do Neves, 10,
Collegio de *S. Ermelinda*, de D. Maria Genov^{a} d'Oliv^{a}, r. do Silva, 3, lad. da Gloria.
Collegio de *Santa Margarida*, de D. Margarida Fortunata de Almeida, r. de

Collegio dirigido por M^{me} Grivet, r. dos Arcos, 56.
Collegio de M^{rs} Hitchings, em Botafogo. (Vid. pag. 429.)
Collegio de M^{me} Gros, r. Nova do Ouvidor, 26.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1871\Edição 00028 (2)



Sexo feminino

Externato de Mme. Binns, rua da Carioca n. 83.

Numero das alumnas que estudaram instrucção primaria, no anno de 1871—50 (1):

Menores de 7 annos	6
Ditas de 14 annos	44
Brasileiras	14
Estrangeiras	36
Catholicas	44
Acatholicas	6

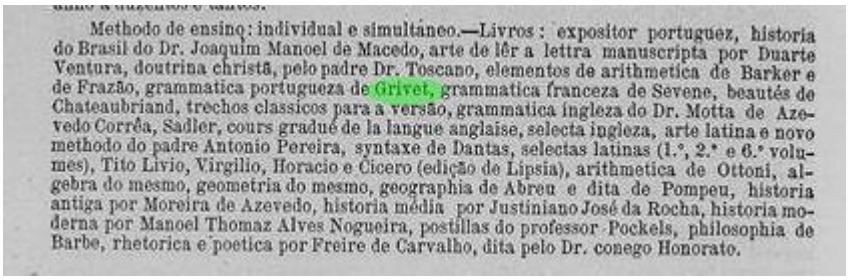
Numero das que estudaram as materias seguintes: portuguez 50, francez 14, arithmetica 20, musica instrumental 11.

Directora e professora, D. M. A. Celestina Binns; professora de piano, Mina Feldhagen.

Methodo de ensino: individual. — Livros: grammatica portugueza, por Adriano Grivet; historia patria, por Dr. J. C. Fernandes Pinheiro; cathecismo de Montpellier; arithmetica, por José Rodrigues de Azevedo Junior; expositor, por Luiz Francisco Midosi; historia sagrada, por Dr. J. C. Fernandes Pinheiro; grammatica franceza, por Noël et Chapsal; histoire sainte, por M. Lamé Fleury.

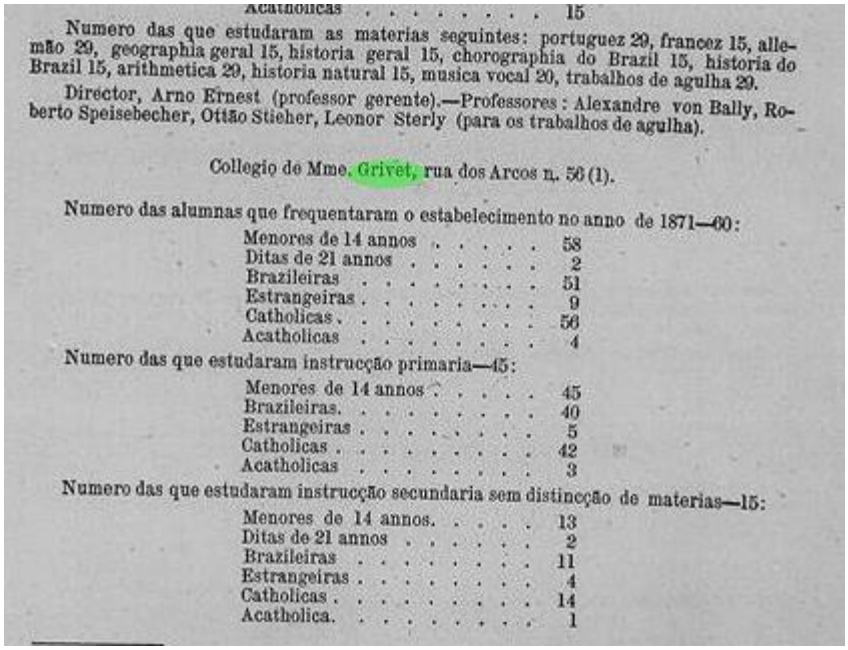
Collegio amor das letras, rua do Theatro n. 21.

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1871\Edição 00001 (4)



Methodo de ensino: individual e simultaneo.—Livros: expositor portuguez, historia do Brasil do Dr. Joaquim Manoel de Macedo, arte de lêr a lettra manuscripta por Duarte Ventura, doutrina christã, pelo padre Dr. Toscano, elementos de arithmetica de Barker e de Frazão, grammatica portugueza de Grivet, grammatica franceza de Sevene, beautés de Chateaubriand, trechos classicos para a versão, grammatica ingleza do Dr. Motta de Azevedo Corrêa, Sadler, cours gradué de la langue anglaise, selecta ingleza, arte latina e novo methodo do padre Antonio Pereira, syntaxe de Dantas, selectas latinas (1.°, 2.° e 6.° volumes), Tito Livio, Virgilio, Horacio e Cicero (edição de Lipsia), arithmetica de Ottoni, algebra do mesmo, geometria do mesmo, geographia de Abreu e dita de Pompeu, historia antiga por Moreira de Azevedo, historia média por Justiniano José da Rocha, historia moderna por Manoel Thomaz Alves Nogueira, postillas do professor Pockels, philosophia de Barbe, rhetorica e poetica por Freire de Carvalho, dita pelo Dr. conego Honorato.

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1871\Edição 00001 (4)



Acatholicas 15

Numero das que estudaram as materias seguintes: portuguez 29, francez 15, allemão 29, geographia geral 15, historia geral 15, chorographia do Brazil 15, historia do Brazil 15, arithmetica 29, historia natural 15, musica vocal 20, trabalhos de agulha 29.

Director, Arno Ernest (professor gerente).—Professores: Alexandre von Bally, Roberto Speisebecher, Ottão Stieher, Leonor Sterly (para os trabalhos de agulha).

Collegio de Mme. Grivet, rua dos Arcos n. 56 (1).

Numero das alumnas que frequentaram o estabelecimento no anno de 1871—60:

Menores de 14 annos	58
Ditas de 21 annos	2
Brazileiras	51
Estrangeiras	9
Catholicas	56
Acatholicas	4

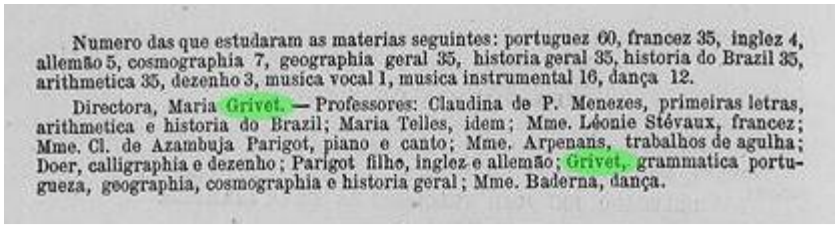
Numero das que estudaram instrucção primaria—45:

Menores de 14 annos	45
Brazileiras	40
Estrangeiras	5
Catholicas	42
Acatholicas	3

Numero das que estudaram instrucção secundaria sem distincção de materias—15:

Menores de 14 annos	13
Ditas de 21 annos	2
Brazileiras	11
Estrangeiras	4
Catholicas	14
Acatholica	1

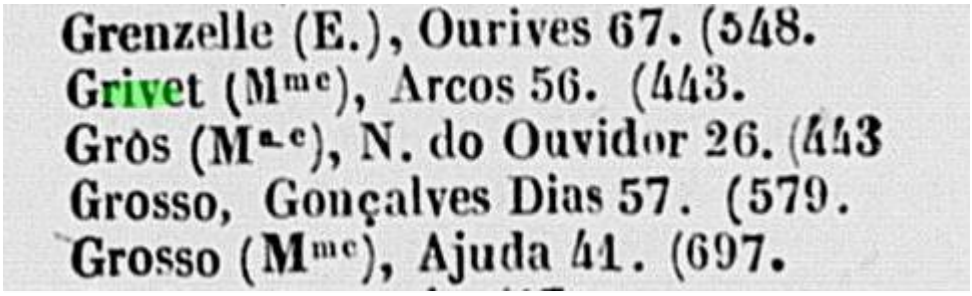
Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1871\Edição 00001 (4)



Numero das que estudaram as materias seguintes: portuguez 60, francez 35, inglez 4, allemão 5, cosmographia 7, geographia geral 35, historia geral 35, historia do Brazil 35, arithmetica 35, dezenho 3, musica vocal 1, musica instrumental 16, dança 12.

Directora, Maria Grivet. — Professores: Claudina de P. Menezes, primeiras letras, arithmetica e historia do Brazil; Maria Telles, idem; Mme. Léonie Stévaux, francez; Mme. Cl. de Azambuja Parigot, piano e canto; Mme. Arpenans, trabalhos de agulha; Doer, calligraphia e dezenho; Parigot filho, inglez e allemão; Grivet, grammatica portugueza, geographia, cosmographia e historia geral; Mme. Baderna, dança.

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1871\Edição 00001 (4)



Grenzelle (E.), Ourives 67. (548.
Grivet (Mme), Arcos 56. (443.
Grôs (Mme), N. do Ouvidor 26. (443
Grosso, Gonçalves Dias 57. (579.
Grosso (Mme), Ajuda 41. (697.

Indicador Alphabetico: Da Morada dos seus principais habitantes (RJ) - Ano 1871\Edição 00001 (1)

COLLEGIO DE MENINAS

DIRIGIDO POR

MME GRIVET

Á

56 RUA DOS ARCOS 56

As aulas reabrem-se no dia 10 do corrente. Admittem-se sómente meio-pensionistas e externas. — Preços: para meio-pensionistas, 60$; para externas, 30$, por trimestres adiantados.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1871\Edição 00004 (1)

COLLEGIO DE MENINAS

DIRIGIDO POR

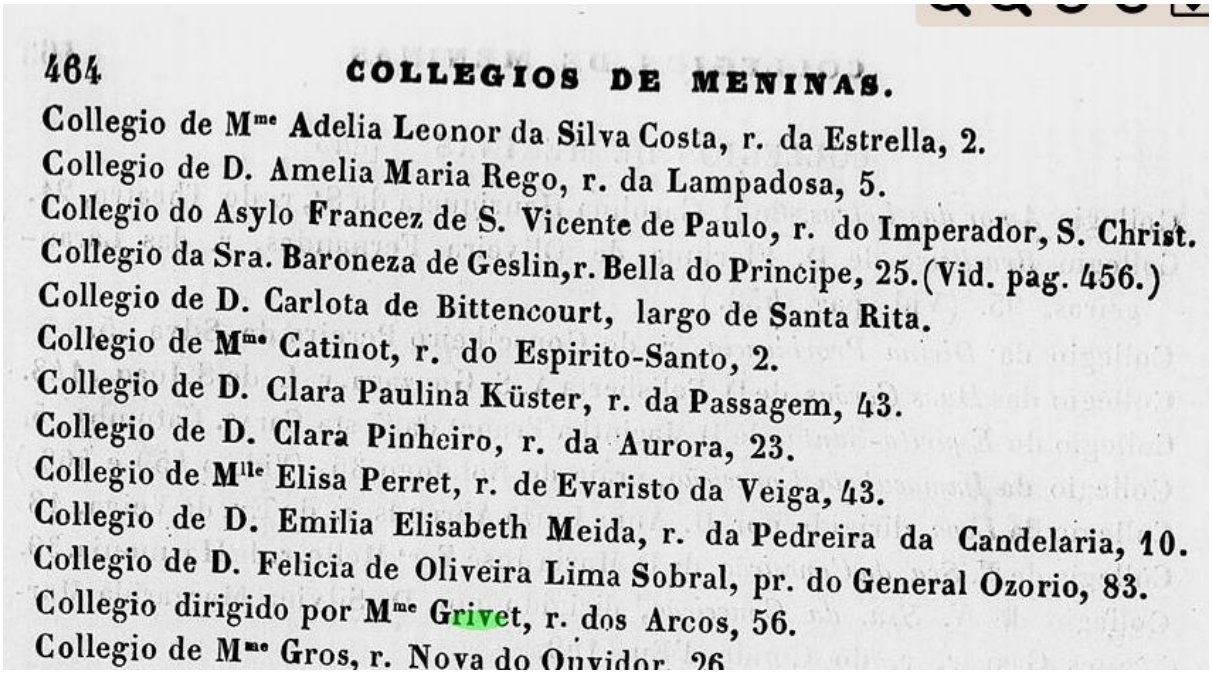
MME GRIVET

Á

56 RUA DOS ARCOS 56

As aulas reabrem-se no dia 10 do corrente. Admittem-se sómente meio-pensionistas e externas. — Preços: para meio-pensionistas, 60$; para externas, 30$, por trimestres adiantados.

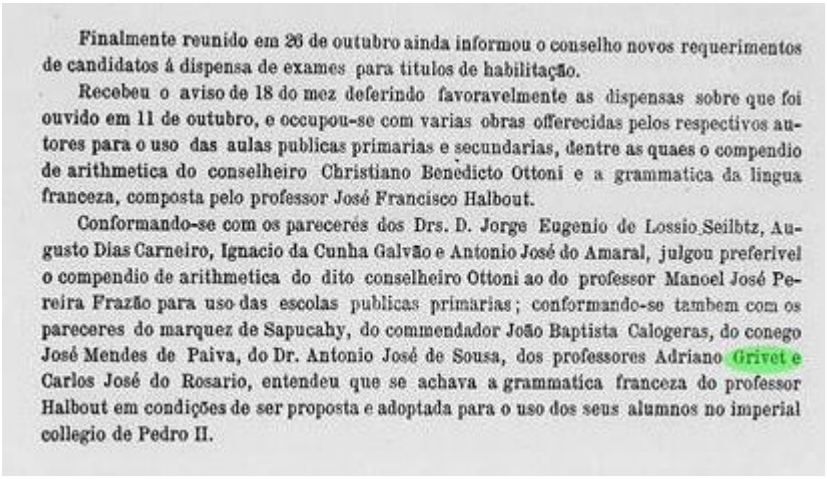
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1871\Edição 00005 (1)



464 COLLEGIOS DE MENINAS.

Collegio de Mme Adelia Leonor da Silva Costa, r. da Estrella, 2.
Collegio de D. Amelia Maria Rego, r. da Lampadosa, 5.
Collegio do Asylo Francez de S. Vicente de Paulo, r. do Imperador, S. Christ.
Collegio da Sra. Baroneza de Geslin, r. Bella do Principe, 25. (Vid. pag. 456.)
Collegio de D. Carlota de Bittencourt, largo de Santa Rita.
Collegio de Mme Catinot, r. do Espirito-Santo, 2.
Collegio de D. Clara Paulina Küster, r. da Passagem, 43.
Collegio de D. Clara Pinheiro, r. da Aurora, 23.
Collegio de Mlle Elisa Perret, r. de Evaristo da Veiga, 43.
Collegio de D. Emilia Elisabeth Meida, r. da Pedreira da Candelaria, 10.
Collegio de D. Felicia de Oliveira Lima Sobral, pr. do General Ozorio, 83.
Collegio dirigido por Mme Grivet, r. dos Arcos, 56.
Collegio de Mme Gros, r. Nova do Ouvidor, 26

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1872\Edição 00029 (1)



Finalmente reunido em 26 de outubro ainda informou o conselho novos requerimentos de candidatos á dispensa de exames para titulos de habilitação.

Recebeu o aviso de 18 do mez deferindo favoravelmente as dispensas sobre que foi ouvido em 11 de outubro, e occupou-se com varias obras offerecidas pelos respectivos autores para o uso das aulas publicas primarias e secundarias, dentre as quaes o compendio de arithmetica do conselheiro Christiano Benedicto Ottoni e a grammatica da lingua franceza, composta pelo professor José Francisco Halbout.

Conformando-se com os pareceres dos Drs. D. Jorge Eugenio de Lossio Seilbtz, Augusto Dias Carneiro, Ignacio da Cunha Galvão e Antonio José do Amaral, julgou preferivel o compendio de arithmetica do dito conselheiro Ottoni ao do professor Manoel José Pereira Frazão para uso das escolas publicas primarias; conformando-se tambem com os pareceres do marquez de Sapucahy, do commendador João Baptista Calogeras, do conego José Mendes de Paiva, do Dr. Antonio José de Sousa, dos professores Adriano Grivet e Carlos José do Rosario, entendeu que se achava a grammatica franceza do professor Halbout em condições de ser proposta e adoptada para o uso dos seus alumnos no imperial collegio de Pedro II.

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1872\Edição 00001 (1)

Titulos expedidos em agosto ultimo pela secretaria da inspectoria geral da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte. Os de capacidade profissional concedidos ao bacharel Gustavo do Rego Macedo, João de Deos da Cunha Pinto, José Jansen da Silva Paço, Antonio Alfredo Fleury de Barros, Epiphanio José dos Reis, Henrique Francisco Mathias Harel, João Caetano Oliveira Aguiar, Luiz Antonio Vieira de Barros e Vasconcellos, D. Maria Carlota de Andrade Neves, D. Amelia Carolina Dias Moreira, D. Carolina Maria Dias Moreira, D. Henriqueta Gomes de Lima, D. Leonidia Pertence Tamm, D. Maria Fortunata Cardoso de Siqueira Amazonas, D. Olympia Josephina Tanière David, D. Virginia Julia Clarisse Tanière Heck; os de renovação de licença de abertura dos collegios de João Francisco de Araujo Lessa, conego José Mendes de Paiva. D. abbade do mosteiro de S. Bento, barão de Tautpheus, Eusebio Pedro do Prado, padre Francisco Ignacio de Christo, Luiz Carlos Domingos Ferreira, Manoel Fernandes da Cunha Graça, Manoel Ferreira das Neves, João Antonio de Azevedo, Thomaz Xavier de Oliveira Menezes, D. Adelia Leonor da Silva Costa, D. Carolina Luiza Tootal, D. Emilia Elisabeth Meida, D. Maria da Concei ão Miranda Dourado, Mary Ann Hitchings, Mme. Taniere, D. Maria Francisca Barbosa Grivet, baronesa de Geslin, D. Dolores Peres de Campos Porto.

A Instrucção Publica: Publicação Hebdomadaria (RJ) - Ano 1872\Edição 00023 (1)

Nova Grammatica franceza.—Pelo editor, o Sr. C. A. Michau, foi-nos offerecido um exemplar da grammatica theorica e pratica da lingua franceza pelo Sr. José Francisco Halbout, professor d'essa materia no collegio de Pedro II e no Instituto commercial. Tivemos occasião de ver os pareceres que sobre esta interessante obra deram além de outras pessoas competentes os Srs. J. B. Callogeras, A. Grivet e conego Paiva.

Esses pareceres abonam o trabalho do Sr. Halbout e fazem sobresahir as suas vantagens para o ensino.

A Reforma: Orgão Democratico (RJ) - Ano 1872\Edição 00267 (1)

Société cantonale d'histoire.

La société d'histoire du canton de Fribourg a été fondée le 1er novembre 1840, par cinq laborieux jeunes gens, dont deux seulement vivent encore :

MM. *Meyer*, curé de St Jean, plus tard bibliothécaire cantonal; *Berchtold*, Dr médecin, plus tard député, puis chancelier d'Etat; J. A. *Sottas*, président de la direction des orphelins; J. J. D. *Mauron*, étudiant en droit, plus tard conseiller d'Etat, et Alex. *Daguet*, professeur à l'école moyenne, plus tard professeur ou directeur d'école, à Porrentruy, Fribourg et Neuchâtel.

La Société est administrée par un comité de deux membres : un président, et un secrétaire. Depuis son origine jusqu'à nos jours (bientôt 32 ans), elle n'a compté que 4 présidents et 7 secrétaires, savoir :

Les présidents :

M. le Dr *Berchtold*, de 1840 à 1843, et de 1849 à 1854 (7 ans et demi);

M. Le curé *Meyer*, de 1843 à 1849, et de 1856 à 1861 (de décembre 1846 à février 1849, léthargie complète de la Société; point de séance; donc environ 8 ans de présidence);

M. *Daguet*, de 1854 à 1856, et de 1861 à 1866 (près de 7 ans);

M. *Gremaud*, professeur et bibliothécaire cantonal, depuis le 15 novembre 1866.

Les secrétaires :

MM. *Daguet*, prof. : 1840 à 1843; A. *Grivet*, prof. : 1843 à 1849 (dont 2 ans de silence absolu); J. J. D. *Mauron*, secrétaire de la direction de l'Intérieur : 1849 à 1656; J. *Sterroz*, prof. : 1856 à 1858; A. *Majeux*, prof. : 1858 à 1862; A. *Bourqui*, prof. : 1862 à 1864; J. *Chatton*, prof. : 1864 à 1866; A. *Majeux* : 1866 à 1872.

Se fondant sur les données qui précèdent, le Secrétaire, M. Majeux, fait appel aux jeunes gens que leurs études peuvent rendre utiles à la Société.

« Ces dates et ces noms, dit-il, font ressortir la circonstance que vu le nombre restreint des membres de la Société d'histoire, les honneurs ou les corvées, c'est tout un, ont constamment été dévolus à un petit nombre d'hommes dévoués, et que, comme conséquence, il est de toute nécessité et aussi de toute justice, que nos rangs se renforcent par de nouvelles réceptions; en un mot, que nos jeunes concitoyens qui ont le bonheur de suivre la si belle carrière des études, n'oublient pas que la *Société d'histoire* est un champ tout naturellement ouvert à leur activité, à leur amour du pays natal. »

Le Confédéré de Fribourg 3 July 1872 (p. 2-3)

Société cantonale d'Histoire.

La *dernière séance* de la Société d'Histoire, quoique très-intéressante, a été peu fréquentée. M. M..., secrétaire de la Société, fait à ce propos les réflexions suivantes dans le *Journal de Fribourg :*

« La Société d'Histoire du canton de Fribourg a été fondée le 1er novembre 1840, par cinq laborieux jeunes gens, dont deux seulement vivent encore : MM. *Meyer*, curé de Saint-Jean, plus tard bibliothécaire cantonal ; *Berchtold*, docteur-médecin, plus tard député, puis chancelier d'Etat ; J. A. *Sottas*, président de la direction des orphelins ; J.-J.-D. *Mauron*, étudiant en droit, plus tard conseiller d'Etat, et Alex. *Daguet*, professeur à l'école moyenne, plus tard professeur ou directeur d'école à Porrentruy, Fribourg et Neuchâtel.

« La Société est administrée par un comité de deux membres : un président et un secrétaire. Depuis son origine jusqu'à nos jours (bientôt 32 ans), elle n'a compté que 4 présidents et 7 secrétaires, savoir :

« Les présidents :

« M. le docteur *Berchtold*, de 1840 à 1843, et de 1849 à 1854 (7 ans et demi).

« M. le curé *Meyer*, de 1843 à 1849, et de 1856 à 1861 (de décembre 1846 à février 1849, léthargie complète de la Société ; point de séance ; donc environ 8 ans de présidence).

« M. *Daguet*, de 1854 à 1856, et de 1861 à 1866 (près de 7 ans).

« M. *Gremaud*, professeur et bibliothécaire cantonal, depuis le 15 novembre 1866.

« Les secrétaires :

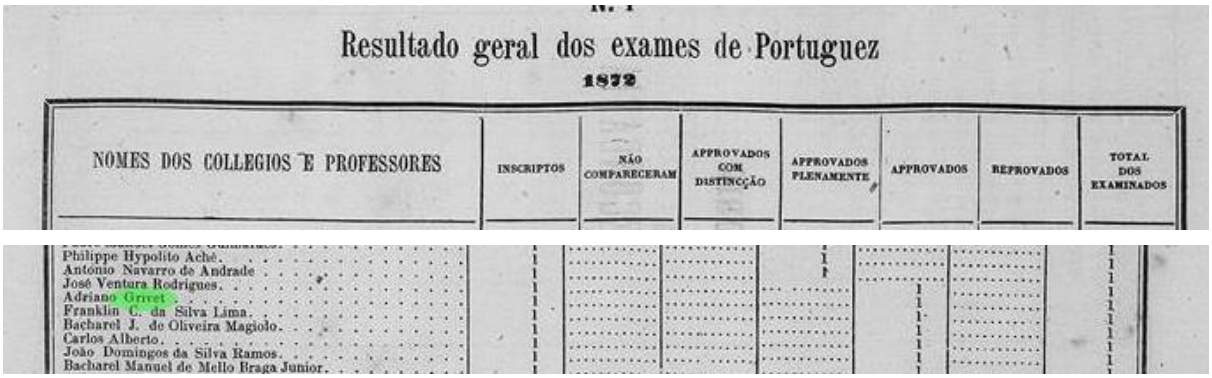
« MM. *Daguet*, professeur, 1840 à 1843 ; A. *Grivet*, professeur, 1843 à 1849 (dont 2 ans de silence absolu) ; J.-J.-D. *Mauron*, secrétaire de la direction de l'intérieur, 1849 à 1856 ; J. *Sterroz*, professeur, 1856 à 1858 ; A. *Majeux*, professeur, 1858 à 1862 ; A. *Bourqui*, professeur, 1862 à 1864 ; J. *Chatton*, professeur, 1864 à 1866 ; A. *Majeux*, 1866 à 1872.

« Quelle est maintenant l'importance de ces dates et de ces noms ? C'est tout simplement de faire ressortir la circonstance que, vu le nombre restreint des membres de la Société d'histoire, les honneurs ou les corvées, c'est tout un, ont constamment été révolus à un petit nombre d'hommes dévoués, et que, comme conséquence, il est de toute nécessité et aussi de toute justice, que nos rangs se renforcent de nouvelles réceptions ; en un mot, que nos jeunes concitoyens qui ont eu le bonheur de suivre la si belle carrière des études, n'oublient pas que la *Société d'histoire* est un champ tout naturellement ouvert à leur activité, à leur amour du pays natal.

« Nous annonçons, chaque fois, que nos séances sont publiques. Mais combien de personnes, profitant de cette publicité, viennent nous honorer de leur présence ?... Le nombre en est insignifiant. Il nous est donné cependant quelquefois de posséder quelques étudiants du collége, dont la participation sympathique nous fait le plus grand plaisir. Mais qu'ils aillent plus loin encore, et que surtout ceux d'entr'eux à qui est chère l'étude de l'histoire nationale, se décident enfin à demander leur admission parmi nous. Il ne leur coûtera absolument rien ; ils seront les tout bienvenus, ils n'auront en nous que des amis..., surtout si l'un d'eux est assez bon pour accepter à son tour la plume qu'a tenue pendant 10 années, et que leur tend d'une main un peu fatiguée mais toujours affectueuse.

« Votre serviteur,
« A. M. »

Le Chroniqueur 4 July 1872 (p. 3)



Resultado geral dos exames de Portuguez

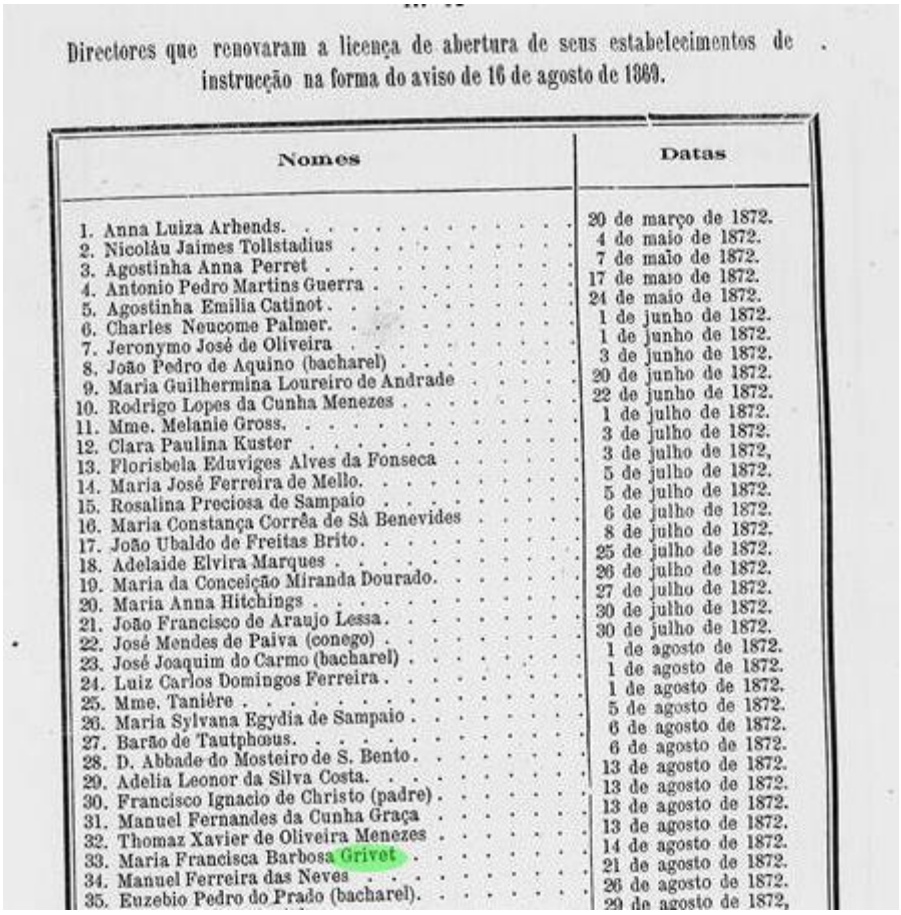
1872

NOMES DOS COLLEGIOS E PROFESSORES	INSCRIPTOS	NÃO COMPARECERAM	APPROVADOS COM DISTINCÇÃO	APPROVADOS PLENAMENTE	APPROVADOS	REPROVADOS	TOTAL DOS EXAMINADOS
Philippe Hypolito Aché	1			1			1
Antonio Navarro de Andrade	1			1			1
José Ventura Rodrigues	1				1		1
Adriano Grivet	1				1		1
Franklin C. da Silva Lima	1				1		1
Bacharel J. de Oliveira Magiolo	1				1		1
Carlos Alberto	1				1		1
João Domingos da Silva Ramos	1				1		1
Bacharel Manuel de Mello Braga Junior	1				1		1

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1873\Edição 00001 (4)

Francisco Ferreira G. Junior	3	1					2	2
Francisco Carneiro da Silva	2	1			1			1
Roberto F. dos Santos	2				1	1		2
Adriano Grivet	1	1						
Bacharel Joaquim José Marques	1	1						
G. H. Pockel Junior	1				1			1
Dr. Philippe Hyppolito Aché	1	1						
Manuel da Silva Netto	1				1			2

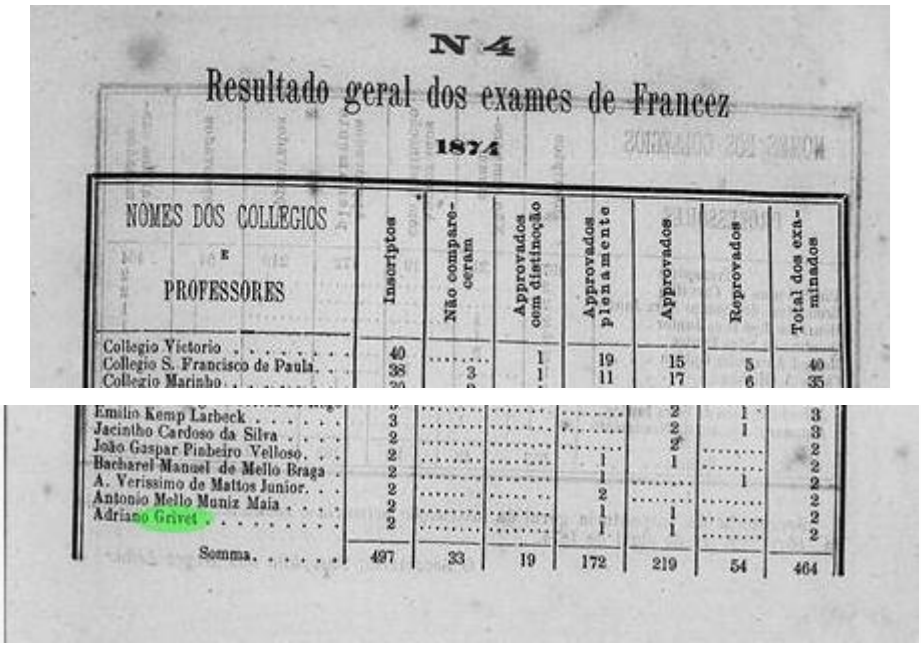
Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1873\Edição 00001 (4)



Directores que renovaram a licença de abertura de seus estabelecimentos de instrucção na forma do aviso de 16 de agosto de 1869.

Nomes	Datas
1. Anna Luiza Arhends.	20 de março de 1872.
2. Nicoláu Jaimes Tollstadius	4 de maio de 1872.
3. Agostinha Anna Perret	7 de maio de 1872.
4. Antonio Pedro Martins Guerra	17 de maio de 1872.
5. Agostinha Emilia Catinot	24 de maio de 1872.
6. Charles Neucome Palmer.	1 de junho de 1872.
7. Jeronymo José de Oliveira	1 de junho de 1872.
8. João Pedro de Aquino (bacharel)	3 de junho de 1872.
9. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade	20 de junho de 1872.
10. Rodrigo Lopes da Cunha Menezes	22 de junho de 1872.
11. Mme. Melanie Gross.	1 de julho de 1872.
12. Clara Paulina Kuster	3 de julho de 1872.
13. Florisbela Eduviges Alves da Fonseca	3 de julho de 1872,
14. Maria José Ferreira de Mello.	5 de julho de 1872.
15. Rosalina Preciosa de Sampaio	5 de julho de 1872.
16. Maria Constança Corrêa de Sá Benevides	6 de julho de 1872.
17. João Ubaldo de Freitas Brito.	8 de julho de 1872.
18. Adelaide Elvira Marques	25 de julho de 1872.
19. Maria da Conceição Miranda Dourado.	26 de julho de 1872.
20. Maria Anna Hitchings	27 de julho de 1872.
21. João Francisco de Araujo Lessa.	30 de julho de 1872.
22. José Mendes de Paiva (conego)	30 de julho de 1872.
23. José Joaquim do Carmo (bacharel)	1 de agosto de 1872.
24. Luiz Carlos Domingos Ferreira	1 de agosto de 1872.
25. Mme. Tanière	1 de agosto de 1872.
26. Maria Sylvana Egydia de Sampaio	5 de agosto de 1872.
27. Barão de Tautphœus.	6 de agosto de 1872.
28. D. Abbade do Mosteiro de S. Bento	6 de agosto de 1872.
29. Adelia Leonor da Silva Costa.	13 de agosto de 1872.
30. Francisco Ignacio de Christo (padre)	13 de agosto de 1872.
31. Manuel Fernandes da Cunha Graça	13 de agosto de 1872.
32. Thomaz Xavier de Oliveira Menezes	13 de agosto de 1872.
33. Maria Francisca Barbosa Grivet	14 de agosto de 1872.
34. Manuel Ferreira das Neves	21 de agosto de 1872.
35. Euzebio Pedro do Prado (bacharel).	26 de agosto de 1872.
	29 de agosto de 1872.

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1873\Edição 00001 (4)



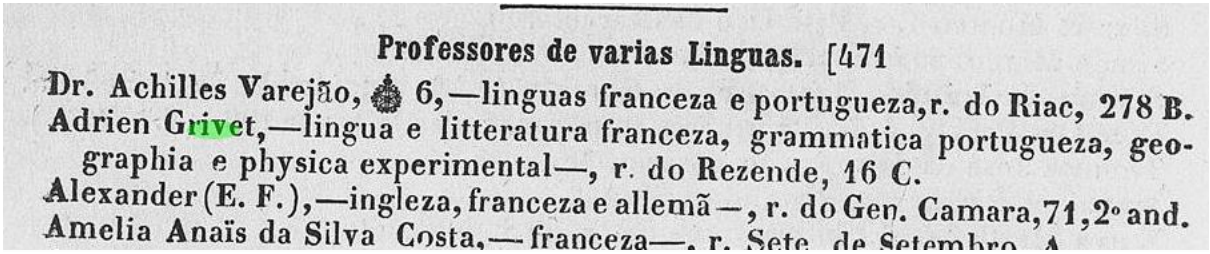
N 4

Resultado geral dos exames de Francez

1874

NOMES DOS COLLEGIOS E PROFESSORES	Inscriptos	Não compareceram	Approvados com distincção	Approvados plenamente	Approvados	Reprovados	Total dos examinados
Collegio Victorio	40	.....	1	19	15	5	40
Collegio S. Francisco de Paula.	38	3	1	11	17	6	35
Emilio Kemp Larbeck	3	.....	.....	.....	2	1	3
Jacintho Cardoso da Silva	2	.....	.....	.....	2	1	3
João Gaspar Pinheiro Velloso.	2	.....	.....	.....	2	.....	2
Bacharel Manuel de Mello Braga	2	.....	.....	1	1	.....	2
A. Verissimo de Mattos Junior.	2	.....	.....	1	.....	1	2
Antonio Mello Muniz Maia	2	.....	.....	2	.....	.....	2
Adriano Grivet	2	.....	.....	1	1	.....	2
	2	.....	.....	1	1	.....	2
Somma.	497	33	19	172	219	54	464

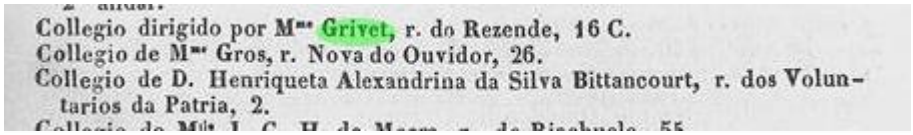
Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1873\Edição 00003 (1)



Professores de varias Linguas. [471

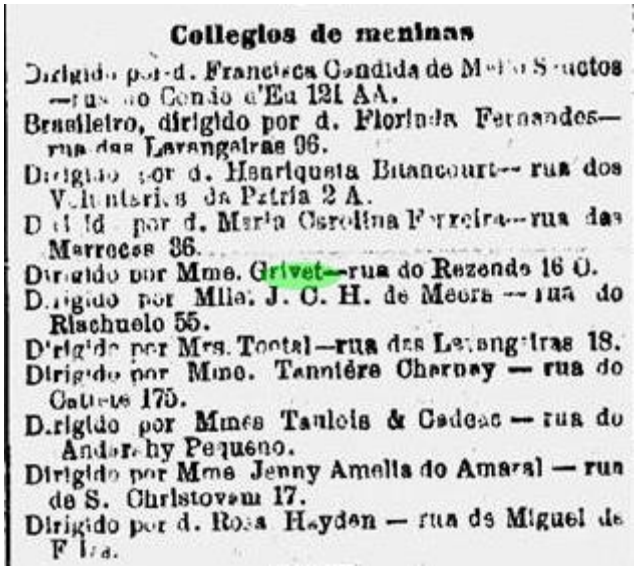
Dr. Achilles Varejão, 6,—linguas franceza e portugueza, r. do Riac, 278 B.
Adrien Grivet,—lingua e litteratura franceza, grammatica portugueza, geographia e physica experimental—, r. do Rezende, 16 C.
Alexander (E. F.),—ingleza, franceza e allemã—, r. do Gen. Camara, 71, 2° and.
Amelia Anaïs da Silva Costa,—franceza—, r. Sete de Setembro, A

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1873\Edição 00030 (2)



Collegio dirigido por Mme Grivet, r. do Rezende, 16 C.
Collegio de Mme Gros, r. Nova do Ouvidor, 26.
Collegio de D. Henriqueta Alexandrina da Silva Bittancourt, r. dos Voluntarios da Patria, 2.

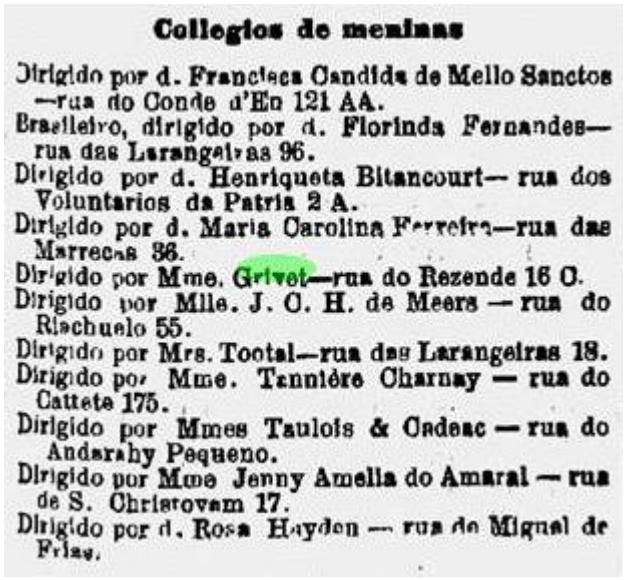
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1873\Edição 00030 (2)



Collegios de meninas

Dirigido por d. Francisca Candida de Mello Santos — rua do Conde d'Eu 121 AA.
Brasileiro, dirigido por d. Florinda Fernandes — rua das Larangeiras 96.
Dirigido por d. Henriqueta Bittancourt — rua dos Voluntarios da Patria 2 A.
Dirigido por d. Maria Carolina Ferreira — rua das Marrecas 36.
Dirigido por Mme. Grivet — rua do Rezende 16 C.
Dirigido por Mlle. J. C. H. de Meers — rua do Riachuelo 55.
Dirigido por Mrs. Tootal — rua das Larangeiras 18.
Dirigido por Mme. Tannière Charnay — rua do Cattete 175.
Dirigido por Mmes Taulois & Cadeac — rua do Andarahy Pequeno.
Dirigido por Mme Jenny Amelia do Amaral — rua de S. Christovam 17.
Dirigido por d. Rosa Hayden — rua de Miguel de Frias.

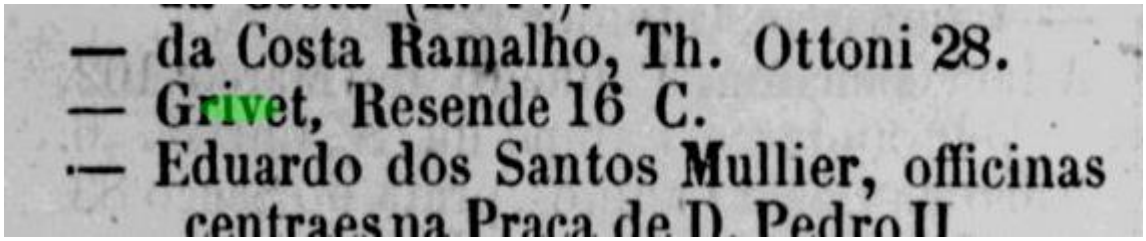
A Republica: Propriedade do Club Republicano (RJ) - Ano 1873\Edição 00747 (1)



Collegios de meninas

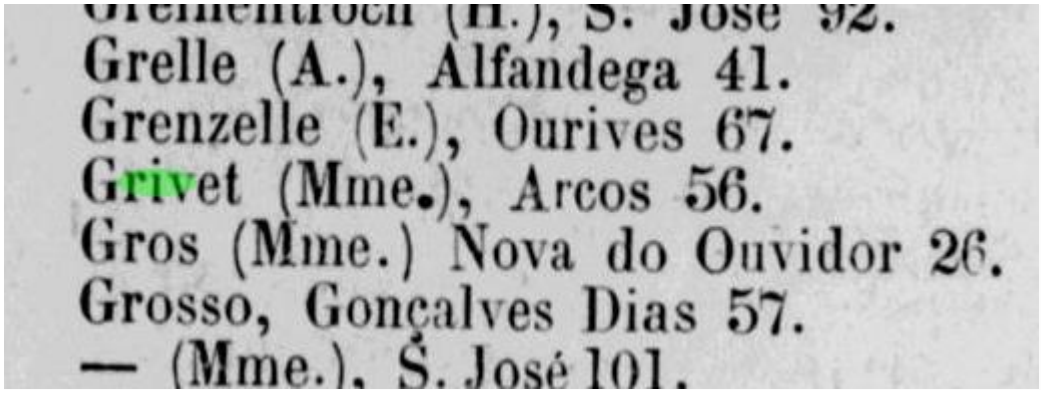
Dirigido por d. Francisca Candida de Mello Sanctos —rua do Conde d'Eu 121 AA.
Brasileiro, dirigido por d. Florinda Fernandes— rua das Larangeiras 96.
Dirigido por d. Henriqueta Bitancourt— rua dos Voluntarios da Patria 2 A.
Dirigido por d. Maria Carolina Ferreira—rua das Marrecas 36.
Dirigido por Mme. Grivet—rua do Rezende 16 C.
Dirigido por Mlle. J. C. H. de Meers — rua do Riachuelo 55.
Dirigido por Mrs. Tootal—rua das Larangeiras 18.
Dirigido por Mme. Tannière Charnay — rua do Cattete 175.
Dirigido por Mmes Taulois & Cadeac — rua do Andarahy Pequeno.
Dirigido por Mme Jenny Amelia do Amaral — rua de S. Christovam 17.
Dirigido por d. Rosa Hayden — rua do Mignal de Frias.

A Republica: Propriedade do Club Republicano (RJ) - Ano 1873\Edição 00770 (1)



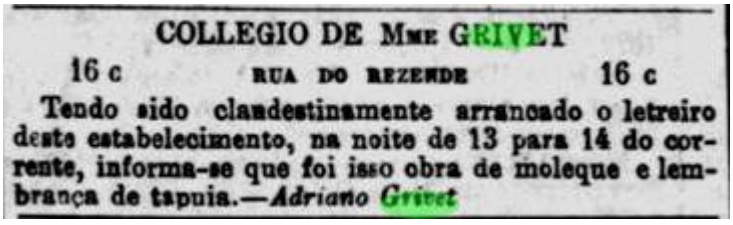
— da Costa Ramalho, Th. Ottoni 28.
— Grivet, Resende 16 C.
— Eduardo dos Santos Mullier, officinas centraes na Praça de D. Pedro II

Indicador Alphabetico (RJ) - Ano 1873\Edição 00001 (2)



Grelle (A.), Alfandega 41.
Grenzelle (E.), Ourives 67.
Grivet (Mme.), Arcos 56.
Gros (Mme.) Nova do Ouvidor 26.
Grosso, Gonçalves Dias 57.
— (Mme.), S. José 101.

Indicador Alphabetico (RJ) - Ano 1873\Edição 00001 (2)

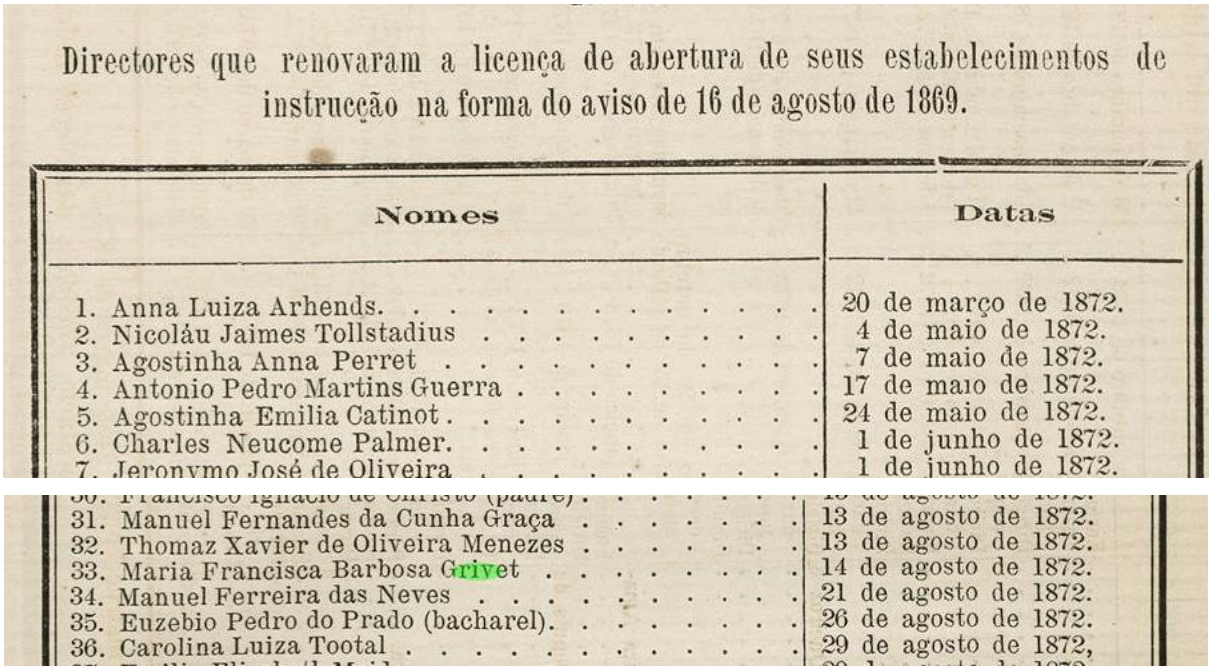


COLLEGIO DE MME GRIVET

16 c RUA DO REZENDE 16 c

Tendo sido clandestinamente arrancado o letreiro deste estabelecimento, na noite de 13 para 14 do corrente, informa-se que foi isso obra de moleque e lembrança de tapuia.—*Adriano Grivet*

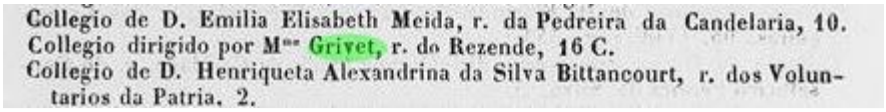
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1873\Edição 00134 (1)



Directores que renovaram a licença de abertura de seus estabelecimentos de instrucção na forma do aviso de 16 de agosto de 1869.

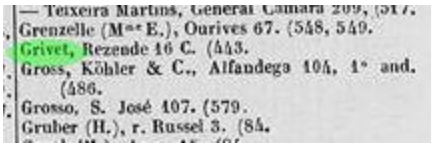
Nomes	Datas
1. Anna Luiza Arhends.	20 de março de 1872.
2. Nicoláu Jaimes Tollstadius	4 de maio de 1872.
3. Agostinha Anna Perret	7 de maio de 1872.
4. Antonio Pedro Martins Guerra	17 de maio de 1872.
5. Agostinha Emilia Catinot	24 de maio de 1872.
6. Charles Neucome Palmer.	1 de junho de 1872.
7. Jeronymo José de Oliveira	1 de junho de 1872.
31. Manuel Fernandes da Cunha Graça	13 de agosto de 1872.
32. Thomaz Xavier de Oliveira Menezes	13 de agosto de 1872.
33. Maria Francisca Barbosa Grivet	14 de agosto de 1872.
34. Manuel Ferreira das Neves	21 de agosto de 1872.
35. Euzebio Pedro do Prado (bacharel).	26 de agosto de 1872.
36. Carolina Luiza Tootal	29 de agosto de 1872,

Relatório do Estado da Instrucção Primaria e Secundaria (RJ) - Ano 1873\Edição 0001 (1)



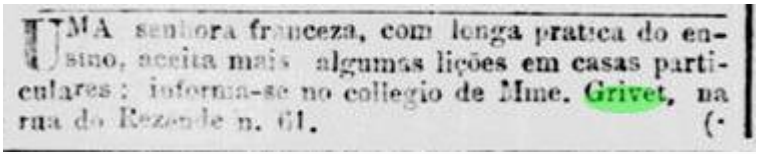
Collegio de D. Emilia Elisabeth Meida, r. da Pedreira da Candelaria, 10.
Collegio dirigido por Mme Grivet, r. do Rezende, 16 C.
Collegio de D. Henriqueta Alexandrina da Silva Bittancourt, r. dos Voluntarios da Patria, 2.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1874\Edição 00031 (2)



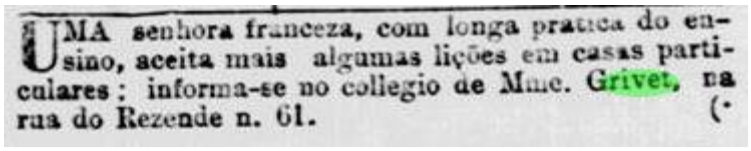
— Teixeira Martins, General Camara 209, (517.
Grenzelle (Mme E.), Ourives 67. (548, 549.
Grivet, Rezende 16 C. (443.
Gross, Köhler & C., Alfandega 104, 1° and. (486.
Grosso, S. José 107. (579.
Gruber (H.), r. Russel 3. (84.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1874\Edição 00031 (2)



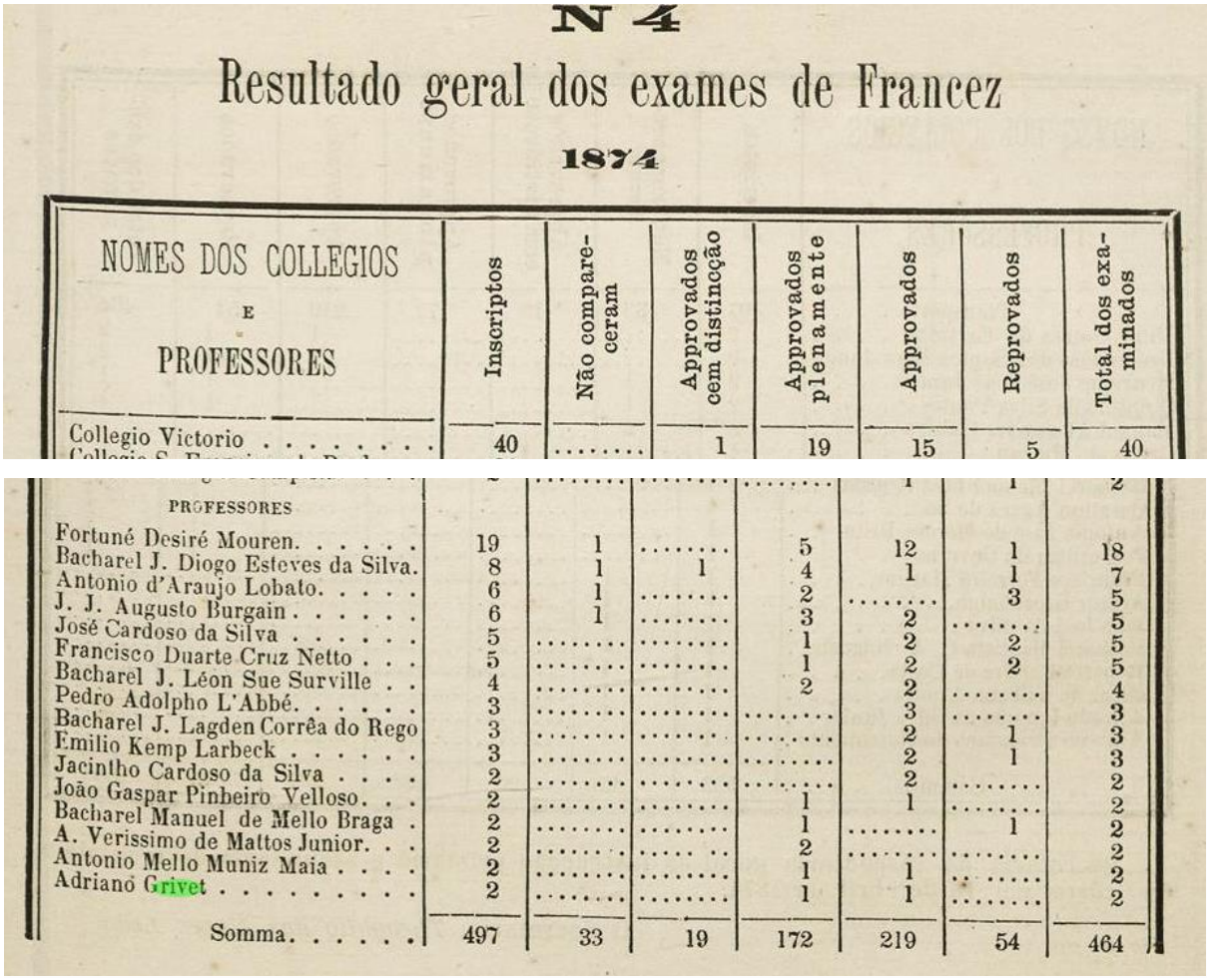
UMA senhora franceza, com longa pratica do ensino, aceita mais algumas lições em casas particulares: informa-se no collegio de Mme. Grivet, na rua do Rezende n. 61. (·

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1874\Edição 00360 (1)



UMA senhora franceza, com longa pratica do ensino, aceita mais algumas lições em casas particulares: informa-se no collegio de Mme. Grivet, na rua do Rezende n. 61. (·

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1874\Edição 00363 (1)



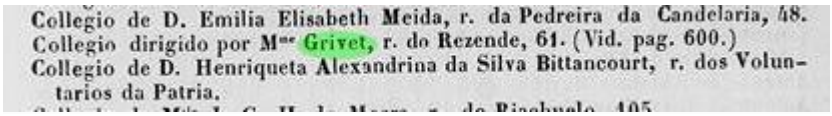
N 4

Resultado geral dos exames de Francez

1874

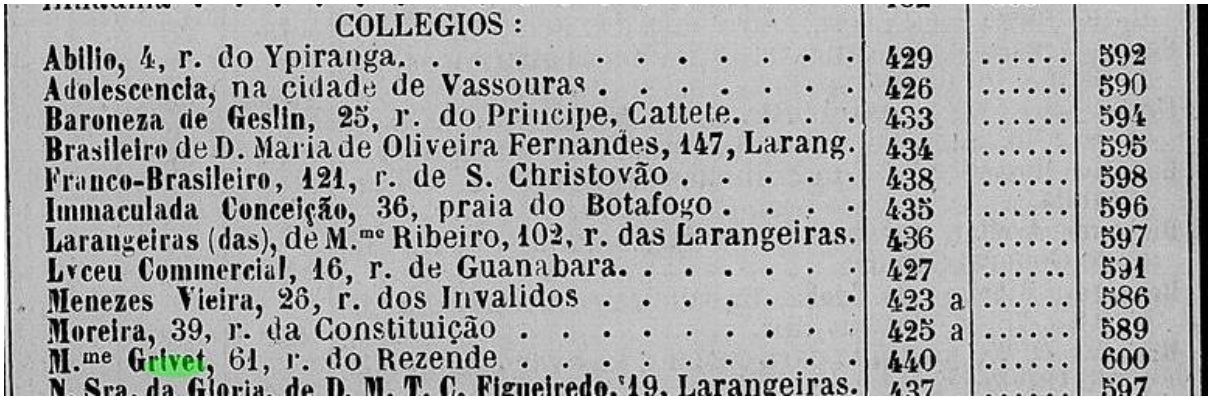
NOMES DOS COLLEGIOS E PROFESSORES	Inscriptos	Não compareceram	Approvados cem distincção	Approvados plenamente	Approvados	Reprovados	Total dos examinados
Collegio Victorio	40	.....	1	19	15	5	40
PROFESSORES							
Fortuné Desiré Mouren.	19	1	.....	5	12	1	18
Bacharel J. Diogo Esteves da Silva.	8	1	1	4	1	1	7
Antonio d'Araujo Lobato.	6	1	.....	2	.....	3	5
J. J. Augusto Burgain	6	1	.....	3	2	.....	5
José Cardoso da Silva	5	.....	.....	1	2	2	5
Francisco Duarte Cruz Netto	5	.....	.....	1	2	2	5
Bacharel J. Léon Sue Surville	4	.....	.....	2	2	.....	4
Pedro Adolpho L'Abbé.	3	.....	.....	.....	3	.....	3
Bacharel J. Lagden Corrêa do Rego	3	.....	.....	.....	2	1	3
Emilio Kemp Larbeck	3	.....	.....	.....	2	1	3
Jacintho Cardoso da Silva	2	.....	.....	.....	2	.....	2
João Gaspar Pinheiro Velloso.	2	.....	.....	1	1	.....	2
Bacharel Manuel de Mello Braga	2	.....	.....	1	.....	1	2
A. Verissimo de Mattos Junior.	2	.....	.....	2	.....	.....	2
Antonio Mello Muniz Maia	2	.....	.....	1	1	.....	2
Adriano Grivet	2	.....	.....	1	1	.....	2
Somma.	497	33	19	172	219	54	464

Relatório do Estado da Instrucção Primaria e Secundaria (RJ) - Ano 1874\Edição 0001 (1)



Collegio de D. Emilia Elisabeth Meida, r. da Pedreira da Candelaria, 48.
Collegio dirigido por Mme Grivet, r. do Rezende, 61. (Vid. pag. 600.)
Collegio de D. Henriqueta Alexandrina da Silva Bittancourt, r. dos Voluntarios da Patria.

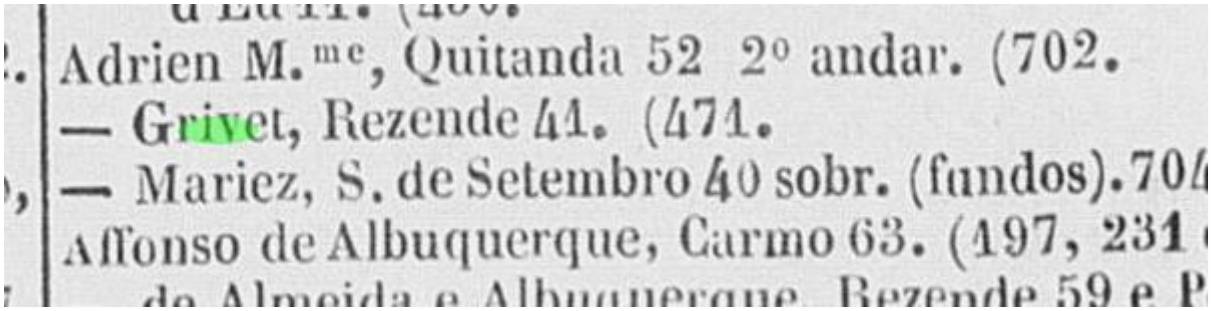
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1875\Edição 00032 (2)



COLLEGIOS :

Abilio, 4, r. do Ypiranga.	429	.....	592
Adolescencia, na cidade de Vassouras	426	.....	590
Baroneza de Geslin, 25, r. do Principe, Cattete. . . .	433	.....	594
Brasileiro de D. Maria de Oliveira Fernandes, 147, Larang.	434	.....	595
Franco-Brasileiro, 121, r. de S. Christovão	438	.....	598
Immaculada Conceição, 36, praia do Botafogo	435	.....	596
Larangeiras (das), de M.me Ribeiro, 102, r. das Larangeiras.	436	.....	597
Lyceu Commercial, 16, r. de Guanabara.	427	.....	591
Menezes Vieira, 26, r. dos Invalidos	423 a	.....	586
Moreira, 39, r. da Constituição	425 a	.....	589
M.me Grivet, 61, r. do Rezende	440	.....	600
N. Sra. da Gloria, de D. M. T. C. Figueiredo, 19, Larangeiras.	437	.....	597

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1875\Edição 00032 (2)



Adrien M.me, Quitanda 52 2º andar. (702.
— Grivet, Rezende 41. (471.
— Mariez, S. de Setembro 40 sobr. (fundos).704
Affonso de Albuquerque, Carmo 63. (197, 231

Indicador Alphabetico: Da Morada dos seus principais habitantes (RJ) - Ano 1875\Edição 00001 (1)

COLLEGIO GRIVET

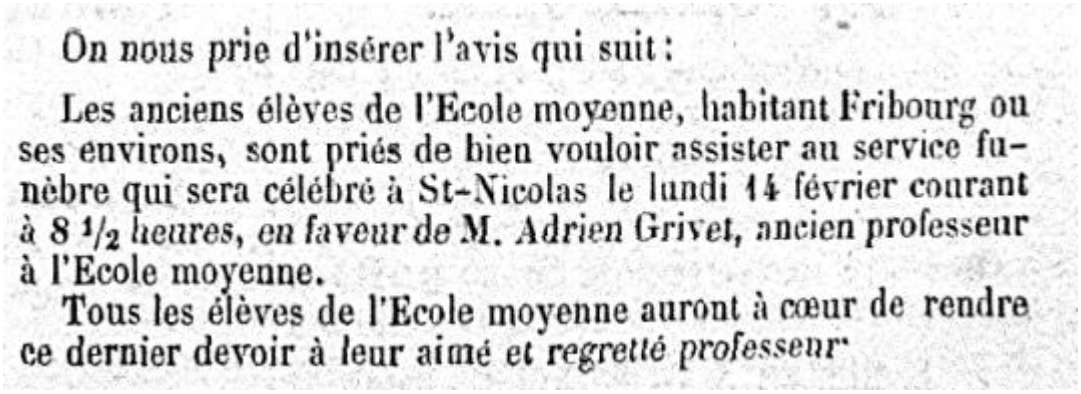
CI REZENDE 61

Reabertura das aulas á 7 de Janeiro.
Recebe-se internas, meio-pensionistas e externas.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1875\Edição 00005 (1)

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1876\Edição 00009 (1)

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1876\Edição 00010 (1)



On nous prie d'insérer l'avis qui suit :

Les anciens élèves de l'Ecole moyenne, habitant Fribourg ou ses environs, sont priés de bien vouloir assister au service funèbre qui sera célébré à St-Nicolas le lundi 14 février courant à 8 1/2 *heures, en faveur de M. Adrien Grivet,* ancien professeur à l'Ecole moyenne.

Tous les élèves de l'Ecole moyenne auront à cœur de rendre ce dernier devoir à leur aimé et *regretté professeur*

Le Chroniqueur 10 February 1876 (p. 3)

monaire, reprit-elle, l'œil étincelant de colère, n'existait que sur votre infâme album.

— De grâce! madame, s'écria Henri, plus un mot de cette déplorable histoire.

— Oh! n'ayez pas peur, reprit-elle; dans votre sollicitude pour moi, vous craignez l'émotion que ce souvenir peut me causer. Qui sait? vous pensez peut-être que votre seul aspect va me donner une rechute... Ne craignez rien, je suis forte maintenant, et tout aussi changée au moral qu'au physique. Je ne suis plus cette enfant qui vous aimait follement, naïvement; les grandes catastrophes nous avancent tout à coup dans la vie, et ont pour l'ame d'étranges effets de croissance. L'enfant est devenue femme. Je vous connais, je vous juge: l'indignation m'a guérie... on n'aime plus ceux qu'on méprise.

— Madame! balbutia Henri, je ne puis souffrir plus longtemps un pareil langage.

Mais, au lieu de s'éloigner, il restait comme cloué sur le sol et regardait fixement cette fraîche figure, cette superbe ressuscitée.

Lui, l'homme froid, impénétrable d'ordinaire, il était dans un tel état de surprise et de consternation, qu'il laissait lire toutes ses impressions dans ses yeux effarés.

(A suivre.)

CANTON DE FRIBOURG

Société cantonale d'histoire.

La réunion du 10 février proche écoulé a prouvé une fois de plus le zèle que les membres de la société mettent à

explorer le champ si intéressant quoique relativement restreint, de notre histoire cantonale.

M. *Hubert Thorin* communique par l'entremise de M. l'abbé *Jeunet*, *une monographie* de son village natal Villars-sous-Mont, ainsi nommé à cause de sa situation topographique au-dessous du Moléson. D'anciens documents du 14e siècle mentionnent cette localité sous le nom de Villars-Symon, peut-être à raison de son église dédiée à St.-Simon et Jude. Les deux héros gruériens Clarimbod et Ulrich surnommé bras de fer, qui sauvèrent la vie et l'armée du Comte Pierre IV, à la bataille du Sothaou contre les Bernois en 1348 étaient tous deux de Villars-sous-Mont et appartenaient à l'ancienne famille des Thorins. C'est en mémoire de leur dévouement que le Comte aurait affranchi le village de toute redevance féodale. L'épée de Clarimbod fut religieusement conservée dans la paroisse jusque vers la fin du 18e siècle, où elle fut prosaïquement transformée en scie par un ignare maréchal.

M. *l'abbé Vicht* donne une notice sur la Seigneurie de Chatonnaye, dont les Seigneurs avaient, paraît-il, de fréquentes relations avec ceux de Vuissens. Le petit village de Chattonnaye prétend avoir été jadis une ville.

Le *R. P. Nicolas Rœdlé* cherche à préciser la date des agrandissements successifs, de Fribourg. La ville primitive comprenait le *Bourg* proprement dit, c'est-à-dire la Grand'rue, celles des miroirs, des bouchers, de St-Nicolas et la rue des orfèvres ou chandeleirs actuellement dite des Epouses : puis le quartier de l'Auge, qui était séparé du précédent par la porte du Stalden.

En 1252 et 1253, le Comte Hartmann le jeune, de Kybourg garantit avec l'agrément de la bourgeoisie, les franchises du bourg à ceux qui s établiraient sur les chésaux entre Bourguillon, Gotteron et la Rive. Cette charte fut l'origine des nouveaux quartiers ; c'est ainsi que l'on construisit successivement la Schmidgasse, la rue des Hôpitaux, les Places, la Neuveville et la Planche. En 1402 la Neuveville fut détachée de l'Hôpital, et ces deux quartiers formèrent deux bannières à part. En 1406, on assigna à chaque bannière les portes de la ville qu'elle aurait à défendre, et un certain nombre de paroisses rurales qu'elle avait sous sa dépendance.

M. l'*Abbé Gremaud* donne des détails sur le P. Gumpenberg, auquel on doit l'érection de la chapelle de Lorette. Ce célèbre prédicateur était jésuite. Il fut pendant 4 ans pénitencier au Vatican ; il prêcha durant 32 ans en Allemagne, et trois ans à Fribourg, où il exerçait une influence considérable. Il a publié un *Atlas Marianus* contenant la description d'un grand nombre de chapelles miraculeuses de la vierge. Notre sanctuaire de Notre-Dame de Lorette y occupe 3 ou 4 pages. Le départ du P. Gumpenberg de Fribourg fut considéré comme une calamité publique : les avoyers et d'autres seigneurs de la ville s'invitèrent à cette occasion au collége, pour un dîner d'adieux dont le menu a été fidèlement conservé par l'histoire, et qui dura de 11 heures du matin à 2 h. après midi.

L'ambassade de Russie s'est adressée aux divers gouvernements cantonaux et par leur intermédiaire aux Sociétés d'histoire, pour obtenir des renseignements au sujet d'un plan en relief de la Suisse, indiquant les évolutions militaires du général Souwarow à la fin du siècle dernier. Ce plan s'est égaré, et on désire en retrouver la trace. Sur ce, M. *Ant. Gottrau* peintre se lève, et prétend avoir vu, il y a quelques années, le susdit plan dans une maison particulière a Schwytz.

M. l'archiviste *Schneuwly* entreprend de démontrer que l'instruction publique a fleuri sur les bords de la Sarine, à une époque bien antérieure à celle qu'on lui assigne communément. Parmi les principaux droits octroyés par le duc de Zæhringen aux bourgeois de Fribourg, figure celui d'élire leur Advoyer, leur curé et leur Maistre d'Eschole. En compulsant les comptes des trésoriers, M. Schneuwly a découvert que, dès l'origine de notre cité, il y a toujours à Fribourg eu des instituteurs, tantôt romands, tantôt allemands, suivant la prédominance de l'une ou l'autre des deux langues. L'instruction était obligatoire et des peines très-sévères, telles que le bannissement, étaient décernées contre les enfants qui ne fréquentaient pas l'école publique. les écoles clandestines et privées étaient l'objet de toutes les rigueurs.

M. l'abbé *Rœmy* fait connaître quelques formules notariales usitées au 16me et 17e siècle. Il cite comme spécimen un testament de 1622 dicté par le Seigneur Frantz Rœmy, remarquable par les sentiments pieux qu'il exprime, par les précautions minutieuses dont il s'enveloppe et par la prolixité du style.

M. *Jeunet* se plaint de la manière dont on maltraite l'histoire ou plutôt les documents historiques dans le canton de Fribourg. Il a vu, de ses propres yeux vu, ce qui s'appelle vu d'énormes sacs à papier, des parchemins précieux, employés aux plus ignobles usages, relégués non pas au bureau des archives, mais dans certains *cabinets*, dont il n'est pas besoin de désigner la destination ultérieure.

M. Gremaud lui répond avec raison que de tels actes de vandalisme, tout regrettables qu'ils soient ne se rencontrent pas seulement dans le canton de Fribourg. On pour-

rait citer de grands pays où des parchemins de la plus haute importance ont servi à confectionner.... des cartouches !

M. le secrétaire *Majeux* fait connaître en peu de mots la carrière si bien remplie de M. Grivet allié Stœcklin, ancien professeur de l'ecole moyenne puis à l'école cantonale. Il fut un des plus anciens membres et le second secrétaire de notre société d'histoire. Il avait fait partie du comité de Posieux. Parti de Fribourg en 1853, il se rendit d'abord à Bâle, d'où il émigra deux ans plus tard au Brésil. Il est mort à Rio-Janeiro, le 14 janvier 1874, après avoir eu la douleur de perdre quelque temps auparavant une fille adorée. C'est en son honneur qu'un service funèbre sera célébré à St-Nicolas, lundi prochain 14 février.

M. le pasteur *Ochsenbein* annonce que la publication concernant la bataille de Morat paraîtra en deux éditions. La grande d'environ 400 pages contiendra tous les documents originaux dans la langue où ils ont été écrits, qu'il a reçus non-seulement de Suisse, mais de Dijon, de Colmar, de Venise et d'ailleurs.

Ce volume si précieux se vendra au prix modique de 5 fr. Il y aura en outre une édition populaire d'environ 100 pages, dont notre zélé secrétaire, M. Auguste Majeux est chargé de faire la traduction française. M. Ochsenbein rappelle aussi qu'il doit exister un journal du siége de Morat écrit par M. le commandant d'Affry.

Le grand historien Haller a lu ce journal au siècle dernier. Ne serait-il pas possible d'en retrouver l'exemplaire?

M. le président *Gremaud* termine la séance par une notice sur Claude d'Estavayer chanoine de Lausanne, puis Abbé de Haute Combe, et de la Joux, évêque de Belley, etc, décédé enfin à Romainmôtier, le 28 décembre 1534, où on l'enterra, dit-on, avec un jeu de cartes en mains. Il joua un rôle politique assez important, comme conseiller du duc de Savoie. Ce prélat a été fort maltraité par les historiens, en particulier par Pierre fleur qui le dépeint comme ami de la bonne chère, fréquentant les festins et les bals, etc. Il paraît cependant que Claude d'Estavayer protégea les sciences et les arts ; il fit en plusieurs églises des fondations pies.

Après une séance si bien remplie, les membres de la société se réunirent dans la soirée à l'hôtel des Charpentiers pour resserrer, dans une agape fraternelle, les liens de la confraternité scientifique et patriotique. C. R.

Le Chroniqueur 15 February 1876 (p. 2-3)

CLUB GLORIA Á TASSO

Os Srs. socios, que ainda não entregaram listas, pódem fazel-o á commissão do syndicancia, que são os Srs. M. Guimarães, Costa Fernandes e J. Braga.

Os que quizerem offerecer donativos para a bibliotheca pod m fazel-o ao bibliothecario, o Sr. Santos Ramos.

Os recibos de junho acham-se com o Sr. procurador A. Grivét.

As sessões do club á rua do Carvalho de Sá n. 3. — O 2° secretario interino, *Henrique Fernandes.*

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1880\Edição 00134 (1)

PIANO
CANTO
HARPA.

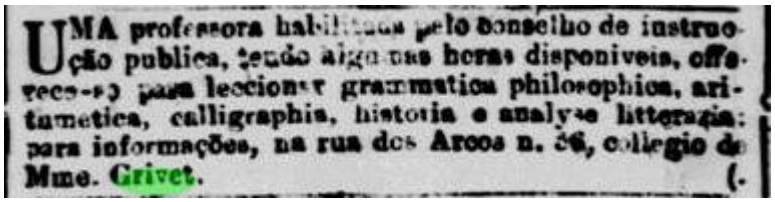
Uma senhora que recebeu sua educação musical em Paris e recentemente chegada da Europa se offerece para dar lições de piano, canto e harpa; encontra-se na rua dos Arcos n. 56, no collegio de meninas de Mme. Grivet.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1866\Edição 00243 (1)

Leçons de harpe, piano et chant.

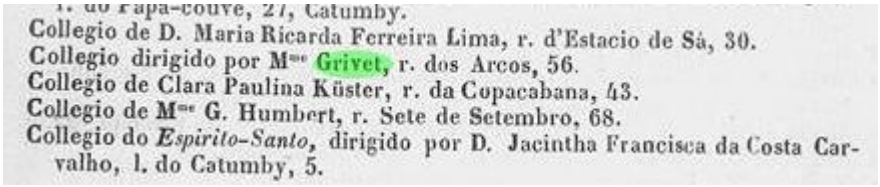
Mlle. Brown, qui a reçu son éducation musicale à Paris, nouvellement arrivée de France, s'offre sous les meilleurs renseignements pour donner des leçons de harpe, piano e chant; pour traiter, s'adresser au collége de Mme. Grivet, rua dos Arcos n. 56.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1866\Edição 00275 (2)



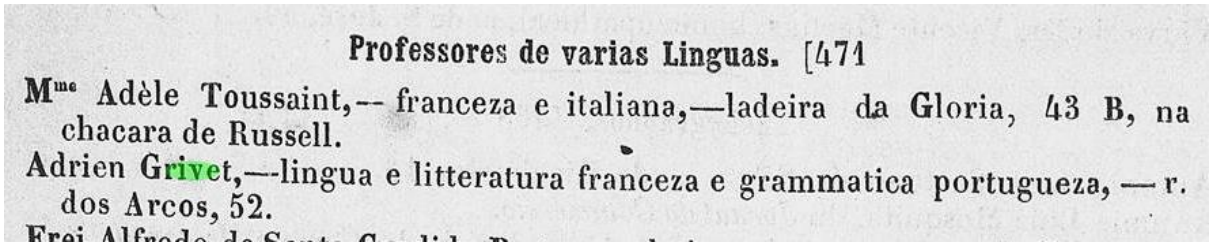
UMA professora habilitada pelo conselho de instrucção publica, tendo algumas horas disponiveis, offerece-se para leccionar grammatica philosophica, aritmetica, calligraphia, historia e analyse litteraria: para informações, na rua dos Arcos n. 56, collegio de Mme. Grivet.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1866\Edição 00275 (2)



r. do Papa-couve, 27, Catumby.
Collegio de D. Maria Ricarda Ferreira Lima, r. d'Estacio de Sá, 30.
Collegio dirigido por Mme Grivet, r. dos Arcos, 56.
Collegio de Clara Paulina Küster, r. da Copacabana, 43.
Collegio de Mme G. Humbert, r. Sete de Setembro, 68.
Collegio do *Espirito-Santo*, dirigido por D. Jacintha Francisca da Costa Carvalho, l. do Catumby, 5.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1867\Edição 00004 (4)



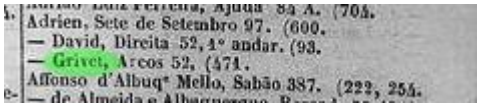
Professores de varias Linguas. [471

M^me Adèle Toussaint,-- franceza e italiana,—ladeira da Gloria, 43 B, na chacara de Russell.

Adrien Grivet,—lingua e litteratura franceza e grammatica portugueza, — r. dos Arcos, 52.

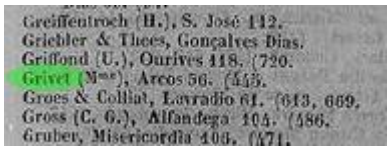
Frei Alfredo de Santa [illegible]

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1867\Edição 00004 (4)



Adrien, Sete de Setembro 97. (600.
— David, Direita 52, 1° andar. (93.
— Grivet, Arcos 52. (471.
Affonso d'Albuq^e Mello, Sabão 387. (222, 254.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1867\Edição 00004 (4)



Greiffenstroch (H.), S. José 112.
Griebler & Thees, Gonçalves Dias.
Griffond (U.), Ourives 118. (720.
Grivet (M^me), Arcos 56. (543.
Groes & Colliat, Lavradio 61. (613, 669.
Gross (C. G.), Alfandega 104. (586.
Gruber, Misericordia 106. (471.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1867\Edição 00004 (4)

COLLEGIO DE MENINAS
DIRIGIDO POR M^me GRIVET
56 RUA DOS ARCOS 56
Reabertura das aulas a 7 do corrente

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1867\Edição 00002 (1)

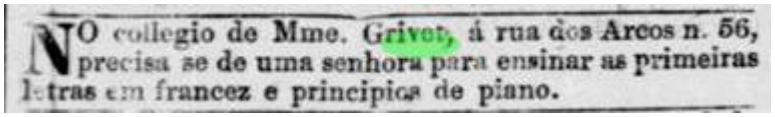
COLLEGIO DE MENINAS
DIRIGIDO POR M^me GRIVET
56 RUA DOS ARCOS 56
Reabertura das aulas a 7 do corrente

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1867\Edição 00006 (1)

PROFESSORA.

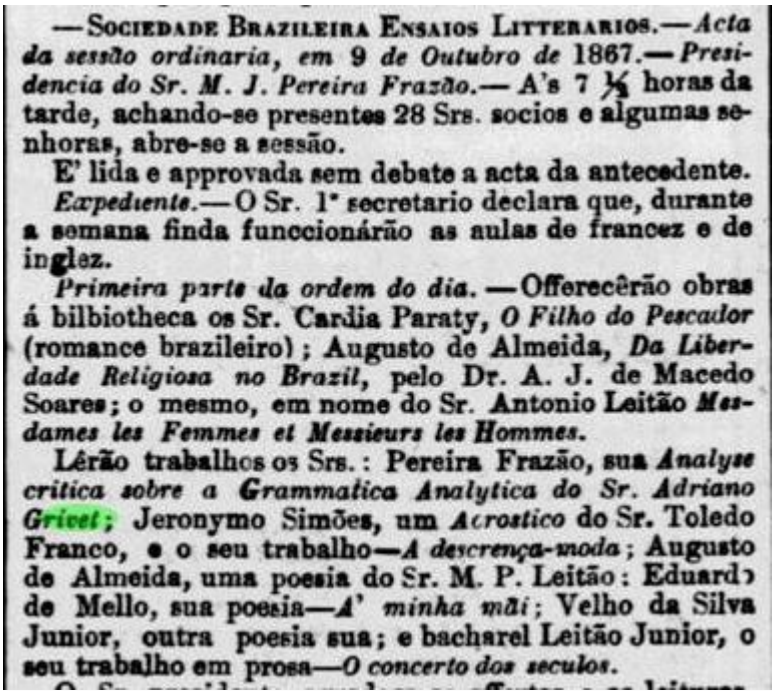
A Sra. Marie Brown, recentemente chegada da Europa, que recebeu a sua educação musical em Pariz, se offerece para dar lições de piano, canto e harpa; para tratar, dirijão-se ao collegio de Mme. Grivet, rua dos Arcos n. 56.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1867\Edição 00006 (1)



NO collegio de Mme. Grivet, á rua dos Arcos n. 56, precisa se de uma senhora para ensinar as primeiras letras em francez e principios de piano.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1867\Edição 00281 (1)



—SOCIEDADE BRAZILEIRA ENSAIOS LITTERARIOS.—*Acta da sessão ordinaria, em 9 de Outubro de* 1867.—*Presidencia do Sr. M. J. Pereira Frazão.*— A's 7 ½ horas da tarde, achando-se presentes 28 Srs. socios e algumas senhoras, abre-se a sessão.

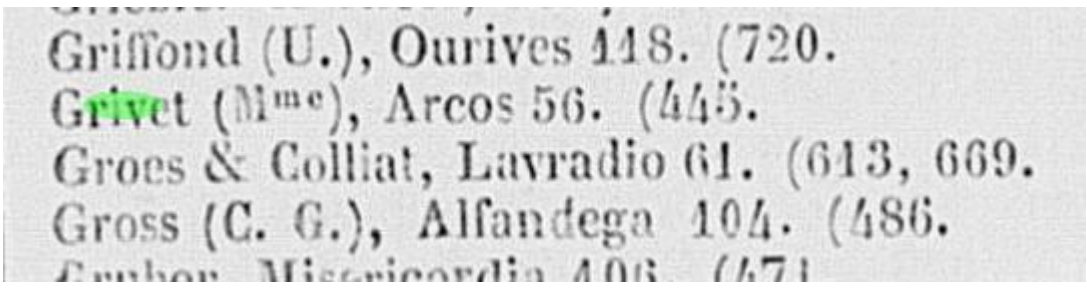
E' lida e approvada sem debate a acta da antecedente.

Expediente.—O Sr. 1° secretario declara que, durante a semana finda funccionárão as aulas de francez e de inglez.

Primeira parte da ordem do dia.—Offerecêrão obras á bilbiotheca os Sr. Cardia Paraty, *O Filho do Pescador* (romance brazileiro); Augusto de Almeida, *Da Liberdade Religiosa no Brazil*, pelo Dr. A. J. de Macedo Soares; o mesmo, em nome do Sr. Antonio Leitão *Mesdames les Femmes et Messieurs les Hommes.*

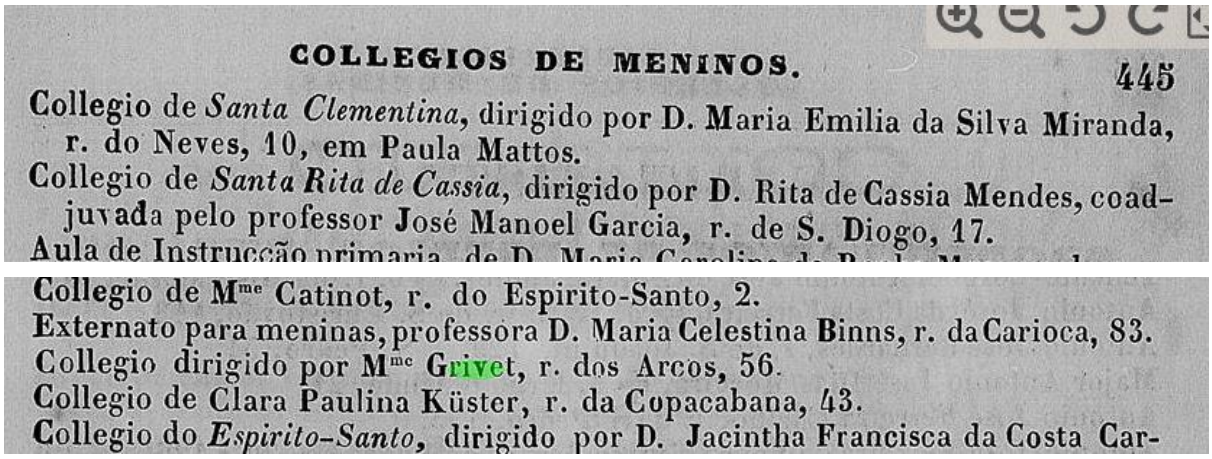
Lêrão trabalhos os Srs.: Pereira Frazão, sua *Analyse critica sobre a Grammatica Analytica do Sr. Adriano Grivet*; Jeronymo Simões, um *Acrostico* do Sr. Toledo Franco, e o seu trabalho—*A descrença-moda*; Augusto de Almeida, uma poesia do Sr. M. P. Leitão: Eduardo de Mello, sua poesia—*A' minha mãi*; Velho da Silva Junior, outra poesia sua; e bacharel Leitão Junior, o seu trabalho em prosa—*O concerto dos seculos.*

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1867\Edição 00290 (1)



Griffond (U.), Ourives 118. (720.
Grivet (Mme), Arcos 56. (445.
Groes & Colliat, Lavradio 61. (613, 669.
Gross (C. G.), Alfandega 104. (486.

Indicador Alphabetico: Da Morada dos seus principais habitantes (RJ) - Ano 1867\Edição 00001 (1)



COLLEGIOS DE MENINOS. 445

Collegio de *Santa Clementina*, dirigido por D. Maria Emilia da Silva Miranda, r. do Neves, 10, em Paula Mattos.

Collegio de *Santa Rita de Cassia*, dirigido por D. Rita de Cassia Mendes, coadjuvada pelo professor José Manoel Garcia, r. de S. Diogo, 17.

Aula de Instrucção primaria, de D. Maria Carolina de [illegible]

Collegio de Mme Catinot, r. do Espirito-Santo, 2.

Externato para meninas, professora D. Maria Celestina Binns, r. da Carioca, 83.

Collegio dirigido por Mme Grivet, r. dos Arcos, 56.

Collegio de Clara Paulina Küster, r. da Copacabana, 43.

Collegio do *Espirito-Santo*, dirigido por D. Jacintha Francisca da Costa Car-

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1868\Edição 00025 (3)

Adrião Luiz Ferreira, Ajuda 84 A. (704.
Adrien, Sete de Setembro 97. (600.
— Grivet, Arcos 52. (471.
Æneas Bruce, Rosario 109. (471.
Affonseca Franco (J. A. de), S. Bento 3.
Affonso d'Albuq^e Mello, Sabão 387. (222, 254.
— de Almeida e Albuquerque, Rezende 33. (254.
— Anglada, Pescadores 27. (175 d.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1868\Edição 00025 (3)

Gross (C. G.), Alfandega 105. (486.
Gruber, Misericordia 103. (471.
Guahyba, S. Joaq^m 110 e Direita 14. (461.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1868\Edição 00025 (3)

COLLEGIO DE MENINAS

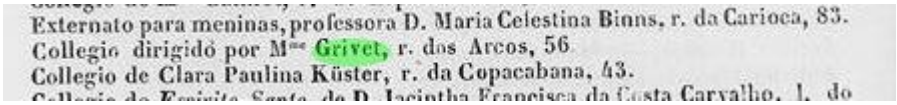
56 Rua dos Arcos 56

DIRIGIDO POR

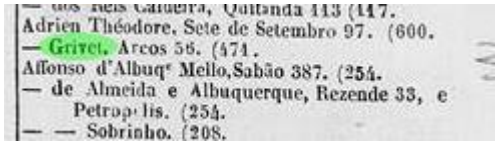
MME GRIVET

Tornão a abrir-se as aulas no dia 8 deste mez.

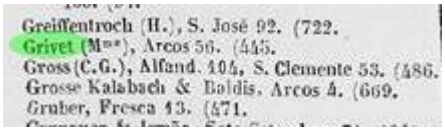
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1868\Edição 00007 (1)


Externato para meninas, professora D. Maria Celestina Binns, r. da Carioca, 83.
Collegio dirigido por Mme Grivet, r. dos Arcos, 56.
Collegio de Clara Paulina Küster, r. da Copacabana, 43.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1869\Edição 00026 (3)


Adrien Théodore, Sete de Setembro 97. (600.
— Grivet, Arcos 56. (474.
Affonso d'Albuqe Mello, Sabão 387. (254.
— de Almeida e Albuquerque, Rezende 33, e Petropolis. (254.
— — Sobrinho. (208.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1869\Edição 00026 (3)


Greiffentroch (H.), S. José 92. (722.
Grivet (Mme), Arcos 56. (445.
Gross (C.G.), Alfand. 104, S. Clemente 53. (486.
Grosse Kalabach & Baldis. Arcos 4. (669.
Gruber, Fresca 13. (471.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1869\Edição 00026 (3)

COLLEGIO DE MENINAS

56 RUA DOS ARCOS 56

No collegio de Mme. Grivet admittem-se ainda algumas alumnas externas ou meio-pensionistas, e, tendo sido contratada uma habilissima mestra de piano, recebem-se tambem discipulas para piano só, pelo preço do estabelecimento.

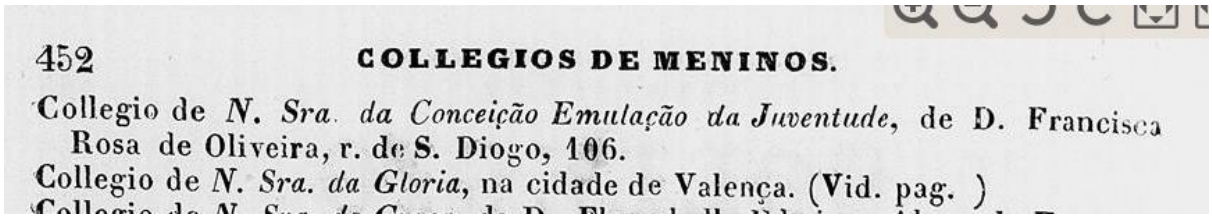
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1869\Edição 00198 (1)

COLLEGIO DE MENINAS

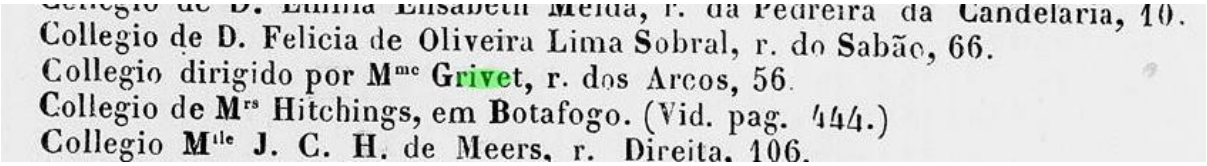
56 RUA DOS ARCOS 56

No collegio de Mme. Grivet admittem-se ainda algumas alumnas externas ou meio-pensionistas, e, tendo sido contratada uma habilissima mestra de piano, recebem-se tambem discipulas para piano só, pelo preço do estabelecimento.

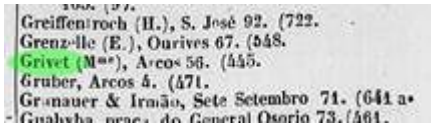
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1869\Edição 00200 (1)


452 COLLEGIOS DE MENINOS.

Collegio de *N. Sra. da Conceição Emulação da Juventude*, de D. Francisca Rosa de Oliveira, r. de S. Diogo, 106.
Collegio de *N. Sra. da Gloria*, na cidade de Valença. (Vid. pag.)


Collegio de D. Emilia Elisabeth Mendia, r. da Pedreira da Candelaria, 10.
Collegio de D. Felicia de Oliveira Lima Sobral, r. do Sabão, 66.
Collegio dirigido por Mme Grivet, r. dos Arcos, 56.
Collegio de Mrs Hitchings, em Botafogo. (Vid. pag. 444.)
Collegio Mlle J. C. H. de Meers, r. Direita, 106.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1870\Edição 00027 (2)


Greiffenrroch (H.), S. José 92. (722.
Grenzelle (E.), Ourives 67. (548.
Grivet (Mme), Arcos 56. (445.
Gruber, Arcos 4. (471.
Granauer & Irmão, Sete Setembro 71. (641 a

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1870\Edição 00027 (2)

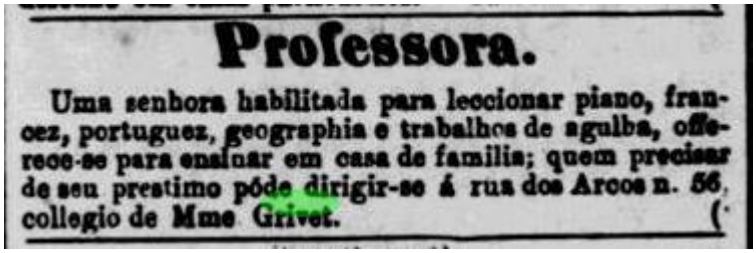
COLLEGIO
DE
M.ME GRIVET.
56 RUA DOS ARCOS 56
Reabertura das aulas a 10 do corrente.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1870\Edição 00006 (1)

Professora.

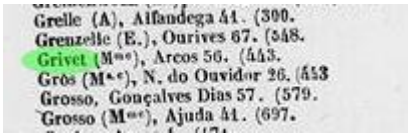
Uma senhora habilitada para leccionar piano, francez, portuguez, geographia o trabalhos de agulha, offerece-se para ensinar em casa de familia; quem precisar de seu prestimo póde dirigir-se á rua dos Arcos n. 56, collegio de Mme Grivet.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1870\Edição 00016 (1)

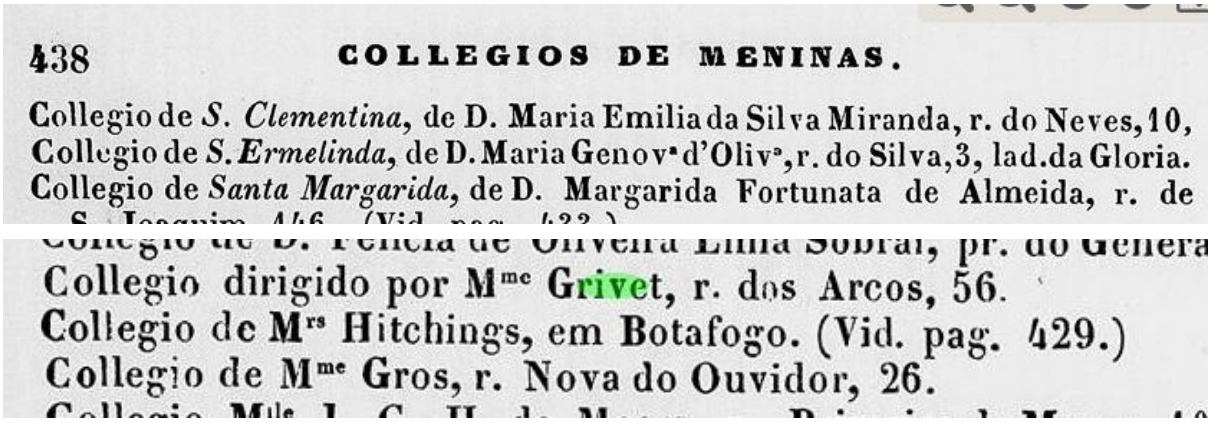

Professora.

Uma senhora habilitada para leccionar piano, francez, portuguez, geographia e trabalhos de agulha, offerece-se para ensinar em casa de familia; quem precisar de seu prestimo póde dirigir-se á rua dos Arcos n. 56, collegio de Mme Grivet.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1870\Edição 00018 (1)


Grelle (A), Alfandega 41. (390.
Grenzelle (E.), Ourives 67. (548.
Grivet (Mme), Arcos 56. (443.
Grós (Mme), N. do Ouvidor 26. (453
Grosso, Gonçalves Dias 57. (579.
Grosso (Mme), Ajuda 41. (697.

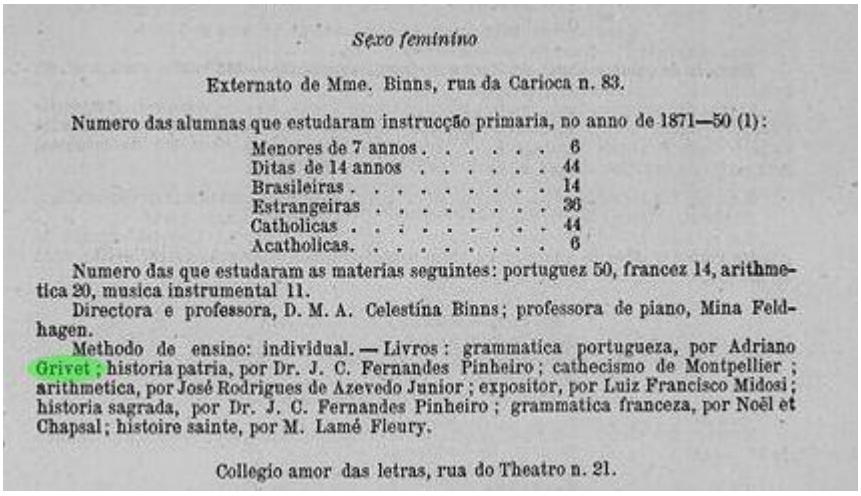
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1871\Edição 00028 (2)


438 COLLEGIOS DE MENINAS.

Collegio de *S. Clementina*, de D. Maria Emilia da Silva Miranda, r. do Neves, 10,
Collegio de *S. Ermelinda*, de D. Maria Genovª d'Olivª, r. do Silva, 3, lad. da Gloria.
Collegio de *Santa Margarida*, de D. Margarida Fortunata de Almeida, r. de

Collegio dirigido por Mme Grivet, r. dos Arcos, 56.
Collegio de Mrs Hitchings, em Botafogo. (Vid. pag. 429.)
Collegio de Mme Gros, r. Nova do Ouvidor, 26.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1871\Edição 00028 (2)


Sexo feminino

Externato de Mme. Binns, rua da Carioca n. 83.

Numero das alumnas que estudaram instrucção primaria, no anno de 1871—50 (1):

Menores de 7 annos	6
Ditas de 14 annos	44
Brasileiras	14
Estrangeiras	36
Catholicas	44
Acatholicas	6

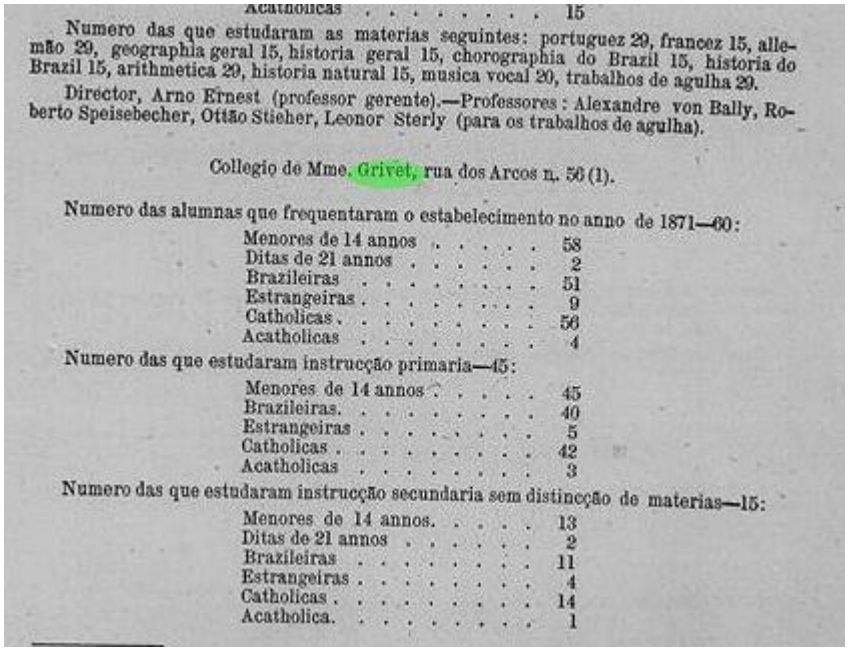
Numero das que estudaram as materias seguintes: portuguez 50, francez 14, arithmetica 20, musica instrumental 11.

Directora e professora, D. M. A. Celestina Binns; professora de piano, Mina Feldhagen.

Methodo de ensino: individual. — Livros: grammatica portugueza, por Adriano Grivet; historia patria, por Dr. J. C. Fernandes Pinheiro; cathecismo de Montpellier; arithmetica, por José Rodrigues de Azevedo Junior; expositor, por Luiz Francisco Midosi; historia sagrada, por Dr. J. C. Fernandes Pinheiro; grammatica franceza, por Noël et Chapsal; histoire sainte, por M. Lamé Fleury.

Collegio amor das letras, rua do Theatro n. 21.

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1871\Edição 00001 (4)



Acatholicas 15

Numero das que estudaram as materias seguintes: portuguez 29, francez 15, allemão 29, geographia geral 15, historia geral 15, chorographia do Brazil 15, historia do Brazil 15, arithmetica 29, historia natural 15, musica vocal 20, trabalhos de agulha 29.

Director, Arno Ernest (professor gerente).—Professores: Alexandre von Bally, Roberto Speisebecher, Ottão Stieher, Leonor Sterly (para os trabalhos de agulha).

Collegio de Mme. Grivet, rua dos Arcos n. 56 (1).

Numero das alumnas que frequentaram o estabelecimento no anno de 1871—60:

Menores de 14 annos	58
Ditas de 21 annos	2
Brazileiras	51
Estrangeiras	9
Catholicas	56
Acatholicas	4

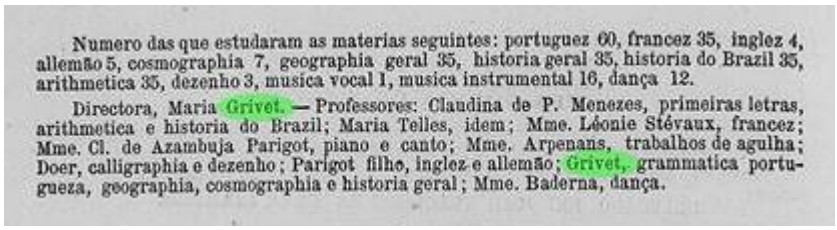
Numero das que estudaram instrucção primaria—45:

Menores de 14 annos	45
Brazileiras	40
Estrangeiras	5
Catholicas	42
Acatholicas	3

Numero das que estudaram instrucção secundaria sem distincção de materias—15:

Menores de 14 annos	13
Ditas de 21 annos	2
Brazileiras	11
Estrangeiras	4
Catholicas	14
Acatholica	1

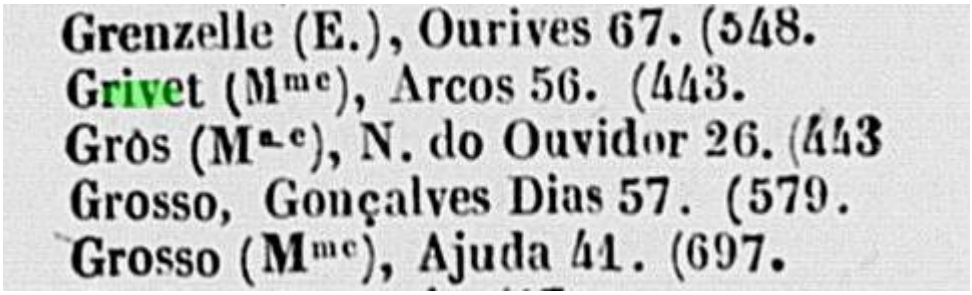
Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1871\Edição 00001 (4)



Numero das que estudaram as materias seguintes: portuguez 60, francez 35, inglez 4, allemão 5, cosmographia 7, geographia geral 35, historia geral 35, historia do Brazil 35, arithmetica 35, dezenho 3, musica vocal 1, musica instrumental 16, dança 12.

Directora, Maria Grivet. — Professores: Claudina de P. Menezes, primeiras letras, arithmetica e historia do Brazil; Maria Telles, idem; Mme. Léonie Stévaux, francez; Mme. Cl. de Azambuja Parigot, piano e canto; Mme. Arpenans, trabalhos de agulha; Doer, calligraphia e dezenho; Parigot filho, inglez e allemão; Grivet, grammatica portugueza, geographia, cosmographia e historia geral; Mme. Baderna, dança.

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1871\Edição 00001 (4)



Grenzelle (E.), Ourives 67. (548.
Grivet (Mme), Arcos 56. (443.
Grôs (Mme), N. do Ouvidor 26. (443
Grosso, Gonçalves Dias 57. (579.
Grosso (Mme), Ajuda 41. (697.

Indicador Alphabetico: Da Morada dos seus principais habitantes (RJ) - Ano 1871\Edição 00001 (1)

COLLEGIO DE MENINAS

DIRIGIDO POR

MME GRIVET

A

56 RUA DOS ARCOS 56

As aulas reabrem-se no dia 10 do corrente. Admittem-se sómente meio-pensionistas e externas. — Preços: para meio-pensionistas, 60$; para externas, 30$, por trimestres adiantados.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1871\Edição 00004 (1)

COLLEGIO DE MENINAS

DIRIGIDO POR

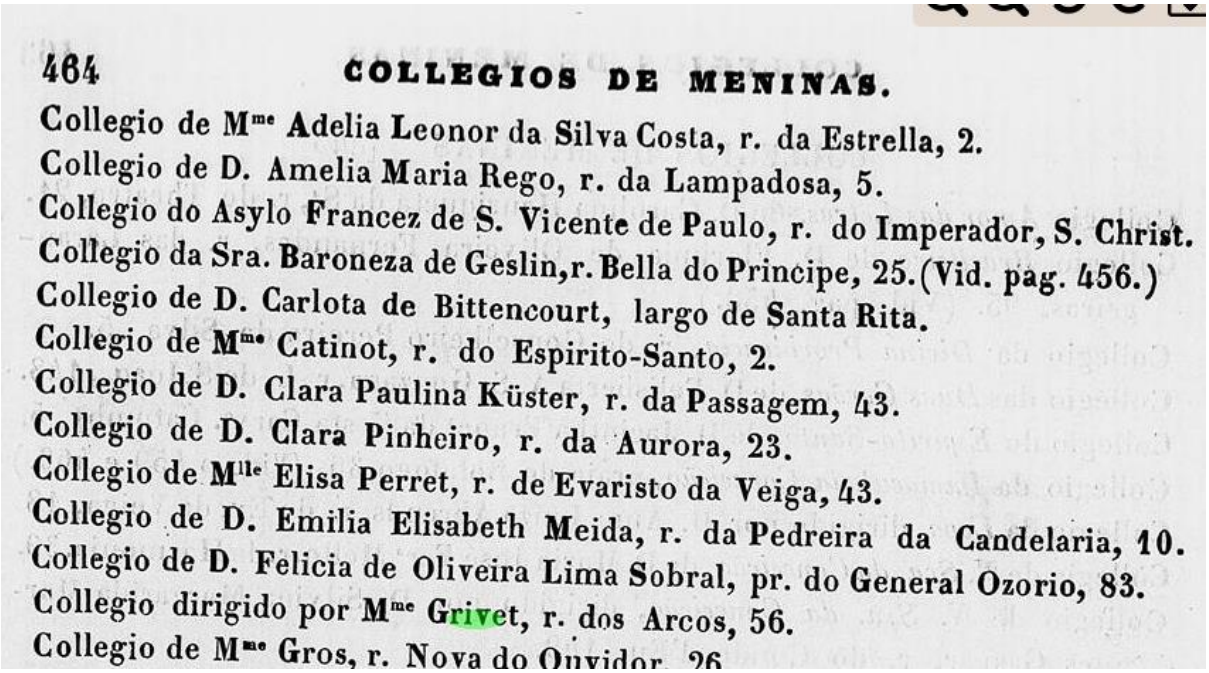
MME GRIVET

A

56 RUA DOS ARCOS 56

As aulas reabrem-se no dia 10 do corrente. Admittem-se sómente meio-pensionistas e externas. — Preços: para meio-pensionistas, 60$; para externas, 30$, por trimestres adiantados.

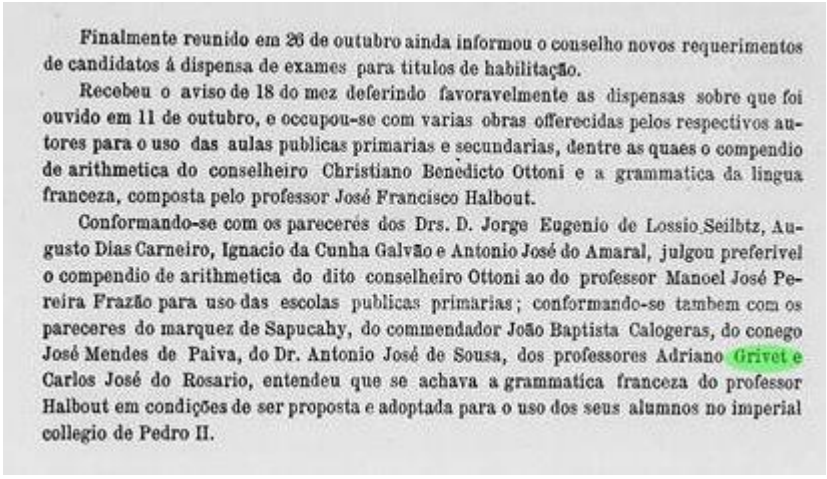
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1871\Edição 00005 (1)



464 COLLEGIOS DE MENINAS.

Collegio de Mme Adelia Leonor da Silva Costa, r. da Estrella, 2.
Collegio de D. Amelia Maria Rego, r. da Lampadosa, 5.
Collegio do Asylo Francez de S. Vicente de Paulo, r. do Imperador, S. Christ.
Collegio da Sra. Baroneza de Geslin, r. Bella do Principe, 25. (Vid. pag. 456.)
Collegio de D. Carlota de Bittencourt, largo de Santa Rita.
Collegio de Mme Catinot, r. do Espirito-Santo, 2.
Collegio de D. Clara Paulina Küster, r. da Passagem, 43.
Collegio de D. Clara Pinheiro, r. da Aurora, 23.
Collegio de Mlle Elisa Perret, r. de Evaristo da Veiga, 43.
Collegio de D. Emilia Elisabeth Meida, r. da Pedreira da Candelaria, 10.
Collegio de D. Felicia de Oliveira Lima Sobral, pr. do General Ozorio, 83.
Collegio dirigido por Mme Grivet, r. dos Arcos, 56.
Collegio de Mme Gros, r. Nova do Ouvidor, 26

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1872\Edição 00029 (1)



Finalmente reunido em 26 de outubro ainda informou o conselho novos requerimentos de candidatos á dispensa de exames para titulos de habilitação.

Recebeu o aviso de 18 do mez deferindo favoravelmente as dispensas sobre que foi ouvido em 11 de outubro, e occupou-se com varias obras offerecidas pelos respectivos autores para o uso das aulas publicas primarias e secundarias, dentre as quaes o compendio de arithmetica do conselheiro Christiano Benedicto Ottoni e a grammatica da lingua franceza, composta pelo professor José Francisco Halbout.

Conformando-se com os pareceres dos Drs. D. Jorge Eugenio de Lossio Seilbtz, Augusto Dias Carneiro, Ignacio da Cunha Galvão e Antonio José do Amaral, julgou preferivel o compendio de arithmetica do dito conselheiro Ottoni ao do professor Manoel José Pereira Frazão para uso das escolas publicas primarias; conformando-se tambem com os pareceres do marquez de Sapucahy, do commendador João Baptista Calogeras, do conego José Mendes de Paiva, do Dr. Antonio José de Sousa, dos professores Adriano Grivet e Carlos José do Rosario, entendeu que se achava a grammatica franceza do professor Halbout em condições de ser proposta e adoptada para o uso dos seus alumnos no imperial collegio de Pedro II.

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1872\Edição 00001 (1)

Titulos expedidos em agosto ultimo pela secretaria da inspectoria geral da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte. Os de capacidade profissional concedidos ao bacharel Gustavo do Rego Macedo, João de Deos da Cunha Pinto, José Jansen da Silva Paço, Antonio Alfredo Fleury de Barros, Epiphanio José dos Reis, Henrique Francisco Mathias Harel, João Caetano Oliveira Aguiar, Luiz Antonio Vieira de Barros e Vasconcellos, D. Maria Carlota de Andrade Neves, D. Amelia Carolina Dias Moreira, D. Carolina Maria Dias Moreira, D. Henriqueta Gomes de Lima, D. Leonidia Pertence Tamm, D. Maria Fortunata Cardoso de Siqueira Amazonas, D. Olympia Josephina Tanière David, D. Virginia Julia Clarisse Tanière Heck; os de renovação de licença de abertura dos collegios de João Francisco de Araujo Lessa, conego José Mendes de Paiva. D. abbade do mosteiro de S. Bento, barão de Tautpheus, Eusebio Pedro do Prado, padre Francisco Ignacio de Christo, Luiz Carlos Domingos Ferreira, Manoel Fernandes da Cunha Graça, Manoel Ferreira das Neves, João Antonio de Azevedo, Thomaz Xavier de Oliveira Menezes, D. Adelia Leonor da Silva Costa, D. Carolina Luiza Tootal, D. Emilia Elisabeth Meida, D. Maria da Concei ão Miranda Dourado, Mary Ann Hitchings, Mme. Taniere, D. Maria Francisca Barbosa Grivet, baronesa de Geslin, D. Dolores Peres de Campos Porto.

A Instrucção Publica: Publicação Hebdomadaria (RJ) - Ano 1872\Edição 00023 (1)

A hydrophobia e o seu antidoto o Alisma plantago.

Sr. Redactor.— Em confirmação do que a nosso pedido foi publicado no *Jornal do Commercio* do dia 18, sobre a hydrophobia e seu tratamento, sirva-se V. de dar publicidade á carta que acabamos de receber do illustre cavalheiro o Sr. Adriano Grivet, a qual em seu original temos a honra de remetter, etc.

De V.

VIUVA MARTINS & C.

« Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1872.

« Illma. Sra. Viuva Martins & C. — No *Jornal do Commercio* de ante-hontem, 18 do corrente, appareceu. sob a rubrica « MEDICAMENTO CONTRA A HYDROPHOBIA, » uma noticia que vivamente me impressionou, porque de tal modo concordava com informações que me forão dadas sobre o mesmo assumpto, ácerca de trinta annos, por um medico distincto, morador nos arredores de Moscow, com quem entretive relações de amizade, que não me posso furtar ao desejo de confirmar a relação publicada com o meu fraco, porém desinteressado testemunho.

« Até tinha eu na occasião consignado por escripto aquellas mesmas informações; porém o papel em que se achavão sumio-se: a não ser assim, eu as reproduziria textualmente aqui, para mostrar a sua conformidade com a referida publicação.

« A circumstancia que me induzio a prestar o maior credito á communicação que me fôra feita, foi que o mesmo informante e sua mulher tinhão sido mordidos havia uns dez annos, por um cão que a principio suspeitava-se sómente ser damnado, mas que effectivamente o era; pois, tendo sido recluso em uma granja, o animal morreu alguns dias depois, com todos os symptomas da hydrophobia a mais caracterisada

« Ora, sabendo o medico que a medicina official era absolutamente impotente para combater tão horrivel enfermidade, apressou-se em mandar chamar um daquelles curandeiros que abundão nas diversas provincias da Russia. O empyrico, uma vez ao facto do que se lhe pedia, afastou-se para ir procurar o seu especifico, e reappareceu em breve com umas raizes recem-tiradas da terra. Raspou-as em uma fatia de pão, e fê las assim comer sem outras ceremonias, a não ser a emissão surda de umas palavras mysteriosas.

« O' homem, disse-lhe o medico, queres mostrar-me a planta de que tu tiraste aquellas raizes? » Depois de alguma hesitação: « Sim! respondeu o curandeiro, mostrarei. Porém a REZA é que não lhe quero ensinar.» —« Está visto! replicou o doutor: a resa fica por tua conta; é com isso que ganhas dinheiro. »

« Emquanto o medico me estava contando, sorrindo-se, estas recordações, dirigio-se de repente para a margem de um açude que alli se achava, e pegando de uma planta que profusamente crescia no lugar, apresentou-m'a como o famoso especifico. Experimentei o sabor da raiz, que achei bastante amargoso, mas ao mesmo tempo aromatico.

« Apenas accrescentarei que os camponezes da Russia pouco se assustão desta terrivel molestia, pela plena confiança que têm em seus curandeiros. Entretanto não ha talvez paiz onde os casos de hydrophobia sejão mais frequentes, já porque os cães pullulão nas povoações, já porque os lobos, que vagueião em grande numero pelas matas, são geralmente os que inoculão-lhes o *virus rabico*; pois levados pelo frenesi que nelles desenvolve a doença, os lobos, em vez de se embrenharem, procurão os povoados para acommetter homens e animaes.

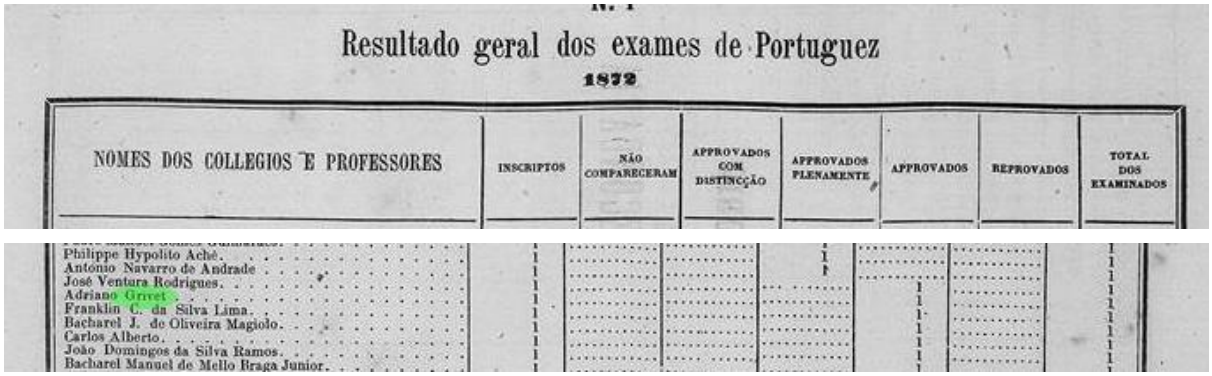
« Em 1838, mostrou-se-me, em um lugar tão central da cidade de Moscow como o e o largo de S. Francisco nesta cidade, o sitio onde tinha sido morto a machadadas, o anno anterior, um lobo damnado.

« Alonguei-me mais do que pretendia fazê-lo: sirva-me de desculpa o ter sido movido unicamente pelo desejo de contribuir a um acto humanitario, qual o que impellio a V. S. a offerecer gratuitamente o seu remedio aos que delle precisassem. Pois nem tenho a honra de conhecer a V. S., nem tão pouco delle sou conhecido.

« Autoriso a V. S. a fazer destas linhas o uso que lhe convier; e sou, com a maior consideração, de V. S., attento venerador —*Adriano Crivet.*

« Rua do Rezende n. 16 C. »

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1872\Edição 00021 (1)

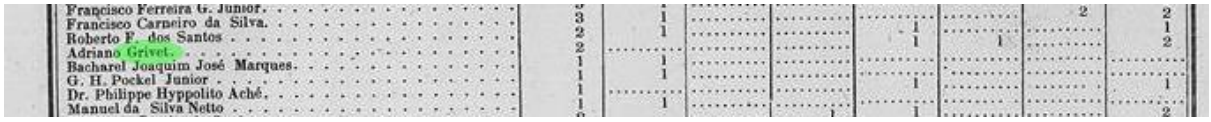


Resultado geral dos exames de Portuguez

1872

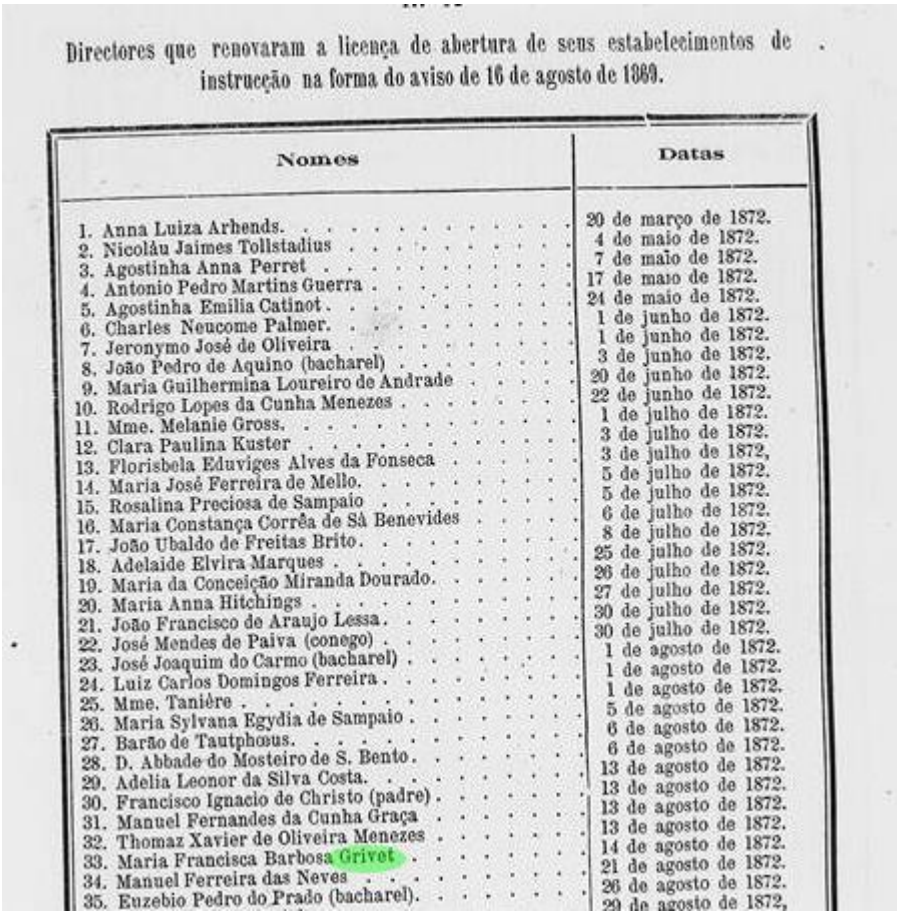
NOMES DOS COLLEGIOS E PROFESSORES	INSCRIPTOS	NÃO COMPARECERAM	APPROVADOS COM DISTINCÇÃO	APPROVADOS PLENAMENTE	APPROVADOS	REPROVADOS	TOTAL DOS EXAMINADOS
Philippe Hypolito Aché	1			1			1
Antonio Navarro de Andrade	1			1			1
José Ventura Rodrigues	1				1		1
Adriano Grivet	1				1		1
Franklin C. da Silva Lima	1				1		1
Bacharel J. de Oliveira Magiolo	1				1		1
Carlos Alberto	1				1		1
João Domingos da Silva Ramos	1				1		1
Bacharel Manuel de Mello Braga Junior	1				1		1

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1873\Edição 00001 (4)



Francisco Ferreira G. Junior	3	1					2	2
Francisco Carneiro da Silva	2	1			1			1
Roberto F. dos Santos	2				1	1		2
Adriano Grivet	1	1						
Bacharel Joaquim José Marques	1	1						
G. H. Pockel Junior	1				1			1
Dr. Philippe Hyppolito Aché	1	1						
Manuel da Silva Netto	1				1			2

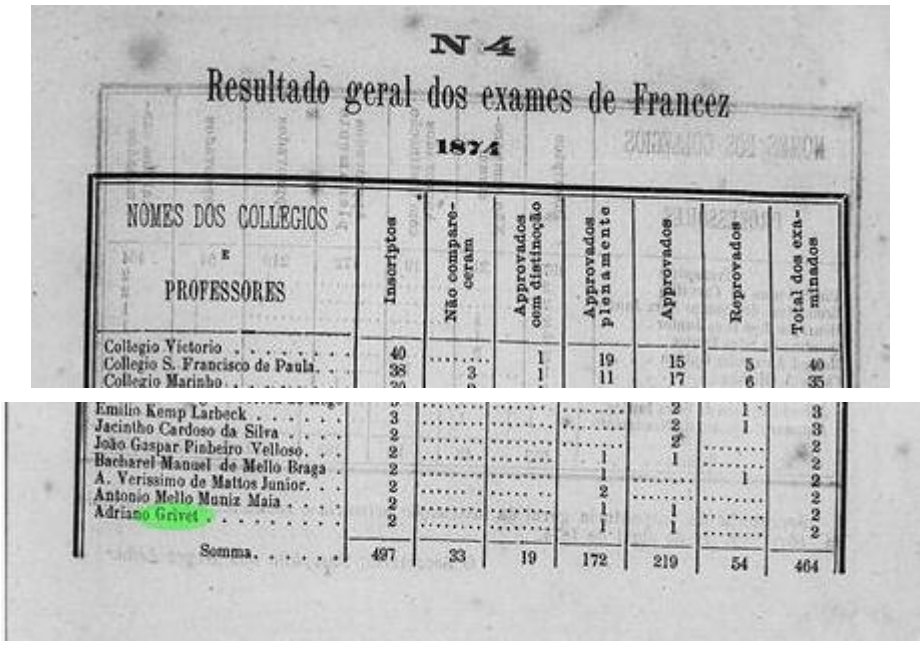
Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1873\Edição 00001 (4)



Directores que renovaram a licença de abertura de seus estabelecimentos de instrucção na forma do aviso de 16 de agosto de 1869.

Nomes	Datas
1. Anna Luiza Arhends	20 de março de 1872.
2. Nicoláu Jaimes Tollstadius	4 de maio de 1872.
3. Agostinha Anna Perret	7 de maio de 1872.
4. Antonio Pedro Martins Guerra	17 de maio de 1872.
5. Agostinha Emilia Catinot	24 de maio de 1872.
6. Charles Neucome Palmer	1 de junho de 1872.
7. Jeronymo José de Oliveira	1 de junho de 1872.
8. João Pedro de Aquino (bacharel)	3 de junho de 1872.
9. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade	20 de junho de 1872.
10. Rodrigo Lopes da Cunha Menezes	22 de junho de 1872.
11. Mme. Melanie Gross	1 de julho de 1872.
12. Clara Paulina Kuster	3 de julho de 1872.
13. Florisbela Eduviges Alves da Fonseca	3 de julho de 1872,
14. Maria José Ferreira de Mello	5 de julho de 1872.
15. Rosalina Preciosa de Sampaio	5 de julho de 1872.
16. Maria Constança Corrêa de Sá Benevides	6 de julho de 1872.
17. João Ubaldo de Freitas Brito	8 de julho de 1872.
18. Adelaide Elvira Marques	25 de julho de 1872.
19. Maria da Conceição Miranda Dourado	26 de julho de 1872.
20. Maria Anna Hitchings	27 de julho de 1872.
21. João Francisco de Araujo Lessa	30 de julho de 1872.
22. José Mendes de Paiva (conego)	30 de julho de 1872.
23. José Joaquim do Carmo (bacharel)	1 de agosto de 1872.
24. Luiz Carlos Domingos Ferreira	1 de agosto de 1872.
25. Mme. Tanière	1 de agosto de 1872.
26. Maria Sylvana Egydia de Sampaio	5 de agosto de 1872.
27. Barão de Tautphœus	6 de agosto de 1872.
28. D. Abbade do Mosteiro de S. Bento	6 de agosto de 1872.
29. Adelia Leonor da Silva Costa	13 de agosto de 1872.
30. Francisco Ignacio de Christo (padre)	13 de agosto de 1872.
31. Manuel Fernandes da Cunha Graça	13 de agosto de 1872.
32. Thomaz Xavier de Oliveira Menezes	13 de agosto de 1872.
33. Maria Francisca Barbosa Grivet	14 de agosto de 1872.
34. Manuel Ferreira das Neves	21 de agosto de 1872.
35. Euzebio Pedro do Prado (bacharel)	26 de agosto de 1872.
	29 de agosto de 1872.

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1873\Edição 00001 (4)



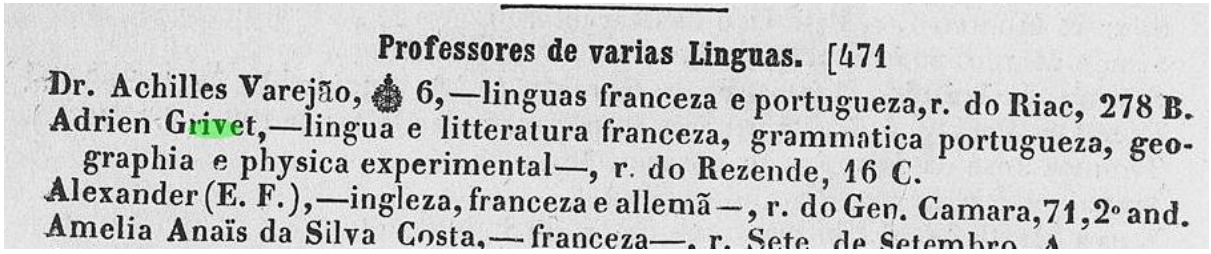
N 4

Resultado geral dos exames de Francez

1874

NOMES DOS COLLEGIOS E PROFESSORES	Inscriptos	Não comparecêram	Approvados com distincção	Approvados plenamente	Approvados	Reprovados	Total dos examinados
Collegio Victorio	40	.....	1	19	15	5	40
Collegio S. Francisco de Paula	38	3	1	11	17	6	35
Collegio Marinho	[illegible]						
Emilio Kemp Larbeck	3	.....	.....	.....	2	1	3
Jacintho Cardoso da Silva	2	.....	.....	.....	2	1	3
João Gaspar Pinheiro Velloso	2	.....	.....	.....	2	.....	2
Bacharel Manuel de Mello Braga	2	.....	.....	1	1	.....	2
A. Verissimo de Mattos Junior	2	.....	.....	1	.....	1	2
Antonio Mello Muniz Maia	2	.....	.....	2	.....	.....	2
Adriano Grivet	2	.....	.....	1	1	.....	2
Somma	497	33	19	172	219	54	464

Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1873\Edição 00003 (1)



Professores de varias Linguas. [471

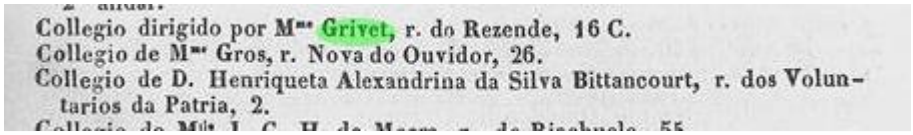
Dr. Achilles Varejão, 6,—linguas franceza e portugueza, r. do Riac, 278 B.

Adrien Grivet,—lingua e litteratura franceza, grammatica portugueza, geographia e physica experimental—, r. do Rezende, 16 C.

Alexander (E. F.),—ingleza, franceza e allemã—, r. do Gen. Camara, 71, 2º and.

Amelia Anaïs da Silva Costa,—franceza—, r. Sete de Setembro, A

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1873\Edição 00030 (2)

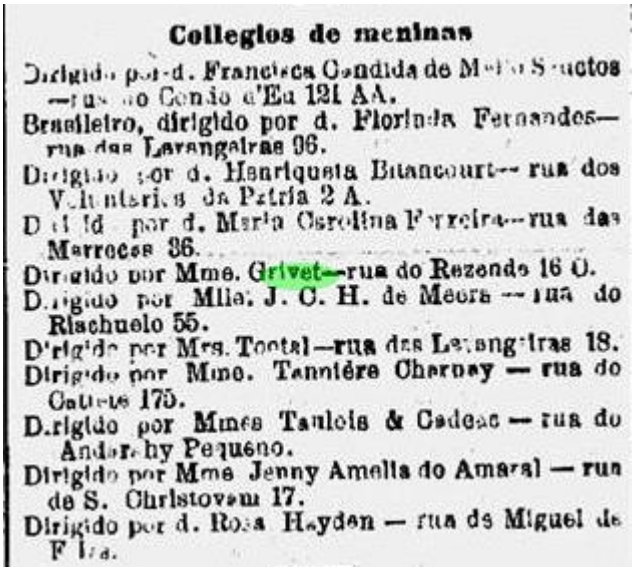


Collegio dirigido por Mme Grivet, r. do Rezende, 16 C.

Collegio de Mme Gros, r. Nova do Ouvidor, 26.

Collegio de D. Henriqueta Alexandrina da Silva Bittancourt, r. dos Voluntarios da Patria, 2.

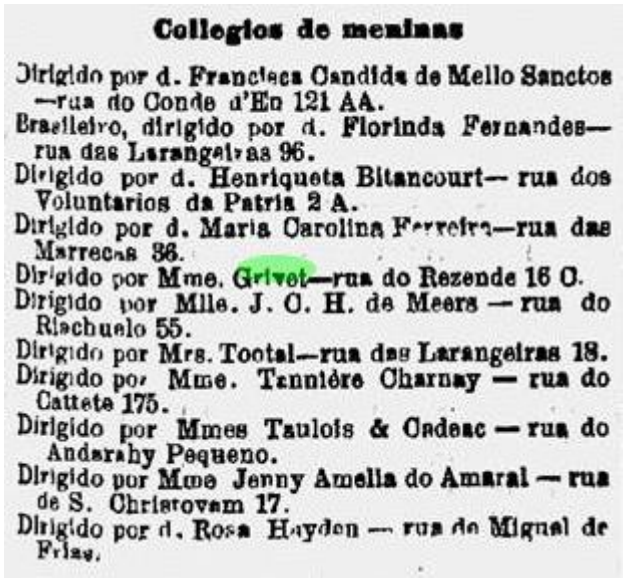
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1873\Edição 00030 (2)



Collegios de meninas

Dirigido por d. Francisca Candida de Mello Sanctos —rua do Conde d'Eu 121 AA.
Brasileiro, dirigido por d. Florinda Fernandes— rua das Larangeiras 96.
Dirigido por d. Henriqueta Bitancourt— rua dos Voluntarios da Patria 2 A.
Dirigido por d. Maria Carolina Ferreira—rua das Marrecas 36.
Dirigido por Mme. Grivet—rua do Rezende 16 C.
Dirigido por Mlle. J. C. H. de Meers — rua do Riachuelo 55.
Dirigido por Mrs. Tootal—rua das Larangeiras 18.
Dirigido por Mme. Tannière Charnay — rua do Cattete 175.
Dirigido por Mmes Taulois & Cadeac — rua do Andarahy Pequeno.
Dirigido por Mme Jenny Amelia do Amaral — rua de S. Christovam 17.
Dirigido por d. Rosa Hayden — rua de Miguel de Frias.

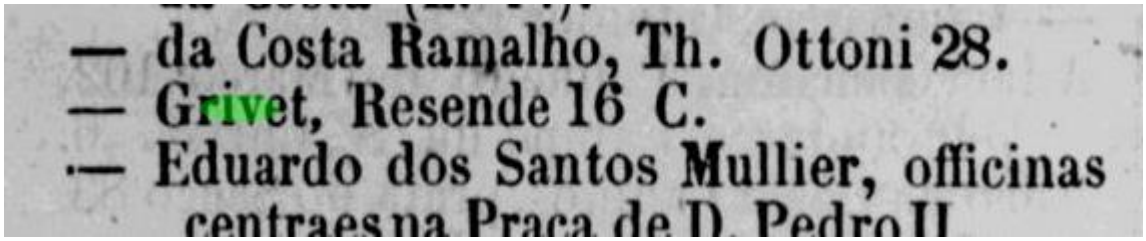
A Republica: Propriedade do Club Republicano (RJ) - Ano 1873\Edição 00747 (1)



Collegios de meninas

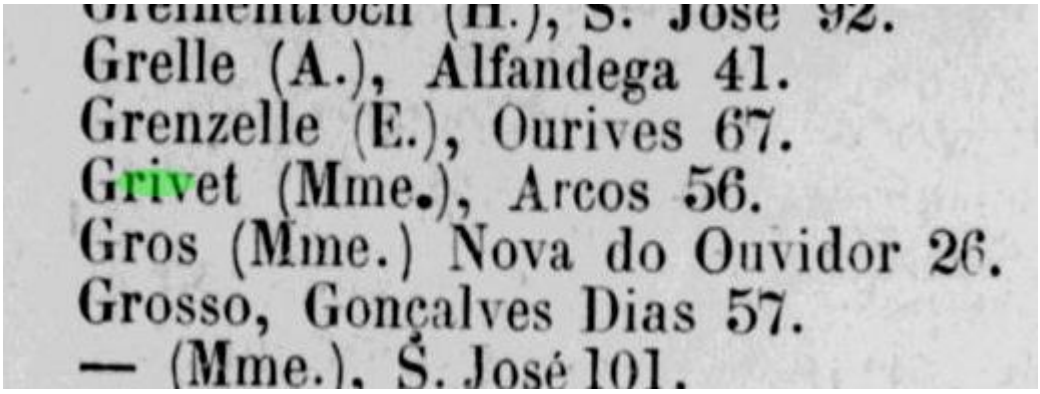
Dirigido por d. Francisca Candida de Mello Sanctos —rua do Conde d'Eu 121 AA.
Brasileiro, dirigido por d. Florinda Fernandes— rua das Larangeiras 96.
Dirigido por d. Henriqueta Bitancourt— rua dos Voluntarios da Patria 2 A.
Dirigido por d. Maria Carolina Ferreira—rua das Marrecas 36.
Dirigido por Mme. Grivet—rua do Rezende 16 C.
Dirigido por Mlle. J. C. H. de Meers — rua do Riachuelo 55.
Dirigido por Mrs. Tootal—rua das Larangeiras 18.
Dirigido por Mme. Tannière Charnay — rua do Cattete 175.
Dirigido por Mmes Taulois & Cadeac — rua do Andarahy Pequeno.
Dirigido por Mme Jenny Amelia do Amaral — rua de S. Christovam 17.
Dirigido por d. Rosa Hayden — rua de Miguel de Frias.

A Republica: Propriedade do Club Republicano (RJ) - Ano 1873\Edição 00770 (1)



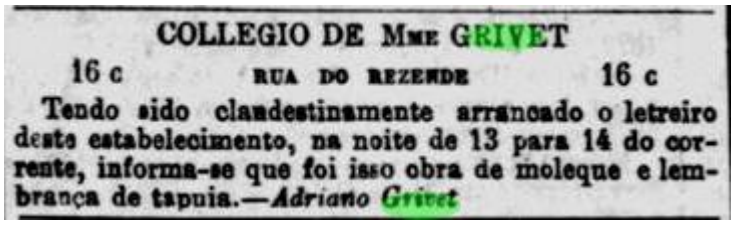
— da Costa Ramalho, Th. Ottoni 28.
— Grivet, Resende 16 C.
— Eduardo dos Santos Mullier, officinas centraes na Praça de D. Pedro II

Indicador Alphabetico (RJ) - Ano 1873\Edição 00001 (2)



Grelle (A.), Alfandega 41.
Grenzelle (E.), Ourives 67.
Grivet (Mme.), Arcos 56.
Gros (Mme.) Nova do Ouvidor 26.
Grosso, Gonçalves Dias 57.
— (Mme.), S. José 101.

Indicador Alphabetico (RJ) - Ano 1873\Edição 00001 (2)

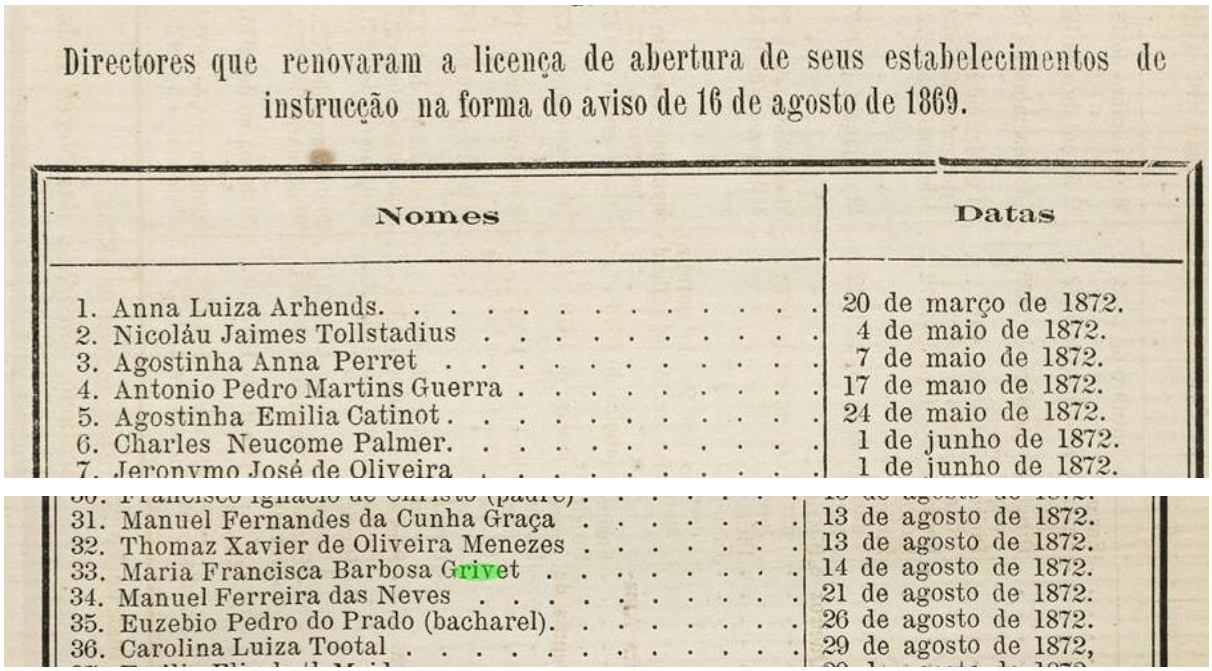


COLLEGIO DE Mme GRIVET

16 c RUA DO REZENDE 16 c

Tendo sido clandestinamente arrancado o letreiro deste estabelecimento, na noite de 13 para 14 do corrente, informa-se que foi isso obra de moleque e lembrança de tapuia.—*Adriano Grivet*

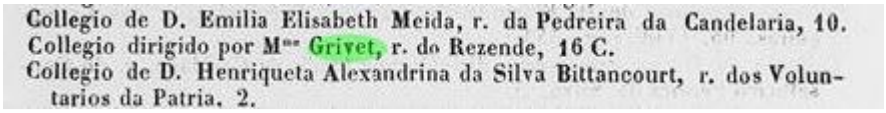
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1873\Edição 00134 (1)



Directores que renovaram a licença de abertura de seus estabelecimentos de instrucção na forma do aviso de 16 de agosto de 1869.

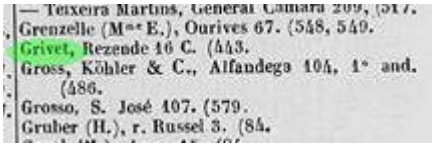
Nomes	Datas
1. Anna Luiza Arhends.	20 de março de 1872.
2. Nicoláu Jaimes Tollstadius	4 de maio de 1872.
3. Agostinha Anna Perret	7 de maio de 1872.
4. Antonio Pedro Martins Guerra	17 de maio de 1872.
5. Agostinha Emilia Catinot	24 de maio de 1872.
6. Charles Neucome Palmer.	1 de junho de 1872.
7. Jeronymo José de Oliveira	1 de junho de 1872.
31. Manuel Fernandes da Cunha Graça	13 de agosto de 1872.
32. Thomaz Xavier de Oliveira Menezes	13 de agosto de 1872.
33. Maria Francisca Barbosa Grivet	14 de agosto de 1872.
34. Manuel Ferreira das Neves	21 de agosto de 1872.
35. Euzebio Pedro do Prado (bacharel).	26 de agosto de 1872.
36. Carolina Luiza Tootal	29 de agosto de 1872,

Relatório do Estado da Instrucção Primaria e Secundaria (RJ) - Ano 1873\Edição 0001 (1)

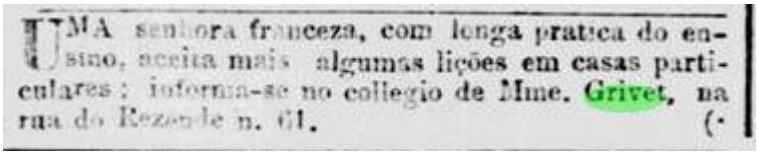


Collegio de D. Emilia Elisabeth Meida, r. da Pedreira da Candelaria, 10.
Collegio dirigido por Mme Grivet, r. do Rezende, 16 C.
Collegio de D. Henriqueta Alexandrina da Silva Bittancourt, r. dos Voluntarios da Patria, 2.

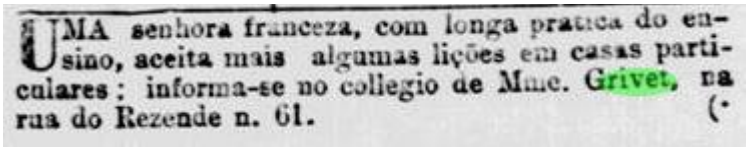
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1874\Edição 00031 (2)


— Teixeira Martins, General Camara 209, (517.
Grenzelle (Mme E.), Ourives 67. (548, 549.
Grivet, Rezende 16 C. (443.
Gross, Köhler & C., Alfandega 104, 1° and. (486.
Grosso, S. José 107. (579.
Gruber (H.), r. Russel 3. (84.

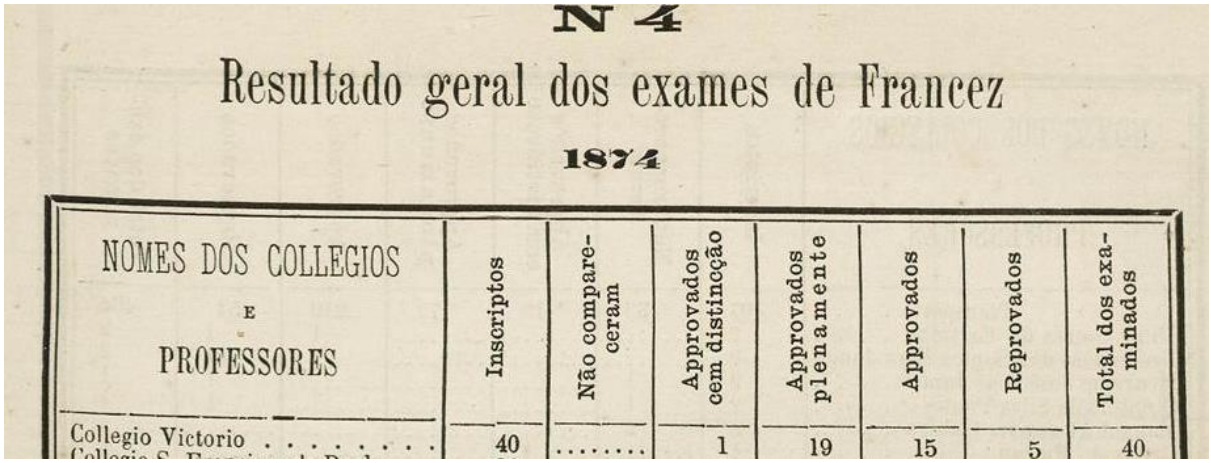
Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1874\Edição 00031 (2)


UMA senhora franceza, com longa pratica do ensino, aceita mais algumas lições em casas particulares: informa-se no collegio de Mme. Grivet, na rua do Rezende n. 61. (·

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1874\Edição 00360 (1)


UMA senhora franceza, com longa pratica do ensino, aceita mais algumas lições em casas particulares: informa-se no collegio de Mme. Grivet, na rua do Rezende n. 61. (·

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1874\Edição 00363 (1)

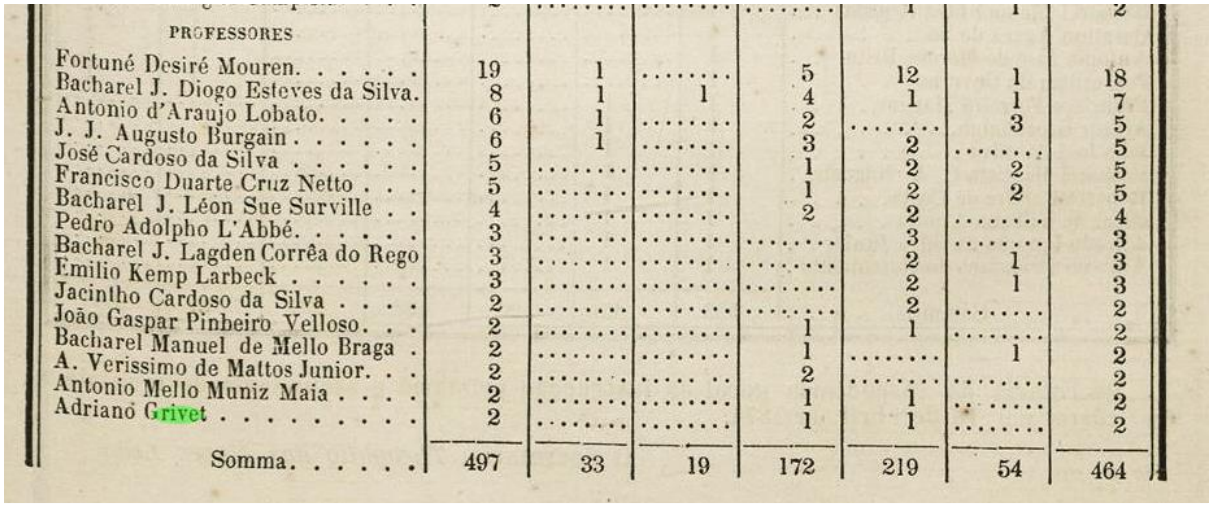


N 4

Resultado geral dos exames de Francez

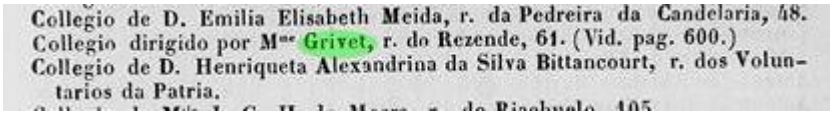
1874

NOMES DOS COLLEGIOS E PROFESSORES	Inscriptos	Não compareceram	Approvados com distincção	Approvados plenamente	Approvados	Reprovados	Total dos examinados
Collegio Victorio	40	.....	1	19	15	5	40



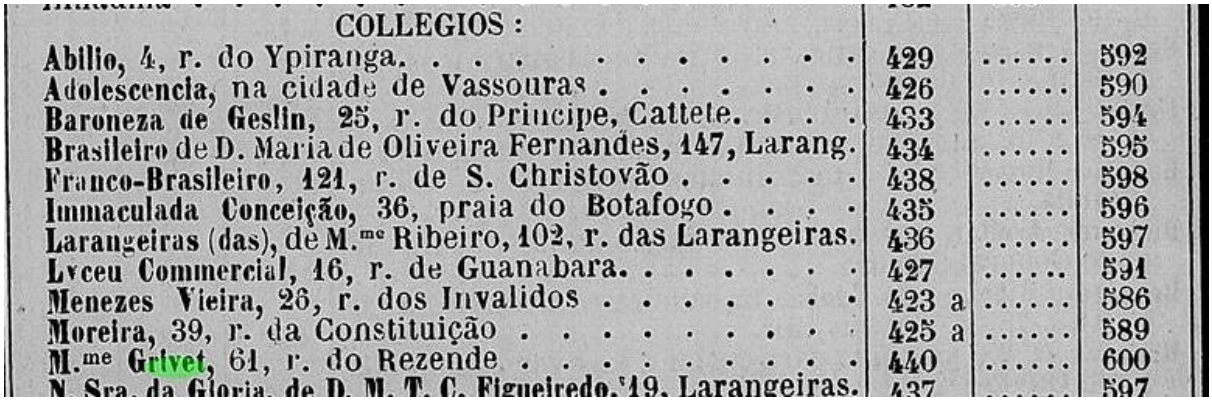
PROFESSORES							
Fortuné Desiré Mouren.	19	1	.....	5	12	1	18
Bacharel J. Diogo Esteves da Silva.	8	1	1	4	1	1	7
Antonio d'Araujo Lobato.	6	1	.....	2	.....	3	5
J. J. Augusto Burgain	6	1	.....	3	2	.....	5
José Cardoso da Silva	5	.....	.....	1	2	2	5
Francisco Duarte Cruz Netto . . .	5	.....	.....	1	2	2	5
Bacharel J. Léon Sue Surville . .	4	.....	.....	2	2	.....	4
Pedro Adolpho L'Abbé.	3	.....	.....	.....	3	.....	3
Bacharel J. Lagden Corrêa do Rego	3	.....	.....	.....	2	1	3
Emilio Kemp Larbeck	3	.....	.....	.....	2	1	3
Jacintho Cardoso da Silva	2	.....	.....	.....	2	.....	2
João Gaspar Pinheiro Velloso. . .	2	.....	.....	1	1	.....	2
Bacharel Manuel de Mello Braga .	2	.....	.....	1	.....	1	2
A. Verissimo de Mattos Junior. . .	2	.....	.....	2	.....	.....	2
Antonio Mello Muniz Maia	2	.....	.....	1	1	.....	2
Adriano Grivet	2	.....	.....	1	1	.....	2
Somma.	497	33	19	172	219	54	464

Relatório do Estado da Instrucção Primaria e Secundaria (RJ) - Ano 1874\Edição 0001 (1)



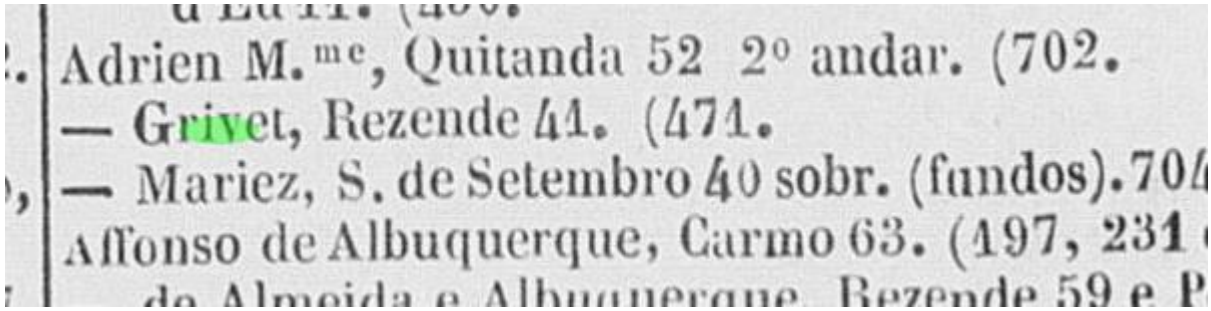
Collegio de D. Emilia Elisabeth Meida, r. da Pedreira da Candelaria, 48.
Collegio dirigido por M^me Grivet, r. do Rezende, 61. (Vid. pag. 600.)
Collegio de D. Henriqueta Alexandrina da Silva Bittancourt, r. dos Voluntarios da Patria.

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1875\Edição 00032 (2)



COLLEGIOS :			
Abilio, 4, r. do Ypiranga.	429	.....	592
Adolescencia, na cidade de Vassouras	426	.....	590
Baroneza de Geslin, 25, r. do Principe, Cattete. . . .	433	.....	594
Brasileiro de D. Maria de Oliveira Fernandes, 147, Larang.	434	.....	595
Franco-Brasileiro, 121, r. de S. Christovão	438	.....	598
Immaculada Conceição, 36, praia do Botafogo	435	.....	596
Larangeiras (das), de M.^me Ribeiro, 102, r. das Larangeiras.	436	.....	597
Lyceu Commercial, 16, r. de Guanabara.	427	.....	591
Menezes Vieira, 26, r. dos Invalidos	423 a	.....	586
Moreira, 39, r. da Constituição	425 a	.....	589
M.^me Grivet, 61, r. do Rezende	440	.....	600
N. Sra. da Gloria, de D. M. T. C. Figueiredo, 19, Larangeiras.	437	.....	597

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro (RJ) - Ano 1875\Edição 00032 (2)



Adrien M.^me, Quitanda 52 2º andar. (702.
— Grivet, Rezende 41. (471.
— Mariez, S. de Setembro 40 sobr. (fundos). 704
Affonso de Albuquerque, Carmo 63. (197, 231

Indicador Alphabetico: Da Morada dos seus principais habitantes (RJ) - Ano 1875\Edição 00001 (1)

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1875\Edição 00005 (1)

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1876\Edição 00009 (1)

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1876\Edição 00010 (1)

Vient de paraître le tome IV, première livraison des *Archives de la société d'histoire du canton de Fribourg*. Ce volume comprend les comptes-rendus des séances de la société d'histoire depuis l'année 1840 jusqu'à l'année courante. Il contient en outre le catalogue complet des membres de la société depuis 1840 avec la date de leur entrée, ainsi que la nomenclature des présidents et des secrétaires depuis cette date. Ont revêtu les fonctions de président : M. Jean Berchtold, chancelier d'Etat, de 1840 à 1843, puis de 1849 à 1854; M. Meinrad Meyer, révérend curé de Saint-Jean, de 1843 à 1849, puis de 1856 à 1861; M. Alexandre Daguet de 1854 à 1856, puis de 1856 à 1866; enfin, M. l'abbé Gremaud, prof., présidentactuel. Les secrétaires sont : MM. Alexandre Daguet, Adrien Grivet, Jacques Mauron, Joseph Sterroz, Auguste Majeux, Alexis Bourqui, Jacques Chatton, Max Techtermann et Max Diesbach.

En parcourant cette intéressante publication, on aura un tableau complet de l'activité de la société d'histoire depuis sa fondation, et un résumé des travaux de chacun de ses membres sur tout ce qui concerne l'histoire, l'archéologie de notre canton d'abord et de bien des contrées de la Suisse. Le développement de nos communes, des villes, des monastères, les origines de notre peuple, les fouilles qui ont amené la découverte d'objets remontant à une haute antiquité, les personnages marquants de notre pays, les châteaux forts, les ruines qui couvrent la contrée, les richesses artistiques, les industries d'autrefois, les transformations politiques, les faits militaires, les alliances, les conquêtes, les acquisitions de territoire, les lois et coutumes, les événements religieux, les constructions d'églises et de chapelles, toutes ces choses sont autant de sujets attrayants sur lesquelles les archives de la société d'histoire nous donnent des détails d'un haut intérêt.

Aussi la lecture de ce volume est-elle fort instructive pour toutes les personnes qui veulent connaître un peu de près l'histoire de notre pays.

Le Bien public 8 July 1886 (p. 2)

AMANHÃ

Sob o titulo *Questões Grammaticaes*, o Sr. Affonso Costa publicou um interessante livro de 251 paginas, cujas conclusões assentam sempre na valiosa opinião de reputados grammaticos, como Jæoni, Julio Ribeiro, Grivet e Pacheco, não se esquecendo o autor do conceito de Latino Coelho, de que, com a frequencia do poetar e do dizer, vae o uso, o artifice engenhoso das linguas, affeiçoando, polindo, amaciando e enriquecendo a nativa maneira de fallar.

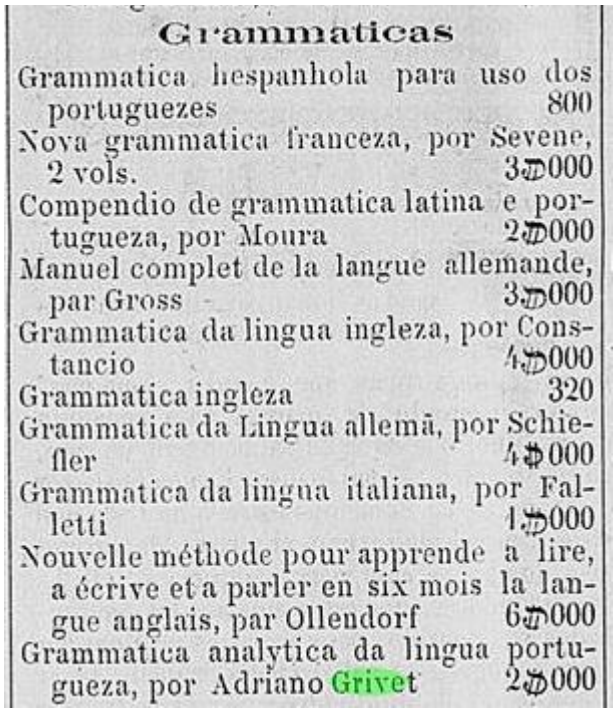
A producção do Sr. Affonso Costa é um livro apreciavel, digno de leitura.

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1911\Edição 00180 (1)

leira. Entre lexicólogos e gramáticos da língua acham-se aqui os mais eminentes, como João de Barros, Duarte Nunes de Leão, João Franco Barreto, Rafael Bluteau, Fernão de Oliveira, Moraes Silva, Madureira Feijó, Evaristo Lioni, Frei Domingos Vieira, Adolfo Coelho, Sotero dos Reis, Batista Caetano, Adriano Grivet e vários outros. Do Padre Antonio Vieira estão quase todas as obras impressas, em edições raras; merece, entretanto, menção mais dilatada, pela sua importância, um exemplar da "non satis laudata" *Clavis prophetarum*, que não existe em qualquer biblioteca brasileira. Pelo que escreveu o Padre João Antonio Andreoni (o *Antonil* da *Cultura* e *Opulen-*

Anais da Biblioteca Nacional (RJ) - Ano 1941\Edição 00063 (1)

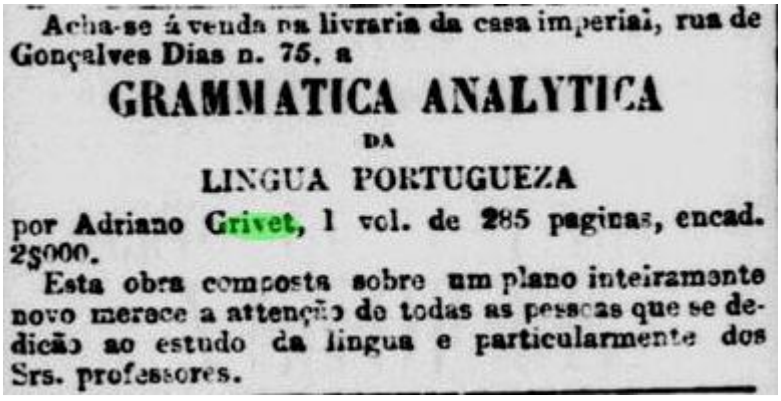
APÊNDICE C – LEVANTAMENTO DAS FONTES SECUNDÁRIAS – GRAMÁTICAS DE GRIVET



Grammaticas

Grammatica hespanhola para uso dos portuguezes 800
Nova grammatica franceza, por Sevene, 2 vols. 3$000
Compendio de grammatica latina e portugueza, por Moura 2$000
Manuel complet de la langue allemande, par Gross 3$000
Grammatica da lingua ingleza, por Constancio 4$000
Grammatica ingleza 320
Grammatica da Lingua allemã, por Schiefler 4$000
Grammatica da lingua italiana, por Falletti 1$000
Nouvelle méthode pour apprende a lire, a écrive et a parler en six mois la langue anglais, par Ollendorf 6$000
Grammatica analytica da lingua portugueza, por Adriano Grivet 2$000

Correio Paulistano (SP) - Ano 1865\Edição 02702 (1)



Acha-se á venda na livraria da casa imperial, rua de Gonçalves Dias n. 75, a

GRAMMATICA ANALYTICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

por Adriano Grivet, 1 vol. de 285 paginas, encad. 2$000.

Esta obra composta sobre um plano inteiramente novo merece a attenção de todas as pessoas que se dedicão ao estudo da lingua e particularmente dos Srs. professores.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1866\Edição 00156 (1)

Grammatica Analytica da Lingoa Portugueza. — Temos nesta côrte exames publicos para o magisterio, para as promoções em diversas repartições publicas, para a entrada nas mesmas, para as matriculas nos cursos superiores, etc., etc. Em todos estes exames á excepção dos ultimos (porque nas academias não se precisa saber portuguez) figura como principal o exame da lingoa portugueza. Entretanto, ao passo que nas outras materias designa-se o livro que deve servir de norma ao examinador e ao examinando, em grammatica não ha nenhum. Não nos admira: n'esta boa terra quantas coisas ha que não se resolvão pelo absurdo?! Pois dá-se o caso, pelo menos extranho, de os examinadores perguntarem por um systema que têm adoptado, e os examinandos responderem pelo que têm aprendido, systemas que muitas vezes differem em classificações, em formulas, em definições, etc., etc. Ora, quem ha que não seja capaz de prever os resultados de uma tal anarchia ? !

Foi sempre o nosso proposito procurar, em os numerosos manuaes de grammatica, algum que mais se approximasse dos dictames da boa logica. Debalde o temos feito ha muito tempo, porque, sempre que de bôa mente temos aceitado os principios estabelecidos pelos nossos diversos grammaticos, e tentado a sua prova pela applicação delles á analyse

dos classicos, só temos conseguido verificar a impossibilidade de conciliar os mesmos principios com a realidade litteraria.

E, para não incorrermos na pécha de censor irreflectido ou de pessimista exagerado, citaremos ao menos, dentre mil exemplos, um que comprova a nossa asserção; escolhemo-lo de proposito entre as especies de palavras cujo emprego é mais frequente na lingoagem ordinaria, e cuja theoria parece das mais faceis.

Todos os nossos grammaticos limitão-se a distribuir em duas unicas classificações a palavra *que*, fazendo della um pronome relativo ou uma conjuncção, parecendo nisso copiar a grammatica franceza em que tal facto se dá. Entretanto, procurando applicar esta classificação ao dito de Vieira : « *Que homem ha, senhores, que não busque o descanço* ? » achamo-nos completamente impossibilitados de classificar o primeiro *que*. Será pronome? será conjuncção ? No primeiro caso qual é o seu antecedente? No segundo, quaes são as partes ligadas?....

Dicant paduani.

Não se diga que é uma questão de *lana caprina*! Não ! Nenhuma falsidade deste genero deixa de arrastar no ensino consequencias funestas. Duas capitaes nos occorrem : 1ª os meninos acostumão-se muito cêdo a considerar as regras da grammatica como *balas* que, por terem diametro maior que o da bocca da peça, são inuteis nos arsenaes por não servirem na occasião precisa ; e, medindo então umas pelas outras cousas, descrêm de tudo quanto lhes ensina o mestre.

A segunda é ainda mais momentosa. — Não será bastante indecoroso, para nós, que os vindouros nos possão exprobrar de não termos sabido grammatica, por encontrarem, como se encontrão, tantos erros crassos, e o que mais é, nos documentos os mais solemnes, como sejão as leis, os decretos, os regulamentos, de nossa épocha ? ! Deve, pois, valer alguma coisa o saber grammatica.

Forão estas ponderosas razões que nos levárão a lêr, e a recommendar aos nóssos leitores que leião, a *Grammatica analytica* do Sr. Adriano Grivet, publicada o anno passado, admiran-

do-nos que um estrangeiro se abalançasse a emprehender uma tal tarefa e a sahir-se della como elle o fez. E' uma novidade velha! exclamarão os leitores. — E' verdade, lhes replicamos nós; mas novidade util, e, em todos os sentidos, uma novidade.

Não podemos dar aqui uma analyse critica do trabalho do Sr. Grivet, por que os estreitos limites desta chronica já o não permittem. Passaremos, pois, a outra materia; promettemos, porém, aos nossos leitores, em occasião mais opportuna, um trabalho critico circumstanciado, onde apontaremos alguns defeitos que se encontrão na dita obra, como é dever do critico imparcial.

Revista Mensal da Sociedade (RJ) - Ano 1866\Edição 00009 (1)

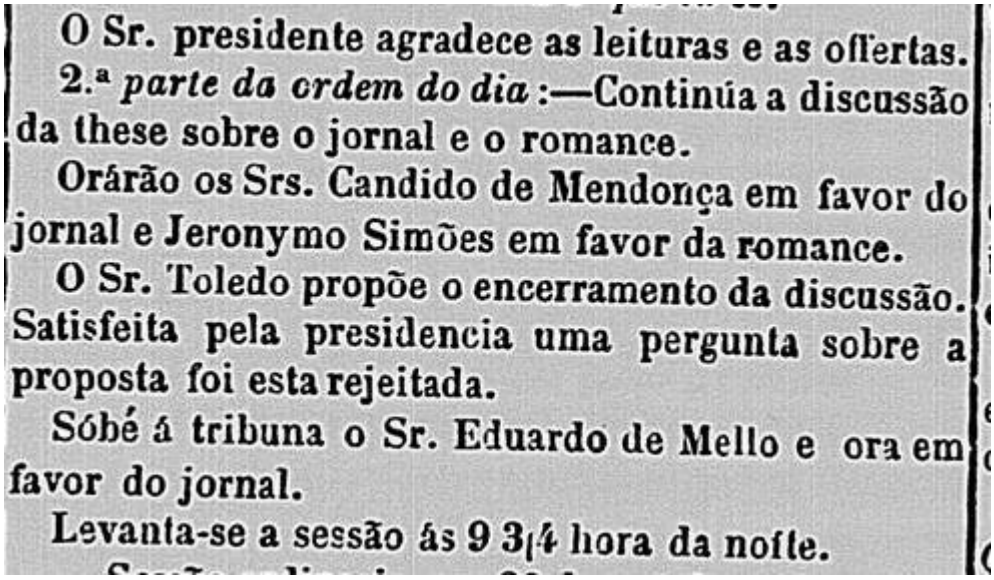
— SOCIEDADE BRASILEIRA ENSAIOS LITTERARIOS.— Sessão ordinaria em 16 de outubro de 1867. — Presidencia do Sr. M. J. Pereira Frazão. — A's 7 1/2 horas da noite, achando-se presentes 26 Srs. socios e algumas senhoras, abre-se a sessão.

Não foi lida a acta da sessão antecedente por motivos que o Sr. presidente explicou.

Expediente:— O Sr. 1º secretario declara que durante a semana finda funccionárão as aulas de francez e de inglez.

1ª *parte da ordem do dia*:—Offerecêrão obras á bibliotheca os Srs.: Paraty, *Folhas Perdidas* (em nome do autor); Casimiro de Freitas, *Amours et Blasphèmes*, e Jeronymo Simões, *A Queda de um anjo* (romance de Camillo Castello Branco).

Lêrão trabalhos os Srs. Pereira Frazão, a continuação de sua *analyse critica sobre a grammatica analytica da lingua portugueza* de Adriano Grivet; Augusto de Almeida, a 4ª carta sobre o poema *Leonor*, e uma poesia do Sr. M. Leitão; Candido de Mendonça, sua poesia intitulada *A...*; e Velho da Silva Junior, outra intitulada *O que tu és*.



O Sr. presidente agradece as leituras e as offertas.

2.ª *parte da ordem do dia*:—Continúa a discussão da these sobre o jornal e o romance.

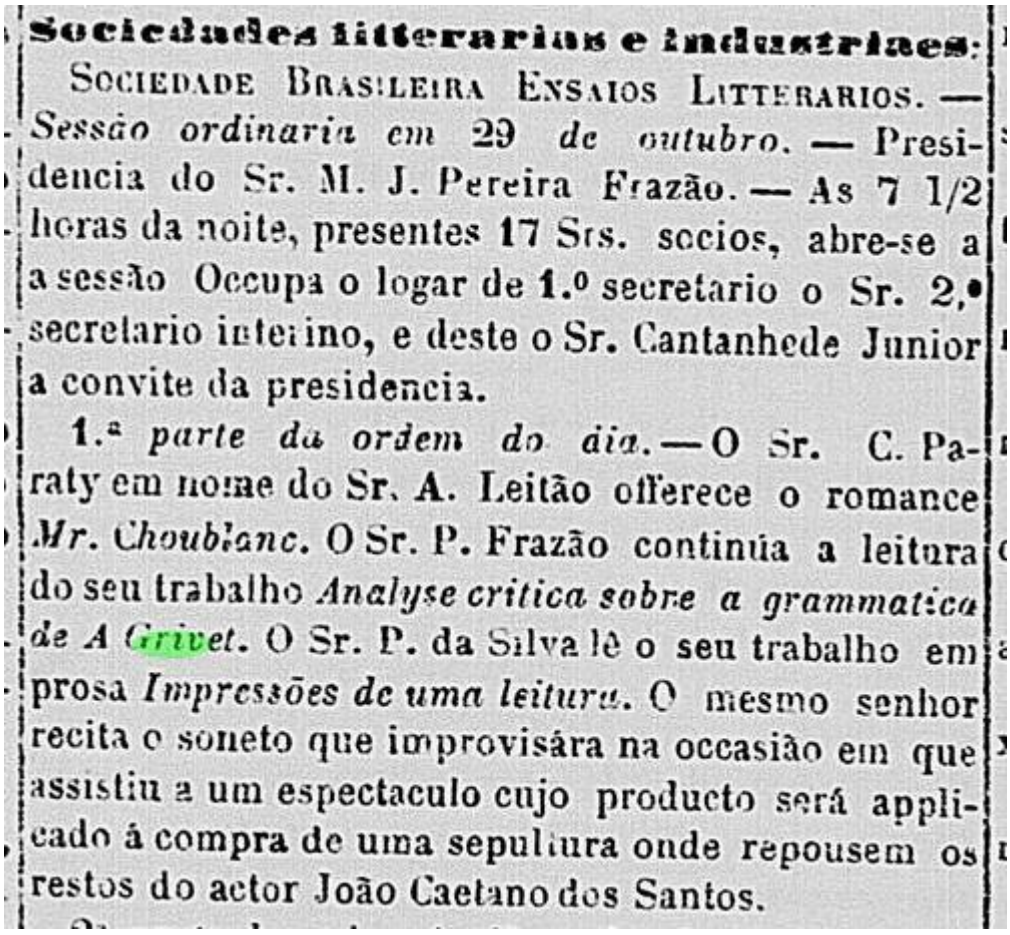
Orárão os Srs. Candido de Mendonça em favor do jornal e Jeronymo Simões em favor da romance.

O Sr. Toledo propõe o encerramento da discussão. Satisfeita pela presidencia uma pergunta sobre a proposta foi esta rejeitada.

Sóbé á tribuna o Sr. Eduardo de Mello e ora em favor do jornal.

Levanta-se a sessão ás 9 3/4 hora da noite.

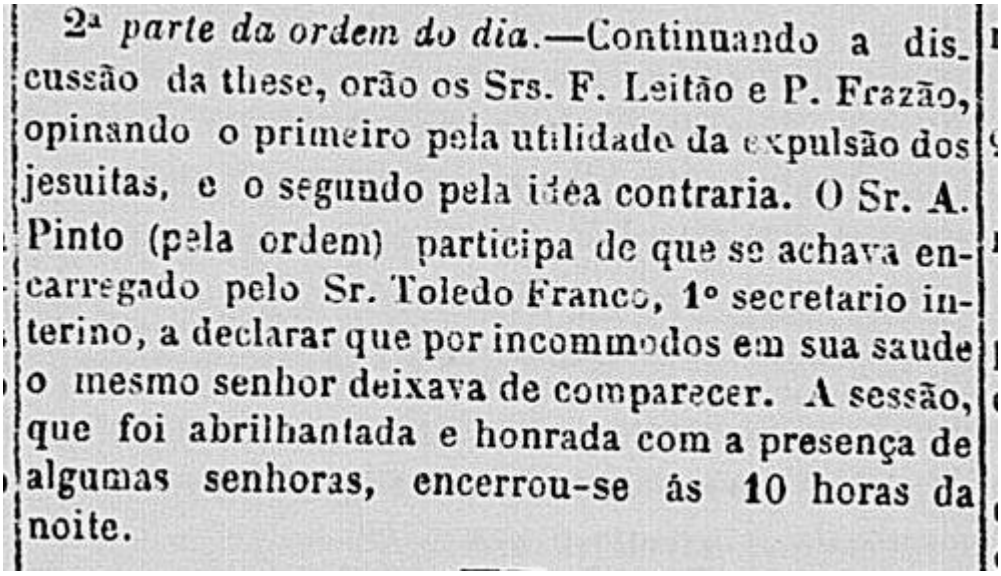
Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1867\Edição 00300 (1)



Sociedades litterarias e industriaes:

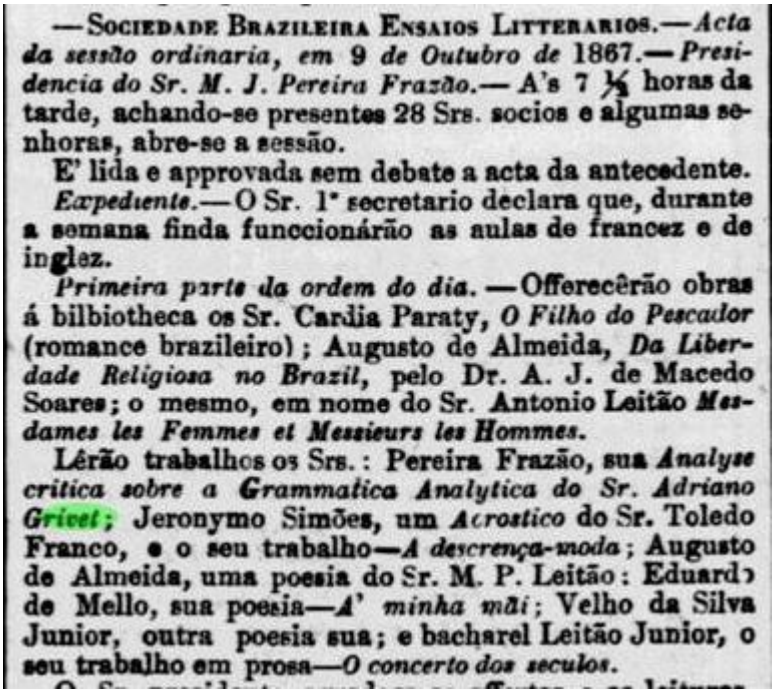
SOCIEDADE BRASILEIRA ENSAIOS LITTERARIOS. — *Sessão ordinaria em 29 de outubro.* — Presidencia do Sr. M. J. Pereira Frazão. — As 7 1/2 horas da noite, presentes 17 Srs. socios, abre-se a a sessão Occupa o logar de 1.º secretario o Sr. 2.º secretario interino, e deste o Sr. Cantanhede Junior a convite da presidencia.

1.ª *parte da ordem do dia.*—O Sr. C. Paraty em nome do Sr. A. Leitão offerece o romance *Mr. Choublanc.* O Sr. P. Frazão continúa a leitura do seu trabalho *Analyse critica sobre a grammatica de A Grivet.* O Sr. P. da Silva lê o seu trabalho em prosa *Impressões de uma leitura.* O mesmo senhor recita o soneto que improvisára na occasião em que assistiu a um espectaculo cujo producto será applicado á compra de uma sepultura onde repousem os restos do actor João Caetano dos Santos.



2ª *parte da ordem do dia.*—Continuando a discussão da these, orão os Srs. F. Leitão e P. Frazão, opinando o primeiro pela utilidade da expulsão dos jesuitas, e o segundo pela idéa contraria. O Sr. A. Pinto (pela ordem) participa de que se achava encarregado pelo Sr. Toledo Franco, 1º secretario interino, a declarar que por incommodos em sua saude o mesmo senhor deixava de comparecer. A sessão, que foi abrilhantada e honrada com a presença de algumas senhoras, encerrou-se ás 10 horas da noite.

Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) - Ano 1867\Edição 00307 (1)



—Sociedade Brazileira Ensaios Litterarios.—*Acta da sessão ordinaria, em 9 de Outubro de* 1867.—*Presidencia do Sr. M. J. Pereira Frazão.*— A's 7 ½ horas da tarde, achando-se presentes 28 Srs. socios e algumas senhoras, abre-se a sessão.

E' lida e approvada sem debate a acta da antecedente.

Expediente.—O Sr. 1º secretario declara que, durante a semana finda funccionárão as aulas de francez e de inglez.

Primeira parte da ordem do dia.—Offerecêrão obras á bilbiotheca os Sr. Cardia Paraty, *O Filho do Pescador* (romance brazileiro); Augusto de Almeida, *Da Liberdade Religiosa no Brazil*, pelo Dr. A. J. de Macedo Soares; o mesmo, em nome do Sr. Antonio Leitão *Mesdames les Femmes et Messieurs les Hommes.*

Lêrão trabalhos os Srs.: Pereira Frazão, sua *Analyse critica sobre a Grammatica Analytica do Sr. Adriano Grivet*; Jeronymo Simões, um *Acrostico* do Sr. Toledo Franco, e o seu trabalho—*A descrença-moda*; Augusto de Almeida, uma poesia do Sr. M. P. Leitão: Eduardo de Mello, sua poesia—*A' minha mãi*; Velho da Silva Junior, outra poesia sua; e bacharel Leitão Junior, o seu trabalho em prosa—*O concerto dos seculos.*

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1867\Edição 00290 (1)

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

Instrucção publica.

O PROFESSOR MANOEL JOSÉ PEREIRA FRAZÃO E OS EXAMES DE PORTUGUEZ.

Por occasião dos exames de portuguez eu recebi de diversas pessoas auctorisadas signaes inequivocos de approvação ao modo por que exerci minhas funcções de examinador. Entretanto, por mais que me deva orgulhar da opinião de pessoas competentes, não me julgo dispensado de dar uma explicação ao publico sensato, e mais particularmente aos meus collegas, a respeito de censuras que aqui me tem sido feitas principalmente por aquillo que me parecia ter constituido o principal mereito de minhas perguntas, o merito nellas houve.

Não me admiro desta diversidade de apreciações: as cousas humanas são sujeitas muitas vezes a juizos contradictorios; e não tenho, por certo, a pretenção ridicula de não receber senão elogios nos actos em que se póde achar envolvida minha obscura individualidade. Porém, como nesta circumstancia, as reprovações que me forão dirigidas vão directamente de encontro aos principios que eu considero os mais importantes na theoria grammatical que tenho adoptado, entendi que não haveria, nem presumpção, nem inconveniencia em me defender contra imputações inspiradas, talvez por um sentimento de honra, antes que pela convicção profunda de que sigo uma marcha erronea em grammatica.

O publico me relevará que me occupe de uma questão que parece pessoal, attendendo a que, além das funcções provisorias de examinador, eu exerço outras que são permanentes, e nas quaes tenho necessidade, quer para conservar a confiança da autoridade, quer para merecer a consideração publica, que se me não considere abaixo da minha posição. E se me objectassem que minha posição de *mestre de escola* é muito humilde para que alguem se preoccupe do modo por que me comporto, eu responderia que tenho como regra de bom dever, desde que entrei na vida publica, fazer sempre o melhor que posso aquillo de que me encarrego, sem me importar muito do gráo em que me acho na escala social E, como não posso contar com defensores officiosos, como acontece aos personagens que occupão altas posições, será isso mais uma razão para que me seja permittido defender-me a mim mesmo.

As accusações que se me têm feito podem ser resumidas na seguinte proposição, que cada um commenta a seu modo: « Não me ter eu servido para minhas perguntas sobre grammatica dos differentes tratados que têm curso nos collegios, dando antes preferencia a uma obra quasi desconhecida, á grammatica analytica da lingua portugueza por Adriano Grivet. » A explicação é simples.

Uma vez que os tratados de grammatica adoptados nos differentes estabelecimentos de instrucção são quasi tão numerosos e tão diversos uns dos outros, como o são os proprios estabelecimentos, só me restava para [illegible] uma de duas alternativas: ou examinar a cada alumno segundo a grammatica que tivesse estudado, ou fazer de todas ellas reunidas um amalgama monstruoso de doutrinas contradictorias, de sorte que, por exemplo, o alumno que tivesse dito que os verbos só têm tres modos, tivesse tanta razão, como o que dissesse que têm quatro ou cinco, e assim por diante, em centenas de questões cuja solução não é tão indifferente como geralmente se crê.

Em presença destas duas alternativas, eu não sei que homem de bom senso deixaria de comprehender a impraticabilidade e o absurdo de qualquer das duas! E entretanto, eis em que tenho errado no dizer dos que me censurão!

O facto é que não temos grammatica official, e que se uma ha que, graças a uma autorisação provisoria, parece ter quasi conquistado esta posição, nem por isso deixa ella de ser rejeitada em muitos estabelecimentos particulares, sendo adoptada em outros com reservas da parte dos professores, que não fazem escrupulo em lhe alterar profundamente a doutrina. E tanto isto é assim que o ministro formulando o programma dos exames nada prescreveu a este respeito, dominado sem duvida pelo pensamento de que seria inconveniente restringi as mesquinhas proporções de um manual tão defeituoso quanto incompleto, as indagações dos examinadores em um ramo de estudos que de direito prima entre os outros seja dito sem offensa de ninguem.

Com effeito, qualquer que seja para o futuro a posição destes moços que hoje se instruem, aquillo de que elles hão de ter mais necessidade será sem duvida fallar e escrever correctamente sua lingua, porque, por effeito de um *prejuizo* que governa o mundo, quem não sabe escrever correctamente sua lingua é tido por ignorante em tudo o mais! E haverá entre nós muita gente que saiba escrever correctamente o portuguez?! Oh!... exclamarão indignados contra o *mestre de escola* que tem a ousadia de fazer uma tal pergunta. Pois bem! não se zanguem, que é a verdade: não ha muitos, nem cá por baixo, nem lá por cima. Eu poderia escolher as provas desta verdade entre os funccionarios os mais elevados, entre os homens de lettras os mais justamente estimados, e certamente os mais bem dotados! E, cousa notavel! os erros que elles commettem não são erros de inadvertencia, não; são erros dictados, impostos pela reminiscencia de falsas regras grammaticaes! De sorte que personagens da mais alta intelligencia, do mais fino espirito, devem a seus máos estudos na lingua nacional os unicos senões talvez que se deparão em seus escriptos.

Bem inspirado, portanto, foi o ministro, que comprehendeu o portuguez no curso de preparatorios! Era mais que tempo de obrigar os educadores da mocidade a dirigir seus esforços tambem para este importantissimo ramo de instrucção! Na mór parte dos collegios o professor tido como o mais incapaz nunca o era tanto que não pudesse ensinar a grammatica portugueza! Tornou-se até proverbial esta pergunta: « Quem não sabe portuguez? » Os meninos das escolas publicas retirão-se logo á 6ª classe, porque julgão desairoso estudar portuguez!

Quanto a mim, ainda que professor, nunca acreditei saber portuguez bastante por tê-lo aprendido em criança á força de decorações mais ou menos vazias de sentido nos livros que me tinhão posto entre as mãos. O desejo, ou antes a necessidade de entender o que ensinava a meus alumnos, e de conciliar os preceitos do manual em uso com a doutrina irrefragavel dos classicos, não tardou a mostrar-me a insufficiencia e as contradicções do livro que me servia de evangelho grammatical.

Poz-me então a consultar com uma impaciencia febril as grammaticas de que tinha noticia, não exceptuando a absurda e indigesta grammatica de J. Soares Barbosa, a qual, entretanto, no mundo dos pedantes e dos papalvos tem tanta autoridade como, entre os theologos, a versão dos *setenta*! Mas, ah! eu cahia de decepção em decepção; até que, cansado de nada encontrar que me satisfizesse, resolvi estudar attentamente os bons escriptores, e a formar pouco a pouco, pela pratica, um fundo de observações que fossem para mim outras tantas maximas sãs em grammatica.

Hoje, quando lanço a vista sobre essa época, já um pouco remota, de minha vida, eu experimento viva satisfação ao lembrar-me que este processo, longo e penoso, me fez descobrir muitos principios de que mais tarde achei a confirmação e a formula em uma obra em que aprendi uma boa parte do que sei de grammatica portugueza. O que me faltava então era um principio summario, geral, que me servisse de ponto de partida, e um methodo rigoroso que me guiasse no meio deste labyrintho. O principio eu o aprendi da bocca do autor da grammatica analytica, e é este: Para poder formular regras em grammatica, é preciso distribuir as palavras em diversas categorias; e, para saber a que categorias pertencem as palavras, é preciso observar lhes cuidadosamente as funcções; porque, muitas vezes acontece que uma mesma palavra, por preencher funcções diversas, pertence a categorias differentes, e se submette, por conseguinte, a regras especiaes. Exemplo: « Estes, conheço-*os* eu, mas não conheço *os* que lá estão » Ahi temos dous *os* que os nossos grammaticos se contentão de classificar como pronomes relativos. Entretanto, ao passo que o primeiro não dispensa a ideia de união, o segundo a não póde admittir! Como explicão os nossos grammaticos esta differença? Nem disso se occupão! Pois valia a pena! Pelo estudo das funcções destas palavras, se chega a conhecer que o primeiro é um pronome pessoal, e o segundo, um pronome demonstrativo.

Ha cinco annos que appareceu a grammatica analytica da lingua portugueza por Adriano Grivet. Eu conhecia o autor desde sua chegada ao nosso paiz, e tinha tido a vantagem de lhe ensinar a ler o portuguez. Singular coincidencia! Elle devia um dia tambem ensinar-me o verdadeiro caminho do estudo desta mesma lingua! A amizade que eu consagrava ao meu antigo mestre de francez, a confiança que depositava nos seus conhecimentos em linguistica, a audacia que elle tinha tido de se arrojar a uma empresa que me parecia acima dos esforços de um estrangeiro, e sobretudo o bom senso e o criterio com que sempre o vi proceder, tudo isso concorreu para que eu lesse, ou antes devorasse a obra logo que foi publicada.

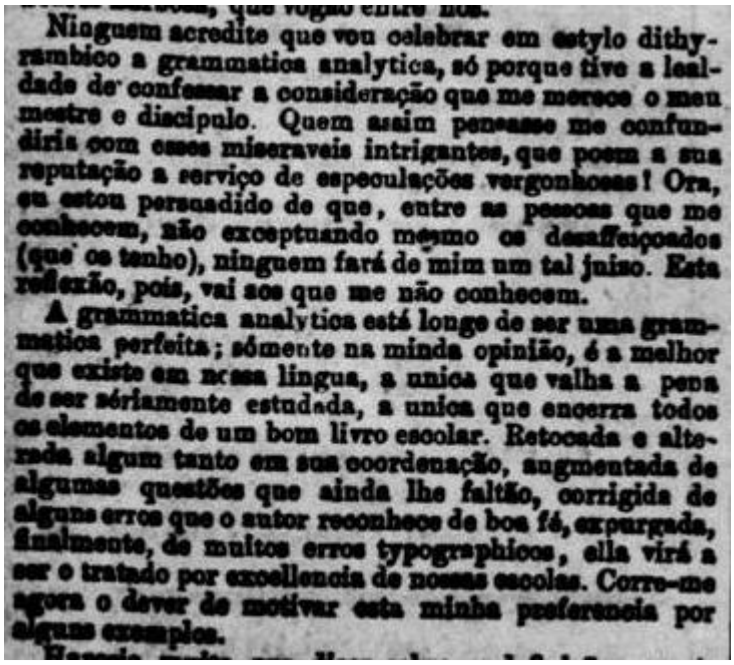
Confesso que li para aprender, porque não pertenço á escola daquelles que se envergonhão de aprender, em vez de se envergonharem de ignorar. Tambem pouco me abalava o ser obra de um estrangeiro, porque penso, como o sabio Rollin: *Pouco importa donde nos venha o que é util, comtanto que fructifique.*

Quem, como eu, se der ao estudo da grammatica analytica sem prevenção, e com sincero desejo de aprender, experimentará mais de uma vez um sentimento de hesitação em se deixar arrastar pela via desusada que o autor trilhou para fazer caminhar suas deducções; porém o attractivo da novidade, e o desejo de comprehender a razão de certas divisões ousadas introduzidas logo no principio, o conduzirão até ás soluções felizes e inesperadas que mais adiante se descortinão. A primeira cousa que lhe ha de ferir a attenção, e que desagrada, é uma mudança consideravel nas definições das palavras. Estas definições, que os nossos grammaticos têm credulamente copiado uns dos outros, com pequenas differenças para

salvar o plagiato, se apresentão sob uma fórma que parece extravagante, porque derrotão completamente as idéas preconcebidas. E, entretanto, pela reflexão, facilmente se reconhece, não só a exactidão, como a utilidade dellas. Digo utilidade para o ensino, porque com este amontoado de *pétas* que em nossas grammaticas se achão erigidas em aphorismos scientificos, os professores passão por verdadeiros apuros, para resalvarem a dignidade pedagogica, cada vez que encontrão um discipulo esperto, que deseja ser esclarecido sobre contradicções, que seu espirito encontra entre os factos da lingua e as regras de sua grammatica.

Que responderá o professor ao discipulo que lhe fôr perguntar se antes do relativo *que*, nas proposições restrictivas, tambem se ha de pôr virgula? Naturalmente o reprehenderá por querer saber mais grammatica do que Soares Barbosa! Entretanto o proprio Soares Barbosa não a empregava, violando assim por um instincto de correcção logica a falsa regra de sua grammatica. Este respeito que se guarda para com a opinião sem réplica do *mestre* Soares Barbosa me faz lembrar uma anecdota, que pelo autor não perca: Havendo o medico de um navio mercante (em alto mar), dado por morto a um pobre marinheiro acommettido de um ataque, tratava se de atira-lo ao mar, quando o doente, tornando a si, procurou impedir o acto, declarando que estava vivo. Não obstante foi alijado depois de reprehendido, por querer saber mais do que o medico!

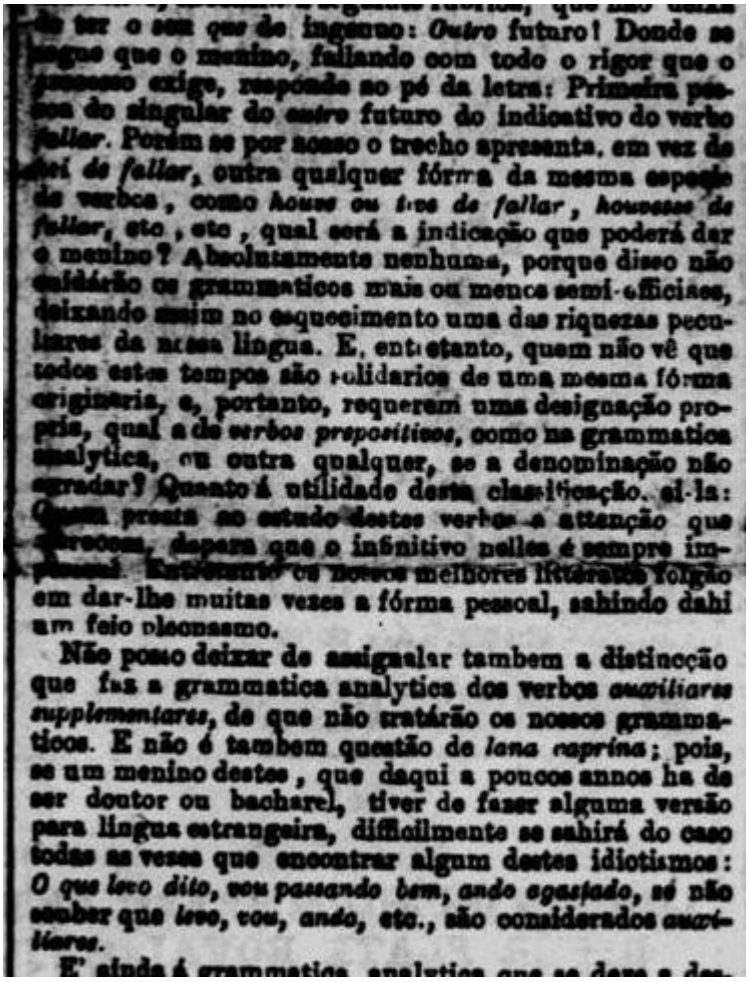
Entre nós, seja isso dito em honra de nossa classe, desde muito que se nota um desgosto extraordinario entre os professores pela falta de uma grammatica verdadeira, isto é, que não ensine regras falsas! Pois bem, ahi temos a grammatica analytica de Grivet, que é um livro que merece ser estudado, e que não póde ser confundido com os resumos mais ou menos acabados de Soares Barbosa, que vogão entre nós.



Ninguem acredite que vou celebrar em estylo dithyrambico a grammatica analytica, só porque tive a lealdade de confessar a consideração que me merece o meu mestre e discipulo. Quem assim pensasse me confundiria com esses miseraveis intrigantes, que poem a sua reputação a serviço de especulações vergonhosas! Ora, eu estou persuadido de que, entre as pessoas que me conhecem, não exceptuando mesmo os desaffeiçoados (que os tenho), ninguem fará de mim um tal juizo. Esta reflexão, pois, vai aos que me não conhecem.

A grammatica analytica está longe de ser uma grammatica perfeita; sómente na minha opinião, é a melhor que existe em nossa lingua, a unica que valha a pena de ser sériamente estudada, a unica que encerra todos os elementos de um bom livro escolar. Retocada e alterada algum tanto em sua coordenação, augmentada de algumas questões que ainda lhe faltão, corrigida de alguns erros que o autor reconhece de boa fé, expurgada, finalmente, de muitos erros typographicos, ella virá a ser o tratado por excellencia de nossas escolas. Corre-me agora o dever de motivar esta minha preferencia por alguns exemplos.

Haveria muito que dizer sobre as definições que é, em-
e o autor foi mais feliz. Mas eu não posso escrever
uma analyse circumstanciada neste artigo. Seria objecto
de uma obra de maior fôlego. Sómente observarei
a tal respeito que ha um grande inconveniente nestas
definições falsas de nossas grammaticas; exemplos:
Syntaxe é a parte que ensina a compor a oração!
Ora, pelo amor de Deos! quando é que a compo-
sição da oração foi da alçada da syntaxe?! *Sub-*
stantivo proprio é o que compete a uma só pessoa ou a
uma cousa unica, como Maria, Alexandre!! Quem não
sabe que ha milhares de Marias e de Alexandres??
Estas definições e outras de que estão cheias as nossas
grammaticas me fazem lembrar esta, que encontrei não
sei onde: *As interjeições são sempre monosyllabas*, como
ai!, *valha-me Deos!* Na grammatica analytica, as
definições são logicamente verdadeiras; e com esta só
palavra tenho dito tudo. E' maior do que se pensa o
inconveniente das falsas definições. O menos que póde
acontecer, é incutir-se no animo dos discipulos intelli-
gentes a desconfiança que os leva a tomar como pêta
tudo quanto lhes ensina o mestre! E, quem sabe se não
é a isso que se deve esta especie de repugnancia que se
nota entre nós pelo estudo da grammatica, tanto da
parte dos mestres, como dos discipulos? os primeiros, por
andarem pouco seguros de si por essas andurriaes, e
os segundos por verem contrariadas a cada passo as
suggestões do seu bom senso, que vai desabrochando ao
rápido calor da adolescencia?! Pois ha razão de sobra
para que se vá robustecendo nelles a desconfiança de
que fallei, e talvez mesmo a convicção de que as theo-
rias grammaticaes são falsas! Encontra-se, por exemplo,
em uma analyse a fórma — *hei de fallar* — o discipulo,
chamado a contas, abre o seu manual, e lá, no modo
indicativo, encontra a seguinte rubrica, que não deixa
de ter o seu *que* de ingenuo: *Outro* futuro! Donde se



de ter o sem que de ingenuo: *Outro* futuro! Donde se segue que o menino, fallando com todo o rigor que o processo exige, responde ao pé da letra: Primeira pessoa do singular do *outro* futuro do indicativo do verbo *fallar*. Porém se por acaso o trecho apresenta, em vez de *hei de fallar*, outra qualquer fórma da mesma especie de verbos, como *houve ou tive de fallar*, *houvesse de fallar*, etc, etc, qual será a indicação que poderá dar o menino? Absolutamente nenhuma, porque disso não cuidárão os grammaticos mais ou menos semi-officiaes, deixando assim no esquecimento uma das riquezas peculiares da nossa lingua. E, entretanto, quem não vê que todos estes tempos são solidarios de uma mesma fórma originaria, e, portanto, requerem uma designação propria, qual a de *verbos propositivos*, como na grammatica analytica, ou outra qualquer, se a denominação não agradar? Quanto á utilidade desta classificação, ei-la: Quem presta ao estudo destes verbos a attenção que merecem, depara que o infinitivo nelles é sempre impessoal. Entretanto os nossos melhores litteratos folgão em dar-lhe muitas vezes a fórma pessoal, sahindo dahi um feio pleonasmo.

Não posso deixar de assignalar tambem a distincção que faz a grammatica analytica dos verbos *auxiliares supplementares*, de que não tratárão os nossos grammaticos. E não é tambem questão de *lana caprina*; pois, se um menino destes, que daqui a poucos annos ha de ser doutor ou bacharel, tiver de fazer alguma versão para lingua estrangeira, difficilmente se sahirá do caso todas as vezes que encontrar algum destes idiotismos: *O que levo dito*, *vou passando bem*, *ando agastado*, *só* não souber que *levo*, *vou*, *ando*, etc., são considerados *auxiliares*.

E' ainda á grammatica analytica que se deve a dis-

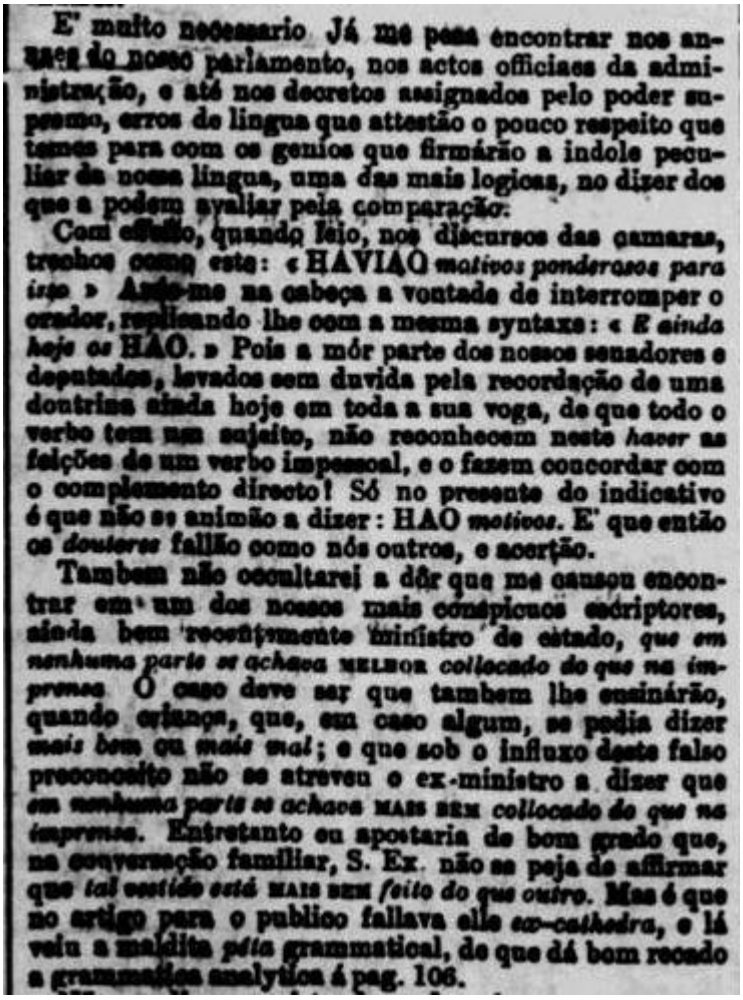
E' ainda á grammatica analytica que se deve a descoberta do methodo das substituições. Consiste este em substituir com um tino que em breve se adquire, uma palavra ou uma fórma de apreciação duvidosa por outra de apreciação determinada. Trata-se, por exemplo, de tornar claro a um alumno o motivo por que na locução *á vista disto*.... o *a* requer acento agudo, por haver ahi uma contracção de *aa*, bastaria mostrar-lhe que, substituindo-se a palavra *vista* por outra do genero masculino, *aspecto*, o artigo se apresenta—*ao aspecto disto*.... Este methodo é de grande alcance nas investigações analyticas.

Não será uma das boas pêtas de que fallei anteriormente, o ensinar-se nas nossas escolas que as palavras chamadas *em vocativo* são syntaxicamente sujeitos de verbos occultos, como se as fórmas latinas *fili*, *domine*, etc, não devessem advertir que tal não póde ser, em caso algum a funcção das mesmas palavras, porque o sujeito não admitte em latim outra fórma que não a de nominativo e o accusativo por excepção? Entretanto um grammatico nosso mui distincto raciocina deste modo: Quando digo: « Pedro vem cá », ha ellipse de *attende-me*; de sorte que é preciso dizer: *Attende-me, Pedro, vem cá!* E' *Pedro* sujeito de *attende*, sem que, comtudo o pudesse ser de *vem*! Encontrei entre os moços que examinei um assaz sensato que classificou esta theoria de *contrasenso*, porque, dizia elle, se Pedro, sujeito de 3ª pessoa, pudesse reger um verbo na 2ª pessoa, por que razão não regeria logo a *vem*? Achei espirituosa a resposta, e provoquei o estudante a explicar a razão do *contrasenso*. Eis o que me respondeu o malicioso: a razão não póde ser outra senão o ser *attende* uma creatura do autor, o qual bem podia construi-lo com a condição de não dar satisfações ás regras da syntaxe! Não pude deixar de applaudir o estudante, e contei-lhe a anecdota de certa senhora, que tendo errado uma palavra em um livro, respondeu ao indiscreto que a corrigira: *O livro é meu, custou o meu dinheiro, posso lê-lo como me parecer!*

Ora agora, perguntarei eu aos homens sensatos que entendem da materia, deveria eu, examinador, aceitar, como perfeitamente logicas, taes e quejandas respostas, só porque *sic magister dixit?* Mas era tão facil resolver a questão pelo bom senso, admittindo a doutrina da grammatica analytica: *As palavras em apostrophe, ou em vocativo são interjeições impropria*s! E' verdade que os pequenos pagarão as culpas dos grandes, e bem se podia dizer a este respeito: *Quidquid delirant reges, plectuntur Achivi* Mas, no fim de contas, quem é o culpado? o examinador?!....

Não sei se consegui, com o pouco que disse, desvendar alguns olhos tapados pela prevenção, e animar aquelles que, encarregados de guiar a mocidade nos seus estudos, se deixão levar, por uma desidia reprovavel, a dar o menor dos seus cuidados ao ensino da lingua patria. Quanto a mim, desejei tão sómente despertar a attenção, e dirigi-la para aquelle assumpto, julgando-me por isso mesmo justificado das censuras que me forão irrogadas na occasião dos exames. Bastaria que o meu procedimento não tivesse sido reprovado officialmente, para que eu ficasse satisfeito com o desempenho das minhas funcções, muito principalmente quando nunca solicitei nem desejei a honra de ser examinador; antes pelo contrario, fiquei admirado de me haver a administração distinguido com uma commissão que de direito cabia a outros professores de reconhecida illustração. Uma nova circumstancia, porém, me faz acreditar que o meu procedimento mereceu a approvação da autoridade, visto como fui de novo honrado com o convite para examinador de rhetorica. Devo, portanto, ficar tranquillo a este respeito.

Quer me parecer que não serão de todo inuteis as numerosas advertencias que tive de fazer sobre a deficiencia dos estudos grammaticaes em portuguez, e que se notará algum progresso neste sentido nos proximos exames.



E' muito necessario. Já me pesa encontrar nos annaes do nosso parlamento, nos actos officiaes da administração, e até nos decretos assignados pelo poder supremo, erros de lingua que attestão o pouco respeito que temos para com os genios que firmárão a indole peculiar da nossa lingua, uma das mais logicas, no dizer dos que a podem avaliar pela comparação.

Com effeito, quando leio, nos discursos das camaras, trechos como este: « HAVIAO *motivos ponderosos para isso* » Anda-me na cabeça a vontade de interromper o orador, replicando lhe com a mesma syntaxe: « *E ainda hoje os* HAO. » Pois a mór parte dos nossos senadores e deputados, levados sem duvida pela recordação de uma doutrina ainda hoje em toda a sua voga, de que todo o verbo tem um sujeito, não reconhecem neste *haver* as feições de um verbo impessoal, e o fazem concordar com o complemento directo! Só no presente do indicativo é que não se animão a dizer: HAO *motivos*. E' que então os *doutores* fallão como nós outros, e acertão.

Tambem não occultarei a dôr que me causou encontrar em um dos nossos mais conspicuos escriptores, ainda bem recentemente ministro de estado, *que em nenhuma parte se achava* MELHOR *collocado do que na imprensa*. O caso deve ser que tambem lhe ensinárão, quando criança, que, em caso algum, se podia dizer *mais bom* ou *mais mal*; e que sob o influxo deste falso preconceito não se atreveu o ex-ministro a dizer que *em nenhuma parte se achava* MAIS BEM *collocado do que na imprensa*. Entretanto eu apostaria de bom grado que, na conversação familiar, S. Ex. não se peja de affirmar que *tal vestido está* MAIS BEM *feito do que outro*. Mas é que no artigo para o publico fallava elle *ex-cathedra*, e lá veiu a maldita *pêta* grammatical, de que dá bom recado a grammatica analytica á pag. 106.

Não se diga que isto de nada vale, que são cousas sem importancia! A tratar-se com este desprezo a arte de fallar correcto, iremos longe. E, se não, vejão. Outro que não foi ainda, mas que talvez breve venha a ser ministro, tambem escrevia ha pouco, em um relatorio do ministro da fazenda, que *os empregados da alfandega de Santos erão os* MELHORES *retribuidos do Imperio* ! ! E que me dizão desta?

Não me pesa muito confessar que os professores publicos da côrte não têm fama de grandes litteratos; entretanto não me consta que sejão tão irreverentes para com a lingua patria.

Terminarei, pois, o meu artigo repetindo com profunda convicção: E' tempo, e mais que tempo, que o ensino da lingua nacional tenha nos collegios a importancia que lhe compete.

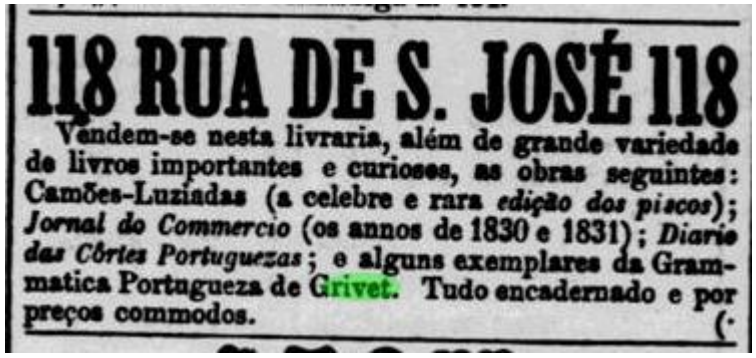
O professor, M. J. Pereira Frazão.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1870\Edição 00039 (1)

GRAMMATICA ANALYTICA
DE ADRIANO GRIVET.

Acha-se ainda á venda um certo numero de exemplares desta obra; na loja de Nicoláo Alves, rua de Gonçalves Dias n. 54.

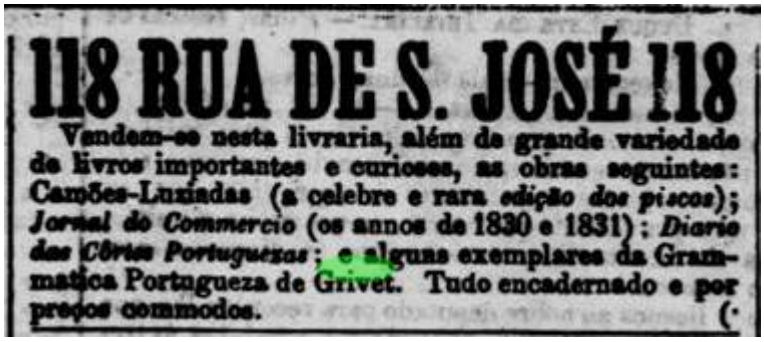
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1870\Edição 00323 (1)



118 RUA DE S. JOSÉ 118

Vendem-se nesta livraria, além de grande variedade de livros importantes e curiosos, as obras seguintes: Camões-Luziadas (a celebre e rara *edição dos piscos*); *Jornal do Commercio* (os annos de 1830 e 1831); *Diario das Côrtes Portuguezas*; e alguns exemplares da Grammatica Portugueza de Grivet. Tudo encadernado e por preços commodos.

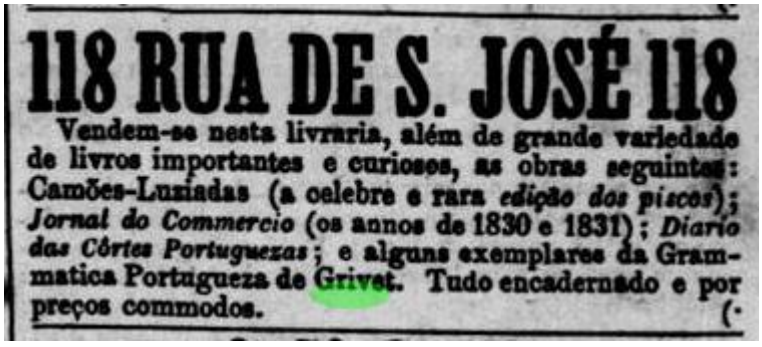
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1871\Edição 00230 (1)



118 RUA DE S. JOSÉ 118

Vendem-se nesta livraria, além de grande variedade de livros importantes e curiosos, as obras seguintes: Camões-Luziadas (a celebre e rara *edição dos piscos*); *Jornal do Commercio* (os annos de 1830 e 1831); *Diario das Côrtes Portuguezas*; e alguns exemplares da Grammatica Portugueza de Grivet. Tudo encadernado e por preços commodos.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1871\Edição 00232 (1)



118 RUA DE S. JOSÉ 118

Vendem-se nesta livraria, além de grande variedade de livros importantes e curiosos, as obras seguintes: Camões-Luziadas (a celebre e rara *edição dos piscos*); *Jornal do Commercio* (os annos de 1830 e 1831); *Diario das Côrtes Portuguezas*; e alguns exemplares da Grammatica Portugueza de Grivet. Tudo encadernado e por preços commodos.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1871\Edição 00235 (1)

Acabão de sahir á luz e achão-se á venda na livraria classica de Nicolão Alves, rua de Gonçalves Dias n. 54, compendio de

DESENHO GEOMETRICO

GEOMETRIA PRATICA

E

PRINCIPIOS DE ARCHITECTURA

ORGANISADO PELO MAJOR

Dr. José Antonio da Fonseca Lessa

professor de topographia e desenho da escola militar.

Um volume em 8° de 230 paginas, ornado de numerosas figuras e estampas de desenho geometrico, de architectura, etc. Esta obra é apropriada ao ensino do desenho nas escolas de Bellas-Artes, central, militar, lyceu das Artes e Officios e mais collegios de instrucção secundaria. Neste compendio encontrarão tambem os artistas, mestres e empreiteiros de obras as noções precisas para as construcções e orçamentos.

LIÇÕES DA HISTORIA DA IDADE MEDIA

PELO

Dr. Domingos Ramos Mello

professor de historia do externato do imperial collegio de Pedro II.

UM VOLUME 4$000.

PRIMEIRO LIVRO DA INFANCIA

ou exercicios de leitura e lições de moral para uso das escolas primarias, vertido por Emilio Zaluar, impresso em typo grande, apropriado ao ensino da infancia que principia a balbuciar os primeiros rudimentos de leitura. Esta obrinha é, das que existem actualmente no ensino rudimental, a mais apropriada para servir de continuação aos syllabarios e a mais economica, 1 volume cartonado por 600 rs.

Acha-se á venda na mesma casa a

Grammatica portugueza de Grivet

Assigna-se o jornal de modas

MONITEUR

DES

DAMES ET DES DEMOISELLES

DES

DAMES ET DES DEMOISELLES

jornal de modas, o mais economico e o mais util ás familias não só pelos numerosos figurinos, moldes, modelos de crochet, tapetes, etc., como pela leitura que é a mais instructiva e moral. Nesta livraria se indicão os compendios adoptados no ensino primario, secundario e superior que se vendem sempre pelos mais infimos preços, fazendo-se maiores abatimentos nas compras avultadas.

54 RUA DE GONÇALVES DIAS 54

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1871\Edição 00246 (1)

penna um pouco mais livremente quando fizemos uma referencia á pessoa do Chefe do Estado.

O homem sensato e desapaixonado que acompanhar o nosso procedimento, não poderá deixar de perceber que naquillo não houve nenhuma intenção de menoscabar a primeira autoridade da Nação, a quem sempre prestámos o acatamento que lhe é devido.

E', pois, uma imprudencia insistir nesse ponto. Será pobreza de assumpto? Ora, deixem-se disso, que estão perdendo o seu tempo. Melhor seria que nos deixassem em paz discutir tantas questões importantes que ahi estão adiadas.

Vamos! E' tempo de pôrmos a nossa actividade a serviço da grande causa nacional! Não esperdicemos o nosso tempo com uma polemica tão esteril e prejudicial.

A escóla de S. Sebastião.

A illustrissima Camara Municipal acaba de realisar o seu patriotico pensamento de auxiliar o governo na difficil tarefa de diffundir a instrucção pelas massas. No dia 4 do corrente foi inaugurada a primeira escóla municipal, e já se achão abertas suas aulas ao publico.

Uma associação que tem por titulo —Protectora da infancia desvalida— e que é presidida pelo illustrado e benemerito cidadão, presidente da Camara, o Illm. Sr. Dr. Ferreira Vianna, tem já distribuido vestuario decente a mais de 100 meninos pobres para poderem frequentar a escóla.

Actos destes não se commentão: elles só por si recommendão seus autores á gratidão nacional.

Como cidadão não podemos calar a voz do sentimento de gratidão que nos domina por um serviço tão importante prestado ao paiz.

Como orgão do professorado, porem, a nossa gratidão sobe de ponto, e não nos podemos furtar ao dever de render o devido preito áquellas illustres e benemeritas corporações: á Sociedade Protectora da Infancia por vir remover o maior dos obstaculos á instrucção do povo, e á illustrissima Camara Municipal pela consideração que nos dá incumbindo da direcção de suas escólas a um dos nossos mais estimados collegas, o prestimoso professor C. M. de Faria Pardal.

Esta escolha em qualquer outra occasião nos seria sempre agradavel; porem agora principalmente ella é de tal modo significativa, que não podemos occultar o jubilo de que estamos possuido, pois ella prova que aquelles sensatos representantes do povo não acompanhão a opinião dos que pensão que é desautorando o professorado que se ha de conseguir reformar a instrucção publica.

Com effeito, não era difficil encontrar entre tantos cavalheiros illustrados no magisterio particular, algum especialista que viesse com todo o prazer dar direcção aos trabalhos das escólas municipaes. Nem se poderia com justiça censurar a escolha por ser fóra do magisterio publico. Porem vir escolher o director no nosso gremio, foi manifestar ao publico o desejo sincero de dar ao magisterio publico uma consideração que os poderes do Estado não lhe terião por certo concedido.

Aceite, pois, a illustrissima Camara os nossos sinceros agradecimentos, e o collega, os nossos parabens, e os votos que fazemos para que corresponda á confiança que nel le foi depositada.

INEDITORIAES

A Grammatica e os Grammaticadores

IV.

Nos meus dois primeiros artigos expliquei ao publico a necessidade em que estava de justificar-me perante os homens competentes de arguições que se me têm feito por discordar no meu ensino de certas proposições, que passão por aphorismos grammaticaes, e que eu classifiquei de *disparates* e *contrasensos*.

No terceiro, tive necessidade de interromper a minha exposição para explicar o sentido de algumas insinuações que o Sr. Dr. Jacy Monteiro entendeu lhe erão dirigidas. Era materia urgente; foi forçoso dar-lhe preferencia.

Hoje, porem, que felizmente me vejo desembaraçado de questões pessoaes, posso entrar na materia em discussão.

Cumpre-me declarar com toda a sinceridade de que sou capaz, que nenhuma intenção tenho de molestar a quem quer que seja. Escrevendo, usarei de toda a liberdade em minhas apreciações, ficando uma vez por todas, estabelecido que são as opiniões, e não os autores, que vou analysar.

Dentre os ramos do ensino elementar nenhum reclama hoje das pessôas competentes mais serio esforço de attenção que o estudo da Grammatica.

Pretender occupar a attenção dos leitores com a importancia da materia, seria gastar inutilmente o tempo em logares communs, como faria quem só escrevesse para satisfazer ao seu amor proprio. Não, não é pela importancia de um tal estudo que eu digo que elle reclama serio esforço de attenção da parte daquelles que, em materias de instrucção, têm o poder das *chaves*. Mas em attenção ás necessidades praticas de um ensino tão generalisado, em consequencia da pavorosa anarchia que nelle se tem introduzido.

Com effeito, os candidatos que têm de demonstrar suas habilitações em Grammatica, vêm-se na triste contingencia de esperar do acaso, ou do Santo *Empenho*, esse poderoso, mas tambem aviltante padroeiro de nossa terra, a legitimação das suas mais bem fundadas aspirações, por não poderem adivinhar por que systema grammatical vão ser interrogados! Cada examinador julga dar bôa copia de si e de sua erudicção, colhendo nos diversos systêmas o que mais lhe agrada, sem se inquietar das discordancias que dahi resultão, satisfazendo-se com a pretenção de ser tido, graças a esse estratagema, por grande sabedor em tal materia, e resguardado aliás contra qualquer reclamação indiscreta, pela faculdade que lhe cabe de reprovar, sem poder ser reprovado, o que (seja dito de passagem) não é pequena garantia!

Este absurdo não póde continuar, isto é evidente. Porem, como sahir deste labyrinto? *Hoc opus, hic labor est.* Eis, como se tem resolvido entre nós questões análogas. Chama-se um homem da confiança do governo. O bafejo official exerce sobre elle funcções usurpadas ao Espirito Santo. Esse homem recebe logo uma especie de sagração, em virtude da qual póde dizer sobre a questão a ultima palavra. Immediatamente é a sua opinião decretada aos professores, que ficão sendo obrigados a ensinar, *quer concordem, quer não*, quantos disparates e quantos contrasensos se podem imaginar. E os professores?! Ora, os professores! Pois nós cá temos professores! Os mestres de escóla... esses, segundo diz a redacção da *Instrucção Publica*, servem para tomar a lição

de cór : nada sabem, nada ensinão ; que tem o governoque ver com essa gente ?!

Felizmente desta vez creio que não ha de ser assim. Estou seguro de que S. Ex.ª o Sr. Inspector Geral ha de mandar ouvir aos professores sobre esta importantissima reforma,convidando-os a discuti-la perante o Conselho-director, ao menos aquelles que o quizerem fazer. E se assim não acontecesse, teriamos necessidade de refutar o novo evangelho grammatical, caso elle viesse cheio de ingenuidades, como as que temos sido obrigados a ensinar desde 1855 até hoje !

A obediencia do cidadão professor não o póde impellir até ensinar, violentando a sua consciencia, *erros crassos*, que aleijão as faculdades intellectuaes da mocidade, fazendo-a crêr que as pêtas tambem podem ser erigidas em aphorismos scientificos ! É incontestavel o direito que tem o cidadão, embora mestre de escóla, de discutir os grandes interesses da instrucção do povo ; muito mais quando a elle, e só a elle faz a Sociedade responsavel pelo atraso deste ramo do serviço publico.

Para dar ao publico ideia exacta do meu procedimento nesta questão, e facilitar aos adversarios das doutrinas que sigo o meio de as combatter, preferi publicar em dialogo o ensino da Grammatica, tal qual eu o dou a meus discipulos. Nada de intrigas. É assim que eu ensino, porque é assim tambem que comprehendo a Grammatica. Se é tudo asneira decidão os competentes.

Ainda uma ultima palavra. Sigo em muitas cousas a Grammatica analytica do Sr. Adriano Grivet, em outras as minhas mesmas inspirações.

Pois, porque não hei de eu ter, como o resto da humanidade, o direito de dizer asneiras ?

DIALOGO.

PRELIMINARES.

Mestre. — O que é Grammatica ?

Discipulo — E' a arte de fallar e escrever correctamente.

M. — Como se falla e escreve correctamente ?

D. — Conformando-se com as regras estabelecidas na lingua ?

M. — Quem estabelece essas regras ?

D. — O uso e o raciocinio.

M. — De quem é o uso que faz regra ?

D. — Dos bons escriptores.

M. — Não se póde dizer que a Grammatica ensina a fallar bem ?

D. — Não, senhor ; é um erro.

M. — Diz bem, porque de um lado póde-se saber bem a Grammatica, a ponto de se não commetter erro algum, e ter um pessimo estylo ; de outro lado, póde-se ter um bom estylo, dizer cousas admiraveis com o melhor gosto possivel, e commetter erros vergonhosos. No primeiro caso escreve-se mal, porem correcto ; no segundo, escrever-se-ha bem, mas incorrecto. E teremos nós exemplo disso ?

D. — Não sei.

M.—Disso encontrão-se innumeros exemplos nos documentos os mais solemnes de nossa época, como veremos quando chegarmos á analyse. Mas qual será a razão de um facto tão vergonhoso ?

D. — Tambem não sei.

M. — E' o ter-se pensado por muito tempo, que para se entrar nas academias, não se precisava saber a sua lingua, e isso só porque em França não se estuda portuguez !

Porem continuemos. Em quantas partes se divide a Grammatica ?

D. — Em cinco : lexicologia, syntaxe, prosodia, orthographia e pontuação.

M.—Que pensa da divisão em quatro partes, incluindo-se a pontuação na orthographia com o appellido de orthographia de discurso ?

D. — Não sei.

M.—E' um erro singular,com cuja razão não se póde atinar, pois que a pontuação nada tem que ver com a orthographia. Se ella pudesse entrar em alguma das partes, deveria vir em appendice á syntaxe para fundamentar a analyse logica, pois a pontuação não attende ás palavras, mas só e só aos pensamentos. E' verdade que o celebre grammatico portuguez, J. Soares Barbosa, diz que se deve empregar sempre a virgula antes do relativo *que*. Mas elle proprio se encarregou de provar que esta regra é uma tolice, pois não emprega a virgula senão quando o pensamento o exige. Mas isso será tratado desenvolvidamente em outro lugar.

M. — O que é lexicologia ?

D. — E' a parte que ensina a natureza e propriedades das palavras, e suas fórmas.

M. — Que se entende por tudo isso ?

D. — E' que nesta parte da Grammatica as palavras são consideradas em si, e pela observação de certos caractéres communs que ellas apresentão, chega-se a fazer uma classificação dellas. Assim diz-se, por exemplo, que *fallar* e *dormir* são da mesma classe (verbos), porque têm as mesmas propriedades, ambas são conjugaveis, etc.

M. — Que pensa do titulo de etymologia dado pelos nossos grammaticos a esta parte da Grammatica ?

D. — Não sei.

M. — E' muito improprio, pois a etymologia trata da investigação das origens das palavras, pertence antes á Lexicographia. E' um estudo superior á Grammatica. E tanto é assim que os nossos grammaticos, levados por uma especie de instincto de correcção logica, não dizem em toda a sua *etymologia* uma palavra sobre a etymologia das palavras !

Tomemos um exemplo que ponha em evidencia a distincção entre lexicologia e etymologia — *Conhecer, conhecido, conhecimento*, são tres vocabulos da mesma etymologia ; entretanto que, considerados grammaticalmente, a lexicologia chama ao 1.º *verbo*, ao 2.º *participio*, ao 3.º *substantivo*.

Continuemos. — O que é syntaxe ?

D. — E' a parte que ensina as relações que occorrem entre as palavras na enunciação dos pensamentos.

M. — Que se entende por tudo isso ?

D. — Que na enunciação dos pensamentos cada palavra tem um officio, que se chama *funcção syntaxica*.

M. — Quantos são os problemas a resolver em syntaxe ?

D. — Tres : 1.º a natureza das funcções ; 2.º o modo por que cada palavra exerce sua respectiva funcção ; 3.º que relações se originão entre as palavras em virtude do exercicio das mesmas funcções.

M. — Como se explica que os nossos grammaticos enchem paginas e paginas de ingenuidades, e na sua syntaxe nãô explicão uma só dessas importantissimas questões ?

D. — Não sei.

M. — Nem eu. *(Continúa.)*

M. J. Pereira Frazão.

1872.—Typ. de M. F. do Espirito Santo, rua da Ajuda n. 93 (loja).

A Verdadeira Instrucção Publica: Orgão dos professores publicos de instrucção primaria da Côrte (RJ) - Ano 1872\Edição 00005 (1)

do o seguinte juizo: O methodo é facilimo, engenhoso, e de uma proficuidade maravilhosa. Não se póde considerar exclusivo em nenhuma de suas applicações; mas em cada uma deilas é um auxiliar poderosissimo, não só para promover as mais felizes associações de idéas, como para, por meio dellas, archivar (por assim dizer) sommas consideraveis de conhecimentos diversos, de modo a estarem presentes ao espirito, e na melhor ordem, em qualquer momento preciso.

« De todas as applicações, a que mais me impressionou foi a que o illustre professor fez do seu methodo á estatistica, sciencia entre nós tão ignorada, apezar da sua immensa utilidade para o estadista, e hoje para todo o cidadão. Digo para todo o cidadão, não só porque qualquer cidadão póde vir a ser estadista, como porque ninguem deve ser dispensado de seguir de perto a marcha administrativa de seu paiz.

« Nesta quadra de agitação, em que a opinião publica no Brasil começa a dar signal de vida, não será grande temeridade suppor que em um futuro não muito remoto ella virá a ter alguma influencia na administração do Estado. Pois bem, o methodo do Sr. conde Zaba, auxiliando tão proficuamente a instrucção popular, é uma verdadeira reforma que muito adiantará no paiz, o impulso que já vai tendo o cultivo da intelligencia. Não póde, portanto, deixar de merecer a approvação de todos os bons cidadãos. »

O Sr. Conego Francisco Bernardino de Souza.

O professorado do imperial collegio de D. Pedro II acaba de perder um dos seus mais distinctos membros na pessôa do illustrado e virtuoso sacerdote o Revm. Sr. conego Francisco Bernardino de Souza.

Aquella vaga aberta na cadeira do 1.º anno do internato não é facil de preencher. Quem ousará assentar-se sem sentir-se profundamente commovido, naquella cadeira, donde o illustre sacerdote dirigia a seus discipulos palavras cheias de cordura e de erudição, e, o que mais é, na fórma amena e attrahente do seu mavioso estylo?

Quem não recuará perante a comparação, que os meninos hão de fazer (e elles sabem apreciar isso como ninguem) entre o successor e o seu estimado mentor? ! . . . .

Mas, perguntará o publico sensato, porque deixa o illustrado e estimado professor uma cadeira que com applauso de todos regeu por 10 longos annos? !

A resposta é bem clara e simples, porem longa.

O conego Bernardino fôra incumbido de reger interinamente aquella cadeira, e preparára-se para fixar-se nella effectivamente entrando em concurso, logo que lhe fosse isso determinado. Por vezes mostrou elle desejos de que se realisasse o concurso; mas disserão-lhe sempre que, segundo estylo ja seguido repetidas vezes naquelle estabelecimento, a nomeação lhe seria dada independente de outra formalidade.

Nesta esperança continuou a reger a cadeira com grande satisfação de todos, pois que nos consta que as informações do respectivo reitor a seu respeito forão sempre as mais lisongeiras; e ninguem porá em duvida o peso que deve ter tudo quanto parte do grave e sisudo cidadão que preside aquelle internato.

Como não ficaria o digno professor sorprehendido e chocado no seu brio vendo annunciado o concurso de sua cadeira depois de 10 annos!

Este facto inesperado pungiu tão dolorosamente o coração sensivel do benemerito professor, que immediatamente declarou que não concorreria para a cadeira, e que ia abrir um collegio particular, de onde não mais seria despedido.

Se por um lado nenhuma censura podemos fazer a autoridade, que deseja regularisar todos os ramos de uma administração importantissima, cujo bom andamento resentia-se já das repetidas interinidades, por outro lado não podemos tambem deixar de render preito ao brioso representante de uma classe, cujos interesses e dignidade advogamos.

Não devia o Conego Bernardino, depois de provado professor consummado por espaço de 10 annos, sujeitar-se a uma *briga de gallos* ridicula, como sóem ser os concursos de professores entre nós.

Ainda se houvesse a certeza de que o concurso seria feito por um plano mais racional, bem; mas, quem lh'o poderia garantir?

Um homen ainda não provado póde, sem desar, sujeitar-se a essa dura provoção; mas um professor da força do Conego Bernardino, não!

Damos, portanto, os parabens aos Srs. pais de familias por mais esse estabelecimento em que poderão educar seus filhos, o qual não deixará de dar garantias de si por falta de integridade de caracter de seu director.

Aos professores particulares tambem felicitamos pelo digno collega que adquirirão. Quanto aos do collegio de Pedro 2.º manifestamos o nosso pesar pela perda irreparavel que acabão de soffrer.

INEDITORIAES

A Grammatica e os Grammaticadores

VI.

Não tendo apparecido impugnação alguma á doutrina até aqui exhibida, continuarei com a exposição em dialogo até que appareça alguma objecção a responder.

DIALOGO (em continuação.)

M.—Póde-se empregar o accento agudo em syllaba que não seja tónica?

D.—Sim, sr.

M.—Dê-me um exemplo.

D.—Sómente, em que vemos o accento agudo, como signal phonico sobre o *e*, quando a tónica é *mem*.

M.—Em que vogaes se póde collocar o accento agudo?

D.—Em todas, á excepção do *y*.

M.—E o accento circumflexo?

D.—Só se emprga nas duas vogaes *e* e *o*.

M.—Para que serve o til?

D.—Para dar som nasal as vogaes.

M.—O que é um som nasal?

D.—E' o que se pronuncia com auxilio do nariz.

M.—Para que serve a cedilha?

D.—Para dar ao *c* o som de *s* antes de *a*, *o*, *u*.

M.—Para que serve a risca de união?

D.—Para ajuntar partes de uma mesma palavra quando não cabem na mesma linha, e para ligar palavras que estão em certas relações.

M.—Que relações são essas que exigem a risca de união?

D.—São duas: 1ª a que se dá quando duas palavras se unem para formar uma só, de modo que fique bem clara a significação de cada parte componente; 2ª a que se observa entre um verbo e um pronome pessoal complemento. Mas neste ultimo caso o signal só se emprega quando o pronome vem depois do verbo.

M.—Dê-me exemplos de tudo isso.

D.—Ante-hontem, arco-iris, recem-chegado; diga-nos, faça-lhe.

M.—Para que serve o apostropho?

D.—No estylo solto ou prosa, só serve para substituir a risca de união quando se supprime uma ou mais lettras; e no verso, para marcar qualquer suppressão de lettras.

M.—Mostre-me exemplos em prosa e em verso.

D.—Em *diga-m'o* temos o apostropho em logar da risca de união—*diga-me-o*; em *gran' conquista* (no verso) temos o apostropho porque forão supprimidas as lettras *de*.

M.—O que é pontuação?

D.—E' a parte da Grammatica que ensina a separar, mediante signaes, os pensamentos excriptos e suas partes.

M.—Quaes são os signaes da pontuação?

D.—São: 1º virgula (,) 2º ponto e virgula (;) 3.º dois pontos (:) 4.º ponto final (.) 5.º ponto de interrogação (?) 6.º ponto de exclamação (!) 7.º parenthesis ( ) 8.º reticencia (. . . .)

LEXICOLOGIA.

M.—Mais tarde trataremos do emprego destes signaes. Basta de generalidades. Entremos na primeira parte (Lexicologia.) Vimos que esta parte da Grammatica trata da classificação das palavras da lingua, conforme a natureza, propriedades e formas de cada uma dellas. A quantas classes podemos reduzir as palavras?

D.—A dez, que são: Verbo, Substantivo, Artigo, Adjectivo, Pronome, Participio, Adverbio, Conjuncção, Preposição e Interjeição.

M.—Qual será a razão porque, principiando todos os nossos grammaticos pelo substantivo, preferimos nós a disposição adoptada pelo Sr. Grivet, e principiamos pelo verbo?

D.—Não sei.

M.—Em primeiro logar, o verbo é apalavra que é susceptivel de maior numero de formas; depois elle dá logar a longos e repetidos exercicios praticos, que devem ser por muito tempo continuados em quanto se estudão outras partes. Ora, sendo taes exercicios indispensaveis para o emprego do verbo, se não principiarmos a Lexicologia pelo verbo, não teremos depois tempo de concluir os mesmos exercicios.

Alem disso, o verbo é apalavra cardeal, e aquella que em Syntaxe tem forçosamente de ser tratada em primeiro logar. Portanto uma razão de ordem nos leva a principiar por elle. Mas, os nossos grammaticos não perceberão essas razões?

D.—Não sei.

M.—Como elles não tratárão da Syntaxe, pois tiverão a ingenuidade de dizer que a Syntaxe se reduz a concordancia e regencia, nenhum inconveniente havia em principiar de qualquer modo.

M.—O que é Verbo?

D.—E' a palavra que enuncia um facto.

M.—O que é Substantivo?

D.—E' a palavra que designa entes e abstracções.

M.—O que é Artigo?

D.—E' uma palavra que se antepõe ao Substantivo, ao Pronome e ao Infinitivo para tornar-lhes o sentido mais explicito.

M.—O que é Adjectivo?

D.—E' uma palavra que se ajunta mediata ou immediatamente ao Substantivo para o determinar ou qualificar.

M.—O que é Pronome?

D.—E' uma palavra que substitue o substantivo em todas as suas funcções.

M.—O que é Participio?

D.—E' uma palavra que procede do verbo e comporta-se frequentemente como adjectivo.

M.—O que é Adverbio?

D.—E' uma palavra que se ajunta ao Verbo, ao Adjectivo, ao Participio, e até a outro Adverbio para modificar-lhes o alcance de significação.

M.—O que é Conjuncção?

D.—E' uma palavra que liga partes de uma oração, ou orações completas, fazendo realçar entre ellas uma ideia de connexão, ou de opposição.

M.—O que é Interjeição?

D.—E' uma palavra que exprime de um modo rapido os sentimentos da alma e pensamentos completos.

VARIABILIDADE DAS PALAVRAS.

M.—A quantas partes se pódem reduzir estas dez especies de palavras?

D.—A duas: As seis primeiras chamão-se variaveis, e as quatro ultimas invariaveis.

M.—Como se distinguem as palavras variaveis das invariaveis?

D.—Ha cinco propriedades que caracterisão a variabilidade: a palavra que fôr susceptivel de alguma ou algumas destas propriedades, é variavel, quer varie, quer não; a que não fôr susceptivel de nenhuma destas propriedades, é invariavel.

M.—Quaes são essas propriedades?

D.—O modo, o tempo, o numero, a pessoa e o genero.

M.—Que pensa da opinião daquelles que chamão variaveis as palavras que mudão de fórma, ou que varião, e invariaveis as que não varião?

D.—Não sei.

M.—E' uma ingenuidade que não tem explicação; pois dizer que o pronome *que*, por exemplo, que não muda de fórma, é uma palavra invariavel, é um dos maiores desacertos imaginaveis. Quem não vê que esse pronome, apesar de não variar, transmitte sua variabilidade aos adjectivos que lhe andão annexos?

(Continúa.)

M. J. Pereira Frazão.

Typ. particular de Espirito-Santo, rua da Ajuda n. 93. loje.

A Verdadeira Instrucção Publica: Orgão dos professores publicos de instrucção primaria da Côrte (RJ) - Ano 1872\Edição 00007 (1)

INEDITORIAES

Cartas do Professor da roça.

II.

Meu caro redactor.—Na minha primeira vos prometti traçar o quadro de nossas miserias em materia de instrucção publica, afim de ficarem conhecidas as causas que influem poderosamente nestas innumeras reprovações, verdadeiros desastres para a reputação dos collegios e dos professores. Relevai-me ainda uma pequena digressão antes de entrar em materia. Ella se torna indispensavel para que me não julguem exagerado, quando chamo a isto uma calamidade.

Ahi pela côrte é natural que se tenha desvanecido a impressão que estes desastres causárão no animo dos interessados, porque (segundo me escrevem amigos dahi) já se não dá grande importancia a uma reprovação!... Eis um dos perniciosos effeitos, e não o menor, a meu ver, disso mesmo a que eu chamo calamidade! Tirar o brio ao alumno acostumando-o a reprovações, é sem duvida destruir-lhe o primeiro elemento que lhe podia servir de estimulo!

Incutir-lhe no espirito por odiosas insinuações a persuasão de que o tribunal da Instrucção Publica é uma *roda de loteria*, ou uma *Inquisição sui generis*, a cujas decisões não preside a razão, e sim o capricho ou a sorte, é cortar pela raiz todas as esperanças de progresso intellectual. O estudante póde, e deve até vadiar o tempo do estudo; porque não teme a moralidade do julgamento, e póde responder a qualquer resultado: *Sic voluere fata.*

O tempora! ô mores! Pensais, meu caro redactor, que, admittido o principio da immoralidade dos exames, a mocidade, a esperança do paiz, não corre caminho do precipicio?!...

. . . . . .

Mas nas grandes cidades, nos grandes centros commerciaes, poucas vezes vêm estas idéas occupar os espiritos, sempre distrahidos com operações de outra ordem. O mesmo não acontece nos logarejos como este em que habito, onde ha sempre alguma hora para se conversar sobre qualquer assumpto, importante ou não, comtanto que caia na *ordem do dia*.

A questão dos exames da Instrucção Publica faz por aqui hoje o objecto de todas as conversações; e como forão victimas entidades de ambos os *credos*, uns forão reprovados por falta de *energia* dos padrinhos; outros, pelo *implacavel* rigor da politica! Da côrte mesmo se tem escripto para aqui verdadeiras anecdotas em que se pretende provar a desintelligencia dos membros da mesa. Mas o facto é que forão reprovados de *uns* e *outros*; e por mais de um exemplo se demonstrou a improficuidade dos *empenhos*.

Deixemos, porem, de parte essas vagas insinuações com que pretendem responder a justas arguições os legitimos culpados de um tal estado de coisas, e tratemos de apreciar as fontes do grande mal que nos cumpre combater. São tantas e tão variadas as circumstancias que cooperão para elle, tal é a influencia de umas sobre as outras, que bem se poderia dizer que de nenhuma dellas, mas do concurso dellas, é que resulta o mal. Se bem que todas são de natureza tal, que cada uma é bastante para, só por si, produzir males consideraveis.

Estudemos a questão *ab ovo*.

1.ª *Causa.—Ignorancia quasi completa do fallar vernaculo.*

Causa horror lembrar o estado de decadencia a que temos chegado nesta materia!

Tudo parece annunciar a hora de nossa regeneração, porque a natureza liga sempre os progressos do espirito a grandes crises que abalão as bases da sociedade.

Com effeito, sem leis, sem regulamentos especiaes, o nosso paiz tem-se limitado a copiar e traduzir o regulamento francez, sabio na verdade, mas só applicavel ás nossas necessidades quando convenientemente modificado!... Vergonha terão os nossos vindouros quando, recorrendo ás estatisticas da Instrucção Publica, virem que um sem numero de moços têm sido reprovados em idiomas estranhos, que aliás conhecião soffrivelmente, ao passo que uma só vez não consta que alguem deixasse de matricular-se por desconhecer o proprio idioma!!

Queremos imitar as nações civilisadas; pois bem, imitemos: quem dirá que se não faça? Só um espirito orgulhoso é que despreza as lições de bons mestres. Não faremos questão da preferencia exclusiva que se dá entre nós ao regulamento da França, deixando muita coisa que aprender nos da Allemanha, e mesmo de outras nações não menos competentes em materias de instrucção. A França, a mestra das nações, como lhe chama Vicaire, o pharol da civilisação moderna, na phrase de Guisot, a França, digo, faz honra a quem a imita em materia em que ella é tão competente. Porem o que eu nego é que entre nós se imite o regulamento da França. Em nosso paiz chama-se imitar o que eu chamo *traduzir e copiar*. Imitemos, sim, a França, mas imitemos intelligentemente. Uma copia fiel em materia tal é, alem de improficua, despida de todo o senso.

Hoje ficarei aqui, e, visto que me permittis, continuarei em outras, o trabalho encetado.

14 de Março de 1863.

A grammatica e os grammaticadores.

VII

Suum cuique tribuere.

Começarei este artigo consignando um facto digno de louvor da parte dos meus adversarios; e declaro ao publico que sinto grande satisfação sempre que posso reconhecer nobreza de sentimentos naquelles que me hostilisão.

Nada é mais desagradavel do que ter o homem de descer da sua posição para poder discutir. Eis o facto.

Os redactores da *Instrucção Publica* têm sido perseguidos por certos alliados que os deshonrão, com artigos indecentes contra a minha pessôa. Apesar da má vontade que mais de uma vez têm mostrado para commigo, pelo que já os tenho profligado, nunca se animárão a dar á estampa similhantes diatribes.

Não lhes farei a injustiça de suppor que o fazem por amor de mim. Não, demos o seu a seu dono; nesse procedimento elles têm mostrado um tino especial, que eu folgo de lhes reconhecer. Bem sabem que eu os havia de fazer responsaveis pela complicidade. Já não lhes ficou muito barata a cassoada da celebre acta que publicárão, e não quizerão metter-se noutra.

Os seus alliados, porem, achando trancadas aquellas columnas, corrêrão para o *Jornal do Commercio*, onde, sob a capa do anonymo, podem dar pasto ao genio, e insultar á vontade.

Os leitores devem ter noticia da indigna publicação do dia 10 do corrente sob o titulo—*A falsa instrucção publica*—e da insistencia no *Jornal* de 12.

Se o ataque, embora pessoal e violento, fosse ao menos decente, nenhuma duvida teria eu em travar discussão com o anonymo, pois muitas vezes cavalheiros distinctos occultão seu nome sem ser por motivo reprovado. Porem não me parece decente discutir com gente tão desaceada!

Confesso que ao ler a primeira vez o artigo passou-me despercebido o que nelle ha de asqueroso e indigno de gente limpa. Desse engano provem a minha declaração feita ao publico pelo *Jornal* de 11, de que peço desculpa.

Se, porem, não me é possivel travar discussão com o autor daquella capadocada, nem por isso me julgo dispensado de me dirigir ao publico sensato, explicando-lhe os pontos sobre que versárão as arguições.

1.º Ponto—*O que se devia esperar é que os que tinhão barriga fizerão-se preparadores.*

Nota-se aqui a impropriedade com que empreguei o indicativo *fizerão* em vez do conjunctivo *fizessem*. Errado seria empregar neste caso o conjunctivo. Houve, com effeito, um descuido no corrigir a prova não dando eu pela falta do outro verbo *aconteceu*; pois o trecho fôra assim redigido:—aconteceu o que se devia esperar, i. é, *que os que tinhão barriga fizerão-se preparadores.*

A falta do outro verbo não foi percebida porque o sentido não ficou falseado, e a presença do *i.* foi simplesmente considerada descuido do typographo, pelo que mandei eliminar essa letra. O emprego do conjunctivo nunca me poderia occorrer por ser contrario ao meu intuito. Quem entende do alcance da funcção dos *modos*, comprehende que o conjunctivo deixa o facto no estado de duvida ou de eventualidade. Só o indicativo é que lhe dá o caracter de certeza, de realidade, como era necessario para uma affirmação positiva.

Agora, se eu quizesse sophismar, bastaria lembrar que *fizerão* é tambem uma forma supplementar de *fizessem*.

O Padre Antonio Vieira escreveu—*Se o[1]contentamento* FIZERA *milagres....*

Se Deos não CORTARA *a carreira ao sol pela interposição da noite,* FORÃO *verdadeiros e não fabulosos os incendios de Phaetonte.*

Camões disse:

Se mais mundo HOUVERA, *lá chegára.*

Porem o emprego de uma tal forma não seria adequada no nosso caso, alem de que sempre preferi em tudo dizer simplesmente a verdade.

O meu lapso, portanto, é tão insignificante, que de nem um modo podia justificar os assovios com que foi recebido pelos moleques.

2.º Ponto—*arcar contra* em vez de *arcar com.*

São tão similhantes neste caso estas duas preposições, já na significação, já na propria fórma, que quem tivesse na mente uma dellas, nem se quer sentiria se escrevesse a outra.

É, pois, outra vez um ligeiro descuido, que não merece as honras de uma explicação.

Quanto ao verbo que ficou no singular quando seu sujeito estava no plural, quem não sabe como passão coisas destas a quem corrige provas do que escreve?

O que acontece sempre é que se lê de preferencia o que se tem na mente, passando-se por cima de muitos erros que estão no papel.

São então estes os erros de que se me vem arguir? O publico sensato, para quem escrevo, dará ás arguições o peso que ellas merecem.

Quanto ao medo que parece haver de que eu seja examinador, não deve incommodar a ninguem, primeiro porque não peço, como nunca pedi, nem desejei uma tal honra; segundo, porque quando seja convidado, pretendo recusar, como já o fiz o anno passado, em que só servi por obediencia, por me não querer o chefe dispensar.

Passemos agora ás arguições relativas ao meu ensino.

O publico não deve estar esquecido de haver eu declarado que sigo no meu ensino a Grammatica analytica do Sr. Grivet, da qual me afasto uma ou outra vez quando não estou de accordo com o seu modo de pensar.

A *historia*, pois, de copiar é um mero insulto, a que não devo responder.

Tambem se me atribúe a paternidade daquella obra, para se poder fazer barulho de algumas passagens mal redigidas que nella se encontrão.

Isto é uma questão muito complexa, e é intriga que vem de muito longe. E' só para se me attribuir o ridiculo comportamento de elogiar a minha propria obra.

Tomára eu que todas as calumnias fossem como esta; pois aquelle trabalho, apezar das muitas imperfeições que contem, encerra um fundo de eradição, que eu me supporia muito feliz se o tivesse.

Quanto ás imperfeições, ninguem melhor as conhece do que o mesmo Sr. Grivet, que as confessa de bôa fé, e é o primeiro a fallar mal da sua obra. Quanto a mim, os meus discipulos me têm ouvido muitas vezes dizer que aquella grammatica tem muitas imperfeições, e que se apezar disso, é a melhor, não é por culpa sua; é porque as outras são peiores.

O autor deu-me a honra de ouvir-me sobre as correcções a fazer na sua grammatica. Muitos pontos forão por nós discutidos e corrigidos. Breve será publicada uma 2.ª edição, que creio satisfará ás necessidades do ensino. Houve até o plano de a fazer apparecer refundida como está, com o nome de nós ambos. Mas já nos deixámos disso porque seria tirar ao Sr. Grivet uma parte consideravel do seu merecimento. Demais, o publico não vê com bons olhos essas obras que trazem duplo nome.

Eu não pretendo negar que o Sr. Grivet foi meu mestre de grammatica. Antes da convivencia com aquelle distincto professor, eu tinha os olhos completamente tapados em questões grammaticaes. Se hoje tenho feito algum progresso, é porque tenho estudado. E não me arrependo disso, pois julgo a occupação em todo o caso mais digna da minha posição, do que andar por ahi a intrigar e a conspurcar a reputação alheia.

Se no meu ensino eu não guardo a propria redacção do autor, é porque tenho o direito de corrigir o que me parecer digno de correcção. Quanto ás ideias, essas são em sua grande parte da dita grammatica, outras eu as vou emittindo por conta e risco naquelles pontos em que não pudemos chegar a accordo. O meu procedimento tem parecido regular a muitos homens sensatos, em cujo conceito eu sempre valho alguma coisa. Agora se os moleques me apupão, não me devo julgar por isso deshonrado; muito principalmente quando eu já contava com isso. Quem não deve estar muito contente é a redacção da *Instrucção Publica*, pois tem o desgosto de ver a seu lado, de mistura com professores distinctos e cavalheiros de merecimento, capadocios da força do articulista do *Jornal do Commercio.*

Resta-me agora tratar das definições que se dizem erradas. Aqui o articulista mostra-se de uma ignorancia tão crassa, que bem me poderia eu dispensar de lhe dar resposta.

Com effeito, negar que o adjectivo se ajunta ao substantivo de dois modos, *mediata* e *immediatamente*, é ser quasi analphabeto, e com tal gente não se deve discutir. Quando dizemos *casa grande, livro pequeno*, temos em *grande* e em *pequeno* dois adjectivos, juntos *immediatamente* aos respectivos substantivos *casa* e *livro;* quando, porem, dizemos —esta casa é *grande*, este livro é *pequeno*, temos os mesmos adjectivos juntos aos mesmos substantivos, porem *mediatamente*, por interpor-se a elles o verbo.

Desta distincção resulta para a syntaxe uma outra distincção muito importante para as leis da concordancia do adjectivo com o substantivo, leis que não são absolutas, como erradamente se diz por ahi.

Quanto á extensão que o Sr. Grivet deu ao termo *abstracção*, ella está nos costumes da lingua; e estou seguro que quando o articulista tiver estudado um pouco, não sentirá a impressão desagradavel que lhe causou o termo, pelo descostume das lettras. Quando a gente tem levado a sua vida acompanhando as bandas de musica para apanhar flexas de foguetes, vendo-se de repente mettido a litterato, não é de admirar que tenha dessas impressões.

CONCLUSÃO.

Ao terminar este artigo, chamarei a attenção do publico para dois pontos importantes. Em primeiro logar, *o erro não é privilegio de ninguem;* todos nós erramos, e muitas vezes. Não seria, pois, nenhum milagre que se fosse descobrir aqui ou alli algum ponto em que eu tivesse claudicado. Mas em todo o caso, quando érro é por uma de duas razões: ou por descuido, que é natural á fraqueza humana, ou de bôa fé, quando estou persuadido que acerto. O que, porem, nunca farei, é sophismar. Desejo que minhas doutrinas sejão refutadas por quem me esclareça, que eu quero aprender, e é por isso que continuarei a provocar a discussão.

O segundo ponto para que chamo a attenção do publico, é a indecencia com que sou aggredido. Não apparece um homem que tenha nome. Mettem-se na mascara do anonymo, para poderem insultar-me. Eu não sei escrever sem tomar a responsabilidade. Aquillo mesmo que publiquei em anonymo em outro tempo, para produzir effeito, acha-se reproduzido sob a responsabilidade de meu nome.

Devo prevenir que não estou resolvido a discutir com quem só pretende insultar-me. Appareça um cavalheiro, e discutiremos como cavalheiros.

Os que, porem, se persuadem que atirando-me com lama hão de obrigar-me ao silencio, perdem o seu tempo e o seu dinheiro.

ADVERTENCIA.

Devo declarar que não attribuo ao Sr. professor Cony o artigo a que respondo, como póde parecer a alguem, por ser elle um dos que não conseguirão fazer publicar seus artigos na *Instrucção Publica*. Julgo fazer-lhe justiça suppondo que um tal artigo não póde ter sahido de sua penna.

DIALOGO (em continuação).

Mestre—Que se entende por modo?

Discipulo—E'a propriedade que os verbos têm de indicar a sua dependencia, ou a sua independencia.

M. Que são, pois, os modos?

D. São as diversas feições pelas quaes os verbos indicão a dependencia ou a independencia em que estão de outros verbos.

M. Que pensa desta definação dos gramaticos: *modos são as differentes maneiras porque o verbo exprime sua significação?*

D. Não sei.

M. Uma tal definição revela o que mais de uma vez tenho feito notar, isto é, que os homens que trazem o nome de grammaticos, parecem distinguir-se dos outros homens pela ausencia completa de *bom senso*. Pois dizer que os modos são *maneiras*, e não dizer nada, é tudo um.

Não ha duvida que os verbos exprimem sua significação de diversas maneiras. Porem entre estas differentes maneiras ou modos de significar, uma toma o nome especial de *modo*, outra de *tempo*, outra de *numero*, e outra de *pessôa*. Com a definição, pois, dos grammaticos não fica o *modo* definido, por não se dizer qual a sua funcção especial. E' necessario que se assignale a funcção dos *modos*, como dos *tempos*, como dos *numeros* e das *pessôas*.

A quella definição que elles dão para os modos póde tambem servir para os tempos, como para as pessôas e numeros, que todos são nos verbos differentes maneiras de exprimir a significação.

Em conclusão, os modos são *maneiras*, porem maneiras que nada significão, ou que não servem para nada!

Mas, continuemos. Que se entende por tempo?

D. E' a propriedade que têm os verbos de indicar as épocas da duração.

M. Quaes são essas épocas a que o verbo allúde constantemente?

D. presente, passado, futuro.

M. O que é numero?

D. E' a propriedade que tem o nome de indicar a unidade, ou a pluralidade.

M. Porque disse que o numero é apropriedade que tem o nome? pois o verbo tambem não tem numero?

D. Não, Sr. Só o nome tem numero.

M. Veja bem o que diz. Explique-se com mais clareza; isso que disse, tomado ao pé da lettra, é uma heresia; entretanto não se pode negar que encerra uma grande verdade.

D. Sei qual é a verdade, mas não sei explicar.

M. Com effeito o numero é só propriedade essencial ao nome; no verbo elle é apenas como que reflectido. Póde-se, portanto, dizer que elle constitue uma propriedade accidental do verbo, ao passo que é essencial ao substantivo.

Não seria até fóra de proposito fazer a distincção entre numero do substantivo e numero do verbo. E' innegavel que quando um verbo está no singular ou no plural, não indica outra coisa mais do que que seu sujeito é do singular ou do plural, e de nenhum modo, que sua significação implique ideia de unidade ou de pluralidade.

E não se diga que é isto uma questão de *lana caprina;* pois desta distincção emana a explicação unica de certos phenomenos syntaxicos, que sóem ser produzidos toda a vez que um verbo, no estado de infinitivo, é chamado a prehencher funcções proprias de substantivo, como veremos em outro lugar.

M, O que é pessôa?

D, Pessôa nos verbos é a propriedade que elles têm de indicar a categoria de seu sujeito; e pessôa no sujeito é a sua propria categoria.

M. Explique-se melhor nesta distincção entre pessôa do sujeito e pessôa do verbo.

D. Os sujeitos se reduzem a 3 categorias a que os grammaticos dão o nome de *pessôas*: 1ª, 2ª e 3ª, e o verbo assume uma feição especial para corresponder ao sujeito de cada categoria destas; e cada uma das feições do verbo chama-se tambem uma pessôa.

M. Que pensa da opinião dos nossos grammaticos que dizem que *tempo, numero, e pessôa* são as diversas formas?

D. Não sei.

M. Não se pode negar que todas essas propriedades influem na forma de verbo; mas que sejão as proprias formas, não é admissivel. E se não, vejamos. Quando se diz, por exemplo, *fallamos*, temos nesta unica fórma do verbo *fallar* uma feição de modo (o indicativo), uma de tempo (presente), outra de pessôa (a 1.ª), e finalmente a de numero (o plural).

A admittir-se que todas estas propriedades sejão formas, careceriamos admittir que naquella unica fórma temos quatro fórmas, o que é simplesmente um absurdo.

M. O que é genero?

D. E' a propriedade que tem o nome de indicar a differença dos sexos.

M. Passemos a tratar especificadamente de cada especie de palavras.

O que é verbo?

D. E' a palavra que exprime o facto.

M. Que é o que chama um facto?

D. Qualquer acontecimento.

M. A quantas especies se podem reduzir os factos de sorte que possão ser base de uma distincção grammatical?

D. A duas especies: factos de acção, e factos de estado.

M. Que pensa da designação de facto de necessidade, lembrada na Grammatica analytica do Sr. Grivet?

D. Não sei.

M. Não me parece aceitavel pela rasão que passo a expor.

Chama o Sr. Grivet verbo de necessidade o verbo impessoal, o que não deixa de ter seu fundamento, como mostrarei logo.

Mas, sendo que alguns verbos podem vir a ser impessoaes continuando a exprimir uma acção ou um estado, julgo inconveniente uma tal distincção.

Ainda mais, os proprios verbos impessoaes que não são de outra proveniencia indicão, já um estado, já uma acção. O que elles não têm é sujeito, de sorte que não se fica sabendo a quem é attribuida a acção ou o estado. Porem creio que isso não póde autorisar a constituir uma terceira ordem de factos.

(Continúa).

MANOEL JOZÉ PEREIRA FRAZÃO.

1872.—Typ. da America, rua da Assembléa n. 36-A.

A Verdadeira Instrucção Publica: Orgão dos professores publicos de instrucção primaria da Côrte (RJ) - Ano 1872\Edição 00009 (2)

A falsa instrucção publica.

PARA OS SRS MINISTRO DO IMPERIO E INSPECTOR GERAL DA INSTRUCÇÃO PUBLICA LEREM.

Diz o grammaticador-mór do Imperio, em seu dialogo VI « continuarei com a exposição em dialogo até que appareça alguma objecção a responder. »

Aqui vai, pois, a Exma. Sra. D. objecção responder-lhe. V. S., em grammatica, é uma cousa maravilha, é assim uma especie de pyramide ou colosso grammatical.

Vamos, porém, antes de entrar em materia, estabelecer o seguinte principio: Quem não souber escrever correctamente, não póde ensinar a grammatica, porque a ignora.

« Sans la langue ou un mot, l'auteur le plus divin
« Est toujours, quoi qu'il fasse, un méchant écrivain. »

Vejamos, se o autor da *grammatica e os grammaticadores* satisfaz ao predicado de conhecer a lingua que ensina.

V. S. que é o *professor da roça*, fabricador das cartas, que appareceêão em 1863, ha de ser por força o autor do artigo *os exames geraes*, em que somos ameaçados com a reproducção dessa má carroneida epistolar. Vamos, portanto, citar alguns dos muitos erros, de que está eivado esse artigo; seja por exemplo: « Desde que a preparação anda mais depressa do que o ensino, o que se devia esperar é que os que tinhão barrigas, *fizerão-se* preparadores, etc. »

Sr. *professor da roça*, tome lá seis bolos e ponha-me já, já, o verbo no conjunctivo. Este *fizerão* em vez de *fizessem*, é erro que não commette um menino que mal sabe soletrar.

V. S. que taxa Soares Barbosa, Sotero dos Reis e quejandos de ingenuos, devia trancar-se em seu gabinete e compulsa-los por dez annos, para que tivesse alguma força moral sobre os examinandos, quando fosse nomeado examinador.

E' natural que, no fim desse tempo, já todos se tenhão esquecido dos seus *neologismos*, e que portanto V. S. possa, então, pimponear de sabichão, reprovando os rapazes, isto é, fazendo-se *leão* entre ovelhas; porém hoje será isso inteiramente impossivel, porque, supponhamos que V. S. approve quem empregar, em casos identicos, o subjunctivo e reprove quem empregar o indicativo; este poderá, para justificar-se, citar o seguinte: « o que se devia esperar é que os que tinhão barriga *fizerão-se* prevaricadores. »

Ahi teremos V. S. em apertos; ou ha de approvar a ambos, o que será uma injustiça, ou ver-se na triste colisão de confessar, em pleno exame, que errou, dando assim occasião a que o examinando lhe retruque:— ora se V. S., que lecciona ha tantos annos, commette erros de tal calibre, e não obstante, está habilitado a examinar-me, não é de admirar que eu saia approvado. E se este fôr approvado, todos o devem ser; portanto no anno em que V. S. tiver de examinar, é impossivel haver reprovações: e nós no lugar de S. Ex. o Sr. ministro do imperio até, n'essa occasião, dispensavamos os rapazes do exame de portuguez.

Deixemos, porém, de parte este « *se devia esperar que fizerão-se* » e vamos adiante.

« Poderão elles (directores) acaso *arcar contra a onda* que os assoberba, quando consultando o professor para constituir a lista do que se hão de inscrever para os exames *recebe* um — não sabe nada, passará por um milagre—, vem pelo corredor que separa a aula, da sala em que o espera o pai, e depois de arrancar os cabellos, volta de novo a obter o consentimento do professor?! »

A nosso turno arrancamos os cabellos e ficamos sem comprehender palavina deste amphiguri grammatical.

Não fallamos do sujeito (*e les*) vir no plural e os verbos no singular, porque não é de admirar que o Sr. *professor da roça*, não sabendo empregar o conjunctivo, ignore as regras da concordancia do sujeito com o verbo. Demais para que são necessarias estas bagatelinhas, a quem tem a certeza de que nunca ha de ser examinado, porém sempre examinador?

Apezar de conhecer, de ha muito, o estylo apocalyptico e esphacelado de S. S., ficamos comtudo, sarapantado ao deparar-se-nos o *arcar contra as ondas*.

(Este nosso *deparar* não é o novo verbo portuguez, que vem em quasi todas as paginas da grammatica Grivet, exemplo : *desta regra depara-se que*, etc.)

Attribuimos á nossa ignorancia o nunca ter encontrado em autor de merita o *arcar contra alguem ou alguma cousa*; por isso recorremos ao diccionario de Moraes e de lá extractamos o seguinte : « *Arcar a guem* (act) e mais frequente *com alguem* (n.) etc »

Tome outros seis bolos e fique-nos muito agradecido porque estas palmatoadas hão de ser um incentivo para V. S. estudar, antes de pretender a cadeira de examinador, e assim se livrará de levar quináos dos proprios examinandos.

Em ultima analyse, confessamos que, collocado na cadeira de examinador de portuguez, reprovariamos o examinando, que tivesse a infelicidade de apresentar uma prova escripta no genero do tal artigo—*os exames geraes*.

Fica, portanto exuberantemente provado que o *professor da roça* não sabe escrever correctamente o portuguez.

Já o encaramos como escrevinhador ; vamos agora encara-lo como fazedor de regras de grammatica.

Não tivemos a dita de ler os 5 primeiros dialogos de S. S , porém o VI por si só fornece bastante panno para mangas.

« *Mestre* —Qual será a razão por que, principiando todos os nossos grammaticos pelo substantivo, preferimos nós a disposição adoptada pelo Sr. Grivet, e principiamos pelo verbo?

« *Discipulo*.—Não sei. »

Mais abaixo pergunta o mestre, assim com ares de el-rei Caramba XXII, se os outros gramaticos o entenderáõ e, maliciosamente, lhe responde o discipulo: não sei.

Estes « *não sei* » são, desde o *qu'il mourut* de Corneille até a celeberrima palavra de Cambronne, a cousa mais eloquente que conhecemos

Vê-se pela leitura dos dialogos que *le monde marche* porque, realmente, resumir as respostas de um discipulo a um simples « *não sei* » é pôr a grammatica ao alcance mesmo dos que não sabem ler, pois que qualquer carroceiro ou vendedor de peixe está habilitado a responder « *não sei.* »

Por que não se arvora V. S. em professor de hebraico ou chinez?

Talvez me responda: « *porque não sei.* »

Pois olhe, quem ensina portuguez desta fórma está habilitado a leccionar qualquer lingua, mesmo sem a conhecer.

Continuemos na nossa leitura dos dialogos.

« M.—O que é substantivo? »

« D.—E' a palavra que designa entes e abstracções. »

Como o Sr. *professor da roça* em seus dialogos tem a grammatica Grivet na conta do *non plus ultra* das grammaticas, e nas suas regras originaes não faz mais do que reproduzir as que vem ahi exaradas, vamos com ella explicar o que são abstracções.

« Abstracções *se dis* de uma mera concepção de nossa intelligencia, sem existencia real, *quer fóra, quer dentro da natureza*, como cicio, virtude, etc. »

Quanto ao mascavado do estylo, deixemo-lo de parte.

Esta definição é magnifica e até patusca; para o que vejamos:

Um homem virtuoso é o que tem virtudes; as virtudes, por esta definição, são abstracções; portanto o homem virtuoso é o que tem abstracções; quem tem abstracções é abstracto: logo o homem virtuoso é um homem abstracto. O Sr. professor ouvio cantar o gallo, mas não sabe onde.

Sr. mestre, não se abespinhe, abeire-se de mim e venha aprender.

Olhe, abstracção, quer em qualquer compendio de philosophia, quer em qualquer diccionario, quer mesmo no começo da geometria de Ottoni, sempre foi um acto do nosso entendimento. Virtude é uma palavra que exprime uma entidade tomada abstractamente; convença-se de que o acto pelo qual a concebemos é que é abstracção e não a virtude.

Quando a lingua não o ajudar reproduza palavra por palavra a grammatica que estiver copiando, porque depois da descoberta da palavra, inventár-se ouso-apés, traques, pistolas, etc., etc.; porém ninguem teve o atrevimento de descobrir segunda vez a palavra.

Continuemos:

« M —O que é adjectivo?

« D —E' uma palavra que se ajunta mediata ou immediatamente ao substantivo para o determinar ou qualificar. »

Porque não disse, em linguagem mais escorreita: « E' uma palavra que se põe antes ou depois do substantivo para o determinar ou qualificar. »

Não vê como são quasi semelhantes estas duas definições? O que desfigurou a sua foi o tal narizinho de cêra que V. S. costuma pôr no que já foi dito pelos outros em melhor linguagem. Este *mediatamente* veiu entornar-lhe o caldo.

V. S. como decóra apenas as regras, que vem em diversos grammaticos, para reproduzi-las ao depois em portuguez vasconso, sem curar do estudo da lingua, suppoz em seu rachitico beatuto, que por ser mediato opposto a immediato quizesse mediato dizer *antes*, porém enganou-se redondamente.

Mediato é o que *media entre outros ou medeia entre outros*: v. g. genero mediato entre o supremo e infimo. *Causa mediata* a que produz algum effeito por meio de outro seu effeito; ex: Juiz mediato, etc., etc

Logo, pela definição do nosso grammaticador, o adjectivo fica excluido da lingua portugueza até que o mesmo senhor invente palavras que se colloquem no meio dos substantivos.

Nessa época ditosa, diremos *ho-grande-mem*, em vez de grande homem.

O que faz a ignorancia da lingua!!

Se viemos á imprensa, foi para que V. S. não se persuadisse que o nosso silencio era uma approvação tacita aos seus desconcertos grammaticaes. S. S. não póde negar que seja o autor da grammatica Grivet, porque então isto seria confessar que era um copiador, pois que os seus dialogos não são mais do que a reproducção dessa mesma grammatica.

Como não temos a pretenção de dar conselhos a SS. Exs. os Srs. ministros do imperio e inspector geral da instrucção publica, limitamo-nos a apontar sómente alguns dos muitos erros de que está recheiado este artigo anonymo—os *exames geraes*.

Citamos o milagre, sem nomear o santo, para que SS. EEx. ficassem de sobre-aviso.

D. Grammatica Angelica da Objecção.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1872\Edição 00282 (1)

A falsa instrucção publica.

Fomos extremamente generosos para com S. S., pois que além dos oito dias, demos-lhe mais tres para a correcção do seu artigo de defesa.

Antes de entrar na promettida analyse, vamos summarisar o que ha de sensato e logico em todos os seus *dialogos grammaticaes*.

« *Quando a gente tem levado a sua vida acompanhando as bandas de musica para apanhar flechas de foguetes vende-se de repente mettido a litterato, não é de admirar que tenha dessas impressões.* »

« *Agora se os moleques me apupão, etc.* »

Qual é o moleque de quem S. S. falla?—Somos nós.

Quaes são os apupos?—O artigo em que lhe apontamos os erros de grammatica.

Aqui é, pois, o ponto de notar-se que S. S, defendendo-se não encontrou erro algum em nossa linguagem: que desculpou os seus appellidando os de *ligeiros descuidos* e que concluio o seu artigo exclamando: « *O erro não é privilegio de ninguem* »

Fica, portanto, demonstrado, consoante as palavras de S. S, que o errar pertence a todos, menos aos « *moleques que acompanhão bandas de musica* », pois que estes barbantes escrevem correctamente e têm um faro tão apurado, que até lobrigão os « *pequenos descuidos* » por cima dos quaes pula o maior dos nossos grammaticos.

Aquillo para que os tres barbantes não têm quéda alguma é para ler o que está embocetado na mente dos outros pois nem ao menos soubérão soletrar o que já estava correcto e augmentado lá pela banda de dentro da cabeça do Sr grammatico

« *O que acontece sempre é que se lê de preferencia o que se tem na mente, passando por cima de muitos erros que estão no papel.* »

Tomamos tão a serio este esguicho de reflexão magistralmente esvurmado do cerebro de um dos nossos maiores homens, que até aconselhamos a creação de uma aula de leitura de *mentes*, para que os Srs. examinadores não commettão a injustiça de reprovar os examinandos, que tiverem a infelicidade de emendar o que está na mente e não no papel.

Se os erros do *sujeito no plural e o verbo no singular são muito naturaes* n'um artigo, que sahe em uma folha quinzennal, naturalissimos serão n'uma prova escripta, para cuja revisão os examinandos não têm, muitas vezes, nem sequer quinze minutos.

Se qualquer pessoa dissesse que até os *moleques* notavão erros em seus artigos, ficaria S. S. todo estomagado; no entanto, é mesmo S. S. quem toma a liberdade de tal declarar ao publico.

Como pretendemos provar-lhe que foi summamente injusto para comnosco, taxando-nos de *indecente e desasseiado*, vamos confundi-lo, praticando a delicadeza de defender a sua linguagem.

« Engana-se, meu amigo, a minha linguagem é forte, energica, incisiva, se quizer; porém, *decente.* »

S. S. é injusto, assestando a satyra contra si mesmo; conhecemos por experiencia propria a fortaleza, a energia e a decencia da sua linguagem; portanto não consentimos que a qualifique de decente, escripto em grifo, porque isto seria o mesmo que chama-la de indecente.

Se a linguagem de S. S. ás vezes não se compadece com a sua posição, é isto feito muito de proposito; ha neste destoar de palavras muita arte que revela a satyra de Horacio, embiocada com a modestia.

« *Apezar de ser conhecido o dicto de Horacio que autorisa a dizer vindo a verdade, fugirei deste modo de tratar a questão, modo para o qual sinto uma especie de queda na minha penna.* »

Tinhamos visto S. S. andar, por diversas vezes, verticalmente, suppunhamos que fizesse isso voluntariamente; porém S. S. veio mostrar que eramos um *insensato*, declarando em seus *dialogos grammaticaes*, no ponto em que falla do acido sulphurico e do acido sulphuroso, que:

« *Seria o maior dosparadoxos dizer que o homem prefere esta posição* »

Talvez se pergunte não de que S. S. não andando verticalmente por sua livre vontade, como declarou, nada faça voluntariamente? Enganão-se.

« *S. S. em tudo o caso um louco voluntario.* »

Seria falta de lhanesa da um cidadão, o não concedermos a S. S. o direito que reclama no que se segue:

« *Pois porque não hei de eu ter como o resto da humanidade o direito de dizer asneiras?* »

Confessamos que não tinhamos lido esta reclamação de S. S. quando publicamos o nosso primeiro artigo; agora já é tarde para recuar.

Inteiremo-nos da razão porque não comprehendemos « *os dialogos grammaticaes* »

« *Mais de uma vez tenho feito notar que os homens que trazem o nome de grammaticos parecem distinguir-se dos outros homens pela ausencia completa de bom senso* »

Felizmente a carapuça não nos toca, porque não somos nem grammatico, nem professor de lingua portugueza.

Temos ainda o mesmo assumpto, porém guizado com lingua.

« *Ficamos sabendo que para explicar grammatica era necessario saber uma segunda lingua artificial, muito differente daquella (aquelle) que falhamos e que falhão e escrevêão os doutos; isto é, era necessario saber tambem uma lingua exclusivamente dos grammaticos, lingua que só se póde fallar fóra do alcance dos gaiatos, que por certo darião vaias e assovios, etc.* »

S. S. já tinha prophetisado o que nós *« moleques »* lhe haviamos de fazer. Admira uma presciencia tal em annos tão verdes.

« Aquillo mesmo que publiquei em anonymo, em outro tempo, para produzir effeito, acha-se reproduzido sob a responsabilidade do meu nome »

Isto é que é franqueza, o mais é historia. Quem seria capaz de confessar que um artigo assignado com o seu nome não produzia effeito?—Ninguem

Ao adversario de Bocage foi preciso que este lhe dissesse : *« Na frente põe teu nome, e estou vingado. »*

Nós conservamos o anonymo com um fito muito diverso do de S. S : é para que os outros nos digão desempeçadamente e sem rebuço o que pensão dos artigos de *nós ambos*

Temo nos dado perfeitamente bem com este expediente, e, graças á sua efficacia, já conhecíamos o artigo de S. S, antes de ser publicado, e tambem sabiamos que era *sublime* porque S. S nos havia declarado

« Quando erre é por uma de duas razões ou por descuido, que é natural á fraqueza humana, ou de boa fé, quando estou persuadido que acerto. »

Isto é de tão boa fé e tal innocencia, que até cheira a santidade.

Demos *un petit-coup d'oeuil* por cima das luzentissimas gemmas, com que S. S. tem esmaltado os diversos numeros da *verdadeira instrucção publica*, disto resultou o ramalhete destes dizeres *chistosos, interessantes, fortes, energicos, incisivos*, etc, etc., que acima transcrevemos.

Vamos agora retrahir-nos sómente á analyse da defesa de S. S.

1° ponto.—*O que se devia esperar é que os que tinhão barriga fizerão-se preparadores.*

S. S. que lê sómente o que está na mente e não no papel suppoz, lá de si para si, que tambem estendiamos de leitura de cabeças e desculpou-se, dizendo que não era aquillo que estava typographado em sua mente, mas sim isto:

«*Aconteceu o que se devia esperar, isto é, que os que tinhão barriga fizerão-se preparadores.*»

Depois deste parto jupiteresco, tem S. S. carradas de razão; nem a nossa accusação foi dirigida a esta pequerrucha Minerva, pois que ella veiu á luz do dia sã, guapa e escorreita; penas vivavamos a que S. S. substituio por esta. Entreve-se por esta substituição que S. S. não sophisma:

« *O que porém nunca fará é sophismar.*»

Porém, mais adiante tenta certas guinadas na consciencia e diz:

« *Agora se eu quizesse sophismar, bastaria lembrar que fizerão é fórma supplementar de fizessem.* »

«O Padre Antonio Vieira escreveu: *Se o contentamento fizera milagres ...*»

« *Se Deus não* CORTARA *a carreira ao sol pela interposição da noite* FORÃO *verdadeiros e não fabulosos os incendios de Pheaeton* »

« *Se mais mundo* HOUVERA *lá chegára* » S. S., para se desculpar daquillo a que chamou *pequenos descuidos*, commetteu seis erros.

1.° Cita exemplos que não têm relação alguma com o seu erro. Isto prova que S. S. suppôz que a conjunção *se* é que pedia o conjunctivo, portanto ainda ignora quaes são os casos que pedem esse modo.

2.° Transcrevendo a primeira oração da carta de Antonio Vieira a D. Rodrigo de Menezes, sem se importar com o que se seguia (*vivera-me S. S. a seus pés*), provou ignorar que o *fosse* é que foi a causa de vir na primeira oração o *fizera*.

3.° Suppõe e affiança *fizera* que é a fórma supplementar de *fizesse*, sem se lembrar que o verbo *fazer*, aqui, está no mais que perfeito do indicativo.

4.° Ignora que quando um verbo está no condicional, o outro da oração principiada pela conjunção *se* deve estar ou no indicativo ou no conjunctivo.

5.° Ignora que, quando os nossos classicos empregavão a fórma supplementar do condicional, sempre punhão o verbo da oração condicional no mais que perfeito do indicativo, dizendo: *Se mais mundo hou*

vera lá chegára, e não *se mais mundo houvesse lá chegára*. Aqui *houvera* é o mais que perfeito do indicativo e não *fórma supplementar* do imperfeito do conjunctivo; *chegára* é que é uma fórma supplementar, porém do condicional.

6.° No penultimo exemplo commetteu um erro gravissimo, suppondo que *fordo* se pudesse substituir por fossem, chegando desta fórma a fazer com que tremessem as proprias cinzas de Vieira, que nunca teria sido capaz de dizer:

Se Deus não cortasse *a carreira ao sol pela interposição da noite*, fossem *verdadeiros e não fabulosos os incendios de Phaetonte*. Aqui é que a quéda do *astro da nossa litteratura* foi semelhante á de Phaetonte. Os inimigos de Vieira, se tivessem lançado mão deste meio para o descreditar, tê-lo-hião assassinado.

2.° ponto.—*Arcar contra a onda*. Diz S. S, em sua defesa, que: « *com e contra são tão semelhantes já na significação, já na fórma, que quem tivesse na mente uma dellas, nem se quer sentiria se escrevesse a outra.* »

Por aqui vê-se que a penna de S. S. tem *quédas*, como ficou acima declarado De modo que as pessoas que tiverem pennas teimosas e typographos descuidosos podem, sem que por isso ninguem lhes vá ás mãos, dizer: *Amanhã vou contra minha mulher a Santa Theresa*, em vez de *com*. *O exercito brazileiro marchou com o Paraguay*, em vez de *contra*.

Depois destas cousitas, até parece-nos que teriamos andado mais acertado, se tivessemos transcripto o seu artigo para esta folha em vez de o analysar.

No 3.° ponto S. S. discretêa do seguinte modo:

«*Quanto ao verbo que ficou no singular quando o seu sujeito estava no plural, quem não sabe como passão cousas destas a quem corrige provas do que escreve.* »

Perdoamos a S. S. a discordancia do sujeito com o verbo, porém porque não emendou aquillo que haviamos, muito de proposito « *passado por cima?* »

Não desejamos ver assim as nossas lições desaproveitadas ; se nos pregar mais alguma destas, deixamos de o sabatinar.

Não lhe haviamos já censurado o emprego doindicativo em vez do conjunctivo?

« *Poderão elles arcar contra a onda, etc ... quando consultando o professor para etc...., recebe um etc.* »

Este *recebe*, além de estar no singular, tambem está no indicativo, em vez do conjunctivo.

4 ° ponto.—S. S. quando trata do *mediatamente*, não obstante o termos explicado-lhe a cousa o mais chãmente possivel, toma assim uns ares de descobridor do mel de páo e chama-nos de *consummado ignorante*. E no entanto defende-se com as razões que vem na grammatica Grivet. Se não tinha por casa cousa melhor, era mais conveniente não ter tocado em tal.

Respondamos no entanto ás razões da firma social.

Declarão SS. SS. « *Quando dizemos este relogio é bom, esta mesa é grande* etc., *temos os adjectivos juntos aos substantivos, porém mediatamente* » E' isto justamente o que negamos. Ha muita differença no *ter uma cousa junta a outra* e no *ligar uma cousa a outra*.

Se fizessemos uma ponte que ligasse o Cattete á Praia Vermelha, não podiamos dizer que o Cattete estava junto *mediatamente* á Praia Vermelha; quem tal dissesse era capaz de dizer que este ou aquelle morador do Cattete estava *dentro mediatamente do hospicio Pedro II*.

Para se escrever, meu amigo, é preciso conhecer-se bem o peso de cada palavra.

Do 5º ponto defende-se S. S. assim:

« Quanto á *extensão* que deu o Sr. Grivet ao termo *abstracção*, ella está nos costumes da lingua; e estou seguro (*j'en suis sûr*) que quando o articulista tiver estudado um pouco, não sentirá a impressão desagradavel que lhe causou o termo pelo descostume das letras »

Se é tão usual, em nosso idioma, a extensão que o Sr. Grivet deu ao termo *abstracção*, porque não nos apresentou S. S. exemplos que fortificassem a sua asserção?

Suppõe que basta um homem que põe o sujeito no plural e o verbo no singular, assegurar-nos que isto está *nos costumes da lingua* para ficarmos convencido Não vê que póde um sujeito, que não entenda da cousa, e que seja galliciata no fallar, ir em casa de algum algibebe em demanda das vestes de D. Lingua para descobrir a tal abstracção.

Como já vai demasiadamente alongado o nosso artigo, fazemos aqui ponto final, declarando que a defesa de S. S. veiu mostrar-nos que S. S., além de ignorar o emprego do conjunctivo, commette descuidos tambem quando tem de usar do condicional.

S. S. mostra, em tudo o que escreve, immenso desejo de conhecer-nos; chamamos portanto a sua attenção para um volume que sob o nosso nome sahirá a lume com o titulo *A verdadeira reforma da instrucção publica.*

D. Grammatica Angelica da Objecção.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1872\Edição 00299 (1)

tellectual e moral que a envolve. A escravidão domestica, o amor cégo das mães, a tolerancia insensata dos páes, a conversão do professorado em industria, o abandono das escolas publicas, cuja frequencia é nulla, a tendencia para imitar o estrangeiro, não em suas virtudes, mas em seus vicios, tudo contribue para corromper o genio, o caracter, e a indole do individuo e da sociedade.

E qual tem sido a posição do poder publico, a quem são confiados os mais sagrados interesses, diante desta lamentavel situação, que não se constituiu em um dia, senão lentamente e pouco a pouco, no decorrer de longos annos?

Digamos a verdade com animo isento e largo. A historia official da instrucção publica é uma historia de vacillações e incertezas, por vezes de contradicções, a denunciarem ausencia de conhecimento das cousas patrias, e a traduzirem se na copia mais ou menos servil de regulamentos estrangeiros, e na transplantação impensada de instituições exoticas.

Vede o poder publico ensaiando o consorcio hybrido da centralização com a liberdade; vede-o reconhecendo o direito e a necessidade de intervenção em materia de ensino, creando a inspectoria, com seu conselho, e seus delegados, concedendo-lhes extensas attribuições, ao tempo que lhes nega meios de acção, e proclama a vigilancia do interesse individual, e o acerto e efficacia do criterio dos paes de familia.

O criterio dos paes de familia!

Mas, o que é em geral esse criterio nos paizes onde a cultura intellectual se não tem alargado?

Ahi, o criterio dos paes, em geral, julga melhor o systema de ensino em que a instrucção se adquire sem esforço, sem trabalho, brincando, e como por encanto; o systema em que a correcção dos erros são affagos, a dos vicios caricias, em que todas as informações são elogios, e todos os elogios promessas lisongeiras; ahi, o criterio dos paes, em geral, é vaidoso, ama a illusão, e compraz-se sobretudo nessa educação *jesuitica* (quem o diria?) de que Victor Cousin falla nos seguintes termos:

« Ses études n'y eurent jamais un caracter viril. *On sacrifiait la solidité a l'agrément; on épargnait á l' esprit les efforts même qui le cultivent; on trompait les familles par des exercices brillants et futiles*, par des petites experiences de physique, par des petites comédies latines et même françaises, e par toute cette littérature quintessenciée dont l'auteur de *Vert-Vert* est le représentant. Quel frivole bel-esprit que le celebre Porée! » (Discours, sess: 21 de abril 1844).

O poder publico quer *derramar as luzes;* mas apagando, extinguindo os fócos naturalmente luminosos, para creal-os, por assim dizer, artificiaes. As provas de capacidade profissional são nullas para o magisterio particular. Ensina quem quer ensinar, o que quer ensinar, como quer ensinar, onde quer ensinar.

Ensina quem quer ensinar: tão facilmente se faz instituidor o ignorante como o instruido, o sabio como o pedante, o professor como o curioso. Abrem-se para todos as portas do magisterio.

Ensina o que quer, o que lhe apraz ensinar: o atheismo ou o deismo, a fatalidade ou a liberdade, o materialismo ou o espiritualismo, a republica ou a monarchia; os espiritos têm sêde e fome de saber, demos-lhes a agua limpida que mana do alto das montanhas ou a estagnada e salôbra dos charcos; demos-lhes o alimento substancial da vida ou a substancia toxica da morte, pouco importa.

Ensina como quer ensinar: todos os compendios são approvados, todos os methodos são excellentes: póde ser a grammatica portugueza de Soares Barbosa ou a de Grivet, a grammatica latina de Castro Lopes ou a de Clintock, o compendio de philosophia de Soriano ou o de Geruzez; o ensino póde ser individual ou mutuo, cumulativamente de differentes materias ou successivamente, passando o estudante de umas para outras; tudo depende da sciencia, e do criterio desconhecido, do instituidor. E' o governo da sorte, do acaso.

Ensina onde quer ensinar: em vastos e sumptuosos palacios, habituando o alumno pobre ao luxo da opulencia e á opulencia do luxo; em pequenos edificios, onde fallecem todas as condições de hygiene, sem ar, sem luz, conchegados os alumnos, a respirarem uma atmosphera mephitica. Alli a vaidade a sorrir, aqui a pobreza a gemer.

O governo quer erguer o professorado publico; mas nega-lhe os meios necessarios, já não diremos de aperfeiçoamento, senão de subsistencia decente. « *Para quem não póde ter seguro o dia de amanhã*, diz um distincto escriptor, *a intelligencia é um dom funesto, e a faculdade de prever uma tortura*. Collocai a penuria e a miseria ante os olhos do professor publico, e dizei-lhe que concentre a attenção nos deveres de seu ministerio. E' a affronta misturada á ironia, é o sarcasmo!

Entretanto ahi se fundam conferencias,denominadas *populares*, em que *ás vezes* o talento desprende suas azas de ouro e azul aos raios do sol da verdade; mas de que a classe mais numerosa, a grande maioria nacional, não póde colher proveito algum; porque a sciencia jámais ha de descer até ao povo, o povo é que ha de ir successivamente erguendo-se á altura da sciencia.

Franca e livremente hemos enunciado nosso pensamento em referencia á instrucção publica; não carecemos repetir que julgamos insufficientes, e de utilidade apenas relativa, quaesquer medidas, por melhores que sejam, desde que não resultem de um plano, de um systema de reforma, bem concebido e formulado.

Ainda assim, não extranhariamos o cuidado extremo que põe o governo nos exames denominados — geraes, se não nos parecesse que nelles quasi exclusivamente concentra a attenção e esgota a actividade, ao passo que não o vemos adoptar ideias que, a esse respeito, de algum modo satisfariam as publicas conveniencias.

Effectivamente, na época desses exames, a organização das mesas, o despacho de pretenções ou reclamações dos candidatos, a solução de duvidas, as providencias do momento para acudir aos casos occurrentes e as medidas policiaes para a manutenção da ordem, agitam e occupam de tal modo o poder, fazem crescer tanto o trabalho e o expediente do governo e da inspectoria geral, que ninguem poderá negar a existencia de funccionarios da ordem administrativa encarregados desse ramo de serviço publico.

Não acontece o mesmo no correr do anno, fóra dessa época; então, só a compra de *mobilia* para alguma escola, a transferencia desta de um para outro ponto, ou a nomeação serodia de algum professor manifestam a espaços, que nem sempre o poder publico dorme descuidoso, que sua existencia não é um somno apenas interrompido pelos gritos e motins dos estudantes indisciplinados.

Sem embargo de constituirem os exames geraes objecto especial de attenção, pouco, muito pouco se ha melhorado a esse respeito; a nosso ver, a medida que mais efficazmente poderia influir na regularidade dos trabalhos das mesas, contribuindo para a justiça de suas apreciações, ainda não foi promulgada; parecendo mesmo que a ideia de que deriva vai ser estragada em sua realização, por um mal entendido espirito de economia, que importa nada menos que despender em pura perda.

Por muitas razões a mudança relativa á época de exames pareceu-nos acertada; do mesmo modo, salvo a conversão da secretaria em collectoria, applaudimos o pagamento prévio do imposto de cinco mil réis; mas a constituição das commissões permanentes, essa é que se nos afigura a medida mais util, no ponto de vista restricto dos melhoramentos parciaes.

Tem-se constituido até hoje as mesas de exame ou com professores do Collegio de Pedro II e da Escola Central, ou com pessoas alheias ao magisterio, que não fazem parte de corporações de ensino, e que, tambem individualmente, não se dedicam á instrucção. Essa constituição é a peior possivel: se, contra os primeiros póde levantar-se a suspeita de que, inspirados por um certo espirito de corporação, se fazem, na apreciação das provas e no julgamento, mais severos do que deveram ser; contra os segundos póde-se allegar ausencia de habilitações *provadas* e falta de pratica na direcção de exames.

Basta a suspeita, basta a allegação, que, em todo o caso, se não pódem referir a honrosas excepções, para que em geral se desconfie da justiça dos julgamentos, para que appareçam queixas e reclamações, que já não são raras.

Não damos abrigo á ideia, que circula, de pretender a reitoria o professorado de Pedro II assentar artificialmente os creditos desse estabelecimento sobre a ruina do de todos os outros de instrucção primaria e secundaria; mas é uma ideia que circula, e não deve passar despercebida ao governo que quizer estudar e conhecer as publicas necessidades.

As difficuldades com que arca a inspectoria na substituição dos examinadores impedidos, por vezes obrigada a nomear o primeiro *curioso* que se apresenta como habilitado, para não suspender ou interromper os trabalhos, é outro inconveniente e grave do modo actual de constituir as mesas.

Ainda não é tudo: na ausencia de compendios officiaes e de regras directoras dos exames, cada examinador póde adoptar o compendio que lhe aprouver, e aferir o merito do candidato pelo conhecimento que este mostre ter do compendio adoptado. Dahi nasce que a sorte do estudante póde depender de uma substituição de examinador,

como não ha muito dependia de ser elle chamado a esta ou áquella mesa.

Com a creação e organização das commissões permanentes, com um pessoal habilitado nas materias em que ha de examinar, que a ellas e ao trabalho de exames se dedique exclusivamente; com um pessoal sujeito a certas regras na apreciação das provas e julgamento do merito dos candidatos, com um pessoal em posição independente de quaesquer influencias que possam prejudicar o acerto de seus actos, os males que levamos apontados seriam sanados, senão logo de todo, ao menos em certo espaço de tempo.

Mas, para isso, é preciso que a remuneração dos serviços lhes dê sufficientes meios de subsistencia decente; é indispensavel que essa remuneração seja tal que o não obrigue a *desclassificar-se*, entregando-se a outros trabalhos, em detrimento de seus deveres como examinador; é necessario que essa remuneração tome a forma de ordenado fixo e annual, não a de salario por serviço diario.

Realizar-se-ha a ideia nestas condições? Esperemos.

Estudos grammaticaes

I

O Sr. Manuel José Pereira Frazão publicou recentemente umas *Postillas de grammatica portugueza*, ao que diz, *para uso de seus discipulos*.

Não estranhará o illustre professor que lhe apresentemos o nosso juizo critico, com a franqueza e isenção de animo que o assumpto está pedindo. Isto esperamos nós, não só da elevação de seu espirito, senão tambem da nobreza de seu caracter.

Avaliar o merito scientifico ou litterario de uma producção da intelligencia não é desconhecer os dotes intellectuaes e as virtudes moraes de seu autor; é ainda menos procurar apeal-o do pedestal em que justamente o colloca o conceito publico, que sabe merecer.

Considerando em um ponto de vista synthetico, a obrinha de que nos occupamos não nos parece satisfazer as necessidades do ensino: se, arrastado pelo desejo de simplificar, deixou-a o illustre professor deficiente em alguns pontos; em outros, procurando talvez ser claro, tornou-a sobremaneira diffusa e complicada.

O vago formal de algumas definições, e os vicios substanciaes de outras, que pódem ser consideradas falsas fóra do circulo de idéas e opiniões individuaes do illustre professor, são, por seguro, imperfeições notaveis, que muito pódem prejudicar a instrucção dos meninos, a quem a obrinha se destina.

Um vicio, porém, se destaca e avulta no meio de todos os desse livrinho. Um compendio, e, por maioria de razão — umas postillas de grammatica portugueza — mal comporta o estylo vehemente das discussões politicas; um compendio não é um livro de polemica acalorada, deve traduzir em suas paginas a calma e a gravidade do professor instruido e desapaixonado.

Para o illustre autor das postillas, grammatica portugueza, ninguem a escreveu ainda melhor que o professor francez Adriano Grivet; dir-se-hia que a obrinha deste professor é a condensação do genio e do saber de um homem em um livro.

Animado por esta ideia, em notas que podem parecer apaixonadas, e exclusivas da *nobreza* de qualquer livro, declama o illustre professor contra os grammaticos com quem não está de acordo, e, de ferula em punho, nem a Soares Barbosa isenta de castigo.

De certo o illustre professor possue sobejas razões para corroborar as opiniões e doutrinas que defende; mas sabe tambem que em notas de um pequeno livro não as póde expor e desenvolver; sabe que o meio de as fazer vingar não é a nua allegação de ignorancia dos adversarios; sabe que ha pontos controversos entre os melhores grammaticos, e que não podem ser decididos com um *rasgo de penna*.

Depois do que levamos dito, fôra impolidez de nossa parte não descer a uma analyse, posto que rapida, de cada uma das partes principaes do livrinho de que tratamos. Muito nos merece seu illustre autor; não faltaremos com a cortezia que devemos a tão distincto cavalheiro.

Divide o illustre professor a grammatica em cinco partes: lexicologia, sintaxe, prosodia, orthographia e pontuação. E' a divisão do Sr. Grivet, que, comparada á da mor parte das grammaticas, apresenta as seguintes mudanças: substituição da palavra — *etymologia* pela palavra — *lexicologia*; desmenbramento da orthographia, e creação de uma parte especial, distincta, sob o titulo — *pontuação*.

E' possivel que se não deem inconvenientes com estas innovações; o certo é, porém, que não são exigidas, nem pelo methodo, nem pela clareza, accrescendo que o modo como o illustre professor procura justificar uma dellas mais póde obscurecer que illuminar o espirito de seus alumnos. Se o illustre professor prefere a palavra *lexicologia*, á palavra *etymologia*, por lhe parecer que em grammatica se não trata da *origem das palavras*, outro d'evera ser o termo preferido, por isso que o adoptado por elle é muito mais extenso que o substituido. *Lexicologia* quer dizer discurso sobre os vocabulos, o que abrange não só a natureza das palavras e suas formas, senão tambem sua origem e derivação.

Quanto á parte da orthographia que o illustre professor pretende separar, sob o titulo—pontuação, devemos-lhe os seguintes reparos:

As definições de orthogaphia e pontuação, que dá o illustre professor, importam a união e confusão d'aquillo mesmo que pretende distinguir e se-

parar: se *ortographia é a parte que ensina a escrever as palavras com as devidas letras e signaes*, fica a pontuação encerrada na orthographia, porque a palavra—*signaes*, refere-se, não só aos indicativos do tom, como aos expressivos das pausas; se *pontuação é a parte que ensina a separar mediante signaes os pensamentos escriptos e suas partes*, temos o travessão e o asterisco comprehendidos na definição, isto é, a orthographia encerrada na pontuação.

Em nota enuncia o illustre professor uma proposição que parece inaceitavel A pontuação, como systema de signaes que é, não pode ser—*o fundamento da analyse logica*, antes a analyse logica é que póde ser considerada fundamento da pontuação, se não estamos em erro. A analyse logica justifica o emprego dos signaes da pontuação, que, por isso mesmo, não são mais que *indicação*, não servem de *fundamento* a cousa alguma. Donde derivam as regras do emprego dos signaes? Têm estes regras proprias a que se subordine a analyse logica? Pedimos venia para abraçar as negativas.

Não nos deteremos na definição de syllaba, que o illustre professor parece considerar expressão de qualquer som; tal é o modo vago como se enuncia, nem sobre a definição e adopção do *triphtongos*, que, a exemplo do Sr. Adriano Grivet, o illustre professor pretende *nacionalizar*. Passaremos já á definição do—*verbo*

Verbo, conforme o illustre professor, *é a palavra que exprime um facto. O verbo*, diz ainda á pagina 5. *enuncia factos de estado e de acção*. Mas, a palavra —*facto*, suppomos nós, não corresponde ao desenvolvimento da actividade, senão ao *termo* desse desenvolvimento, não corresponde a—*acção*, corresponde a—*acto*, e os termos approximados—*factos de acção*, parecem envolver contra senso; a palavra—*estado*, pelo contrario, indicando um resultado actual, definitivo, confunde-se com a palavra –*facto*, não lhe acrescenta ideia e na locução *factos de estado*, ha repetição inutil e van.

São metaphysicas estas considerações? Mas que necessidade ha de suggeril-as com innovações com que nada ganha a clareza? O verbo, diz Aulete, exprime acção, qualidade ou estado—e este modo de dizer é tão intelligivel quanto ser pode, mesmo para o menino que começa a aprender.

(Continúa)

França

CONCURSO GERAL DOS LYCEUS

DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS

Discurso latino de M. Poyard

(Vide n. 52 de 1874)

Haud equidem contendo omnia, quæ pristina nobis tradidere sæcula, æque, quod ad mores pertineat, proficere; sed magistrorum est integerrima quæque eligere, et invigilare ut removeantur a juniorum oculis quæcumque minus verecunde ac severe vel ab eximiis scriptoribus edita fuerint. Id omnino purum sit, unde suum, ut ita dicam, thesaurum conflet mens studentium. Hæc autem inter optima exemplaria excellente loco a nobis poni solent illi, quos peperisse adeo glorjatur Gallia, christianæ fidei, simul ac vividissimæ eloquentiæ præceptores, qui, tanta auctoritate, quis sit verus ille Deus, demonstrant, nostrosque animos ad infinitam ejus majestatem et bonitatem erigunt.

Is enim est omnis rectæ institutionis supremus finis : Deum profiteri, Deum amare; quo quis autem se studio magis applicuerit, et cujuslibet generis doctrinarum arcana cupidius scrutatus fuerit, eo manifestius, quam infirma sua sit natura, agnoscere cogitur. Nempe quoties impeditus in quærendo hæsit! Quoties interclusa via est frustra eluctanti ut oppositos superaret obices. Ac se nescire primum doluit; sed ubi animadvertit id sibi commune cum ceteris esse, jam æquo animo tolerat quod humanum est. Sic ille qui, conceptis primis scientiæ elementis, in sui fiduciam forte superbiamque increverat, mox, ubi majora altioraque tractare aggressus est, fit angustorum finium conscius intra quos ipsius mens coarctatur et supra se spatia infinita patere sentit, quæ nequit adire, æternamque splendere lucem, ad quam caligant mortales oculi; tum, contentus rebus, quæ in proprio jure atque arbitrio positæ sunt, humili grataque mente omnium rerum creatorem adorat, qui maximis quidem adornavit hominem donis, cumulavitque beneficiis, sed claustra ei objecit in hac saltem vita insuperabilia, quibus hoc inscripsisse videtur : « Non longius ibis ! »

Hæc est, ornatissimi auditores, moralis disciplina qua adolescentes in nostris lyceis instituuntur; hi sunt præcipui fructus qui plerumque inde proveniunt : legitimi juris reverentia, laboris consuetudo et amor, sanæ aptæque mentis acumen, animi generosus impetus, modestia, fides ac pietas erga Deum.

Annon autem eædem illæ dotes, si in civili societate vigeant, stabilia quasi sunt fundamenta quibus innitatur publica pax et prosperitas; si contra exoleverint, et in earum locum contraria succreverint vitia, omnia delabuntur in præceps? Nec argumenta, quibus id verum esse comprobetur, e longinquo mihi sunt depromenda, cum nunc etiam, ea ipsa de causa, publica res in tanto discrimine versetur. Haud sane asseverare dubito, plurimum numero valere bonos cives, et legibus obsequentes, et patriæ amantissimos ; sed constat quoque (quod me fateri pudet), nimio plures contra stare audaces nefariosque homines, turbarum indefessos machinatores, omni bene constitutæ civitatis rationi infensos, quos vidimus, heu ! recentius vidimus exhaustæ jacentique Galliæ supremum, nisi nos Deus adjuvisset, ictum intentare non dubitantes. Quid autem causæ est cur tot ingenia sic in deterius abducta, istisque venenis infecta fuerint ?

Parere scilicet molestum esse videtur; lex calcatur, quia malis obstat consiliis. Quisque, in ista hominum colluvie, sui tatum vult esse mancipii, et licentiam omniumque rerum confusionem pulchro libertatis nomine obtegit: quo nullum protervius mendacium esse dixerim, cum vera libertas jure cujusque servato aptissime definiatur. Isti autem, cum nulla, nisi quæ ad corpus attinent, pensi habeant, voluptatum cupidine flagrant, et eas qualibet ratione sibi parere volunt. Quippe ceteri homines, ipsaque patria, quid ad rem ? Se unice amant, sibi unice consulunt. Nec eos fallit, alteram patere viam, qua honeste paupertas fugiatur, fortunæ quærantur, nempe assiduum impigrumque laborem; sed eos laborare piget; hanc communem generi humano legem, sicut ceteras, rident atque aspernantur. Vi, latronum instar, hæc bona a se expetita occupare decreverunt, et, in desidia ipsi viventes, iis frui quæ peperit aliena industria.

A Instrucção Publica: Publicação Hebdomadaria (RJ) - Ano 1875\Edição 00002 (2)

educar, tal é a tarefa que, em geral, se impõe o instituidor, para satisfazer ás solicitações, senão para obdecer ás exigencias, dos paes de familia.

Dahi nasce que os candidatos a exames, em sua maioria, não podem apresentar provas sufficientes de habilitação, revelando quasi todos que apenas confiaram á memoria, para acudir á necessidade do exame, algumas ideias, algumas noções, da materia em que são examinados, e que em breve se lhe apagam do espirito.

Nestas condições o pessoal componente das mesas, que, na ausencia de principios, de regras directoras do exame, está absolutamente entregue ás suas impressões individuaes, póde raciocinar diversamente, de modo favoravel ou contrario, ao bom exito dos exames em geral, e pautar seu procedimento pelas opiniões que lhe parecerem aceitaveis

Os estudos dirão alguns não se acham convenientemente organizados entre nós: é impossivel que o estudante se eleve alem do conhecimento superficial, vago e incompleto da materia que estuda; reprovar a um não se o poderia fazer justamente sem reprovar o maior numero; e que culpa tem elles da ignorancia propria, se não são os directores de seus estudos? Dahi a excessiva benignidade, e a superabundancia de approvações, que só apparentemente póde revelar progresso intellectual.

Outros raciocinarão de modo diverso: é preciso dirão elles pôr um paradeiro á ignorancia, que lavra como um incendio; é preciso convencer os estudantes que não podem esperar approvação, desde que se não mostrem perfeitamente habilitados nas materias de exame; é preciso que as mesas corrijam a imperfeição de um ensino vicioso offerecendo obstaculos invenciveis a pretenções infundadas. Dahi o extremo rigor, que se desenvolve, por vezes, e essa como epidemia de reprovações.

O programma de exames não se presta pouco a estes resultados; pontos ha que peccam por muito limitados e faceis; outros por excessivamente extensos e difficeis. Colhemos nos pontos de philosophia e de historia exemplos disso. O ponto 2º e o 10º philosophia, não valem juntos qualquer dos pontos — 20 — e 21; em historia ha pontos que abrangem um periodo de mais de tres seculos, como o ponto —30—, e outros que não abrangem um, como o ponto —20—.

Dadas todas estas circumstancias nem as accusações nem os factos a que alludimos são de estranhar. Como, porem, se conseguirá melhorar semelhante estado de cousas?

Organize o governo as mesas de exames convenientemente; faça rever e corrigir o programma de exames, exija edade maior do que a actualmente exigida para a matricula nos cursos superiores, e terá dado um passo no caminho dos melhoramentos.

O beneficio de restituição abrange os quatro annos que seguem immediatamente ao da maioridade. Que mal haveria em entrar o homem para a vida publica com uma carta de bacharel ou de doutor, quando já não podesse aproveitar-lhe esse beneficio? Pensamos que assim até desappareceriam certas anomalias de direito e de facto.

Estudos Grammaticaes

Diz o illustre professor que não são comparativos os adjectivos—*inferior, superior, interior, exterior, posterior, anterior, ulterior*(pag. 67); e adduz, em nota, as razões com que o Sr. Adriano Grivet confirma essa opinião; *taes adjectivos não se prestam á formação de comparativos e de superlativos; não admittem depois de si a conjuncção—que, ou a locução conjunctiva —do que.*

Desculpe-nos o illustre professor; as razões expostas não nos parecem sufficientes.

Os adjectivos indicados são comparativos no latim, donde nos vieram, como os comparativos *melhor, peor, maior, menor.* Desses adjectivos, apenas dous—*ulterior e anterior* não passaram para o portuguez acompanhados do positivo de que se formaram, e do superlativo; os demais ou foram adoptados com o surperlativo—*inferior, infimo, superior, supremo*, ou com o superlativo e o positivo—*interno, interior, intimo; externo, exterior, extremo; postero, posterior, prostremo.*

Tambem os adjectivos—*melhor, peor, maior, menor*, se prestam á formação de superlativos; e mais frequentemente dizemos *muito melhor, muito peor, muito maior, muito menor*, do que dizemos —*mais anterior, mais posterior.*

Nestas condições, parece-nos que o uso da preposição—á— para ligar os termos da comparação, expressa pelos adjectivos de que tratamos, não os desclassifica, não os transforma em positivos.

O pronome, diz o illustre professor (pag. 71), *substitue o nome em todas as suas funcções. Dous são os casos do emprego do pronome:* 1º *quando se que evitar a repetição do nome já empregado;* 2º *quando falta na lingua um substantivo adequado ás circumstancias.*

Data venia, observaremos o seguinte:

Quando se diz, por exemplo, —*eu estudo, tu zombas*, o uso dos pronomes *eu e tu*, não se dá por evitar repetição, nem porque falte na lingua substantivo adequado. As vezes appõe-se ao pronome pessoal o nome proprio da pessoa—*Eu Antonio; tu Pedro etc* :

Demais a applicação dos pronomes, em geral, é mais extensa que a dos substantivos: podem referir-se a pessoas, a cousas, a pessoas e cousas, ou a acções, a phrases, etc—*Tudo se perdêu. Assim o declaramos. Disse que havia de encommodar-me e fel-o etc.*

Não nos parecem sufficientemente esclarecidos os casos em que o verbo póde concordar com uma das partes somente, na hypothese do sujeito composto (pag. 85). De certo a cada uma indicação desses casos podia o illustre professor ter addicionado um exemplo. Quanto ao 4º caso, cremos que nem sempre as conjuncções—*ou* e *nem* autorizam a concordancia indicada. Por exemplo:—*Nem eu nem tu iremos; eu ou tu fallaremos*, são modos correctos de dizer; não assim porem—*nem eu nem tu irei, eu ou tu fallarei.*

Não temos a grammatica do Sr. Grivet diante dos olhos; mas recordamo-nos de ter elle ahi distinguido os casos em que separados os sujeitos (ou ligados) pelas disjunctivas *ou* e *nem*, o verbo vai para o plural.

O illustre professor, como já observámos, na definição de *sujeito*, não inclúe as orações denomina-

das *subjectivas*, tratando do complemento directo (pag. 87), exclúe as *objectivas*.

A definição do complemento indirecto encontra-se na pag. 88; mas não se acham ahi, nem em outra qualquer pagina, as subdivisões desse complemento, subdivisões que não deviam ser omittidas, cremos, porque exprimem differentes relações de ideias a que a grammatica ha de attender. O illustre professor, talvez para simplificar, englobou e confundiu debaixo de uma só denominação os complementos restrictivo, explicativo, terminativo e circumstancial.

Não se distingue bem a apposição que o illustre professor denomina—*immediata*, da que chama—*separada* (pag. 89). Não as define elle considerando a collocação, como alias pareciam estar exigindo os proprios termos de que se serve— *immediata* e *separada*; e demais declara que adjectivos e participios variaveis podem constituir tanto uma como outra.

Ao concluir estes estudos, faremos ainda um reparo. Das cinco partes em que o illustre professor divide a grammatica apenas duas se comprehendem nas—Postillas—a lexicologia e a syntaxe.

Quando o discipulo conhece toda a doutrina contida nas Postillas, diz o illustre professor, *póde sem mêdo estudar o que lhe falta na grammatica do Sr. Grivet.*

Cremos ter sufficientemente justificado o que enunciamos em nosso primeiro artigo: as Postillas do illustre professor não parecem satisfazer ás necessidades do ensino. Asseguramos ao illustre professor que, não a vaidade, mas o desejo de contribuir de algum modo para o melhoramento da instrucção, inspirou este escripto. Nem podem questões grammaticaes, em nosso tempo e em nosso paiz, arrancar quemquer que seja da obscuridade

Formamos tão elevado conceito do illustre professor, confiamos tanto na rectidão de seu espirito e, digamol-o assim, em sua probidade litteraria, que esperamos vel-o em uma segunda edição de seu livro tomar em consideração os reparos que lhe fizemos.

LOBATO.

A Creche

Creche é uma palavra franceza, que talvez pouco se accommoda á indole de nossa lingua, mas que é difficil substituir por outra, que exprima o que ella exprime depois que a caridade a adoptou para significar uma de suas mais bellas obras.

Mr. Marbeau foi o fundador da creche em 1844. O seu fim principal, como elle mesmo disse, era procurar aos meninos um ar puro, alimento são, apropriado a sua edade, uma temperatura conveniente, a limpeza, os cuidados assiduos, dar ás mães a liberdade de seu tempo, de seus braços, e fazer com que se podessem entregar ao trabalho sem estorvos e sem inquietação.

Seu primeiro ensaio foi o de doze berços na rua de Chaillot em Pariz, a 14 de novembro do referido anno. Só dez d'estes berços estiveram occupados os primeiros seis mezes, e a despeza foi mui pequena, por que a alimentação das creanças é baratissima.

A' semelhança daquella, outras creches se foram estabelecendo; e a de S. Philippe de Roule passou a ser considerada a creche modelo. Seu pessoal administrativo era composto de um *comité* superior de homens, que se occupava dos interesses geraes, das receitas e das despezas; e de outro, composto de senhoras, as quaes de entre si elegiam uma presidente, uma vice-presidente, secretaria e thesoureira.

Todos os dias havia na creche uma visita official de senhoras, e outra de medicos, que a este serviço gratuitamente se offereciam.

As mulheres encarregadas do serviço interior ganhavam um franco e quatro centesimos por dia, e eram vestidas de maneira decente e uniforme, á custa da creche.

Ellas abriam na ao romper a manhã, fechavam-na á entrada da noite. Eram obrigadas a conserval-a sempre limpa, a lavar, a vestir as creanças, a preparar-lhes a comida, a ministrar-lhes os remedios, e até, quando era necessario, a lavar-lhes e a enxugar-lhes as roupas.

A despeza ordinaria de uma creche, de vinte a quarenta meninos, não excedia a quarenta e cinco centesimos por dia, para cada menino. Para ella concorria cada uma das mães com vinte centesimos diarios; o que diminuia consideravelmente a que necessitavam de fazer os bemfeitores.

E aquella quantia chegava para o aluguel da casa, para o salario das empregadas, para a luz e fogo, lavagem de roupas, sustento dos meninos, medicamentos, e outros gastos miudos. Não se póde fazer o bem a menos custo.

As mães eram sujeitas áquella retribuição por dous motivos: o de senão envergonharem algumas mães recebendo como esmola o tratamento de seus filhos. Ellas, no intervallo de seus trabalhos, podiam ir vel-os, e até amamental-os quando estavam em edade disso.

A' medida que a utilidade das creches se foi conhecendo, ellas se foram multiplicando pelas cidades e povoações principaes da França. Os dias em que muitas dellas se abriam e se benziam, eram dias de festa para os concorrentes. As casas ornavam-se de uma immensa profusão de flores. Appareciam excellentes pinturas analogas; e o espectaculo dos meninos, passando dos braços de suas mães naturaes para os braços da caridade, fazia verter muitas lagrimas de consolação e de ternura.

Os salões da creche continham alguns outros objectos, mas principalmente berços: o que bem denotava a edade para a recepção das creanças, que deviam ser filhos de mulheres casadas e honestas, e não ter alguma molestia contagiosa. As que não eram vaccinadas, faziam-se vaccinar antes de tudo, fóra ainda do estabelecimento.

Ha factos notaveis relativamente ao objecto das creches, e apenas referirei o seguinte: As pobres mulheres de Montmartre pediram instantemente uma creche, onde depozessem seus filhos quando fossem para seus trabalhos, e ninguem, dos que mais podiam valher-lhes, pareceu ouvil-as. Então as irmãs da caridade tomaram a resolução de abrir uma; porém que meios tinham ellas para

A Instrucção Publica: Publicação Hebdomadaria (RJ) - Ano 1875\Edição 00004 (1)

NOVA GRAMMATICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

DE

A. GRIVET

Sahiu á luz esta interessante obra, impressa com nitidez, em 1 vol. de 626 paginas.

Esta grammatica, delineada sob um ponto de vista largo e profundo, trata minuciosamente de todas as questões mais difficeis, de modo a satisfazer a todos aquelles que se empenham no estudo theorico e pratico de taes assumptos. Em apoio das doutrinas do autor, vem juntar-se sempre a autoridade dos classicos, como confirmação das regras e definições, que são estabelecidas com clareza e precisão, fazendo por isso d'este compendio um dos melhores trabalhos d'este genero até hoje publicado. Para o estudante ou para o litterato, elle é de um inestimavel valor, tendo por si, além da reconhecida reputação do seu auctor, já fallecido, a insuspeita opinião dos cavalheiros que, por ordem do governo imperial, deram luminoso parecer sobre seu merecimento.

Esta commissão conclue d'esta maneira o seu relatorio:

« Como já dissemos, não ha trecho algum n'esta obra que não se basée na mais clara e vigorosa argumentação, corroborada por numerasas citações dos auctores classicos de melhor nota.

« Em nossa opinião, não ha grammatica alguma que melhor do que esta possa proporcionar aos estudantes o conhecimento conscienciosо da lingua portugueza.

« Parece-nos, pois, que a adopção da grammatica do Sr. Grivet será de immensa vantagem aos alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares da instrucção secundaria. »

Vende-se a 8$ cada exemplar em casa dos Srs. G. Leuzinger & Filhos. (•

31 e 36 Rua do Ouvidor 31 e 36

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1881\Edição 00161 (1)

NOVA GRAMMATICA
DA
LINGUA PORTUGUEZA
DE
A. GRIVET

Sahiu á luz esta interessante obra, impressa com nitidez, em 1 vol. de 626 paginas.

Esta grammatica, delineada sob um ponto de vista largo e profundo, trata minuciosamente de todas as questões mais difficeis, de modo a satisfazer a todos aquelles que se empenham no estudo theorico e pratico de taes assumptos. Em apoio das doutrinas do autor, vem juntar-se sempre a autoridade dos classicos, como confirmação das regras e definições, que são estabelecidas com clareza e precisão, fazendo por isso d'este compendio um dos melhores trabalhos d'este genero até hoje publicado. Para o estudante ou para o litterato, elle é de um inestimavel valor, tendo por si, além da reconhecida reputação do seu auctor, já fallecido, a insuspeita opinião dos cavalheiros que, por ordem do governo imperial, deram luminoso parecer sobre seu merecimento.

Esta commissão conclue d'esta maneira o seu relatorio:

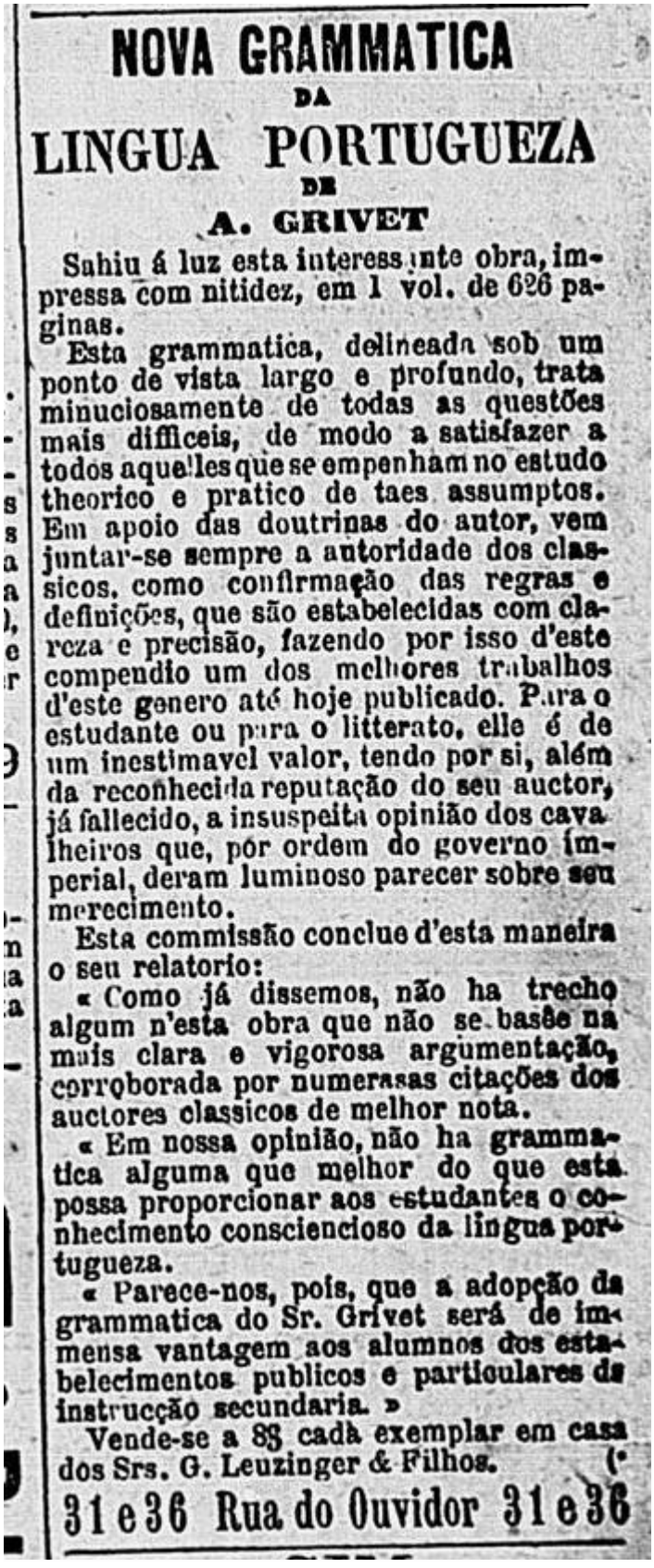
« Como já dissemos, não ha trecho algum n'esta obra que não se basêe na mais clara e vigorosa argumentação, corroborada por numerasas citações dos auctores classicos de melhor nota.

« Em nossa opinião, não ha grammatica alguma que melhor do que esta possa proporcionar aos estudantes o conhecimento consciencioso da lingua portugueza.

« Parece-nos, pois, que a adopção da grammatica do Sr. Grivet será de immensa vantagem aos alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares da instrucção secundaria. »

Vende-se a 8$ cada exemplar em casa dos Srs. G. Leuzinger & Filhos. (•

31 e 36 Rua do Ouvidor 31 e 36



NOVA GRAMMATICA
DA
LINGUA PORTUGUEZA
DE
A. GRIVET

Sahiu á luz esta interessante obra, impressa com nitidez, em 1 vol. de 626 paginas.

Esta grammatica, delineada sob um ponto de vista largo e profundo, trata minuciosamente de todas as questões mais difficeis, de modo a satisfazer a todos aquelles que se empenham no estudo theorico e pratico de taes assumptos. Em apoio das doutrinas do autor, vem juntar-se sempre a autoridade dos classicos, como confirmação das regras e definições, que são estabelecidas com clareza e precisão, fazendo por isso d'este compendio um dos melhores trabalhos d'este genero até hoje publicado. Para o estudante ou para o litterato, elle é de um inestimavel valor, tendo por si, além da reconhecida reputação do seu auctor, já fallecido, a insuspeita opinião dos cavalheiros que, por ordem do governo imperial, deram luminoso parecer sobre seu merecimento.

Esta commissão conclue d'esta maneira o seu relatorio:

« Como já dissemos, não ha trecho algum n'esta obra que não se basée na mais clara e vigorosa argumentação, corroborada por numerasas citações dos auctores classicos de melhor nota.

« Em nossa opinião, não ha grammatica alguma que melhor do que esta possa proporcionar aos estudantes o conhecimento consciencioso da lingua portugueza.

« Parece-nos, pois, que a adopção da grammatica do Sr. Grivet será de immensa vantagem aos alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares de instrucção secundaria. »

Vende-se a 8$ cada exemplar em casa dos Srs. G. Leuzinger & Filhos. (•

31 e 36 Rua do Ouvidor 31 e 36

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1881\Edição 00163 (1)

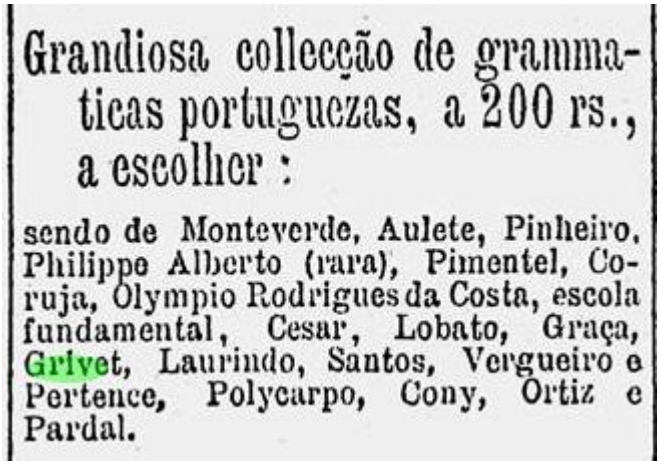
A *nova grammatica analytica da lingua portugueza* tem qualidades incontestaveis, e recommenda-se por mais de um titulo. A. Grivet, embora estrangeiro, conseguiu penetrar os segredos da lingua, e muitas difficuldades ficam parcial ou totalmente solvidas, graças ao estudo accumulado nas mais de 600 paginas em oitavo que formam o volume.

Quer isto dizer que é esta a grammatica por que todos suspiramos? Não o affirmaremos por nossa parte. A. Grivet se collocou no ponto de vista antigo, *philosophico*, o que significa que são antes questões abstractas e ideias a priori do que factos glotticos a sua preoccupação dominante. Estudou a lingua somente na phase classica, deixando de parte tudo o que diz respeito á sua evolução historica. Desprezou todos os soccorros que poderia colher da comparação das linguas novo-latinas.

D'ahi uma feição singular do livro,—a mescla de idéas novas, aceitaveis, luminosas mesmo, devidas á independencia e afoiteza do espirito investigador do auctor, com idéas atrazadas, que já foram apresentadas, discutidas e refutadas pela sciencia.

Este defeito é grande, não encobriremos; mas apezar d'elle, e apezar de descuidos e inexactidões fataes em livro não revisto pelo auctor, a obra de Mr. Grivet é muito notavel e digna de attenção. O livro vem precedido de um ligeira biographia do auctor, que inspira a mais viva sympathia pelo digno suisso que fez do Brazil a patria de seu coração, e deu-lhe o que tinha de mais precioso. —sua nobre alma.

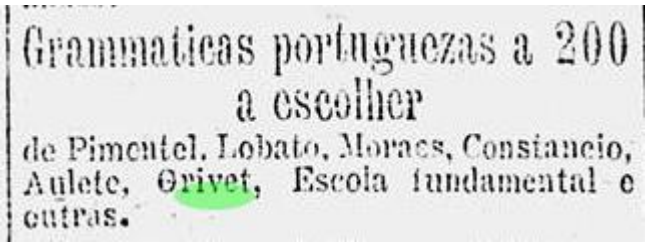
Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1881\Edição 00190 (1)



Grandiosa collecção de grammaticas portuguezas, a 200 rs., a escolher :

sendo de Monteverde, Aulete, Pinheiro, Philippe Alberto (rara), Pimentel, Coruja, Olympio Rodrigues da Costa, escola fundamental, Cesar, Lobato, Graça, Grivet, Laurindo, Santos, Vergueiro e Pertence, Polycarpo, Cony, Ortiz e Pardal.

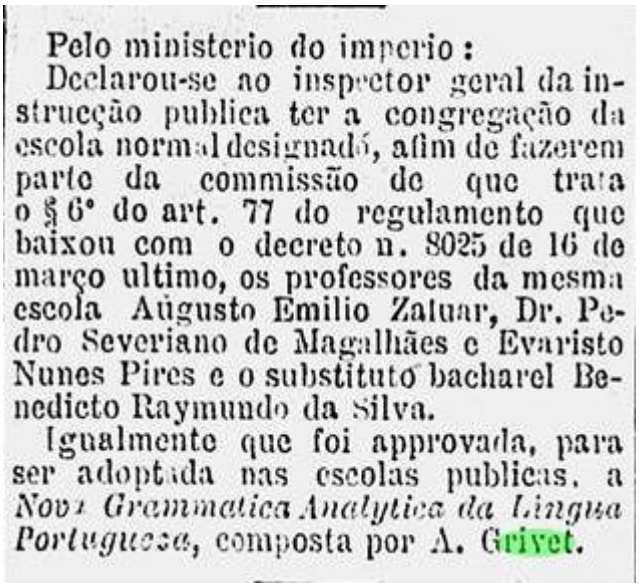
Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1881\Edição 00201 (1)



Grammaticas portuguezas a 200 a escolher

de Pimentel, Lobato, Moraes, Constancio, Aulete, Grivet, Escola fundamental e outras.

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1881\Edição 00206 (1)

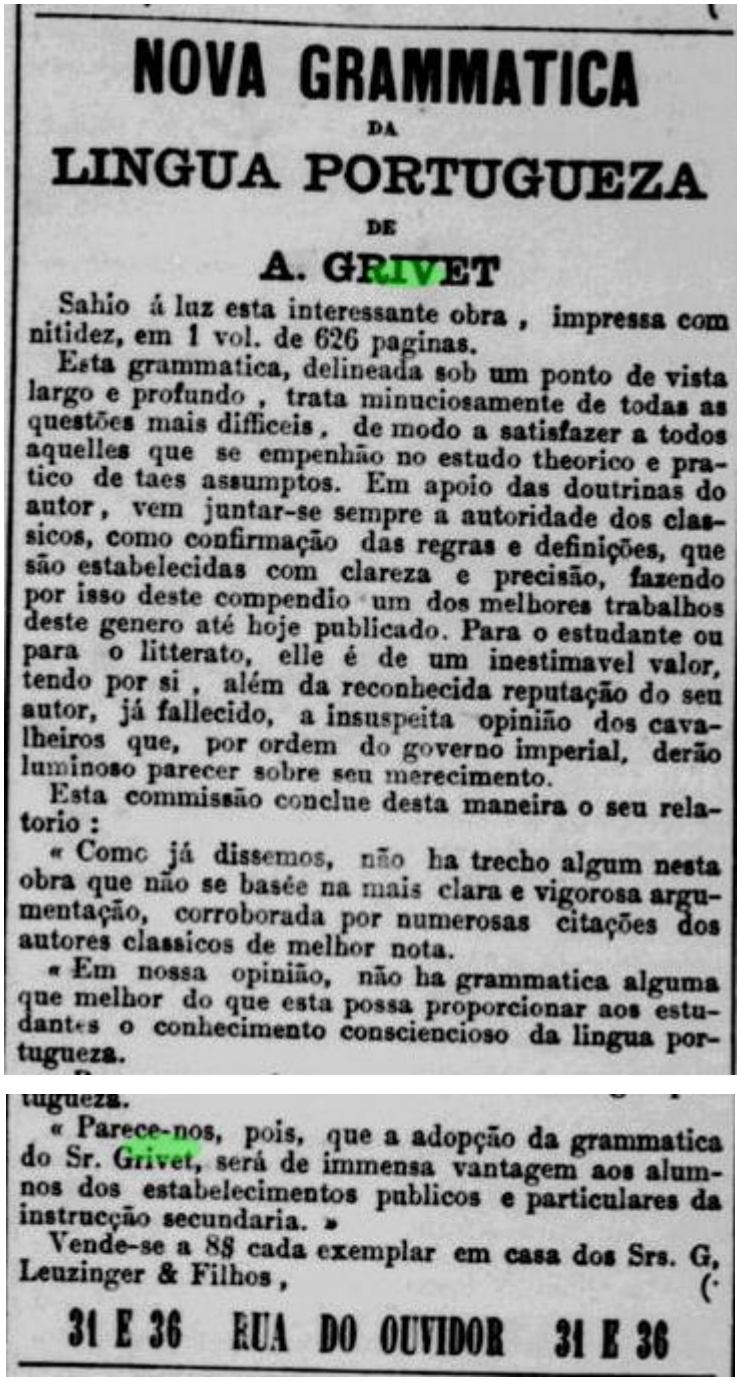


Pelo ministerio do imperio :

Declarou-se ao inspector geral da instrucção publica ter a congregação da escola normal designado, afim de fazerem parte da commissão de que trata o § 6° do art. 77 do regulamento que baixou com o decreto n. 8025 de 16 de março ultimo, os professores da mesma escola Augusto Emilio Zaluar, Dr. Pedro Severiano de Magalhães e Evaristo Nunes Pires e o substituto bacharel Benedicto Raymundo da Silva.

Igualmente que foi approvada, para ser adoptada nas escolas publicas, a *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, composta por A. Grivet.

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1881\Edição 00285 (1)



NOVA GRAMMATICA
DA
LINGUA PORTUGUEZA
DE
A. GRIVET

Sahio á luz esta interessante obra, impressa com nitidez, em 1 vol. de 626 paginas.

Esta grammatica, delineada sob um ponto de vista largo e profundo, trata minuciosamente de todas as questões mais difficeis, de modo a satisfazer a todos aquelles que se empenhão no estudo theorico e pratico de taes assumptos. Em apoio das doutrinas do autor, vem juntar-se sempre a autoridade dos classicos, como confirmação das regras e definições, que são estabelecidas com clareza e precisão, fazendo por isso deste compendio um dos melhores trabalhos deste genero até hoje publicado. Para o estudante ou para o litterato, elle é de um inestimavel valor, tendo por si, além da reconhecida reputação do seu autor, já fallecido, a insuspeita opiniño dos cavalheiros que, por ordem do governo imperial, derão luminoso parecer sobre seu merecimento.

Esta commissão conclue desta maneira o seu relatorio:

« Como já dissemos, não ha trecho algum nesta obra que não se basée na mais clara e vigorosa argumentação, corroborada por numerosas citações dos autores classicos de melhor nota.

« Em nossa opiniño, não ha grammatica alguma que melhor do que esta possa proporcionar aos estudantes o conhecimento conscienciosо da lingua portugueza.

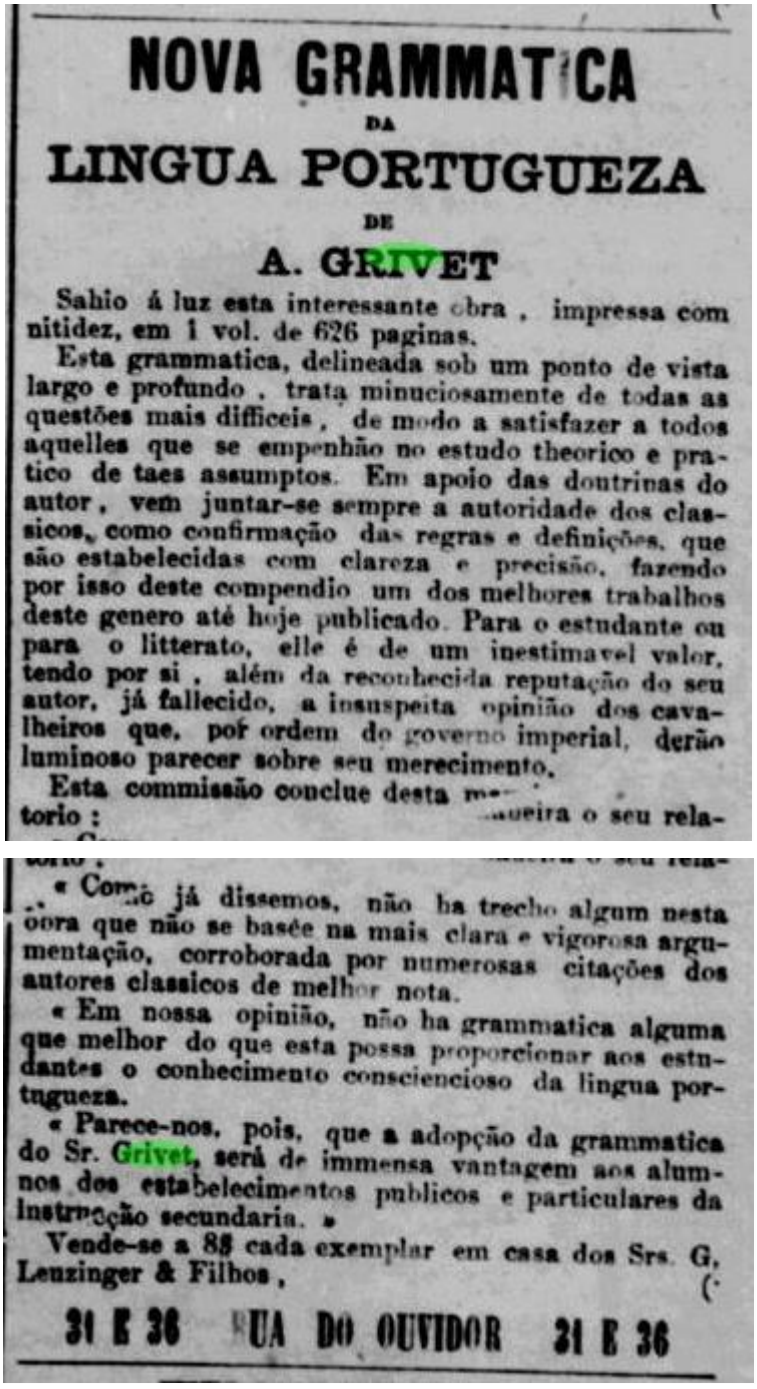
tugueza.

« Parece-nos, pois, que a adopção da grammatica do Sr. Grivet, será de immensa vantagem aos alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares da instrucção secundaria. »

Vende-se a 8$ cada exemplar em casa dos Srs. G. Leuzinger & Filhos,

31 E 36 RUA DO OUVIDOR 31 E 36

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1881\Edição 00165 (1)



NOVA GRAMMATICA
DA
LINGUA PORTUGUEZA
DE
A. GRIVET

Sahio á luz esta interessante obra, impressa com nitidez, em 1 vol. de 626 paginas.

Esta grammatica, delineada sob um ponto de vista largo e profundo, trata minuciosamente de todas as questões mais difficeis, de modo a satisfazer a todos aquelles que se empenhão no estudo theorico e pratico de taes assumptos. Em apoio das doutrinas do autor, vem juntar-se sempre a autoridade dos classicos, como confirmação das regras e definições, que são estabelecidas com clareza e precisão, fazendo por isso deste compendio um dos melhores trabalhos deste genero até hoje publicado. Para o estudante ou para o litterato, elle é de um inestimavel valor, tendo por si, além da reconhecida reputação do seu autor, já fallecido, a insuspeita opinião dos cavalheiros que, por ordem do governo imperial, derão luminoso parecer sobre seu merecimento.

Esta commissão conclue desta ma[illegible]ueira o seu relatorio:

« Como já dissemos, não ha trecho algum nesta obra que não se basée na mais clara e vigorosa argumentação, corroborada por numerosas citações dos autores classicos de melhor nota.

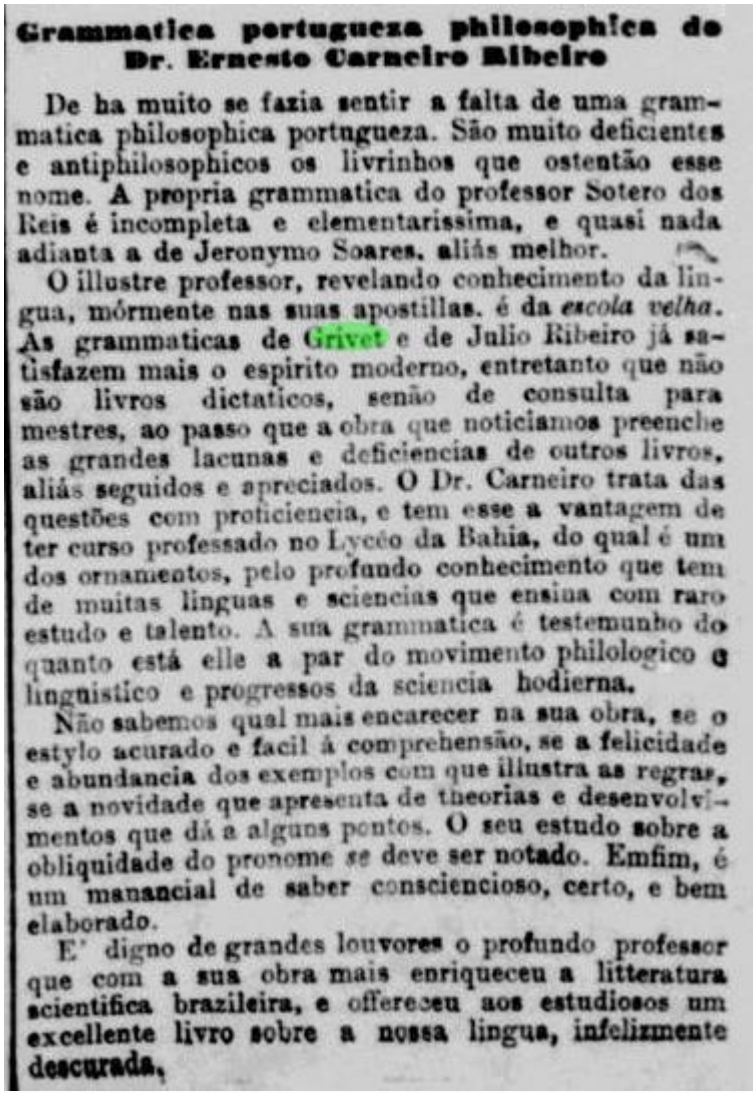
« Em nossa opinião, não ha grammatica alguma que melhor do que esta possa proporcionar aos estudantes o conhecimento conscienciosa da lingua portugueza.

« Parece-nos, pois, que a adopção da grammatica do Sr. Grivet, será de immensa vantagem aos alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares da instrucção secundaria. »

Vende-se a 8$ cada exemplar em casa dos Srs. G. Leuzinger & Filhos,

31 E 36 RUA DO OUVIDOR 31 E 36

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1881\Edição 00166 (1)



Grammatica portugueza philosophica do Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro

De ha muito se fazia sentir a falta de uma grammatica philosophica portugueza. São muito deficientes e antiphilosophicos os livrinhos que ostentão esse nome. A propria grammatica do professor Sotero dos Reis é incompleta e elementarissima, e quasi nada adianta a de Jeronymo Soares, aliás melhor.

O illustre professor, revelando conhecimento da lingua, mórmente nas suas apostillas, é da *escola velha*. As grammaticas de Grivet e de Julio Ribeiro já satisfazem mais o espirito moderno, entretanto que não são livros dictaticos, senão de consulta para mestres, ao passo que a obra que noticiamos preenche as grandes lacunas e deficiencias de outros livros, aliás seguidos e apreciados. O Dr. Carneiro trata das questões com proficiencia, e tem esse a vantagem de ter curso professado no Lycéo da Bahia, do qual é um dos ornamentos, pelo profundo conhecimento que tem de muitas linguas e sciencias que ensina com raro estudo e talento. A sua grammatica é testemunho do quanto está elle a par do movimento philologico e linguistico e progressos da sciencia hodierna.

Não sabemos qual mais encarecer na sua obra, se o estylo acurado e facil á comprehensão, se a felicidade e abundancia dos exemplos com que illustra as regras, se a novidade que apresenta de theorias e desenvolvimentos que dá a alguns pontos. O seu estudo sobre a obliquidade do pronome *se* deve ser notado. Emfim, é um manancial de saber consciencioso, certo, e bem elaborado.

E' digno de grandes louvores o profundo professor que com a sua obra mais enriqueceu a litteratura scientifica brazileira, e offereceu aos estudiosos um excellente livro sobre a nossa lingua, infelizmente descurada.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1882\Edição 00144 (1)

Questões de linguistica.—Lê-se no *Globo* de 3 do corrente :

« No intuito, para mim extremamente obsequioso, de converter-me, o illustradissimo collaborador do *Globo* brindou-me com segunda leitura do seu artigo do penultimo sabbado.

Apuro da nova lição, que desta vez —effeito da complacencia do sapiente arguidor—espero terá chegado a penetrar-me as circumvoluções de ambos os hemispherios cerebraes :

1.°—Que quando, de um modo geral, queremos significar o maior numero possivel de vezes, devemos dizer : *o mais das vezes*.

2.°—Que é preciso assentar ser errada a locução *as mais das vezes*, e sómente a outra compativel com a indole de nossa lingua.

Si alcancei entendel-os, os exemplos de auctores, por mim colligidos, demonstram a absoluta exacção... da these contraria.

A locução taxada de imcompativel com a indole do portuguez encontrou-a com fóro e domicilio, quer no primeiro, quer no ultimo em data dos nossos diccionarios.

Philologos nacionaes de tammanha auctoridade como Sotero dos Reis e José Alexandre Passos a perfilham ou explicam.

Defende-a um latinista tão versado nos trabalhos da moderna erudição allemã como Silva Dias, traductor de Madrig.

Dos estrangeiros mais singularmente inicia los nos segredos da lingua que fallamos, nenhum a engeita ou desautora.

Um, Raphael Bluteau, colleca-lhe em frente as equivalencias do latim ciceroniano *plerumque, sæpissime persæpe.*

Outro, Reinhardstoettner, mostra-lhe a sua carta de nobreza n'aquelle passo dos *Lusiadas* (II, 6) :

O mensageiro astuto, que não erra.
Lhe diz, que *a mais da gente* em Christo cria.

Outro, Frederico Disz, contrapõe á esta a fórma pararella do hespanhol, de Cervantes, *la mas de la gente*, e poderia contrapor-lhe ainda as do provençal e do francez antigo citados em Metsner (*Syntax*, t. I, 437) e em Raynonard (*Lexique roman*, IV, 577).

Todos estes exemplos, a que ajuntarei outro, colhido em Bartsch (*Chrestomathie de l'ancien français*, 4ª ed., 193) :

Les unes sunt vestues de ciers pa-
les roés.

Les plusiers d'esterins et les mains de condé, provam que a lucução censurada não repugna á indole nem do portuguez nem das mais linguas romanicas.

Persista muito embora o autor das *Questocs de linguistica* (que julga menos ambicioso o titulo dos seus artigos, sómente por que os não assigna), persista, se com isso se contenta, em a declarar errada.

D'aqui ouço responderem-lhe :

« Entretanto nada mais justificavel do que a locução *as mais das vezes*, logo que se admitta a registração de *mais e menos* entre os pronomes ; por que ella corresponde a um sem numero de formulas identicamente ellipticas (*as mais* vezes *das vezes*), que se encontram concordemente sanccionadas pela lição dos classicos. »

Assim se exprime a *Nova Grammatica* de A. Grivet, publicada posthuma em 1881.

Que pena que só hoje, 2 de Fevereiro, me lembrasse de ter recurso á obra do benemerito professor !

Si a houvesse consultado antes, estava dispensado da minha primeira allegação de textos.

Bastava-me remetter o erudito collaborador do *Globo* para a pagina 459 d'esse livro, com tanta razão encarecido pelo glorioso applauso do Sr. conselheiro F. Octaviano.—*Manoel de Mello.* »

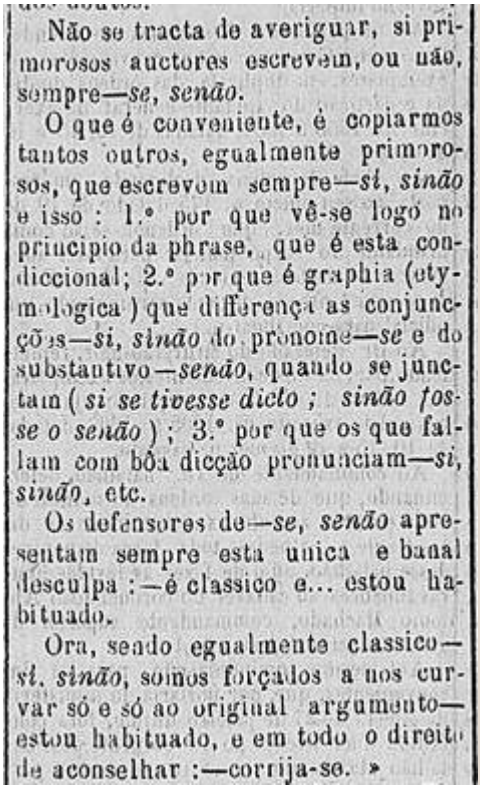
—Outra questão.

Lê-se no *Globo* de 9 do corrente :

« Adoptam uns a graphia seguinte, tractando-se de conjuncções condicionaes :—*se, senão,*

Outros, respeitando a etymologia, escrevem :—*si, sinão,* reservando a graphia—*senão*—para o substantivo synonimo de—*defeito.*

E' tempo de nos unirmos todos para uniformisar, quanto possivel, a nossa bella lingua, adoptando sómente o que é melhor; pensando sempre quando escrevermos, resistindo com criterio ao que a mão vadiamente quer. E' preciso, que o cerebro desça aos dedos ; ao menos (e uniformemente) dos doutos.



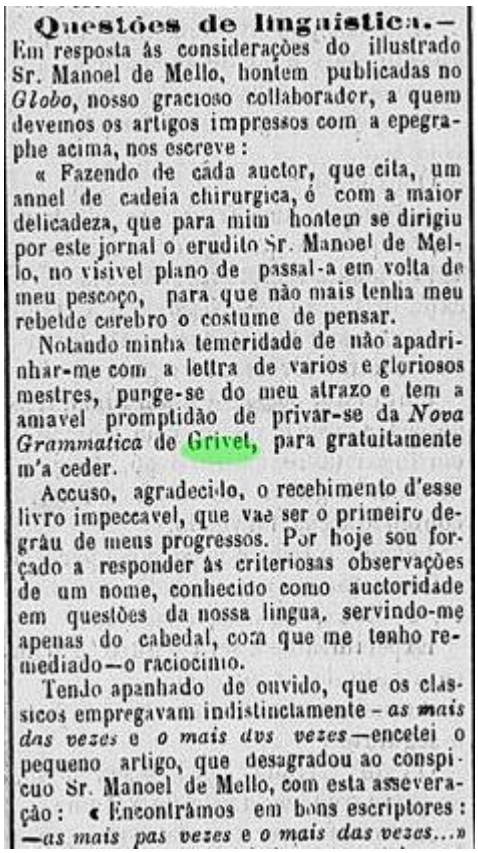
Não se tracta de averiguar, si primorosos auctores escrevem, ou não, sempre—*se, senão.*

O que é conveniente, é copiarmos tantos outros, egualmente primorosos, que escrevem sempre—*si, sinão* e isso : 1.° por que vê-se logo no principio da phrase, que é esta condiccional; 2.° por que é graphia (etymologica) que differença as conjuncções—*si, sinão* do pronome—*se* e do substantivo—*senão*, quando se junctam (*si se tivesse dicto ; sinão fosse o senão*) ; 3.° por que os que fallam com bôa dicção pronunciam—*si, sinão*, etc.

Os defensores de—*se, senão* apresentam sempre esta unica e banal desculpa :—é classico e... estou habituado.

Ora, sendo egualmente classico—*si, sinão*, somos forçados a nos curvar só e só ao original argumento—estou habituado, e em todo o direito de aconselhar :—corrija-se. »

O Cearense (CE) - Ano 1882\Edição 00043 (1)



Questões de linguistica.— Em resposta ás considerações do illustrado Sr. Manoel de Mello, hontem publicadas no *Globo*, nosso gracioso collaborador, a quem devemos os artigos impressos com a epegraphe acima, nos escreve :

« Fazendo de cada auctor, que cita, um annel de cadeia chirurgica, é com a maior delicadeza, que para mim hontem se dirigiu por este jornal o erudito Sr. Manoel de Mello, no visivel plano de passal-a em volta de meu pescoço, para que não mais tenha meu rebelde cerebro o costume de pensar.

Notando minha temeridade de não apadrinhar-me com a lettra de varios e gloriosos mestres, punge-se do meu atrazo e tem a amavel promptidão de privar-se da *Nova Grammatica* de Grivet, para gratuitamente m'a ceder.

Accuso, agradecido, o recebimento d'esse livro impeccavel, que vae ser o primeiro degrâu de meus progressos. Por hoje sou forçado a responder ás criteriosas observações de um nome, conhecido como auctoridade em questões da nossa lingua, servindo-me apenas do cabedal, com que me tenho remediado—o raciocinio.

Tendo apanhado de ouvido, que os classicos empregavam indistinctamente - *as mais das vezes* e *o mais dvs vezes*—encetei o pequeno artigo, que desagradou ao conspicuo Sr. Manoel de Mello, com esta asseveração: « Encontrâmos em bons escriptores : —*as mais pas vezes* e *o mais das vezes*...»

Até certo poncto sei hoje que acertei, porque a correspondencia de 31 de janeiro desse lido cavalheiro m'o informou, relativamente a—*as mais das vezes*. Não transcreveu exemplos classicos do emprego de—*o mais das vezes*. Fico, porém, egualmente tranquillo, porque o austero defensor dos textos sanccionados, isso me não contradictou. Creio, pois, que fui feliz, adiantando: « Encontramos em bons escriptores: —*as mais das vezes* e *o mais das vezes*.»

Passo a trazer, com impiedade, para a meza de autopsia uma e outra locução. Que meu reverente arguidor dê me liberdade de bem cortar, para bem vermos tudo.

Dissequemos a primeira—*as mais das vezes*. Encontrámos: um artigo no feminino plural, um adverbio, uma contracção da preposição *de* com o artigo femino plural e finalmente um substantivo femino plural. Estes quatro orgãos de externação do pensamento não estam junctos para nada significar; se propõem a traduzir uma ideia. O que pretenderá dizer a locução—*as mais das vezes*? Aquelle artigo *as* guarda connexões com *vezes*? Não o consente a contracção *das*. O que faz, pois? Modificará, influenciará, por centura, o adverbio *mais*? Não sendo isso possivel, os defensores dessa locução precisam subentender um substantivo elidido, e costumam apresentar um, egual ao que figura juncto da contracção. Querem que—*as mais das vezes*—seja—*as mais (vezes) das vezes*.

Desta arte fica o artigo *as* preso á elisão *vezes*, a contracção *das* presa á expressão *vezes* e por conseguinte inteiramente isolado robustecido em sua indole adverbial, o adverbio *mais*. Ora, o espirito quer saber com exactidão a quem esse adverbio está modificando. Para isso recorre ao expediente de transpol-o, a ver si descortina alguma indicação, Esbarra ante :—*as mais das vezes mais*, isto é, uma serie de palvras, em via de desorganisação da ideia, que se propunha representar.

Dissequemos a segunda—*o mais das vezes*. Encontramos um artigo no masculino singular, uma contracção de preposição *de* com artigo feminino plural e finalmente um substantivo feminino plural. Procurando vêr a quem se liga o artigo *o*, repugna logo que seja *vezes* e o espirito è coagido a admittir

um substantivo apropriado, masculino do singular e manifestamente elidido. Adoptando *numero*, *resto*, etc. e preenchendo a lacuna chega a organisar :—*o mais numero das vezes*, ou *o mais resto das vezes*, e logo descobre que *mais* é ahi um pseudo-adverbio, é desfarçadamente o adjectivo *maior*. Fazendo (ainda mentalmente) a substituição, encontra :—*o maior numero, o maior resto dos veses*, Radia de satisfeito, porque sente a enunciação de um pensamento em sua maxima clareza. Escrupulisando, porêm, vae vestir com a mesma roupagem a locução—*as mais das vezes*—concedendo-lhe tambem que *mais* seja o adjectivo *maior*. Enfrenta com :—*as maiores vezes das vezes*, isto é, uma perfeita intriga do pensamento, que deve ser expresso

Eis porque, tendo apanhado de ouvido, que « encontramos em bons escriptores :—*as mais das vezes* e *o mais das vezes*» ousei (attendendo a que ambas sam locuções autorisadas) marcar de errada a primeira, contraria á indole de nossa lingua, e aconselhar o uso exclusivo da segunda.

Agradeço, com sinceridade, ao intelligente, illustrado e delicadissimo Sr. Manoel de Mello a implicita consideração, com qoe se dignou de objectar e replicar a quem tanto lhe reconhece competencia, que hontem mesmo pediu-lhe o favor de examinar a vernaculidade dos substantivos—*angelitude* e *angelidade*.

Faz gosto discutir com tão distincto cavalheiro. D'este torneio só guardo esta magua :—ter de curvar-me á imposição do raciocinio, que quer que eu persista em escrever exclusivamente *o mais das vezes*... e isso com a aggravante de não me dar forças, com que possa perverter meu consciencioso arguidor.»

Outra questão.—Escreve-nos o gracioso collaborador a quem devemos os artigos sob epigraphe acima :

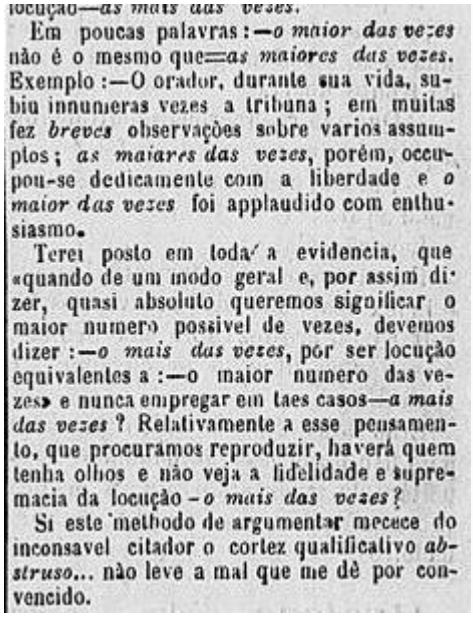
—*O mais das vezes.*

Toda a clareza. Resumamos.

Foi o Sr. Manoel de Mello, quem, appellando para a *Nova Grammatica* de Grivet, escreveu : « Si a houvesse consultado antes, estava dispensado da minha primeira allegação de textos.» Ora, o trecho da dicta grammatica, que citou, explica ser a locução *as mais das vezes* equivalente «*as mais* vezes *das vezes*.» Logo, para o Sr. Manoel de Mello é—*vezes*—o substantivo elidido.

Tenho tido a coherencia de dizer, que *o mais das vezes* equivale—*o maior* numero *de vezes*. Logo, para mim e para muitos (entre os quaes poderia nomear o fallecido e estudioso conego Fernandes Pinheiro) é—*numero*—o substantivo elidido.

Em ambas as locuções todos reconhscem que—*mais*—é adjectivo de dous generos, é o adjectivo—*maior*. Fiz a substituição, para metter pelos olhos de mim mesmo, que—*o maior numero de vezes*—traduz com perfeita exactidão a idéa que desejamos ; ao passo que—*as maiores vezes das vezes*—falsêa essa idéa, exprime outro e muito diversa daquella, que pretendem significar os defensores da locução—*as mais das vezes.*



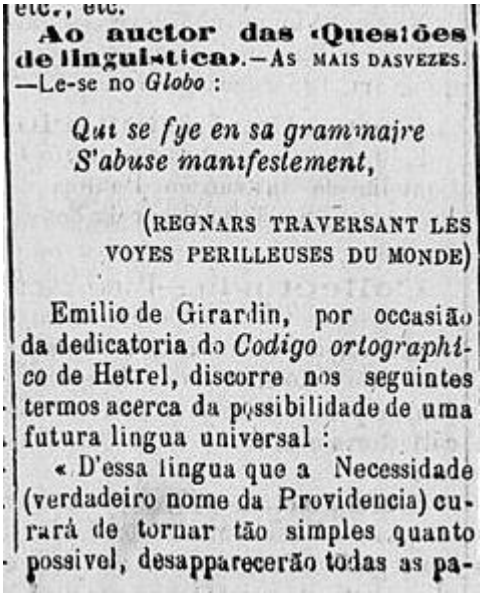
locução—*as mais das vezes*.

Em poucas palavras:—*o maior das vezes* não é o mesmo que=*as maiores das vezes*. Exemplo:—O orador, durante sua vida, subiu innumeras vezes a tribuna; em muitas fez *breves* observações sobre varios assumptos; *as maiores das vezes*, porém, occupou-se dedicamente com a liberdade e *o maior das vezes* foi applaudido com enthusiasmo.

Terei posto em toda a evidencia, que «quando de um modo geral e, por assim dizer, quasi absoluto queremos significar o maior numero possivel de vezes, devemos dizer:—*o mais das vezes*, por ser locução equivalentes a:—o maior numero das vezes» e nunca empregar em taes casos—*a mais das vezes*? Relativamente a esse pensamento, que procuramos reproduzir, haverá quem tenha olhos e não veja a fidelidade e supremacia da locução—*o mais das vezes*?

Si este methodo de argumentar merece do inconsavel citador o cortez qualificativo *abstruso*... não leve a mal que me dê por convencido.

O Cearense (CE) - Ano 1882\Edição 00046 (1)



etc., etc.

Ao auctor das «Questões de linguistica».—AS MAIS DASVEZES.—Le-se no *Globo*:

Qui se fye en sa grammaire
S'abuse manifestement,

(REGNARS TRAVERSANT LES VOYES PERILLEUSES DU MONDE)

Emilio de Girardin, por occasião da dedicatoria do *Codigo ortographico* de Hetrel, discorre nos seguintes termos acerca da possibilidade de uma futura lingua universal:

« D'essa lingua que a Necessidade (verdadeiro nome da Providencia) curará de tornar tão simples quanto possivel, desapparecerão todas as pa-

lavras que já não têm sentido, todas as palavras que têm muitos sentidos.

Haverá uma palavra para cada cousa, mas para cada cousa não haverá para mais que uma palavra. »

Sem duvida para este idioma internacional do futuro legisla o autor das *Questões de linguistica*, quando delibera que, tendo de significar o maior numero possivel das vezes digamos *o mais das vezes*, e nunca (segundo provei ser de uso constante entre os classicos) *as mais das vezes*.

A demonstração do meu prospicuo impugnador parece-me satisfazer a todos os requisitos da especie.

Mais é o adjectivo *maior* ; *numero* o substantivo elidido.

Logo : *o mais das vezes*, o maior numero de vezes. Está claro, diz tambem Sganarello ou outro, que *Paris* vem de *Lutecia* : é só mudar *Lu* em *Pa* e *tecta* em *ris*.

O illustrado correspondente do *Globo* tomou por offensivo ou descortez o epitheto *abstruso*, que a mim se me affigura absolutamente innocuo. Moraes define : « *Abstruso* : de difficil intelligencia, recondito. » Onde a offensa ?

Em troca, o meu polido adversario appellida-me.... citador incansavel. Cuido que é um nome feio ; mas podia ser muito peior.

Agradeço portanto, e empenhar-me hei em não o desmentir. *A um senhor do jornal* que lhe chamou revoluccionario, plagiario, gatuno, envenenador, falsario, impostor, calumniador, trapeiro, libellista, respoude Paulo Luiz Couvier : «Percebo : quer dizer que ello e eu somos de opinião differente. »

Antes de me despedir, uma objecção. Citando a *Grammatica* de Grivet, não declarei si acceitava ou não acceitava o seu modo de explicar a locução *as mais das vezes*.

Disse que, a tel-a consultado em tempo, ficaria dispensado da minha anterior allegação de textos.

Os que lá se produzem são de todo em todo conclusivos, e o auctor precede-os de reparos seus sobre as distincções que julga corresponderem ás exigencias de uma analyse digna do nome.

E prosegue (pag. 458) :

« Além de estabelecer, com muita proficiencia, uma base segura para um estudo comparativo com outras linguas, as mesmas distincções não servem pouco a dilucidar questões obscurecidas por uma theoria incompleta ou inexacta, e resolvidas muitas vezes ao avesso das prescripções da sciencia.

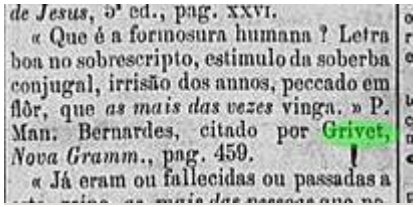
Assim é que, nunca interminavel mofina de periodico, um Aristarcho, tão ricamente dotado de sentimentos rancorosos quão parcamente provido de conhecimentos grammaticaes, aggredio durante mezes, a um seu desaffecto, pelo supposto erro de ter escripto *as mais das vezes*, quando pela syntaxe do arguidor devera-se escrever *o mais das vezes*.

Si o caso era um tanto frivolo em si, não o era pelo intento. Fosse, porém, como fosse visto que nem o arguidor explicou a sua theze, nem o arguido deffendeu a locução, licito é concluir que onde um se firmava em alguma auctoridade empirica, o outro apenas se fundava n'um uso recebido, sim, mas quiçá reprovavel. *Et adhuc sub judice lis est.* »

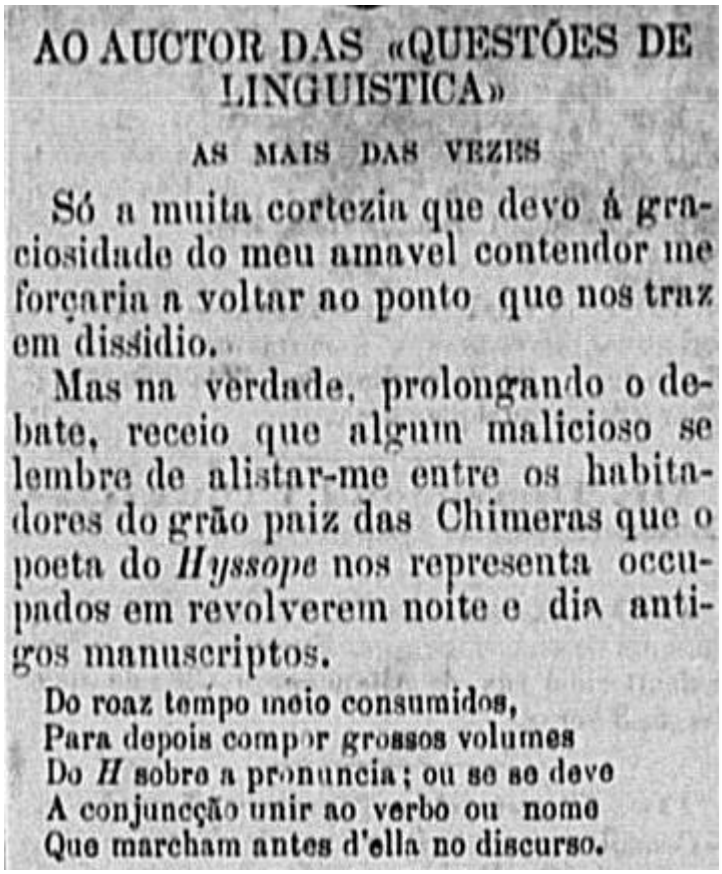
Trancrevo estas linhas sem o minimo proposito de fazer applicações, e so para coutinuar o meu papel de citador.

Citador, conforme o preceito de Paulo Luiz no *Pamphleto dos pamphletos*, e ainda mais se for preciso, citador, segundo a regra da nova escola critica. Citador até ao infinito.

Multipliquem como eu as suas provas os que poderem.


de Jesus, 5ª ed., pag. XXVI.
« Que é a formosura humana ? Letra boa no sobrescripto, estimulo da soberba conjugal, irrisão dos annos, peccado em flôr, que *as mais das vezes* vinga. » P. Man. Bernardes, citado por Grivet, *Nova Gramm.*, pag. 459.
« Já eram ou fallecidas ou passadas a

O Globo : Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ) - Ano 1882\Edição 00129 (1)



AO AUCTOR DAS «QUESTÕES DE LINGUISTICA»

AS MAIS DAS VEZES

Só a muita cortezia que devo á graciosidade do meu amavel contendor me forçaria a voltar ao ponto que nos traz em dissidio.

Mas na verdade, prolongando o debate, receio que algum malicioso se lembre de alistar-me entre os habitadores do grão paiz das Chimeras que o poeta do *Hyssope* nos representa occupados em revolverem noite e dia antigos manuscriptos.

Do roaz tempo meio consumidos,
Para depois compor grossos volumes
Do *H* sobre a pronuncia; ou se se deve
A conjuncção unir ao verbo ou nome
Que marcham antes d'ella no discurso.

No meu artigo de 31 de janeiro, remettido ao *Globo* no dia 24, não transcrevi «exemplos classicos do emprego de *o mais dos vezes*», por uma razão ponderavel: — porque não sei de um exemplo classico, um só que seja, de tal emprego. Tambem não foi propriamente aos classicos que tomei os mais dos exemplos então adduzidos, senão a alguns dos zeladores da lingua que neste seculo se acreditaram por ter escripto não menos apurada que puramente. Os classicos, se me obstino em consultal-os — e affirmo que por esta vez os consultei detidamente — respondem-me:

« Tal Florisbel, quanto mais ausente se viu de Belfloris, tanto mais desejava ver-se presente, que *as mais das vezes* a falta de uma cousa muito desejada é a lembrança della » Jorge Ferreira, *Segundo Tavola Redonda*, edic. de 1867, pag. 101.

«Commetti esta obra, havendo por industria e muito segredo papel e tinta, e escrevendo *as mais das vezes* sem mais luz que a que entrava por gretas da porta, ou agulheiros e buracos das paredes. » Fr. Thomé de Jesus, *Trabalhos de Jesus*, 5ª ed., pag. XXVI.

« Que é a formosura humana ? Letra boa no sobrescripto, estimulo da soberba conjugal, irrisão dos annos, peccado em flôr, que *as mais das vezes* vinga. » P. Man. Bernardes, citado por Grivet, *Nova Gramm.*, pag. 459.

« Já eram ou fallecidas ou passadas a este reino *as mais das pessoas* que poderam dar notícia das cousas do Padre Mestre Francisco.» Lucena, *Vida do P. F. de Xavier*, 1600, pag. 6.

« *As mais das fortalezas* que fizemos na India, tinham os alicerces sobre cinzas de reinos abrazados. » Freire, *Vida de D. J. de Castro*, L. I, 51 (pag. 37 da ed. da Acad.)

« Houvera outro recontro na parte onde estava com os Mogoles, em que lhe mataram tres mil homens, *os mais delles* Decanis. » Barros, *Da Asia, De cada quarta*, L. 6, cap. 5.

« E' a mais nobre gente da corte, porém *os mais delles*, ou quasi todos, pobrissimos no trato de suas pessoas e nos seus vestidos. » F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, 1829, pag. 50.

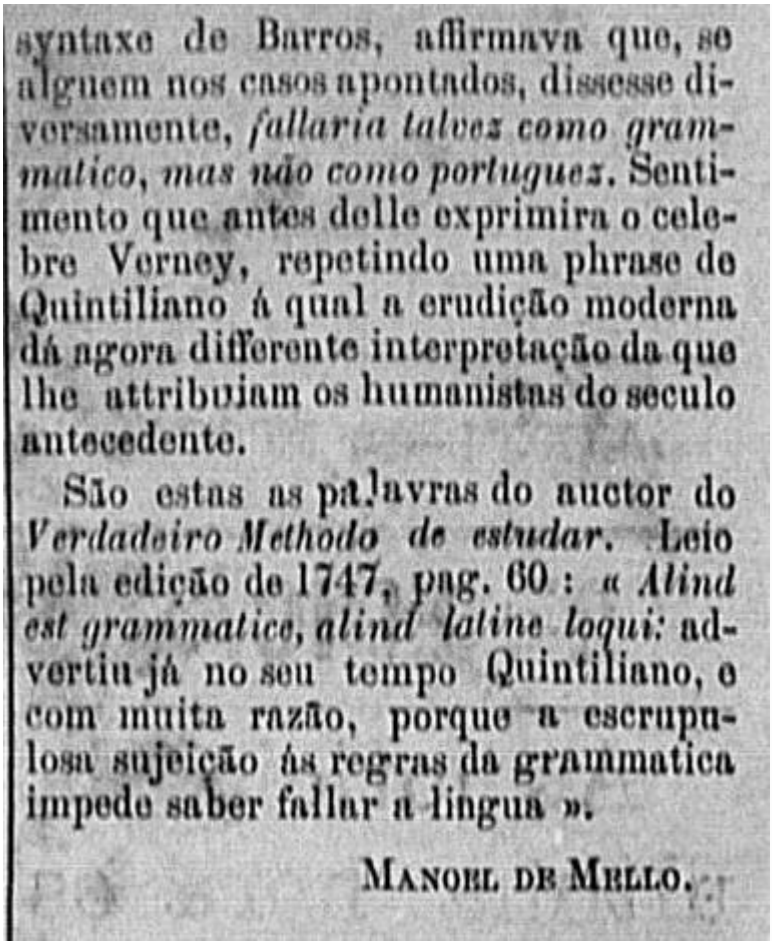
« Dourou e engrandeceu a liberalidade com seus poderes o nosso primeiro rei D. Affonso Henriques, que nas terras que conquistava edificou mais igrejas ricas, que paços reaes e casas pobres : bem o seguiram *os mais de seus descendentes* em differente modo. » Lobo, *Côrte na aldea*, dial. 7.

Encostado aos exemplos d'estes antigos, que ainda respeitamos por autoridades canonicas da lingua, não tenho olhos nem entendimento para seguir as argucias, as subtilezas, as prestigiações de uma tentativa de analyse grammatical abstrusa e minutissima com que o illustrado collaborador do *Globo* pretendesse acaso patentear-me a estructura e fazer retalhos os incisos d'aquelles nobres periodos.

Permita-me, pois, o destro operador que o não acompanhe á sua mesa de dissecção. Nada, absolutamente nada, comprehenderia dos seus methodos. Ficaria tão estranho á myotomia como á angistomia.... Depois, essas Morgues da linguagem, esses theatros anatomicos da phrase infundem-me como que um horror sagrado.

Separa-nos em tal assumpto profunda divergencia. O douto correspondente do *Globo* está ainda pela velha definição da grammatica: « Grammatica é a arte de fallar e escrever correctamente. » Eu estou pela definição nova, que é a de Julio Ribeiro, na sua *Grammatica portugueza* publicada em S. Paulo em 1881: « Grammatica é a exposição methodica dos factos da linguagem. A grammatica não faz leis e regras para a linguagem; expõe os factos d'ella, ordenados de modo que possam ser aprendidos com facilidade. » (Pag. 1). « Os factos de uma lingua qualquer só podem ser cabalmente elucidados pelo estudo historico comparativo da grammatica dessa lingua. As explicações metaphysicas, mais ou menos subtis, mais ou menos engenhosas, nunca satisfazem. » (Pag. 286.)

Digo *nova* esta comprehensão da grammatica, e realmente não o é. Ha quasi um seculo que o padre Antonio Pereira de Figueiredo, notando no *Espirito da lingua* um particular uso da

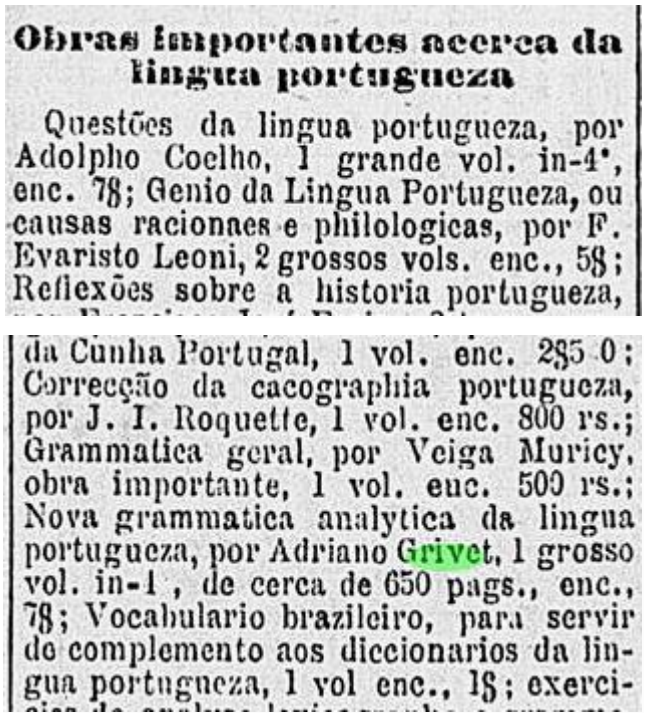


syntaxe de Barros, affirmava que, se alguem nos casos apontados, dissesse diversamente, *fallaria talvez como grammatico, mas não como portuguez*. Sentimento que antes delle exprimira o celebre Verney, repetindo uma phrase de Quintiliano á qual a erudição moderna dá agora differente interpretação da que lhe attribuiam os humanistas do seculo antecedente.

São estas as palavras do auctor do *Verdadeiro Methodo de estudar*. Leio pela edição de 1747, pag. 60: « *Aliud est grammatice, aliud latine loqui:* advertiu já no seu tempo Quintiliano, e com muita razão, porque a escrupulosa sujeição ás regras da grammatica impede saber fallar a lingua ».

MANOEL DE MELLO.

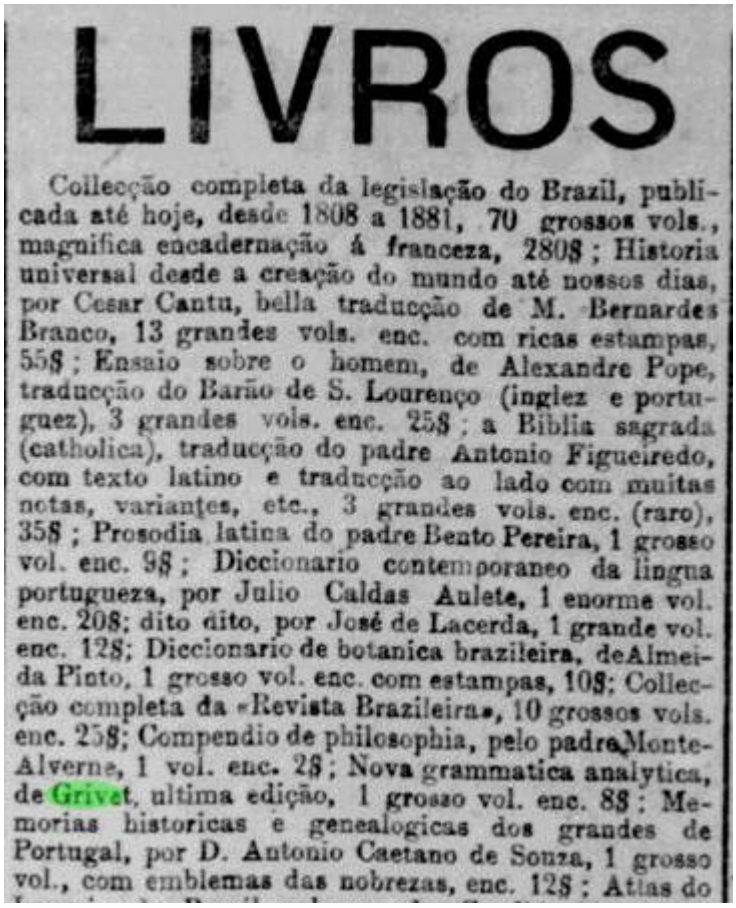
O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ) - Ano 1882\Edição 00129 (1)



Obras importantes acerca da lingua portugueza

Questões da lingua portugueza, por Adolpho Coelho, 1 grande vol. in-4°, enc. 7$; Genio da Lingua Portugueza, ou causas racionaes e philologicas, por F. Evaristo Leoni, 2 grossos vols. enc., 5$; Reflexões sobre a historia portugueza, da Cunha Portugal, 1 vol. enc. 2$5 0; Correcção da cacographia portugueza, por J. I. Roquette, 1 vol. enc. 800 rs.; Grammatica geral, por Veiga Muricy, obra importante, 1 vol. enc. 500 rs.; Nova grammatica analytica da lingua portugueza, por Adriano Grivet, 1 grosso vol. in-1 , de cerca de 650 pags., enc., 7$; Vocabulario brazileiro, para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza, 1 vol enc., 1$; exerci-

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1883\Edição 00155 (1)



LIVROS

Collecção completa da legislação do Brazil, publicada até hoje, desde 1808 a 1881, 70 grossos vols., magnifica encadernação á franceza, 280$; Historia universal desde a creação do mundo até nossos dias, por Cesar Cantu, bella traducção de M. Bernardes Branco, 13 grandes vols. enc. com ricas estampas, 55$; Ensaio sobre o homem, de Alexandre Pope, traducção do Barão de S. Lourenço (inglez e portuguez), 3 grandes vols. enc. 25$; a Biblia sagrada (catholica), traducção do padre Antonio Figueiredo, com texto latino e traducção ao lado com muitas notas, variantes, etc., 3 grandes vols. enc. (raro), 35$; Prosodia latina do padre Bento Pereira, 1 grosso vol. enc. 9$; Diccionario contemporaneo da lingua portugueza, por Julio Caldas Aulete, 1 enorme vol. enc. 20$; dito dito, por José de Lacerda, 1 grande vol. enc. 12$; Diccionario de botanica brazileira, de Almeida Pinto, 1 grosso vol. enc. com estampas, 10$; Collecção completa da «Revista Brazileira», 10 grossos vols. enc. 25$; Compendio de philosophia, pelo padre Monte-Alverne, 1 vol. enc. 2$; Nova grammatica analytica, de Grivet, ultima edição, 1 grosso vol. enc. 8$; Memorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal, por D. Antonio Caetano de Souza, 1 grosso vol., com emblemas das nobrezas, enc. 12$; Atlas do

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1883\Edição 00062 (1)

NOVA GRAMMATICA ANALYTICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

POR

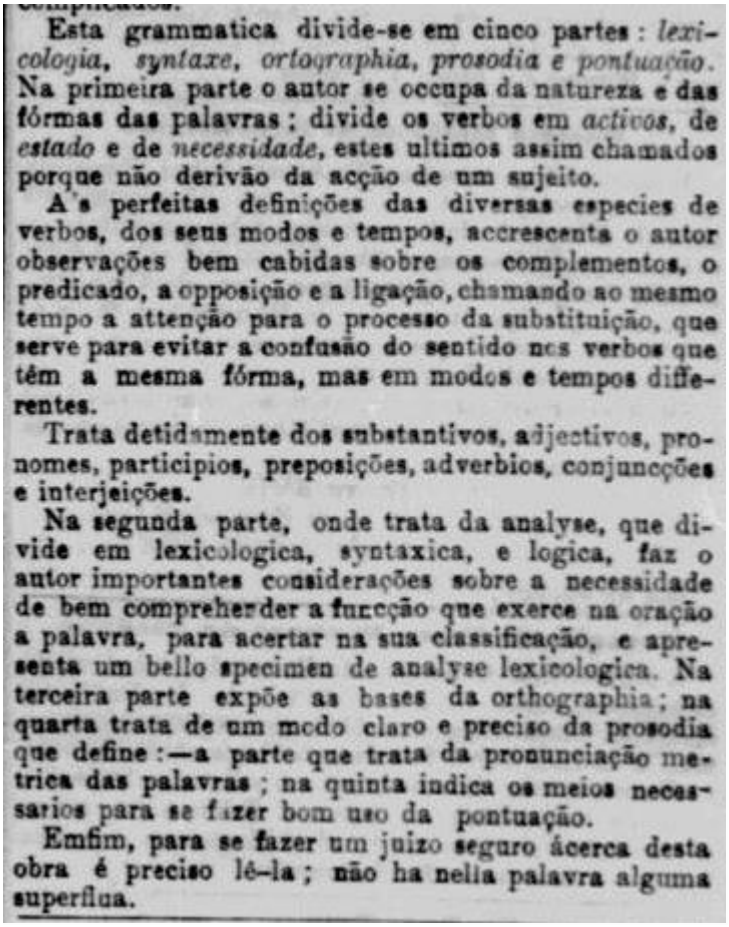
CHARLES ADRIEN OLIVIER GRIVET

1 grosso volume encadernado..... 10$000

A' venda na livraria de B. L. Garnier
rua do Ouvidor n. 71

Esta obra, pela robustez da logica e pela vasta erudicção que a rege desde o principio até o fim, destaca-se completamente de todas as outras de igual natureza até hoje conhecidas. Classificadas as materias segundo as mais vigorosas exigencias da linguagem, cada parte é tratada com magistral proficiencia. As regras, ampla e claramente expostas, são sempre acompanhadas de valiosissimas reflexões sobre a sua applicação, sendo estas corroboradas, a cada passo, pelo exemplo e autoridade dos escriptores classicos de melhor nota; e assim firmadas, tanto as regras como a sua genuina applicação poem, naturalmente, em relevo as incorrecções que o uso tem pouco e pouco introduzido na pratica.

Nem se diga que por ter tão profundamente penetrado nos mysterios da bella lingua de Antonio Veira, a obra do Sr. Grivet é inaccessivel aos espiritos menos reflectidos; visto que, por meio de uma analyse perfeitamente desenvolvida, tornão-se de facil comprehensão os assumptos mais abstractos e os mais complicados.



Esta grammatica divide-se em cinco partes: *lexicologia, syntaxe, orthographia, prosodia e pontuação*. Na primeira parte o autor se occupa da natureza e das fórmas das palavras; divide os verbos em *activos*, de *estado* e de *necessidade*, estes ultimos assim chamados porque não derivão da acção de um sujeito.

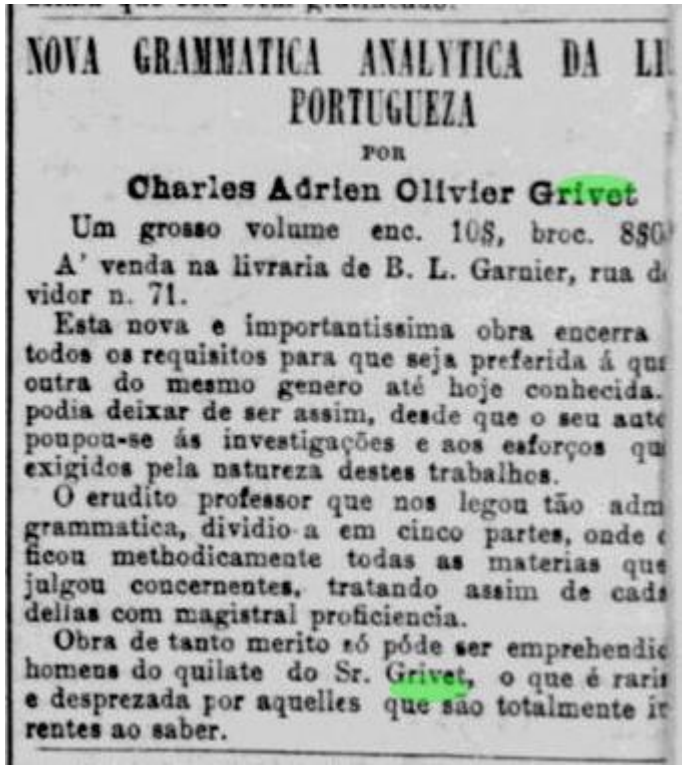
A's perfeitas definições das diversas especies de verbos, dos seus modos e tempos, accrescenta o autor observações bem cabidas sobre os complementos, o predicado, a opposição e a ligação, chamando ao mesmo tempo a attenção para o processo da substituição, que serve para evitar a confusão do sentido nos verbos que têm a mesma fórma, mas em modos e tempos differentes.

Trata detidamente dos substantivos, adjectivos, pronomes, participios, preposições, adverbios, conjuncções e interjeições.

Na segunda parte, onde trata da analyse, que divide em lexicologica, syntaxica, e logica, faz o autor importantes considerações sobre a necessidade de bem comprehender a funcção que exerce na oração a palavra, para acertar na sua classificação, e apresenta um bello specimen de analyse lexicologica. Na terceira parte expõe as bases da orthographia; na quarta trata de um modo claro e preciso da prosodia que define:—a parte que trata da pronunciação metrica das palavras; na quinta indica os meios necessarios para se fazer bom uso da pontuação.

Emfim, para se fazer um juizo seguro ácerca desta obra é preciso lê-la; não ha nella palavra alguma superflua.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1883\Edição 00083 (1)



NOVA GRAMMATICA ANALYTICA DA LI
PORTUGUEZA

POR

Charles Adrien Olivier Grivet

Um grosso volume enc. 10$, broc. 8$0

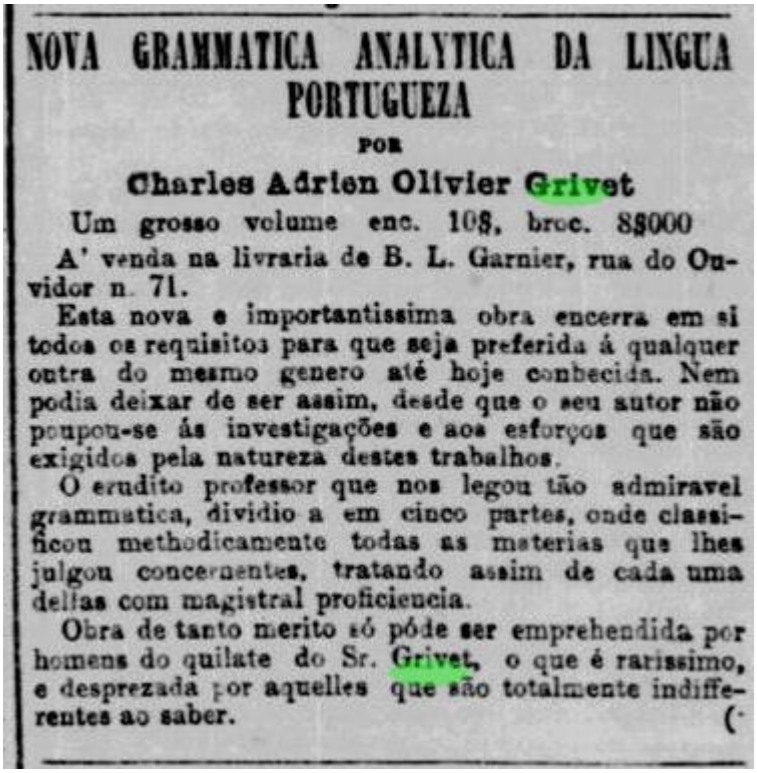
A' venda na livraria de B. L. Garnier, rua d
vidor n. 71.

Esta nova e importantissima obra encerra
todos os requisitos para que seja preferida á qu
outra do mesmo genero até hoje conhecida.
podia deixar de ser assim, desde que o seu aut
poupou-se ás investigações e aos esforços qu
exigidos pela natureza destes trabalhos.

O erudito professor que nos legou tão adm
grammatica, dividio-a em cinco partes, onde
ficou methodicamente todas as materias que
julgou concernentes, tratando assim de cad
dellas com magistral proficiencia.

Obra de tanto merito só póde ser emprehendi
homens do quilate do Sr. Grivet, o que é rari
e desprezada por aquelles que são totalmente ir
rentes ao saber.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1883\Edição 00089 (1)



NOVA GRAMMATICA ANALYTICA DA LINGUA PORTUGUEZA

POR

Charles Adrien Olivier Grivet

Um grosso volume enc. 10$, broc. 8$000

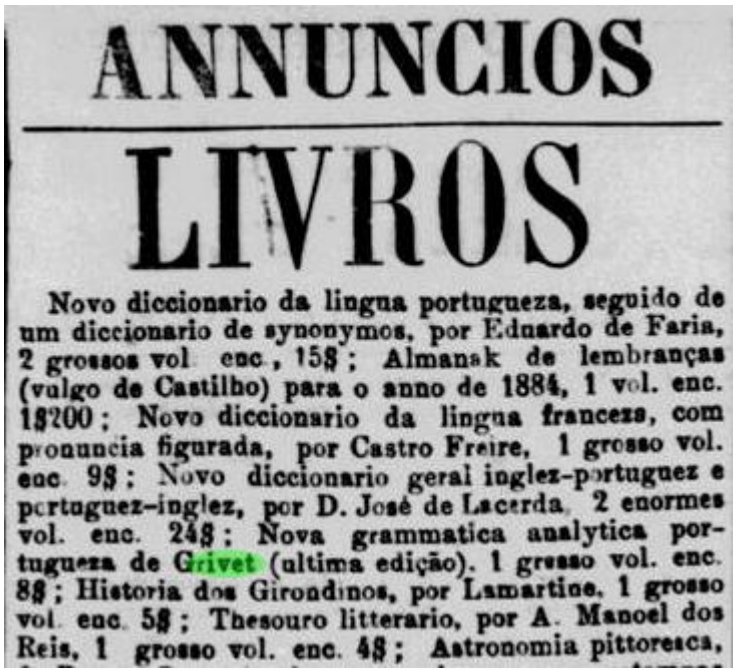
A' venda na livraria de B. L. Garnier, rua do Ouvidor n. 71.

Esta nova e importantissima obra encerra em si todos os requisitos para que seja preferida á qualquer outra do mesmo genero até hoje conhecida. Nem podia deixar de ser assim, desde que o seu autor não poupou-se ás investigações e aos esforços que são exigidos pela natureza destes trabalhos.

O erudito professor que nos legou tão admiravel grammatica, dividio a em cinco partes, onde classificou methodicamente todas as materias que lhes julgou concernentes, tratando assim de cada uma dellas com magistral proficiencia.

Obra de tanto merito só póde ser emprehendida por homens do quilate do Sr. Grivet, o que é rarissimo, e desprezada por aquelles que são totalmente indifferentes ao saber.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1883\Edição 00091 (1)

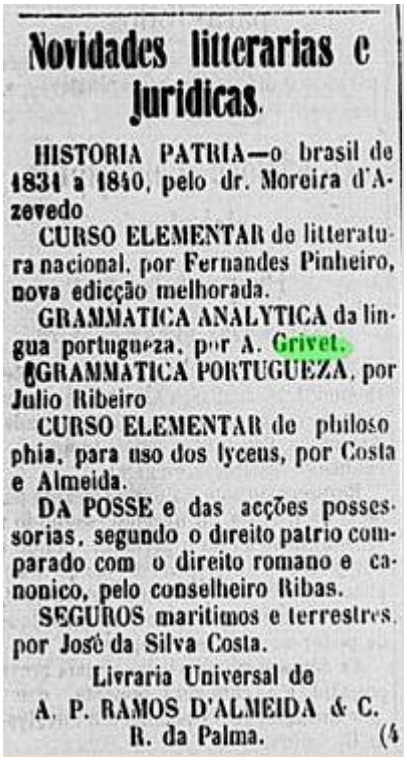


ANNUNCIOS

LIVROS

Novo diccionario da lingua portugueza, seguido de um diccionario de synonymos, por Eduardo de Faria, 2 grossos vol. enc., 15$; Almanak de lembranças (vulgo de Castilho) para o anno de 1884, 1 vol. enc. 1$200; Novo diccionario da lingua franceza, com pronuncia figurada, por Castro Freire, 1 grosso vol. enc. 9$; Novo diccionario geral inglez-portuguez e portuguez-inglez, por D. José de Lacerda, 2 enormes vol. enc. 24$; Nova grammatica analytica portugueza de Grivet (ultima edição). 1 grosso vol. enc. 8$; Historia dos Girondinos, por Lamartine, 1 grosso vol. enc. 5$; Thesouro litterario, por A. Manoel dos Reis, 1 grosso vol. enc. 4$; Astronomia pittoresca,

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1883\Edição 00263 (1)



Novidades litterarias e juridicas.

HISTORIA PATRIA—o brasil de 1831 a 1840, pelo dr. Moreira d'Azevedo

CURSO ELEMENTAR de litteratura nacional, por Fernandes Pinheiro, nova edicção melhorada.

GRAMMATICA ANALYTICA da lingua portugueza, por A. Grivet.

GRAMMATICA PORTUGUEZA, por Julio Ribeiro

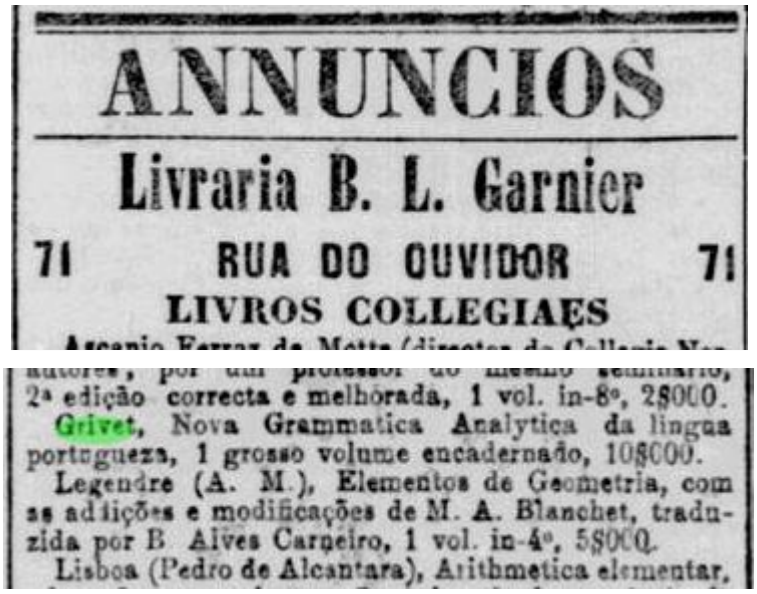
CURSO ELEMENTAR de philosophia, para uso dos lyceus, por Costa e Almeida.

DA POSSE e das acções possessorias, segundo o direito patrio comparado com o direito romano e canonico, pelo conselheiro Ribas.

SEGUROS maritimos e terrestres, por José da Silva Costa.

Livraria Universal de
A. P. RAMOS D'ALMEIDA & C.
R. da Palma. (4

Diario do Maranhão (MA) - Ano 1884\Edição 03166 (1)



ANNUNCIOS

Livraria B. L. Garnier

71 RUA DO OUVIDOR 71

LIVROS COLLEGIAES

Ascanio Ferraz da Motta (director do Collegio Nor-

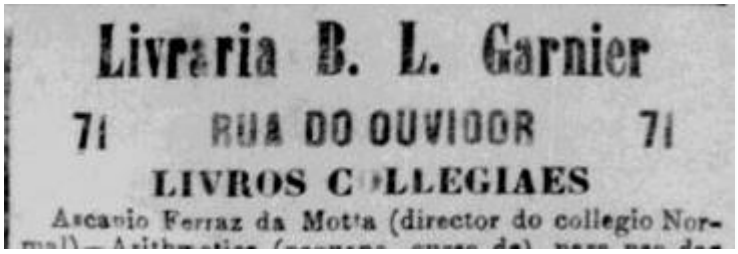
autores, por um professor do mesmo seminario, 2ª edição correcta e melhorada, 1 vol. in-8º, 2$000.

Grivet, Nova Grammatica Analytica da lingua portugueza, 1 grosso volume encadernado, 10$000.

Legendre (A. M.), Elementos de Geometria, com as addições e modificações de M. A. Blanchet, traduzida por B. Alves Carneiro, 1 vol. in-4º, 5$000.

Lisboa (Pedro de Alcantara), Arithmetica elementar,

Jornal do Commercio (RJ) - R\Edição 1884/00003 (1)

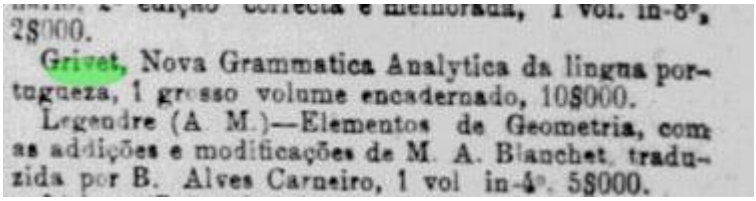


Livraria B. L. Garnier

71 RUA DO OUVIDOR 71

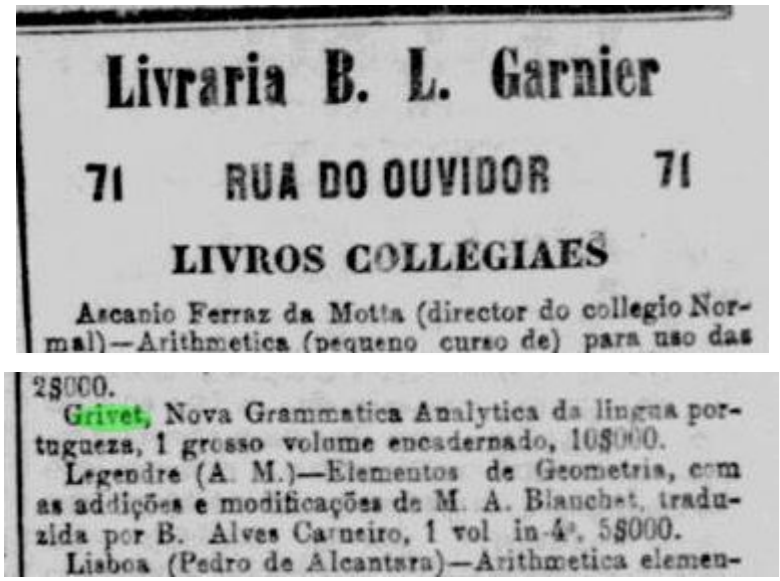
LIVROS COLLEGIAES

Ascanio Ferraz da Motta (director do collegio Nor-



2$000.
Grivet, Nova Grammatica Analytica da lingua portugueza, 1 grosso volume encadernado, 10$000.
Legendre (A. M.)—Elementos de Geometria, com as addições e modificações de M. A. Blanchet, traduzida por B. Alves Carneiro, 1 vol in-4°, 5$000.

Jornal do Commercio (RJ) - R\Edição 1884/00024 (1)



Livraria B. L. Garnier

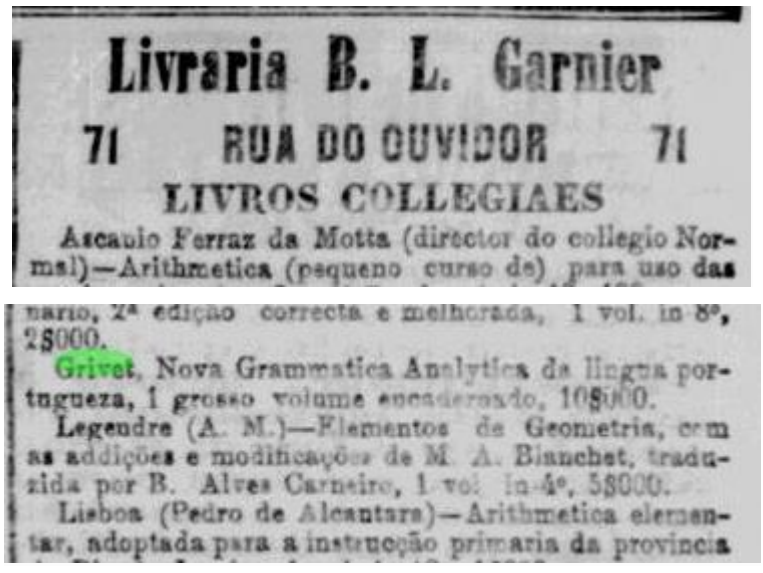
71 RUA DO OUVIDOR 71

LIVROS COLLEGIAES

Ascanio Ferraz da Motta (director do collegio Normal)—Arithmetica (pequeno curso de) para uso das

2$000.
Grivet, Nova Grammatica Analytica da lingua portugueza, 1 grosso volume encadernado, 10$000.
Legendre (A. M.)—Elementos de Geometria, com as addições e modificações de M. A. Blanchet, traduzida por B. Alves Carneiro, 1 vol in-4°, 5$000.
Lisboa (Pedro de Alcantara)—Arithmetica elemen-

Jornal do Commercio (RJ) - R\Edição 1884/00028 (1)



Livraria B. L. Garnier

71 RUA DO OUVIDOR 71

LIVROS COLLEGIAES

Ascanio Ferraz da Motta (director do collegio Normal)—Arithmetica (pequeno curso de) para uso das

nario, 2ª edição correcta e melhorada, 1 vol. in-8°, 2$000.
Grivet, Nova Grammatica Analytica da lingua portugueza, 1 grosso volume encadernado, 10$000.
Legendre (A. M.)—Elementos de Geometria, com as addições e modificações de M. A. Blanchet, traduzida por B. Alves Carneiro, 1 vol in-4°, 5$000.
Lisboa (Pedro de Alcantara)—Arithmetica elementar, adoptada para a instrucção primaria da provincia

Jornal do Commercio (RJ) - R\Edição 1884/00041 (1)

LEILÃO
HOJE
QUINTA-FEIRA 7 DO CORRENTE
AO MEIO-DIA
32 RUA DO OUVIDOR 32
(PARA ONDE VIERÃO REMOVIDOS)
ABREU MELLO

foi autorisado pelo Illm. Sr. procurador do mesmo senhor a vender toda a importante livraria a qual será detalhada no catalogo abaixo.

Esta livraria é uma das mais importantes que tem-se vendido em leilão por ser de obras rarissimas de importantes e sabios autores.

LISTA DOS LIVROS DA ESTANTE N. 3

87. 4 vols., Jussieu—Botanique; Grivet, grammatica portugueza; Goldsmith, history of Rome; Pelouze et Frémy, o 3º vol, contendo a chimica organica completa.

88. 5 vols. Alex. Dumas—Les mariages du père Olifus, Le capitaine Paul, 1 vol., contendo a lagrima de um caheté e o Tancredo de Voltaire, traduzido por Odorico Mendes, e todas as comedias de Carlos Antonio Cordeiro, (raro).

Jornal do Commercio (RJ) - R\Edição 1884/00219 (1)

Novidades litterarias e juridicas.

Historia patria—o Brazil de 1831 a 1840, pelo dr. Moreira de Azevedo.

Curso elementar de litteratura nacional—Fernandes Pinheiro, nova edicção melhorada.

Grammatica analytica portugueza—A. Grivet.

Grammatica portugueza—Julio Ribeiro.

Curso elementar de philosophia para uso dos lyceus—

Pacotilha (MA) - Ano 1884\Edição 00064 (1)

Novidades litterarias e juridicas.

Historia patria—o Brazil de 1831 a 1840, pelo dr. Moreira de Azevedo.

Curso elementar de litteratura nacional—Fernandes Pinheiro, nova edicção melhorada.

Grammatica analytica portugueza—A. Grivet.

Grammatica portugueza—Julio Ribeiro.

Curso elementar de philo-

Pacotilha (MA) - Ano 1884\Edição 00065 (1)

Novidades litterarias e juridicas.

Historia patria—o Brazil de 1831 a 1840, pelo dr. Moreira de Azevedo.

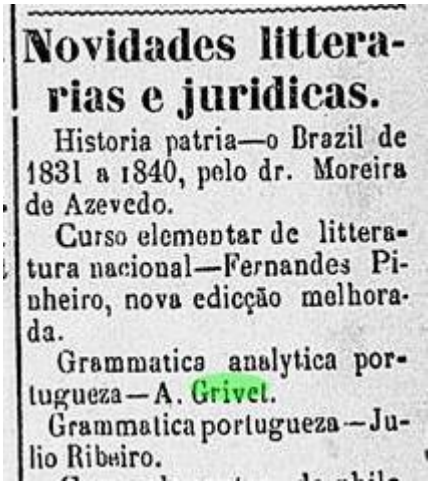
Curso elementar de litteratura nacional—Fernandes Pinheiro, nova edicção melhorada.

Grammatica analytica portugueza—A. Grivet.

Grammatica portugueza—Julio Ribeiro.

Curso elementar de philo-

Pacotilha (MA) - Ano 1884\Edição 00066 (1)



Novidades litterarias e juridicas.

Historia patria—o Brazil de 1831 a 1840, pelo dr. Moreira de Azevedo.

Curso elementar de litteratura nacional—Fernandes Pinheiro, nova edicção melhorada.

Grammatica analytica portugueza—A. Grivet.

Grammatica portugueza—Julio Ribeiro.

Pacotilha (MA) - Ano 1884\Edição 00067 (1)

Novidades litterarias e juridicas.

Historia patria—o Brazil de 1831 a 1840, pelo dr. Moreira de Azevedo.

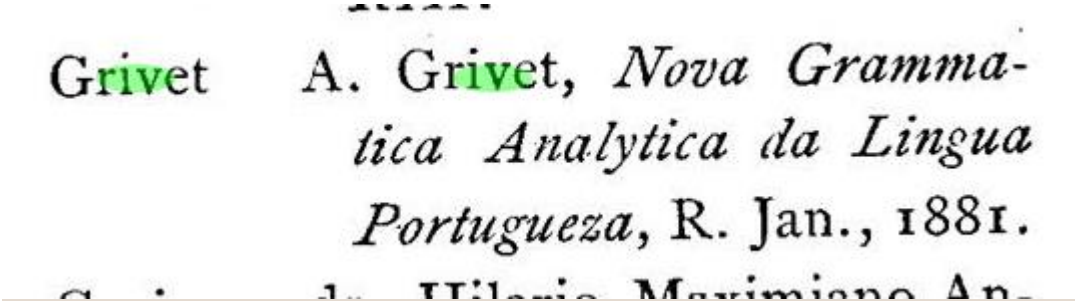
Curso elementar de litteratura nacional—Fernandes Pinheiro, nova edicção melhorada.

Grammatica analytica portugueza—A. Grivet.

Grammatica portugueza—Julio Ribeiro.

Curso elementar de philosophia para uso dos lyceus—

Pacotilha (MA) - Ano 1884\Edição 00068 (1)

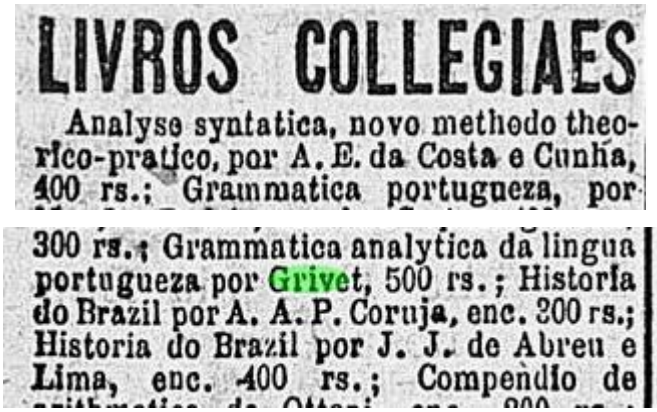


Grivet A. Grivet, *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, R. Jan., 1881.

Anais da Biblioteca Nacional (RJ) - Ano 1885\Edição 00013 (2)

fr. *à*. || ORTHOGR. Concorrendo a prep. *a* com o art. *a*, contrahem-se e a prep. toma accento agudo. « Vou *á* casa » *a a* casa. Querem, porem, graves escriptores brazileiros, como Alencar, Baptista Caetano, José Jorge, que se accentue sempre a prep., para differençal-a do art.; o que parece inutil, visto a facilidade de fazer de prompto a distincção, como bem demonstra Grivet, n. 139. Entretanto, si duvida houver, como n'este ex. de

Anais da Biblioteca Nacional (RJ) - Ano 1885\Edição 00013 (2)



LIVROS COLLEGIAES

Analyse syntatica, novo methodo theorico-pratico, por A. E. da Costa e Cunha, 400 rs.; Grammatica portugueza, por 300 rs.; Grammatica analytica da lingua portugueza por Grivet, 500 rs.; Historia do Brazil por A. A. P. Coruja, enc. 300 rs.; Historia do Brazil por J. J. de Abreu e Lima, enc. 400 rs.; Compendio de

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1885\Edição 00041 (1)

LIVROS

A' venda na livraria de João Martins

A Biblia Sagrada, traduzida em portuguez segundo a vulgata latina (de S. Jeronyno) pelo padre Figueiredo, annotada e approvada pela igreja catholica, 2 enormes vol. enc. com finas gravuras 10$; Compendio de historia média, por J. B. Calogeras, 2 vols. enc. 3$, é um dos melhores livros sobre esta época; Compendio de historia universal, por Souza Dario (de Coimbra) 1 grosso vol. enc. 2$; Compendio de historia antiga por Poirson, bella traducção (de Justiniano J. da Rocha) obra importante, 1 vol. enc. 2$; Compendio de historia romana, por Razoir, bella traducção do mesmo, 1 vol. enc. 2$; Lições de historia do Brazil, pelo Dr. Mattoso Maia, 1 grande vol. enc. 2$; as raças humanas e a civilisação primitiva, por Oliveira Martins, 2 vols enc. 4$; Taboas de Chronologia universal, pelo mesmo, 1 grosso vol. enc. 3$500; Jerusalém, descripção dos Santos Lugares, com bonitas estampas, pelo monsenhor Pinto de Campos, 1 grande vol enc. 6$; Compendio de philosophia, de Barbe, bella tradução de Alves de Souza (de Coimbra) 1 grosso vol. enc. 2$; Compendio de um curso completo de philosophia, de A. Pelli-sier, bella traducção de Zaluar, 1 grosso vol. enc. 2$; Investigações depsychologia, pelo Dr. E. Ferreira França, obra importante, 2 tomos, enc. (raro) 4$; Manual de estylo de V. Sá e Menezes, 1 vol. 500 rs.; Grammatica analytica da lingua portugueza, por Grivet, 1 vol. enc. 1$; Orthographia

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1885\Edição 00270 (1)

Cartas de Caçapava

15 de novembro

Não tendo até hoje sido envolvido o partido republicano nas innumeras diatribes com que os partidos conservador e liberal d'esta localidade se têm exhibido pela imprensa, mostrando sem escrupulos, com as vestes rotas pelo pugilato, as chagas que corroem os seus respectivos corpos, tenho-me conservado silenciosamente muda testemunha d'essa luta desordenada, infrene e tristissima em suas inevitaveis consequencias.

Ainda mesmo que m'o permittisse o sizudo orgam do meu partido, eu me absteria, por educação e indole, de fazer concorrencia aos srs. monarchistas no escorregadiço e perigoso terreno da pornographia, para onde têm resvalado, preterindo as normas do decoro, em cegueira deploravel.

Hoje não sahiria, certamente, do silencio a que voluntariamente impuz-me, se não fosse uma circular que por este municipio corre impressa, firmada pelo chefe do partido liberal d'esta localidade, na qual se faz, ainda que disfarçadamente, como costumam proceder aquelles que não têm a coragem da franqueza, algumas allusões menos dignas ao partido republicano.

Embora essa circular esteja assignada unicamente pelo chefe do partido liberal—o coronel Manoel Dias Ferreira, não responsabiliso s. s. pela injustiça que ali se faz allusivamente ao partido republicano. Em s. s. reconheço, na falta de muitos requisitos indispensaveis a um bom chefe de partido, essa boa intenção que caracterisa os homens lhanos e virtuosos.

Aqui se diz, e estou disso convencido, que essa circular foi a s. s. apresentada já promptinha, faltando unicamente a assignatura, pelo sr. secretario do directorio liberal d'esta cidade—o capitão Guilherme Herculano de Medeiros. O chefe, portanto, assignou-a, talvez mesmo sem lel-a, convencido em sua boa fé de que o sr. de Medeiros não se esconderia por detraz de suas costas para emprestar malevolamente intenções menos dignas a um partido, que devia merecer de s. s., senão sympathias, porque infelizmente s. s. é tão liberal como eu sou catholico, apostolico e romano, ao menos respeito pela séria rectidão com que tem sabido cumprir o seu arduo dever.

Fica, pois, subentendido que, fazendo algumas anotações á circular do liberalismo d'este municipio, dirijo me ao secretario que a engendrou, em vez de dirigir-me ao chefe que a firmou, o que não seria muito correcto, porque, emfim, as cousas são como são, e não como deviam ser.

Analysemos, pois, o *monstro* — parto informe do esforço intellectual do sr. secretario do liberalismo — a circular.

Começa s. s. por exortar os seus co-religionarios, concitando-os para o pleito eleitoral que terá lugar a 15 de dezembro proximo futuro.

Destaquemos d'esse lindo periodo da circular esta tiradinha: . . . « é dever de honra nos empenharmos para que o candidato por nós aceito saia triumphante das urnas que suffragar o seu nome. »

Das urnas que *suffragar* o seu nome! Attendam bem os srs. liberaes e vejam que o seu secretario está gravemente doente — soffrendo de *discordanciomania* aguda. Ao meu ver era conveniente applicarem-lhe uma dose de *grammaticopathia* de dynamisação fraco-coruja, Hilario ou Bibiano, por exemplo, porque attendendo ao depauperamento de seu organismo debil e senil, seria imprudencia experimentarem as energias de de Julio Ribeiro, Grivet ou mesmo Soares Barbosa.

S. s. tambem falla no *candidato por nós aceito*. Para ser sincero, não devia servir-se do maldito verbo *aceitar*, que na opinião dos lexicographos significa *admittir*, *approvar*, *ter por bom*. Ao tratar do candidato, devia accrescentar simplesmente — que nos fôr imposto, pois não creio que, com o regimen partidario admittido na politica liberal, se atrevessem a recusal-o, s. s. e os seus, ainda mesmo que não o approvassem ou tivessem por bom.

Suffragal-o-hiam de bom ou máo grado, com a resignação paciente do musulmano em obediencia á palavra dogmatica do chefe, que recommenda sem cessar, como base essencial á manutenção da disciplina, a obediencia passiva, incondicional, intinctiva, brutal

A prova do que deixo dito é que até esta data os srs. liberaes, segundo consta, ignoram ainda o nome do candidato que lhes será indicado, o que não inhibio o sr. secretario de julgar azada a occasião de recommendar aos seus co religionarios o mysterioso candidato, esperando confiante que saia triumphante das *urnas que suffragar o seu nome!*

E se esse candidato fôr, conforme aqui se propala, o sr. Pedro Maciel, com quem o sr. secretario de ha muito anda enciumado, e em quem reconhece um máo liberal, insaciavel em suas pretenções pessoaes, que crescem em vertiginosa progressão, como s. s. affirma sem rebuço a quantos o ouvem?

Eis ahi uma hypothese que a se realisar collocaria o sr. Herculano de Medeiros em sérios embaraços, em verdadeiro leito de Procusto, se s. s., como *bom liberal*, não acceitasse como dogma a passiva obediencia.

Voltemos, porém, á circular :

« Agora, mais que nunca necessitamos convergir a um centro para que não sejamos derrotados por satellites do governo ; porquanto, liberaes que se nos *afigurava* impossivel disputar caracter politico, tem estremecido perante a influencia governamental confiados em vans promessas ; e alguns ha que sob frivolos pretextos tem se afastado de nós para engrossarem fileiras que nos são hostis, e ora congregados tentam plantar a desordem no campo liberal com o fim de levar-nos de vencida na proxima eleição. »

N'este longo periodo, marchetado de fulgidas perolas, muita cousa por transcendental e metaphysica escapa á percepção de minha minguada intelligencia.

Confesso isto com magoa immensa.

Pobre mortal, não posso com o meu fraco orgam visual acompanhar o vôo da aguia que percorre as regiões nebulosas do espaço em demanda d'esse *centro* para onde converge e é attrahida — Allah sabe por que.

Ao secretario do liberalismo repugna o mesquinnho papel de satellite, e n'isso lhe dou toda a razão.

Os satellites não passam de escravos submissos d'esses pequenos senhores feudaes das diversas provincias do espaço — os planetas, que os possuem, a meu ver, de conformidade com os seus teres e haveres.

Assim a nossa terra, mundo pequeno e pobre, tem apenas um escravo — a pallida lua — a meiga fada que iriava de visões os sonhos dos bardos do sentimentalismo funambulesco.

Outros mundos ha que, mais pobres ainda, nenhum escravo possuem, porém tambem ha outros immensamente ricos que se fazem acompanhar por uma legião de submissos escravos, ostentando todo o fausto compativel com as respectivas fortunas: é o caso de Saturno e Urano.

Os miseros satellites, em via de regra, são creaturas dependentes dos planetas, esses fidalgotes, que a seu turno gravitam em torno do astro-rei—o sol, prestando-lhe as suas sinceras e subservientes homenagens.

Não supponha o sr. secretario do liberalismo que não vem a proposito esta minha divagação pelos *campos da astronomia*.

Provar-lhe-hei que ella tem toda a applicação ao caso.

A marcha da politica monarchica em nossa terra é uma copia fiel da revolução sideral do nosso systema.

Hoje acha-se o planeta Cotegipe no seu perihelio e dobra o joelho ante o sol, que em troca da saudação lhe dispensa um sorriso de luz e calor. E emquanto isto se dá, com jubilo e tripudio dos pequenos satellites que acompanham aquelle mundo, partilhando da felicidade que lhes sorri sob a fórma de aurora que desponta, vai o planeta Saraiva encaminhando-se pesadamente para a trevosa e algente noite do seu aphelio, acompanhado do seu immenso sequito de pequeninos satellites, ora entoando um mésto côro de plangentes elogios, ora soltando as imprecações blasphemas dos condemnados do inferno dantesco, ou levantando-se em sua impotencia insensata como o abysinio para apedrejar o sol que vai morrendo no horisonte e por isso enviando raios tão tibios que já não podem aquecer.

E' tristemente doloroso o destino d'estes satellites, e não é menos lamentavel a cegueira que os impelle a revoltarem-se contra as leis fataes a que voluntariamente se condemnam, preferindo, á liberdade que ennobrece, essa dependencia humilhante de gravitarem sempre em torno de um sol caprichosamente versatil.

E não comprehendem que todo esse arreganho, ora piégas, ora quixotesco, contra as consequencias naturaes da dubiedade que os prêa, é simplesmente inoffensivo, esteril, ridiculo!

Quão melhor lhes acertaria um silencio resignado e absoluto, porque ao menos teria o merito de não os collocar nos sérios embaraços em que sempre se vêm quando, tendo percorrido toda a orbita, mais ou menos longa, se approximam outra vez do sol e é forçoso trocar a lagrima pelo sorriso, substituir os dicazes epigrammas pelos epinicios louvaminheiros, obrigar, emfim, Juvenal a vestir a pelle do mais edulcorado menestrel.

(Cont.)

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - Ano 1886\Edição 00273 (1)

LITTERATURA

Canções da Aurora

Parva securi prosternitur quercus.

E' incontroverso que a litteratura brazileira está inteiramente adulterada, vacilante... A causa?..

Sahem á luz muitas obras, fructo de longas lucubrações esperançosas da mocidade e logo arrojam-nas no atascadeiro injusto de um criterio inauctoritario.

Os criticos de hoje são parasitas sugadoras que absorvem a seiva dos vicejantes arbustos que buscam medrar no campo litterario.

De ordinario esses poetas—critico—prosadores, que nos apparecem a farfalhar sobre litteratura, sobre os livros publicados, vêm seus proprios escriptos censurados por litteratos de nome e nem assim deixam de apontar para o argueiro no olho de outrem...

Proprium est stultitiæ aliorum vitia cernere, oblivisci suorum.

E' preciso muito ponderar para bem criticar, e a critica deve trazer como recommendação o cunho da autoridade.

Apex senectutis est auctoritas

dizia o eloquente Cicero.

« Convem que a critica seja fundada nos principios da arte, nos dictames da logica, no perfeito discernimento do bom e do máu; e não degenere em maledicencia, que ridicularisa, desprestigia e annniquilla. »

Suscitou-nos estas idéas a leitura do n. 22 do *Domingo*, revista litteraria (?) que se publicava n'esta cidade, sob a illustrada redacção dos Srs. Jorge Rodrigues e José Braga.

Traz em suas primeiras páginas um longo artigo sobre as *Canções da Aurora*, bellas poesias do Sr. Francisco Lins.

Este moço, pelos seus estudos e esforços que tem feito, adquiriu a benevolencia de alguns jornaes desta provincia, nos quaes continuamente lemos muitas poesias, que dão prova do seu estro elevado.

O seu primeiro volume de versos, recentemente publicado com o titulo *Canções da Aurora*, foi acolhido pela imprensa brazileira com gloriosos laureis, recebendo o elogio valioso dos poetas, que mais têm trabalhado em pro da litteratura patria.

Mas vamos ao juizo do *Domingo*.

Começa o critico pela singela poesia —*O Judeu errante*—, *onde se encontram as seguintes bellezas:*

Nas voltas do caminho, o espectro pavoroso
O vi buscar descanço, atormentado em dor.

Diz elle que *aquelle pronome, que rompe o segundo destes versos, põe a perder o espectro pavoroso que o precede.*

O mestre critico ignora que esta expressão é uma belleza pleonastica, usada pelos melhores classicos e bons escriptores?!..

Pelo amor de Deus!... Então o censor não está versado na linguagem castiça dos nossos classicos....

Vejamos exemplos, que melhor frizarão o que dissemos:

A. Herculano diz:

Mas as sepulturas dos monges, achei-*as* mudas.

M. Bernardes:

Virtude sem trabalhares nem padecerás; não *a* verás tu jamais com teus olhos.

Padre Vieira:

Os reinos não *os* pesa a justiça na balança, mede-*os* na espada.

J. Freire:

Os grandes feitos què os Portuguezes obraram n'esse dia, o Oriente *os* diga.

Transcreve depois o 4.° verso:

Fazia caminhar *ao* grande criminoso

e ignora *qual a necessidade que obrigou o poeta a fazer a contracção—ao.*

Agora, perguntamos qual a necessidade que obrigou ao illustre redactor do *Domingo*, Sr. Jorge Rodrigues, a dizer nas Fugitivas, pag. 82:

Pallido; exhausto, a maldizer *da* sorte.

Pag. 11:

Aos fracos, sem cessar; injusta, persiguia.

Diz o critico:

Achamos estes defeitos imperdoaveis em um poeta, mesmo principiante....

Pois tenha a bondade de gastar umas duas horas em ler as boas grammaticas, como sejam as de Soares Barbosa, Sotero dos Reis, Grivet, Costa e Cunha; Aulete e outros; consultando-as, apreenderá que è grande belleza da nossa lingua, a contracção antes dos complementos objectivos.

Defronte da estante, continuando o *Domingo;* nos mostra que o Sr. Lins conhece pouco a lingua, pois para indicar diversas relações de lugar serve-se somente dos adverbios *aqui* e *alli*....

Isto, alem de ser uma ligeira imitação do que diz Valentim Magalhães

na pag. 15 das *Notas á margem* dos ULTIMOS HARPEJOS, é um *erro* em que tambem incidiu o bem conhecido poeta Jorge Rodrigues, nas suas *Fugitivas*.

Examinemos.

Pag. 91:

Das noites *lá* de Veneza.

Pag. 93:

Deixa-me *!* . . . *Aqui* descançado

Pag. 119:

Lá entre as nuvens rosadas

Pag. 120:

Surgem *aqui* das solidões *bravias*.

Pag. 121:

Aqui tudo é sincero, e santo, e nobre

Pag. 122:

E *ahi*, fitando ao scintillar dos astros

Pag. 124:

Julgo ver-te a sorrir; *lá* no Infinito !

Pag. 125:

Ahi eu não pensava...aqui tranquillo scismo

Pag. 128:

Lá na cidade aos milhares

e muitos outros que se encontram no Novo Methodo....isto é, nas Fugitivas.

Adeante transcreve o incançavel critico os dous versos da poesia *Defronte da Estante:*

Que toda a vida a sós passára *soletrando*
Canóros madrigaes e ao espaço contem-
[plando.

e accreseenta que *Lamartine* não *soletrara madrigaes*....

O verbo—soletrar—pode incontestavelmente sér empregado com elegancia na accepção de—ler com attenção—metrificar versos com cuidado.—

O nosso bom critico exige que as expressões e palavras sejam empregadas no sentido natural!

Que fazer?!

A syntaxe figurada não pode vir em nosso auxilio . . . . paralysada pela critica tão exigente assim como a do criterioso amigo do *Domingo*...

Em vista d'isso, é provado que a critica do *Domingo* foi por demais severa para com o intelligente autor das *Canções da Aurora.*

Os moços que principiam, que encetam como o Sr. Lins tão brilhantemente a carreira litteraria; devem ser recebidos com animações, afim de que se levantem pujantes, enthusiastas...

Não se assemelhe a critica com a manque impede o vicejar dos prados, prejudicando aos arbustos que desabrocham, promettendo flores e fructos.

Si nosso estado de saude o permittisse continuariamos em considerações que o assumpto nos suggere.

José Severiano de Rezende.

S. João d'El-Rei, 11 de Março de 1886.

O Arauto de Minas : Hebdomadario Politico, Instructivo e Noticioso (MG) - Ano 1886\Edição 00002 (1)

Primeiros espinhos

O SR. Alfredo Pujol, em folhetim inserto no *Vassourense* de 10 do corrente, mostrou vontade decidida de criticar o lindissimo conto *Primeiros espinhos* do nosso talentoso collaborador dr. Tancredo de Mello, publicado n'*O Domingo* de 29 de Novembro do anno passado. Não posso affirmar se o intelligente folhetinista conseguio realisar plenamente o seu intento. Em todo o caso, como s. s. conclue pedindo-me «que não lhe queira mal, que por me admirar (agradecidissimo!) e por apreciar o nosso jornal» (oh! senhor...) é que se animou a apontar os erros e os defeitos d'aquelle escripto, julgo-me na obrigação de dar-lhe dous dedos de prosa amigavel.

Não precisava s. s. fazer-me aquelle pedido. Nenhuma razão havia para eu lhe querer mal. Sua apreciação se não está justa, nem invencivel, tem o valor immenso de estar escripta com certa delicadeza, sem desaforos, o que hoje é muito.

Demais, o facto de vêr analysado um trabalho litterario do jornal que redijo, deve ser para mim um justo motivo mais de prazer que de ressentimento.

Não tendo a honra de vêr o nome do sr. Alfredo Pujol entre os dos nossos assignantes e sabendo agora que elle procura *O Domingo*, tem-no sobre a mesa de trabalho e aprecia-lhe rigorosamente os artigos, heide por força ficar desvanecido. Por isso, venho refutar-lhe a critica tomado das mais sympathicas disposições.

A critica que o sr. Pujol dispensa aos *Primeiros espinhos* é de tal sorte que faz suppor a existencia de qualquer animadversão entre s. s. e o autor do conto. O desejo de «moralisar os jornaes litterarios» assim... tão expontaneamente, não poderia inspirar um escripto onde não se vê a isenção de animo que faz ser justo e nem a exactidão da analyse, que denota um espirito superior e adiantado, que já se julga no caso de moralisar a imprensa litteraria.

Poderei estar enganado, porem me diga o leitor insuspeito se a critica do sr. Pujol não parece feita por quem quer achar erros e defeitos a todo o transe.

Comecemos. Principia o digno folhetinista dizendo que o assumpto do conto é mediocre :—trata-se de uma creança, que vai, pela primeira vez, á eschola. S. s. mostra com isto ou ignorar, ou não admittir o systema adoptado pelos mais applaudidos *conteurs* modernos, qual o de aproveitar um assumpto insignificante e numa linguagem colorida, quente, viva, insinuante, despertar o interesse do leitor—o que não é pequena difficuldade—e mostrar ao mesmo tempo, um espirito de observação criterioso, a verdade na descripção dos factos communs da vida, etc.

— Diz o espirituoso critico que não ha verdade alguma na introducção do conto, e sustenta que uma creança «magrinha», fraca, muito delicada e socegada» não poderia manifestar «uma intelligencia penetrante e nem poderia ter um olhar luminoso—de vivacidade irrequieta.»

Mas, porque não poderia, sr. Pujol? Pois então a magreza, a debilidade, a delicadeza, são incompativeis com a manifestação de uma intelligencia penetrante e com os olhares luminosos? Não é capaz de me provar isso com vantagem o novel escriptor. Quantas creanças vemos nós por ahi franzinas, delicadas, e intelligentissimas, mostrando o talento pelas vivas radiações de um olhar irrequieto!

A maior parte desses pequenos de organismo debil, enfermiços, de apparencia tristonha, que eu tenho conhecido, são sempre intelligentes. Em adultos, então, não falemos. Lembro-me logo do Valentim Magalhães, uma compleição fraca, um organismo delicado, que não passa um dia sem provar a força poderosa de seu talento fecundo. Porque não ha de poder um menino, por ser delicado e magro, mostrar um espirito atilado e vivo? Não ha uma lei physiologica que ampare a vaga asserção do sr. Alfredo.

Adeante.

Transcreve o amavel critico do *Vassourense* o seguinte trecho do conto: «...é o retracto em miniatura da mãi, apenas com qualquer cousa de mais serio, de mais triste, apenas um tanto mais afinado» e mais este: — «a physionomia da mãi pinta-se na da creança, transformando-se na de um anjo, que tem alguma cousa de masculo, alguma profundeza mais de idéas e de impressões» acrescentando: — Não esqueça o leitor que isto é uma comparação entre uma mulher «moça, bonita, elegante, de olhos claros e ingenuos» e seu filho, a tal creança «muito fraca, muito socegada e muito magra»... Mas, onde está aqui o *erro* ou *defeito* que o sr. Pujol quer dar a entender que existe?

Acaso pretenderá negar s. s. que uma creança, por ser fraca, socegada e magra, não possa parecer-se com sua propria mãi, porque esta é moça e elegante? E' impossivel. Mais ainda: — S. s. achou uma tolice Tancredo de Mello dizer que o menino, com os seus seis annos e a sua debilidade, tinha alguma cousa de masculo. Porque um menino é delicado e magro, não pode apresentar uns traços que denotem o seu sexo, alguma cousa de varonil, que o não torne de todo effeminado?

E' um rigorista, o sr. Pujol, um rigorista terrivel, ou então, desaffecto do nosso collaborador, quiz altinetal-o um pouco, sem reparar que se firmava num terreno escorregadio...

Aquillo de «profundezas de ideias e de impressões» é relativo. O menino estava scismarento e impressionado com a entrada no collegio, o que para elle constituia um acontecimento incomprehensivel, que o assustava e affligia.

Aquelle *armazenado*, a que o critico se refere, é visivelmente um erro typographico. Entende-se sem difficuldade que deve ser—*armazenada*—, referindo-se á—*força*.

«A boa mãisinha acompanhou-o até lá, muito meiga, um pouco triste, mas consolando-o a cada passo, a cada instante falando-lhe do futuro, da necessidade de ser homem, para mais tarde protegel-a.»

O exigente folhetinista achou que isso era uma outra tolice.

S. s. philosopha de mais...

Perfeitamente se comprehende o que o escriptor quiz dizer, quando escreveu que a mãi falava de futuro e de protecção ao filho.

Numa linguagem meiga e consoladora a boa senhora procurava animar o menino, levando-o para um logar novo para elle.

O futuro? Eram as ferias, a volta á casa paterna, os doces que o esperavam, essas mesmas moedinhas de prata de que fala o sr. Pujol...

— Estuda, meu filho, para quando ficares homem, ganhares dinheiro e ires viver perto de tua mãisinha, que estará muito velha e precisará de ti para ajudal-a a andar... E etc. etc. Essas mil banalidades sublimes, que só as mãis sabem dizer com aquella voz branda e suave, que nos vai direito ao coração.

Outra cousa:

«O ar vivo, o passeio, a multidão, etc—*tirára-lhe*...»

Impagavel syntaxe! exclama jubiloso o meu sympathico folhetinista do *Vassourense*.

Impagavel? Porque? Não vejo ahi nenhum erro de grammatica. Grivet, o illustre grammatico A. Grivet, tratando de sujeitos compostos, diz o que segue:

«Andando um sujeito anteposto ao verbo, e avocando pela sua complexidade, uma *feição irresistivel* de pluralidade, o verbo passa para o plural.

Si, porém, os substantivos formando o sujeito representam idéas que de certo modo se enfeixam em uma abstracção summaria, o verbo, por syllepse, permanece no singular.»

Exemplos:—Toda a nobreza é excellencia do homem *consiste* no livre alvedrio. (*Padre Vieira.*)

O reino e a primeira benção, segundo o uso dos patriarchas, *pertencia* ao primogenito. (*O mesmo.*)

Mais adeante escreve o mesmo Grivet, auxiliando ainda mais o que desejo provar:

«Embora os infinitivos e substantivos, pela differença de indole, não possam geralmente juntar-se para formar um sujeito composto, não é sem exemplo encontral-os assim consorciados.»

Exemplo:—«SOA *muito estrondo dos pés*, *muito cantar* desentoado, *muito alarido* dos concurrentes, *muito impeto* dos que giram e empalham.» (P.e *Manoel Bernades.*)

Nos sujeitos compostos, desde que todos os membros estejam no singular, pode-se fazer o verbo concordar com todos juntos, indo para o plural, ou com cada um de per si, ficando no singular, como no caso vertente.

Já vê o attencioso sr. Pujol que o criticado sabe grammatica. S. s. e que anda assim um pouco... um pouco exigente, vá! Continuemos.

elle o ver, aproveitando a fresca da noite para a viagem, que os dias não convidavam,

Mas ia o tempo correndo, já se estava a 20 e os dias cada vez mais torridos não deixavam mais que uma tenue esperança ao tresnoitado vendeiro de concertar a sua vida. Agora mesmo olhava elle para os cumulus alvinitentes, que, se erguendo por traz da serra, promettiam talvez alguma valente trovoada do Norte, que traria o tão esperado refrigerio á intoleravel canicula. E olhando, e offegando de calor, adormeceu.

Mal teria dormido meia hora, despertou o Manoel Dias a um tropel de cavallos e rinchar de arreios, de mistura com o rumor surdo de um carro que rodava pela areia fofa da estrada. Com o coração aos pulos, correu a vêr: era o D. Abbade!

«O senhor D. Abbade? — gritou debruçando-se ao peitoril da varanda, — uma palavra, por favor!»

O frade deitou a cabeça fóra do carro e, vendo o que lhe acenava, fez-lhe uma mezura cortez. O cocheiro refreiou as mulas. Manoel Dias ia sahir a receber o seu alto senhorio, quando reparou que estava sem calças.

As malditas calças, com que sempre embirrára, que tanto o incommodaram e que lhe faltaram n'uma occasião d'aquellas! Embarafustou pela casa a dentro: «O' negra, qué-dellas minhas calças?

Vê onde estão as minhas calças! Procura, demonio, que eu não sei onde ellas estão!» E voltando para fóra, dirigia-se ao frade que vendo-o sumir-se não descera do carro: «Por favor, senhor d. Abbade, não faça ceremonia nesta sua casa! Não repare, olhe...» E com medo de ser visto em ceroulas, fugia para dentro, gritando: «Mas onde estão essas calças que não apparecem? Vê se não estão lá no quarto, negra! Ora esta só a mim acontece!» E voltava á varanda para tornar a vir procurar as calças.

O Dom Abbade achou suspeitos aquelles modos, voltou-se para um companheiro de jornada e perguntou-lhe: «Aquelle não é o Manoel Dias?»

— E' elle mesmo — «Coitado do homem, parece que perdeu o juizo!» reflectiu o santo homem a uma das desapparições do Dias, e concluiu: «Toca, rapaz! estamos perdendo tempo»

E o carro abalou. Manoel Dias, que encontrara afinal as encantadas calças e já enfiara uma perna correu ao estrepito, soltando um clamor de desolação: «Oh! senhor D. Abbade!...» Mas já ia longe o carro e com elle iam as esperanças do pobre homem. N'um impeto de colera deu elle um puchão ás calças para rasgal-as, mas a ganga azul bem cozida pelas costureiras d'aquelle tempo não se rompia facilmente.

Então o Manoel Dias, olhando alternadamente para a estrada onde ha pouco estava a esperança da sua velhice e para as calças meio vestidas que lh'a faziam perder, enchia-se de tanta raiva impotente e de tanta desesperação, mostrava uma expressão tão ridiculamente dolorosa que, vendo-o, exultaria o coração sombrio do maldoso Schopenhauer, o Anti-Deus allemão!

DOMICIO DA GAMA.

Rio, 17 de Janeiro 1886.

Primeiros espinhos

O MEU sympathico confrade Alfredo Pujol, no *Vassourense* de 31 do mez passado, volta a contestar as linhas que escrevi sobre a rigorosa critica que fez s. s. ao conto *Primeiros espinhos*, publicado no n. 11 desta folha.

O attencioso folhetinista chama-me «distincto escriptor» para dizer logo adeante que a minha refutação, além de incompleta, não lhe parece rasoavel.

Pois pareceu-lhe mal. Estará incompleta, porque algumas insignificancias, que s. s. tomou em consideração na sua critica, eu não respiguei por julgar que era trabalho inutil; porém, rasoavel está ella, e a prova é que o meu digno collega encheu oito columnas do *rez-de-chaussée* do *Vassourense* e não destruío o que eu lhe affirmei da outra vez.

No seu primeiro folhetim disse o sr. Pujol:—«O assumpto do conto é mediocre:—trata-se de um pequeno de seis annos que, pela vez primeira, vai á escola.» Achou, conseguintemente, sem valor nenhum, talvez mesmo banal, a idéa principal do conto.—Respondi que os *conteurs* modernos aproveitam, de proposito, assumptos muito communs, apparentemente insignificantes, discorrem sobre elles, conseguindo com as bellezas do estylo e as attracções magicas da forma, prender a attenção dos seus leitores. Vem agora o talentoso sr. Pujol e diz que concorda plenamente commigo, o que muito me desvanece, e accrescenta que—se classificou o conto de *mediocre* foi para mostrar que, além dos defeitos de linguagem nelle contidos, nem ao menos tinha originalidade e elevação de idéas! Mas não é isso que se deprehende do que disse s. s. anteriormente:—o assumpto do conto é mediocre: trata-se de um pequeno de seis annos que, pela primeira vez, vai á escola... O que desagradou ao critico foi a simplicidade do assumpto, aliás interessante e bem aproveitado por Tancredo de Mello.

— A lei do Bom-Senso, como a da Physiologia, desampara completamente a *vaga asserção* do meu illustre contendor, a respeito das creancinhas debeis de olhos irrequietos: Um menino fraco, magrinho, delicado, póde muito bem numa hora de alegria, num momento de expansibilidade infantil, correr pelo jardim, atraz das borboletas;—como um *doido* é apenas um modo de dizer...

As creancinhas delicadas e franzinas que conheço, diz o sr. Alfredo, por mais intelligentes que sejam não o traduzem pelo *olhar luminoso de vivacidade irrequieta*. E' por que s. s. não reparou ainda bem. Hade sempre encontrar uma ou outra que... o não deixe ser tão teimosinho assim.

Sobre o ter eu apontado como exemplo entre os adultos o sr. dr. Valentim Magalhães, diz o amavel critico do *Vassourense*, que a grande intelligencia desse illustre escriptor «por isso mesmo que elle é fraco e delicado não se manifesta por *uns olhos irrequietos*.»

Está s. s. muito enganado. Os olhos do director d'*A Semana* não são irrequietos por que elle é myope, como eu, e atravez de uns vidros grão o ou 8 não podem apparecer olhos irrequietos e luminosos... *Ecco* !

Manda-me o sr. Pujol acreditar que o dr. Valentim Magalhães, emquanto os camaradas jogavam a *barra* o *saute mouton* ou a *cabra cega*, deixava-se ficar quietinho no salão de estudo, a tirar *significados*, ou a escrever versinhos innocentes...

Custa-me muito a acreditar nisto. Tenho para mim que aquelle que mais tarde escreveria os — *Cantos e Lutas* — havia de ser n'outros tempos um menino bastante travesso...

— O illustrado critico *admitte* (louvado seja Deus !) que aquillo de *profundezas de idéas e de impressões*, seja relativo e, sendo assim, conclue, muita cousa censuravel naquelle conto pode passar sem reparo.»

Os trechos que o estimavel e novel escriptor transcreve para provar que o estylo de Tancredo de Mello é super-abundante e fastidioso, conseguem demostrar... justamente o contrario.

O amavel Alfredo estava a ver tudo de luneta amarella, quando leu o n. 11 d'*O Domingo*.

— Sobre a questão grammatical, de poder o verbo vir no singular, concordando com os diversos membros de um sujeito composto, desde que nenhum desses membros esteja no plural, o intelligente folhetinista escreve unicamente — que a opinião de Grivet não o convence.

O amavel sr. Pujol tem uma certa *manière* de discutir, que denota claramente a profunda convicção que já tem de sua superioridade, e eu não poderei, — obscuro rabiscador sertanejo — leval-o de vencida.

Admitto isto, diz sempre s. s.; *admitto* aquillo ; *acceito* aquill'outro ; *entendo* assim, etc. Não admira, pois, que o não convença Grivet. Quanto a mim, esse grammatico é o melhor que temos para a lingua vernacula ; minha opinião incompetente está, felizmente, de accordo com a de professores provectos e abalisados ; por isso citei unicamente o autor da *Grammatica analytica*, corroborando, todavia, a citação com os exemplos de Manoel Bernardes e padre Vieira, que, pelos modos, não convenceram tambem ao joven critico.

Nada tenho a dizer mais sobre este ponto a não ser que, com o meu amigo Tancredo de Mello, procurarei sempre errar com estes classicos e com aquelle grammatico.

— O critico insiste sobre a separação do *n* euphonico do pronome, o que afinal, é uma cousa sem grande importancia.

Em muitos livros de brilhantes escriptores portuguezes e nacionaes, tenho encontrado esse pequeno *senão*. Homens que sabem grammatica, mas arrastados por outra ordem de estudos e de observações, descuidam de uma ou outra regrasinha, que em nada lhes prejudica o valor do trabalho... Nada mais.

N'aquelle periodo que começa : — «Quando chegaram, porém, um espasmo nervoso etc.» devia ter um pronome antes do verbo *sentio* ; mas, o leitor facilmente percebe que aquillo não passa de um lapso. A nota do meu sympathico confrade Pujol é a de um critico exigente como o diabo !

Ha ainda muita cousa que o talentoso folhetinista *não admitte* e que eu e mais o Tancredo estamos dispostos a admittir... pela mesma razão.

— As *manhãs sonoras* soaram mal ao amavel collega ; peior soaram-me as sandices sonoras do sr. Teabor...

Concluindo a sua valente resposta á minha despretenciosa refutação, o meu distincto contendor fala numa carta que lhe escrevi e agradece-me as expressões de merecido elogio, que tive o prazer de dirigir-lhe. Essa carta foi resposta á que me enviou o digno collega e na qual eu encontrei demonstração verdadeira de uma alma nobre e dos mais apreciaveis sentimentos. Lendo as generosas phrases que o confiade se dignou de escrever-me, procurei retribuil-as — com o juro que a justiça me indicava.

Sinto que s. s. esteja resolvido a não responder-me mais.

A discussão calma, attenciosa, entre rapazes que se prezam, não traz inconvenientes.

Acceitando o aperto de mão que me offerece o talentoso sr. Alfredo Pujol, estendo-lhe os braços na effusão da mais cordial estima.

J. R.

Spleen

I

O seu palacio é de marmore branco e rosa. Está situado numa das grandes eminencias da cidade.

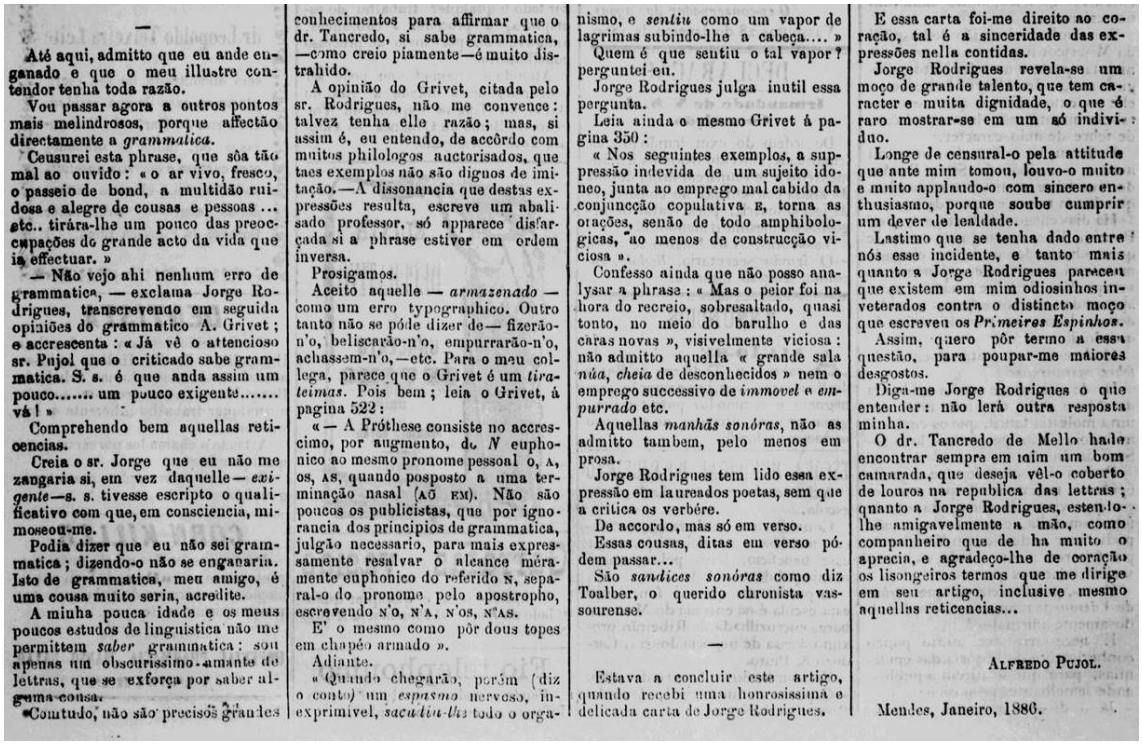
As largas janellas ogivaes rasgam para cima dum grande oceano de telhados enegrecidos pelas chaminés delgadas e famintas, e deixam ver a serenidade do Tejo, que rebrilha como um espelho do mais fino crystal, á grande luz do dia que o inunda e que o rasga. E vê-se o mar ao fundo — uma fita estreita de setim azulino — confundindo-se com o horisonte — uma saphira que se volatisou ha muito...

Ferem duas horas. No quarto da condessinha o sol entra a mêdo, coado pelos *stores* de setim côr de rosa. Da cidade vem até aqui o ruido confuso dos trens que rolam eternamente sobre as calçadas asperas. E de quando em quando um pregão chorado estende-se pelo ar quieto e luminoso, como um lamento de pobre...

Na casa fluctua a luz côr de rosa dos *stores*, uma luz feérica e mysteriosa, onde perpassam gargalhadas finas de satyros em bom estado, e risos chrystalinos de deusas virginaes.

Do grande leito torneado apenas se vêem as largas cortinas de Bruxellas, caindo em dobras principescas, suaves e harmonicas, e no tapete rutilante uma chinella de setim dormita socegada, sonhando no mysterio voluptuoso dum baile.

Na rua um cornetim ladra umas velhas arias italianas. E' um rapazito gordo, esfarrapado, com quem o sol brinca nas manhãs frias de janeiro, e que todas as tardes alli passa, defronte do palacio. E' um



—

Até aqui, admitto que eu ande enganado e que o meu illustre contendor tenha toda razão.

Vou passar agora a outros pontos mais melindrosos, porque affectão directamente a *grammatica*.

Censurei esta phrase, que sôa tão mal ao ouvido: « o ar vivo, fresco, o passeio de bond, a multidão ruidosa e alegre de cousas e pessoas ... etc.. tirára-lhe um pouco das preoccupações do grande acto da vida que ia effectuar. »

— Não vejo ahi nenhum erro de grammatica, — exclama Jorge Rodrigues, transcrevendo em seguida opiniões do grammatico A. Grivet; e accrescenta: « Já vê o attencioso sr. Pujol que o criticado sabe grammatica. S. s. é que anda assim um pouco..... um pouco exigente..... vá! »

Comprehendo bem aquellas reticencias.

Creia o sr. Jorge que eu não me zangaria si, em vez daquelle — *exigente* — s. s. tivesse escripto o qualificativo com que, em consciencia, mimoseou-me.

Podia dizer que eu não sei grammatica; dizendo-o não se enganaria. Isto de grammatica, meu amigo, é uma cousa muito seria, acredite.

A minha pouca idade e os meus poucos estudos de linguistica não me permittem *saber* grammatica: sou apenas um obscurissimo amante de lettras, que se exforça por saber alguma cousa.

«Comtudo, não são precisos grandes conhecimentos para affirmar que o dr. Tancredo, si sabe grammatica, —como creio piamente—é muito distrahido.

A opinião do Grivet, citada pelo sr. Rodrigues, não me convence: talvez tenha elle razão; mas, si assim é, eu entendo, de accôrdo com muitos philologos auctorisados, que taes exemplos não são dignos de imitação.—A dissonancia que destas expressões resulta, escreve um abalisado professor, só apparece disfarçada si a phrase estiver em ordem inversa.

Prosigamos.

Aceito aquelle — *armazenado* — como um erro typographico. Outro tanto não se póde dizer de— fizerão-n'o, beliscarão-n'o, empurrarão-n'o, achassem-n'o,—etc. Para o meu collega, parece que o Grivet é um *tira-teimas*. Pois bem; leia o Grivet, á pagina 522:

« — A Próthese consiste no accrescimo, por augmento, de *N* euphonico ao mesmo pronome pessoal O, A, OS, AS, quando posposto a uma terminação nasal (ÃO EM). Não são poucos os publicistas, que por ignorancia dos principios de grammatica, julgão necessario, para mais expressamente resalvar o alcance méramente euphonico do referido N, separal-o do pronome pelo apostropho, escrevendo N'O, N'A, N'OS, N'AS.

E' o mesmo como pôr dous topes em chapéo armado ».

Adiante.

« Quando chegarão, porém (diz o conto) um *espasmo* nervoso, inexprimivel, *sacudiu-lhe* todo o organismo, e *sentiu* como um vapor de lagrimas subindo-lhe a cabeça.... »

Quem é que sentiu o tal vapor? perguntei eu.

Jorge Rodrigues julga inutil essa pergunta.

Leia ainda o mesmo Grivet á pagina 350:

« Nos seguintes exemplos, a suppressão indevida de um sujeito idoneo, junta ao emprego mal cabido da conjuncção copulativa E, torna as orações, senão de todo amphibologicas, ao menos de construcção viciosa ».

Confesso ainda que não posso analysar a phrase: « Mas o peior foi na hora do recreio, sobresaltado, quasi tonto, no meio do barulho e das caras novas », visivelmente viciosa: não admitto aquella « grande sala *núa, cheia* de desconhecidos » nem o emprego successivo de *immovel* e *empurrado* etc.

Aquellas *manhãs sonóras*, não as admitto tambem, pelo menos em prosa.

Jorge Rodrigues tem lido essa expressão em laureados poetas, sem que a critica os verbére.

De accordo, mas só em verso.

Essas cousas, ditas em verso pódem passar...

São *sandices sonóras* como diz Toalber, o querido chronista vassourense.

—

Estava a concluir este artigo, quando recebi uma honrosissima e delicada carta de Jorge Rodrigues.

E essa carta foi-me direito ao coração, tal é a sinceridade das expressões nella contidas.

Jorge Rodrigues revela-se um moço de grande talento, que tem caracter e muita dignidade, o que é raro mostrar-se em um só individuo.

Longe de censural-o pela attitude que ante mim tomou, louvo-o muito e muito applaudo-o com sincero enthusiasmo, porque soube cumprir um dever de lealdade.

Lastimo que se tenha dado entre nós esse incidente, e tanto mais quanto a Jorge Rodrigues parecem que existem em mim odiosinhos inveterados contra o distincto moço que escreveu os *Primeiros Espinhos*.

Assim, quero pôr termo a essa questão, para poupar-me maiores desgostos.

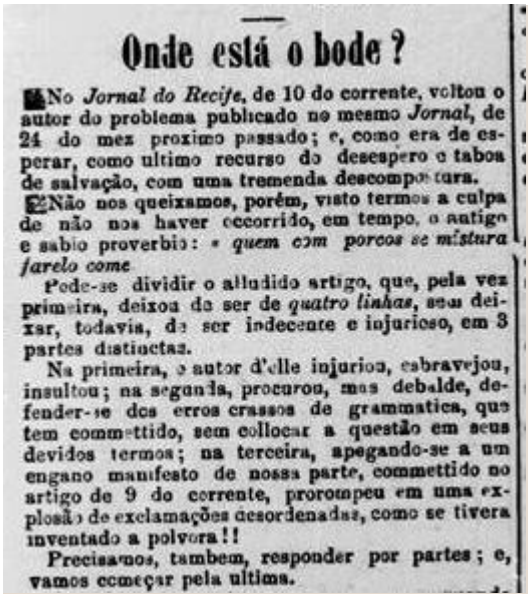
Diga-me Jorge Rodrigues o que entender: não lerá outra resposta minha.

O dr. Tancredo de Mello hade encontrar sempre em mim um bom camarada, que deseja vêl-o coberto de louros na republica das lettras; quanto a Jorge Rodrigues, estendo-lhe amigavelmente a mão, como companheiro que de ha muito o aprecia, e agradeço-lhe de coração os lisongeiros termos que me dirige em seu artigo, inclusive mesmo aquellas reticencias...

ALFREDO PUJOL.

Mendes, Janeiro, 1886.

O Vassourense (RJ) - Ano 1886\Edição 00005 (1)



—

Onde está o bode?

No *Jornal do Recife*, de 10 do corrente, volton o autor do problema publicado no mesmo *Jornal*, de 24 do mez proximo passado; e, como era de esperar, como ultimo recurso do desespero e taboa de salvação, com uma tremenda descompostura.

Não nos queixamos, porém, visto termos a culpa de não nos haver occorrido, em tempo, o antigo e sabio proverbio: « *quem com porcos se mistura farelo come* »

Pode-se dividir o alludido artigo, que, pela vez primeira, deixou de ser de *quatro linhas*, sem deixar, todavia, de ser indecente e injurioso, em 3 partes distinctas.

Na primeira, o autor d'elle injuriou, esbravejou, insultou; na segunda, procurou, mas debalde, defender-se dos erros crassos de grammatica, que tem commettido, sem collocar a questão em seus devidos termos; na terceira, apegando-se a um engano manifesto de nossa parte, commettido no artigo de 9 do corrente, prorompeu em uma explosão de exclamações desordenadas, como se tivera inventado a polvora!!

Precisamos, tambem, responder por partes; e, vamos começar pela ultima.

Quando para mostrarmos, que o—QUE—quando pronome relativo, refere-se sempre ao antecedente, demos os seguintes exemplos: « *a casa que Pedro construio é uma das mais bellas d'aquelle sitio* »: « *a encadernação do livro que me déste é muito elegante,* » não podiamos absolutamente considerar o —*que*—em ambas as orações, como sujeito dos verbos—construio—e—déste—

Preoccupado, com o que queriamos demonstrar; isto é, que o—QUE—refere-se sempre a um nome que lhe antecede, e nunca a um que lhe succede, dissemos—*sujeito*—, em lugar de dizermos—*complemento*—

E' principio corrente, que o—QUE—, quando pronome relativo, faz, na oração em que se acha, o officio, ora de sujeito, ora de complemento.

Foi um engano manifesto, e, tanto mais evidente quanto, em ambos os exemplos figurados, o—QUE—é complemento dos verbos—*construio* e déste.

E, só por preoccupação, nos escapou semelhante equivoco, o qual não devia ter provocado por parte do *sabio* articulista tantas interrogações e admirações, como se tivesse feito um grande invento.

O que não fez, porém, foi mostrar, que o—*que*—não se referia aos antecedentes—*livro* e *casa*; o que constituia exactamente o objecto de nossa demonstração.

Se conseguisse fazel o, é que poderia exultar e entoar os hymnos da victoria.

E, para verificar-se, que, os alludidos exemplos, só foram trazidos para o fim que alludimos, basta lêr-se, o que logo em seguida dissemos:

« E, assim, em muitos outros exemplos e casos, « sempre o—*que*—como relativo, refere-se ao an- « tecedente; é uma regra que não tem excepção; « porque todas as vezes que houver ambiguidade « no sentido da phrase empregando-se o conjunc- « tivo—*que*—deve este ser substituido pelo adjec- « tivo—*o qual*—

« Ex: *a desobediencia dos Israelitas ás ordens « de Deus*, A QUAL é *materia continua das queixas « de Moysés.* »

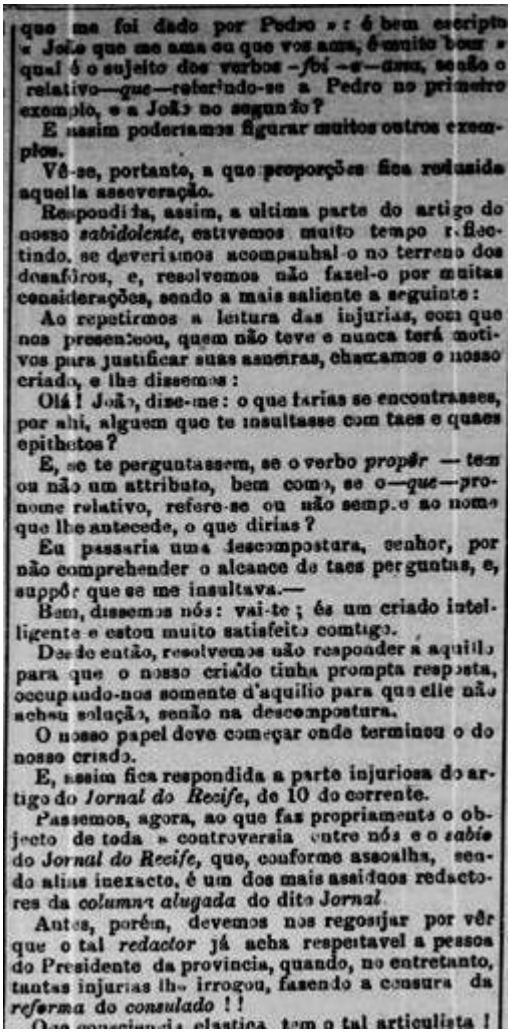
« Aqui, como o—*que*—refere-se a—*desobedien- « cia*—e, não a—*Deus*—, se emprega—*a qual*— « em vez de—*que*—

Assim, portanto, só por um equivoco, consideramos o—*que*—como sujeito dos verbos—*construio* e *déste*, quando, em ambos os exemplos, elle serve de complemento de taes verbos.

Não é por este lado, que, o autor do problema sobre *pomada em canudos*, se ha de justificar ou fugir da nossa argumentação.

O que é admiravel, porém, é que soccorrendo se ao que se está vendo ser manifestamente um engano, tenha o *sabio* articulista aventurado o seguinte asserto: « nas orações em que entra o pro- « nome pessoal, o—QUE—relativo não pode ser « sujeito. »

Pois bem; nos seguintes exemplos: « o livro



que me foi dado por Pedro » : é bem escripto « João que me ama ou que vos ama, é muito bom » qual é o sujeito dos verbos —*foi* —*é*—*ama*, senão o relativo—*que*—referindo-se a Pedro no primeiro exemplo, e a João no segundo?

E assim poderiamos figurar muitos outros exemplos.

Vê-se, portanto, a que proporções fica reduzida aquella asseveração.

Respondida, assim, a ultima parte do artigo do nosso *sabidolente*, estivemos muito tempo reflectindo, se deveriamos acompanhal-o no terreno dos desafôros, e, resolvemos não fazel-o por muitas considerações, sendo a mais saliente a seguinte:

Ao repetirmos a leitura das injurias, com que nos presenteou, quem não teve e nunca terá motivos para justificar suas asneiras, chamamos o nosso criado, e lhe dissemos:

Olá! João, dize-me: o que farias se encontrasses, por ahi, alguem que te insultasse com taes e quaes epithetos?

E, se te perguntassem, se o verbo *propôr* — tem ou não um attributo, bem como, se o—*que*—pronome relativo, refere-se ou não sempre ao nome que lhe antecede, o que dirias?

Eu passaria uma descompostura, senhor, por não comprehender o alcance de taes perguntas, e, suppôr que se me insultava.—

Bem, dissemos nós: vai-te; és um criado intelligente e estou muito satisfeito comtigo.

Desde então, resolvemos não responder a aquillo para que o nosso criado tinha prompta resposta, occupando-nos somente d'aquillo para que elle não achou solução, senão na descompostura.

O nosso papel deve começar onde terminou o do nosso criado.

E, assim fica respondida a parte injuriosa do artigo do *Jornal do Recife*, de 10 do corrente.

Passemos, agora, ao que faz propriamente o objecto de toda « controversia entre nós e o *sabio* do *Jornal do Recife*, que, conforme asseolha, sendo alias inexacto, é um dos mais assiduos redactores da *columna alugada* do dito *Jornal*.

Antes, porém, devemos nos regosijar por vêr que o tal *redactor* já acha respeitavel a pessoa do Presidente da provincia, quando, no entretanto, tantas injurias lhe irrogou, fazendo a censura da *reforma* do *consulado* ! !

Que consciencia elastica tem o tal articulista !

reforma do consulado ?

Que consciencia elastica tem o tal articulista !

Quando lhe temos aconselhado que não se metta a escrever artigos, é porque, ficamos penalisados, vendo a imprensa emporcalhada, já, com despropositadas descomposturas, já com uma *linguagem elegante*, como dá testemunho eloquente : « os *com novos* encargos. »

Occupemo-nos, porém, com a questão principal, e tornemos bem saliente e claro de que se trata ; o que motivou a discussão, e sobre que ella versa. Attenda o publico.

No *Diario* de 21 do proximo passado, alludindo ao que com tanta *eloquencia* e *verdade* se disse a respeito da reforma do consulado, formulamos um problema, e, o concluimos assim :

« Se o bôbo que escreveu sobre a reforma do « consulado resolver este problema, ganhará fogos « para o S. João. »

No *Jornal do Recife* de 24 do mesmo mez tres dias depois, appareceu tambem um problema, cuja conclusão era a seguinte :

« Se, o conhecido idiota QUE PROPOZ no *Diario* « de 21 do corrente, resolver o difficil problema, « ganhará um pratinho de carurú e algumas du- « zias de traques. »

No *Diario* de 26, sob o titulo, « *onde está o gato* ? referindo-nos a semelhante problema, perguntamos : qual o attributo do verbo—*propor* ? »

« Que foi que o conhecido idiota propoz ? »

Cumpre aqui observar, que, tendo sido santificado o dia 24, somente a 26 houve jornaes, ficando assim respondida a arguição, que se nos fez, no *Jornal*, de ante-hontem, de termos passado dous dias para fazermos taes perguntas.

D'esta data (26) até o 1.º do corrente, houve diversos artigos, de parte a parte ; nós a pedirmos resposta á aquellas perguntas, e, o nosso antagonista a esquivar-se de dal-a ; até que, afinal, no *Jornal* d'esse celebre dia 1.º appareceu elle e disse :

« *Podiamos* simplesmente dizer, « que o verbo— « *propor* NÃO TEM ATTRIBUTO ; (attenda se bem « para esta asseveração do nosso *sabio* antagonis « ta) mas é preciso demonstrar que o tal *doutor* « (*que não é douto*) ignora o que seja attributo, e « que leva a sua supina ignorancia ao ponto de « confundir attributo com o complemento de ora « ção. »

Devemos observar, que, ainda hoje, esperamos pelas explicações promettidas !

« Vamos explicar o periodo, continúa o PROBLEMATICISTA, pondo as orações em ordem grammatical. »

« Oração principal : — o conhecido idiota ganhará um pratinho de carurú, e algumas duzias de traques. »

« Oração condicional : — Se (elle idiota resolver o difficil problema.

« Oração explicativa : — *que* (ou QUAL PROBLEMA elle idiota) *propoz*, no *Diario* de 21 do corrente. »

Pedimos toda attenção para esta oração explicativa, do sabio autor do problema do *Jornal do Recife*.

Depois deste historico, estamos habilitados para mostrar quaes os pontos sobre que versa a discussão, e, para bôa ordem na argumentação, podemos estabelecer tres questões :

1.ª—O verbo—*propor*—tem ou não attributo ?

2.ª—E' possivel, que, quem formula um problema, peça a solução, não do que propõe, mas de outro, publicado em *jornal* diverso, e ao qual nenhuma referencia se fez ?

3ª. Está correcta a ordem grammatical, que, do periodo com que concluio o problema, fez o autor d'este ?

Com relação a primeira questão, o SABIO *problematicista* diz cathegoricamente : « Podiamos simplesmente dizer que o verbo -*propôr*—NÃO TEM ATTRIBUTO.

Já, em dous longos artigos, publicados nos *Diarios* de 7 e 9 do corrente, mostramos, a saciedade, que o verbo—*propôr*—tem attributo, quer se tome esta palavra no seu sentido rigoroso, quer, se a repute como significando regime, complemento ou paciente.

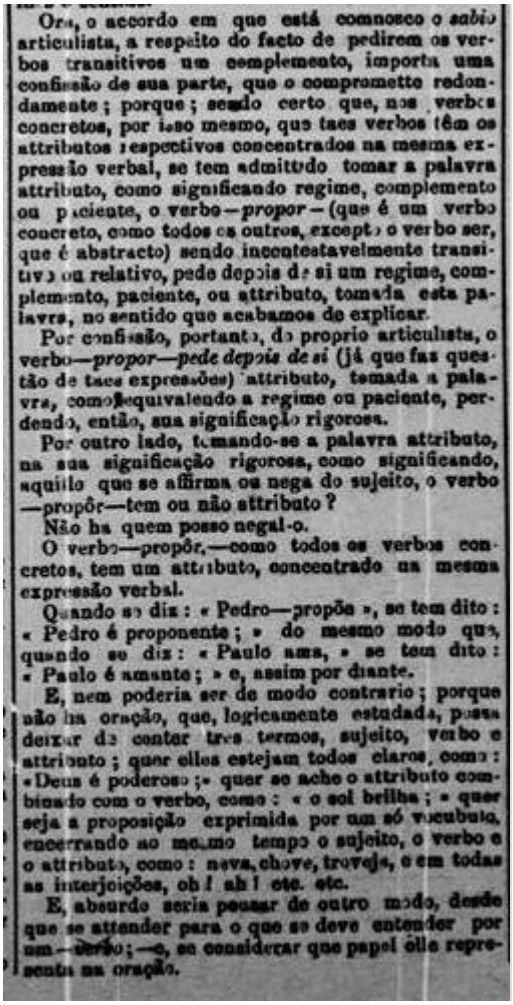
No *Jornal*, de ante-hontem, veio o autor do tal problema, e, disse :

1º—que os termos, sujeito, verbo e attributo, não são termos necessarios á toda oração, logicamante estudada.

2º—que, não ha verbo que peça attributo, depois de si. »

Concordou, todavia, que o verbo—*propôr*—sendo transitivo ou relativo pede depois de si um complemento, regime ou paciente.

E, a razão é porque ; não tendo os verbos transitivos ou relativos um sentido completo, precisam de um complemento ou regime para determinar-lhes o sentido.



Ora, o accordo em que está comnosco o *sabio* articulista, a respeito do facto de pedirem os verbos transitivos um complemento, importa uma confissão de sua parte, que o compromette redondamente; porque; sendo certo que, nos verbos concretos, por isso mesmo, que taes verbos têm os attributos respectivos concentrados na mesma expressão verbal, se tem admittido tomar a palavra attributo, como significando regime, complemento ou paciente, o verbo—*propor*—(que é um verbo concreto, como todos os outros, excepto o verbo ser, que é abstracto) sendo incontestavelmente transitivo ou relativo, pede depois de si um regime, complemento, paciente, ou attributo, tomada esta palavra, no sentido que acabamos de explicar.

Por confissão, portanto, do proprio articulista, o verbo—*propor*—*pede depois de si* (já que faz questão de taes expressões) attributo, tomada a palavra, como equivalendo a regime ou paciente, perdendo, então, sua significação rigorosa.

Por outro lado, tomando-se a palavra attributo, na sua significação rigorosa, como significando, aquillo que se affirma ou nega do sujeito, o verbo —propôr—tem ou não attributo?

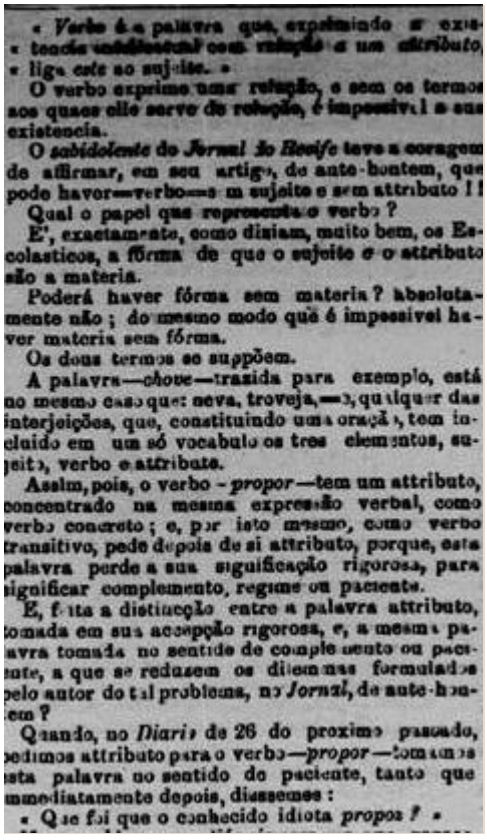
Não ha quem posso negal-o.

O verbo—propôr,—como todos os verbos concretos, tem um attributo, concentrado na mesma expressão verbal.

Quando se diz: « Pedro—propõe », se tem dito: « Pedro é proponente; » do mesmo modo que, quando se diz: « Paulo ama, » se tem dito: « Paulo é amante; » e, assim por diante.

E, nem poderia ser de modo contrario; porque não ha oração, que, logicamente estudada, possa deixar de conter tres termos, sujeito, verbo e attributo; quer elles estejam todos claros, como: « Deus é poderoso; » quer se ache o attributo combinado com o verbo, como: « o sol brilha; » quer seja a proposição exprimida por um só vocabulo, encerrando ao mesmo tempo o sujeito, o verbo e o attributo, como: neva, chove, troveja, e em todas as interjeições, oh! ah! etc. etc.

E, absurdo seria pensar de outro modo, desde que se attender para o que se deve entender por um—verbo;—e, se considerar que papel elle representa na oração.



« *Verbo* é a palavra que, exprimindo a exis-
« tencia intellectual com relação a um attributo,
« liga este ao sujeito. »

O verbo exprime uma relação, e sem os termos aos quaes elle serve de relação, é impossivel a sua existencia.

O *sabidolente* do *Jornal do Recife* teve a coragem de affirmar, em seu artigo, de ante-hontem, que pode haver—verbo—sem sujeito e sem attributo!!

Qual o papel que representa o verbo?

E', exactamente, como diziam, muito bem, os Escolasticos, a fórma de que o sujeito e o attributo são a materia.

Poderá haver fórma sem materia? absolutamente não; do mesmo modo que é impossivel haver materia sem fórma.

Os dous termos se suppõem.

A palavra—chove—trazida para exemplo, está no mesmo caso que: neva, troveja,—e, qualquer das interjeições, que, constituindo uma oração, tem incluido em um só vocabulo os tres elementos, sujeito, verbo e attributo.

Assim, pois, o verbo—*propor*—tem um attributo, concentrado na mesma expressão verbal, como verbo concreto; e, por isto mesmo, como verbo transitivo, pede depois de si attributo, porque, esta palavra perde a sua significação rigorosa, para significar complemento, regime ou paciente.

E, feita a distincção entre a palavra attributo, tomada em sua accepção rigorosa, e, a mesma palavra tomada no sentido de complemento ou paciente, a que se reduzem os dilemmas formulados pelo autor do tal problema, no *Jornal*, de ante-hontem?

Quando, no *Diario* de 26 do proximo passado, pedimos attributo para o verbo—*propor*—tomamos esta palavra no sentido do paciente, tanto que immediatamente depois, dissemos:

« Que foi que o conhecido idiota *propoz*? »

Mas o *sabio*, que, aliás ignora, ao que parece, estes rudimentos, diz no *Jornal* do 1º do corrente, com incrivel desembaraço: « o verbo *propôr* não tem attributo »; quando, mesmo na accepção rigorosa desta palavra, tal verbo tem attributo, concentrado na mesma expressão verbal.

E quando assim argumentamos, se nos diz, que fugimos da questão!

Risum teneatis...!

Agora, aprecie o publico a coragem do nosso *problematicista*. Diz elle no *Jornal* de ante-hontem:

« Attributo, *meu doutor*, não na verbo *que o peça* « —*depois de si*; isto é, foi e será uma grande asneirá ».

E' preciso ter muita paciencia para supportar semelhante ousadia!

Tomada a palavra attributo, na accepção de complemento, todos os verbos transitivos pedem um attributo, porque pedem complemento ou paciente.

Mas, tomada a palavra attributo, em sua accepção rigorosa, significando, aquillo que se affirma ou nega do sujeito, o verbo abstracto—ser— pede ou não depois de si um attributo?

Não ha quem seja capaz de dizer que não, a não ser o *illustradissimo* autor do problema do *Jornal do Recife*.

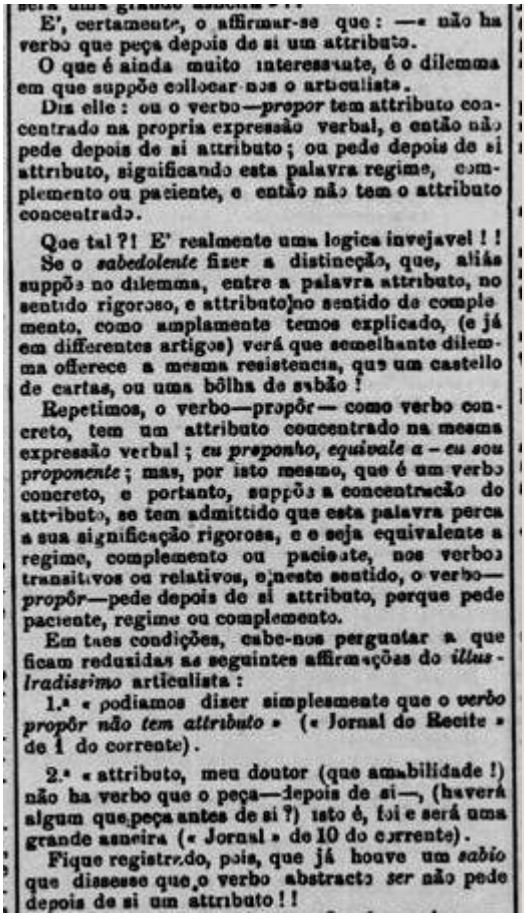
E a razão é obvia.

Sendo o verbo abstracto, o que designa o ser pela idéa precisa da existencia intellectual com relação a um attributo *qualquer*, ao contrario dos verbos concretos, que designam o ser, pela idéa precisa da existencia intellectual com relação a um attributo *determinado*, contido na expressão verbal, é mister que venha depois do verbo abstracto—*ser* —o *attributo*, para que se saiba o que se affirma ou nega do sujeito

Quando se diz: Pedro é; as casas são; os homens foram; os peixes são; é preciso que venha depois do verbo, é, são, foram, —alguma cousa— que mostree determine o que Pedro é, o que são as casas, o que foramos homens, o que os peixes são: ao contrario, nenhum juizo se tem externado com aquellas proposições inteiramente abstractas e sem significação real e positiva.

Assim, o verbo —*ser*, não pede só, exige depois delsi um attributo, tomada esta palavra na accepção rigorosa.

E, agora, digam os entendidos: « o que é, foi e será uma grande asneira »?!



será uma grande asneira ?!

E', certamente, o affirmar-se que: —« não ha verbo que peça depois de si um attributo.

O que é ainda muito interessante, é o dilemma em que suppõe collocar-nos o articulista.

Diz elle: ou o verbo—*propor* tem attributo concentrado na propria expressão verbal, e então não pede depois de si attributo; ou pede depois de si attributo, significando esta palavra regime, complemento ou paciente, e então não tem o attributo concentrado.

Que tal ?! E' realmente uma logica invejavel ! !

Se o *sabedolente* fizer a distincção, que, aliás suppõe no dilemma, entre a palavra attributo, no sentido rigoroso, e attributo no sentido de complemento, como amplamente temos explicado, (e já em differentes artigos) verá que semelhante dilemma offerece a mesma resistencia, que um castello de cartas, ou uma bôlha de sabão !

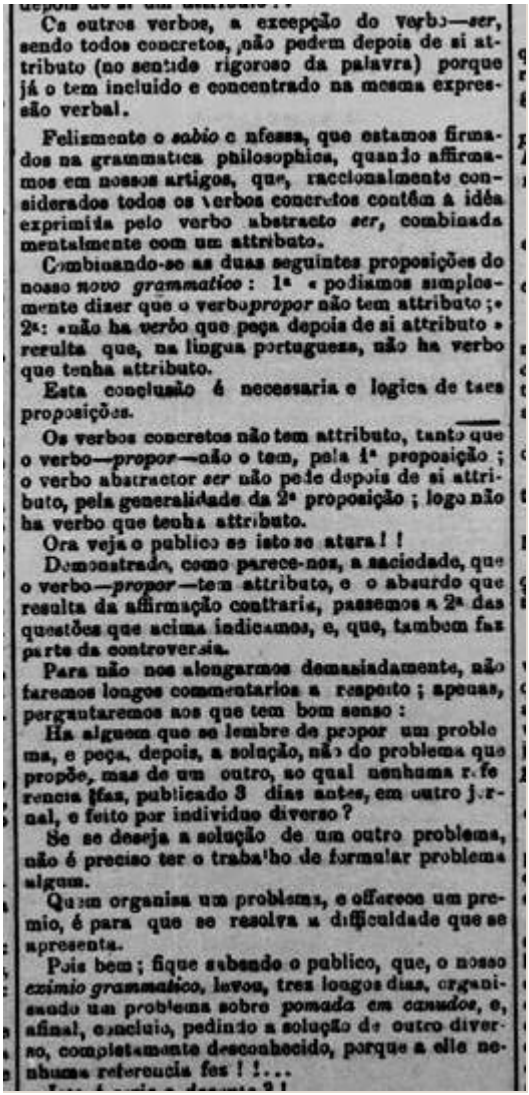
Repetimos, o verbo—propôr— como verbo concreto, tem um attributo concentrado na mesma expressão verbal; *eu proponho, equivale a – eu sou proponente*; mas, por isto mesmo, que é um verbo concreto, e portanto, suppõe a concentração do attributo, se tem admittido que esta palavra perca a sua significação rigorosa, e e seja equivalente a regime, complemento ou paciente, nos verbos transitivos ou relativos, e neste sentido, o verbo—*propôr*—pede depois de si attributo, porque pede paciente, regime ou complemento.

Em taes condições, cabe-nos perguntar a que ficam reduzidas as seguintes affirmações do *illustradissimo* articulista:

1.ª « podiamos dizer simplesmente que o *verbo propôr não tem attributo* » (« Jornal do Recife » de 1 do corrente).

2.ª « attributo, meu doutor (que amabilidade !) não ha verbo que o peça—depois de si—, (haverá algum que peça antes de si ?) isto é, foi e será uma grande asneira (« Jornal » de 10 do corrente).

Fique registrando, pois, que já houve um *sabio* que disesse que o verbo abstracto *ser* não pede depois de si um attributo ! !



Os outros verbos, a excepção do verbo—*ser*, sendo todos concretos, não podem depois de si attributo (no sentido rigoroso da palavra) porque já o tem incluido e concentrado na mesma expressão verbal.

Felizmente o *sabio* confessa, que estamos firmados na grammatica philosophica, quando affirmamos em nossos artigos, que, racionalmente considerados todos os verbos concretos contêm a idéa exprimida pelo verbo abstracto *ser*, combinada mentalmente com um attributo.

Combinando-se as duas seguintes proposições do nosso *novo grammatico*: 1ª «podiamos simplesmente dizer que o verbo *propor* não tem attributo;» 2ª: «não ha *verbo* que peça depois de si attributo» resulta que, na lingua portugueza, não ha verbo que tenha attributo.

Esta conclusão é necessaria e logica de taes proposições.

Os verbos concretos não tem attributo, tanto que o verbo—*propor*—não o tem, pela 1ª proposição; o verbo abstractor *ser* não pede depois de si attributo, pela generalidade da 2ª proposição; logo não ha verbo que tenha attributo.

Ora veja o publico se isto se atura!!

Demonstrado, como parece-nos, a saciedade, que o verbo—*propor*—tem attributo, e o absurdo que resulta da affirmação contraria, passemos a 2ª das questões que acima indicamos, e, que, tambem faz parte da controversia.

Para não nos alongarmos demasiadamente, não faremos longos commentarios a respeito; apenas, perguntaremos aos que tem bom senso:

Ha alguem que se lembre de propor um problema, e peça, depois, a solução, não do problema que propõe, mas de um outro, ao qual nenhuma referencia faz, publicado 3 dias antes, em outro jornal, e feito por individuo diverso?

Se se deseja a solução de um outro problema, não é preciso ter o trabalho de formular problema algum.

Quem organisa um problema, e offerece um premio, é para que se resolva a difficuldade que se apresenta.

Pois bem; fique sabendo o publico, que, o nosso *exímio grammatico*, levou, tres longos dias, organisando um problema sobre *pomada em canudos*, e, afinal, concluio, pedindo a solução de outro diverso, completamente desconhecido, porque a elle nenhuma referencia fez!!...

Isto é serio e decente?!

Quem assim procede, não demonstra ter uma *intelligencia privilegiada*!!

Não é mesmo um santo, em toda a extensão e comprehensão desta palavra?!

E, temos notado, que, apesar de termos em differentes artigos, nos occupado d'este ponto, que tanto caracterisa o *talento* do nosso *grammatico*, até hoje elle não ensaiou nem mugio a respeito, talvez porque não tivesse encontrado em Grivet a resposta.

Pois bem ; que vão e reabra o Grivet, e responda-nos, é o que simplesmente pedimos.

Todo o absurdo, porém, provém de não ter o *grammaticista*, dado paciente ao verbo—*propor*,—no periodo com que concluio o tal problema, que tanto lhe tem custado !

Vendo-se acoçado por nós para que indicasse qual o paciente do alludido verbo, procurou fazer uma ordem grammatical do tal periodo, que além de importar o absurdo que apontamos, é um mimo, um *primor*, como vamos provar.

Para abstermo-nos de repetições fastidiosas, pedimos ao leitor o obsequio de attender para o periodo a que nos referimos, assim como para a ordem grammatical, que alludimos, periodo e ordem transcriptos neste mesmo artigo.

E, como no artigo, de ante-hontem, tambem, não se encontrou em *Guanabara* resposta para as nossas censuras, a respeito, feitas no *Diario* de 9 do corrente, transcrevemos para aqui o que ahi dissemos.

O periodo começa: se o conhecido idiota que raciocinar; este—que,—na oração, é pronome relativo ou adjectivo demonstrativo, e, portanto, refere-se necessariamente ao substantivo que lhe está junto e ao qual substitue, e, nunca póde referir-se a um nome que lhe está posterior e muito distante.

Não ha quem ignore isto !

O—*que*—pronome relativo resolve-se em—*o qual, a qual, as quaes, os quaes* e vem de—*qui quæ quod*, referindo-se *sempre* ao nome que lhe antecede.

Na oração que examinamos faz o officio de sujeito do verbo—*propor*.

A regra de que o—*que*, quando pronome relativo refere-se sempre ao antecedente, e nunca ao consequente não tem excepção possivel ; mesmo porque ; quando houver ambiguidade no sentido da phrase, empregando-se o conjunctivo—*que*—para referir-se sempre ao antecedente, porém, mais distante, deve ser elle substituido pelo adjectivo—*o qual*.

Ex.: a desobediencia dos Israelistas as ordens de Deus,- *a qual* é materia continua das queixas de Moysés ».

Eis o conjunctivo- *que*—substituido pelo adjectivo—*a qual*—porque elle se fosse empregado se referiria a *desobediencia*, e não a *Deus*, que lhe antecede immediatamente.

Estes principios são incontestaveis.

Assim, no periodo que examinamos, o—*que*—da oração do verbo—*propor*—só póde referir-se a—*idiota*- que lhe antecede, e, nunca, absolutamente nunca a—*problema*—que lhe succede, e, está á algumas leguas de distancia.

No entanto, o *sabio* autor do problema, na ordem grammatical, que fez de seu periodo, reputou o—*que*—relativo, mas (isto é simplesmente horrivel) referindo-se a problema ! !...

O que, porém, é mais admiravel, é que, segundo a tal ordem grammatical, o *que*—sendo relativo e referindo-se a—*problema*—representa o papel de paciente do verbo—propor !

Eis a oração, segundo o autor do problema : «que (ou o *qual problema*, elle idiota) *propoz* no *Diario* de 21 do corrente.

Elle idiota, para o *grammatico*, é o sujeito do verbo -*propor*-, ficando para fazer o officio de paciente do mesmo verbo, que é transitivo, o pronome relativo—*que*,— que, na hypothese, equivale a—*o qual problema*.

Quanta belleza, e quanta novidade na lingua ! !

gua ! !

Do que temos dito a respeito da *mimosa* ordem grammatical, podemos deduzir duas perguntas, que quizeramos ter uma resposta franca.

1.ª O *que*—pronome relativo, em um periodo dado, pode referir-se a um nome que lhe succede ?

2.ª Na oração, em questão, o—*que*, pronome relativo, é ou não sujeito do verbo—propoz ?

E, o que respondeu o articulista ás nossas censuras a respeito, no *Jornal* de ante-hontem ?

Não se tratava de descompôr, e, passou como gato por brazas ; dizendo : qual erro ! é porque ainda não se comprehendeu o periodo ! !

Bem dito e bem resolvido ; de facto, o tal periodo tem suas difficuldades, e, parece ter, como se costuma dizer, *dente de coêlho* ! !

E, ainda se diz que fugimos da questão ! ! ...

O que provoca certamente o riso é a seguinte justificação : colloque-se as orações em ordem grammatical, e ver-se-ha que—o *que*—refere-se a problema, que lhe succede, e não a idiota, que lhe antecede ! !

De modo que, é mister, em um periodo qualquer, pôr as orações em ordem grammatical, para se conhecer a que palavra se refere o—*que*—pronome relativo ! !

Essa é esplendida, e constitue uma *novidade* ! !

Ora experimentemos o processo, e vejamos o resultado :

Ex. « a casa que Pedro construio é uma das mais bellas d'aquelle sitio » Tal como está o periodo o—*que*—refere-se a *casa* que lhe antecede ; e, temos—a casa a *qual* casa, Pedro construio.

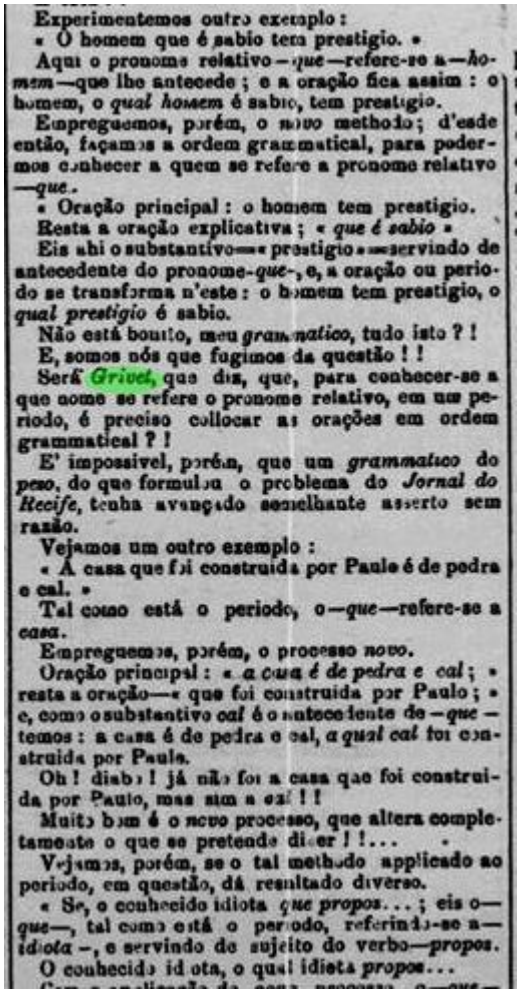
Agora empreguemos o *invento* ou o *processo* do nosso *grammatico*, que consiste em collocar as orações em ordem grammatical.

Oração principal :—a casa é uma das mais bellas d'aquelle sitio.

Resta a oração explicativa :—*que Pedro construio* : vem o substantivo—*sitio*—ser o antecedente de—*que*— ; e, portanto, o—*que*—refere-se a *sitio*, e não, a *casa*.

E, eis aqui Pedro construindo, não a *casa*, mas o *sitio* ou *logar* onde está a *casa* ! !

E esta ? !



Experimentemos outro exemplo:

« O homem que é sabio tem prestigio. »

Aqui o pronome relativo —*que*— refere-se a —*homem*— que lhe antecede; e a oração fica assim: o homem, o *qual homem* é sabio, tem prestigio.

Empreguemos, porém, o novo methodo; d'esde então, façamos a ordem grammatical, para podermos conhecer a quem se refere o pronome relativo —*que*.

« Oração principal: o homem tem prestigio.

Resta a oração explicativa; « *que é sabio* »

Eis ahi o substantivo — « prestigio » — servindo de antecedente do pronome-*que*-, e, a oração ou periodo se transforma n'este: o homem tem prestigio, o *qual prestigio* é sabio.

Não está bonito, meu *grammatico*, tudo isto ? !

E, somos nós que fugimos da questão ! !

Será *Grivet*, que diz, que, para conhecer-se a que nome se refere o pronome relativo, em um periodo, é preciso collocar as orações em ordem grammatical ? !

E' impossivel, porém, que um *grammatico* do peso, do que formulou o problema do *Jornal do Recife*, tenha avançado semelhante asserto sem razão.

Vejamos um outro exemplo:

« A casa que foi construida por Paulo é de pedra e cal. »

Tal como está o periodo, o —*que*— refere-se a *casa*.

Empreguemos, porém, o processo *novo*.

Oração principal: « *a casa é de pedra e cal*; » resta a oração — « que foi construida por Paulo; » e, como o substantivo *cal* é o antecedente de —*que*— temos: a casa é de pedra e cal, *a qual cal* foi construida por Paulo.

Oh! diabo! já não foi a casa que foi construida por Paulo, mas sim a *cal* ! !

Muito bom é o *novo* processo, que altera completamente o que se pretende dizer ! !... .

Vejamos, porém, se o tal methodo applicado ao periodo, em questão, dá resultado diverso.

« Se, o conhecido idiota *que propos*...; eis o— *que*—, tal como está o periodo, referindo-se a— *idiota* —, e servindo de sujeito do verbo—*propos*.

O conhecido idiota, o qual idiota *propos*...

Com a applicação do novo processo, o—*que*— vem referir-se a—*problema*—que é a palavra, que, na ordem grammatical, lhe antecede, e, perde a qualidade de sujeito, para tornar-se paciente do verbo—*propos*; porque; se continuar como sujeito; resulta que; o problema o qual problema *propos*.

Seria gaiato um *problema propondo* alguma cousa ! !

Além d'isto, resulta o absurdo intoleravel de propor-se um problema, e, afinal, pedir-se a solução de outro diverso, o que, ninguem, de criterio e bom senso, fará.

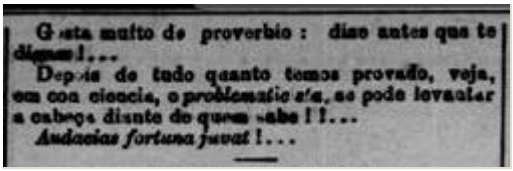
Assim; ou o relativo—*que*—refere-se a problema, e, d'esde então, temos, que não se quer a solução do problema que se propõe, mas, de outro que se ignora; e, o que era sujeito torna-se paciente, o que não deve ser das melhores cousas; ou, o —*que*—, refere-se effectivamente a—*idiota*,— que lhe antecede no periodo, tal como está enunciado; e, então, resulta, que o verbo —*propos*—não tem paciente, na oração, não se sabendo a quem, e, o que, o conhecido idiota *propos*.

Bonito processo que dá taes resultados ! !...

Escolha o nosso *grammatico* o que prefere no tal periodo, o absurdo intoleravel, ou o erro imperdoavel ! !

E, agora, diga-nos, com todo desembaraço, que fugimos da questão ! !

E, no entanto, o autor do tal problema ousa affirmar, sem corar, que fugimos da questão, e que só fazemos descompor !


Gosta muito do proverbio : dize antes que te digam !...
Depois de tudo quanto temos provado, veja, em con sciencia, o problematico s'a, se pode levantar a cabeça diante de quem sabe ! !...
Audacias fortuna juvat !...

Diario de Pernambuco (PE) - Ano 1887\Edição 00156 (1)

Onde está o bode !

E' mister desmascarar o *doutor* S., que ultimamente tem rabiscado nas solicitadas do *Diario de Pernambuco.*

O pobre typo, além de uma ignorancia invencivel, é de um pedantismo colossal e ridiculo !

Anda agora a encarecer uns artigos *bestialogicos* que escreveu, com supremo esforço e prolongada de nora, para defender a administração do Exm. Sr. Dr. Pedro Vicente.

E, no meio dos seus *aranzeis*, só se preocupa em allegar que escreveu sobre a reforma do Consulado ; que não póde tolerar (coitado !) que se ataque a administração da provincia.

E' preciso que o Sr. Pedro Vicente faça constar ao seu officioso defensor, que o nome de S. Exc. não pode figurar no meio de esterquilinios.

Agradeça ao *insensato* e despeça-o, quanto antes, para evitar discussões injuriosas acerca da sua respeitavel pessoa.

Ha em Pernambuco muitos homens habilitados, talentos brilhantes, que figurando na politica conservadora, podem prestar excellente concurso a sua administração.

Mande o tal *idiota* para casa, e com isto lucrará immensamente.

Quem não sabe discutir, quem não tem a menor educação não póde conviver em sociedade escolhida e delicada.

A imprensa não é praça de garotagem.

Vamos, agora, responder ao bobo do *doutor* S , que, afinal, não poude declinar—para os typographos—a responsabilidade da asneira que escreveu, repetidas vezes, acerca do verbo *propor.*

Felizmente não poude escapar-se e fazer o costumado *ratapá !*

O periodo que despertou a questão de portuguez dizia assim :

Se o conhecido idiota, que propoz, no Diario

Se, o conhecido idiota, que propoz, no Diario de 21 do corrente, resolver o difficil problema, ganhará um pratinho de caruru' e algumas duzias de traques.

Depois de pensar dous dias, veio o nosso *doutor* perguntar: *Qual o* ATTRIBUTO DO VERBO PROPOR?

Mais tarde, a 2 de Julho, ainda escreveu o seguinte:—*o verbo propor é de acção transitiva e* PEDE DEPOIS DE SI, PACIENTE, ATTRIBUTO *ou complemento objectivo.*

Ainda no dia 5 do corrente, insistio em affirmar que PROPOR—*sendo de acção transitiva*—PEDE DEPOIS DE SI *um paciente,* ATTRIBUTO *ou complemento objectivo!*

Não ha affirmativa mais clara, franca e positiva.

As palavras paciente, attributo ou complemento objectivo foram empregadas na sua accepção vigorosa.

Basta lêr-se o que transcrevemos, para conhecer-se o pensamento manifesto do seu autor.

Temos, pois, de um lado o tal *doutor S* asseverando que o verbo *propor* PEDE DEPOIS DE SI ATTRIBUTO; e, do outro, nós a negarmos a sua affirmativa

O meio facil de resolver-se a questão, seria indicar-se o attributo que o *verbo propor* PEDIA DEPOIS DE SI.

Entretanto, já que não podemos conseguir isto, seja nos licito, ao menos, apreciar os seus subterfugios, para não dizermos a sua *fuga vergonhosa.*

Vejamos o que diz no *Diario* de 7 do corrente, plagiando a *grammatica philosophica*:

« *Sendo oração a enunciação de um juizo não póde deixar de compor-se necessariamente de 3 partes: sujeito, verbo e attributo.* . . . . .

Ora, se tudo isto é incontestavel, segue-se que o verbo *propor* pede depois de si attributo!.....

O homem é das Arabias!. . . quando se vê em embaraços recorre a *philosophia* e adeus regencia grammatical.

E' preciso conter o riso para semelhante modo de augmentar.

Engana-se, porém, o tal sandêo.

Não permittiremos as suas evasivas, e acompanhal-o-hemos para onde correr.

Para destruirmos a theoria da grammatica philosophica, cederemos a penna ao notavel grammatico A. Grivet, que se incumbe, brilhantemente, de refutar o conceito a que se soccorreu o nosso antagonista.

soccorreu o nosso antagonista.

A grammatica philosophica, com a sua theoria de verbo substantivo, quer quatro cousas:

1· Que não haja proposição sem 3 termos;

2· Que não haja facto sem sujeito;

3· Que não haja verbo attributivo que se não resolva em verbo substantivo;

4· Em não haja fóra do verbo substantivo, verbo sem attributo, nem haja para tal verbo outro attibuto, senão o que delle se extrahe.

Tudo isto, diz Grivet, se poderia arguir de falso com uma simples palavra: —*chove*, que constitue uma proposição clara, clarissima, e onde não se encontra as 3 *partes*, e conseguintemente, as trez ideias distinctas em todo e qualquer pensamento.

Desejariamos, para divertir ao publico, que o articulista do *Diario*, viesse fazer a decomposição analytica dessa proposição e indicar as 3 partes a que alludio.

Agora tambem seja-nos licito perguntar: — se toda oração não se compõe, necessariamente, de sujeito, verbo e attributo, a que fica reduzido o argumento do articulista do *Diario*?

Admittamos, porém, que não haja proposição sem os tres termos; ainda assim, não se póde concluir que o verbo *propor peça depois de si attributo*.

Isto é uma asneira digna de palmatoria!.....

Quando dizem os grammaticos que toda a oração deve ter sujeito, verbo e attributo, não empregam este vocabulo na sua accepção rigorosa; porque se assim fosse, desapparecerian os *complementos*, regime ou pacientes que servem para completar o pensamento que se pretende externar.

Não queira, pois, meu doutor, pegar-se nessa *teia* de aranha.

Dizer-se que toda oração se compõe de sujeito, verbo e attributo, é cousa muito diversa de affirmar-se que tal verbo PÕE DEPOIS DE SI ATTRIBUTO.

Deixaremos de parte esta questão, e vamos ver, afinal, como se *estende* nosso homem acerca do verbo propor.

Diz elle: « o que se póde allegar é que, sendo o verbo propor, um verbo concreto, e designando os verbos concretos o ser, pela ideia precisa da existencia, intellectual com relação ao attributo determinado, TAES ATTRIBUTOS ESTÃO CONCENTRADOS OU CONTIDOS NA MESMA EXPRESSÃO VERBAL. »

Bonito!

Afinal, entregou se o homem!

Oh! quantos bolos não dariamos!..... e!.....

Agora pergunto:

Onde fica, meu doutor?

O verbo PROPOR PEDE ou não ATTRIBUTO DEPOIS DE SI?

Se pede attributo, é porque não o tem incluido em si.

Se o tem, não póde certamente pedil-o, como foi affirmado em publicações successivas! (*Diario de Pernambuco* de 23 de Junho e 2 e 5 de Julho.)

Ora diga-nos: onde foi que errou? Seria quando pedio attributo para o verbo propor — em virtude de ser elle *de acção transitiva*? Ou seria, quando affirmou ser elle verbo concreto ter o attributo incluido em si?

Responda, faz favor!

Se o petulante articulista fosse mais sensato, teria verificado, primeiramente, que o verbo propor, sendo um verbo activo, objectivo relativo, pedia complemento objectivo e terminativo ; o que encontrará na oração que suppõe defeituosa, mas que não o é.

Attributo, *meu doutor*, não ha verbo que o peça —*depois de si* ; isto é, foi e será uma grande asneira !

Não param ahi os dislates do nosso *homem*.

Depois de ter pedido attributo para o verbo *propor*, conhecendo a sua asneira, procurou salvar-se, porém, de um modo a comprometter-se ainda mais !

Vejamos :

« E como por isto mesmo, que os verbos concretos tem os seus attributos na mesma expressão verbal, se tem admittido que a palavra attributo, perdendo a sua significação rigorosa, possa ser empregada como significando paciente, complemento em regime nos verbos relativos ou transitivos, que são os que não tem um sentido complecto, e neste caso está o verbo propor etc. »

Parece-nos que, neste periodo, quiz o doutor S. safar-se dos apertos !

Elle insinúa que empregou a palavra attributo, como significando paciente, complemento ou *regime* !

Bravos !

Das duas uma : ou a palavra attributo foi empregada como synonima de completo ; e, neste caso, não póde achar-se incluido no verbo propor, porque elle pede, necessariamente, complemento objectivo e terminativo.

Ou então : foi applicada na sua rigorosa accepção, e, n'esta hypothese, é necessario que o tal rabiscador apresente o attributo que o *verbo* (segundo a sua opinião) *pede depois de si*.

Em que ficamos, meu *doutor* !

Esse jogo de disparate não nos serve.

E', porém, impagavel o nosso *homem* nos seus derivatidos !

Quiz desviar a questão para uma outra em que não póde sahir-se bem !

Firmando-se na grammatica philosophica, assim denominada, diz Grivet, por se incumbir de explicar a linguagem que todo mundo entende (*v. g. anto procurando*) por uma outra que ninguem sabe o que ella é (*sou andante procurante*), pretende demonstrar que todos os verbos se reduzem ao verbo *ser*.

Para que se mette nisto ?

Não vê logo que esta é uma discussão superior as suas forças ?

Tome o meu conselho ; vá lêr, estude alguma cousa, e peça a algum dos seus guias que lhe ensine melhor o portuguez.

Não concluiremos sem tornar saliente os disparates a que chegou o articulista, quando pretendeu mostrar erro no periodo que escrevemos, e que ainda não foi comprehendido.

Se o *homem* tem cabeça dura !...

Organisado o periodo em ordem grammatical, temos a seguinte enunciação :

O conhecido idiota ganhará um pratinho de carneiro e algumas duzias de traques, se resolver o difficil problema, *que* (o qual) propoz no *Diario* de 21 do corrente.

Ora, quem lêr isto comprehende (a menos que não seja um doutor S) que o pronome relativo—*que*—representa, certamente a palavra *problema*, que lhe antecede, collocadas as orações na devida ordem.

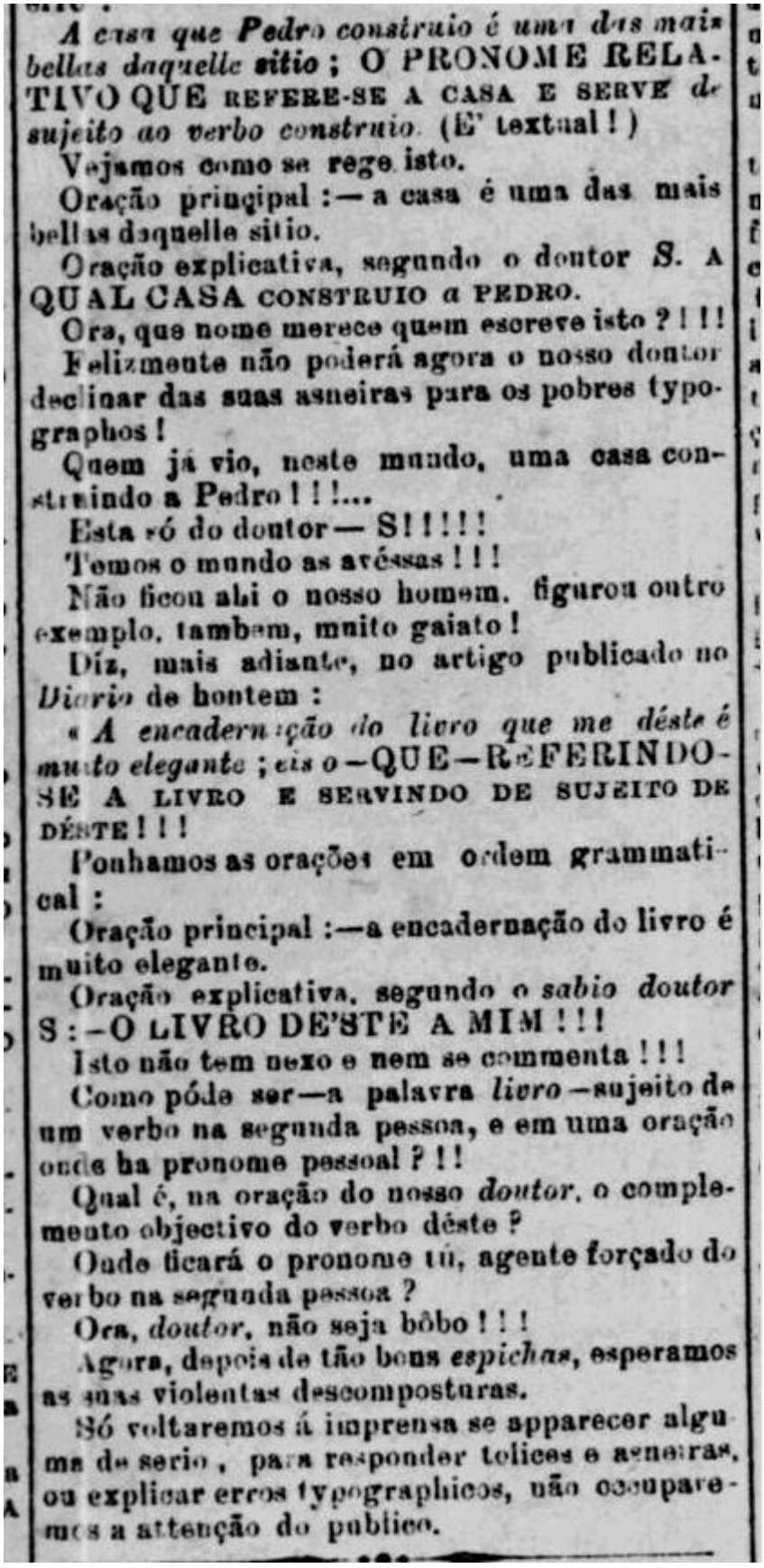
Fica assim demonstrado que, com effeito, o pronome relativo *que*, a referindo-se a palavra problema, serve de complemento objectivo ao verbo propor.

Ninguem poderá contestar isto convenientemente.

Só — o — não comprehende o *doutor* S., porque como já dissemos, é de uma ignorancia invencivel.

E senão vejamos.

Diz elle, exemplificando, para mostrar o nosso erro :



A casa que Pedro construio é uma dás mais bellas daquelle **sitio** ; O PRONOME RELATIVO QUE REFERE-SE A CASA E SERVE *de sujeito ao verbo construio.* (E' textual!)

Vejamos como se rege isto.

Oração principal :— a casa é uma das mais bellas daquelle sitio.

Oração explicativa, segundo o doutor S. A QUAL CASA CONSTRUIO *a* PEDRO.

Ora, que nome merece quem escreve isto ? ! ! !

Felizmente não poderá agora o nosso doutor declinar das suas asneiras para os pobres typographos !

Quem já vio, neste mundo, uma casa construindo a Pedro ! ! !...

Esta só do doutor — S ! ! ! ! !

Temos o mundo as avéssas ! ! !

Não ficou ahi o nosso homem. figurou outro exemplo, tambem, muito gaiato !

Diz, mais adiante, no artigo publicado no *Diario* de hontem :

« *A encadernação do livro que me déste é muito elegante* ; *eis o* — QUE — REFERINDO-SE A LIVRO E SERVINDO DE SUJEITO DE DÉSTE ! ! !

Ponhamos as orações em ordem grammatical :

Oração principal :— a encadernação do livro é muito elegante.

Oração explicativa, segundo o *sabio doutor* S :— O LIVRO DE'STE A MIM ! ! !

Isto não tem nexo e nem se commenta ! ! !

Como póde ser — a palavra *livro* — sujeito de um verbo na segunda pessoa, e em uma oração onde ha pronome pessoal ? ! !

Qual é, na oração do nosso *doutor*, o complemento objectivo do verbo déste ?

Onde ficará o pronome tú, agente forçado do verbo na segunda pessoa ?

Ora, *doutor*, não seja bôbo ! ! !

Agora, depois de tão bons *espichas*, esperamos as suas violentas descomposturas.

Só voltaremos á imprensa se apparecer alguma de serio, para responder tolices e asneiras, ou explicar erros typographicos, não occuparemos a attenção do publico.

Impagavel

Affirmam que Sr. Dr. Francisco Domingues Ribeiro Vianna, ao tomar posse da chefatura de policia, reunio todos os empregados da secretaria e recommendou-lhes que tivessem todo cuidado escrevendo, que fizessem um estudo systematico dos classicos portuguezes, que lessem o P. Antonio Vieira, o P. Manoel Bernardes, D. Frei Bartholomeo dos Martyres, que estudassem as grammaticas de Julio Ribeiro e A. Grivet, que indagassem o genio da lingua portugueza, porque só assim era possivel a regeneração do estylo official tão estragado pelo Exm. Sr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo.

A vista desta recommendação tivemos a perspectiva de um espectaculo nunca visto desde que inaugurou-se a presente situação um despacho official lavrado com clareza, capaz de poder ser entendido e publicado.

Estavamos n'este engano d'alma pensando, qee o Sr. Dr. Ribeiro Vianna só exprimir-se-ia em phrases bem feitas e construidas, quando uma parte da policia veio arrancar-nos duramente de tão doce illusão, mostrando que S. S. é digno irmão do Exm'. Sr. Dr. Pedro Vicente no estylo.

O Sr. Dr. Ribeiro Vianna tambem sabe revestir o seu pensamento das formas mais variadas e imprevistas: S. S. é um lettrado, um idolatra dos poetas, lê Homero, Dante, Victor Hugo, e sabe dizer as couzas em linguagem pomposa, em estylo altiloquente.

pompôsa, em estylo altiloquente.

S. S. na parte da policia, de 22 do corrente, referindo-se a alguns desordeiros, criminosos e escravos fugidos, que diz existirem nas mattas do Macaco, fala « *n'uma popul ção a·venticia com seus quarteis nas mattas do Macaco, donde muitas vezes se conhece que se destacam bandos, fóra de horas, para serem recebidas em, canoas nos pontos que a isto se prestam no rio respectivo.*»

Na França com um pedaço de prosa assim está um homem coberto de gloria e feito membro da Academia. Aqui em Pernambuco é quando muito chefe de policia e recebe um aperto de mão do Dr. Felippe Figueirôa!

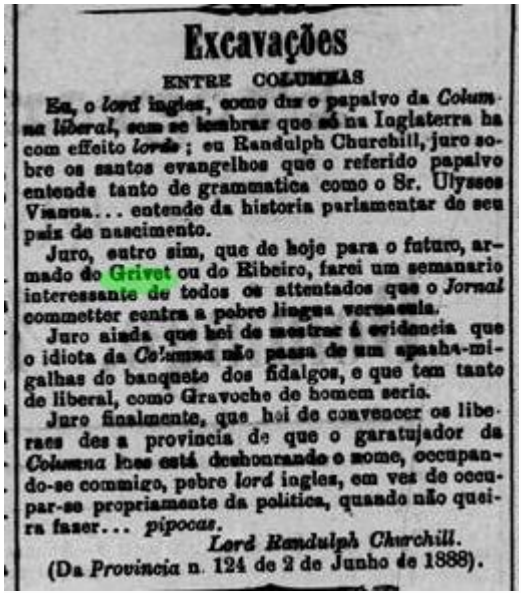
Não fica ahi o impagavel Sr. Ribeiro Vianna: o periodo seguinte é a ultima palavra da arte de bem dizer:

« Na noute de ante-hontem o subdelegado Pestana, conhecedor de um *possivel movimento dos de que se trata*, pedio-me um reforço de 20 praças de policia para o destacamento de 5, que ali tem, affirmando-me que *a horas mortas, em pontos muito apropriados*, conseguiriam *desarmar muitos vadias*, prender alguns criminosos e escravos, desses que são encontrados *notoriamente conhecidos vagando á mercê dos acontecimentos*, com gravissimo damno para a causa da tranquilidade nestes dias ».

Este *echantillon* deixou-nos admirados, deslumbrados, estupefactos até a medula dos ossos.

O publico aprecie sem commentarios este ninho de agnia e responda-nos se o nosso chefe de policia não é um sol.

Quem tem genio para tanta belleza e sublimidade vai além — escreve uma epopea colossal, divina.



Excavações

ENTRE COLUMNAS

Eu, o *lord* inglez, como diz o papalvo da *Columna liberal*, com se lembrar que só na Inglaterra ha com effeito *lords*; eu Randulph Churchill, juro sobre os santos evangelhos que o referido papalvo entende tanto de grammatica como o Sr. Ulysses Vianna... entende da historia parlamentar de seu paiz de nascimento.

Juro, outro sim, que de hoje para o futuro, armado de Grivet ou do Ribeiro, farei um semanario interessante de todos os attentados que o *Jornal* commetter contra a pobre lingua vernacula.

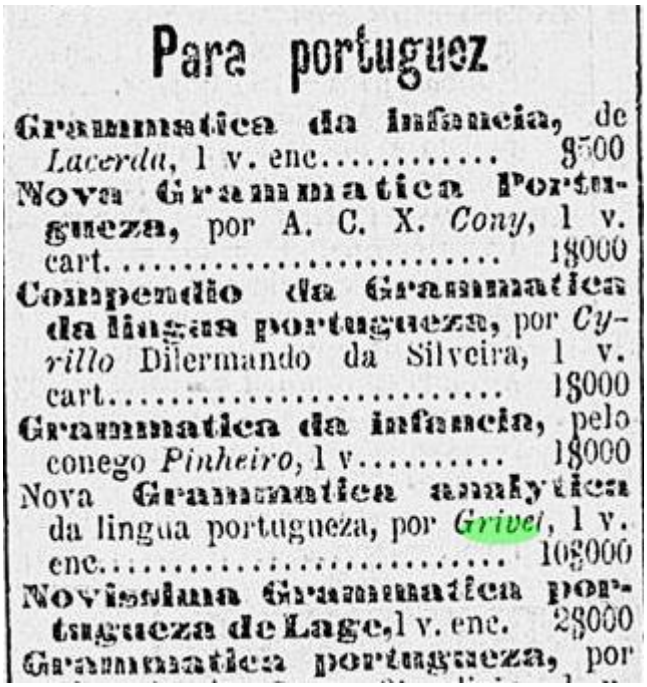
Juro ainda que hei de mostrar á evidencia que o idiota da *Columna* não passa de um apanha-migalhas do banquete dos fidalgos, e que tem tanto de liberal, como Gravoche de homem serio.

Juro finalmente, que hei de convencer os liberaes desa provincia de que o garatujador da *Columna* lhes está deshonrando o nome, occupando-se commigo, pobre *lord* inglez, em vez de occupar-se propriamente da politica, quando não queira fazer... *pipocas*.

Lord Randulph Churchill.

(Da *Provincia* n. 124 de 2 de Junho de 1888).

Diario de Pernambuco (PE) - Ano 1888\Edição 00250 (1)



Para portuguez

Grammatica da infancia, de *Lacerda*, 1 v. enc..... 3$500

Nova Grammatica Portugueza, por A. C. X. *Cony*, 1 v. cart..... 1$000

Compendio da Grammatica da lingua portugueza, por *Cyrillo* Dilermando da Silveira, 1 v. cart..... 1$000

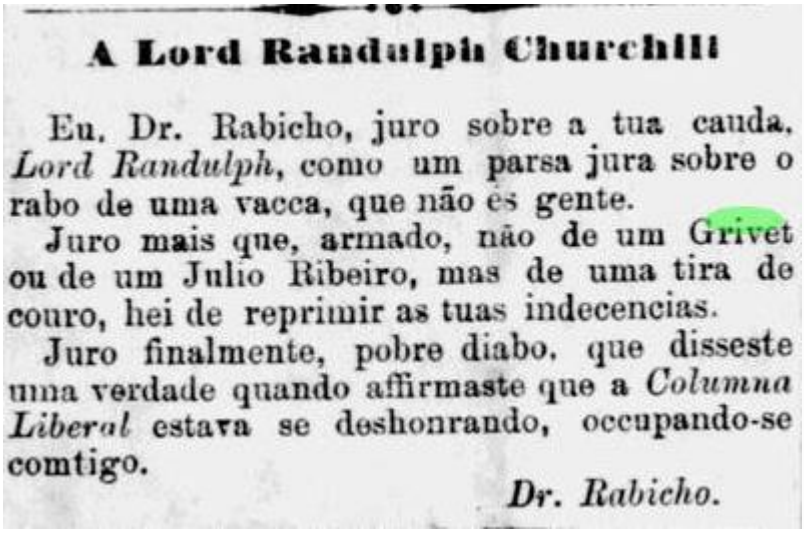
Grammatica da infancia, pelo conego *Pinheiro*, 1 v..... 1$000

Nova **Grammatica analytica** da lingua portugueza, por *Grivet*, 1 v. enc..... 10$000

Novissima Grammatica portugueza de Lage, 1 v. enc. 2$000

Grammatica portugueza, por

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1888\Edição 00008 (1)



A Lord Randulph Churchill

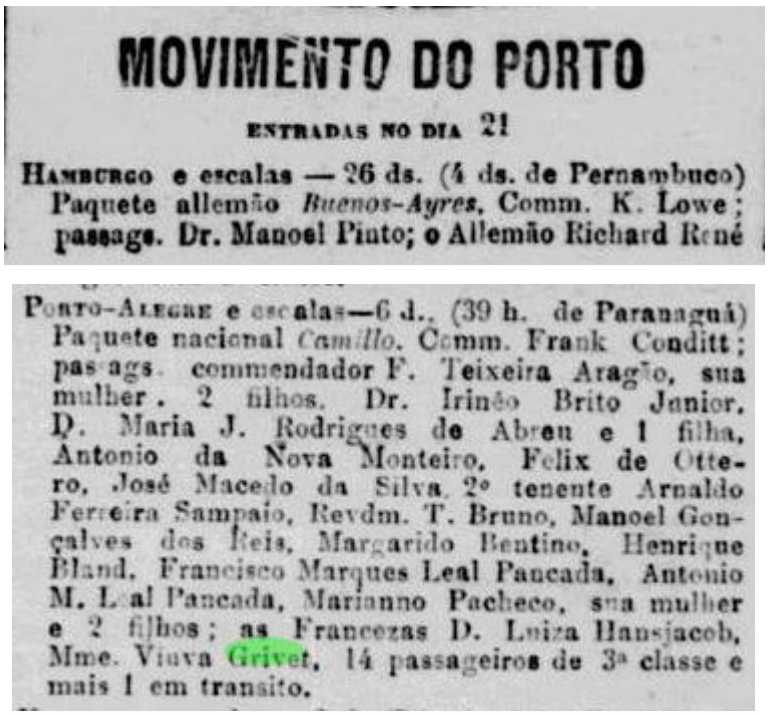
Eu, Dr. Rabicho, juro sobre a tua cauda, *Lord Randulph*, como um parsa jura sobre o rabo de uma vacca, que não és gente.

Juro mais que, armado, não de um Grivet ou de um Julio Ribeiro, mas de uma tira de couro, hei de reprimir as tuas indecencias.

Juro finalmente, pobre diabo, que disseste uma verdade quando affirmaste que a *Columna Liberal* estava se deshonrando, occupando-se comtigo.

Dr. Rabicho.

Jornal de Recife (PE) - Ano 1888\Edição 00125 (1)



MOVIMENTO DO PORTO

ENTRADAS NO DIA 21

HAMBURGO e escalas — 26 ds. (4 ds. de Pernambuco) Paquete allemão *Buenos-Ayres*, Comm. K. Lowe; passags. Dr. Manoel Pinto; o Allemão Richard René

PORTO-ALEGRE e escalas—6 d., (39 h. de Paranaguá) Paquete nacional *Camillo*. Comm. Frank Conditt; passags. commendador F. Teixeira Aragão, sua mulher, 2 filhos, Dr. Irineo Brito Junior, D. Maria J. Rodrigues de Abreu e 1 filha, Antonio da Nova Monteiro, Felix de Ottero, José Macedo da Silva, 2º tenente Arnaldo Ferreira Sampaio, Revdm. T. Bruno, Manoel Gonçalves dos Reis, Margarido Bentino, Henrique Bland, Francisco Marques Leal Pancada, Antonio M. Leal Pancada, Marianno Pacheco, sua mulher e 2 filhos; as Francezas D. Luiza Hansjacob, Mme. Viuva Grivet, 14 passageiros de 3ª classe e mais 1 em transito.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1888\Edição 00173 (1)

ASSUMPTOS GRAMMATICAES

UM CASO DE CONCORDANCIA

Diz Soares Barbosa : «Quando algum dos adjectivos collectivos universaes *tudo* e *nada* se põe depois de muitos substantivos continuados, ainda que sejam do plural, o VERBO VAE AO SINGULAR.»

A mesma regra acha-se reproduzida nas grammaticas do padre Duarte, Passos, Costa e Cunha, Julio Ribeiro, Grivet, etc.

Para mim, esta regra é verdadeira quando se trata dos verbos chamados adjectivos. Exemplos dos auctores citados : «Bens, dignidades, honras, *tudo desapparece* com a morte.—Jogos, conversações, espectaculos, *nada* o *tirava* do seu retiro.—Passageiros, carga, tripolação, *tudo* se *perdeu* no naufragio.»

Quando, porém, se tratar do verbo *ser*, a concordancia do mesmo se faz, não com o pronome *tudo*, mas com o attributo, *sendo este representado por um substantivo*.

Venham, para demonstrar, os proprios exemplos apresentados por aquelles grammaticos :

«O ouro, os diamantes, as perolas, *tudo é terra*, e da terra.» —Aqui, o verbo está no singular, não para concordar com o pronome *tudo*, sim com o attributo *terra*, tambem do singular. Tanto assim, que, dando-se para attributo um substantivo do plural, com elle vae o verbo concordar : «O ouro, os diamantes, as perolas, *tudo são futilidades* para o philosopho.» Ninguem diz *tudo é futilidades*.

«Honras, dignidades, riquezas, *tudo é vaidade* aos olhos do sabio.» Pondo o attributo no plural : «Honras, dignidades, riquezas, *tudo são vaidades* aos olhos do sabio.» Não se diz : *tudo é vaidades*.

Logo, n'estes casos, o verbo concorda com o attributo ou predicado,—e a regra que prevalece não é mais aquella, sim est'outra de Julio Ribeiro, a qual se acha egualmente em todas as grammaticas : «*Tudo*, tendo depois de si como predicados substantivos do plural, ex. : *Tudo são sonhos*, etc.»

Admira como, formulando a primeira regra, não estabeleceram os grammaticos a respectiva excepção quanto ao verbo *ser*.

VILHENA ALVES.

Diario de Belém: Folha Politica, Noticiosa e Commercial (PA) - Ano 1889\Edição 00027 (1)

ASSUMPTOS GRAMMATICAES

—«:»—

AO MEU AMIGO AUGUSTO PINHEIRO

I

« *Eu é que não cou; tu é que não vás; nós é que não vamos, etc.*»

A respeito d'estas e semelhantes expressões, que não são propriamente idiotismos da lingua portugueza, pois vêm do francez (c'est moi..., c'est vous...), conforme observa Passos, eis o que diz este autor:

«O idiotismo—*Eu é que sou*, *Nós é que somos*, etc., ainda se acha em voga; mas é uma irregularidade que convem ser substituida por outra menos repugnante á grammatica.»

Grivet:

«Sou eu..... Eu é que...
«E's tu..... Tu é que...
«E' elle..... Elle é que...
«Somos nós. Nós é que...
«Sois vós... Vós é que...
«São elles.. Elles é que...

«Ora, a troca de relações que, da differença de estado em que ahi se apresenta *ser*, consiste n'isto: que junto á fórma pessoal, os pronomes pessoaes enunciados constituem sujeitos, e, junto á impessoal, *predicados*.»

Bento d'Oliveira :

«E tambem o são (elegancias) os pleonasmos expletivos, isto é, certas particulas e outras palavras que, não exercendo na oração funcção grammatical, servem apenas para dar mais energia e realce á expressão. Ex.: Eu *é que* não estou por isso...»

Assim, segundo Passos, aquellas expressões constituem um idiotismo reprovado; na opinião de Grivet, parecem ser de uso corrente, explicando-se como predicado o pronome pessoal com que discorda o verbo *é;* e, segun Oliveira, são pleonasmos que dão energia e realce á phrase.

O certo é que, por qualquer fórma que sejam consideradas, são ellas usadas por escriptores modernos, e dos melhores. Citarei alguns exemplos :

1.—«Fizeste bem; *eu é que* sou injusto. Mas que eu padeço é tanto e tal !....» (Garrett.) —*(Frei Luiz de Sciuus).*

2.—«Ha de ter: mas *eu é que*...» (Idem.)

3.—«E *eu* agora *é que* faço de forte e assizada, que zombo de agouros e de sinas... para a animar, coitada !» (Idem.)

4.—«Ah ! *tu é que* és uma bella nós, disse comsigo o lobo.» (Guerra Junqueiro.—*Contos para a infancia.*)

5.—«Mas então *tu é que* deves ser o abbade de S. Call, e desde já o ficas sendo.» (Idem.)

6.—«Que deitem fogo hoje a essa mina, e verão ! *Eu é que* hei de rir.» (Rebello da Silva.—*Mocidade de João V.*)

7.—«Tinha razão; mas *eu é que* não contava que, além das minhas maguas, havia de necessitar valor para resistir ás injustiças de vossa magestade.» (Idem.)

8.—«*Tu é que* te enganas. Oh ! os signaes que digo não mentem.» (Idem.)

9.—«*Eu é que* o não tinha feito feliz como merece.» (Idem.)

10.—«Quem, elle? gritou Felippe com a bocca cheia. Conheço-o de dentro para fóra. *Eu é que* o entendo.» (Idem.)

***

Qual é o melhor meio de analysar taes orações ?

Reproduzamos um dos exemplos: «*Nós é que não vamos.*»

Segundo Grivet, a analyse é esta :

Sujeito:—Não existe, porque o verbo é impessoal;

Verbo:—é;

Predicado:—nós.

Parece-me isto forçado em demasia.

Segundo Oliveira, consideraremos as palavras—*é que*—como pleonasmos expletivos, ficando assim a phrase: «*Nós não vamos.*»

Passos não analysa; mas deprehende-se que elle dá o pronome inicial como sujeito do verbo *é*, e por isso diz que é uma irregularidade repugnante á grammatica, propondo a substituição d'essas phrases por est outras: *Sou eu quem não vou; somos nós quem não vamos.*

Ultimamente vi analysarem-se essas expressões, considerando o pronome pessoal, que inicia a oração, como sujeito do segundo verbo; tomando a segunda oração como sujeito do verbo é; e subentendendo o predicado—«*certo, evidente*», ou outro adequado ao sentido.

Por este systema, a oração dada ficaria assim constituida, depois de tornada plena:

«*E' certo* que nós não vamos.»

E da mesma fórma todas as outras :

E' certo que eu não vou que tu não vás, que elles não vão.»

«*E' evidente* que eu sou injusto, que eu hei de rir, que tu te enganas, etc.»

Esta maneira de analysar,—que, segundo me consta, é devida ao distincto professor Severiano Bezerra,—acho-a regular, e preferivel á de Grivet, assim como á substituição proposta por José Alexandre Passos.

Para mim, é o unico meio de resolver a difficuldade; salvo se tivermos de considerar as palavras—*é que*—como vocabulos expletivos, conforme ensina Oliveira.

(Conclúe).

Vilhena Alves.

Diario de Belém: Folha Politica, Noticiosa e Commercial (PA) - Ano 1889\Edição 00043 (1)

Um pouco de tudo

Do *Diario de Noticias* da Bahia :

Diz Soares Barbosa : « Quando alguns adjectivos collectivos universaes *tudo* e *nada* se põe depois de muitos substantivos continuados, ainda que sejam do plural, o VERBO VAI AO SINGULAR ».

A mesma regra acha-se reproduzida nas grammaticas do padre Duarte, Passos, Costa e Cunha Julio Ribeiro, Grivet, etc.

Para mim, esta regra é verdadeira quando se trata dos verbos chamados adjectivos. Exemplos dos autores citados : « Bens, dignidades, horas, *tudo desaparece* com a morte—logos, conversações, espectaculos, *nada* o *tirara* do seu retiro—Passageiros, carga, tripolação *tudo se perdeu* no naufragio ».

Quando, porém, se tratar do verbo *ser*, a concordancia do mesmo se faz mas com o attributo, *sendo este representado por um substantivo.*

Venham, para demonstrar, os proprios exemplos apresentados por aquelles grammaticos :

« O ouro, os diamantes, as perolas, *tudo é terra* e da terra ». —Aqui o verbo está no singular, não para concordar com o pronome *tudo*, e sim com o attributo *terra*, tambem do singular. Tanto assim, que, dando-se para attributo um substantivo do plural, com elle vai o verbo concordar : « O ouro, os diamantes, as perolas, *tudo são futilidades* para o philosopho ». Ninguem diz *tudo é futilidades.*

« Honras, dignidades, riquezas, *tudo é vaidade* aos olhos do sabio ». —Pondo o attributo no plural : « Honras, dignidades, riquezas, *tudo são vaidades* aos olhos do sabio ». Não se diz : *tudo é vaidades*

Logo, nestes casos, o verbo concorda com o attributo ou predicado—e a regra que prevalece não é mais esta, sim est'outra de Julio Ribeiro, a qual se acha igualmente em todas as grammaticas : « *Tudo*, tendo depois de si como predicados substantivos do plural, ex. : *tudo são sonhos*, etc.

Admira como, formulando a primeira regra, não estabeleceram os grammaticos a respectiva excepção quanto ao verbo *ser*.

Vilhena Alves.

Diario de Pernambuco (PE) - Ano 1889\Edição 00047 (1)

Trapos, ou farrapos?

E' irrisorio o zelo pharisaico da *Liberdade* pugnando pelos interesses fiscaes do thesouro!

O noticiarista da edição da *Coruja* n. 4, não tem rasão para tantos receios e temores!

Alguns collectores que não prestaram ainda sua fiança, estão dentro do praso que para isso lhes foi marcado. Nada de afflições.

Entretanto elles ainda não deram prejuiso á provincia como outros o deram no tempo das *vaccas gordas*,

Houve sujeitinho n'aquelle tempo que, apropriou-se dos saldos existentes em seu poder, prejudicando á fazenda em cerca de 3 contos de réis!

Era liberal.

Um outro, que escapou do suicidio, lá se acha agora pronunciado por malversações praticadas como collector de Touros.

Era liberal.

As prevaricações contavam-se pelos trimestres dos exercicios, e a *Liberdade*, silenciosa, sem articular uma só palavra!

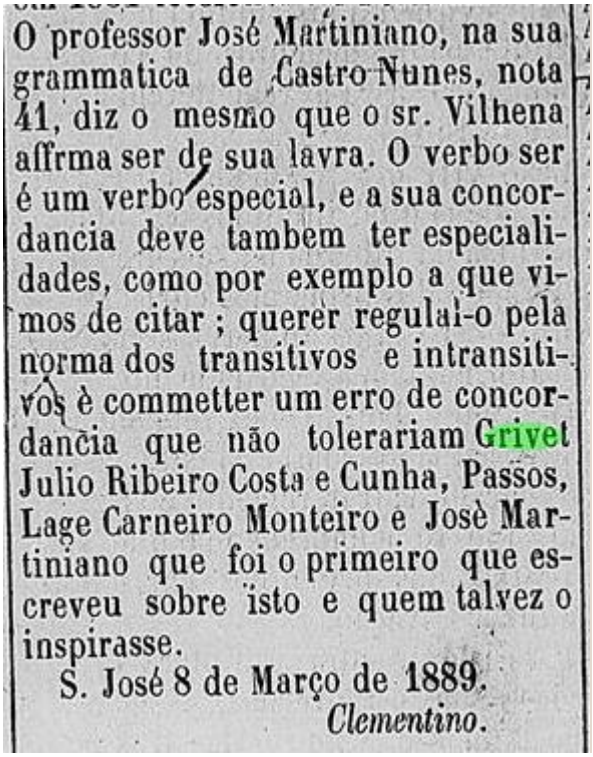
E' que *piranha não engole piranha!*

Tenham criterio e não *cuspam* impunemente *para o ar!*

Capadinho.

Sr. Redactor da *Gazêta*:

Peço-lhe a publicação das linhas seguintes: tendo lido na secção *um pouco de tudo do Diario de Pernambuco* um escripto do sr. Vilhena Alves, da Bahia sobre concordancia do sujeito com o verbo, em que o novo grammatico procura dar como sua a descoberta do *mel de pàu* de que, quando depois de muitos sujeitos no plural vier a palavra tudo seguida do verbo ser, não ficará este no singular; mas irá para o plural concordando como attributo. Permitta pois que lhe diga; esta sua regra não é nova, já foi por mim publicada nas minhas apostillas a grammatica de F. J. C. Aulete, quando em 1881 leccionei em Pernambuco.



O professor José Martiniano, na sua grammatica de Castro Nunes, nota 41, diz o mesmo que o sr. Vilhena affrma ser de sua lavra. O verbo ser é um verbo especial, e a sua concordancia deve tambem ter especialidades, como por exemplo a que vimos de citar ; querer regular-o pela norma dos transitivos e intransitivos è commetter um erro de concordancia que não tolerariam Grivet Julio Ribeiro Costa e Cunha, Passos, Lage Carneiro Monteiro e Josè Martiniano que foi o primeiro que escreveu sobre isto e quem talvez o inspirasse.

S. José 8 de Março de 1889.

Clementino.

Gazeta do Natal : Orgão Conservador (RN) - Ano 1889\Edição 00111 (1)

Livros á venda
NA
Livraria do Globo
RUA DOS ANDRADAS N 272

GRAMMATICAS

João Ribeiro : Grammatica portugueza, 3º anno, 1 vol., 3$.
—„—Grammatica portugueza, 2º anno, 1 vol., 2$.
—„—Grammatica portugueza, 1º anno, 1 vol., 1$600.
—„—Diccionario grammatical, 1 vol., 4$.
Julio Ribeiro : Grammatica, 1 vol., 4$.
M. A. Feitosa : Grammatica portugueza, 1 vol., 3$.
Bibiano : Complemento da grammatica, 1 vol., 1$500.
—„—Grammatica portugueza, 1 vol., 1$500.
H. Ribeiro : Grammatica elementar, 1 vol., 1$200.
Aulete: Grammatica nacional, 1 vol. 1$.
Dr. Ortiz e Pardal : Grammatica analytica, 1 vol., 2$.
A. Grivet : Grammatica analytica, 1 vol. 12$.
Padre N. Massa : Grammatica analytica,

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - Ano 1890\Edição 00066 (1)

ESTUDOS GRAMMATICAES

DE

A preposição *de* reune-se por metaplasma a determinativos ou pronomes que encetam um complemento—*somente quando este não é constituido por uma oração infinitiva.*

Exemplos. Depois *da aula.* Antes *d'elle.* Apezar *d'isto.*

Quando, porém, o complemento é oracional, deixa-se de fazer a respectiva contracção.

Exemplos: Depois *de a* aula haver começado. Antes *de elle* chegar. Apezar *de isto* não ser verdade.

Grivet estende a regra ás preposições *a, em, por*; mas não apresenta exemplos senão da preposições *de*, e um só da preposição *por*, de auctor antigo.

Exemplos dos classicos:

1.—«Se quer destruir os inimigos, dispara sem dar signal, e executa o golpe; e antes *de elles* o sentirem, se vêm cahidos a seus pés.» (P. Vieira.)

2.—«A segunda razão *de o* juiz *dos* homens ser mais terrivel que o juiz de Deus, é porque no juizo de Deus geralmente basta só o testemunho *da* propria consciencia: no juizo *dos* homens a propria conciencia não val testemunha.» (P. Vieira.)

3.—«Sabeis vós para quem não era bôa invenção a *de os* homens verem os corações? para os trahidores, para os hypocritas, etc.» (P. Vieira.)

4.—«Suspendeu o senhor a resposta, porque havia ao redor grande multidão de enfermos, e depois *de os* sarar a todos milagrosamente, voltou-se para os embaixadores *do* Baptista, etc.» (P. Vieira.)

5.—«El-rei D. Sebastião, sem embargo *de a* paixão não ser pouca, e a idade não ser muita, reconheceu logo o toque *da* adulação.» (P. Manoel Bernardes.)

6.—«Eu tive sempre na minha alma este pensamento, ainda antes—perdoai-me a innocente vaidade, se vaidade isto chega a ser—ainda antes *de elle* apparecer formulado em tão elegantes phrases por esses escriptores que alumiam e caracterisam a epocha, os Victor-Hugos, os Dumas, etc.» (Garrett.)

***

A' vista d'isto, não teve razão Rebello da Silva em fazer a contracção no seguinte exemplo da *Mocidade de D. João V:*

7.—«Bem ouviste que seu pai tinha morrido de paixão, *depois d'elle* desapparecer.»—Devia ser: depois *de elle* desapparecer; porque o regimen da preposição não é simplesmente o pronome ele, mas a oração infinitiva.

E no seguinte dos *Fastos da Egreja*:

8.—«Os viajantes, que visitaram a Palestina antes *do* jugo musulmano a ter despovoado tanto, e *dos* revezes a reduzirem á situação deploravel em que hoje está, são unanimes em confessarem a uberdade d'aquelle solo.»—Devia ser; antes *de o* jugo musulmano... e *de os* revezes...

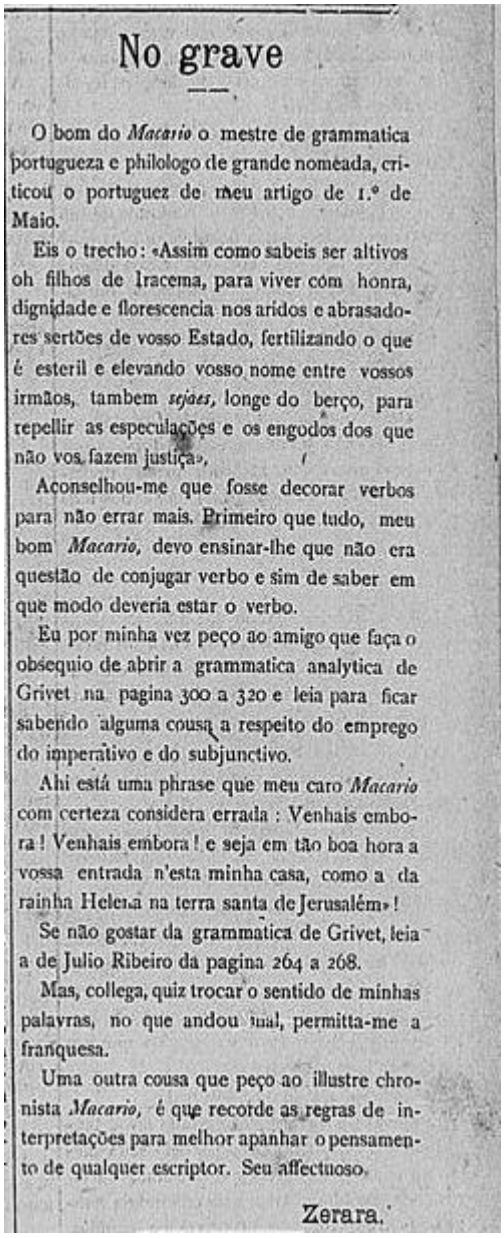
Ao passo que, Lopes de Mendonça comprehendeu perfeitamente o caso em que se faz e o em que se deixa de fazer a contracção.

9.—«Mas, em todo o caso, quem póde obrigar o poeta a deixar de percorrer o circulo fatal da sua vocação? Quem o póde julgar definitivamente antes *de o* ouvir tanger, uma por uma, as cordas da sua lyra?» *(Memorias de Litteratura Contemporanea.)*—«Antes *dos* caminhos de ferro, *da* imprensa, *dos* vapores, *dos* telegraphos electricos, já Corneille e Molliére se tornavam reflexos *da* litteratura hespanhola.» (Idem.)

S. Caetano.—Escola Silva Santo.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00046 (1)



No grave

O bom do *Macario* o mestre de grammatica portugueza e philologo de grande nomeada, criticou o portuguez de meu artigo de 1.º de Maio.

Eis o trecho: «Assim como sabeis ser altivos oh filhos de Iracema, para viver com honra, dignidade e florescencia nos aridos e abrasadores sertões de vosso Estado, fertilizando o que é esteril e elevando vosso nome entre vossos irmãos, tambem *sejaes*, longe do berço, para repellir as especulações e os engodos dos que não vos fazem justiça».

Aconselhou-me que fosse decorar verbos para não errar mais. Primeiro que tudo, meu bom *Macario*, devo ensinar-lhe que não era questão de conjugar verbo e sim de saber em que modo deveria estar o verbo.

Eu por minha vez peço ao amigo que faça o obsequio de abrir a grammatica analytica de Grivet na pagina 300 a 320 e leia para ficar sabendo alguma cousa a respeito do emprego do imperativo e do subjunctivo.

Ahi está uma phrase que meu caro *Macario* com certeza considera errada: Venhais embora! Venhais embora! e seja em tão boa hora a vossa entrada n'esta minha casa, como a da rainha Helena na terra santa de Jerusalém»!

Se não gostar da grammatica de Grivet, leia a de Julio Ribeiro da pagina 264 a 268.

Mas, collega, quiz trocar o sentido de minhas palavras, no que andou mal, permitta-me a franquesa.

Uma outra cousa que peço ao illustre chronista *Macario*, é que recorde as regras de interpretações para melhor apanhar o pensamento de qualquer escriptor. Seu affectuoso.

Zerara.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00064 (1)

Estudos Grammaticaes

Um caso de concordancia

Diz Soares Barbosa: « Quando algum dos adjectivos collectivos universaes *tudo* e *nada* se põe depois de muitos substantivos continuados, ainda que sejam do plural, o VERBO VAI AO SINGULAR. »

A mesma regra acha-se reproduzida nas grammaticas do padre Duarte, Passos, Costa e Cunha, Julio Ribeiro, Grivet, etc.

Para mim, esta regra é verdadeira quando se trata dos verbos chamados adjectivos. Exemplos dos auctores citados: « Bens, dignidades, honras, *tudo desapparece* com a morte. —Jogos, conversações, espectaculos, *nada* o *tirava* do seu retiro.—Passageiros, carga, tripolação, *tudo se perdeu* no naufragio. »

Quando, porém, se tratar do verbo *ser*, a concordancia d'este verbo se faz, não com o pronome *tudo*, MAS COM O ATTRIBUTO, SENDO ESTE REPRESENTADO POR UM SUBSTANTIVO.

Venham, para demonstração, os proprios exemplos apresentados por aquelles grammaticos:

« O ouro, os diamantes, as perolas, *tudo é terra* e da terra. »—Aqui, o verbo está no singular, não para concordar com o pronome *tudo*, sim com o attributo *terra*, tambem do singular. Tanto assim, que, dando-se para attributo um substantivo do plural, com elle vai o verbo concordar: « O ouro, os diamantes, as perolas, *tudo são futilidades* para o philosopho. » Ninguem diz: *tudo é futilidades*.

« Honras, dignidades, riquezas, *tudo é vaidade* aos olhos do sabio. »—Pondo o attributo no plural: «Honras, dignidades, riquezas, *tudo são vaidades* aos olhos do sabio. » Não se diz: *tudo é vaidades*.

Logo, n'estes casos, o verbo concorda com o attributo,—e a regra que prevalece não é mais aquella, sim est'outra de Julio Ribeiro, a qual se acha igualmente em todas as grammaticas:

« *Tudo*, tendo depois de si como predicados substantivos do plural, leva o verbo ao plural, ex.: *Tudo são sonhos*, etc. »

Admira como, formulando a primeira regra, não estabeleceram os grammaticos a respectiva excepção quanto ao verbo *ser*.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00121 (1)

Estudos grammaticaes

CARO

Quando o vocabulo *caro* está modificando um verbo deve ficar invariavel, porque então perde a sua natureza de adjectivo e toma a de adverbio, como acontece tambem com outros adjectivos:—*certo, alto, baixo, subito, breve, claro*, etc.

Exemplos:

« Rico !.. *certo:* de feridas ao menos... » (Garrett, *Camões.)* Isto é: *certamente.*

« Não é razão, que se avalie tão *alto* no seu pensamento, quem se vende tão *baixo* no seu peccado. » (P. Antonio Vieira, *Sermões.)* Isto é: *tão altamente, tão baixamente.*

« *Subito* um dia, de bordão na dextra... » (Garrett, *Camões.)* Isto é: *subitamente.*

« E Aleixo quanto ouvira ao missionario *breve* lhe expõe. » (Id., ibid.) Isto é: *brevemente.*

« *Claro* avistamos a azulada chamma... » (Id., ibid.) Isto é: *claramente.*

Entretanto, muitos classicos da lingua fazem esse vocabulo variar, para concordar com um substantivo ou pronome, como se o mesmo exercesse ahi as funcções de adjectivo. Exemplos:

1.—« Se nos vendemos tão baratos, porque nos avaliamos tão caros? » (P. Vieira, *Sermões.)*

2.—« Depois que as dignidades se fizeram venaes, os lugares mais se alugam, do que se alcançam: e não se dão a quem mais *caros* os compra. » (Id., ibid.)

3.—« Sim, vencereis; mais a victoria *cara* tem de custar-vos. » (Garrett, *Camões.)*

4.—« Mas *cara* custa a victoria. » (Id., ibid.)

5.—« Dia de vergonha e de opprobio para esta cidade, que deixou acutilar, no seu seio, por mãos infames, alguns dos seus mais honrados filhos, primeiros martyres de uma idéa tão pouco aproveitada . . . e que tão *cára* pagaria a fama, que a historia não conhece, quarenta annos depois do sacrificio. » (Camillo Castello Branco, *Onde está a felicidade?)*

Já vê o sr. Grivet *(Grammatica Analytica,* 190), que não são só os periodicos que usam da palavra *caro* como adjectivo modificando verbo (!)

Parece, porém, que os classicos dormitaram n'este ponto, pois tal uso não póde ser considerado como um contrasenso grammatical.

Com effeito:

Se a palavra *caro* é adjectivo no terceiro e quarto exemplos, segue-se que—tem de custar-vos *a victoria cara,* em contraposição *á victoria barata;* e no quinto, que a cidade pagaria *a fama cara,* tambem em contraposição *á fama barata.* Ora, o sentido, inteiramente outro, é que a victoria e a fama seriam compradas *por alto preço.* Logo, *caro* deve conservar-se invariavel, como adverbio que é, equivalente de um complemento adverbial, e os ditos exemplos devem corrigir-se do seguinte modo:

« Sim, vencereis; mas a victoria *caro* tem de custar-vos. »

« Mas *caro* custa a victoria. »

« E' que tão *caro* pagaria a fama. »

Quanto ao primeiro exemplo do padre Vieira, consideremos:

1.° Que a palavra *caro,* como modificativo dos verbos, não póde ser senão adverbio, e portanto invariavel;

2.° Que, substituindo o dito vocabulo por um outro no mesmo sentido, este outro conserva-se invariavel; o que prova que aquelle é, como este, um adverbio e não um adjectivo. Exemplo: « Por que nos avaliamos *tão alto?* » e não: *tão altos.*

No segundo exemplo substitua-se a palavra em questão pelo complemento adverbial correspondente, e ver-se-á que a mesma palavra não passa de um adverbio: « E não se dão a quem melhor os merece, senão a quem *por mais alto preço* os compra. »

Porto Salvo, 29 de julho de 1890.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00139 (1)

Estudos grammaticaes

SUPERIOR, INFERIOR, ETC.

Alguns auctores, entre elles Costa e Cunha *(Manual do Examinando de Portuguez)*, Bento de Oliveira *(Grammatica Portugueza)*, Leoni *(Genio da Lingua Portugueza)*, João Ribeiro, Carneiro e Condurú *[Grammatica]*, dão os adjectivos *superior* e *inferior* como comparativos, o primeiro de *alto*, e o segundo de *baixo*.

Taes adjectivos são positivos, pois não se diz—*superior que, inferior que*—como se diz—*melhor que, peior que*—; mas sim—*superior a, inferior a*. Esta consideração é de Soares Barbosa. O mesmo ensinam Grivet, Maximino Maciel, José Alexandre Passos e outros.

Neste caso se acham tambem os adjectivos *anterior, posterior, interior, ulterior* e *citerior*, os quaes, assim como aquelles, formam comparativos em latim; mas passaram para o portuguez como simples positivos.

Grivet diz: «Se, por uma redundancia insoffrivel, é perfeitamente illicito dizer — *tão maior, tão menor*, ou *mais melhor, menos peior*,— não o é, de modo algum, em relação ás locuções— *tão superior, tão inferior; mais exterior, menos interior*, etc. Portanto, são de per si simples positivos.»

Passos *[Diccionario Grammatical]*: «Ha na lingua portugueza alguns adjectos relativos que na significação se assemelham aos comparativos, como *superior, inferior, anterior, posterior*, aos quaes juntamos o complemento terminativo, v. g. *Esta seda é superior áquella* que tu compraste; *Este vinho é inferior ao de Lisbôa;* e ás vezes se usam sem complemento algum, v. g. *Quero vinho superior*. Estes adjectivos são comparativos NO LATIM, d'onde se derivaram...»

Francisco José Monteiro Leite, nos seus *Subsidios para o estudo da lingua portugueza*, diz o seguinte:

«Excepto as palavras — *maior, menor, melhor, peior, superior, inferior, anterior, posterior, exterior, ulterior*, não temos nas linguas neolatinas adjectivos comparativos.»

Entretanto, logo no periodo seguinte a este, demonstra elle que, excepto os quatro primeiros, todos os mais são positivos.

«Quando usarmos dos comparativos de superioridade e inferioridade—diz elle— devemos ligar o segundo termo de comparação com o primeiro, por a locução — *do que*... Devemos ligar, nos comparativos de igualdade, o segundo termo de comparação com o primeiro —*como*.»

Ora, repito, ninguem diz — *superior do que, inferior do que, anterior do que,* etc.; nem — *anterior como,* etc.

Logo taes palavras são positivos, conforme a propria regra do sr. Leite.

Maximino Maciel diz :

« O estudo e o cultivo dos classicos latinos contribuiu para que muitos comparativos em *or* e superlativos em *imo* passassem para a lingua vernacula DESCLASSIFICADOS, isto é, *perdendo as funcções de comparativos e tomando as de positivos,* ex. : *anterior, posterior, inferior, ultimo,* etc. »

Eu apresentarei exemplos, colhidos de optimos escriptores, em que o adjectivo *superior* vem precedido dos respectivos adverbios, para formar comparativos.

Se esse adjectivo fosse já de si comparativo, ropelliria o adverbio, assim como o repellem os comparativos, MAIOR, MENOR, MELHOR, PEIOR, pois não se diz — MAIS MAIOR, TÃO MENOR, como diz-se—MAIS SUPERIOR, TÃO INFERIOR,

1.—« Bem se vê d'aqui a opulencia d'este grande rei; e que se Nero fôra a Pekin, bem o podia elle hospedar com tratamento e grandezr. TÃO SUPERIOR, como o mesmo Nero hospedou a el-rei Tyridates em Roma. » (Padre Manoel Bernardes.—NOVA FLORESTA.)

2.—« Nunca a vaidade attingiu MAIS SUPERIORES limites.» (Lopes de Mendonça. MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA.)

3.—« (O sr. Garrett) viu fecundado o seu engenho n'um MAIS vasto e SUPERIOR theatro.» (Id., ibid.)

4.—«... E todavia cremos que a litteratura moderna não possue monumento de MAIS SOPERIOR e acabado molde. » (Id., ibid.)

5.— « Ainda hoje, na phrase commum, a donzella Theodora é o typo da sabedoria feminina MAIS SUPERIOR.» (Garrett. FREI LUIZ DE SOUZA.)

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00142 (1)

Estudos grammaticaes

Complementos

Os complementos são sete: *objectivo, terminativo, de causa efficiente, designativo, explicativo, restrictivo* e *circumstancial.*

I

Complemento objectivo, complemento directo, complemento passivo, regimen directo, objecto directo,—é a palavra ou phrase, sem preposição, sobre que recáe a acção do sujeito por meio do verbo activo; ou a variação pronominal que designa acção reflexa directa. Exemplos: Pedro ama *as letras.* Tu te *feriste.*

Usa-se, por excepção, das preposições *a, de, per, por, em, com,* quando o complemento representa pessôa, ou cousa personalisada, ou quando se quer evitar ambiguidade, ou se falla em estylo emphatico. Exemplos: Amo *a meus pais.* O sol attráe *á terra.* Puxou *da espada* ou *pela espada, por uma pistola.* Pegou *no livro* Atirou *com a tocha.* Em lugar de: Amo *meus pais.* O sol attráe *a terra.* Puxou *a espada, uma pistola.* Pegou *o livro.* Atirou *a tocha.*

As preposições são, portanto, pleonasticas.

Outros auctores dão estes complementos como terminativos, tomando os verbos como relativos.

O certo é que, do mesmo modo que acontece com o complemento directo quando precedido pleonasticamente da preposição *a,* póde-se converter a oração activa em passiva, supprimindo as outras preposições:

Eu amo *a meus pais: Meus pais* são amados por mim.

Elle atirou *com a tocha: A tocha* foi atirada por elle.

O general arrancou *da espada: A espada* foi arrancada pelo general.

Inclino-me, portanto, á opinião d'aquelles que consideram taes complementos como objectivos, sendo a preposição um mero expletivo.

Para maior elucidação, vão mais os seguintes exemplos de auctores classicos:

«Saul lhe atirava *com a lança* para o matar; David, tendo-o de baixo da lança, lhe perdoava a vida.» (Padre Vieira.)

«Comiam *das aves;* e, como se fôram serpentes ou escorpiões, cada boccado era outro tanto veneno, e cahiam mortos.» (Id.)

«Hontem, á tarde . . . andava eu continuando *com a obrigação* da reza á vista da egreja . . .» (Rodrigues Lobo.)

«Tomou, pois, o rustico em uma vasilha a agua que ia buscar, *da qual* beberam . . .» (Padre Manoel Bernardes.)

«E como fizestes para comer a sopa?— Como toda a gente, creio eu, Peguei *na colher* com uma mão e *no garfo* com a outra.» (Roquette.)

«Cheire sem agitar! disse o antiquario, pegando *na cesta* delicadamente, só com o indice e o pollegar das duas mãos.» (Rebello da Silva.)

«Os cavalheiros passaram um pelo outro como relampago, para logo tornarem a voltar, arrancando *das espadas.*» (Alexandre Herculano.)

«O terror acabou *com os mais santos affectos,* e até *com o amor filial e paterno.*» (Id.)

«Folgar, rir, brincar, tanger *na harpa,* correr nos campos, apanhar *das flores* . . .» (Garrett.)

«E dizei a meu cunhado . . . que me está dando cuidado a demora de meu marido em Lisbôa; que prometteu *de vir* antes de vespera, e não veiu . . .» (Id.)

«Arrebata as tochas das mãos dos criados, corre á porta da esquerda, atira *com uma* para dentro . . .» (Id.)

«Pergunto-lhe o que é; não me respondeu; arrebata *da tocha,* e leva-me com uma força . . .» (Id.)

«Preenchidas todas as formalidades, o erudito chamou *por Magdalena.*» (Rebello da Silva.)

Sobre esta materia—de complemento objectivo com preposição, eis o que diz Grivet:

«. . . Apenas alguns verbos se compadecem indifferentemente, em uma mesma accepção, com um complemento directo ou indirecto, como—gozar *boa saúde* ou *de boa saude;* cumprir *o seu desejo* ou *com o seu desejo.*»

Por estes exemplos se vê que o illustre auctor da «Grammatica analytica» considera estes complementos como terminativos. Entretanto, supprimindo a respectiva preposição, como se dá com os complementos do verbo activo precedidos da preposição *a;* podem elles constituir-se em sujeito da passiva: *Boa saude ser gozada; o seu dezejo ser cumprido.*

Julio Ribeiro diz: «A relação objectiva não é indicada por preposições, salvo quando para evitar amphibologias usa-se da preposição *a,* ex.: Enéas venceu *a Turno;* ou quando por idiotismo da lingua empregam-se preposições explicativas, ex.: Pegar *da lança,* puxar *pela espada;* em vez de Pegar *a lança,* puxar *a espada.*»

João Ribeiro:

«O complemento directo quando é um substantivo não vem regido de preposição, excepto quanto aos nomes proprios: Amo *a Deus.* Mandou *a Pedro.*

«O complemento directo, sendo infinitivo, vem precedido de preposição com alguns verbos.

«Com os verbos *começar, acabar, cessar,* o complemeto directo tem a preposição *de:* começar *de escrever.* Acabar *de escrever* Cessar *de escrever.* (Começar, acabar, cessar a escripta.)

«Sendo infinitivo o complemento directo

traz a preposição *a* com os verbos *começar, principiar, aprender, ensinar*, etc: Começou *a dizer*. Ensinou *a fallar*. Principiou *a ler*. (Começou o dito, o discurso; ensinou a falla, a linguagem; principiou a leitura.)

Pacheco Junior:

«Em alguns casos, porêm, o objecto directo é precedido de preposição:—amo *a Deus*, arrancam mão *das espadas*.»

Maximino Maciel diz que «a funcção objectiva póde effectuar-se por meio de preposições», 1.º por idiotismo, como: pega *na lyra sonora*...; Puxemos *pela espada* e acabemos *com os inimigos*»; 2.º si fôr um nome de ser vivo ou personificado, ex.: «A D. Fernando de Castro» depositaram em separado encerro.

Carneiro Ribeiro diz que o complemento objectivo é exprimido sem preposição alguma, se não é que esta é empregada para evitar algum equivoco, ou quando, afastando-a de seu sentido proprio. usamos d'ella como meramente euphonica, etc.»

Bento de Oliveira:

«Tambem a alguns verbos activos se dá elegantemente complemento objectivo como certas preposições, como: Puxar ou tirar «pela espada, pelo páo, etc.»

Costa e Cunha:

«Entretanto, quando o mesmo complemento é representado por nome de pessôa ou cousa personificada, leva antes de si preposição «a»... Emphaticamente usa-se algumas vezes este complemento com a preposição «de», ex.: puxar «da espada», tomar «da lança».

Dr. Abilio Borges:

«Nos classicos encontram-se exemplos d'este complemento com a preposição «de»: Deseja «de comprar-vos» para genro (Camões). Puxar «da espada». Pegar «da penna».

Verissimo R. Vieira:

«O complemento objectivo directo póde ser algumas vezes precedido de preposição, sobretudo se é nome de pessôa, ou cousa personificada; mas em tal caso a preposição não é mais do que uma palavra, que se emprega para dar realce, enfeitar, ornar a phrase, ou para evitar equivocos; e não influe na significação do complemento, tanto que póde ser retirada sem que o sentido da phrase se altere, como: Pedro puxou «da espada» e «ferio ao soldado»—«da espada» e «ao soldado» são complementos objectivos directos, apezar de precedidos das preposições «de» e «a»; porque póde-se dizer: Pedro puxou «a espada» e «ferio o soldado»—retirando-se as preposições sem que o sentido soffra...

«Havendo duvida sobre o complemento objectivo, quando precedido de preposição, se é ou não indirecto; retira-se a preposição; e se o sentido ficar alterado o complemento é indirecto, no caso contrario é directo.»

(Continúa).

VILHENA ALVES.

Estudos grammaticaes

Concordancia do verbo «ser»

I

O verbo *ser* concorda com o attributo quando este é um substantivo, sendo sujeito da oração um dos pronomes— *tudo; isto, isso, aquillo, o; tudo isto, nada d'isto; e mais;* algum relativo referido a esses pronomes; ou ainda um substantivo do singular. Exemplos:

1.—«*Eram tudo memorias* de alegria» (Camões.)

2.—«As azas do favor, os impulsos do poder, e os cuidados da diligencia, *tudo* para elle *são desprezos* e riso.» (Padre Vieira.)

3.—«De sorte que nas mesmas entranhas maternaes, onde houve dous que competiram sobre o primeiro lugar, *tudo foram inquietações e batalhas;* e onde houve um só que quiz antes o ultimo que o primeiro, *tudo foi paz e quietação.*» (Idem.)

4.—«Se *tudo são troncos,* não é sermão, *é madeira;* se *tudo são ramos,* não é sermão, *são mas navalhas;* se *tudo são folhas,* não é sermão, *são versas;* se *tudo são varas,* não é sermão, *é feixe;* se *tudo são flôres,* não é sermão, *é ramalhete. Serem tudo fructos,* não póde ser; porque não ha fructos sem arvore.» (Idem)

5.—«Ponto, coros, e os mesmos comparsas, *tudo eram parentes ou amigos intimos.*». (Garrett.)

6.—«Quem não vê que *são isto preceitos gentilicos?*» (Fr. Luiz de Souza.)

7.—«Para os semeadores, *isto são glorias.*» (P. Vieira.)

8.—«*Aquillo não são modos. Aquillo não são desculpas* que sirvam.» (A. E. da Costa e Cunha.)

9.—«Upa! *Isto são horas* de estar no quente?» (Rebello da Silva.)

10.—«Olha para alli, bruto! «aquilo são remedios!» Repara 'neste pescoço, alarve; «isto são outras! (Idem.)

11.—«*O* que certamente não vereis *eram as lagrimas* que humedeciam a carta.» (Camillo Castello Branco.)

12.—«*Que differentes cousas são* ordinariamente *o* que dizeis de vós, e *o* que sois! E o peior é que muitas vezes não *são cousas differentes:* porque o que sois, é nenhuma cousa; e *o* que dizeis, *são infinitas cousas.*» (P. Vieira.)

13—«*Nada d'isto são cousas* dignas de apreço.»

14.—«Uma geração, em phrase da Escriptura, quer dizer uma idade, ou um seculo; porque *o mais,* que chega a durar a vida humana, *são oitenta annos.*» (P. Vieira.)

15.—«Casta e severa como as de Eschylo, apaixonada como as de Euripedes, energica e natural como as de Sophocles, tem, demais do que essoutras, aquella uncção e delicada sensibilidade que o espirito do Christianismo derrama por toda ella, molhando de lagrimas contrictas o *que seriam desesperadas ancias* 'num pagão, etc.» (Garrett.)

16.—«Se o homem timido não tem coração, o teimoso não tem cabeça; porque não conhece que sendo o errar um só defeito, *o sustentar o erro são dous.*» (Fernão Mendes Pinto.)

17.—«No juizo dos homens, *o maior inimigo*, que temos, *são as nossas boas obras.*» (P. Vieira.)

18.—«Finalmente *a terra bôa são os corações bons*, ou os *homens* de bom coração.» (Idem.)

19.—«Se *o genero* da pena *são pedras*, apedrejem-n'a.» (Idem.)

20.—«Aqui *a molestia são os remedios.*» (Rebello da Silva.)

21.—«*A sua molestia foram diabruras jesuiticas.*» (Idem.)

22.—«O abbade tambem se calava, porque *o seu capital eram as palavras*, e poupava-as como perolas.» (Idem.)

23.—«No amor do proximo, *o termo de comparação sômos nós mesmos.*» (Idem.)

EXCEPÇÃO Á REGRA:

24.—«*A primeira phrase* que lhe sahiu do coração, foi eloquente e sagrada: *era lagrimas.*» (Camillo Castello Branco.)

II

Sendo o sujeito um nome ou pronome do singular representando pessôa, e o attributo um nome do plural, o verbo concorda ordinariamente com o sujeito. O mesmo dá-se quando o sujeito é um nome ou pronome do plural representando pessoa, e o attributo um nome do singular. Exemplos :

A) 25.—«...O são já é enfermo; e *o homem já é cinzas.*» (P. Manoel Bernardes.)

26.—«*Cada um é as suas acções*, e não é outra cousa.» (P. Vieira.)

27.—«*Eulalia era as alegrias e desvelos* de João Verissimo.» (Camillo Castello Branco.)

B) 28.—«*Nós somos a directoria* da sociedade. Albuquerque, *tu foste as algemas* da Asia.» (Julio Ribeiro.)

III

Sendo o sujeito um nome do plural, representando cousa, e o attributo um nome do singular, o verbo concorda umas vezes com o sujeito, outras com o attributo. A primeira concordancia acha-se hoje mais em uso. Exemplos :

A) 29.—«*São os escriptos um verdadeiro retrato* de seus auctores...» (Fr. Luiz de Souza.)

30.—« O Baptista definiu-se pelas acções; porque *as acções* de cada um *são a sua essencia.*» (P. Vieira.)

31.—Não *são as trevas a capa* dos latrocinios, terceira dos adulterios, etc.?» (Idem.)

32.—«Sei que não ama Cecilia; mas *os seus loucos intentos foram talvez a causa*...» [Rebello da Silva.]

33.—«Digo, ainda mais, porque *exequias*, por exemplos, *são funeral* tambem e nada têm com o enterro, sahimento, etc.» (Garrett.)

34.—« As vigias e almenaras eram apenas uma velha fórmula militar,» cuja significação a série não interrompida dos triumphos até então alcançados tornára inintelligivel.» [Alexandre Herculano.]

B) 35.—«A mim me parece, tornou Leonardo, que *os titulos é cousa* conveniente e necessaria.» (Rodrigues Lobo.) — Seria melhor: «os titulos são cousa conveniente e necessaria.»

36.—«*As redeas* por que se governavam, *era o impeto* do espirito.» (P. Vieira.)

37.—«*As joias*, meu tio, *é tudo isto.*» [Camillo Castello Branco.]

IV

Sendo o verbo empregado impessoalmente, fica no singular, embora seja o attributo do plural; apezar do que estatue Epiphanio Dias em sua Grammatica Portugueza, caso esse que constitue uma excepção á regra. Exemplo :

38.—«Se amaram, ainda que *seja as trevas*, as trevas hão de ser melhores que a luz.» (P. Vieira.)

EXCEPÇÃO :

39.— «Eram seis horas; são quatro horas; são dezoito do mez.»

Sobre esta excepção, consulte-se a grammatica de Epiphanio, pag. 85; de Grivet, 397; de João Ribeiro, 3.º anno, 3.ª edição, 264, nota.

Porto Salvo, 14—8—90.

VILHENA ALVES.

Estudos grammaticaes

«N'isto» — «'nisto» — ou — «nisto» ?

—

(CONCLUSÃO)

«*Nos* questionarios, e sobretudo *nos* exercicios, fazemos consistir a vantagem do nosso methodo, que procura sempre alliar a theoria com a pratica, confiando muito mais *n'ella* do que *n'esses* arrojos de memoria com que alguns preceptores pretendem illudir os incantos». (Conego Fernandes Pinheiro—*Grammatica da infancia*, prologo).

Rebello da Silva ainda é mais contradictorio, pois as proprias fórmas de que tratamos ora as escreve *n'elle, n'um, n'isto*, etc., ora *nelle, nella, neste*, etc. (V. *Mocidade de D. João V.*)

O proprio sr. Monteiro Leite, apezar de pugnar com esforço e proficiencia pela uniformidade da orthographia, e reconhecer a inconveniencia do apostropho nos casos em questão, usa delle em todo o seu luminoso tratado de grammatica comparada. E ainda mais: diz que o viracento é para marcar a suppressão da vogal! Ora a vogal supprimida é antes do *n*, e não depois.

Se uma intelligencia tão lucida como aquella se deixou eclipsar por essa rotina deploravel, a ponto de affirmar o que não existe, calcule-se quantos contrasensos não commetterão os que não empregam a minima attenção na analyse dos factos da linguagem. (V. *Subsidios para o estudo da lingua portugueza*, pags. 119, 261, 275.)

O sr. Evaristo Leoni usa de *no, na, nos, nas*, sem apostropho; e, quanto ás outras fórmas, põe o apostropho antes do *n* (*'nisto*) para indicar a suppressão da vogal *e* da preposição *em*. Já é um passo andado para o triumpho do bom senso; mas subsiste a falta de uniformidade entre fórmas parallelas, principalmente separando elle o *n*, do adjectivo ou pronome que se lhe segue. Exemplos deste auctor:

«E é *'nisto* que fazemos consistir o mal.—Exposto, como fica, o motivo que nos demoveu á composição da presente obra, passaremos a tratar do que *'nella* se contem—*'Noutros*, porém, a muda em tras, tres e tra.» (V. *Genio da lingua portugueza*, v. I, prologo; v. II, 164; etc.)

***

Do que fica dito, conclue-se que a melhor fórma orthographica é a que liga o *n*, sem apostropho, não só ao artigo definido, como ao indefinido, e aos outros adjectivos e pronomes: *no, na, nos, nas; num, numa; neste, nesse, naquelle; nisto, nisso, naquillo; nelle, nella; noutro*, etc.

Esta fórma já era usada no seculo 16.º por Damião de Góes, como se póde ver dos seguintes trechos da chronica por elle escripta:

«O que muitos delles viuendo (vivendo) entre nos, mouidos (movidos) de nossa religião, e do bom uso della se podia sperar que fezessem (fizessem), e que hauia (havia) ainda *nisto* outros inconvenientes... —... E lhe deu a capitania delas com palauras (palavras) de muita confiança, poude diante ho (o) peso de tamanho negocio consistir não na despeza, que se *nelle* podia fazer, nem no que se *nisso* auenturava (aventurava), senão no serviço de Deos... ao que se ajuntarião muitas merces que lhe sperava fazer em galardão de todolos trabalhos, que *nesta* viagem passasse, etc.» (V. Sotero dos Reis, obra citada).

Desta mesma orthographia usaram ou usam os seguintes auctores:

Padre Antonio Vietra (*Sermões*).—Exemplos: «Mas para que possais ir desenganadas com o sermão, tratarei *nelle* uma materia de grande peso e importancia.—As pedras são os corações duros e obstinados; e *nestes* secca-se a palavra de Deos, e se nasce, não cria raizes».

Roquette (*Diccionario de Synonimos*.—Exemplo: «Descobriram-se as ruinas de Herculano, e *nellas* se acharam preciosos monumentos das artes.»

Antonio José dos Reis Lobato (*Arte da Grammatica da lingua portugueza*).—Exemplo: «E *neste* estudo sem duvida gastariam com grande utilidade o tempo ...» (Introducção.)

Padre Antonio da Costa Duarte (*Compendio de Grammatica philosophica da lingua portugueza*).—Exemplo: «...*Numa* palavra, sempre houve nas linguas palavras essencialmente differentes.» (5.ª ed., pag. 18.)

A. Grivet *Grammatica Analytica*, pags 118, 122, 156, etc.)

Achilles Monteverde (*Grammatica Portugueza*).—Exemplo: «*Nesta* proposição—A virtude é amavel—a virtude é o sujeito, etc»

Condurú (Idem).—Exemplo: «Na segunda fórma toma o nome de verbo adjectivo, porque o attributo *nelle* incluido se exprime geralmente por meio de adjectivos.»

Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro (*Grammatica Portugueza philosophica*).—Exemplo: «Quando *numa* phrase houver dous verbos, um do modo definito, outro do infinitivo, etc., usaremos em geral do infinitivo impessoal.»

Epiphanio Dias (*Grammatica Portugueza*).—Exemplo: «O mais que *neste* logar poderamos dizer, guardamol-o para o prologo da segunda edição.»

Maximino Marciel (*Grammatica Analytica*).—Exemplo: *Nestes* casos o elemento para reagiu sobre o b.» (Pag. 24.)

João Ribeiro (*Grammatica Portugueza*, 3.º anno, 3.ª e lição).—Exemplo: «*Nestes* exemplos, vê-se que a resolução do hiato se formou pela transposição (vigairo—vigario), que NESTE caso se obliterou.» (Pag. 40).

Bento José de Oliveira (NOVA GRAMMATICA PORTUGUEZA, 17.ª ed., pag. 76): «EM com os artigos e demonstrativos toma as fórmas NO, NA, NOS, NAS, NUM, NUMA, NUNS, NUMAS, NESTE, NESSE, NAQUELLE, etc.».

Finalmente, Julio Ribeiro (GRAMMATICA PORTUGUEZA): «Escrever N'UM, N'UMA, etc., como geralmente se faz, é absurdo. Taes fórmas são contracções de EM UM, EM UMA, etc.: a usar-se do apostropho, ha de ser escrevendo-se 'NUM, 'NUMA, de módo que elle occupe o lugar da vogal E desapparecida. Melhor é seguir o caminho mais curto, e escrever NO, NUM.»

Porto Salvo, 20 de agosto de 1890.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00199 (1)

Estudos grammaticaes

«Lhe», complemento restrictivo

II

Lê-se na grammatica de Bento José de Oliveira:

«Estas fórmas dos pronomes pessoaes juntas a verbos que não pedem complemento terminativo, valem por—*d'elle, d'ella, d'elles, d'ellas*, etc., indicando POSSESSÕES. Exemplo: Louvo *lhe* a modestia, por—a modestia *d'elle*: ama-*lhe* a belleza, por—a belleza *d'ella*.—Converteu-se-*me* a carne em terra dura, por—a *minha* carne.»

Claro está que nos dous primeiros exemplos a variação *lhe*, correspondendo a—*d'elle, d'ella*—, é complemento restrictivo de *modestia* e *belleza;* assim como no terceiro exemplo *me* é complemento restrictivo de *carne:—minha carne*, ou *carne de mim* (resolvendo o possessivo para maior clareza).

Entretanto diz elle que o complemento restrictivo quando é pronome pessoal *deve ser substituido pelo possessivo correspondente.*

Nada mais inexacto. Os proprios exemplos citados provam que póde-se usar do pronome pessoal até com vantagem para a belleza da phrase. Alem d'isso, d'essa substituição constante poderia resultar equivoco tratando-se da terceira pessoa: Pedro recebeu de João os *seus* livros. Livros de quem? de Pedro ou de João?

A dubiedade que se nota n'este distincto grammatico indica apenas o receio de affirmar sem rebuço uma verdade ainda por alguns contestada.

Com effeito, se elle diz que os pronomes pessoaes n'aquelles casos equivalem aos possessivos (que são verdadeiros complementos restrictivos contractos), e até resolve a phrase—*ama-lhe a belleza*—por—*ama a belleza d'ella*—, por que não diz francamente—*as variações pronominaes podem ser complementos restrictivos?*

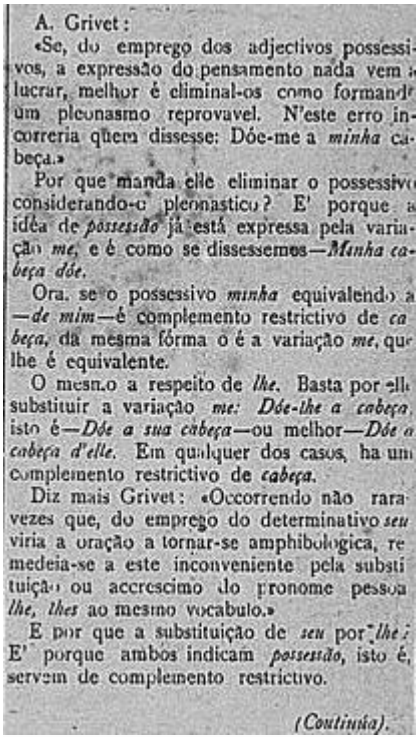
***

Julio Ribeiro:

«Os pronomes substantivos em relação objectiva adverbial equivalem algumas vezes aos adjectivos possessivos *meu, teu, seu.*, etc., ex.: *Elle me é pai—Amigos lhe somos—Não lhe sou tutor*—, em vez de—*Elle é pai meu—Amigos suas somos—Não sou tutor seu.*»

No terceiro exemplo—*Não lhe sou tutor*—, tanto póde resolver-se o *lhe* pelo possessivo *seu*, como pela expressão *d'elle*, que lhe é equivalente: *Não sou tutor d'elle.* N'um ou n'outro caso, o complemento é restrictivo de *tutor.*

***



A. Grivet:

«Se, do emprego dos adjectivos possessivos, a expressão do pensamento nada vem a lucrar, melhor é eliminal-os como formando um pleonasmo reprovavel. N'este erro incorreria quem dissesse: Dóe-me a *minha* cabeça.»

Por que manda elle eliminar o possessivo considerando-o pleonastico? E' porque a idéa de *possessão* já está expressa pela variação *me*, e é como se dissessemos—*Minha cabeça dóe.*

Ora, se o possessivo *minha* equivalendo a —*de mim*—é complemento restrictivo de *cabeça*, da mesma fórma o é a variação *me*, que lhe é equivalente.

O mesmo a respeito de *lhe*. Basta por elle substituir a variação *me*: *Dóe-lhe a cabeça*, isto é—*Dóe a sua cabeça*—ou melhor—*Dóe a cabeça d'elle*. Em qualquer dos casos, ha um complemento restrictivo de *cabeça*.

Diz mais Grivet: «Occorrendo não raras vezes que, do emprego do determinativo *seu* viria a oração a tornar-se amphibologica, remedeia-se a este inconveniente pela substituição ou accrescimo do pronome pessoal *lhe, lhes* ao mesmo vocabulo.»

E por que a substituição de *seu* por *lhe*? E' porque ambos indicam *possessão*, isto é, servem de complemento restrictivo.

(Continúa).

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00201 (1)

Estudos grammaticaes

—

Eu é que não vou; tu é que não vás; nós é que não vamos; etc.

(A Augusto Pinheiro)

A respeito d'estas e semelhantes expressões, que não são propriamente idiotismos da lingua portugueza, pois vêm do francez (c'est moi... c'est vous...), conforme observa Passos, eis o que diz este auctor:

«O idiotismo—*Eu é que sou, Nós é que somos*, etc.—, ainda se acha em voga; mas é uma irregularidade que convém ser substituida por outra menos repugnante á grammatica.»

Grivet:

«Sou eu... Eu é que...

«E's tu... Tu é que...

«E' elle... Elle é que...

«Somos nós... Nós é que...

«Sois vós... Vós é que...

«São elles... Elles é que...

«Ora a troca de relações que, da differença de estado em que ahi se apresenta *ser*, consiste n'isto: que junto á fórma pessoal, os pronomes pessoaes enunciados constituem sujeitos, e, junto á impessoal, *predicados*.»

Bento de Oliveira: «E tambem o são (elegancias) os pleonasmos expletivos, isto é, certas particulas e outras palavras que, não exercendo na oração funcção grammatical, servem apenas para dar mais energia e realce á expressão. Ex.:... Eu *é que* não estou por isso...»

Assim, segundo Passos, aquellas expressões constituem um idiotismo reprovado; na opinião de Grivet, parecem ser de uso corrente, explicando-se como predicado o pronome pessoal com que discorda o verbo *é*; e segundo Oliveira, são pleonasmos que dão energia e realce á phrase. Entendam-nos lá!

O certo é que, por qualquer fórma que sejam consideradas, são ellas usadas por escriptores antigos e modernos, e dos melhores. Citarei alguns exemplos:

1.—«Fizeste bem; *eu é que* sou injusto. Mas o que eu padeço é tanto e tal!...» (Garrett.—Drama *Frei Luiz de Souza*.)

2.—«Ha de ter; mas *eu é que*...» (Idem.)

3.—«E *eu agora é que* faço de forte e assizada, que zombo de agouros e de sinas... para a animar, coitada!» (Idem.)

4.—«Ah! *tu é que* és uma bella nóz, disse comsigo o lobo.» (Guerra Junqueiro.—*Contos para a infancia*.)

5.—«Mas então *tu é que* deves ser o abbade de S. Gall, e desde já o ficas sendo.» (Idem.)

6.—«Que deitem fogo hoje a essa mina, e verão! *Eu é que* hei de rir.» (Rebello da Silva.—*Mocidade de D. João V.*)

7.—«Tinha razão; mas *eu é que* não contava que, além das minhas maguas, havia de necessitar valor para resistir ás injustiças de vossa magestade.» (Idem.)

8.—«*Tu é que* te enganas. Oh! os signaes que digo não mentem.» (Idem.)

9.—«*Eu é que* o não tinha feito feliz como merece.» (Idem.)

10.—«Deos não tem necessidade de nada! nem de ninguem: não tem necessidade de que nós o sirvamos: *nós é que* temos necessidade de o servir a elle.» (Padre Vieira.)

11.—«Quem, elle? gritou Filippe com a bocca cheia. Conheço-o de dentro para fóra. *Eu é que* o entendo.» (Rebello da Silva.)

⁂

Qual é o melhor meio de analysar taes orações?

Reproduzamos um dos exemplos: *Nós é que não vamos.*

Segundo Grivet, a analyse é esta:

Sujeito: —Não existe, porque o verbo é impessoal;

Verbo: —é;

Predicado: — nós.

Parece-me isto forçado em demasia.

Segundo Oliveira, consideraremos as palavras —*é que*— como pleonasmos expletivos, ficando assim a phrase: *Nós não vamos.*

Passos não analysa; mas deprehende-se que elle dá o pronome inicial como sujeito do verbo *é*, e por isso diz que é uma irregularidade repugnante á grammatica, propondo a substituição d'essas phrases por est'outras: *Sou eu quem não vou; Somos nós quem não vamos...* —Parece peior a emenda que o soneto...

O sr. Corrêa, nos seus *Estudinhos*, considera o pronome pessoal, que inicia a oração, como sujeito do segundo verbo; tomando a segunda oração como sujeito do verbo *é;* e subentendendo o predicado *facto.*

Por este systema, a oração dada ficaria assim constituida depois de tornada plena: «*E' facto* que nós não vamos.»

E da mesma fórma todas as outras.

Póde-se tambem subentender os adjectivos *certo, evidente,* ou outro semelhante: «*E' certo* que eu não vou, que tu não vás, que elles não vão.»—*E' evidente* que elle é injusto, que eu hei de rir, que tu te enganas, etc.»

Esta maneira de analysar acho-a regular, e preferivel á de Grivet, assim como á substituição proposta por José Alexandre Passos.

Para mim, é o unico meio de resolver a difficuldade; salvo se tivermos de considerar as palavras —*é que*— como vocabulos expletivos, conforme ensina Oliveira.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00230 (1)

Estudos grammaticaes

LHE, complemento directo

Nos casos em que o pronome «lhe», acompanhando a verbos transitivos — directos, equivale a — «o» —, e póde, transformado no pronome elle, constituir-se sujeito da passiva, — deve o dito «lhe» ser considerado como complemento objectivo directo, — de accordo com o que ensina Grivet, o qual dá como propriedade essencial dos complementos directos constituidos por substantivos e pronomes o prestarem-se elles a formar o sujeito dos mesmos verbos quando convertidos em passivos, «o que em caso algum se póde dar com um complemento real e genuinamente indirecto».

Exemplos :

1.—«É Platão quando d'elles (dos livros santos) escreve, lhes chama divinos interpretes dos deuses». (Rodrigues Lobo.)

Analysemos a oração principal : «Platão lhes chama divinos interpretes dos deuses.

Platão sujeito;
Chama verbo;
Lhes (os livros santos) compl. directo;
Interpretes, compl. attributivo de «lhes»;
Divinos, apposição restrictiva de interpretes;
Dos deuses, compl. rest. de interpretes.

Muitos erram a analyse d'estas orações, considerando n'este caso interpretes como complemento objectivo e «lhes» como complemento terminativo. A prova, porém, do contrario, é que, passando-se a oração para a passiva, não faz sentido : «Interpretes divinos dos deuses lhes é chamado» ou «lhes são chamados por Platão !»; ou : «Interpretes divinos dos deuses é chamado ou são chamados a elles por Platão !»

Ao passo que, tomando interpretes como complemento attributivo de livros, e «lhes» como complemento objectivo, a conversão fica regular, pois não offende ao sentido. Basta substituir «lhes» por elles, visto que passa a ser sujeito da passiva, do mesmo modo que substituem-se os outros pronomes-complementos pelos respectivos pronomes-sujeitos : «Elles (os livros santos) são chamados por Platão interpretes divinos dos deuses.

Conseguintemente, «lhes» exerce ahi a funcção de complemento objectivo.

(*Continúa*).

VIEHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1891\Edição 00372 (1)

Estudos grammaticaes

ORAÇÕES INTEGRANTES DE SENTIDO

Ha uma especie de orações que pódem denominar-se *integrantes de sentido*, pois não servem de termo ou de complemento necessario a outra, mas completam-lhe o sentido. Foi Julio Cezar, creio, quem primeiro deu-lhes esse nome.

Taes são as orações ligadas pela conjuncção integrante *que*, correlativa de *tal, tanto, tão, tamanho;* ou pelo adverbio conjunctivo *quanto*, correlativo de *tanto;* ou pelo comparativo *como*, correlativo de *tal* e *tão;* ou pelo comparativo *qual*, correlativo de *tal*

A razão é que as palavras *tal, tão, tanto tamanho*, quando denotam encarecimento, ou fazem parte do primeiro membro de uma comparação, deixam suspenso o sentido da phrase, e por isso demandam necessariamente uma outra oração para completar o sentido da primeira.

Exemplos: «Era *tal* sussurro—*que* ninguem se entendia. Havia *tanto* povo—*que* não poudemos entrar. *Tão* grande era de membros—*que* bem posso etc. Era *tamanho* o seu pesar—*que* nada o consolava. Vi-o *tal*—*como* ou *qual* nunca o vi. Recebi *tanto* dinheiro—*quanto* houvera pedido. Este menino é *tão* estudioso—*como* aquelle (menino é estudioso).»

Em todos estes exemplos, vê-se que a segunda oração não faz parte grammatical da primeira, que está completa quanto á grammatica, porém não quanto ao sentido.

Nota.—A's vezes as palavras suspensivas, do primeiro termo da comparação, ficam occultas: «Vi-o—*como* nunca. Recebeu—*quanto* houvera pedido. Este menino não é—estudioso *como* aquella.»

* * *

N'esta mesma categoria se deveriam incluir as orações que formam o segundo membro de uma comparação de superioridade e inferioridade, ligadas pela conjuncção *que* ou a locução *do que* correlativas de *mais* e *menos;* assim como as iniciadas pela mesma conjuncção ou locução, correlativas de *antes*, exprimindo opção: comquanto outros considerem taes orações como *terminativas*. Exemplos: «Era *mais* (ou *menos*) formosa *que* (ou *do que*) discreta.—*Antes* quiz morrer *que* (ou *do que*) ceder».

* * *

Passos diz que a conjuncção *que*, n'estes casos, é equivalente da explicativa *de sorte que*.

Ora, sendo esta locução, da especie dos *coordenativas*, servindo para approximar simplesmente as orações sem tornal-os dependentes umas das outras, segue-se que a segunda oração não é *integrante*, sim principal, coordenada á primeira pela explicativa *que* ou *de sorte que*.

Supprima-se, porém, qualquer das duas orações, e ver-se-ha que nenhuma faz sentido sem a outra: «*Era tal o susto*ro—*que ninguem se entendia*.» E isto porque a primeira (a principal) demanda o completivo da idéa que expressa; e a segunda, porque tem por funcção integrar o sentido da principal, nada significando separada d'ella.

Mais bem avisado andou Grivet em dar a taes orações o nome de *complementarias*: comquanto esta denominação não exprima exactamente a funcção que ellas exercem na phrase, *complementarias* são tambem todas as orações que servem de complemento a outras, e as de que tratamos completam somente o *sentido*.

Razão teve portanto o illustre grammatico paraense em dar a taes orações a denominação de *integrantes de sentido*.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1891\Edição 00461 (1)

Estudos grammaticaes

Divisão do verbo

A divisão do verbo em—*verbo substantivo* e *verbo adjectivo*—, satisfazendo os principios geraes da grammatica philosophica, contraria os usos e a indole da lingua portugueza (V. Condurú, *grammatica*), porque é absurdo dizer com Soares Barbosa, padre Duarte, Sotero dos Reis, Costa e Cunha e outros, que todos os verbos chamados adjectivos pódem resolver-se pelo verbo *ser* acompanhado de um attributo representado no radical do verbo.

Que especie de giria não ficaria sendo o portuguez, a admittir-se tão esdruxula doutrina?

Exemplo: «Eu queria ir ao Rio; mas não vou, porque não tenho dinheiro para pagar a passagem.»—Traducção: «Eu era querente ser inte ao Rio; mas não sou inte, porque não sou tente dinheiro para ser pagante a passagem.»

Tem toda a razão o sr. Grivet, n'este ponto. (V. *Grammatica Analytica*—226—244.)

Além d'isso, quando mesmo se consiga *descentraular* do verbo uma palavra bem-soante e vernacula para attributo, não póde prevalecer aquella doutrina:

1.º Porque, por exemplo, *eu oiço* não é o mesmo que *eu sou ouvinte*. Conseguintemente não ha identidade entre o verbo adjectivo e a expressão por que o resolvem.

2.º Porque o complemento directo transforma-se em indirecto, o que prova ainda mais essa falta de identidade.

3.º Porque, quando mesmo com alguns verbos haja equivalencia entre as ditas expressões, não póde esse facto favorecer aquella opinião, pois os preceitos doutrinarios devem basear-se na generalidade dos casos, e não em excepções.

***

Eu proporia a divisão do verbo em—*copulativo* e *activo*

Copulativo—o que unisse o attributo ao sujeito da proposição, como: Pedro é feliz está doente, ficou surpreso, nasceu pobre, etc.

Activos—todos os outros, ou os mesmos copulativos quando não fossem tomados como taes, ex.: Nasceu em 1803.

E dividiria os verbos activos em *intransiticos, transitivos* e *bi transitivos*, subdividindo os transitivos em *transitivos-directos* e *transitivos-indirectos*, como faz Maximino Maciel em sua *Grammatica Analytica*.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1891\Edição 00484 (1)

Estudos grammaticaes

As palavras «o, a». As variações pronominaes «me, nos, te, vos.»

(CONCLUSÃO)

III

O, a, artigos ou quantitativos universaes, são complementos determinativos (Avila Pimentel), ou appositivos (Grivet), ou adjuntos attributivos (João Ribeiro) de um substantivo.

—

O, a, pronomes, pódem ser sujeitos, attributos, complementos.

Como attributos:

« Ella é *a* que menos estuda.—Os bons julgam que os mais tambem *o* são.—A carta é breve, tambem *o* fôra o livro (Jacintho Freire).

Como objectos directos:

« O entendimento acha *o* que ha; a vontade *o* que quer.» (Padre Vieira)—Conhece-*o*, conheço-*a*.»

Como objectos indirectos:

« Entre todas estas plantas, gósto mais *da* que está no meio do jardim.—Appello *do* que dizes hoje para as tuas opiniões de hontem.»

Como sujeitos:

O que eu te digo é verdade.—De todas estas flôres, *a* que trazes no peito é a mais formosa.—Estando o réo preso, o juiz *o* mandou vir á sua presença.»

Neste ultimo exemplo, *juiz* é sujeito do verbo *mandou;* e o pronome pessoal *o*, referido a réo, é sujeito do verbo *vir*. E' como se dissessemos: O juiz mandou *elle* vir, ou mandou que *elle* viesse.

O mesmo dá-se em todas as orações em que entra este pronome junto aos verbos *mandar, deixar, ver, ouvir* e *fazer* no modo finito seguidos de outro no infinito.

Exemplos identicos:

« Furtar ao mesmo ladrão, e fazêl-*o* repôr com mão fiel o que tinha levado com mão enganosa, tem tanta graça, que move desejos de premiar-se.» (Bernades).—Isto é: fazer *elle repôr*.

« Ainda sem ti, eu me teria arrojado sobre o imperio godo, e a minha lança *o* faria cahir a meus pés moribundo.» (Alexandre Herculano).—Isto é: faria *elle cahir*.

O mesmo dá-se com as variações *me, nos, te, vos.*

Eis o que diz Condurú no seu compendio de grammatica portugueza:

« Permitte porem a lingua portugueza... o uso do infinito pessoal em certos casos...

« 1º Quando a phrase infinitiva, como regimen directo do verbo finito, tiver sujeito diverso...—Ficará porém invariavel o infinito *se o seu sujeito*, ainda que diverso, *fôr algum dos casos dos pronomes pessoaes*, expresso na phrase como complemento necessario do verbo finito. Ex.: O Evangelho manda-*nos ser* caridosos. O preconceito *te* faz *desconhecer* as cousas mais evidentes.»

Os gryphos que vêem nos exemplos são do auctor citado, e denotam que a variação *nos* é sujeito do verbo *ser*, e *te* sujeito do verbo *desconhecer*.

Assim, n'estas orações—fizeste-me correr, deixei-te fugir, mandou-nos ir embora,—*me* é sujeito do verbo *correr*, *te* do verbo *fugir*, e nos do verbo *ir*.

Esta mesma opinião segue o sr. José A. Corrêa nos seus *Estudinhos da lingua portugueza*.

N'um ponto me afasto do pensar de Condurú, e é em considerar elle *a variação* que acompanha o verbo finitivo como *complemento necessario d'este*.

Em minha opinião, tal variação não é complemento do verbo finito: esse complemento é constituido por toda a oração seguinte, que é uma clausula substantiva objectiva.

Tomemos o proprio exemplo de Condurú — *O Evangelho manda-nos ser caridosos.*

A analyse deve ser esta:

Oração principal:
Suj.—O Evangelho;
V.—manda;
Obj. dir.—A oração seguinte *(nos ser caridosos)*.

Oração subordinada:
Suj.—*nos;*
V.—ser;
Attr.—caridosos.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1891\Edição 00488 (1)

Estudos grammaticaes

LHE, complemento objectivo

(AOS MEUS AMIGOS PROFESSORES ARAUJO NUNES E BERTHOLDO NUNES)

Nos casos em que o pronome *lhe*, acompanhando a verbos activos, equivale a *o*, e póde, na fórma primitiva *elle*, constituir-se sujeito da passiva,—deve o dito *lhe* ser considerado como complemento objectivo, de accordo com o que ensina Grivet, o qual dá como propriedade essencial dos complementos directos de substantivos e pronomes, o prestarem-se elles a formar o sujeito dos mesmos quando convertidos em passivos, *o que em caso algum se póde dar com um complemento real e genuinamente indirecto.*

Exemplos :

«E Platão quando d'elles (dos livros santos) escreve, *lhes* chama divinos interpretes dos deoses.» (Rodrigues Lobo.)

Analysemos a oração principal : *Platão lhes chama divinos interpretes dos deoses.*

Platão sujeito;

Chama verbo;

Lhes (os livros santos...) complemento objectivo;

Interpretes completivo do complemento objectivo;

Divinos adjunto attributivo de interpretes;

Dos deoses idem.

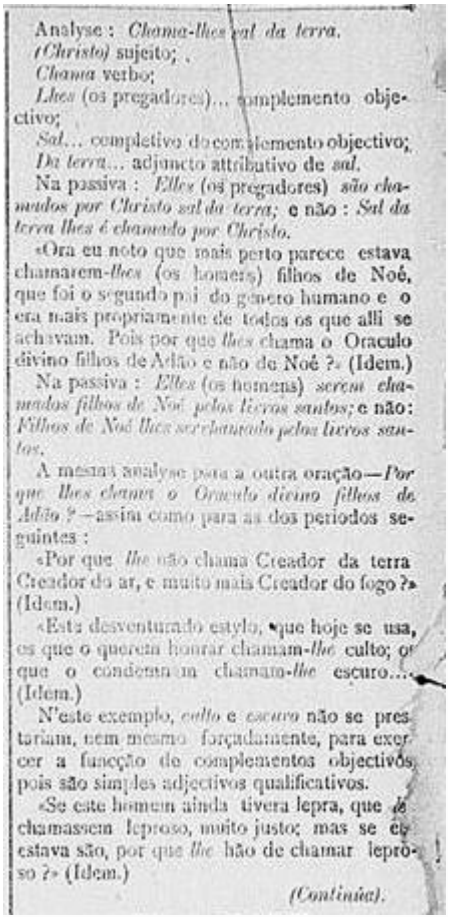
Muitos erram a analyse d'estas orações, considerando n'este caso *interpretes* como complemento objectivo e *lhes* como complemento terminativo. A prova, porém, do contrario, é que passando-se a oração para a passiva, não faz sentido : *Interpretes divinos dos deoses lhes é chamado por Platão !:* ou *Interpretes divinos dos deoses é chamado a elle por Platão !*

Ao passo que, tomando *interpretes* como um completivo de *lhes*, e este pronome como complemento objectivo, a conversão fica regular, pois não offende o sentido. Basta substituir *lhes* por *elles*, visto que passa a ser sujeito da passiva, do mesmo modo que substituem-se os outros pronomes-complementos pelos respectivos pronomes-sujeitos : *Elles* (os livros santos) *são chamados por Platão interpretes divinos dos deoses.*

Conseguintemente, *lhes* exerce ahi a funcção de complemento objectivo.

Outro exemplo :

«Vós, diz Christo Senhor Nosso falando com os pregadores, sois o sal da terra : e chama-*lhes* sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal.» (Padre Antonio Vieira.)



Analyse : *Chama-lhes sal da terra.*

(Christo) sujeito;

Chama verbo;

Lhes (os pregadores)... complemento objectivo;

Sal... completivo do complemento objectivo;

Da terra... adjuncto attributivo de *sal*.

Na passiva : *Elles* (os pregadores) *são chamados por Christo sal da terra;* e não : *Sal da terra lhes é chamado por Christo.*

«Ora eu noto que mais perto parece estava chamarem-*lhes* (os homens) filhos de Noé, que foi o segundo pai do genero humano e o era mais propriamente de todos os que alli se achavam. Pois por que *lhes* chama o Oraculo divino filhos de Adão e não de Noé ?» (Idem.)

Na passiva : *Elles* (os homens) *serão chamados filhos de Noé pelos livros santos;* e não: *Filhos de Noé lhes será chamado pelos livros santos.*

A mesma analyse para a outra oração—*Por que lhes chama o Oraculo divino filhos de Adão ?*—assim como para as dos periodos seguintes :

«Por que *lhe* não chama Creador da terra Creador do ar, e muito mais Creador do fogo ?» (Idem.)

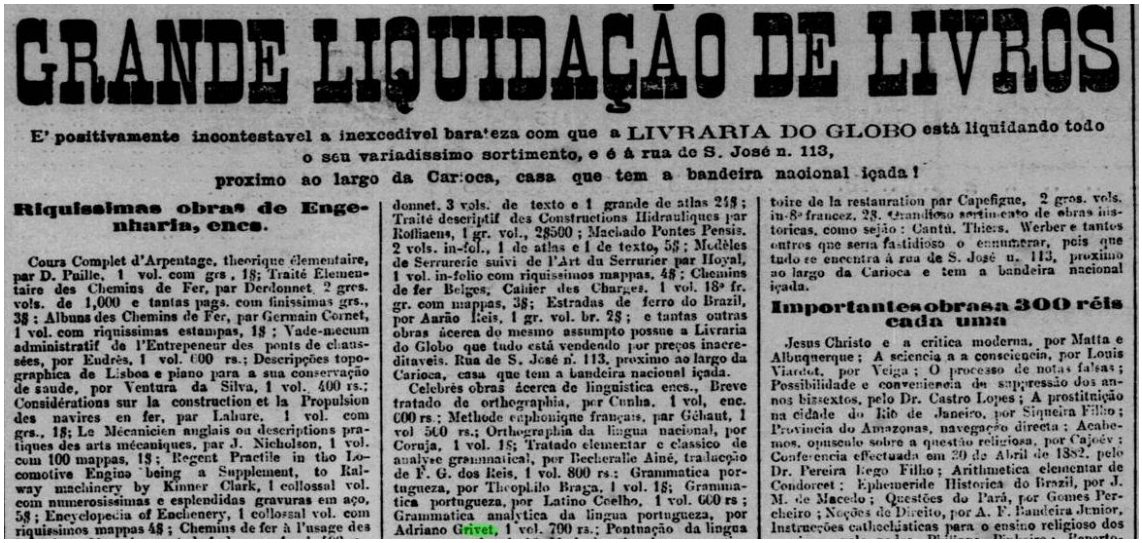
«Esta desventurado estylo, que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-*lhe* culto; os que o condemnam chamam-*lhe* escuro...» (Idem.)

N'este exemplo, *culto* e *escuro* não se prestariam, nem mesmo forçadamente, para exercer a funcção de complementos objectivos, pois são simples adjectivos qualificativos.

«Se este homem ainda tivera lepra, que *lhe* chamassem leproso, muito justo; mas se elle estava são, por que *lhe* hão de chamar leproso ?» (Idem.)

(Continúa).

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1891\Edição 00507 (1)



GRANDE LIQUIDAÇÃO DE LIVROS

E' positivamente incontestavel a inexcedivel barateza com que a LIVRARIA DO GLOBO está liquidando todo o seu variadissimo sortimento, e é á rua de S. José n. 113, proximo ao largo da Carioca, casa que tem a bandeira nacional içada!

Riquissimas obras de Engenharia, encs.

Cours Complet d'Arpentage, theorique élementaire, par D. Puille. 1 vol. com grs., 1$; Traité Elementaire des Chemins de Fer, par Derdonnet. 2 grcs. vols. de 1,000 e tantas pags. com finissimas grs., 3$; Albuns des Chemins de Fer, par Germain Cornet, 1 vol. com riquissimas estampas, 1$; Vade-mecum administratif de l'Entrepeneur des ponts de chaussées, por Eudrès, 1 vol. 600 rs.; Descripções topographica de Lisboa e piano para a sua conservação de saude, por Ventura da Silva, 1 vol. 400 rs.; Considérations sur la construction et la Propulsion des navires en fer, par Labare. 1 vol. com grs., 1$; Le Mécanicien anglais ou descriptions pratiques des arts mécaniques, par J. Nicholson, 1 vol. com 100 mappas, 1$; Regent Practile in tho Locomotive Engine being a Supplement, to Railway machinery by Kinner Clark, 1 collossal vol. com numerosissimas e esplendidas gravuras em aço, 5$; Encyclopecia of Enchenery, 1 collossal vol. com riquissimos mappas 4$; Chemins de fer à l'usage des donnet. 3 vols. de texto e 1 grande de atlas 2$; Traité descriptif des Constructions Hidrauliques par Rolliaens, 1 gr. vol., 2$500; Machado Pontes Pensis. 2 vols. in-fol., 1 de atlas e 1 de texto, 5$; Modèles de Serrurerie suivi de l'Art du Serrurier par Hoyal, 1 vol. in-folio com riquissimos mappas, 4$; Chemins de fer Belges, Cahier des Charges. 1 vol. 1$ fr. gr. com mappas, 3$; Estradas de ferro do Brazil, por Aarão Reis, 1 gr. vol. br. 2$; e tantas outras obras ácerca do mesmo assumpto possue a Livraria do Globo que tudo está vendendo por preços inacreditaveis. Rua de S. José n. 113, proximo ao largo da Carioca, casa que tem a bandeira nacional içada.

Celebres obras ácerca de linguistica encs., Breve tratado de orthographia, por Cunha. 1 vol, enc. 600 rs.; Methode euphonique français, par Géhaut, 1 vol 500 rs.; Orthographia da lingua nacional, por Coruja, 1 vol. 1$; Tratado elementar e classico de analyse grammatical, por Becherelle Ainé, tradução de F. G. dos Reis, 1 vol. 800 rs.; Grammatica portugueza, por Theophilo Braga, 1 vol. 1$; Grammatica portugueza, por Latino Coelho, 1 vol. 600 rs; Grammatica analytica da lingua portugueza, por Adriano Grivet, 1 vol. 200 rs.; Pontuação da lingua toire de la restauration par Capefigue, 2 gros. vols. in-8º francez, 2$. Grandioso sortimento de obras historicas, como sejão: Cantú, Thiers, Werber e tantos outros que seria fastidioso o enumerar, pois que tudo se encontra á rua de S. José n. 113, proximo ao largo da Carioca e tem a bandeira nacional içada.

Importantes obras a 300 réis cada uma

Jesus Christo e a critica moderna, por Matta e Albuquerque; A sciencia a a consciencia, por Louis Viardot, por Veiga; O processo de notas falsas; Possibilidade e conveniencia de suppressão dos annos bissextos, pelo Dr. Castro Lopes; A prostituição na cidade do Rio de Janeiro, por Siqueira Filho; Provincia do Amazonas, navegação directa; Acabemos, opusculo sobre a questão religiosa, por Cajoév; Conferencia effectuada em 20 de Abril de 1882, pelo Dr. Pereira Rego Filho; Arithmetica elementar de Condorcet; Ephemeride Historica do Brazil, por J. M. de Macedo; Questões do Pará, por Gomes Percheiro; Noções de Direito, por A. F. Bandeira Junior, Instrucções cathechisticas para o ensino religioso dos

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1891\Edição 00262 (1)

COLLABORAÇAO

A grammatica de Julio Ribeiro

I

Seria ociosissimo elogiar a grammatica de Julio Ribeiro: é um monumento de sciencia, de erudição, é uma obra luminosa.

Os doutos, os competentes, os entendidos na póda, atiram-lhe pétalas de rosas, elevam-n-a, glorificam-n-a...

A 3ª edição surdiu, enche as livrarias: está bem impressa, está «cuidadosamente revista» pelo sr. Vieira de Almeida.

Um livro magnifico.

Tenho á vista um exemplar, percorro-lhe as paginas com mão febril, com profunda tristeza...

Francamente, não me agrada a cousa.

O sr. Vieira é um professor distinctissimo, é um ornamento da Eskhóla Normal: considero-o, acato-o, admiro-lhe a illustração, o «saber de experiencias feito.»

Permitta-me, porém, s. s., algumas considerações levemente criticas, delicadamente picantes, traçadas sem pretenção, sem maldade, sem a parvoice ingenua do aprendiz enthusiasmado pelo brilho de uma producção immortal...

O saudosissimo Julio tinha amor á sua sua grammatica, tinha-lhe affeição, tinha-lhe carinho mesmo: «para nós, os escriptores, os livros são como os filhos: carne da nossa carne, sangue de nosso sangue (1).

Foi-se o mestre, morreu, desappareceu, sumiu-se no sorvedouro mysterioso do tumulo...

E vem o sr. Vieira de Almeida, e, sem escrupulos, altera-lhe o labor genial, bifa-lhe trechos, torce-lhe o pensamento, deturpa-lhe doutrinas — livremente, arbitrariamente, desastradamente...

Vou proval-o.

O grupo *kh* foi azorragado, foi banido de vez: não lhe valeu a paternidade, não lhe valeu o vigor, o brilhantismo com que Julio Ribeiro o legitimou como romanico genuino, como fórma muitissimo correcta, muitissimo *orthographica*...

Ora leia-se... o sr. Vieira de Almeida:

«A modificação vocal *kh* representa

«. . . . . .

«5) por *ch* — nos derivados de raizes «gregas escriptas por *χ* e algumas pala«vras oriundas de linguas orientaes, ex. «*anachronismo* — *archetypo* — *Achmet*.»

«Os derivados de palavras gregas es«criptas com *χ* orthographam-se usual«mente com *ch*, ex. «*anachronismo* — *ar«chetypo*»; mas insta a acceitar a refor«ma acima, já proposta por Grivet (2) e «por varios outros grammaticos. Os lati«nos, querendo trasladar para o seu idio«ma o *χ*, que é κ aspirado, com muito «acerto pospozeram ao c, que no seu al«phabeto equivalia sempre a *k*, o *h*, signal «de aspiração: representar, porém, *χ*, por «*ch* portuguez, que symbolisa uma modifi«cação veranenia especialissima, é dislate «etymologico que só serve para dificultar «tirocinio da lingua.

«Com effeito, quem será capaz de saber «a pronuncia exacta dos vocabulos sac«*cheiro*, *archontes*, só por vel-os escri«ptos? Não é a confusão originada do tal «uso de lettras improprias um estorvo sé«rio ao conhececimento perfeito da lingua «franceza? Os vocabulos *cairurgien* e «*chiromancie*, por exemplo, derivam-se «ambos da mesma raiz *χειρ*, e todavia, «um pronuncia-se *xirurgien* outro *[chiro«mancie!*

«Mas o uso é soberano, despotico, e «*quer ch!*... (3)»

Vingança, manes de Julio Ribeiro!

Eu já não condemno a deturpação inqualificavel da bella doutrina do philologo; o que eu reputo monstruoso, iniquo, é a divergencia absurda entre o *preceito* e o *commentario*, é a incoherencia pavorosa, que logo se patenteia...

Deve-se escrever *ch*—eis o preceito, muito velho, muito sabido, muito batido...

Nada se reformou.

E todavia mais adiante está isto, com todas as lettras: «MAS ISSTA ACCEITAR A REFORMA ACIMA, JA' PROPOSTA POR GRIVET E POR VARIOS OUTROS GRAMMATICOS»...

Mas, que reforma, santo Deus!...

Pasme agora a grande phalange dos estudiosos, dos *eruditos*, dos SABIOS DE MEIA E MEIO; pasme a posteridade!

«...REPRESENTAR, PORÉM, SE POR *ch* PORTUGUEZ, QUE SYMBOLISA UMA MODIFICAÇÃO VERNACULA ESPECIALISSIMA, E' DISLATE ETYMOLOGICO QUE SÓ SERVE PARA DIFFICULTAR O THEOREMA DA LINGUA»...

E' a negação do preceito, forte, vigoroso, esmagadora... E o sr. Vieira acha-lhe fundamento, *concorda* com ella: estampou-a!

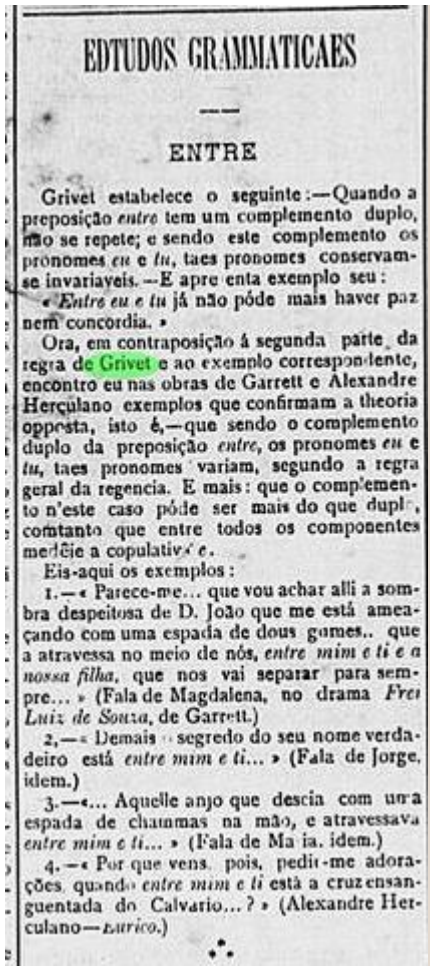
Melhor fôra que o illustre professor supprimisse esses trechos, como supprimiu o «annexo».

—O *grupo kh*, como supprimiu o commentario da *orthographia* de *khh*:

«O douto sr. Antonio Enes, na sua «monumental traducção da Historia Universal de Cesar Cantu (4), já adoptou «para os nomes proprios estas reformas «orthographicas (5) 6). Oxalá o tivera «feito em todos os casos em que é ella «exigida pela etymologia, etc. (5)»

Um reparo, antes de proseguir.

Correio Paulistano (SP) - Ano 1892\Edição 10636 (1)



EDTUDOS GRAMMATICAES

ENTRE

Grivet estabelece o seguinte:—Quando a preposição *entre* tem um complemento duplo, não se repete; e sendo este complemento os pronomes *eu* e *tu*, taes pronomes conservam-se invariaveis.—E apresenta exemplo seu:

«*Entre eu e tu* já não póde mais haver paz nem concordia.»

Ora, em contraposição á segunda parte da regra de Grivet e ao exemplo correspondente, encontro eu nas obras de Garrett e Alexandre Herculano exemplos que confirmam a theoria opposta, isto é,—que sendo o complemento duplo da preposição *entre*, os pronomes *eu* e *tu*, taes pronomes variam, segundo a regra geral da regencia. E mais: que o complemento n'este caso póde ser mais do que duplo, comtanto que entre todos os componentes medêie a copulativa *e*.

Eis-aqui os exemplos:

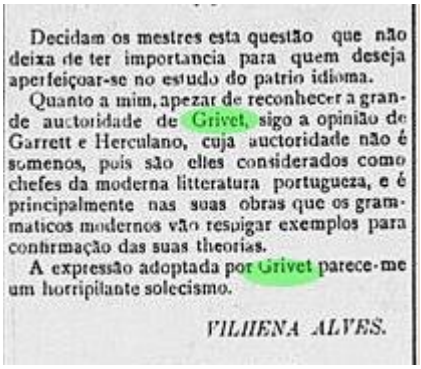
1.—«Parece-me... que vou achar alli a sombra despeitosa de D. João que me está ameaçando com uma espada de dous gumes.. que a atravessa no meio de nós, *entre mim e ti e a nossa filha*, que nos vai separar para sempre...» (Fala de Magdalena, no drama *Frei Luiz de Souza*, de Garrett.)

2.—«Demais o segredo do seu nome verdadeiro está *entre mim e ti*...» (Fala de Jorge, idem.)

3.—«... Aquelle anjo que descia com uma espada de chammas na mão, e atravessava *entre mim e ti*...» (Fala de Maria, idem.)

4.—«Por que vens, pois, pedir-me adorações, quando *entre mim e ti* está a cruz ensanguentada do Calvario...?» (Alexandre Herculano—*Lurico*.)

∴



Decidam os mestres esta questão que não deixa de ter importancia para quem deseja aperfeiçoar-se no estudo do patrio idioma.

Quanto a mim, apezar de reconhecer a grande auctoridade de Grivet, sigo a opinião de Garrett e Herculano, cuja auctoridade não é somenos, pois são elles considerados como chefes da moderna litteratura portugueza, e é principalmente nas suas obras que os grammaticos modernos vão respigar exemplos para confirmação das suas theorias.

A expressão adoptada por Grivet parece-me um horripilante solecismo.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1893\Edição 00901 (1)

APEDIDOS

NOTICIAS CALUNIOSAS

Veio o *Estado* de 3 do corrente despertar-me um sentimento de compaixão pela intellectualidade do sr. Sergio.

O moço promotor devia, antes de escrever uzar de alguma bôa receita, que, abrandando-lhe os nervos, desse ao seu espirito um pouco de calma.

Quando o publico esperava que fosse esmagadora a defeza do sr. Sergio, já antes decantada, eis que o pobre moço surge esqualidamente na «Conta Alheia» do *Estado* em um *crescendo de rabicismo* que até já causa dó sem nada fazer senão dirigir-me novos insultos

O axioma latino citado pelo sr. Sergio é uma verdade sediça, que faz as delicias de qualquer rabula que não saiba que elle não se exime do preceito imperativo da conhecida parenia—*não ha regra sem excepção.*

Quando os factos são publicos e notorios ou quando a presumpção legal está do lado do autor, incumbe a prova ao réo—Isto no foro civil.

As calumnias que contra mim foram assacadas pelo moço protos a celebre phraze ; *addito á queixa de fls*, toma da phrase a palavra *additar*, cuja significação não conhece, e torna patente sua ignorancia pelo emprego que d'elle tem feito.

Depois admira-se que promotor *indefira* um requerimento de fiança—Quem ler com attenção o meu artigo verá que eu quiz dizer o seguinte : que o promotor, que estava presente, tendo dito : *fiança provisoria tambem tem um processo e hoje já é muito tarde para tractar d'isso*, commetteu um flagrante erro e uma violação da Constituição federal e foi causa de o dr. Paulo que fosse recolhido por ter o delegado confirmado suas palavras

O moço não negou que tivesse dito tal e ahi é que esta a questão.

O que exprime, em summa, declinar do mandato o mandatario antes repellido pelo mandante?

O mandato é revogavel em todo o correr da lide, admitte a praxe, não obstante a Ord. L 3 T 26 § 1. que exige para sua revogação depois da contestação que seja allegada justa causa. mas è preciso que a revogação seja por algum dos meios legáes e póde ser tacita ou expressamente feita.

motor, pela sua mesma natureza não podiam ser provadas, nem elle foi alem da simples ennunciação mas no entanto aquellas que me podiam ferir, levantei-as e provei evidentemente a sua falsidade e quando agora tratam-se de factos por si capazes de atrahirem a sancção penal sobre a cabeça do promotor, este com um heroico desprendimento encolhe-se e nem ao menos tenta negar a existencia dos factos, confessando, ou melhor reconhecendo pelo seu silencio que não se pode defender.

Pobre moço! Estou vingado!

E elle que é tão facil em levantar as mais duras calumnias contra os outros foge covardemente quando se trata de propria defeza!

Aquelles factos compromettem horrivelmente a reputação de funccionario publico quanto ao moço e elle sem negal-os, mostra apenas a ignorancia em que está das mais comesinhas regras de direito e até (pro pudor!) da grammatica.

Aquelles dous pontos de admiração na palavra *morphologica* são de sabor irritante e capazes de fazer os meninos de escola rirem-se do nosso homem.

A minha tarefa não é de lexicographo, por isso consulte o moço si quizer, qualquer diccionario moderno e veja que empreguei a perfeitamente; e se não póde consultar alem da grammatica de *Grivet* a de Julio Ribeiro, que é adoptada nas escolas d'esta cidade.

Naturalmente, e é esta a razão de eu perdoar o seu professor primario, o *illustrado* moço era fraquinho em creança e em sua conta de bólos houve economia grossa...

A outro assumpto. O publi-

Vir o constituinte simplesmente dizer ao advogado que não o quer mais como seu mandatario, póde até ser uma cilada para responsabilizal-o depois pelo damno que soffresse, maximé quando como no caso em questão elle não passou mais procuração a outrem.

E fique sabendo o moço promotor que o mandato ás vezes é irrevogavel.

Fica tambem desafiando contestação o facto do promotor ter tomado, logo apóz, o patrocinio de uma causa de Carlos Bulleryahn, quando este tinha processo em juizo em que o *curador de auzentes* era interessado.

Poderia muito bem entrar em discussão com o moço promotor a respeito de *mandados* e ordens de prisão; mas, não o faço attentas as condições de irritabilidade de temperamento do sr. promotor que só o impellem para o plano inclinado das injurias e calumnias, das quaes com o soccorro de Deus, me hei de livrar.

Eu quero encerrada entre paredes a vida particular, e por isso é que poupo o moço promotor; mas quanto a mim deixo que virem e revirem a bel prazer as paginas do livro de minha vida, porque excepção de calumnias, nada tenho de que me envergonhar.

Orgulho-me, sem que isso seja um leve peccado ao menos, com o final do artigo do moço, porque da sua leitura conclue se que só comecei a ser politico depois que despi immaculada a toga de magistrado.

E, como ninguem é indifferente á lisonja e á justiça que se lhe faça, sinto-me com desejos de perdoar o pobre moço, que me parece deve medicamentar-se contra a satyriasis; pois vive a sonhar com *lupanares*.

A outro assumpto. O publico assente bem que o sr. Promotor deixou de pé todas as allegações que contra si fiz e limitou-se a, querendo ridicularisar-me, dar uma prova evidente de que para o seu espirito ainda é noite.

Assim, em logar de negar ou ao menos procurar justificar-se de ter escripto nos au-

a sonhar com *lupanares*.

No mais sacódo com a poeira de meus sapatos as injurias que mais uma vez foram-me dirigidas pelo sr. *Sergio Lorêto, promotor de Justiça da Comarca de Santa Leopoldina, no Jornal Official.*

Santa Leopoldina, 7 de maio de 1893.

PAULO JULIO DE MELLO

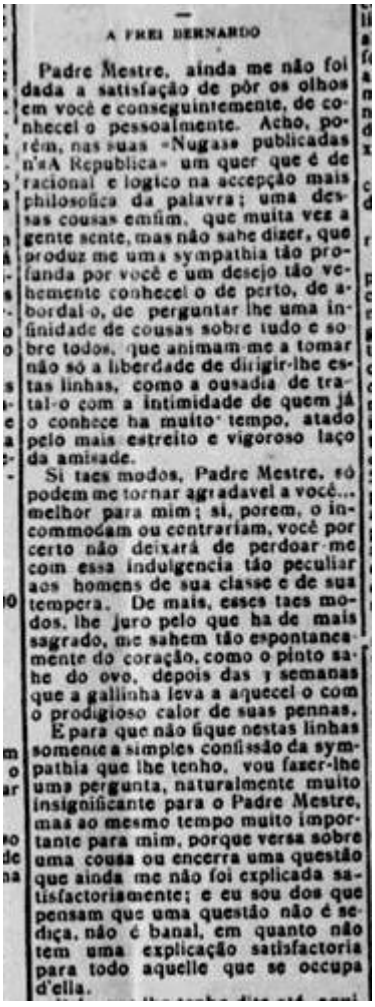
Commercio do Espirito Santo (ES) - Ano 1893\Edição 00854 (1)

LIVROS IMPORTANTES

sobre linguistica, philologia, glottologia e importantes diccionarios, tudo a resto de barato, na **Livraria do Povo, rua de S. José ns. 65 e 67.**

A lingua portugueza, noções de glottologia geral e especial, por Adolpho Coelho, 1 vol. 3$; Da glottica em Portugal, por Manoel de Mello, 1 vol, in-8°, de perto de 400 pags., 4$; Grammatica portugueza por Julio Ribeiro, 4$; Nova grammatica analytica da lingua portugueza, por Grivet, 1 gr. vol. de mais de 600 pags., 5$ (é obra de 12$); Grammatica analytica da lingua portugueza, pelo padre Massa, 1 enorme vol. de 544 pags., 6$ (é obra de 12$); Grammatica portugueza, por Theophilo Braga, 1 vol. 2$; Manual de estylo, seguido de themas para redacção, por Oliveira Maia, 2$; Grammaire portuguaise, par Paulino de Souza, 1 vol. de 700 pags. 4$; Grammaire des langues romaines, par Frédéric Diez, 3 grossos vols. 50$ (é obra de grande raridade e muito importante); Questions grammaticales ou le courrier de Vaugelas, 7 gros. vols, in-4°, impresso a 2 columnas, 14$ (é obra de 50$); Cours superieur de grammaire par Julien, 2 gr. vols. in-4°. 8$; Arte de grammatica, por Gerardi Joannis Vossu Aristarchus, 2 gr. vols, in-4° 25$; Leçons de grammaire française et exercices de style par M. Sardou, 1 vol. in-4°, 4$; Grammaire Nationale par Bescherelle, 1 gr. vol. in-4° de 900 pags., 5$; Grammaire comparée

O Paiz (RJ) - Ano 1893\Edição 03966 (1)



A FREI BERNARDO

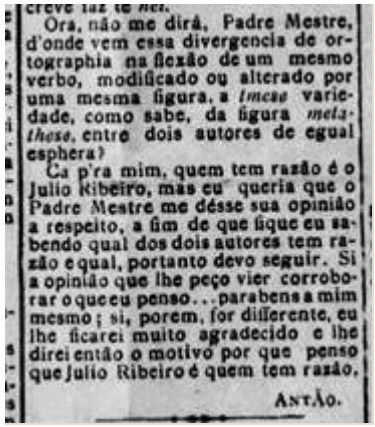
Padre Mestre, ainda me não foi dada a satisfação de pôr os olhos em você e conseguintemente, de conhecel-o pessoalmente. Acho, porém, nas suas «Nugas» publicadas n'«A Republica» um quer que é de racional e logico na accepção mais philosofica da palavra; uma dessas cousas emfim, que muita vez a gente sente, mas não sahe dizer, que produz me uma sympathia tão profunda por você e um desejo tão vehemente conhecel-o de perto, de abordal-o, de perguntar lhe uma infinidade de cousas sobre tudo e sobre todos, que animam-me a tomar não só a liberdade de dirigir-lhe estas linhas, como a ousadia de tratal-o com a intimidade de quem já o conhece ha muito tempo, atado pelo mais estreito e vigoroso laço da amisade.

Si taes modos, Padre Mestre, só podem me tornar agradavel a você... melhor para mim; si, porem, o incommodam ou contrariam, você por certo não deixará de perdoar-me com essa indulgencia tão peculiar aos homens de sua classe e de sua tempera. De mais, esses taes modos, lhe juro pelo que ha de mais sagrado, me sahem tão espontaneamente do coração, como o pinto sahe do ovo, depois das 3 semanas que a gallinha leva a aquecel-o com o prodigioso calor de suas pennas.

E para que não fique nestas linhas somente a simples confissão da sympathia que lhe tenho, vou fazer-lhe uma pergunta, naturalmente muito insignificante para o Padre Mestre, mas ao mesmo tempo muito importante para mim, porque versa sobre uma cousa ou encerra uma questão que ainda me não foi explicada satisfactoriamente; e eu sou dos que pensam que uma questão não é sediça, não é banal, em quanto não tem uma explicação satisfactoria para todo aquelle que se occupa d'ella.

Pelo que lhe tenho dito até aqui, Padre Mestre, é bem possivel que esteja você a dizer com os botões de sua batina que está ouvindo uma creatura muito ignorante. Si assim o diz, diz simplesmente uma verdade, Padre Mestre. E é justamente a circumstancia de ser muito ignorante que me obriga a apoquentar a você e a outros homens de egual saber, tão revestidos de modestia. E tem sido justamente por esse meio pratico, que se me tem desenvolvido pouco a pouco a luz da razão e da consciencia.

Padre Mestre, quando ás 9 horas da noite eu fecho o armarinho do patrão e recolho-me ao meu quartinho, ponho-me a ler as grammaticas do Julio Ribeiro, João Ribeiro, Grivet, Adolpho Coelho e outros autores tão fallados, inclusives o João Felix de Lisboa e o nosso patricio professor Sobreira, e entre outras definições que procuro combinar encontro uma que ainda me não foi explicada a contento. E' a seguinte: tratando do futuro do indicativo e imperfeito do condicional dos verbos escriptos com um pronome pessoal intercalado, Julio Ribeiro, por exemplo, escreve far-te *ei*, em quanto que Adolpho Coelho escreve faz te *hei*.



creve faz te mel.

Ora, não me dirá, Padre Mestre, d'onde vem essa divergencia de ortographia na flexão de um mesmo verbo, modificado ou alterado por uma mesma figura, a *tmese* variedade, como sabe, da figura *metathese*, entre dois autores de egual esphera?

Ca p'ra mim, quem tem razão é o Julio Ribeiro, mas eu queria que o Padre Mestre me désse sua opinião a respeito, a fim de que fique eu sabendo qual dos dois autores tem razão e qual, portanto devo seguir. Si a opinião que lhe peço vier corroborar o que eu penso... parabens a mim mesmo; si, porem, for differente, eu lhe ficarei muito agradecido e lhe direi então o motivo por que penso que Julio Ribeiro é quem tem razão.

ANTÃO.

A Republica: Fusão do Libertador e Estado do Ceara (CE) - Ano 1894\Edição 00031 (1)

VICIOS DE LINGOAGEM

Subordinada a esta epigraphe, recebemos uma nova carta do Sr. Horto de Godoy (pseudonymo) em resposta ás observações que á primeira fizera em o n. 20 d'A SEMANA o nosso illustrado collaborador Julio Valmor.

Representando esta segunda carta uma defesa e havendo nós inserido a primeira, consideramo-nos no dever de publical-a tambem.

Mas tanto a Horto como a Julio pedimos, pelo amor de Deus, que não estiquem a questão.

Olhem que uma querella grammatical é calamidade quasi tão grande como um terremoto ou uma inundação!

Eis a carta:

SR. REDACTOR. — O meu humilde artigo, inserto em o n. 20 d'A SEMANA, valeu uma severa contestação da parte do seu illustre chronista, o Sr. Julio Valmor.

Voltando a campo, faço o papel de David em lucta com o gigante Goliath, lucta desigual mas proveitosa, visto que da discussão sae a luz.

Humilde, desconhecido, sem competencia, não ousaria sahir ao encontro de um gigante experimentado em armas, si a tanto não fosse chamado.

Antes, porém, de ferir o alvo, tenho a lamentar que o Sr. Valmor, tractando de assumpto serio, como promettera a uma "gentil interlocutora," venha nos sahindo com lettreiros de "estrebarias," etc.

Não foi serio nesse ponto, e "a gentil interlocutora" deve manifestar-lhe pezar por isso.

Quanto ao termo "projectis," deixo-o entregue ao Sr. João Ribeiro e ao publico que nos lê: ao primeiro mandará corregir o preceito grammatical; ao segundo satisfará, explicando-se melhor.

"Agora visto que o Sr. Godoy é caroavel d'estas investigações de vernaculidade, atrevo-me a pedir-lhe que nos seus ocios de Rio-Claro se sirva indagar da legitimidade d'aquella expressão que se lê no seu artigo: "deparei com muitos termos estranhos."

Vou satisfazer-lhe a curiosidade.

Abra o livro — Vocabulos e Locuções da Lingua Portugueza, do Sr. G. Bellegarde, pag., 39, v. Deparar, e leia até á pag. 42, onde encontrará:

"Perguntar-lhes-iamos se "deparam com" espectaculos semelhantes nas antigas republicas gregas...

(A. F. de Castilho — Proemio á traducção das PALAVRAS DE UM CRENTE, pag. 16).

" Na caça "deparara" co'estes paços."
(Garret, D. Branca, c. 4°, pag. 93.)

" Deparei com a cara sciencia de um santo e venho exhibir-vol-a ! "
(Padre Senna Freitas — Jesuitas, traducção, vol. 1, pag. 89.)

O Sr. Valmor concordará que — " deparei com " bons companheiros.

Veja o que dizem Pacheco Junior e Lameira de Andrade sobre o "se" Gram. Port. pag. 482.

Consulte Grivet — Grammatica Analytica, publicada em 1865, pag. 189.

Terminando sua argumentação, Grivet cita o seguinte trecho: "Nini, côrte de Nino, foi a maior cidade do mundo: endava-se, de porta a porta, não menos que em tres dias de caminho " (Padre A. Vieira) Isto é... " a gente " andava, de porta a porta etc.

Ora, si nos exemplos de Pacheco Junior e L. de Andrade e nos de Grivet, como este, pode-se dizer " a gente andava " etc. porque naquelle outro — commummente se lê, " etc., não se póde dizer: " commummente a gente lê pelos jornaes, etc. ?

Si o " se " pode servir de eujeito em um, pode servir em outro caso tambem.

O Sr. João Ribeiro diz em sua — Grammatica Portugueza, 3° anno, pag. 268, terminando a argumentação sobre "se":

" A litteratura contemporanea, tão approximada das fontes francezas, acabará talvez por fixar o uso do "se" como sujeito, apezar da resistencia que a isso oppoem os grammaticos. "

Poderia discutir mais longamente a questão, mas não quero enfadar os leitores com insulsas pretensões de " sabichão. "

Termina o Sr. Julio Valmor dizendo: " Complane-me o Sr. Horto de Godoy aquellas corcovas desgraciosas no liso dorso da sã linguagem portugueza e conte depois com este seu creado para irmos juntos, de Moraes em punho, dar caça sem treguas nem mercê aos estrangeiros de má raça. "

Poderia acceitar o convite, si o Moraes não estivesse cheio das taes " corcovas. "

Leia o que diz o Sr. Aulete no " Diccionario Contemporaneo, " publicado em 1881, sob o titulo — PLANO.

O Sr. Valmor deve concordar comigo que — a bella linguagem portugueza, tão querida de Francisco Rodrigues Lobo, anda " remendada como capa de pedinte " e a causa principal disto é que nós não queremos sujeitar-nos a aprendel-a bem.

Os jornaes andam sempre abarrotados de grossas asneiras, devido tão somente ao descuido, ao desmazelo, ao pouco caso " dos naturaes da lingua. "

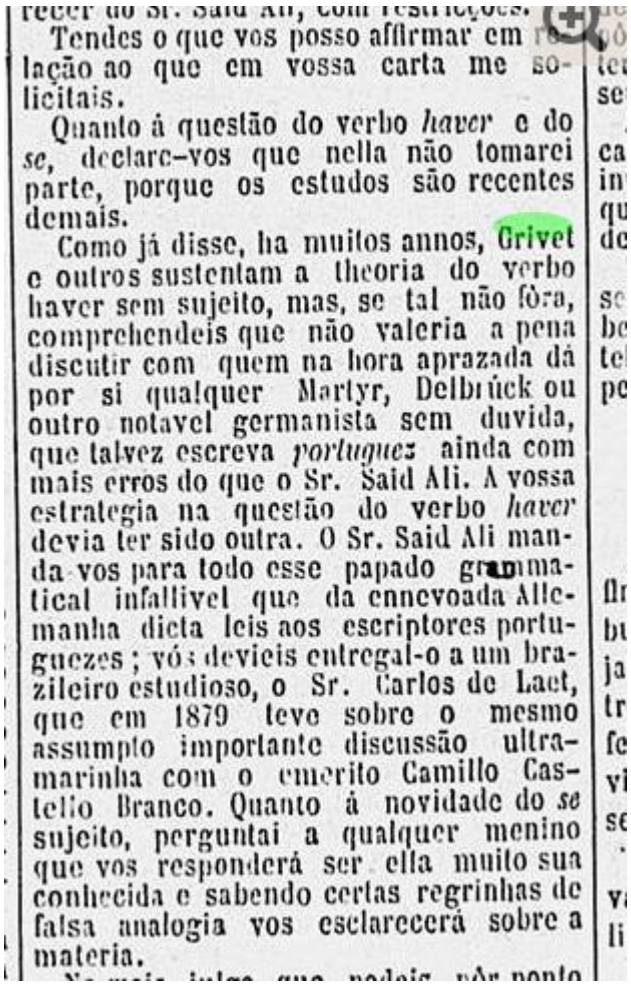
Depois que os " dez poetas" tomaram aquella grande tunda, depois da critica terrivel feita ao livro do Dr. V. de Castro, não se deve admirar que o desconhecido rabiscador Horto recebesse lições de Julio.

Agradecendo summamente a lição gratis, fico á disposição do illustre chronista.

Rio-Claro, 1894.

HORTO DE GODOY.

A Semana: Volume I (RJ) - Ano 1894\Edição 00025 (1)



receber do Sr. Said Ali, com restricções.

Tendes o que vos posso affirmar em relação ao que em vossa carta me solicitais.

Quanto á questão do verbo *haver* e do *se*, declare-vos que nella não tomarei parte, porque os estudos são recentes demais.

Como já disse, ha muitos annos, Grivet e outros sustentam a theoria do verbo haver sem sujeito, mas, se tal não fôra, comprehendeis que não valeria a pena discutir com quem na hora aprazada dá por si qualquer Martyr, Delbrück ou outro notavel germanista sem duvida, que talvez escreva *portuguez* ainda com mais erros do que o Sr. Said Ali. A vossa estrategia na questão do verbo *haver* devia ter sido outra. O Sr. Said Ali manda-vos para todo esse papado grammatical infallivel que da ennevoada Allemanha dicta leis aos escriptores portuguezes; vós devieis entregal-o a um brazileiro estudioso, o Sr. Carlos de Laet, que em 1879 teve sobre o mesmo assumpto importante discussão ultramarinha com o emerito Camillo Castello Branco. Quanto á novidade do *se* sujeito, perguntai a qualquer menino que vos responderá ser ella muito sua conhecida e sabendo certas regrinhas de falsa analogia vos esclarecerá sobre a materia.

Eu mais julgo que podeis pôr ponto

O Paiz (RJ) - Ano 1895\Edição 03765 (1)

LIÇÕESINHAS DE PORTUGUEZ

CONCORDANCIA DO PRONOME «QUEM»

O pronome *que* não concorda com o antecedente «*homem*» ou «*o*», sim com o pronome pessoal que o precede; exemplo: Fui eu *o que fiz* isto, foste tu *o que fizeste*, fomos nós *os que fizemos*, etc.

O pronome *quem*, sendo a contracção de «*o que*» ou «*o homem que*», deve sujeitar-se á mesma regra: Fui eu *quem fiz*, foste tu *quem fizeste*, fomos nós *quem fizemos*.

São os mesmos exemplos acima, com a unica differença de os pronomes «*o*» «*que*» apparecerem ahi contrahidos no vocabulo *quem*.

Outros exemplos:

«Ao par amante, que innocente vaga,
Sou eu *quem prendo* em derretido enleio».
(G. Dias).

«Eu porêm no peito amante
Sou *quem fumento* a paixão . . .
Quem lhes *ponho* risos n'alma,
Quem falo nos sonhos seus».
(G. Dias).

«Na innocencia do infante és tu *quem falas*,
E's tu *quem dás* rumor á quieta noite . . .»
(G. Dias).

«Eu sou *quem venho* consultar a vontade de meu tio». (Camillo Castello Branco).

«Fui eu *quem* o *determinei* a isso». (Lacerda).

Quando, porêm, a phrase começar por «*o que*» ou por «*quem*», não havendo, antes, pronome pessoal a que se refira *que* e *quem*, estes pronomes levam o verbo para a 3.ª pessoa: *Quem fez* isto fui eu; *quem fez* isto foste tu; *quem fez* isto fomos nós; *os que fizeram* isto fostes vós; *quem governa* a harmonia dos astros és tu; *quem* o *determinou* a isso fui eu.

* * *

Julio Ribeiro, Epiphanio Dias, Maximino Maciel e outros são de opinião que o pronome *quem* deve sempre ser considerado da 3.ª pessoa do singular: Fui eu *quem fez*, fomos nós *quem fez*, fostes vós *quem fez*, foram elles *quem fez*.

Alem de offender o ouvido, tal concordancia não tem razão de ser.

Pois, si quando usamos de «*o que*» levamos o verbo para a pessoa e numero do pronome pessoal antecedente, como é que não fazemos o mesmo com o pronome *quem*, contracção de «*o que*»? Por que razão não é erro dizer—não sou eu *o que* hei de deixar as minhas raizes (Vieira)—, e é erro usar da mesma phrase com a mudança unica dos pronomes «*o*» «*que*» pelo equivalente *quem*? (Não sou eu *quem* hei de deixar as minhas raizes).

Parece que ha nisto uma contradicção palmar.

A opinião que emitto é auctorisada por Grivet e Augusto Freire da Silva (V. *Carta* de 28 de fevereiro de 1884, publicada n *A Provincia do Pará*).

Todavia, não escureço que a opinião contraria tem por si não só o pensar dos grammaticos acima citados, mas tambem o de alguns classicos. Exemplos:

«Pelo que, não sendo só vós *quem padece*, accommodai-vos á condição dos outros mortaes». (Padre Manoel Bernardes).

«Eu, o Silencio e a Solidão eramos *quem estava* ahi». (Alexandre Herculano).

«Fôras tu *quem deveria* perecer». (Id.).

VILHENA ALVES.

Folha do Norte (PA) - Ano 1896\Edição 00096 (1)

LIÇÕESINHAS DE PORTUGUEZ

COMPARATIVO-SUPERLATIVO

Assim denomina José Alexandre Passos ao comparativo de superioridade e inferioridade encarecido com a anteposição do adverbio *muito*: «Muito mais rico, muito mais bella.» *(Diccionario grammatical.)*

Estas fórmas são auctorisadas pelos mestres da lingua:

«Comparado o rigor do juizo de Deus com os rigores do juizo dos homens, *muito mais rigoroso e muito mais tremendo*, é o juizo dos homens que o juizo de Deus.» (Padre Vieira—*Sermões.)*

«*Muito maior, muito mais alto.*» (Constancio.)

Diz João Ribeiro:

«O Portuguez admitte a emphase de gráu adaptando adverbios ás fórmulas do comparativo e do superlativo: *muito mais formoso, mui formosissimo, assaz formosissimo*, etc.»

(Grammatica, 3.º anno.)

Notemos que não está em uso o encarecimento do superlativo, como diz João Ribeiro, mas somente o do comparativo. Ninguem diz: *mui utilissimo.*

Parece que aquelle distincto grammatico quer resuscitar «o uso improprio de *muito* com os superlativos», o qual se nota nos antigos escriptores e é condemnado por Solano Constancio *(Diccionario*, palavra *muito)*, por Grivet *(Grammatica Analytica*, 446), e... pelo uso vivo da lingua.

Folha do Norte (PA) - Ano 1896\Edição 00103 (1)

PALESTRA LITTERARIA

Fixemos bem na memoria as duas singelas regras; hão de sernos de grande utilidade, se as tivermos sempre presentes á lembrança, simplificando muitas distincções que os grammaticos fazem e que não servem senão para tudo complicar.

« *Quando o sujeito do verbo no tempo* (1) *finito é o mesmo que o do infinito, este infinito fica invariavel.*

« *Quando os sujeitos são diversos, isto é, quando o infinito tem sujeito proprio, torna-se elle variavel.*»

Terriveis quasi sempre os taes Srs. grammaticos!

Por mais claros e concisos que busquem ser, internam-se num labyrintho de difficuldades explicativas, num dedalo de classificações casuisticas, num cipoal terminologico, de que as primeiras e mais desgraçadas victimas são as creanças! Ah, sim, bem desgraçadas!

Adriano Grivet, suisso de origem, mas que escreveu uma das mais completas e talvez melhores grammaticas portuguezas, não tanto pela elucidação propria dos casos duvidosos, como pela extraordinaria copia de exemplos tirados dos classicos e bem escolhidos, Grivet discrimina no infinito nada menos de seis tempos, e lá vem a enumeração, que, na verdade, só por si é capaz de pôr a arder a intelligencia do menino mais precoce e desejoso de bem comprehender o que deva estudar.

Curiosos os exemplos dados para apoiar essas distincções:

Fazemos trabalhar (infinito presente), *fizemos trabalhar* (infinito passado), *faremos trabalhar* (infinito futuro) e assim por deante.

Tudo isto nos recorda as tremebundas e interminaveis discussões da theologia escolastica, na edade média, em que os maiores espiritos da epoca (e quanto poder pensante despendido, malbaratado, por vezes, em subtilezas miudas ou insubsistentes e até ridiculas!) dividiam a eternidade em periodos, determinando para tal e tal erro ou crime do homem a eternidade inteira ou meia eternidade ou quarto e outras fracções da... eternidade!

Em confirmação, porém, daquellas duas regras, citemos alguns exemplos de auctoridades de escól na nossa lingua portugueza. Quanto á primeira:

« Como *podiam* deixar de *intervir* grandes injustiças? (Padre Antonio Vieira). «Succede aos rios impetuosos *conservarem* o sabor de suas aguas depois de *misturar-se* com o mar» «Não nos *envergonhemos* de *querer* ajudar o poder divino, etc. (Frei Luiz de Souza) «*Nascemos* sem *saber* para que nascemos (Padre Antonio Vieira) «Os homens, desfigurados como toupeiras, *vivem* debaixo da terra sem *ter* olhos para *vêr* (Idem) «Ha erros, que mais credito *trazem* ao *emendar-se* do que desdouro ao *commetter-se* (Manoel Bernardes), etc.

Quanto á segunda regra:

« Mais nos agrada *discorrermos* subtilmente do que com acêrto (Mathias Ayres). «A maior fatalidade dos reis é *nascerem* todos em signo de ser louvados (Padre Antonio Vieira). «Donde nasceu, a meu juizo, *fingirem* alguns philosophos, etc. (João de Barros). «Não *fazerem* mercês os reis sería não *serem* reis (Antonio Vieira). Parece ahi que a regra é transgredida. Qual porém, o sujeito de *sería*? E' fazerem. E de *serem*? Reis. «Um só meio *acho* aos homens para *salvarem* taes inconvenientes (Padre Antonio Vieira).

E assim por deante.

Duas excepções, porém, têem, já dissemos, aquellas regras.

Eil-as:

1.ª *Quando o infinito precede, na phrase, o tempo finito, torna-se elle variavel, embóra sejam os sujeitos os mesmos.*

Por exemplo: «Ao *entrarem* na cidade, *levaram* os soldados tudo a ferro e fogo.» «Ao *estudares*, attende bem, etc.» «Antes de *conhecerdes* a materia, não vos *arrisqueis* a provas publicas», etc.

2.ª *Quando o infinito fica, por incidencias mais ou menos longas, separado do verbo no tempo finito, toma elle a feição pessoal* com razão logica pois, e no verdadeiro papel de personalidade do infinito, que é esclarecer bem o pensamento, diremos com todo o acêrto:

« *Buscavam* os sitiantes *repellir* os ingentes esforços da guarnição da cobiçada praça na reconquista das fontes tomadas, para a *dominarem* pela sêde.»

Insistamos nessas duas excepções ás regras primordiaes.

A.

(1) Por equivoco, que salta logo aos olhos veiu, no artigo anterior; *modo* finito, em vez de *tempo* finito.

PERVERSIDADE!

Informada, por denúncia particular e caritativa, de qualquer coisa bastante grave para os habitos morigerados da nossa população, a policia, representada pelo seu chefe Dr. Macedo Soares, delegado capitão Fróes, escrivão Santos e medico Dr. Miguel Pereira, poz-se em campo no dia 4 do corrente e dirigiu-se para a Mosella, onde fez uma visita solemne a quem, pelas declarações abaixo exaradas, pareceu pouco incommodar-se com o facto, tão desnaturada e perversa é a sua indole. A auctoridade está na presença de André Reboult, de 37 annos, casado, typo baixo e magro, compleição rachitica, usando bigode e pêra, sujo, asqueroso mesmo.

Tendo sido accusado de maltractar um menor de 14 annos, seu enteado de nome Pedro Reboult, a quem infligia barbaros castigos, sendo interrogado, declarou cynicamente:

— Que o pequeno era fugião, e por diversas vezes se ausentava com grande demora; e, para que perdesse

Galeria escolar

o)

Annexa ao museu e á bibliotheca será installada a galeria escolar e para isso a municipalidade, o professorado e os particulares já empregam os mais louvaveis esforços. (3)

E' uma medida que ha de produzir os desejados effeitos, attendendo que o ensino civico carece, como qualquer outro, de incitamento e de realidade. Habituar, com effeito, desde cedo o alumno a comtemplar e guardar de memoria os traços physionomicos de compatriotas celebres, que se distinguiram, ora dentro, já fóra do paiz ; a conhecer a biographia desses vultos, que por tantos titulos se recommendam á posteridade, é uma regra segura, que muito deve contribuir para despertar-lhe os sentimentos moraes, a virtude, o patriotismo, emfim.

Reservar-se-ha uma secção consagrada exclusivamente ás notabilidades mineiras, que dia a dia e cada vez mais se tornam merecedoras da gratidão publica, pela relevancia dos serviços com que tanto têm engrandecido e continuam nobilitando o glorioso Estado que lhes é patria.

As Revistas do Archivo Publico Mineiro, publicadas actualmente sob a perita direcção do seu integro e erudito redactor, sr. Commendador José Pedro Xavier da Veiga, constituem seguramente o modelo perenne por onde se póde e deve aferir do bom exito com que vai senda o ensino civico divulgado e nitidamente comprehendido. Do par com a mestria com que são redigidas tão preciosas publicações, sobreleva não omitir a propriedade das idéas, e elegancia da dicção, o apurado do estylo, empregando para isso o tão illustrado Director — não sómente a penetração a extensão e a actividade do seu genio, mas uma applicação e estudo profundo e depurado pela communicação de todos os homens sabios do seu tempo.

Assim como a vida de um grande homem basta ás vezes para modificar radicalmente o nosso caracter, inspirando-nos sentimentos que não raro são imitados, assim tambem o comtemplar os traços physionomicos de um homem celebre, ou as simples feições do rosto de um outro honrado e trabalhador, basta para despertar em todos um sentimento de admiração e produzir uma emoção tal, que não é bem uma sympathia, sim, porém, um mixto de enthusiasmo e de quasi veneração.

quasi veneração.

Quem se não alegrará, por exemplo, em contemplar a copia exacta das feições de Alvares de Azevedo e Thomaz Gonzaga ; do padre Vieira e José Bonifacio ; de Vasco da Gama e Christovam Colombo ; do visconde do Rio Branco e marquez de Paraná ; de Carlos Gomes e Victor Meirelles ; do barão de Amazonas e marquez do Herval ; de João de Deus e Herculano ; de Froebel e Pestalozzi ; de Raphael e Miguel Angelo ; de Leão XIII e S. Thomaz de Aquino ; de Bossuet e Lacordaire ; de Chateaubriand, Lamartine e La Fontaine ; de Palissy e Diniz Papin ; de Thiers e Gambetta ; de Cromwell e Washington ; de Dante e lord Byron ; de Gallileu e Copernico, de Laplace e Pascal ; de Linneu e Buffon ; de Franklin e Newton e tantos outros ! (4)

Alem do valioso contingente que para esse fim já se encontra em grande numero de obras illustradas, os livros didacticos muito já se vão recommendando entre nos, pelo modo com que seus auctores acorçoam esse vehiculo poderoso de emulação.

Quanto não valeria hoje um retrato do grande o piedoso padre Manuel Bernardes, esse admiravel rival de Vieira, os dois grandes engenhos a quem se deve, como muito bem pondera Olivier Grivet, a creação do padrão perenne da lingua portugueza !

E' justo accrescentarmos que a Galeria já fez acquisição dos retratos de algumas celebridades historicas nacionaes e extrangeiras e possue tambem os dos illustres Presidentes a cujo encargo tem estado successivamente confiada a direcção deste Estado no transcurso do novo regimen, ao lado dos quaes figuram os distinctos auxiliares de cada uma das administrações presidenciaes.

Minas Geraes: Orgam Official dos Poderes do Estado (MG) - Ano 1897\Edição 00061 (1)

Questões grammaticaes

Pronome possessivo

Aguardava a opinião daquelles que reputo meus mestres, para confirmar ou modificar a que me parece acertada sobre a classificação do vocabulo inglez—*my*—; como, porem, não quizeram elles escrever sobre o assumpto, tomo a liberdade de offerecer as minhas razões de julgar—*my*—, um adjectivo e não um pronome.

—Os grammaticos nacionaes e extrangeiros estão de accordo quanto á definição de pronome—*palavra usada em logar de um substantivo*—; mas não concordam todos na classificação de algumas palavras que uns julgam pronomes e outros, adjectivos.

Murray, por exemplo, admitte a classe de *adjective pronouns*, e outros grammaticos, tambem inglezes, denominam essa classe—*pronominal adjectives*.

Grivet classifica como pronomes os determinativos que se acharem isolados, isto é, sem os substantivos por elles determinados, admittindo *pronomes numeraes*, que outros não acceitam como taes.

Parece-me que a opinião de Grivet é muito logica, pois que em muitas linguas existem adjectivos que podem ser pronomes, sem alteração alguma, salvo as flexões de genero e numero, como:

Portuquez	*este*
Francez	*ce*
Inglez	*this*
Italiano	*questo*
Allemão	*dieser*
Hollandez	*dese*
Grego	*hóde*
Latim	*hic*
Russo	*étot*
Arabe	*had'a*

Relativamente ao vocabulo—*meu*—, ha linguas que possuem uma sò forma, servindo tanto para ser usada com um substantivo, como sem elle :

Portuguez	*meu*
Italiano	*mio*
Latim	*meus*
Grego	*emós*
Russo	*moïi*
Hollandez	*myn*

Outras linguas possuem duas formas; uma só usada com o substantivo, outra unicamente empregada sem substantivo :

Inglez	*my*	*mine*
Francez	*mon*	*mien*
Espanhol	*mi*	*mio*
Allemão	*mein*	*meinige*

Outras, em vez de vocabulo possuem flexão, como o Arabe : *dâr*, casa: *dâri*, minha casa.

As linguas que conservaram declinação substituem muitas vezes o vocabulo pelo *caso possessivo*, como o Latim, Hollandez, Russo etc.

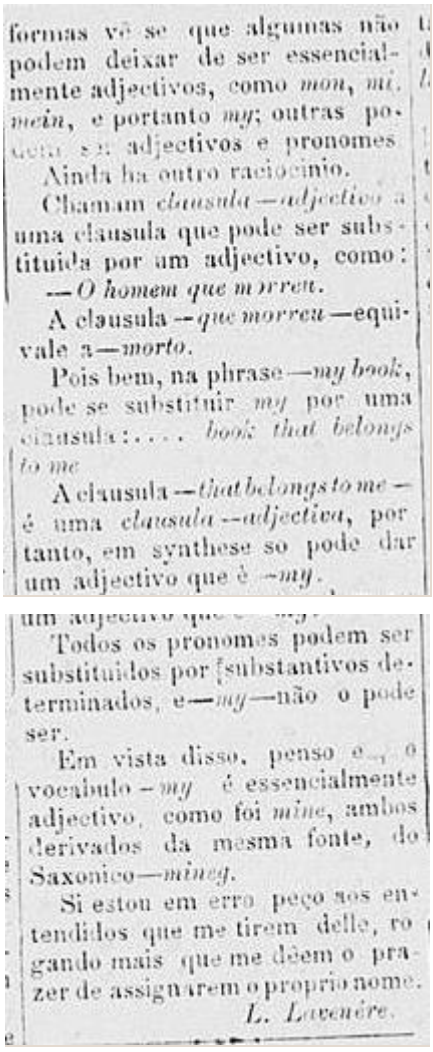
Por isso alguns grammaticos inglezes dizem que—*my*—é o *genitivo* do pronome pessoal – I —.

Antigamente *my* e *mine* eram usados antes de substantivos; o primeiro antes dos vocabulos que começassem por consoante; como, *my hand*; o segundo antes dos que começassem por vogal ou —*h* mudo, como. *mine eye*.

Hoje *my* só se usa antes de substantivos, e *mine*, sò se usa isoladamente.

Esse facto vem provar que —*mine*—tambem era o adjectivo.

—Pelo exame de todas essas



formas vê se que algumas não podem deixar de ser essencialmente adjectivos, como *mon*, *mi*, *mein*, e portanto *my*; outras podem ser adjectivos e pronomes.

Ainda ha outro raciocinio.

Chamam *clausula—adjectiva* a uma clausula que pode ser substituida por um adjectivo, como:

—*O homem que morreu.*

A clausula—*que morreu*—equivale a—*morto.*

Pois bem, na phrase—*my book*, pode se substituir *my* por uma clausula:.... *book that belongs to me*

A clausula—*that belongs to me*—é uma *clausula—adjectiva*, por tanto, em synthese so pode dar um adjectivo que é—*my*.

Todos os pronomes podem ser substituidos por substantivos determinados, e—*my*—não o pode ser.

Em vista disso, penso e... o vocabulo—*my* é essencialmente adjectivo, como foi *mine*, ambos derivados da mesma fonte, do Saxonico—*mineg*.

Si estou em erro peço aos entendidos que me tirem delle, rogando mais que me dêem o prazer de assignarem o proprio nome.

L. Lavenère.

Grammatica portugueza por José Ventura Boscoli

XXXVII

Escreve o grande grammaticographo (§ 239) : « é pronome possessivo o adjectivo dessa classe quando desacompanhado de substantivo (Mais sabe o tolo no *seu* que o sabio no *alheio* — Vieira) ».

Está errado :

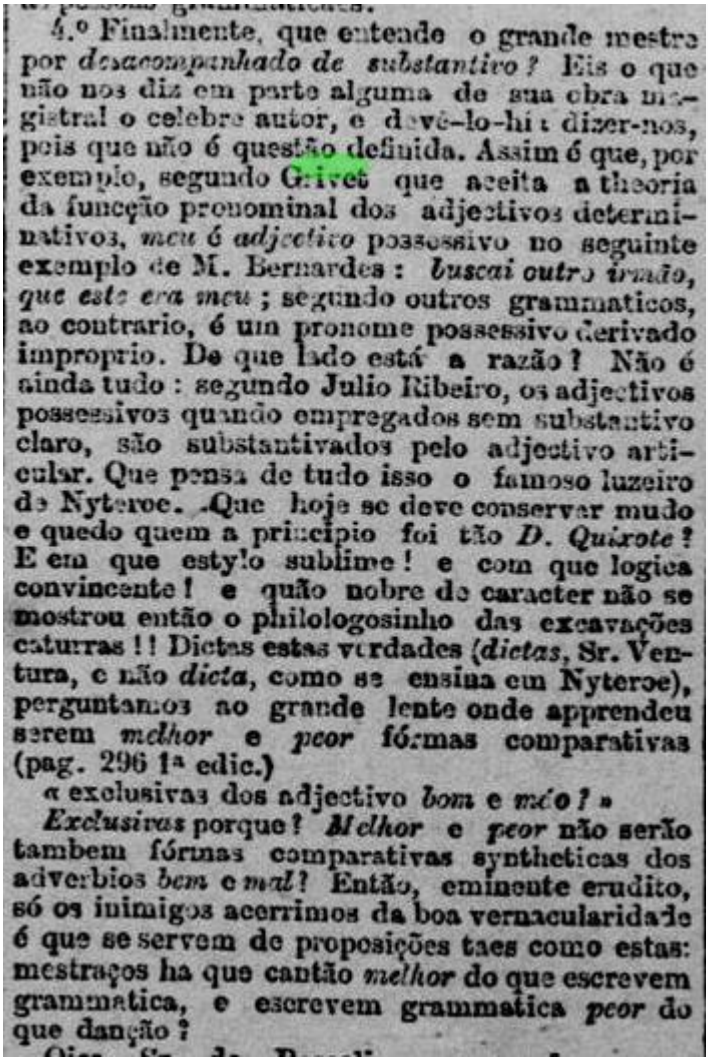
1.º *Enumerar* não é *definir* : o honrado professor não define o pronome possessivo, não diz o que elle seja ; apenas indica os casos em que certas palavras devem ser consideradas como pronomes possessivos. Será pedagogico este novo systema *sui generis* de ensinar ?

2.º No exemplo de Vieira, *seu* e *alheio* não são pronomes ; estão empregados substantivamente : *seu*—o que é proprio de cada um, *alheio* —o que pertence a outrem (C. Aulete, etc.).

3.º Não devendo *proprio* e *alheio* ser considerados como adjectivos possessivos, não podem funccionar como pronomes possessivos derivados improprios.

Com effeito, o que caracteriza terminantemente o adjectivo possessivo e o discrimina de qualquer outra especie de palavra, é a circumstancia de determinar elle os seres mediante uma relação definida de posse : indica a pessoa grammatical possuidora do ser determinado.

Ora, *proprio* e *alheio*, embora envolvão idéa de posse, como envolvem a mesma idéa muitos adjectivos qualificativos (fazenda *nacional*, familia *imperial*, etc.), não é essa idéa definida ; é, ao contrario, vaga e indeterminada em relação ás pessoas grammaticaes.



4.º Finalmente, que entende o grande mestre por *desacompanhado de substantivo?* Eis o que não nos diz em parte alguma de sua obra magistral o celebre autor, e devê-lo-hia dizer-nos, pois que não é questão definida. Assim é que, por exemplo, segundo Grivet que aceita a theoria da funcção pronominal dos adjectivos determinativos, *meu é adjectivo* possessivo no seguinte exemplo de M. Bernardes: *buscai outro irmão, que este era meu*; segundo outros grammaticos, ao contrario, é um pronome possessivo derivado improprio. De que lado está a razão? Não é ainda tudo: segundo Julio Ribeiro, os adjectivos possessivos quando empregados sem substantivo claro, são substantivados pelo adjectivo articular. Que pensa de tudo isso o famoso luzeiro de Nyteroe. Que hoje se deve conservar mudo e quedo quem a principio foi tão *D. Quixote*? E em que estylo sublime! e com que logica convincente! e quão nobre de caracter não se mostrou então o philologosinho das excavações caturras!! Dictas estas verdades (*dictas*, Sr. Ventura, e não *dicta*, como se ensina em Nyteroe), perguntamos ao grande lente onde apprendeu serem *melhor* e *peor* fórmas comparativas (pag. 296 1ª edic.)

« exclusivas dos adjectivo *bom* e *máo*? »

Exclusivas porque? *Melhor* e *peor* não serão tambem fórmas comparativas synthéticas dos adverbios *bem* e *mal*? Então, eminente erudito, só os inimigos acerrimos da boa vernaculariade é que se servem de proposições taes como estas: mestraços ha que cantão *melhor* do que escrevem grammatica, e escrevem grammatica *peor* do que dançáo?

Oiça, Sr. de Boscoli, e apprenda o que ninguem ignora: Entendeu-o *melhor* que todos, o maior interprete das Escripturas. (Vieira.)—Considerava D. João *melhor* suas victorias que as figuras e circulos de Euclides. (J. Fr. de Andrade)—*Melhor* mereceis vós outros todos a morte, que este pobre homem. (G. de Rezende.)—Fizestes mal; porém quem vos aconselhou, fez *peor*. (Vieira.)—O Governador me respondeu... e cria *melhor* em Deus que eu. (Vieira.)—... corpo, que o mesmo Infante, com vigilias e jejuns, ainda tratava *peor*. (D. W. de Leão.)—*Melhor* lhe esfole eu a pello. (G. Vicente.)

Continuaremos segunda-feira.

No nosso ultimo artigo leia-se: de Nyteroe ainda ficão (linha 39), o GRANDE sapientissimo (linha 40) e não como sahio. Outras faltas ha menos importantes.

J.: DA COSTA E SILVA.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1899\Edição 00302 (2)

Grammatica portugueza por José Ventura Boscoli

XXXVII

Escreve o grande grammaticographo (§ 239) : « é pronome possessivo o adjectivo dessa classe quando desacompanhado de substantivo (Mais sabe o tolo no *seu* que o sabio no *alheio* — Vieira) ».

Está errado :

1.° *Enumerar* não é *definir* : o honrado professor não define o pronome possessivo, não diz o que elle seja ; apenas indica os casos em que certas palavras devem ser consideradas como pronomes possessivos. Será pedagogico este novo systema *sui generis* de ensinar ?

2.° No exemplo de Vieira, *seu* e *alheio* não são pronomes ; estão empregados substantivamente : *seu*—o que é proprio de cada um, *alheio* —o que pertence a outrem (C. Aulete, etc.).

3.° Não devendo *proprio* e *alheio* ser considerados como adjectivos possessivos, não podem funccionar como pronomes possessivos derivados improprios.

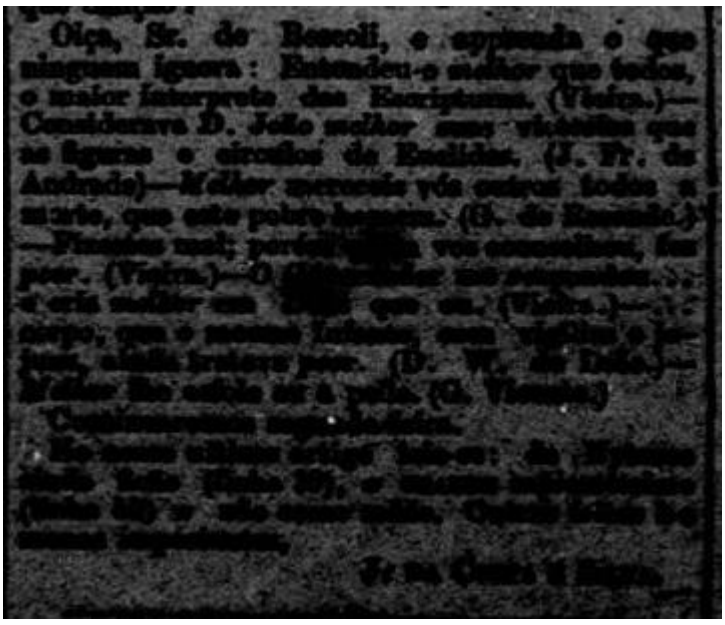
Com effeito, o que caracteriza terminantemente o adjectivo possessivo e o discrimina de qualquer outra especie de palavra, é a circumstancia de determinar elle os seres mediante uma relação definida de posse : indica a pessoa grammatical possuidora do ser determinado.

Ora, *proprio* e *alheio*, embora envolvão idéa de posse, como envolvem a mesma idéa muitos adjectivos qualificativos (fazenda *nacional*, familia *imperial*, etc.), não é essa idéa definida ; é, ao contrario, vaga e indeterminada em relação ás pessoas grammaticaes.

4.º Finalmente, que entende o grande mestre por *desacompanhado de substantivo?* Eis o que não nos diz em parte alguma de sua obra magistral o celebre autor, e devé-lo-hia dizer-nos, pois que não é questão definida. Assim é que, por exemplo, segundo Grivet que aceita a theoria da funcção pronominal dos adjectivos determinativos, *meu* é *adjectivo* possessivo no seguinte exemplo de M. Bernardes: *buscai outro irmão, que este era meu*; segundo outros grammaticos, ao contrario, é um pronome possessivo derivado improprio. De que lado está a razão? Não é ainda tudo: segundo Julio Ribeiro, os adjectivos possessivos quando empregados sem substantivo claro, são substantivados pelo adjectivo articular. Que pensa de tudo isso o famoso lumieiro de Nyteroe. Que hoje se deve conservar mudo e quedo quem a principio foi tão *D. Quixote*! E em que estylo sublime! e com que logica convincente! e quão sobre do caracter não se mostrou então o philologosinho das escavações esturras!! Dictas estas verdades (*dictas*, Sr. Ventura, e não *dicta*, como se ensina em Nyteroe), perguntamos ao grande lente onde apprendeu serem *melhor* e *peor* fórmas comparativas (pag. 296 1ª edic.)

e exclusivas dos adjectivo *bom* e *máo*?»

Exclusivas porque? *Melhor* e *peor* não serão tambem fórmas comparativas synthéticas dos adverbios *bem* e *mal*? Então, eminente erudito, só os inimigos acerrimos da boa vernaculidade é que se servem de proposições taes como estar mestrapos ha que estão *melhor* do que escrevem grammatica, e escrevem grammatica *peor* do que dançio!



Olça, Sr. de Boscoli, e apprenda o que ninguem ignora: Entendeu-o *melhor* que todos, o maior interprete das Escripturas. (Vieira.)— Considerava D. João *melhor* essas vitorias que as figuras e circulos de Euclides. (J. Fr. de Andrade)—*Melhor* morrendo vão entrar todos a morte, que este pobre homem. (D. de Resende.)— —Finalmente mal; porém vos convidei, fui *peor*. (Vieira.)—O [illegible] e era *melhor* em [illegible] que os. (Vieira.)— [illegible] corpo, que o mesmo [illegible] [illegible] [illegible] ainda [illegible] *peor*. (D. F. de Lima.)— *Melhor* fio subtile ar a pelle. (G. Vicente.)

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1899\Edição 00302 (2)

Grammatica Portugueza

Escreve o grande grammatico grapho catito (§ 239): «é pronome possessivo o adjectivo d'essa classe quando desacompanhado de substantivo (Mais sabe o tolo no *seu* que o sabio no *alheio*. Vieira)».

Está errado: 1° *Enumerar* não é *definir*: o grande mestre não define o pronome possessivo, não diz o que elle seja; apenas indica os casos em que certas palavras devem ser consideradas como pronomes possessivos. Será pedagogico este novo systema *sui generis* de ensinar? 2° No exemplo de Vieira, *seu* e *alheio* não são pronomes; estão empregados substantivamente: *seu* = o que é proprio de cada um, *alheio* = o que pertence a outrem. (C. Aulete, etc.) 3° Finalmente que entende o grande mestre por *desacompanhado de substantivo?* Eis o que não nos diz em parte alguma de sua obra magistral o celebre auctor, e devel-o-hia dizer-nos, pois que não é questão definida.

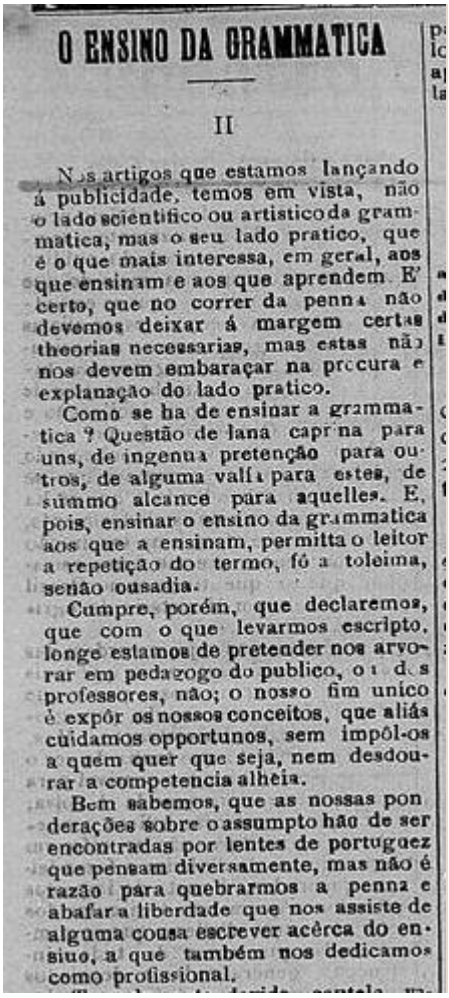
questão definida.

Assim é que, por exemplo, segundo Grivet que acceita a theoria da funcção pronominal dos adjectivos determinativos, *meu* é *adjectivo* possessivo no seguinte exemplo de M. Bernardes: *buscae outro irmão, que este era meu*; segundo outros grammaticos, ao contrario, é um pronome possessivo derivado impróprio. De que lado está a razão? Não é ainda tudo: segundo Julio Ribeiro, os adjectivos possessivos quando empregados sem substantivo claro, são substantivados pelo adjectivo articular. Que pensa de tudo isso o famoso luzeiro de Nyterói.

Que hoje se deve conservar mudo e quedo quem a principio foi tão D. Quixote?

Continuaremos.

O Fluminense (RJ) - Ano 1900\Edição 04203 (1)



O ENSINO DA GRAMMATICA

II

Nos artigos que estamos lançando á publicidade, temos em vista, não o lado scientifico ou artistico da grammatica, mas o seu lado pratico, que é o que mais interessa, em geral, aos que ensinam e aos que aprendem. E' certo, que no correr da penna não devemos deixar á margem certas theorias necessarias, mas estas não nos devem embaraçar na procura e explanação do lado pratico.

Como se ha de ensinar a grammatica? Questão de lana caprina para uns, de ingenua pretenção para outros, de alguma valia para estes, de summo alcance para aquelles. E, pois, ensinar o ensino da grammatica aos que a ensinam, permitta o leitor a repetição do termo, fó a toleima, senão ousadia.

Cumpre, porém, que declaremos, que com o que levarmos escripto, longe estamos de pretender nos arvorar em pedagogo do publico, ou dos professores, não; o nosso fim unico é expôr os nossos conceitos, que aliás cuidamos opportunos, sem impôl-os a quem quer que seja, nem desdourar a competencia alheia.

Bem sabemos, que as nossas ponderações sobre o assumpto hão de ser encontradas por lentes de portuguez que pensam diversamente, mas não é razão para quebrarmos a penna e abafar a liberdade que nos assiste de alguma cousa escrever acêrca do ensino, a que também nos dedicamos como profissional.

como profissional.

Tomada esta devida cautela, vamos tocar nos varios pontos do ensino da grammatica, em que julgamos de nosso dever e do nosso estado insistir.

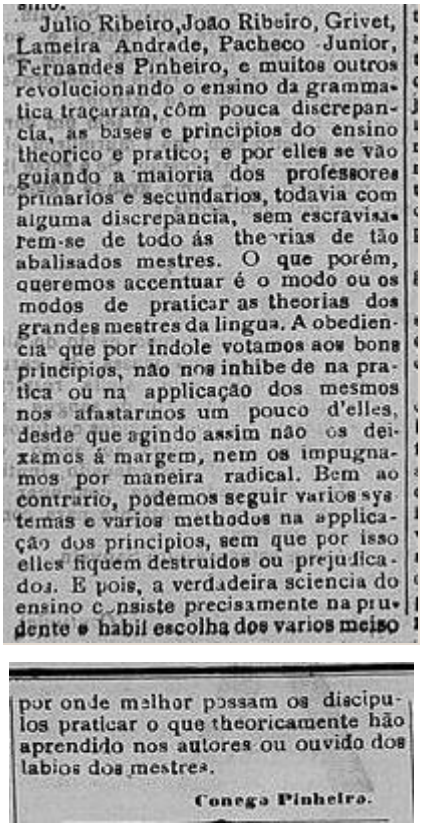
Assim como o ensino da grammatica na parte scientifica abrange o conjuncto das regras ou o methodo geral em que são applicadas as regras para escrever e falar a lingua, assim também abrange elle as diversas modalidades do espirito, em que se applicam aquellas regras, de conformidade com a capacidade intellectual de cada menino. Já aqui apparece o inconveniente do ensino por alto d'estas regras; se são regras, hajam de ser ajustadas á intelligencia, como o artista ajusta a regra á obra que faz.

A intelligencia infantil é *ad instar* da cêra, que se amolda á fórma que se pretende, ou á figura que se quer d'ella tirar. As regras grammaticaes são outras tantas fórmas, a que se hão de adaptar as intelligencias infantis, para d'ellas tirarem o maior proveito.

Já temos testemunhado por experiencia propria que certos alumnos, por refractarios á disciplina dos estudos, e por não deixarem que o seu intendimento se amolde aos principios do ensino methodizado, chegam á epocha das differentes analyses, até mesmo da analyse synthetica e logica, sem ainda terem uma verdadeira idéa da grammatica, ou por melhor dizer, sem saber bem ou mal o que ella seja. E' triste dizel-o, mas é a pura verdade.

Por contrapezo e para consolação nossa, também encontramos meninos que uma vez inteirados intellectualmente do que sejam as regras de bem falar e escrever uma lingua em geral, e depois a lingua materna em particular, atinam depressa com todo o ensino que d'ahi dimana, não encontrando difficuldade no comprehender das differentes maneiras de encarar e de analysar as phrases grammaticaes.

Ha varios modos ou methodos de ensinar a grammatica, dos quaes entretanto não temos ouvido falar muito nos autores classicos. E a razão d'isto em geral, é que cada autor ou cada professor quer ter a liberdade de ensinar conforme as tendencias e aptidões do seu espirito; e nem também por isso merecem censura. E, pois, traçar-lhes uma norma invariavel no ensino fóra coartar-lhes a liberdade de acção, e mesmo pôr obices aos esforços da razão profissional. O que convém, e no que muito concordamos, é que dos varios modos ou methodos de instruir os meninos no estudo da grammatica nacional, se tire o melhor partido, e d'elles se vá empregando aquillo, que mais consentaneo fôr ao mesmo instructivo ensino.



Julio Ribeiro, João Ribeiro, Grivet, Lameira Andrade, Pacheco Junior, Fernandes Pinheiro, e muitos outros revolucionando o ensino da grammatica traçaram, com pouca discrepancia, as bases e principios do ensino theorico e pratico; e por elles se vão guiando a maioria dos professores primarios e secundarios, todavia com alguma discrepancia, sem escravisarem-se de todo ás theorias de tão abalisados mestres. O que porém, queremos accentuar é o modo ou os modos de praticar as theorias dos grandes mestres da lingua. A obediencia que por indole votamos aos bons principios, não nos inhibe de na pratica ou na applicação dos mesmos nos afastarmos um pouco d'elles, desde que agindo assim não os deixamos á margem, nem os impugnamos por maneira radical. Bem ao contrario, podemos seguir varios systemas e varios methodos na applicação dos principios, sem que por isso elles fiquem destruidos ou prejudicados. E pois, a verdadeira sciencia do ensino consiste precisamente na prudente e habil escolha dos varios meios por onde melhor possam os discipulos praticar o que theoricamente hão aprendido nos autores ou ouvido dos labios dos mestres.

Conego Pinheiro.

O Pará (PA) - Ano 1900\Edição 00766 (1)

O Projecto do Codigo Civil

Escreve-nos o Dr. Oliveira Fonseca

Quero combater uma injustiça que o Sr. Dr. Coelho Rodrigues fez a si mesmo. O illustrado censor do Dr. Clovis Bevilaqua foi nisto assás modesto e não merece o conceito de Diogo Bernardes:

Da condição humana é não ver traves
Em nossos proprios olhos, nos alheios
Arestas leves nos parecem graves.

Lê-se no projecto Coelho Rodrigues:

« *Salvo* a disposição do artigo antecedente...»

« *Salvo* disposição especial em contrario...»

«... *salvo* disposição especial...»

« *Salvo* declaração em contrario...»

«... *salvo* a disposição do artigo seguinte.

« *Salvo* as disposições do capitulo seguinte...»

«...*salvo* os casos expressamente exceptuados.»

« *Salvo* disposição expressa...»

Referindo-se á substituição daquelle primeiro *salvo*, escreveu o Dr. Coelho Rodrigues:

« ...a primeira palavra do art. 6º da lei preliminar—*salvo*, em vez de ser reduzida á forma feminina, para concordar com *disposição*, como cumpria e foi feito pela commissão revisora, foi substituida, pela dicção *salvante*, naturalmente porque o revisor confundiu um adverbio com um adjectivo.»

Confessa, portanto, o Dr. Coelho Rodrigues ter commettido numerosos solecismos, que o Dr. Clovis deveria emendar! Confessa ter empregado um adjectivo como se fosse palavra invariavel, confundindo um adjectivo com um adverbio!

Felizmente as confissões não prejudicam ao innocente, quando contrarias á evidencia dos factos.

Como ensina Grivet, os participios *excepto*, *salvo*, *supposto* e *visto* passam a ser preposições, e conseguitemente inva-

riaveis, quando, deixando de constituir uma apposição ou um predicado, vêm a exercer uma regencia.

Ao exemplo que elle dá, de Fr. Luiz de Souza, «...armado de todas as armas, *salvo* as da cabeça», e aos mais que se acham nos diccionarios, accrescentarei alguns recolhidos por mim nos proprios originaes.

« Não toca as orelhas, nem a fronte, nem outra parte do corpo, *salvo* as mãos. » D. Fr. Amador Arrais, *Dialogos*.

« E digo mais (*salvo* a determinação da Santa See Apostolica) que ainda neste Jubileo da Santidade de Gregorio 15 e em outros semelhantes se pode dizer o mesmo. » D. Rodrigo da Cunha, *Explicação dos Jubileos*.

E este de João Franco Barreto, no *Condestabre de Portugal* :

Não tinha o lugar muro, cerca ou cava,
Salvo uma torre grande e bem fornida...

A commissão revisora não fez a concordancia, que hoje pretendem ser necessaria; ella, ao contrario restabeleceo as palavras: «*Salve* a disposição do artigo antecedente...»

Seja-me permittido defender de outra censura o projecto apresentado pelo Dr. Coelho Rodrigues. Não tem razão os que descobrem um erro de grammatica no art. 1709: «...o credor posterior que *rime* a hypotheca do anterior...»

O verbo *remir* tornou-se defectivo; não se usam as inflexões que não têm logo depois do radical a vogal *i*, e ellas são substituidas pelas fórmas correspondentes de *redimir*; mas póde-se mostrar em escriptores antigos *rime*, *rimem*. etc.

Dirá talvez algum impertinente, que esta razão não é acceitavel; pois ninguem hoje escreveria com a autoridade de Camões: *e porém*, *mas porém*, *palabras*, *calidades*, *prantado*, *pregunta*, *giolhos*, *treiçam*, *fermosa*, *escuitar*, etc. Replico: houve apenas um archaismo, uma expressão antiquada, embora (valha a verdade) mais antiquada que o *salvante*.

A proposito de Camões, pondero que ainda não foram respondidas algumas increpações injustas feitas ao grande épico. Citarei duas.

José Agostinho de Macedo assevera na *Censura das Lusiadas*, que ha nestes versos um crasso erro de grammatica:

Vós...
Maravilha fatal da nossa edade,
Dada ao mundo por Deus que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande...

Macedo, poeta eruditissimo, não entendeu bem estes versos, e suppoz se deveria diver: *que todo o manda.*

O proprio Faria e Sousa, extremado investigador que, mais de um seculo antes de Macedo, dedicára um volumoso commentario ao poema de Camões, parece que tambem não entendeu aquella phrase e converteu-a em aspiração do poeta. Eis a traducção de Faria e Souza:

« Vos, o temor nuevo de la mauritana lança! maravilla fatal de nuestra edad, dada por Dios (que todo el lo mande) para darle parte grande del proprio mundo! »

Como quem dissesse: faço votos, desejo que Deus o *mande* todo.

Vejamos o verdadeiro sentido. D. Sebastião, certissima esperança de augmento da *pequena* christandade, e novo temor da maura lança, foi dado ao mundo, *para que* o mande todo (conquistando-o); e o mande todo, para do mesmo dar a Deus uma *grande* parte (convertendo-a ao christianismo).

Que em logar de *para que* é frequente nos Lusiadas. Veja-se no canto 8º, estancia 94:

Vem a fazenda á terra aonde logo
A agasalhou o infame estual:
Com ella ficam Alvaro e Diogo;
Que a possessem vender pelo que val.

Jeronymo Soares Barbosa (em sua *Analyse*, obra posthuma) attribuiu a Camões o grave erro de ter feito do genero masculino o substantivo *gente* nestes versos do canto 3º, art. 34 (vão com a orthographia de Soares Barbosa):

Eis se ajunta o soberbo Castelhano
Para vingar a injuria de Theresa
Contra o tão raro em *gente lusitano*,
A quem nenhum trabalho aggrava e pesa.

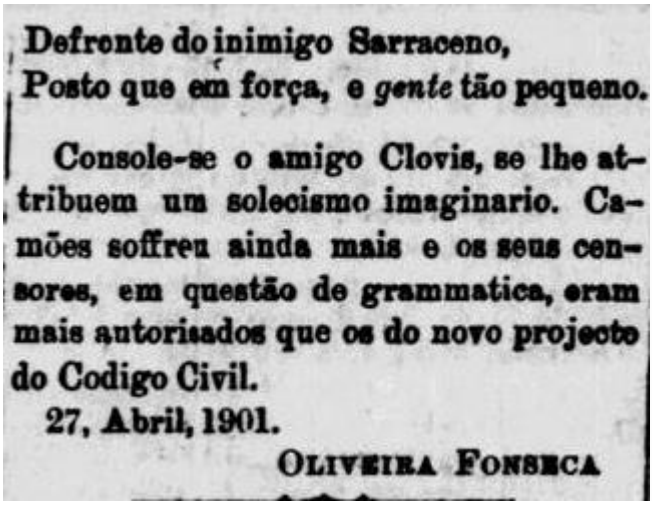
O eximio autor da *Grammatica Philosophica da lingua Portugueza*, mandada publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, disse que os dois ultimos versos eram «sem nexo pela incoherencia que tinham com o que ficava antes e o que vinha depois! A culpa era do censor, que não entendêra uma cousa tão simples.

O soberbo Castelhano (*Castella*) reuniu seu exercito contra o Lusitano (*Portugal*), tão raro em gente (*de tão escassa população*).

Camões escreveu *Castelhano* e *Lusitano* com iniciaes maiusculas, e Soares Barbosa copiou *Castelhano* e *lusitano* convertendo o segundo vocabulo em simples adjectivo, que deveria concordar com o substantivo *gente*!

Superbus tambem significa *nobre, illustre, grande, glorioso*. Camões contrapôz o grande reino de Castella ao pequeno e pouco povoado reino de Portugal. Confrontem-se aquelles versos com estes da estancia 42:

Já no campo de Ourique se assentava
O arrayal *soberbo*, e bellicoso



Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força, e *gente* tão pequeno.

Console-se o amigo Clovis, se lhe attribuem um solecismo imaginario. Camões soffreu ainda mais e os seus censores, em questão de grammatica, eram mais autorisados que os do novo projecto do Codigo Civil.

27, Abril, 1901.

OLIVEIRA FONSECA

Jornal de Recife (PE) - Ano 1901\Edição 00096 (1)

LIVROS

A' venda na livraria de João Martins Ribeiro, á rua General Camara n. 32, entre Nuncio e Regente.

Quo Vadis, narrativa historica do tempo de Nero, 1 vol. br. 2$; Cartas do Solitario por Tavares Bastos, 1 vol. enc. raro 4$; Reforma Administrativa e Municipal por Affonso Celso 1 gr. vol. enc 6$; Vida do celebre orador José Estevão 1 gr. vol. enc. com retrato 4$; Censo de Portugal de 1864 1 gr. vol. enc. 3$; Philosophia por Fr. Francisco de Monte Alverne 1 vol. enc. 3$; Manual Philosophico pelo padre dr. Jeronymo, arcebispo da Bahia 1 vol. enc. 4$; Reflexões da Lingua Portugueza por Francisco José Freire 1 vol. enc. raro 4$; Genio da Lingua Portugueza por Leoni 2 vols. enc. raros 12$; Grammatica Analytica da lingua portugueza por Grivet 1 vol. enc., é um dos trabalhos mais completos sobre esta lingua raro 15$; Diccionario portuguez latino por M. Bernardes Branco 1 gr. vol. enc. 8$; Lições de historia patria por Americo Brasiliense 1 gr. vol. enc. 5$; O Oriente collecção de

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1901\Edição 00011 (1)

O projecto do Codigo Civil

Escreve-nos o Dr. Oliveira Fonseca:

Quero combater uma injustiça que o Sr. Dr. Coelho Rodrigues fez a si mesmo. O illustrado censor do Dr. Clovis Bivilaqua foi nisto assás modesto e não merece o conceito de Diogo Bernardes:

Da condição humana é não ver traves
Em nossos proprios olhos, aos alheio
Arestas leves nos parecem graves.

Lê-se no projecto Coelho Rodrigues:

« *Salvo* a disposição do artigo antedecente...»

« *Salvo* disposição especial em contrario...»

«... *salvo* disposição especial...»

« *Salvo* declaração em contrario...»

«... *salvo* a disposição do artigo seguinte.»

« *Salvo* as disposições do capitulo seguinte...»

« ... *salvo* os casos expressamente excepctuados.»

« *Salvo* disposição expressa...»

Referindo-se á substituição daquelle primeiro *salvo*, escreveu o Dr. Coelho Rodrigues :

« ... a primeira palavra do art. 6º da lei preliminar — *salvo*, em vez de ser reduzida á fórma feminina, para concordar com *disposição*, como cumpria e foi feito pela commissão revisora, foi substituida pela dicção *salvante*, naturalmente porque o revisor confundio um adverbio com um adjectivo. »

Confessa, portanto, o Dr. Coelho Rodrigues ter commettido numerosos solecismos, que o Dr. Clovis deveria emendar ! Confessa ter empregado um adjectivo como se fosse palavra invariavel, confundindo um adjectivo com um adverbio !

Felizmente as confissões não prejudicão ao innocente, quando contrarias a evidencia dos factos.

Como ensina Grivet, os participios *excepto*, *salvo*, *supposto* e *visto* passão a ser preposições, e conseguintemente invariaveis, quando, deixando de constituir uma apposição ou um predicado, vêm a exercer uma regencia.

Ao exemplo que elle dá, de Fr. Luiz de Souza, « ... armado de todas as armas, *salvo* as da cabeça », e aos mais que se achão nos diccionarios, accrescentarei alguns recolhidos por mim nos proprios originaes.

« Não toca as orelhas, nem a fronte, nem outra parte do corpo, *salvo* as mãos ». D. Fr. Amador Arrais, *Dialogos*.

« E digo mais (*salvo* a determinação da Santa See Apostolica) que ainda neste Jubileo da Santidade de Gregorio 15 e em outros semelhantes se póde dizer o mesmo ». D. Rodrigo da Cunha, *Explicação dos Jubileos*.

E este de João Franco Barreto, no *Condestabre de Portugal*:

Não tinha o lugar muro, cerca ou cava,
Salvo uma torre grande e bem fornida...

A commissão revisora não fez a concordancia, que hoje pretendem ser necessaria; ella, ao contrario, restabeleceu as palavras: « *Salvo* a disposição do artigo antecedente... »

Seja-me permittido defender de outra censura o projecto apresentado pelo Dr Coelho Rodrigues. Não tem razão os que descobrem um erro de grammatica no art. 1.703: « ... o credor posterior que *rime* a hypotheca do anterior... »

O verbo *remir* tornou-se defectivo; não se usão as inflexões que não têm logo depois do radical a vogal *i*, e ellas são substituidas pelas fórmas correspondentes de *redimir*; mas póde-se mostiar em escriptores antigos *rime*, *rimem*, etc.

etc.

Dirá talvez algum impertinente que esta razão não é aceitavel, pois ninguem hoje escreveria com a autoridade de Camões: *e porém, mas porém, palabras, calidades, prantado, pregunta, giolhos, treiçam, fermosa, escuitar*, etc. Replico: houve apenas um archaismo, uma expressão antiquada, embora (valha a verdade) mais antiquada que o *salvante*.

A proposito de Camões, pondero que ainda não forão respondidas algumas increpações injustas feitas ao grande épico. Citarei duas:

José Agostinho de Macedo assevera na *Censura dos Luziadas* que ha nestes versos um crasso erro de grammatica!

Vós...
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande...

Macedo, poeta eruditissimo, não entendeu bem estes versos, e suppoz se deveria dizer: *que todo o manda*.

O proprio Faria e Souza, extremado investi-

que todo o mande!

O proprio Faria e Souza, extremado investigador que mais de um seculo antes de Macedo, dedicára um volumoso commentario ao poema de Camões, parece que tambem não entendeu aquella phrase e converteu-a em aspiração do poeta. Eis a traducção de Faria e Souza:

« Vós, o temor nuevo de la mauritana lança! maravilla fatal de nuestra edad dada por Dios (que todo el lo mande) para darle parte grande del proprio mundo! »

Como quem dissesse: faço votos, desejo que Deus o *mande* todo.

Vejamos o verdadeiro sentido: D. Sebastião, certissima esperança de augmento da *pequena* christandade, e novo temor da maura lança, foi dado ao mundo, *para que* o mande todo (conquistando-o); e o mande todo, para do mesmo dar a Deus uma *grande* parte (convertendo-a ao christianismo.)

Que em lugar de *para que* é frequente nos Luziadas. Veja-se no canto 8º, estancia 94ª:

Vem a fazenda á terra aonde logo
A agasalhou o infame Catual!
Com ella ficão Alvaro e Diogo,
Que a pudessem vender pelo que val.

Jeronymo Soares Barbosa (em sua *Analyse*, obra posthuma) attribuio a Camões o grave erro de ter feito do genero masculino o substantivo *gente* nestes versos do canto 3º, est. 34 (vão com a orthographia de Soares Barbosa):

Eis se ajunta o soberbo Castelhano
Para vingar a injuria de Theresa
Contra o tão raro em *gente lusitano*,
A quem nenhum trabalho aggrava e pesa.

O eximio autor da *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, mandada publicar pela Academia Real de Sciencias de Lisboa, disse que os dous ultimos versos erão escuros pela incoherencia que tinhão com o que ficava antes e o que vinha depois! A culpa era do censor que não entendêra uma cousa tão simples.

O soberbo Castelhano (*Castella*) reunio seu exercito contra o Lusitano (*Portugal*), tão raro em gente (*de tão escassa população*).

Camões escreveu *Castelhano* e *Lusitano* com as iniciaes maiusculas, e Soares Barbosa copiou *Castelhano* e *lusitano*, convertendo o segundo vocabulo em simples adjectivo, que deveria concordar com o substantivo *gente!*

Superbus tambem significa *nobre, illustre, grande, glorioso*. Camões contrapoz o grande reino de Castella ao pequeno e pouco povoado reino de Portugal. Confrontem-se aquelles versos com estes da estancia 42:

Já no campo do Ourique se assentava
O arrayal *soberbo*, e bellicoso
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força e *gente* tão pequeno.

Console-se o amigo Clovis, se lhe attribuem um solecismo imaginario. Camões soffreu ainda mais e os seus censores, em questão de grammatica, erão mais autorisados que os do novo projecto do Codigo Civil.

OLIVEIRA FONSECA.

27, Abril, 1901.

(Do *Jornal do Recife*.)

Lingua patria

XXI

—COMPLEMENTO DUPLO—

Verbos ha que, sem variarem de accepção, admittem, quer complemento directo, quer indirecto. Em guisa de exemplo, alguns apontaremos, como *assignar*, *desdenhar*, *desejar*, *desertar*, *determinar*, *encontrar*, *exceder*, *gosar*, *jurar*, *preceder*, *precisar*, *usar*, e varios outros. Exemplifiquemos: *Assignar* um jornal ou *para* um jornal; «*Assignei*, pois, *para* o jornal a *Semana*» (Castilho). —*Desdenhar dos* mais e *desdenhar* as ameaças; «O conselho da santa inquisição *desdenhando* as ameaças do consul» (Camillo). —*Desejar* fazer ou *desejar de* fazer; «Este livrinho *desejo de* imprimir» (D. Francisco Manuel). —*Desertar* do culto e *desertar* uma causa; «Pamplona *desertara* a causa popular» (Latino Coelho) —*Determinar* fazer ou *determinar de* fazer: «*Determinou de* edificar» —e —«*determinou* passear» (Damião de Goes). —*Exceder os*... *exceder aos*... —*Gosar* os privilegios

exceder aos...—*Gosar* os privilegios ou *gosar* dos privilegios.— *Jurar* cumprir ou *jurar de* cumprir: «Tornárão a ratificar o passado, *jurando* de novo *de* não obedecerem a Lopo Vaz.» (Diogo de Couto.)—*Preceder* alguem ou *preceder a* alguem: «Os Imperadores que *precedêrão ao* imperio de Trajano» (Vieira).—*Precisar* alguma cousa ou *precisar de* alguma cousa: «Todo o homem *precisa revelação* divina» (Manuel Bernardes)—*Usar* bigode e usar de *embuços*.—*Consentir* abusos ou *consentir em* abusos.—*Encontrei* F., ou encontrei com F.; etc., etc.

Outros, entretanto, ha que, variando de complemento, variam tambem de accepção. Ex. *Carregar* um navio, *carregar com* as culpas alheias; *correr* um grande perigo, *correr atraz da* fortuna. (Vid. Grivet, *Gram. Analyt.*, ediç. de 1881, pg. 371.)

De proveito são, ao meu ver, estas singelas observações, visto como uma das graves difficuldades que se deparam a quem procura escrever correctamente, é distinguir os complementos que são pedidos por certos verbos.

Caturra.

A Fé Christã: Hebdomadario dedicado aos interesses da religião catholica (AL) - Ano 1902\Edição 00038 (1)

A PROPOSITO DE FERREIRA

(RESPOSTA AO DR. SILVIO DE ALMEIDA)

Escreve-nos o illustre professor sr. Luiz Pessanha :

«O illustrado sr. dr. Silvio de Almeida, no proposito de refutar os argumentos que expendemos no *Minas Geraes* do dia 28 do mez proximo passado, ácerca desta phrase *Cuida que tudo é si*, publicou na *Cidade de Campinas*, sob a mesma epigraphe, um outro artigo que foi transcripto pelo *Minas Geraes*, em sua edição do dia 13 do corrente.

Aos argumentos exarados no referido artigo, passamos a fazer, com a devida venia, os competentes commentarios.

Antes, porém, seja-nos permittido não deixar em silencio o seguinte topico do alludido artigo, em que o nosso illustre impugnador assim se exprime :

«Antes de responder ao illustrado professor da Escola Normal de Ouro Preto, cumpre-me agradecer-lhe a fidalga cortezia com que me tratou, provando assim, contra inveterados exemplos, que o conhecimento das regras da grammatica não exige o desconhecimento das do bom tom.»

Si bem comprehendemos todo o alcance que em si encerra esta tão bondosa referencia, tanto mais nos daremos por satisfeito, pois assim vemos confirmado mais uma vez este tão judicioso preceito: *Pares nom habitus, sed virtus facit.*

Occorrendo-nos aqui o bello—EMBLEMA DA OCCASIÃO—*Fugit irreparabile tempus*, que pela bocca de Phedro nol-o dão os antigos, voltamos novamente ao assumpto, pois,

«Tal figura os antigos inventaram
Para nos ensinar, que uma demora,
Por pequena que seja é mui cara,
Se impedir os effeitos das emprezas.»

Posto isto, entremos em materia.

Quanto á regencia que apresentámos, dando a este—*si*—da phrase—«Cuida que tudo é si», uma funcção *nominativo anomalo*, confirmamol-a com o eminente Burnouf : e quanto aos exemplos de Vieira e Couto : (*Maior que si mesmo.—Este que aqui está é outro si*), vimos tambem que se conformam e se justificam plenamente, categoricamente, com as doutrinas grammaticaes até aqui estabelecidas, e ainda não refutadas, ao que presummimos, pelo illustrado sr. dr. Silvio de Almeida, não obstante confessar que admitte, sim, «esta funcção nominativa, limitada, aliás, ás linguagens de comparação.»

Entretanto, no exemplo—«Cuida que tudo é si», é que S. S. presume que este—*si*—deve ser tomado por—*assim*—do *sic* latino ; começando agora, porém, a adduzir os argumentos que justificam esta sua supposição ; e nem podia deixar de ser assim, pois S. S. em seu primeiro artigo o disse apenas dogmaticamente, não adduzindo sequer uma prova experimental.

E já que neste segundo artigo o nosso insigne contradictor, no intuito de reforçar os seus argumentos, assás valiosos e respeitaveis, autepõe exemplos da mais alta e preciosa investigação philologica—as licções de tão illustres auctoridades que temos seguido até aqui, em corroboração do nosso acerto, voltamos, com a devida venia, novamente ao assumpto, ao encontro de suas doutrinas ; e, confiado tão sómente, não em nossas forças, mas na prova eloquentissima dos factos, ousamos dizer : que temos por demais evidente certo que a hypothese que S. S. apresenta do—si—por—ASSIM—não prevalece de modo algum no exemplo em questão («Cuida que tudo é si») ; posto que não seja rejeitavel nem inopportuna quando applicada a muitos outros casos, como havemos de demonstrar á toda a luz dos documentos.

Antes, porém, de refutarmos a hypothese—do si (sic), por—ASSIM, no exemplo—«Cuida que tudo é si», como suppõe o nosso illustre antagonista, trate-mos do caso do—si—por—ELLE—como já o demonstrámos.

Que o illustre sr. dr. Silvio de Almeida não póde refutar a interpretação que demos, de que aquelle—*si*—é um *nominativo anomalo*, figurá-se-nos um facto a todo o ponto incontestavel. E para que S. S. se convença cada vez mais que conhecemos perfeitamente que—*as theorias deduzem-se dos factos e não os factos das theorias*, vejamos o que de certo e irrecusavel se nos offerece ainda em corroboração do nosso acerto, na insistencia e convicção, repetimos, com que damos aquelle—*si*—da clausula complementar objectiva como *sujeito* do verbo—é—por isso que representa tambem—nem mais nem menos—o mesmo *sujeito* da clausula principal.

Seja-nos concedido synthetizemos mais uma vez a nossa regencia para que fique ainda bem patente esta nossa allegação.

—Que é que o lisonjeado cuida ?

—O lisonjeado cuida que tudo é si ; isto é :

—O lisonjeado cuida—que *elle mesmo* é tud› isso que lhe attribue maliciosamente o lisonjeiro ; ou, que *elle mesmo* é ou foi o auctor, o heróe de «todas essas façanhas, de todas essas coisas que elle nunca viu nem fez, de todas essas batalhas que venceu, de mil perigos em que se achou. etc.»

Leamos agora o sabio Fr. Diez (Grammaire des Langues Romaines, Tome III, pag. 45) :

«Le réflechi soi se présente aussi comme sujet, mais non pas d'une manière indépendante : il est toujours réuni A MEME ; *il faut conduire ses affaires soi même* ; ang. *he told me himself*. Sil'on se raporte a l'usage ancien ou ne tarde pas á se convaincre que les formes de nominatif étaien loin d'avoir cedé i cel les de l'accusatif dans la proportion admise aujourd'hui.»

«A este reciproco, diz Theophilo Braga, ajuuta-se para dar mais força, o adverbio MESMO, segundo o uso latino que ajuntava *met* e *ipse* e *met ipsum*».

Vejamos agora o que se nos depara de summamente opportuno na bella Tragedia de P. Corneille, no dialogo—Horacio e Curiacio—LE CID—(Beauteés du Theatre Classique—Acte II, Scenes II et III, pag. 290) :

. . . . . .

Horace :

«Mais vouloir au public immoler ce qu'on aime,

«S'attacher au combat contre un autre SOI MEME,

«Attaquer un parti qui prend pour defenseur,

«Le frére d'une femme et l'amant d'une soeur ; (*)

Poderá o illustrado sr. dr. Silvio de Almeida traduzir litteralmente aquelle verso em que occorre o *soi-même*, para negar o *gallicismo* ?—E nas mesmas condições não estará por ventura o *latinismo do Judicat se esse omnia ?*

O illustrado sr. dr. Silvio de Almeida, não obstante os seus profundos conhecimentos, parece extranhar, rejeitando-nos aquelle—si—por um *nominativo anomalo*, para adduzir o—*assim*—do *sic* latino, parece extranhar, diziamos, outro, parece extranhar, diziamos, outros factos muito mais transcendentes do que o em questão.

Pois não é tão certo que o grande Fr. Diez nos ensina cabalmente que em francez o nominativo e o accusativo do pronome da terceira pessoa (*il, lui, ils, eux, elle, elles*), tanto se applicam ás pessoas como ás cousas, e quando acompanhados de preposição não se referem senão a pessoas ou objectos personificados ?

E não é tão certo que «esta distincção rigorosa de objectos pessoaes e impessoaes, que ignoravam outros dialectos, taes como o hespanhol e o portuguez, nem sempre existiu tambem em francez ?» E que estas fórmas pronominaes, acompanhadas de preposição, posto que rejeitaveis no mais antigo periodo da lingua, são, entretanto, toleraveis em relação ao dativo ? Por exemplo : *coupez lui les ailes* (á l'oiseau) ; *il faut leur donner de l'eau* (aux plantes).

E quando nos ensina tambem o sabio mestre das Linguas Romanas—que a substituição do nominativo pelo accusativo em francez—tornou-se ama regra estavel e decisiva ; é summamente surprehendente, mas é certo que, (*sed vic est*) onde quer que o pronome não se limite a indicar simplesmente a *pessoa do verbo*, mas se apresenta com um valor independente como *sujeito*, e reclama tambem em consequencia desse facto—a inflexão da voz,—os nominativos *je, tu, il, ils* que o uso os reverteu á categoria de simples palavras formaes, não prevalecem então mais ; cedem o logar e são supplantados pelos accusativos *moi, toi, lui, eux*. Esta mudança, porém, dil-o o illustre mestre, não podia attingir aos pronomes *elle, nous, vous, elles*, porque estes pronomes têm a mesma fórma no accusativo.

E quando de tão doutos ensinamentos ressumbra emtanto que, por uma como compensação, taes fórmas expressivas não são immediatamente antepostas ao verbo, ao contrario, permanece este acompanhado de fracos nominativos, como : *moi je dis* e não *mois dis* : *moi je n'en sais rien ; lui il s'en alla ; ils sont venus nous voir eux et leurs amis*, etc. ;

E considerando tambem que um duplo nominativo do sujeito e do attributo, se applicam em latim com os verbos *être, devenir, paraître*, e os passivos dos verbos que regem um duplo accusativo ; e que sendo *ser* e *estar* os protótypos dos demais verbos de estado ; e que a assistencia absoluta, permanente, inauferivel de um predicado, como diz o sabio Grivet, implica a condição de que um tal verbo seja supprivel por *ser* e *estar*, tal como se verifica, por exemplo, com o verbo TORNARE ; a saber : *egli tornò giovane ; tudo se tornou tristeza* (Camões) ; *on voit l'herbe retourner* (redevenir) *verte*, etc. ; quando vemos tudo isso, iamos dizendo,—não mais nos admiraremos da resistencia e pertinacia daquelle nominativo—SI—no *Cuida que tudo é* SI por um *Cuida que tudo é* ELLE.

E quando tambem ressumbra de tão profícuas doutrinas—que é de habito assignar-se a fórma do accusativo pelo pronome dependente do verbo ESSE, como : *io non sono te ; s'io fossi lui ; il est aussi grand que toi*, etc., sobreavisa-nos tambem o douto mestre, o presumimos, que as expressões—*o coraçon pode mays ca mi* (D. Diniz) ; *porque sois maior que mim* (Camões), parecem ser *gallicismos*. E, porque parecem ? perguntamos—E', porque, sabemos todos :—a grammatica não tem alçada de abolir as leis promulgadas pelo uso dos bons escriptores, que pensam segundo os usos da lingua, no tempo em que—ELLA ESCREVE—SE COMO SE LE E ASSIM SE FALA.

Ora, se o proprio Diogo do Couto escreveu : «Não errasteis em nada, que o meu amigo é outro EU, (Cacographia Portugueza. pag. 83) ; e se com toda a opportunidade disse : «Este que aqui está e outro SI ; » não menos opportunamente deixou de escrever : «O valido do rei seja outro ELLE» (Moraes—Dicc.)

Quem não vê, pois, que Antonio Ferreira, muito naturalmente em vez de escrever : *Cuida que tudo é si*, poderia dizer tambem : o lisonjeado *cuida que tudo é* ELLE.

Ora, quando consideramos que em materia de analyse o alcance synactico ou a *funcção regencial* da palavra é TUDO ; e que a *forma* em si não chega a ser um POSTULADO, como havemos de suppor que uma simples mudança de uma palavra do texto por uma outra, possa ser argumento mais poderoso que a logica dos factos da linguagem !

Se a PHILOLOGIA tem suas leis, as LINGUAS—têm o seu curso.

Extranhou o illustrado sr. dr. Silvio de Almeida que houvessemos tomado a phrase «Cuida que tudo é si» por um latinismo dizendo : «Tambem Aureliano Pimentel julgou ter na supracitada construcção um perfeito latinismo, porque diz que ella corresponde exactamente a «*Judicat se esse omnia*».

Entretanto : *sed sic est* ; salvo se pudessemos contrapôr nossos argumentos ás licções de tão illustres auctoridades que aqui seguimos : não porque as citamos simplesmente ; sim, porém, porque examinamos o que ellas valem : *Homines non numerandi, sed ponderandi.*

«Les pronoms, derivés de *is, ipse* et IDEM, diz F. Diez, sont rendus on roman par un seul et même mot tiré de IPSE : ital. *stesso, medesimo* ; esp. *mismo* ; port. *mesmo* ; prov. *eis, meteis* ; franc. *même* ; val. *insu*. Pour rendre le sens de IPSE, ils s'associent a un autre pronom personnel après lequel ils se placent : *egli stesso, esse stesso, noi medesime, yo mismo, nos otros mismos, de si mismo, eu mesmo, de mi eys, de mi metsis* ; en français aux formes absolues : *moi, toi, soi, lui, elle même, nous, vous, eux. elles mêmes* ; val. *eu insumi*. A côté de IPSE quelques langues se servent de PROPRIUS.» (Obra cit. pag. 72).

A' vista, pois, do expendido, temos que a phrase «Cuida que tudo é si» outra não é senão esta :

—*Judicat se esse omnia* ;

ou :

—*Judicat* SE IPSUM *esse omnia*.

Il n'y a pas deux sentiments la dessus.

(Continuamos).

Ouro Preto, maio, 1902.

(Transcripto do *Minas Geraes* de 16 de maio).

(*) Le frére...—Curiace, frére de Sabine e amant de Camille, l'une Paltre sœur d'Horace.

Recebemos o numero 153 do *D. Quixote*, a explendida revista illustrada de Angelo Agostini.

Traz o retrato de Augusto Severo e a vista da inauguração do monumento do visconde do Rio Branco, no Rio.

Recebemos a visita do sr. Carlos Faller, ultimamente nomeado fiscal de fumo para a 14.ª circunscripção deste Estado, com séde em Theophilo Ottoni.

Na matriz de Ouro Preto realizou-se no dia 29 do passado, a festividade de Corpus Christi.

De manhã houve missa cantada e em seguida procissão que, depois de percorrer as ruas do costume, recolheu á matriz ás 3 horas da tarde.

Para Guarany seguiu ha dias o sr. Urselino Lana, ex-compositor desta folha.

Jornais de Ouro Preto: Orgão do Partido Conservador (MG) - Ano 1902\Edição 00032 (1)

A PROPOSITO DE FERREIRA

(RESPOSTA AO DR. SILVIO DE ALMEIDA)

Escreve-nos o illustre professor sr. Luiz Pessanha :

«O illustrado sr. dr. Silvio de Almeida, no proposito de refutar os argumentos que expendemos no *Minas Geraes* do dia 28 do mez proximo passado, ácerca desta phrase *Cuida que tudo é si*, publicou na *Cidade de Campinas*, sob a mesma epigraphe, um outro artigo que foi transcripto pelo *Minas Geraes*, em sua edição do dia 13 do corrente.

Aos argumentos exarados no referido artigo, passamos a fazer, com a devida venia, os competentes commentarios.

Antes, porém, seja-nos permittido não deixar em silencio o seguinte topico do alludido artigo, em que o nosso illustre impugnador assim se exprime :

«Antes de responder ao illustrado professor da Escola Normal de Ouro Preto, cumpre-me agradecer-lhe a fidalga cortezia com que me tratou, provando assim, contra inveterados exemplos, que o conhecimento das regras da grammatica não exige o desconhecimento das do bom tom.»

Si bem comprehendemos todo o alcance que em si encerra esta tão bondosa referencia, tanto mais nos daremos por satisfeito, pois assim vemos confirmado mais uma vez este tão judicioso preceito: *Pares nom habitus, sed virtus facit.*

Occorrendo-nos aqui o bello—EMBLEMA DA OCCASIÃO—*Fugit irreparabile tempus*, que pela bocca de Phedro nol-o dão os antigos, voltamos novamente ao assumpto, pois,

«Tal figura os antigos inventaram
Para nos ensinar, que uma demora,
Por pequena que seja é mui cara,
Se impedir os effeitos das emprezas.»

Posto isto, entremos em materia.

Quanto á regencia que apresentámos, dando a este—*si*—da phrase—«Cuida que tudo é si», uma funcção *nominativo anomalo*, confirmamol-a com o eminente Burnouf : e quanto aos exemplos de Vieira e Couto : (*Maior que si mesmo.—Este que aqui está é outro si*), vimos tambem que se conformam e se justificam plenamente, categoricamente, com as doutrinas grammaticaes até aqui estabelecidas, e ainda não refutadas, ao que presumimos, pelo illustrado sr. dr. Silvio de Almeida, não obstante confessar que admitte, sim, «esta funcção nominativa, limitada, aliás, ás linguagens de comparação.»

Entretanto, no exemplo—«Cuida que tudo é si», é que S. S. presume que este—*si*—deve ser tomado por—*assim*—do *sic* latino ; começando agora, porém, a adduzir os argumentos que justificam esta sua supposição ; e nem podia deixar de ser assim, pois S. S. em seu primeiro artigo o disse apenas dogmaticamente, não adduzindo sequer uma prova experimental.

E já que neste segundo artigo o nosso insigne contradictor, no intuito de reforçar os seus argumentos, assás valiosos e respeitaveis, autepõe exemplos da mais alta e preciosa investigação philologica—as lições de tão illustres auctoridades que temos seguido até aqui, em corroboração do nosso acerto, voltamos, com a devida venia, novamente ao assumpto, ao encontro de suas doutrinas ; e, confiado tão sómente, não em nossas forças, mas na prova eloquentissima dos factos, ousamos dizer : que temos por demais mentir certo que a hypothese que S. S. apresenta do—si—por—ASSIM—não prevalece de modo algum no exemplo em questão («Cuida que tudo é si») ; posto que não seja rejeitavel nem inopportuna quando applicada a muitos outros casos, como havemos de demonstrar á toda a luz dos documentos.

Antes, porém, de refutarmos a hypothese—do si (sic), por—ASSIM, no exemplo—«Cuida que tudo é si», como suppõe o nosso illustre antagonista, tratemos do caso do—si—por—ELLE—como já o demonstrámos.

Que o illustre sr. dr. Silvio de Almeida não póde refutar a interpretação que demos, de que aquelle—*si*—é um *nominativo anomalo*, figurá-se-nos um facto a todo o ponto incontestavel. E para que S. S. se convença cada vez mais que conhecemos perfeitamente que—*as theorias deduzem-se dos factos e não os factos das theorias*, vejamos o que de certo e irrecusavel se nos offerece ainda em corroboração do nosso acerto, na insistencia e convicção, repetimos, com que damos aquelle—*si*—da clausula complementar objectiva como *sujeito* do verbo—é—por isso que representa tambem—nem mais nem menos—o mesmo *sujeito* da clausula principal.

Seja-nos concedido synthetizemos mais uma vez a nossa regencia para que fique ainda bem patente esta nossa allegação.

—Que é que o lisonjeado cuida ?

—O lisonjeado cuida que tudo é si ; isto é :

—O lisonjeado cuida—que *elle mesmo* é tud› isso que lhe attribue maliciosamente o lisonjeiro ; ou, que *elle mesmo* é ou foi o auctor, o heróe de «todas essas façanhas, de todas essas coisas que elle nunca viu nem fez, de todas essas batalhas que venceu, de mil perigos em que se achou. etc.»

Lemos agora o sabio Fr. Diez (Grammaire des Langues Romaines, Tome III, pag. 45) :

«Le réflechi soi se présente aussi comme sujet, mais non pas d'une manière indépendante : il est toujours réuni A MEME ; *il faut conduire ses affaires soi même* ; ang. *he told me himself*. S'il on se raporte a l'usage ancien ou ne tarde pas á se convaincre que les formes de nominatif étaien loin d'avoir cedé i cel les de l'accusatif dans la proportion admise aujourd'hui.»

«A este reciproco, diz Theophilo Braga, ajuuta-se para dar mais força, o adverbio MESMO, segundo o uso latino que ajuntava *met* e *ipse* e *met ipsum*».

Vejamos agora o que se nos depara de summamente opportuno na bella Tragedia de P. Corneille, no dialogo—Horacio e Curiacio—LE CID—(Beautés du Theatre Classique—Acte II, Scenes II et III, pag. 290) :

. . . . . .

Horace :

«Mais vouloir au public immoler ce qu'on aime,

«S'attacher au combat contre un autre SOI MEME,

«Attaquer un parti qui prend pour defenseur,

«Le frére d'une femme et l'amant d'une sœur ; (*)

Poderá o illustrado sr. dr. Silvio de Almeida traduzir litteralmente aquelle verso em que occorre o *soi-même*, para negar o *gallicismo* ?—E nas mesmas condições não estará por ventura o *latinismo do Judicat se esse omnia ?*

O illustrado sr. dr. Silvio de Almeida, não obstante os seus profundos conhecimentos, parece extranhar, rejeitando-nos aquelle—si—por um *nominativo anomalo*, para adduzir o—*assim*—do *sic*

(*) Le frére...—Curiace, frére de Sabine e amant de Camille, l'une Paitre sœur d'Horace.

no, parece extranhar, diziamos, outros factos muito mais transcendentes do que o em questão.

Pois não é tão certo que o grande Fr. Diez nos ensina cabalmente que em francez o nominativo e o accusativo do pronome da terceira pessoa (*il, lui, ils, eux, elle, elles*), tanto se applicam ás pessoas como ás cousas, e quando acompanhados de preposição não se referem senão a pessoas ou objectos personificados ?

E não é tão certo que «esta distincção rigorosa de objectos pessoaes e impessoaes, que ignoravam outros dialectos, taes como o hespanhol e o portuguez, nem sempre existiu tambem em francez ?» E que estas fórmas pronominaes, acompanhadas de preposição, posto que rejeitaveis no mais antigo periodo da lingua, são, entretanto, toleraveis em relação ao dativo ? Por exemplo : *coupez lui les ailes* (á l'oiseau) ; *il faut leur donner de l'eau* (aux plantes).

E quando nos ensina tambem o sabio mestre das Linguas Romanas—que a substituição do nominativo pelo accusativo em francez—tornou-se ama regra estavel e decisiva ; é summamente surprehendente, mas é certo que, (*sed sic est*) onde quer que o pronome não se limite a indicar simplesmente a *pessoa do verbo*, mas se apresenta com um valor independente como *sujeito*, e reclama tambem em consequencia desse facto—a inflexão da voz,—os nominativos *je, tu, il, ils* que o uso os reverteu á categoria de simples palavras formaes, não prevalecem então mais ; cedem o logar e são supplantados pelos accusativos *moi, toi, lui, eux*. Esta mudança, porém, dil-o o illustre mestre, não podia attingir aos pronomes *elle, nous, vous, elles*, porque estes pronomes têm a mesma fórma no accusativo.

E quando de tão doutos ensinamentos ressumbra emtanto que, por uma como compensação, taes fórmas expressivas não são immediatamente antepostas ao verbo, ao contrario, permanece este acompanhado de fracos nominativos, como : *moi je dis* e não *mois dis* : *moi je n'en sais rien ; lui il s'en alla ; ils sont venus nous voir eux et leurs amis*, etc. ;

E considerando tambem que um duplo nominativo do sujeito e do attributo, se applicam em latim com os verbos *être, devenir, paraître*, e os passivos dos verbos que regem um duplo accusativo ; e que sendo *ser* e *estar* os protótypos dos demais verbos de estado ; e que a assistencia absoluta, permanente, inauferivel de um predicado, como diz o sabio Grivet, implica a condição de que um tal verbo seja supprivel por *ser* e *estar*, tal como se verifica, por exemplo, com o verbo TORNARE ; a saber : *egli tornò giovane ; tudo se tornou tristeza* (Camões) ; *on voit l'herbe retourner* (redevenir) *verte*, etc. ; quando vemos tudo isso, iamais dizendo,—não mais nos admiraremos da resistencia e pertinacia daquelle nominativo—SI—no *Cuida que tudo é* si por um *Cuida que tudo é* ELLE.

E quando tambem ressumbra de tão profícuas doutrinas—que é de habito assignar-se a fórma do accusativo pelo pronome dependente do verbo ESSE, como : *io non sono te ; s'io fossi lui ; il est aussi grand que toi*, etc., sobreavisa-nos tambem o douto mestre, o presumimos, que as expressões—*o coraçon pode mays ca mi* (D. Diniz) ; *porque sois maior que mim* (Camões), parecem ser *gallicismos*. E, porque parecem ? perguntamos—E', porque, sabemos todos :—a grammatica não tem alçada de abolir as leis promulgadas pelo uso dos bons escriptores, que pensam segundo os usos da lingua, no tempo em que—ELLA ESCREVE—SE COMO SE LE E ASSIM SE FALA.

Ora, se o proprio Diogo do Couto escreveu : «Não errasteis em nada, que o meu amigo é outro EU, (Cacographia Portugueza. pag. 83) ; e se com toda a opportunidade disse : «Este que aqui está e outro SI ; » não menos opportunamente deixou de escrever : «O valido do rei seja outro ELLE» (Moraes—Dicc.)

Quem não vê, pois, que Antonio Ferreira, muito naturalmente em vez de escrever : *Cuida que tudo é si*, poderia dizer tambem : o lisonjeado *cuida que tudo é* ELLE.

Ora, quando consideramos que em materia de analyse o alcance synactico ou a *funcção regencial* da palavra é TUDO ; e que a *forma* em si não chega a ser um POSTULADO, como havemos de suppor que uma simples mudança de uma palavra do texto por uma outra, possa ser argumento mais poderoso que a logica dos factos da linguagem !

Se a PHILOLOGIA tem suas leis, as LINGUAS—têm o seu curso.

Extranhou o illustrado sr. dr. Silvio de Almeida que houvessemos tomado a phrase «Cuida que tudo é si» por um latinismo dizendo : «Tambem Aureliano Pimentel julgou ter na supracitada construcção um perfeito latinismo ; porque diz que ella corresponde exactamente a «*Judicat se esse omnia*».

Entretanto : *sed sic est* ; salvo se pudessemos contrapôr nossos argumentos ás licções de tão illustres auctoridades que aqui seguimos : não porque as citamos simplesmente ; sim, porém, porque examinamos o que ellas valem : *Homines non numerandi, sed ponderandi.*

«Les pronoms, derivés de *is, ipse* et IDEM, diz F. Diez, sont rendus on roman par un seul et même mot tiré de IPSE : ital. *stesso, medesimo* ; esp. *mismo* ; port. *mesmo* ; prov. *eis, meteis* ; franc. *même* ; val. *insu*. Pour rendre le sens de IPSE, ils s'associent a un autre pronom personnel après lequel ils se placent : *egli stesso, esse stesso, noi medesime, yo mismo, nos otros mismos, de si mismo, eu mesmo, de mi eys, de mi metis* ; en français aux formes absolues : *moi, toi, soi, lui, elle même, nous, vous, eux. elles mêmes* ; val. *eu insumi*. A côté de IPSE quelques langues se servent de PROPRIUS.» (Obra cit. pag. 72).

A' vista, pois, do expendido, temos que a phrase «Cuida que tudo é si» outra não é senão esta :

—*Judicat se esse omnia* ;

ou :

—*Judicat* SE IPSUM *esse omnia*.

Il n'y a pas deux sentiments la dessus.

(Continuamos).

Ouro Preto, maio, 1902.

(Transcripto do *Minas Geraes* de 16 de maio).

Recebemos o numero 153 do *D. Quixote*, a explendida revista illustrada de Angelo Agostini.

Traz o retrato de Augusto Severo e a vista da inauguração do monumento do visconde do Rio Branco, no Rio.

Recebemos a visita do sr. Carlos Faller, ultimamente nomeado fiscal de fumo para a 14.ª circunscripção deste Estado, com séde em Theophilo Ottoni.

Na matriz de Ouro Preto realizou-se no dia 29 do passado, a festividade de Corpus Christi.

De manhã houve missa cantada e em seguida procissão que, depois de percorrer as ruas do costume, recolheu á matriz ás 3 horas da tarde.

Para Guarany seguiu ha dias o sr. Urselino Lana, ex-compositor desta folha.

A Cidade (MG) - Ano 1902\Edição 00032 (1)

Communicado

Nugas grammaticaes

Fui eu quem fiz ou fui eu quem fez?

Na sua resposta á consulta que lhe fizera o sr. Firmino José Rodrigues, o auctor das *Questões grammaticaes*, depois de admirar-se como podesse haver duvida acerca de uma questão tão facilmente intelligivel, não hesitou em condemnar de erronea, *inconsiderada a conformidade flexional—fui eu quem fez*—capitulando-a de *excentricidade de originalistas grammaticaes, que por obnoxia teimosia têm originado controversia a tal respeito, prejudicando consideravelmente aos que, insciente dos principios grammaticaes, vão cincando a cada passo contra a exacção syntactica.* (*Correio do Povo*, 12 de abril de 1903).

Quem não enxergou logo nas palavras do sr. Ildefonso Gomes, uma censura directa, categorica áquelles que ensinam que se deve dizer e escrever—*Fui eu quem fez* e não—*fui eu quem fiz.*

Essa censura deu logar a que, esquecendo a minha obscuridade de mestre-escola de aldeia, escrevesse as linhas que appareceram nas columnas da *Federação* de 24 p. p. Nessas linhas tive em mira não provocar uma polemica com o abalisado mestre, mas unicamente salvar aos olhos dos meus discipulos de hoje e de hontem a minha responsabilidade, affirmando que se deve dizer e escrever:—*fui eu quem fez*—e não—*fui eu quem fiz.*

Meu intuito foi apenas provar-lhes que ensinando-os a se expressar assim, eu me estribava em auctoridades incontestavelmente de primeira ordem, e que si errava, errava com os mais insignes mestres de vernaculidade portugueza.

Ainda mais; quiz mostrar-lhes que não se póde acoimar de *inconsiderada* uma construcção que é apadrinhada por tão bons patronos.

Si eu consegui ou não consegui o meu proposito, deixo a decisão ao criterio dos que me leram.

O que é certo é que aquellas despretenciosas linhas não deixaram de actuar no proprio espirito do sr. Ildefonso Gomes; pois basta confrontar os dous artigos de s. s. a respeito desta questão para se ver que s. s. modificou algum tanto o seu modo de encaral-a.

De feito, ao passo que no seu artigo de 12 de abril, declarava peremptoriamente não poder haver duvida acerca de uma questão tão facilmente intelligivel e formulava, com certo tom magistral e categorico, a regra sobre a concordancia do verbo nas orações ligadas pelo pronome quem; no artigo de 28 confessa que se tracta de um *ponto controvertido e duvidoso*, a respeito do qual *dissentiram sempre os grammaticos, e as auctoridades classicas não tinham tambem uma opinião segura.*

gura.

Donde se conclue que s. s. implicitamente reconhece que, na sua resposta á consulta do sr. Firmino José Rodrigues, muito mais bem avisado andaria, si tivesse declarado que, a respeito deste ponto grammatical,—*auctores utroque trahunt*—isto é, que os grammaticos discordavam, que os proprios auctores classicos não tinham firme a opinião; e se tivesse limitado a apresentar os argumentos por que prefere uma conformidade flexional a outra.

E' o que deduzimos da leitura dos dous artigos; e isto já me satisfaz e eu poderia acolher me ao silencio.

Um dever de cortezia, porém, obriga-me a acudir ao delicado convite que, no fim do seu segundo artigo, me faz o sr. Ildefonso Gomes; e em poucas linhas expenderei os motivos por que discordo da opinião de s. s. e que me levam a ensinar que se deve dizer *fui eu quem fez* e não *fui eu quem fiz*.

O primeiro argumento estriba-se na auctoridade dos mestres da lingua. São elles, os grandes escriptores e não os grammaticos, os que estabelecem as normas do dizer; são elles os arbitros, os modelos por onde se guiam os demais; a elles é que se applicam as palavras do velho Horacio:

. . . . . *usus*
quem penes arbitrium est et jus et norma loquendi»

norma loquendi»

Aos grammaticos, a esses incumbe estudar como fallaram e escreveram, como manejavam a lingua os grandes mestres, e formular então as regras.

Uma grammatica só é boa, quando os seus preceitos vêm confirmados, corroborados pelos exemplos dos bons escriptores.

Quando uma palavra, uma expressão, uma construcção é empregada repetidas vezes por um Vieira, um Luiz de Souza, um Bernardes, um Alexandre Herculano, um Camillo C. Branco, essa construcção, essa expressão, essa palavra adquire *ipso facto* fóros de cidade, apesar da grita dos grammaticos, gente em geral myope e teimosa.

No artigo de 24 p. p. apresentei numerosos exemplos, não de um só, mas dos mais eminentes escriptores portuguezes, quer antigos quer modernos, exemplos que bem claramente mostram que o verbo, nas orações ligadas pelo pronome *quem* (sujeito) concorda sempre com este pronome na 3ª pessoa do singular.

Esses exemplos são tantos, são tão frisantes, são de tal natureza que não deixam a menor duvida de que aquelles insignes mestres da lingua tinham opinião bem firme a respeito deste ponto grammatical.

Não se trata aqui de um exemplo isolado, deste ou daquelle escriptor, de somenos valia, mas são exemplos que se encontram a cada passo nas obras dos vultos mais eminentes das lettras portuguezas. Na mesma obra, na mesma pagina, no mesmo periodo encontramos essa construcção empregada por elles, e portanto é mister confessar que essa construcção é portugueza, legitimamente portugueza.

Tenho lido e relido com a maior attenção as obras de fr. Luiz de Souza, de Vieira, Bernardes, Alexandre Herculano, Camillo C. Branco, e posso affirmar que ainda não me succedeu topar um só exemplo da construcção defendida pelo sr. Ildefonso Gomes.

Bem sei que se podem apontar um ou outro exemplo em contrario, extrahido de alguns bons escriptores como Souza Caldas (Psm. XXI) Gonçalves Dias (Te Deum Vers. 14), Gonzaga (Lyra XXXVI v. 38) Garrett (Lyrica XI v. 119).

Mas releva notar: 1º que esses escriptores não se podem equiparar em correcção, pureza, elegancia e riqueza de linguagem aos mestres acima apontados; 2º que em geral são poetas; e os poetas gozam de muito mais liberdade do que os prosadores. A natureza do verso, o numero de syllabas, a rima, etc., etc., obrigam-nos muita vez a sacrificar os preceitos grammaticaes; do que temos numerosos exemplos em Camões, o principe dos poetas portuguezes.

Citou o sr. Ildefonso Gomes, no seu 2º artigo, dois trechos para provar que as proprias auctoridades classicas não tinham opinião segura a respeito desta construcção.

Os dous trechos, porem, ainda quando não fossem suspeitosos, de maneira alguma infirmam o valor dos exemplos por mim citados e serviriam, quando muito, para evidenciar mais uma vez que até os grandes mestres claudicam de quando em quando, e aqui viria muito a pelo o—*quandoque bonus dormitat Homerus.*

Digo que os trechos citados se me figuram suspeitos e passo a dar já os motivos.

O trecho de Bernardes, que a meu ver destoa do estylo das obras do grande oratoriano, é extrahido de uns *Excerptos de philosophia religiosa*, opusculo attribuido pelo sr. Ildefonso Gomes a Bernardes, quando entre as obras originaes deste não figura tal opusculo. De certo esses *Excerptos* são de algum colleccionador pouco escrupuloso, e conviria citar a obra original e a pagina respectiva, donde foi extrahido o trecho, para desvanecer toda e qualquer duvida a respeito.

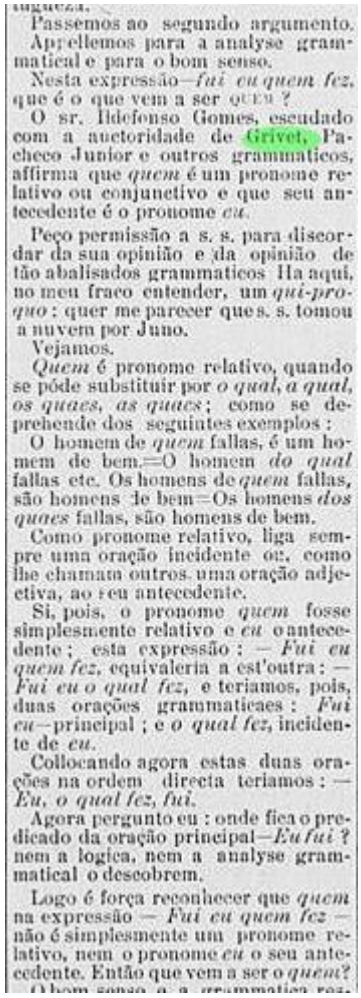
O segundo trecho é de Alexandre Herculano, e foi exhumado da *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, da qual o eminente portuguez foi um dos principaes directores.

Mas, pergunto eu, o trecho citado será de algum artigo assignado por Alexandre Herculano? ou será de algum collaborador anonymo? Não basta que esse artigo venha publicado na «Revista Contemporanea», para que se possa attribuir a A. Herculano.

Admittamos, porém, que o artigo, donde foi extrahido o trecho referido, seja de proprio A. H.; quem ousará contrapor um trecho de um artigo destinado á vida ephemera de um jornal ou de uma revista aos numerosos exemplos extrahidos das melhores obras de um auctor que se esforçou por perpetuar, immortalizar nella o seu nome?

Portanto, os dois trechos apontados pelo sr. Ildefonso Gomes, não têm ainda, a meu ver, valor algum; não provam que os nossos melhores escriptores não têm opinião formada, segura sobre estas construcções—*fui eu quem fez* ou *fui eu quem fiz*.

Continúo, pois, a affirmar, á vista dos exemplos citados e de outros sem numero, que a construcção *fui eu quem fez* é a que é empregada pelos mestres da lingua; e que portanto é ella portugueza, genuinamente portugueza.



ingueza.

Passemos ao segundo argumento.

Apprellemos para a analyse grammatical e para o bom senso.

Nesta expressão—*fui eu quem fez*, que é o que vem a ser QUEM ?

O sr. Ildefonso Gomes, escudado com a auctoridade de Grivet, Pacheco Junior e outros grammaticos, affirma que *quem* é um pronome relativo ou conjunctivo e que seu antecedente é o pronome *eu*.

Peço permissão a s. s. para discordar da sua opinião e da opinião de tão abalisados grammaticos Ha aqui, no meu fraco entender, um *qui-pro-quo* : quer me parecer que s. s. tomou a nuvem por Juno.

Vejamos.

Quem é pronome relativo, quando se póde substituir por *o qual, a qual, os quaes, as quaes*; como se deprehende dos seguintes exemplos :

O homem de *quem* fallas, *é* um homem de bem.=O homem *do qual* fallas etc. Os homens de *quem* fallas, são homens de bem=Os homens *dos quaes* fallas, são homens de bem.

Como pronome relativo, liga sempre uma oração incidente ou, como lhe chamam outros, uma oração adjectiva, ao seu antecedente.

Si, pois, o pronome *quem* fosse simplesmente relativo e *eu* o antecedente ; esta expressão : — *Fui eu quem fez*, equivaleria a est'outra : — *Fui eu o qual fez*, e teriamos, pois, duas orações grammaticaes : *Fui eu*—principal ; e *o qual fez*, incidente de *eu*.

Collocando agora estas duas orações na ordem directa teriamos : — *Eu, o qual fez, fui*.

Agora pergunto eu : onde fica o predicado da oração principal—*Eu fui* ? nem a logica, nem a analyse grammatical o descobrem.

Logo é força reconhecer que *quem* na expressão — *Fui eu quem fez* — não é simplesmente um pronome relativo, nem o pronome *eu* o seu antecedente. Então que vem a ser o *quem*?

O bom senso e a grammatica respondem : *quem* é um pronome *indefinito* e equivale a *aquelle que, aquella que*, etc. ; encerra em si dois elementos: o relativo e o seu antecedente, e portanto a expressão —*Fui eu quem fez*—equivale a est'outra : — *Fui* eu aquelle que fez— e na ordem directa —*Eu fui aquelle que fez*.

Parece-me que é isto mais consentaneo á logica e ao bom senso, porque neste caso não fica a oração principal sem o predicado, que vem a ser o pronome *aquelle*, determinado pela oração incidente—*que fez*.

Quem, pois, na expressão— *Fui eu quem fez* — é um pronome indefinito.

Mas este pronome é invariavel na fórma, é do genero masculino e só póde representar A 3ª PESSOA DO SINGULAR; como os pronomes *alguem, ninguem, outrem*.

Daqui se conclue que, quando o pronome *quem* figura no discurso como sujeito, o verbo forçosamente tem de ir para 3ª pessoa do singular. Logo eu devo dizer e escrever :

Fui eu quem fez, foste tu quem fez, foi elle quem fez, etc. etc. e não *fui eu quem fiz*, etc.

O mesmo não acontece com o pronome relativo *que*.

Este pronome, invariavel na fórma, é dos dois generos, masculino e feminino, é do singular e do plural, e póde representar TODAS AS PESSOAS GRAMMATICAES; e dahi vem que deve-

mos dizer *fui eu que fiz, foste tu que fizeste, foi elle que fez*, etc.

Nestas expressões o pronome relativo *que* deixa de concordar, com o seu antecedente occulto, que é *o* (aquelle) para concordar *por attracção* com o pronome pessoal *eu, tu, elle*, etc.

Mas, si este argumento fornecido pela analyse grammatical não é sufficiente para desvanecer qualquer duvida dos menos atilados, soccorramos-nos mais uma vez o bom senso.

Convido aos que me lêm a inverterem as seguintes phrases : «Fui eu *quem fiz* este trabalho.» «Foste tu *quem escreveste* aquella carta.» «Fomos nós *quem abrimos* a porta.»

Quem se animará a dizer : «Quem *fiz* este trabalho fui eu.» Quem *escreveste* esta carta foste tu.» «Quem *abrimos* esta porta fomos nós ? ? !»

Ao passo que dizendo—*Fui eu* quem fez *este trabalho, fomos nós* quem abriu *esta porta*, a inversão é tão natural, tão simples :

natural, tão simples :

Quem *fez* este trabalho fui eu; etc.

Parece-me superfluo accrescentar mais alguma cousa; entretanto, sem querer fazer praça de conhecimentos philologicos, permitta-me o benevolo leitor que faça ainda uma observação que não deixa de ser bem cabida e serve muito para elucidar este ponto, o qual, seja dito de passagem, para mim nada tem de duvidoso nem de controvertido.

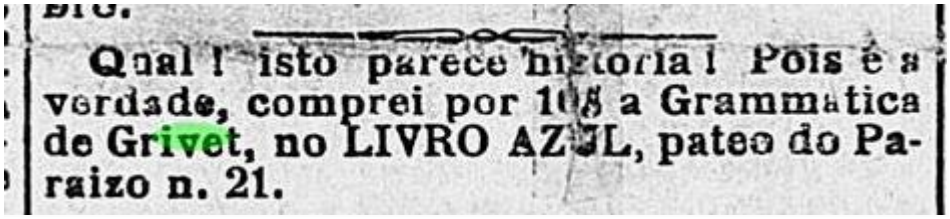
A observação é esta : No hespanhol, que com o portuguez formavam uma só lingua commum, com mais ou menos variantes, na peninsula iberica, e que depois da conquista de Portugal e formação da nacionalidade portugueza, se separaram seguindo cada lingua o seu curso natural de accordo com as leis da evolução; no hespanhol, digo, encontramos a mesma construcção, isto é, vemos que o verbo, nas orações ligadas pelo pronome *quien*, vae sempre para a 3ª pessoa do singular. en. Vete y no vuelvas ; soi yo QUIEN te lo ORDENA. (Lecciones de gramatica Castellana por F. S. deMartinez. Pag. 80.)

Concluindo, direi que escrevendo estas linhas não sei si satisfiz aos desejos do sr. Ildefonso Gomes; uma cousa, porem, posso affirmar a s. s. e é que foram escriptas sem paixão e unicamente por um dever de cortezia.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - Ano 1903\Edição 00110 (1)

NINGUEM DISCUTA sobre a lingua portugueza, sem estar munido da Grammatica de Grivet, edição quasi exgotada, vende se barato no *Livro Azul*.

A Provincia: Orgão do Partido Liberal (PE) - Ano 1903\Edição 00229 (1)



A Provincia: Orgão do Partido Liberal (PE) - Ano 1903\Edição 00231 (1)

Notações filologicas (*)

EXCEPTO - SALVO

« A emenda de hoje começa por uma revista illustrada, redigida por moços de incontestavel talento. Um delles escreve: Tudo por conseguinte descança, *exceptos* os Colyseus ! e *exceptos* os banqueiros do Estado.»

« O chronista imaginou que *excepto* é em portuguez adjectivo e concorda com Colyseus e banqueiros, no plural. Ora, *excepto*, para quasi todos os escritores, foi sempre e é ainda uma palavra invariavel; quer o appliquemos a um nome no singular ou no plural, quer o appliquemos a um nome feminino ou masculino, é sempre *excepto*. E assim diremos:

« Tudo descança, *excepto* os Coliseus; tudo lhe é indifferente, *excepto* as mulheres; gosta de bebidas alcoolicas, *excepto* a aguardente.

« O caso alludido não é muito vulgar, mas é vulgarissimo o que se comete com *salvo*, preposição, sinonimo de *excepto*. A cada passo lemos nas gazetas, e até em livros applaudidos, expressões como esta: os politicos, *salvas* honrosas excepções. Isto é erro *crasso*. Ha o adjectivo *salvo*, *salva*; mas, quando tomamos a palavra *salvo* como sinonimo de *excepto*, *afora*, *com excepção de*, *alem de*, é sempre preposição. Por isso tem de dizer-se:

«Os politicos, *salvo* honrosas excepções». (*Lições praticas*, p. 89 — 90, 2ª edição.)

Parece-me insustentavel esta absoluta opinião do sr. Candido de Figueiredo, privando a dous adjectivos da lingua do direito de exprimir a idéa que a cada um delles é propria e ao mesmo tempo identica á da preposição em que se convertem.

Basta ler o que ensina Moraes, na 2ª edição do Diccionario, tão encarecida por s. ex., e á qual descuidou de recorrer.

«*Excepto*, part. passado irregular do verbo *exceptuar*. Muitos usam delle nesta variação *indeclinavel* «todos morrerão, *excepto* esta». — *Vieira* nas Cartas *varia-o* — como a outro adjectivo, v. g. «*exceptas* as cartas do Marquez»; e este uso é *mais correcto*.»

Grivet, em sua *Grammatica analitica*, p. 183, diz que os participios irregulares, *excepto* e *salvo*, só passam a ser preposições e conseguintemente invariaveis, quando deixam de constituir uma apposição ou predicado e vêm a exercer uma regencia.

Realmente, si *excepto* e *salvo* são adjectivos, que significam *exceptuado, reservado, excluido, não comprehendido*, podem estar na oração, expressando esta ideia, com qualquer substantivo com que concordem em genero e numero. Sómente quando apparecem invariaveis, seguidos de complemento ou complementos, é que se transformam em preposição, segundo a maioria dos grammaticos ou em adverbios ou expressões adverbiaes, segundo outros (Soares Barbosa, v. g.)

Por isso, tão correcta é a sintaxe com qualquer dos referidos adjectivos concordando com o substantivo, como com qualquer delles tornado preposição. Val o mesmo dizer: Tudo lhe é indifferente, *exceptas* as mulheres—tudo descança, *exceptos* os Coliseus—gosta de bebidas *excepta* a aguardente, etc., e—tudo lhe é indifferente *excepto* as mulheres,—tudo descança *excepto* os Coliseus,—gosta de bebidas alcoolicas, *excepto* a aguardente, etc. Ou—os politicos, *salvas* honrosas excepções, e — os politicos, *salvo* honrosas excepções.

Para autorizar sua opinião, cita o sr. Candido de Figueiredo dous exemplos; um de frei Luiz de Souza—«não falou nunca com pessoa nenhuma de fóra, *excepto* com o seu confessor»; outro, de Alexandre Herculano—«*salvo* se era a necessidade de fazer companhia a um cavalheiro».

Supprindo a lacuna dos exemplos, passo a apresentar outros, mostrando que pode usar-se dos invariaveis *excepto* e *salvo*, como preposições e dos variaveis *excepto* e *salvo*, como adjectivos, no mesmo sentido de *exclusão, reserva* ou *excepção*.

Excepto, como adjectivo:

«Todos os dias de sua vida, *exceptos* os sabbados» Figueiredo, *Judith*, c. 8, v. 6.

«Os varões sanctos e todos os que algo sabem, despresam esta diabolica invenção, *exceptos* aquelles que vivem della ou cahiram nas suas redes». Arraes, *Dialogo* 1, c. 5.

«A paralisia tinha amortecido todos os membros de seu corpo, *excepta* unicamente a lingua (que nas mulheres, esta não perde tão facilmente o uso).» Bernardes, *Nova Floresta*, t. 3, p. 405.

«Ja então não será imprudencia impôlas... *exceptos* alguns casos particulares» Idem, p. 314.

«E assim o executarão, *excepta* huma que foi leal ao seu» Idem, p. 462.

«Todos os livros que andam nas mãos das Sybillas, *exceptas* algumas autoridades de que os Padres se valem para illustrar as verdades catholicas, são tidos por apocrifos». Idem, t. 2, p. 3.

«Huma noite succedeu acharem-se todas, sem se saber a causa, derribadas, *excepta* huma». Idem, p. 90—91.

«Quasi toda esta ilha, *exceptas* algumas terras de assucar, está plantada de vinhos». A. Cordeiro, *Historia Insulana*, l. 1, c. 6.

«Nas taes ruas, *exceptos* alguns arrabaldes da Cidade, nenhuma casa ha despegada da outra». Idem, l. 6, c. 24.

«Tinha Deus concedido ao Diabo que naquella grande casa pudesse fazer ou desfazer contra elle tudo o que seu odio, sua astucia e maldade julgasse conveniente para o vencer, *excepta* sómente a vida do mesmo Job.» Vieira, *Sermões* Selectos, t. 6, p. 167.

«Na grande provincia de Hollanda, *excepta* sómente Dorth, por isso chamada a Virgem, nenhuma cidade houve que não fosse conquistada.» Idem, t. 3, p. 281.

«Tudo chegou a salvamento, *exceptas* as partes liquidas.» Idem, *Carta* 63, t. 1.

«*Excepta* por mercê particular de Deus, a experiencia da vossa Excellencia, todas as outras, assim no mar, como na terra, terão difficultosamente quem lhes succeda.» Idem, *Carta* 31, t. 3.

Salvo, como adjectivo:

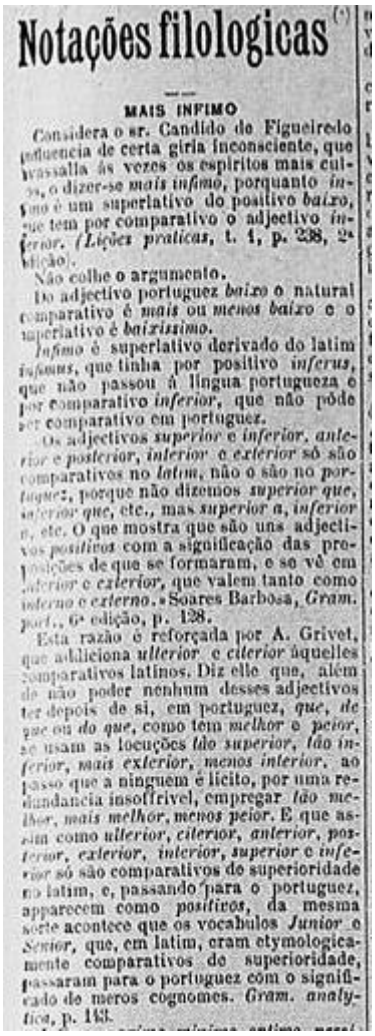
Transcreveu o sr. Candido de Figueiredo um exemplo de Alexandre Herculano para comprovar que *salvo* só se deve empregar como preposição, no sentido de *exceptuado, excluido, reservado*, e não como adjectivo, o que capitula de *erro crasso*. Confessa, porêm, que o uso do adjectivo em semelhante accepção é vulgarissimo.

Por isso, o visto que para s. ex. é, com todo o fundamento, o grande Alexandre Herculano mestre dos mestres da lingua portugueza, limito-me a oppor ao exemplo referido outro exemplo do mesmo Alexandre Herculano em que emprega no sentido de *salvo*, como preposição, *salvo* como adjectivo, concordando no plural com o substantivo, o que exclue qualquer duvida sobre o facto.

«Os arabes viram dentro em pouco os homens hispano-godos irem-se amoldando aos seus habitos e idéas, SALVAS as crenças religiosas, ultima coisa que as nações abandonam.» Herculano, *Historia de Portugal*, t. 3, p. 173, 2ª edição.

Heraclito Graça

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1903\Edição 00760 (1)



Notações filologicas (*)

MAIS INFIMO

Considera o sr. Candido de Figueiredo influencia de certa giria inconsciente, que vassalla ás vezes os espiritos mais cultos, o dizer-se *mais infimo*, porquanto *infimo* é um superlativo do positivo *baixo*, que tem por comparativo o adjectivo *inferior*. (*Lições praticas*, t. 1, p. 238, 2ª edição).

Não colhe o argumento.

Do adjectivo portuguez *baixo* o natural comparativo é *mais* ou *menos baixo* e o superlativo é *baixissimo*.

Infimo é superlativo derivado do latim *infimus*, que tinha por positivo *inferus*, que não passou á lingua portugueza e por comparativo *inferior*, que não póde ser comparativo em portuguez.

Os adjectivos *superior* e *inferior, anterior* e *posterior, interior* e *exterior* só são comparativos no *latim*, não o são no *portuguez*, porque não dizemos *superior que, inferior que*, etc., mas *superior a, inferior a*, etc. O que mostra que são uns adjectivos *positivos* com a significação das preposições de que se formaram, e se vê em *ulterior* e *exterior*, que valem tanto como *interno* e *externo*.» Soares Barbosa, *Gram. port.*, 6ª edição, p. 128.

Esta razão é reforçada por A. Grivet, que addiciona *ulterior* e *citerior* áquelles comparativos latinos. Diz elle que, além de não poder nenhum desses adjectivos ter depois de si, em portuguez, *que, de que* ou *do que*, como tem *melhor* e *peior*, se usam as locuções *tão superior, tão inferior, mais exterior, menos interior*, ao passo que a ninguem é licito, por uma redundancia insoffrivel, empregar *tão melhor, mais melhor, menos peior*. E que assim como *ulterior, citerior, anterior, posterior, exterior, interior, superior* e *inferior* só são comparativos de superioridade no latim, e, passando para o portuguez, apparecem como *positivos*, da mesma sorte acontece que os vocabulos *Junior* e *Senior*, que, em latim, eram etymologicamente comparativos de superioridade, passaram para o portuguez com o significado de meros cognomes. *Gram. analytica*, p. 143.

Infimo, maximo, minimo, optimo, pessimo, summo, supremo, intimo, etc., ficaram *superlativos absolutos portuguezes*, como nos vieram do latim, só com a mudança de terminação; mas, além dessas formas gradativas não corresponderem radicalmente ás positivas, segundo observa o dr. Alfredo Gomes, *Gram. port.*, 9ª edição, p. 54, salvo em *magno*, cumpre advertir, com todos os grammaticos, que esses e semelhantes superlativos não são comparativos na lingua portugueza, como o são em latim; e si algumas vezes se empregam comparativamente, é como relativos e precedidos do artigo—*o optimo, o pessimo* dos homens em vez de *o melhor, o peior* dos homens. (Julio Ribeiro, *Gram. port.*, 4ª edição, p. 245).

Effectivamente, escreveu Vieira, *Serm. Selectos*, t. 5, p. 130: «entre todos os espiritos malignos o *pessimo* e mais nocivo é a tristeza»—e t. 6, p. 92 «o *summo* da tirania»; Bernardes, *Luz e Calor*, p. 211—«Podia um S. Francisco entender que elle era o *pessimo* de todos os nascidos»; Garrett, *Discursos*, p. 201—202—« a primeira tristissima conclusão de certo a estão tirando com mais ou menos boa fé os adversarios deste *nobilissimo* de todos os systhemas de governação»; Arraes, *Dialogo* 1, c. 19—«Levantando os animaes para o *supremo* do mundo.» etc.

Daqui para se dar outro grau enfatico aos superlativos tomados do latim não ha mais que um passo. Reputa-se erro deploravel e nem se diz, nem se escreve mais hoje—*mui muito, muito pessimo* ou *mais optimo*; mas, segundo lembra o dr. João Ribeiro, *Gram.* 10ª edição, p. 75,—*mais ou muito intimo, muito proximo*, geralmente se diz, como si *intimo* e *proximo* fossem meros adjectivos positivos não correspondentes aos superlativos latinos.

Quevedo, Affonso Africano, c. 9, e. 22 escreveu:

«E nisto sobe á *mais suprema* parte da torre, donde o mar e o ceo divisa.»

Latino Coelho, Humboldt, p. 340: «não desmerece, no *mais minimo*, o conceito que havia conquistado».

Garrett, *Discursos*, p. 160: «sou o *mais infimo* dos homens.»

Castilho, *Fausto*, p. 224:

...Seus beas, seus males
Mais atrozes, *mais intimos* se entranham
Aqui...»

Etc.

Do adjectivo *principal*, que em portuguez, como outros em virtude de seu sentido absoluto, não admitte graos, pois importa o mesmo que o mais nobre, o mais ilustre, o mais importante, o que tem o primeiro logar,—fiseram Bernardes, *N. Flor.* t. 1, p. 31, Brandão, *Mon. Luzit.* t. 1. p. 14, Francisco José Freire e outros o superlativo *principalissimo*

E em Arraes, Dial. 10, c. 22, se lê: «hum dos *mais* principaes»; na *Arte de Furtar*, c. 16—« a rasão *mais principal*»; em Barros, *Dec.* 4, l. 6, «hum homen *tão principal*, como aquelle»; em Vieira, *Obras varias*, t. 1, p. 116 «São duas pessoas das *mais principaes* deste Estado»; em Ruy de Pina, *Chron. de D. João* 2º, c. 8—« era a pessôa *mais principal* de quem El-rei tudo *fiava*»; em Côrte Real, 2º *Cerco de Diu*, c. 4,—« *Dos mais principaes* homens» Etc.

São estes os *factos* da linguagem, entre os mais doutos e afamados classicos portuguezes, deante dos quaes não se mantêm teorias e opiniões por mais autorisadas que sejam.

MEIA DISPOSTA

«E a gente estava *meia* disposta a pensar que o indigitado, como Cesar, *chegara, via e vencia*.»

Passo de uma folha de Lisbôa, sobre o qual o sr. Candido de Figueiredo, nas *Lições praticas*, t. 1, p. 30 da 2ª edição e 37 da 3ª, ponderou o seguinte:

«Gente *meia disposta*... não é cá de casa. E' como quem diz as calças *meias* cosidas, os livros *meios* lidos, as ruas *meias* limpas. Mas, quem assim diz, diz

(*) No ultimo artigo, em vez de: Foi ella impressa—lêa-se,—Foi impresso, em vez de mal (*) dado, lêa-se: mãdado; e em vez de Jorge Teixeira—lêa-se Jorge Ferreira.

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1903\Edição 00798 (1)

TROVANDO E CANTANDO

—

«Em seu numero de domingo, na secção de um sr. *Bem bem Lundú*, appareceu uma critica dirigida á seguinte phrase d'este jornal: «Vem dizer que nós baralhamos tudo, que nós é que lançamos palavras ao vento, etc.

Como porém no caso o que serve, aos olhos do ignorante, é algum philologo, convidamos o estranho censor a lêr Grivet.

Acceite o conselho e seja menos *grammaticalmente frouxo*, com licença do publico, etc.»

(Do «Amazonas» de hontem).

—

Então o publico é *frouxo*, hein, *seu* Pereira?

Este *seu* Pereira tem coisas!...

«Não se zangue, primasinha,
Que eu não disse p'ra zangar».

E. F.

Não se zangue, *seu* Pereira,
Guardai p'ra lá o Grivet;
Vêde bem que é grossa asneira,
Dizer-se á gente - *nos é!*

Lêde Paulino de Britto,
Pinto Marques, João Ribeiro,
E outros, que aqui não cito—
Distinctos no mundo inteiro.

Se eu, porém, não fôr fiel
No que digo.—a Biblia ahi está:
Vêde como á Ezequiel.
Falou no assumpto, Jehovah!

N'ella, subsidio farto,
Desde o principio do mundo,
Achareis: capitulo quarto—
Versiculo decimo segundo!

Bembem LUNDU'.

Quo Vadis? : orgam de interesses populares (AM) - Ano 1903\Edição 00138 (1)

Liquidação
No Regulador da Marinha.

Carta aberta

Meu caro Oswaldo Machado! — Muito lisonjeado, li a interessante carta aberta a que o *Jornal do Recife* deu acolhida em suas columnas, na qual um modesto philologo anonymo me argúe sobre os pontos grammaticaes por mim tratados em artigo publicado nesta folha.

Aproveitando a monção que se me offerece para esclarecer melhor as idéas emittidas naquelle trabalho, eu devo, antes de tudo, deixar aqui consignados os meus agradecimentos ao illustre sr J., pelas palavras gentis com que se aprouve dirigir á minha humilde e desconhecida individualidade.

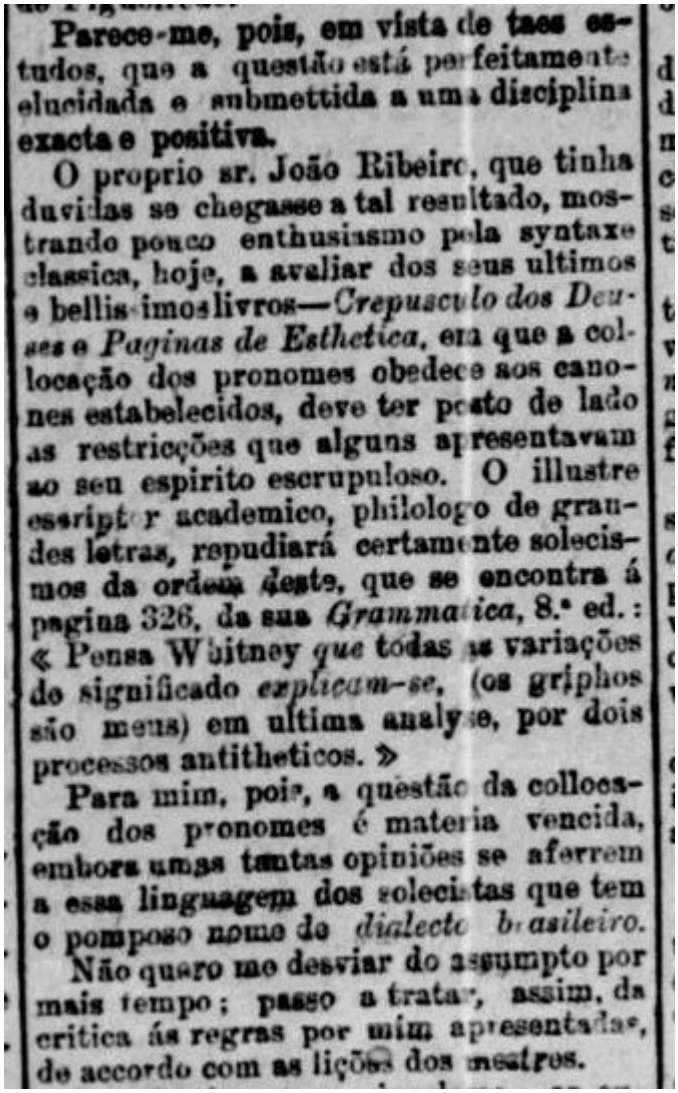
Dito isto, passo a responder ao meu illustre arguente, que, embora não contrarie as regras por mim formuladas, de accordo com as lições dos mestres, sobre a collocação do pronome regimen e a anteposição do artigo ao *que* interrogativo, as julga, comtudo, discutiveis.

Por amor ao methodo, tratarei separadamente aos dois casos.

A questão da collocação das encliticas pronominaes por largo tempo passou despercebida aos grammaticos, tanto portuguêses, como brasileiros.

Na ordem chronologica, o primeiro a observar o phenomeno foi o grammatico do Funchal Francisco Ferreira de Andrade Junior, que, na sua *Grammatica das Grammaticas*, publicada em 1850 e de que tenho noticia pelos *Estudos Philologicos* do sr. João Ribeiro, diz, em referencia a materia:—«Alguma cousa ha ahi que me persuado não ter sido ainda reduzido a regras por algum grammatico: — ao menos, não o encontrei nas grammaticas que consultei; mas colhi-o da leitura dos mais elegantes classicos da lingua». Em seguida, num conjunto excellente, estabelece as regras relativas a collocação dos pronomes, tal como, com ligeiras restricções, são hoje lei entre os melhores escriptores portuguêses e brasileiros.

Eu não ignoro que a discussão sobre tal assumpto seja muito antiga; conheço alguns dos trabalhos citados pelo meu illustre arguente, e mais os de Lameira de Andrade, Pacheco Junior, Araujo Maciel e Raggio Nobrega, sem contar os de João Ribeiro, Ruy Barbosa e Candido de Figueiredo.



Parece-me, pois, em vista de taes estudos, que a questão está perfeitamente elucidada e submettida a uma disciplina exacta e positiva.

O proprio sr. João Ribeiro, que tinha duvidas se chegasse a tal resultado, mostrando pouco enthusiasmo pela syntaxe classica, hoje, a avaliar dos seus ultimos e bellissimos livros—*Crepusculo dos Deuses* e *Paginas de Esthetica*, em que a collocação dos pronomes obedece aos canones estabelecidos, deve ter posto de lado as restricções que alguns apresentavam ao seu espirito escrupuloso. O illustre escriptor academico, philologo de grandes letras, repudiará certamente solecismos da ordem deste, que se encontra á pagina 326, da sua *Grammatica*, 8.ª ed.: « Pensa Whitney *que* todas as variações do significado *explicam-se*, (os griphos são meus) em ultima analyse, por dois processos antitheticos. »

Para mim, pois, a questão da collocação dos pronomes é materia vencida, embora umas tantas opiniões se aferrem a essa linguagem dos solecistas que tem o pomposo nome de *dialecto brasileiro*.

Não quero me desviar do assumpto por mais tempo; passo a tratar, assim, da critica ás regras por mim apresentadas, de accordo com as lições dos mestres.

A primeira passou incolome; as outras foram mais infelizes... Vamos por parte.

Na segunda regra eu disse que o pronome se pospõe ao chamado gerundio, excepto quando o gerundio é precedido da particula *em*. Vejamos alguns exemplos. Da regra:

Azurara, *Chronica do Conde D. Pedro, apud* Dicc. de Vieira, Chrestomathia historica, p. LXXI:

«Cas *vendo-se* homens como aquelles...»

P. Antonio Vieira, *cit. do* Grivet, *Gram. Anal.*, p. 139:

«Que faz o lavrador na terra *cortando-a* com o arado?»

P. Manuel Bernardes, *ibidem*, p. 315:

«Quando nos banquetes não houver a mais excessos, *provocando-se* uns aos outros»...

A. Herculano, *Lendas e Narrativas*, vol. I, p. 82:

«Não era Fernão Vasques homem que faltasse a este auto, *tendo-o* a arraya miuda elegido seu provedor...»

A. F. de Castilho, *Vivos e Mortos*, vol. I, p. 105:

«Revolvia-se o marido, *torcendo-se* e *retorcendo se* sob as angustias de uma pontada agudissima»...

pontada agudissima»...

Garret, Viagem na minha Terra, vol. I, p. 129:

«*Benedicite*, Padre guardião: disse a [illegible] *inclinando-se* meio levantada da cadeira»...

Exemplos da excepção:

Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*, p. 286:

«*Em se partindo* Enis do escudeyro sé foi pera Aonia».

P. Antonio Vieira, cit. de Grivet, *Gram. Anal*, p. 383:

«Está o pescador com a cana na mão, o anzól no fundo e a boia sobre a agua; e *em lhe picando* na isca o *torpedo*, começa a lhe tremer o braço.»

P. Manuel Consciencia, *ibidem*:

«*Em se avistando* sitio tão feliz, se descobrem as suas largas muralhas...»

Garret, *op. cit*, vol. I, p. 49:

«Não ha amigos nem inimigos politicos *em se largando* o mando e as pretenções a elle.»

Quanto a terceira regra que apresentei, acha o meu illustre arguente que está em séu conjunto mal emittida. Vejamos. Diz a regra:

«Quando os pronomes indefinidos, *tudo*, *nenhum*, *ninguem*, *nada* e outros, antecedem um verbo, o pronome *se*, como reflexo e como particula que apassiva o verbo, tambem o antecede, e *vice-versa*».

Não percebo a razão da critica a esta regra, aliás copia do que escreveu Candido de Figueiredo, ás ps. 238—239, das *Lições Praticas*, vol. III.

E' facto verificavel que aquelles pronomes têm o poder de chamar a si a particula; nos maiores classicos foi quasi sempre esta a construcção seguida. Darei alguns exemplos justificativos:

P. Antonio Vieira, cit. de Grivet, *Gram. Anal*, p. 198:

«Se tendes posto muito perto ao rei, *tudo se* vos sujeita».

A. F. de Castilho, *Vivos e Mortos*, vol. III, p. 51:

«*Nenhuma* tradição se conserva no convento, ainda mesmo entre as antigas moradoras.»

Garret, *Helena*, p. 136 :

« Entraram os dois amigos, e apenas foram vistos, ajoelharam junto ao leito, e *ninguem se* occupou delles».

Exemplo de Grivet, *op. cit* :

« *Nada me* agrada...»

Menos feliz ainda é a critica do meu illustre arguente á quarta regra, que diz :

« Nas proposições affirmativas e independentes, o pronome é enclitico, isto é, segue o verbo.»

O exemplo de Vieira, com que a pretende invalidar : « *Muito me* apraz dizel-o»— não lhe concerne, porquanto, sendo *muito* adverbio de quantidade, incorre na lei de attracção dos pronomes, que deixei claramente figurada no meu artigo anterior,—lei que não padece contestação, aceita e formulada pelo sr. João Ribeiro, em sua *Grammatica* e em seus *Estudos Philologicos*, e pelo sr. Ruy Barbosa, em sua *Replica*.

O mesmo podia dizer, *mutatis mutandis*, sobre os exemplos, ainda de Vieira: —«*Eu me* arranco daqui com magoa e dor»— e de Camões:—*Ella lhe* prometteu»—pois que *eu* e *ella*, nos casos previstos, são sujeitos das orações, e os sujeitos gosam de eguaes propriedades attrahentes dos adverbios de quantidade, negação e tempo, para com o pronome obliquo.

O exemplo de Bocage é que não tem justificativa; quem é, porém que considera esse grande poéta classico da lingua?

Passo agora ao caso da anteposição claudicante do artigo ao pronome *que*, em proposições interrogativas não subordinadas a uma acção clara ou occulta.

Neste particular é ainda uma vez infundada a critica do meu illustre arguente.

« Os melhores classicos, escreve o dr. Ruy Barbosa (*Replica*, p. 36) nunca admittiram semelhante attentado á syntaxe e ao bom senso.» Camões, Vieira, Fr. Luis de Sousa, P. Bernardes, Barros, Duarte Nunes, A. Ferreira, Jacintho Freire, nunca, absolutamente, commetteram tal erro; debalde serão suas obras esmiuçadas, e nenhum exemplo se achará do artigo *o* antecedendo o pronome

rá do artigo *o* antecedendo o pronome indefinido *que*, em phrases interrogativas, não complementares, objectivas ou integrantes.

No *Opusculo* do dr. fr. João Claro, monge de Alcobaça, um dos primeiros documentos da lingua, encontra-se:

« *Que* te direy mais da mjnha malicia, que me non pesar quanto deve da morte dos que muyto amo ?»

No *Leal Conselheiro*, d. Duarte, pagina 203, *apud* Ruy Barbosa:

« Nom queiraaes porem seer contynuadamente cuydadosos, dizendo *que* comeremos, ou *que* beveremos, ou de *que* nos cobriremos ? »

Nos *Lusiadas*, de Camões, 1ª ed. de 1572, fls. 9, canto I: (Nesta edição as estrophes não estão numeradas, como o são nas subsequentes):

«Quem eram, de que terra, *que* buscavão,
Ou que parte do mar corrido tinham ? »

Canto V, fls. 103:

«Vos a quem mais compete esta vingança,
Que esperais, porque a pondes em tardança ?

Em P. Antonio Vieira, exemplo já citado neste artigo :

« *Que* faz o lavrador na terra cortando a com o arado ?

Creio que bastam estes exemplos, os que já adduzi e a affirmativa, sumptuosamente comprovada, do dr. Ruy Barbosa, para dissipar todas as duvidas sobre o assumpto.

Conheço a discussão a respeito travada entre os drs. Heraclito Graça e Candido de Figueiredo e, em que pese ao meu amor proprio de brasileiro, força é convir que o escriptor português levou sobre o nosso distincto patricio evidentissima vantagem.

Para melhores esclarecimentos, remetto o meu illustre arguente ao ultimo livro de Candido de Figueiredo, *Problemas da Linguagem*, paginas 144 e seguintes, onde a questão se acha perfeitamente elucidada.

Assim, pois, persisto em affirmar que se não pode empregar o artigo definido *o* antes do pronome indefinido *que*, em proposições independentes e interrogativas, isto é, não subordinadas a uma acção clara ou occulta, integrantes ou objectivas.

Se, porém, se trata de uma proposição de natureza complementar, objectiva ou integrante, neste caso, a anteposição do artigo é legitima.

Agora, meu caro Oswaldo, me permitta uma resposta ao *Domingo a Domingo*, de Arthur de Albuquerque, no *Diario*, de hoje.

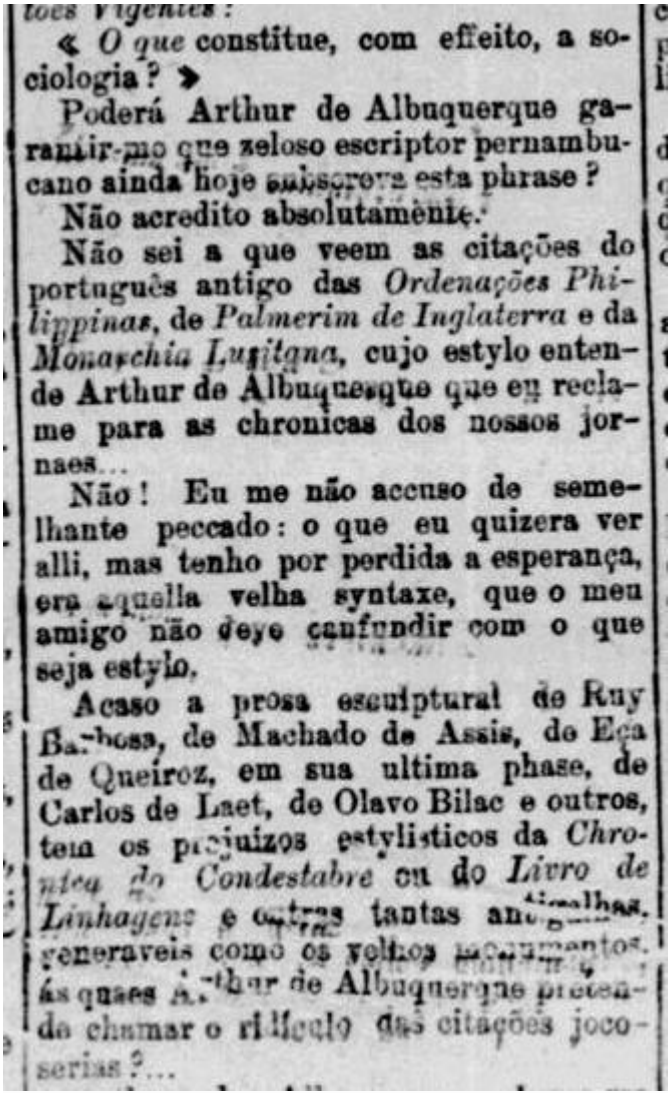
Com esse nosso amigo é impossivel discutir a serio... Pois se elle até lança á minha conta a incivil molestia que o obrigou a ficar de cama alguns dias e ainda o impide de sair á rua!...

Eu tinha noticia de certa indisposição passageira que afflige os estudantes nas occasiões de exames; mas, *influenza*... é a primeira que ouço tal!

Tomem nota os senhores clinicos: os meus artigos provocam *influenza*...

Entretanto, todos os meus argumentos ficaram de pé no meio daquella immensa móle de citações indigestas, a encher o roda-pé do *Diario*; nem um só foi sequer combalido ou contrariado.

De tantas citações, apenas, com ser de autor presente, quero tomar em consideração a do illustrado dr. Arthur Orlando, á pagina XVI do prologo das *Questões Vigentes*:



toes vigentes?

« *O que* constitue, com effeito, a sociologia? »

Poderá Arthur de Albuquerque garantir-me que zeloso escriptor pernambucano ainda hoje subscreva esta phrase?

Não acredito absolutamente.

Não sei a que veem as citações do português antigo das *Ordenações Philippinas*, de *Palmerim de Inglaterra* e da *Monarchia Lusitana*, cujo estylo entende Arthur de Albuquerque que eu reclame para as chronicas dos nossos jornaes...

Não! Eu me não accuso de semelhante peccado: o que eu quizera ver alli, mas tenho por perdida a esperança, era aquella velha syntaxe, que o meu amigo não deve confundir com o que seja estylo.

Acaso a prosa esculptural de Ruy Barbosa, de Machado de Assis, de Eça de Queiroz, em sua ultima phase, de Carlos de Laet, de Olavo Bilac e outros, tem os prejuizos estylisticos da *Chronica do Condestabre* ou do *Livro de Linhagens* e outras tantas antigualhas, veneraveis como os velhos monumentos, ás quaes Arthur de Albuquerque pretende chamar o ridiculo das citações jocosérias?...

Arthur de Albuquerque chama-me *impertinente*... Porque? Que accepções terá este vocabulo no famoso *dialecto brasileiro*, que elle se jacta de praticar?

Não sei... Deve ser bôa e gentil, porque o meu amigo não tinha razão alguma para magoar a quem, a elle se dirigindo, só teve delicadezas. Demais, póde merecer semelhante qualificativo quem, provocado á uma discussão de doutrina, não faz mais do que acudir ao chamado?

Basta, meu caro Oswaldo Machado. Sou seu amigo affectuoso,

RODOLPHO GARCIA.

Em 27 Agosto 1905.

Jornal de Recife (PE) - Ano 1905\Edição 00194 (1)

O dr. Clovis Bevilaqua endereçou ao dr. Julio Pires a seguinte carta :

« *Illustrado amigo sr. dr. Julio Pires.*—Venho trazer-lhe os meus agradecimentos e os meus applausos. Os agradecimentos reclama a gentileza com que se lembrou de me offerecer os seus dois ultimos livros de *Grammatica portugueza*, e os applausos traduzem a synthese de meu juizo sobre os dois alludidos trabalhos.

Na *Grammatica portugueza* para uso dos cursos primarios, as noções se acham diluidas e ao mesmo tempo condensadas, de modo a penetrarem sem esforço na intelligencia dos pequenos, para quem o estudo abstracto das regras grammaticaes é sempre aspero e fatigante como todo o estudo que fala mais á memoria do que á intelligencia e mais ao intellecto do que á emotividade. Se os meninos têm de aprender grammatica, é preciso que esta se apresente reduzida ao que fôr essencial, que prime pela clareza e que se insinue intuitiva e praticamente no espirito dos alumnos.

Encarada por esse angulo, a sua grammatica para o curso primario satisfaz plenamente, porque é simples, clara e pratica.

No curso medio e superior, já é admissivel aprofundar noções e desenvolver os germens semeados no curso primario. E' o que faz a sua *Grammatica*, onde o leitor estudioso encontra a *exposição dos factos da linguagem* segundo a orientação dos melhores mestres. Principalmente na estymologia, na exposição historica da formação da lingua, naquillo que justamente imprime uma feição scientifica á grammatica, o seu trabalho é meritorio pelo criterio com que, no intricado das opiniões divergentes, soube descobrir o desdobramento dos factos.

brir o desdobramento dos factos.

Os estudos de grammatica, aqui no Brasil transformados e consideravelmente melhorados com os emprehendimentos de Grivet, Julio Ribeiro, Pacheco Junior, Lameira de Andrade, têm adquirido ultimamente grande estima. João Ribeiro, Heraclito Graça, Fausto Barreto, Mario Barreto, Silva Ramos e tantos outros, continuam a cultivar com amor e competencia o campo da philologia. A questão do Codigo civil, que de juridica se transformou em grammatical, veio revelar ao Brasil uma erudição vastissima em tudo quanto respeita á lingua portugueza. O dr. Carneiro Ribeiro, apezar de sua *Grammatica philosophica* e dos *Serões grammaticaes*, era apenas conhecido na Bahia, por seus dis-

cipulos e, naturalmente, pelos especialistas. Foi com as *Ligeiras observações* e especialmente com a *Redacção do projecto do Codigo civil e a replica do dr. Ruy Barbosa* que o Brasil reconheceu nelle um mestre consummado, alliando á mais exacta e profunda sciencia da lingua a elegancia artistica do escrever. Ao menos esta compensação nos trouxe o desvio da questão do Codigo civil: determinou a elaboração de um livro em que se apuram os ultimos resultados da sciencia grammatical no Brasil.

Ao lado destes notaveis philologos colloca-se o auctor das *Notas sobre a lingua portugueza* e da *Grammatica portugueza* (2.º anno), que tem a orientação scientifica de Julio Ribeiro e a preoccupação de estudar os factos da linguagem como é a tendencia do grupo de philologos citado em ultimo logar.

O estudo pratico da lingua é utilissimo para dar apoio ás generalisações scientificas. Infelizmente conduz elle, muitas vezes, ou a uma preoccupação doentia de purismo, dando ao estylo uma feição artificial que estrangula a alma do escriptor, como se vê nas *Paginas estheticas* de João Ribeiro que, aliás, é um espirito superior; ou a impertinencias pretenciosas que desconhecem a evolução organica da lingua e a capacidade creadora dos artistas.

Felizmente [illegible] como quasi todos os bons

dos artistas.

Felizmente v., como quasi todos os bons mestres cujos nomes invoquei, tem o espirito aberto ás idéas que procedem de todos os pontos cardeaes e não se deixa arrastar por injustificados preconceitos. Poude assim escrever uma excellente grammatica portugueza que ensina a disciplina da lingua, estimulando as faculdades do raciocinio, que estabelece a bôa norma do dizer, sem a pretenção de fixar regras que se não baseiam na reiterada observação dos factos e na intelligente interpretação das leis que presidem á manifestação do pensamento pela palavra.—*Clovis Bevilaqua.* »

A Provincia: Orgão do Partido Liberal (PE) - Ano 1906\Edição 00010 (1)

De domingo a domingo

Permitta o leitor que eu continue aqui umas considerações que me desperta a grammatica portugueza do dr. Julio Pires Ferreira.

Completo assim o compromisso contrahido.

—

Reina, em relação, não a centenas e sim a milhares de palavras, a mais desanimadora anarchia, dizia, em 1874, A. Grivet, em sua *Nova Grammatica Analytica.*

E o notavel pedagogo, cuja obra, pela robustesa de logica e pela vasta erudição, o festejado litterato Francisco Octaviano, em seu relatorio ao ministro, julgou se destacar completamente das outras de igual natureza, perguntava:

Donde vem que, não faltando á lingua portugueza nem diccionarios, nem grammaticas, a sua orthographia esteja ainda em tal desamparo?

Sotero dos Reis e Theophilo Braga estatuem que a ortographia se aprende mechanicamente, observando-se o uso dos escriptores contemporaneos da melhor nota, rectificado pelo diccionario.

A julgar, pois, pelos primorosos trabalhos glottologicos de Adolpho Coelho, era de esperar que as lacunas da graphia portugueza fossem supprimidas pelo seu annunciado *Diccionario etymologico.*

Assim acreditava em 1881 o dr. Augusto Freire da Silva, cathedratico da Lingua Nacional no Curso annexo á Faculdade de S. Paulo e autor de um excellente compendio para uso dos alumnos de humanidades.

Entretanto, nós já vimos que o erudito philologo não resolveu o problema.

Nem elle, nem nenhum outro que depois delle se tenha occupado do assumpto.

Continuamos, portanto, na desanimadora anarchia de que fallava Grivet.

A tendencia moderna é, como diz o dr. Julio Pires, despojar as palavras dos seus elementos superfluos: lettra que não sôa deve desapparecer.

Mas isso é firmar sobre a ortographia a preferencia da pronuncia, onde as difficuldades não são menores.

A base é falsa, hão de convir, e o trabalho contraproducente.

Existem regras fixas sobre a prosodia?

No prefacio de seu livro responde Adolpho Coelho:

« Não temos um typo de pronuncia que seja geralmente considerado como o preferivel em todas as suas formas; a linguagem dos doutos, dos litteratos divergo nesse ponto bastante, de terra a terra, de individuo para individuo, e os proprios individuos representam em geral pronuncias mixtas para que possa admittir-se a existencia de tal typo unitario. »

E o diccionarista, no seu embaraço, indicou, por meio d'um alphabeto simplificado, todas as lettras que *em geral* se pronunciam!

A balburdia não diminuio com esse alphabeto.

Ha alli vocabulos congeneres e oriundos da mesma raiz que são absolutamente, perante o uso, discordes no accento e na escripta.

Tambem no diccionario do sr Candido de Figueiredo as contradicções existem patentes.

O dr. Ramiz Galvão aponta-as innumeras e opina que o autor das *Lições praticas* preferio o registo fiel dos erros e das incongruencias actuaes.

Todos reclamam a uniformisação, harmonia e simplicidade da ortographia, mas até hoje ninguem teve autoridade e forças para impôr qualquer reforma decisiva.

E' para lastimar isso, confesso.

Nos seus *Estudos de litteratura*, o sr. José Verissimo accentúa que a lingua portugueza não tem ortographia.

Herculano, Castilho, Garrett, Castello Branco, os quatro mais consideraveis escriptores da moderna litteratura portugueza, cada um tem a sua graphia especial.

E de cada escriptor portuguez ou brasileiro se póde dizer o mesmo.

Cada jornal, cada officina typographica tem o seu modo pecul ar de graphar, a que chama pittorescamente *a orthographia da casa.*

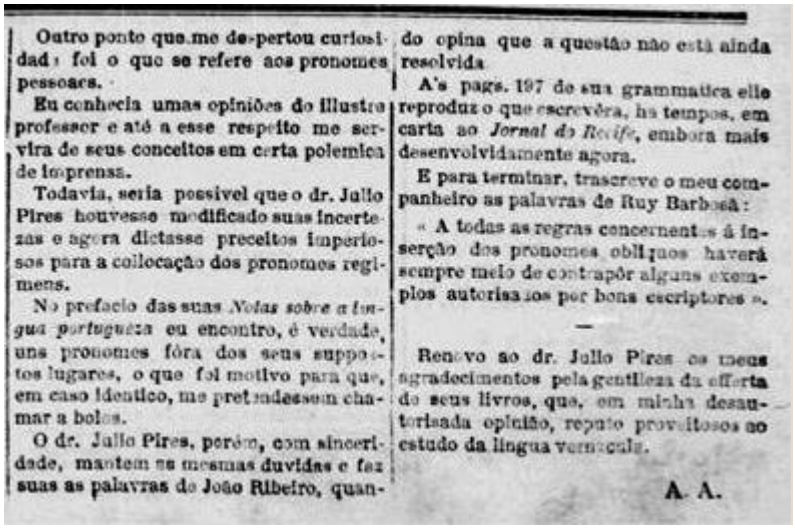
E' mais ou menos o que escreve o eminente critico.

Mas, quem accusará de erroneas semelhantes ortographias?

A porta está aberta e bem larga para todas as desillias e presumpções.

E sobretudo os presumidos, os pretenciosos não faltam.

Não está, felizmente, nesse numero o dr. Julio Pires, cuja grammatica é antes um registo de opiniões alheias, methodicamente expostas, ao alcance dos seus alumnos.



Outro ponto que me despertou curiosidade foi o que se refere aos pronomes pessoaes.

Eu conhecia umas opiniões do illustre professor e até a esse respeito me servira de seus conceitos em certa polemica de imprensa.

Todavia, seria possivel que o dr. Julio Pires houvesse modificado suas incertezas e agora dictasse preceitos imperiosos para a collocação dos pronomes regimens.

No prefacio das suas *Notas sobre a lingua portugueza* eu encontro, é verdade, uns pronomes fóra dos seus supposetos lugares, o que foi motivo para que, em caso identico, me pretendessem chamar a bolos.

O dr. Julio Pires, porém, com sinceridade, mantem as mesmas duvidas e faz suas as palavras de João Ribeiro, quando opina que a questão não está ainda resolvida.

A's pags. 197 de sua grammatica elle reproduz o que escrevêra, ha tempos, em carta ao *Jornal do Recife*, embora mais desenvolvidamente agora.

E para terminar, trascreve o meu companheiro as palavras de Ruy Barbosa:

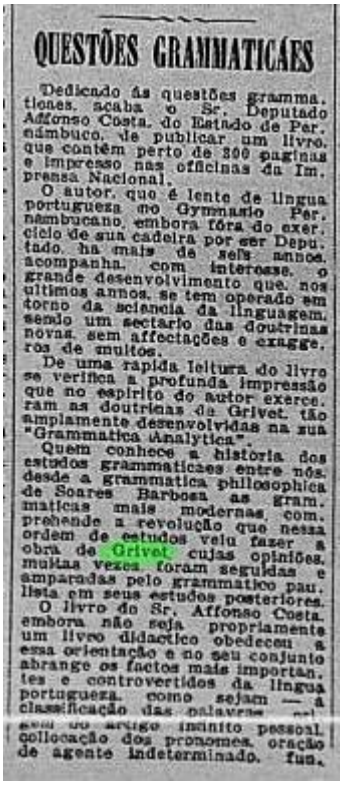
« A todas as regras concernentes á inserção dos pronomes obliquos haverá sempre meio de contrapôr alguns exemplos autorisados por bons escriptores ».

—

Renovo ao dr. Julio Pires os meus agradecimentos pela gentileza da offerta de seus livros, que, em minha desautorisada opinião, reputo proveitosos ao estudo da lingua vernacula.

A. A.

Diario de Pernambuco (PE) - Ano 1906\Edição 00004 (1)



QUESTÕES GRAMMATICAES

Dedicando ás questões grammaticaes, acaba o Sr. Deputado Affonso Costa, do Estado de Pernambuco, de publicar um livro, que contém perto de 300 paginas e impresso nas officinas da Imprensa Nacional.

O autor, que é lente de lingua portugueza no Gymnasio Pernambucano, embora fóra do exercicio de sua cadeira por ser Deputado, ha mais de seis annos, acompanha, com interesse, o grande desenvolvimento que, nos ultimos annos, se tem operado em torno da sciencia da linguagem, sendo um sectario das doutrinas novas, sem affectações e exaggeros de muitos.

De uma rapida leitura do livro se verifica a profunda impressão que no espirito do autor exerceram as doutrinas de Grivet, tão amplamente desenvolvidas na sua "Grammatica Analytica".

Quem conhece a historia dos estudos grammaticaes entre nós, desde a grammatica philosophica de Soares Barbosa as grammaticas mais modernas, comprehende a revolução que nessa ordem de estudos veiu fazer a obra de Grivet, cujas opiniões, muitas vezes foram seguidas e amparadas pelo grammatico pauliista em seus estudos posteriores.

O livro do Sr. Affonso Costa, embora não seja propriamente um livro didactico obedeceu a essa orientação e no seu conjunto abrange os factos mais importantes e controvertidos da lingua portugueza, como sejam — a classificação das palavras — o emprego do artigo infinito pessoal, collocação dos pronomes, oração de agente indeterminado, fun-

ção do — "se" — voz passiva, svntemse de analyse, gallicismos, construcção das phrases e questão orthographica.

Para confirmar os differentes exemplos que o autor offerece em abono dos principios e regras que defende, em seu trabalho, procurou sempre os escriptores de maior e mais segura reputação, como João de Barros, Ferreira, Ruy de Pina, Fernão Lopes, Camões, Bernardes, Bernardim Ribeiro, Quevedo, Frei Luiz de Souza, Sá de Miranda, Mendes Pinto, Rebello da Silva, Filinto Elysio, Rodrigues Lobo, D. F. Manuel de Mello, Herculano, Garrett, Ruy Barbosa e Carneiro.

O livro têm sido elogiado nas rodas dos entendidos.

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1908\Edição 00345 (1)

LIVROS

CLASSICOS E SOBRE VARIOS ASSUMPTOS

A' venda na livraria Azevedo, Rua Uruguayana, n. 29

Padre Antonio Vieira, Arte de furtar, espelho de enganos, theatro de verdades, exemplar perfeitissimo enc. de amador (typographia Rollandiana, 1829), 1 vol..... 25$000

Dr. Francisco Morato Roma, Luz da medicina, pratica racional e methodica, guia de enfermeiros, 1 vol. enc. exemplar perfeito (Coimbra 1727) ..... 25$000

na conversação e nas maneiras, 1 folheto $500

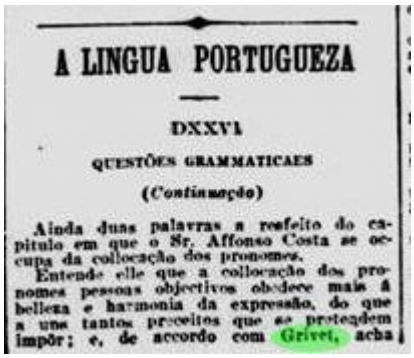
Paulino de Brito, Collocação dos pronomes e brasileirismos, 2 folhetos ..... 2$000

Grivet, Grammatica analytica da lingua portugueza, 1ª edição 1 volume encadernado ..... 5$000

H. Martin, Historia de França, popular e illustrada, traducção portugueza de Pinheiro Chagas, 7 vols. encs..... 30$000

João José de Sant'Anna, Manual das jovens mães, 1 vol. enc. 3$000

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1909\Edição 00095 (1)



A LINGUA PORTUGUEZA

DXXVI

QUESTÕES GRAMMATICAES

(*Continuação*)

Ainda duas palavras a respeito do capitulo em que o Sr. Affonso Costa se occupa da collocação dos pronomes.

Entende elle que a collocação dos pronomes pessoas objectivos obedece mais á belleza e harmonia da expressão, do que a uns tantos preceitos que se pretendem impôr; e, de accordo com Grivet, acha

que, a tal respeito, mais se aprende na leitura dos bons modelos da lingua, do que nas lições dos grammaticos.

Quanto á primeira parte desta observação, parece-me que a belleza e a harmonia da expressão constituem conceito tão vago, que mal se podem indicar como processo: o que, em linguagem, é harmonico e bello em Portugal, póde ser, e é muitas vezes, feio e desharmonico no Brasil; e essa mesma differença se póde dar entre o Sr. Dr. Affonso Costa, em Pernambuco, e o Sr. João Ribeiro, no Rio.

Não vale a pena insistir na inconsistencia de tal processo.

Mas na segunda parte da referida observação do abalizado professor, ha só que aceitar e applaudir: na leitura dos bons modelos é que se aprende a boa collocação dos pronomes.

E quem disse já o contrario? Ninguem, creio eu.

São, com effeito, os bons modelos da lingua o que seguramente nos póde dirigir na collocação dos pronomes pessoaes.

E por isso eu pedi aos *bons modelos da lingua* os factos que constituem o livro *Problema da collocação dos pronomes*; e desses factos facilmente os grammaticos deduzirão preceitos, que consubstanciem o que Grivet chama a *unica norma attendivel*: modo de proceder dos classicos.

O Sr. Affonso Costa evita a expressão *regras*, porque as desadora, e prefere a expressão *factos*, que redundam na mesma cousa.

Entre os *factos*, que elle considera como taes, alguns ha que são muito discutiveis. Assim, quando nos diz que a posposição ou anteposição é indifferente nas phrases affirmativas, não pesou devidamente o seu asserto, porque parece dar-nos a entender que, numa dada phrase, póde o pronome átono antepor-se ou pospor-se ao verbo, o que raríssimas vezes será verdade.

Bastará mencionarmos duas *phrases affirmativas*, consideradas como taes pelo autor, e que elle cita entre os exemplos da sua these:

1.ª — "Deus nos livre do tal méthodo."

Não é phrase affirmativa, mas supponhamos que o é. Em qualquer caso, não é alli indifferente a collocação do pronome *nos*. Se o fosse, poderiamos dizer: — "Deus livre-nos de tal methodo". — Mas esta construcção será o que quizerem: mas o que não é, não foi nem será, é portugueza.

2.ª — "Tudo isto se encadeava."

Tambem aqui não é indifferente a collocação do *se*. Quem disser: — "Tudo isto encadeava-se", não falla portuguez.

Passemos a outro ponto.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Lisboa, 4—IV—09.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1909\Edição 00118 (1)

—:«o»:—

MEU CANHENHO

—

NUM EXAME

Esta passou-se em Maceió entre uma candidata a uma cadeira no magisterio primario, o marido respectivo e um examinador philosopho.

O exame era de portuguez o livro de analyse *Cartas Selectas* do Padre Antonio Vieira.

A examinanda, si não tinha dotes physicos notaveis, realçava por luminosa intelligencia e solido preparo.

Grivet, Sotero dos Reis, Alexandre Passos, Jeronymo Soares Barbosa, Aulette e outros grammaticographos lhe eram completamente familiares.

Tinha tambem manuseado com assiduidade os bons classicos portuguezes. O marido desvanecia-se da illustração da chara metade e exultava de jubilo ao vel-a fazendo uma figura tão singularmente honrosa perante uma banca constituida por gente de rara competencia.

Arguida por um grande espaço de tempo não vacillou nem titubiou nas respos-

ta certissimas que tinha de dar, o que ia-lhe valendo sinceros e merecidos applausos.

Mas o lente que estava fazendo a arguição já enfastiado, ia esmorecendo, espacejando as perguntas, custando mesmo a formulalas, quando o nosso candidacto a *Quincas* resolveu se a mettel-o em brios.

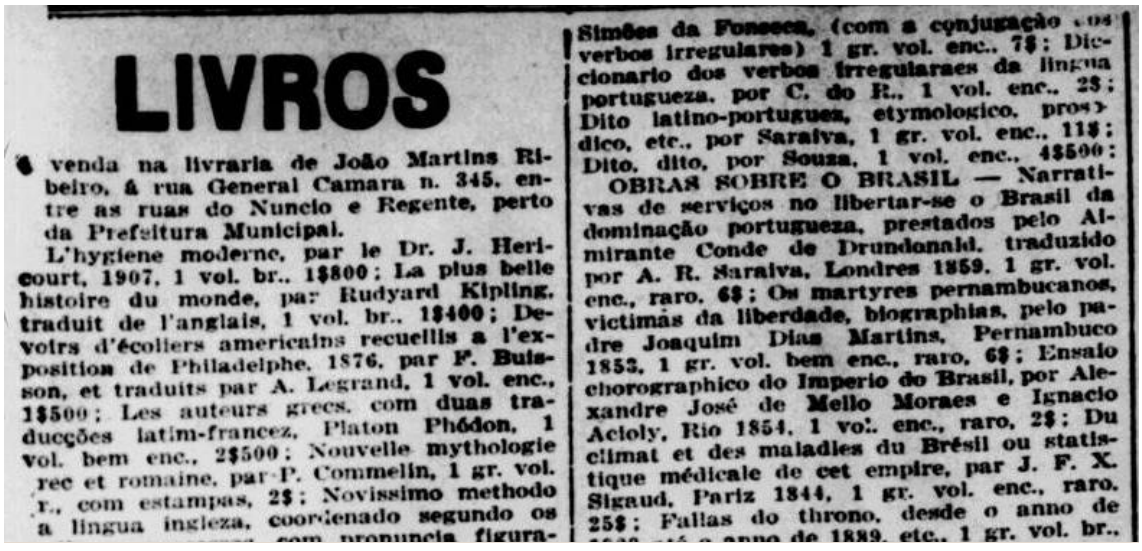
E tomou a palavra, com grande gaudio dos assistentes numerosos que alli se achavam:

— Esfregue, dr. a****,no Padre Antonio Vieira; esfregue-a bem.

E o auditorio malicioso prorompeu n' uma gargalhada summamente gostosa

G. JUNIÔR

O Monitor (AL) - Ano 1909\Edição 00026 (1)

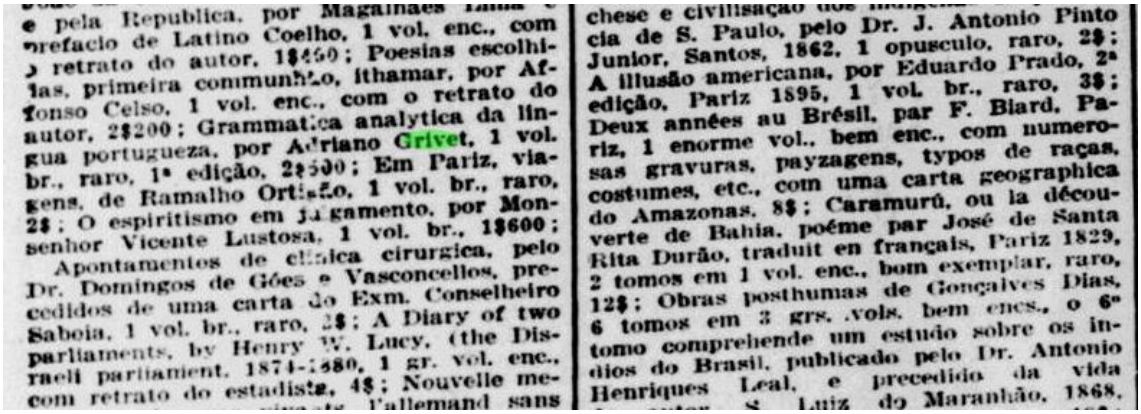


LIVROS

Á venda na livraria de João Martins Ribeiro, á rua General Camara n. 345, entre as ruas do Nuncio e Regente, perto da Prefeitura Municipal.

L'hygiene moderne, par le Dr. J. Hericourt, 1907, 1 vol. br.. 1$800; La plus belle histoire du monde, par Rudyard Kipling, traduit de l'anglais, 1 vol. br.. 1$400; Devoirs d'écoliers americains recuellis a l'exposition de Philadelphe, 1876, par F. Buisson, et traduits par A. Legrand, 1 vol. enc., 1$500; Les auteurs grecs, com duas traducções latim-francez, Platon Phédon, 1 vol. bem enc., 2$500; Nouvelle mythologie rec et romaine, par P. Commelin, 1 gr. vol. r., com estampas, 2$; Novissimo methodo a lingua ingleza, coordenado segundo os com pronuncia figura-

Simões da Fonseca, (com a conjugação dos verbos irregulares) 1 gr. vol. enc., 7$; Diccionario dos verbos irregulares da lingua portugueza, por C. do R., 1 vol. enc., 2$; Dito latino-portuguez, etymologico, prosodico, etc., por Saraiva, 1 gr. vol. enc., 11$; Dito, dito, por Souza, 1 vol. enc., 4$500; OBRAS SOBRE O BRASIL — Narrativas de serviços no libertar-se o Brasil da dominação portugueza, prestados pelo Almirante Conde de Drundonald, traduzido por A. R. Saraiva, Londres 1859, 1 gr. vol. enc., raro, 6$; Os martyres pernambucanos, victimas da liberdade, biographias, pelo padre Joaquim Dias Martins, Pernambuco 1853, 1 gr. vol. bem enc., raro, 6$; Ensaio chorographico do Imperio do Brasil, por Alexandre José de Mello Moraes e Ignacio Acioly, Rio 1854, 1 vol. enc., raro, 2$; Du climat et des maladies du Brésil ou statistique médicale de cet empire, par J. F. X. Sigaud, Pariz 1844, 1 gr. vol. enc., raro, 25$; Fallas do throno, desde o anno de 1889, etc., 1 gr. vol. br.,



e pela Republica, por Magalhães Lima e prefacio de Latino Coelho, 1 vol. enc., com o retrato do autor, 1$460; Poesias escolhidas, primeira communhão, Ithamar, por Affonso Celso, 1 vol. enc., com o retrato do autor, 2$200; Grammatica analytica da lingua portugueza, por Adriano Grivet, 1 vol. br., raro, 1ª edição, 2$500; Em Pariz, viagens, de Ramalho Ortigão, 1 vol. br., raro, 2$; O espiritismo em julgamento, por Monsenhor Vicente Lustosa, 1 vol. br., 1$600; Apontamentos de clinica cirurgica, pelo Dr. Domingos de Góes e Vasconcellos, precedidos de uma carta do Exm. Conselheiro Saboia, 1 vol. br., raro, 3$; A Diary of two parliaments, by Henry W. Lucy, (the Disraeli parliament, 1874-1880, 1 gr. vol. enc., com retrato do estadista, 4$; Nouvelle me-

chese e civilisação [illegible]
cia de S. Paulo, pelo Dr. J. Antonio Pinto Junior, Santos, 1862, 1 opusculo, raro, 2$; A illusão americana, por Eduardo Prado, 2ª edição, Pariz 1895, 1 vol. br., raro, 3$; Deux années au Brésil, par F. Biard, Pariz, 1 enorme vol., bem enc., com numerosas gravuras, payzagens, typos de raças, costumes, etc., com uma carta geographica do Amazonas, 8$; Caramurú, ou la découverte de Bahia, poéme par José de Santa Rita Durão, traduit en français, Pariz 1829, 2 tomos em 1 vol. enc., bom exemplar, raro, 12$; Obras posthumas de Gonçalves Dias, 6 tomos em 3 grs. vols. bem encs., o 6º tomo comprehende um estudo sobre os indios do Brasil, publicado pelo Dr. Antonio Henriques Leal, e precedido da vida [illegible] S. Luiz do Maranhão, 1868,

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1910\Edição 00296 (1)

LEILÃO
DE
LIVROS

importante bibliotheca sobre linguistica, litteratura, Historia Universal, Historia Sagrada Historia do razil, Historia Natural, Religião, Poesia, Philosophia, Direito, dos melhores autores, como Descartes, Augusto Comte, Oliveira Martins, Alexandre Herculano, Garrett, Soutarey, Dante, Cesar Cantu, Henri Martin, Ablée, Brispat, Lamartine, Chateaubriand, Magalhães, Felisbello Freire, J. Verne, Odorico

[illegible], "L'acoustique"; "Guillaume, "Les entrailles de la terre".
50. 4 vols. Martini, "Sacra Bibbia" (raro).
51. 6 vols. "Diccionario universal portuguez illustrado.
52. 3 vols. Chernoviz, "Diccionario de medicina popular".
53. 10 vols. Harwood, "Naval courts-martial"; Lowndes, "Admiralty law of collision at sea" e outros.
54. 3 vols. Oliverio, "Militar arreglmentado"
55. 12 vols. Le Bas, "Histoire romaine"; Foderé, "Pauvreté des nations"; Dantas, "Syntaxe" e outros.
56. 4 vols. "Consultas do Conselho d'Estado".
57. 3 vols. Dumas, "Mohicanos de Paris".
58. 47 vols. "Ordens do dia do Exercito brasileiro de 1857 a 1904".
59. 1 lote de brochuras, romances.
60. 6 vols. Camillo, "Vingança"; Idem, "Brasileira de Prazins"; Carrilho, "Cavalheiros do amor", "Minas Geraes" e outros.
61. 3 vols. Grivet, "Grammatica portugueza" (raro), e outros.
62. 6 vols. Bulwer, "La France sociale.

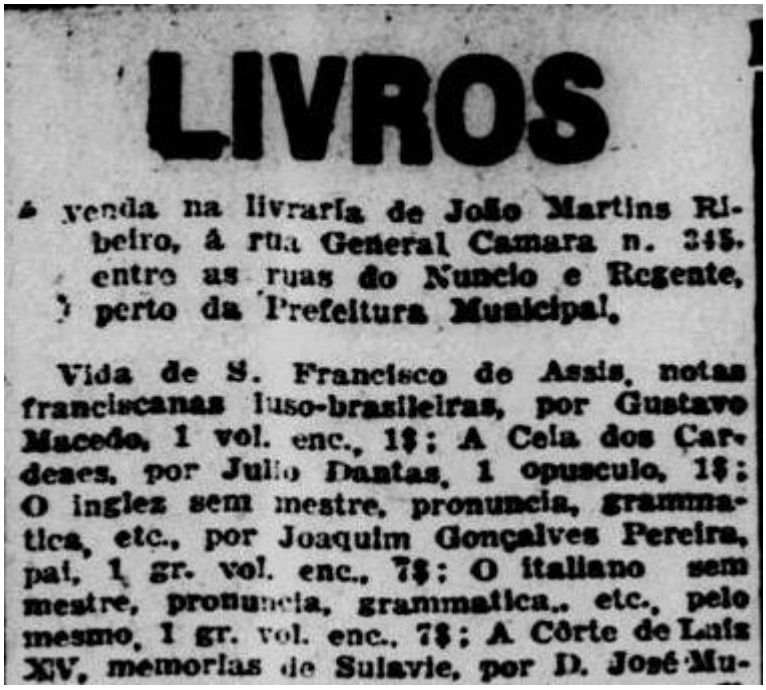
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1911\Edição 00351 (1)

AMANHÃ

Sob o titulo *Questões Grammaticaes*, o Sr. Affonso Costa publicou um interessante livro de 251 paginas, cujas conclusões assentam sempre na valiosa opinião de reputados grammaticos, como Jæoni, Julio Ribeiro, Grivet e Pacheco, não se esquecendo o autor do conceito de Latino Coelho, de que, com a frequencia do poetar e do dizer, vae o uso, o artifice engenhoso das linguas, affeiçoando, polindo, amaciando e enriquecendo a nativa maneira de fallar.

A producção do Sr. Affonso Costa é um livro apreciavel, digno de leitura.

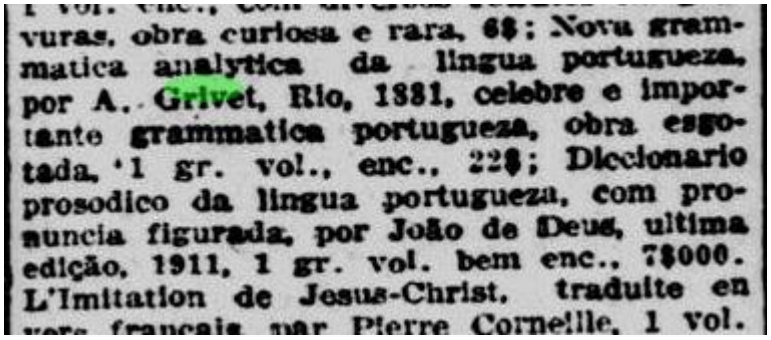
Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1911\Edição 00180 (1)



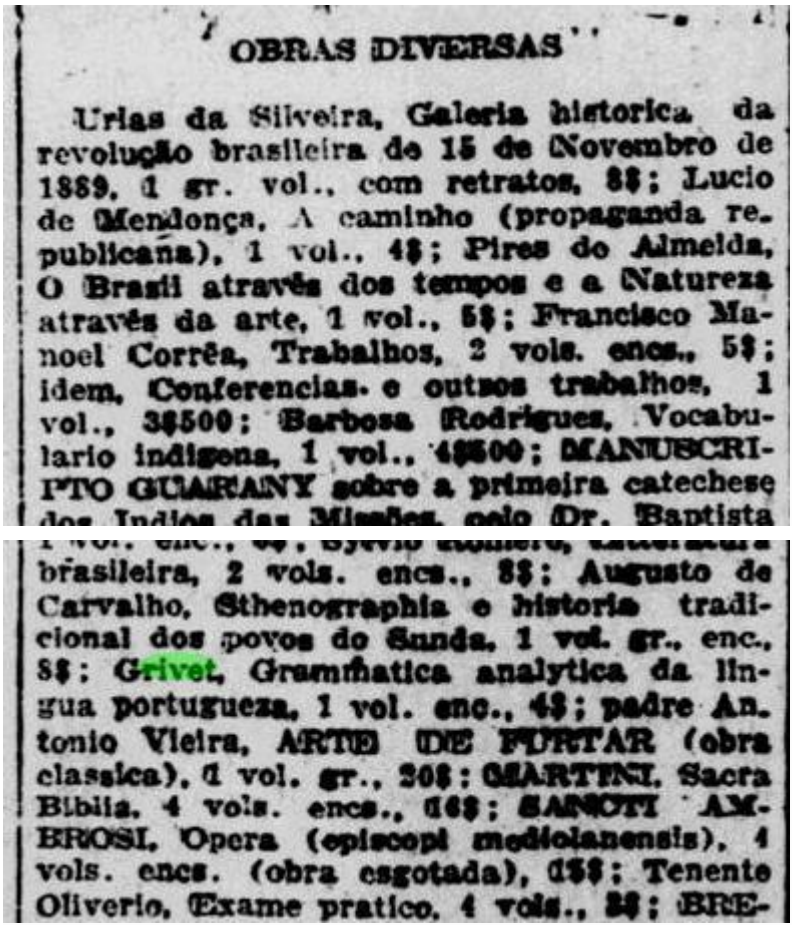
LIVROS

A venda na livraria de João Martins Ribeiro, á rua General Camara n. 345, entre as ruas do Nuncio e Regente, perto da Prefeitura Municipal.

Vida de S. Francisco de Assis, notas franciscanas luso-brasileiras, por Gustavo Macedo, 1 vol. enc., 1$; A Cela dos Cardeaes, por Julio Dantas, 1 opusculo, 1$; O inglez sem mestre, pronuncia, grammatica, etc., por Joaquim Gonçalves Pereira, pai, 1 gr. vol. enc., 7$; O italiano sem mestre, pronuncia, grammatica, etc., pelo mesmo, 1 gr. vol. enc., 7$; A Côrte de Luiz XV, memorias de Sulavie, por D. José Mu-


vuras, obra curiosa e rara, 6$; Nova grammatica analytica da lingua portugueza, por A. Grivet, Rio, 1881, celebre e importante grammatica portugueza, obra esgotada, 1 gr. vol., enc., 22$; Diccionario prosodico da lingua portugueza, com pronuncia figurada, por João de Deus, ultima edição, 1911, 1 gr. vol. bem enc., 7$000. L'Imitation de Jesus-Christ, traduite en vers français par Pierre Corneille, 1 vol.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1912\Edição 00322 (1)

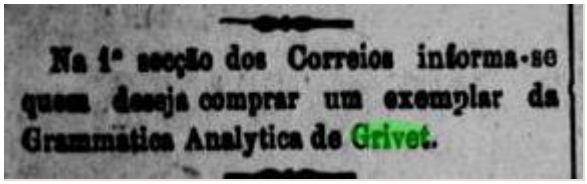


OBRAS DIVERSAS

Urias da Silveira, Galeria historica da revolução brasileira de 15 de Novembro de 1889, 1 gr. vol., com retratos, 8$; Lucio de Mendonça, A caminho (propaganda republicana), 1 vol., 4$; Pires do Almeida, O Brasil através dos tempos e a Natureza através da arte, 1 vol., 5$; Francisco Manoel Corrêa, Trabalhos, 2 vols. encs., 5$; idem, Conferencias e outros trabalhos, 1 vol., 3$500; Barbosa Rodrigues, Vocabulario indigena, 1 vol., 4$500; MANUSCRIPTO GUARANY sobre a primeira catechese dos Indios das Missões, pelo Dr. Baptista

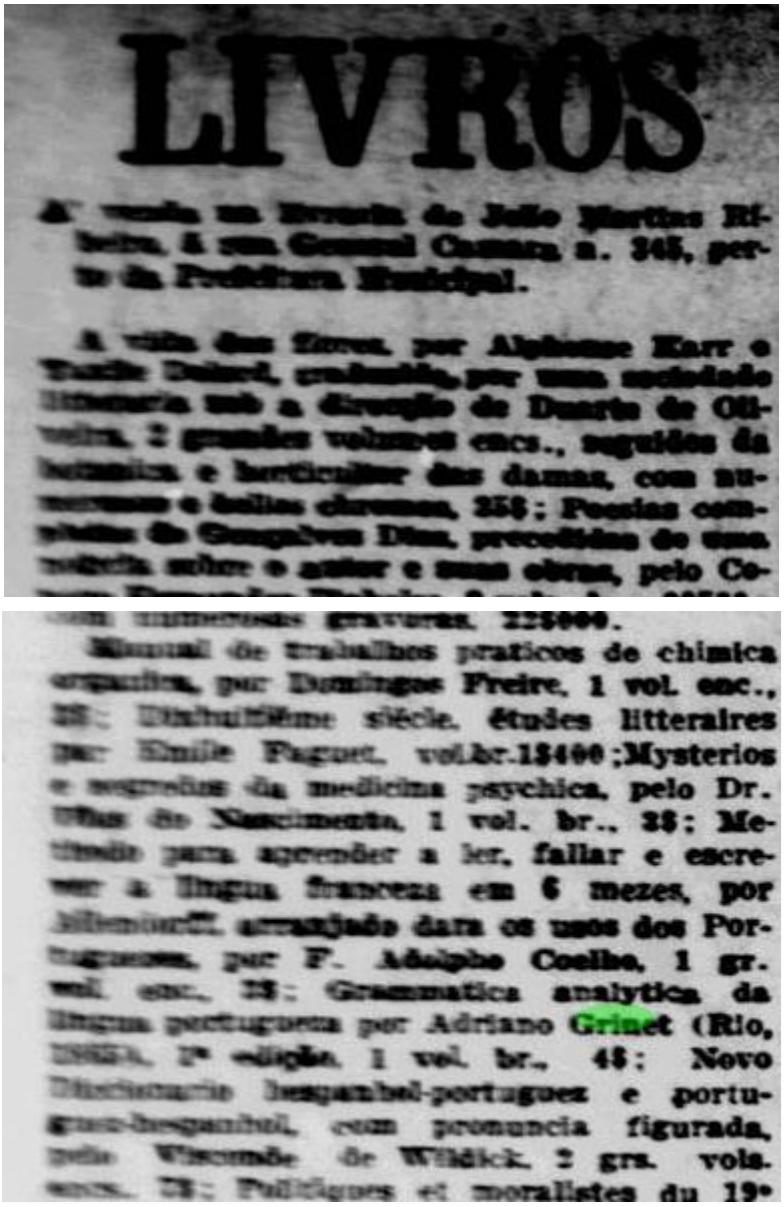
brasileira, 2 vols. encs., 8$; Augusto de Carvalho, Sthenographia e historia tradicional dos povos do Sunda, 1 vol. gr., enc., 8$; Grivet, Grammatica analytica da lingua portugueza, 1 vol. enc., 4$; padre Antonio Vieira, ARTE DE FURTAR (obra classica), 1 vol. gr., 20$; MARTINI, Sacra Biblia, 4 vols. encs., 16$; SANCTI AMBROSI, Opera (episcopi mediolanensis), 4 vols. encs. (obra esgotada), 15$; Tenente Oliverio, Exame pratico, 4 vols., 8$; BRE-

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1912\Edição 00336 (1)



Na 1ª secção dos Correios informa-se quem deseja comprar um exemplar da Grammatica Analytica de Grivet.

Estado do Pará: Propriedade de uma Associação Anonyma (PA) - Ano 1913\Edição 00918 (1)



LIVROS

A venda na livraria de João Martins Ribeiro, á rua General Camara n. 345, perto da Prefeitura Municipal.

A vida das flores, por Alphonse Karr e Emile Deleri, traduzida por uma sociedade litteraria sob a direcção de Duarte de Oliveira, 2 grandes volumes encs., seguidos da botanica e horticultura das damas, com numerosas e boas chromos, 25$; Poesias completas de Gonçalves Dias, precedidas de uma noticia sobre o autor e suas obras, pelo Co-

com numerosas gravuras, 22$000.

Manual de trabalhos praticos de chimica organica, por Domingos Freire, 1 vol. enc., 3$; Dix-huitième siècle, études litteraires par Emile Faguet, vol. br. 1$400; Mysterios e segredos da medicina psychica, pelo Dr. Vilas do Nascimento, 1 vol. br., 2$; Methodo para aprender a ler, fallar e escrever a lingua franceza em 6 mezes, por Ollendorff, arranjado para os usos dos Portuguezes, por F. Adolpho Coelho, 1 gr. vol. enc., 2$; Grammatica analytica da lingua portugueza por Adriano Grinet (Rio, [illegible], 2ª edição, 1 vol. br., 4$; Novo Diccionario hespanhol-portuguez e portuguez-hespanhol, com pronuncia figurada, pelo Visconde de Wildick, 2 grs. vols. encs., 3$; Publicistes et moralistes du 19e

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1914\Edição 00048 (1)

Lingua portugueza

Faz 10 anos que meu pai morreu ou fazem 10 anos que meu pai morreu ?

João Lisbôa empregava o verbo fazer, nesta acepção, uniformemente no plural, quando o nome seguinte era desse numero, como se vê dos dois seguintes exemplos: "A propagação politica, não ha nega-lo, afrouxa e quebra visivelmente do seu antigo ardor; mas ainda não *fazem quatro anos* que a guerra civil assolou um dos pontos mais importantes do imperio, acompanhada e seguida de repressão."

"Foi começado no dia 2 de fevereiro de 1878, fazem agora justamente dez anos, e entretanto a sua extensão total é de duas milhas, pouco mais, talvez pouco menos, porque não temos presente o plano da obra, mas a diferença será em todo caso pequena."

O dr. Ernesto Carneiro considera o emprego do verbo fazer neste caso, no plural, um solicismo, e J. A. Passos no seu dicionario gramatical dá como frazes equivalentes— ha anos, faz anos.

O padre Antonio Vieira, o grande talvez o maior mestre da lingua, sempre empregou neste caso o verbo no singular, como se vê dos seguintes exemplos colhidos dos seus sermões:

"Viute e sete dias faz hoje que com solenidade universal celebrou a igreja catolica a festa de Santa Cruz".

"Hoje faz 400 anos, quando vivo, nem então haviam de ser maravilhas."

Na questão faz—fazem—que ha tempos andou pelo nosso jornalismo o sr. Luiz Carlos Pereira de Castro e Bethencourt, pai, opinaram pelo emprego do verbo no singular.

Diverjiam, porém, quanto á analise.

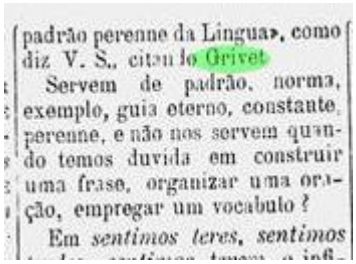
O primeiro dava como sujeito a oração—que meu pai morreu—como se dissessemos—A morte de meu faz 10 anos; o segundo dava o verbo sem sujeito.

E' a eterna questão da analise de *ha homens* que uns interpretam—O mundo tem homens, outros—Existem homens.

Eu adoto a opinião desta oração (faz 10 anos) sem sujeito, aplicando a hipotese a opinião de Grivet de acordo com o que assim prescreve na sua gramatica analitica:

"Tres somente são as hipotezes, que, como facil é verifica-lo, ressumbram das mais minuciosas indagações analiticas: 1' ou o autor é denunciado pelo sujeito: Deus fez o mundo; 2' ou é denunciado pelo complemento: o mundo foi feito por Deus; 3' ou não é denunciado por nada: Faz escuro.

José Augusto Corrêa.

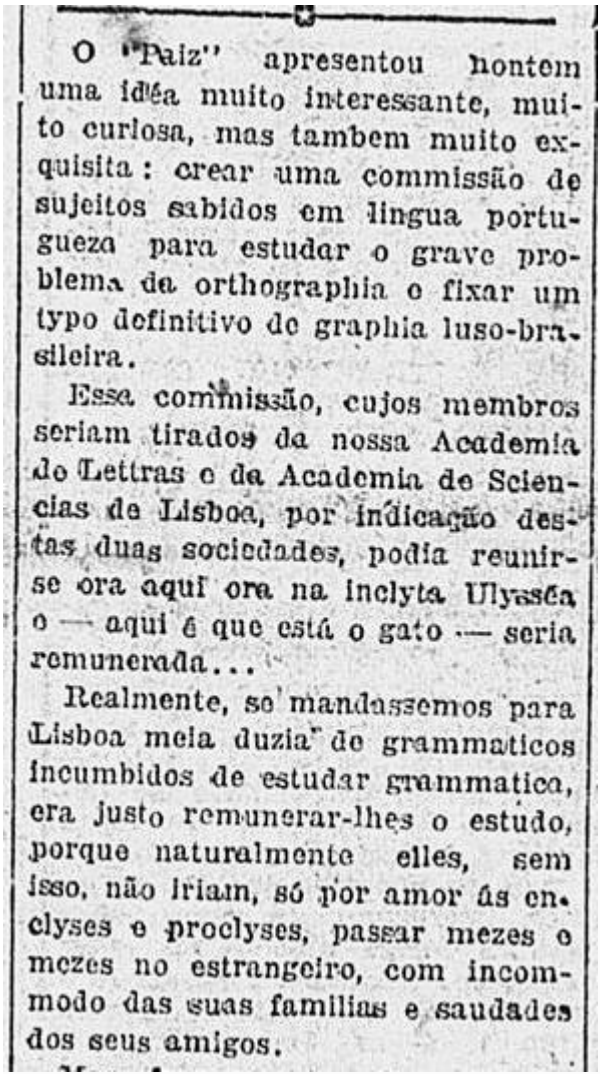

padrão perenne da Lingua», como diz V. S., citando Grivet.

Servem de padrão, norma, exemplo, guia eterno, constante, perenne, e não nos servem quando temos duvida em construir uma frase, organizar uma oração, empregar um vocabulo?

Em *sentimos teres, sentimos*

Diario do Povo: Orgão do Partido Republicano Conservador (AL) - Ano 1916\Edição 00351

(1)


O "Paiz" apresentou hontem uma idéa muito interessante, muito curiosa, mas tambem muito exquisita: crear uma commissão de sujeitos sabidos em lingua portugueza para estudar o grave problema da orthographia e fixar um typo definitivo de graphia luso-brasileira.

Essa commissão, cujos membros seriam tirados da nossa Academia de Lettras e da Academia de Sciencias de Lisboa, por indicação destas duas sociedades, podia reunir-se ora aqui ora na inclyta Ulyssêa e — aqui é que está o gato — seria remunerada...

Realmente, se mandassemos para Lisboa meia duzia de grammaticos incumbidos de estudar grammatica, era justo remunerar-lhes o estudo, porque naturalmente elles, sem isso, não iriam, só por amor ás enclyses e proclyses, passar mezes e mezes no estrangeiro, com incommodo das suas familias e saudades dos seus amigos.

dos seus amigos.

Mas, francamente, haverá tão grave necessidade de gastar dinheiro com uma commissão de grammaticos num tempo em que se cuida de augmentar impostos e demittir em massa o funccionalismo? De mais a mais, não nos esqueçamos do seguinte: se até agora ha por ahi uma porção de cavalheiros que estudam grammatica e até brigam por causa da collocação dos pronomes, é porque não têm obrigação nem de estudar nem de brigar; e mais, carecem de estudar para viver; mas no dia em que o Estado garantir a esses pittorescos casmurros que são os grammaticos uma pensão certa para elles fixarem as regras de bem escrever a nossa lingua, nunca mais elles abrirão o Bluteau, nem o Brachet, nem o Grivet, nem o Bréal. No dia em que elles tiverem vencimentos para estudar só cuidarão de uma cousa: de obter um augmentosinho de vencimentos, vitaliciedade no cargo de grammaticos officiaes, com direito a aposentadoria, montepio, etc.

Depois, não é só isso. Sabido como é que os grammaticos nunca chegam a accordo — **grammatici certant** — essa commissão seria eterna. Podia até chamar-se: **Commissão Mixta, Movel e Permanente de Orthographia da Lingua Portugueza**: mixta, porque se compõe de academicos brasileiros e portuguezes; movel, porque se reune ora aqui ora em Lisboa; permanente, porque... Ora porque! Porque nunca o academico brasileiro o etymologico Osorio Duque Estrada entraria em accordo com o academico phonetico lusitano Candido Figueiredo. Mais ainda: a commissão de brasileiros academicos iria brigando desde aqui do nosso cáes Lauro Muller até o Terreiro do Paço; porque o sobredito Osorio Duque Estrada é etymologista, e o Sr. coronel de artilharia Medeiros e Albuquerque, tão academico como elle, é phonetista. O Sr. João Ribeiro adopta a graphia academica; ao passo que o Sr. Ruy Barbosa, presidente da Academia, não admitte essas tolas innovações e faz muito bem, porque conhece a lingua portugueza como o padre Vieira e traz todas as suas regras na ponta da lingua...

Por ahi vê o "Paiz" que a sua idéa nunca poderá ser posta em pratica, a não ser que se trate de uma cavação como outra qualquer e patrocinada pelo poder publico...

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1916\Edição 00311 (1)

A lingua portugueza

Fatos de linguajem

Primeiro

Vulgarmente se diz faz, traz, diz, no imperativo, por apocope, mas o rigor gramatical exijiria faze, traze, dize, porque o imperativo se fórma das segundas pessôas do presente do indicativo com a queda do s.

Segundo

Faze, traze, dize afirmativamente; não faças, não tragas, não digas negativamente; é erro vulgar não faz, não traz, não diz.

Terceiro

Alegoria é uma figura pela qual damos a entender uma coisa empregando palavras bem diversas; só um espirito esclarecido poderá compreende-la.

Nas duas estancias abaixo dá Camões a entender que vai ficando velho e que precisa da conspiração das ninfas para concluir o seu imortal poema:

Vão os anos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o enjenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me
[abono.
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono.
Mas, tu me dá que cumpra, ó gran
[rainha
Das musas, com o que quero á nação
[minha:

(*Camões*, 346).

Um ramo na mão tinha... Mas,ó cégo!
Eu que cometo insano e temerario
Sem vós,ninfas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo,longo e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar,com vento tão contrario,
Que,sinão me ajudais,hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

(Camões, 267).

Quarto

Todos os dois é construção franceza, o portuguez tem o adjetivo dual ambos, ambos de dois, como emprega Camões, constitue arcaismo.

Quinto

Muitas gramaticas modernas conjugam o imperativo com cinco variações: ama tu—ame ele—amemos nós—amai vós—amem eles—. Sendo assim, pode-se considerar como principal oração:

"Cessem do sabio grego e do troiano as navegações grandes",sendo inutil entender para principal eu digo ou mando, como faziam os antigos; além disto, segundo Grivet, o subjuntivo nestes casos é um imperativo disfarçado.

Sexto

Do preterito perfeito do indicativo se forma o mais que perfeito, do mesmo modo é o preterito imperfeito e futuro do subjuntivo; deste modo de pude se deriva pudera, pudesse, puder e não podera, podesse, poder.

José Augusto Corrêa.

Pacotilha (MA) - Ano 1916\Edição 00043 (1)

A lingua portugueza

Trechos extraidos dos sermões do padre Antonio Vieira:

Primeiro

Não obstante Candido Figueiredo entender que o gerundio não se pode empregar com função adjetiva, é do padre Antonio Vieira o seguinte exemplo em que claramente o gerundio *lutando* modifica *homem* com valor da clausula *que lutava*: "Um homem lutando com uma fera era o espetaculo dos cesares".

Ainda o grande escritor continuando diz: "Um homem lutando com a má fortuna, é o espetaculo de Deus"; claramente se percebe:—um homem que luta com a má fortuna, é o espetaculo de Deus.

Segundo

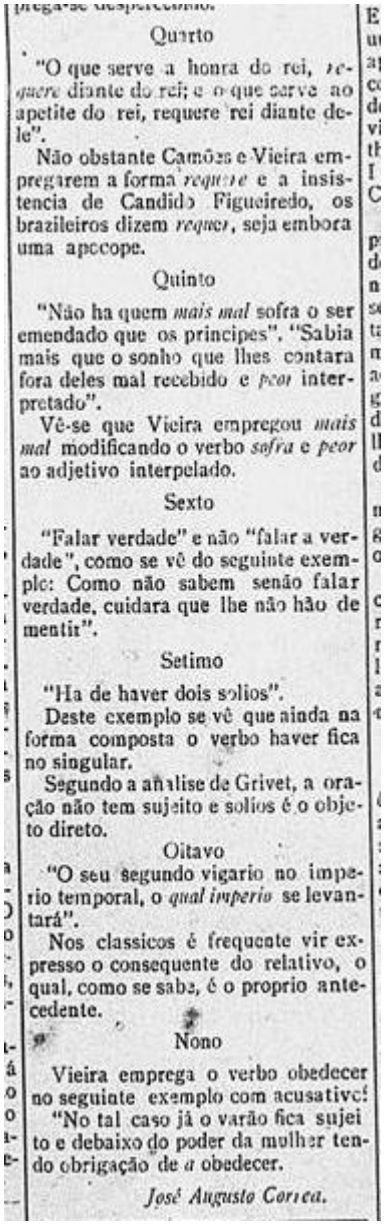
"Uma pouca de luz", e não "um pouco de luz", diz ele: "Deus vos déu uma pouca de luz".

Terceiro

"O exercito marchasse logo a Portugal, enquanto estava desapercebido".

Compreende-se que desapercebido é—não aparelhado, não preparado.

Querendo exprimir *não atento*, emprega-se despercebido.



Quarto

"O que serve a honra do rei, *requere* diante do rei; e o que serve ao apetite do rei, requere rei diante dele".

Não obstante Camões e Vieira empregarem a forma *requere* e a insistencia de Candido Figueiredo, os brazileiros dizem *requer*, seja embora uma apocope.

Quinto

"Não ha quem *mais mal* sofra o ser emendado que os principes". "Sabia mais que o sonho que lhes contara fora deles mal recebido e *peor* interpretado".

Vê-se que Vieira empregou *mais mal* modificando o verbo *sofra* e *peor* ao adjetivo interpelado.

Sexto

"Falar verdade" e não "falar a verdade", como se vê do seguinte exemplo: Como não sabem senão falar verdade, cuidara que lhe não hão de mentir".

Setimo

"Ha de haver dois solios".

Deste exemplo se vê que ainda na forma composta o verbo haver fica no singular.

Segundo a analise de Grivet, a oração não tem sujeito e solios é o objeto direto.

Oitavo

"O seu segundo vigario no imperio temporal, o *qual imperio* se levantará".

Nos classicos é frequente vir expresso o consequente do relativo, o qual, como se sabe, é o proprio antecedente.

Nono

Vieira emprega o verbo obedecer no seguinte exemplo com acusativo:

"No tal caso já o varão fica sujeito e debaixo do poder da mulher tendo obrigação de *a* obedecer.

José Augusto Correa.

Pacotilha (MA) - Ano 1916\Edição 00086 (1)

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1916\Edição 00311 (1)

Grammatica Analytica
Grivet

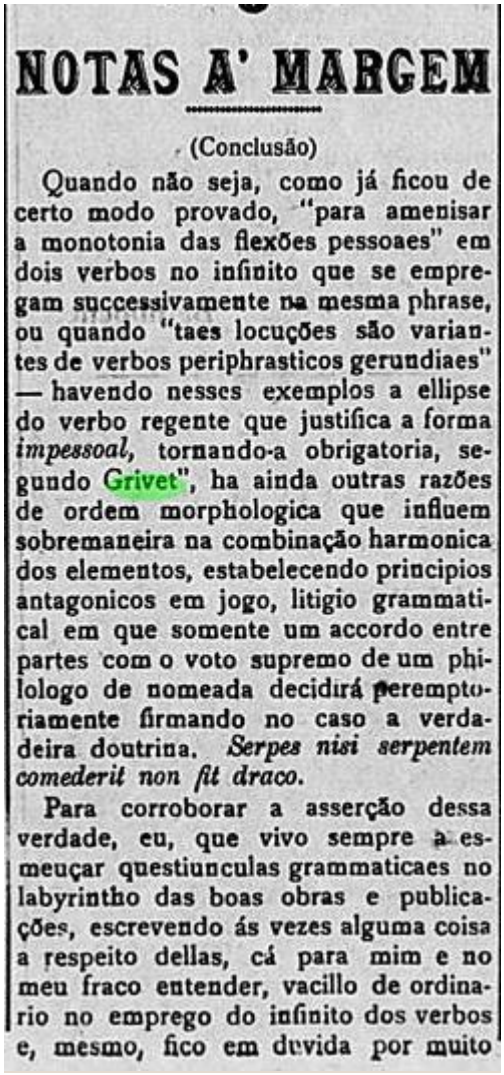
Compra-se uma, propostas a Nascimento; no escriptorio deste jornal. (A. 2.204

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1916\Edição 00312 (1)

Grammatica Analytica
Grivet

A pessoa que escreveu possuir aquelle livro, queira obsequiosamente, mandar o endereço, afim de ser procurada. Nascimento.
(B. 5.892

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1916\Edição 00317 (1)



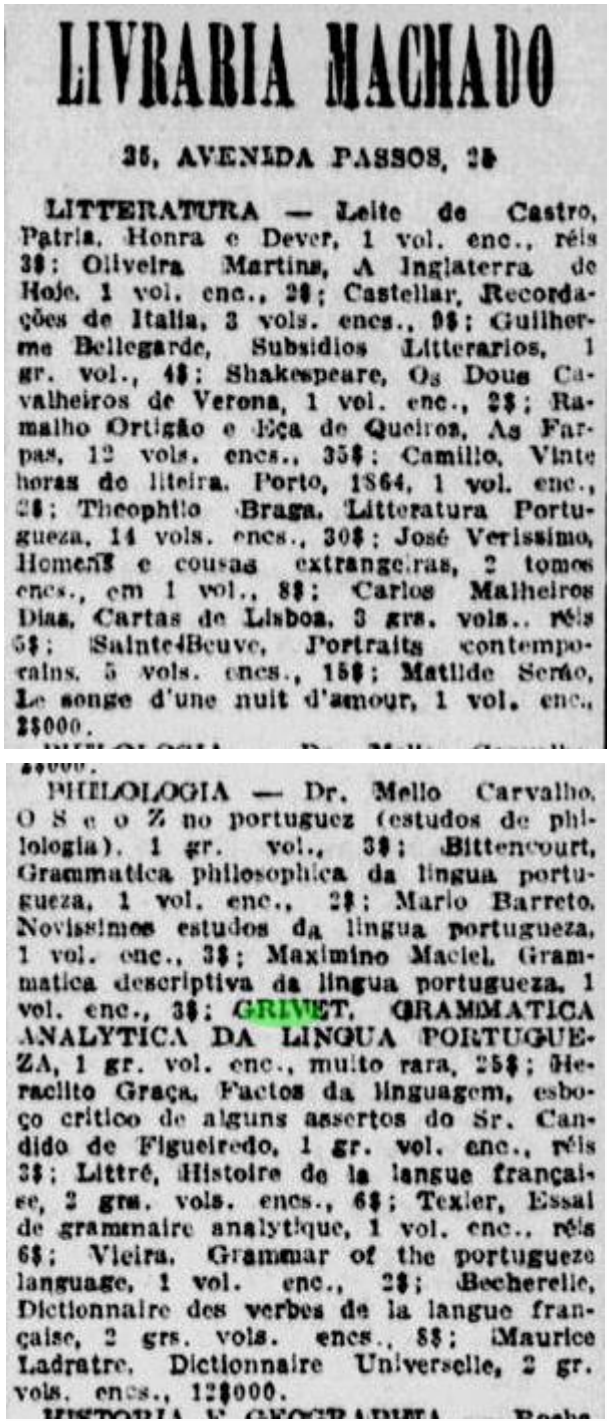
NOTAS A' MARGEM

(Conclusão)

Quando não seja, como já ficou de certo modo provado, "para amenisar a monotonia das flexões pessoaes" em dois verbos no infinito que se empregam successivamente na mesma phrase, ou quando "taes locuções são variantes de verbos periphrasticos gerundiaes" — havendo nesses exemplos a ellipse do verbo regente que justifica a forma *impessoal*, tornando-a obrigatoria, segundo Grivet", ha ainda outras razões de ordem morphologica que influem sobremaneira na combinação harmonica dos elementos, estabelecendo principios antagonicos em jogo, litigio grammatical em que somente um accordo entre partes com o voto supremo de um philologo de nomeada decidirá peremptoriamente firmando no caso a verdadeira doutrina. *Serpes nisi serpentem comederit non fit draco.*

Para corroborar a asserção dessa verdade, eu, que vivo sempre a esmeuçar questiunculas grammaticaes no labyrintho das boas obras e publicações, escrevendo ás vezes alguma coisa a respeito dellas, cá para mim e no meu fraco entender, vacillo de ordinario no emprego do infinito dos verbos e, mesmo, fico em duvida por muito

Gazeta do Commercio (SC) - Ano 1917\Edição 00037 (1)



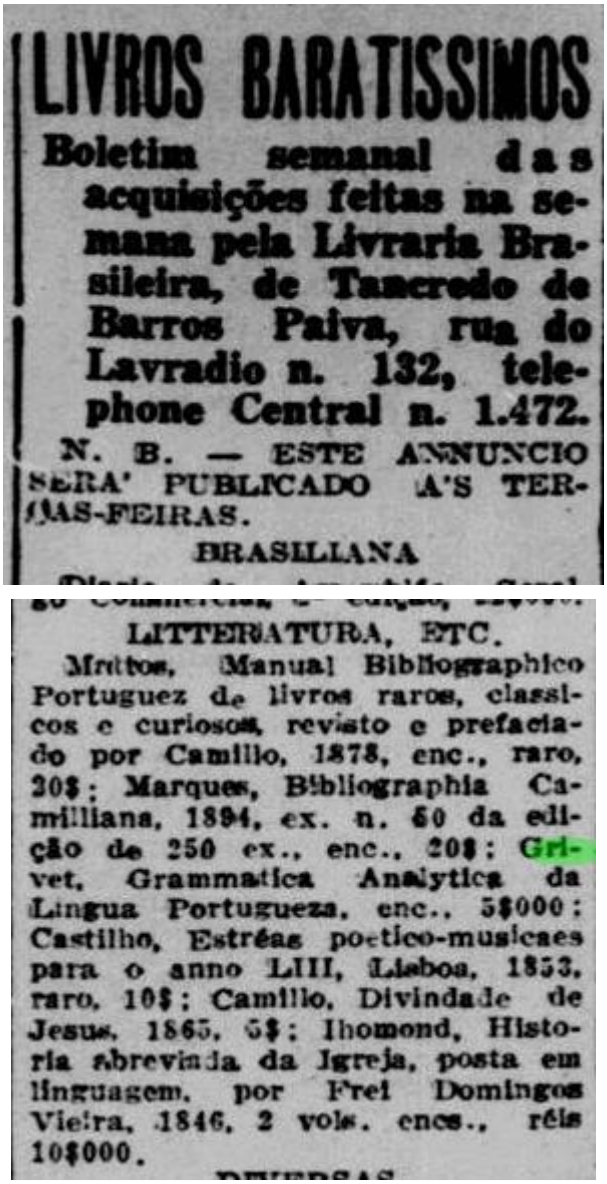
LIVRARIA MACHADO

35, AVENIDA PASSOS, 35

LITTERATURA — Leite de Castro, Patria, Honra e Dever, 1 vol. enc., réis 3$; Oliveira Martins, A Inglaterra de Hoje, 1 vol. enc., 2$; Castellar, Recordações de Italia, 3 vols. encs., 9$; Guilherme Bellegarde, Subsidios Litterarios, 1 gr. vol., 4$; Shakespeare, Os Dous Cavalheiros de Verona, 1 vol. enc., 2$; Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, As Farpas, 12 vols. encs., 35$; Camillo, Vinte horas de liteira. Porto, 1864, 1 vol. enc., 2$; Theophilo Braga, Litteratura Portugueza, 14 vols. encs., 30$; José Verissimo, Homens e cousas extrangeiras, 2 tomos encs., em 1 vol., 8$; Carlos Malheiros Dias, Cartas de Lisboa, 3 grs. vols., réis 5$; Sainte-Beuve, Portraits contemporains, 5 vols. encs., 15$; Matilde Serão, Le songe d'une nuit d'amour, 1 vol. enc., 2$000.

PHILOLOGIA — Dr. Mello Carvalho, O S e o Z no portuguez (estudos de philologia), 1 gr. vol., 3$; Bittencourt, Grammatica philosophica da lingua portugueza, 1 vol. enc., 2$; Mario Barreto, Novissimos estudos da lingua portugueza, 1 vol. enc., 3$; Maximino Maciel, Grammatica descriptiva da lingua portugueza, 1 vol. enc., 3$; GRIVET, GRAMMATICA ANALYTICA DA LINGUA PORTUGUEZA, 1 gr. vol. enc., muito rara, 25$; Heraclito Graça, Factos da linguagem, esboço critico de alguns assertos do Sr. Candido de Figueiredo, 1 gr. vol. enc., réis 3$; Littré, Histoire de la langue française, 2 grs. vols. encs., 6$; Texier, Essai de grammaire analytique, 1 vol. enc., réis 6$; Vieira, Grammar of the portugueze language, 1 vol. enc., 2$; Becherelle, Dictionnaire des verbes de la langue française, 2 grs. vols. encs., 8$; Maurice Ladratre, Dictionnaire Universelle, 2 gr. vols. encs., 12$000.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1917\Edição 00035 (1)



LIVROS BARATISSIMOS

Boletim semanal das acquisições feitas na semana pela Livraria Brasileira, de Tancredo de Barros Paiva, rua do Lavradio n. 132, telephone Central n. 1.472.

N. B. — ESTE ANNUNCIO SERA' PUBLICADO A'S TERÇAS-FEIRAS.

BRASILIANA

LITTERATURA, ETC.

Mattos, Manual Bibliographico Portuguez de livros raros, classicos e curiosos, revisto e prefaciado por Camillo, 1878, enc., raro, 20$; Marques, Bibliographia Camilliana, 1894, ex. n. 50 da edição de 250 ex., enc., 20$; Grivet, Grammatica Analytica da Lingua Portugueza, enc., 5$000; Castilho, Estréas poetico-musicaes para o anno LIII, Lisboa, 1853, raro, 10$; Camillo, Divindade de Jesus, 1865, 5$; Ihomond, Historia abrevinda da Igreja, posta em linguagem, por Frei Domingos Vieira, 1846, 2 vols. encs., réis 10$000.

DIVERSAS

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1917\Edição 00148 (1)

ta que se lhe haja afigurado. *Insignissima honra!* Mas então, não percebeu v., Osorio Duque Estrada, que isso é uma tolice de marca maior? E os seus ouvidos de bardo e de critico nem de leve se incommodaram com aquella *má honra* que reméda um urro, tremenda assonancia que só entre irracionaes ou selvagens poderia ser ouvida sem horror? Imagino o effeito que isso não produziu naquella assembléa presidida pelo sr. Ruy Barbosa, talvez, no presente, o mais perfeito phraseador da lingua portugueza!

Alem disso, Duque Estrada, o vocabulo *insigne* é daquelles a que naturalmente repugna o superlativo synthetico. Está rigorosamente no caso dos a que se refere o sapiente Grivet nas seguintes palavras que se encontram á pag. 146 da *Grammatica Analytica*:

"A mesma pratica dá igualmente a conhecer que um numero assaz avultado de adjecti-

prada? Que cousa é a prosperidade humana, *senão* um vento que corre todos os rumos? Finalmente, que cousa é a mesma vida, *senão* uma alampada accesa? (*Apud* Grivet: *Gramm. Analytica*, pag. 207).

Logo a seguir, ao longo da pag. 56, caem-lhe da penna os seguintes despropositos: tem sido essa *a pauta e a norma* do passado;—em pouquissima *conta tenho*;—em toda uma obra immensa, de cerca de sessenta volumes, e através da qual se patenteia a personalidade de um extraordinario polygrapho, que foi ao mesmo tempo critico, philosopho, orador, polemista, ethnologo, historiador, jurista, poeta, professor, sociologo e *pamphletista*, *ha*, evidentemente, a par de grandes lacunas e defeitos, que lhe desprimoram a belleza, outros tantos *predicados e qualidades* que bastam para tornar a memoria do publicista benemerita *não só dos louvores, como até mesmo da gratidão e dos applausos* da pos-

Pacotilha (MA) - Ano 1917\Edição 00151 (1)

A. Freire da Silva

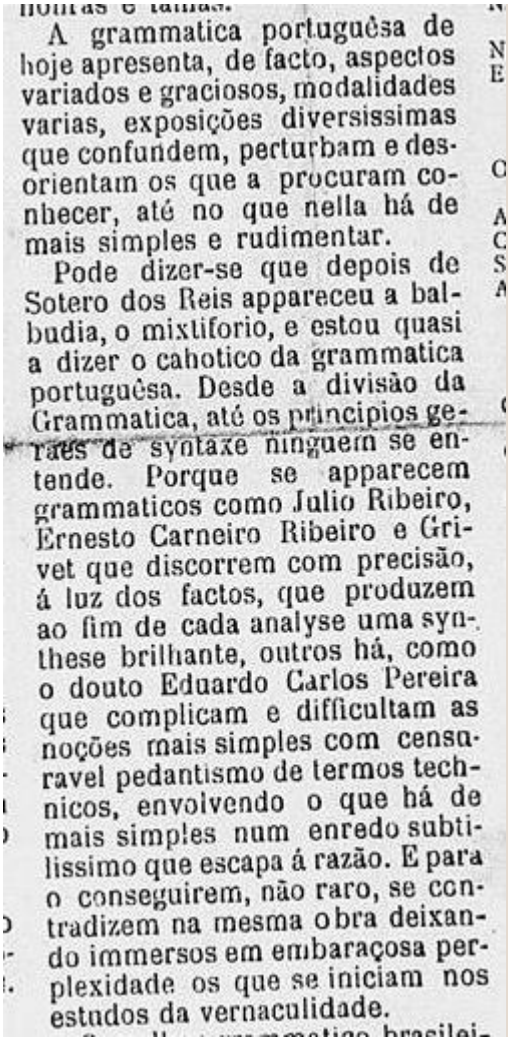
Há poucos dias o telegrafo communicou ao país o fallecimento de Augusto Freire da Silva, professor do Gymnasio de S. Paulo.

Notavel professor, deixa uma obra de valor, que é a sua *Grammatica Portuguêsa*.

Entre tantas que se recommendam á leitura dos estudiosos a de Augusto Freire tem collocaçao distinta.

E' um compendio escripto em linguagem clara, francamente comprehensivel, capaz de ser assimilado, sem auxilio de mestres. O grammatico expõe os factos com a nitidez propria dos que durante annos cuidam de assumptos grammaticaes, com a limpidez apreciavel dos que tem o habito de transmittir a discipulos o saber que longas vigilias accumularam, com a pratica segura que distingue os que no magisterio aos conhecimentos da materia alliam o preparo pedagogico.

Convem salientar estas qualidades da obra de Augusto Freire da Silva para que o seu merecimento não fique ao mesmo nivel em que se acham grammaticos modernos cobertos pela critica, de honras e famas.



nouras e tantas.

A grammatica portuguêsa de hoje apresenta, de facto, aspectos variados e graciosos, modalidades varias, exposições diversissimas que confundem, perturbam e desorientam os que a procuram conhecer, até no que nella há de mais simples e rudimentar.

Pode dizer-se que depois de Sotero dos Reis appareceu a balbudia, o mixtiforio, e estou quasi a dizer o cahotico da grammatica portuguêsa. Desde a divisão da Grammatica, até os principios geraes de syntaxe ninguem se entende. Porque se apparecem grammaticos como Julio Ribeiro, Ernesto Carneiro Ribeiro e Grivet que discorrem com precisão, á luz dos factos, que produzem ao fim de cada analyse uma synthese brilhante, outros há, como o douto Eduardo Carlos Pereira que complicam e difficultam as noções mais simples com censuravel pedantismo de termos technicos, envolvendo o que há de mais simples num enredo subtilissimo que escapa á razão. E para o conseguirem, não raro, se contradizem na mesma obra deixando immersos em embaraçosa perplexidade os que se iniciam nos estudos da vernaculidade.

estudos da vernaculidade.

O melhor grammatico brasileiro, na expressão respeitavel do sr. Candido de Figueiredo, é o sr. João Ribeiro, e eu não conheço livro mais incolor, mais fraco, mais destestavel para os cursos do que a sua grammatica do terceiro anno, apesar da reconhecida competencia do afamado philologo, muitas e muitas vézes provada em estudos valiosos esparsos em revistas, jornaes, e que se acham até na sua propria grammatica.

Falo da grammatica do sr. João Ribeiro para me abster de referenciar os outros.

Nota-se que quasi todos tem a preocupação de dizer novidades, em termos novos. E dahi a diversidade, e mais que isso o prejuizo irremediavel com que se sobrecarrega a mocidade.

Imaginem o alunno que na sua primaria estou na grammatica de Verissimo Vieira, ou Pires, ou Vilhena Alves, ou Menezes Vieira, mas imaginem tambem que esse aluno estudou bem, de accordo com os processos aferidos pela pedagogia moderna.

Candidata-se em seguida a um exame de admissão ao curso secundario. Ao que lhe disseram chamar-se *artigo*, denomina o seu examinador — adjectivo articular. [illegible] o que são palavras agudas, exdruxulas, [illegible] qualquer [illegible] ele [illegible] oxytono e proparoxytono. O que elle a chama de ver[illegible]

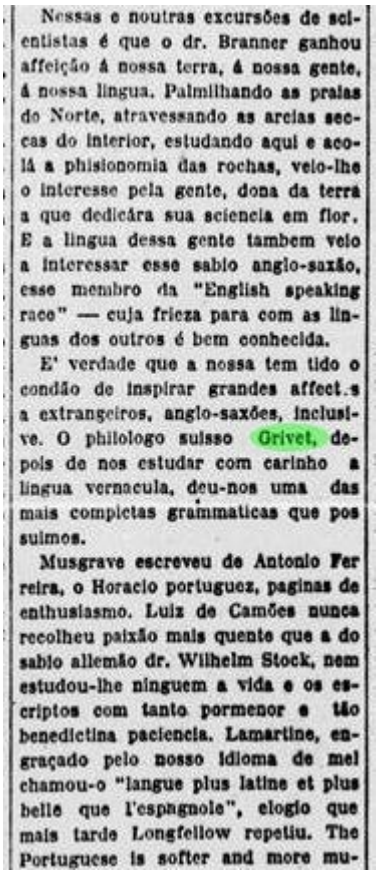
bo *bi-transitivo*, passa a ser *bi-objectivo*, ou de *predicação dupla*, etc. O verbo substantivo—*ser*, já é verbo de ligação.

O que o alumno aprendeu está nullo. Principia de novo. O alicerce que o curso primario lhe daria, talha completamente, pois com a technologia nova apparecem doutrinas novas.

Por tudo isto que ahi fica muito mais ainda que estas linhas ligeiras não comportam, eu não posso deixar de me referir com affecto ao compendio simples, facil e assimilavel desse grammatico de valor que acaba de desapparecer.

NASCIMENTO MORAES

O Jornal (MA) - Ano 1917\Edição 00705 (1)

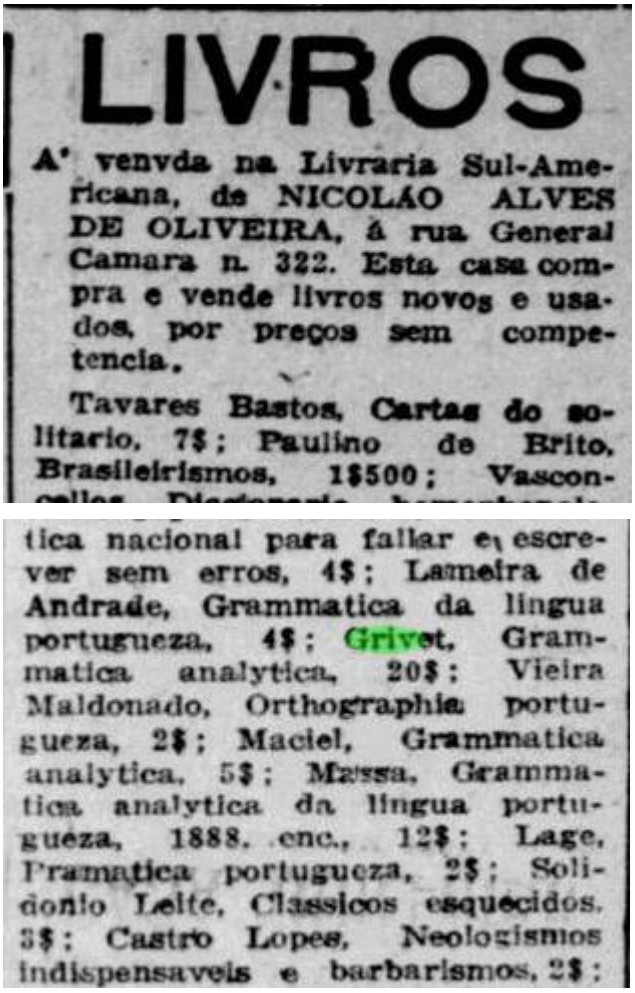


Nessas e noutras excursões de scientistas é que o dr. Branner ganhou affeição á nossa terra, á nossa gente, á nossa lingua. Palmilhando as praias do Norte, atravessando as arcias seccas do interior, estudando aqui e acolá a phisionomia das rochas, veio-lhe o interesse pela gente, dona da terra a que dedicára sua sciencia em flor. E a lingua dessa gente tambem veio a interessar esse sabio anglo-saxão, esse membro da "English speaking race" — cuja frieza para com as linguas dos outros é bem conhecida.

E' verdade que a nossa tem tido o condão de inspirar grandes affect.s a extrangeiros, anglo-saxões, inclusive. O philologo suisso Grivet, depois de nos estudar com carinho a lingua vernacula, deu-nos uma das mais completas grammaticas que possuimos.

Musgrave escreveu de Antonio Ferreira, o Horacio portuguez, paginas de enthusiasmo. Luiz de Camões nunca recolheu paixão mais quente que a do sabio allemão dr. Wilhelm Stock, nem estudou-lhe ninguem a vida e os escriptos com tanto pormenor e tão benedictina paciencia. Lamartine, engraçado pelo nosso idioma de mel chamou-o "langue plus latine et plus belle que l'espagnole", elogio que mais tarde Longfellow repetiu. The Portuguese is softer and more mu-

Diario de Pernambuco (PE) - Ano 1919\Edição 00303 (1)



LIVROS

A' venvda na Livraria Sul-Americana, de NICOLÁO ALVES DE OLIVEIRA, á rua General Camara n. 322. Esta casa compra e vende livros novos e usados, por preços sem competencia.

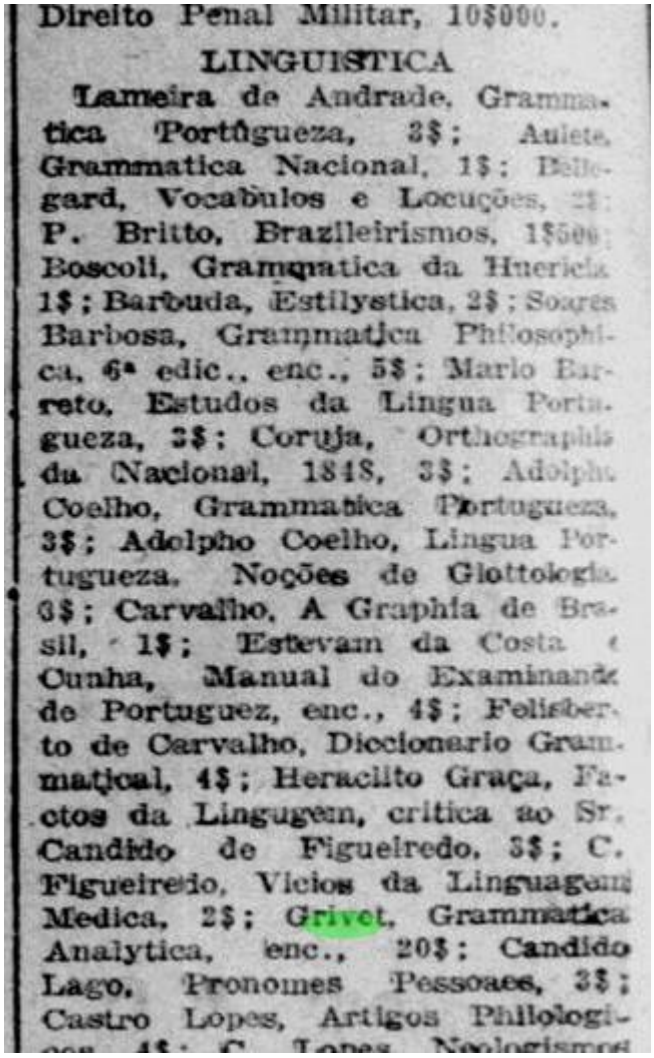
Tavares Bastos, Cartas do solitario, 7$; Paulino de Brito, Brasileirismos, 1$500; Vasconcellos, Diccionario [illegible]

tica nacional para fallar e escrever sem erros, 4$; Lameira de Andrade, Grammatica da lingua portugueza, 4$; Grivet, Grammatica analytica, 20$; Vieira Maldonado, Orthographia portugueza, 2$; Maciel, Grammatica analytica, 5$; Massa, Grammatica analytica da lingua portugueza, 1888, enc., 12$; Lage, Pramatica portugueza, 2$; Solidonio Leite, Classicos esquecidos, 3$; Castro Lopes, Neologismos indispensaveis e barbarismos, 2$;

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1919\Edição 00236 (1)

LIVROS

A' venda na Livraria Sul-Americana, de NICOLÁO ALVES DE OLIVEIRA, á rua General Camara n. 322. Esta casa compra e vende livros novos e usados, por preços sem competencia. Telephone 359, Norte.



Direito Penal Militar, 10$000.

LINGUISTICA

Lameira de Andrade, Grammatica Portugueza, 3$; Aulete, Grammatica Nacional, 1$; Bellegard, Vocabulos e Locuções, 2$; P. Britto, Brazileirismos, 1$500; Boscoli, Grammatica da Hueriela 1$; Barbuda, Estilystica, 2$; Soares Barbosa, Grammatica Philosophica, 6ª edic., enc., 5$; Mario Barreto, Estudos da Lingua Portugueza, 3$; Coruja, Orthographia da Nacional, 1848, 3$; Adolpho Coelho, Grammatica Portugueza, 3$; Adolpho Coelho, Lingua Portugueza, Noções de Glottologia, 3$; Carvalho, A Graphia de Brasil, 1$; Estevam da Costa e Cunha, Manual do Examinando de Portuguez, enc., 4$; Felisberto de Carvalho, Diccionario Grammatical, 4$; Heraclito Graça, Factos da Linguagem, critica ao Sr. Candido de Figueiredo, 3$; C. Figueiredo, Vicios da Linguagem Medica, 2$; Grivet, Grammatica Analytica, enc., 20$; Candido Lago, Pronomes Pessoaes, 3$; Castro Lopes, Artigos Philologi-

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1919\Edição 00273 (1)

Não pequeno será o desserviço trazido á lingua, se a nossa Academia de Letras persistir no intento de levar ao cabo um diccionario de brasileirismos, o qual de modo algum deve preceder ao diccionario de genuino vocabulario. *Brasileirismo,* como o está entendendo aquelle areópago de humanistas, e segundo tem tomado a si demonstrá-lo o provecto sr. **Solidonio Leite**, é synonimo de corruptela, e toda corruptela vocabular nunca deixou de ser escalracho da linguagem. Não continue a egregia corporação a gastar o tempo com essas cogitações. O que lhe cumpre fazer é organizar o nosso diccionario, haja o que houver, custe o que custar, porque é esse dos seus fins o que mais lhe justifica e abona a existencia.

Esse, sim, o mais assignalado serviço que prestará á nossa cultura literaria, de que depende o aperfeiçoamento da lingua.

Já lá vão mais de tres seculos que a lingua francesa se estorcia em peiores condições do que a nossa. Incumbida, porém, que foi, a Academia Francesa de elaborar o diccionario normal, que o governo adoptou, para logo, como faz sentir **Grivet**, sob o influxo dessa organização definitiva a que aliás adheriram patrioticamente as mais altas intelligencias, veiu o idioma daquella nação a assumir a imponente preponderancia que exerceu e ainda exerce no mundo das idéas. Disto se faz manifesto que a almejada fixação da materna lingua só se completará, como a da francesa e a do castelhano se completaram, quando tivermos uma academia que nos dote com um diccionario.

E por que não no fará a nossa, se o caminho lhe está traçado?

Tendo ella, como tem, no seu seio, entre autoridades varias, notaveis profissionaes do philologia, e todos dentro da ordem — **João Ribeiro, Laet, Silva Ramos** e **Alberto Faria** —, bastaria que estes se constituissem em commissão central da grande obra, e empreendessem a revisão e fusão dos diccionarios, desde o de **Moraes** até o de **Ramiz Galvão**, para o que á propria competencia deveriam juntar a collaboração dos mestres, que nenhum lh'a negaria. E dest'arte quando obra original e completa não realizasse, dar-nos-ia, ao cabo de algum tempo, uma edição consideravelmente melhorada e accrescida do melhor dos nossos diccionarios, na qual se procuraria pôr termo á anarchia orthographica, com o simplificar e uniformizar a escripta; se incluiriam os innumeraveis vocabulos que ali não figuram, procurando-se de todos dar a legitima etymologia; esclarecer-se-iam pontos duvidosos da prosodia, da syntaxe, da lexicologia, á luz dos textos dos grandes escriptores. Ser-lhe-ia ainda dado, se o entendesse, ouvir a sua co-irmã de Lisbôa.

Será porventura irrealizavel esse trabalho? Não. Por que foi possivel a **Moraes**, no retiro solitario da Moribeca, em Pernambuco, elaborar um diccionario (1) ao alvorecer do seculo passado, e não póde hoje a Academia de Letras

(1) Refiro-me á 2ª edição.

Brasileira, num centro, como este, onde nada lhe falta e tudo lhe sobra, empenhar-se na feitura desse livro?

A' cerca do nosso inolvidavel lexicographo, desfaçamos uma injustiça com que se lhe diminue o merito.

O douto **Herculano** não via com olhos de sympathia aquelle grande compatriota nosso. A proposito da palavra *brial*, a que elle deu a significação de *manto dos cavalleiros*, disse o emerito historiador, em nota das suas *Lendas e Narrativas*: — *E' um dos bastos destemperos daquella babel da lingua portuguesa*. Não é babel da lingua o livro que se tornou, no conceito do autorizado sr. **Leite de Vasconcellos**, instrumento imprescindivel de quem quizer saber a lingua e escrevê-la com acerto. E por que foi assim destractado o nosso **Moraes**, não no sabemos; o que sabemos é que diccionario igual ao seu não no escreveu nenhum português, nem a lingua até hoje possue melhor, — confissão que faz amiúde o mais recente dos vocabularistas portugueses — **Candido de Figueiredo**.

Por tudo, fôra muito para desejar que a douta instituição do Syllogeu se desviasse das discussões em que se entretem, e começasse de trabalhar no «primeiro livro da nação, que é o diccionario da sua lingua...»

A TERCEIRA CONFERENCIA

Eis a logica do sr. Doria:

A humanidade não pode substituir a patria.

Esta é a cellula do organismo social.

Devemos defender a patria.

Até ahi nada de novo senão que "Le pays natal repose sur un point: la patrie, est partout où l'ame peut exercer toute son activité".

Rousseau confundiu o amor do paiz natal com o amor da patria. "Il y a entre l'effet de ces deux amours la même différence qui existe entre la nostalgie et l'enthousiasme national. L'enthousiasme national acquiert d'autant plus d'activité que la nation est plus grande; la nostalgie devient d'autant plus profonde que le pays est plus petit".

"Não duvideis, diz o Mestre: o homem é um sêr universal, cosmopolita por essencia. Elle não se isola senão degradando-se. Ha grande distancia sem duvida do amor de uma choupana aos do Universo: mas o sentimento é o mesmo. A differença é de extensão. Transportando este sentimento de uma choça á aldeia, e de uma aldeia á cidade, e de uma cidade a um Estado, e de um Estado a um Imperio, e de um Imperio ao Universo, é que o homem, a principio concentrado em si mesmo, extende-se, cresce, universalisa-se." Quando censuraram Socrates de não amar a patria, elle respondeu olhando para o céu: "Enganae-vos, amo-a infinitamente". O commentador accrescenta: "Este philosopho entendia a patria mesmo acima das coisas visiveis". Por isso elle agiu melhor do que Demosthenes e Cicero: morreu para não violar as leis de Athenas.

Os estrangeiros provam com actos que a patria é por toda a parte onde se possa exercer a sua actividade. Esta definição vale mil vezes mais do que a conferencia do sr. Doria. E' um mundo de idéas!

Mas ajudemos o sophista. Demos de barato que precisamos defender o Brasil ameaçado de dissolução. Como? Segundo o conferencista:

1) prohibindo o ensino das linguas estrangeiras ás crianças;

2) prohibindo que o estrangeiro, fosse um Grivet, ensine portuguez neste paiz.

Não estão os brasileiros convencidos de que pouco adianta conhecer uma lingua só, fosse a mais bella do mundo, a mais rica de termos, a mais expressiva? Para o caso brasileiro, o latim não se impõe como fonte original? O hespanhol e o inglez não são linguas dos povos limitrophes?

A prohibição ao estrangeiro de ensinar o portuguez é tão absurda que não merece reparo. Si elle conhece a lingua, como Grivet, porque se lhe ha de tolher um exercicio legitimo? Si elle a ignora, é o caso de ignorar-se a arithme-

tica, a physica, a historia natural: não pode exercer o magisterio.

A defesa do Brasil não depende dessas medidas violentas e pueris. Governo, respeitador das leis, em primeiro lugar; povo capaz de conhecer o seu destino e defender os seus direitos; desenvolvimento da industria nacional em todos os seus aspectos, gosando o brasileiro da preeminencia que concede ao talento e á perseverança: sem sophismas, sem preambulos desnecessarios, é de que precisa o Brasil, para não ser a vacca das olygarchias sem fé nem prestigio, que se mantém á custa das miserias moraes de um povo, indifferente ou indeciso, timido ou maldizente, esterilisado nessa politica de dictadores ignorantes e deputados subservientes.

Não, sr. Doria, o sr. pode virar no avesso a sua logica e pintal-a de verde: nunca provará que a taxa não seja um crime contra as familias proletarias, que a instrucção primaria de dois annos não seja o maior absurdo pedagogico destes ultimos tempos, que a Faculdade não seja uma expoliação do operario pela classe academica, á cata de empregos, para viver á custa das classes activas.

Carlos Escobar

O Combate: Independencia, Verdade, Justiça (SP) - Ano 1920\Edição 01662 (1)

c) que o inifnito pessoal constitue ao mêsmo tempo uma ANOMALIA e uma PRECIOSIDADE da lingua portuguesa e que, tanto neste como naquelle caracter, *não se póde vulgarizar ou malbaratar o seu emprego;*

d) que o infinito *não póde ser identificado com as outras fórmas verbaes de caracter* DETERMINADO e DEFINIDO;

e) que, segundo Grivet (*Gramm. Analytica,* pag. 327, § 411). «o infinito participa do facto syntactico, SEM SER FACTO: é EXPRESSÃO VERBAL (Não esquecer que Grivet definia o verbo a palavra «que enuncia o facto»); NÃO CHEGA A ENUNCIAR DE PER SI UM FACTO, apenas enuncia um *acto;*»

f) que (*citado autor*), (Obra cit., 339, § 443), «ao avesso das idéas, que parecem geralmente prevalecer, a IMPERSONALIDADE É PROPRIEDADE ESSENCIAL DESTE MODO (o modo no infinito), e a *personalidade,* propriedade accidental»;

g) que o infinito NÃO É VERBO, mas nome; que, se não é verbo, *deve ser indeclinavel em pessôa;*

chegaremos ás seguintes CONCLUSÕES:

a) o emprego do infinito pessoal deve ser o MAIS RESTRICTO POSSIVEL;

b) a IMPESSOALIDADE constitue a NORMA GERAL; a pessoalidade, excepção;

c) o infinito pessoal e o infinito impessoal NÃO SE PODEM EMPREGAR INDISTINTAMENTE um pelo outro: cada um delles tem a sua órbita, o seu campo de acção propria. As razões para o emprego de um devem ser *diametralmente oppostas* ás razões para o emprego de outro. Estribado nesses e outros factos do genio da lingua, chegamos (salvas as «restricções» que a seu tempo e em seu logar proprio serão assignaladas) a conclusões que parece terem-nos habilitado a fixar, em NOVE CASOS, a linha divisoria dos dois infinitos. Organizámos para isso o seguinte:

ESCHEMA COMPARATIVO

INFINITO IMPESSOAL	INFINITO PESSOAL
1. Sentido abstracto (indeterminação da classe e da individualidade do sujeito);	1. Sentido concreto (determinação da classe e indeterminação da individualidade do sujeito);
2. Clareza;	2. Obscuridade, amphibologia;
3. Descuramento intencional (modestia, desprendimento);	3. Reforço intencional (emphase, enfatuação);
4. Pessoalidade do verbo *parecer;*	4. Impessoalidade do verbo *parecer;*
5. Contiguidade ou aproximação do verbo regido ao verbo regente;	5. Distancia ou apartamento do verbo regido ao verbo regente
6. Sujeito em caso obliquo;	6. Sujeito em caso recto;
7. Posposição do adjunto adverbial infinitivo;	7. Anteposição do adjunto adverbial infinitivo;
8. Voz uni-accional (singular semiótico.	8. Voz multi-accional (plural semiótico);
9. Identidade dos sujeitos.	9. Não identidade dos sujeitos.

d) para EVITAR AMPHIBOLOGIA: As mulheres teem a seu mandar as lagrimas para *chorarem* — M. Bernardes (pud S. Tullio). (Com o infinito impessoal poderia parecer que o sujeito era o termo mais proximo *lagrimas*) — *Deixas* criar ás portas o inimigo, por *ires* buscar outro de tão longe — Camões (apud Said Ali). (Com o infinito impessoal poderia parecer que o sujeito era o termo mais proximo — *inimigo*) — Dirão que nos *trouxestes* a este deserto para aqui nos *tirardes* a vida e nos sepultardes — Vieira (apud Grivet). (Com o infinito impessoal poderia parecer que o sujeito era o termo mais proximo — *deserto*);

e) se a voz fôr REFLEXA: Fios de luz que SE entretecem sem SE *torcerem*, SE *cortam* sem SE *quebrarem*, SE concentram sem SE *confundirem* — Castilho (apud S. Tullio);

f) se a voz fôr RECÍPROCA: Valerio e Mariana *ficam* algum tempo de mãos dadas sem SE *olharem* — Castilho (apud S. Ali) — Ambos nos conheciamos, sem *dizermos* nada *um ao outro* — M. Assis (*C. Fluminenses*, p. 291).

11) Quando o infinito funccionar como *sujeito do finito*, — estando o sujeito do infinito em FUNCÇÃO OBJECTIVA INDIRECTA ao finito e, como tal, *regido de preposição: Importa* AOS PRELADOS *fazer* todo o esforço e resistencia — M. Bernardes (*Nova Floresta*, V, 37). — *Era impossivel* AOS PASSAGEIROS e AOS MORADORES *penetrar* na casa do solitario — M. Assis (*Contos Fluminenses*, pag. 274) — Nem se permitte AOS CIDADÃOS *subtrair* á publicidade — Ruy Barbosa (*Nullids. de Arbitr.*, p. 11, § 9) — A *estas* não lhes era possivel *lançar* mão do outro systema — Idem (*Idem*, p. 12, § 10).

Tomando o primeiro exemplo: O sujeito de *importa* (modo finito) é *fazer* (modo infinito); *o* objecto indir. de *importa* é *aos prelados;* o sujeito de *fazer é* tambem *os prelados;* este termo funcciona, pois, *cumulativamente* como sujeito de um verbo, e como objecto indirecto de outro,— verdadeira «anomalia grammatical». Prevalecendo a funcção de objecto indirecto á de sujeito, vem por isso aquelle termo regido de preposição, assumindo, pois, o caso obliquo, que não o recto. Resulta d'ahi que aquelle termo *não tem força regencial para levar ao plural o verbo de que é sujeito:* por isso o infinito fica insensivel á flexão. O caso obliquo facilmente se patenteia (se para tanto não bastasse a preposição *a*),— se o sujeito do infinito fôr um pronome: Importa-*lhes* fazer todo o esforço.

12) Quando o sujeito do infinito funccionar na frase *cumulativamente* como OBJECTO INDÍRECTO DO VERBO NO MODO FINITO: A lei estatue aos JUIZES *punir* os criminosos — A postura prescreve AOS NEGOCIANTES *pagar* multa — A Constituição delega AOS DEPUTADOS representar o povo.

por força da attracção que sobre elle exerce o predicativo: Para que não pudessemos duvidar *serem* isto obras da poderosa mão de Deus — João de Lucena (*Anth. Nac.*).

No exemplo dado o verbo *ser* deixou de concordar com o sujeito *isto* para concordar com o predicativo no plural; facto identico occorre com o verbo *ser* no modo finito: *Eram* tudo *memorias* de alegria. — Camões. Tudo *são instrumentos* necessarios ao meu officio de guardador. — F. R. Lobo. E' um puro caso de *concordancia attractiva,* que vem comprovar que o verbo ser (*copulativo ou de ligação*) se identifica mais como seu completivo que com o seu sujeito.

10) Quando o infinito, *com sujeito proprio,* funccionar como SUJEITO (caso recto) DO MODO FINITO: Póde bem ser *quererdes* saber a que venho. — *Euphros.*, Prol., (apud S. Tullio). — *Quererdes saber* (no infin.),. é sujeito fraseologico de *póde ser* (modo finito). — O que vos dá mais fama é *vencerdes* tantas ingratidões, tão grande inveja — Camões (*Sonetos,* 60) — (*Vencerdes* é sujeito de *é*).

11) Quando, *differentes sujeito* do finito e do infinito, — vier este APASSIVADO PELA PARTICULA SE: Eu vos prometto, filha, que *vejais esquecerem*-SE Gregos e Romanos — Camões (*Lusiadas,* 11, 44).

Este caso parece influenciado pelo 5º caso (vid.), dada a *analogia de construcção* que existe entre a voz reflexa, ou reciproca, e a voz passiva construida como o *se,* a ponto de se confundir uma com outra.

E' proprio da linha aproximar casos que se assemelhem, e procurar subordiná-los á mesma forma de concordancia; assim irá ella attingindo o seu magno escopo que é a *uniformidade.*

12) para EVITAR A AMPHIBOLOGIA, que esultaria do emprego do infinito impessoal, ex.: E crêde que haverei prazer de me *matardes* — Canc. D. Diniz (apud S. Ali). (Com o infinito impessoal *matar,* pareceria que o sujeito era *eu* e não *vós*) — Deixas criar ás portas o inimigo, por *ires* buscar outro de tão longe — Camões (*Idem,* IV, 101) — Com o infinito impessoal *ir,* pareceria que o sujeito era o *inimigo)* — Direi que nos trouxestes a este deserto para aqui nos *tirardes* a vida e nos *sepultardes.* — Vieira (apud Grivet). (Com o infinito impessoal *tirar, sepultar,* pareceria que o sujeito era *deserto).* Poderiamos citar um sem numero de exemplos analogos em que, militando razões para a impessoalidade, todavia o infinito se pessoaliza para evitar « dualidade de sentidos ».

A' flexionalidade do infinito neste caso chama Said Ali «reforço necessario», para assim o distinguir da emphase, que constitue o que denomina « reforço intencional ».

13) Quando, embora sejam communs o sujeito do infinito e o do finito, mediar *grande distancia* entre um e outro

NO DOMINIO DA LINGUAGEM

I

O meu ultimo livro — Lingua Portuguêsa", — agora publicado, mereceu do illustre critico do "Registro Literario" do "Jornal do Brasil", o Dr. Osorio Duque Estrada, minuciosa e lisongeira critica, o que, a par de outros juizos egualmente autorizados, embora benevolos, me serve de estimulo a não recuar na pesquiza e no estudo de tanto facto interessante e controvertido do nosso bello e opulento idioma. Agradecendo ao illustre academico as bondosas referencias que me dispensou, julgo-me, entretanto, no dever de replicar-lhe nos pontos em que divergiu de minhas opiniões a respeito de regras e principios ennunciados por mim e por mim defendidos no trabalho que foi objecto de sua brilhante critica. Li, com muito acatamento as razões do critico e ellas não me convenceram.

Não tenho nem posso ter, por minha vez, a presumpção de abalar e convencer a quem, como o Dr. Osorio, é mestre nesses assumptos e por isso mesmo já formou opinião assente e segura, depois de porfiado estudo e larga meditação, acerca das mais difficeis questões da lingua nacional, mas desejo demonstrar aos que, porventura, me lerem, que os conceitos e razões externados na "Lingua Portuguêsa" tambem se estribam em factos re- é exemplifica: "Este" relogio é bom, "aquelle" é ruim. O pronome "aquelle" está em logar do substantivo relogio e, ao mesmo tempo, limita-o indicando a distancia em que se acha a cousa que elle representa".

Não acceita o illustrado critico esta divisão, necessaria para facilitar a analyse grammatical dos termos que se nos deparam nas orações, porque "se o facto de se empregarem os adjectivos possessivos sem nome claro fosse razão bastante para os converter em pronomes, teriamos tambem pronomes numeraes e, em muitos casos, seriam egualmente pronomes demonstrativos os adjectivos — "este, esse" e "aquelle".

E' isto mesmo, os demonstrativos — "este, essa", e "aquelle" são adjectivos e são pronomes, como os numeraes tambem o podem ser. O que nos leva, em taxinomia, a classificar os termos grammaticaes é a funcção que cada um delles exerce no discurso; é pela funcção que distinguimos quando, na phrase, esta ou aquella palavra é substantivo ou verbo, pronome ou adjectivo, adverbio ou conjuncção. Ex.: A "falla" é privilegio do homem; Pedro "falla" muito; "esto" chapéo é "teu", mas aquelle é "meu". Irei "logo". Comeste ? "logo" estás farto.

Na opinião e nos exemplos

conceitos e razões externados na "Lingua Portuguêsa" tambem se estribam em factos repetidos da linguagem, exemplos autorizados e juizos egualmente respeitaveis sob o ponto de vista do saber grammatical e da vernaculidade.

Ha, felizmente para mim, uma circumstancia que me é summamente agradavel pôr em relevo e é que, na desenvolvida critica do meu livro só em quatro pontos divergimos, notando-se ainda que em dous delles a nossa divergencia se origina exclusivamente do modo de encaral-os, como se verá adiante, quando, aliás, as divergencias entre escriptores e grammaticos a respeito de varias questões da lingua portugueza são numerosas, não havendo problema mais difficil do que chegarem os contendores á boa avença nos prelios travados em torno de principios e regras grammaticaes.

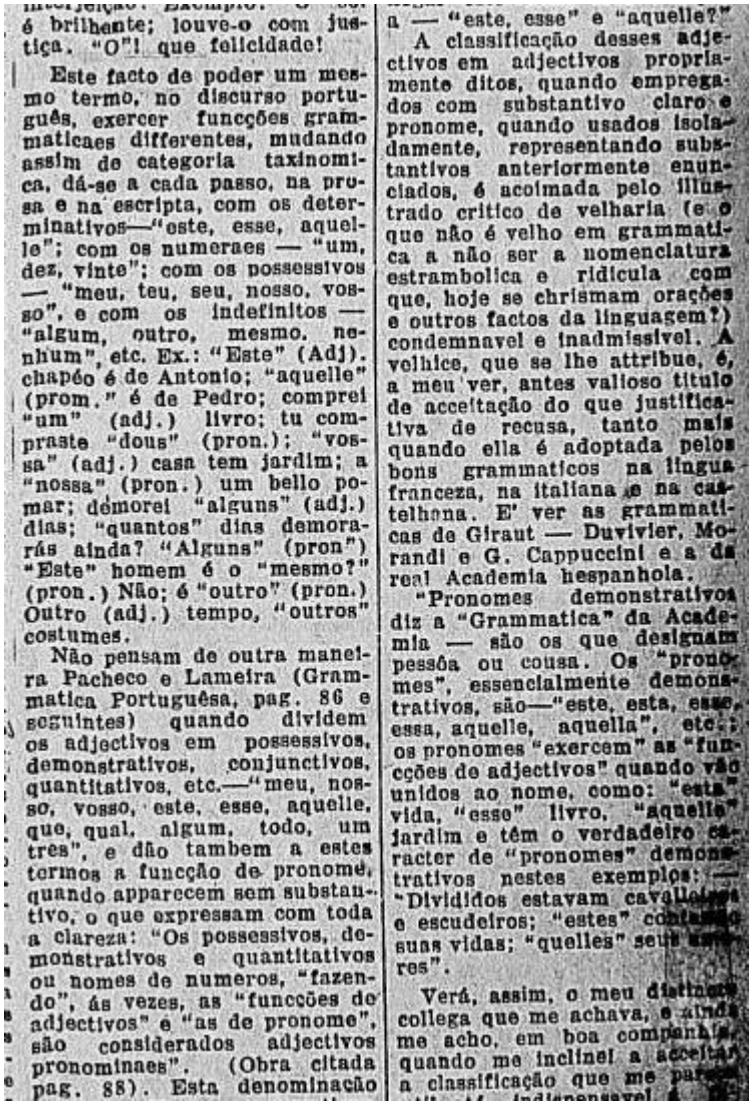
Ensina Grivet ("Grammatica Analytica", pag. 124 e seguintes) no que é acompanhado por Domingos de Azevedo, (Grammatica Nacional, pags. 45 e 67), Adolpho Coelho, (Grammatica Portuguêsa, pag. 94) e muitos outros philologos lusitanos e brasileiros, que varios termos da lingua portugueza podem ser grupados em mais de uma categoria grammatical, das estabelecidas pela taxinomia, conforme a funcção que cada um delles representar na phrase, tanto assim que —"O" póde ser artigo, caso objectivo do pronome elle e até interjeição. Exemplo: "O" sol é brilhante; louve-o com justiça. "O"! que felicidade!

Irei "logo". Comeste ? "logo" estás farto.

Na opinião e nos exemplos dos mestres, acima citados, estribei eu o meu juizo a respeito deste ponto da nossa divergencia. O meu distincto amigo, não admittindo, entretanto, a hypothese de serem — "este, esse" e "aquelle" — ora pronomes, ora adjectivos, consoante o papel que representarem na phrase em que apparecerem, acceita como facto grammatical, corrente e inconteste, accommodar-se a palavra "que" a diversas categorias, de accordo com as funcções que exercer no discurso, para ser ora adjectivo e pronome, ora adverbio e conjuncção, lembrando até que este mesmo termo póde ser tambem preposição, interjeição e substantivo nos passos seguintes: "Tenho muito "que" dizer! (*) Que! Noto-lhe um certo "que".

Que motivo levou o Dr. Osorio á considerar o—"que",—do primeiro exemplo, uma preposição em vez de para, o do segundo uma interjeição e o do terceiro um substantivo ? Só e exclusivamente a diversidade de funcções que este termo exerce em cada um dos exemplos referidos, exprimindo, no primeiro caso, uma relação que é o papel das preposições, no segundo, espanto, surpreza, e no terceiro, um accidente qualquer, uma cousa que se não define. E se a diversidade de funcções nos induz a classificações differentes para a mesma palavra, porque havémos de negar este facto com relação a — "este, esse" e "aquelle?"

A classificação desses adjectivos em adjectivos propria-



interjeição. Exemplo: [illegible] é brilhante; louve-o com justiça. "O"! que felicidade!

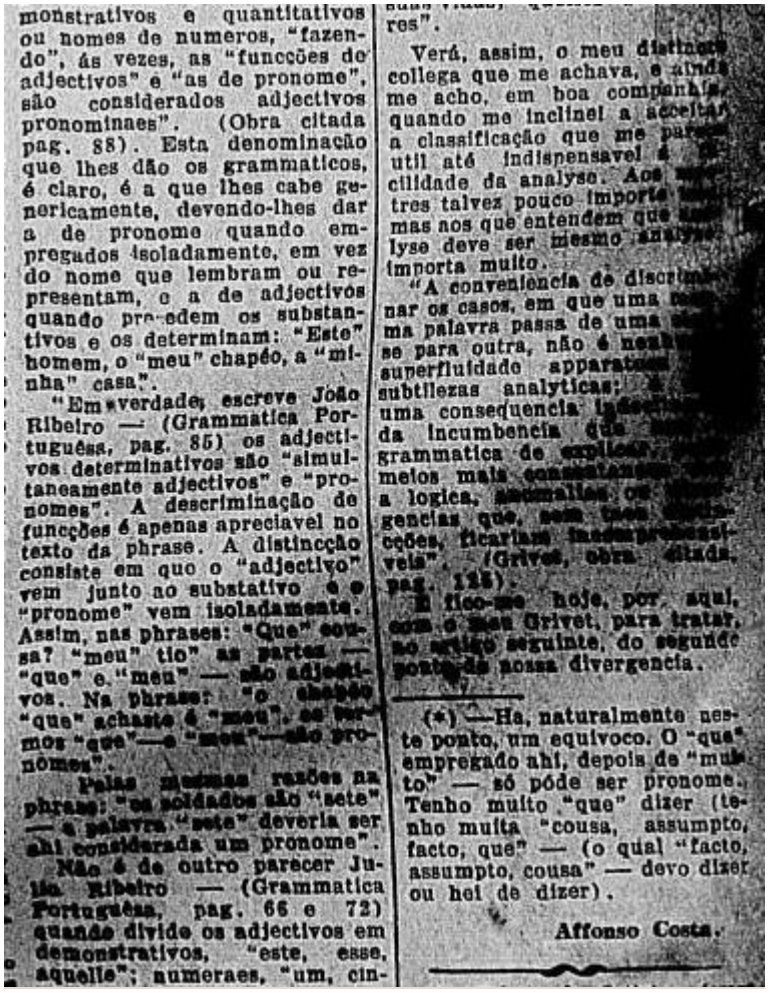
Este facto de poder um mesmo termo, no discurso português, exercer funcções grammaticaes differentes, mudando assim de categoria taxinomica, dá-se a cada passo, na prosa e na escripta, com os determinativos—"este, esse, aquelle"; com os numeraes — "um, dez, vinte"; com os possessivos — "meu, teu, seu, nosso, vosso", e com os indefinitos — "algum, outro, mesmo, nenhum", etc. Ex.: "Este" (Adj). chapéo é de Antonio; "aquelle" (prom." é de Pedro; comprei "um" (adj.) livro; tu compraste "dous" (pron.); "vossa" (adj.) casa tem jardim; a "nossa" (pron.) um bello pomar; demorei "alguns" (adj.) dias; "quantos" dias demorarás ainda? "Alguns" (pron") "Este" homem é o "mesmo?" (pron.) Não; é "outro" (pron.) Outro (adj.) tempo, "outros" costumes.

Não pensam de outra maneira Pacheco e Lameira (Grammatica Portuguêsa, pag. 86 e seguintes) quando dividem os adjectivos em possessivos, demonstrativos, conjunctivos, quantitativos, etc.—"meu, nosso, vosso, este, esse, aquelle, que, qual, algum, todo, um tres", e dão tambem a estes termos a funcção de pronome, quando apparecem sem substantivo, o que expressam com toda a clareza: "Os possessivos, demonstrativos e quantitativos ou nomes de numeros, "fazendo", ás vezes, as "funcções de adjectivos" e "as de pronome", são considerados adjectivos pronominaes". (Obra citada pag. 88). Esta denominação a — "este, esse" e "aquelle?"

A classificação desses adjectivos em adjectivos propriamente ditos, quando empregados com substantivo claro e pronome, quando usados isoladamente, representando substantivos anteriormente enunciados, é acoimada pelo illustrado critico de velharia (e o que não é velho em grammatica a não ser a nomenclatura estrambolica e ridicula com que, hoje se chrismam orações e outros factos da linguagem?) condemnavel e inadmissivel. A velhice, que se lhe attribue, é, a meu ver, antes valioso titulo de acceitação do que justificativa de recusa, tanto mais quando ella é adoptada pelos bons grammaticos na lingua franceza, na italiana e na castelhana. E' ver as grammaticas de Giraut — Duvivier, Morandi e G. Cappuccini e a da real Academia hespanhola.

"Pronomes demonstrativos diz a "Grammatica" da Academia — são os que designam pessôa ou cousa. Os "pronomes", essencialmente demonstrativos, são—"este, esta, esse, essa, aquelle, aquella", etc.; os pronomes "exercem" as "funcções de adjectivos" quando vão unidos ao nome, como: "esta" vida, "esse" livro, "aquelle" jardim e têm o verdadeiro caracter de "pronomes" demonstrativos nestes exemplos: — "Divididos estavam cavalleiros e escudeiros; "estes" contam suas vidas; "quelles" seus [illegible] res".

Verá, assim, o meu distincto collega que me achava, e ainda me acho, em boa companhia, quando me inclinei a acceitar a classificação que me par[illegible]



monstrativos e quantitativos ou nomes de numeros, "fazendo", ás vezes, as "funcções de adjectivos" e "as de pronome", são considerados adjectivos pronominaes". (Obra citada pag. 88). Esta denominação que lhes dão os grammaticos, é claro, é a que lhes cabe genericamente, devendo-lhes dar a de pronome quando empregados isoladamente, em vez do nome que lembram ou representam, e a de adjectivos quando precedem os substantivos e os determinam: "Este" homem, o "meu" chapéo, a "minha" casa".

"Em verdade, escreve João Ribeiro — (Grammatica Portuguêsa, pag. 85) os adjectivos determinativos são "simultaneamente adjectivos" e "pronomes". A descriminação de funcções é apenas apreciavel no texto da phrase. A distincção consiste em que o "adjectivo" vem junto ao substativo e o "pronome" vem isoladamente. Assim, nas phrases: "Que" cousa? "meu" tio" as partes — "que" e "meu" — são adjectivos. Na phrase: "o chapéo "que" achaste é "meu", as termos "que"—e "meu"—são pronomes".

Pelas mesmas razões na phrase: "os soldados são "sete" — a palavra "sete" deveria ser ahi considerada um pronome".

Não é de outro parecer Julio Ribeiro — (Grammatica Portuguêsa, pag. 66 e 72) quando divide os adjectivos em demonstrativos, "este, esse, aquelle"; numeraes, "um, cinres".

Verá, assim, o meu distincto collega que me achava, e ainda me acho, em boa companhia, quando me inclinei a acceitar a classificação que me parece util até indispensavel á facilidade da analyse. Aos mestres talvez pouco importe mas nos que entendem que a analyse deve ser mesmo analyse importa muito.

"A conveniencia de discriminar os casos, em que uma palavra passa de uma se para outra, não é nem superfluidade apparatosas subtilezas analyticas: é uma consequencia indeclinavel da incumbencia que a grammatica de explicar os meios mais consentaneos a logica, anomalias, ou divergencias que, sem taes explicações, ficariam inadmissiveis". (Grivet, obra citada, pag. 115).

Limito-me hoje, por aqui, com o meu Grivet, para tratar, no artigo seguinte, do segundo ponto da nossa divergencia.

(*) — Ha, naturalmente neste ponto, um equivoco. O "que" empregado ahi, depois de "muito" — só póde ser pronome. Tenho muito "que" dizer (tenho muita "cousa, assumpto, facto, que" — (o qual "facto, assumpto, cousa" — devo dizer ou hei de dizer).

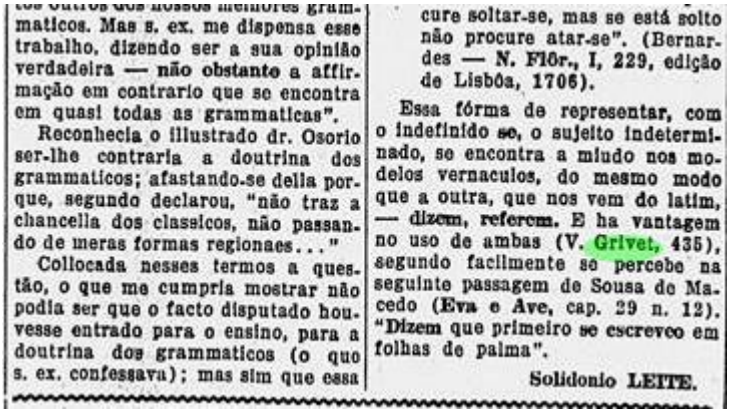
Affonso Costa.

nomes".

Pelas mesmas razões na phrase: "os soldados são "sete" — a palavra "sete" deveria ser ahi considerada um pronome".

Não é de outro parecer Julio Ribeiro — (Grammatica Portuguêsa, pag. 66 e 72) quando divide os adjectivos em demonstrativos, "este, esse, aquelle"; numeraes, "um, cinco, vinte; distributivos, conjunctivos, indefinidos e possessivos — "meu, teu, seu, nosso, vosso", dividindo tambem os pronomes em pessoaes, demonstrativos —"este, esse, aquelle", conjunctivos, indefinitos, possessivos, etc.

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1922\Edição 00211 (1)



os outros dos nossos melhores grammaticos. Mas s. ex. me dispensa esse trabalho, dizendo ser a sua opinião verdadeira — **não obstante** a affirmação em contrario que se encontra em quasi todas as grammaticas".

Reconhecia o illustrado dr. Osorio ser-lhe contraria a doutrina dos grammaticos; afastando-se della porque, segundo declarou, "não traz a chancella dos classicos, não passando de meras formas regionaes..."

Collocada nesses termos a questão, o que me cumpria mostrar não podia ser que o facto disputado houvesse entrado para o ensino, para a doutrina dos grammaticos (o quo s. ex. confessava); mas sim que essa

cure soltar-se, mas se está solto não procure atar-se". (Bernardes — **N. Flor., I, 229**, edição de Lisbôa, **1706**).

Essa fórma de representar, com o indefinido **se**, o sujeito indeterminado, se encontra a miudo nos modelos vernaculos, do mesmo modo que a outra, que nos vem do latim, — **dizem, referem.** E ha vantagem no uso de ambas (V. Grivet, 435), segundo facilmente se percebe na seguinte passagem de Sousa de Macedo (**Eva e Ave**, cap. 29 n. 12). "**Dizem** que primeiro se escreveo em folhas de palma".

Solidonio LEITE.

O Jornal (RJ) - Ano 1922\Edição 01046 (1)

LIVROS

DE PHILOLOGIA

A venda na Livraria Victoria, R. A. Marinho, á rua General Camara n. 190.

Laudelino Freire: Gallicismos, 4$; Estante Classica, Os mestres da lingua, 10 vols., 50$; Ferdinand Wolf: Histoire de la Litterature Brasilionne, Berlim, 1863, 25$; I. J. Fonseca Noções de Philologia, 10$; Max Muller: Science du Langage, 15$; Draper: Histoire du decoleppement Intellectuel de l'Europe, 3 vols. 15$; A. Borgeault: Histoire des Litteratures Etrangeres, 3 vols. 30$; Murray, trad. Castelln: Historia de la Letterat. Clásica Grlega, 15$; Grammatica Analytica da lingua portugueza, por A. Grivet, Gonçalves Viana: Apostilas aos diclon. portuguezes, 2 vols. 25$; Rascunhos sobre a grammatica da lingua portugueza, por B. C. (Baptis-

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1923\Edição 00036 (1)

Notas de linguagem portuguesa

XLI

COM E SEM

"O Congresso que as adopte, com ou sem codificação, mas faça obra geral e não para duas ou tres classes."

Póde considerar-se como legitima a forma com ou sem?

Nos ultimos mêses recebi varias consultas relativas ao **com** e **sem** e a falta de tempo obstou a que eu as respondesse. Em dias da semana passada recebi de uma cliente, que se diz minha ex-aluna, a seguinte carta, que não é propriamente uma consulta, sendo antes uma lição.

— "Comparação do torax e do abdome de uma mulher com e sem colête." O periodo que se chega de copiar, escreve a minha consulente, a despeito de ser encontrado em livro de quem é ornamento da Faculdade de Medicina e da Academia de Letras, não está correcto. Com e sem não se diz, nem se escreve: Havia de assim redigir-se o periodo, para ficar certo: "de uma mulher com o colête e sem êle." Nenhum escritor, digno do nome, usou até hoje as formas "com e sem apoio", "a favor e contra a lei", etc.

Copio palavras de eximio mestre, continua a minha ex-aluna: "A preposição **com**, entre outras coisas, designa o meio, o modo e instrumos: Escrever com metodo, ou, com ordem; ir com pressa; estudar com afinco, e em sentido oposto, sem ordem, sem metodo, sem pressa, sem afinco.

Sendo, pois, as preposições **com** e **sem** contrarias não podem convir a um só termo, solecismo que se comete em exemplos tais como **com** ou **sem** apoio, com ou sem ardor, etc."

Nada teria que opôr ás afirmações da missivista e me limitaria a transcrevêr a carta, se houvesse a sua autora omitido o periodo onde diz que nenhum escritor usa a expressão posta em fóco.

Quasi todos os do seculo XIX fizeram uso da expressão, segundo verifiquei num rapido folhear de livros.

Encontrei exemplos nos seguintes — Castilho, Herculano, Camilo, Francisco de Castro, Machado de Assis, Pacheco Junior, Carneiro Ribeiro, Grivet, Ruy Barbosa, Olavo Bilac, Carlos de Laet, João Ribeiro, José Maria Rodrigues, Mário Barreto...

"Como se haviam de fazer perante o parocho e o tabelião os casamentos por simples palavras de presente, com ou sem testemunhos?" (Alexandre Herculano. Estudos sobre o casamento civil, pag.

O Jornal (RJ) - Ano 1923\Edição 01496 (1)

RETALHOS

FALLECEU O PROFESSOR ALFREDO GOMES

Um desastre levou desta para outra vida o professor Alfredo Gomes.

Era um nome vastamente conhecido no paiz.

Sua grammatica portugueza, quando appareceu, pela primeira vez, soffreu alguns reparos da critica. O professor soube perseverar e quando apresentou a segunda edição de seu trabalho, já era elle um trabalho apreciavel.

A grammatica do dr. Alfredo Gomes tornou-se popularissima, dentro de pouco tempo.

Qual seria a força de seu prestigio?

Seria melhor que a de Carneiro Ribeiro, que a de Lameira de Andrade, Pacheco Junior, João Ribeiro, Buscolli, Virissimo Vieira, Julio Nogueira?

Seria melhor que a de Paulino de Souza, que a de Ribeiro e Vasconcellos, que a de Nunes, Candido de Figueiredo?

Quanto ao desenvolvimento da materia, não.

Cremos que qualquer das citadas lhe levaria vantagem, excepto a de Candido de Figueiredo.

A grammatica de Augusto Freire da Silva e de Eduardo Carlos Pereira, a de Grivet, são como a de Carneiro Ribeiro, abundantissimas de ensinamentos.

Porque, pois, essa popularidade da grammatica do dr. Alfredo Gomes?

E' sua grande accessibilidade. O processo do dr. Alfredo Gomes é a alma de seu livro. O processo é seu e por elle facilmente a materia de seu compendio é assimilada pelo estudante.

tudante.

E' uma grammatica que póde ser compulsada por todos.

O individuo que quer sem perda de tempo e sem grande sacrificio de suas occupações, aprender a lingua, no que ella tem de essencial, faz acquisição da grammatica de Alfredo Gomes.

O professor adquiriu o processo no ensino a que se dedicou durante longos annos.

O Brasil perdeu um dos elementos mais brilhantes do magisterio. Não foi somente o professor que desappareceu. Foi tambem o eximio educador.

Diario de S. Luiz (MA) - Ano 1924\Edição 00227 (1)

GRIVET

Tratando de grammaticas da lingua nacional, escrevi alhures, que collocava entre as melhores a "Analytica", de Grivet.

Evidentemente, citando este nome, agucei a curiosidade dos menos versados em assumptos vernaculos.

De facto. Muita gente nunca ouviu falar em Grivet.

Quem foi esse cavalheiro?

Charles Adrien Olivier Grivet era suisso.

Do cantão de Vaud, filho da aldeia de Villars-le-Terroir, onde nasceu em 1816.

Recebida a primeira instrucção no proprio berço natal, passou-se para Friburgo, onde permaneceu de 1827 a 1836.

Ahi aprofundou-se no conhecimento do francêz e familiarisou-se com o latim, o grego, historia, geographia, rhetorica, philosophia; chimica e direito.

Divulgou primeiro uma pequena grammatica, seguida de outra de maiores proporções. Estas refundidas, expurgadas de falhas, consolidou-se no grande volume de sua "Analytica" ir ao arretre de Vaud não chegou a ver publicado.

Em 1876, victima de implacavel morbo, falleceu o eminente grammaticographo, cuja obra tem lampejos extraordinarios de intuição.

O que distingue este escriptor na literatura, é o facto de sua "Analytica ir ao arrepio das theorias ainda em voga de Soares Barboza e outros partidarios do famigerado grammatiquismo philosophico.

O seculo era de realidade do positivismo, da experimentação e perpetuava-se a predominancia das lições daquelle autor.

Entre nós, raros epitomes

vamente, por si só a todas as objecções. Graças a tão invejavel privilegio, ella veiu a dominar soberanamente, na grammatica portuguêsa; e hoje não ha, neste assumpto, autor que deixe de lhe fazer a devida continencia de sua desmarcada efficacia.

A verdade é que, tanto em relação ao francêz, como ás mais linguas, nunca se imaginou tamanho absurdo, tão qualificada parvoiçada.

Esse o molde da expressão do grammatico, que mais parece um polemista ardente que um expositor de regras de arte de falar e escrever.

A exiguidade do espaço não permitte transcripção dos argumentos invocados no combate á opinião dos prosytos de Chapsal e Noel, cu-

Acceitando, dentre muitas propostas uma originaria da Russia, embarcou para o paiz dos Czars, contractado como professor dos filhos do general Jouroff, governador de Tschernigoff.

Era então muito joven, não obstante o que deu cabal desempenho á sua missão.

Aprendeu o russo e aperfeiçoou-se no manejo do alle mão.

Findo o contracto, retornou ao seu torrão natal.

Ingressando, em 1843, na Escola Media de Friburgo como professor, por essa época casou-se.

Attrahido pela politica, envolveu-se-lhe nas malhas. Soffreu dissabores, nas alternancias por que passou o seu partido.

Quando, em 1856 e 1857, a corrente politica a que pertencia, retomou posições e lhe proporcionava ausa de recompensas, elle abandonou tudo e rumou para o Brasil, onde aportou a 1.º de Abril de 1856.

Acariciava o projecto de installar aqui um grande collegio.

Não poude levar avante o plano.

Precisava, para viver, leccionar. Como fosse mister aprender o idioma nacional, entregou-se a essa tarefa cheio de ardor. E de tal facilidade dispunha para adquirir traquejo de maneio do falar alheio, que submettido a provas publicas, portou-se com tanto brilhantismo que infundiu admiração e respeito a examinadores e assistencia.

Esse contacto fel-o apaixonar-se do nosso idioma. E versando os nossos classicos, existiam. E setes mais de vulgarização que de doutrina e exposição proprias.

O de maior extracção era o Coruja por onde estudaram os rudimentos da lingua dezenas de gerações patricias.

A "Grammatica Analytica" foi uma precursora das de Julio Ribeiro, João Ribeiro, Augusto Freire, etc.

E, á feição dos trabalhos de propaganda e desbravamento, ella tem vida e força.

Os seus periodos vibram. Dão inapagavel impressão de vigor, energia e mocidade.

Foi Grivet, no Brasil, quem primeiro, talvez, inventou a famosa theoria do verbo substantivo, ainda subsistente n'alguns compendios á guisa de guarda dos fossilizados.

Para dar uma ligeira idéa da sua maneira de expor e discutir os assumptos, transcrevo aqui algumas palavras do grande grammatico acerca do verbo ser:

"Eis ahi resumida, com a mais escrupulosa fidelidade, a tão preconisada theoria do verbo substantivo.

Saida, ha cerca de 40 annos, do cerebro dos dous grammaticos francêses Noel e Chapsal, ella teve a dita de se acreditar rapidamente, não só no paiz de sua origem, mas ainda, e talvez com maior enthusiasmo, naquelles onde a mesma procedencia costuma dispensar, em innovações de ensino, toda e qualquer verificação de proficiencia, respondendo ella, preventijo mais graduado discipulo em lingua portuguêsa era Soares Barbosa.

A "Grammatica Analytica" de Grivet, segundo outra feita já assignalei, tem a virtude, sem competição nos compendios os seus contemporaneos, da abundante complificação.

Ella se compara, como nenhuma obra congenere, nos factos da lingua.

E estes factos, Grivet os procurou nas fontes mais autorizadas do idioma.

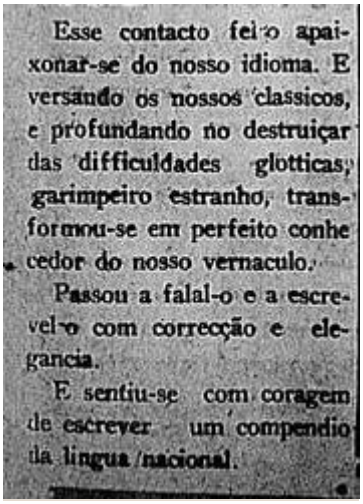
As suas paginas estão lardeadas de lanços dos maiores classicos vernaculos. Isto imprime ao livro inestimavel merecimento.

E fala alto do senso philologico do eminente autor que, suisso de origem, rapidamente se assenhoreou dos segredos do nosso vernaculo.

Decorridos 50 annos, não obstante o progresso e a transformação dos estudos grammaticaes, hoje constituem de verdadeira sciencia, o compendio de Grivet, ainda ombrea victoriosamente com os mais reputados.

Uma edição critica a modernizamento da distribuição graphica, separado o texto de exposição do commentario, a organização de indices remissivos fariam delle um verdadeiro monumento da lingua. E assim seria honrada a memoria do grande suisso que de tamanho amor se tomou do nosso idioma que consagrou os derradeiros dias de sua existencia na confeição de uma obra em que a cada passo exalta as nossas bellezas idiomaticas.

RAUL GOMES.



Esse contacto fel-o apaixonar-se do nosso idioma. E versando os nossos classicos, e profundando no destruiçar das difficuldades glotticas, garimpeiro estranho, transformou-se em perfeito conhecedor do nosso vernaculo.

Passou a falal-o e a escrevel-o com correcção e elegancia.

E sentiu-se com coragem de escrever um compendio da lingua nacional.

O Estado do Paraná: Jornal da Manhã (PR) - Ano 1925\Edição 00227 (1)

thymo fosse do *Novo Diccionario*, agora gloriosamente adulto, adiposamente já quasi trintão.

E' como uma endocrina sacrificada á antipathia invencivel (e recente do illutre philologo que a reduz e reduz, emquanto lhe não faz a total ablação, pelo muito respeito votado ás convenções internacionaes e aos ajustes da diplomacia em relação ao kilo.

Coisas de grammatico e de grammatiquices...

Aqui nos nossos bellos e barbaros Brasis (naquelle tempo ainda com *z*) tivemos um grammatico eminente, sobremodo senhor *das artes e bruxedos* da grammatica portugueza. Era elle Julio Ribeiro, que o sr. C. de F. bem conhece, pois declara já lhe haver lido *A carne*, a *Grammatica Portugueza*, os *Estudos Philologicos* e o *Belchior de Pontes*.

A este ultimo, entre parenthese, intitula *Belchior da Ponte*, como se fôra o santo ignacino paulistano aparentado com o bem conhecido titular do mesmo nome, o de Jundiahy, velho portuguez estalajadeiro e gaiatão, que a cada passo se proclamava "barão por acclamação dos povos" e não por agraciamento da "Curôa", coisa sem valor algum no seu dizer.

Pela "resenha dos escriptores e obras citadas" que acompanha o *N. D.*, verifico que o sr. C. de F. já compulsou ou, pelo menos, já se avistou com as obras de Julio Ribeiro.

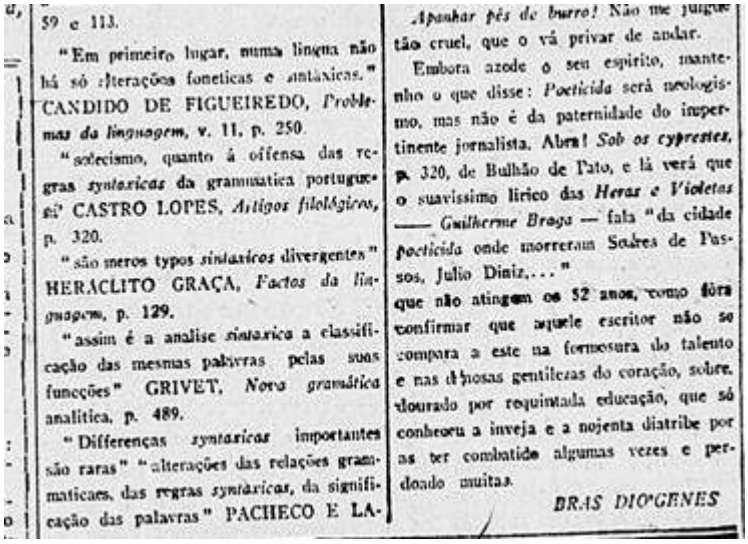
Pois bem, era este nosso illustre philologo, como geralmente se sabe, verdadeiro apaixonado do K. Votava-lhe tanta estima quanta (hoje) ogerisa lhe tem o eminente confrade lusitano. Dedicava-lhe até tal apreço que, aos seus leitores, queria inculcar graphias pejadas de K, KH, KK. Queria immenso que se escrevesse *sanskrito*, *anakhronismo*, *parokia*, *arkhetypo*, etc., etc. e até que se dobrasse os K como em *ekkhymose*. E deste pendor pelo emprego do K compartilhava outro grammatico illustre e conhecedor profundo do portuguez, Adriano Grivet, como se póde ler á pagina 226 de sua monumental *Grammatica analytica da lingua protugueza*, hoje tão rara quanto procurada. Certamente a conhece o sr. S. de F., muito embora não a cite em sua *resenha de autores*.

IV

OCANIGUINECORNI, VOCABULO PORTUGUEZ

Com abundancia de argumentos justifica Julio Ribeiro as suas preferencias pelo emprego do K (cf. *Grammatica*, 8ª ed., p. 346.)

Dirá o sr. Candido de Figueiredo que o autor da *Carne* queria-o nos derivados de raizes gregas, responder-lhe-ei que não: tanto nas palavras de procedencia hellenica como nas de outras linguas como em *kangurú*, *kiosque*, *kermes*, que o sr. Candido de Figueiredo (agora) grapha cangurú, quiosque, quermes, a cantar a palinodia.



59 e 113.

"Em primeiro lugar, numa lingua não há só alterações foneticas e syntaxicas." CANDIDO DE FIGUEIREDO, *Problemas da linguagem*, v. 11, p. 250.

"solecismo, quanto á offensa das regras *syntaxicas* da grammatica portugueza" CASTRO LOPES, *Artigos philologicos*, p. 320.

"são meros typos *sintaxicos* divergentes" HERACLITO GRAÇA, *Factos da linguagem*, p. 129.

"assim é a analise *sintaxica* a classificação das mesmas palavras pelas suas funcções" GRIVET, *Nova gramatica analitica*, p. 489.

"Differenças *syntaxicas* importantes são raras" "alterações das relações grammaticaes, das regras *syntaxicas*, da significação das palavras" PACHECO E LA-

Apanhar pés de burro! Não me julgue tão cruel, que o vá privar de andar.

Embora azede o seu espirito, mantenho o que disse: *Poeticida* será neologismo, mas não é da paternidade do impertinente jornalista. Abra! *Sob os cyprestes*, p. 320, de Bulhão de Pato, e lá verá que o suavissimo lirico das *Heras e Violetas* — *Guilherme Braga* — falla "da cidade *poeticida* onde morreram Soares de Passos, Julio Diniz,..."

que não atingem os 52 annos, como fôra confirmar que aquelle escritor não se compara a este na formosura do talento e nas d'hosas gentilezas do coração, sobre. dourado por requintada educação, que só conheceu a inveja e a nojenta diatribe por as ter combatido algumas vezes e perdoado muitas.

BRAS DIOGENES

O Imparcial (RJ) - Ano 1926\Edição 05637 (1)

FAZ OU FAZEM 20 ANNOS

E' erronêa dizer-se "fazem 20 annos". O verbo fazer, referindo-se ao tempo passado, é impessoal.

Tem somente a 3.ª pessôa. Deve dizer-se: "Faz vinte annos". E' a mesma impessoalidade que se nota no espanhol, no francês e no latim.

Dizem os espanhoes: **Hace diez annos.**

Os francêses: **Il fait des éclairs.**

E em latim, conforme um passo de Gregorio de Tours: **Gravem hyemen facit.**

Isso é aliás, a lição de dois grandes mestres: Grivet "Grammatica", pg. 158-161) e Julio Ribeiro ("Grammatica" ed. . 1881, pg. 255).

A. CINTRA

o *l* euphonico ao pronome: mas está claro que, como elle substitue o lugar do *r* ou *s* final da primeira palavra, nesse mesmo se deve pôr." (Pags. 18 e 19 da 5.ª edição, 1871). Note-se que a 1.ª ed. de Soares Barbosa é de 1803.

Innumeros repetidores teve este asserto de Soares Barbosa, tanto em Portugal como no Brasil. Releva ainda ponderar que muitos desses continuadores desconheciam, mesmo depois de Diez, e de outros linguistas mais modernos, a origem do artigo-pronome.

Não vale a pena citar textualmente as palavras dos defensores da doutrina de Soares Barbosa. Indicarei apenas, dos seus continuadores de maior nomeada, os respectivos livros: Francisco José Monteiro Leite, *Subsidios para o estudo da lingua portugueza,* Porto, 1881, pag. 118; e *Grammatica portugueza dos lyceus,* Porto, 1887, pag. 45; Adriano Grivet, *Grammatica analytica,* Rio de Janeiro, 1881, pags. 521; Julio Ribeiro, *Grammatica Portugueza,* 2.ª ed., 1885, pag. 29.

Ao numero dos que opinam pela assimilação (*amallo*) e queda do segundo *l* (*amal-o*) pertencem Maximino Maciel e Julio Nogueira. A opinião do segundo já foi reproduzida pelo sr. padre Magne. (Cfr. pag. 25 do vol. 49 desta *Revista*). Vejamos como pensa o primeiro: "Escreva-se agglutinado ao vocabulo o *l* euphonico (?), substituto do *s, z, r,* porquanto, embora seja elle o antigo *l* das formas *o, a, os, as* = *lo, la, los, las,* já estas de ha muito o perderam. Assim mais logico se torna agglutinar o *l* ao vocabulo cujo som ou letra substituiu, do que destacal-o com a variação e ter de recorrer a accento agudo ou circumflexo". (*Grammatica descriptiva,* 6.ª ed., Rio, 1916, pags. 72 e 73).

Inutil se torna citar exemplos que comprovem o typo D, tão usado tem sido elle, tanto em Portugal como no Brasil.

Fecho estas linhas transcrevendo a opinião conciliadora de um nosso grammatico: "Os que preferem escrever *amá-lo* argumentam que o infinitivo não termina em *l,* ao passo que *lo* é a forma antiga de *o;* os que escrevem

Revista de Lingua Portuguesa (RJ) - Ano 1927\Edição 00050 (1)

REPARANDO UM CONCEITO HISTORICO

Preoccupado com uma communicação scientifica, que devia ser dada a estampa, com prazo fixo, só hoje, 9 de Abril, pude ler o que escreveu o Sr. Roquette Pinto, no *Jornal do Brasil*, de 5 deste mez.

No espirito, quem sabe, attribulado do Sr. Roquette Pinto, passou nubecula rosea e elle, tomou da penna e escreveu: "Educar pela mentira?" naturalmente em resposta ao nosso artigo, por titulo "Reparando um conceito historico".

Não nos quiz mencionar o nome, na série de locuções facetas que, talvez, fariam romper riso a tamanduá da Rondonia.

Que importa o do modesto signatario deste! Pouco, muito pouco... mas o do apregoador "Phrases feitas". O conceito é diverso; outra a significação de phrases feitas. Como quer que seja, o que se aprende em Grivet, em João Ribeiro, em Othoniel Motta e tantos outros, quando se tem a natural tendencia para o escrever polido, é a applicação do escriptor a outras louçanias de estilo. Ahi é que o Sr. Roquette Pinto deve abrevar-se para se aperfeiçoar na escriptura, como solam dizer os memorados quinhentistas, mestres da penna.

Deixemos, porém, essas cousas de recreação proveitosa e firamos o ponto essencial da replica ao nosso risonho patricio. "Nada valem, portanto, *opiniões* e *palavras* em materia de historia", diz elle adeante, no artigo.

Os substantivos vêm grifados,

mandua da Rondonia.

Que importa o do modesto signatario deste! Pouco, muito pouco... mas o do apregoador enthusiastico das nossas — *injustiças historicas*, — esse é que é preciso mencionar, alto e bom som.

Roquette Pinto, Edgar ou Edgardo Roquette Pinto, ouviram leitores?

Foi elle que proclamou, com voz quasi estentorica e bem timbrada, numa sessão da Academia de Letras, a errada attitude do Brasil, rompendo guerra contra o Paraguay, na segunda metade do seculo passado. Inteiraram-se leitores? O Brasil, segundo o Sr. Roquette Pinto, comprometteu a sua gloria militar vencendo o Paraguay, numa guerra iniqua.

A audacia illogica desse homem só deve ser comparada á daquelle general norteamericano, que não figura entre os que bem serviram á grande nação, porque foi infiel yankee. Mas façamos uma pausa e respiguemos trecho impertinente do "Educar pela mentira?"

Illustre academico, Sr. Roquette Pinto, o que é isso? "As phra-

valem, portanto, opiniões e palavras em materia de historia", diz elle adeante, no artigo.

Os substantivos vêm griphados, salvosamente griphados. Porque? Será uma allucinação? uma extravagancia?, o que quer que de burlesco ou hilariante?

Não campamos de historiographo, não pertencemos a nenhuma instituição, onde ha opportunidade para revelar sabença, cara ou barata. Para que, então, esse aferro de nos malquerer ou pretender malquistar-nos com outrem.

Não, Sr. Roquette Pinto, opiniões e palavras auriluzentes são as da maioria da nação que não porfia por entregar os trophéos e não vê razão para açodado perdão de divida que o Paraguay não solicitou. O contrario é que significa rabular, numa intransigencia que provoca o estado alacre dos que lêm Labiche ou Mark Twain.

Mas, rabular aqui é mentir ao preceito de Taine, que manda sentir-se o historiador como barbaro entre barbaros, para lhes adentrar a psychologia exacta; isto é, não deturpar o rigor objectivo e historico.

E conclue o eminente, avisado,

tira?

Illustre academico, Sr. Roquette Pinto, o que é isso? "As phrases feitas, mesmo segundo os moldes dos Grivet, mais ou menos desconhecidos... etc. etc." A validade sem pelas do Sr. Roquette Pinto o enraiveceu contra o homem que sempre lhe apertou a mão com inarrefecido cavalheirismo.

No artigo, sahido a lume no *Jornal do Brasil*, de 4 do corrente, dissemos fraco o seu coração, uma simples e clara verdade.

Foi o sufficiente para ensoberbecer-se o anthropologo e, perdendo aquelle modo de lutar leal e nobre, em que os contendores só buscam concluir para se travarem das mãos e sorrirem numa lealdade e numa nobreza de animo louvaveis, desce e desce, como se lhe fosse aprazivel, a fanfar em "moscas zumbindo aos ouvidos dos estudiosos".

Ninguem duvida do pendor para o estudo do Sr. Roquette Pinto, mas, vê-se-lhe, logo, a fallencia no convivio dos bons modelos classicos da literatura. Passaram-lhe de largo Chesterfield, Thomas Moro, Luciano Samosatano e tantos outros padrões perennes do bom senso, da pollidez e da superioridade de animo. Ainda é tempo, Sr. Roquette Pinto, de boa e salutar emenda! Com um pouco de perseverança poderá aprender, que Grivet é um dos nossos melhores grammaticos, e que phrases feitas são outra cousa. Quer sabel-o, com proveito, o novel academico? Abra o excellente livro do alto glossologo João Ribeiro, intitulado

historico.

E conclue o eminente, avisado, sisudo e risonho patricio: "A nação que educa os filhos na mentira historica, prepara cidadãos de civismo incerto. Não os encontrará na hora dos supremos sacrificios".

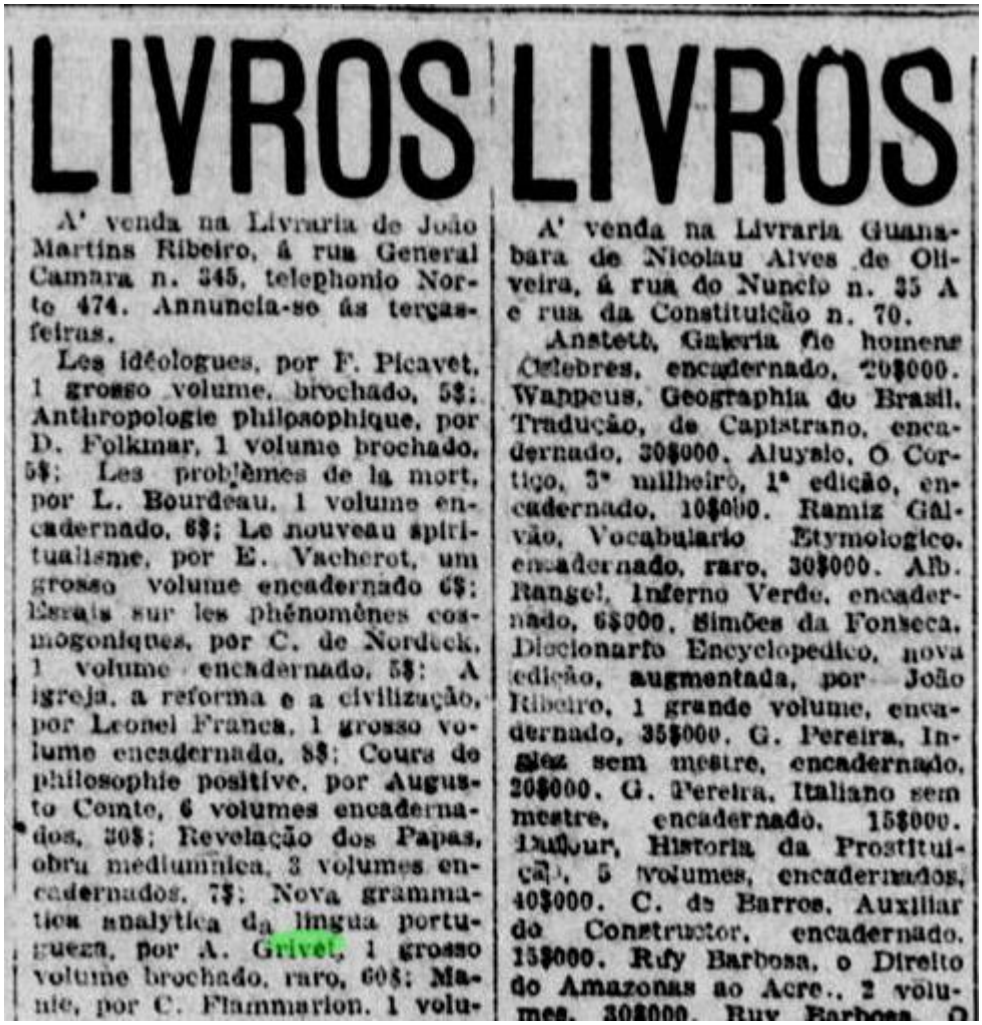
Acceitemos a primeira asserção para desapplaudir a impropriedade de linguagem daquelle civismo *incerto*, que parece pobreza seraphica de vocabulario. Quanto a segunda, a nação só encontra, de facto, para os duros momentos da guerra externa, aquelles cidadãos que crêm na grandeza da terra natal e que marcham sobre o canhão com acrisolado civismo, o maior amor do soldado.

O Sr. Roquette Pinto conhece, de certo, o lemma inglez: "right or wrong my country".

Não gosta da phrase? Pois a sustentação da mesma levar-nos-ia muito longe e desejamos ser breve.

Esta brevidade pede conclusão, mas antes de realizal-a lancemos repto ao Sr. Roquette Pinto: prove o illustre orientador dos moços, mas faça-o positivamente, não positivistamente, baseado em documentos fidedignos, a sem razão com que entramos em guerra contra o Paraguay. Se não o fizer dará mostra de fanfar affirmações improvaveis, o que constitue grave damno para a boa e justa conta em que consideramos os seus bellos attributos de intelligencia, erudição e notavel versar dos factos da nossa historia.

Dionisio Cerqueira



LIVROS LIVROS

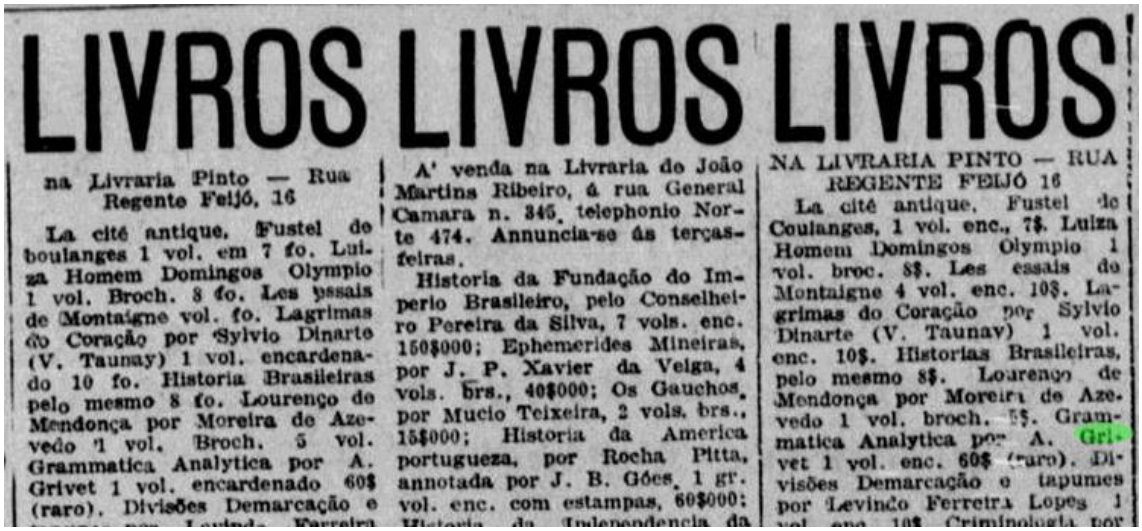
A' venda na Livraria de João Martins Ribeiro, á rua General Camara n. 345, telephonio Norte 474. Annuncia-se ás terças-feiras.

Les idéologues, por F. Picavet, 1 grosso volume, brochado, 5$; Anthropologie philpsophique, por D. Folkmar, 1 volume brochado, 5$; Les problèmes de la mort, por L. Bourdeau, 1 volume encadernado, 6$; Le nouveau spiritualisme, por E. Vacherot, um grosso volume encadernado 6$; Essais sur les phénomènes cosmogoniques, por C. de Nordeck, 1 volume encadernado, 5$; A igreja, a reforma e a civilização, por Leonel Franca, 1 grosso volume encadernado, 8$; Cours de philosophie positive, por Augusto Comte, 6 volumes encadernados, 30$; Revelação dos Papas, obra mediumnica, 3 volumes encadernados, 7$; Nova grammatica analytica da lingua portugueza, por A. Grivet, 1 grosso volume brochado, raro, 60$; Manie, por C. Flammarion, 1 volu-

A' venda na Livraria Guanabara de Nicolau Alves de Oliveira, á rua do Nuncio n. 35 A e rua da Constituição n. 70.

Anstett, Galeria de homens Celebres, encadernado, 20$000. Wappeus, Geographia do Brasil, Tradução, de Capistrano, encadernado, 30$000. Aluysio, O Cortiço, 3ª milheiro, 1ª edição, encadernado, 10$000. Ramiz Galvão, Vocabulario Etymologico, encadernado, raro, 30$000. Alb. Rangel, Inferno Verde, encadernado, 6$000. Simões da Fonseca, Diccionario Encyclopedico, nova edição, augmentada, por João Ribeiro, 1 grande volume, encadernado, 35$000. G. Pereira, Inglez sem mestre, encadernado, 20$000. G. Pereira, Italiano sem mestre, encadernado, 15$000. Dufour, Historia da Prostituição, 5 volumes, encadernados, 40$000. C. de Barros, Auxiliar do Constructor, encadernado, 15$000. Rufy Barbosa, o Direito do Amazonas ao Acre., 2 volumes, 30$000. Ruy Barbosa, O

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1928\Edição 00139 (1)



LIVROS LIVROS LIVROS

na Livraria Pinto — Rua Regente Feijó, 16

La cité antique, Fustel de boulanges 1 vol. em 7 fo. Luiza Homem Domingos Olympio 1 vol. Broch. 8 fo. Les essais de Montaigne vol. fo. Lagrimas do Coração por Sylvio Dinarte (V. Taunay) 1 vol. encardenado 10 fo. Historia Brasileiras pelo mesmo 8 fo. Lourenço de Mendonça por Moreira de Azevedo 1 vol. Broch. 5 vol. Grammatica Analytica por A. Grivet 1 vol. encardenado 60$ (raro). Divisões Demarcação e

A' venda na Livraria de João Martins Ribeiro, á rua General Camara n. 345, telephonio Norte 474. Annuncia-se ás terças-feiras.

Historia da Fundação do Imperio Brasileiro, pelo Conselheiro Pereira da Silva, 7 vols. enc. 150$000; Ephemerides Mineiras, por J. P. Xavier da Veiga, 4 vols. brs., 40$000; Os Gauchos, por Mucio Teixeira, 2 vols. brs., 15$000; Historia da America portugueza, por Rocha Pitta, annotada por J. B. Góes, 1 gr. vol. enc. com estampas, 60$000;

NA LIVRARIA PINTO — RUA REGENTE FEIJÓ 16

La cité antique, Fustel de Coulanges, 1 vol. enc., 7$. Luiza Homem Domingos Olympio 1 vol. broc. 8$. Les essais de Montaigne 4 vol. enc. 10$. Lagrimas do Coração por Sylvio Dinarte (V. Taunay) 1 vol. enc. 10$. Historias Brasileiras, pelo mesmo 8$. Lourenço de Mendonça por Moreira de Azevedo 1 vol. broch. 5$. Grammatica Analytica por A. Grivet 1 vol. enc. 60$ (raro). Divisões Demarcação e tapumes por Levindo Ferreira Lopes 1

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1928\Edição 00229 (1)

A pontuação de Camões

Nas controversias grammaticaes, em regra abespinhadas e esterceis, o velho Camões, arrolado como testemunha de eximia idoneidade, é infallivelmente obrigado a trazer o seu depoimento precharo.

Nada mais justo: o grande epico, figura central da egregia pleiade quinhentista que acepilhou e enfloreou aquella rude algaravia antiga, vale, na critica de Schlegel, por "uma literatura inteira".

A questiuncula pode girar ao derredor de uma virgula ou de um ponto; nem por isso é dispensada a presença do glorioo poeta. Todavia elle tambem não foi impeccavel em pontuação, capitulo que Grivet, em sua Grammatica Analytica de Lingua Portugueza, assignala, com razão, "ter sido sempre descurado" em portuguez. Agora, mais do que nunca, á bambalhona...

A pontuação de uma estrophe camoneana, a 50 do canto I dos Lusiadas, tem feito correr rios de tinta e posto em sarilho os eruditos.

Assim termina a estrophe:

"Os portuguezes somos do occidente.

Mas, Adolpho Coelho, na referida edição popular explicou ter sido "alterada a pontuação, sempre muito imperfeita nas antigas edições, de modo que o texto ficasse intelligivel."

O incansavel Bellegarde, alem do exame de uma infinidade de edições, consultou diversas traducções sem encontrar uniformidade na pontuação. Contudo a maioria vae com o traductor italiano Felice Belletti: "Portuguesi noi siam' dell Occidente, (virgula) e cerchiam nuove terre in Oriente".

Amparando a opinião de Evaristo Leoni, tão duramente repellida por Theophilo Braga, o saudoso escriptor brasileiro Franklin Tavora trouxe ao debate uma [illegible] paginas.

Acceitou a corrigenda de Leoni, os dois pontos (os portuguezes somos: do occidente imos buscando, etc.) e procurou subsidios interpretativos nas demais estrophes que constituem essa passagem da immortal epopéa.

Allegara The Braga "inadmissivel a correcção de Leoni, porque ella exigiria no verso seguinte VIMOS e não IMOS."

te,
Imos buscando as terras do oriente."

Afigurou-se ao critico Evaristo Leoni, no "Camões e os Lusiadas", incorrecta a pontuação e propoz: "Os portuguezes somos: (dois pontos) do occidente imos buscando as terras do oriente."

Theophilo Braga desapprovou esta emenda, mais tarde acceita por Adolpho Coelho, dizendo que Leoni raciocinará assim: "Não é possivel que Luiz Camões dissesse os portuguezes do occidente, como se alguns houvesse que fossem do Oriente". E o eminente Theophilo repelliu a substituição da virgula pelos dois pontos, aliás posteriormente, numa edição popular do **Diario de Noticias** de Lisboa, trocados por ponto e virgula.

Como esta edição fosse feita pela de 1572 publicada em vida do poeta, Guilherme Bellegarde, que esmerilhou meticulosamente este caso intrincado prestando-nos excellentes informes, examinou um exemplar da velhissima edição, verificando que os dois versos trasem a pontuação da primeira citação deste artiguete, isto é, a virgula após **o** vocabulo **occidente.**

Franklin Tavora refutou lembrando que o verbo ir junto a gerundio denota **continuação** e **imperfeição de acção.** "Ora, não era de outra natureza a acção dos portuguezes, de passagem em Moçambique, onde não estava o alvo de seu sonho — acção imperfeita e que tinha de continuar."

Logo que chegaram ao termo da viagem, Calecut, Camões não emprega mais o **imos**, porem **vimos:**

"Aorindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo o grão corrente
Por onde a lei divina se accrescenta."

E' possivel que, de um lado e de outro, esteja errada tão conspicua exegese literaria, o certo é que, com virgula, dois pontos ou ponto e virgula, reticencias, etc. o poema de Camões, por seculos, continuará a ser, na phrase lapidar de Latino Coelho, "o magico talisman de uma nacionalidade e a arca santa de suas glorias."

Euclides Bandeira

O Dia (PR) - Ano 1928\Edição 02055 (1)

prensa periodica, um advogado das instituições do país, identificado no oraculo da mocidade".

Vem a ponto alludir nestas resumidas notas, ao tocante discurso que, na qualidade de representante da Assembléa Legislativa do Maranhão, pronunciou ao chegarem a S. Luiz os restos mortaes do notavel escriptor, historiador e jornalista, João Francisco Lisboa, fallecido em Portugal.

De João Lisboa foi mestre, adversario politico e grande admirador.

Nesse discurso, primoroso lavor literario, na belleza do pensamento exteriorizado em genuinas e eloquentes frases, vibra a descripção da grande perda maranhense, tambem nacional.

Igualmente muito se enaltece pela enlevante objectivação de amor e de saudade o commovente soneto que dedicou Sotero dos Reis á memoria da esposa.

Discutiu este grammatico, com tanta proficiencia, a syntaxe do infinitivo pessoal, esse elemento de clareza, quando opportunamente empregado, que o genial Ruy Barbosa ao citá-lo, na monumental obra a que deu o titulo "Replica", chama-lhe o "mestre dos mestres".

Candido de Figueiredo, no estudo critico com que surgiu do prélo a obra "A lingua portuguesa" (difficuldades e duvidas), de Felippe Franco de Sá, politico e estadista do segundo reinado, cuja vida é um modelo de virtudes e de austeridade, denotando o valor dessa erudita obra assim escreve: "Mas o que muita gente de certo ignora é que o velho estadista e parlamentar era um doutissimo linguista, que, sendo do Maranhão, tem direito a que o agrupemos na brilhante pleiade daquelles maranhenses que se chamaram Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, João Lisboa, Odorico Mendes".

Deixando o sabio A. Grivet a Suissa, sua terra natal, depois de ahi firmar inconcussas provas de talento, saber e competencia pedagogica, escolheu o Brasil para residencia, aonde veio e onde adquiriu rapido,

profundo e vasto conhecimento da lingua de Camões e de Antonio Vieira.

Deu a publico, além de uma pequena grammatica em 1865, um trabalho completo, em 1881, com o titulo — "Nova grammatica analytica da lingua portuguesa".

Com vigorosa logica, sempre fortalecendo os conceitos, no testemunho dos classicos, especialmente do insigne padre Vieira, magistralmente explanou as difficuldades da linguagem, resolvendo-as sob novos methodos. Proclamou nessa interessante e erudita obra, com enthusiasmo e admiração, as bellezas do idioma luso.

Além de haver estudado geographia, historia, rhetorica, philosophia, mathematicas, physica, chimica, historia natural e direito, conhecia perfeitamente francês, alemão, russo, latim e grego.

No capitulo em que se occupa da collocação das palavras no discurso, tece vero hymno á lingua portuguesa. Transcrevo a seguinte passagem:

"Um simples retrospecto synthetico sobre os pontos successivamente discutidos deve gerar a convicção, mormente em quem estudou outros idiomas, que é prodigiosa a elastidade, a ductilidade da lingua portuguesa, e que talvez nenhuma dentre as linguas modernas a ella se avantaja em fecundidade de recursos, independentemente da riqueza do vocabulario; nenhuma é mais eminentemente literaria."

Para confirmar o que ensina nessa bella pagina, cita dois excerptos de Vieira, sobre os quaes assim se manifesta:

"Não será talvez pouco demonstrativa a tal respeito a citação das duas seguintes magnificas hypotyposis do padre Antonio Vieira, onde uma profusão de actos formando extenso panorama, com tanta certeza e rapidez se deslisão por entre transposições e ellipses, que o espirito nunca tropeça á procura do pensamento, e

chega ao fim dos trechos, maravilhado de tão esplendida visão, em que nem um ponto obscuro faz mancha."

Adduzidos taes considerandos, no tocante a Grivet, passo a exarar as razões que me levaram a citá-lo, nestes apontamentos á biographia de Sotero dos Reis.

De feito, Grivet, na sua valiosa grammatica, criticando, aliás com extremada veemencia, a theoria do verbo substantivo, criada em França, pelos dois notaveis grammaticos Noël e Chapsal, a qual veio a "dominar soberanamente em varios países", e foi ardorosamente accita e sustentada por Sotero dos Reis, combatendo os argumentos com que este philologo a justificava, embora sem lhe assignalar, uma só vez, o conceituado nome, mas citando *ipsis verbis,* definições e exemplos e até trechos dos trabalhos do mesmo autor, severamente se externa contrariando-a. Todavia, apesar de adversario intransigente, confessa que Sotero dos Reis "dentre os arautos da theoria do verbo substantivo foi o mais eminente e o unico que na sinceridade de sua fé e no ardor de seu proselytismo, não se esquivou ao dever de deduzir de seus principios as mais longinquas consequencias".

Emfim, em torno dos trabalhos de Sotero dos Reis architectou Grivet a argumentação com que se oppôs á theoria do verbo substantivo.

Completou o contra-almirante dr. Raimundo Frazão Cantanhêde a iniciativa de seu illustre progenitor, o commendador Antonio Cesar Cantanhêde que, na qualidade de vereador, na Sessão da Camara Municipal de S. Luiz, no dia 21 de outubro de 1879, em homenagem á memoria de Francisco Sotero dos Reis, propunha que se desse o nome desse douto maranhense á Praça da Alegria, onde residia e falleceu, proposta que foi unanimemente approvada.

NÃO DOU CONFIANÇA !

Não costumo gastar cêra com màos defunctos. Por isto, não dou resposta ao mascarado que na " Folha de Veado ", dia 29 do mês passado, andou a escrever cousas sem nexo contra mim. O individuo que escreveu o artigo sob a epigraphe " Pelo Vernaculo" só me inspira compaixão. Coitado ! Está sob um cilicio horrivel : a dôr da inferioridade. Não lhe dou, a elle, a resposta, porque a não merece. E a resposta, elle a não merece, porque se escondeu, porque não teve coragem de apparecer. Verdade é o que disse Ruy: " Vilão consciente é aquelle que de viseira baixa arremete contra um homem de rosto descoberto ". Elle não achou erros nos meus artigos. Não os poderia achar, — não porque eu tenha a presumpção de não errar, — mas porque não está elle nas condições de enxergar erro no que escrevo.

Ora, vejam só: mosquito a querer ter catarrho ! O que *Um Observador* encontrou em " O Liberal " foram lapsos de revisão muitos dos quaes em artigos que não são de minha lavra. A não ser isto, o ról de palavras que apresentou, de orthographia inusitada no Brasil, não tem importancia. Hà, entre nós, varios systemas orthographicos. A graphia *portuguez*, *francez*, etc. além de ser a mais usada, é perfeitamente defensavel.

Graves erros se encontram no artigo "Pelo Vernaculo". Não são erros de revisão. São erros crassos. São erros gravissimos.

Veja o leitor interessado o trecho seguinte:

" Em *sua* replica ao artigo publicado n' "O Alegrense " de 16, o signatario de "Na Estacada" revela a *sua* preoccupação absorvente de exhibir palavreado e reclama a conservação do nosso *castiço* (sic) etc ".

Se *Um Observador* soubesse alguma cousa, não teria empregado, como empregou, repetidamente, o possessivo *sua*.

Diz, a respeito desse grave erro, A. Grivet (Grammatica Analytica, pagina 456) :

" Se, do emprego dos adjectivos possessivos, a expressão do pensamento nada vem a lucrar em lucidez ou energia, melhor é elimina-lo como formando um pleonasmo reprovavel ".

Ensina, ainda relativamente ao mesmo assumpto, Eduardo C a r l o s Pereira (Grammatica Historica, pag. 393) :

" O artigo suppre o possessivo, quando se fala das diversas partes de um ser ou de cousa que lhe pertença".

Finalmente, como que para dar a ultima pá de cal, transcrevo o que diz Carlos Góes em trabalho attinente ao emprego dos possessivos (Diccionario de Gallicismos, pagina 174) com o brilho de expressão que lhe é peculiar:

" *Possessivo* — Resumbra francezia, e nada tem de

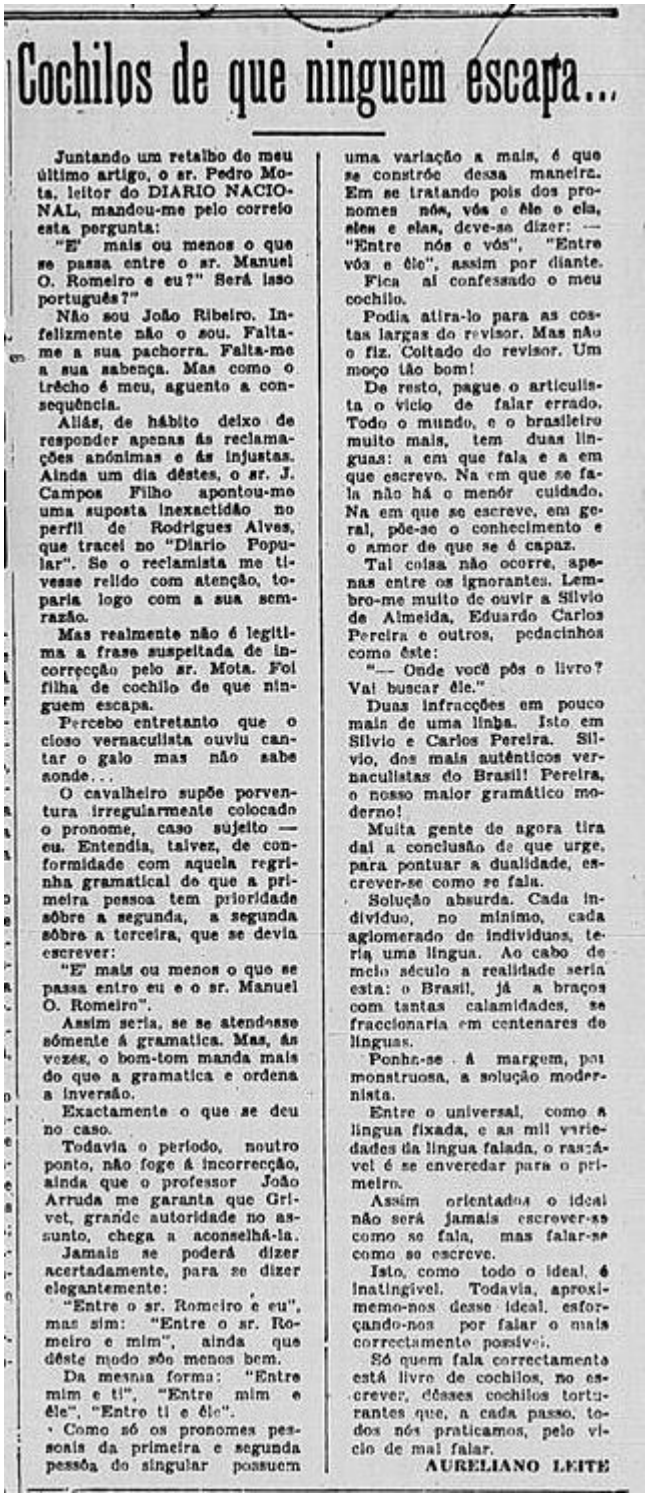
---

tados liberaes, pela sua victoria, são provas do nosso asserto.

Merecem parabens, os senhores adversarios do P. L. V., e não sèriamos nós que os haveriamos de regatear neste momento.

Apollinario Rattes

O Liberal: Orgam do Partido Liberal de Veado (ES) - Ano 1929\Edição 00007 (1)



Cochilos de que ninguem escapa...

Juntando um retalho de meu último artigo, o sr. Pedro Mota, leitor do DIARIO NACIONAL, mandou-me pelo correio esta pergunta:

"E' mais ou menos o que se passa entre o sr. Manuel O. Romeiro e eu?" Será isso português?"

Não sou João Ribeiro. Infelizmente não o sou. Falta-me a sua pachorra. Falta-me a sua sabença. Mas como o trêcho é meu, aguento a consequência.

Aliás, de hábito deixo de responder apenas ás reclamações anónimas e ás injustas. Ainda um dia dêstes, o sr. J. Campos Filho apontou-me uma suposta inexactidão no perfil de Rodrigues Alves, que tracei no "Diario Popular". Se o reclamista me tivesse relido com atenção, toparia logo com a sua sem-razão.

Mas realmente não é legitima a frase suspeitada de incorrecção pelo sr. Mota. Foi filha de cochilo de que ninguem escapa.

Percebo entretanto que o cioso vernaculista ouviu cantar o galo mas não sabe aonde...

O cavalheiro supõe porventura irregularmente colocado o pronome, caso sujeito — eu. Entendia, talvez, de conformidade com aquela regrinha gramatical de que a primeira pessoa tem prioridade sôbre a segunda, a segunda sôbre a terceira, que se devia escrever:

"E' mais ou menos o que se passa entre eu e o sr. Manuel O. Romeiro".

Assim seria, se se atendesse sómente á gramatica. Mas, ás vezes, o bom-tom manda mais do que a gramatica e ordena a inversão.

Exactamente o que se deu no caso.

Todavia o periodo, noutro ponto, não foge á incorrecção, ainda que o professor João Arruda me garanta que Grivet, grande autoridade no assunto, chega a aconselhá-la.

Jamais se poderá dizer acertadamente, para se dizer elegantemente:

"Entre o sr. Romeiro e eu", mas sim: "Entre o sr. Romeiro e mim", ainda que dêste modo sôe menos bem.

Da mesma forma: "Entre mim e ti", "Entre mim e êle", "Entre ti e êle".

Como só os pronomes pessoais da primeira e segunda pessôa do singular possuem uma variação a mais, é que se constróe dessa maneira. Em se tratando pois dos pronomes nós, vós e êle e ela, eles e elas, deve-se dizer: — "Entre nós e vós", "Entre vós e êle", assim por diante.

Fica aí confessado o meu cochilo.

Podia atira-lo para as costas largas do revisor. Mas não o fiz. Coitado do revisor. Um moço tão bom!

De resto, pague o articulista o vicio de falar errado. Todo o mundo, e o brasileiro muito mais, tem duas linguas: a em que fala e a em que escreve. Na em que se fala não há o menór cuidado. Na em que se escreve, em geral, põe-se o conhecimento e o amor de que se é capaz.

Tal coisa não ocorre, apenas entre os ignorantes. Lembro-me muito de ouvir a Silvio de Almeida, Eduardo Carlos Pereira e outros, pedacinhos como êste:

"— Onde você pôs o livro? Vai buscar êle."

Duas infracções em pouco mais de uma linha. Isto em Silvio e Carlos Pereira. Silvio, dos mais autênticos vernaculistas do Brasil! Pereira, o nosso maior gramático moderno!

Muita gente de agora tira daí a conclusão de que urge, para pontuar a dualidade, escrever-se como se fala.

Solução absurda. Cada individuo, no minimo, cada aglomerado de individuos, teria uma lingua. Ao cabo de meio século a realidade seria esta: o Brasil, já a braços com tantas calamidades, se fraccionaria em centenares de linguas.

Ponha-se á margem, por monstruosa, a solução modernista.

Entre o universal, como a lingua fixada, e as mil variedades da lingua falada, o razoável é se enveredar para o primeiro.

Assim orientados o ideal não será jamais escrever-se como se fala, mas falar-se como se escreve.

Isto, como todo o ideal, é inatingivel. Todavia, aproximemo-nos desse ideal, esforçando-nos por falar o mais correctamente possivel.

Só quem fala correctamente está livre de cochilos, no escrever, dêsses cochilos torturantes que, a cada passo, todos nós praticamos, pelo vicio de mal falar.

AURELIANO LEITE

Diario Nacional: A Democracia em Marcha (SP) - Ano 1930\Edição 00846 (1)

com *apherese* em hav-eis é a menos precaria e a que menos soffre impugnação. Camões, Bernardes e Vieira não se forraram ao desejo de *uza-lo* como *verbo*: *eis* appareceu logo uns pequenos bateis; "*eis aqui* mil quinhentos marcos de prata" — *vós tendes* ou *haveis* aqui mil quinhentos marcos de prata; começa a sahir e a nascer o sol; *eis* o gesto agradavel do mundo" — *haveis* o gesto agradavel do mundo". Os opositores allegam que os pronomes possessivos substituem adjectivos na falta de substantivos a que determinem, e isso impede que se diga: *eis o teu* melhor amigo em vez de *eis ò vosso* melhor amigo, sendo *vosso* e não *teu* o pronome correspondente á segunda pessoa do plural. Lembram-se ainda os contestantes, do nono e decimo verso do canto III dos Lusiadas em que o celebrado epico e primoroso poeta põe na bocca, do fiel vassalo "Egas Muniz", disposto a pagar a obrigação contrahida como fiador do principe Affonso: "*Eis* aqui venho offerecido a *te* pagar co'a vida o promettido". Em que, aparteam elles, a referencia do obliquio *te*, de modo algum poderia alludir *á segunda pessoa do plural*. E' insubsistente a prova. Arrima-se a u'a muleta falsa. Cortemos o nó gordio. São communs as phrases que andam, sem parar, na linguagem da gente pobre a na da erudita: Vêde-*me* aqui, senhor, e não é raro que, por modestia sejam *empregados eu e tu em lugar de nós e vós. As encliticas só se acostam*, já o dissemos, a *verbos*—sympathia de que não goza *nenhum outro elemento grammatical*: *eis-me* aqui; *ei-lo* que chega.

E' argumento decisivo. A meu ver, essa é a hypothese acceitavel. *Não são locuções adverbiadas* as phrases *eis aqui, eis ahi, eis alli* e sem *verbos* modificados por *adverbios*, seguido de *que* e ás vezes de *não*, o vocabulo *eis* precede e rege orações inteiras: "*eis que* surgem agora difficuldades. *Sim, não, apens, só, sequer, senão, somente, exclusivamente, unicamente, certamente, nada, nunca, aliás, afóra*, etc. Na impossibilidade de incluirem os vocabulos supra citados *somente na classe dos adverbios*, os grammaticos classificam-n'os como *preposições, adverbios, interjeições e particulas de negação, affirmação, inclusão e exclusão*. Intercallando-se entre outras palavras para marcar ou assignalar uma relação, *afóra* é *preposição*: "não ha anno que, alli, não naveguem de mil juncos para cima, *afóra* outros navios pequenos"; modificando a significação de verbo, adverbio ou adjectivo é adverbio: "a agua dos poços, *afóra* ser tão pouca, e desde que não affirme circumstancia e refira-se *a substantivo é particula de exclusão*: *afóra Joaquim*, todos fizeram bôa viagem. Apenas tem funcção de *adverbio* e equivale a *com difficuldade, escassamente*: "o que lhe produz o trabalho, *apenas chegava* para que, no Domingo, tivesse mais um prato á mesa.

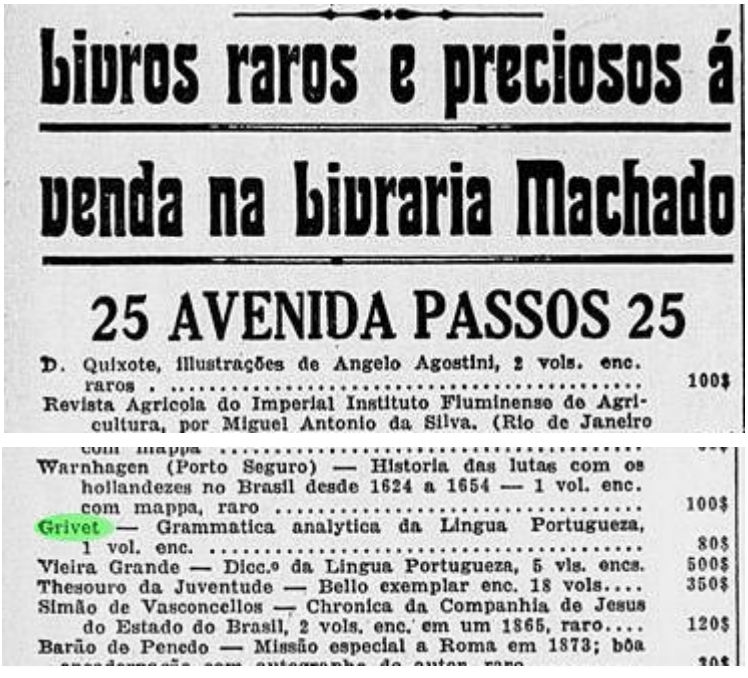
Com a equivalencia de *logo que*, assume o caracter de locução conjunctiva: "*apenas* chegado uma dos primeiros portuguêses que chamou aos seus conselhos foi..."; e na phrase apenas eu soube lição é, para outros *particula* ou *palavra de exclusão*. *Sim* e *não* são incluidos entre os adverbios:..." o teimoso não tem cabeça porque não conhece que...; "agora sim, irmãos, levantemos o vôo"...; *entre as interjeições*, porque, implicitament, podem abranger os elementos de uma proposição, e até o professor Grivet affirma serem as mais perfeitas quando sirvam de resposta peremptoria a uma interrogação: — *vaes para a sepultura?* Sim. Outros porém, pensam que os vocabulos *sim, não, certamente, apenas, só, unicamente, nada, nunca*, etc... não podem ser inventariados entre os *adverbios* em phrases como: apenas eu fiquei em casa; você vae á rua? vou sim. Vão ao commercio? não. "Só a palavra... fala... só ella esculpe estatuas;" "todos seguiram inclusive eu;" "Unicamente tu foste ao collegio;" todos almoçaram inclusive eu etc...,

LIVROS RAROS E PRECIOSOS A' VENDA NA LIVRARIA MACHADO

25 — Avenida Passos — 25

Couto Magalhães: O Selvagem. Rio Jan. 1876 — 1 vol. broch. com bôas margens .... 70$000
Manoel Pinheiro Chagas: Dicc.º Popular. 16 vols. enc. em 8 .... 250$
José Ignacio Coimbra e Cel. Conrado Niemeyer: Mappa Geographico da Provincia do Rio Grande do Sul. 1876. 1 volume .. .. 20$
Carlos Rivierre e engenheiros Francisco Keller, Mouchez, Raymundo de Penna Fortes, A. S. Blake, Theodoro Ochs e André Rebouças: Mappa Topographico da Provincia do Paraná. Rio Jan. 1876. 1 vol. .. 20$
Carlos Pinto de Figueiredo: Estado Financeiro das Provincias, organizado por ordem do Barão de Cotegipe. 1866. 1 vol. enc. ... . 70$
Relatorio da commissão encarregada de proceder a um inquerito sobre as causas da crise de Setembro de 1864. 1 vol. c/mappa, enc... 80$
Almeida Arreias: Crise Bancaria de 1859. 1 vol.; muito raro .... 100$
Martins Hoyer: Economia Politica. 1 vol. enc. .... 30$
Macleod: Economia Politica. 2 vols. enc. em 1 .... 60$
Luiz Caetano Ferraz: Dicc.º dos mineraes do Brasil. 1 vol. broch. 25$
Adolpho Coelho: Dicc. Etymologico da Lingua Portug.. 1 vol. enc. 80$
A. Grivet: Grammatica analytica da lingua portugueza, 1 vol. enc. 80$
Alberto de Souza: Os Andradas — obra commemorativa do 1º centenario da Independencia do Brasil, ornados com muitas gravuras, 3 vols. encs. .... 90$

O Jornal (RJ) - Ano 1931\Edição 03907 (1)



Livros raros e preciosos á venda na livraria Machado

25 AVENIDA PASSOS 25

D. Quixote, illustrações de Angelo Agostini, 2 vols. enc. raros . .... 100$
Revista Agricola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, por Miguel Antonio da Silva. (Rio de Janeiro
com mappa ....
Warnhagen (Porto Seguro) — Historia das lutas com os hollandezes no Brasil desde 1624 a 1654 — 1 vol. enc. com mappa, raro .... 100$
Grivet — Grammatica analytica da Lingua Portugueza, 1 vol. enc. .... 80$
Vieira Grande — Dicc.º da Lingua Portugueza, 5 vls. encs. 500$
Thesouro da Juventude — Bello exemplar enc. 18 vols.... 350$
Simão de Vasconcellos — Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil, 2 vols. enc. em um 1865, raro.... 120$
Barão de Penedo — Missão especial a Roma em 1873; bôa

O Jornal (RJ) - Ano 1931\Edição 04009 (1)

Questões grammaticaes

PRECISAR

Segundo os lexicographos, o verbo *precisar* pode ser tomado como transitivo-directo e como transitivo-indirecto.

Como transitivo-indirecto, significa *ter necessidade, carecer* e pede um complemento regido da preposição *de*. Como transitivo-directo, é synonymo de *exigir* e o complemento não tem preposição.

Exemplos de Constancio:

1) *O doente precisa de descanso*, isto é, tem necessidade, carece de descanço.

2) *O negocio precisa grande attenção*, isto é, exige grande attenção.

Isto posto, erram os que, no primeiro caso, eliminam a preposição, dizendo, por exemplo: *preciso estudar a questão;* pois, o verbo *preciso* não pode ahi substituir-se por *exijo*, sem alteração do sentido: *exijo estudar a questão*. O sentido da phrase é este: *tenho necessidade de estudar a questão*. Logo, deve-se dizer:

Himalaya, na região onde o Ganges nasce.

deve-se dizer: *Preciso de estudar a questão.*

Vende-se livros — vendem-se livros — vendem-se ouro e prata.

A primeira forma é gallicismo puro e não ha escriptor de merito, antigo ou moderno, que a autorise. Todos usam da segunda forma, concordando o verbo com o substantivo do plural, que é o sujeito da oração passiva.

Quanto á terceira forma, é correcta, apezar de ser o sujeito composto e formado de substantivos no singular e isto porque a oração está na ordem inversa. Grivet abona-a, fundado em numerosos exemplos, de classicos, entre os quaes o seguinte do padre Antonio Vieira: "*Falta-me o tempo e o talento* para escrever".

As Raridades da Livraria J. Leite

CAMÕES — OS LUSIADAS. Edição Emilio Biel. Leipzig 1880. Folio maximo de 563 pgs. e 23 estampas. Rica encadernação amador em 3/4 de chagrin grenat; filetes, florões, pasta e cabeça a ouro. Com estojo .. .. **500$000**

Edição monumental e RARA. Introducção notas e revisão de José Gomes Monteiro. Estudo sobre a Vida e Obra de Camões, por Mendes Leal. Finissimas gravuras e vinhetas executadas sobre aço pelos melhores artistas allemães. Bello exemplar para presente.

CAMÕES — LUSIADAS commentados por Manoel de Faria e Souza. Madrid 1639, 4 tomos, Folio de 1.262 pgs. ao todo. Uma gravura em cobre para cada canto, e alguns escudos e retratos em madeira no texto. **RIMAS VARIAS**, commentadas pelo mesmo. Lisboa 1685-1689, 5 tomos, Folio de 957 pgs. ao todo. As duas obras em 3 vols. E. .. .. **600$000**

Edições RARISSIMAS, muitissimo estimadas e procuradas pelos eruditos commentarios.

GRAHAN (MARIA) — JOURNAL OF A VOYAGE TO BRAZIL and Residence there, during part of the years 1821-1823. London 1824, Folio de 343 pgs., 11 estampas e 9 vinhetas E. .. **400$000**

Obra rara e curiosa. As estampas reproduzem vistas, scenas de costumes, etc. A autora esteve em Pernambuco, Bahia e Rio.

VIEIRA (Pe. ANTONIO) — SERMÕES. Lisboa 1679-1748, 15 vols., 4.° E. .. .. **1:200$000**

Primeira edição, unica estimada. São muito raros os exs. em bom estado.

COSTA E SILVA (José Maria da) — Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores Poetas Portuguezes. Lisboa 1850-55, 10 volumes, 4.°, E. .. .. **200$000**

Trabalho indispensavel, até hoje unico no genero.

CASTILHO (Antonio Feliciano de) — Os Amores de Ovidio, seguidos da Grinalda Ovidiana. Rio 1858, 4.°, 11 vols. em 2 volumes. E. .. .. **150$000**

GRIVET (A.) — Nova Gramatica Analytica da Lingua Portugueza. Rio 1881, 4.°, E. .. .. **100$000**

D. DUARTE — Leal Conselheiro, seguido do Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sella. Com introducção e notas do vis-

O Jornal (RJ) - Ano 1932\Edição 04168 (1)

cia bem em latim é de rigor; S. JERONIMO escreveu na *Vulgata*:

"Pater tuus et EGO *quaerebamus te"*

Segundo Figueiredo, como vimos, devemos dizer:

Entre mim e *êle*
Entre êle e *eu*.

GRIVET (*Gr.*, p. 375) condena "entre mim e *ti*" e só admite:

"Entre *eu* e *tu* não pode haver mais concordia"...

Apontando varios usos em latim, em inglês e em diversas linguas romanicas, considera SILVIO DE ALMEIDA (*Questão Gramatical*, 1900) irreprochavel:

"*Entre Paulo e* MIM" e não "entre Paulo e *eu*", já que é defeso empregar o caso reto naqueles idiomas, salvo o castelhano, em dizeres que exprimem cooperação, v. g.: "Entre Pablo y yo nos comimos tres pollos", mas já se dirá: "Entre Pablo y mí no hay ningun secreto", etc.

CONSTANCIO e MORAES só aceitam, louvavelmente,

Entre vós e *mim*
Entre ti e *mim*,

e portanto,

"Entre *mim* e *ti*"

Confrontemos alguns dos pareceres acima exarados.

A Castro Lopes e Figueiredo repugna "entre mim e *ti*", por entenderem que estas particulas exigem a regencia imediata da preposição.

Não o ignorava, sem dúvida, Grivet, e todavia houve êle por bem aconselhar "entre *eu* e *tu*" (!), sem embargo de não poder o pronome "*eu*" ser regido de preposição!

Fixemos agora isto: o segundo termo deve ser *mim*, *ti*, *nós vós*, *êle*, etc.

Ilustremos o asserto com documentos:

Em A. PEREIRA DE FIGUEIREDO, lemos:

"No que toca porém á palavra que nós nos demos um ao outro, o Senhor seja d'ella para

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1934\Edição 00073 (1)

A LINGUA VERNACULA

A. RAGGIO NOBREGA.

NOS DOMINIOS DA SINTAXE
"ENTRE ÊLE E MIM"

(*)

Antes de tomarmos conhecimento do parecer de RUI BARBOSA, importa um rapido exame da preposição *entre*.

Nos "ESTUDOS DE PORTUGUÊS", eu ponderei:

"Persuadimo-nos de que a preposição ENTRE não *rege* somente o termo a que está ligada: *entre* tem a peculiaridade de dominar duas ou mais entidades ou coisas: *entre* a espada e a parede, *entre* os romanos, etc.; aquela preposição *não se repete* antes de cada um dos termos empregados, como acontece com as outras, v. g.: *a* Pedro e *a* Paulo, *de* pau e *de* ferro, *com* um *com* outro, etc.

Afigura-se-nos que assim como se diz: "entre a cruz *e a caldeirinha*", sem possibilidade de repetir-se o *entre*, não nos será vedado *"entre êle e* MIM", ou, como escreveu ALEXANDRE HERCULANO, cuja autoridade é de grande peso para amparar a nossa apreciação: "ENTRE mim E TI" (*Eurico*). Erraria o egregio vernaculista? Ai está a particula, sem que a preceda imediatamente a preposição! Aliás, exatamente como em passos de FERNÃO LOPES e VIEIRA, que RUI cita na *Réplica!*" (p. 180-181).

O tempo e a reflexão vieram confirmar, vieram robustecer o meu modo de pensar. Novos documentos classicos, de que parece se não cogitou ao versar esta materia, só corroboram o conceito por mim externado.

O *entre* de fato *não se repete* dou com grande acerto no discretear deste magno assunto, foi o preclaro RUI BARBOSA.

A' pagina 532 da *Réplica*, traçou o Mestre:

"Creio que isso basta a quem *entre êle e* MIM houver de pronunciar"

Em *nota* a este passo, declara êle discordar de varios especialistas, aduzindo, em abono da construção que adota, os seguintes exemplos:

"Como a comparação não é mais que *entre meu Pai e* MIM, cuidem embora..."

(VIEIRA, *Sermões*, vol. II. p. 66)

"Não queria que el-rei de Inglaterra cuidasse que eu lhe faleci ou quero falecer no que *entre êle e* MIM é posto"

(FERNÃO LOPES, *Cronica de El-Rei D Fernando*, c. 162)

E acrescenta RUI:

"Que se não admite o *entre ele e eu*" (como o *entre eu e ele*) é sem dúvida. Mas, de *entre mim e ele* a *entre ei: e mim* não vejo onde a vernaculidade padeça quebra, suposto assim não pensem gramaticos de nomeada. E ainda bem que não opino sem dar autor, como diria o citado VIEIRA (*Cartas*, v. III, p. 32)"

Em todo este debate confesso a minha grande estranheza ao deparar-se-me um *"entre* EU e TU" caido de penas magistrais...

Nas linhas que aí ficam algo ha de proveitoso aos que desejam esclarecimentos no meio deste cáos sintatico.

Não ha, pois, elva de incorra-

materia, só corroboram o conceito por mim externado.

O *entre* de fato *não se repete*, no uso hodierno do idioma, mas algo, no dizer dos antigos, serve de elucidar completamente o seu papel nas locuções que estamos examinando.

E' de correção inconteste na linguagem consagrada o emprêgo de *entre* estabelecendo uma relação, v. g. "para discernir ENTRE *o doce e o amargo*" (P. FIGUEIREDO, II Reis, XIX, 35) : ficam aí igualmente *regidos* pela preposição os dois termos ligados pelo *e*. Diz-se, outrosim : "entre *os modernos*", "entre *os antigos*", etc.

Um termo no singular, um substantivo, um pronome, admite tambem o *entre* ?

Quem responde afirmativamente é o citado escritor da Vulgata :

"Disse o justo ENTRE SI MESMO".

(*Psalmos*, XXXV, 2)

Equivale ao "*em mim*" do decasilabo de um dos nossos poetas :

"E eu disse *dentro em mim* neste momento".

O *entre* pode efetivamente ser repetido : é o que nos demonstram documentos que vêm em apoio da minha tese :

"Lançae sortes ENTRE MIM e ENTRE JONATHAS meu filho".

(A. P. FIGUEIREDO, I Reis, XIV, 42).

Esta sintaxe não é insolita, não é passo unico : reaparece, de feito, aqui e acolá na obra monumental.

Vejamos :

"Jojada pois fez uma alliança ENTRE O SENHOR, *e* ENTRE O REI, e ENTRE O POVO, para que êle fosse o Povo do Senhor, *e* ENTRE O REI E O POVO"

(IV Reis, XI, 17)

"E Samuel tomou uma pedra, e a poz ENTRE MASFATH *e* ENTRE SEN, e appellidou este logar a Pedra do Soccorro"

(I Reis, VII, 12)

E ainda :

jam esclarecimentos no meio deste cáos sintatico.

Não ha, pois, elva de incorreção nas frases a que aludiu a consulta :

"Entre ele e *mim*"
"Entre mim e *êle*"

São vernaculos, por conseguinte, estes torneios :

"Entre mim e Pedro"
Entre ti e Antonio
Entre João e *mim*
Entre ele e *mim*
Entre João e *ti*
Entre *mim* e *ti*
Entre ti e *mim*,
Etc.

A MINHA CORRESPONDENCIA

Avulta, dia a dia — avulta e complica-se, — a correspondencia dos que desejam colaborar nesta campanha "sanead ora" da nossa lingua. O termo é de um consulente.

Batem-me á porta estudiosos — alguns se revelam verdadeiros mestres — trazendo-me preciosas sugestões a proposito da particula "se", do pronome "si", de uma infinidade de fatos sintaticos, de varios assuntos prosodicos, de questões de grafia, acentuando-se a necessidade de exame das normas prescritas no acôrdo bi-academico.

Fazem-se as mais curiosas indagações. Revolve-se, esquadrinha-se a lingua de Camões... Aplaudem-me (não odigo por vaidade) a tentativa de elucidação especialmente de questões sintaticas por mim ventiladas, garantindo-me alguns missivistas, com requintada gentileza, que o numero dos que lêm atenta e carinhosamente estes artigos é maior, muito maior do que talvez suponha o autor... Isto sensibiliza, confunde. São palavras confortadoras, são brados de animação, que me estimulam a proseguir com a mesma firmeza, constancia, tenacidade, afoiteza e desassombro, neste batalhar em prol de uma causa nobre, qual a de zelar dos fóros de lindeza do idioma nacional. Empresa ciclo-

DAVID *e* ENTRE JONATHAS filho de Saul"

(II Reis, XXI, 7)

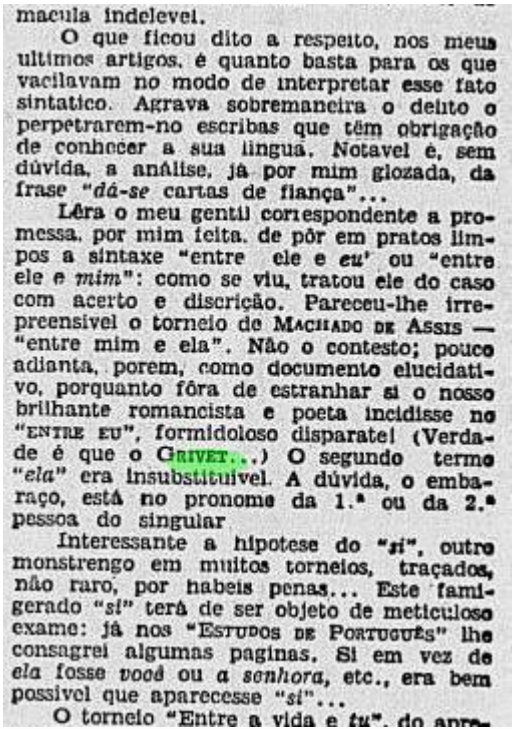
Os trechos transcritos nos explicam porque pode o segundo termo vir *sem a regencia imediata* da preposição, como no torneio : "ENTRE Pedro e MIM"

O que é certo, em ultima analise, em conclusão clara, insofismavel, é que só podem, em torneios dessa natureza, empregar-se termos que ADMITAM A REGENCIA DE "ENTRE" : logo, "entre eu e TU", entre Pedro e EU", etc. são de flagrante incorreção, são indefensaveis, são verdadeiros solecismos. GRIVET tem de dar a mão á palmatoria. FIGUEIREDO val outrosim confessar que errou e faz jus a meia duzia de bolos, podendo ainda agravar-lhe a pena a tal historia de *cessar a regencia* por estar distanciada a preposição... Famosa patranha !

"Entre ele e eu" é, de fato, o mesmo que "entre êle e ENTRE EU", o que, em hipotese alguma serie tolerado.

Quem, incontestavelmente, an-

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1934\Edição 00074 (1)



macula indelevel.

O que ficou dito a respeito, nos meus ultimos artigos, é quanto basta para os que vacilavam no modo de interpretar esse fato sintatico. Agrava sobremaneira o delito o perpetrarem-no escribas que têm obrigação de conhecer a sua lingua. Notavel é, sem dúvida, a análise, já por mim glozada, da frase "*dá-se* cartas de fiança"...

Lêra o meu gentil correspondente a promessa, por mim feita, de pôr em pratos limpos a sintaxe "entre ele e *eu*" ou "entre ele e *mim*": como se viu, tratou ele do caso com acerto e discrição. Pareceu-lhe irrepreensivel o torneio de MACHADO DE ASSIS — "entre mim e ela". Não o contesto; pouco adianta, porem, como documento elucidativo, porquanto fôra de estranhar si o nosso brilhante romancista e poeta incidisse no "ENTRE EU", formidoloso disparate! (Verdade é que o GRIVET...) O segundo termo "*ela*" era insubstituivel. A dúvida, o embaraço, está no pronome da 1.ª ou da 2.ª pessoa do singular.

Interessante a hipotese do "*si*", outro monstrengo em muitos torneios, traçados, não raro, por habeis penas... Este famigerado "*si*" terá de ser objeto de meticuloso exame: já nos "ESTUDOS DE PORTUGUÊS" lhe consagrei algumas paginas. Si em vez de *ela* fosse *você* ou *a senhora*, etc., era bem possivel que aparecesse "*si*"...

O torneio "Entre a vida e *tu*", do apre-

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1934\Edição 00077 (1)

O Emprego do Infinito Pessoal

Maria Antonia de Mello
Da Diretoria Geral do Ensino

Si o uso do Infinito pessoal só é proprio de nossa lingua, quando devemos usál-o?

Nos "Serões Gramaticais", do dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, lente jubilado do Ginásio da Baía, 3.ª edição, 1919 — encontramos:

"Este idiotismo de nossa lingua dá-lhe uma vantagem incontestavel sobre suas irmãs, as linguas romanicas, facilitando-lhe a variedade da frase, conforme as exigencias da harmonia, a energia dos conceitos e o colorido das idéas. As regras, porém, relativas ao emprego dos dois infinitos de nossa lingua são sujeitas a muitas dificuldades, e podemos considerar este, um ponto de nossa gramatica, em cuja aplicação a maioria de nossos escritores vacilam e tropeçam. Formularemos todavia, as seguintes regras não tendo *a maior parte delas nada de rigorosas e absolutas*".

O grifo é nosso, mas si os leitores quizerem lêr as onze regras poderão encontrá-las no volume acima citado.

Julio Ribeiro admite as regras de Diez, mas afirma que as de Soares Barbosa, seguidas por muitos gramaticos só servem para gerar incerteza no espirito de quem estuda. Segundo tais regras, os escritos de Camões, Vieira, Herculano e outros estão inçados de erros.

Eduardo Carlos Pereira vai mais longe: "O gosto literario, o ouvido culto e o criterio gramatical do escritor, a harmonia da frase e a clareza são as duas leis regulamentares do emprego correto do Infinito Pessoal.

As regras absolutas dadas pelos gramaticos são artificiais, não condizem com os fatos do idioma vernáculo e lançam a confusão no espirito dos escritores principiantes."

As regras aludidas são as formuladas:

1.º — por Jeronimo Soares Barbosa em 1803:

a) usa-se o infinito pessoal quando tem êle sujeito proprio, diverso do de seu verbo regente e o infinito impessoal quando os sujeitos são identicos;

b) usa-se ainda o infinito pessoal quando o infinito é empregado como sujeito, predicado ou complemento de preposição em sentido pessoal.

2.º — em 1836 - 1844, na Gramatica das Linguas Romanicas, Frederico Diez (adotado por Julio Ribeiro) diz:

Emprega-se o infinito pessoal quando a clausula do infinito póde subtrair-se á dependencia do verbo principal — sendo substituida por outra no indicativo ou no subjuntivo — quer tenha ou não sujeito proprio.

Carlos Góes apresenta as regras de Diez e Soares Barbosa como defeituosas, mas para esclarecer o uso do infinito impessoal dá 18 regras, e como se não bastassem, dá mais 15 para definir o emprego do infinito pessoal. Ao todo 33 regras!

E' o cumulo! Como si as cabeças dos estudantes tivessem de ser apenas receptaculos de regras gramaticais!

Coelho Netto, num de seus artigos, escreve:

"A gramatica é apenas a codificação das leis e a prova mais eloquente e forte desse asserto é o progresso das linguas, reagindo contra todos os entraves que lhes opõem os aferrados aos principios, tão arcaicos como as palavras, que, por inuteis, caindo em desuso, são logo substituidas por termos que batisam novas ideias e novos inventos. Ficar na prisão absurda das regras é estacionar em ambito limitado. As leis nascem das necessidades — são marcos que fixam conquistas. A gramatica é a historia das linguas, como a historia dos povos deve avançar, dilatar-se com a evolução".

O professor José Portugal, no Curso Prático de Português, 3.ª edição — 1907, pags. 390 e 391 dá alguns conselhos sobre o uso do infinito impessoal.

1.º — quando é empregado de um modo absoluto, sem referencia a nenhum determinado sujeito, ex.: Fazer bem é um dever nosso. Não haver quem nos ajude é duro. Vejamos aquele entrar e saír sem descanso.

2.º — quando está subordinado a outro verbo sem sujeito próprio e referido ao sujeito desse verbo, ex.: Não poderemos dar esmolas a todos os pobres. Eu queria comprar todas as bonecas. Mandaram-nos emendar os exercicios.

3.º — quando faz as vezes de imperativo, ex.: Escoteiros! Marchar! Soldados, direita volver! Apontar armas!

Grivet, em sua Gramatica Analitica, completa (a meu vêr) estes conselhos quando recomenda o uso do infinito impessoal:

1.º — nos verbos combinados (conhecidos pelo nome de verbos perifrasticos) exs.: Has de louvar a grandeza da terra. Estudamos para fazer boa figura. Os operarios começaram a trabalhar. Os meninos olham sem vêr.

2.º — quando são complemento de outro verbo tambem no infinito, exs.: Vocês deviam querer ajudar-nos. Não podiam deixar de intervir. As crianças foram puxar a rir a barba postiça do palhaço.

Fóra estes casos, diremos com Eduardo Carlos Pereira e o prof. José Portugal: E' indiferente o uso do infinito pessoal ou impessoal submetendo-se apenas ás exigencias da clareza, elegancia ou harmonia. Ex.: O fazendeiro deu muitas sementes aos visinhos para viver em paz e harmonia. (Para que êle fazendeiro vivesse em paz com os visinhos, etc.). O fazendeiro deu muitas sementes aos visinhos para viverem em paz e harmonia (Para que os visinhos vivessem em paz, etc.).

EM TODAS AS LIVRARIAS:
PEDRA NO SAPATO
Satiras de Victor Caruso

um pronome indefinido e representa o sujeito da oração, dada a equivalência do *se* com o *on*.

Said Ali (3) contesta parte de tal opinião e ensina que o fenômeno será, quando muito, um caso de vulgarismo ou plebeismo... português, calcado sôbre locuções congêneres do falar pátrio.

Tem muita razão o eminente mestre porque, de fato, a construção de que falo é observada principalmente, nos domínios populares que nada ou quási nada sabem da França e sua língua.

E' interessante verificar a opinião de um velho gramático — Adriano Grivet (4) — sôbre o ponto. Diz êle: o *se* constitue um sujeito, quando se deixa traduzir pela expressão vaga — a gente.

O que é certo, porém, é que tal fenômeno existe no idioma luso-brasileiro. Cumpre, portanto, estudá-lo à luz de elementos outros, ainda não falados.

E' sabido que o latim vulgar se caracterizava por alguns fatos interessantes, como os seguintes: o desenvolvimento ao analitismo (5), a redução e confusão dos casos, a tendência para o desaparecimento do gênero neutro, o aumento acentuado de preposições, etc.

Cumpre lembrar, neste momento, que o latim de que se trata, tinha formas especiais de expressão, "mais il emprunte au latin classique la plus grande partie de ce qui le constitue, la plupart des mots, la plupart des formes, la plupart des constructions síntaxiques". (6)

A propósito da construção — objeto dêste trabalhinho, é necessário notar o que se segue, porque é de interêsse para a explicação do fato.

São uns exemplos do latim vulgar, em que se nota o emprêgo da voz passiva impessoal, acompanhada do objeto direto no plural: "legitur libros" — "Monetur pueros" (7), tendo as respectivas traduções — "lê-se livros" — "Admoesta-se meninos".

---

(3) "Dificuldades" — 3.ª edição — pág. 162.
(4) Gramática Analítica" — 1865 — pág. 189.
(5) Clóvis Monteiro, em recente livro, conclue que semelhante tendência parte dos idiomas clássicos.
(6) "Manuel des Etudes Grecques et Latines", de Laurand — 1930 — pág. 675 — V. 6.
(7) Conf. José M. Rodrigues in "Revista de Língua Portuguesa" — N. 24.

Maravalhas Grammaticaes

EXPLANAÇÕES:

Caracter verbal do infinitivo.

Embora substantivado, não perde de todo o infinitivo o seu caracter verbal, conforme se poderá verificar do confronto das expressões seguintes:

O SORRIR DOS FELIZES (OS SORRISOS DOS FELIZES).

O GARGALHAR PARVO DOS IDIOTAS (AS GARGALHADAS PARVAS DOS IDIOTAS).

O SOLUÇAR DOS AFFLICTOS (OS SOLUÇOS DOS AFFLICTOS).

Esta idéa de acção, vamo-la encontrar nos *adjunctos attributivos*, quando estes modificam o infinitivo substantivo:

O NASCER DO DIA (O DIA NASCE).

O CAHIR DA TARDE (A TARDE CAHE).

O BORBORINHAR DAS ÁGUAS (AS AGUAS BORBORINHAM).

Da comparação das expressões supras, resalta com evidencia o quer que seja que lembra a acção dos verbos nos casos estudados. É certo que nos exemplos dados todos exprimem *actividade*. Entretanto, pódem elles conter idéa de *passividade*:

O QUEBRAR DOS PRATOS (OS PRATOS SÃO QUEBRADOS).

O PARTIR DOS CRYSTAES (OS CRYSTAES SÃO PARTIDOS).

Com certeza por essa razão é que muitas vezes *adverbios* e *expressões circumstanciaes* os modificam:

O ANDAR SEM FIRMEZA, SEM APRUMO, quasi gigante e sinuoso.

(Euclydes da Cunha)

O VESTIR-SE BEM é proprio das pessoas de gosto.

O caracter verbal do infinitivo é naturalmente posto em relevo pelos proprios *complsmentos* que lhe integralizam o sentido e realçam a acção, como já vimos:

UM ESPARSO TILINTAR de chocalhos, de guizos.

(Eça de Queiroz)

O TRITURAR O CORAÇÃO de oitenta annos.

(A. Herculano)

Do que levamos dito, se conclue que o infinitivo é essencialmente *expressão verbal*, caracterizada pela abstracção e indeterminação do sentido, sendo egualmente a *fórma nominal dos verbos*, pelo que equivale ao substantivo, gozando das propriedades deste.

Já Grivet dizia: "O infinitivo participa do facto syntactico, sem ser facto: é expressão verbal; não chega a enunciar de per si um facto, apenas enuncia um acto. Ao avêsso das idéas, que parecem geralmente prevalecer, a *impessoalidade é propriedade essencial deste modo*, e a *personalidade, propriedade accidental*".

CONSULTAS:

Pede-nos um consultante para explicar a origem do vocabulo OCHLOCRACIA (pron: O-KLO-CRÁ-SSI-A). Allega que já consultou a respeito a opinião do critico da secção PORTUGUÊS & LITERATURA, da "Gazeta de Noticias", mas que não se conformou com a hypothese aventada pelo Sr. Horacio Mendes, de que se trata de algum *neologismo*. Realmente o vocabulo em apreço é legitimo vernacula, e sua etymologia é, certamente, a que lhe attribue o provecto professor do INSTITUTO RABELLO, a cujos talentos rendemos as homenagens de nossa mais viva admiração. Significa OCHLOCRACIA o governo em que o poder reside nas multidões ou no populacho; e representa em geral o primeiro periodo da historia dos povos. Sua origem é grega (OCHLOS = PLEBE, e CRATEIN = GOVERNAR). O Diccionario de Adolpho Coelho regista o termo, e foi justamente nessa perenne fonte de ensinamentos philologicos que nos louvámos para alinhavar estas linhas de simples esclarecimentos.

LIVROS & PUBLICAÇÕES:

CENACULO PHILOSOPHICO — da Faculdade de Philosophia, Sciençiae e Letras da Universidade da Capital Federal.

O presente opusculo dá conta do que se vae realizando de util naquelle novo e já esperançoso CENACULO PHILOSOPHICO, com interesse para esses transcedentaes estudos entre nós. É uma publicação proveitosa, que registra dois cuidadosos discursos sobre o assumpto, de magna importancia para os povos que formam á vanguarda das nações que se prezam de ser cultas.

O CENACULO PHILOSOPHICO é iniciativa de uma pleiade de alumnos daquella Faculdade, e nelle repousam as esperanças mais ridentes de quantos desejam ver encaminhados estes conhecimentos entre nós. É de prever-se que, em futuro que não está longe, terá conquistado o Cenaculo logar de destaque entre as associações congeneres, disseminadas pelo mundo inteiro, projectando a luz da philosophia nas intelligencias preparadas para recebê-la. Sua creação, pois, veio prehencher uma grande lacuna neste particular, lacuna esta que se não justificava e era o mais triste attestado de atrazo intellectual passado á cultura do nosso povo e, ainda mais, revoltante menosprezo á memoria dos cultores desses estudos no Brasil. Era, acima de tudo, esquecimento injustificavel de valores como Tobias Barreto, Farias Brito, Sylvio Romero, e tantos outros, cujos nomes são o melhor estimulo para que a mocidade estudiosa das escolas continuem a trilhar essa senda maravilhosa, proseguindo nas pégadas dos mestres e que ahi reluzem com o brilho proprio dos astros.

V. PAULA REIS

Nação Brasileira (RJ) - Ano 1936\Edição 00155 (1)

los a dedo.

Vale a pena esmiuçar as varias opiniões que consignei. A *precedencia* da primeira pessoa é coisa de todo inaustentavel: é disparate. C. DE FIGUEIREDO escrupuliza no emprego de *entre* regendo pronome pessoal: este só póde ser de caso obliquo. Para ALFREDO GOMES *eu* e *tu* (caso reto) *podem* ser regidos de preposição (!), e daí: "*Entre eu e ele*". Dispensa contestação. GRIVET, metendo os pés pelas mãos, perpetra: "*Entre eu e tu*". C. DE FIGUEIREDO, menos desarrazoado mas incurso em erronia, aceita "*Entre ele e eu*". Como C. LOPES, como GRIVET, como GOMES, não admite pronome obliquo (no segundo termo) sem que venha *imediatamente* regido de preposição. Assim opina SANDOVAL, para quem *seria* correto:

"Entre ele e *eu*", "*entre* ti e *eu*", "*entre* mim e *tu*", etc.

Nos meus *Estudos de Portuguès* (2.ª ed.), ventilando o caso, arrisquei a seguinte ponderação:

"Persuadimo-nos de que a preposição ENTRE não *rege* sómente o termo a que está ligada: *entre* tem a peculiaridade de dominar duas ou mais entidades ou coisas: *entre* a espada *e a parede*, *entre* os *romanos*, etc.; aquela

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1937\Edição 00302 (2)

A LINGUA VERNACULA

Uma saraivada de perguntas — "Entre ele e mim"

III

Relativamente á sintaxe de *entre*, patenteia-se a balda de se fixar opinião doutrinaria sem o indispensavel exame.

Sabendo-se que *eu* e *tu* não podem ser *regidos de preposição* (em "*para eu* beber", o *para* rege a *frase infinitiva* e não o pronome), não têm faltado gramaticos que preconizem o tornelo — "*Entre* EU e Pedro"! Esse *entre* deixou de ser prepositivo? E' exceção á regra, de todos aceita? E em que termos deverá a critica severa e honesta estigmatizar tais disparates?

Vimos o juizo externado pelo competentissimo Sr. coronel SANDOVAL: — "Entre ele e *eu*, entre ti e *eu*, *etc.*", é o que DEVIA ser considerado vernaculo!"

Aquele segundo termo, que parece liberto da influencia da preposição, é que tem desorientado os tratadistas. Que ha nisso de estranhavel? Não nos fere ainda o timpano a opinião de GRIVET? Quem diz "*entre eu*", "*entre tu*" hesitará em gatafunhar — "entre Paulo *e eu*, entre Paulo e *tu*"? Assim distanciado, é claro que se afigura perfeitamente aceitavel e legitimo o caso reto!

Mas ha que notar: não se buscou, não se busca, em geral, *interpretação* em harmonia com os *modelos* da boa linguagem, gar a idéia, a opinião preconcebida!

Diante da vasta cópia de exemplos que nos aponta RUI BARBOSA á pagina 577 da *Réplica;* em face de documentos colhidos em CAMÕES, ANTONIO FERREIRA, BERNARDES, VIEIRA, FILINTO, ANTONIO DE CASTILHO, C. CASTELO BRANCO e outros, teima-se em negar a vernaculidade de "*entre mim*", "*entre si*", etc., equivalentes a *em mim*, *em si!* E todavia, que haverá na lingua mais solida e exuberantemente comprovado?

E', em tudo isto, patente a falencia de sereno e razoavel criterio no apreciar os *fatos*: põe-se á margem, com a maior sem-cerimonia, o testemunho dos mais acatados escritores, com a decisão de impôr, de fazer vingar, como disse, a opinião preconcebida!

Não está certo. E' destempero.

Em face da profusa documentação classica, outra poderá ser, concordo, a *decisão* do gramatico: haja vista, a este proposito, o meu trabalho, ha muito estampado n'*A Lingua Vernacula*, acerca da sintaxe de "custa a" (*custa a crér*), em que tive a honra e afoiteza de insurgir-me contra o parecer do exelso RUI BARBOSA. O caso, porém, era outro. Tambem lá aparece uma caterva

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1938\Edição 00011 (1)

SONORIDADE DO NOSSO IDIOMA

De todas as linguas dos povos cultos, que hão servido de vehiculo ao pensamento, é, sem duvida, a nossa a mais linda e mariosa. Das romanicas ou néo-latinas é a mais rica e encantadora. Riquissima de belleza rythmica, de suffixos, de tropos lindos, de interessantes idiotismos, de vocabulario pomposo e fascinante.

Desde dois seculos antes da vinda de Christo, isto é, desde a época em que os Romanos conquistaram a Peninsula Iberica, até aos dias actuaes, no decurso de mais de um bi-millenio, a lingua querida de Frei Luiz de Souza e de Vieira vem se enriquecendo e sublimando através dessa lenta evolução no tempo e no espaço.

A' guisa de Carlos Góes, posso dizer: Se a linguagem, em sua verdadeira generalidade, segundo os accordes dos grammaticos, é a expressão do pensamento, a nossa, sobretudo, é deste a musica espiritual. E', tambem, no dizer de Goethe, um desses bens difficeis, que, mesmo herdados, para se possuir, precisam ser adquiridos de novo.

Infelizmente poucos são os super-homens que, como Ruy, Mario Barreto, Machado de Assis, João Francisco Lisboa, Julio Ribeiro, E. Carlos Pereira, Carlos Góes, Camões, Jacintho de Andrade, Bernardes, Vieira, Castilho, Herculano, Garrett, Latino Coelho, Candido de Figueiredo, lhe conhecem os segredos e as bellezas. Poucos são hoje os escriptores que não esfarrapam a franja de damasco do vernaculo. Mestre Alberto de Oliveira, em uma consagradora carta que, em 1935, endereçou ao meu querido amigo Plinio Motta, exaltando o poema "O Pantano" deste, assim se expressou: "Vae rareando, cada vez mais, ultimamente, entre nós, o gosto das boas normas de escrever. A lingua pouco lhe falta para andar mais remendada, se já não o está, do que capa de pedinte, segundo o conceito que vem na "Corte na Aldeia".

Continuemos a exaltar a peregrina belleza e a sonoridade na nossa lingua, em que no cantar de José Albano, "mel com aroma se mistura".

O italiano, o idioma immortalizado por um Dante, ensinado por Zambaldi e no qual, modernamente, philosopha o preclaro pensador Croce, soffre dos sons duplicados e chocalhantes. O castelhano, a lingua suavissima, na phrase patriotica de André Bello, na qual Cervantes creou o romance de cavallaria e Vargas Vila, na Colombia, cinzelou bellas paginas de esthetica, é, comtudo, profusa de sons duros e aspirados, e mais ainda o era quando da sua origem do dialecto gallego, velho marco de transição entre essa lingua do precioso Gongora e a de Camões. O allemão, o idioma acclamado enthusiasticamente por um Max Muller, por um Soares Barbosa e todas as linguas germanicas, de pronuncia difficilima, têm um som guttural, forçado e, por isso mesmo, desagradavel ao ouvido. Em diversas linguas do Oriente como da China, da Arabia, e tambem da Australia, da Polynesia, da Africa e mesmo da America, as quaes segundo repetiu Ayer, não possuem o nosso importante verbo de ligação, o verbo SER, considerado por muitos grammaticos o unico que exprime verdadeira affirmação, existe uma babel de sons coxos e chaoticos, como o sanskrito antigo, pronunciado pelos brahmanes em sua linguagem sacra.

Finalmente, o francez, preconizado em voz alta por um Darmesteter, por um Mason, e o idioma que serviu de vehiculo ao pensamento de um Descartes, de um Voltaire, de um Hugo e de outros vultos da "madre intellectual dos povos latinos", na phrase lapidar e eterna de Ruy, é essencialmente nasal e dá a certos phonemas um som duplo e de escabrosa enunciação. O accento, do latim "accentus", egual a canto, por Carlos Pereira considerado a modulação da voz humana; por Cicero uma simples modulação; por F. Diez, um signal imprescindivel á linguagem: por Diomede como que a alma da palavra — "velut anima vocis", e tão exigido pelo idioma francez, emtanto, não lhe empresta o effeito euphonico a que alludem os linguistas. No portuguez, porém, produz elle toda a musicalidade de que nos falla um philologo da Patria do torturado Leopardi, o qual lhe chama "as pulsações, que batem o compasso da vida."

Como prova cabal da doce malleabilidade da lingua, em que Camões "chorou, no exilio amargo, o genio sem ventura e o amor sem brilho", temos os sympathicos idiotismos do infinitivo flexionado, que, de todas as linguas irradiadas do Lacio, é somente peculiar á nossa. Temos mais ainda a discordancia do verbo com o sujeito composto posposto, que concorda só com o termo mais proximo, salvando-se apenas os casos de excepção. Grivet, em sua magnifica "Grammatica Analytica", referindo-se á questão em apreço, num gesto largo de absoluta e louvavel imparcialidade, assim se expressou: "O portuguez, pelo contrario (isto é, pelo contrario do francez, que se preoccupa com a integridade do pensamento), rico de sonoridades caracteristicas, e, por isso mesmo, mais musical, acabou por offender-se de qualquer dissonancia. No seu melindre excessivo antes quiz constranger o espirito ao esforço de uma interpretação, de que sujeitar o ouvido a uma cacophonia."

E já do latim me apraz a mim a musicalidade e a pronuncia, geralmente breve das palavras. Certo é porque a lingua de Cicero tem a de Bernardes, como filha dilectissima. Effectivamente não se póde penetrar o amago da ultima, as suas subtis bellezas e difficuldades, sem conhecer as particularidades da primeira, sem traduzir, de um rufo, por exemplo as odes horacianas, as eclogas vergilianas. E, tambem, o estudo do grego é imprescindivel, como, no dizer de Garrett, não podia o orador de Ispahan ou de Stambul "escrever bom turco ou bom persiano, sem saber o arabe antigo, a lingua de Koran e de Hafiz, agora tão morta para elles, como o grego e o latim para nós, como o sanskrito para os Indios Mongoes."

ces do "Angelus", o sol oscular as leivas, a lua beijar os palmares, o adejar do "guanumby", o rescar da procena indigena, a candura de uma Cecilia, a paixão ardente de uma Isabel, a paixão e a fidalguia de um Alvaro, o extremado devotamento de um Pery, a mesquinhez de um Loredano, a ineffavel doçura dos "labios de mel" de uma Iracema — este verdadeiro poema em prosa, em que o dr. Affranio Peixoto descobriu "o anagramma de America". Sentimos emfim, na prosa e na poetica desses primorosos artistas da palavra e nas de innumeros outros que seria longo e enfadonho citar o embalador lyrismo, todo o voluptuoso bucolismo, todas as magnificencias primaveraes deste Brasil gigante ante cujos fascinios todos nos ajoelhamos, em extasis, para modularmos um poema verde e uma prece nessa lingua sonora, "tuba de alto clangor, lyra singela", na poetica bilaqueana.

Ella é, ainda, cheia de intricados arcanos e, por isso, proporciona-nos difficuldades mil. Por esse motivo já havemos tido renhidas polemicas entre insignes luminares que a professam. Tivemos gigantescas pugnas polemisticas entre Ruy Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro, entre o mesmo esculptor da monumental "Replica" e Graça Aranha, entre João Ribeiro e Said Ali, entre Castilho e Alencar entre Paulino de Brito e Candido de Figueiredo, entre Carlos de Laet e Camillo Paulo e Candido, por causa de um simples pronome. Laet e Camillo, por causa de um "Houveram", que, tambem encontramos em "O Bem e o Mal", do ultimo.

A nossa lingua riquissima de meigos e harmoniosos verbos, nos dejara, amiude, muitos que formam verdadeira onomatopéa. Tal se dá com os verbos imitati-

Que sonora que é a lingua de Gil Vicente! Bem no-lo disse José Bonifacio num arroubo de vibratil enthusiasmo: "E' a lingua portugueza bella, rica e sonora, menos dura e tarda que a allemã e a ingleza, mais energica e variada ao ouvido que a italiana, mais suave e natural que a castelhana, e superior em tudo á franceza".

A nossa lingua é a idolatrada dos poetas que dedilham as lyras sob a espiritualidade sonhadora do radioso céo brasileiro, em que faulham os reverberos do Cruzeiro do Sul e da Via-Lactea, magico enlevo de Bilac. A sua sonoridade dá ao verso espontaneo e bem trabalhado um rouxinolar encantador, um rythmo maravilhoso, como se de feito fosse cantado ao som da lyra dos dedos hellenicos. Nos versos regios de Guerra Junqueiro, por exemplo, sentimos um concerto de musica, um modular de harpas eolias, de um violino paganiniano, da flauta ideal de Pan nas florestas da Thessalia e o canto dos rouxinoes da França romantica de Lamartine. Na poesia cantante brasilica e indianista de um Gonçalves Dias experimentamos e ouvimos o gorgeio dos sabiás tropicaes, o baloiçar das palmeiras, o encantamento féerico das noites brasileiras, o "rerenhenhem nhenhem gatu' rupi" dos selvagens nas solidões das nossas selvas, o cair das cascatas americanas nos remansos de crystal, doce encanto de Chateaubriand e de Cooper. Na prosa-lyra, na prosa-poesia de José de Alencar, ouvimos, vemos e sentimos o serpentear dos rios, o sonhar esmeraldino dos "verdes mares bravios", a alegria verde da paisagem, o murmurio das regas, o marulhar dos ribeiros deslizando entre limpidos seixos, a symphonia das frondes, o perfume das flores silvestres, os beijos das brisas amenas, a verdura lyrica das nossas campinas, o gazeiar de alvas garças nas lezirias, as auroras opalinas, os solennes crepusculos proprios para as prevos, que com serem derivados de substantivos, imitam o som natural e dão-nos a nitida impressão dos seres designados por esses substantivos. Quem, por exemplo, ao ler o verbo "balançar", já não teve a impressão do movimento da uma balança? O ramalhar nos apresenta o farfalho virgem e a musica barbara das mattas brasilicas, das carnaubeiras viridentes, dentro de cujos caules roreja a chlorophyla côr da esperança dos sonhos da nossa mocidade! O "pyrilampear" proporciona-nos a luz verde-flava dos vagalumes sig-zagueando nas noites calidas e estrelladas de verão! Na patinar temos a viação de um pato sobre as lymphas tranquillas de um lago sonhador! No "serpentear" vemos os movimentos da cobra. No "trovejar" sentimos, assustados, o ribombo cyclopico do trovão. E, assim multissimos outros. A proposito, vem-nos á memoria aquelle "tutucar" dos "atabaques" que nos depara a "Carne", de Julio Ribeiro, ou carniça, como, injustamente, lhe chamam os inimigos do grande philologo e romancista realista. Sobre esse "tutucar" diz Ruy na Republica", pag. 73: "Não ha maravilha maior de onomatopéa. Longe, pois, de ser uma nodoa, é um toque magistral do escriptor. Nessas quatro palavras ulula, ao concerto dos instrumentos selvagens, a musica do captiveiro negro. E' o soturno batucar da melopéa africana entre as palhoças, nas tristes senzalas da escravaria."

A mais remota theoria da onomatopéa vemol-a no "Cratio", trabalho polemico de Platão, no qual figuram tres interlocutores: Socrates, Hermogenes e Cratilo. Só, porém ha a verdadeira onomatopéa na lingua em que evangelhizou o excelso Humberto de Campos.

O nosso vernaclo é, ainda, rico de significativos substantivos abstractos, proprios ás summas questões transcendentes da Metaphysica. Haja vista a acre-doce Saudade, a ara de Dôr do pensamen-

A MÁ DIGESTÃO
Não soffra mais!

A primeira dóse do Pó Digestivo De Witt proporciona allivio immediato.

Entre as varias consequencias da má digestão figuram a prisão de ventre, o máu halito, enxaqueca, flatulencia, azia, somnolencia após as refeições etc. O Pó Digestivo De Witt não sómente faz desapparecer estes symptomas, como restabelece a normalidade da funcção digestiva.

O seu emprego regular effectua a cura completa, mesmo nos casos mais antigos e rebeldes.

Não Protele, tome o

PÓ DIGESTIVO
DE WITT

(26265)

to", "presença dos ausentes", "gosto amargo de infelizes", "delicioso pungir de acerbo espinho", "olhar de minha mãe rezando", "espinho cheirando a flor", flor que, quanto mais fenece, mais perfuma, e, afinal, o sorriso entre lagrimas de outros poetas, como Camões Bernadim Ribeiro, José Maria do Amaral, Casimiro de Abreu.

Esse vocabulo sublime, emotivo, evocador e poetico, creado por D. Duarte, o Rei-Saudade só a nossa lingua o sabe guardar, custodeado num hostiario votivo, como uma reliquia sagrada, porque essa maviosa lingua, como cantou o parnasiano opifice da "Via-Lactea", "tem o tom e o silvo da procella, o arrojo da Saudade e da ternura". "Falamos pelos labios de Camões a mesma forte e sonora lingua, onde o bronze ressoa e o oiro não mingua. Voz que canta a Saudade de teus mares, minhas maguas, teus ais, nossos amores na voz languida e verde dos palmares, no alado gorgear dos meus tenores", assim poetou festejado bardo pernambucano. Nenhuma lingua que me tem ciciado ao ouvido, inda me fez ouvir, com tanta sublimidade com tanta maviosidade, com tanto sentimento, essa coisa tão definida e que, todavia, como bem se expressa Plinio Motta somente será precisamente definida "quando o humano coração falar". O allemão, inexpressivamente, no logar da cantante e suggestiva palavra *Saudade*, diz *"Sehnsucht"*. O inglez, *"longing"*. O russo, *"toscá"*. O italiano, *"ricordo"*. O francez, *"souvenir"*. O hespanhol, *"recuerdo"*.

Emfim é a lingua portugueza, regia e sonora, sob cujos accordes evolados dos labios de minha sendosa Mãe, eu dormi os somnos serenos e brancos da minha creancice passada num solaçoso rincão de Minas Geraes, numa paisagem alpestre, perto dos gorgeios dos ninhos e do sonhar perfumado das flores agrestes! Quero portanto, ser humilde, porém, devotado jardineiro do seu jardim encantado onde, como dirla Martins Fontes "reflorirá qual verde renovo" e "os poetas cantarão, para gloria da raça, na lingua de ouro velho a terra de ouro novo".

Mil vezes bemdita a lingua sonora do poeta-soldado que morreu na patria e com a patria!

OCTAVIO J. ALVARENGA

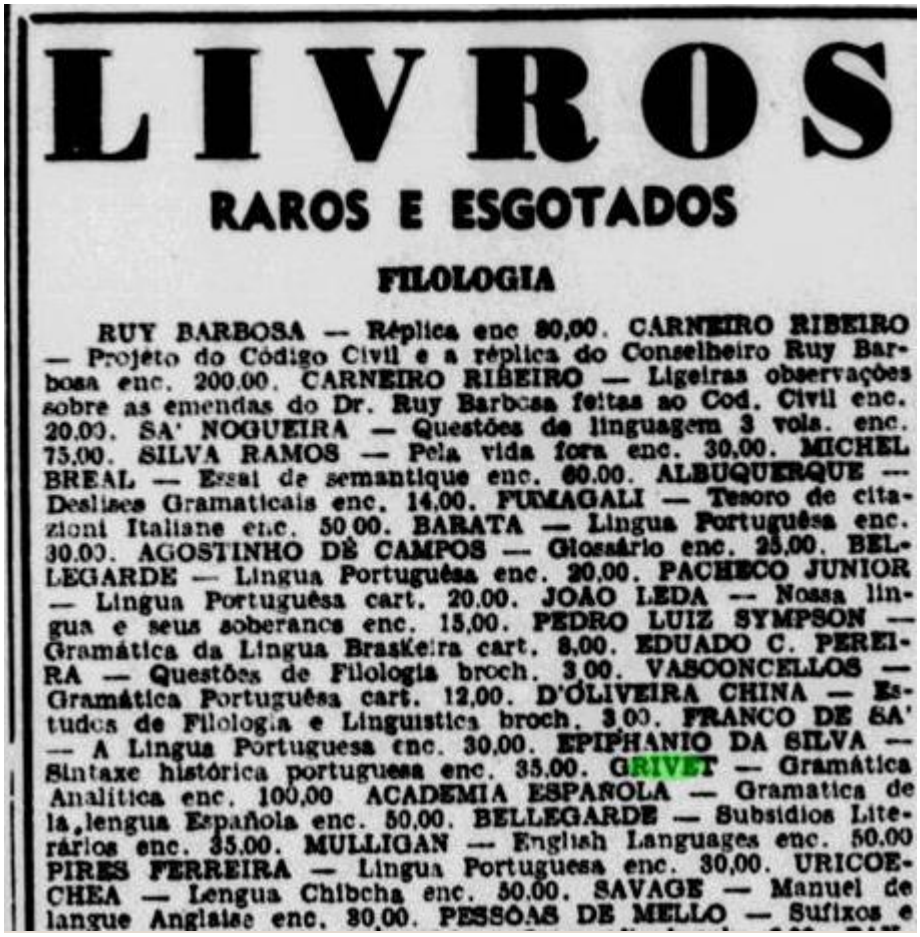
(Do livro inedito — "Ensaios e Estudos" — 2ª série).

Coqueiral (Sul de Minas Geraes)

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1940\Edição 14022 (1)

leira. Entre lexicólogos e gramáticos da língua acham-se aqui os mais eminentes, como João de Barros, Duarte Nunes de Leão, João Franco Barreto, Rafael Bluteau, Fernão de Oliveira, Moraes Silva, Madureira Feijó, Evaristo Lioni, Frei Domingos Vieira, Adolfo Coelho, Sotero dos Reis, Batista Caetano, Adriano Grivet e vários outros. Do Padre Antonio Vieira estão quase todas as obras impressas, em edições raras; merece, entretanto, menção mais dilatada, pela sua importância, um exemplar da "non satis laudata" *Clavis prophetarum*, que não existe em qualquer biblioteca brasileira. Pelo que escreveu o Padre João Antonio Andreoni (o *Antonil* da *Cultura* e *Opulen-*

Anais da Biblioteca Nacional (RJ) - Ano 1941\Edição 00063 (1)



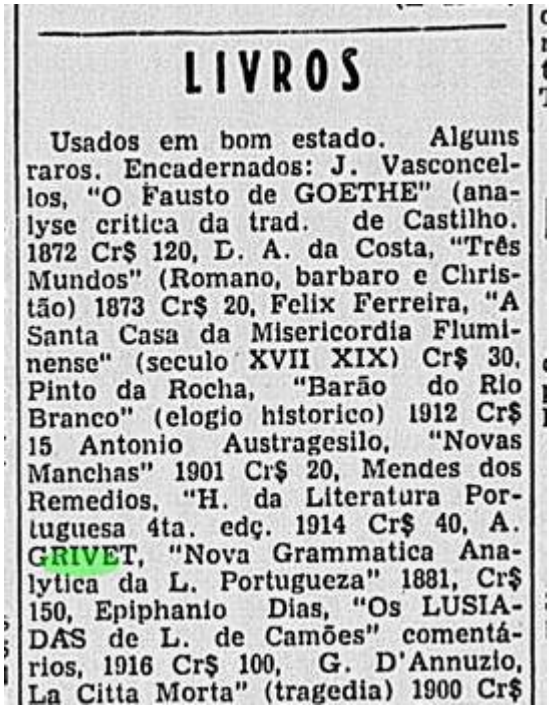
LIVROS

RAROS E ESGOTADOS

FILOLOGIA

RUY BARBOSA — Réplica enc 80,00. CARNEIRO RIBEIRO — Projeto do Código Civil e a réplica do Conselheiro Ruy Barbosa enc. 200.00. CARNEIRO RIBEIRO — Ligeiras observações sobre as emendas do Dr. Ruy Barbosa feitas ao Cod. Civil enc. 20.00. SA' NOGUEIRA — Questões de linguagem 3 vols. enc. 75.00. SILVA RAMOS — Pela vida fora enc. 30,00. MICHEL BREAL — Essai de semantique enc. 60.00. ALBUQUERQUE — Desliises Gramaticais enc. 14.00. FUMAGALI — Tesoro de citazioni Italiane enc. 50.00. BARATA — Lingua Portuguêsa enc. 30.00. AGOSTINHO DE CAMPOS — Glosário enc. 25,00. BELLEGARDE — Lingua Portuguêsa enc. 20.00. PACHECO JUNIOR — Lingua Portuguêsa cart. 20.00. JOAO LEDA — Nossa lingua e seus soberanos enc. 15,00. PEDRO LUIZ SYMPSON — Gramática da Lingua Brasileira cart. 8,00. EDUADO C. PEREIRA — Questões de Filologia broch. 3.00. VASCONCELLOS — Gramática Portuguêsa cart. 12,00. D'OLIVEIRA CHINA — Estudos de Filologia e Linguistica broch. 3.00. FRANCO DE SA' — A Lingua Portuguesa enc. 30,00. EPIPHANIO DA SILVA — Sintaxe histórica portuguesa enc. 35.00. GRIVET — Gramática Analitica enc. 100,00 ACADEMIA ESPANOLA — Gramatica de la lengua Española enc. 50,00. BELLEGARDE — Subsidios Literários enc. 35.00. MULLIGAN — English Languages enc. 50.00 PIRES FERREIRA — Lingua Portuguesa enc. 30,00. URICOECHEA — Lengua Chibcha enc. 50.00. SAVAGE — Manuel de langue Anglaise enc. 80,00. PESSOAS DE MELLO — Sufixos e

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1944\Edição 00226 (1)



LIVROS

Usados em bom estado. Alguns raros. Encadernados: J. Vasconcellos, "O Fausto de GOETHE" (analyse critica da trad. de Castilho. 1872 Cr$ 120, D. A. da Costa, "Três Mundos" (Romano, barbaro e Christão) 1873 Cr$ 20, Felix Ferreira, "A Santa Casa da Misericordia Fluminense" (seculo XVII XIX) Cr$ 30, Pinto da Rocha, "Barão do Rio Branco" (elogio historico) 1912 Cr$ 15 Antonio Austragesilo, "Novas Manchas" 1901 Cr$ 20, Mendes dos Remedios, "H. da Literatura Portuguesa 4ta. edç. 1914 Cr$ 40, A. GRIVET, "Nova Grammatica Analytica da L. Portugueza" 1881, Cr$ 150, Epiphanio Dias, "Os LUSIADAS de L. de Camões" comentários, 1916 Cr$ 100, G. D'Annuzio, La Citta Morta" (tragedia) 1900 Cr$

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1945\Edição 15534 (1)

FILOLOGIA GREGA ETC.

Livros Raros e interessantes. Usados em bom estado. A Preços Excepcionais

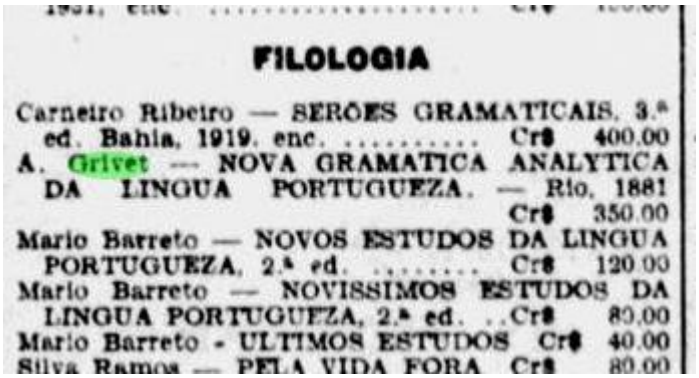
A. Chassang, "Noveau Dictionnaire GREG-FRANÇAIS" D'aprés les recents traveaux de philologie Grecque, um grande vol. com 1681 pags., enc. nova, Cr$ 300; J. J. Courtaud-Diverneresse, "Dictionnaire FRANÇAIS-GREC", grande vol. com 1006 pags., enc. nova, Cr$ 200; Émile Legrand, "Noveau Dictionnaire Grec-Français" (la langue parlé et langue écrite) 920 pags., Cr$ 80, volumes enc.; A. Chassang, "Nouvelle Chrestomathie Grecque et Exercices Grecs", Cr$ 30; R. Pessonneaux, "Chrestomathie e Exercices Grecs, Cr$ 25,; L. Martel, "Petit-Lexique Français-Grec", Cr$ 20; Riemann & Goelzer, "Grammaire Grecque Compléte". Cr$ 15,; J. M. M. "Grammatica Grega" elementar, 1916, Cr$ 20; J. L. Peter, "Grammatica Grega". Cr$ 20; A. Magne, "Curso de Lingua Grega" (morphologia e phonética) 1922, Cr$ 35; "Graecae Grammatices Rudimenta", Cr$ 20, Volumes ed. HACHETTE, cartonados em Otimo Estado de conservação, todos em texto Grego; Homére "ODISSÉE", Cr$ 50; Homére, "ILIADE", Cr$ 50; Xénophon, "ANABASE", Cr$ 50; Ésope, "Choix de Fables". Cr$ 20; Lucien, "Dialogues des Morts", Cr$ 20; Platon, "Phédon", Cr$ 20; Platon. "Extraits", Cr$ 20; Platon, "Criton", Cr$ 10; Platon, "Apologues de Socrates", Cr$ 15; J. Feliciano de Castilho, "Orthographia Portugueza" (missão dos livros elementares, Iris Classico) 1860, Cr$ 60. Encadernados: Soares Barbosa, "Grammatica Philosophica da L. Portugueza", 6ª edç. 1875, Cr$ 50; idem, Cr$ 35; RODOLPHO GARCIA, "Diccionario de BRASILEIRISMOS" (peculiaridades Pernambucanas) (separata com 317 pags.), enc. nova, Cr$ 50; M. J. Pereira Frazão, "Postillas de Grammatica Portugueza", 1874, Cr$ 20; M. Said Ali, "Difficuldades da Lingua Portugueza", 1908, Cr$ 25; Maximino Maciel, "Grammatica Discriptiva da L. Portuguesa", Cr$ 20; A. Abalat, "A Arte de Escrever", Cr$ 10; A. Abalat, "A Formação do Estilo", Cr$ 15; A. GRIVET, "Nova Grammatica ANALYTICA" 1881, enc. nova, Cr$ 100; Renato de Alencar, "Traições da L. Portugueza" 1922, Cr$ 10; Mendes dos Remedios, "Historia da Literatura Portuguesa" 4a edç. 1914, enc. nova, Cr$ 45; Gonçalves Viana, "Ortografia Nacional" (simplifica-

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1945\Edição 15564 (1)

LIVROS

Interessantes. Otimo estado. Encadernações Novas, O. Chemin, "Manuel Pratiquo de MINERALOGIE" (L'étude scientifique des minéraux, com 716 figures, 2 planches, 1906, Cr$ 130, C. Malaise, "Manuel Pratique de Minéralogie Pratique" com 135 figures, 1913 Cr$ 80, Henri JACOBS et Nicolas CHATRAIN, "Le DIAMANT" avec 24 planches hors texte et l'eau-fort em cromolith, en héliographie, et 34 gravures sur bois, 1884 Cr$ 150, Americo Monteiro de Barros, "Integração das Equações Differenciaes" Cr$ 70, VALDEZ, "Novissimo DICIONARIO FRANCEZ PORTUGUEZ-PORTUGUEZ FRANCEZ" 2 grandes vols. Cr$ 200, J. J. Coutaud — Diverneresse, "Dictionnaire FRANÇAIS-GREC" (só até letra J) 1ro. vol. Cr$ 100, Callet, "Tables de Logaritmes" Cr$ 80, Ruy Barbosa, Lições de Coisas" (trad.) 1886 Cr$ 70, M. Maciel, "Grammatica Discriptiva" Cr$ 30, A. Grivet, "Grammatica Analytica" 1881 Cr$ 50, Epiphanio Dias, "Os Lusiadas" (com. de) 1916 2 vols. Cr$ 60, Bescherelle, "Grammaire Nationale" 1864 Cr$ 50, na Livraria A. Braziellas, Rua Regente Feijó, 43, Tel. 43-0133. Remeto para os Estados por reembolso Postal, ou Registrados. (237)

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1946\Edição 15899 (1)



FILOLOGIA

Carneiro Ribeiro — SERÕES GRAMATICAIS, 3.ª ed. Bahia, 1919, enc. ..... Cr$ 400.00

A. Grivet — NOVA GRAMATICA ANALYTICA DA LINGUA PORTUGUEZA. — Rio, 1881 Cr$ 350.00

Mario Barreto — NOVOS ESTUDOS DA LINGUA PORTUGUEZA, 2.ª ed. ..... Cr$ 120.00

Mario Barreto — NOVISSIMOS ESTUDOS DA LINGUA PORTUGUEZA, 2.ª ed. ..Cr$ 80.00

Mario Barreto - ULTIMOS ESTUDOS Cr$ 40.00

Silva Ramos — PELA VIDA FORA Cr$ 80.00

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1946\Edição 00240 (1)

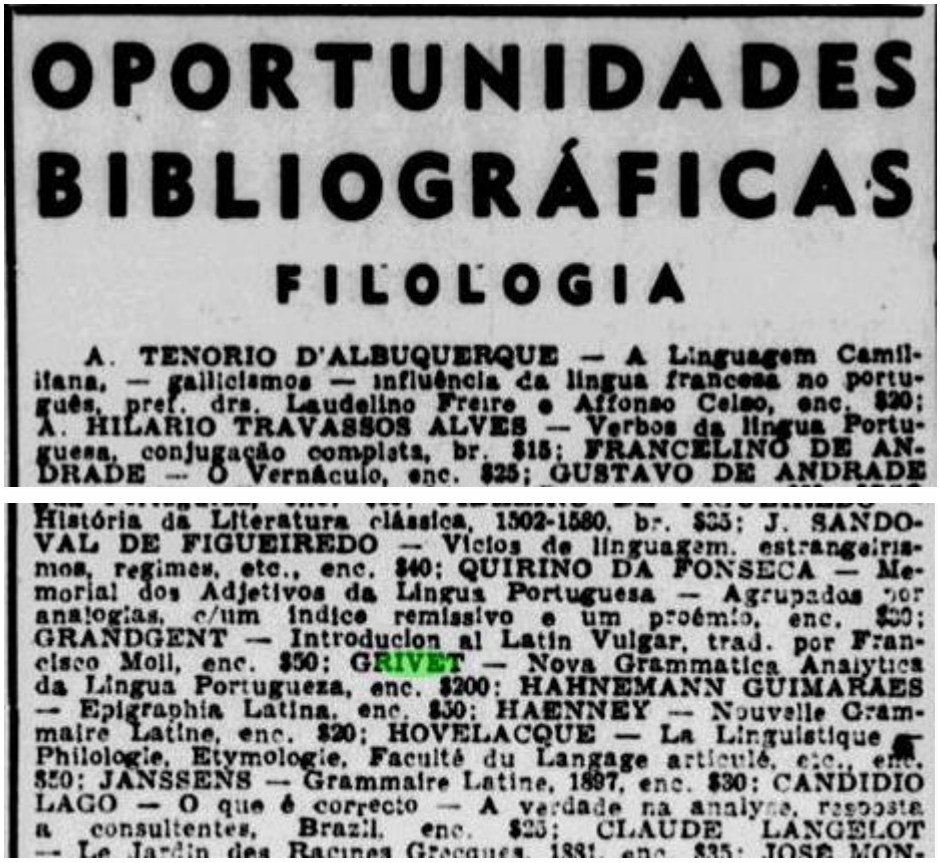
isto, aquilo e aquilloutro, resolvo". O chamado pronome pessoal da primeira pessoa não pode representar nome que pederia o verbo na terceira: "(Eu) estou lendo"; se, em, vez de "eu", estiver o meu nome a frase será "Fulano está lendo". Assim, tendo por subsistente a definição gramatical de pronome, mantemos o que dissemos em Gramatica anterior:

> "Êste exercício pode ser feito em menos de uma hora! Essa frase equivale a "...em menos tempo do que uma hora". "Menos", se a palavra tempo estivesse presente, seria adjetivo quantitativo; estando ausente, é pronome quantitativo."

E' de Eduardo Carlos Pereira esta observação:

> "Considera Grivet, e com êle muitos gramáticos, como pronome todo adjetivo determinativo que não tem na frase o seu substantivo claro."

Os chamados pronomes da primeira e da segunda pessoas, do singular e do plural, vieram do latim, de palavras com igual função—pessoas verbais. Os da terceira pessoa originaram-se, porém, do demonstrativo "ille". As nossas variações pronominais correspondem aos "casos" latinos. Êsses chamados "pronomes pessoais" são, afinal, as pessoas do verbo, as quais, no nominativo (sujeito) determinam a fórma verbal e



OPORTUNIDADES BIBLIOGRÁFICAS

FILOLOGIA

A. TENORIO D'ALBUQUERQUE — A Linguagem Camiliana, — galicismos — influência da lingua franceza no português, pref. drs. Laudelino Freire e Affonso Celso, enc. $20; A. HILARIO TRAVASSOS ALVES — Verbos da lingua Portuguesa, conjugação completa, br. $15; FRANCELINO DE ANDRADE — O Vernáculo, enc. $25; GUSTAVO DE ANDRADE

História da Literatura clássica, 1502-1580, br. $35; J. SANDOVAL DE FIGUEIREDO — Vicios de linguagem, estrangeirismos, regimes, etc., enc. $40; QUIRINO DA FONSECA — Memorial dos Adjetivos da Lingua Portuguesa — Agrupados por analogias, c/um indice remissivo e um proémio, enc. $30; GRANDGENT — Introducion al Latin Vulgar, trad. por Francisco Moll, enc. $50; GRIVET — Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza, enc. $200; HAHNEMANN GUIMARAES — Epigraphia Latina, enc. $30; HAENNEY — Nouvelle Grammaire Latine, enc. $20; HOVELACQUE — La Linguistique Philologie, Etymologie, Faculté du Langage articulé, etc., enc. $50; JANSSENS — Grammaire Latine, 1897, enc. $30; CANDIDIO LAGO — O que é correcto — A verdade na analyse, resposta a consultentes, Brazil, enc. $25; CLAUDE LANGELOT — Le Jardin des Racines Grecques, 1881, enc. $35; JOSE MON-

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1947\Edição 00071 (1)

ses tesouros de gemas sem corte para os museus do purismo e os sumidoiros do cascalho arcaico".

E' força reconhecer nos clássicos portugueses, amantes dos padrões gregos e latinos, o génio e a índole da nossa língua, os cimentos da estrutura vernácula. Eles a desbastaram da rudeza primitiva, a ornaram, polindo-a com gosto na sua pureza e dando-lhe em vez da impropriedade, da imprecisão, da redundância, da confusão, o ritmo, a ordenação, o equilíbrio, o perfeito da forma.

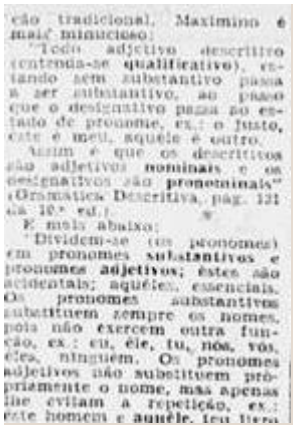
Com quanta razão um professor suiço, Adrien Grivet, que depois de ter corrido mundo a ensinar línguas, chegando até Moscovo, aqui lecionou muitos anos com o louvor do primoroso Francisco Octaviano, com quanta razão escreveu no pórtico da sua "Gramática Analytica da Lingua Portuguesa" que o estudo sistemático dos clássicos é de todo indispensavel e que o confronto com os textos que eles nos herdaram é o único meio para reagir com eficácia contra as "lequelas espúrias do tempo presente" e a decadência crescente da nossa linguagem. Bela lição, que escrita em 1874 deve ser trazida nos dias atuais.

Mas como apontou o nosso João Ribeiro (em muitas páginas um verdadeiro clássico) a leitura dos grandes escritores lusos dos séculos XVI, XVII e XVIII «é uma arte difícil e para poucos». E' preciso lê-los como se nos transportassemos ao seu tempo. A lição que deles nos vem, bem o adverte por outro lado o correto escritor português José Pereira Tavares no seu livro de «*Como se devem ler os clássicos*» não pode ser infalivel e eterno, donde as precauções e os descontos com que deve ser adotada em nossa época. Não se pode aceitar o conservantismo absoluto em moldes clássicos, se é certo que a lingua tem que andar com o tempo. Ainda aqui professa João Ribeiro: «A lição dos clássicos em verdade nos ensina alguma coisa daquela rigida imobilidade e disciplina em que viveram, a qual, se não há demasia, é sempre util e proveitosa. Nesse perpétuo evolver das coisas, nessa renovação sem treguas do presente, é uma lição de temperança no seio das nossas descomedidas desordens». Não se veja pois, no escrever dos clássicos a carcoma dos séculos. A lingua do passado tambem é do presente.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1950\Edição 00077 (1)

vras.

No Brasil, Júlio Ribeiro e Maximino Maciel, êste último gramático mais injustamente criticado que merecidamente estudado, ambos apoiados no velho Grivet, persistem na li-



ção tradicional. Maximino é mais minucioso:

"Todo adjetivo descritivo (entenda-se **qualificativo**), estando sem substantivo passa a ser substantivo, ao passo que o designativo passa ao estado de pronome, ex.: o justo, este é meu, aquêle é outro.

Assim é que os descritivos são adjetivos **nominais** e os designativos são **pronominais**" (Gramática Descritiva, pág. 121 da 12.ª ed.).

E mais abaixo:

"Dividem-se (os pronomes) em pronomes **substantivos** e pronomes **adjetivos**; êstes são acidentais; aquêles, essenciais. Os pronomes substantivos substituem sempre os nomes, pois não exercem outra função, ex.: eu, êle, tu, **nós**, vós, êles, ninguém. Os pronomes adjetivos não substituem propriamente o nome, **mas apenas** lhe evitam a repetição, ex.: este homem e **aquêle**, leu tudo

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1956\Edição 00093 (1)

CONEGO FERNANDES PINHEIRO

Guardo, carinhosamente, dois livros da autoria do Cônego Fernandes Pinheiro, e são êles. "Episódios da História Pátria Contados à Infância" — edição de 1864 e no qual estudou a minha saudosa mãe, quando discípula do Professor Grivet — e o "Curso Elementar de Literatura Nacional" — editado, em 1862, e que adquiri, ainda academico de Direito, num leilão de livros do advogado Alberto de Carvalho, realizado numa loja da Rua da Carioca, alugada especialmente para aquele fim. Vale recordar os últimos períodos da sua História Pátria: "Difícil é falar dos vivos ou daqueles cujos tumulos estão ainda tépidos: para êles não começou o juízo da posteridade. Vós, meus meninos, que tivestes a ventura de nascer nos novos tempos, abençoai os nomes dos obreiros da civilização, que vos deram, dotando-a de livres instituições; e completai seu generoso pensamento, tomando próspero e respeitado o Brasil que êles tanto amaram". Não era um soberbo; e tomou de empréstimo uns versos de Horácio com que firou a sua orientação na análise da nossa literatura:

"Por contente me dou, fazendo às
[vêzes
De pedra d'amolar, que em si não
[tendo
Virtude de cortar, dá corte ao fer-
[ro!"
(trad. de Cândido Lusitano)

Não se pode negar a valia do dito compêndio, merecendo leitura atenta a lição primeira concernente à origem da língua portuguesa, que termina de um modo em que se afirma o seu empenho em torná-la mais popularisada: "Se tão nobre é a genealogia da língua portuguesa, se tão elevado posto ocupa na família néo-latina, por que não é ela mais conhecida e estimada?"

Quem o ler, com a atenção dedicada aos livros, cuja publicação representa grande operosidade, grande senso analítico, grande entusiasmo pelas plagas nativas, há de adquirir excelentes conhecimentos, pois êle nunca se escravisou aos impulsos da odiosidade, ou aos exagêros da lisonja.

A apreciação dos "Suspiros Poéticos" de Gonçalves de Magalhães — futuro Visconde de Araguaia — não agradou ao senhor Ronald de Carvalho; entretanto, sem querer ingressar no grupo dos críticos: — "fugi desse homem; êle morde: êle é um crítico" — como se exprimiu Voltaire — entendo que o juízo do Cônego Fernandes Pinheiro sôbre o autor da "Confederação dos Tamoios", mormente na parte atinente ao romantismo, é magnífico e digno de galos. Se me não alistei entre os "derramados", isto é, se jamais pratiquei o cortezanismo, não posso admitir que conspícuos vultos das letras brasílicas sejam amesquinhados, ou esquecidos, propositadamente, para serem incensados indivíduos de valor duvidoso. Sua posição no mundo literario brasileiro está firmada e não será quebrada, enquanto houver apreciadores do que é belo.

Quero, também, numa época tão materialisada, louvar o procedimento do jovens Mário Portugal Fernandes Pinheiro, que vem defendendo o seu eminente antepassado de juízos injustos, demonstrando, assim, que o culto ao passado ainda encontra desvelados cultores nas terras brasilanas. O Cônego Fernandes Pinheiro foi, igualmente, acatado professor do Colégio Pedro II, pelo seu saber, bem como pela dedicação ao magistério, elogiada pelos alunos.

Alfredo Balthazar da Silveira

ABATE DE ANIMAIS

O maior abate de bovinos ocorre, nos matadouros do Sul, principalmente no Rio Grande do Sul e S. Paulo, e do Leste (Minas, Estado do Rio e Ba-

A Cruz: Orgão da Parochia de S. João Baptista (RJ) - Ano 1957\Edição 02082 (1)

da parte primeira da sua obra, ao cuidar do "nome adjetivo" (p. 197, vol. I, ed. 1858).

Depois, em 1865, no mesmo ano em que Alencar publicava Iracema, explicava no seu Dicionário Gramatical o esquecido José Alexandre Passos: "O adjetivo se divide em duas espécies principais: qualificativo, e determinativo" (p. 12).

Nesse mesmo ano Adriano Grivet agasalhava a mesma bipartição na sua celebrada obra.

Júlio Ribeiro, o renovador dos estudos gramaticais brasileiros, disse em 1885, na sua Gramática Portuguêsa: "Divide-se o adjetivo em adjetivo descritivo, e adjetivo determinativo" (p. 61 da 7.ª ed.).

Em 1894, Maximino Maciel, o grande classificador de nossos estudos gramaticais explicava na sua Gramática Descritiva: "Os adjetivos dividem-se em descritivos, e designativos// Os têrmos "descritivos" e "designativos" estão mais de acôrdo com a gramática moderna" do que os têrmos "qualificativos", e "determinativos"." (p. 117, ed. 1910).

Quero crêr que no século passado só uma grande autoridade desgarrou dêste ponto-de-vista, e essa foi Epifânio Dias, na sua Gramática Prática da Língua Portuguêsa, que é de 1884.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1958\Edição 00250 (1)

UM NOVO DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS

Aires da Mata Machado Filho

(Especial para o "Diário de Notícias")

A mais incitante tortura, no no suave martírio de escrever, costuma estar na caça à palavra única. E' aquela que prima pela precisão, que assenta ao ritmo secreto ou manifesto ou encerra o esquivo sabôr de **humour**, de ironia.

Onde procurar êsse têrmo insubstituível? Dicionários comuns dificilmente o deparam. Está nos raros, onde as palavras vêm classificadas, segundo afinidades ou analogias ideológicas.

Também se encontram nos bons dicionários de sinônimos. Importa, porém, saber procurá-lo.

O dicionário analógico ocasiona certa ilusão. Proporciona menos do que promete. Não raramente, o escritor exigente consigo resigna-se a ficar nas aproximações, ou dá com a palavra almejada, através da via indireta das associações. Ora, isso pode alcançar, recorrendo ao léxico simplesmente alfabetado. Reside a dificuldade em ajustar a estrutura psicológica do consulente com a classificação adotada, ainda a mais exata, como seria a de Júlio Casares, enriquecida pelas contribuições de Bally.

Em verdade, nada substitui, nêsse terreno, o estudo atento das séries sinonímicas. Daqui a infalível utilidade de um bom dicionário de sinônimos, como êsse que últimamente publicou o profes-

Dicionário de Sinônimos está no meticuloso discrime das conjunções. Assim, **porque, que, visto que, visto como, pois, porquanto, uma vez que,** etc., são tôdas causais, mas cada uma delas desempenha ofício diferente. Vejam bem de que modo:

«A de mais amplo sentido é **porque**, que encabeça oração que tem por fim dar a razão do que se acaba de comunicar: — Não digo porque não quero. Nesta oração causal, há impressão de certeza e a causa, a razão, o motivo são enunciados de modo mais direto do que o teriam sido se se usasse outra conjunção. **Como** lembra a causa determinante, cuja conseqüência é o principal, e se enuncia em primeiro lugar: — Como viu São Francisco de Borja o que era a alma, deixou o mundo (Vieira, apud. Grivet, **Cram. Anal.**, 415). **Já que** fundamenta a ação e indica que a causa determinante é fato bem conhecido: — Já que deixou de chover, retiro-me. **Pois** indica, de modo um tanto vago, com um quê de probabilidade ou dúvida, que a causa é acontecimento evidente, natura, usual: — Não bebo o coquetel, pois pode fazer-me mal. **Pois que** tem o valor de **poi**, com a direferença de que a indicação é menos vaga, é mais positiva: — Ape-

vros ao papel de pronto socorro semântico. Deixam-se ler, encantam o amigo das palavras, oferecem ensinamentos a cada passo. Quero confirmá-lo com mais amostras.

«ALAMIRE, DIAPASÃO — Instrumento músico de som fixo, o qual dá o **lá** com que se afinam outros instrumentos. **Alamiré** ou **lamiré** é o antigo nome vulgar que aparece ainda hoje na expressão **dar o alamiré**, isto é, fazer o sinal para começar uma coisa».

«ALARIDO, ALGAZARRA, BERREIRO, BRAMIDO, CELEUMA, CLAMOR, GRITARIA, VOZERIA OU VOZEARIA — **Alarido** é a gritaria das pessoas que brigam ou das que pranteiam ou se lamentam. Camões, descrevendo uma batalha naval, diz: «E' fumo, ferro, flamas e alaridos» (**Lusíadas**, X, 36, 8). Vieira, **Sermões**, VIII, 212, diz: «Não se via nas mulheres mais que lágrimas, prantos, alaridos, etc.» **Algazarra** é a gritaria de tal modo confusa que não se percebe nada do que se diz. **Berreiro** é gritaria monótona, como o berro de um bezerro, como o pranto de uma criança manhosa. **Bramido** é um clamor de cólera, de ameaça, de pessoa que sofre dor muito violenta; lembra o rugir de certas feras. **Celeuma** é o canto com que marinheiros remam, suspendem âncoras, etc., dos operários que suspendem um pêso e se animam mûtuamente e marcam o compasso necessário para a apli-

Diario de Noticias (RJ) - Ano 1959\Edição 11110 (1)

so acadêmico. Foi o assassínio de Henrique de Almeida, ocorrido numa noite em que êle se retirava de um salão de festas. Desconheço detalhes. Entretanto quero crer que, apezar de tardio, fôsse um ato de talião, vingador da morte de Albuquerque.

Fechando o parêntese, não sei, agora, como prosseguir no tema que, de entrada, me propus, e, a fim de não arriscar-me a maiores bestidades num campo em que sou muito bisonho, deixarei de abordar o romantismo paulista (que julgo, igualmente, pobre), indo, logo, ao anverso da medalha.

E devo acentuar que, no que disse, não vai nenhuma ogeriza aos paulistanos. Admiro-os como quem quer que mais os admire, e me dei perfeitamente bem em S. Paulo. Depois, si "nem só de pão a gente vive", muito menos, só de poesia e romance. "Primum vivere, deinde philosophari".

Mais pragmáticos e utilitários, criaram a maior potência econômica do Brasil e o maior parque industrial entre todos os países ibero-americanos. E, demais disso, ninguém porá em dúvida que, em S. Paulo, nasceram ou se formaram notáveis estadistas, juristas e sumidades de nosso mundo científico, em geral. Para não esquecer matéria de minha predileção, ouso opinar que a Gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira, um paulistano, seja, na sua classe, a melhor do país. Digo: na sua classe, porque, dentre as analíticas, para não já falar de gramáticas históricas, a melhor obra que já vi, foi a de um francês, do Cantão de Vaud (Suiça), de nome Charles Adrien Grivet, que, durante muitos anos, exerceu o magistério no Rio de Janeiro, onde faleceu.

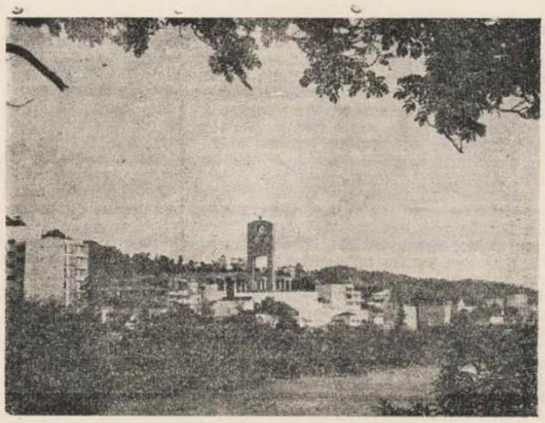
Ora bolas! para onde me levou o estranho Sérgio Milliet! Um homem que, quando vai espairecer numa das práias de Santos, só fala de cães, repetindo, de quando em vez, sua descoberta de que o Deus do canídeo doméstico é o homem. Quizesse êle, ao menos, produzir um poema como "O Fiel", de Guerra Junqueiro.

Pedindo queira revelar-me a caceteação, com um cordial abraço, me subscrevo

conterrâneo admirador

E. Barreto.

—*☆*—



Um interessante ângulo de Blumenau, vendo-se a matriz de São Paulo Apóstolo, com a monumental tôrre.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Gramática

João Paraguassú

No meu último escrito sôbre Cultura e Ortografia, a propósito do intercâmbio lítero-científico luso-brasileiro, eu tinha rascunhado que, nas cidades do Recôncavo baiano, banhadas pelo Rio Paraguassu, as populações respectivas, grafavam êsse nome com dois ss e o ú com o acento agudo enfiado. E acrescentei: "Aprendi assim. E tôda gente dessas localidades igualmente aprendeu". Na cópia datilográfica saiu... "igualmente aprenderam". Ninguém reparou e ficou por isso mesmo. Seria de boa gramática?

Na Idade Média, costumava-se repetir: Graecum est; non legitur. Ou, traduzindo: é grego; ninguém lê. Hoje, melhor diríamos: Grammatica est; non legitur. Vale registrar: é gramática; ninguém lê. E com razão, tão complicadas e confusas são as suas regras.

Contava Medeiros e Albuquerque ter ouvido de Machado de Assis esta narrativa: O grande poeta-romancista, dias antes, abrira a gramática de um sobrinho ginasiano e ficara assombrado da própria ignorância. Não entendera nada! Vejam, só! A confissão era de um dos nossos estilistas mais puros, de quem disse Ruy, no momento em que o iam enterrar, dando-lhe o adeus da Academia, que "prosava como Frei Luiz de Souza e cantava como Luiz de Camões". Vindo de onde vinha o elogio, não era pouca coisa.

Os mestres antigos argumentavam com uma figura de sintaxe denominada syllepse (de algum tempo para cá virou silépse) pela qual a concordância das palavras se fazia não pela sua forma, mas pelo seu sentido. Explica-nos Edmundo Lins, em suas eruditas Reminiscências, apoiado em Grivet, que nem sempre o adjetivo concorda com o substantivo "que está claro na oração, mas com o que temos em mente". Freqüentemente, também por syllepse, perdão, por silépse, o verbo evita concordar "com o sujeito claro para concordar com um que temos em mente".

Não estaria aí a sabedoria do cochilo datilográfico da minha apagada crônica? Talvez.

Mudemos, porém, de assunto. Seria filosofar muito alto dentro da Gramática. Correria o risco de me despencar das alturas e cair de cabeça para baixo. Quod Deus avertat!

No fim do Segundo Reinado, houve aqui um deputado nortista chamado João Manoel. Era padre. Falava-se que era maçon. Não sei. Mas que era um extremado do partido conservador, isso era. Nem foi por outro motivo que êle se precipitou, ao ouvir, em sessão da Câmara, o visconde de Ouro Prêto ler o seu programa com a apresentação do Gabinete, que seria o derradeiro do Império. Aparteou-o, bradando: Abaixo a Monarquia! Viva a República! Foi a primeira vez que à República se deu um viva, no Parlamento. Êsse padre era um temperamento de brigão. Entretanto, como bem afirma o historiador Heitor Lyra, em seu recente livro História da Queda do Império, não era tanto por ser republicano, circunstância duvidosa, mas por ser adversário dos liberais que escalavam o poder, que êle interrompia tão violentamente a fala do visconde, procurando constrangê-lo.

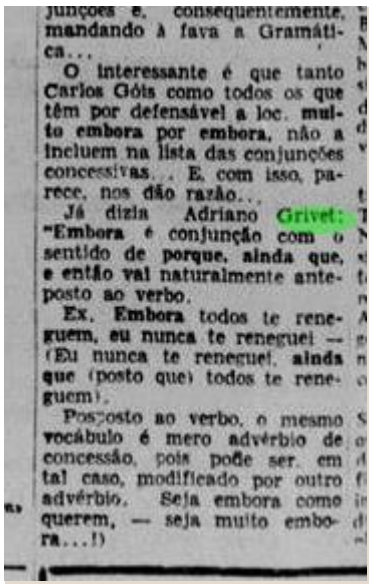
João Manoel, embora conservador, não estimava a José de Alencar. Divulgou, em artigos para imprensa, uma série de críticas e restrições à obra do glorioso romancista. O padre redigia bem, não se nega. Achava, entretanto, que Alencar se exprimia mal. Por quê? Êle mesmo disse: "Porque se obcecara na estilização do indianismo, cogitando de um linguajar que não era de Castilho, Camilo e Herculano."

Em verdade. O que Alencar queria, na sua maneira de estilizar, parece que era a autonomia do português falado e escrito no Brasil. Depois, é que vieram Júlio Ribeiro, Ruy, Machado de Assis, Xavier Marques, Carneiro Ribeiro e os outros. Regressaram a Filinto Elísio, a Manoel Bernardes, a Vieira e aos demais.

Em resumo: a língua, quem a faz, é o povo. A tarefa de policiá-la, aperfeiçoá-la e enriquecê-la, é que é dos filólogos, dicionaristas, gramáticos e prosadores de bom quilate. Não retifico, nem ratifico o aludido, cochilo datilográfico. Homero também cochilou. E' serviço deixado aos que não têm que fazer...

BANCO BOAVISTA S. A.
Uma completa organização bancária. 3058

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1964\Edição 21976 (1)



junções é, consequentemente, mandando à fava a Gramática...

O interessante é que tanto Carlos Góis como todos os que têm por defensável a loc. **muito embora por embora**, não a incluem na lista das conjunções concessivas... E, com isso, parece, nos dão razão...

Já dizia Adriano Grivet: "**Embora** é conjunção com o sentido de **porque, ainda que**, e então vai naturalmente anteposto ao verbo.

Ex. **Embora** todos te reneguem, eu nunca te reneguei — (Eu nunca te reneguei, **ainda que** (posto que) todos te renieguem).

Posposto ao verbo, o mesmo vocábulo é mero advérbio de concessão, pois pode ser, em tal caso, modificado por outro advérbio. Seja embora como querem, — seja muito embora...!)

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1964\Edição 00118 (1)

QUESTÕES GRAMATICAIS

Ainda o Pronome

Délcio Muniz

O Prof. Carlos Henrique da Rocha Lima, que é um dos devotos de "São" Said Ali, depois de transcrever a definição de **pronome**, deste último ("Gram. Secundária da L. P.", 4.ª ed., p. 91), divide, como muitos, os pronomes em duas classes: "Os pronomes ou se empregam isoladamente, fazendo as vêzes de um substantivo; ou se juntam a um nome, como os adjetivos".

No primeiro caso, chamam-se **pronomes absolutos**; no segundo, **pronomes adjetivos**." ("Gram. Normativa da L. P.", 2.ª ed., p. 103.)

E, seguindo a escola alemã (não por convicção, ou raciocínio, mas por mera preferência), diz em nota à p. 106: "A inclusão dos possessivos, demonstrativos, indefinidos e relativos na classe dos PRONOMES é doutrina definitivamente consagrada pela moderna filologia. Abraçam-na, entre outros: Frederico Diez, Mayer-Lübke, Edouard Bourciez, no campo da filologia românica; J. Huber, Edwin Williams, Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, Epifânio Dias, Ribeiro de Vasconcelos, Said Ali, Sousa da Silveira e Antenor Nascentes, no âmbito da filologia histórica portuguêsa e no da própria gramática normativa; além de grandes teoristas de outras línguas, como Menéndez Pidal, Amado Alonso e Pedro Henríquez Ureña, em espanhol; e Marouzeau, em francês."

Em primeiro lugar, nem sempre a citação de mestres é argumento, pois p o d e m o s, com Francisco da Silveira Bueno ("Gram. Normativa da L. P.", 4.ª ed., p. 160), citar outros que seguem outro sistema, como: Grivet, João Ribeiro, A. A. Cortesão, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Andres Bello e outros.

Em segundo lugar, poderíamos citar, também, o Professor português Pires de Castro, que observa: "Alguns gramáticos chamam **pronomes adjetivos** ou **conjuntos** às formas pronominais que vêm **acompanhadas de substantivos, com que concordam**. Neste livro, chamamos **adjetivos determinativos** a tais pronomes, reservando a categoria pronominal, apenas, p a r a aquelas palavras que estão em vez dos nomes e que aparecem, na frase, independentes de qualquer forma substantiva, de cuja presença, absolutamente, prescindem, sem perigo da clareza ou da elegância da frase.

Adjetivo quer dizer, como vimos, **junto** a (junto ao substantivo), merecendo tal denominação qualquer palavra, incapaz de entrar na frase sem a companhia dum substantivo, com que concorde. **Seguimos, neste ponto, a escola francesa,** que nos parece mais racional do que a alemã." ("Lições Práticas de Português", 9.ª ed., p. 60.)

E, com isso, a argumentação do assunto ficaria nas citações de autores.

Mas acontece que, ultimamente, já alguns professores haviam compreendido melhor o conceito de **adjetivos e pronomes**, entre êles: Cândido (filho) que, no seu "Nôvo Método de Análise da Linguagem", 1936, p. 29, não só discorda de Rocha Lima senão também da teoria de Grivet, e Altaminrano Nunes Pereira ("Análise Sintática", 1938, p. 38), que é da mesma opinião que Cândido Juca.

Pois bem, em virtude da teoria que seguiu, Rocha Lima não teve outro remédio senão criar outro caso, isto é, fazer uso de mais uma denominação: a de **adjunto adnominal** para nela encaixar os **adjetivos determinativos** tornados **pronomes** à fôrça... Ficava, pois, para êle (ou, pelo menos, parecia que ficava) resolvido o problema; esqueceu-se, porém, de falar nos **adjuntos adverbais** (não confundir com **adverbiais**), uma vez que um se opõe ao outro (Vid. Walmírio de Macedo, "Dic. de Gram.", s.d., p. 21).

Ora, se os adjetivos qualificativos e determinativos, ou expressões equivalentes, isto é, os **adjuntos atributivos e limitativos** se referem a um nome, não vemos razão por que as palavras que se referem a um verbo, como os **objetos**, os **adjuntos c i r c u n s t a n c i a i s** (quendo se referem a um verbo), etc., não se denominem **adjuntos adverbais**, já que se pretende resumir para simplificar...

No entanto, a "Nomenclatura Gramatical Brasileira" também adotou os **adnominais** e rejeitou os **adverbais**, atendendo à mesma conveniência, e, portanto, é um "dogma"...

E que ela, nas condições de Chefe de uma "Igreja Gramatical", ou, melhor, de uma "Igrejinha", se intitula "papisa" e, como tal, "infalível"...

Longe vá a "Nomenclatura"!

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1965\Edição 00061 (1)

A reforma gramatical portuguêsa (II)

Délcio Munis

Dando seguimento ao artigo de 26 de fevereiro p.p., aguardamos a nomenclatura padrão portuguêsa presidida pelo Dr. Manuel Paiva Boléo, esperando não aconteça lá como aconteceu aqui no Brasil, onde se fêz uma nomenclatura abaixo da crítica, a qual não veio absolutamente simplificar nem uniformizar, mas tão sòmente complicar ainda mais a Gramática.

Assim, sugerimos à douta comissão luso que não imite o personalismo e o ecletismo infeliz da nossa «Nomenclatura», pelo menos, nos seguintes pontos de que trataremos sucintamente:

1° — A Gramática deve manter a divisão bipartida — **Lexiologia** ou **Lexicologia e Sintaxe** e não a tripartida — **Fonética, Morfologia e Sintaxe**, — já porque as palavras, realmente, só podem ser estudadas sob dois aspectos gerais: isolada ou combinadamente, já porque dividí-la em três partes podendo dividí-la em duas não é simplificar. No nosso artigo de 24-8-1962, mostramos que os gramáticos, tanto antigos como modernos, apresentam divisões multifárias da Gramática: a bipartida, a tripartida, a quadripartida e até a quinquepartida, como a de Adriano Grivet («Nova Gram. Analítica da L. P.», 1881, p. 1):

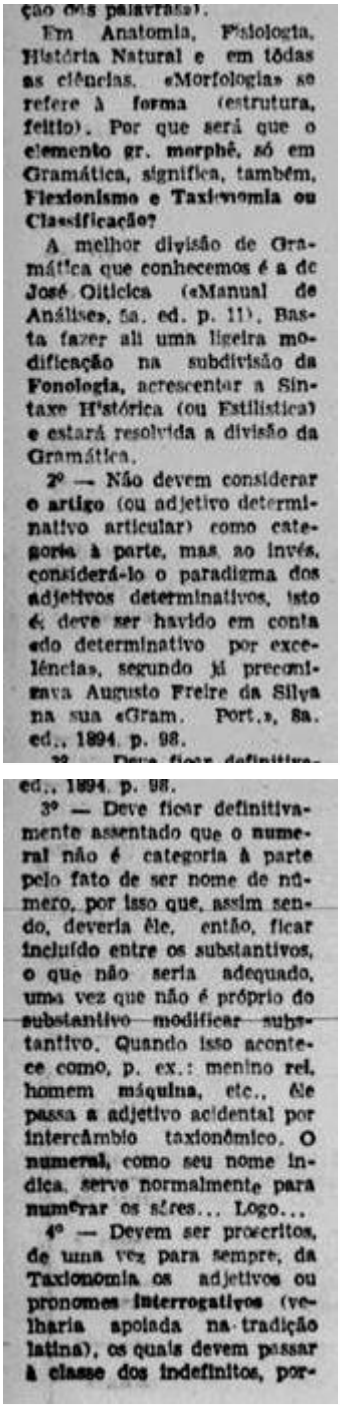
Quanto à Fonética, que estuda os fonemas, essa não poderá nunca deixar de ser uma subdivisão da «Lexiologia», pois ninguém profere um fonema, ou fonemas em separado, a não ser para classificá-los ou nomeá-los, porque êles são, se é lícito dizer, como que peças de uma máquina, as quais só funcionem dentro do mecanismo, que, no caso, seria a palavra. O mesmo se passa com a Morfologia (estudo da estrutura, «dos elementos essenciais à formação das palavras»).

quanto tôda palavra empregada interrogativamente seria um **interrogativo**, e seria uma incoerência não haver, também, adjetivos ou pronomes **exclamativos ou admirativos**.

São a favor da inclusão dos interrogativos entre os indefinitos, entre outros, Grivet («ob. cit.», p. 476), Maximino Maciel («Gram. Descritiva», 11ª ed., p. 135), Luís A. P. Vitória («Método Prático de Análise Léx. e de Anál. Sintática, 1958, p. 11) e outros.

Há até gramáticos que nem sequer mencionam os «interrogativos.»

Continuaremos.



ção das palavras).

Em Anatomia, Fisiologia, História Natural e em tôdas as ciências, «Morfologia» se refere à **forma** (estrutura, feitio). Por que será que o **elemento gr. morphê**, só em Gramática, significa, também, **Flexionismo e Taxionomia ou Classificação?**

A melhor divisão de Gramática que conhecemos é a de José Oiticica («Manual de Análise», 5a. ed. p. 11). Basta fazer ali uma ligeira modificação na subdivisão da **Fonologia**, acrescentar a Sintaxe H'stórica (ou Estilística) e estará resolvida a divisão da Gramática.

2º — Não devem considerar **o artigo** (ou adjetivo determinativo articular) como categoria à parte, mas ao invés, considerá-lo o paradigma dos adjetivos determinativos, isto é, deve ser havido em conta «do determinativo por excelência», segundo já preconizava Augusto Freire da Silva na sua «Gram. Port.», 8a. ed., 1894, p. 98.

ed., 1894, p. 98.

3º — Deve ficar definitivamente assentado que o **numeral** não é categoria à parte pelo fato de ser nome de número, por isso que, assim sendo, deveria êle, então, ficar incluído entre os substantivos, o que não seria adequado, uma vez que não é próprio do substantivo modificar substantivo. Quando isso acontece como, p. ex.: menino rei, homem máquina, etc., êle passa a adjetivo acidental por intercâmbio taxionômico. O **numeral**, como seu nome indica, serve normalmente para **numerar** os sêres... Logo...

4º — Devem ser proscritos, de uma vez para sempre, da Taxionomia os adjetivos ou pronomes **interrogativos** (velharia apoiada na tradição latina), os quais devem passar à classe dos indefinitos, por-

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1967\Edição 00153 (1)

A Reforma Gramatical

Portuguêsa (III)

Délcio Munis

Esperamos que o II Simpósio Brasilo-Português, que será realizado no Brasil, em data ainda não marcada, para «unificar a ortografia e a nomenclatura gramaticais da língua portuguêsa», o grupo português da comissão mista «não se deixe influenciar pela nossa personalista «Nomenclatura Gramatical Brasileira» por aquela cortesia tão peculiar aos nossos irmãos de além-mar, ou pela amizade fraterna que une o Brasil a Portugal», conforme dissemos no artigo de 28 de fevereiro do ano corrente.

Além do que sugerimos ao Prof. Manuel Paiva Boléo

não tem casca, mas só miolos?...

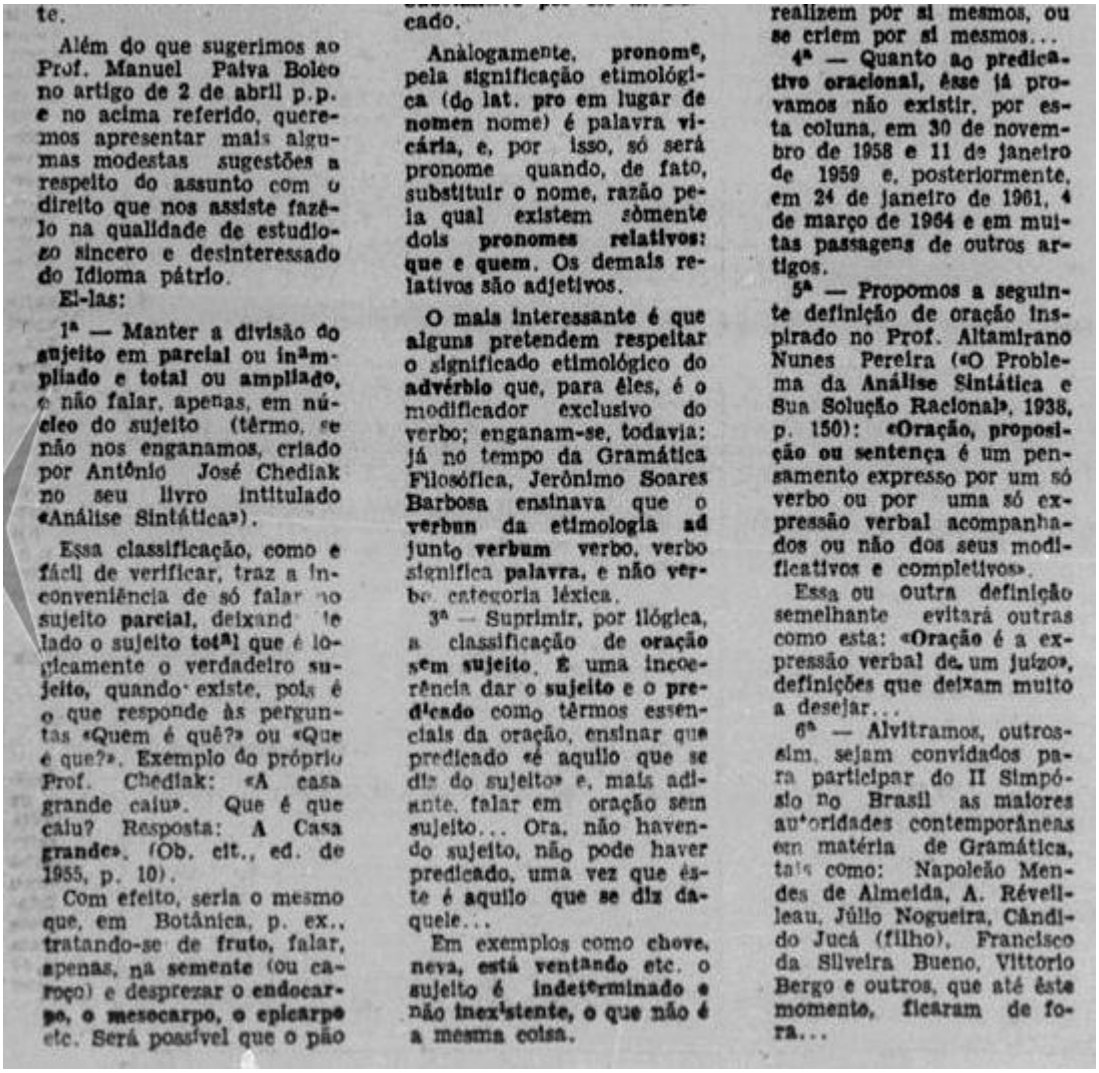
2ª — Respeitar o significado etimológico das **categorias léxicas** (categorias gramaticais) como faz o Prof. Pires de Castro («Lições Práticas de Português», 9ª ed., p. 55 e ss. e **Obs**, p. 60). Assim, **adjetivo** (do lat. **ad** junto **jectum** pôsto, colocado) será tôda palavra que modifica outra, **clara** ou **oculta**, e terminar de vez com a teoria adotada por Grivet, segundo a qual o **adjetivo** passa a **pronome** quando não vem claro o substantivo por êle modificado.

Análogamente, **pronome**,

Tem razão Maximino Maciel quando diz, entre outras coisas, o seguinte: «A adoção de x, como sujeito do verbo impessoal, constitui necessidade para a análise, pois, ao dizermos **chove**, exprimimo-nos com a **indeterminação** do sujeito». («Gram. Descritiva», IIa. ed., p. 389).

Efetivamente, a desinência verbal indicará sempre a pessoa do verbo, a qual, por sua vez, indicará sempre um sujeito conhecido ou desconhecido. Parece inerível que ainda haja quem creia que os fatos se realizem por si mesmos, ou se criem por si mesmos...

4ª — Quanto ao predica-



te.

Além do que sugerimos ao Prof. Manuel Paiva Boléo no artigo de 2 de abril p.p. e no acima referido, queremos apresentar mais algumas modestas sugestões a respeito do assunto com o direito que nos assiste fazê-lo na qualidade de estudioso sincero e desinteressado do Idioma pátrio.

Eis-las:

1ª — Manter a divisão do **sujeito em parcial** ou in**amplíado e total** ou **ampliado**, e não falar, apenas, em **núcleo** do sujeito (têrmo, se não nos enganamos, criado por Antônio José Chediak no seu livro intitulado «Análise Sintática»).

Essa classificação, como é fácil de verificar, traz a inconveniência de só falar no sujeito **parcial**, deixando de lado o sujeito **total** que é logicamente o verdadeiro **sujeito**, quando existe, pois é o que responde às perguntas «Quem é quê?» ou «Que é que?». Exemplo do próprio Prof. Chediak: «A casa grande caiu». Que é que caiu? Resposta: **A Casa grande**». (Ob. cit., ed. de 1955, p. 10).

Com efeito, seria o mesmo que, em Botânica, p. ex., tratando-se de **fruto**, falar, apenas, na **semente** (ou caroço) e desprezar o **endocarpo, o mesocarpo, o epicarpo** etc. Será possível que o pão

cado.

Anàlogamente, **pronome**, pela significação etimológica (do lat. **pro** em lugar de **nomen** nome) é palavra **vicária**, e, por isso, só será pronome quando, de fato, substituir o nome, razão pela qual existem sòmente dois **pronomes relativos: que e quem**. Os demais relativos são adjetivos.

O mais interessante é que alguns pretendem respeitar o significado etimológico do **advérbio** que, para êles, é o modificador exclusivo do verbo; enganam-se, todavia: já no tempo da Gramática Filosófica, Jerônimo Soares Barbosa ensinava que o **verbum** da etimologia **ad** junto **verbum** verbo, verbo significa **palavra**, e não verbo categoria léxica.

3ª — Suprimir, por ilógica, a classificação de **oração sem sujeito**. É uma incoerência dar o **sujeito** e o **predicado** como têrmos essenciais da oração, ensinar que predicado «é aquilo que se diz do sujeito» e, mais adiante, falar em oração sem sujeito... Ora, não havendo sujeito, não pode haver predicado, uma vez que êste é aquilo que se diz daquele...

Em exemplos como **chove, neva, está ventando** etc. o sujeito é **indeterminado** e não **inexistente**, o que não é a mesma coisa.

realizem por si mesmos, ou se criem por si mesmos...

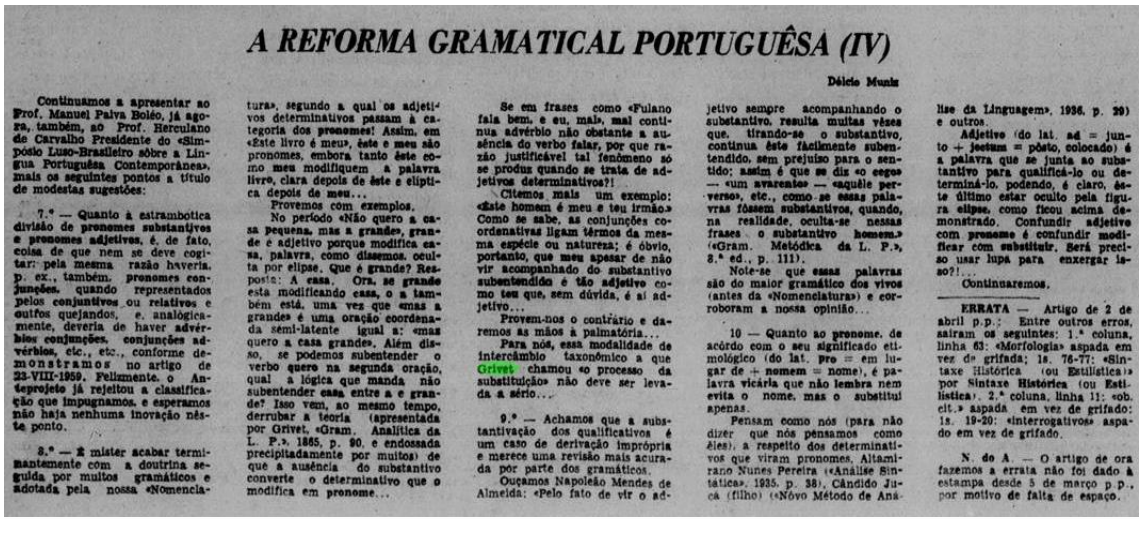
4ª — Quanto ao **predicativo oracional**, êsse já provamos não existir, por esta coluna, em 30 de novembro de 1958 e 11 de janeiro de 1959 e, posteriormente, em 24 de janeiro de 1961, 4 de março de 1964 e em muitas passagens de outros artigos.

5ª — Propomos a seguinte definição de oração inspirado no Prof. Altamirano Nunes Pereira («O Problema da **Análise Sintática** e Sua Solução Racional», 1938, p. 150): «**Oração, proposição ou sentença** é um pensamento expresso por um só verbo ou por uma só expressão verbal acompanhados ou não dos seus modificativos e completivos».

Essa ou outra definição semelhante evitará outras como esta: «**Oração** é a expressão verbal de um juízo», definições que deixam muito a desejar...

6ª — Alvitramos, outrossim, sejam convidados para participar do II Simpósio no Brasil as maiores autoridades contemporâneas em matéria de Gramática, tais como: Napoleão Mendes de Almeida, A. Réveilleau, Júlio Nogueira, Cândido Jucá (filho), Francisco da Silveira Bueno, Vittorio Bergo e outros, que até êste momento, ficaram de fora...

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1967\Edição 00211 (1)



A REFORMA GRAMATICAL PORTUGUÊSA (IV)

Délcio Munis

Continuamos a apresentar ao Prof. Manuel Paiva Boléo, já agora, também, ao Prof. Herculano de Carvalho Presidente do «Simpósio Luso-Brasileiro sôbre a Língua Portuguêsa Contemporânea», mais os seguintes pontos a título de modestas sugestões:

7.° — Quanto à estrambótica divisão de **pronomes substantivos e pronomes adjetivos**, é, de fato, coisa de que nem se deve cogitar: pela mesma razão haveria, p. ex., também, **pronomes conjunções**, quando representados pelos **conjuntivos** ou **relativos** e outros quejandos, e, analògicamente, deveria de haver **advérbios conjunções, conjunções advérbios**, etc., etc., conforme demonstramos no artigo de 23-VIII-1959. Felizmente, o Anteprojeto já rejeitou a classificação que impugnamos, e esperamos não haja nenhuma inovação nêste ponto.

8.° — É mister acabar terminantemente com a doutrina seguida por muitos gramáticos e adotada pela nossa «Nomenclatura», segundo a qual os adjetivos determinativos passam à categoria dos **pronomes**! Assim, em «Este livro é meu», êste e meu são pronomes, embora tanto êste como meu modifiquem a palavra livro, clara depois de êste e elíptica depois de meu...

Provemos com exemplos.

No período «Não quero a casa pequena, mas a grande», grande é adjetivo porque modifica casa, palavra, como dissemos, oculta por elipse. Que é grande? Resposta: A casa. Ora, se **grande** está modificando **casa**, o a também está, uma vez que «mas a grande» é uma oração coordenada semi-latente igual a: «mas quero a casa grande». Além disso, se podemos subentender o verbo **quero** na segunda oração, qual a lógica que manda não subentender **casa** entre a e grande? Isso vem, ao mesmo tempo, derrubar a teoria (apresentada por Grivet, «Gram. Analítica da L. P.», 1865, p. 90, e endossada precipitadamente por muitos) de que a ausência do substantivo converte o determinativo que o modifica em **pronome**...

Se em frases como «Fulano fala bem, e eu, mal», **mal** continua advérbio não obstante a ausência do verbo falar, por que razão justificável tal fenômeno só se produz quando se trata de adjetivos determinativos?!

Citemos mais um exemplo: «Este homem é meu e teu irmão.» Como se sabe, as conjunções coordenativas ligam têrmos da mesma espécie ou natureza; é óbvio, portanto, que **meu** apesar de não vir acompanhado do substantivo **subentendido** é tão **adjetivo** como **teu** que, sem dúvida, é aí adjetivo...

Provem-nos o contrário e daremos as mãos à palmatória...

Para nós, essa modalidade de intercâmbio taxonômico a que Grivet chamou «o processo da substituição» não deve ser levada a sério...

9.° — Achamos que a substantivação dos qualificativos é um caso de derivação imprópria e merece uma revisão mais acurada por parte dos gramáticos.

Ouçamos Napoleão Mendes de Almeida: «Pelo fato de vir o adjetivo sempre acompanhando o substantivo, resulta muitas vêzes que, tirando-se o substantivo, continua êste fàcilmente subentendido, sem prejuízo para o sentido; assim é que se diz «o cego — «um avarento» — «aquele perverso», etc., como se essas palavras fôssem substantivos, quando, na realidade, oculta-se nessas frases o substantivo **homem**.» («Gram. Metódica da L. P.», 8.ª ed., p. 111).

Note-se que **essas** palavras são do maior gramático dos vivos (antes da «Nomenclatura») e corroboram a nossa opinião...

10 — Quanto ao **pronome**, de acôrdo com o seu significado etimológico (do lat. **pro** = em lugar de + **nomem** = nome), é palavra **vicária** que não lembra nem evita o nome, mas o substitui apenas.

Pensam como nós (para não dizer que nós pensamos como êles), a respeito dos determinativos que viram pronomes, Altamirano Nunes Pereira («Análise Sintática», 1935, p. 38), Cândido Jucá (filho) («Nôvo Método de Análise da Linguagem», 1936, p. 29) e outros.

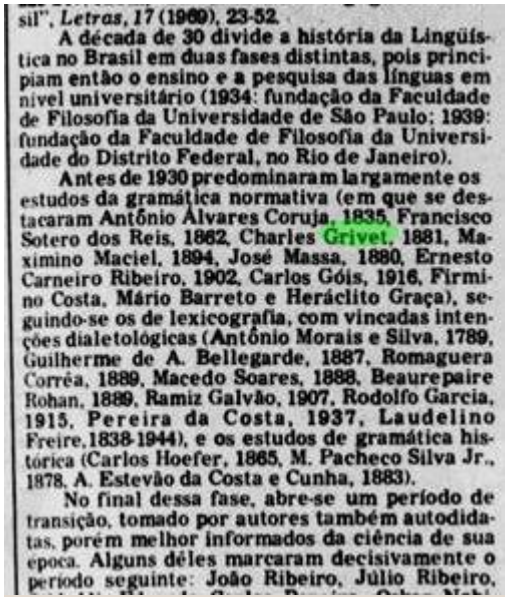
Adjetivo (do lat. **ad** = junto + **jectum** = pôsto, colocado) é a palavra que se junta ao substantivo para qualificá-lo ou determiná-lo, podendo, é claro, êste último estar oculto pela figura **elipse**, como ficou acima demonstrado. Confundir **adjetivo** com **pronome** é confundir modificar com **substituir**. Será preciso usar lupa para enxergar isso?!...

Continuaremos.

ERRATA — Artigo de 2 de abril p.p.: Entre outros erros, saíram os seguintes: 1.ª coluna, linha 63: «Morfologia» aspada em vez de grifada; ls. 76-77: «Sintaxe Histórica (ou Estilística)» por **Sintaxe Histórica** (ou **Estilística**). 2.ª coluna, linha 11: «ob. cit.» aspada em vez de grifado: ls. 19-20: «interrogativos» aspado em vez de grifado.

N. do A. — O artigo de ora fazemos a errata não foi dado à estampa desde 5 de março p.p., por motivo de falta de espaço.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1967\Edição 00271 (1)



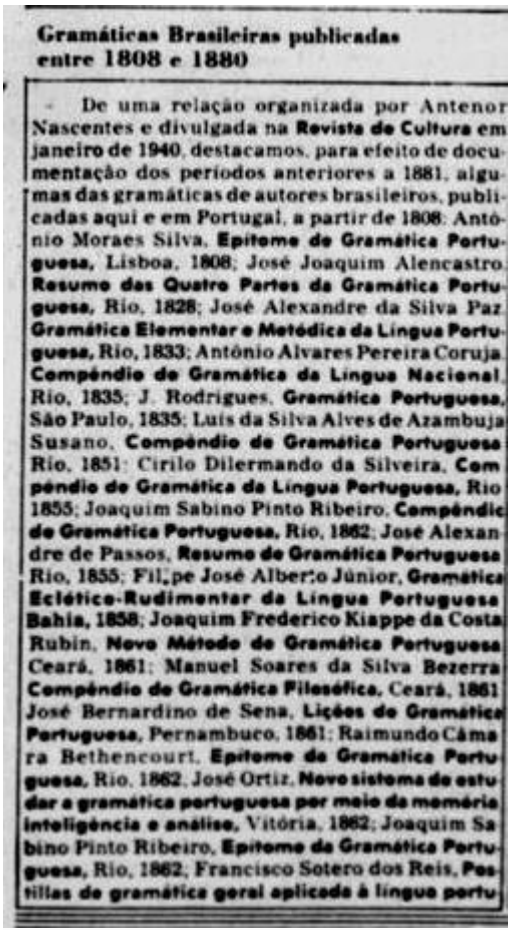
sil", *Letras*, 17 (1969), 23-52.

A década de 30 divide a história da Lingüística no Brasil em duas fases distintas, pois principiam então o ensino e a pesquisa das línguas em nível universitário (1934: fundação da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo; 1939: fundação da Faculdade de Filosofia da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro).

Antes de 1930 predominaram largamente os estudos da gramática normativa (em que se destacaram Antônio Alvares Coruja, 1835, Francisco Sotero dos Reis, 1862, Charles Grivet, 1881, Maximino Maciel, 1894, José Massa, 1880, Ernesto Carneiro Ribeiro, 1902, Carlos Góis, 1916, Firmino Costa, Mário Barreto e Heráclito Graça), seguindo-se os de lexicografia, com vincadas intenções dialetológicas (Antônio Morais e Silva, 1789, Guilherme de A. Bellegarde, 1887, Romaguera Corrêa, 1889, Macedo Soares, 1888, Beaurepaire Rohan, 1889, Ramiz Galvão, 1907, Rodolfo Garcia, 1915, Pereira da Costa, 1937, Laudelino Freire, 1838-1944), e os estudos de gramática histórica (Carlos Hoefer, 1865, M. Pacheco Silva Jr., 1878, A. Estevão da Costa e Cunha, 1883).

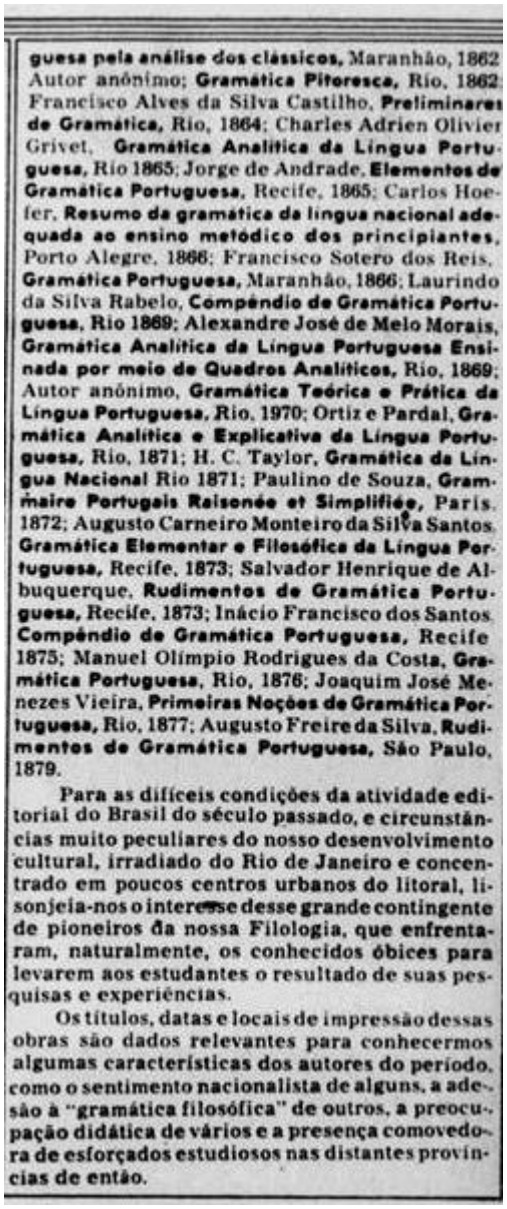
No final dessa fase, abre-se um período de transição, tomado por autores também autodidatas, porém melhor informados da ciência de sua época. Alguns deles marcaram decisivamente o período seguinte: João Ribeiro, Júlio Ribeiro,

Suplemento Literário (SP) - Ano 1971\Edição 00736 (1)



Gramáticas Brasileiras publicadas entre 1808 e 1880

De uma relação organizada por Antenor Nascentes e divulgada na **Revista de Cultura** em janeiro de 1940, destacamos, para efeito de documentação dos períodos anteriores a 1881, algumas das gramáticas de autores brasileiros, publicadas aqui e em Portugal, a partir de 1808: Antônio Moraes Silva, **Epítome de Gramática Portuguesa**, Lisboa, 1808; José Joaquim Alencastro, **Resumo das Quatro Partes da Gramática Portuguesa**, Rio, 1828; José Alexandre da Silva Paz, **Gramática Elementar e Metódica da Língua Portuguesa**, Rio, 1833; Antônio Alvares Pereira Coruja, **Compêndio de Gramática da Língua Nacional**, Rio, 1835; J. Rodrigues, **Gramática Portuguesa**, São Paulo, 1835; Luís da Silva Alves de Azambuja Susano, **Compêndio de Gramática Portuguesa**, Rio, 1851; Cirilo Dilermando da Silveira, **Compêndio de Gramática da Língua Portuguesa**, Rio 1855; Joaquim Sabino Pinto Ribeiro, **Compêndio de Gramática Portuguesa**, Rio, 1862; José Alexandre de Passos, **Resumo de Gramática Portuguesa**, Rio, 1855; Filipe José Alberto Júnior, **Gramática Eclética-Rudimentar da Língua Portuguesa**, Bahia, 1858; Joaquim Frederico Kiappe da Costa Rubin, **Novo Método de Gramática Portuguesa**, Ceará, 1861; Manuel Soares da Silva Bezerra, **Compêndio de Gramática Filosófica**, Ceará, 1861; José Bernardino de Sena, **Lições de Gramática Portuguesa**, Pernambuco, 1861; Raimundo Câmara Bethencourt, **Epítome de Gramática Portuguesa**, Rio, 1862; José Ortiz, **Novo sistema de estudar a gramática portuguesa por meio da memória inteligência e análise**, Vitória, 1862; Joaquim Sabino Pinto Ribeiro, **Epítome da Gramática Portuguesa**, Rio, 1862; Francisco Sotero dos Reis, **Postilas de gramática geral aplicada à língua portu-**



guesa pela análise dos clássicos, Maranhão, 1862. Autor anônimo; **Gramática Pitoresca**, Rio, 1862. Francisco Alves da Silva Castilho, **Preliminares de Gramática**, Rio, 1864; Charles Adrien Olivier Grivet, **Gramática Analítica da Língua Portuguesa**, Rio 1865; Jorge de Andrade, **Elementos de Gramática Portuguesa**, Recife, 1865; Carlos Hoefer, **Resumo da gramática da língua nacional adequada ao ensino metódico dos principiantes**, Porto Alegre, 1866; Francisco Sotero dos Reis, **Gramática Portuguesa**, Maranhão, 1866; Laurindo da Silva Rabelo, **Compêndio de Gramática Portuguesa**, Rio 1869; Alexandre José de Melo Morais, **Gramática Analítica da Língua Portuguesa Ensinada por meio de Quadros Analíticos**, Rio, 1869; Autor anônimo, **Gramática Teórica e Prática da Língua Portuguesa**, Rio, 1970; Ortiz e Pardal, **Gramática Analítica e Explicativa da Língua Portuguesa**, Rio, 1871; H. C. Taylor, **Gramática da Língua Nacional** Rio 1871; Paulino de Souza, **Grammaire Portugais Raisonée et Simplifiée**, Paris, 1872; Augusto Carneiro Monteiro da Silva Santos, **Gramática Elementar e Filosófica da Língua Portuguesa**, Recife, 1873; Salvador Henrique de Albuquerque, **Rudimentos de Gramática Portuguesa**, Recife, 1873; Inácio Francisco dos Santos, **Compêndio de Gramática Portuguesa**, Recife 1875; Manuel Olímpio Rodrigues da Costa, **Gramática Portuguesa**, Rio, 1876; Joaquim José Menezes Vieira, **Primeiras Noções de Gramática Portuguesa**, Rio, 1877; Augusto Freire da Silva, **Rudimentos de Gramática Portuguesa**, São Paulo, 1879.

Para as difíceis condições da atividade editorial do Brasil do século passado, e circunstâncias muito peculiares do nosso desenvolvimento cultural, irradiado do Rio de Janeiro e concentrado em poucos centros urbanos do litoral, lisonjeia-nos o interesse desse grande contingente de pioneiros da nossa Filologia, que enfrentaram, naturalmente, os conhecidos óbices para levarem aos estudantes o resultado de suas pesquisas e experiências.

Os títulos, datas e locais de impressão dessas obras são dados relevantes para conhecermos algumas características dos autores do período, como o sentimento nacionalista de alguns, a adesão à "gramática filosófica" de outros, a preocupação didática de vários e a presença comovedora de esforçados estudiosos nas distantes províncias de então.

Suplemento Literário (SP) - Ano 1976\Edição 00059 (1)

Conheça a gramática

COMPOS SUI — Locução latina que significa "senhor de si"; Tanto na bonança quanto na tempestade o homem bem formado mantém-se compos sui.

COMPREENSIVO, COMPREENSÍVEL — Há diferença de significação, que decorre dos sufixos; juntam-se ambos ao radical de verbos, mas ivo traz significação ativa, ao passo que ível (ável, ível, óvel, úvel: o sufixo realmente é vel, do latim bil, antecedido da vogal temática verbal) denota passividade, aptidão para sofrer ou receber. Uma pessoa é compreensiva (compreende, pode compreender), uma coisa é compreensível (pode ser compreendida).

Os que aparece antes desses sufixos deve-se ao radical do supino do verbo latino: comprehensum.

COMPRIMENTO — Já se encontra assentada a distinção entre essa palavra com "o" e cumprimento, com "u". Enquanto esta, com "u", indica o ato de cumprir, de executar (O cumprimento do dever), de saudar (Devemos responder aos cumprimentos), a primeira, com "o", significa extensão. O comprimento da sala.

Se o dever é cumprido, a sala é comprida.

"COMPROMISSO" — "Por outro lado, eles não aceitam compromisso" — Não, compromisso já havia, e, que não houvesse, o que as partes conflitantes não aceitam é acordo, é "an agreement to refer matters in dispute to arbitrators" (em inglês para o amante de estrangeirismos entenda melhor), ou seja, conciliação, coisa esta diferente de compromisso. O redator não está conciliando o português com os fatos; na próxima vez redija: "Por outro lado, eles não aceitam acordo".

COMPUTADORIZAR — De computador mais izar, o verbo nosso deve ser computadorizar, com seus derivados computadorizável, computadorização.

"Computorizar" é barbarismo; tem justificação em inglês, não em português, pois nosso substantivo é computador, e não "computor".

COMPUTAR — Na verdade, forma verbal rizotônica alguma existe paroxítona. Ouvimos entretanto umas vezes, e outras vemos infelizmente escrito, que o verbo computar assim se conjuga: cômputo, cômputas, cômputa.

Tal doutrina faz lembrar aquele que jamais dizia picadela por arrepiar-lhe o "conceito moral" em que é tida a fêmea do cachorro O substantivo é que é cômputo (o cômputo mensal), mas o verbo é compúta, sem perigo de melindrar instintos alheios.

COMUM — Superlativo sintético: comunissimo e CONÇÃO — Adjetivo pátrio: dessai (pronuncie dessái; femin. dessaina)).

CONCEITO — Aumentativo: conceitarraz, conceitarrão.

CONCELHO (município, distrito) — Não confundir com conselho (opinião, aviso; corpo de pessoas).

CONCENTRAÇÃO — Errada não se pode dizer a construção "concentrados no centro do campo". Concentração deriva de centro, mas não indica posição não determina lugar Poderá ser a concentração no sul, no norte, no canto... no centro: saibamos distinguir.

CONCERTO (harmonia, simetria; sessão musical) — Não confundir com conserto (remendo).

CONCILIO (assembléia de prelados, de religiosos) — Não confundir com "consilio", forma antiquada de conselho (reunião, assembléia).

CONCORDÂNCIA ÀS AVESSAS — Escritores há que empregam e gramáticos existem que apóiam a construção "o primeiro e o segundo batalhões". Dois motivos levam-nos a não aceitar esse procedimento.

1. Se o próprio adjetivo, que por natureza léxica deve em português adaptar-se ao nome, fica no singular quando anteposto a dois substantivos ("notando o ESTRANGEIRO modo e uso" "CHEGADA a hora e a ocasião" — "declarou CRIMINOSA a ré e o réu") e no singular é visto em bons autores ainda quando posposto ("o retrato de Maria com túnica e escapulário BRANCO" — "coragem e disciplina DIGNA de granadeiros" — "dudeza e pusilanimidade ALHEIA"), como admitir a plurização "superlativo de primeiro e segundo GRAUS"?

BIOa)aoCsi o

2. Se o adjetivo é que por regra concorda com o substantivo, como pretender impor a reciproca? O non datur vicissim dos latinos impõe-se no caso; preferimos ficar com Grivet, com José Portugal, com Júlio Ribeiro, com Carlos Pereira, com Augusto Freire, e com escritores de altura de um Vieira ("Dáme grande exemplo o semeador, porque depois de perder a primeira, a segunda e a terceira PARTE do trigo, aproveitou a quarta e última" — "O filho do primeiro e terceiro MATRIMÔNIO"), de um Castilho ("A luta do bom e do mau PRINCIPIO") — "...de um e de outro SISTEMA"), e redigir "na ÁREA política e empresarial!" — "no primeiro e no segundo ANDAR" — "na ESFERA municipal, estadual e federal" — "no encontro entre O LÍCER socialista e o comunista" — "vê se com mais nitidez que SEU ASPECTO militar e mesmo político PASSOU a plano secundário" — "no RAMO industrial e comercial" — "nas escolas da REDE municipal e estadual" — "de professores da 5a. à 8a. SÉRIE" — "arbitrariedades cometidas pela POLÍCIA civil e militar" — "reveladores de EDUCAÇÃO científica e artística".

Na Editora Caminho Suave (Tel. 278-5840, São Paulo), o Dicionário de Questões Vernáculas (R. Fagundes, 157 — CEP 01508).

(Napoleão Mendes de Almeida — "O Estado")

O Poti (RN) - Ano 1984\Edição 00043 (1)

Cécil Meira

Erros de linguagem no uso cotidiano

No uso da língua portuguesa temos de levar em conta o conceito lógico do termo atenção. É certo que para tudo que fazemos o elemento atenção é fundamental, mas em nossa escrita diante das dificuldades e complexidades da língua portuguesa, devemos redobrar nossa atenção no momento em que escrevemos. Todos nós sabemos que o idioma exige a presença de nosso pensamento, da boa idéia, enfim daquilo que representa a expressão e a comunidade.

Com referência ao significado psicológico da atenção, queremos referir-mos ao que aconteceu com o grande cientista e professor Broun Sequard, conforme nos relata o psicólogo inglês Stanley Jevons. Logicamente, a definição de atenção seria a aplicação do espírito ou dos sentidos ao que se faz, ou diz. Conta Jevons que o professor Broun Sequard compareceu a sala de aula para explicar um assunto referente a endocrinologia, isto é, aos estudos das glândulas internas. O objetivo do preceptor consistia em dar conhecimento aos estudantes do seguinte preceito: "Retirando-se a glândula supra renal de um animal, ele morre". Mas não ficou nisso. Ilustrou no quadro negro a figura bem traçada de um animal, colocou na posição certa a glândula supra renal, fez uma seta indicativa, no sentido de bem orientar os estudantes. E assim prosseguiu. No decorrer de toda a aula, por várias vezes insistiu na frase axiomática, dizendo: retirando-se a glândula supra renal de um animal, ele morre. Enfim esgotou o assunto, até o momento em que bateu a campa do término da aula. Já se preparava recolhendo seu material de ensino quando, mais uma vez, dirigiu-se aos estudantes esclarecendo: — Como os srs. viram, se retirarmos a glândula supra renal de um animal, ele morre. Neste momento, já encerrando a aula, foi interpelado por um aluno indagando se podia fazer uma pergunta. O professor aquiesceu, e perguntou:

— Que deseja?

O estudante levantou-se, respeitosamente, dizendo que desejava fazer uma pergunta. O sr. pode me explicar o que acontece com um animal se nós retirarmos a glândula supra renal do mesmo?

Eis o problema fundamental a atenção. A língua portuguesa é ao mesmo tempo fácil e difícil. Se o assunto é difícil e complexo deve redobrar a atenção do estudante ou da pessoa, em geral que deseja aprender. Se não houver atenção, de modo que nosso espírito e nossos sentidos convirjam para o problema, certamente que vamos errar e em vez de aprender vamos desaprender. Se ensinamos que o pretérito perfeito do verbo reaver é reouvera e não reavera, se não houver atenção logo adiante vamos errar.

Mas, deixemos essas preliminares de lado e vamos ver mais alguns aspectos de erros ou falhas de nossa linguagem. No verbo vir, encontramos vimos NO PRESENTE e viemos no passado. É comum confundir vimos com viemos e viemos com vimos. Vamos aos exemplos: — vimos agora a presença do governador para pedir... e dizemos — viemos, ontem, a presença do governador para pedir... o que ocorre no uso cotidiano é ouvirmos, por exemplo, — viemos hoje a presença do governador, quando o certo é — vimos, hoje, a presença do, governador, e do mesmo modo dizemos-viemos, ontem, a presença do governador. Tudo é muito claro, se houver atenção. Vimos é presente e viemos é passado.

Vamos, agora, divagar um pouco sobre o plural das palavras terminadas em ão sendo esses vocábulos de prosódia nasalada, os estrangeiros não sabem pronunciar tais palavras, uma vez que fazem a pronúncia sem a ortoépia nasal. Mas isto é secundário e é problema para estrangeiros. Todas as palavras em português terminada em ão recebem três terminações — ões, ães, e ães O número maior são das palavras terminadas em ões — coração, corações, opinião, opiniões, clarão, clarões, e assim por diante; o segundo plural é ães e assim temos mão, maõs, vão (da janela) vãos, sótão, sótãos; o terceiro plural é em ães e assim dizemos — pão, paês, cão, cães, tabelião, tabeliães. Mas, além disso ocorrem outras singularidades. Temos, por exemplo, palavras terminadas em ão com plural duplo e ambos certos: — aldeão, aldeões e aldeãos, vilão, vilãos e vilões, truão, truões e truães. Além desse plural duplo algumas terminadas em ão têm plural triplo, isto é, — ancião dá anciões, anciãos e anciães, alão (cão de alto porte) dá corretamente, alãos, alães, e alões.

Estas singularidades de nosso idioma exigem muita atenção e, às vezes, devemos recorrer ao dicionário para tirar a dúvida ou as dúvidas. É natural que estamos discorrendo ligeiramente sobre o assunto, mas a finalidade fundamental é que sempre devemos atentar para a forma correta na hora de escrever.

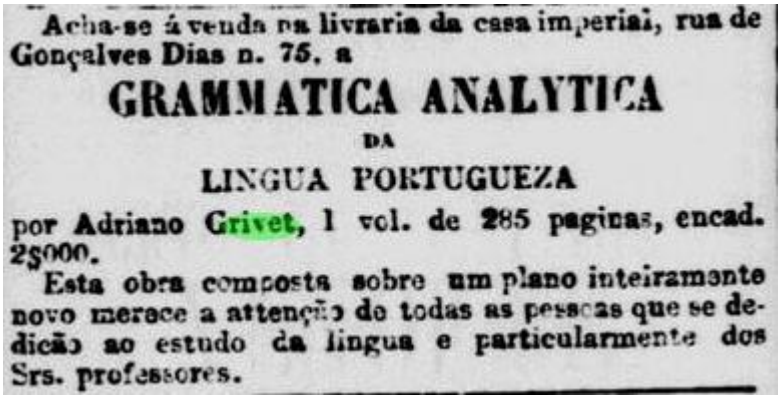
Ao terminarmos mais essa digressão sobre esses pequenos óbices, que nos ocorrem todos os dias, queremos chamar a atenção para um fato singular sobre os grandes conhecedores da lingüística portuguesa.

É impressionante que apontemos como grandes conhecedores do idioma pátrio, mestres que não são portugueses e não são brasileiros, e é em homenagem a eles que os cito neste momento. Muita gente não sabe que foi o professor alemão Frederico Diez o formulador de uma regra, que até hoje usamos sobre o infinitivo pessoal, tanto estudou o português e tanto se aprofundou em seus mistérios, que devemos a ele a norma do infinitivo pessoal e que acompanha outra forma já elaborada pelo professor português Jerônimo Soares Barbosa, em sua Gramática Filosófica. Hoje, ambas as normas são utilizadas para solução de alguns problemas do infinitivo pessoal além dos ensinamentos do grande mestre brasileiro Miguel Said Ali. Da mesma forma, é grande honra para nós saber que uma das melhores gramáticas da língua portuguesa é da autoria de um professor suiço, sr. Grivet. Ele publicou e sistematizou os fenômenos da lingüística portuguesa sob o nome "Nova Gramática Analítica da Língua portuguesa".

Nascido na cidade de Friburgo na Suiça, desde moço tornou-se emérito professor e foi convidado, ainda muito jovem, por um general russo para ensinar dois de seus filhos. Passado algum tempo com saudade de sua terra natal e de seus velhos pais regressou à Suiça. Em sua volta ocorreu o fato doloroso da perda de seus pais e foi quando ele resolveu emigrar para o Brasil. Embora suiço tornou-se no Brasil grande mestre de línguas, principalmente de português, que ele estudou a fundo. Não foi difícil assim a elaboração de uma belíssima gramática da língua portuguesa e todos os grandes conhecedores de nosso idioma, em Portugal e no Brasil, acolhem suas lições, como primorosas ordenações de nossa lingüística.

Citamos esses dois grandes mestres estrangeiros — Frederico Diez e Charles Adrien Olivier Grivet, seu nome por inteiro, como exemplo para juventude brasileira, que deve, com seus estudos, e com sua inteligência, enobrecer cada vez mais o rico idioma português.

Diário do Pará (PA) - Ano 1989\Edição 02229 (1)



Acha-se á venda na livraria da casa imperial, rua de Gonçalves Dias n. 75, a

GRAMMATICA ANALYTICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

por Adriano Grivet, 1 vol. de 285 paginas, encad. 2$000.

Esta obra composta sobre um plano inteiramente novo merece a attenção de todas as pessoas que se dedicão ao estudo da lingua e particularmente dos Srs. professores.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1866\Edição 00156 (1)

— SOCIEDADE BRASILEIRA ENSAIOS LITTERARIOS.— Sessão ordinaria em 16 de outubro de 1867. — Presidencia do Sr. M. J. Pereira Frazão. — A's 7 1/2 horas da noite, achando-se presentes 26 Srs. socios e algumas senhoras, abre-se a sessão.

Não foi lida a acta da sessão antecedente por motivos que o Sr. presidente explicou.

Expediente:— O Sr. 1º secretario declara que durante a semana finda funccionárão as aulas de francez e de inglez.

1ª *parte da ordem do dia*:—Offerecêrão obras á bibliotheca os Srs.: Paraty, *Folhas Perdidas* (em nome do autor); Casimiro de Freitas, *Amours et Blasphèmes*, e Jeronymo Simões, *A Queda de um anjo* (romance de Camillo Castello Branco).

Lêrão trabalhos os Srs. Pereira Frazão, a continuação de sua *analyse critica sobre a grammatica analytica da lingua portugueza* de Adriano Grivet; Augusto de Almeida, a 4ª carta sobre o poema *Leonor*, e uma poesia do Sr. M. Leitão; Candido de Mendonça, sua poesia intitulada *A...*; e Velho da Silva Junior, outra intitulada *O que tu és*.

O Sr. presidente agradece as leituras e as offertas.

2.ª *parte da ordem do dia*:—Continúa a discussão da these sobre o jornal e o romance.

Orárão os Srs. Candido de Mendonça em favor do jornal e Jeronymo Simões em favor da romance.

O Sr. Toledo propõe o encerramento da discussão. Satisfeita pela presidencia uma pergunta sobre a proposta foi esta rejeitada.

Sóbé á tribuna o Sr. Eduardo de Mello e ora em favor do jornal.

Levanta-se a sessão ás 9 3/4 hora da noite.

Sociedades litterarias e industriaes:

SOCIEDADE BRASILEIRA ENSAIOS LITTERARIOS. — *Sessão ordinaria em 29 de outubro.* — Presidencia do Sr. M. J. Pereira Frazão. — As 7 1/2 horas da noite, presentes 17 Srs. socios, abre-se a a sessão Occupa o logar de 1.º secretario o Sr. 2.º secretario interino, e deste o Sr. Cantanhede Junior a convite da presidencia.

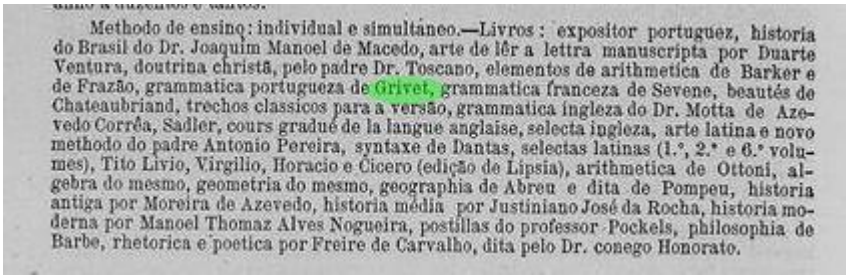
1.ª *parte da ordem do dia.* — O Sr. C. Paraty em nome do Sr. A. Leitão offerece o romance *Mr. Choublanc.* O Sr. P. Frazão continúa a leitura do seu trabalho *Analyse critica sobre a grammatica de A Grivet.* O Sr. P. da Silva lê o seu trabalho em prosa *Impressões de uma leitura.* O mesmo senhor recita o soneto que improvisára na occasião em que assistiu a um espectaculo cujo producto será applicado á compra de uma sepultura onde repousem os restos do actor João Caetano dos Santos.

2ª *parte da ordem do dia.*—Continuando a discussão da these, orão os Srs. F. Leitão e P. Frazão, opinando o primeiro pela utilidade da expulsão dos jesuitas, e o segundo pela idéa contraria. O Sr. A. Pinto (pela ordem) participa de que se achava encarregado pelo Sr. Toledo Franco, 1º secretario interino, a declarar que por incommodos em sua saude o mesmo senhor deixava de comparecer. A sessão, que foi abrilhantada e honrada com a presença de algumas senhoras, encerrou-se ás 10 horas da noite.

GRAMMATICA ANALYTICA
DE ADRIANO GRIVET.

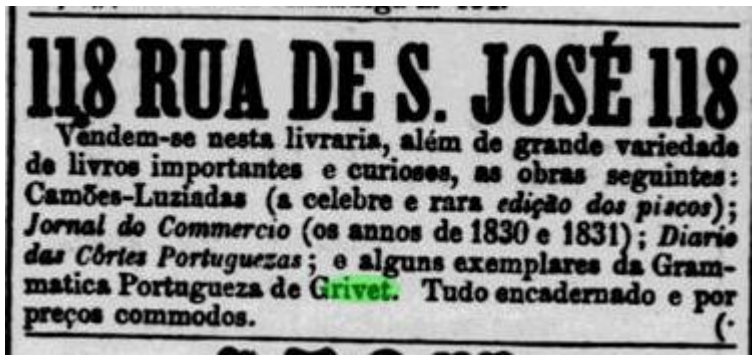
Acha-se ainda á venda um certo numero de exemplares desta obra; na loja de Nicoláo Alves, rua de Gonçalves Dias n. 54.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1870\Edição 00323 (1)



Methodo de ensino: individual e simultaneo.—Livros: expositor portuguez, historia do Brasil do Dr. Joaquim Manoel de Macedo, arte de lêr a lettra manuscripta por Duarte Ventura, doutrina christã, pelo padre Dr. Toscano, elementos de arithmetica de Barker e de Frazão, grammatica portugueza de Grivet, grammatica franceza de Sevene, beautés de Chateaubriand, trechos classicos para a versão, grammatica ingleza do Dr. Motta de Azevedo Corrêa, Sadler, cours gradué de la langue anglaise, selecta ingleza, arte latina e novo methodo do padre Antonio Pereira, syntaxe de Dantas, selectas latinas (1.°, 2.° e 6.° volumes), Tito Livio, Virgilio, Horacio e Cicero (edição de Lipsia), arithmetica de Ottoni, algebra do mesmo, geometria do mesmo, geographia de Abreu e dita de Pompeu, historia antiga por Moreira de Azevedo, historia média por Justiniano José da Rocha, historia moderna por Manoel Thomaz Alves Nogueira, postillas do professor Pockels, philosophia de Barbe, rhetorica e poetica por Freire de Carvalho, dita pelo Dr. conego Honorato.

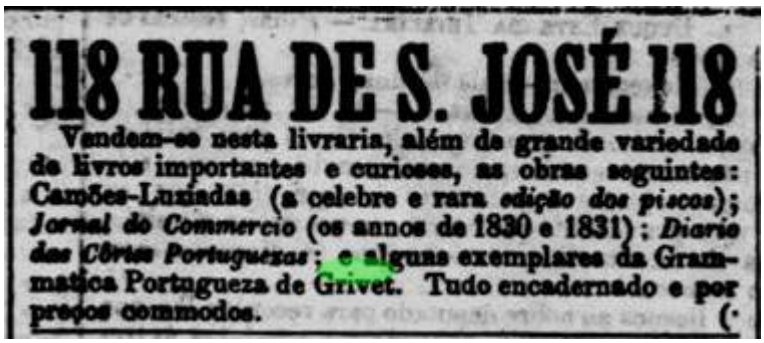
Brasil. Ministério do Império: Relatorio da Repartição dos Negocios do Imperio (RJ) - Ano 1871\Edição 00001 (4)



118 RUA DE S. JOSÉ 118

Vendem-se nesta livraria, além de grande variedade de livros importantes e curiosos, as obras seguintes: Camões-Luziadas (a celebre e rara *edição dos piscos*); *Jornal do Commercio* (os annos de 1830 e 1831); *Diario das Côrtes Portuguezas*; e alguns exemplares da Grammatica Portugueza de Grivet. Tudo encadernado e por preços commodos.

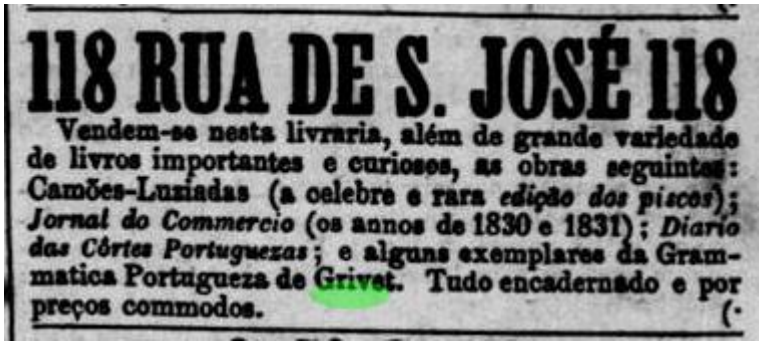
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1871\Edição 00230 (1)



118 RUA DE S. JOSÉ 118

Vendem-se nesta livraria, além de grande variedade de livros importantes e curiosos, as obras seguintes: Camões-Luziadas (a celebre e rara *edição dos piscos*); *Jornal do Commercio* (os annos de 1830 e 1831); *Diario das Côrtes Portuguezas*; e alguns exemplares da Grammatica Portugueza de Grivet. Tudo encadernado e por preços commodos.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1871\Edição 00232 (1)



118 RUA DE S. JOSÉ 118

Vendem-se nesta livraria, além de grande variedade de livros importantes e curiosos, as obras seguintes: Camões-Lusiadas (a celebre e rara *edição dos piscos*); *Jornal do Commercio* (os annos de 1830 e 1831); *Diario das Côrtes Portuguezas*; e alguns exemplares da Grammatica Portugueza de Grivet. Tudo encadernado e por preços commodos.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1871\Edição 00235 (1)

Acabão de sahir á luz e achão-se á venda na livraria classica de Nicoláo Alves, rua de Gonçalves Dias n. 54, compendio de

DESENHO GEOMETRICO

GEOMETRIA PRATICA

E

PRINCIPIOS DE ARCHITECTURA

ORGANISADO PELO MAJOR

Dr. José Antonio da Fonseca Lessa

professor de topographia e desenho da escola militar.

Um volume em 8° de 230 paginas, ornado de numerosas figuras e estampas de desenho geometrico, de architectura, etc. Esta obra é apropriada ao ensino do desenho nas escolas de Bellas-Artes, central, militar, lyceu das Artes e Officios e mais collegios de instrucção secundaria. Neste compendio encontrarão tambem os artistas, mestres e empreiteiros de obras as noções precisas para as construcções e orçamentos.

LIÇÕES DA HISTORIA DA IDADE MEDIA

PELO

Dr. Domingos Ramos Mello

professor de historia do externato do imperial collegio de Pedro II.

UM VOLUME 4$000.

PRIMEIRO LIVRO DA INFANCIA

ou exercicios de leitura e lições de moral para uso das escolas primarias, vertido por Emilio Zaluar, impresso em typo grande, apropriado ao ensino da infancia que principia a balbuciar os primeiros rudimentos de leitura. Esta obrinha é, das que existem actualmente no ensino rudimental, a mais apropriada para servir de continuação aos syllabarios e a mais economica, 1 volume cartonado por 600 rs.

Acha-se á venda na mesma casa a

Grammatica portugueza de Grivet

Assigna-se o jornal de modas

MONITEUR

DES

DAMES ET DES DEMOISELLES

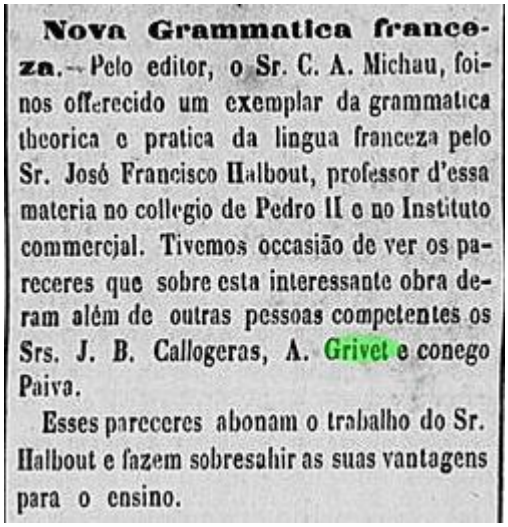
DES

DAMES ET DES DEMOISELLES

jornal de modas, o mais economico e o mais util ás familias não só pelos numerosos figurinos, moldes, modelos de crochet, tapetes, etc., como pela leitura que é a mais instructiva e moral. Nesta livraria se indicão os compendios adoptados no ensino primario, secundario e superior que se vendem sempre pelos mais infimos preços, fazendo-se maiores abatimentos nas compras avultadas.

54 RUA DE GONÇALVES DIAS 54

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1871\Edição 00246 (1)



Nova Grammatica franceza.—Pelo editor, o Sr. C. A. Michau, foi-nos offerecido um exemplar da grammatica theorica e pratica da lingua franceza pelo Sr. José Francisco Halbout, professor d'essa materia no collegio de Pedro II e no Instituto commercial. Tivemos occasião de ver os pareceres que sobre esta interessante obra deram além de outras pessoas competentes os Srs. J. B. Callogeras, A. Grivet e conego Paiva.

Esses pareceres abonam o trabalho do Sr. Halbout e fazem sobresahir as suas vantagens para o ensino.

A Reforma: Orgão Democratico (RJ) - Ano 1872\Edição 00267 (1)

NOVA GRAMMATICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

DE

A. GRIVET

Sahiu á luz esta interessante obra, impressa com nitidez, em 1 vol. de 626 paginas.

Esta grammatica, delineada sob um ponto de vista largo e profundo, trata minuciosamente de todas as questões mais difficeis, de modo a satisfazer a todos aquelles que se empenham no estudo theorico e pratico de taes assumptos. Em apoio das doutrinas do autor, vem juntar-se sempre a autoridade dos classicos, como confirmação das regras e definições, que são estabelecidas com clareza e precisão, fazendo por isso d'este compendio um dos melhores trabalhos d'este genero até hoje publicado. Para o estudante ou para o litterato, elle é de um inestimavel valor, tendo por si, além da reconhecida reputação do seu auctor, já fallecido, a insuspeita opinião dos cavalheiros que, por ordem do governo imperial, deram luminoso parecer sobre seu merecimento.

Esta commissão conclue d'esta maneira o seu relatorio:

« Como já dissemos, não ha trecho algum n'esta obra que não se basêe na mais clara e vigorosa argumentação, corroborada por numerasas citações dos auctores classicos de melhor nota.

« Em nossa opinião, não ha grammatica alguma que melhor do que esta possa proporcionar aos estudantes o conhecimento consciencioso da lingua portugueza.

« Parece-nos, pois, que a adopção da grammatica do Sr. Grivet será de immensa vantagem aos alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares da instrucção secundaria. »

Vende-se a 8$ cada exemplar em casa dos Srs. G. Leuzinger & Filhos. (•

31 e 36 Rua do Ouvidor 31 e 36

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1881\Edição 00161 (1)

NOVA GRAMMATICA
DA
LINGUA PORTUGUEZA
DE
A. GRIVET

Sahiu á luz esta interessante obra, impressa com nitidez, em 1 vol. de 626 paginas.

Esta grammatica, delineada sob um ponto de vista largo e profundo, trata minuciosamente de todas as questões mais difficeis, de modo a satisfazer a todos aquelles que se empenham no estudo theorico e pratico de taes assumptos. Em apoio das doutrinas do autor, vem juntar-se sempre a autoridade dos classicos, como confirmação das regras e definições, que são estabelecidas com clareza e precisão, fazendo por isso d'este compendio um dos melhores trabalhos d'este genero até hoje publicado. Para o estudante ou para o litterato, elle é de um inestimavel valor, tendo por si, além da reconhecida reputação do seu auctor, já fallecido, a insuspeita opinião dos cavalheiros que, por ordem do governo imperial, deram luminoso parecer sobre seu merecimento.

Esta commissão conclue d'esta maneira o seu relatorio:

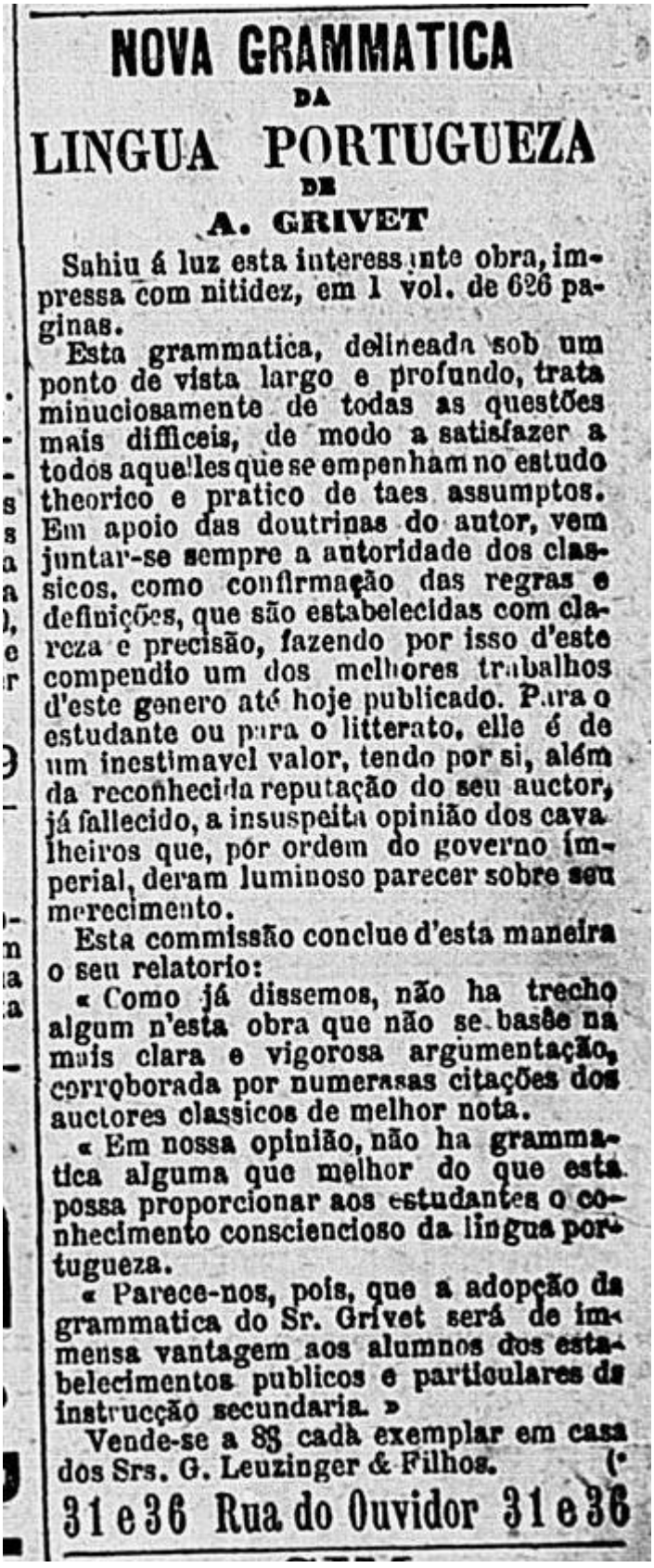
« Como já dissemos, não ha trecho algum n'esta obra que não se basêe na mais clara e vigorosa argumentação, corroborada por numerasas citações dos auctores classicos de melhor nota.

« Em nossa opinião, não ha grammatica alguma que melhor do que esta possa proporcionar aos estudantes o conhecimento conscienciosо da lingua portugueza.

« Parece-nos, pois, que a adopção da grammatica do Sr. Grivet será de immensa vantagem aos alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares da instrucção secundaria. »

Vende-se a 8$ cada exemplar em casa dos Srs. G. Leuzinger & Filhos. (·

31 e 36 Rua do Ouvidor 31 e 36



NOVA GRAMMATICA
DA
LINGUA PORTUGUEZA
DE
A. GRIVET

Sahiu á luz esta interessante obra, impressa com nitidez, em 1 vol. de 626 paginas.

Esta grammatica, delineada sob um ponto de vista largo e profundo, trata minuciosamente de todas as questões mais difficeis, de modo a satisfazer a todos aquelles que se empenham no estudo theorico e pratico de taes assumptos. Em apoio das doutrinas do autor, vem juntar-se sempre a autoridade dos classicos, como confirmação das regras e definições, que são estabelecidas com clareza e precisão, fazendo por isso d'este compendio um dos melhores trabalhos d'este genero até hoje publicado. Para o estudante ou para o litterato, elle é de um inestimavel valor, tendo por si, além da reconhecida reputação do seu auctor, já fallecido, a insuspeita opinião dos cavalheiros que, por ordem do governo imperial, deram luminoso parecer sobre seu merecimento.

Esta commissão conclue d'esta maneira o seu relatorio:

« Como já dissemos, não ha trecho algum n'esta obra que não se basée na mais clara e vigorosa argumentação, corroborada por numerasas citações dos auctores classicos de melhor nota.

« Em nossa opinião, não ha grammatica alguma que melhor do que esta possa proporcionar aos estudantes o conhecimento consciencioso da lingua portugueza.

« Parece-nos, pois, que a adopção da grammatica do Sr. Grivet será de immensa vantagem aos alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares de instrucção secundaria. »

Vende-se a 8$ cada exemplar em casa dos Srs. G. Leuzinger & Filhos. (•

31 e 36 Rua do Ouvidor 31 e 36

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1881\Edição 00163 (1)

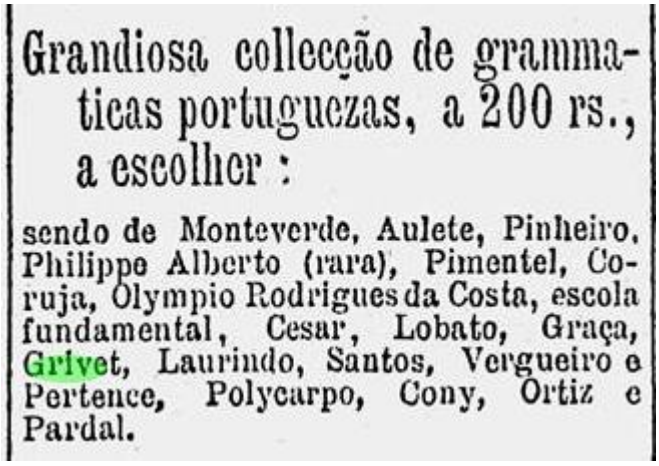
A *nova grammatica analytica da lingua portugueza* tem qualidades incontestaveis, e recommenda-se por mais de um titulo. A. Grivet, embora estrangeiro, conseguiu penetrar os segredos da lingua, e muitas difficuldades fleam parcial ou totalmente solvidas, graças ao estudo accumulado nas mais de 600 paginas em oitavo que formam o volume.

Quer isto dizer que é esta a grammatica por que todos suspiramos? Não o affirmaremos por nossa parte. A. Grivet se collocou no ponto de vista antigo, *philosophico*, o que significa que são antes questões abstractas e ideias a priori do que factos glotticos a sua preoccupação dominante. Estudou a lingua somente na phase classica, deixando de parte tudo o que diz respeito á sua evolução historica. Desprezou todos os soccorros que poderia colher da comparação das linguas novo-latinas.

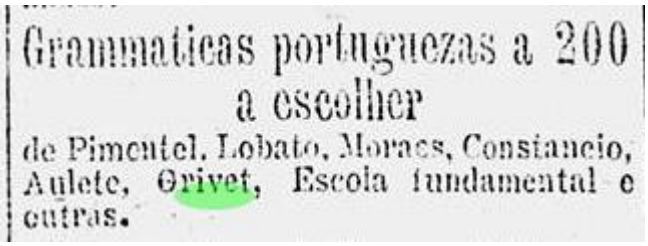
D'ahi uma feição singular do livro,—a mescla de idéas novas, aceitaveis, luminosas mesmo, devidas á independencia e afoiteza do espirito investigador do auctor, com idéas atrazadas, que já foram apresentadas, discutidas e refutadas pela sciencia.

Este defeito é grande, não encobriremos; mas apezar d'elle, e apezar de descuidos e inexactidões fataes em livro não revisto pelo auctor, a obra de Mr. Grivet é muito notavel e digna de attenção. O livro vem precedido de um ligeira biographia do auctor, que inspira a mais viva sympathia pelo digno suisso que fez do Brazil a patria de seu coração, e deu-lhe o que tinha de mais precioso. —sua nobre alma.

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1881\Edição 00190 (1)



Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1881\Edição 00201 (1)



Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1881\Edição 00206 (1)

Pelo ministerio do imperio:

Declarou-se ao inspector geral da instrucção publica ter a congregação da escola normal designado, afim de fazerem parte da commissão de que trata o § 6° do art. 77 do regulamento que baixou com o decreto n. 8025 de 16 de março ultimo, os professores da mesma escola Augusto Emilio Zaluar, Dr. Pedro Severiano de Magalhães e Evaristo Nunes Pires e o substituto bacharel Benedicto Raymundo da Silva.

Igualmente que foi approvada, para ser adoptada nas escolas publicas, a *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, composta por A. Grivet.

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1881\Edição 00285 (1)

NOVA GRAMMATICA
DA
LINGUA PORTUGUEZA
DE
A. GRIVET

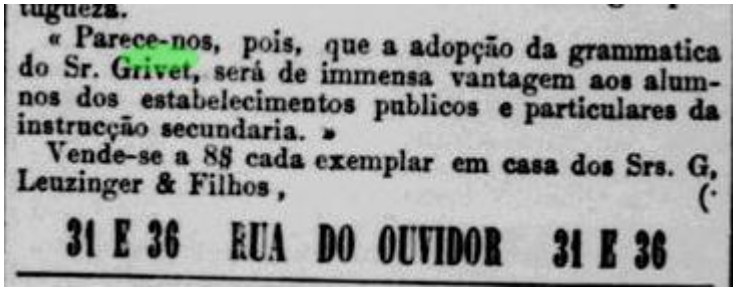
Sahio á luz esta interessante obra, impressa com nitidez, em 1 vol. de 626 paginas.

Esta grammatica, delineada sob um ponto de vista largo e profundo, trata minuciosamente de todas as questões mais difficeis, de modo a satisfazer a todos aquelles que se empenhão no estudo theorico e pratico de taes assumptos. Em apoio das doutrinas do autor, vem juntar-se sempre a autoridade dos classicos, como confirmação das regras e definições, que são estabelecidas com clareza e precisão, fazendo por isso deste compendio um dos melhores trabalhos deste genero até hoje publicado. Para o estudante ou para o litterato, elle é de um inestimavel valor, tendo por si, além da reconhecida reputação do seu autor, já fallecido, a insuspeita opinião dos cavalheiros que, por ordem do governo imperial, derão luminoso parecer sobre seu merecimento.

Esta commissão conclue desta maneira o seu relatorio:

« Como já dissemos, não ha trecho algum nesta obra que não se basée na mais clara e vigorosa argumentação, corroborada por numerosas citações dos autores classicos de melhor nota.

« Em nossa opinião, não ha grammatica alguma que melhor do que esta possa proporcionar aos estudantes o conhecimento conscienciosa da lingua portugueza.



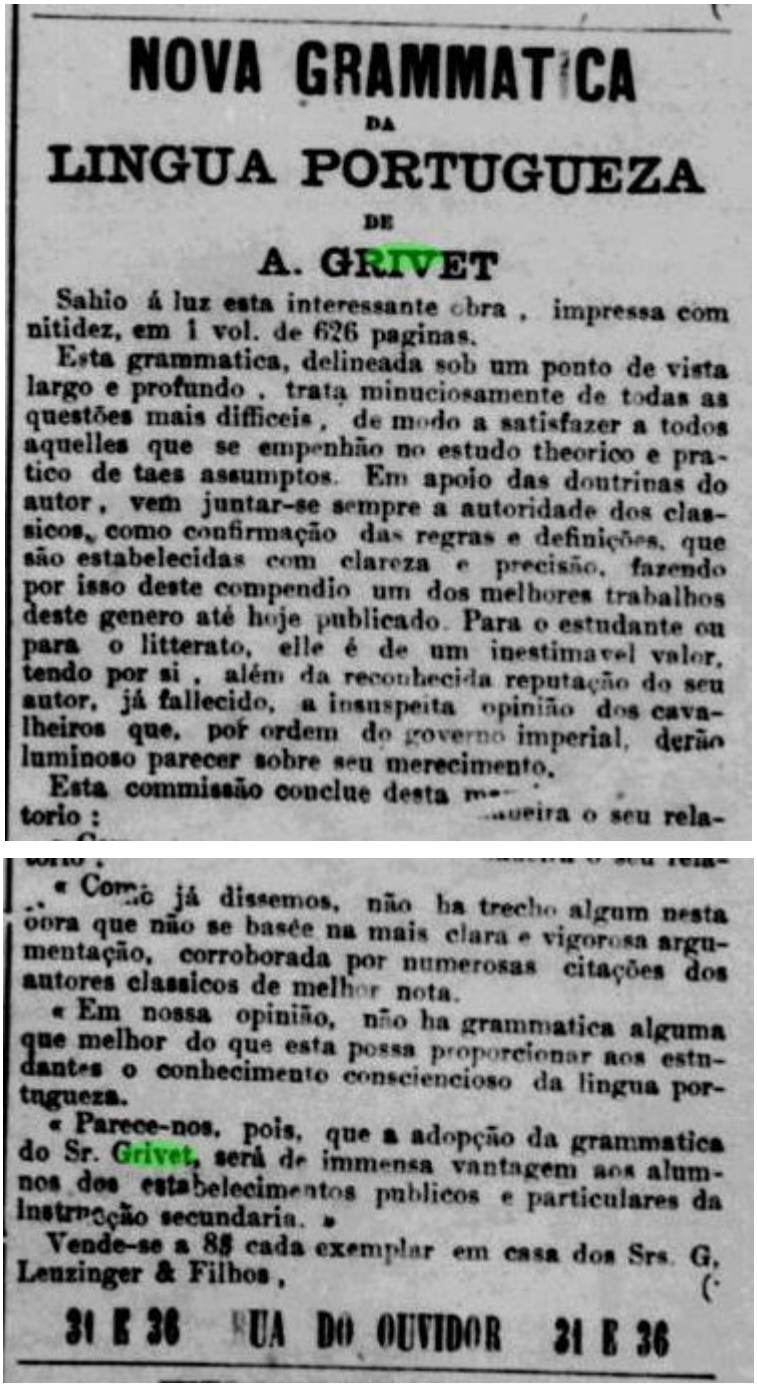
tugueza.

« Parece-nos, pois, que a adopção da grammatica do Sr. Grivet, será de immensa vantagem aos alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares da instrucção secundaria. »

Vende-se a 8$ cada exemplar em casa dos Srs. G. Leuzinger & Filhos, (·

31 E 36 RUA DO OUVIDOR 31 E 36

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1881\Edição 00165 (1)



NOVA GRAMMATICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

DE

A. GRIVET

Sahio á luz esta interessante obra, impressa com nitidez, em 1 vol. de 626 paginas.

Esta grammatica, delineada sob um ponto de vista largo e profundo, trata minuciosamente de todas as questões mais difficeis, de modo a satisfazer a todos aquelles que se empenhão no estudo theorico e pratico de taes assumptos. Em apoio das doutrinas do autor, vem juntar-se sempre a autoridade dos classicos, como confirmação das regras e definições, que são estabelecidas com clareza e precisão, fazendo por isso deste compendio um dos melhores trabalhos deste genero até hoje publicado. Para o estudante ou para o litterato, elle é de um inestimavel valor, tendo por si, além da reconhecida reputação do seu autor, já fallecido, a insuspeita opinião dos cavalheiros que, por ordem do governo imperial, derão luminoso parecer sobre seu merecimento.

Esta commissão conclue desta m... ...ueira o seu relatorio:

« Como já dissemos, não ha trecho algum nesta obra que não se basée na mais clara e vigorosa argumentação, corroborada por numerosas citações dos autores classicos de melhor nota.

« Em nossa opinião, não ha grammatica alguma que melhor do que esta possa proporcionar aos estudantes o conhecimento conscienciozo da lingua portugueza.

« Parece-nos, pois, que a adopção da grammatica do Sr. Grivet, será de immensa vantagem aos alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares da instrucção secundaria. »

Vende-se a 8$ cada exemplar em casa dos Srs. G. Leuzinger & Filhos, (·

31 E 36 RUA DO OUVIDOR 31 E 36

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1881\Edição 00166 (1)

Grammatica portugueza philosophica do Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro

De ha muito se fazia sentir a falta de uma grammatica philosophica portugueza. São muito deficientes e antiphilosophicos os livrinhos que ostentão esse nome. A propria grammatica do professor Sotero dos Reis é incompleta e elementarissima, e quasi nada adianta a de Jeronymo Soares, aliás melhor.

O illustre professor, revelando conhecimento da lingua, mórmente nas suas apostillas, é da *escola velha*. As grammaticas de Grivet e de Julio Ribeiro já satisfazem mais o espirito moderno, entretanto que não são livros dictaticos, senão de consulta para mestres, ao passo que a obra que noticiamos preenche as grandes lacunas e deficiencias de outros livros, aliás seguidos e apreciados. O Dr. Carneiro trata das questões com proficiencia, e tem esse a vantagem de ter curso professado no Lycéo da Bahia, do qual é um dos ornamentos, pelo profundo conhecimento que tem de muitas linguas e sciencias que ensina com raro estudo e talento. A sua grammatica é testemunho do quanto está elle a par do movimento philologico e linguistico e progressos da sciencia hodierna.

Não sabemos qual mais encarecer na sua obra, se o estylo acurado e facil á comprehensão, se a felicidade e abundancia dos exemplos com que illustra as regras, se a novidade que apresenta de theorias e desenvolvimentos que dá a alguns pontos. O seu estudo sobre a obliquidade do pronome *se* deve ser notado. Emfim, é um manancial de saber consciencioso, certo, e bem elaborado.

E' digno de grandes louvores o profundo professor que com a sua obra mais enriqueceu a litteratura scientifica brazileira, e offereceu aos estudiosos um excellente livro sobre a nossa lingua, infelizmente descurada.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1882\Edição 00144 (1)

Obras importantes acerca da lingua portugueza

Questões da lingua portugueza, por Adolpho Coelho, 1 grande vol. in-4°, enc. 7$; Genio da Lingua Portugueza, ou causas racionaes e philologicas, por F. Evaristo Leoni, 2 grossos vols. enc., 5$; Reflexões sobre a historia portugueza,

da Cunha Portugal, 1 vol. enc. 2$5 0; Correcção da cacographia portugueza, por J. I. Roquette, 1 vol. enc. 800 rs.; Grammatica geral, por Veiga Muricy, obra importante, 1 vol. enc. 500 rs.; Nova grammatica analytica da lingua portugueza, por Adriano Grivet, 1 grosso vol. in-1 , de cerca de 650 pags., enc., 7$; Vocabulario brazileiro, para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza, 1 vol enc., 1$; exerci-

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1883\Edição 00155 (1)

LIVROS

Collecção completa da legislação do Brazil, publicada até hoje, desde 1808 a 1881, 70 grossos vols., magnifica encadernação á franceza, 280$; Historia universal desde a creação do mundo até nossos dias, por Cesar Cantu, bella traducção de M. Bernardes Branco, 13 grandes vols. enc. com ricas estampas, 55$; Ensaio sobre o homem, de Alexandre Pope, traducção do Barão de S. Lourenço (inglez e portuguez), 3 grandes vols. enc. 25$; a Biblia sagrada (catholica), traducção do padre Antonio Figueiredo, com texto latino e traducção ao lado com muitas notas, variantes, etc., 3 grandes vols. enc. (raro), 35$; Prosodia latina do padre Bento Pereira, 1 grosso vol. enc. 9$; Diccionario contemporaneo da lingua portugueza, por Julio Caldas Aulete, 1 enorme vol. enc. 20$; dito dito, por José de Lacerda, 1 grande vol. enc. 12$; Diccionario de botanica brazileira, de Almeida Pinto, 1 grosso vol. enc. com estampas, 10$; Collecção completa da «Revista Brazileira», 10 grossos vols. enc. 25$; Compendio de philosophia, pelo padre Monte-Alverne, 1 vol. enc. 2$; Nova grammatica analytica, de Grivet, ultima edição, 1 grosso vol. enc. 8$; Memorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal, por D. Antonio Caetano de Souza, 1 grosso vol., com emblemas das nobrezas, enc. 12$; Atlas do

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1883\Edição 00062 (1)

NOVA GRAMMATICA ANALYTICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

POR

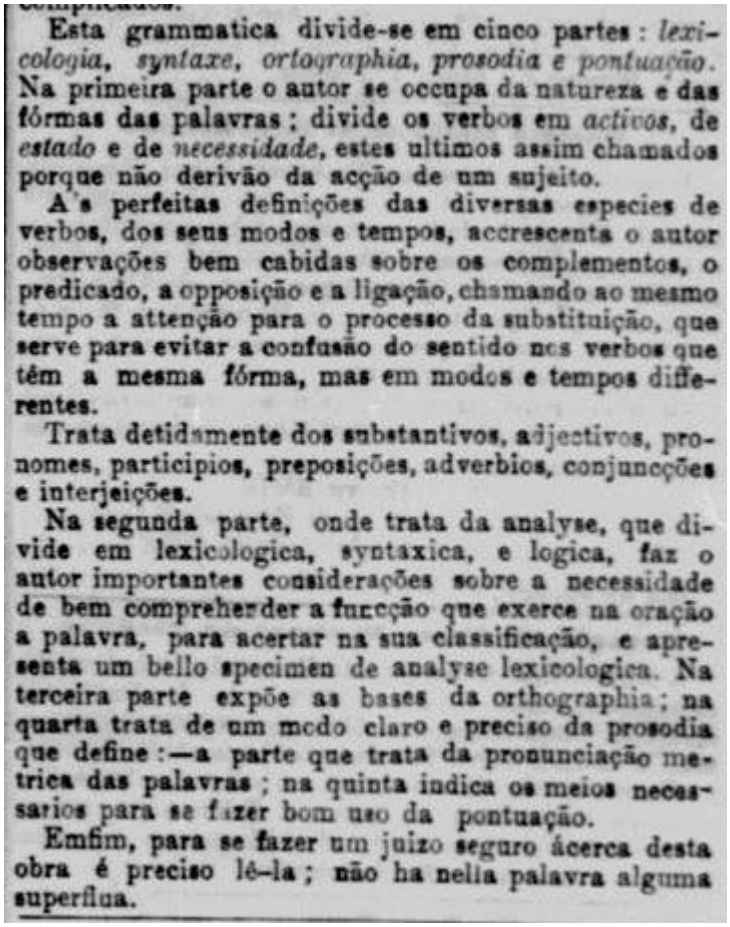
CHARLES ADRIEN OLIVIER GRIVET

1 grosso volume encadernado..... 10$000

A' venda na livraria de B. L. Garnier
rua do Ouvidor n. 71

Esta obra, pela robustez da logica e pela vasta erudição que a rege desde o principio até o fim, destaca-se completamente de todas as outras de igual natureza até hoje conhecidas. Classificadas as materias segundo as mais vigorosas exigencias da linguagem, cada parte é tratada com magistral proficiencia. As regras, ampla e claramente expostas, são sempre acompanhadas de valiosissimas reflexões sobre a sua applicação, sendo estas corroboradas, a cada passo, pelo exemplo e autoridade dos escriptores classicos de melhor nota; e assim firmadas, tanto as regras como a sua genuina applicação poem, naturalmente, em relevo as incorrecções que o uso tem pouco e pouco introduzido na pratica.

Nem se diga que por ter tão profundamente penetrado nos mysterios da bella lingua de Antonio Veira, a obra do Sr. Grivet é inaccessivel aos espiritos menos reflectidos; visto que, por meio de uma analyse perfeitamente desenvolvida, tornão-se de facil comprehensão os assumptos mais abstractos e os mais complicados.



Esta grammatica divide-se em cinco partes: *lexicologia*, *syntaxe*, *orthographia*, *prosodia* e *pontuação*. Na primeira parte o autor se occupa da natureza e das fórmas das palavras; divide os verbos em *activos*, de *estado* e de *necessidade*, estes ultimos assim chamados porque não derivão da acção de um sujeito.

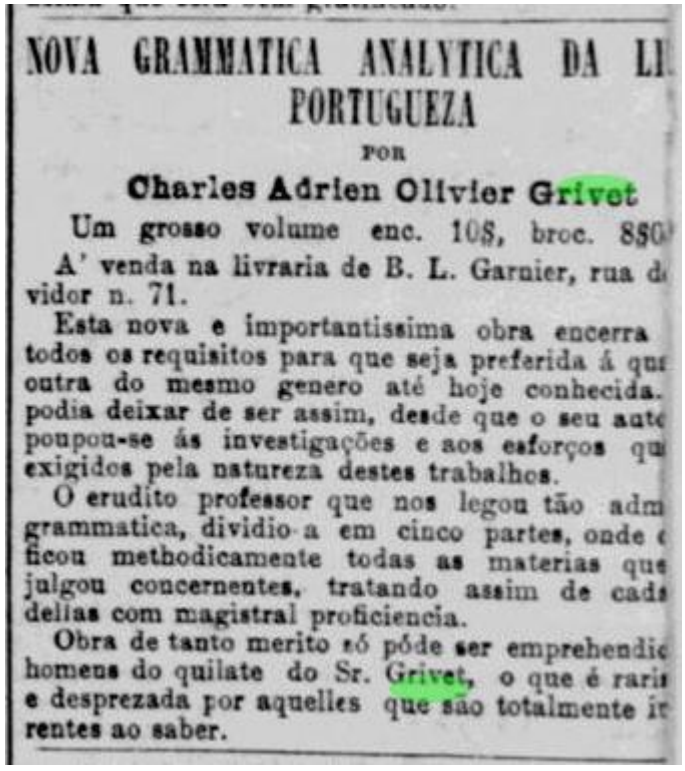
A's perfeitas definições das diversas especies de verbos, dos seus modos e tempos, accrescenta o autor observações bem cabidas sobre os complementos, o predicado, a opposição e a ligação, chamando ao mesmo tempo a attenção para o processo da substituição, que serve para evitar a confusão do sentido nos verbos que têm a mesma fórma, mas em modos e tempos differentes.

Trata detidamente dos substantivos, adjectivos, pronomes, participios, preposições, adverbios, conjuncções e interjeições.

Na segunda parte, onde trata da analyse, que divide em lexicologica, syntaxica, e logica, faz o autor importantes considerações sobre a necessidade de bem comprehender a funcção que exerce na oração a palavra, para acertar na sua classificação, e apresenta um bello specimen de analyse lexicologica. Na terceira parte expõe as bases da orthographia; na quarta trata de um modo claro e preciso da prosodia que define:—a parte que trata da pronunciação metrica das palavras; na quinta indica os meios necessarios para se fazer bom uso da pontuação.

Emfim, para se fazer um juizo seguro ácerca desta obra é preciso lê-la; não ha nella palavra alguma superflua.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1883\Edição 00083 (1)



NOVA GRAMMATICA ANALYTICA DA LI
PORTUGUEZA

POR

Charles Adrien Ollvier Grivet

Um grosso volume enc. 10$, broc. 8$0

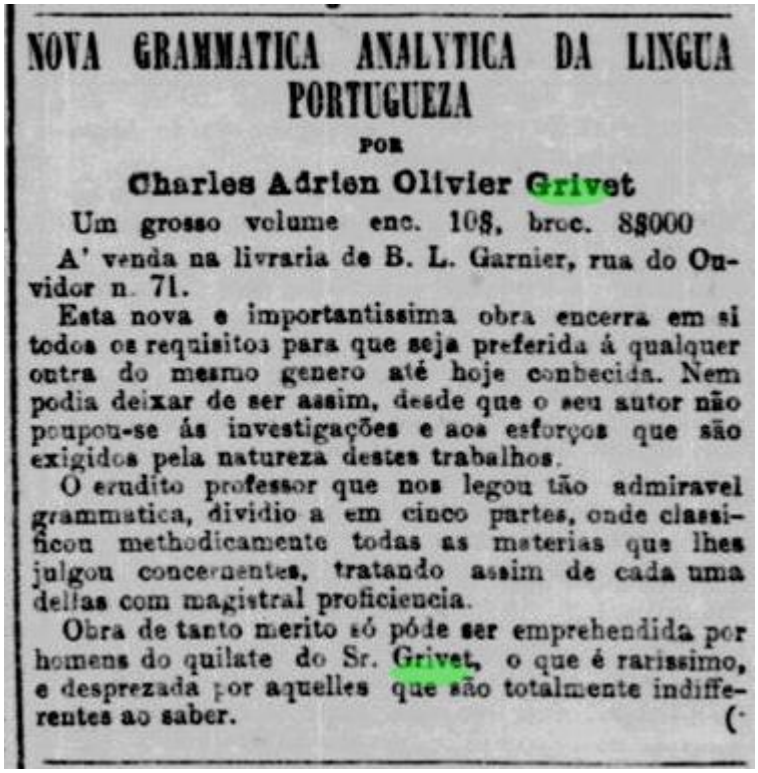
A' venda na livraria de B. L. Garnier, rua d
vidor n. 71.

Esta nova e importantissima obra encerra
todos os requisitos para que seja preferida á qu
outra do mesmo genero até hoje conhecida.
podia deixar de ser assim, desde que o seu aut
poupou-se ás investigações e aos esforços qu
exigidos pela natureza destes trabalhos.

O erudito professor que nos legou tão adm
grammatica, dividio-a em cinco partes, onde
ficou methodicamente todas as materias que
julgou concernentes, tratando assim de cad
dellas com magistral proficiencia.

Obra de tanto merito só póde ser emprehendi
homens do quilate do Sr. Grivet, o que é rari
e desprezada por aquelles que são totalmente i
rentes ao saber.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1883\Edição 00089 (1)



NOVA GRAMMATICA ANALYTICA DA LINGUA PORTUGUEZA

POR

Charles Adrien Olivier Grivet

Um grosso volume enc. 10$, broc. 8$000

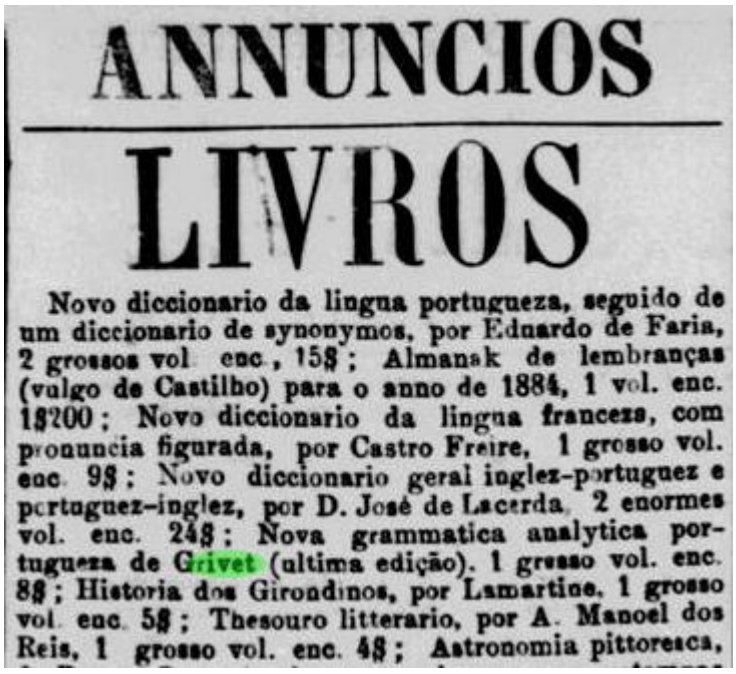
A' venda na livraria de B. L. Garnier, rua do Ouvidor n. 71.

Esta nova e importantissima obra encerra em si todos os requisitos para que seja preferida á qualquer outra do mesmo genero até hoje conhecida. Nem podia deixar de ser assim, desde que o seu autor não poupou-se ás investigações e aos esforços que são exigidos pela natureza destes trabalhos.

O erudito professor que nos legou tão admiravel grammatica, dividio a em cinco partes, onde classificou methodicamente todas as materias que lhes julgou concernentes, tratando assim de cada uma dellas com magistral proficiencia.

Obra de tanto merito só póde ser emprehendida por homens do quilate do Sr. Grivet, o que é rarissimo, e desprezada por aquelles que são totalmente indifferentes ao saber.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1883\Edição 00091 (1)

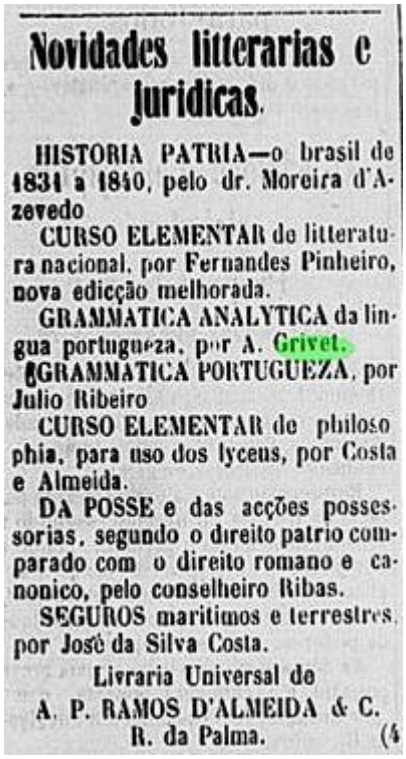


ANNUNCIOS

LIVROS

Novo diccionario da lingua portugueza, seguido de um diccionario de synonymos, por Eduardo de Faria, 2 grossos vol. enc., 15$; Almanak de lembranças (vulgo de Castilho) para o anno de 1884, 1 vol. enc. 1$200; Novo diccionario da lingua franceza, com pronuncia figurada, por Castro Freire, 1 grosso vol. enc. 9$; Novo diccionario geral inglez-portuguez e portuguez-inglez, por D. José de Lacerda, 2 enormes vol. enc. 24$; Nova grammatica analytica portugueza de Grivet (ultima edição). 1 grosso vol. enc. 8$; Historia dos Girondinos, por Lamartine, 1 grosso vol. enc. 5$; Thesouro litterario, por A. Manoel dos Reis, 1 grosso vol. enc. 4$; Astronomia pittoresca,

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1883\Edição 00263 (1)



Novidades litterarias e juridicas.

HISTORIA PATRIA—o brasil de 1831 a 1840, pelo dr. Moreira d'Azevedo

CURSO ELEMENTAR de litteratura nacional, por Fernandes Pinheiro, nova edicção melhorada.

GRAMMATICA ANALYTICA da lingua portugueza, por A. Grivet.

GRAMMATICA PORTUGUEZA, por Julio Ribeiro

CURSO ELEMENTAR de philosophia, para uso dos lyceus, por Costa e Almeida.

DA POSSE e das acções possessorias, segundo o direito patrio comparado com o direito romano e canonico, pelo conselheiro Ribas.

SEGUROS maritimos e terrestres, por José da Silva Costa.

Livraria Universal de
A. P. RAMOS D'ALMEIDA & C.
R. da Palma. (4

Diario do Maranhão (MA) - Ano 1884\Edição 03166 (1)

ANNUNCIOS

Livraria B. L. Garnier

71 RUA DO OUVIDOR 71

LIVROS COLLEGIAES

Ascanio Ferraz da Motta (director do Collegio Nor-

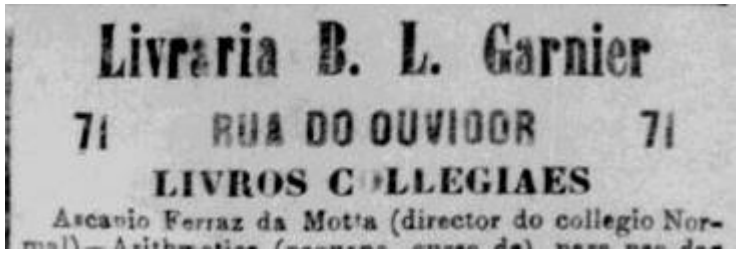
autores, por um professor do mesmo seminario, 2ª edição correcta e melhorada, 1 vol. in-8º, 2$000.

Grivet, Nova Grammatica Analytica da lingua portugueza, 1 grosso volume encadernado, 10$000.

Legendre (A. M.), Elementos de Geometria, com as additções e modificações de M. A. Blanchet, traduzida por B Alves Carneiro, 1 vol. in-4º, 5$000.

Lisboa (Pedro de Alcantara), Arithmetica elementar,

Jornal do Commercio (RJ) - R\Edição 1884/00003 (1)

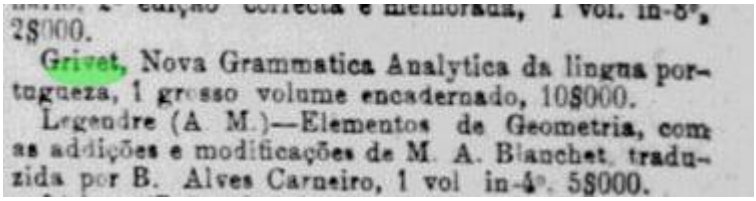


Livraria B. L. Garnier

71 RUA DO OUVIDOR 71

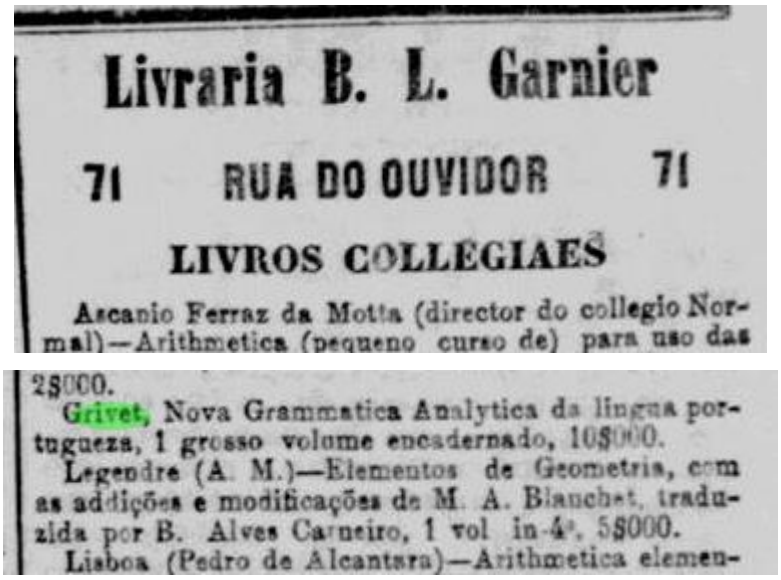
LIVROS C LLEGIAES

Ascanio Ferraz da Motta (director do collegio Nor-



2$000.
Grivet, Nova Grammatica Analytica da lingua portugueza, 1 grosso volume encadernado, 10$000.
Legendre (A. M.)—Elementos de Geometria, com as addições e modificações de M. A. Blanchet, traduzida por B. Alves Carneiro, 1 vol in-4°, 5$000.

Jornal do Commercio (RJ) - R\Edição 1884/00024 (1)



Livraria B. L. Garnier

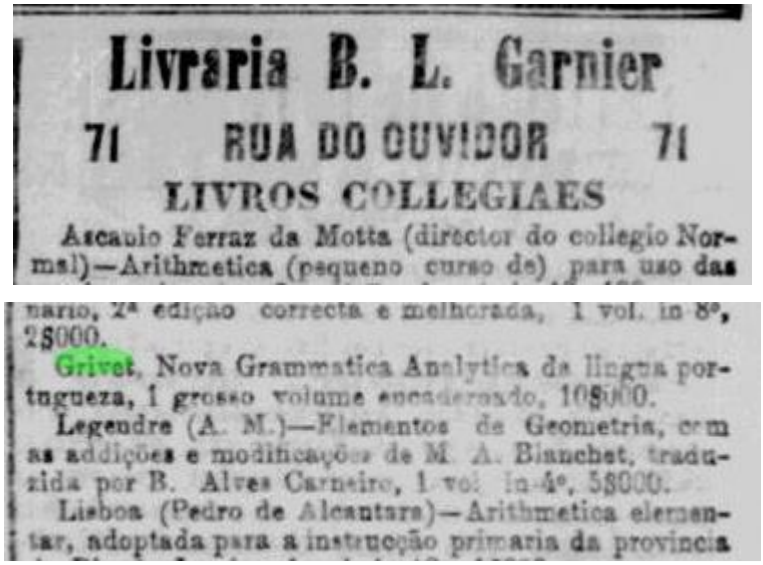
71 RUA DO OUVIDOR 71

LIVROS COLLEGIAES

Ascanio Ferraz da Motta (director do collegio Normal)—Arithmetica (pequeno curso de) para uso das

2$000.
Grivet, Nova Grammatica Analytica da lingua portugueza, 1 grosso volume encadernado, 10$000.
Legendre (A. M.)—Elementos de Geometria, com as addições e modificações de M. A. Blanchet, traduzida por B. Alves Carneiro, 1 vol in-4°, 5$000.
Lisboa (Pedro de Alcantara)—Arithmetica elemen-

Jornal do Commercio (RJ) - R\Edição 1884/00028 (1)



Livraria B. L. Garnier

71 RUA DO OUVIDOR 71

LIVROS COLLEGIAES

Ascanio Ferraz da Motta (director do collegio Normal)—Arithmetica (pequeno curso de) para uso das

nario, 2ª edição correcta e melhorada, 1 vol. in-8°,
2$000.
Grivet, Nova Grammatica Analytica da lingua portugueza, 1 grosso volume encadernado, 10$000.
Legendre (A. M.)—Elementos de Geometria, com as addições e modificações de M. A. Blanchet, traduzida por B. Alves Carneiro, 1 vol in-4°, 5$000.
Lisboa (Pedro de Alcantara)—Arithmetica elementar, adoptada para a instrucção primaria da provincia

Jornal do Commercio (RJ) - R\Edição 1884/00041 (1)

LEILÃO
HOJE
QUINTA-FEIRA 7 DO CORRENTE
AO MEIO-DIA
32 RUA DO OUVIDOR 32
(PARA ONDE VIERÃO REMOVIDOS)
ABREU MELLO

foi autorisado pelo Illm. Sr. procurador do mesmo senhor a vender toda a importante livraria a qual será detalhada no catalogo abaixo.

Esta livraria é uma das mais importantes que tem-se vendido em leilão por ser de obras rarissimas de importantes e sabios autores.

LISTA DOS LIVROS DA ESTANTE N. 3

87. 4 vols., Jussieu—Botanique; Grivet, grammatica portugueza; Goldsmith, history of Rome; Pelouze et Frémy, o 3º vol, contendo a chimica organica completa.

88. 5 vols. Alex. Dumas—Les mariages du père Olifus, Le capitaine Paul, 1 vol., contendo a lagrima de um caheté e o Tancredo de Voltaire, traduzido por Odorico Mendes, e todas as comedias de Carlos Antonio Cordeiro, (raro).

Jornal do Commercio (RJ) - R\Edição 1884/00219 (1)

Novidades litterarias e juridicas.

Historia patria—o Brazil de 1831 a 1840, pelo dr. Moreira de Azevedo.

Curso elementar de litteratura nacional—Fernandes Pinheiro, nova edicção melhorada.

Grammatica analytica portugueza—A. Grivet.

Grammatica portugueza—Julio Ribeiro.

Curso elementar de philosophia para uso dos lyceus—

Pacotilha (MA) - Ano 1884\Edição 00064 (1)

Novidades litterarias e juridicas.

Historia patria—o Brazil de 1831 a 1840, pelo dr. Moreira de Azevedo.

Curso elementar de litteratura nacional—Fernandes Pinheiro, nova edicção melhorada.

Grammatica analytica portugueza—A. Grivet.

Grammatica portugueza—Julio Ribeiro.

Curso elementar de philo-

Pacotilha (MA) - Ano 1884\Edição 00065 (1)

Novidades litterarias e juridicas.

Historia patria—o Brazil de 1831 a 1840, pelo dr. Moreira de Azevedo.

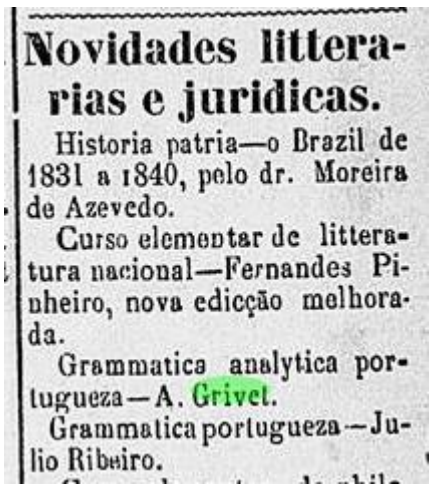
Curso elementar de litteratura nacional—Fernandes Pinheiro, nova edicção melhorada.

Grammatica analytica portugueza—A. Grivet.

Grammatica portugueza—Julio Ribeiro.

Curso elementar de philo-

Pacotilha (MA) - Ano 1884\Edição 00066 (1)



Novidades litterarias e juridicas.

Historia patria—o Brazil de 1831 a 1840, pelo dr. Moreira de Azevedo.

Curso elementar de litteratura nacional—Fernandes Pinheiro, nova edicção melhorada.

Grammatica analytica portugueza—A. Grivet.

Grammatica portugueza—Julio Ribeiro.

Pacotilha (MA) - Ano 1884\Edição 00067 (1)

Novidades litterarias e juridicas.

Historia patria—o Brazil de 1831 a 1840, pelo dr. Moreira de Azevedo.

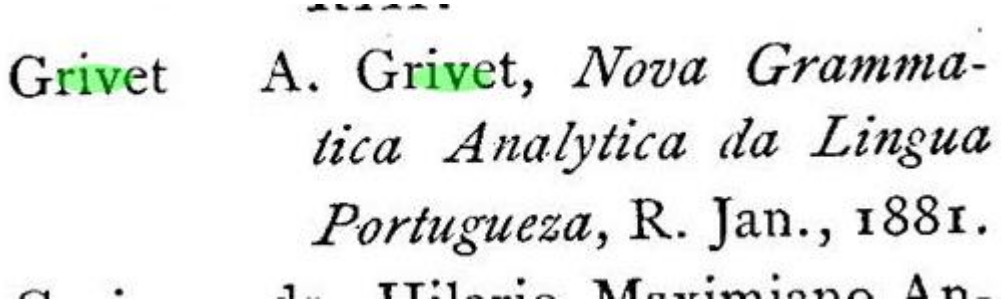
Curso elementar de litteratura nacional—Fernandes Pinheiro, nova edicção melhorada.

Grammatica analytica portugueza—A. Grivet.

Grammatica portugueza—Julio Ribeiro.

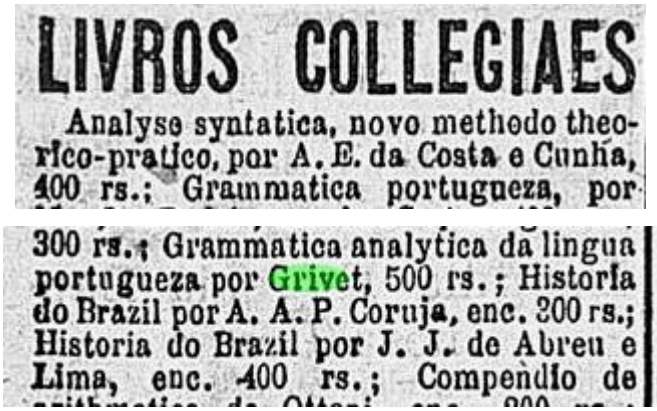
Curso elementar de philosophia para uso dos lyceus—

Pacotilha (MA) - Ano 1884\Edição 00068 (1)



Grivet A. Grivet, *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*, R. Jan., 1881.

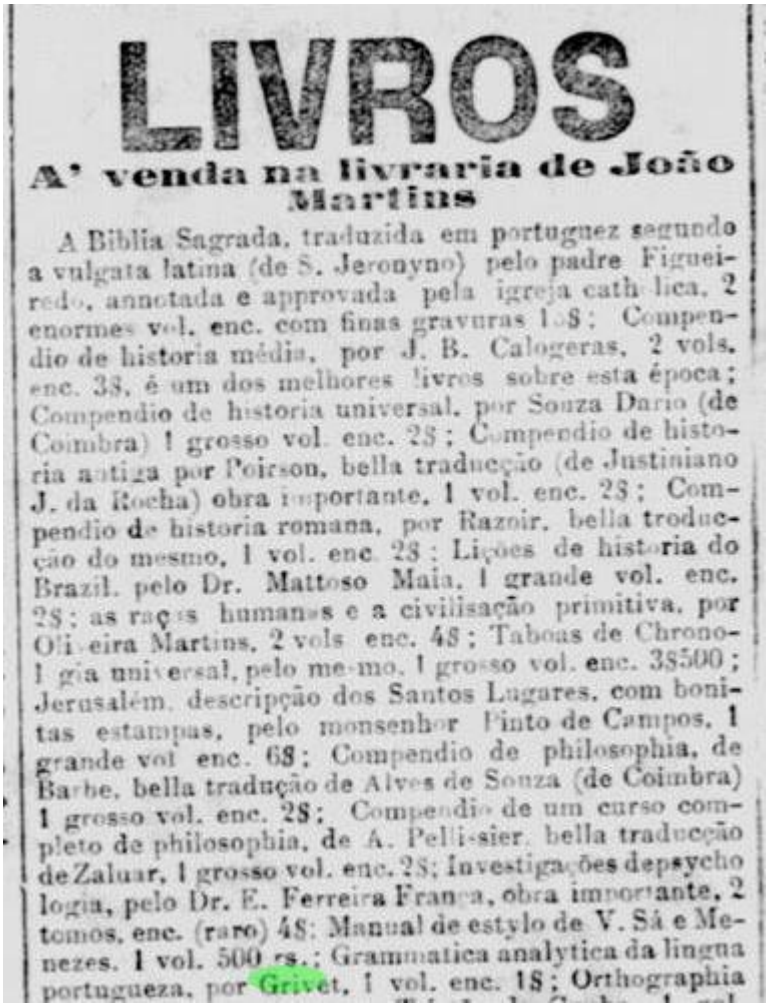
Anais da Biblioteca Nacional (RJ) - Ano 1885\Edição 00013 (2)



LIVROS COLLEGIAES

Analyse syntatica, novo methodo theorico-pratico, por A. E. da Costa e Cunha, 400 rs.; Grammatica portugueza, por 300 rs.; Grammatica analytica da lingua portugueza por Grivet, 500 rs.; Historia do Brazil por A. A. P. Coruja, enc. 300 rs.; Historia do Brazil por J. J. de Abreu e Lima, enc. 400 rs.; Compendio de

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1885\Edição 00041 (1)



LIVROS

A' venda na livraria de João Martins

A Biblia Sagrada, traduzida em portuguez segundo a vulgata latina (de S. Jeronymo) pelo padre Figueiredo, annotada e approvada pela igreja catholica, 2 enormes vol. enc. com finas gravuras 10$; Compendio de historia média, por J. B. Calogeras, 2 vols. enc. 3$, é um dos melhores livros sobre esta época; Compendio de historia universal, por Souza Dario (de Coimbra) 1 grosso vol. enc. 2$; Compendio de historia antiga por Poirson, bella traducção (de Justiniano J. da Rocha) obra importante, 1 vol. enc. 2$; Compendio de historia romana, por Razoir, bella traducção do mesmo, 1 vol. enc. 2$; Lições de historia do Brazil, pelo Dr. Mattoso Maia, 1 grande vol. enc. 2$; as raças humanas e a civilisação primitiva, por Oliveira Martins, 2 vols enc. 4$; Taboas de Chronologia universal, pelo mesmo, 1 grosso vol. enc. 3$500; Jerusalém, descripção dos Santos Lugares, com bonitas estampas, pelo monsenhor Pinto de Campos, 1 grande vol enc. 6$; Compendio de philosophia, de Barbe, bella tradução de Alves de Souza (de Coimbra) 1 grosso vol. enc. 2$; Compendio de um curso completo de philosophia, de A. Pelli-sier, bella traducção de Zaluar, 1 grosso vol. enc. 2$; Investigações depsychologia, pelo Dr. E. Ferreira França, obra importante, 2 tomos, enc. (raro) 4$; Manual de estylo de V. Sá e Menezes, 1 vol. 500 rs.; Grammatica analytica da lingua portugueza, por Grivet, 1 vol. enc. 1$; Orthographia

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1885\Edição 00270 (1)

Impagavel

Affirmam que Sr. Dr. Francisco Domingues Ribeiro Vianna, ao tomar posse da chefatura de policia, reunio todos os empregados da secretaria e recommendou-lhes que tivessem todo cuidado escrevendo, que fizessem um estudo systematico dos classicos portuguezes, que lessem o P. Antonio Vieira, o P. Manoel Bernardes, D. Frei Bartholomeo dos Martyres, que estudassem as grammaticas de Julio Ribeiro e A. Grivet, que indagassem o genio da lingua portugueza, porque só assim era possivel a regeneração do estylo official tão estragado pelo Exm. Sr. Dr. Pedro Vicente de Azevedo.

A vista desta recommendação tivemos a perspectiva de um espectaculo nunca visto desde que inaugurou-se a presente situação um despacho official lavrado com clareza, capaz de poder ser entendido e publicado.

Estavamos n'este engano d'alma pensando, qee o Sr. Dr. Ribeiro Vianna só exprimir-se-ia em phrases bem feitas e construidas, quando uma parte da policia veio arrancar-nos duramente de tão doce illusão, mostrando que S. S. é digno irmão do Exm'. Sr. Dr. Pedro Vicente no estylo.

O Sr. Dr. Ribeiro Vianna tambem sabe revestir o seu pensamento das formas mais variadas e imprevistas: S. S. é um lettrado, um idolatra dos poetas, lê Homero, Dante, Victor Hugo, e sabe dizer as couzas em linguagem pomposa, em estylo altiloquente.

pompôsa, em estylo altiloquente.

S. S. na parte da policia, de 22 do corrente, referindo-se a alguns desordeiros, criminosos e escravos fugidos, que diz existirem nas mattas do Macaco, fala « *n'uma popul ção a·venticia com seus quarteis nas mattas do Macaco, donde muitas vezes se conhece que se destacam bandos, fóra de horas, para serem recebidas em, canoas nos pontos que a isto se prestam no rio respectivo.*»

Na França com um pedaço de prosa assim está um homem coberto de gloria e feito membro da Academia. Aqui em Pernambuco é quando muito chefe de policia e recebe um aperto de mão do Dr. Felippe Figueirôa!

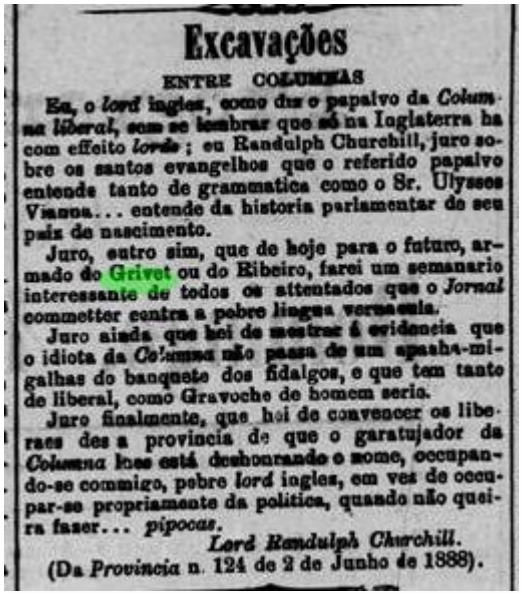
Não fica ahi o impagavel Sr. Ribeiro Vianna: o periodo seguinte é a ultima palavra da arte de bem dizer:

« Na noute de ante-hontem o subdelegado Pestana, conhecedor de um *possivel movimento dos de que se trata*, pedio-me um reforço de 20 praças de policia para o destacamento de 5, que ali tem, affirmando-me que *a horas mortas, em pontos muito apropriados*, conseguiriam *desarmar muitos vadias*, prender alguns criminosos e escravos, desses que são encontrados *notoriamente conhecidos vagando á mercê dos acontecimentos*, com gravissimo damno para a causa da tranquilidade nestes dias ».

Este *echantillon* deixou-nos admirados, deslumbrados, estupefactos até a medula dos ossos.

O publico aprecie sem commentarios este ninho de agnia e responda-nos se o nosso chefe de policia não é um sol.

Quem tem genio para tanta belleza e sublimidade vai além — escreve uma epopea colossal, divina.



Excavações

ENTRE COLUMNAS

Eu, o *lord* inglez, como diz o papalvo da *Columna liberal*, com se lembrar que só na Inglaterra ha com effeito *lords*; eu Randulph Churchill, juro sobre os santos evangelhos que o referido papalvo entende tanto de grammatica como o Sr. Ulysses Vianna... entende da historia parlamentar de seu paiz de nascimento.

Juro, outro sim, que de hoje para o futuro, armado de Grivet ou do Ribeiro, farei um semanario interessante de todos os attentados que o *Jornal* commetter contra a pobre lingua vernacula.

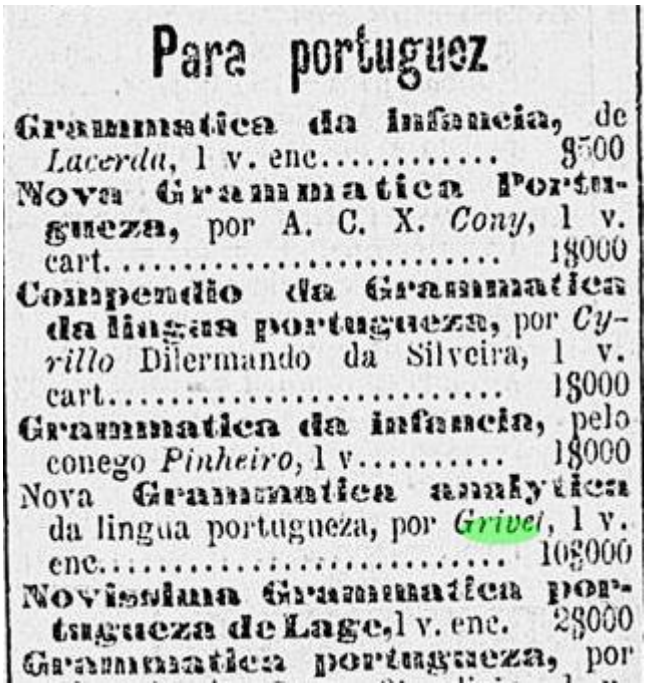
Juro ainda que hei de mostrar á evidencia que o idiota da *Columna* não passa de um apanha-migalhas do banquete dos fidalgos, e que tem tanto de liberal, como Gravoche de homem serio.

Juro finalmente, que hei de convencer os liberaes desa provincia de que o garatujador da *Columna* lhes está deshonrando o nome, occupando-se commigo, pobre *lord* inglez, em vez de occupar-se propriamente da politica, quando não queira fazer... *pipocas*.

Lord Randulph Churchill.

(Da *Provincia* n. 124 de 2 de Junho de 1888).

Diario de Pernambuco (PE) - Ano 1888\Edição 00250 (1)



Para portuguez

Grammatica da infancia, de *Lacerda*, 1 v. enc..... 3$500

Nova Grammatica Portugueza, por A. C. X. *Cony*, 1 v. cart..... 1$000

Compendio da Grammatica da lingua portugueza, por *Cyrillo* Dilermando da Silveira, 1 v. cart..... 1$000

Grammatica da infancia, pelo conego *Pinheiro*, 1 v..... 1$000

Nova **Grammatica analytica** da lingua portugueza, por *Grivet*, 1 v. enc..... 10$000

Novissima Grammatica portugueza de Lage, 1 v. enc. 2$000

Grammatica portugueza, por

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1888\Edição 00008 (1)

A Lord Randulph Churchill

Eu, Dr. Rabicho, juro sobre a tua cauda, *Lord Randulph*, como um parsa jura sobre o rabo de uma vacca, que não és gente.

Juro mais que, armado, não de um Grivet ou de um Julio Ribeiro, mas de uma tira de couro, hei de reprimir as tuas indecencias.

Juro finalmente, pobre diabo, que disseste uma verdade quando affirmaste que a *Columna Liberal* estava se deshonrando, occupando-se comtigo.

Dr. Rabicho.

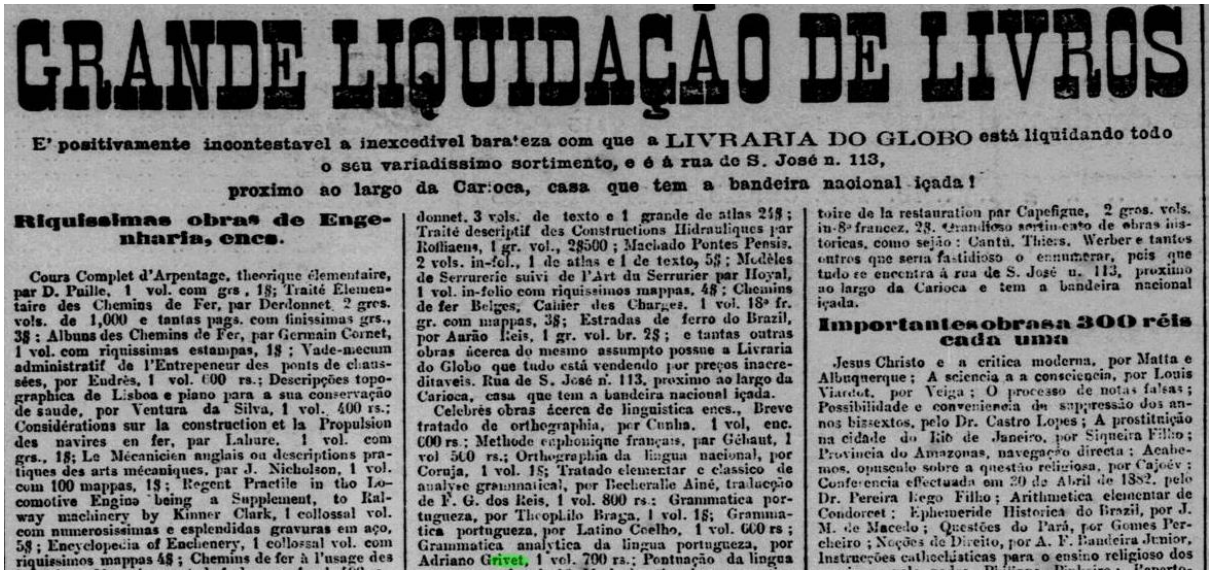
Jornal de Recife (PE) - Ano 1888\Edição 00125 (1)

Livros á venda
NA
Livraria do Globo
RUA DOS ANDRADAS N 272

GRAMMATICAS

João Ribeiro : Grammatica portugueza, 3º anno, 1 vol., 3$.
—„—Grammatica portugueza, 2º anno, 1 vol., 2$.
—„—Grammatica portugueza, 1º anno, 1 vol., 1$600.
—„—Diccionario grammatical, 1 vol., 4$.
Julio Ribeiro: Grammatica, 1 vol., 4$.
M. A. Feitosa : Grammatica portugueza, 1 vol., 3$.
Bibiano : Complemento da grammatica, 1 vol., 1$500.
—„—Grammatica portugueza, 1 vol., 1$500.
H. Ribeiro : Grammatica elementar, 1 vol., 1$200.
Aulete: Grammatica nacional, 1 vol. 1$.
Dr. Ortiz e Pardal : Grammatica analytica, 1 vol., 2$.
A. Grivet : Grammatica analytica, 1 vol. 12$.
Padre N. Massa : Grammatica analytica,

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - Ano 1890\Edição 00066 (1)



GRANDE LIQUIDAÇÃO DE LIVROS

E' positivamente incontestavel a inexcedivel barateza com que a LIVRARIA DO GLOBO está liquidando todo o seu variadissimo sortimento, e é á rua de S. José n. 113, proximo ao largo da Carioca, casa que tem a bandeira nacional içada!

Riquissimas obras de Engenharia, encs.

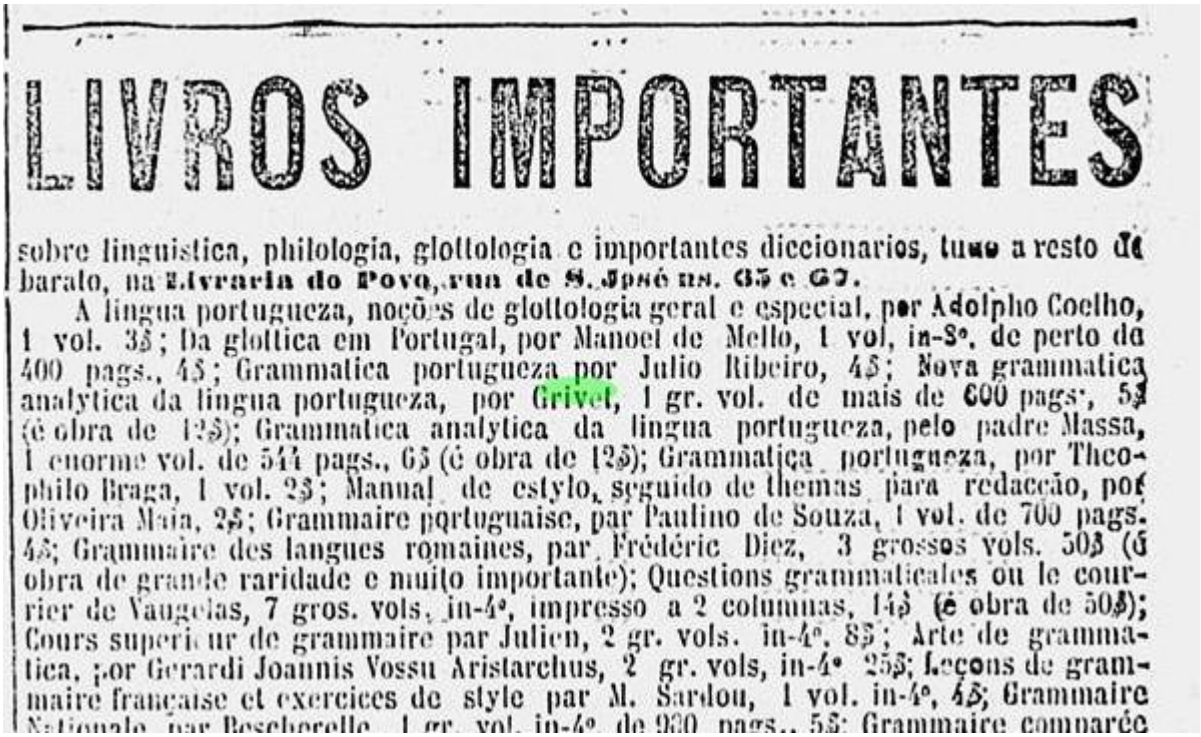
Coura Complet d'Arpentage, theorique élementaire, par D. Puille, 1 vol. com grs., 1$; Traité Elementaire des Chemins de Fer, par Derdonnet, 2 grs. vols. de 1,000 e tantas pags. com finissimas grs., 3$; Albuns des Chemins de Fer, par Germain Cornet, 1 vol. com riquissimas estampas, 1$; Vade-mecum administratif de l'Entrepeneur des ponts de chaussées, por Eudrès, 1 vol. 600 rs.; Descripções topographica de Lisboa e plano para a sua conservação de saude, por Ventura da Silva, 1 vol. 400 rs.; Considérations sur la construction et la Propulsion des navires en fer, par Labare, 1 vol. com grs., 1$; Le Mécanicien anglais ou descriptions pratiques des arts mécaniques, par J. Nicholson, 1 vol. com 100 mappas, 1$; Regent Practile in tho Locomotive Engine being a Supplement, to Railway machinery by Kinner Clark, 1 collossal vol. com numerosissimas e esplendidas gravuras em aço, 5$; Encyclopecia of Enchenery, 1 collossal vol. com riquissimos mappas 4$; Chemins de fer à l'usage des donnet. 3 vols. de texto e 1 grande de atlas 21$; Traité descriptif des Constructions Hidrauliques par Rolliaens, 1 gr. vol., 2$500; Machado Pontes Pensis. 2 vols. in-fol., 1 de atlas e 1 de texto, 5$; Modèles de Serrurerie suivi de l'Art du Serrurier par Hoyal, 1 vol. in-folio com riquissimos mappas, 4$; Chemins de fer Belges, Cahier des Charges. 1 vol. 18ª fr. gr. com mappas, 3$; Estradas de ferro do Brazil, por Aarão Reis, 1 gr. vol. br. 2$; e tantas outras obras ácerca do mesmo assumpto possue a Livraria do Globo que tudo está vendendo por preços inacreditaveis. Rua de S. José n. 113, proximo ao largo da Carioca, casa que tem a bandeira nacional içada.

Celebres obras ácerca de linguistica encs., Breve tratado de orthographia, por Cunha. 1 vol, enc. 600 rs.; Methode euphonique français, par Géhaut, 1 vol 500 rs.; Orthographia da lingua nacional, por Coruja, 1 vol. 1$; Tratado elementar e classico de analyse grammatical, por Becherelle Ainé, tradacção de F. G. dos Reis, 1 vol. 800 rs.; Grammatica portugueza, por Theophilo Braga, 1 vol. 1$; Grammatica portugueza, por Latino Coelho, 1 vol. 600 rs; Grammatica analytica da lingua portugueza, por Adriano Grivet, 1 vol. 700 rs.; Pontuação da lingua toire de la restauration par Capefigue, 2 gros. vols. in-8º francez, 2$. Grandioso sortimento de obras historicas, como sejão: Cantú, Thiers, Werber e tantos outros que seria fastidioso o enumerar, pois que tudo se encontra á rua de S. José n. 113, proximo ao largo da Carioca e tem a bandeira nacional içada.

Importantes obras a 300 réis cada uma

Jesus Christo e a critica moderna, por Matta e Albuquerque; A sciencia a a consciencia, por Louis Viardot, por Veiga; O processo de notas falsas; Possibilidade e conveniencia de suppressão dos annos bissextos, pelo Dr. Castro Lopes; A prostituição na cidade do Rio de Janeiro, por Siqueira Filho; Provincia do Amazonas, navegação directa; Acabemos, opusculo sobre a questão religiosa, por Cajoév; Conferencia effectuada em 20 de Abril de 1882, pelo Dr. Pereira Rego Filho; Arithmetica elementar de Condorcet; Ephemeride Historica do Brazil, por J. M. de Macedo; Questões do Pará, por Gomes Percheiro; Noções de Direito, por A. F. Bandeira Junior, Instrucções catheclıaticas para o ensino religioso dos

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1891\Edição 00262 (1)



LIVROS IMPORTANTES

sobre linguistica, philologia, glottologia e importantes diccionarios, tudo a resto de barato, na **Livraria do Povo, rua de S. José ns. 65 e 67.**

A lingua portugueza, noções de glottologia geral e especial, por Adolpho Coelho, 1 vol. 3$; Da glottica em Portugal, por Manoel de Mello, 1 vol, in-8º, de perto de 400 pags., 4$; Grammatica portugueza por Julio Ribeiro, 4$; Nova grammatica analytica da lingua portugueza, por Grivet, 1 gr. vol. de mais de 600 pags., 5$ (é obra de 12$); Grammatica analytica da lingua portugueza, pelo padre Massa, 1 enorme vol. de 544 pags., 6$ (é obra de 12$); Grammatica portugueza, por Theophilo Braga, 1 vol. 2$; Manual de estylo, seguido de themas para redacção, por Oliveira Maia, 2$; Grammaire portuguaise, par Paulino de Souza, 1 vol. de 700 pags. 4$; Grammaire des langues romaines, par Frédéric Diez, 3 grossos vols. 30$ (é obra de grande raridade e muito importante); Questions grammaticales ou le courrier de Vaugelas, 7 gros. vols. in-4º, impresso a 2 columnas, 14$ (é obra de 30$); Cours superieur de grammaire par Julien, 2 gr. vols. in-4º, 8$; Arte de grammatica, por Gerardi Joannis Vossu Aristarchus, 2 gr. vols, in-4º 25$; Leçons de grammaire française et exercices de style par M. Sardou, 1 vol. in-4º, 4$; Grammaire Nationale par Bescherelle, 1 gr. vol. in-4º de 930 pags., 5$; Grammaire comparée

O Paiz (RJ) - Ano 1893\Edição 03966 (1)

Galeria escolar

o)

Annexa ao museu e á bibliotheca será installada a galeria escolar e para isso a municipalidade, o professorado e os particulares já empregam os mais louvaveis esforços. (3)

E' uma medida que ha de produzir os desejados effeitos, attendendo que o ensino civico carece, como qualquer outro, de incitamento e de realidade. Habituar, com effeito, desde cedo o alumno a comtemplar e guardar de memoria os traços physionomicos de compatriotas celebres, que se distinguiram, ora dentro, já fóra do paiz ; a conhecer a biographia desses vultos, que por tantos titulos se recommendam á posteridade, é uma regra segura, que muito deve contribuir para despertar-lhe os sentimentos moraes, a virtude, o patriotismo, emfim.

Reservar-se-ha uma secção consagrada exclusivamente ás notabilidades mineiras, que dia a dia e cada vez mais se tornam merecedoras da gratidão publica, pela relevancia dos serviços com que tanto têm engrandecido e continuam nobilitando o glorioso Estado que lhes é patria.

As Revistas do Archivo Publico Mineiro, publicadas actualmente sob a perita direcção do seu integro e erudito redactor, sr. Commendador José Pedro Xavier da Veiga, constituem seguramente o modelo perenne por onde se póde e deve aferir do bom exito com que vai senda o ensino civico divulgado e nitidamente comprehendido. Do par com a mestria com que são redigidas tão preciosas publicações, sobreleva não omitir a propriedade das idéas, e elegancia da dicção, o apurado do estylo, empregando para isso o tão illustrado Director — não sómente a penetração a extensão e a actividade do seu genio, mas uma applicação e estudo profundo e depurado pela communicação de todos os homens sabios do seu tempo.

Assim como a vida de um grande homem basta ás vezes para modificar radicalmente o nosso caracter, inspirando-nos sentimentos que não raro são imitados, assim tambem o comtemplar os traços physionomicos de um homem celebre, ou as simples feições do rosto de um outro honrado e trabalhador, basta para despertar em todos um sentimento de admiração e produzir uma emoção tal, que não é bem uma sympathia, sim, porém, um mixto de enthusiasmo e de quasi veneração.

quasi veneração.

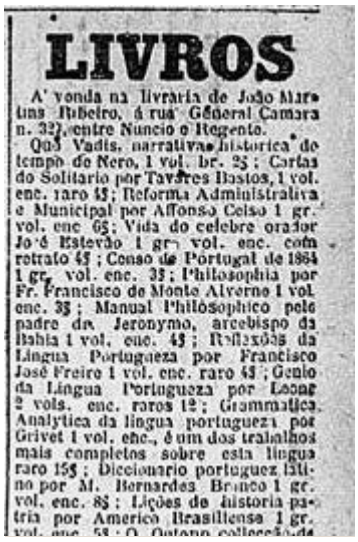
Quem se não alegrará, por exemplo, em contemplar a copia exacta das feições de Alvares de Azevedo e Thomaz Gonzaga ; do padre Vieira e José Bonifacio ; de Vasco da Gama e Christovam Colombo ; do visconde do Rio Branco e marquez de Paraná ; de Carlos Gomes e Victor Meirelles ; do barão de Amazonas e marquez do Herval ; de João de Deus e Herculano ; de Froebel e Pestalozzi ; de Raphael e Miguel Angelo ; de Leão XIII e S. Thomaz de Aquino ; de Bossuet e Lacordaire ; de Chateaubriand, Lamartine e La Fontaine ; de Palissy e Diniz Papin ; de Thiers e Gambetta ; de Cromwell e Washington ; de Dante e lord Byron ; de Gallileu e Copernico, de Laplace e Pascal ; de Linneu e Buffon ; de Franklin e Newton e tantos outros ! (4)

Alem do valioso contingente que para esse fim já se encontra em grande numero de obras illustradas, os livros didacticos muito já se vão recommendando entre nos, pelo modo com que seus auctores acorçoam esse vehiculo poderoso de emulação.

Quanto não valeria hoje um retrato do grande o piedoso padre Manuel Bernardes, esse admiravel rival de Vieira, os dois grandes engenhos a quem se deve, como muito bem pondera Olivier Grivet, a creação do padrão perenne da lingua portugueza !

E' justo accrescentarmos que a Galeria já fez acquisição dos retratos de algumas celebridades historicas nacionaes e extrangeiras e possue tambem os dos illustres Presidentes a cujo encargo tem estado successivamente confiada a direcção deste Estado no transcurso do novo regimen, ao lado dos quaes figuram os distinctos auxiliares de cada uma das administrações presidenciaes.

Minas Geraes: Orgam Official dos Poderes do Estado (MG) - Ano 1897\Edição 00061 (1)

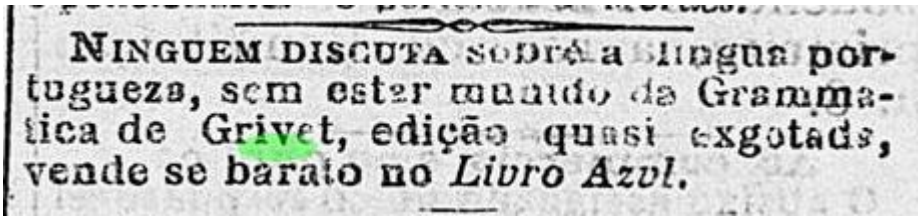


LIVROS

A' venda na livraria de João Martins Ribeiro, á rua General Camara n. 327, entre Nuncio e Regente.

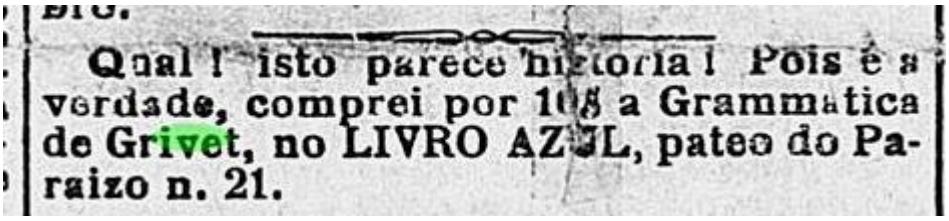
Quo Vadis, narrativa historica de tempo de Nero, 1 vol. br. 2$; Cartas do Solitario por Tavares Bastos, 1 vol. enc. raro 4$; Reforma Administrativa e Municipal por Affonso Celso 1 gr. vol. enc 6$; Vida do celebre orador José Estevão 1 gr. vol. enc. com retrato 4$; Censo de Portugal de 1864 1 gr. vol. enc. 3$; Philosophia por Fr. Francisco de Monte Alverne 1 vol. enc. 3$; Manual Philosophico pelo padre dr. Jeronymo, arcebispo da Bahia 1 vol. enc. 4$; Reflexões da Lingua Portugueza por Francisco José Freire 1 vol. enc. raro 4$; Genio da Lingua Portugueza por Leonar 2 vols. enc. raros 12 ; Grammatica Analytica da lingua portugueza por Grivet 1 vol. enc., é um dos trabalhos mais completos sobre esta lingua raro 15$; Diccionario portuguez latino por M. Bernardes Branco 1 gr. vol. enc. 8$; Lições de historia patria por Americo Brasiliense 1 gr. vol. enc. 5$; O Outono collecção de

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1901\Edição 00011 (1)



NINGUEM DISCUTA sobre a lingua portugueza, sem estar munido da Grammatica de Grivet, edição quasi exgotada, vende se barato no *Livro Azul*.

A Provincia: Orgão do Partido Liberal (PE) - Ano 1903\Edição 00229 (1)



Qual! isto parece historia! Pois é a verdade, comprei por 10$ a Grammatica de Grivet, no LIVRO AZUL, pateo do Paraizo n. 21.

A Provincia: Orgão do Partido Liberal (PE) - Ano 1903\Edição 00231 (1)

LIVROS

CLASSICOS E SOBRE VARIOS ASSUMPTOS

A' venda na livraria Azevedo, Rua Uruguayana, n. 29

Padre Antonio Vieira, Arte de furtar, espelho de enganos, theatro de verdades, exemplar perfeitissimo enc. de amador (typographia Rollandiana, 1829), 1 vol..... 25$000

Dr. Francisco Morato Roma, Luz da medicina, pratica racional e methodica, guia de enfermeiros, 1 vol. enc. exemplar perfeito (Coimbra 1727) ..... 25$000

na conversação e nas maneiras, 1 folheto $500

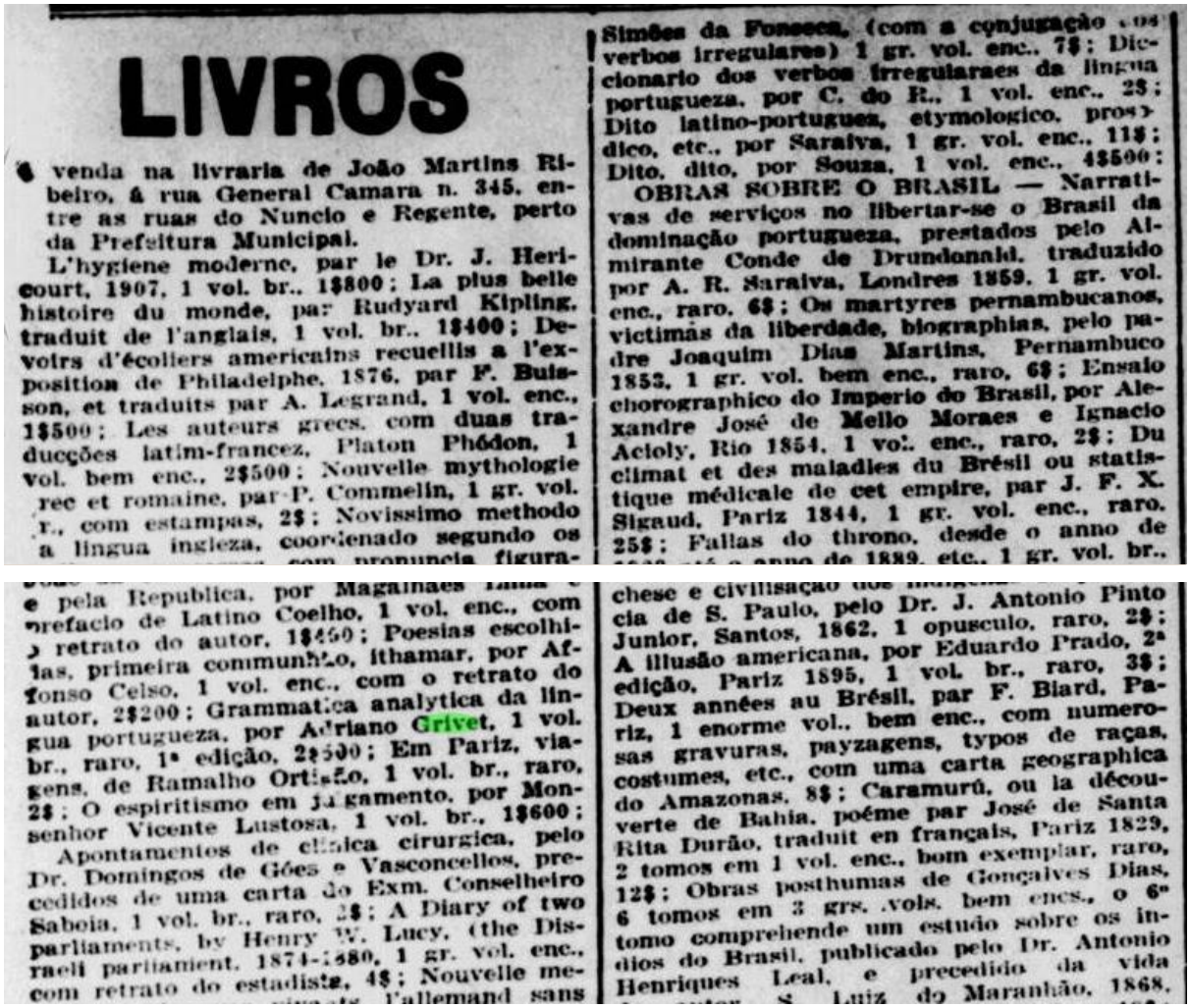
Paulino de Brito, Collocação dos pronomes e brasileirismos, 2 folhetos ..... 2$000

Grivet, Grammatica analytica da lingua portugueza, 1ª edição 1 volume encadernado ..... 5$000

H. Martin, Historia de França, popular e illustrada, traducção portugueza de Pinheiro Chagas, 7 vols. encs..... 30$000

João José de Sant'Anna, Manual das jovens mãis, 1 vol. enc. 3$000

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1909\Edição 00095 (1)



LIVROS

Á venda na livraria de João Martins Ribeiro, á rua General Camara n. 345, entre as ruas do Nuncio e Regente, perto da Prefeitura Municipal.

L'hygiene moderne, par le Dr. J. Héricourt, 1907, 1 vol. br., 1$800; La plus belle histoire du monde, par Rudyard Kipling, traduit de l'anglais, 1 vol. br., 1$400; Devoirs d'écoliers americains recueillis a l'exposition de Philadelphe, 1876, par F. Buisson, et traduits par A. Legrand, 1 vol. enc., 1$500; Les auteurs grecs, com duas traducções latim-francez, Platon Phédon, 1 vol. bem enc., 2$500; Nouvelle mythologie grec et romaine, par P. Commelin, 1 gr. vol. br., com estampas, 2$; Novissimo methodo a lingua ingleza, coordenado segundo os com pronuncia figura-

Simões da Fonseca, (com a conjugação dos verbos irregulares) 1 gr. vol. enc., 7$; Diccionario dos verbos irregulares da lingua portugueza, por C. do R., 1 vol. enc., 2$; Dito latino-portuguez, etymologico, prosodico, etc., por Saraiva, 1 gr. vol. enc., 11$; Dito, dito, por Souza, 1 vol. enc., 4$500;

OBRAS SOBRE O BRASIL — Narrativas de serviços no libertar-se o Brasil da dominação portugueza, prestados pelo Almirante Conde de Drundonald, traduzido por A. R. Saraiva, Londres 1859, 1 gr. vol. enc., raro, 6$; Os martyres pernambucanos, victimas da liberdade, biographias, pelo padre Joaquim Dias Martins, Pernambuco 1853, 1 gr. vol. bem enc., raro, 6$; Ensaio chorographico do Imperio do Brasil, por Alexandre José de Mello Moraes e Ignacio Acioly, Rio 1854, 1 vol. enc., raro, 2$; Du climat et des maladies du Brésil ou statistique médicale de cet empire, par J. F. X. Sigaud, Pariz 1844, 1 gr. vol. enc., raro, 25$; Fallas do throno, desde o anno de 1823 até o anno de 1889, etc., 1 gr. vol. br.,

e pela Republica, por Magalhaes Lima e prefacio de Latino Coelho, 1 vol. enc., com o retrato do autor, 1$450; Poesias escolhidas, primeira communhão, Ithamar, por Affonso Celso, 1 vol. enc., com o retrato do autor, 2$200; Grammatica analytica da lingua portugueza, por Adriano Grivet, 1 vol. br., raro, 1ª edição, 2$500; Em Pariz, viagens, de Ramalho Ortigão, 1 vol. br., raro, 2$; O espiritismo em julgamento, por Monsenhor Vicente Lustosa, 1 vol. br., 1$600;

Apontamentos de clinica cirurgica, pelo Dr. Domingos de Góes e Vasconcellos, precedidos de uma carta do Exm. Conselheiro Saboia, 1 vol. br., raro, 2$; A Diary of two parliaments, by Henry W. Lucy, (the Disraeli parliament, 1874-1880, 1 gr. vol. enc., com retrato do estadista, 4$; Nouvelle me-

chese e civilisação dos [illegible] cia de S. Paulo, pelo Dr. J. Antonio Pinto Junior, Santos, 1862, 1 opusculo, raro, 2$; A illusão americana, por Eduardo Prado, 2ª edição, Pariz 1895, 1 vol. br., raro, 3$; Deux années au Brésil, par F. Biard, Pariz, 1 enorme vol., bem enc., com numerosas gravuras, payzagens, typos de raças, costumes, etc., com uma carta geographica do Amazonas, 8$; Caramurú, ou la découverte de Bahia, poéme par José de Santa Rita Durão, traduit en français, Pariz 1829, 2 tomos em 1 vol. enc., bom exemplar, raro, 12$; Obras posthumas de Gonçalves Dias, 6 tomos em 3 grs. vols. bem encs., o 6º tomo comprehende um estudo sobre os indios do Brasil, publicado pelo Dr. Antonio Henriques Leal, e precedido da vida [illegible] S. Luiz do Maranhão, 1868,

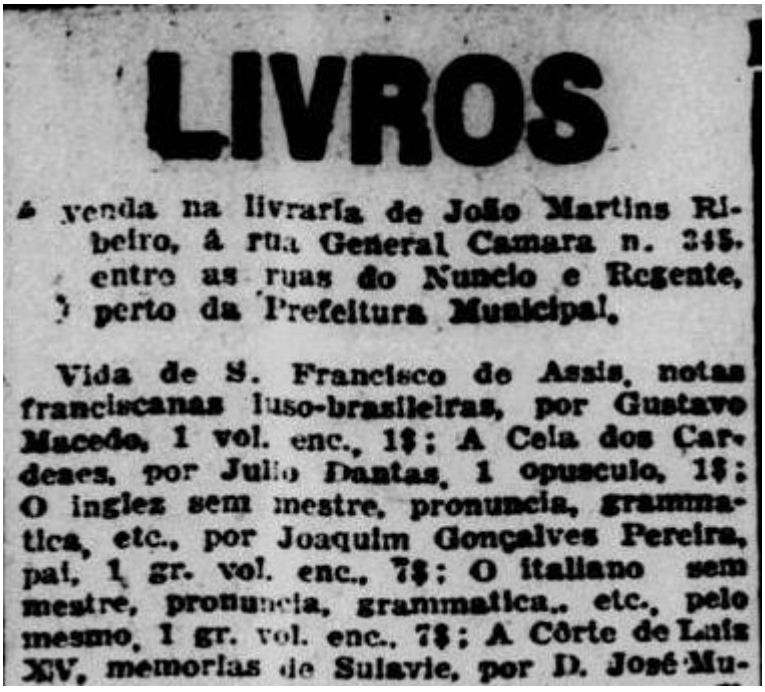
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1910\Edição 00296 (1)

LEILÃO
DE
LIVROS

importante bibliotheca sobre linguistica, litteratura, Historia Universal, Historia Sagrada Historia do razil, Historia Natural, Religião, Poesia, Philoso hia, Direito, dos melhores autores, como Descartes, Augusto Comte, Oliveira Martins, Alexandre Herculano, Garrett, Soutarey, Dante, Cesar Cantu, Henri Martin, Ablée, Brispat, Lamartine, Chateaubriand, Magalhães, Felisbello Freire, J. Verne, Odorico

50. 4 vols. Martini, "Sacra Bibliæ" (raro).
51. 6 vols. "Diccionario universal portuguez illustrado.
52. 3 vols. Chernoviz, "Diccionario de medicina popular".
53. 10 vols. Harwood, "Naval courts-martial"; Lowndes, "Admiralty law of collision at sea" e outros.
54. 8 vols. Oliverio, "Militar arreglimentado"
55. 12 vols. Le Bas, "Histoire romaine"; Foderé, "Pauvreté des nations"; Dantas, "Syntaxe" e outros.
56. 4 vols. "Consultas do Conselho d'Estado".
57. 3 vols. Dumas, "Mohicanos de Paris".
58. 47 vols. "Ordens do dia do Exercito brasileiro de 1857 a 1904".
59. 1 lote de brochuras, romances.
60. 6 vols. Camillo, "Vingança"; Idem, "Brasileira de Prazins"; Camillo, "Cavalheiros do amor", "Minas Geraes" e outros.
61. 3 vols. Grivet, "Grammatica portugueza" (raro), e outros.
62. 6 vols. Bulwer, "La France sociale.

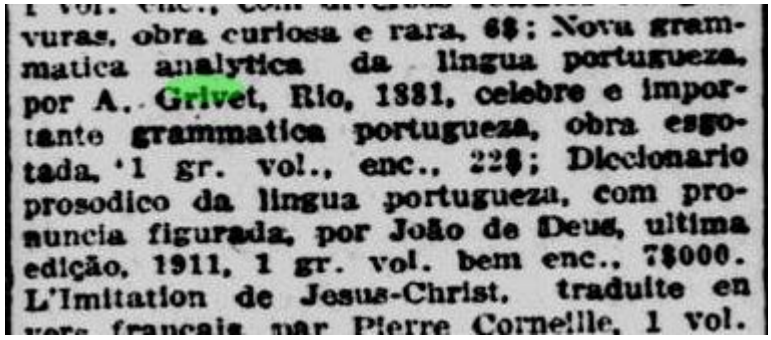
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1911\Edição 00351 (1)



LIVROS

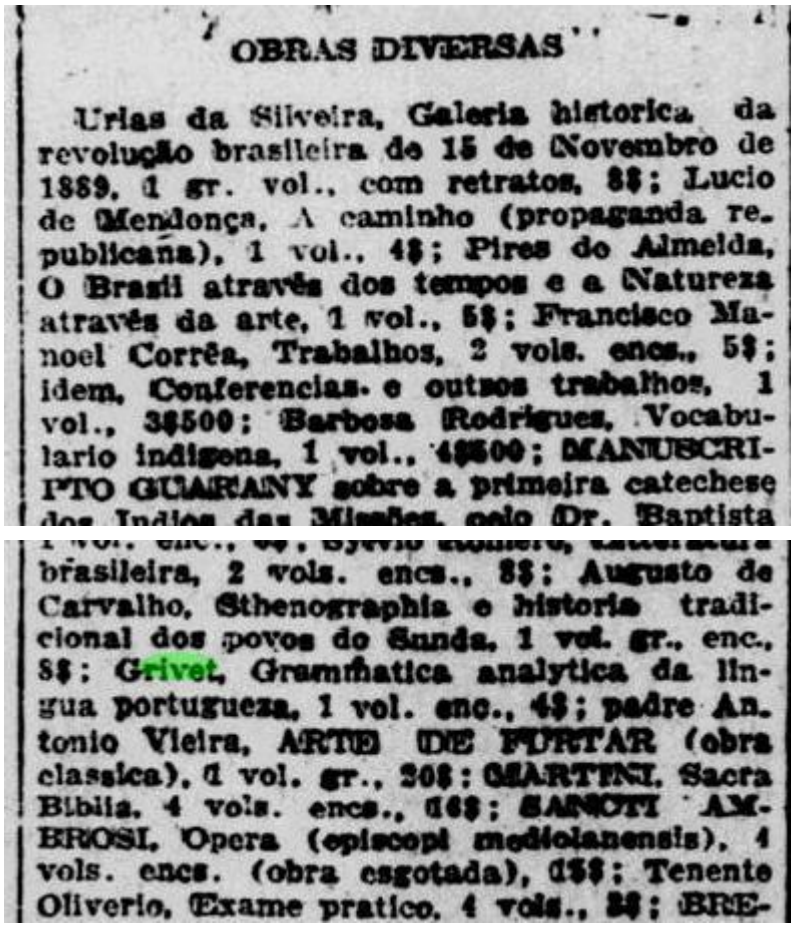
A venda na livraria de João Martins Ribeiro, á rua General Camara n. 345, entre as ruas do Nuncio e Regente, perto da Prefeitura Municipal.

Vida de S. Francisco de Assis, notas franciscanas luso-brasileiras, por Gustavo Macedo, 1 vol. enc., 1$; A Cela dos Cardeaes, por Julio Dantas, 1 opusculo, 1$; O inglez sem mestre, pronuncia, grammatica, etc., por Joaquim Gonçalves Pereira, pai, 1 gr. vol. enc., 7$; O italiano sem mestre, pronuncia, grammatica, etc., pelo mesmo, 1 gr. vol. enc., 7$; A Côrte de Luiz XV, memorias de Sulavie, por D. José Mu-



vuras, obra curiosa e rara, 6$; Nova grammatica analytica da lingua portugueza, por A. Grivet, Rio, 1881, celebre e importante grammatica portugueza, obra esgotada, 1 gr. vol., enc., 22$; Diccionario prosodico da lingua portugueza, com pronuncia figurada, por João de Deus, ultima edição, 1911, 1 gr. vol. bem enc., 7$000. L'Imitation de Jesus-Christ, traduite en vers français par Pierre Corneille, 1 vol.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1912\Edição 00322 (1)

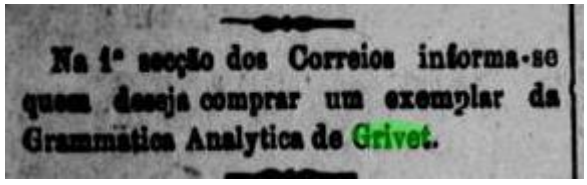


OBRAS DIVERSAS

Urias da Silveira, Galeria historica da revolução brasileira de 15 de Novembro de 1889, 1 gr. vol., com retratos, 8$; Lucio de Mendonça, A caminho (propaganda republicana), 1 vol., 4$; Pires do Almeida, O Brasil através dos tempos e a Natureza através da arte, 1 vol., 5$; Francisco Manoel Corrêa, Trabalhos, 2 vols. encs., 5$; idem, Conferencias e outros trabalhos, 1 vol., 3$500; Barbosa Rodrigues, Vocabulario indigena, 1 vol., 4$500; MANUSCRIPTO GUARANY sobre a primeira catechese dos Indios das Missões, pelo Dr. Baptista

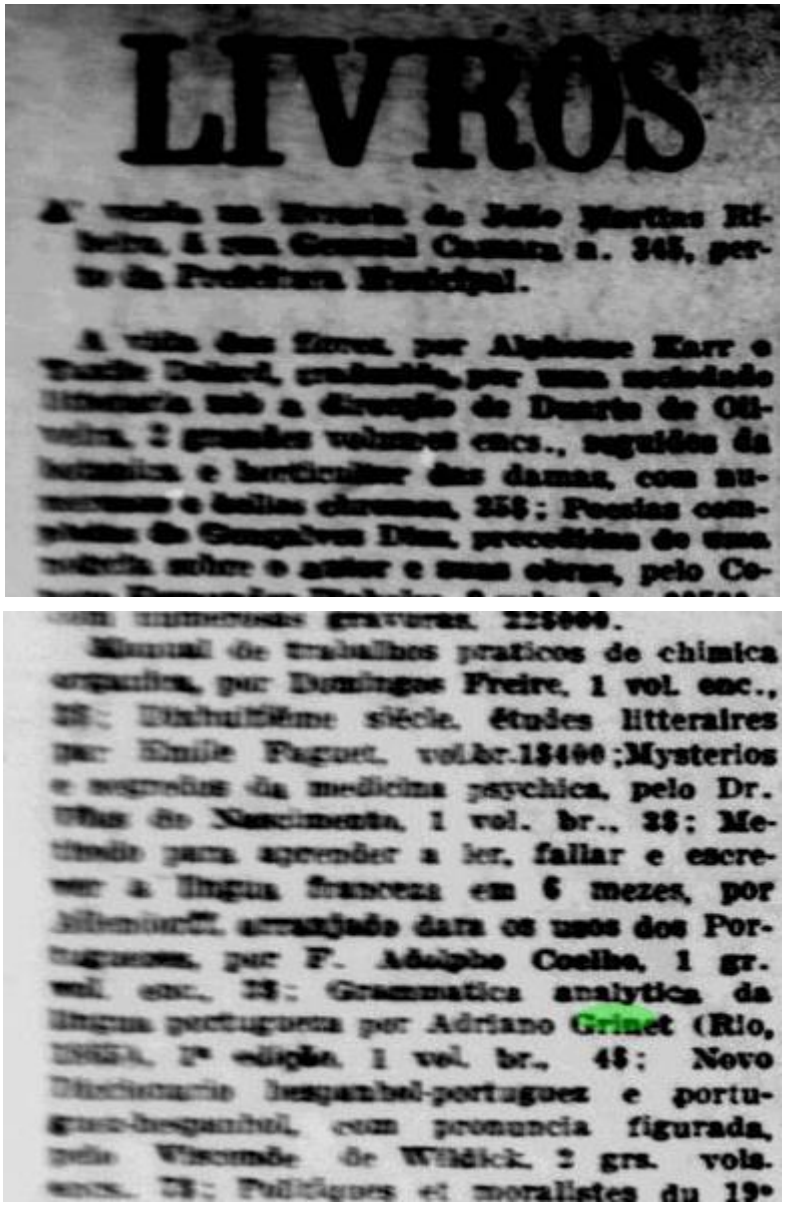
brasileira, 2 vols. encs., 8$; Augusto de Carvalho, Sthenographia e historia tradicional dos povos do Sunda, 1 vol. gr., enc., 8$; Grivet, Grammatica analytica da lingua portugueza, 1 vol. enc., 4$; padre Antonio Vieira, ARTE DE FURTAR (obra classica), 1 vol. gr., 20$; MARTINI, Sacra Biblia, 4 vols. encs., 16$; SANCTI AMBROSI, Opera (episcopi mediolanensis), 4 vols. encs. (obra esgotada), 15$; Tenente Oliverio, Exame pratico, 4 vols., 8$; BRE-

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1912\Edição 00336 (1)



Na 1ª secção dos Correios informa-se quem deseja comprar um exemplar da Grammatica Analytica de Grivet.

Estado do Pará: Propriedade de uma Associação Anonyma (PA) - Ano 1913\Edição 00918 (1)



LIVROS

[illegible] Martins Ribeiro, á rua General Camara n. 345, perto da Prefeitura Municipal.

[illegible] por Alphonse Karr e [illegible], traduzido, por uma sociedade [illegible] sob a direcção de Duarte de Oliveira, 2 grandes volumes encs., seguidos da botanica e horticultor das damas, com numerosas e boas chromos, 25$; Poesias completas de Gonçalves Dias, precedidas de uma noticia sobre o autor e suas obras, pelo Co-

[illegible] gravuras, 22$000.

Manual de trabalhos praticos de chimica organica, por Domingos Freire, 1 vol. enc., 3$; Dixhuitième siècle, études litteraires par Emile Faguet, vol. br. 1$400; Mysterios e segredos da medicina psychica, pelo Dr. [illegible] do Nascimento, 1 vol. br., 2$; Methodo para aprender a ler, fallar e escrever a lingua franceza em 6 mezes, por [illegible] arranjado para os usos dos Portuguezes, por F. Adolpho Coelho, 1 gr. vol. enc., 2$; Grammatica analytica da lingua portugueza por Adriano Grivet (Rio, [illegible], 2ª edição, 1 vol. br., 4$; Novo Diccionario hespanhol-portuguez e portuguez-hespanhol, com pronuncia figurada, pelo Visconde de Wildick, 2 grs. vols. encs., 3$; Publicistes et moralistes du 19e

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1914\Edição 00048 (1)

Grammatica Analytica
Grivet

Compra-se uma, propostas a Nascimento; no escriptorio deste jornal. (A. 2.204

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1916\Edição 00311 (1)

Grammatica Analytica
Grivet

Compra-se uma, propostas a Nascimento; no escriptorio deste jornal. (A. 2.204

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1916\Edição 00312 (1)

Grammatica Analytica
Grivet

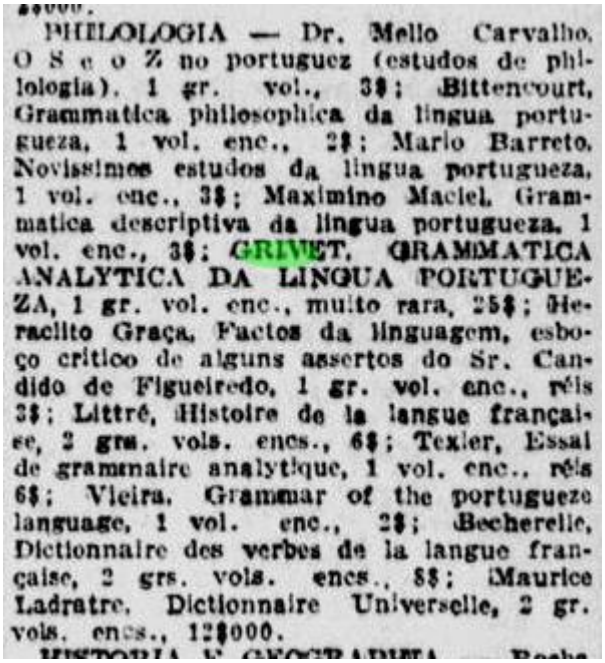
A pessoa que escreveu possuir aquelle livro, queira obsequiosamente, mandar o endereço, afim de ser procurada. Nascimento.
(B. 5.892

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1916\Edição 00317 (1)

LIVRARIA MACHADO

35, AVENIDA PASSOS, 35

LITTERATURA — Leite de Castro, Patria, Honra e Dever, 1 vol. enc., réis 3$; Oliveira Martins, A Inglaterra de Hoje, 1 vol. enc., 2$; Castellar, Recordações de Italia, 3 vols. encs., 9$; Guilherme Bellegarde, Subsidios Litterarios, 1 gr. vol., 4$; Shakespeare, Os Dous Cavalheiros de Verona, 1 vol. enc., 2$; Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, As Farpas, 12 vols. encs., 35$; Camillo, Vinte horas de liteira, Porto, 1864, 1 vol. enc., 2$; Theophilo Braga, Litteratura Portugueza, 14 vols. encs., 30$; José Verissimo, Homens e cousas extrangeiras, 2 tomos encs., em 1 vol., 8$; Carlos Malheiros Dias, Cartas de Lisboa, 3 grs. vols., réis 5$; Sainte-Beuve, Portraits contemporains, 5 vols. encs., 15$; Matilde Serão, Le songe d'une nuit d'amour, 1 vol. enc., 2$000.



PHILOLOGIA — Dr. Mello Carvalho, O S e o Z no portuguez (estudos de philologia), 1 gr. vol., 3$; Bittencourt, Grammatica philosophica da lingua portugueza, 1 vol. enc., 2$; Mario Barreto, Novissimos estudos da lingua portugueza, 1 vol. enc., 3$; Maximino Maciel, Grammatica descriptiva da lingua portugueza, 1 vol. enc., 3$; GRIVET, GRAMMATICA ANALYTICA DA LINGUA PORTUGUEZA, 1 gr. vol. enc., muito rara, 25$; Heraclito Graça, Factos da linguagem, esboço critico de alguns assertos do Sr. Candido de Figueiredo, 1 gr. vol. enc., réis 3$; Littré, Histoire de la langue française, 2 grs. vols. encs., 6$; Texier, Essai de grammaire analytique, 1 vol. enc., réis 6$; Vieira, Grammar of the portugueze language, 1 vol. enc., 2$; Becherelle, Dictionnaire des verbes de la langue française, 2 grs. vols. encs., 8$; Maurice Ladratre, Dictionnaire Universelle, 2 gr. vols. encs., 12$000.

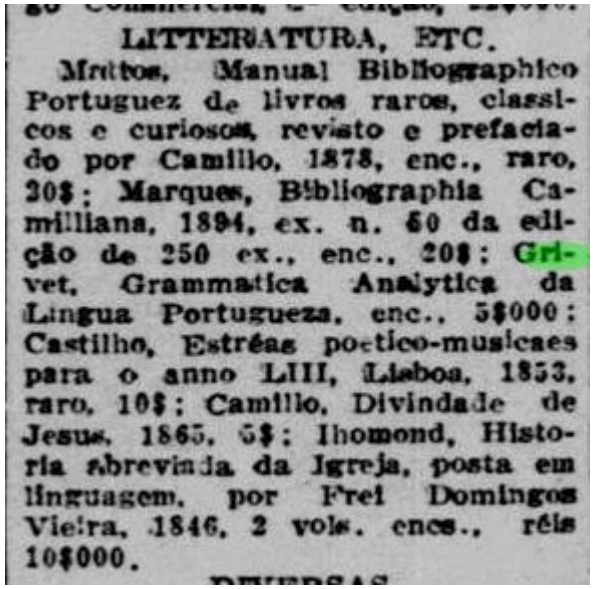
Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1917\Edição 00035 (1)

LIVROS BARATISSIMOS

Boletim semanal das acquisições feitas na semana pela Livraria Brasileira, de Tancredo de Barros Paiva, rua do Lavradio n. 132, telephone Central n. 1.472.

N. B. — ESTE ANNUNCIO SERA' PUBLICADO A'S TERÇAS-FEIRAS.

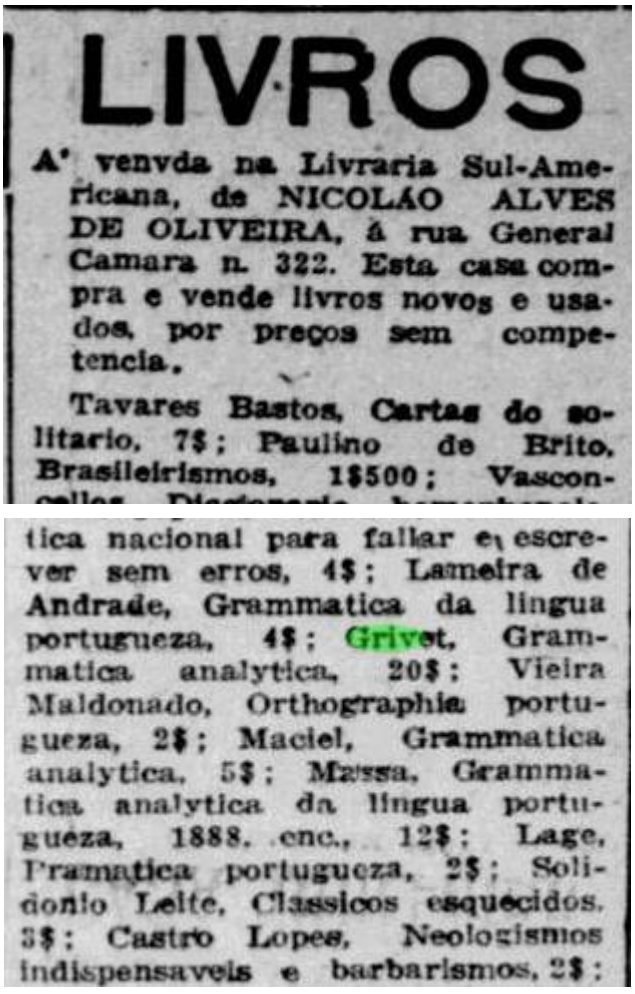
BRASILIANA



LITTERATURA, ETC.

Mattos, Manual Bibliographico Portuguez de livros raros, classicos e curiosos, revisto e prefaciado por Camillo, 1878, enc., raro, 30$; Marques, Bibliographia Camilliana, 1894, ex. n. 50 da edição de 250 ex., enc., 20$; Grivet, Grammatica Analytica da Lingua Portugueza, enc., 5$000; Castilho, Estréas poetico-musicaes para o anno LIII, Lisboa, 1853, raro, 10$; Camillo, Divindade de Jesus, 1865, 5$; Thomond, Historia abreviada da Igreja, posta em linguagem, por Frei Domingos Vieira, 1846, 2 vols. encs., réis 10$000.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1917\Edição 00148 (1)



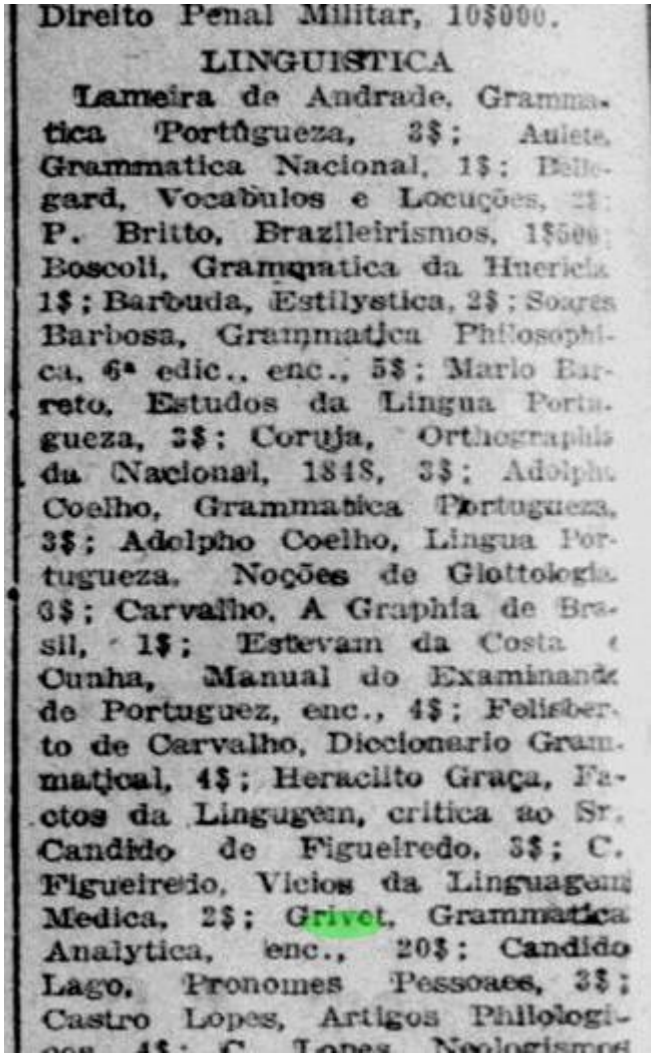
LIVROS

A' venvda na Livraria Sul-Americana, de NICOLÃO ALVES DE OLIVEIRA, á rua General Camara n. 322. Esta casa compra e vende livros novos e usados, por preços sem competencia.

Tavares Bastos, Cartas do solitario, 7$; Paulino de Brito, Brasileirismos, 1$500; Vasconcellos, Diccionario [illegible]

tica nacional para fallar e escrever sem erros, 4$; Lameira de Andrade, Grammatica da lingua portugueza, 4$; Grivet, Grammatica analytica, 20$; Vieira Maldonado, Orthographia portugueza, 2$; Maciel, Grammatica analytica, 5$; Massa, Grammatica analytica da lingua portugueza, 1888, enc., 12$; Lage, Pramatica portugueza, 2$; Solidonio Leite, Classicos esquecidos, 3$; Castro Lopes, Neologismos indispensaveis e barbarismos, 2$;

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1919\Edição 00236 (1)


Direito Penal Militar, 10$000.

LINGUISTICA

Lameira de Andrade, Grammatica Portugueza, 3$; Aulete, Grammatica Nacional, 1$; Bellegard, Vocabulos e Locuções, 2$; P. Britto, Brazileirismos, 1$500; Boscoli, Grammatica da Hueriela 1$; Barbuda, Estilystica, 2$; Soares Barbosa, Grammatica Philosophica, 6ª edic., enc., 5$; Mario Barreto, Estudos da Lingua Portugueza, 3$; Coruja, Orthographia da Nacional, 1848, 3$; Adolpho Coelho, Grammatica Portugueza, 3$; Adolpho Coelho, Lingua Portugueza. Noções de Glottologia. 3$; Carvalho, A Graphia de Brasil, 1$; Estevam da Costa e Cunha, Manual do Examinando de Portuguez, enc., 4$; Felisberto de Carvalho, Diccionario Grammatical, 4$; Heraclito Graça, Factos da Linguagem, critica ao Sr. Candido de Figueiredo, 3$; C. Figueiredo, Vicios da Linguagem Medica, 2$; Grivet, Grammatica Analytica, enc., 20$; Candido Lago, Pronomes Pessoaes, 3$; Castro Lopes, Artigos Philologi-

LIVROS

DE PHILOLOGIA

A venda na Livraria Victoria, R. A. Marinho, á rua General Camara n. 190.

Laudelino Freire: Gallicismos, 4$; Estante Classica, Os mestres da lingua, 10 vols., 50$; Ferdinand Wolf: Histoire de la Litterature Brasilionne, Berlim, 1863, 25$; I. J. Fonseca Noções de Philologia, 10$; Max Muller: Science du Langage, 15$; Draper: Histoire du decoleppement Intellectuel de l'Europe, 3 vols. 15$; A. Borgeault: Histoire des Litteratures Etrangeres, 3 vols. 30$; Murray, trad. Castelin: Historia de la Letterat. Clásica Grlega, 15$; Grammatica Analytica da lingua portugueza, por A. Grivet, Gonçalves Viana: Apostilas aos diciqn. portuguezes, 2 vols. 25$; Rascunhos sobre a grammatica da lingua portugueza, por B. C. (Baptis-

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1923\Edição 00036 (1)

GRIVET

Tratando de grammaticas da lingua nacional, escrevi alhures, que collocava entre as melhores a "Analytica", de Grivet.

Evidentemente, citando este nome, agucei a curiosidade dos menos versados em assumptos vernaculos.

De facto. Muita gente nunca ouviu falar em Grivet.

Quem foi esse cavalheiro?

Charles Adrien Olivier Grivet era suisso.

Do cantão de Vaud, filho da aldeia de Villars-le-Terroir, onde nasceu em 1816.

Recebida a primeira instrucção no proprio berço natal, passou-se para Friburgo, onde permaneceu de 1827 a 1836.

Ahi aprofundou-se no conhecimento do francêz e familiarisou-se com o latim, o grego, historia, geographia, rhetorica, philosophia; chimica e direito.

Divulgou primeiro uma pequen agrammatica, seguida de outra de maiores proporções. Estas refundidas, expurgadas de falhas, consolidou-se no grande volume de sua "Analytica" ir ao arretre de Vaud não chegou a ver publicado.

Em 1876, victima de implacavel morbo, falleceu o eminente grammaticographo, cuja obra tem lampejos extraordinarios de intuição.

O que distingue este escriptor na literatura, é o facto de sua "Analytica ir ao arrepio das theorias ainda em voga de Soares Barboza e outros partidarios do famigerado grammatiquismo philosophico.

O seculo era de realidade do positivismo, da experimentação e perpetuava-se a predominancia das lições daquelle autor.

Entre nós, raros epitomes

vamente, por si só a todas as objecções. Graças a tão invejavel privilegio, ella veiu a dominar soberanamente, na grammatica portuguêsa; e hoje não ha, neste assumpto, autor que deixe de lhe fazer a devida continencia de sua desmarcada efficacia.

A verdade é que, tanto em relação ao francêz, como ás mais línguas, nunca se imaginou tamanho absurdo, tão qualificada parvoiçada.

Esse o molde da expressão do grammatico, que mais parece um polemista ardente que um expositor de regras de arte de falar e escrever.

A exiguidade do espaço não permitte transcripção dos argumentos invocados no combate á opinião dos prosytos de Chapsal e Noel, cu-

Acceitando, dentre muitas propostas uma originaria da Russia, embarcou para o paiz dos Czars, contractado como professor dos filhos do general Jouroff, governador de Tschernigoff.

Era então muito joven, não obstante o que deu cabal desempenho á sua missão.

Aprendeu o russo e aperfeiçoou-se no manejo do allemão.

Findo o contracto, retornou ao seu torrão natal.

Ingressando, em 1843, na Escola Media de Friburgo como professor, por essa época casou-se.

Attrahido pela politica, envolveu-se-lhe nas malhas. Soffreu dissabores, nas alternancias por que passou o seu partido.

Quando, em 1856 e 1857, a corrente politica a que pertencia, retomou posições e lhe proporcionava ausa de recompensas, elle abandonou tudo e rumou para o Brasil, onde aportou a 1.º de Abril de 1856.

Acariciava o projecto de installar aqui um grande collegio.

Não poude levar avante o plano.

Precisava, para viver, leccionar. Como fosse mister aprender o idioma nacional, entregou-se a essa tarefa cheio de ardor. E de tal facilidade dispunha para adquirir traquejo de maneio do falar alheio, que submettido a provas publicas, portou-se com tanto brilhantismo que infundiu admiração e respeito a examinadores e assistencia.

Esse contacto fel-o apaixonar-se do nosso idioma. E versando os nossos classicos, existiam. E setes mais de vulgarização que de doutrina e exposição proprias.

O de maior extracção era o Coruja por onde estudaram os rudimentos da lingua dezenas de gerações patricias.

A "Grammatica Analytica" foi uma precursora das de Julio Ribeiro, João Ribeiro, Augusto Freire, etc.

E, á feição dos trabalhos de propaganda e desbravamento, ella tem vida e força.

Os seus periodos vibram. Dão inapagavel impressão de vigor, energia e mocidade.

Foi Grivet, no Brasil, quem primeiro, talvez, inventou a famosa theoria do verbo substantivo, ainda subsistente n'alguns compendios á guisa de guarda dos fossilizados.

Para dar uma ligeira idéa da sua maneira de expor e discutir os assumptos, transcrevo aqui algumas palavras do grande grammatico acerca do verbo ser:

"Eis ahi resumida, com a mais escrupulosa fidelidade, a tão preconisada theoria do verbo substantivo.

Saida, ha cerca de 40 annos, do cerebro dos dous grammaticos francêses Noel e Chapsal, ella teve a dita de se acreditar rapidamente, não só no paiz de sua origem, mas ainda, e talvez com maior enthusiasmo, naquelles onde a mesma procedencia costuma dispensar, em innovações de ensino, toda e qualquer verificação de proficiencia, respondendo ella, preventi-

jo mais graduado discipulo em lingua portuguêsa era Soares Barbosa.

A "Grammatica Analytica" de Grivet, segundo outra feita já assignalei, tem a virtude, sem competição nos compendios os seus contemporaneos, da abundante complificação.

Ella se compara, como nenhuma obra congenere, nos factos da lingua.

E estes factos, Grivet os procurou nas fontes mais autorizadas do idioma.

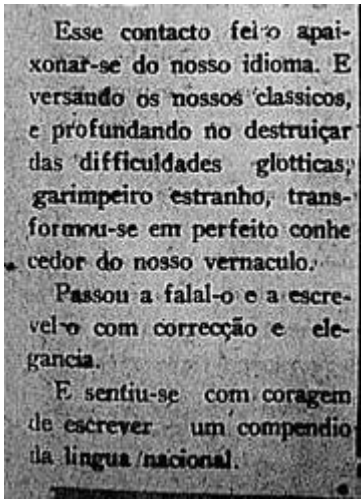
As suas paginas estão lardeadas de lanços dos maiores classicos vernaculos. Isto imprime ao livro inestimavel merecimento.

E fala alto do senso philologico do eminente autor que, suisso de origem, rapidamente se assenhoreou dos segredos do nosso vernaculo.

Decorridos 50 annos, não obstante o progresso e a transformação dos estudos grammaticaes, hoje constituem de verdadeira sciencia, o compendio de Grivet, ainda ombrea victoriosamente com os mais reputados.

Uma edição critica a modernizamento da distribuição graphica, separado o texto de exposição do commentario, a organização de indices remissivos fariam delle um verdadeiro monumento da lingua. E assim seria honrada a memoria do grande suisso que de tamanho amor se tomou do nosso idioma que consagrou os derradeiros dias de sua existencia na confeição de uma obra em que a cada passo exalta as nossas bellezas idiomaticas.

RAUL GOMES.

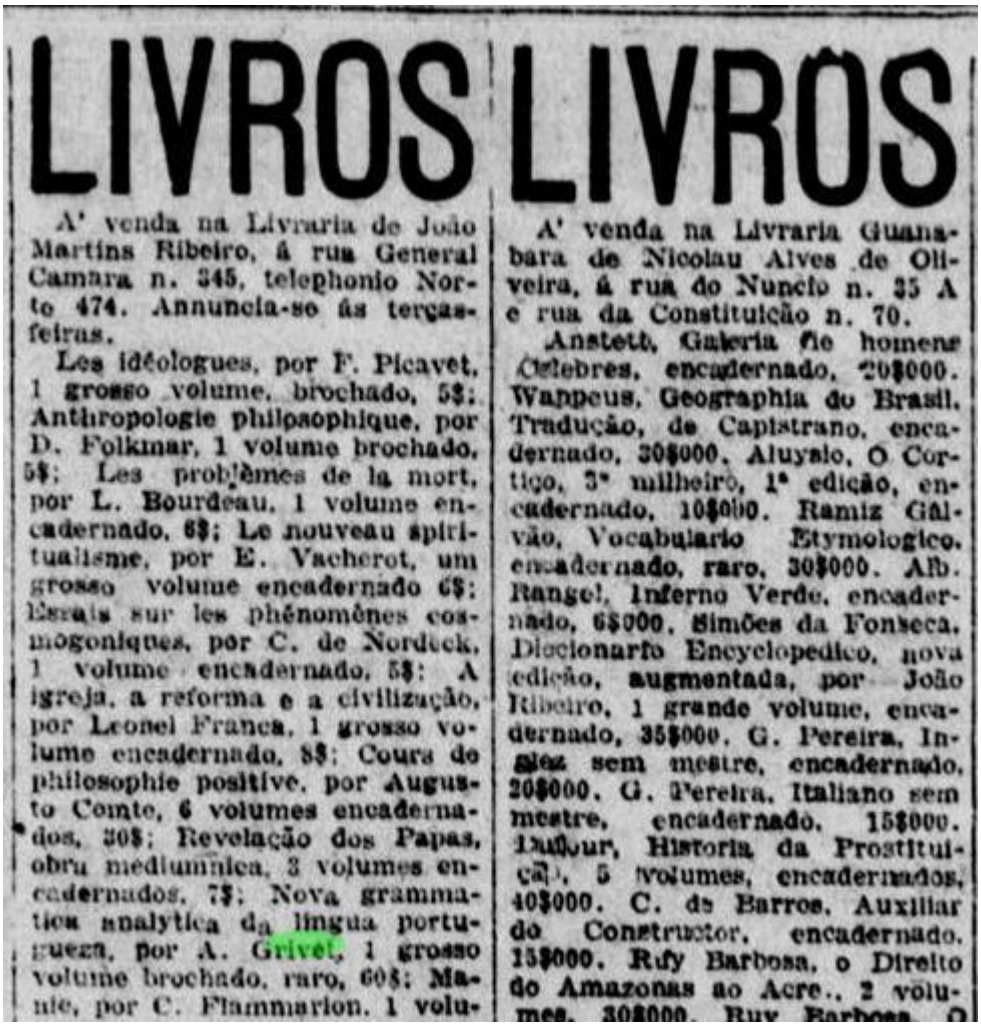


Esse contacto fel-o apaixonar-se do nosso idioma. E versando os nossos classicos, e profundando no destruiçar das difficuldades glotticas, garimpeiro estranho, transformou-se em perfeito conhecedor do nosso vernaculo.

Passou a falal-o e a escrevel-o com correcção e elegancia.

E sentiu-se com coragem de escrever um compendio da lingua nacional.

O Estado do Paraná: Jornal da Manhã (PR) - Ano 1925\Edição 00227 (1)



LIVROS LIVROS

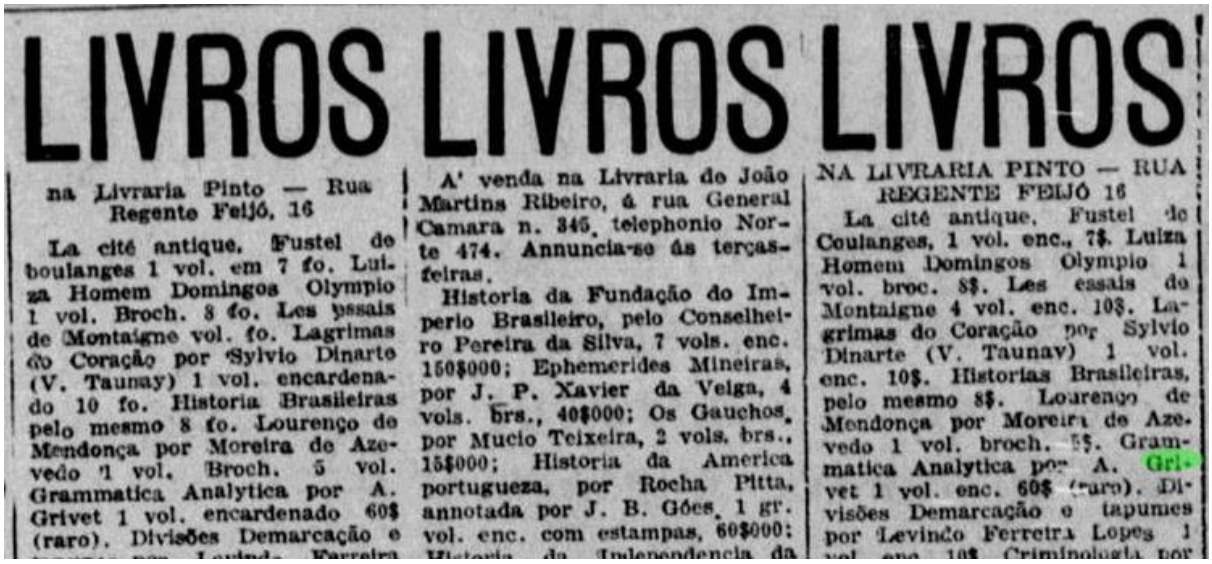
A' venda na Livraria de João Martins Ribeiro, á rua General Camara n. 345, telephonio Norte 474. Annuncia-se ás terças-feiras.

Les idéologues, por F. Picavet, 1 grosso volume, brochado, 5$; Anthropologie philpsophique, por D. Folkmar, 1 volume brochado, 5$; Les problèmes de la mort, por L. Bourdeau, 1 volume encadernado, 6$; Le nouveau spiritualisme, por E. Vacherot, um grosso volume encadernado 6$; Essais sur les phénomènes cosmogoniques, por C. de Nordeck, 1 volume encadernado, 5$; A igreja, a reforma e a civilização, por Leonel Franca, 1 grosso volume encadernado, 8$; Coura de philosophie positive, por Augusto Comte, 6 volumes encadernados, 30$; Revelação dos Papas, obra mediumnica, 3 volumes encadernados, 7$; Nova grammatica analytica da lingua portugueza, por A. Grivet, 1 grosso volume brochado, raro, 60$; Manie, por C. Flammarion, 1 volu-

A' venda na Livraria Guanabara de Nicolau Alves de Oliveira, á rua do Nuncio n. 35 A e rua da Constituição n. 70.

Anstett, Galeria de homens Celebres, encadernado, 20$000. Wappeus, Geographia do Brasil, Tradução, de Capistrano, encadernado, 30$000. Aluysio, O Cortiço, 3ª milheiro, 1ª edição, encadernado, 10$000. Ramiz Gálvão, Vocabulario Etymologico, encadernado, raro, 30$000. Alb. Rangel, Inferno Verde, encadernado, 6$000. Simões da Fonseca, Diccionario Encyclopedico, nova edição, augmentada, por João Ribeiro, 1 grande volume, encadernado, 35$000. G. Pereira, Inglez sem mestre, encadernado, 20$000. G. Pereira, Italiano sem mestre, encadernado, 15$000. Dufour, Historia da Prostituição, 5 volumes, encadernados, 40$000. C. de Barros, Auxiliar do Constructor, encadernado, 15$000. Rufy Barbosa, o Direito do Amazonas ao Acre., 2 volumes, 30$000. Ruy Barbosa, O

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1928\Edição 00139 (1)



LIVROS LIVROS LIVROS

na Livraria Pinto — Rua Regente Feijó, 16

La cité antique. Fustel de boulanges 1 vol. em 7 fo. Luiza Homem Domingos Olympio 1 vol. Broch. 8 fo. Les essais de Montaigne vol. fo. Lagrimas do Coração por Sylvio Dinarte (V. Taunay) 1 vol. encardenado 10 fo. Historia Brasileiras pelo mesmo 8 fo. Lourenço de Mendonça por Moreira de Azevedo 1 vol. Broch. 5 vol. Grammatica Analytica por A. Grivet 1 vol. encardenado 60$ (raro). Divisões Demarcação e

A' venda na Livraria do João Martins Ribeiro, á rua General Camara n. 345, telephonio Norte 474. Annuncia-se ás terças-feiras.

Historia da Fundação do Imperio Brasileiro, pelo Conselheiro Pereira da Silva, 7 vols. enc. 150$000; Ephemerides Mineiras, por J. P. Xavier da Veiga, 4 vols. brs., 40$000; Os Gauchos, por Mucio Teixeira, 2 vols. brs., 15$000; Historia da America portugueza, por Rocha Pitta, annotada por J. B. Góes, 1 gr. vol. enc. com estampas, 60$000;

NA LIVRARIA PINTO — RUA REGENTE FEIJÓ 16

La cité antique. Fustel de Coulanges, 1 vol. enc., 7$. Luiza Homem Domingos Olympio 1 vol. broc. 8$. Les essais do Montaigne 4 vol. enc. 10$. Lagrimas do Coração por Sylvio Dinarte (V. Taunay) 1 vol. enc. 10$. Historias Brasileiras, pelo mesmo 8$. Lourenço de Mendonça por Moreira de Azevedo 1 vol. broch. 5$. Grammatica Analytica por A. Grivet 1 vol. enc. 60$ (raro). Divisões Demarcação e tapumes por Levindo Ferreira Lopes 1

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1928\Edição 00229 (1)

LIVROS RAROS E PRECIOSOS A' VENDA NA LIVRARIA MACHADO

25 — Avenida Passos — 25

Couto Magalhães: O Selvagem. Rio Jan. 1876 — 1 vol. broch. com bôas margens .... 70$000

Manoel Pinheiro Chagas: Dicc.° Popular. 16 vols. enc. em 8 .... 250$

José Ignacio Coimbra e Cel. Conrado Niemeyer: Mappa Geographico da Provincia do Rio Grande do Sul. 1876. 1 volume .. .. 20$

Carlos Rivierre e engenheiros Francisco Keller, Mouchez, Raymundo de Penna Fortes, A. S. Blake, Theodoro Ochs e André Rebouças: Mappa Topographico da Provincia do Paraná. Rio Jan. 1876. 1 vol. .. 20$

Carlos Pinto de Figueiredo: Estado Financeiro das Provincias, organizado por ordem do Barão de Cotegipe. 1866. 1 vol. enc. ... . 70$

Relatorio da commissão encarregada de proceder a um inquerito sobre as causas da crise de Setembro de 1864. 1 vol. c/mappa, enc... 80$

Almeida Arreias: Crise Bancaria de 1859. 1 vol.; muito raro .... 100$

Martins Hoyer: Economia Politica. 1 vol. enc. .... 30$

Macleod: Economia Politica. 2 vols. enc. em 1 .... 60$

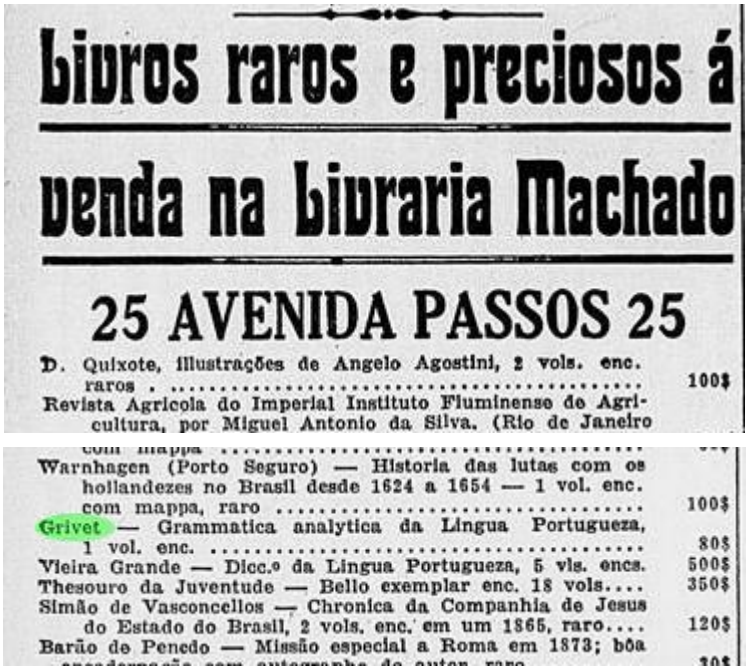
Luiz Caetano Ferraz: Dicc.° dos mineraes do Brasil. 1 vol. broch. 25$

Adolpho Coelho: Dicc. Etymologico da Lingua Portug.. 1 vol. enc. 80$

A. Grivet: Grammatica analytica da lingua portugueza, 1 vol. enc. 80$

Alberto de Souza: Os Andradas — obra commemorativa do 1° centenario da Independencia do Brasil, ornados com muitas gravuras, 3 vols. encs. .... 90$

O Jornal (RJ) - Ano 1931\Edição 03907 (1)



Livros raros e preciosos á venda na Livraria Machado

25 AVENIDA PASSOS 25

D. Quixote, illustrações de Angelo Agostini, 2 vols. enc. raros . ..... 100$
Revista Agricola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, por Miguel Antonio da Silva. (Rio de Janeiro
com mappa .....
Warnhagen (Porto Seguro) — Historia das lutas com os hollandezes no Brasil desde 1624 a 1654 — 1 vol. enc. com mappa, raro ..... 100$
Grivet — Grammatica analytica da Lingua Portugueza, 1 vol. enc. ..... 80$
Vieira Grande — Dicc.º da Lingua Portugueza, 5 vls. encs. 500$
Thesouro da Juventude — Bello exemplar enc. 18 vols.... 350$
Simão de Vasconcellos — Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil, 2 vols. enc. em um 1865, raro.... 120$
Barão de Penedo — Missão especial a Roma em 1873; bôa
encadernação com autographo do autor, raro ..... 30$

O Jornal (RJ) - Ano 1931\Edição 04009 (1)

As Raridades da Livraria J. Leite

CAMÕES — OS LUSIADAS, Edição Emilio Biel, Leipzig 1880. Folio maximo de 563 pgs. e 23 estampas, Rica encadernação amador em 3/4 de chagrin grenat; filetes, florões, pasta e cabeça a ouro. Com estojo .. .. 500$000

Edição monumental e RARA. Introducção notas e revisão de José Gomes Monteiro. Estudo sobre a Vida e Obra de Camões, por Mendes Leal. Finissimas gravuras e vinhetas executadas sobre aço pelos melhores artistas allemães. Bello exemplar para presente.

CAMÕES — LUSIADAS commentados por Manoel de Faria e Souza, Madrid 1639, 4 tomos, Folio de 1.262 pgs. ao todo. Uma gravura em cobre para cada canto, e alguns escudos e retratos em madeira no texto. RIMAS VARIAS, commentadas pelo mesmo. Lisboa 1685-1689, 5 tomos, Folio de 957 pgs. ao todo. As duas obras em 3 vols. E. .. .. 600$000

Edições RARISSIMAS, muitissimo estimadas e procuradas pelos eruditos commentarios.

GRAHAN (MARIA) — JOURNAL OF A VOYAGE TO BRAZIL and Residence there, during part of the years 1821-1823. London 1824, Folio de 343 pgs., 11 estampas e 9 vinhetas E. .. 400$000

Obra rara e curiosa. As estampas reproduzem vistas, scenas de costumes, etc. A autora esteve em Pernambuco, Bahia e Rio.

VIEIRA (Pe. ANTONIO) — SERMÕES. Lisboa 1679-1748, 15 vols., 4.º E. .. .. 1:200$000

Primeira edição, unica estimada. São muito raros os exs. em bom estado.

COSTA E SILVA (José Maria da) — Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores Poetas Portuguezes. Lisboa 1850-55, 10 volumes, 4.º, E. .. .. 200$000

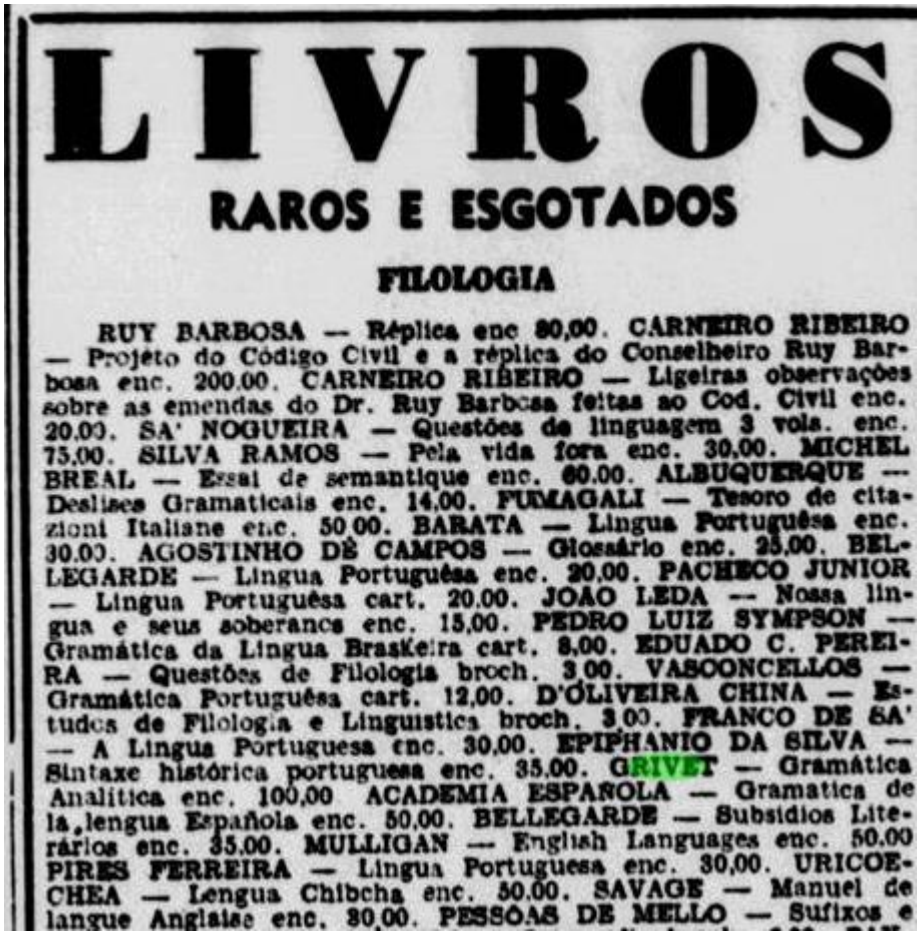
Trabalho indispensavel, até hoje unico no genero.

CASTILHO (Antonio Feliciano de) — Os Amores de Ovidio, seguidos da Grinalda Ovidiana. Rio 1858, 4.º, 11 vols. em 2 volumes. E. .. .. 150$000

GRIVET (A.) — Nova Gramatica Analytica da Lingua Portugueza. Rio 1881, 4.º, E. .. .. 100$000

D. DUARTE — Leal Conselheiro, seguido do Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda Sella. Com introducção e notas do vis-

O Jornal (RJ) - Ano 1932\Edição 04168 (1)



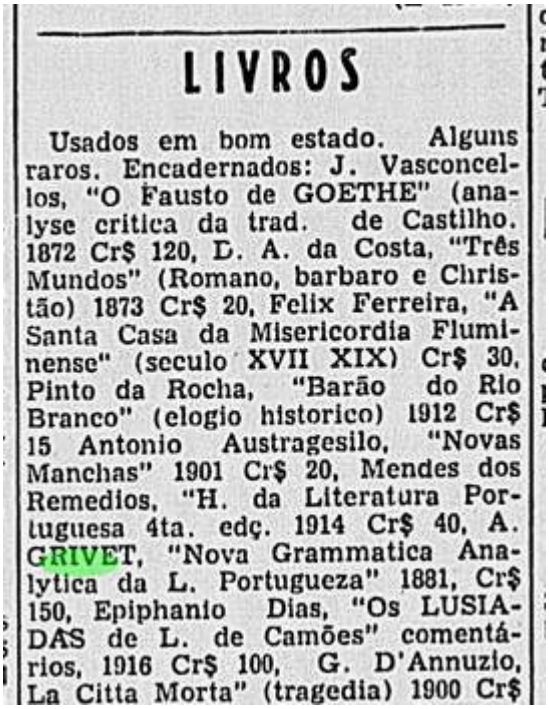
LIVROS

RAROS E ESGOTADOS

FILOLOGIA

RUY BARBOSA — Réplica enc 80,00. CARNEIRO RIBEIRO — Projeto do Código Civil e a réplica do Conselheiro Ruy Barbosa enc. 200.00. CARNEIRO RIBEIRO — Ligeiras observações sobre as emendas do Dr. Ruy Barbosa feitas ao Cod. Civil enc. 20.00. SA' NOGUEIRA — Questões de linguagem 3 vols. enc. 75.00. SILVA RAMOS — Pela vida fora enc. 30,00. MICHEL BREAL — Essai de semantique enc. 60.00. ALBUQUERQUE — Deslises Gramaticais enc. 14,00. FUMAGALI — Tesoro de citazioni Italiane enc. 50.00. BARATA — Lingua Portuguêsa enc. 30.00. AGOSTINHO DE CAMPOS — Glosário enc. 25,00. BELLEGARDE — Lingua Portuguêsa enc. 20,00. PACHECO JUNIOR — Lingua Portuguêsa cart. 20.00. JOAO LEDA — Nossa lingua e seus soberanos enc. 15,00. PEDRO LUIZ SYMPSON — Gramática da Lingua Brasileira cart. 8,00. EDUADO C. PEREIRA — Questões de Filologia broch. 3.00. VASCONCELLOS — Gramática Portuguêsa cart. 12,00. D'OLIVEIRA CHINA — Estudos de Filologia e Linguistica broch. 3.00. FRANCO DE SA' — A Lingua Portuguesa enc. 30,00. EPIPHANIO DA SILVA — Sintaxe histórica portuguesa enc. 35.00. GRIVET — Gramática Analitica enc. 100,00 ACADEMIA ESPAÑOLA — Gramatica de la lengua Española enc. 50,00. BELLEGARDE — Subsidios Literários enc. 35.00. MULLIGAN — English Languages enc. 50.00 PIRES FERREIRA — Lingua Portuguesa enc. 30,00. URICOECHEA — Lengua Chibcha enc. 50.00. SAVAGE — Manuel de langue Anglaise enc. 30.00. PESSOAS DE MELLO — Sufixos e

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1944\Edição 00226 (1)



LIVROS

Usados em bom estado. Alguns raros. Encadernados: J. Vasconcellos, "O Fausto de GOETHE" (analyse critica da trad. de Castilho. 1872 Cr$ 120, D. A. da Costa, "Três Mundos" (Romano, barbaro e Christão) 1873 Cr$ 20, Felix Ferreira, "A Santa Casa da Misericordia Fluminense" (seculo XVII XIX) Cr$ 30, Pinto da Rocha, "Barão do Rio Branco" (elogio historico) 1912 Cr$ 15 Antonio Austragesilo, "Novas Manchas" 1901 Cr$ 20, Mendes dos Remedios, "H. da Literatura Portuguesa 4ta. edç. 1914 Cr$ 40, A. GRIVET, "Nova Grammatica Analytica da L. Portugueza" 1881, Cr$ 150, Epiphanio Dias, "Os LUSIADAS de L. de Camões" comentários, 1916 Cr$ 100, G. D'Annuzio, La Citta Morta" (tragedia) 1900 Cr$

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1945\Edição 15534 (1)

FILOLOGIA GREGA ETC.

Livros Raros e interessantes. Usados em bom estado. A Preços Excepcionais

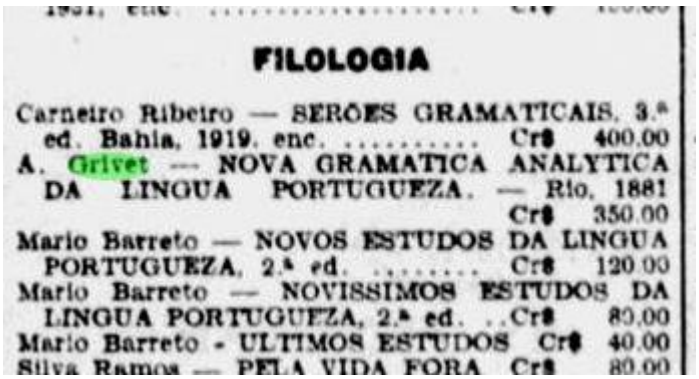
A. Chassang, "Noveau Dictionnaire GREG-FRANÇAIS" D'aprés les recents traveaux de philologie Grecque, um grande vol. com 1681 pags., enc. nova, Cr$ 300; J. J. Courtaud-Diverneresse, "Dictionnaire FRANÇAIS-GREC", grande vol. com 1006 pags., enc. nova, Cr$ 200; Emile Legrand, "Noveau Dictionnaire Grec-Français" (la langue parlé et langue écrite) 920 pags., Cr$ 80, volumes enc.; A. Chassang, "Nouvelle Chrestomathie Grecque et Exercices Grecs", Cr$ 30; R. Pessonneaux, "Chrestomathie e Exercices Grecs, Cr$ 25,; L. Martel, "Petit-Lexique Français-Grec", Cr$ 20; Riemann & Goelzer, "Grammaire Grecque Compléte". Cr$ 15,; J. M. M. "Grammatica Grega" elementar, 1916, Cr$ 20; J. L. Peter, "Grammatica Grega". Cr$ 20; A. Magne, "Curso de Lingua Grega" (morphologia e phonética) 1922, Cr$ 35; "Graecae Grammatices Rudimenta", Cr$ 20, Volumes ed. HACHETTE, cartonados em Otimo Estado de conservação, todos em texto Grego; Homére "ODISSÉE", Cr$ 50; Homére, "ILIADE", Cr$ 50; Xénophon, "ANABASE", Cr$ 50; Ésope, "Choix de Fables". Cr$ 20; Lucien, "Dialogues des Morts", Cr$ 20; Platon, "Phédon", Cr$ 20; Platon. "Extraits", Cr$ 20; Platon, "Criton", Cr$ 10; Platon, "Apologues de Socrates", Cr$ 15; J. Feliciano de Castilho, "Orthographia Portugueza" (missão dos livros elementares, Iris Classico) 1860, Cr$ 60. Encadernados: Soares Barbosa, "Grammatica Philosophica da L. Portugueza", 6ª edç. 1875, Cr$ 50; idem, Cr$ 35; RODOLPHO GARCIA, "Diccionario de BRASILEIRISMOS" (peculiaridades Pernambucanas) (separata com 317 pags.), enc. nova, Cr$ 50; M. J. Pereira Frazão, "Postillas de Grammatica Portugueza", 1874, Cr$ 20; M. Said Ali, "Difficuldades da Lingua Portugueza", 1908, Cr$ 25; Maximino Maciel, "Grammatica Discriptiva da L. Portuguesa", Cr$ 20; A. Abalat, "A Arte de Escrever", Cr$ 10; A. Abalat "A Formação do Estilo", Cr$ 15; A. GRIVET, "Nova Grammatica ANALYTICA" 1881, enc. nova, Cr$ 100; Renato de Alencar, "Traições da L. Portugueza" 1922, Cr$ 10; Mendes dos Remedios, "Historia da Literatura Portuguesa" 4a edç. 1914, enc. nova, Cr$ 45; Gonçalves Viana, "Ortografia Nacional" (simplifica-

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1945\Edição 15564 (1)

LIVROS

Interessantes. Otimo estado. Encadernações Novas. O. Chemin, "Manuel Pratiquo de MINERALOGIE" (L'étude scientifique des minéraux, com 716 figures, 2 planches, 1906, Cr$ 130, C. Malaise, "Manuel Pratique de Minéralogie Pratique" com 135 figures, 1913 Cr$ 80, Henri JACOBS et Nicolas CHATRAIN, "Le DIAMANT" avec 24 planches hors texte et l'eau-fort em cromolith, en héliographie, et 34 gravures sur bois, 1884 Cr$ 150, Americo Monteiro de Barros, "Integração das Equações Differenciaes" Cr$ 70, VALDEZ, "Novissimo DICIONARIO FRANCEZ PORTUGUEZ-PORTUGUEZ FRANCEZ" 2 grandes vols. Cr$ 200, J. J. Coutaud — Divernoresse, "Dictionnaire FRANÇAIS-GREC" (só até letra J) 1ro. vol. Cr$ 100, Callet, "Tables de Logaritmes" Cr$ 80, Ruy Barbosa, Lições de Coisas" (trad.) 1886 Cr$ 70, M. Maciel, "Grammatica Discriptiva" Cr$ 30, A. Grivet, "Grammatica Analytica" 1881 Cr$ 50, Epiphanio Dias, "Os Lusiadas" (com. de) 1916 2 vols. Cr$ 60, Beschérelle, "Grammaire Nationale" 1864 Cr$ 50, na Livraria A. Braziellas, Rua Regente Feijó, 43, Tel. 43-0133. Remeto para os Estados por reembolso Postal, ou Registrados. (237)

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1946\Edição 15899 (1)



FILOLOGIA

Carneiro Ribeiro — SERÕES GRAMATICAIS, 3.ª ed. Bahia, 1919, enc. ..... Cr$ 400.00

A. Grivet — NOVA GRAMATICA ANALYTICA DA LINGUA PORTUGUEZA. — Rio, 1881 Cr$ 350.00

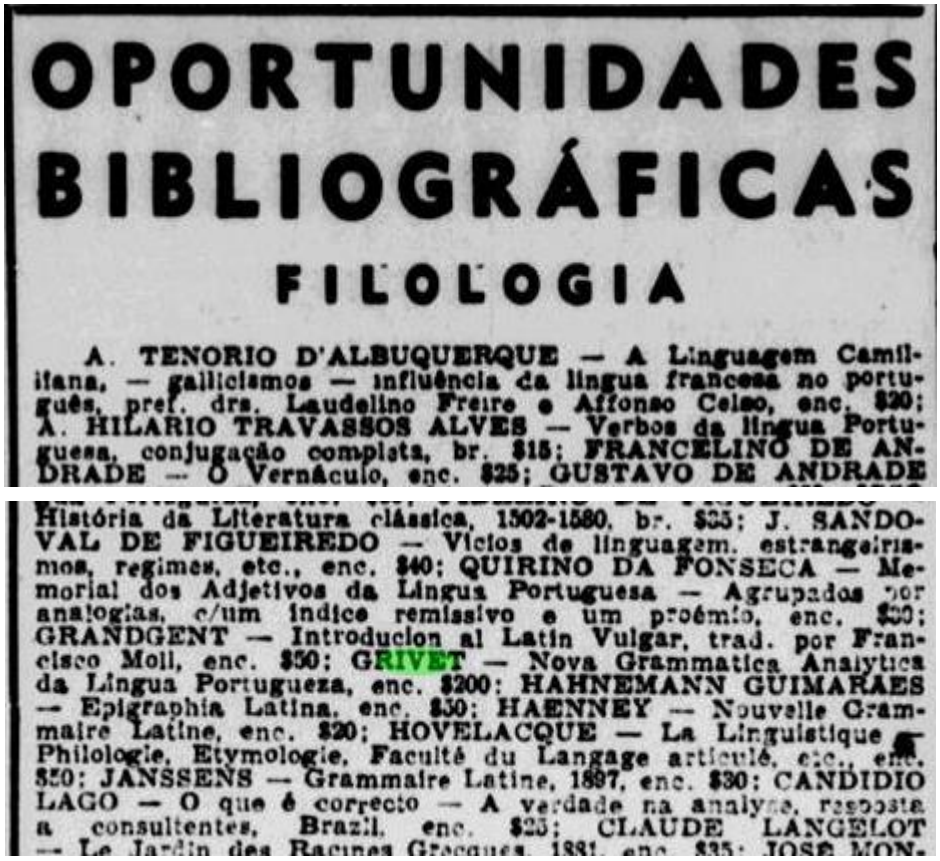
Mario Barreto — NOVOS ESTUDOS DA LINGUA PORTUGUEZA, 2.ª ed. ..... Cr$ 120.00

Mario Barreto — NOVISSIMOS ESTUDOS DA LINGUA PORTUGUEZA, 2.ª ed. ..Cr$ 80.00

Mario Barreto - ULTIMOS ESTUDOS Cr$ 40.00

Silva Ramos — PELA VIDA FORA Cr$ 80.00

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1946\Edição 00240 (1)



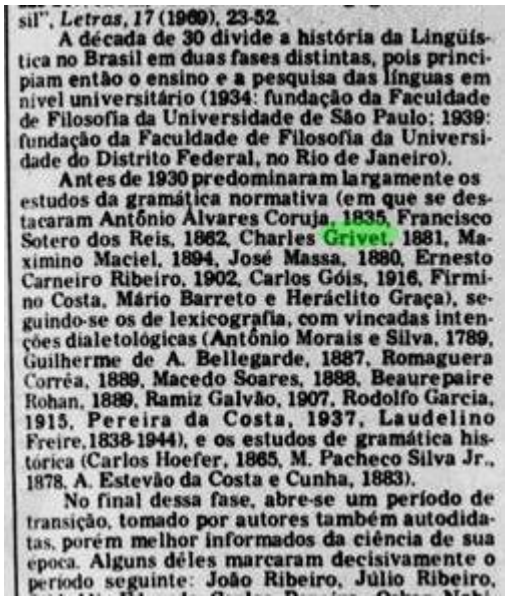
OPORTUNIDADES BIBLIOGRÁFICAS

FILOLOGIA

A. TENORIO D'ALBUQUERQUE — A Linguagem Camiliana, — galicismos — influência da lingua franceza no português, pref. drs. Laudelino Freire e Affonso Celso, enc. $20; A. HILARIO TRAVASSOS ALVES — Verbos da lingua Portuguesa, conjugação completa, br. $15; FRANCELINO DE ANDRADE — O Vernáculo, enc. $25; GUSTAVO DE ANDRADE

História da Literatura clássica, 1502-1580, br. $35; J. SANDOVAL DE FIGUEIREDO — Vicios de linguagem, estrangeirismos, regimes, etc., enc. $40; QUIRINO DA FONSECA — Memorial dos Adjetivos da Lingua Portuguesa — Agrupados por analogias, c/um indice remissivo e um proémio, enc. $30; GRANDGENT — Introducion al Latin Vulgar, trad. por Francisco Moll, enc. $50; GRIVET — Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza, enc. $200; HAHNEMANN GUIMARAES — Epigraphia Latina, enc. $30; HAENNEY — Nouvelle Grammaire Latine, enc. $20; HOVELACQUE — La Linguistique — Philologie, Etymologie, Faculté du Langage articulé, etc., enc. $30; JANSSENS — Grammaire Latine, 1897, enc. $30; CANDIDIO LAGO — O que é correcto — A verdade na analyse, resposta a consultentes, Brazil, enc. $25; CLAUDE LANGELOT — Le Jardin des Racines Grecques, 1881, enc. $35; JOSE MON-

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1947\Edição 00071 (1)



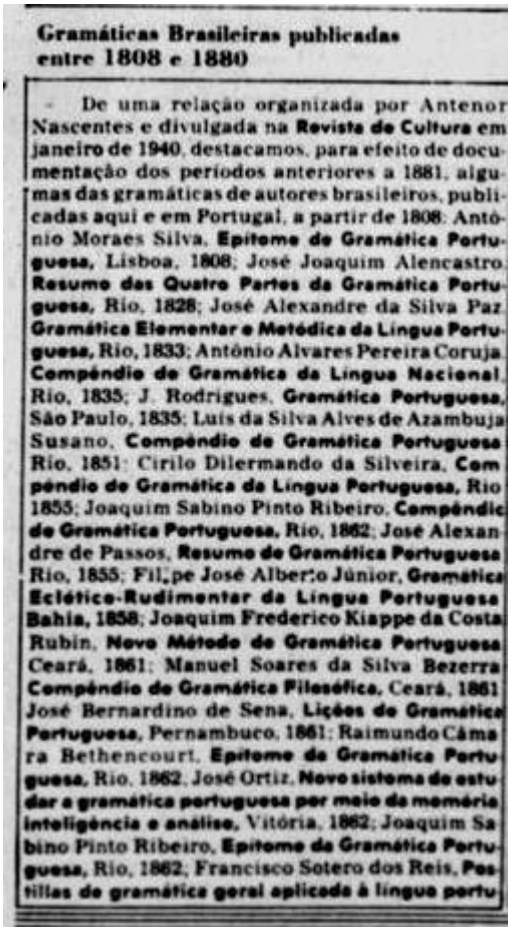
sil", *Letras*, 17 (1969), 23-52.

A década de 30 divide a história da Lingüística no Brasil em duas fases distintas, pois principiam então o ensino e a pesquisa das línguas em nível universitário (1934: fundação da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo; 1939: fundação da Faculdade de Filosofia da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro).

Antes de 1930 predominaram largamente os estudos da gramática normativa (em que se destacaram Antônio Álvares Coruja, 1835, Francisco Sotero dos Reis, 1862, Charles Grivet, 1881, Maximino Maciel, 1894, José Massa, 1880, Ernesto Carneiro Ribeiro, 1902, Carlos Góis, 1916, Firmino Costa, Mário Barreto e Heráclito Graça), seguindo-se os de lexicografia, com vincadas intenções dialetológicas (Antônio Morais e Silva, 1789, Guilherme de A. Bellegarde, 1887, Romaguera Corrêa, 1889, Macedo Soares, 1888, Beaurepaire Rohan, 1889, Ramiz Galvão, 1907, Rodolfo Garcia, 1915, Pereira da Costa, 1937, Laudelino Freire, 1838-1944), e os estudos de gramática histórica (Carlos Hoefer, 1865, M. Pacheco Silva Jr., 1878, A. Estevão da Costa e Cunha, 1883).

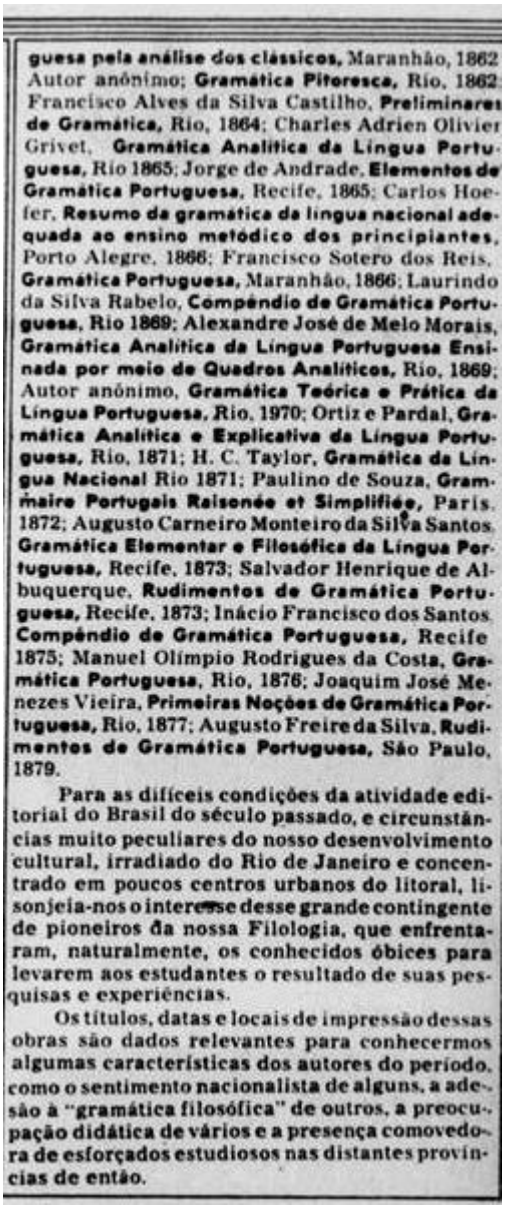
No final dessa fase, abre-se um período de transição, tomado por autores também autodidatas, porém melhor informados da ciência de sua época. Alguns deles marcaram decisivamente o período seguinte: João Ribeiro, Júlio Ribeiro,

Suplemento Literário (SP) - Ano 1971\Edição 00736 (1)



Gramáticas Brasileiras publicadas entre 1808 e 1880

De uma relação organizada por Antenor Nascentes e divulgada na **Revista de Cultura** em janeiro de 1940, destacamos, para efeito de documentação dos períodos anteriores a 1881, algumas das gramáticas de autores brasileiros, publicadas aqui e em Portugal, a partir de 1808: Antônio Moraes Silva, **Epitome da Gramática Portuguesa**, Lisboa, 1808; José Joaquim Alencastro, **Resumo das Quatro Partes da Gramática Portuguesa**, Rio, 1828; José Alexandre da Silva Paz, **Gramática Elementar e Metódica da Língua Portuguesa**, Rio, 1833; Antônio Alvares Pereira Coruja, **Compêndio da Gramática da Língua Nacional**, Rio, 1835; J. Rodrigues, **Gramática Portuguesa**, São Paulo, 1835; Luís da Silva Alves de Azambuja Susano, **Compêndio de Gramática Portuguesa** Rio, 1851; Cirilo Dilermando da Silveira, **Compêndio de Gramática da Língua Portuguesa**, Rio 1855; Joaquim Sabino Pinto Ribeiro, **Compêndio de Gramática Portuguesa**, Rio, 1862; José Alexandre de Passos, **Resumo de Gramática Portuguesa** Rio, 1855; Filipe José Alberto Júnior, **Gramática Eclético-Rudimentar da Língua Portuguesa** Bahia, 1858; Joaquim Frederico Kiappe da Costa Rubin, **Novo Método de Gramática Portuguesa** Ceará, 1861; Manuel Soares da Silva Bezerra, **Compêndio de Gramática Filosófica**, Ceará, 1861; José Bernardino de Sena, **Lições de Gramática Portuguesa**, Pernambuco, 1861; Raimundo Câmara Bethencourt, **Epitome da Gramática Portuguesa**, Rio, 1862; José Ortiz, **Novo sistema de estudar a gramática portuguesa por meio da memória inteligência e análise**, Vitória, 1862; Joaquim Sabino Pinto Ribeiro, **Epitome da Gramática Portuguesa**, Rio, 1862; Francisco Sotero dos Reis, **Postillas de gramática geral aplicada à língua portu-**



guesa pela análise dos clássicos, Maranhão, 1862. Autor anônimo; **Gramática Pitoresca**, Rio, 1862. Francisco Alves da Silva Castilho, **Preliminares de Gramática**, Rio, 1864; Charles Adrien Olivier Grivet, **Gramática Analítica da Língua Portuguesa**, Rio 1865; Jorge de Andrade, **Elementos de Gramática Portuguesa**, Recife, 1865; Carlos Hoefer, **Resumo da gramática da língua nacional adequada ao ensino metódico dos principiantes**, Porto Alegre, 1866; Francisco Sotero dos Reis, **Gramática Portuguesa**, Maranhão, 1866; Laurindo da Silva Rabelo, **Compêndio de Gramática Portuguesa**, Rio 1869; Alexandre José de Melo Morais, **Gramática Analítica da Língua Portuguesa Ensinada por meio de Quadros Analíticos**, Rio, 1869; Autor anônimo, **Gramática Teórica e Prática da Língua Portuguesa**, Rio, 1970; Ortiz e Pardal, **Gramática Analítica e Explicativa da Língua Portuguesa**, Rio, 1871; H. C. Taylor, **Gramática da Língua Nacional** Rio 1871; Paulino de Souza, **Grammaire Portugais Raisonée et Simplifiée**, Paris, 1872; Augusto Carneiro Monteiro da Silva Santos, **Gramática Elementar e Filosófica da Língua Portuguesa**, Recife, 1873; Salvador Henrique de Albuquerque, **Rudimentos de Gramática Portuguesa**, Recife, 1873; Inácio Francisco dos Santos, **Compêndio de Gramática Portuguesa**, Recife 1875; Manuel Olímpio Rodrigues da Costa, **Gramática Portuguesa**, Rio, 1876; Joaquim José Menezes Vieira, **Primeiras Noções de Gramática Portuguesa**, Rio, 1877; Augusto Freire da Silva, **Rudimentos de Gramática Portuguesa**, São Paulo, 1879.

Para as difíceis condições da atividade editorial do Brasil do século passado, e circunstâncias muito peculiares do nosso desenvolvimento cultural, irradiado do Rio de Janeiro e concentrado em poucos centros urbanos do litoral, lisonjeia-nos o interesse desse grande contingente de pioneiros da nossa Filologia, que enfrentaram, naturalmente, os conhecidos óbices para levarem aos estudantes o resultado de suas pesquisas e experiências.

Os títulos, datas e locais de impressão dessas obras são dados relevantes para conhecermos algumas características dos autores do período, como o sentimento nacionalista de alguns, a adesão à "gramática filosófica" de outros, a preocupação didática de vários e a presença comovedora de esforçados estudiosos nas distantes províncias de então.

Suplemento Literário (SP) - Ano 1976\Edição 00059 (1)

APÊNDICE D – LEVANTAMENTO DAS FONTES SECUNDÁRIAS – TEMAS GRAMATICAIS DE GRIVET

A INSTRUCÇÃO PUBLICA

FOLHA HEBDOMADARIA

DIRIGIDA POR

J. C. DE ALAMBARY LUZ

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R. 52-2.370

Numero 30. **Rio de Janeiro.** **3 de Novembro de 1872.**

SUMMARIO

GRAMMATICA—OS GERUNDIOS E PARTICIPIOS PRESENTES, pelo *conselheiro M. Taques*.
VARIAS QUESTÕES SOBRE O CREDITO, pelo *conselheiro Autran*.
CURSOS DE ESTUDOS PELO SR. RAPET, por *A. Cony*.
ORGANISAÇÃO E REGIMEN DAS ESCOLAS PRIMARIAS, por *A. S. da Costa*.
AINDA OS EXAMES DE PORTUGUEZ, por *A. Cony*.
HISTORIA DO COLLEGIO DE PEDRO II, documento n. 1|—, por *P. Junior*.
EXPEDIENTE DA FACULDADE DE MEDICINA DA CÔRTE.

Grammatica

OS GERUNDIOS E PARTICIPIOS PRESENTES

Discordam os grammaticos na classificação dos tempos do infinito da lingua portugueza. Uns não lhe dão gerundios; outros comprehendem nos gerundios os participios presentes, na sua forma actual, emquanto alguns distinguem os dous tempos. Tocando de leve nas questões theoricas, a que é de necessidade me reporte, tratarei especialmente da pratica, dos usos da lingua.

Tinha primitivamente a lingua portugueza, a maneira da latina, participios presentes activos, acabados em *ante*, *ente*. *inte*, os quaes requeriam os mesmos complementos que o verbo. Assim diziam os antigos escriptores: *perolas imitantes a côr da aurora*; pão *roborante* o coração; *terrificante* aos demonios, aguia *mais voa nte*; palavras *estipulantes*. Estes participios eram ao mesmo tempo adjectivos qualificativos, da mesma sorte que os latinos de que se derivavam, e os francezes. Cahiram, porém, em desuso, e perdendo a primeira significação activa, ficaram reduzidos simplesmente a nomes appellativos e adjectivos attributivos, como: *amante*, *estudante*, *regente*, *vivente*, *ouvinte*, *pedinte*.

Para supprir os participios presentes, recorreu-se ao gerundio em *do* dos latinos, aos quaes tomámos os nossos gerundios da mesma terminação (em *ando*, *endo*, *indo*), e usamol-os como participios.

Mas cumpre observar que, empregados como participios, os gerundios não perdem jamais a sua natureza verbal, não ficam destituidos da sua significação activa, transeunte ou não, e por tanto não podem apparecer como meros adjectivos attributivos: não se diz *aguia mais voando*. Este ponto é capital; pois a explical-o se dirige quanto tenho de dizer.

Difficil é determinar em cada caso se o verbo está no participio ou no gerundio, pois a forma é identica, a differença é ás vezes subtil, e de pouco valor pratico.

— Tratarei dos usos de um e outro em nossa lingua, sem maior cuidado de sua discriminação, que se faz tendo em mente a grammatica latina.

1.° Emprega-se o gerundio com a preposição *em*, para expressar a época, actualidade: *em amanhecendo*, irei, isto é, *ao amanhecer*, *logo que*, *depois que amanhecer*, uma vez que *como amanheça*, *pela manhã* irei; e nestas proposições e complementos se póde converter o gerundio. Ordinariamente cala-se a preposição, salvo quando se quer empregar emphase e exprimir instantaneidade. *Em vendo* o signal, sigo; *em chegando*, trate disso: isto é, logo, immediatamente.

2.° Serve tambem o gerundio para exprimir o modo, meio, causa, fim da acção expressada pelo verbo: entrou na cidade *correndo*, isto é, *a correr*, *na carreira*; alcançou a paz de espirito *orando*, isto é, *a orar*, *pela oração*, *com orações*; veio *queixando-se*, isto é, *a queixar-se*, *a fazer queixa*, *queixoso*; foi-se *chorando*, isto é, *a chorar*, *choroso*, *em choro*.

Nestes exemplos o gerundio, que no latim não é mais do que o infinito declinado, toma-se pelo substantivo para formar um complemento e modificar o verbo ou o nome a que se ajunta, de alguma sorte faz as vezes de adverbio. Assim na lingua allemã em que os participios presentes se usam como adjectivos qualificativos, dizem os grammaticos, como Gross e Shiefler § 128, o participio presente ou gerundio serve como adverbio, o que recorda o hebraismo *plons ploravi* das sagradas letras.

3.° Explica o gerundio a condição, e póde ser convertido em oração circumstancial com a conjuncção *se* ou outra. *Querendo* saber estuda, isto é, *se queres* saber estuda, ou estuda *para saber*; *sabendo-se* bem a lingua latina, facil é aprender as linguas della derivadas, isto é, *uma vez que* se saiba. Da mesma sorte exprime outras circumstancias, como: *sendo*

bom, não póde evitar o mal, isto é, *com ser, por ser bom, apezar de bom, com quanto seja bom.*

4.° Já se vê como o gerundio se combina com verbos para formar os frequentativos e incoativos: vou *indo*, estou *envelhecendo*, ando *caçando*, estou *escrevendo*, fico *cuidando*, isto é, a escrever, a cuidar; estando *pregando*, isto é, a pregar.

Nestes casos o tempo do infinito que assim combina-se com outro verbo é propriamente um gerundio, ou um participio presente que faz as vezes do attributo da oração.

O gerundio, como se vê nos exemplos rêferidos e em outros que hão de seguir-se, é supprido pelo infinito com uma preposição *a, para, por, de, com* e troca-se pelo que podemos chamar supino, ou por linguagens correspondentes aos gerundios latinos em *di* e *dum*.

5.° Pois que a acção expressada pelo verbo prende-se estreitamente ao sugeito e delle depende, podemos exprimir a maneira, as circumstancias da acção collocado o gerundio como apposto ao sujeito. Por onde o Ganges *murmurando soa*, é o mesmo que—por onde o Ganges *soa murmurando, a murmurar, murmurante, com murmurio*. Passou um cysne *nadando*, ou passou *a nadar, a nado*.

6.° Igualmente ao complemento do verbo póde-se por apposição juntar o gerundio, quando o complemento representa o agente da acção significada pelo gerundio; *vi um passaro voando*, isto é, vi um passaro *a voar*; *ouvi* um grande *orador fallando*, ouvi *a fallar*, ou ouvi *fallar* um grande orador; vi-o *chorando* ou *a chorar, em choro*, choroso; Miguel Angelo é o autor do Cupido dormindo, isto é, a dormir.

7.° Quando o sujeito da oração principal é o mesmo do gerundio ou participio presente representa o participio ou gerundio um verdadeiro apposto ou complemento do sugeito, ou do attributo grammatical.

Recebendo ou em recebendo aviso, manda Cesar levantar o campo; Deus *sendo* justo (isto é, por que é ou por ser justo) hade recompensar a virtude; o rei *sendo* bom, edifica o povo; o doente *dormindo* bem, dá esperanças de melhora; o verbo está no singular, *concordando* com o sugeito; não me espanto, *vendo* tantas novidades, isto é, de ver.

Diversamente do que se observa quando o sugeito da oração principal não é o mesmo do participio, póde este seguir-se ao sugeito a que é apposto, como se mostra em alguns exemplos acima e no trecho seguinte de Heitor Pinto: Fulgencio Africano *escrevendo* a Theodoro, que sendo Senador Romano deixara o mundo, lhe diz. Dialogo da tranquillidade da vida. Cap. 15.

8.° Quando o gerundio tem sugeito diverso do da oração a que é subordinado, constitue como participio uma oração circumstancial, correspondente aos chamados ablativos absolutos dos latinos, e quando o verbo que se segue ao participio tem o mesmo sugeito ou a elle se refere, o participio toma no latim o caso conveniente.

1. *Nascendo* o sol, fogem as trevas (sole oriente); *Reinando* Priamo, foi Troia tomada (*regnante Priamo*);

2.° *Preparando-se* Augusto a partir para Africa, continuas tempestades o detiveram (*Augustum in Africam trajicere parantem continuæ tempestates inhibuerunt*).

Aqui o participio é apposto ao complemento do verbo da oração principal.

Em semelhantes casos póde o participio presente ser substituido pelo participio passado, ou pelo participio composto, pois *morrendo, morto, sendo morto, tendo morrido* Antonio, valem quasi o mesmo.

Pode-se tambem converter a oração de participio em outra do indicativo ou conjunctivo com as conjuncções *quando, em quanto, como, visto que*; da mesma sorte que o faziam os latinos com as preposições *dum e quam, quo e quod, si e ubi*, segundo as circumstancias fazem de tempo em que ou depois que, ou de causa, condição, das quaes tenho tratado.

A oração do participio passado composto converte-se igualmente na de modo indicativo com a conjuncção *depois que*, ou na de conjunctivo com a conjuncção *como*.

9.° O uso do participio como apposição leva ao abuso, e muitas vezes não é facil determinar se o participio está empregado de conformidade com o que fica dito nos paragraphos antecedentes, ou foi usado viciosamente em lugar de um adjectivo qualificativo. O Sr. Grivet em sua Grammatica analitica, em que ha muito que aproveitar, escreveu (§ 354) que « o gerundio simples, ou anda ligado a um auxiliar e então serve para formar um verbo combinado, ou anda ligado como *mero qualificativo* a um substantivo ou pronome e então constitue uma apposição. » Dá elle o seguinte exemplo do 2.° caso: Respeito e veneração aos homens *caminhando* com firmeza na vereda do justo e do honesto. E desenvolvendo com alguma incoherencia a sua doutrina nos §§ 694 e 695, diz « repugnarem as palavras de sentido verbal a modificações *lembrando* quer um substantivo, quer um adjectivo. » Estas phrases de que se acham muitos exemplos na referida Grammatica destoam dos bons usos e offendem a consciencia irreflectida das conveniencias da liugua.

Não se póde dizer em portuguez: é um caçador *atirando bem*, em vez de um caçador *que atira bem*, ou *bom atirador*; está na cidade um inglez *entendendo bem* de physica; Marcello está um menino *lendo bem*; tenho um cavallo *andando bem*, em

vez de *que anda bem, bom andador*, de *bom* andar; dei a um sujeito *andando mal* um bom conselho, isto é, a um sujeito que vae mal, ou andando elle mal, a um maleante; conseguiu o resultado desejado por seus esforços *convergindo* ao mesmo fim; deve ser *convergentes*; são os homens *praticando* a sciencia os mais suspeitos em certos paizes; deve-se dizer—que praticam a scienoia. Camões disse:

A Jupiter, seu pae, favor pedia
Para Enéas, seu filho, *navegando*

Mas nem tudo que disse o grande poeta é para ser imitado. (*)

Cada lingua tem seus usos, e cumpre guardar as suas analogias. No francez o participio presente invariavel é ao mesmo tempo adjectivo qualificativo variavel, como os nossos antigos participios em *ante, ente, inte.*

No allemão o participio presente ou gerundio emprega-se como adjectivo qualificativo ou como nome appellativo, mas não como attributo grammatical.

As difficuldades que encontramos para reconhecer o uso vicioso do participio dão-se na applicação de todas as regras, mas não invalidam-nas.

A questão é resolvida mais promptamente e melhor pelo sentimento pratico do genio e dos usos da lingua do que pelos principios theoricos. Na duvida usarei da oração incidente com o relativo *que*, ou do adjectivo verbal ou outro analogo, ou tornarei sem equivoco a proposição de participio, dando-lhe por sugeito expresso o pronome. A falta de sugeito claro é causa frequente de amphibologia, nas orações de participio, e pelo sentido vago que lhe dá altera a funcção do participio.

Concluindo insisto em que o participio presente ou gerundio não póde ser empregado para significar meramente qualidade; envolve elle com a significação do attributo a idéa de tempo. Instinctivamente comprehende-se que *Cupido dormindo*, no exemplo que dei, é phrase correcta, emquanto outras repugnam á indole da lingua.

B. A. de Magalhães Taques.

Lição economico-politica

SEGUNDA PARTE

Varias questões sobre o credito

Primeira questão.—O uso do papel de credito nas transacções commerciaes influe para augmentar os preços das mercadorias?

Sim; mas o augmento dos preços pouco excederá ao custo de producção, e será de pouca duração. E' certo, que o accrescimo do papel de credito á moeda metallica importa augmento nos meios de comprar, e por consequencia maior procura de productos, e subida dos preços. Mas, augmentada a procura dos productos, os capitaes disponiveis affluem para a producção; os productos crescem, e os preços diminuem, porque ao accrescimo do meio circulante pela emissão do papel de credito corresponde maior numero de trocas a fazer. Além disso, logo que se nota que a moeda diminue de valor pela emissão do papel de credito, uma parte é desviada do officio de moeda, e applicada a outros fins. Então o valor da moeda sóbe, e os preços descem.

Os papeis de credito, que servem de instrumento de circulação, operam pois sobre os preços das mercadorias do mesmo modo, que o augmento da quantidade da moeda, quando se não faz necessario á circulação dos productos.

2.ª A emissão dos papeis de credito será um accrescimo de riqueza para a sociedade? Não. Um titulo de credito é um simples documento para cobrar de uma pessoa determinada certa somma de moeda. Ora este documento não é um objecto material, que por si mesmo possa satisfazer alguma necessidade do homem, ou ser applicado a uma nova producção.

Logo não é riqueza.

Emprestar dinheiro, ou vender mercadorias fiado, é transferir uma riqueza já existente. Com esta transferencia não ha creação nova de moeda, nem de mercadorias. Logo, não ha augmento de riqueza para a sociedade.

Mas quem toma dinheiro por emprestimo, ou compra fiado, obriga-se ordinariamente, por escripto, a pagar dentro de um praso quantia igual á que recebe, ou o preço das mercadorias que compra. E o que importa este titulo para quem dá o dinheiro, ou vende as mercadorias a praso? Importa uma segurança de haver quantia igual á emprestada, ou o preço das mercadorias vendidas, e nada mais. Elle não constitue pois uma riqueza para a sociedade, nem para o possuidor, que ficará mais pobre, se o devedor não tiver com que pagar.

3.ª Mas dirão: os papeis de credito substituem a moeda; e se esta é riqueza, aquelles o devem ser.

E' certo, que os papeis de credito substituem a moeda, mas como representantes della, e não porque lhe sejam identicos.

A moeda não representa nenhum valor; tem-no proprio, não só em razão do metal, como da fórma, que o torna mais proprio para o officio de instrumento de tróca. E se antes de ser amoedado, o metal vale como producto geralmente procurado; é claro que o valor da moeda tem o seu fundamento primario no valor do mesmo metal, cuja acquisição demanda trabalho.

Os papeis de credito ao contrario nada valem por si mesmos; são aceitos e giram pela confiança nos subscriptores e porque conferem o direito a certa somma de moeda.

Este direito, cuja effectividade a lei civil assegura, sujeitando ao pagamento da divida todos os bens do devedor, e sobretudo a confiança, são os motivos da aceitação e circulação dos papeis de credito. Mas outra é a razão, porque a moeda é aceita. Logo a moeda distingue-se essencialmente dos papeis de credito, posto que tambem façam o officio de moeda.

Outra distincção entre a moeda e os papeis de credito, até como instrumentos de circulação, é a seguinte: a moeda é um instrumento de tróca oneroso, porque a acquisição da materia custa trabalho; os papeis de credito ao contrario são instrumentos de troca quasi gratuitos, comparados com a moeda. A letra de um negociante, ou a nota de um banco, em que está exarada a promessa de pagar v. g. a quantia de cem mil réis em moeda metallica, não

(*) Vejam-se os §§, 74, 228, 230, 236, 242, 259, 755, 781, ns. 9, 10, 11, 791, 824, 827, 875, 885, 896, 898, 902, 904, da Grammatica analytica.

A Instrucção Publica: Publicação Hebdomadaria (RJ) - Ano 1872\Edição 00030 (1)

Grammatica Analytica da Lingoa Portugueza. — Temos nesta côrte exames publicos para o magisterio, para as promoções em diversas repartições publicas, para a entrada nas mesmas, para as matriculas nos cursos superiores, etc., etc. Em todos estes exames á excepção dos ultimos (porque nas academias não se precisa saber portuguez) figura como principal o exame da lingoa portugueza. Entretanto, ao passo que nas outras materias designa-se o livro que deve servir de norma ao examinador e ao examinando, em grammatica não ha nenhum. Não nos admira: n'esta boa terra quantas coisas ha que não se resolvão pelo absurdo?! Pois dá-se o caso, pelo menos extranho, de os examinadores perguntarem por um systema que têm adoptado, e os examinandos responderem pelo que têm aprendido, systemas que muitas vezes differem em classificações, em formulas, em definições, etc., etc. Ora, quem ha que não seja capaz de prever os resultados de uma tal anarchia ? !

Foi sempre o nosso proposito procurar, em os numerosos manuaes de grammatica, algum que mais se approximasse dos dictames da boa logica. Debalde o temos feito ha muito tempo, porque, sempre que de bôa mente temos aceitado os principios estabelecidos pelos nossos diversos grammaticos, e tentado a sua prova pela applicação delles á analyse

dos classicos, só temos conseguido verificar a impossibilidade de conciliar os mesmos principios com a realidade litteraria.

E, para não incorrermos na pécha de censor irreflectido ou de pessimista exagerado, citaremos ao menos, dentre mil exemplos, um que comprova a nossa asserção; escolhemo-lo de proposito entre as especies de palavras cujo emprego é mais frequente na lingoagem ordinaria, e cuja theoria parece das mais faceis.

Todos os nossos grammaticos limitão-se a distribuir em duas unicas classificações a palavra *que*, fazendo della um pronome relativo ou uma conjuncção, parecendo nisso copiar a grammatica franceza em que tal facto se dá. Entretanto, procurando applicar esta classificação ao dito de Vieira : « *Que homem ha, senhores, que não busque o descanço* ? » achamo-nos completamente impossibilitados de classificar o primeiro *que*. Será pronome? será conjuncção ? No primeiro caso qual é o seu antecedente? No segundo, quaes são as partes ligadas?....

Dicant paduani.

Não se diga que é uma questão de *lana caprina*! Não ! Nenhuma falsidade deste genero deixa de arrastar no ensino consequencias funestas. Duas capitaes nos occorrem : 1ª os meninos acostumão-se muito cêdo a considerar as regras da grammatica como *balas* que, por terem diametro maior que o da bocca da peça, são inuteis nos arsenaes por não servirem na occasião precisa ; e, medindo então umas pelas outras cousas, descrêm de tudo quanto lhes ensina o mestre.

A segunda é ainda mais momentosa. — Não será bastante indecoroso, para nós, que os vindouros nos possão exprobrar de não termos sabido grammatica, por encontrarem, como se encontrão, tantos erros crassos, e o que mais é, nos documentos os mais solemnes, como sejão as leis, os decretos, os regulamentos, de nossa época ? ! Deve, pois, valer alguma coisa o saber grammatica.

Forão estas ponderosas razões que nos levárão a lêr, e a recommendar aos nóssos leitores que leião, a *Grammatica analytica* do Sr. Adriano Grivet, publicada o anno passado, admiran-

do-nos que um estrangeiro se abalançasse a emprehender uma tal tarefa e a sahir-se della como elle o fez. E' uma novidade velha! exclamarão os leitores. — E' verdade, lhes replicamos nós; mas novidade util, e, em todos os sentidos, uma novidade.

Não podemos dar aqui uma analyse critica do trabalho do Sr. Grivet, por que os estreitos limites desta chronica já o não permittem. Passaremos, pois, a outra materia; promettemos, porém, aos nossos leitores, em occasião mais opportuna, um trabalho critico circumstanciado, onde apontaremos alguns defeitos que se encontrão na dita obra, como é dever do critico imparcial.

Revista Mensal da Sociedade (RJ) - Ano 1866\Edição 00009 (1)

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

Instrucção publica.

O PROFESSOR MANOEL JOSÉ PEREIRA FRAZÃO E OS EXAMES DE PORTUGUEZ.

Por occasião dos exames de portuguez eu recebi de diversas pessoas autorisadas signaes inequivocos de approvação ao modo por que exerci minhas funcções de examinador. Entretanto, por mais que me deva orgulhar da opinião de pessoas competentes, não me julgo dispensado de dar uma explicação ao publico sempre, e mais particularmente aos meus collegas, a respeito de censuras que até me tem sido feitas precisamente por aquillo que mais parecia ter constituido o principal mercito de minhas perguntas, se merito nellas houve.

Não me admiro desta diversidade de apreciações: as cousas humanas são sujeitas muitas vezes a juizos contradictorios; e não tenho, por certo, a pretenção ridicula de não receber senão elogios nos actos em que se póde achar envolvida minha obscura individualidade. Porém, como nesta circumstancia, as reprovações que me forão dirigidas vão directamente de encontro aos principios que eu considero os mais importantes na theoria grammatical que tenho adoptado, entendi que não haveria, nem presumpção, nem inconveniencia em me defender contra imputações inspiradas, talvez por um sentimento de honra, antes que pela convicção profunda de que sigo uma marcha erronea em grammatica.

O publico me relevará que me occupe de uma questão que parece pessoal, attendendo a que, além das funcções provisorias de examinador, eu exerço outras que são permanentes, e nas quaes tenho necessidade, quer para conservar a confiança da autoridade, quer para merecer a consideração publica, que se me não considere abaixo da minha posição. E se me objectassem que minha posição de *mestre de escola* é muito humilde para que alguem se preoccupe do modo por que me comporto, eu responderia que tenho como regra de bom dever, desde que entrei na vida publica, fazer sempre o melhor que posso aquillo de que me encarrego, sem me importar muito do gráo em que me acho na escala social E, como não posso contar com defensores officiosos, como acontece aos personagens que occupão altas posições, será isso mais uma razão para que me seja permittido defender-me a mim mesmo.

As accusações que se me têm feito podem ser resumidas na seguinte proposição, que cada um commenta a seu modo: « Não me ter eu servido para minhas perguntas sobre grammatica dos differentes tratados que têm curso nos collegios, dando antes preferencia a uma obra quasi desconhecida, á grammatica analytica da lingua portugueza por Adriano Grivet. » A explicação é simples.

Uma vez que os tratados de grammatica adoptados nos differentes estabelecimentos de instrucção são quasi tão numerosos e tão diversos uns dos outros, como o são os proprios estabelecimentos, só me restava para satisfazer aos meus censores uma de duas alternativas: ou examinar a cada alumno segundo a grammatica que tivesse estudado, ou fazer de todas ellas reunidas um amalgama monstruoso de doutrinas contradictorias, de sorte que, por exemplo, o alumno que tivesse dito que os verbos só têm tres modos, tivesse tanta razão, como o que dissesse que têm quatro ou cinco, e assim por diante, em centenas de questões cuja solução não é tão indifferente como geralmente se crê.

Em presença destas duas alternativas, eu não sei que homem de bom senso deixaria de comprehender a impraticabilidade e o absurdo de qualquer das duas! E entretanto, eis em que tenho errado no dizer dos que me censurão!

O facto é que não temos grammatica official, e que se uma ha que, graças a uma autorisação provisoria, parece ter quasi conquistado esta posição, nem por isso deixa ella de ser rejeitada em muitos estabelecimentos particulares, sendo adoptada em outros com reservas da parte dos professores, que não fazem escrupulo em lhe alterar profundamente a doutrina. E tanto isto é assim que o ministro formulando o programma dos exames nada prescreven a este respeito, dominado sem duvida pelo pensamento de que seria inconveniente restringir ás mesquinhas proporções de um manual tão defeituoso quanto incompleto, as indagações dos examinadores em um ramo de estudos que de direito prima entre os outros seja dito sem offensa de ninguem.

Com effeito, qualquer que seja para o futuro a posição destes moços que hoje se instruem, aquillo de que elles hão de ter mais necessidade será sem duvida fallar e escrever correctamente sua lingua, porque, por effeito de um *prejuizo* que governa o mundo, quem não sabe escrever correctamente sua lingua é tido por ignorante em tudo o mais! E haverá entre nós muita gente que saiba escrever correctamente o portuguez?! Oh!... exclamarão indignados contra o *mestre de escola* que tem a ousadia de fazer uma tal pergunta. Pois bem! não se zanguem, que é a verdade: não ha muitos, nem cá por baixo, nem lá por cima. Eu poderia escolher as provas desta verdade entre os funccionarios os mais elevados, entre os homens de lettras os mais justamente estimados, e certamente os mais bem dotados! E, cousa notavel! os erros que elles commettem não são erros de inadvertencia, não; são erros dictados, impostos pela reminiscencia de falsas regras grammaticaes! De sorte que personagens da mais alta intelligencia, do mais fino espirito, devem a seus máos estudos na lingua nacional os unicos senões talvez que se deparão em seus escriptos.

Bem inspirado, portanto, foi o ministro, que comprehendeu o portuguez no curso de preparatorios! Era mais que tempo de obrigar os educadores da mocidade a dirigir seus esforços tambem para este importantissimo ramo de instrucção! Na mór parte dos collegios o professor tido como o mais incapaz nunca o era tanto que não pudesse ensinar a grammatica portugueza! Tornou-se até proverbial esta pergunta: « Quem não sabe portuguez? » Os meninos das escolas publicas retirão-se logo á 6ª classe, porque julgão desairoso estudar portuguez!

Quanto a mim, ainda que professor, nunca acreditei saber portuguez bastante por tê-lo aprendido em criança á força de decorações mais ou menos vazias de sentido nos livros que me tinhão posto entre as mãos. O desejo, ou antes a necessidade de entender o que ensinava a meus alumnos, e de conciliar os preceitos do manual em uso com a doutrina irrefragavel dos classicos, não tardou a mostrar-me a insufficiencia e as contradicções do livro que me servia de evangelho grammatical.

Poz-me então a consultar com uma impaciencia febril as grammaticas de que tinha noticia, não exceptuando a absurda e indigesta grammatica de J. Soares Barbosa, a qual, entretanto, no mundo dos pedantes e dos papalvos tem tanta autoridade como, entre os theologos, a versão dos *setenta*! Mas, ah! eu cahia de decepção em decepção; até que, cansado de nada encontrar que me satisfizesse, resolvi estudar attentamente os bons escriptores, e a formar pouco a pouco, pela pratica, um fundo de observações que fossem para mim outras tantas maximas sãs em grammatica.

Hoje, quando lanço a vista sobre essa época, já um pouco remota, de minha vida, eu experimento viva satisfação ao lembrar-me que este processo, longo e penoso, me fez descobrir muitos principios de que mais tarde achei a confirmação e a formula em uma obra em que aprendi uma boa parte do que sei de grammatica portugueza. O que me faltava então era um principio summario, geral, que me servisse de ponto de partida, e um methodo rigoroso que me guiasse no meio deste labyrintho. O principio eu o aprendi da bocca do autor da grammatica analytica, e é este: Para poder formular regras em grammatica, é preciso distribuir as palavras em diversas categorias; e, para saber a que categorias pertencem as palavras, é preciso observar lhes cuidadosamente as funcções; porque, muitas vezes acontece que uma mesma palavra, por preencher funcções diversas, pertence a categorias differentes, e se submette, por conseguinte, a regras especiaes. Exemplo: « Estes, conheço-*os* eu, mas não conheço *os* que lá estão » Ahi temos dous *os* que os nossos grammaticos se contentão de classificar como pronomes relativos. Entretanto, ao passo que o primeiro não dispensa a ideia de união, o segundo a não póde admittir! Como explicão os nossos grammaticos esta differença? Nem disso se occupão! Pois valia a pena! Pelo estudo das funcções destas palavras, se chega a conhecer que o primeiro é um pronome pessoal, e o segundo, um pronome demonstrativo.

Ha cinco annos que appareceu a grammatica analytica da lingua portugueza por Adriano Grivet. Eu conhecia o autor desde sua chegada ao nosso paiz, e tinha tido a vantagem de lhe ensinar a ler o portuguez. Singular coincidencia! Elle devia um dia tambem ensinar-me o verdadeiro caminho do estudo desta mesma lingua! A amizade que eu consagrava ao meu antigo mestre de francez, a confiança que depositava nos seus conhecimentos em linguistica, a audacia que elle tinha tido de se arrojar a uma empresa que me parecia acima dos esforços de um estrangeiro, e sobretudo o bom senso e o criterio com que sempre o vi proceder, tudo isso concorreu para que eu lesse, ou antes devorasse a obra logo que foi publicada.

Confesso que li para aprender, porque não pertenço á escola daquelles que se envergonhão de aprender, em vez de se envergonharem de ignorar. Tambem pouco me abalava o ser obra de um estrangeiro, porque penso, como o sabio Rollin: *Pouco importa donde nos venha o que é util, comtanto que frutifique.*

Quem, como eu, se der ao estudo da grammatica analytica sem prevenção, e com sincero desejo de aprender, experimentará mais de uma vez um sentimento de hesitação em se deixar arrastar pela via desusada que o autor traçou para fazer caminhar suas deducções; porém o attractivo da novidade, e o desejo de comprehender a razão de certas divisões realmente introduzidas logo no principio, e conduzem até as soluções felizes e inesperadas que mais adiante se descortinão. A primeira coisa que fere a attenção, e que desagrada, é uma mudança consideravel nas definições das palavras. Estas definições, que os nossos grammaticos têm credulamente copiado uns dos outros, com pequenas differenças para

salvar o plagiato, se apresentão sob uma fórma que parece extravagante, porque derrotão completamente as idéas preconcebidas. E, entretanto, pela reflexão, facilmente se reconhece, não só a exactidão, como a utilidade dellas. Digo utilidade para o ensino, porque com este amontoado de *pétas* que em nossas grammaticas se achão erigidas em aphorismos scientificos, os professores passão por verdadeiros apuros, para resalvarem a dignidade pedagogica, cada vez que encontrão um discipulo esperto, que deseja ser esclarecido sobre contradicções, que seu espirito encontra entre os factos da lingua e as regras de sua grammatica.

Que responderá o professor ao discipulo que lhe fôr perguntar se antes do relativo *que*, nas proposições restrictivas, tambem se ha de pôr virgula? Naturalmente o reprehenderá por querer saber mais grammatica do que Soares Barbosa! Entretanto o proprio Soares Barbosa não a empregava, violando assim por um instincto de correcção logica a falsa regra de sua grammatica. Este respeito que se guarda para com a opinião sem réplica do *mestre* Soares Barbosa me faz lembrar uma anecdota, que pelo autor não perca: Havendo o medico de um navio mercante (em alto mar), dado por morto a um pobre marinheiro acommettido de um ataque, tratava se de atira-lo ao mar, quando o doente, tornando a si, procurou impedir o acto, declarando que estava vivo. Não obstante foi alijado depois de reprehendido, por querer saber mais do que o medico!

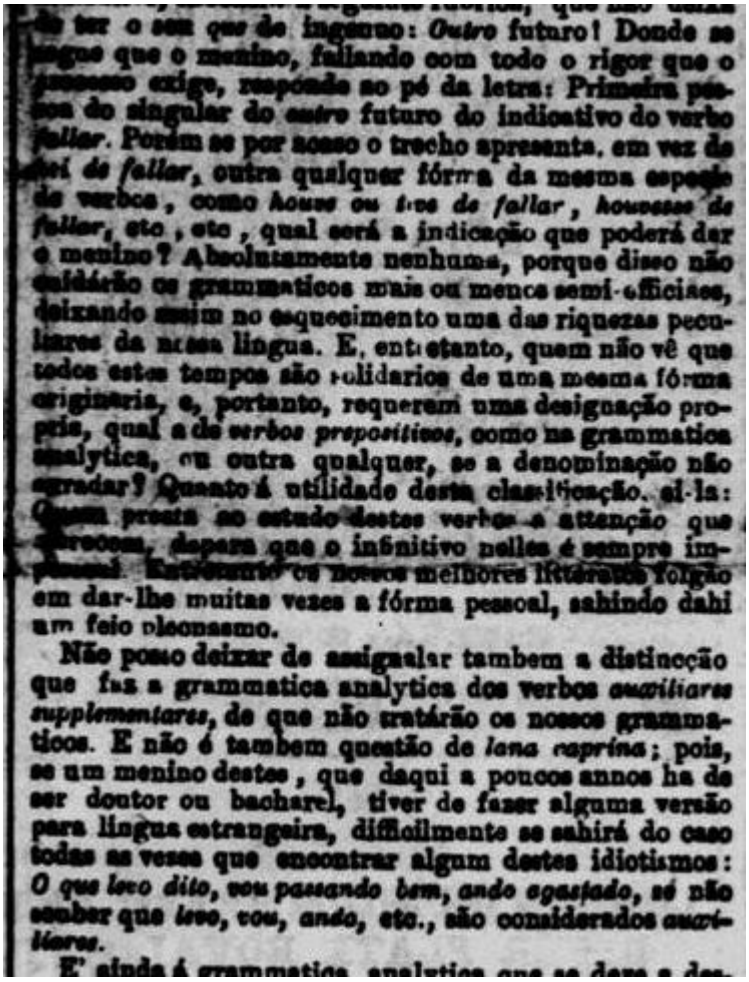
Entre nós, seja isso dito em honra de nossa classe, desde muito que se nota um desgosto extraordinario entre os professores pela falta de uma grammatica verdadeira, isto é, que não ensine regras falsas! Pois bem, ahi temos a grammatica analytica de Grivet, que é um livro que merece ser estudado, e que não póde ser confundido com os resumos mais ou menos acabados de Soares Barbosa, que vogão entre nós.

vogão entre nós.

Ninguem acredite que vou celebrar em estylo dithyrambico a grammatica analytica, só porque tive a lealdade de confessar a consideração que me merece o meu mestre e discipulo. Quem assim pensasse me confundiria com esses miseraveis intrigantes, que poem a sua reputação a serviço de especulações vergonhosas! Ora, eu estou persuadido de que, entre as pessoas que me conhecem, não exceptuando mesmo os desaffeiçoados (que os tenho), ninguem fará de mim um tal juizo. Esta reflexão, pois, vai aos que me não conhecem.

A grammatica analytica está longe de ser uma grammatica perfeita; sómente na minha opinião, é a melhor que existe em nossa lingua, a unica que valha a pena de ser sériamente estudada, a unica que encerra todos os elementos de um bom livro escolar. Retocada e alterada algum tanto em sua coordenação, augmentada de algumas questões que ainda lhe faltão, corrigida de alguns erros que o autor reconhece de boa fé, expurgada, finalmente, de muitos erros typographicos, ella virá a ser o tratado por excellencia de nossas escolas. Corre-me agora o dever de motivar esta minha preferencia por alguns exemplos.

Haveria muito que dizer sobre as definições que é, entre o autor foi mais feliz. Mas eu não posso escrever uma analyse circumstanciada neste artigo. Seria objecto de uma obra de maior fôlego. Sómente observarei a tal respeito que ha um grande inconveniente nestas definições falsas de nossas grammaticas; exemplos: *Syntaxe é a parte que ensina a compor a oração!* Ora, pelo amor de Deos! quando é que a composição da oração foi da alçada da syntaxe?! *Substantivo proprio é o que compete a uma só pessoa ou a um objecto unico, como Maria, Alexandre!!* Quem não sabe que ha milhares de Marias e de Alexandres?! Estas definições e outras de que estão cheias as nossas grammaticas me fazem lembrar esta, que encontrei não sei onde: *As interjeições são sempre monosyllabas*, como *ai!*, *valha-me Deos!* Na grammatica analytica, as definições são logicamente verdadeiras; e com esta só palavra tenho dito tudo. E' maior do que se pensa o inconveniente das falsas definições. O menos que póde acontecer, é incutir-se no animo dos discipulos intelligentes a desconfiança que os leva a tomar como pêta tudo quanto lhes ensina o mestre! E, quem sabe se não é a isso que se deve esta especie de repugnancia que se nota entre nós pelo estudo da grammatica, tanto da parte dos mestres, como dos discipulos? os primeiros, por andarem pouco seguros de si por essas andurriaes, e os segundos por verem contrariadas a cada passo as suggestões do seu bom senso, que vai desabrochando ao ardido calor da adolescencia?! Pois ha razão de sobra para que se vá robustecendo nelles a desconfiança de que fallei, e talvez mesmo a convicção de que as theorias grammaticaes são falsas! Encontra-se, por exemplo, em uma analyse a fórma — *hei de fallar* — o discipulo, chamado a contas, abre o seu manual, e lá, no modo indicativo, encontra a seguinte rubrica, que não deixa de ter o seu *que* de ingenuo: *Outro* futuro! Donde se



de ter o sem que do ingenuo: *Outro* futuro! Donde se segue que o menino, fallando com todo o rigor que o processo exige, responde ao pé da letra: Primeira pessoa do singular do *outro* futuro do indicativo do verbo *fallar*. Porém se por acaso o trecho apresenta, em vez de *hei de fallar*, outra qualquer fórma da mesma especie de verbos, como *houve ou tive de fallar*, *houvesse de fallar*, etc, etc, qual será a indicação que poderá dar o menino? Absolutamente nenhuma, porque disso não cuidárão os grammaticos mais ou menos semi-officiaes, deixando assim no esquecimento uma das riquezas peculiares da nossa lingua. E, entretanto, quem não vê que todos estes tempos são solidarios de uma mesma fórma originaria, e, portanto, requerem uma designação propria, qual a de *verbos prepositicos*, como na grammatica analytica, ou outra qualquer, se a denominação não agradar? Quanto á utilidade desta classificação, ei-la: Quem presta ao estudo destes verbos a attenção que merecem, depara que o infinitivo nelles é sempre impessoal. Entretanto os nossos melhores litteratos folgão em dar-lhe muitas vezes a fórma pessoal, sahindo dahi um feio pleonasmo.

Não posso deixar de assignalar tambem a distincção que faz a grammatica analytica dos verbos *auxiliares supplementares*, de que não tratárão os nossos grammaticos. E não é tambem questão de *lana caprina*; pois, se um menino destes, que daqui a poucos annos ha de ser doutor ou bacharel, tiver de fazer alguma versão para lingua estrangeira, difficilmente se sahirá do caso todas as vezes que encontrar algum destes idiotismos: *O que levo dito*, *vou passando bem*, *ando agastado*, se não souber que *levo*, *vou*, *ando*, etc., são considerados *auxiliares*.

E' ainda á grammatica analytica que se deve a dis-

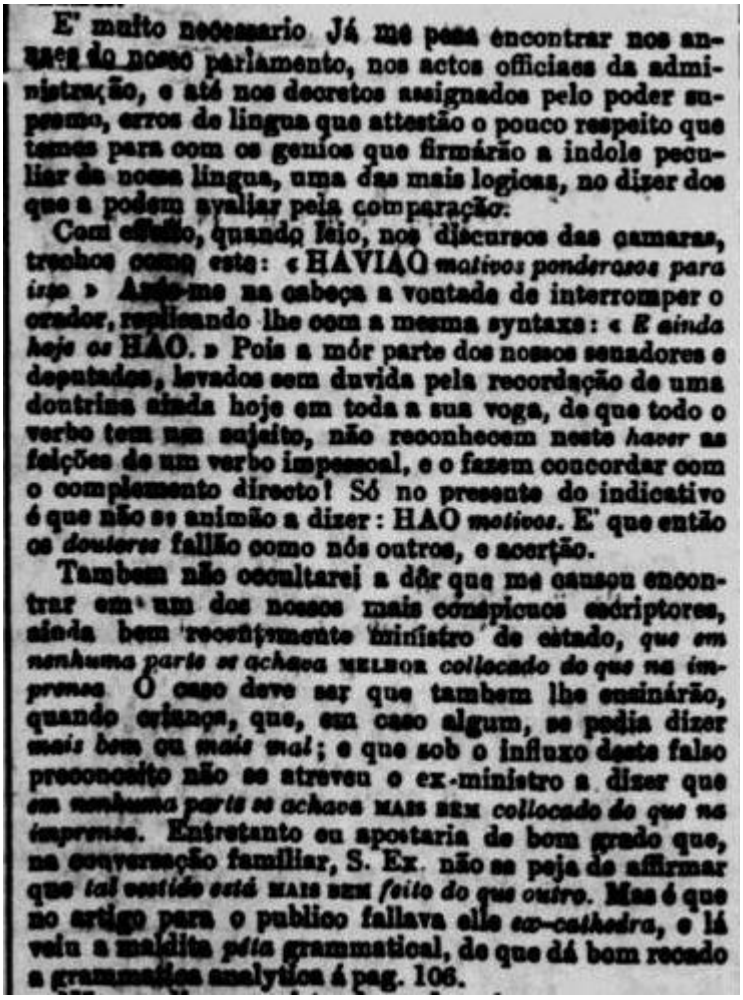
E' ainda á grammatica analytica que se deve a descoberta do methodo das substituições. Consiste este em substituir com um tino que em breve se adquire, uma palavra ou uma fórma de apreciação duvidosa por outra de apreciação determinada. Trata-se, por exemplo, de tornar claro a um alumno o motivo por que na locução *á vista disto*.... o *a* requer acento agudo, por haver ahi uma contracção de *aa*, bastaria mostrar-lhe que, substituindo-se a palavra *vista* por outra do genero masculino, *aspecto*, o artigo se apresenta—*ao aspecto disto*.... Este methodo é de grande alcance nas investigações analyticas.

Não será uma das boas pêtas de que fallei anteriormente, o ensinar-se nas nossas escolas que as palavras chamadas *em vocativo* são syntaxicamente sujeitos de verbos occultos, como se as fórmas latinas *fili*, *domine*, etc, não devessem advertir que tal não póde ser, em caso algum a funcção das mesmas palavras, porque o sujeito não admitte em latim outra fórma que não a de nominativo e o accusativo por excepção? Entretanto um grammatico nosso mui distincto raciocina deste modo: Quando digo: « Pedro vem cá », ha ellipse de *attende-me*; de sorte que é preciso dizer: *Attende-me, Pedro, vem cá!* E' *Pedro* sujeito de *attende*, sem que, comtudo o pudesse ser de *vem*! Encontrei entre os moços que examinei um assaz sensato que classificou esta theoria de *contrasenso*, porque, dizia elle, se Pedro, sujeito de 3ª pessoa, pudesse reger um verbo na 2ª pessoa, por que razão não regeria logo a *vem*? Achei espirituosa a resposta, e provoquei o estudante a explicar a razão do *contrasenso*. Eis o que me respondeu o malicioso: a razão não póde ser outra senão o ser *attende* uma creatura do autor, o qual bem podia construi-lo com a condição de não dar satisfações ás regras da syntaxe! Não pude deixar de applaudir o estudante, e contei-lhe a anecdota de certa senhora, que tendo errado uma palavra em um livro, respondeu ao indiscreto que a corrigira: *O livro é meu, custou o meu dinheiro, posso lê-lo como me parecer!*

Ora agora, perguntarei eu aos homens sensatos que entendem da materia, deveria eu, examinador, acceitar, como perfeitamente logicas, taes e quejandas respostas, só porque *sic magister dixit?* Mas era tão facil resolver a questão pelo bom senso, admittindo a doutrina da grammatica analytica: *As palavras em apostrophe, ou em vocativo são interjeições impropria*s! E' verdade que os pequenos pagarão as culpas dos grandes, e bem se podia dizer a este respeito: *Quidquid delirant reges, plectuntur Achivi* Mas, no fim de contas, quem é o culpado? o examinador?!....

Não sei se consegui, com o pouco que disse, desvendar alguns olhos tapados pela prevenção, e animar aquelles que, encarregados de guiar a mocidade nos seus estudos, se deixão levar, por uma desidia reprovavel, a dar o menor dos seus cuidados ao ensino da lingua patria. Quanto a mim, desejei tão sómente despertar a attenção, e dirigi-la para aquelle assumpto, julgando-me por isso mesmo justificado das censuras que me forão irrogadas na occasião dos exames. Bastaria que o meu procedimento não tivesse sido reprovado officialmente, para que eu ficasse satisfeito com o desempenho das minhas funcções, muito principalmente quando nunca solicitei nem desejei a honra de ser examinador; antes pelo contrario, fiquei admirado de me haver a administração distinguido com uma commissão que de direito cabia a outros professores de reconhecida illustração. Uma nova circumstancia, porém, me faz acreditar que o meu procedimento mereceu a approvação da autoridade, visto como fui de novo honrado com o convite para examinador de rhetorica. Devo, portanto, ficar tranquillo a este respeito.

Quer me parecer que não serão de todo inuteis as numerosas advertencias que tive de fazer sobre a deficiencia dos estudos grammaticaes em portuguez, e que se notará algum progresso neste sentido nos proximos exames.



E' muito necessario. Já me pesa encontrar nos annaes do nosso parlamento, nos actos officiaes da administração, e até nos decretos assignados pelo poder supremo, erros de lingua que attestão o pouco respeito que temos para com os genios que firmárão a indole peculiar da nossa lingua, uma das mais logicas, no dizer dos que a podem avaliar pela comparação.

Com effeito, quando leio, nos discursos das camaras, trechos como este: « HAVIAO *motivos ponderosos para isso* » Anda-me na cabeça a vontade de interromper o orador, replicando lhe com a mesma syntaxe: « *E ainda hoje os* HAO. » Pois a mór parte dos nossos senadores e deputados, levados sem duvida pela recordação de uma doutrina ainda hoje em toda a sua voga, de que todo o verbo tem um sujeito, não reconhecem neste *haver* as feições de um verbo impessoal, e o fazem concordar com o complemento directo! Só no presente do indicativo é que não se animão a dizer: HAO *motivos*. E' que então os *doutores* fallão como nós outros, e acertão.

Tambem não occultarei a dôr que me causou encontrar em um dos nossos mais conspicuos escriptores, ainda bem recentemente ministro de estado, *que em nenhuma parte se achava* MELHOR *collocado do que na imprensa*. O caso deve ser que tambem lhe ensinárão, quando criança, que, em caso algum, se podia dizer *mais bom* ou *mais mal*; e que sob o influxo deste falso preconceito não se atreveu o ex-ministro a dizer que *em nenhuma parte se achava* MAIS BEM *collocado do que na imprensa*. Entretanto eu apostaria de bom grado que, na conversação familiar, S. Ex. não se peja de affirmar que *tal vestido está* MAIS BEM *feito do que outro*. Mas é que no artigo para o publico fallava elle *ex-cathedra*, e lá veiu a maldita *pêta* grammatical, de que dá bom recado a grammatica analytica á pag. 106.

Não se diga que isto de nada vale, que são cousas sem importancia! A tratar-se com este desprezo a arte de fallar correcto, iremos longe. E, se não, vejão. Outro que não foi ainda, mas que talvez breve venha a ser ministro, tambem escrevia ha pouco, em um relatorio do ministro da fazenda, que *os empregados da alfandega de Santos erão os* MELHORES *retribuidos do Imperio* ! ! E que me dizão desta?

Não me pesa muito confessar que os professores publicos da côrte não têm fama de grandes litteratos; entretanto não me consta que sejão tão irreverentes para com a lingua patria.

Terminarei, pois, o meu artigo repetindo com profunda convicção: E' tempo, e mais que tempo, que o ensino da lingua nacional tenha nos collegios a importancia que lhe compete.

O professor, M. J. Pereira Frazão.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1870\Edição 00039 (1)

A INSTRUCÇÃO PUBLICA

FOLHA HEBDOMADARIA

DIRIGIDA POR

J. C. DE ALAMBARY LUZ

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R. 52-2.370

Numero 30. **Rio de Janeiro.** **3 de Novembro de 1872.**

SUMMARIO

GRAMMATICA—OS GERUNDIOS E PARTICIPIOS PRESENTES, pelo *conselheiro M. Taques.*
VARIAS QUESTÕES SOBRE O CREDITO, pelo *conselheiro Autran.*
CURSOS DE ESTUDOS PELO SR. RAPET, por *A. Cony.*
ORGANISAÇÃO E REGIMEN DAS ESCOLAS PRIMARIAS, por *A. S. da Costa.*
AINDA OS EXAMES DE PORTUGUEZ, por *A. Cony.*
HISTORIA DO COLLEGIO DE PEDRO II, (documento n. 1)—, por *P. Junior.*
EXPEDIENTE DA FACULDADE DE MEDICINA DA CÔRTE.

Grammatica

OS GERUNDIOS E PARTICIPIOS PRESENTES

Discordam os grammaticos na classificação dos tempos do infinito da lingua portugueza. Uns não lhe dão gerundios; outros comprehendem nos gerundios os participios presentes, na sua forma actual, emquanto alguns distinguem os dous tempos. Tocando de leve nas questões theoricas, a que é de necessidade me reporte, tratarei especialmente da pratica, dos usos da lingua.

Tinha primitivamente a lingua portugueza, a maneira da latina, participios presentes activos, acabados em *ante, ente. inte,* os quaes requeriam os mesmos complementos que o verbo. Assim diziam os antigos escriptores: *perolas imitantes a côr da aurora*; pão *roborante* o coração; *terrificante* aos demonios, aguia *mais voa ite*; palavras *estipulantes*. Estes participios eram ao mesmo tempo adjectivos qualificativos, da mesma sorte que os latinos de que se derivavam, e os francezes. Cahiram, porém, em desuso, e perdendo a primeira significação activa, ficaram reduzidos simplesmente a nomes appellativos e adjectivos attributivos, como: *amante, estudante, regente, vivente, ouvinte, pedinte.*

Para supprir os participios presentes, recorreu-se ao gerundio em *do* dos latinos, aos quaes tomámos os nossos gerundios da mesma terminação (em *ando, endo, indo*), e usamol-os como participios.

Mas cumpre observar que, empregados como participios, os gerundios não perdem jamais a sua natureza verbal, não ficam destituidos da sua significação activa, transeunte ou não, e por tanto não podem apparecer como meros adjectivos attributivos: não se diz *aguia mais voando*. Este ponto é capital; pois a explical-o se dirige quanto tenho de dizer.

Difficil é determinar em cada caso se o verbo está no participio ou no gerundio, pois a forma é identica, a differença é ás vezes subtil, e de pouco valor pratico.

— Tratarei dos usos de um e outro em nossa lingua, sem maior cuidado de sua discriminação, que se faz tendo em mente a grammatica latina.

1.° Emprega-se o gerundio com a preposição *em*, para expressar a época, actualidade: *em amanhecendo*, irei, isto é, *ao amanhecer, logo que, depois que amanhecer*, uma vez que *como amanheça, pela manhã* irei; e nestas proposições e complementos se póde converter o gerundio. Ordinariamente cala-se a preposição, salvo quando se quer empregar emphase e exprimir instantaneidade. *Em vendo* o signal, sigo; *em chegando*, trate disso: isto é, logo, immediatamente.

2.° Serve tambem o gerundio para exprimir o modo, meio, causa, fim da acção expressada pelo verbo: entrou na cidade *correndo*, isto é, *a correr, na carreira*; alcançou a paz de espirito *orando*, isto é, *a orar, pela oração, com orações*; veio *queixando-se*, isto é, *a queixar-se, a fazer queixa, queixoso*; foi-se *chorando*, isto é, *a chorar, choroso, em choro.*

Nestes exemplos o gerundio, que no latim não é mais do que o infinito declinado, toma-se pelo substantivo para formar um complemento e modificar o verbo ou o nome a que se ajunta, de alguma sorte faz as vezes de adverbio. Assim na lingua allemã em que os participios presentes se usam como adjectivos qualificativos, dizem os grammaticos, como Gross e Shiefler § 128, o participio presente ou gerundio serve como adverbio, o que recorda o hebraismo *plons ploravi* das sagradas letras.

3.° Explica o gerundio a condição, e póde ser convertido em oração circumstancial com a conjuncção *se* ou outra. *Querendo* saber estuda, isto é, *se queres* saber estuda, ou estuda *para saber; sabendo-se* bem a lingua latina, facil é aprender as linguas della derivadas, isto é, *uma vez que* se saiba. Da mesma sorte exprime outras circumstancias, como: *sendo*

bom, não póde evitar o mal, isto é, *com ser, por ser bom, apezar de bom, com quanto seja bom.*

4.° Já se vê como o gerundio se combina com verbos para formar os frequentativos e incoativos: vou *indo*, estou *envelhecendo*, ando *caçando*, estou *escrevendo*, fico *cuidando*, isto é, a escrever, a cuidar; estando *pregando*, isto é, a pregar.

Nestes casos o tempo do infinito que assim combina-se com outro verbo é propriamente um gerundio, ou um participio presente que faz as vezes do attributo da oração.

O gerundio, como se vê nos exemplos rêferidos e em outros que hão de seguir-se, é supprido pelo infinito com uma preposição *a, para, por, de, com* e troca-se pelo que podemos chamar supino, ou por linguagens correspondentes aos gerundios latinos em *di* e *dum*.

5.° Pois que a acção expressada pelo verbo prende-se estreitamente ao sugeito e delle depende, podemos exprimir a maneira, as circumstancias da acção collocado o gerundio como apposto ao sujeito. Por onde o Ganges *murmurando soa*, é o mesmo que—por onde o Ganges *soa murmurando, a murmurar, murmurante, com murmurio*. Passou um cysne *nadando*, ou passou *a nadar, a nado*.

6.° Igualmente ao complemento do verbo póde-se por apposição juntar o gerundio, quando o complemento representa o agente da acção significada pelo gerundio; *vi um passaro voando*, isto é, vi um passaro *a voar*; *ouvi* um grande *orador fallando*, ouvi *a fallar*, ou ouvi *fallar* um grande orador; vi-o *chorando* ou *a chorar, em choro*, choroso; Miguel Angelo é o autor do Cupido dormindo, isto é, a dormir.

7.° Quando o sujeito da oração principal é o mesmo do gerundio ou participio presente representa o participio ou gerundio um verdadeiro apposto ou complemento do sugeito, ou do attributo grammatical.

Recebendo ou em recebendo aviso, manda Cesar levantar o campo; Deus *sendo* justo (isto é, por que é ou por ser justo) hade recompensar a virtude; o rei *sendo* bom, edifica o povo; o doente *dormindo* bem, dá esperanças de melhora; o verbo está no singular, *concordando* com o sugeito; não me espanto, *vendo* tantas novidades, isto é, de ver.

Diversamente do que se observa quando o sugeito da oração principal não é o mesmo do participio, póde este seguir-se ao sugeito a que é apposto, como se mostra em alguns exemplos acima e no trecho seguinte de Heitor Pinto: Fulgencio Africano *escrevendo* a Theodoro, que sendo Senador Romano deixara o mundo, lhe diz. Dialogo da tranquillidade da vida. Cap. 15.

8.° Quando o gerundio tem sugeito diverso do da oração a que é subordinado, constitue como participio uma oração circumstancial, correspondente aos chamados ablativos absolutos dos latinos, e quando o verbo que se segue ao participio tem o mesmo sugeito ou a elle se refere, o participio toma no latim o caso conveniente.

1. *Nascendo* o sol, fogem as trevas (sole oriente); *Reinando* Priamo, foi Troia tomada (*regnante Priamo*);

2.° *Preparando-se* Augusto a partir para Africa, continuas tempestades o detiveram (*Augustum in Africam trajicere parantem continuæ tempestates inhibuerunt*).

Aqui o participio é apposto ao complemento do verbo da oração principal.

Em semelhantes casos póde o participio presente ser substituido pelo participio passado, ou pelo participio composto, pois *morrendo, morto, sendo morto, tendo morrido* Antonio, valem quasi o mesmo.

Pode-se tambem converter a oração de participio em outra do indicativo ou conjunctivo com as conjuncções *quando, em quanto, como, visto que*; da mesma sorte que o faziam os latinos com as preposições *dum e quam, quo e quod, si e ubi*, segundo as circumstancias fazem de tempo em que ou depois que, ou de causa, condição, das quaes tenho tratado.

A oração do participio passado composto converte-se igualmente na de modo indicativo com a conjuncção *depois que*, ou na de conjunctivo com a conjuncção *como*.

9.° O uso do participio como apposição leva ao abuso, e muitas vezes não é facil determinar se o participio está empregado de conformidade com o que fica dito nos paragraphos antecedentes, ou foi usado viciosamente em lugar de um adjectivo qualificativo. O Sr. Grivet em sua Grammatica analitica, em que ha muito que aproveitar, escreveu (§ 354) que « o gerundio simples, ou anda ligado a um auxiliar e então serve para formar um verbo combinado, ou anda ligado como *mero qualificativo* a um substantivo ou pronome e então constitue uma apposição. » Dá elle o seguinte exemplo do 2.° caso: Respeito e veneração aos homens *caminhando* com firmeza na vereda do justo e do honesto. E desenvolvendo com alguma incoherencia a sua doutrina nos §§ 694 e 695, diz « repugnarem as palavras de sentido verbal a modificações *lembrando* quer um substantivo, quer um adjectivo. » Estas phrases de que se acham muitos exemplos na referida Grammatica destoam dos bons usos e offendem a consciencia irreflectida das conveniencias da liugua.

Não se póde dizer em portuguez: é um caçador *atirando bem*, em vez de um caçador *que atira bem*, ou *bom atirador*; está na cidade um inglez *entendendo bem* de physica; Marcello está um menino *lendo bem*; tenho um cavallo *andando bem*, em

vez de *que anda bem, bom andador*, de *bom* andar; dei a um sujeito *andando mal* um bom conselho, isto é, a um sujeito que vae mal, ou andando elle mal, a um maleante; conseguiu o resultado desejado por seus esforços *convergindo* ao mesmo fim; deve ser *convergentes*; são os homens *praticando* a sciencia os mais suspeitos em certos paizes; deve-se dizer—que praticam a scienoia. Camões disse:

A Jupiter, seu pae, favor pedia
Para Enéas, seu filho, *navegando*

Mas nem tudo que disse o grande poeta é para ser imitado. (*)

Cada lingua tem seus usos, e cumpre guardar as suas analogias. No francez o participio presente invariavel é ao mesmo tempo adjectivo qualificativo variavel, como os nossos antigos participios em *ante, ente, inte.*

No allemão o participio presente ou gerundio emprega-se como adjectivo qualificativo ou como nome appellativo, mas não como attributo grammatical.

As difficuldades que encontramos para reconhecer o uso vicioso do participio dão-se na applicação de todas as regras, mas não invalidam-nas.

A questão é resolvida mais promptamente e melhor pelo sentimento pratico do genio e dos usos da lingua do que pelos principios theoricos. Na duvida usarei da oração incidente com o relativo *que*, ou do adjectivo verbal ou outro analogo, ou tornarei sem equivoco a proposição de participio, dando-lhe por sugeito expresso o pronome. A falta de sugeito claro é causa frequente de amphibologia, nas orações de participio, e pelo sentido vago que lhe dá altera a funcção do participio.

Concluindo insisto em que o participio presente ou gerundio não póde ser empregado para significar meramente qualidade; envolve elle com a significação do attributo a idéa de tempo. Instinctivamente comprehende-se que *Cupido dormindo*, no exemplo que dei, é phrase correcta, emquanto outras repugnam á indole da lingua.

B. A. de Magalhães Taques.

Lição economico-politica

SEGUNDA PARTE

Varias questões sobre o credito

Primeira questão.—O uso do papel de credito nas transacções commerciaes influe para augmentar os preços das mercadorias?

Sim; mas o augmento dos preços pouco excederá ao custo de producção, e será de pouca duração. E' certo, que o accrescimo do papel de credito á moeda metallica importa augmento nos meios de comprar, e por consequencia maior procura de productos, e subida dos preços. Mas, augmentada a procura dos productos, os capitaes disponiveis affluem para a producção; os productos crescem, e os preços diminuem, porque ao accrescimo do meio circulante pela emissão do papel de credito corresponde maior numero de trocas a fazer. Além disso, logo que se nota que a moeda diminue de valor pela emissão do papel de credito, uma parte é desviada do officio de moeda, e applicada a outros fins. Então o valor da moeda sóbe, e os preços descem.

Os papeis de credito, que servem de instrumento de circulação, operam pois sobre os preços das mercadorias do mesmo modo, que o augmento da quantidade da moeda, quando se não faz necessario á circulação dos productos.

2.ª A emissão dos papeis de credito será um accrescimo de riqueza para a sociedade? Não. Um titulo de credito é um simples documento para cobrar de uma pessoa determinada certa somma de moeda. Ora este documento não é um objecto material, que por si mesmo possa satisfazer alguma necessidade do homem, ou ser applicado a uma nova producção.

Logo não é riqueza.

Emprestar dinheiro, ou vender mercadorias fiado, é transferir uma riqueza já existente. Com esta transferencia não ha creação nova de moeda, nem de mercadorias. Logo, não ha augmento de riqueza para a sociedade.

Mas quem toma dinheiro por emprestimo, ou compra fiado, obriga-se ordinariamente, por escripto, a pagar dentro de um praso quantia igual á que recebe, ou o preço das mercadorias que compra. E o que importa este titulo para quem dá o dinheiro, ou vende as mercadorias a praso? Importa uma segurança de haver quantia igual á emprestada, ou o preço das mercadorias vendidas, e nada mais. Elle não constitue pois uma riqueza para a sociedade, nem para o possuidor, que ficará mais pobre, se o devedor não tiver com que pagar.

3.ª Mas dirão: os papeis de credito substituem a moeda; e se esta é riqueza, aquelles o devem ser.

E' certo, que os papeis de credito substituem a moeda, mas como representantes della, e não porque lhe sejam identicos.

A moeda não representa nenhum valor; tem-no proprio, não só em razão do metal, como da fórma, que o torna mais proprio para o officio de instrumento de tróca. E se antes de ser amoedado, o metal vale como producto geralmente procurado; é claro que o valor da moeda tem o seu fundamento primario no valor do mesmo metal, cuja acquisição demanda trabalho.

Os papeis de credito ao contrario nada valem por si mesmos; são aceitos e giram pela confiança nos subscriptores e porque conferem o direito a certa somma de moeda.

Este direito, cuja effectividade a lei civil assegura, sujeitando ao pagamento da divida todos os bens do devedor, e sobretudo a confiança, são os motivos da aceitação e circulação dos papeis de credito. Mas outra é a razão, porque a moeda é aceita. Logo a moeda distingue-se essencialmente dos papeis de credito, posto que tambem façam o officio de moeda.

Outra distincção entre a moeda e os papeis de credito, até como instrumentos de circulação, é a seguinte: a moeda é um instrumento de tróca oneroso, porque a acquisição da materia custa trabalho; os papeis de credito ao contrario são instrumentos de troca quasi gratuitos, comparados com a moeda. A letra de um negociante, ou a nota de um banco, em que está exarada a promessa de pagar v. g. a quantia de cem mil réis em moeda metallica, não

(*) Vejam-se os §§, 74, 228, 230, 236, 242, 259, 755, 781, ns. 9, 10, 11, 791, 824, 827, 875, 885, 896, 898, 902, 904, da Grammatica analytica.

A Instrucção Publica: Publicação Hebdomadaria (RJ) - Ano 1872\Edição 00030 (1)

penna um pouco mais livremente quando fizemos uma referencia á pessoa do Chefe do Estado.

O homem sensato e desapaixonado que acompanhar o nosso procedimento, não poderá deixar de perceber que naquillo não houve nenhuma intenção de menoscabar a primeira autoridade da Nação, a quem sempre prestámos o acatamento que lhe é devido.

E', pois, uma imprudencia insistir nesse ponto. Será pobreza de assumpto? Ora, deixem-se disso, que estão perdendo o seu tempo. Melhor seria que nos deixassem em paz discutir tantas questões importantes que ahi estão adiadas.

Vamos! E' tempo de pôrmos a nossa actividade a serviço da grande causa nacional! Não esperdicemos o nosso tempo com uma polemica tão esteril e prejudicial.

A escóla de S. Sebastião.

A illustrissima Camara Municipal acaba de realisar o seu patriotico pensamento de auxiliar o governo na difficil tarefa de diffundir a instrucção pelas massas. No dia 4 do corrente foi inaugurada a primeira escóla municipal, e já se achão abertas suas aulas ao publico.

Uma associação que tem por titulo —Protectora da infancia desvalida— e que é presidida pelo illustrado e benemerito cidadão, presidente da Camara, o Illm. Sr. Dr. Ferreira Vianna, tem já distribuido vestuario decente a mais de 100 meninos pobres para poderem frequentar a escóla.

Actos destes não se commentão: elles só por si recommendão seus autores á gratidão nacional.

Como cidadão não podemos calar a voz do sentimento de gratidão que nos domina por um serviço tão importante prestado ao paiz.

Como orgão do professorado, porem, a nossa gratidão sobe de ponto, e não nos podemos furtar ao dever de render o devido preito áquellas illustres e benemeritas corporações: á Sociedade Protectora da Infancia por vir remover o maior dos obstaculos á instrucção do povo, e á illustrissima Camara Municipal pela consideração que nos dá incumbindo da direcção de suas escólas a um dos nossos mais estimados collegas, o prestimoso professor C. M. de Faria Pardal.

Esta escolha em qualquer outra occasião nos seria sempre agradavel; porem agora principalmente ella é de tal modo significativa, que não podemos occultar o jubilo de que estamos possuido, pois ella prova que aquelles sensatos representantes do povo não acompanhão a opinião dos que pensão que é desautorando o professorado que se ha de conseguir reformar a instrucção publica.

Com effeito, não era difficil encontrar entre tantos cavalheiros illustrados no magisterio particular, algum especialista que viesse com todo o prazer dar direcção aos trabalhos das escólas municipaes. Nem se poderia com justiça censurar a escolha por ser fóra do magisterio publico. Porem vir escolher o director no nosso gremio, foi manifestar ao publico o desejo sincero de dar ao magisterio publico uma consideração que os poderes do Estado não lhe terião por certo concedido.

Aceite, pois, a illustrissima Camara os nossos sinceros agradecimentos, e o collega, os nossos parabens, e os votos que fazemos para que corresponda á confiança que nel le foi depositada.

INEDITORIAES

A Grammatica e os Grammaticadores

IV.

Nos meus dois primeiros artigos expliquei ao publico a necessidade em que estava de justificar-me perante os homens competentes de arguições que se me têm feito por discordar no meu ensino de certas proposições, que passão por aphorismos grammaticaes, e que eu classifiquei de *disparates* e *contrasensos*.

No terceiro, tive necessidade de interromper a minha exposição para explicar o sentido de algumas insinuações que o Sr. Dr. Jacy Monteiro entendeu lhe erão dirigidas. Era materia urgente; foi forçoso dar-lhe preferencia.

Hoje, porem, que felizmente me vejo desembaraçado de questões pessoaes, posso entrar na materia em discussão.

Cumpre-me declarar com toda a sinceridade de que sou capaz, que nenhuma intenção tenho de molestar a quem quer que seja. Escrevendo, usarei de toda a liberdade em minhas apreciações, ficando uma vez por todas, estabelecido que são as opiniões, e não os autores, que vou analysar.

Dentre os ramos do ensino elementar nenhum reclama hoje das pessôas competentes mais serio esforço de attenção que o estudo da Grammatica.

Pretender occupar a attenção dos leitores com a importancia da materia, seria gastar inutilmente o tempo em logares communs, como faria quem só escrevesse para satisfazer ao seu amor proprio. Não, não é pela importancia de um tal estudo que eu digo que elle reclama serio esforço de attenção da parte daquelles que, em materias de instrucção, têm o poder das *chaves*. Mas em attenção ás necessidades praticas de um ensino tão generalisado, em consequencia da pavorosa anarchia que nelle se tem introduzido.

Com effeito, os candidatos que têm de demonstrar suas habilitações em Grammatica, vêm-se na triste contingencia de esperar do acaso, ou do Santo *Empenho*, esse poderoso, mas tambem aviltante padroeiro de nossa terra, a legitimação das suas mais bem fundadas aspirações, por não poderem adivinhar por que systema grammatical vão ser interrogados! Cada examinador julga dar bôa copia de si e de sua erudicção, colhendo nos diversos systêmas o que mais lhe agrada, sem se inquietar das discordancias que dahi resultão, satisfazendo-se com a pretenção de ser tido, graças a esse estratagema, por grande sabedor em tal materia, e resguardado aliás contra qualquer reclamação indiscreta, pela faculdade que lhe cabe de reprovar, sem poder ser reprovado, o que (seja dito de passagem) não é pequena garantia!

Este absurdo não póde continuar, isto é evidente. Porem, como sahir deste labyrinto? *Hoc opus, hic labor est.* Eis, como se tem resolvido entre nós questões análogas. Chama-se um homem da confiança do governo. O bafejo official exerce sobre elle funcções usurpadas ao Espirito Santo. Esse homem recebe logo uma especie de sagração, em virtude da qual póde dizer sobre a questão a ultima palavra. Immediatamente é a sua opinião decretada aos professores, que ficão sendo obrigados a ensinar, *quer concordem, quer não*, quantos disparates e quantos contrasensos se podem imaginar. E os professores?! Ora, os professores! Pois nós cá temos professores! Os mestres de escóla... esses, segundo diz a redacção da *Instrucção Publica*, servem para tomar a lição

de cór : nada sabem, nada ensinão ; que tem o governoque ver com essa gente ?!

Felizmente desta vez creio que não ha de ser assim. Estou seguro de que S. Ex.ª o Sr. Inspector Geral ha de mandar ouvir aos professores sobre esta importantissima reforma,convidando-os a discuti-la perante o Conselho-director, ao menos aquelles que o quizerem fazer. E se assim não acontecesse, teriamos necessidade de refutar o novo evangelho grammatical, caso elle viesse cheio de ingenuidades, como as que temos sido obrigados a ensinar desde 1855 até hoje !

A obediencia do cidadão professor não o póde impellir até ensinar, violentando a sua consciencia, *erros crassos*, que aleijão as faculdades intellectuaes da mocidade, fazendo-a crêr que as pêtas tambem podem ser erigidas em aphorismos scientificos ! É incontestavel o direito que tem o cidadão, embora mestre de escóla, de discutir os grandes interesses da instrucção do povo ; muito mais quando a elle, e só a elle faz a Sociedade responsavel pelo atraso deste ramo do serviço publico.

Para dar ao publico ideia exacta do meu procedimento nesta questão, e facilitar aos adversarios das doutrinas que sigo o meio de as combatter, preferi publicar em dialogo o ensino da Grammatica, tal qual eu o dou a meus discipulos. Nada de intrigas. É assim que eu ensino, porque é assim tambem que comprehendo a Grammatica. Se é tudo asneira decidão os competentes.

Ainda uma ultima palavra. Sigo em muitas cousas a Grammatica analytica do Sr. Adriano Grivet, em outras as minhas mesmas inspirações.

Pois, porque não hei de eu ter, como o resto da humanidade, o direito de dizer asneiras ?

DIALOGO.

PRELIMINARES.

Mestre. — O que é Grammatica ?

Discipulo — E' a arte de fallar e escrever correctamente.

M. — Como se falla e escreve correctamente ?

D. — Conformando-se com as regras estabelecidas na lingua ?

M. — Quem estabelece essas regras ?

D. — O uso e o raciocinio.

M. — De quem é o uso que faz regra ?

D. — Dos bons escriptores.

M. — Não se póde dizer que a Grammatica ensina a fallar bem ?

D. — Não, senhor ; é um erro.

M. — Diz bem, porque de um lado póde-se saber bem a Grammatica, a ponto de se não commetter erro algum, e ter um pessimo estylo ; de outro lado, póde-se ter um bom estylo, dizer cousas admiraveis com o melhor gosto possivel, e commetter erros vergonhosos. No primeiro caso escreve-se mal, porem correcto ; no segundo, escrever-se-ha bem, mas incorrecto. E teremos nós exemplo disso ?

D. — Não sei.

M.—Disso encontrão-se innumeros exemplos nos documentos os mais solemnes de nossa época, como veremos quando chegarmos á analyse. Mas qual será a razão de um facto tão vergonhoso ?

D. — Tambem não sei.

M. — E' o ter-se pensado por muito tempo, que para se entrar nas academias, não se precisava saber a sua lingua, e isso só porque em França não se estuda portuguez !

Porem continuemos. Em quantas partes se divide a Grammatica ?

D. — Em cinco : lexicologia, syntaxe, prosodia, orthographia e pontuação.

M.—Que pensa da divisão em quatro partes, incluindo-se a pontuação na orthographia com o appellido de orthographia de discurso ?

D. — Não sei.

M.—E' um erro singular,com cuja razão não se póde atinar, pois que a pontuação nada tem que ver com a orthographia. Se ella pudesse entrar em alguma das partes, deveria vir em appendice á syntaxe para fundamentar a analyse logica, pois a pontuação não attende ás palavras, mas só e só aos pensamentos. E' verdade que o celebre grammatico portuguez, J. Soares Barbosa, diz que se deve empregar sempre a virgula antes do relativo *que*. Mas elle proprio se encarregou de provar que esta regra é uma tolice, pois não emprega a virgula senão quando o pensamento o exige. Mas isso será tratado desenvolvidamente em outro lugar.

M. — O que é lexicologia ?

D. — E' a parte que ensina a natureza e propriedades das palavras, e suas fórmas.

M. — Que se entende por tudo isso ?

D. — E' que nesta parte da Grammatica as palavras são consideradas em si, e pela observação de certos caractéres communs que ellas apresentão, chega-se a fazer uma classificação dellas. Assim diz-se, por exemplo, que *fallar* e *dormir* são da mesma classe (verbos), porque têm as mesmas propriedades, ambas são conjugaveis, etc.

M. — Que pensa do titulo de etymologia dado pelos nossos grammaticos a esta parte da Grammatica ?

D. — Não sei.

M. — E' muito improprio, pois a etymologia trata da investigação das origens das palavras, pertence antes á Lexicographia. E' um estudo superior á Grammatica. E tanto é assim que os nossos grammaticos, levados por uma especie de instincto de correcção logica, não dizem em toda a sua *etymologia* uma palavra sobre a etymologia das palavras !

Tomemos um exemplo que ponha em evidencia a distincção entre lexicologia e etymologia — *Conhecer, conhecido, conhecimento*, são tres vocabulos da mesma etymologia ; entretanto que, considerados grammaticalmente, a lexicologia chama ao 1.º *verbo*, ao 2.º *participio*, ao 3.º *substantivo*.

Continuemos. — O que é syntaxe ?

D. — E' a parte que ensina as relações que occorrem entre as palavras na enunciação dos pensamentos.

M. — Que se entende por tudo isso ?

D. — Que na enunciação dos pensamentos cada palavra tem um officio, que se chama *funcção syntaxica*.

M. — Quantos são os problemas a resolver em syntaxe ?

D. — Tres : 1.º a natureza das funcções ; 2.º o modo por que cada palavra exerce sua respectiva funcção ; 3.º que relações se originão entre as palavras em virtude do exercicio das mesmas funcções.

M. — Como se explica que os nossos grammaticos enchem paginas e paginas de ingenuidades, e na sua syntaxe nãô explicão uma só dessas importantissimas questões ?

D. — Não sei.

M. — Nem eu. *(Continúa.)*

M. J. Pereira Frazão.

1872.—Typ. de M. F. do Espirito Santo, rua da Ajuda n. 93 (loja).

A Verdadeira Instrucção Publica: Orgão dos professores publicos de instrucção primaria da Côrte (RJ) - Ano 1872\Edição 00005 (1)

do o seguinte juizo: O methodo é facilimo, engenhoso, e de uma proficuidade maravilhosa. Não se póde considerar exclusivo em nenhuma de suas applicações; mas em cada uma deilas é um auxiliar poderosissimo, não só para promover as mais felizes associações de idéas, como para, por meio dellas, archivar (por assim dizer) sommas consideraveis de conhecimentos diversos, de modo a estarem presentes ao espirito, e na melhor ordem, em qualquer momento preciso.

« De todas as applicações, a que mais me impressionou foi a que o illustre professor fez do seu methodo á estatistica, sciencia entre nós tão ignorada, apezar da sua immensa utilidade para o estadista, e hoje para todo o cidadão. Digo para todo o cidadão, não só porque qualquer cidadão póde vir a ser estadista, como porque ninguem deve ser dispensado de seguir de perto a marcha administrativa de seu paiz.

« Nesta quadra de agitação, em que a opinião publica no Brasil começa a dar signal de vida, não será grande temeridade suppor que em um futuro não muito remoto ella virá a ter alguma influencia na administração do Estado. Pois bem, o methodo do Sr. conde Zaba, auxiliando tão proficuamente a instrucção popular, é uma verdadeira reforma que muito adiantará no paiz, o impulso que já vai tendo o cultivo da intelligencia. Não póde, portanto, deixar de merecer a approvação de todos os bons cidadãos. »

O Sr. Conego Francisco Bernardino de Souza.

O professorado do imperial collegio de D. Pedro II acaba de perder um dos seus mais distinctos membros na pessôa do illustrado e virtuoso sacerdote o Revm. Sr. conego Francisco Bernardino de Souza.

Aquella vaga aberta na cadeira do 1.º anno do internato não é facil de preencher. Quem ousará assentar-se sem sentir-se profundamente commovido, naquella cadeira, donde o illustre sacerdote dirigia a seus discipulos palavras cheias de cordura e de erudição, e, o que mais é, na fórma amena e attrahente do seu mavioso estylo?

Quem não recuará perante a comparação, que os meninos hão de fazer (e elles sabem apreciar isso como ninguem) entre o successor e o seu estimado mentor? ! . . . .

Mas, perguntará o publico sensato, porque deixa o illustrado e estimado professor uma cadeira que com applauso de todos regeu por 10 longos annos? !

A resposta é bem clara e simples, porem longa.

O conego Bernardino fôra incumbido de reger interinamente aquella cadeira, e preparára-se para fixar-se nella effectivamente entrando em concurso, logo que lhe fosse isso determinado. Por vezes mostrou elle desejos de que se realisasse o concurso; mas disserão-lhe sempre que, segundo estylo ja seguido repetidas vezes naquelle estabelecimento, a nomeação lhe seria dada independente de outra formalidade.

Nesta esperança continuou a reger a cadeira com grande satisfação de todos, pois que nos consta que as informações do respectivo reitor a seu respeito forão sempre as mais lisongeiras; e ninguem porá em duvida o peso que deve ter tudo quanto parte do grave e sisudo cidadão que preside aquelle internato.

Como não ficaria o digno professor sorprehendido e chocado no seu brio vendo annunciado o concurso de sua cadeira depois de 10 annos!

Este facto inesperado pungiu tão dolorosamente o coração sensivel do benemerito professor, que immediatamente declarou que não concorreria para a cadeira, e que ia abrir um collegio particular, de onde não mais seria despedido.

Se por um lado nenhuma censura podemos fazer a autoridade, que deseja regularisar todos os ramos de uma administração importantissima, cujo bom andamento resentia-se já das repetidas interinidades, por outro lado não podemos tambem deixar de render preito ao brioso representante de uma classe, cujos interesses e dignidade advogamos.

Não devia o Conego Bernardino, depois de provado professor consummado por espaço de 10 annos, sujeitar-se a uma *briga de gallos* ridicula, como sóem ser os concursos de professores entre nós.

Ainda se houvesse a certeza de que o concurso seria feito por um plano mais racional, bem; mas, quem lh'o poderia garantir?

Um homen ainda não provado póde, sem desar, sujeitar-se a essa dura provoção; mas um professor da força do Conego Bernardino, não!

Damos, portanto, os parabens aos Srs. pais de familias por mais esse estabelecimento em que poderão educar seus filhos, o qual não deixará de dar garantias de si por falta de integridade de caracter de seu director.

Aos professores particulares tambem felicitamos pelo digno collega que adquirirão. Quanto aos do collegio de Pedro 2.º manifestamos o nosso pesar pela perda irreparavel que acabão de soffrer.

INEDITORIAES

A Grammatica e os Grammaticadores

VI.

Não tendo apparecido impugnação alguma á doutrina até aqui exhibida, continuarei com a exposição em dialogo até que appareça alguma objecção a responder.

DIALOGO (em continuação.)

M.—Póde-se empregar o accento agudo em syllaba que não seja tónica?

D.—Sim, sr.

M.—Dê-me um exemplo.

D.—Sómente, em que vemos o accento agudo, como signal phonico sobre o *e*, quando a tónica é *mer*.

M.—Em que vogaes se póde collocar o accento agudo?

D.—Em todas, á excepção do *y*.

M.—E o accento circumflexo?

D.—Só se emprga nas duas vogaes *e* e *o*.

M.—Para que serve o til?

D.—Para dar som nasal as vogaes.

M.—O que é um som nasal?

D.—E' o que se pronuncia com auxilio do nariz.

M.—Para que serve a cedilha?

D.—Para dar ao *c* o som de *s* antes de *a*, *o*, *u*.

M.—Para que serve a risca de união?

D.—Para ajuntar partes de uma mesma palavra quando não cabem na mesma linha, e para ligar palavras que estão em certas relações.

M.—Que relações são essas que exigem a risca de união?

D.—São duas: 1ª a que se dá quando duas palavras se unem para formar uma só, de modo que fique bem clara a significação de cada parte componente; 2ª a que se observa entre um verbo e um pronome pessoal complemento. Mas neste ultimo caso o signal só se emprega quando o pronome vem depois do verbo.

M.—Dê-me exemplos de tudo isso.

D.—Ante-hontem, arco-iris, recem-chegado; diga-nos, faça-lhe.

M.—Para que serve o apostropho?

D.—No estylo solto ou prosa, só serve para substituir a risca de união quando se supprime uma ou mais lettras; e no verso, para marcar qualquer suppressão de lettras.

M.—Mostre-me exemplos em prosa e em verso.

D.—Em *diga-m'o* temos o apostropho em logar da risca de união—*diga-me-o*; em *gran' conquista* (no verso) temos o apostropho porque forão supprimidas as lettras *de*.

M.—O que é pontuação?

D.—E' a parte da Grammatica que ensina a separar, mediante signaes, os pensamentos excriptos e suas partes.

M.—Quaes são os signaes da pontuação?

D.—São: 1º virgula (,) 2º ponto e virgula (;) 3.º dois pontos (:) 4.º ponto final (.) 5.º ponto de interrogação (?) 6.º ponto de exclamação (!) 7.º parenthesis ( ) 8.º reticencia (. . . .)

LEXICOLOGIA.

M.—Mais tarde trataremos do emprego destes signaes. Basta de generalidades. Entremos na primeira parte (Lexicologia.) Vimos que esta parte da Grammatica trata da classificação das palavras da lingua, conforme a natureza, propriedades e formas de cada uma dellas. A quantas classes podemos reduzir as palavras?

D.—A dez, que são: Verbo, Substantivo, Artigo, Adjectivo, Pronome, Participio, Adverbio, Conjuncção, Preposição e Interjeição.

M.—Qual será a razão porque, principiando todos os nossos grammaticos pelo substantivo, preferimos nós a disposição adoptada pelo Sr. Grivet, e principiamos pelo verbo?

D.—Não sei.

M.—Em primeiro logar, o verbo é apalavra que é susceptivel de maior numero de formas; depois elle dá logar a longos e repetidos exercicios praticos, que devem ser por muito tempo continuados em quanto se estudão outras partes. Ora, sendo taes exercicios indispensaveis para o emprego do verbo, se não principiarmos a Lexicologia pelo verbo, não teremos depois tempo de concluir os mesmos exercicios.

Alem disso, o verbo é apalavra cardeal, e aquella que em Syntaxe tem forçosamente de ser tratada em primeiro logar. Portanto uma razão de ordem nos leva a principiar por elle. Mas, os nossos grammaticos não perceberão essas razões?

D.—Não sei.

M.—Como elles não tratárão da Syntaxe, pois tiverão a ingenuidade de dizer que a Syntaxe se reduz a concordancia e regencia, nenhum inconveniente havia em principiar de qualquer modo.

M.—O que é Verbo?

D.—E' a palavra que enuncia um facto.

M.—O que é Substantivo?

D.—E' a palavra que designa entes e abstracções.

M.—O que é Artigo?

D.—E' uma palavra que se antepõe ao Substantivo, ao Pronome e ao Infinitivo para tornar-lhes o sentido mais explicito.

M.—O que é Adjectivo?

D.—E' uma palavra que se ajunta mediata ou immediatamente ao Substantivo para o determinar ou qualificar.

M.—O que é Pronome?

D.—E' uma palavra que substitue o substantivo em todas as suas funcções.

M.—O que é Participio?

D.—E' uma palavra que procede do verbo e comporta-se frequentemente como adjectivo.

M.—O que é Adverbio?

D.—E' uma palavra que se ajunta ao Verbo, ao Adjectivo, ao Participio, e até a outro Adverbio para modificar-lhes o alcance de significação.

M.—O que é Conjuncção?

D.—E' uma palavra que liga partes de uma oração, ou orações completas, fazendo realçar entre ellas uma ideia de connexão, ou de opposição.

M.—O que é Interjeição?

D.—E' uma palavra que exprime de um modo rapido os sentimentos da alma e pensamentos completos.

VARIABILIDADE DAS PALAVRAS.

M.—A quantas partes se pódem reduzir estas dez especies de palavras?

D.—A duas: As seis primeiras chamão-se variaveis, e as quatro ultimas invariaveis.

M.—Como se distinguem as palavras variaveis das invariaveis?

D.—Ha cinco propriedades que caracterisão a variabilidade: a palavra que fôr susceptivel de alguma ou algumas destas propriedades, é variavel, quer varie, quer não; a que não fôr susceptivel de nenhuma destas propriedades, é invariavel.

M.—Quaes são essas propriedades?

D.—O modo, o tempo, o numero, a pessoa e o genero.

M.—Que pensa da opinião daquelles que chamão variaveis as palavras que mudão de fórma, ou que varião, e invariaveis as que não varião?

D.—Não sei.

M.—E' uma ingenuidade que não tem explicação; pois dizer que o pronome *que*, por exemplo, que não muda de fórma, é uma palavra invariavel, é um dos maiores desacertos imaginaveis. Quem não vê que esse pronome, apesar de não variar, transmitte sua variabilidade aos adjectivos que lhe andão annexos?

(Continúa.)

M. J. Pereira Frazão.

Typ. particular de Espirito-Santo, rua da Ajuda n. 93, loje.

A Verdadeira Instrucção Publica: Orgão dos professores publicos de instrucção primaria da Côrte (RJ) - Ano 1872\Edição 00007 (1)

INEDITORIAES

Cartas do Professor da roça.

II.

Meu caro redactor.—Na minha primeira vos prometti traçar o quadro de nossas miserias em materia de instrucção publica, afim de ficarem conhecidas as causas que influem poderosamente nestas innumeras reprovações, verdadeiros desastres para a reputação dos collegios e dos professores. Relevai-me ainda uma pequena digressão antes de entrar em materia. Ella se torna indispensavel para que me não julguem exagerado, quando chamo a isto uma calamidade.

Ahi pela côrte é natural que se tenha desvanecido a impressão que estes desastres causárão no animo dos interessados, porque (segundo me escrevem amigos dahi) já se não dá grande importancia a uma reprovação!... Eis um dos perniciosos effeitos, e não o menor, a meu ver, disso mesmo a que eu chamo calamidade! Tirar o brio ao alumno acostumando-o a reprovações, é sem duvida destruir-lhe o primeiro elemento que lhe podia servir de estimulo!

Incutir-lhe no espirito por odiosas insinuações a persuasão de que o tribunal da Instrucção Publica é uma *roda de loteria*, ou uma *Inquisição sui generis*, a cujas decisões não preside a razão, e sim o capricho ou a sorte, é cortar pela raiz todas as esperanças de progresso intellectual. O estudante póde, e deve até vadiar o tempo do estudo; porque não teme a moralidade do julgamento, e póde responder a qualquer resultado: *Sic voluere fata.*

O tempora! ó mores! Pensais, meu caro redactor, que, admittido o principio da immoralidade dos exames, a mocidade, a esperança do paiz, não corre caminho do precipicio?!...

. . . . . .

Mas nas grandes cidades, nos grandes centros commerciaes, poucas vezes vêm estas idéas occupar os espiritos, sempre distrahidos com operações de outra ordem. O mesmo não acontece nos logarejos como este em que habito, onde ha sempre alguma hora para se conversar sobre qualquer assumpto, importante ou não, comtanto que caia na *ordem do dia*.

A questão dos exames da Instrucção Publica faz por aqui hoje o objecto de todas as conversações; e como forão victimas entidades de ambos os *credos*, uns forão reprovados por falta de *energia* dos padrinhos; outros, pelo *implacavel* rigor da politica! Da côrte mesmo se tem escripto para aqui verdadeiras anecdotas em que se pretende provar a desintelligencia dos membros da mesa. Mas o facto é que forão reprovados de *uns* e *outros*; e por mais de um exemplo se demonstrou a improficuidade dos *empenhos*.

Deixemos, porem, de parte essas vagas insinuações com que pretendem responder a justas arguições os legitimos culpados de um tal estado de coisas, e tratemos de apreciar as fontes do grande mal que nos cumpre combater. São tantas e tão variadas as circumstancias que cooperão para elle, tal é a influencia de umas sobre as outras, que bem se poderia dizer que de nenhuma dellas, mas do concurso dellas, é que resulta o mal. Se bem que todas são de natureza tal, que cada uma é bastante para, só por si, produzir males consideraveis.

Estudemos a questão *ab oco*.

1.ª *Causa.—Ignorancia quasi completa do fallar vernaculo.*

Causa horror lembrar o estado de decadencia a que temos chegado nesta materia!

Tudo parece annunciar a hora de nossa regeneração, porque a natureza liga sempre os progressos do espirito a grandes crises que abalão as bases da sociedade.

Com effeito, sem leis, sem regulamentos especiaes, o nosso paiz tem-se limitado a copiar e traduzir o regulamento francez, sabio na verdade, mas só applicavel ás nossas necessidades quando convenientemente modificado!... Vergonha terão os nossos vindouros quando, recorrendo ás estatisticas da Instrucção Publica, virem que um sem numero de moços têm sido reprovados em idiomas estranhos, que aliás conhecião soffrivelmente, ao passo que uma só vez não consta que alguem deixasse de matricular-se por desconhecer o proprio idioma!!

Queremos imitar as nações civilisadas; pois bem, imitemos: quem dirá que se não faça? Só um espirito orgulhoso é que despreza as lições de bons mestres. Não faremos questão da preferencia exclusiva que se dá entre nós ao regulamento da França, deixando muita coisa que aprender nos da Allemanha, e mesmo de outras nações não menos competentes em materias de instrucção. A França, a mestra das nações, como lhe chama Vicaire, o pharol da civilisação moderna, na phrase de Guisot, a França, digo, faz honra a quem a imita em materia em que ella é tão competente. Porem o que eu nego é que entre nós se imite o regulamento da França. Em nosso paiz chama-se imitar o que eu chamo *traduzir e copiar*. Imitemos, sim, a França, mas imitemos intelligentemente. Uma copia fiel em materia tal é, alem de improficua, despida de todo o senso.

Hoje ficarei aqui, e, visto que me permittis, continuarei em outras, o trabalho encetado.

14 de Março de 1863.

A grammatica e os grammaticadores.

VII

Suum cuique tribuere.

Começarei este artigo consignando um facto digno de louvor da parte dos meus adversarios; e declaro ao publico que sinto grande satisfação sempre que posso reconhecer nobreza de sentimentos naquelles que me hostilisão.

Nada é mais desagradavel do que ter o homem de descer da sua posição para poder discutir. Eis o facto.

Os redactores da *Instrucção Publica* têm sido perseguidos por certos alliados que os deshonrão, com artigos indecentes contra a minha pessôa. Apesar da má vontade que mais de uma vez têm mostrado para commigo, pelo que já os tenho profligado, nunca se animárão a dar á estampa similhantes diatribes.

Não lhes farei a injustiça de suppor que o fazem por amor de mim. Não, demos o seu a seu dono; nesse procedimento elles têm mostrado um tino especial, que eu folgo de lhes reconhecer. Bem sabem que eu os havia de fazer responsaveis pela complicidade. Já não lhes ficou muito barata a cassoada da celebre acta que publicárão, e não quizerão metter-se noutra.

Os seus alliados, porem, achando trancadas aquellas columnas, correrão para o *Jornal do Commercio*, onde, sob a capa do anonymo, podem dar pasto ao genio, e insultar á vontade.

Os leitores devem ter noticia da indigna publicação do dia 10 do corrente sob o titulo—*A falsa instrucção publica*—e da insistencia no *Jornal* de 12.

Se o ataque, embora pessoal e violento, fosse ao menos decente, nenhuma duvida teria eu em travar discussão com o anonymo, pois muitas vezes cavalheiros distinctos occultão seu nome sem ser por motivo reprovado. Porem não me parece decente discutir com gente tão desaceada!

Confesso que ao ler a primeira vez o artigo passou-me despercebido o que nelle ha de asqueroso e indigno de gente limpa. Desse engano provem a minha declaração feita ao publico pelo *Jornal* de 11, de que peço desculpa.

Se, porem, não me é possivel travar discussão com o autor daquella capadocada, nem por isso me julgo dispensado de me dirigir ao publico sensato, explicando-lhe os pontos sobre que versárão as arguições.

1.º Ponto—*O que se devia esperar é que os que tinhão barriga fizerão-se preparadores.*

Nota-se aqui a impropriedade com que empreguei o indicativo *fizerão* em vez do conjunctivo *fizessem*. Errado seria empregar neste caso o conjunctivo. Houve, com effeito, um descuido no corrigir a prova não dando eu pela falta do outro verbo *aconteceu*; pois o trecho fôra assim redigido:—aconteceu o que se devia esperar, i. é, *que os que tinhão barriga fizerão-se preparadores.*

A falta do outro verbo não foi percebida porque o sentido não ficou falseado, e a presença do *i.* foi simplesmente considerada descuido do typographo, pelo que mandei eliminar essa letra. O emprego do conjunctivo nunca me poderia occorrer por ser contrario ao meu intuito. Quem entende do alcance da funcção dos *modos*, comprehende que o conjunctivo deixa o facto no estado de duvida ou de eventualidade. Só o indicativo é que lhe dá o caracter de certeza, de realidade, como era necessario para uma affirmação positiva.

Agora, se eu quizesse sophismar, bastaria lembrar que *fizerão* é tambem uma forma supplementar de *fizessem*.

O Padre Antonio Vieira escreveu—*Se o fundamento* FIZERA *milagres....*

Se Deos não CORTARA *a carreira ao sol pela interposição da noite,* FORÃO *verdadeiros e não fabulosos os incendios de Phaetonte.*

Camões disse:

Se mais mundo HOUVERA, *lá chegára.*

Porem o emprego de uma tal forma não seria adequada no nosso caso, alem de que sempre preferi em tudo dizer simplesmente a verdade.

O meu lapso, portanto, é tão insignificante, que de nem um modo podia justificar os assovios com que foi recebido pelos moleques.

2.º Ponto—*arcar contra* em vez de *arcar com.*

São tão similhantes neste caso estas duas preposições, já na significação, já na propria fórma, que quem tivesse na mente uma dellas, nem se quer sentiria se escrevesse a outra.

É, pois, outra vez um ligeiro descuido, que não merece as honras de uma explicação.

Quanto ao verbo que ficou no singular quando seu sujeito estava no plural, quem não sabe como passão coisas destas a quem corrige provas do que escreve?

O que acontece sempre é que se lê de preferencia o que se tem na mente, passando-se por cima de muitos erros que estão no papel.

São então estes os erros de que se me vem arguir? O publico sensato, para quem escrevo, dará ás arguições o peso que ellas merecem.

Quanto ao medo que parece haver de que eu seja examinador, não deve incommodar a ninguem, primeiro porque não peço, como nunca pedi, nem desejei uma tal honra; segundo, porque quando seja convidado, pretendo recusar, como já o fiz o anno passado, em que só servi por obediencia, por me não querer o chefe dispensar.

Passemos agora ás arguições relativas ao meu ensino.

O publico não deve estar esquecido de haver eu declarado que sigo no meu ensino a Grammatica analytica do Sr. Grivet, da qual me afasto uma ou outra vez quando não estou de accordo com o seu modo de pensar.

A *historia*, pois, de copiar é um mero insulto, a que não devo responder.

Tambem se me atribúe a paternidade daquella obra, para se poder fazer barulho de algumas passagens mal redigidas que nella se encontrão.

Isto é uma questão muito complexa, e é intriga que vem de muito longe. E' só para se me attribuir o ridiculo comportamento de elogiar a minha propria obra.

Tomára eu que todas as calumnias fossem como esta; pois aquelle trabalho, apezar das muitas imperfeições que contem, encerra um fundo de eradição, que eu me supporia muito feliz se o tivesse.

Quanto ás imperfeições, ninguem melhor as conhece do que o mesmo Sr. Grivet, que as confessa de bôa fé, e é o primeiro a fallar mal da sua obra. Quanto a mim, os meus discipulos me têm ouvido muitas vezes dizer que aquella grammatica tem muitas imperfeições, e que se apezar disso, é a melhor, não é por culpa sua; é porque as outras são peiores.

O autor deu-me a honra de ouvir-me sobre as correcções a fazer na sua grammatica. Muitos pontos forão por nós discutidos e corrigidos. Breve será publicada uma 2.ª edição, que creio satisfará ás necessidades do ensino. Houve até o plano de a fazer apparecer refundida como está, com o nome de nós ambos. Mas já nos deixámos disso porque seria tirar ao Sr. Grivet uma parte consideravel do seu merecimento. Demais, o publico não vê com bons olhos essas obras que trazem duplo nome.

Eu não pretendo negar que o Sr. Grivet foi meu mestre de grammatica. Antes da convivencia com aquelle distincto professor, eu tinha os olhos completamente tapados em questões grammaticaes. Se hoje tenho feito algum progresso, é porque tenho estudado. E não me arrependo disso, pois julgo a occupação em todo o caso mais digna da minha posição, do que andar por ahi a intrigar e a conspurcar a reputação alheia.

Se no meu ensino eu não guardo a propria redacção do autor, é porque tenho o direito de corrigir o que me parecer digno de correcção. Quanto ás ideias, essas são em sua grande parte da dita grammatica, outras eu as vou emittindo por conta e risco naquelles pontos em que não pudemos chegar a accordo. O meu procedimento tem parecido regular a muitos homens sensatos, em cujo conceito eu sempre valho alguma coisa. Agora se os moleques me apupão, não me devo julgar por isso deshonrado; muito principalmente quando eu já contava com isso. Quem não deve estar muito contente é a redacção da *Instrucção Publica*, pois tem o desgosto de ver a seu lado, de mistura com professores distinctos e cavalheiros de merecimento, capadocios da força do articulista do *Jornal do Commercio.*

Resta-me agora tratar das definições que se dizem erradas. Aqui o articulista mostra-se de uma ignorancia tão crassa, que bem me poderia eu dispensar de lhe dar resposta.

Com effeito, negar que o adjectivo se ajunta ao substantivo de dois modos, *mediata* e *immediatamente*, é ser quasi analphabeto, e com tal gente não se deve discutir. Quando dizemos *casa grande, livro pequeno*, temos em *grande* e em *pequeno* dois adjectivos, juntos *immediatamente* aos respectivos substantivos *casa* e *livro;* quando, porem, dizemos —esta casa é *grande*, este livro é *pequeno*, temos os mesmos adjectivos juntos aos mesmos substantivos, porem *mediatamente*, por interpor-se a elles o verbo.

Desta distincção resulta para a syntaxe uma outra distincção muito importante para as leis da concordancia do adjectivo com o substantivo, leis que não são absolutas, como erradamente se diz por ahi.

Quanto á extensão que o Sr. Grivet deu ao termo *abstracção*, ella está nos costumes da lingua; e estou seguro que quando o articulista tiver estudado um pouco, não sentirá a impressão desagradavel que lhe causou o termo, pelo descostume das lettras. Quando a gente tem levado a sua vida acompanhando as bandas de musica para apanhar flexas de foguetes, vendo-se de repente mettido a litterato, não é de admirar que tenha dessas impressões.

CONCLUSÃO.

Ao terminar este artigo, chamarei a attenção do publico para dois pontos importantes. Em primeiro logar, *o erro não é privilegio de ninguem;* todos nós erramos, e muitas vezes. Não seria, pois, nenhum milagre que se fosse descobrir aqui ou alli algum ponto em que eu tivesse claudicado. Mas em todo o caso, quando érro é por uma de duas razões: ou por descuido, que é natural á fraqueza humana, ou de bôa fé, quando estou persuadido que acerto. O que, porem, nunca farei, é sophismar. Desejo que minhas doutrinas sejão refutadas por quem me esclareça, que eu quero aprender, e é por isso que continuarei a provocar a discussão.

O segundo ponto para que chamo a attenção do publico, é a indecencia com que sou aggredido. Não apparece um homem que tenha nome. Mettem-se na mascara do anonymo, para poderem insultar-me. Eu não sei escrever sem tomar a responsabilidade. Aquillo mesmo que publiquei em anonymo em outro tempo, para produzir effeito, acha-se reproduzido sob a responsabilidade de meu nome.

Devo prevenir que não estou resolvido a discutir com quem só pretende insultar-me. Appareça um cavalheiro, e discutiremos como cavalheiros.

Os que, porem, se persuadem que atirando-me com lama hão de obrigar-me ao silencio, perdem o seu tempo e o seu dinheiro.

ADVERTENCIA.

Devo declarar que não attribuo ao Sr. professor Cony o artigo a que respondo, como póde parecer a alguem, por ser elle um dos que não conseguirão fazer publicar seus artigos na *Instrucção Publica*. Julgo fazer-lhe justiça suppondo que um tal artigo não póde ter sahido de sua penna.

DIALOGO (em continuação).

Mestre—Que se entende por modo?

Discipulo—E'a propriedade que os verbos têm de indicar a sua dependencia, ou a sua independencia.

M. Que são, pois, os modos?

D. São as diversas feições pelas quaes os verbos indicão a dependencia ou a independencia em que estão de outros verbos.

M. Que pensa desta definação dos gramaticos: *modos são as differentes maneiras porque o verbo exprime sua significação?*

D. Não sei.

M. Uma tal definição revela o que mais de uma vez tenho feito notar, isto é, que os homens que trazem o nome de grammaticos, parecem distinguir-se dos outros homens pela ausencia completa de *bom senso*. Pois dizer que os modos são *maneiras*, e não dizer nada, é tudo um.

Não ha duvida que os verbos exprimem sua significação de diversas maneiras. Porem entre estas differentes maneiras ou modos de significar, uma toma o nome especial de *modo*, outra de *tempo*, outra de *numero*, e outra de *pessôa*. Com a definição, pois, dos grammaticos não fica o *modo* definido, por não se dizer qual a sua funcção especial. E' necessario que se assignale a funcção dos *modos*, como dos *tempos*, como dos *numeros* e das *pessôas*.

A quella definição que elles dão para os modos póde tambem servir para os tempos, como para as pessôas e numeros, que todos são nos verbos differentes maneiras de exprimir a significação.

Em conclusão, os modos são *maneiras*, porem maneiras que nada significão, ou que não servem para nada!

Mas, continuemos. Que se entende por tempo?

D. E' a propriedade que têm os verbos de indicar as épocas da duração.

M. Quaes são essas épocas a que o verbo allúde constantemente?

D. presente, passado, futuro.

M. O que é numero?

D. E' a propriedade que tem o nome de indicar a unidade, ou a pluralidade.

M. Porque disse que o numero é apropriedade que tem o nome? pois o verbo tambem não tem numero?

D. Não, Sr. Só o nome tem numero.

M. Veja bem o que diz. Explique-se com mais clareza; isso que disse, tomado ao pé da lettra, é uma heresia; entretanto não se pode negar que encerra uma grande verdade.

D. Sei qual é a verdade, mas não sei explicar.

M. Com effeito o numero é só propriedade essencial ao nome; no verbo elle é apenas como que reflectido. Póde-se, portanto, dizer que elle constitue uma propriedade accidental do verbo, ao passo que é essencial ao substantivo.

Não seria até fóra de proposito fazer a distincção entre numero do substantivo e numero do verbo. E' innegavel que quando um verbo está no singular ou no plural, não indica outra coisa mais do que que seu sujeito é do singular ou do plural, e de nenhum modo, que sua significação implique ideia de unidade ou de pluralidade.

E não se diga que é isto uma questão de *lana caprina;* pois desta distincção emana a explicação unica de certos phenomenos syntaxicos, que sóem ser produzidos toda a vez que um verbo, no estado de infinitivo, é chamado a prehencher funcções proprias de substantivo, como veremos em outro lugar.

M, O que é pessôa?

D, Pessôa nos verbos é a propriedade que elles têm de indicar a categoria de seu sujeito; e pessôa no sujeito é a sua propria categoria.

M. Explique-se melhor nesta distincção entre pessôa do sujeito e pessôa do verbo.

D. Os sujeitos se reduzem a 3 categorias a que os grammaticos dão o nome de *pessôas*: 1ª, 2ª e 3ª, e o verbo assume uma feição especial para corresponder ao sujeito de cada categoria destas; e cada uma das feições do verbo chama-se tambem uma pessôa.

M. Que pensa da opinião dos nossos grammaticos que dizem que *tempo, numero, e pessôa* são as diversas formas?

D. Não sei.

M. Não se pode negar que todas essas propriedades influem na forma de verbo; mas que sejão as proprias formas, não é admissivel. E se não, vejamos. Quando se diz, por exemplo, *fallamos*, temos nesta unica fórma do verbo *fallar* uma feição de modo (o indicativo), uma de tempo (presente), outra de pessôa (a 1.ª), e finalmente a de numero (o plural).

A admittir-se que todas estas propriedades sejão formas, careceriamos admittir que naquella unica fórma temos quatro fórmas, o que é simplesmente um absurdo.

M. O que é genero?

D. E' a propriedade que tem o nome de indicar a differença dos sexos.

M. Passemos a tratar especificadamente de cada especie de palavras.

O que é verbo?

D. E' a palavra que exprime o facto.

M. Que é o que chama um facto?

D. Qualquer acontecimento.

M. A quantas especies se podem reduzir os factos de sorte que possão ser base de uma distincção grammatical?

D. A duas especies: factos de acção, e factos de estado.

M. Que pensa da designação de facto de necessidade, lembrada na Grammatica analytica do Sr. Grivet?

D. Não sei.

M. Não me parece aceitavel pela rasão que passo a expor.

Chama o Sr. Grivet verbo de necessidade o verbo impessoal, o que não deixa de ter seu fundamento, como mostrarei logo.

Mas, sendo que alguns verbos podem vir a ser impessoaes continuando a exprimir uma acção ou um estado, julgo inconveniente uma tal distincção.

Ainda mais, os proprios verbos impessoaes que não são de outra proveniencia indicão, já um estado, já uma acção. O que elles não têm é sujeito, de sorte que não se fica sabendo a quem é attribuida a acção ou o estado. Porem creio que isso não póde autorisar a constituir uma terceira ordem de factos.

(Continúa).

MANOEL JOZÉ PEREIRA FRAZÃO.

1872.—Typ. da America, rua da Assembléa n. 36-A.

A Verdadeira Instrucção Publica: Orgão dos professores publicos de instrucção primaria da Côrte (RJ) - Ano 1872\Edição 00009 (2)

A falsa instrucção publica.

PARA OS SRS MINISTRO DO IMPERIO E INSPECTOR GERAL DA INSTRUCÇÃO PUBLICA LEREM.

Diz o grammaticador-mór do Imperio, em seu dialogo VI « continuarei com a exposição em dialogo até que appareça alguma objecção a responder. »

Aqui vai, pois, a Exma. Sra. D. objecção responder-lhe. V. S., em grammatica, é uma cousa maravilha, é assim uma especie de pyramide ou colosso grammatical.

Vamos, porém, antes de entrar em materia, estabelecer o seguinte principio: Quem não souber escrever correctamente, não póde ensinar a grammatica, porque a ignora.

« Sans la langue ou un mot, l'auteur le plus divin
« Est toujours, quoi qu'il fasse, un méchant écrivain. »

Vejamos, se o autor da *grammatica e os grammaticadores* satisfaz ao predicado de conhecer a lingua que ensina.

V. S. que é o *professor da roça*, fabricador das cartas, que appareceêão em 1863, ha de ser por força o autor do artigo *os exames geraes*, em que somos ameaçados com a reproducção dessa má carroneida epistolar. Vamos, portanto, citar alguns dos muitos erros, de que está eivado esse artigo; seja por exemplo: « Desde que a preparação anda mais depressa do que o ensino, o que se devia esperar é que os que tinhão barrigas, *fizerão-se* preparadores, etc. »

Sr. *professor da roça*, tome lá seis bolos e ponha-me já, já, o verbo no conjunctivo. Este *fizerão* em vez de *fizessem*, é erro que não commette um menino que mal sabe soletrar.

V. S. que taxa Soares Barbosa, Sotero dos Reis e quejandos de ingenuos, devia trancar-se em seu gabinete e compulsa-los por dez annos, para que tivesse alguma força moral sobre os examinandos, quando fosse nomeado examinador.

E' natural que, no fim desse tempo, já todos se tenhão esquecido dos seus *neologismos*, e que portanto V. S. possa, então, pimponear de sabichão, reprovando os rapazes, isto é, fazendo-se *leão* entre ovelhas; porém hoje será isso inteiramente impossivel, porque, supponhamos que V. S. approve quem empregar, em casos identicos, o subjunctivo e reprove quem empregar o indicativo; este poderá, para justificar-se, citar o seguinte: « o que se devia esperar é que os que tinhão barriga *fizerão-se* prezadores. »

Ahi teremos V. S. em apertos; ou ha de approvar a ambos, o que será uma injustiça, ou ver-se na triste colisão de confessar, em pleno exame, que errou, dando assim occasião a que o examinando lhe retruque:— ora se V. S., que lecciona ha tantos annos, commette erros de tal calibre, e não obstante, está habilitado a examinar-me, não é de admirar que eu saia approvado. E se este fôr approvado, todos o devem ser; portanto no anno em que V. S. tiver de examinar, é impossivel haver reprovações: e nós no lugar de S. Ex. o Sr. ministro do imperio até, n'essa occasião, dispensavamos os rapazes do exame de portuguez.

Deixemos, porém, de parte este « *se devia esperar que fizerão-se* » e vamos adiante.

« Poderão elles (directores) acaso *arcar contra a onda* que os assoberba, quando consultando o professor para constituir a lista do que se hão de inscrever para os exames *recebe* um — não sabe nada, passará por um milagre—, vem pelo corredor que separa a aula, da sala em que o espera o pai, e depois de arrancar os cabellos, volta de novo a obter o consentimento do professor?! »

A nosso turno arrancamos os cabellos e ficamos sem comprehender palavina deste amphiguri grammatical.

Não fallamos do sujeito (*e les*) vir no plural e os verbos no singular, porque não é de admirar que o Sr. *professor da roça*, não sabendo empregar o conjunctivo, ignore as regras da concordancia do sujeito com o verbo. Demais para que são necessarias estas bagatelinhas, a quem tem a certeza de que nunca ha de ser examinado, porém sempre examinador?

Apezar de conhecer, de ha muito, o estylo apocalyptico e esphacelado de S. S., ficamos comtudo, sarapantado ao deparar-se-nos o *arcar contra as ondas*.

(Este nosso *deparar* não é o novo verbo portuguez, que vem em quasi todas as paginas da grammatica Grivet, exemplo : *desta regra depara-se que*, etc.)

Attribuimos á nossa ignorancia o nunca ter encontrado em autor de merita o *arcar contra alguem ou alguma cousa*; por isso recorremos ao diccionario de Moraes e de lá extractamos o seguinte : « *Arcar a guem* (act) e mais frequente *com alguem* (n.) etc »

Tome outros seis bolos e fique-nos muito agradecido porque estas palmatoadas hão de ser um incentivo para V. S. estudar, antes de pretender a cadeira de examinador, e assim se livrará de levar quináos dos proprios examinandos.

Em ultima analyse, confessamos que, collocado na cadeira de examinador de portuguez, reprovariamos o examinando, que tivesse a infelicidade de apresentar uma prova escripta no genero do tal artigo—*os exames geraes*.

Fica, portanto exuberantemente provado que o *professor da roça* não sabe escrever correctamente o portuguez.

Já o encaramos como escrevinhador ; vamos agora encara-lo como fazedor de regras de grammatica.

Não tivemos a dita de ler os 5 primeiros dialogos de S. S , porém o VI por si só fornece bastante panno para mangas.

« *Mestre* —Qual será a razão por que, principiando todos os nossos grammaticos pelo substantivo, preferimos nós a disposição adoptada pelo Sr. Grivet, e principiamos pelo verbo?

« *Discipulo*.—Não sei. »

Mais abaixo pergunta o mestre, assim com ares de el-rei Caramba XXII, se os outros gramaticos o entenderáõ e, maliciosamente, lhe responde o discipulo: não sei.

Estes « *não sei* » são, desde o *qu'il mourut* de Corneille até a celeberrima palavra de Cambronne, a cousa mais eloquente que conhecemos

Vê-se pela leitura dos dialogos que *le monde marche* porque, realmente, resumir as respostas de um discipulo a um simples « *não sei* » é pôr a grammatica ao alcance mesmo dos que não sabem ler, pois que qualquer carroceiro ou vendedor de peixe está habilitado a responder « *não sei.* »

Por que não se arvora V. S. em professor de hebraico ou chinez?

Talvez me responda: « *porque não sei.* »

Pois olhe, quem ensina portuguez desta fórma está habilitado a leccionar qualquer lingua, mesmo sem a conhecer.

Continuemos na nossa leitura dos dialogos.

« M.—O que é substantivo? »

« D.—E' a palavra que designa entes e abstracções. »

Como o Sr. *professor da roça* em seus dialogos tem a grammatica Grivet na conta do *non plus ultra* das grammaticas, e nas suas regras originaes não faz mais do que reproduzir as que vem ahi exaradas, vamos com ella explicar o que são abstracções.

« Abstracções *se dis* de uma mera concepção de nossa intelligencia, sem existencia real, *quer fóra, quer dentro da natureza*, como cicio, virtude, etc. »

Quanto ao mascavado do estylo, deixemo-lo de parte.

Esta definição é magnifica e até patusca; para o que vejamos:

Um homem virtuoso é o que tem virtudes; as virtudes, por esta definição, são abstracções; portanto o homem virtuoso é o que tem abstracções; quem tem abstracções é abstracto: logo o homem virtuoso é um homem abstracto. O Sr. professor ouvio cantar o gallo, mas não sabe onde.

Sr. mestre, não se abespinhe, abeire-se de mim e venha aprender.

Olhe, abstracção, quer em qualquer compendio de philosophia, quer em qualquer diccionario, quer mesmo no começo da geometria de Ottoni, sempre foi um acto do nosso entendimento. Virtude é uma palavra que exprime uma entidade tomada abstractamente; convença-se de que o acto pelo qual a concebemos é que é abstracção e não a virtude.

Quando a lingua não o ajudar reproduza palavra por palavra a grammatica que estiver copiando, porque depois da descoberta da palavra, inventár-se ouscapés, traques, pistolas, etc., etc.; porém ninguem teve o atrevimento de descobrir segunda vez a palavra.

Continuemos:

« M —O que é adjectivo?

« D —E' uma palavra que se ajunta mediata ou immediatamente ao substantivo para o determinar ou qualificar. »

Porque não disse, em linguagem mais escorreita: « E' uma palavra que se põe antes ou depois do substantivo para o determinar ou qualificar. »

Não vê como são quasi semelhantes estas duas definições? O que desfigurou a sua foi o tal narizinho de cêra que V. S. costuma pôr no que já foi dito pelos outros em melhor linguagem. Este *mediatamente* veiu entornar-lhe o caldo.

V. S. como decóra apenas as regras, que vem em diversos grammaticos, para reproduzi-las ao depois em portuguez vasconso, sem curar do estudo da lingua, suppoz em seu rachitico bestunto, que por ser mediato opposto a immediato quizesse mediato dizer *antes*, porém enganou-se redondamente.

Mediato é o que *media entre outros ou medeia entre outros*: v. g. genero mediato entre o supremo e infimo. *Causa mediata* a que produz algum effeito por meio de outro seu effeito; ex: Juiz mediato, etc., etc

Logo, pela definição do nosso grammaticador, o adjectivo fica excluido da lingua portugueza até que o mesmo senhor invente palavras que se colloquem no meio dos substantivos.

Nessa época ditosa, diremos *ho-grande-mem*, em vez de grande homem.

O que faz a ignorancia da lingua!!

Se viemos á imprensa, foi para que V. S. não se persuadisse que o nosso silencio era uma approvação tacita aos seus desconcertos grammaticaes. S. S. não póde negar que seja o autor da grammatica Grivet, porque então isto seria confessar que era um copiador, pois que os seus dialogos não são mais do que a reproducção dessa mesma grammatica.

Como não temos a pretenção de dar conselhos a SS. Exs. os Srs. ministros do imperio e inspector geral da instrucção publica, limitamo-nos a apontar sómente alguns dos muitos erros de que está recheiado este artigo anonymo—os *exames geraes*.

Citamos o milagre, sem nomear o santo, para que SS. EEx. ficassem de sobre-aviso.

D. Grammatica Angelica da Objecção.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1872\Edição 00282 (1)

A falsa instrucção publica.

Fomos extremamente generosos para com S. S., pois que além dos oito dias, demos-lhe mais tres para a correcção do seu artigo de defesa.

Antes de entrar na promettida analyse, vamos summarisar o que ha de sensato e logico em todos os seus *dialogos grammaticaes*.

« *Quando a gente tem levado a sua vida acompanhando as bandas de musica para apanhar flechas de foguetes vende-se de repente mettido a litterato, não é de admirar que tenha dessas impressões.* »

« *Agora se os moleques me apupão, etc.* »

Qual é o moleque de quem S. S. falla?—Somos nós.

Quaes são os apupos?—O artigo em que lhe apontamos os erros de grammatica.

Aqui é, pois, o ponto de notar-se que S. S, defendendo-se não encontrou erro algum em essa linguagem: que desculpou os seus appellidando os de *ligeiros descuidos* e que concluio o seu artigo exclamando: « *O erro não é privilegio de ninguem* »

Fica, portanto, demonstrado, consoante as palavras de S. S, que o errar pertence a todos, menos aos « *moleques que acompanhão bandas de musica* », pois que estes barbantes escrevem correctamente e têm um faro tão apurado, que até lobrigão os « *pequenos descuidos* » por cima dos quaes pula o maior dos nossos grammaticos.

Aquillo para que os tres barbantes não têm quéda alguma é para ler o que está emboceta'o na mente dos outros pois nem ao menos soubérão soletrar o que lá estava correcto e augmentado lá pela banda de dentro da cabeça do Sr grammatico

« *O que acontece sempre é que se lê de preferencia o que se tem na mente, passando por cima de muitos erros que estão no papel.* »

Tomamos tão a serio este esguicho de reflexão magistralmente esvurmado do cerebro de um dos nossos maiores homens, que até aconselhamos a creação de uma aula de leitura de *mentes*, para que os Srs. examinadores não commettão a injustiça de reprovar os examinandos, que tiverem a infelicidade de emendar o que está na mente e não no papel.

Se os erros do *sujeito no plural e o verbo no singular são muito naturaes* n'um artigo, que sahe em uma folha quinzennal, naturalissimos serão n'uma prova escripta, para cuja revisão os examinandos não têm, muitas vezes, nem sequer quinze minutos.

Se qualquer pessoa dissesse que até os *moleques* notavão erros em seus artigos, ficaria S. S. todo estomagado; no entanto, é mesmo S. S. quem toma a liberdade de tal declarar ao publico.

Como pretendemos provar-lhe que foi summamente injusto para comnosco, taxando-nos de *indecente e desasseado*, vamos confundi-lo, praticando a delicadeza de defender a sua linguagem.

« Engana-se, meu amigo, a minha linguagem é forte, energica, incisiva, se quizer; porém, *decente.* »

S. S. é injusto, assestando a satyra contra si mesmo; conhecemos por experiencia propria a fortaleza, a energia e a decencia da sua linguagem; portanto não consentimos que a qualifique de decente, escripto em grifo, porque isto seria o mesmo que chama-la de indecente.

Se a linguagem de S. S. ás vezes não se compadece com a sua posição, é isto feito muito de proposito; ha neste destoar de palavras muita arte que revela a satyra de Horacio, embiocada com a modestia.

« *Apezar de ser conhecido o dicto de Horacio que autorisa a dizer vindo a verdade, fugirei deste modo de tratar a questão, modo para o qual sinto uma especie de queda na minha penna.* »

Tinhamos visto S. S. andar, por diversas vezes, verticalmente, suppunhamos que fizesse isso voluntariamente; porém S. S. veio mostrar que eramos um *insensato*, declarando em seus *dialogos grammaticaes*, no ponto em que falla do acido sulphurico e do acido sulphuroso, que:

« *Seria o maior dos paradoxos dizer que o homem prefere esta posição* »

Talvez se pergunte não de que S. S. não andando verticalmente por sua livre vontade, como declarou, nada faça voluntariamente? Enganão-se.

« *S. S. em tudo o caso um louco voluntario.* »

Seria falta de lhanesa da um cidadão, o não concedermos a S. S. o direito que reclama no que se segue:

« *Pois porque não hei de eu ter como o resto da humanidade o direito de dizer asneiras?* »

Confessamos que não tinhamos lido esta reclamação de S. S. quando publicamos o nosso primeiro artigo; agora já é tarde para recuar.

Inteiremo-nos da razão porque não comprehendemos « *os dialogos grammaticaes* »

« *Mais de uma vez tenho feito notar que os homens que trazem o nome de grammaticos parecem distinguir-se dos outros homens pela ausencia completa de bom senso* »

Felizmente a carapuça não nos toca, porque não somos nem grammatico, nem professor de lingua portugueza.

Temos ainda o mesmo assumpto, porém guizado com lingua.

« *Ficamos sabendo que para explicar grammatica era necessario saber uma segunda lingua artificial, muito differente daquella (aquelle) que falhamos e que falhão e escrevêão os doutos; isto é, era necessario saber tambem uma lingua exclusivamente dos grammaticos, lingua que só se póde fallar fóra do alcance dos gaiatos, que por certo darião vaias e assovios, etc.* »

S. S. já tinha prophetisado o que nós «*moleques*» lhe haviamos de fazer. Admira uma presciencia tal em annos tão verdes.

«*Aquillo mesmo que publiquei em anonymo, em outro tempo, para produzir effeito, acha-se reproduzido sob a responsabilidade do meu nome*»

Isto é que é franqueza, o mais é historia. Quem seria capaz de confessar que um artigo assignado com o seu nome não produzia effeito?—Ninguem

Ao adversario de Bocage foi preciso que este lhe dissesse: «*Na fronte põe teu nome, e estou vingado.*»

Nós conservamos o anonymo com um fito muito diverso do de S. S: é para que os outros nos digão desempeçadamente e sem rebuço o que pensão dos artigos de *nós ambos*

Temo nos dado perfeitamente bem com este expediente, e, graças á sua efficacia, já conhecíamos o artigo de S. S, antes de ser publicado, e tambem sabiamos que era *sublime* porque S. S nos havia declarado

«*Quando erre é por uma de duas razões ou por descuido, que é natural á fraqueza humana, ou de boa fé, quando estou persuadido que acerto.*»

Isto é de tão boa fé e tal innocencia, que até cheira a santidade.

Demos *un petit-coup d'oiseau* por cima das luzentissimas gemmas, com que S. S. tem esmaltado os diversos numeros da *verdadeira instrucção publica*, disto resultou o ramalhete destes dizeres *chistosos, interessantes, fortes, energicos, incisivos*, etc., etc., que acima transcrevemos.

Vamos agora retrahir-nos sómente á analyse da defesa de S. S.

1° ponto.—*O que se devia esperar é que os que tinhão barriga fizerão-se preparadores.*

S. S. que lê sómente o que está na mente e não no papel suppoz, lá de si para si, que tambem estendamos de leitura de cabeças e desculpou-se, dizendo que não era aquillo que estava typographado em sua mente, mas sim isto:

«*Aconteceu o que se devia esperar, isto é, que os que tinhão barriga fizerão-se preparadores.*»

Depois deste parto jupiteresco, tem S. S. carradas de razão; nem a nossa accusação foi dirigida a esta pequerrucha Minerva, pois que ella veiu á luz do dia sã, guapa e escorreita; penas vivavamos a que S. S. substituio por esta. Entreve-se por esta substituição que S. S. não sophisma:

« *O que porém nunca fará é sophismar.*»

Porém, mais adiante tenta certas guinadas na consciencia e diz:

« *Agora se eu quizesse sophismar, bastaria lembrar que fizerão é fórma supplementar de fizessem.* »

«O Padre Antonio Vieira escreveu: *Se o contentamento fizera milagres ...*»

« *Se Deus não* CORTARA *a carreira ao sol pela interposição da noite* FORÃO *verdadeiros e não fabulosos os incendios de Phaeonte* »

« *Se mais mundo* HOUVERA *lá chegára* » S. S., para se desculpar daquillo a que chamou *pequenos descuidos*, commetteu seis erros.

1.° Cita exemplos que não têm relação alguma com o seu erro. Isto prova que S. S. suppôz que a conjunção *se* é que pedia o conjunctivo, portanto ainda ignora quaes são os casos que pedem esse modo.

2.° Transcrevendo a primeira oração da carta de Antonio Vieira a D. Rodrigo de Menezes, sem se importar com o que se seguia (*vivera-me S. S. a seus pés*), provou ignorar que o *fosse* é que foi a causa de vir na primeira oração o *fizera*.

3.° Suppõe e affiança *fizera* que é a fórma supplementar de *fizesse*, sem se lembrar que o verbo *fazer*, aqui, está no mais que perfeito do indicativo.

4.° Ignora que quando um verbo está no condicional, o outro da oração principiada pela conjunção *se* deve estar ou no indicativo ou no conjunctivo.

5.° Ignora que, quando os nossos classicos empregavão a fórma supplementar do condicional, sempre punhão o verbo da oração condicional no mais que perfeito do indicativo, dizendo: *Se mais mundo hou*

vera lá chegára, e não *se mais mundo houvesse lá chegára*. Aqui *houvera* é o mais que perfeito do indicativo e não *fórma supplementar* do imperfeito do conjunctivo; *chegára* é que é uma fórma supplementar, porém do condicional.

6.° No penultimo exemplo commetteu um erro gravissimo, suppondo que *fordo* se pudesse substituir por fossem, chegando desta fórma a fazer com que tremessem as proprias cinzas de Vieira, que nunca teria sido capaz de dizer:

Se Deus não cortasse *a carreira ao sol pela interposição da noite*, fossem *verdadeiros e não fabulosos os incendios de Phaetonte*. Aqui é que a quéda do *astro da nossa litteratura* foi semelhante á de Phaetonte. Os inimigos de Vieira, se tivessem lançado mão deste meio para o desacreditar, tê-lo-hião assassinado.

2.° ponto.—*Arcar contra a onda*. Diz S. S, em sua defesa, que: « *com e contra são tão semelhantes já na significação, já na fórma, que quem tivesse na mente uma dellas, nem se quer sentiria se escrevesse a outra.* »

Por aqui vê-se que a penna de S. S. tem *quédas*, como ficou acima declarado De modo que as pessoas que tiverem pennas teimosas e typographos descuidosos podem, sem que por isso ninguem lhes vá ás mãos, dizer: *Amanhã vou contra minha mulher a Santa Theresa*, em vez de *com*. *O exercito brazileiro marchou com o Paraguay*, em vez de *contra*.

Depois destas cousitas, até parece-nos que teriamos andado mais acertado, se tivessemos transcripto o seu artigo para esta folha em vez de o analysar.

No 3.° ponto S. S. discretêa do seguinte modo:

«*Quanto ao verbo que ficou no singular quando o seu sujeito estava no plural, quem não sabe como passão cousas destas a quem corrige provas do que escreve.* »

Perdoamos a S. S. a discordancia do sujeito com o verbo, porém porque não emendou aquillo que haviamos, muito de proposito « *passado por cima?* »

Não desejamos ver assim as nossas lições desaproveitadas ; se nos pregar mais alguma destas, deixamos de o sabatinar.

Não lhe haviamos já censurado o emprego doindicativo em vez do conjunctivo?

« *Poderão elles arcar contra a onda, etc ... quando consultando o professor para etc...., recebe um etc.* »

Este *recebe*, além de estar no singular, tambem está no indicativo, em vez do conjunctivo.

4 ° ponto.—S. S. quando trata do *mediatamente*, não obstante o termos explicado-lhe a cousa o mais chãmente possivel, toma assim uns ares de descobridor do mel de páo e chama-nos de *consummado ignorante*. E no entanto defende-se com as razões que vem na grammatica Grivet. Se não tinha por casa cousa melhor, era mais conveniente não ter tocado em tal.

Respondamos no entanto ás razões da firma social.

Declarão SS. SS. « *Quando dizemos este relogio é bom, esta mesa é grande* etc., *temos os adjectivos juntos aos substantivos, porém mediatamente* » E' isto justamente o que negamos. Ha muita differença no *ter uma cousa junta a outra* e no *ligar uma cousa a outra*.

Se fizessemos uma ponte que ligasse o Cattete á Praia Vermelha, não podiamos dizer que o Cattete estava junto *mediatamente* á Praia Vermelha; quem tal dissesse era capaz de dizer que este ou aquelle morador do Cattete estava *dentro mediatamente do hospicio Pedro II*.

Para se escrever, meu amigo, é preciso conhecer-se bem o peso de cada palavra.

Do 5º ponto defende-se S. S. assim:

« Quanto á *extensão* que deu o Sr. Grivet ao termo *abstracção*, ella está nos costumes da lingua; e estou seguro (*j'en suis sûr*) que quando o articulista tiver estudado um pouco, não sentirá a impressão desagradavel que lhe causou o termo pelo descostume das letras »

Se é tão usual, em nosso idioma, a extensão que o Sr. Grivet deu ao termo *abstracção*, porque não nos apresentou S. S. exemplos que fortificassem a sua asserção?

Suppõe que basta um homem que põe o sujeito no plural e o verbo no singular, assegurar-nos que isto está *nos costumes da lingua* para ficarmos convencido Não vê que póde um sujeito, que não entenda da cousa, e que seja galliciata no fallar, ir em casa de algum algibebe em demanda das vestes de D. Lingua para descobrir a tal abstracção.

Como já vai demasiadamente alongado o nosso artigo, fazemos aqui ponto final, declarando que a defesa de S. S. veiu mostrar-nos que S. S., além de ignorar o emprego do conjunctivo, commette descuidos tambem quando tem de usar do condicional.

S. S. mostra, em tudo o que escreve, immenso desejo de conhecer-nos; chamamos portanto a sua attenção para um volume que sob o nosso nome sahirá a lume com o titulo *A verdadeira reforma da instrucção publica.*

D. Grammatica Angelica da Objecção.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1872\Edição 00299 (1)

tellectual e moral que a envolve. A escravidão domestica, o amor cégo das mães, a tolerancia insensata dos páes, a conversão do professorado em industria, o abandono das escolas publicas, cuja frequencia é nulla, a tendencia para imitar o estrangeiro, não em suas virtudes, mas em seus vicios, tudo contribue para corromper o genio, o caracter, e a indole do individuo e da sociedade.

E qual tem sido a posição do poder publico, a quem são confiados os mais sagrados interesses, diante desta lamentavel situação, que não se constituiu em um dia, senão lentamente e pouco a pouco, no decorrer de longos annos?

Digamos a verdade com animo isento e largo. A historia official da instrucção publica é uma historia de vacillações e incertezas, por vezes de contradicções, a denunciarem ausencia de conhecimento das cousas patrias, e a traduzirem se na copia mais ou menos servil de regulamentos estrangeiros, e na transplantação impensada de instituições exoticas.

Vede o poder publico ensaiando o consorcio hybrido da centralização com a liberdade; vede-o reconhecendo o direito e a necessidade de intervenção em materia de ensino, creando a inspectoria, com seu conselho, e seus delegados, concedendo-lhes extensas attribuições, ao tempo que lhes nega meios de acção, e proclama a vigilancia do interesse individual, e o acerto e efficacia do criterio dos paes de familia.

O criterio dos paes de familia!

Mas, o que é em geral esse criterio nos paizes onde a cultura intellectual se não tem alargado?

Ahi, o criterio dos paes, em geral, julga melhor o systema de ensino em que a instrucção se adquire sem esforço, sem trabalho, brincando, e como por encanto; o systema em que a correcção dos erros são affagos, a dos vicios caricias, em que todas as informações são elogios, e todos os elogios promessas lisongeiras; ahi, o criterio dos paes, em geral, é vaidoso, ama a illusão, e compraz-se sobretudo nessa educação *jesuitica* (quem o diria?) de que Victor Cousin falla nos seguintes termos:

« Ses études n'y eurent jamais un caracter viril. *On sacrifiait la solidité a l'agrément; on épargnait á l' esprit les efforts même qui le cultivent; on trompait les familles par des exercices brillants et futiles*, par des petites experiences de physique, par des petites comédies latines et même françaises, e par toute cette littérature quintessenciée dont l'auteur de *Vert-Vert* est le représentant. Quel frivole bel-esprit que le celebre Porée! » (Discours, sess: 21 de abril 1844).

O poder publico quer *derramar as luzes;* mas apagando, extinguindo os fócos naturalmente luminosos, para creal-os, por assim dizer, artificiaes. As provas de capacidade profissional são nullas para o magisterio particular. Ensina quem quer ensinar, o que quer ensinar, como quer ensinar, onde quer ensinar.

Ensina quem quer ensinar: tão facilmente se faz instituidor o ignorante como o instruido, o sabio como o pedante, o professor como o curioso. Abrem-se para todos as portas do magisterio.

Ensina o que quer, o que lhe apraz ensinar: o atheismo ou o deismo, a fatalidade ou a liberdade, o materialismo ou o espiritualismo, a republica ou a monarchia; os espiritos têm sêde e fome de saber, demos-lhes a agua limpida que mana do alto das montanhas ou a estagnada e salôbra dos charcos; demos-lhes o alimento substancial da vida ou a substancia toxica da morte, pouco importa.

Ensina como quer ensinar: todos os compendios são approvados, todos os methodos são excellentes: póde ser a grammatica portugueza de Soares Barbosa ou a de Grivet, a grammatica latina de Castro Lopes ou a de Clintock, o compendio de philosophia de Soriano ou o de Geruzez; o ensino póde ser individual ou mutuo, cumulativamente de differentes materias ou successivamente, passando o estudante de umas para outras; tudo depende da sciencia, e do criterio desconhecido, do instituidor. E' o governo da sorte, do acaso.

Ensina onde quer ensinar: em vastos e sumptuosos palacios, habituando o alumno pobre ao luxo da opulencia e á opulencia do luxo; em pequenos edificios, onde fallecem todas as condições de hygiene, sem ar, sem luz, conchegados os alumnos, a respirarem uma atmosphera mephitica. Alli a vaidade a sorrir, aqui a pobreza a gemer.

O governo quer erguer o professorado publico; mas nega-lhe os meios necessarios, já não diremos de aperfeiçoamento, senão de subsistencia decente. « *Para quem não póde ter seguro o dia de amanhã*, diz um distincto escriptor, *a intelligencia é um dom funesto, e a faculdade de prever uma tortura*. Collocai a penuria e a miseria ante os olhos do professor publico, e dizei-lhe que concentre a attenção nos deveres de seu ministerio. E' a affronta misturada á ironia, é o sarcasmo!

Entretanto ahi se fundam conferencias,denominadas *populares*, em que *ás vezes* o talento desprende suas azas de ouro e azul aos raios do sol da verdade; mas de que a classe mais numerosa, a grande maioria nacional, não póde colher proveito algum; porque a sciencia jámais ha de descer até ao povo, o povo é que ha de ir successivamente erguendo-se á altura da sciencia.

Franca e livremente hemos enunciado nosso pensamento em referencia á instrucção publica; não carecemos repetir que julgamos insufficientes, e de utilidade apenas relativa, quaesquer medidas, por melhores que sejam, desde que não resultem de um plano, de um systema de reforma, bem concebido e formulado.

Ainda assim, não extranhariamos o cuidado extremo que põe o governo nos exames denominados — geraes, se não nos parecesse que nelles quasi exclusivamente concentra a attenção e esgota a actividade, ao passo que não o vemos adoptar ideias que, a esse respeito, de algum modo satisfariam as publicas conveniencias.

Effectivamente, na época desses exames, a organização das mesas, o despacho de pretenções ou reclamações dos candidatos, a solução de duvidas, as providencias do momento para acudir aos casos occurrentes e as medidas policiaes para a manutenção da ordem, agitam e occupam de tal modo o poder, fazem crescer tanto o trabalho e o expediente do governo e da inspectoria geral, que ninguem poderá negar a existencia de funccionarios da ordem administrativa encarregados desse ramo de serviço publico.

Não acontece o mesmo no correr do anno, fóra dessa época; então, só a compra de *mobilia* para alguma escola, a transferencia desta de um para outro ponto, ou a nomeação serodia de algum professor manifestam a espaços, que nem sempre o poder publico dorme descuidoso, que sua existencia não é um somno apenas interrompido pelos gritos e motins dos estudantes indisciplinados.

Sem embargo de constituirem os exames geraes objecto especial de attenção, pouco, muito pouco se ha melhorado a esse respeito; a nosso ver, a medida que mais efficazmente poderia influir na regularidade dos trabalhos das mesas, contribuindo para a justiça de suas apreciações, ainda não foi promulgada; parecendo mesmo que a ideia de que deriva vai ser estragada em sua realização, por um mal entendido espirito de economia, que importa nada menos que despender em pura perda.

Por muitas razões a mudança relativa á época de exames pareceu-nos acertada; do mesmo modo, salvo a conversão da secretaria em collectoria, applaudimos o pagamento prévio do imposto de cinco mil réis; mas a constituição das commissões permanentes, essa é que se nos afigura a medida mais util, no ponto de vista restricto dos melhoramentos parciaes.

Tem-se constituido até hoje as mesas de exame ou com professores do Collegio de Pedro II e da Escola Central, ou com pessoas alheias ao magisterio, que não fazem parte de corporações de ensino, e que, tambem individualmente, não se dedicam á instrucção. Essa constituição é a peior possivel: se, contra os primeiros póde levantar-se a suspeita de que, inspirados por um certo espirito de corporação, se fazem, na apreciação das provas e no julgamento, mais severos do que deveram ser; contra os segundos póde-se allegar ausencia de habilitações *provadas* e falta de pratica na direcção de exames.

Basta a suspeita, basta a allegação, que, em todo o caso, se não pódem referir a honrosas excepções, para que em geral se desconfie da justiça dos julgamentos, para que appareçam queixas e reclamações, que já não são raras.

Não damos abrigo á ideia, que circula, de pretender a reitoria o professorado de Pedro II assentar artificialmente os creditos desse estabelecimento sobre a ruina do de todos os outros de instrucção primaria e secundaria; mas é uma ideia que circula, e não deve passar despercebida ao governo que quizer estudar e conhecer as publicas necessidades.

As difficuldades com que arca a inspectoria na substituição dos examinadores impedidos, por vezes obrigada a nomear o primeiro *curioso* que se apresenta como habilitado, para não suspender ou interromper os trabalhos, é outro inconveniente e grave do modo actual de constituir as mesas.

Ainda não é tudo: na ausencia de compendios officiaes e de regras directoras dos exames, cada examinador póde adoptar o compendio que lhe aprouver, e aferir o merito do candidato pelo conhecimento que este mostre ter do compendio adoptado. Dahi nasce que a sorte do estudante póde depender de uma substituição de examinador,

como não ha muito dependia de ser elle chamado a esta ou áquella mesa.

Com a creação e organização das commissões permanentes, com um pessoal habilitado nas materias em que ha de examinar, que a ellas e ao trabalho de exames se dedique exclusivamente; com um pessoal sujeito a certas regras na apreciação das provas e julgamento do merito dos candidatos, com um pessoal em posição independente de quaesquer influencias que possam prejudicar o acerto de seus actos, os males que levamos apontados seriam sanados, senão logo de todo, ao menos em certo espaço de tempo.

Mas, para isso, é preciso que a remuneração dos serviços lhes dê sufficientes meios de subsistencia decente; é indispensavel que essa remuneração seja tal que o não obrigue a *desclassificar-se*, entregando-se a outros trabalhos, em detrimento de seus deveres como examinador; é necessario que essa remuneração tome a forma de ordenado fixo e annual, não a de salario por serviço diario.

Realizar-se-ha a ideia nestas condições? Esperemos.

Estudos grammaticaes

I

O Sr. Manuel José Pereira Frazão publicou recentemente umas *Postillas de grammatica portugueza*, ao que diz, *para uso de seus discipulos*.

Não estranhará o illustre professor que lhe apresentemos o nosso juizo critico, com a franqueza e isenção de animo que o assumpto está pedindo. Isto esperamos nós, não só da elevação de seu espirito, senão tambem da nobreza de seu caracter.

Avaliar o merito scientifico ou litterario de uma producção da intelligencia não é desconhecer os dotes intellectuaes e as virtudes moraes de seu autor; é ainda menos procurar apeal-o do pedestal em que justamente o colloca o conceito publico, que sabe merecer.

Considerando em um ponto de vista synthetico, a obrinha de que nos occupamos não nos parece satisfazer as necessidades do ensino: se, arrastado pelo desejo de simplificar, deixou-a o illustre professor deficiente em alguns pontos; em outros, procurando talvez ser claro, tornou-a sobremaneira diffusa e complicada.

O vago formal de algumas definições, e os vicios substanciaes de outras, que pódem ser consideradas falsas fóra do circulo de idéas e opiniões individuaes do illustre professor, são, por seguro, imperfeições notaveis, que muito pódem prejudicar a instrucção dos meninos, a quem a obrinha se destina.

Um vicio, porém, se destaca e avulta no meio de todos os desse livrinho. Um compendio, e, por maioria de razão — umas postillas de grammatica portugueza — mal comporta o estylo vehemente das discussões politicas; um compendio não é um livro de polemica acalorada, deve traduzir em suas paginas a calma e a gravidade do professor instruido e desapaixonado.

Para o illustre autor das postillas, grammatica portugueza, ninguem a escreveu ainda melhor que o professor francez Adriano Grivet; dir-se-hia que a obrinha deste professor é a condensação do genio e do saber de um homem em um livro.

Animado por esta ideia, em notas que podem parecer apaixonadas, e exclusivas da *nobreza* de qualquer livro, declama o illustre professor contra os grammaticos com quem não está de acordo, e, de ferula em punho, nem a Soares Barbosa isenta de castigo.

De certo o illustre professor possue sobejas razões para corroborar as opiniões e doutrinas que defende; mas sabe tambem que em notas de um pequeno livro não as póde expor e desenvolver; sabe que o meio de as fazer vingar não é a nua allegação de ignorancia dos adversarios; sabe que ha pontos controversos entre os melhores grammaticos, e que não podem ser decididos com um *rasgo de penna*.

Depois do que levamos dito, fôra impolidez de nossa parte não descer a uma analyse, posto que rapida, de cada uma das partes principaes do livrinho de que tratamos. Muito nos merece seu illustre autor; não faltaremos com a cortezia que devemos a tão distincto cavalheiro.

Divide o illustre professor a grammatica em cinco partes: lexicologia, sintaxe, prosodia, orthographia e pontuação. E' a divisão do Sr. Grivet, que, comparada á da mor parte das grammaticas, apresenta as seguintes mudanças: substituição da palavra — *etymologia* pela palavra — *lexicologia*; desmenbramento da orthographia, e creação de uma parte especial, distincta, sob o titulo — *pontuação*.

E' possivel que se não deem inconvenientes com estas innovações; o certo é, porém, que não são exigidas, nem pelo methodo, nem pela clareza, accrescendo que o modo como o illustre professor procura justificar uma dellas mais póde obscurecer que illuminar o espirito de seus alumnos. Se o illustre professor prefere a palavra *lexicologia*, á palavra *etymologia*, por lhe parecer que em grammatica se não trata da *origem das palavras*, outro devera ser o termo preferido, por isso que o adoptado por elle é muito mais extenso que o substituido. *Lexicologia* quer dizer discurso sobre os vocabulos, o que abrange não só a natureza das palavras e suas formas, senão tambem sua origem e derivação.

Quanto á parte da orthographia que o illustre professor pretende separar, sob o titulo—pontuação, devemos-lhe os seguintes reparos:

As definições de orthogaphia e pontuação, que dá o illustre professor, importam a união e confusão d'aquillo mesmo que pretende distinguir e se-

parar: se *ortographia é a parte que ensina a escrever as palavras com as devidas letras e signaes*, fica a pontuação encerrada na orthographia, porque a palavra—*signaes*, refere-se, não só aos indicativos do tom, como aos expressivos das pausas; se *pontuação é a parte que ensina a separar mediante signaes os pensamentos escriptos e suas partes*, temos o travessão e o asterisco comprehendidos na definição, isto é, a orthographia encerrada na pontuação.

Em nota enuncia o illustre professor uma proposição que parece inaceitavel A pontuação, como systema de signaes que é, não pode ser—*o fundamento da analyse logica*, antes a analyse logica é que póde ser considerada fundamento da pontuação, se não estamos em erro. A analyse logica justifica o emprego dos signaes da pontuação, que, por isso mesmo, não são mais que *indicação*, não servem de *fundamento* a cousa alguma. Donde derivam as regras do emprego dos signaes? Têm estes regras proprias a que se subordine a analyse logica? Pedimos venia para abraçar as negativas.

Não nos deteremos na definição de syllaba, que o illustre professor parece considerar expressão de qualquer som; tal é o modo vago como se enuncia, nem sobre a definição e adopção do *triphtongos*, que, a exemplo do Sr. Adriano Grivet, o illustre professor pretende *nacionalizar*. Passaremos já á definição do—*verbo*

Verbo, conforme o illustre professor, *é a palavra que exprime um facto. O verbo*, diz ainda á pagina 5. *enuncia factos de estado e de acção*. Mas, a palavra —*facto*, suppomos nós, não corresponde ao desenvolvimento da actividade, senão ao *termo* desse desenvolvimento, não corresponde a—*acção*, corresponde a—*acto*, e os termos approximados—*factos de acção*, parecem envolver contra senso; a palavra—*estado*, pelo contrario, indicando um resultado actual, definitivo, confunde-se com a palavra —*facto*, não lhe acrescenta ideia e na locução *factos de estado*, ha repetição inutil e van.

São metaphysicas estas considerações? Mas que necessidade ha de suggeril-as com innovações com que nada ganha a clareza? O verbo, diz Aulete, exprime acção, qualidade ou estado—e este modo de dizer é tão intelligivel quanto ser pode, mesmo para o menino que começa a aprender.

(Continúa)

França

CONCURSO GERAL DOS LYCEUS

DISTRIBUIÇÃO DOS PREMIOS

Discurso latino de M. Poyard

(Vide n. 52 de 1874)

Haud equidem contendo omnia, quæ pristina nobis tradidere sæcula, æque, quod ad mores pertineat, proficere; sed magistrorum est integerrima quæque eligere, et invigilare ut removeantur a juniorum oculis quæcumque minus verecunde ac severe vel ab eximiis scriptoribus edita fuerint. Id omnino purum sit, unde suum, ut ita dicam, thesaurum conflet mens studentium. Hæc autem inter optima exemplaria excellente loco a nobis poni solent illi, quos peperisse adeo glorjatur Gallia, christianæ fidei, simul ac vividissimæ eloquentiæ præceptores, qui, tanta auctoritate, quis sit verus ille Deus, demonstrant, nostrosque animos ad infinitam ejus majestatem et bonitatem erigunt.

Is enim est omnis rectæ institutionis supremus finis : Deum profiteri, Deum amare; quo quis autem se studio magis applicuerit, et cujuslibet generis doctrinarum arcana cupidius scrutatus fuerit, eo manifestius, quam infirma sua sit natura, agnoscere cogitur. Nempe quoties impeditus in quærendo hæsit! Quoties interclusa via est frustra eluctanti ut oppositos superaret obices. Ac se nescire primum doluit; sed ubi animadvertit id sibi commune cum ceteris esse, jam æquo animo tolerat quod humanum est. Sic ille qui, conceptis primis scientiæ elementis, in sui fiduciam forte superbiamque increverat, mox, ubi majora altioraque tractare aggressus est, fit angustorum finium conscius intra quos ipsius mens coarctatur et supra se spatia infinita patere sentit, quæ nequit adire, æternamque splendere lucem, ad quam caligant mortales oculi; tum, contentus rebus, quæ in proprio jure atque arbitrio positæ sunt, humili grataque mente omnium rerum creatorem adorat, qui maximis quidem adornavit hominem donis, cumulavitque beneficiis, sed claustra ei objecit in hac saltem vita insuperabilia, quibus hoc inscripsisse videtur : « Non longius ibis! »

Hæc est, ornatissimi auditores, moralis disciplina qua adolescentes in nostris lyceis instituuntur; hi sunt præcipui fructus qui plerumque inde proveniunt : legitimi juris reverentia, laboris consuetudo et amor, sanæ aptæque mentis acumen, animi generosus impetus, modestia, fides ac pietas erga Deum.

Annon autem eædem illæ dotes, si in civili societate vigeant, stabilia quasi sunt fundamenta quibus innitatur publica pax et prosperitas; si contra exoleverint, et in earum locum contraria succreverint vitia, omnia delabuntur in præceps? Nec argumenta, quibus id verum esse comprobetur, e longinquo mihi sunt depromenda, cum nunc etiam, ea ipsa de causa, publica res in tanto discrimine versetur. Haud sane asseverare dubito, plurimum numero valere bonos cives, et legibus obsequentes, et patriæ amantissimos; sed constat quoque (quod me fateri pudet), nimio plures contra stare audaces nefariosque homines, turbarum indefessos machinatores, omni bene constitutæ civitatis rationi infensos, quos vidimus, heu! recentius vidimus exhaustæ jacentique Galliæ supremum, nisi nos Deus adjuvisset, ictum intentare non dubitantes. Quid autem causæ est cur tot ingenia sic in deterius abducta, istisque venenis infecta fuerint?

Parere scilicet molestum esse videtur; lex calcatur, quia malis obstat consiliis. Quisque, in ista hominum colluvie, sui tatum vult esse mancipii, et licentiam omniumque rerum confusionem pulchro libertatis nomine obtegit: quo nullum protervius mendacium esse dixerim, cum vera libertas jure cujusque servato aptissime definiatur. Isti autem, cum nulla, nisi quæ ad corpus attinent, pensi habeant, voluptatum cupidine flagrant, et eas qualibet ratione sibi parere volunt. Quippe ceteri homines, ipsaque patria, quid ad rem? Se unice amant, sibi unice consulunt. Nec eos fallit, alteram patere viam, qua honeste paupertas fugiatur, fortunæ quærantur, nempe assiduum impigrumque laborem; sed eos laborare piget; hanc communem generi humano legem, sicut ceteras, rident atque aspernantur. Vi, latronum instar, hæc bona a se expetita occupare decreverunt, et, in desidia ipsi viventes, iis frui quæ peperit aliena industria.

A Instrucção Publica: Publicação Hebdomadaria (RJ) - Ano 1875\Edição 00002 (2)

educar, tal é a tarefa que, em geral, se impõe o instituidor, para satisfazer ás solicitações, senão para obdecer ás exigencias, dos paes de familia.

Dahi nasce que os candidatos a exames, em sua maioria, não podem apresentar provas sufficientes de habilitação, revelando quasi todos que apenas confiaram á memoria, para acudir á necessidade do exame, algumas ideias, algumas noções, da materia em que são examinados, e que em breve se lhe apagam do espirito.

Nestas condições o pessoal componente das mesas, que, na ausencia de principios, de regras directoras do exame, está absolutamente entregue ás suas impressões individuaes, póde raciocinar diversamente, de modo favoravel ou contrario, ao bom exito dos exames em geral, e pautar seu procedimento pelas opiniões que lhe parecerem aceitaveis

Os estudos dirão alguns não se acham convenientemente organizados entre nós: é impossivel que o estudante se eleve alem do conhecimento superficial, vago e incompleto da materia que estuda; reprovar a um não se o poderia fazer justamente sem reprovar o maior numero; e que culpa tem elles da ignorancia propria, se não são os directores de seus estudos? Dahi a excessiva benignidade, e a superabundancia de approvações, que só apparentemente póde revelar progresso intellectual.

Outros raciocinarão de modo diverso: é preciso dirão elles pôr um paradeiro á ignorancia, que lavra como um incendio; é preciso convencer os estudantes que não podem esperar approvação, desde que se não mostrem perfeitamente habilitados nas materias de exame; é preciso que as mesas corrijam a imperfeição de um ensino vicioso offerecendo obstaculos invenciveis a pretenções infundadas. Dahi o extremo rigor, que se desenvolve, por vezes, e essa como epidemia de reprovações.

O programma de exames não se presta pouco a estes resultados; pontos ha que peccam por muito limitados e faceis; outros por excessivamente extensos e difficeis. Colhemos nos pontos de philosophia e de historia exemplos disso. O ponto 2º e o 10º philosophia, não valem juntos qualquer dos pontos — 20 — e 21; em historia ha pontos que abrangem um periodo de mais de tres seculos, como o ponto —30—, e outros que não abrangem um, como o ponto —20—.

Dadas todas estas circumstancias nem as accusações nem os factos a que alludimos são de estranhar. Como, porem, se conseguirá melhorar semelhante estado de cousas?

Organize o governo as mesas de exames convenientemente; faça rever e corrigir o programma de exames, exija edade maior do que a actualmente exigida para a matricula nos cursos superiores, e terá dado um passo no caminho dos melhoramentos.

O beneficio de restituição abrange os quatro annos que seguem immediatamente ao da maioridade. Que mal haveria em entrar o homem para a vida publica com uma carta de bacharel ou de doutor, quando já não podesse aproveitar-lhe esse beneficio? Pensamos que assim até desappareceriam certas anomalias de direito e de facto.

Estudos Grammaticaes

Diz o illustre professor que não são comparativos os adjectivos—*inferior, superior, interior, exterior, posterior, anterior, ulterior*(pag. 67); e adduz, em nota, as razões com que o Sr. Adriano Grivet confirma essa opinião; *taes adjectivos não se prestam á formação de comparativos e de superlativos; não admittem depois de si a conjuncção—que, ou a locução conjunctiva —do que.*

Desculpe-nos o illustre professor; as razões expostas não nos parecem sufficientes.

Os adjectivos indicados são comparativos no latim, donde nos vieram, como os comparativos *melhor, peor, maior, menor.* Desses adjectivos, apenas dous—*ulterior e anterior* não passaram para o portuguez acompanhados do positivo de que se formaram, e do superlativo; os demais ou foram adoptados com o surperlativo—*inferior, infimo, superior, supremo*, ou com o superlativo e o positivo—*interno, interior, intimo; externo, exterior, extremo; postero, posterior, prostremo.*

Tambem os adjectivos—*melhor, peor, maior, menor*, se prestam á formação de superlativos; e mais frequentemente dizemos *muito melhor, muito peor, muito maior, muito menor*, do que dizemos —*mais anterior, mais posterior.*

Nestas condições, parece-nos que o uso da preposição—á— para ligar os termos da comparação, expressa pelos adjectivos de que tratamos, não os desclassifica, não os transforma em positivos.

O pronome, diz o illustre professor (pag. 71), *substitue o nome em todas as suas funcções. Dous são os casos do emprego do pronome: 1º quando se que evitar a repetição do nome já empregado; 2º quando falta na lingua um substantivo adequado ás circumstancias.*

Data venia, observaremos o seguinte:

Quando se diz, por exemplo, —*eu estudo, tu zombas*, o uso dos pronomes *eu e tu*, não se dá por evitar repetição, nem porque falte na lingua substantivo adequado. As vezes appõe-se ao pronome pessoal o nome proprio da pessoa—*Eu Antonio; tu Pedro etc* :

Demais a applicação dos pronomes, em geral, é mais extensa que a dos substantivos: podem referir-se a pessoas, a cousas, a pessoas e cousas, ou a acções, a phrases, etc—*Tudo se perdêu. Assim o declaramos. Disse que havia de encommodar-me e fel-o etc.*

Não nos parecem sufficientemente esclarecidos os casos em que o verbo póde concordar com uma das partes somente, na hypothese do sujeito composto (pag. 85). De certo a cada uma indicação desses casos podia o illustre professor ter addicionado um exemplo. Quanto ao 4º caso, cremos que nem sempre as conjuncções—*ou* e *nem* autorizam a concordancia indicada. Por exemplo:—*Nem eu nem tu iremos; eu ou tu fallaremos*, são modos correctos de dizer; não assim porem—*nem eu nem tu irei, eu ou tu fallarei.*

Não temos a grammatica do Sr. Grivet diante dos olhos; mas recordamo-nos de ter elle ahi distinguido os casos em que separados os sujeitos (ou ligados) pelas disjunctivas *ou* e *nem*, o verbo vai para o plural.

O illustre professor, como já observámos, na definição de *sujeito*, não inclúe as orações denomina-

das *subjectivas*, tratando do complemento directo (pag. 87), exclúe as *objectivas*.

A definição do complemento indirecto encontra-se na pag. 88; mas não se acham ahi, nem em outra qualquer pagina, as subdivisões desse complemento, subdivisões que não deviam ser omittidas, cremos, porque exprimem differentes relações de ideias a que a grammatica ha de attender. O illustre professor, talvez para simplificar, englobou e confundiu debaixo de uma só denominação os complementos restrictivo, explicativo, terminativo e circumstancial.

Não se distingue bem a apposição que o illustre professor denomina—*immediata*, da que chama—*separada* (pag. 89). Não as define elle considerando a collocação, como alias pareciam estar exigindo os proprios termos de que se serve— *immediata* e *separada*; e demais declara que adjectivos e participios variaveis podem constituir tanto uma como outra.

Ao concluir estes estudos, faremos ainda um reparo. Das cinco partes em que o illustre professor divide a grammatica apenas duas se comprehendem nas—Postillas—a lexicologia e a syntaxe.

Quando o discipulo conhece toda a doutrina contida nas Postillas, diz o illustre professor, *póde sem mêdo estudar o que lhe falta na grammatica do Sr. Grivet.*

Cremos ter sufficientemente justificado o que enunciamos em nosso primeiro artigo: as Postillas do illustre professor não parecem satisfazer ás necessidades do ensino. Asseguramos ao illustre professor que, não a vaidade, mas o desejo de contribuir de algum modo para o melhoramento da instrucção, inspirou este escripto. Nem podem questões grammaticaes, em nosso tempo e em nosso paiz, arrancar quemquer que seja da obscuridade

Formamos tão elevado conceito do illustre professor, confiamos tanto na rectidão de seu espirito e, digamol-o assim, em sua probidade litteraria, que esperamos vel-o em uma segunda edição de seu livro tomar em consideração os reparos que lhe fizemos.

LOBATO.

A Creche

Creche é uma palavra franceza, que talvez pouco se accommoda á indole de nossa lingua, mas que é difficil substituir por outra, que exprima o que ella exprime depois que a caridade a adoptou para significar uma de suas mais bellas obras.

Mr. Marbeau foi o fundador da creche em 1844. O seu fim principal, como elle mesmo disse, era procurar aos meninos um ar puro, alimento são, apropriado a sua edade, uma temperatura conveniente, a limpeza, os cuidados assiduos, dar ás mães a liberdade de seu tempo, de seus braços, e fazer com que se podessem entregar ao trabalho sem estorvos e sem inquietação.

Seu primeiro ensaio foi o de doze berços na rua de Chaillot em Pariz, a 14 de novembro do referido anno. Só dez d'estes berços estiveram occupados os primeiros seis mezes, e a despeza foi mui pequena, por que a alimentação das creanças é baratissima.

A' semelhança daquella, outras creches se foram estabelecendo; e a de S. Philippe de Roule passou a ser considerada a creche modelo. Seu pessoal administrativo era composto de um *comité* superior de homens, que se occupava dos interesses geraes, das receitas e das despezas; e de outro, composto de senhoras, as quaes de entre si elegiam uma presidente, uma vice-presidente, secretaria e thesoureira.

Todos os dias havia na creche uma visita official de senhoras, e outra de medicos, que a este serviço gratuitamente se offereciam.

As mulheres encarregadas do serviço interior ganhavam um franco e quatro centesimos por dia, e eram vestidas de maneira decente e uniforme, á custa da creche.

Ellas abriam na ao romper a manhã, fechavam-na á entrada da noite. Eram obrigadas a conserval-a sempre limpa, a lavar, a vestir as creanças, a preparar-lhes a comida, a ministrar-lhes os remedios, e até, quando era necessario, a lavar-lhes e a enxugar-lhes as roupas.

A despeza ordinaria de uma creche, de vinte a quarenta meninos, não excedia a quarenta e cinco centesimos por dia, para cada menino. Para ella concorria cada uma das mães com vinte centesimos diarios; o que diminuia consideravelmente a que necessitavam de fazer os bemfeitores.

E aquella quantia chegava para o aluguel da casa, para o salario das empregadas, para a luz e fogo, lavagem de roupas, sustento dos meninos, medicamentos, e outros gastos miudos. Não se póde fazer o bem a menos custo.

As mães eram sujeitas áquella retribuição por dous motivos: o de senão envergonharem algumas mães recebendo como esmola o tratamento de seus filhos. Ellas, no intervallo de seus trabalhos, podiam ir vel-os, e até amamental-os quando estavam em edade disso.

A' medida que a utilidade das creches se foi conhecendo, ellas se foram multiplicando pelas cidades e povoações principaes da França. Os dias em que muitas dellas se abriam e se benziam, eram dias de festa para os concorrentes. As casas ornavam-se de uma immensa profusão de flores. Appareciam excellentes pinturas analogas; e o espectaculo dos meninos, passando dos braços de suas mães naturaes para os braços da caridade, fazia verter muitas lagrimas de consolação e de ternura.

Os salões da creche continham alguns outros objectos, mas principalmente berços: o que bem denotava a edade para a recepção das creanças, que deviam ser filhos de mulheres casadas e honestas, e não ter alguma molestia contagiosa. As que não eram vaccinadas, faziam-se vaccinar antes de tudo, fóra ainda do estabelecimento.

Ha factos notaveis relativamente ao objecto das creches, e apenas referirei o seguinte: As pobres mulheres de Montmartre pediram instantemente uma creche, onde depozessem seus filhos quando fossem para seus trabalhos, e ninguem, dos que mais podiam valher-lhes, pareceu ouvil-as. Então as irmãs da caridade tomaram a resolução de abrir uma; porém que meios tinham ellas para

A Instrucção Publica: Publicação Hebdomadaria (RJ) - Ano 1875\Edição 00004 (1)

Questões de linguistica.—Lê-se no *Globo* de 3 do corrente :

« No intuito, para mim extremamente obsequioso, de converter-me, o illustradissimo collaborador do *Globo* brindou-me com segunda leitura do seu artigo do penultimo sabbado.

Apuro da nova lição, que desta vez —effeito da complacencia do sapiente arguidor—espero terá chegado a penetrar-me as circumvoluções de ambos os hemispherios cerebraes :

1.°—Que quando, de um modo geral, queremos significar o maior numero possivel de vezes, devemos dizer : *o mais das vezes*.

2.°—Que é preciso assentar ser errada a locução *as mais das vezes*, e sómente a outra compativel com a indole de nossa lingua.

Si alcancei entendel-os, os exemplos de auctores, por mim colligidos, demonstram a absoluta exacção... da these contraria.

A locução taxada de imcompativel com a indole do portuguez encontrou-a com fóro e domicilio, quer no primeiro, quer no ultimo em data dos nossos diccionarios.

Philologos nacionaes de tammanha auctoridade como Sotero dos Reis e José Alexandre Passos a perfilham ou explicam.

Defende-a um latinista tão versado nos trabalhos da moderna erudição allemã como Silva Dias, traductor de Madrig.

Dos estrangeiros mais singularmente inicia los nos segredos da lingua que fallamos, nenhum a engeita ou desautora.

Um, Raphael Bluteau, colleca-lhe em frente as equivalencias do latim ciceroniano *plerumque, sæpissime persæpe.*

Outro, Reinhardstoettner, mostra-lhe a sua carta de nobreza n'aquelle passo dos *Lusiadas* (II, 6) :

O mensageiro astuto, que não erra.
Lhe diz, que *a mais da gente* em Christo cria.

Outro, Frederico Disz, contrapõe á esta a fórma pararella do hespanhol, de Cervantes, *la mas de la gente*, e poderia contrapor-lhe ainda as do provençal e do francez antigo citados em Metsner (*Syntax*, t. I, 437) e em Raynonard (*Lexique roman*, IV, 577).

Todos estes exemplos, a que ajuntarei outro, colhido em Bartsch (*Chrestomathie de l'ancien français*, 4ª ed., 193) :

Les unes sunt vestues de ciers pa-
les roés.

Les plusiers d'esterins et les mains de condé, provam que a lucução censurada não repugna á indole nem do portuguez nem das mais linguas romanicas.

Persista muito embora o autor das *Questões de linguistica* (que julga menos ambicioso o titulo dos seus artigos, sómente por que os não assigna), persista, se com isso se contenta, em a declarar errada.

D'aqui ouço responderem-lhe :

« Entretanto nada mais justificavel do que a locução *as mais das vezes*, logo que se admitta a registração de *mais e menos* entre os pronomes ; por que ella corresponde a um sem numero de formulas identicamente ellipticas (*as mais* vezes *das vezes*), que se encontram concordemente sanccionadas pela lição dos classicos. »

Assim se exprime a *Nova Grammatica* de A. Grivet, publicada posthuma em 1881.

Que pena que só hoje, 2 de Fevereiro, me lembrasse de ter recurso á obra do benemerito professor !

Si a houvesse consultado antes, estava dispensado da minha primeira allegação de textos.

Bastava-me remetter o erudito collaborador do *Globo* para a pagina 459 d'esse livro, com tanta razão encarecido pelo glorioso applauso do Sr. conselheiro F. Octaviano.—*Manoel de Mello.* »

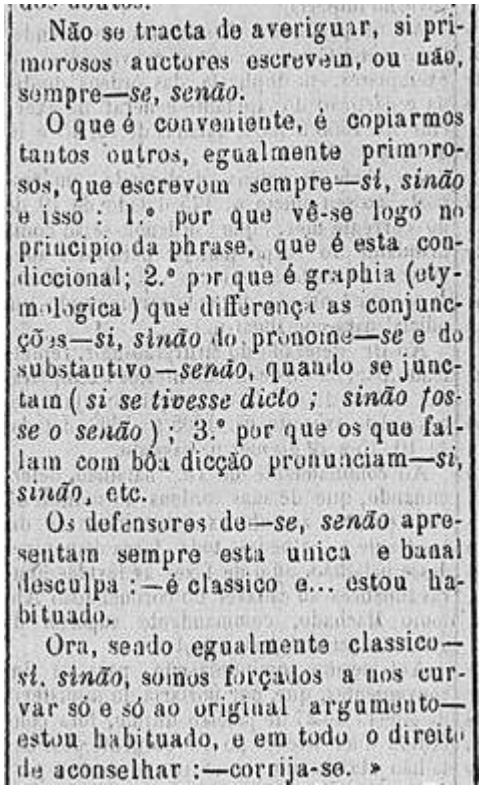
—Outra questão.

Lê-se no *Globo* de 9 do corrente :

« Adoptam uns a graphia seguinte, tractando-se de conjuncções condicionaes :—*se, senão,*

Outros, respeitando a etymologia, escrevem :—*si, sinão,* reservando a graphia—*senão*—para o substantivo synonimo de—*defeito.*

E' tempo de nos unirmos todos para uniformisar, quanto possivel, a nossa bella lingua, adoptando sómente o que é melhor; pensando sempre quando escrevermos, resistindo com criterio ao que a mão vadiamente quer. E' preciso, que o cerebro desça aos dedos ; ao menos (e uniformemente) dos doutos.



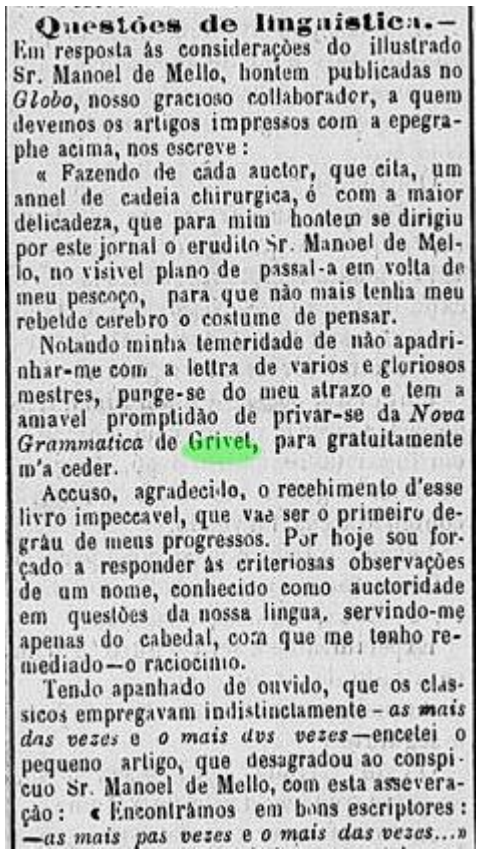
Não se tracta de averiguar, si primorosos auctores escrevem, ou não, sempre—*se, senão.*

O que é conveniente, é copiarmos tantos outros, egualmente primorosos, que escrevem sempre—*si, sinão* e isso : 1.° por que vê-se logo no principio da phrase, que é esta condiccional; 2.° por que é graphia (etymologica) que differença as conjuncções—*si, sinão* do pronome—*se* e do substantivo—*senão*, quando se junctam (*si se tivesse dicto ; sinão fosse o senão*) ; 3.° por que os que fallam com bôa dicção pronunciam—*si, sinão*, etc.

Os defensores de—*se, senão* apresentam sempre esta unica e banal desculpa :—é classico e... estou habituado.

Ora, sendo egualmente classico—*si, sinão*, somos forçados a nos curvar só e só ao original argumento—estou habituado, e em todo o direito de aconselhar :—corrija-se. »

O Cearense (CE) - Ano 1882\Edição 00043 (1)



Questões de linguistica.— Em resposta ás considerações do illustrado Sr. Manoel de Mello, hontem publicadas no *Globo*, nosso gracioso collaborador, a quem devemos os artigos impressos com a epegraphe acima, nos escreve :

« Fazendo de cada auctor, que cita, um annel de cadeia chirurgica, é com a maior delicadeza, que para mim hontem se dirigiu por este jornal o erudito Sr. Manoel de Mello, no visivel plano de passal-a em volta de meu pescoço, para que não mais tenha meu rebelde cerebro o costume de pensar.

Notando minha temeridade de não apadrinhar-me com a lettra de varios e gloriosos mestres, punge-se do meu atrazo e tem a amavel promptidão de privar-se da *Nova Grammatica* de Grivet, para gratuitamente m'a ceder.

Accuso, agradecido, o recebimento d'esse livro impeccavel, que vae ser o primeiro degrâu de meus progressos. Por hoje sou forçado a responder ás criteriosas observações de um nome, conhecido como auctoridade em questões da nossa lingua, servindo-me apenas do cabedal, com que me tenho remediado—o raciocinio.

Tendo apanhado de ouvido, que os classicos empregavam indistinctamente - *as mais das vezes* e *o mais dvs vezes*—encetei o pequeno artigo, que desagradou ao conspicuo Sr. Manoel de Mello, com esta asseveração: « Encontrâmos em bons escriptores : —*as mais pas vezes* e *o mais das vezes...*»

Até certo ponto sei hoje que acertei, porque a correspondencia de 31 de janeiro desse lido cavalheiro m'o informou, relativamente a—*as mais das vezes*. Não transcreveu exemplos classicos do emprego de—*o mais das vezes*. Fico, porém, egualmente tranquillo, porque o austero defensor dos textos sanccionados, isso me não contradictou. Creio, pois, que fui feliz, adiantando: « Encontramos em bons escriptores: —*as mais das vezes* e *o mais das vezes*.»

Passo a trazer, com impiedade, para a meza de autopsia uma e outra locução. Queira meu reverente arguidor dê me liberdade de bem cortar, para bem vermos tudo.

Dissequemos a primeira—*as mais das vezes*. Encontramos: um artigo no feminino plural, um adverbio, uma contracção da preposição *de* com o artigo femino plural e finalmente um substantivo femino plural. Estes quatro orgãos de externação do pensamento não estam junctos para nada significar; se propõem a traduzir uma ideia. O que pretenderá dizer a locução—*as mais das vezes*? Aquelle artigo *as* guarda connexões com *vezes*? Não o consente a contracção *das*. O que faz, pois? Modificará, influenciará, por centura, o adverbio *mais*? Não sendo isso possivel, os defensores dessa locução precisam subentender um substantivo elidido, e costumam apresentar um, egual ao que figura juncto da contracção. Querem que—*as mais das vezes*—seja—*as mais (vezes) das vezes*.

Desta arte fica o artigo *as* preso á elisão

zes.

Desta arte fica o artigo *as* preso á elisão *vezes*, a contracção *das* presa á expressão *vezes* e por conseguinte inteiramente isolado robustecido em sua indole adverbial, o adverbio *mais*. Ora, o espirito quer saber com exactidão a quem esse adverbio está modificando. Para isso recorre ao expediente de transpol-o, a ver si descortina alguma indicação, Esbarra ante :—*as mais das vezes mais*, isto é, uma serie de palvras, em via de desorganisação da ideia, que se propunha representar.

Dissequemos a segunda—*o mais das vezes*. Encontramos um artigo no masculino singular, uma contracção de preposição *de* com artigo feminino plural e finalmente um substantivo feminino plural. Procurando vêr a quem se liga o artigo *o*, repugna logo que seja *vezes* e o espirito è coagido a admittir

um substantivo apropriado, masculino do singular e manifestamente elidido. Adoptando *numero*, *resto*, etc. e preenchendo a lacuna chega a organisar :—*o mais numero das vezes*, ou *o mais resto das vezes*, e logo descobre que *mais* é ahi um pseudo-adverbio, é desfarçadamente o adjectivo *maior*. Fazendo (ainda mentalmente) a substituição, encontra :—*o maior numero, o maior resto dos veses*, Radia de satisfeito, porque sente a enunciação de um pensamento em sua maxima clareza. Escrupulisando, porêm, vae vestir com a mesma roupagem a locução—*as mais das vezes*—concedendo-lhe tambem que *mais* seja o adjectivo *maior*. Enfrenta com :—*as maiores vezes das vezes*, isto é, uma perfeita intriga do pensamento, que deve ser expresso

Eis porque, tendo apanhado de ouvido, que « encontramos em bons escriptores :—*as mais das vezes* e *o mais das vezes*» ousei (attendendo a que ambas sam locuções autorisadas) marcar de errada a primeira, contraria á indole de nossa lingua, e aconselhar o uso exclusivo da segunda.

Agradeço, com sinceridade, ao intelligente, illustrado e delicadissimo Sr. Manoel de Mello a implicita consideração, com qoe se dignou de objectar e replicar a quem tanto lhe reconhece competencia, que hontem mesmo pediu-lhe o favor de examinar a vernaculidade dos substantivos—*angelitude* e *angelidade*.

Faz gosto discutir com tão distincto cavalheiro. D'este torneio só guardo esta magua :—ter de curvar-me á imposição do raciocinio, que quer que eu persista em escrever exclusivamente *o mais das vezes*... e isso com a aggravante de não me dar forças, com que possa perverter meu consciencioso arguidor.»

Outra questão.—Escreve-nos o gracioso collaborador a quem devemos os artigos sob epigraphe acima :

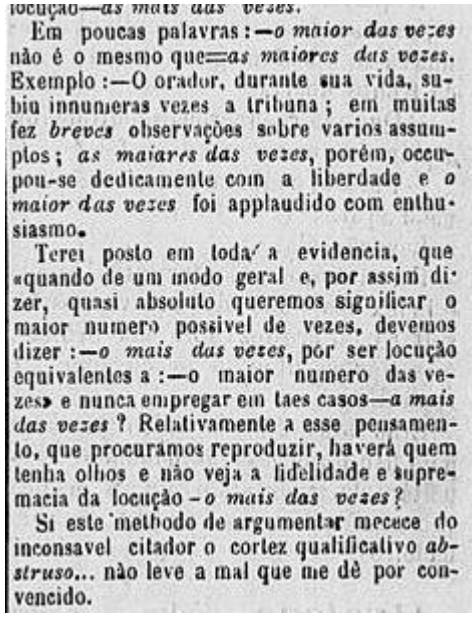
—*O mais das vezes.*

Toda a clareza. Resumamos.

Foi o Sr. Manoel de Mello, quem, appellando para a *Nova Grammatica* de Grivet, escreveu : « Si a houvesse consultado antes, estava dispensado da minha primeira allegação de textos.» Ora, o trecho da dicta grammatica, que citou, explica ser a locução *as mais das vezes* equivalente «*as mais* vezes *das vezes*.» Logo, para o Sr. Manoel de Mello é—*vezes*—o substantivo elidido.

Tenho tido a coherencia de dizer, que *o mais das vezes* equivale—*o maior* numero *de vezes*. Logo, para mim e para muitos (entre os quaes poderia nomear o fallecido e estudioso conego Fernandes Pinheiro) é—*numero*—o substantivo elidido.

Em ambas as locuções todos reconhscem que—*mais*—é adjectivo de dous generos, é o adjectivo—*maior*. Fiz a substituição, para metter pelos olhos de mim mesmo, que—*o maior numero de vezes*—traduz com perfeita exactidão a idéa que desejamos ; ao passo que—*as maiores vezes das vezes*—falsêa essa idéa, exprime outro e muito diversa daquella, que pretendem significar os defensores da locução—*as mais das vezes*.



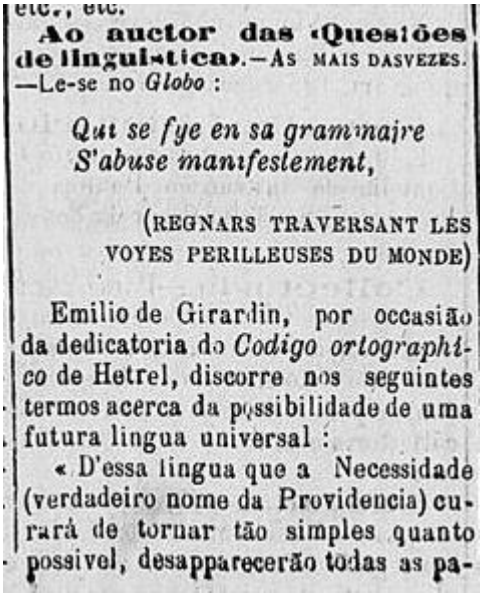
locução—*as mais das vezes*.

Em poucas palavras:—*o maior das vezes* não é o mesmo que=*as maiores das vezes*. Exemplo:—O orador, durante sua vida, subiu innumeras vezes a tribuna; em muitas fez *breves* observações sobre varios assumptos; *as maiares das vezes*, porém, occupou-se dedicamente com a liberdade e *o maior das vezes* foi applaudido com enthusiasmo.

Terei posto em toda a evidencia, que «quando de um modo geral e, por assim dizer, quasi absoluto queremos significar o maior numero possivel de vezes, devemos dizer:—*o mais das vezes*, por ser locução equivalentes a:—o maior numero das vezes» e nunca empregar em taes casos—*a mais das vezes*? Relativamente a esse pensamento, que procuramos reproduzir, haverá quem tenha olhos e não veja a fidelidade e supremacia da locução—*o mais das vezes*?

Si este methodo de argumentar merece do inconsavel citador o cortez qualificativo *abstruso*... não leve a mal que me dê por convencido.

O Cearense (CE) - Ano 1882\Edição 00046 (1)



etc., etc.

Ao auctor das «Questões de linguistica».—AS MAIS DASVEZES.—Le-se no *Globo*:

Qui se fye en sa grammaire
S'abuse manifestement,

(REGNARS TRAVERSANT LES VOYES PERILLEUSES DU MONDE)

Emilio de Girardin, por occasião da dedicatoria do *Codigo ortographico* de Hetrel, discorre nos seguintes termos acerca da possibilidade de uma futura lingua universal:

« D'essa lingua que a Necessidade (verdadeiro nome da Providencia) curará de tornar tão simples quanto possivel, desapparecerão todas as pa-

lavras que já não têm sentido, todas as palavras que têm muitos sentidos.

Haverá uma palavra para cada cousa, mas para cada cousa não haverá para mais que uma palavra. »

Sem duvida para este idioma internacional do futuro legisla o autor das *Questões de linguistica*, quando delibera que, tendo de significar o maior numero possivel das vezes digamos *o mais das vezes*, e nunca (segundo provei ser de uso constante entre os classicos) *as mais das vezes*.

A demonstração do meu prospicuo impugnador parece-me satisfazer a todos os requisitos da especie.

Mais é o adjectivo *maior* ; *numero* o substantivo elidido.

Logo : *o mais das vezes*, o maior numero de vezes. Está claro, diz tambem Sganarello ou outro, que *Paris* vem de *Lutecia* : é só mudar *Lu* em *Pa* e *tecta* em *ris*.

O illustrado correspondente do *Globo* tomou por offensivo ou descortez o epitheto *abstruso*, que a mim se me affigura absolutamente innocuo. Moraes define : « *Abstruso* : de difficil intelligencia, recondito. » Onde a offensa ?

Em troca, o meu polido adversario appellida-me.... citador incansavel. Cuido que é um nome feio ; mas podia ser muito peior.

Agradeço portanto, e empenhar-me hei em não o desmentir. *A um senhor do jornal* que lhe chamou revoluccionario, plagiario, gatuno, envenenador, falsario, impostor, calumniador, trapeiro, libellista, respoude Paulo Luiz Couvier : «Percebo : quer dizer que elle e eu somos de opinião differente. »

Antes de me despedir, uma objecção. Citando a *Grammatica* de Grivet, não declarei si acceitava ou não acceitava o seu modo de explicar a locução *as mais das vezes*.

Disse que, a tel-a consultado em tempo, ficaria dispensado da minha anterior allegação de textos.

Os que lá se produzem são de todo em todo conclusivos, e o auctor precede-os de reparos seus sobre as distincções que julga corresponderem ás exigencias de uma analyse digna do nome.

E prosegue (pag. 458) :

« Além de estabelecer, com muita proficiencia, uma base segura para um estudo comparativo com outras linguas, as mesmas distincções não servem pouco a dilucidar questões obscurecidas por uma theoria incompleta ou inexacta, e resolvidas muitas vezes ao avesso das prescripções da sciencia.

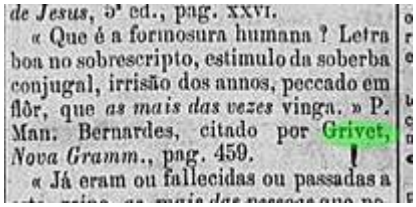
Assim é que, nunca interminavel mofina de periodico, um Aristarcho, tão ricamente dotado de sentimentos rancorosos quão parcamente provido de conhecimentos grammaticaes, aggredio durante mezes, a um seu desaffecto, pelo supposto erro de ter escripto *as mais das vezes*, quando pela syntaxe do arguidor devera-se escrever *o mais das vezes*.

Si o caso era um tanto frivolo em si, não o era pelo intento. Fosse, porém, como fosse visto que nem o arguidor explicou a sua theze, nem o arguido deffendeu a locução, licito é concluir que onde um se firmava em alguma auctoridade empirica, o outro apenas se fundava n'um uso recebido, sim, mas quiçá reprovavel. *Et adhuc sub judice lis est.* »

Trancrevo estas linhas sem o minimo proposito de fazer applicações, e so para coutinuar o meu papel de citador.

Citador, conforme o preceito de Paulo Luiz no *Pamphleto dos pamphletos*, e ainda mais se for preciso, citador, segundo a regra da nova escola critica. Citador até ao infinito.

Multipliquem como eu as suas provas os que poderem.

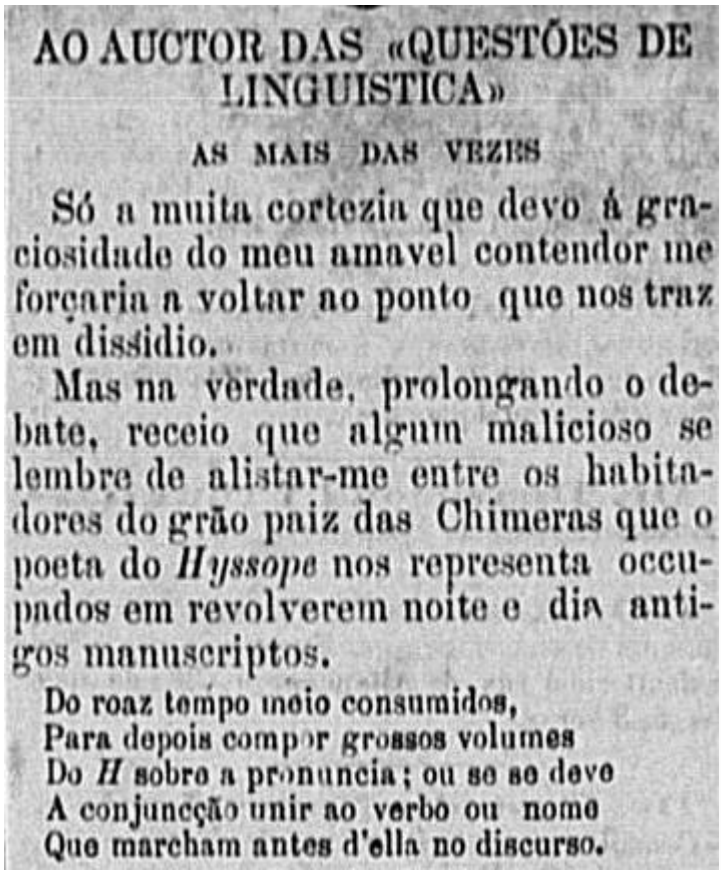


de Jesus, 3ª ed., pag. XXVI.

« Que é a formosura humana ? Letra boa no sobrescripto, estimulo da soberba conjugal, irrisão dos annos, peccado em flôr, que *as mais das vezes* vinga. » P. Man. Bernardes, citado por Grivet, *Nova Gramm.*, pag. 459.

« Já eram ou fallecidas ou passadas a

O Globo : Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ) - Ano 1882\Edição 00129 (1)



AO AUCTOR DAS «QUESTÕES DE LINGUISTICA»

AS MAIS DAS VEZES

Só a muita cortezia que devo á graciosidade do meu amavel contendor me forçaria a voltar ao ponto que nos traz em dissidio.

Mas na verdade, prolongando o debate, receio que algum malicioso se lembre de alistar-me entre os habitadores do grão paiz das Chimeras que o poeta do *Hyssope* nos representa occupados em revolverem noite e dia antigos manuscriptos.

Do roaz tempo meio consumidos,
Para depois compor grossos volumes
Do *H* sobre a pronuncia; ou se se deve
A conjuncção unir ao verbo ou nome
Que marcham antes d'ella no discurso.

No meu artigo de 31 de janeiro, remettido ao *Globo* no dia 24, não transcrevi «exemplos classicos do emprego de *o mais dos vezes*», por uma razão ponderavel: — porque não sei de um exemplo classico, um só que seja, de tal emprego. Tambem não foi propriamente aos classicos que tomei os mais dos exemplos então adduzidos, senão a alguns dos zeladores da lingua que neste seculo se acreditaram por ter escripto não menos apurada que puramente. Os classicos, se me obstino em consultal-os — e affirmo que por esta vez os consultei detidamente — respondem-me:

« Tal Florisbel, quanto mais ausente se viu de Belfloris, tanto mais desejava ver-se presente, que *as mais das vezes* a falta de uma cousa muito desejada é a lembrança della » Jorge Ferreira, *Segundo Tavola Redonda*, edic. de 1867, pag. 101.

«Commetti esta obra, havendo por industria e muito segredo papel e tinta, e escrevendo *as mais das vezes* sem mais luz que a que entrava por gretas da porta, ou agulheiros e buracos das paredes. » Fr. Thomé de Jesus, *Trabalhos de Jesus*, 5ª ed., pag. XXVI.

« Que é a formosura humana ? Letra boa no sobrescripto, estimulo da soberba conjugal, irrisão dos annos, peccado em flôr, que *as mais das vezes* vinga. » P. Man. Bernardes, citado por Grivet, *Nova Gramm.*, pag. 459.

« Já eram ou fallecidas ou passadas a este reino *as mais das pessoas* que poderam dar notícia das cousas do Padre Mestre Francisco.» Lucena, *Vida do P. F. de Xavier*, 1600, pag. 6.

« *As mais das fortalezas* que fizemos na India, tinham os alicerces sobre cinzas de reinos abrazados. » Freire, *Vida de D. J. de Castro*, L. I, 51 (pag. 37 da ed. da Acad.)

« Houvera outro recontro na parte onde estava com os Mogoles, em que lhe mataram tres mil homens, *os mais delles* Decanis. » Barros, *Da Asia, De cada quarta*, L. 6, cap. 5.

« E' a mais nobre gente da corte, porém *os mais delles*, ou quasi todos, pobrissimos no trato de suas pessoas e nos seus vestidos. » F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, 1829, pag. 50.

« Dourou e engrandeceu a liberalidade com seus poderes o nosso primeiro rei D. Affonso Henriques, que nas terras que conquistava edificou mais igrejas ricas, que paços reaes e casas pobres : bem o seguiram *os mais de seus descendentes* em differente modo. » Lobo, *Côrte na aldea*, dial. 7.

Encostado aos exemplos d'estes antigos, que ainda respeitamos por autoridades canonicas da lingua, não tenho olhos nem entendimento para seguir as argucias, as subtilezas, as prestigiações de uma tentativa de analyse grammatical abstrusa e minutissima com que o illustrado collaborador do *Globo* pretendesse acaso patentear-me a estructura e fazer retalhos os incisos d'aquelles nobres periodos.

Permita-me, pois, o destro operador que o não acompanhe á sua mesa de dissecção. Nada, absolutamente nada, comprehenderia dos seus methodos. Ficaria tão estranho á myotomia como á angistomia.... Depois, essas Morgues da linguagem, esses theatros anatomicos da phrase infundem-me como que um horror sagrado.

Separa-nos em tal assumpto profunda divergencia. O douto correspondente do *Globo* está ainda pela velha definição da grammatica: « Grammatica é a arte de fallar e escrever correctamente. » Eu estou pela definição nova, que é a de Julio Ribeiro, na sua *Grammatica portugueza* publicada em S. Paulo em 1881: « Grammatica é a exposição methodica dos factos da linguagem. A grammatica não faz leis e regras para a linguagem; expõe os factos d'ella, ordenados de modo que possam ser aprendidos com facilidade. » (Pag. 1). « Os factos de uma lingua qualquer só podem ser cabalmente elucidados pelo estudo historico comparativo da grammatica dessa lingua. As explicações metaphysicas, mais ou menos subtis, mais ou menos engenhosas, nunca satisfazem. » (Pag. 286.)

Digo *nova* esta comprehensão da grammatica, e realmente não o é. Ha quasi um seculo que o padre Antonio Pereira de Figueiredo, notando no *Espirito da lingua* um particular uso da

syntaxe de Barros, affirmava que, se alguem nos casos apontados, dissesse diversamente, *fallaria talvez como grammatico, mas não como portuguez*. Sentimento que antes delle exprimira o celebre Verney, repetindo uma phrase de Quintiliano á qual a erudição moderna dá agora differente interpretação da que lhe attribuiam os humanistas do seculo antecedente.

São estas as palavras do auctor do *Verdadeiro Methodo de estudar*. Leio pela edição de 1747, pag. 60: « *Aliud est grammatice, aliud latine loqui:* advertiu já no seu tempo Quintiliano, e com muita razão, porque a escrupulosa sujeição ás regras da grammatica impede saber fallar a lingua ».

MANOEL DE MELLO.

O Globo: Orgão da Agencia Americana Telegraphica dedicado aos interesses do Commercio, Lavoura e Industria (RJ) - Ano 1882\Edição 00129 (1)

fr. *à*. || ORTHOGR. Concorrendo a prep. *a* com o art. *a*, contrahem-se e a prep. toma accento agudo. « Vou *á* casa » *a a* casa. Querem, porem, graves escriptores brazileiros, como Alencar, Baptista Caetano, José Jorge, que se accentue sempre a prep., para differençal-a do art.; o que parece inutil, visto a facilidade de fazer de prompto a distincção, como bem demonstra Grivet, n. 139. Entretanto, si duvida houver, como n'este ex. de

Cartas de Caçapava

15 de novembro

Não tendo até hoje sido envolvido o partido republicano nas innumeras diatribes com que os partidos conservador e liberal d'esta localidade se têm exhibido pela imprensa, mostrando sem escrupulos, com as vestes rotas pelo pugilato, as chagas que corroem os seus respectivos corpos, tenho-me conservado silenciosamente muda testemunha d'essa luta desordenada, infrene e tristissima em suas inevitaveis consequencias.

Ainda mesmo que m'o permittisse o sizudo orgam do meu partido, eu me absteria, por educação e indole, de fazer concorrencia aos srs. monarchistas no escorregadiço e perigoso terreno da pornographia, para onde têm resvalado, preterindo as normas do decoro, em cegueira deploravel.

Hoje não sahiria, certamente, do silencio a que voluntariamente impuz-me, se não fosse uma circular que por este municipio corre impressa, firmada pelo chefe do partido liberal d'esta localidade, na qual se faz, ainda que disfarçadamente, como costumam proceder aquelles que não têm a coragem da franqueza, algumas allusões menos dignas ao partido republicano.

Embora essa circular esteja assignada unicamente pelo chefe do partido liberal—o coronel Manoel Dias Ferreira, não responsabiliso s. s. pela injustiça que ali se faz allusivamente ao partido republicano. Em s. s. reconheço, na falta de muitos requisitos indispensaveis a um bom chefe de partido, essa boa intenção que caracterisa os homens lhanos e virtuosos.

Aqui se diz, e estou disso convencido, que essa circular foi a s. s. apresentada já promptinha, faltando unicamente a assignatura, pelo sr. secretario do directorio liberal d'esta cidade—o capitão Guilherme Herculano de Medeiros. O chefe, portanto, assignou-a, talvez mesmo sem lel-a, convencido em sua boa fé de que o sr. de Medeiros não se esconderia por detraz de suas costas para emprestar malevolamente intenções menos dignas a um partido, que devia merecer de s. s., senão sympathias, porque infelizmente s. s. é tão liberal como eu sou catholico, apostolico e romano, ao menos respeito pela séria rectidão com que tem sabido cumprir o seu arduo dever.

Fica, pois, subentendido que, fazendo algumas anotações á circular do liberalismo d'este municipio, dirijo me ao secretario que a engendrou, em vez de dirigir-me ao chefe que a firmou, o que não seria muito correcto, porque, emfim, as cousas são como são, e não como deviam ser.

Analysemos, pois, o *monstro* — parto informe do esforço intellectual do sr. secretario do liberalismo — a circular.

Começa s. s. por exortar os seus co-religionarios, concitando-os para o pleito eleitoral que terá lugar a 15 de dezembro proximo futuro.

Destaquemos d'esse lindo periodo da circular esta tiradinha: . . . « é dever de honra nos empenharmos para que o candidato por nós aceito saia triumphante das urnas que suffragar o seu nome. »

Das urnas que *suffragar* o seu nome! Attendam bem os srs. liberaes e vejam que o seu secretario está gravemente doente — soffrendo de *discordanciomania* aguda. Ao meu ver era conveniente applicarem-lhe uma dose de *grammaticopathia* de dynamisação fraco-coruja, Hilario ou Bibiano, por exemplo, porque attendendo ao depauperamento de seu organismo debil e senil, seria imprudencia experimentarem as energias de de Julio Ribeiro, Grivet ou mesmo Soares Barbosa.

S. s. tambem falla no *candidato por nós aceito*. Para ser sincero, não devia servir-se do maldito verbo *aceitar*, que na opinião dos lexicographos significa *admittir*, *approvar*, *ter por bom*. Ao tratar do candidato, devia accrescentar simplesmente — que nos fôr imposto, pois não creio que, com o regimen partidario admittido na politica liberal, se atrevessem a recusal-o, s. s. e os seus, ainda mesmo que não o approvassem ou tivessem por bom.

Suffragal-o-hiam de bom ou máo grado, com a resignação paciente do musulmano em obediencia á palavra dogmatica do chefe, que recommenda sem cessar, como base essencial á manutenção da disciplina, a obediencia passiva, incondicional, intinctiva, brutal.

A prova do que deixo dito é que até esta data os srs. liberaes, segundo consta, ignoram ainda o nome do candidato que lhes será indicado, o que não inhibio o sr. secretario de julgar azada a occasião de recommendar aos seus co religionarios o mysterioso candidato, esperando confiante que saia triumphante das *urnas que suffragar o seu nome!*

E se esse candidato fôr, conforme aqui se propala, o sr. Pedro Maciel, com quem o sr. secretario de ha muito anda enciumado, e em quem reconhece um máo liberal, insaciavel em suas pretenções pessoaes, que crescem em vertiginosa progressão, como s. s. affirma sem rebuço a quantos o ouvem?

Eis ahi uma hypothese que a se realisar collocaria o sr. Herculano de Medeiros em sérios embaraços, em verdadeiro leito de Procusto, se s. s., como *bom liberal*, não acceitasse como dogma a passiva obediencia.

Voltemos, porém, á circular :

« Agora, mais que nunca necessitamos convergir a um centro para que não sejamos derrotados por satellites do governo ; porquanto, liberaes que se nos *afigurava* impossivel disputar caracter politico, tem estremecido perante a influencia governamental confiados em vans promessas ; e alguns ha que sob frivolos pretextos tem se afastado de nós para engrossarem fileiras que nos são hostis, e ora congregados tentam plantar a desordem no campo liberal com o fim de levar-nos de vencida na proxima eleição. »

N'este longo periodo, marchetado de fulgidas perolas, muita cousa por transcendental e metaphysica escapa á percepção de minha minguada intelligencia.

Confesso isto com magoa immensa.

Pobre mortal, não posso com o meu fraco orgam visual acompanhar o vôo da aguia que percorre as regiões nebulosas do espaço em demanda d'esse *centro* para onde converge e é attrahida — Allah sabe por que.

Ao secretario do liberalismo repugna o mesquinnho papel de satellite, e n'isso lhe dou toda a razão.

Os satellites não passam de escravos submissos d'esses pequenos senhores feudaes das diversas provincias do espaço — os planetas, que os possuem, a meu ver, de conformidade com os seus teres e haveres.

Assim a nossa terra, mundo pequeno e pobre, tem apenas um escravo — a pallida lua — a meiga fada que iriava de visões os sonhos dos bardos do sentimentalismo funambulesco.

Outros mundos ha que, mais pobres ainda, nenhum escravo possuem, porém tambem ha outros immensamente ricos que se fazem acompanhar por uma legião de submissos escravos, ostentando todo o fausto compativel com as respectivas fortunas: é o caso de Saturno e Urano.

Os miseros satellites, em via de regra, são creaturas dependentes dos planetas, esses fidalgotes, que a seu turno gravitam em torno do astro-rei—o sol, prestando-lhe as suas sinceras e subservientes homenagens.

Não supponha o sr. secretario do liberalismo que não vem a proposito esta minha divagação pelos *campos da astronomia*.

Provar-lhe-hei que ella tem toda a applicação ao caso.

A marcha da politica monarchica em nossa terra é uma copia fiel da revolução sideral do nosso systema.

Hoje acha-se o planeta Cotegipe no seu perihelio e dobra o joelho ante o sol, que em troca da saudação lhe dispensa um sorriso de luz e calor. E emquanto isto se dá, com jubilo e tripudio dos pequenos satellites que acompanham aquelle mundo, partilhando da felicidade que lhes sorri sob a fórma de aurora que desponta, vai o planeta Saraiva encaminhando-se pesadamente para a trevosa e algente noite do seu aphelio, acompanhado do seu immenso sequito de pequeninos satellites, ora entoando um mésto côro de plangentes elogios, ora soltando as imprecações blasphemas dos condemnados do inferno dantesco, ou levantando-se em sua impotencia insensata como o abysinio para apedrejar o sol que vai morrendo no horisonte e por isso enviando raios tão tibios que já não podem aquecer.

E' tristemente doloroso o destino d'estes satellites, e não é menos lamentavel a cegueira que os impelle a revoltarem-se contra as leis fataes a que voluntariamente se condemnam, preferindo, á liberdade que ennobrece, essa dependencia humilhante de gravitarem sempre em torno de um sol caprichosamente versatil.

E não comprehendem que todo esse arreganho, ora piégas, ora quixotesco, contra as consequencias naturaes da dubiedade que os prêa, é simplesmente inoffensivo, esteril, ridiculo!

Quão melhor lhes acertaria um silencio resignado e absoluto, porque ao menos teria o merito de não os collocar nos sérios embaraços em que sempre se vêm quando, tendo percorrido toda a orbita, mais ou menos longa, se approximam outra vez do sol e é forçoso trocar a lagrima pelo sorriso, substituir os dicazes epigrammas pelos epinicios louvaminheiros, obrigar, emfim, Juvenal a vestir a pelle do mais edulcorado menestrel.

(Cont.)

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - Ano 1886\Edição 00273 (1)

LITTERATURA

Canções da Aurora

Parva securi prosternitur quercus.

E' incontroverso que a litteratura brazileira está inteiramente adulterada, vacilante... A causa?..

Sahem á luz muitas obras, fructo de longas lucubrações esperançosas da mocidade e logo arrojam-nas no atascadeiro injusto de um criterio inauctoritario.

Os criticos de hoje são parasitas sugadoras que absorvem a seiva dos vicejantes arbustos que buscam medrar no campo litterario.

De ordinario esses poetas—critico—prosadores, que nos apparecem a farfalhar sobre litteratura, sobre os livros publicados, vêm seus proprios escriptos censurados por litteratos de nome e nem assim deixam de apontar para o argueiro no olho de outrem...

Proprium est stultitiæ aliorum vitia cernere, oblivisci suorum.

E' preciso muito ponderar para bem criticar, e a critica deve trazer como recommendação o cunho da autoridade.

Apex senectutis est auctoritas

dizia o eloquente Cicero.

« Convem que a critica seja fundada nos principios da arte, nos dictames da logica, no perfeito discernimento do bom e do máu; e não degenere em maledicencia, que ridicularisa, desprestigia e annniquilla. »

Suscitou-nos estas idéas a leitura do n. 22 do *Domingo*, revista litteraria (?) que se publicava n'esta cidade, sob a illustrada redacção dos Srs. Jorge Rodrigues e José Braga.

Traz em suas primeiras páginas um longo artigo sobre as *Canções da Aurora*, bellas poesias do Sr. Francisco Lins.

Este moço, pelos seus estudos e esforços que tem feito, adquiriu a benevolencia de alguns jornaes desta provincia, nos quaes continuamente lemos muitas poesias, que dão prova do seu estro elevado.

O seu primeiro volume de versos, recentemente publicado com o titulo *Canções da Aurora*, foi acolhido pela imprensa brazileira com gloriosos laureis, recebendo o elogio valioso dos poetas, que mais têm trabalhado em pro da litteratura patria.

Mas vamos ao juizo do *Domingo*.

Começa o critico pela singela poesia —*O Judeu errante*—, *onde se encontram as seguintes bellezas:*

Nas voltas do caminho, o espectro pavoroso
O vi buscar descanço, atormentado em dor.

Diz elle que *aquelle pronome, que rompe o segundo destes versos, põe a perder o espectro pavoroso que o precede.*

O mestre critico ignora que esta expressão é uma belleza pleonastica, usada pelos melhores classicos e bons escriptores?!..

Pelo amor de Deus!... Então o censor não está versado na linguagem castiça dos nossos classicos....

Vejamos exemplos, que melhor frizarão o que dissemos:

A. Herculano diz:

Mas as sepulturas dos monges, achei-*as* mudas.

M. Bernardes:

Virtude sem trabalhares nem padecerás; não *a* verás tu jamais com teus olhos.

Padre Vieira:

Os reinos não *os* pesa a justiça na balança, mede-*os* na espada.

J. Freire:

Os grandes feitos què os Portuguezes obraram n'esse dia, o Oriente *os* diga.

Transcreve depois o 4.° verso:

Fazia caminhar *ao* grande criminoso

e ignora *qual a necessidade que obrigou o poeta a fazer a contracção—ao.*

Agora, perguntamos qual a necessidade que obrigou ao illustre redactor do *Domingo*, Sr. Jorge Rodrigues, a dizer nas Fugitivas, pag. 82:

Pallido; exhausto, a maldizer *da* sorte.

Pag. 11:

Aos fracos, sem cessar; injusta, persiguia.

Diz o critico:

Achamos estes defeitos imperdoaveis em um poeta, mesmo principiante....

Pois tenha a bondade de gastar umas duas horas em ler as boas grammaticas, como sejam as de Soares Barbosa, Sotero dos Reis, Grivet, Costa e Cunha; Aulete e outros; consultando-as, apreenderá que è grande belleza da nossa lingua, a contracção antes dos complementos objectivos.

Defronte da estante, continuando o *Domingo;* nos mostra que o Sr. Lins conhece pouco a lingua, pois para indicar diversas relações de lugar serve-se somente dos adverbios *aqui* e *alli*....

Isto, alem de ser uma ligeira imitação do que diz Valentim Magalhães

---

na pag. 15 das *Notas á margem* dos ULTIMOS HARPEJOS, é um *erro* em que tambem incidiu o bem conhecido poeta Jorge Rodrigues, nas suas *Fugitivas*.

Examinemos.

Pag. 91:

Das noites *lá* de Veneza.

Pag. 93:

Deixa-me !... *Aqui* descançado

Pag. 119:

Lá entre as nuvens rosadas

Pag. 120:

Surgem *aqui* das solidões *bravias*.

Pag. 121:

Aqui tudo é sincero, e santo, e nobre

Pag. 122:

E *ahi*, fitando ao scintillar dos astros

Pag. 124:

Julgo ver-te a sorrir; *lá* no Infinito !

Pag. 125:

Ahi eu não pensava...aqui tranquillo sciamo

Pag. 128:

Lá na cidade aos milhares

e muitos outros que se encontram no Novo Methodo....isto é, nas Fugitivas.

Adeante transcreve o incançavel critico os dous versos da poesia *Defronte da Estante:*

Que toda a vida a sós passára *soletrando*
Canóros madrigaes e ao espaço contem-
[plando.

e accreseenta que *Lamartine* não *soletrara madrigaes*....

O verbo—soletrar—pode incontestavelmente sér empregado com elegancia na accepção de—ler com attenção—metrificar versos com cuidado.—

O nosso bom critico exige que as expressões e palavras sejam empregadas no sentido natural!

Que fazer?!

A syntaxe figurada não pode vir em nosso auxilio . . . . paralysada pela critica tão exigente assim como a do criterioso amigo do *Domingo*...

Em vista d'isso, é provado que a critica do *Domingo* foi por demais severa para com o intelligente autor das *Canções da Aurora.*

Os moços que principiam, que encetam como o Sr. Lins tão brilhantemente a carreira litteraria; devem ser recebidos com animações, afim de que se levantem pujantes, enthusiastas...

Não se assemelhe a critica com a manque impede o vicejar dos prados, prejudicando aos arbustos que desabrocham, promettendo flores e fructos.

Si nosso estado de saude o permittisse continuariamos em considerações que o assumpto nos suggere.

José Severiano de Rezende.

S. João d'El-Rei, 11 de Março de 1886.

Primeiros espinhos

O SR. Alfredo Pujol, em folhetim inserto no *Vassourense* de 10 do corrente, mostrou vontade decidida de criticar o lindissimo conto *Primeiros espinhos* do nosso talentoso collaborador dr. Tancredo de Mello, publicado n'*O Domingo* de 29 de Novembro do anno passado. Não posso affirmar se o intelligente folhetinista conseguio realisar plenamente o seu intento. Em todo o caso, como s. s. conclue pedindo-me «que não lhe queira mal, que por me admirar (agradecidissimo!) e por apreciar o nosso jornal» (oh! senhor...) é que se animou a apontar os erros e os defeitos d'aquelle escripto, julgo-me na obrigação de dar-lhe dous dedos de prosa amigavel.

Não precisava s. s. fazer-me aquelle pedido. Nenhuma razão havia para eu lhe querer mal. Sua apreciação se não está justa, nem invencivel, tem o valor immenso de estar escripta com certa delicadeza, sem desaforos, o que hoje é muito.

Demais, o facto de vêr analysado um trabalho litterario do jornal que redijo, deve ser para mim um justo motivo mais de prazer que de resentimento.

Não tendo a honra de vêr o nome do sr. Alfredo Pujol entre os dos nossos assignantes e sabendo agora que elle procura *O Domingo*, tem-no sobre a mesa de trabalho e aprecia-lhe rigorosamente os artigos, heide por força ficar desvanecido. Por isso, venho refutar-lhe a critica tomado das mais sympathicas disposições.

A critica que o sr. Pujol dispensa aos *Primeiros espinhos* é de tal sorte que faz suppor a existencia de qualquer animadversão entre s. s. e o autor do conto. O desejo de «moralisar os jornaes litterarios» assim... tão expontaneamente, não poderia inspirar um escripto onde não se vê a isenção de animo que faz ser justo e nem a exactidão da analyse, que denota um espirito superior e adiantado, que já se julga no caso de moralisar a imprensa litteraria.

Poderei estar enganado, porem me diga o leitor insuspeito se a critica do sr. Pujol não parece feita por quem quer achar erros e defeitos a todo o transe.

Comecemos. Principia o digno folhetinista dizendo que o assumpto do conto é mediocre:—trata-se de uma creança, que vai, pela primeira vez, á eschola. S. s. mostra com isto ou ignorar, ou não admittir o systema adoptado pelos mais applaudidos *conteurs* modernos, qual o de aproveitar um assumpto insignificante e numa linguagem colorida, quente, viva, insinuante, despertar o interesse do leitor—o que não é pequena difficuldade—e mostrar ao mesmo tempo, um espirito de observação criterioso, a verdade na descripção dos factos communs da vida, etc.

— Diz o espirituoso critico que não ha verdade alguma na introducção do conto, e sustenta que uma creança «magrinha, fraca, muito delicada e socegada» não poderia manifestar «uma intelligencia penetrante e nem poderia ter um olhar luminoso—de vivacidade irrequieta.»

Mas, porque não poderia, sr. Pujol?

Pois então a magreza, a debilidade, a delicadeza, são incompativeis com a manifestação de uma intelligencia penetrante e com os olhares luminosos? Não é capaz de me provar isso com vantagem o novel escriptor. Quantas creanças vemos nós por ahi franzinas, delicadas, e intelligentissimas, mostrando o talento pelas vivas radiações de um olhar irrequieto!

A maior parte desses pequenos de organismo debil, enfermiços, de apparencia tristonha, que eu tenho conhecido, são sempre intelligentes. Em adultos, então, não falemos. Lembro-me logo do Valentim Magalhães, uma compleição fraca, um organismo delicado, que não passa um dia sem provar a força poderosa de seu talento fecundo. Porque não ha de poder um menino, por ser delicado e magro, mostrar um espirito atilado e vivo? Não ha uma lei physiologica que ampare a vaga asserção do sr. Alfredo.

Adeante:

Transcreve o amavel critico do *Vassourense* o seguinte trecho do conto: «...é o retracto em miniatura da mãi, apenas com qualquer cousa de mais serio, de mais triste, apenas um tanto mais afinado» e mais este: — «a physionomia da mãi pinta-se na da creança, transformando-se na de um anjo, que tem alguma cousa de masculo, alguma profundeza mais de idéas e de impressões» acrescentando: — Não esqueça o leitor que isto é uma comparação entre uma mulher «moça, bonita, elegante, de olhos claros e ingenuos» e seu filho, a tal creança «muito fraca, muito socegada e muito magra»... Mas, onde está aqui o *erro* ou *defeito* que o sr. Pujol quer dar a entender que existe?

Acaso pretenderá negar s. s. que uma creança, por ser fraca, socegada e magra, não possa parecer-se com sua propria mãi, porque esta é moça e elegante? E' impossivel. Mais ainda: — S. s. achou uma tolice Tancredo de Mello dizer que o menino, com os seus seis annos e a sua debilidade, tinha alguma cousa de masculo. Porque um menino é delicado e magro, não pode apresentar uns traços que denotem o seu sexo, alguma cousa de varonil, que o não torne de todo effeminado?

E' um rigorista, o sr. Pujol, um rigorista terrivel, ou então, desaffecto do nosso collaborador, quiz alinetal-o um pouco, sem reparar que se firmava num terreno escorregadio...

Aquillo de «profundezas de ideias e de impressões» é relativo. O menino estava scismarento e impressionado com a entrada no collegio, o que para elle constituia um acontecimento incomprehensivel, que o assustava e affligia.

Aquelle *armazenado*, a que o critico se refere, é visivelmente um erro typographico. Entende-se sem difficuldade que deve ser—*armazenada*—, referindo-se á—*força*.

«A boa mãisinha acompanhou-o até lá, muito meiga, um pouco triste, mas consolando-o a cada passo, a cada instante falando-lhe do futuro, da necessidade de ser homem, para mais tarde protegel-a.»

O exigente folhetinista achou que isso era uma outra tolice.

S. s. philosopha de mais...

Perfeitamente se comprehende-o que o escriptor quiz dizer, quando escreveu que a mai falava de futuro e de protecção ao filho.

Numa linguagem meiga e consoladora a boa senhora procurava animar o menino, levando-o para um logar novo para elle.

O futuro? Eram as ferias, a volta á casa paterna, os doces que o esperavam, essas mesmas moedinhas de prata de que fala o sr. Pujol...

— Estuda, meu filho, para quando ficares homem, ganhares dinheiro e ires viver perto de tua mãisinha, que estará muito velha e precisará de ti para ajudal-a a andar... E etc. etc. Essas mil banalidades sublimes, que só as mãis sabem dizer com aquella voz branda e suave, que nos vai direito ao coração.

Outra cousa:

«O ar vivo, o passeio, a multidão, etc—*tirára-lhe*...»

Impagavel syntaxe! exclama jubiloso o meu sympathico folhetinista do *Vassourense*.

Impagavel? Porque? Não vejo ahi nenhum erro de grammatica. Grivet, o illustre grammatico A. Grivet, tratando de sujeitos compostos, diz o que segue:

«Andando um sujeito anteposto ao verbo, e avocando pela sua complexidade, uma *feição irresistivel* de pluralidade, o verbo passa para o plural.

Si, porém, os substantivos formando o sujeito representam idéas que de certo modo se enfeixam em uma abstracção summaria, o verbo, por syllepse, permanece no singular.»

Exemplos:—Toda a nobreza e excellencia do homem *consiste* no livre alvedrio. (*Padre Vieira.*)

O reino e a primeira benção, segundo o uso dos patriarchas, *pertencia* ao primogenito. (*O mesmo.*)

Mais adeante escreve o mesmo Grivet, auxiliando ainda mais o que desejo provar:

«Embora os infinitivos e substantivos, pela differença de indole, não possam geralmente juntar-se para formar um sujeito composto, não é sem exemplo encontral-os assim consorciados.»

Exemplo:—«SOA *muito estrondo dos pés, muito cantar* desentoado, *muito alarido* dos concurrentes, *muito impeto* dos que giram e emparelham.» (P.e *Manoel Bernardes.*)

Nos sujeitos compostos, desde que todos os membros estejam no singular, pode-se fazer o verbo concordar com todos juntos, indo para o plural, oú com cada um de per si, ficando no singular, como no caso vertente.

Já vê o attencioso sr. Pujol que o criticado sabe grammatica. S. s. e que anda assim um pouco... um pouco exigente, vá! Continuemos.

elle o ver, aproveitando a fresca da noite para a viagem, que os dias não convidavam,

Mas ia o tempo correndo, já se estava a 20 e os dias cada vez mais torridos não deixavam mais que uma tenue esperança ao tresnoitado vendeiro de concertar a sua vida. Agora mesmo olhava elle para os cumulus alvinitentes, que, se erguendo por traz da serra, promettiam talvez alguma valente trovoada do Norte, que traria o tão esperado refrigerio á intoleravel canicula. E olhando, e offegando de calor, adormeceu.

Mal teria dormido meia hora, despertou o Manoel Dias a um tropel de cavallos e rinchar de arreios, de mistura com o rumor surdo de um carro que rodava pela areia fofa da estrada. Com o coração aos pulos, correu a vêr: era o D. Abbade!

«O senhor D. Abbade? — gritou debruçando-se ao peitoril da varanda, — uma palavra, por favor!»

O frade deitou a cabeça fóra do carro e, vendo o que lhe acenava, fez-lhe uma mezura cortez. O cocheiro refreiou as mulas. Manoel Dias ia sahir a receber o seu alto senhorio, quando reparou que estava sem calças.

As malditas calças, com que sempre embirrára, que tanto o incommodaram e que lhe faltaram n'uma occasião d'aquellas! Embarafustou pela casa a dentro: «O' negra, qué-dellas minhas calças?

Vê onde estão as minhas calças! Procura, demonio, que eu não sei onde ellas estão!» E voltando para fóra, dirigia-se ao frade que vendo-o sumir-se não descera do carro: «Por favor, senhor d. Abbade, não faça ceremonia nesta sua casa! Não repare, olhe...» E com medo de ser visto em ceroulas, fugia para dentro, gritando: «Mas onde estão essas calças que não apparecem? Vê se não estão lá no quarto, negra! Ora esta só a mim acontece!» E voltava á varanda para tornar a vir procurar as calças.

O Dom Abbade achou suspeitos aquelles modos, voltou-se para um companheiro de jornada e perguntou-lhe: «Aquelle não é o Manoel Dias?»

— E' elle mesmo — «Coitado do homem, parece que perdeu o juizo!» reflectiu o santo homem a uma das desapparições do Dias, e concluiu: «Toca, rapaz! estamos perdendo tempo»

E o carro abalou. Manoel Dias, que encontrara afinal as encantadas calças e já enfiara uma perna, correu ao estrepito, soltando um clamor de desolação: «Oh! senhor D. Abbade!...» Mas já ia longe o carro e com elle iam as esperanças do pobre homem. N'um impeto de colera deu elle um puchão ás calças para rasgal-as, mas a ganga azul bem cozida pelas costureiras d'aquelle tempo não se rompia facilmente.

Então o Manoel Dias, olhando alternadamente para a estrada onde ha pouco estava a esperança da sua velhice e para as calças meio vestidas que lh'a faziam perder, enchia-se de tanta raiva impotente e de tanta desesperação, mostrava uma expressão tão ridiculamente dolorosa que, vendo-o, exultaria o coração sombrio do maldoso Schopenhauer, o Anti-Deus allemão!

DOMICIO DA GAMA.

Rio, 17 de Janeiro 1886.

Primeiros espinhos

O MEU sympathico confrade Alfredo Pujol, no *Vassourense* de 31 do mez passado, volta a contestar as linhas que escrevi sobre a rigorosa critica que fez s. s. ao conto *Primeiros espinhos*, publicado no n. 11 desta folha.

O attencioso folhetinista chama-me «distincto escriptor» para dizer logo adeante que a minha refutação, além de incompleta, não lhe parece rasoavel.

Pois pareceu-lhe mal. Estará incompleta, porque algumas insignificancias, que s. s. tomou em consideração na sua critica, eu não respiguei por julgar que era trabalho inutil; porém, rasoavel está ella, e a prova é que o meu digno collega encheu oito columnas do *rez-de-chaussée* do *Vassourense* e não destruío o que eu lhe affirmei da outra vez.

No seu primeiro folhetim disse o sr. Pujol:—«O assumpto do conto é mediocre:—trata-se de um pequeno de seis annos que, pela vez primeira, vai á escola.» Achou, conseguintemente, sem valor nenhum, talvez mesmo banal, a idéa principal do conto.—Respondi que os *conteurs* modernos aproveitam, de proposito, assumptos muito communs, apparentemente insignificantes, discorrem sobre elles, conseguindo com as bellezas do estylo e as attracções magicas da forma, prender a attenção dos seus leitores. Vem agora o talentoso sr. Pujol e diz que concorda plenamente commigo, o que muito me desvanece, e accrescenta que—se classificou o conto de *mediocre* foi para mostrar que, além dos defeitos de linguagem nelle contidos, nem ao menos tinha originalidade e elevação de idéas! Mas não é isso que se deprehende do que disse s. s. anteriormente:—o assumpto do conto é mediocre: trata-se de um pequeno de seis annos que, pela primeira vez, vai á escola... O que desagradou ao critico foi a simplicidade do assumpto, aliás interessante e bem aproveitado por Tancredo de Mello.

— A lei do Bom-Senso, como a da Physiologia, desampara completamente a *vaga asserção* do meu illustre contendor, a respeito das creancinhas debeis de olhos irrequietos: Um menino fraco, magrinho, delicado, póde muito bem numa hora de alegria, num momento de expansibilidade infantil, correr pelo jardim, atraz das borboletas;—como um *doido* é apenas um modo de dizer...

As creancinhas delicadas e franzinas que conheço, diz o sr. Alfredo, por mais intelligentes que sejam não o traduzem pelo *olhar luminoso de vivacidade irrequieta*. E' por que s. s. não reparou ainda bem. Hade sempre encontrar uma ou outra que... o não deixe ser tão teimosinho assim.

Sobre o ter eu apontado como exemplo entre os adultos o sr. dr. Valentim Magalhães, diz o amavel critico do *Vassourense*, que a grande intelligencia desse illustre escriptor «por isso mesmo que elle é fraco e delicado não se manifesta por *uns olhos irrequietos*.»

Está s.s. muito enganado. Os olhos do director d'*A Semana* não são irrequietos por que elle é myope, como eu, e atravez de uns vidros grão o ou 8 não podem apparecer olhos irrequietos e luminosos... *Ecco!*

Manda-me o sr. Pujol acreditar que o dr. Valentim Magalhães, emquanto os camaradas jogavam a *barra* o *saute mouton* ou a *cabra cega*, deixava-se ficar quietinho no salão de estudo, a tirar *significados*, ou a escrever versinhos innocentes...

Custa-me muito a acreditar nisto. Tenho para mim que aquelle que mais tarde escreveria os — *Cantos e Lutas* — havia de ser n'outros tempos um menino bastante travesso...

— O illustrado critico *admitte* (louvado seja Deus!) que aquillo de *profundezas de idéas e de impressões*, seja relativo e, sendo assim, conclue, muita cousa censuravel naquelle conto pode passar sem reparo.»

Os trechos que o estimavel e novel escriptor transcreve para provar que o estylo de Tancredo de Mello é superabundante e fastidioso, conseguem demostrar... justamente o contrario.

O amavel Alfredo estava a ver tudo de luneta amarella, quando leu o n. 11 d'*O Domingo*.

— Sobre a questão grammatical, de poder o verbo vir no singular, concordando com os diversos membros de um sujeito composto, desde que nenhum desses membros esteja no plural, o intelligente folhetinista escreve unicamente — que a opinião de Grivet não o convence.

O amavel sr. Pujol tem uma certa *manière* de discutir, que denota claramente a profunda convicção que já tem de sua superioridade, e eu não poderei, — obscuro rabiscador sertanejo — leval-o de vencida.

Admitto isto, diz sempre s. s.; *admitto* aquillo; *acceito* aquillo outro; *entendo* assim, etc. Não admira, pois, que o não convença Grivet. Quanto a mim, esse grammatico é o melhor que temos para a lingua vernacula; minha opinião incompetente está, felizmente, de accordo com a de professores provectos e abalisados; por isso citei unicamente o autor da *Grammatica analytica*, corroborando, todavia, a citação com os exemplos de Manoel Bernardes e padre Vieira, que, pelos modos, não convenceram tambem ao joven critico.

Nada tenho a dizer mais sobre este ponto a não ser que, como meu amigo Tancredo de Mello, procurarei sempre errar com estes classicos e com aquelle grammatico.

— O critico insiste sobre a separação do *n* euphonico do pronome, o que afinal, é uma cousa sem grande importancia.

Em muitos livros de brilhantes escriptores portuguezes e nacionaes, tenho encontrado esse pequeno *senão*. Homens que sabem grammatica, mas arrastados por outra ordem de estudos e de observações, descuidam de uma ou outra regrasinha, que em nada lhes prejudica o valor do trabalho... Nada mais.

N'aquelle periodo que começa: — «Quando chegaram, porém, um espasmo nervoso etc.» devia ter um pronome antes do verbo *sentio*; mas, o leitor facilmente percebe que aquillo não passa de um lapso. A nota do meu sympathico confrade Pujol é a de um critico exigente como o diabo!

Ha ainda muita cousa que o talentoso folhetinista *não admitte* e que eu e mais o Tancredo estamos dispostos a admittir... pela mesma razão.

— As *manhãs sonoras* soaram mal ao amavel collega; peior soaram-me as sandices sonoras do sr. Tealber...

Concluindo a sua valente resposta á minha despretenciosa refutação, o meu distincto contendor fala numa carta que lhe escrevi e agradece-me as expressões de merecido elogio, que tive o prazer de dirigir-lhe. Essa carta foi resposta á que me enviou o digno collega e na qual eu encontrei demonstração verdadeira de uma alma nobre e dos mais apreciaveis sentimentos. Lendo as generosas phrases que o confiade se dignou de escrever-me, procurei retribuil-as — com o juro que a justiça me indicava.

Sinto que s. s. esteja resolvido a não responder-me mais.

A discussão calma, attenciosa, entre rapazes que se prezam, não traz inconvenientes.

Acceitando o aperto de mão que me offerece o talentoso sr. Alfredo Pujol, estendo-lhe os braços na effusão da mais cordial estima.

J. R.

Spleen

I

O seu palacio é de marmore branco e rosa. Está situado numa das grandes eminencias da cidade.

As largas janellas ogivaes rasgam para cima dum grande oceano de telhados enegrecidos pelas chaminés delgadas e famintas, e deixam ver a serenidade do Tejo, que rebrilha como um espelho do mais fino crystal, á grande luz do dia que o inunda e que o rasga. E vê-se o mar ao fundo — uma fita estreita de setim azulino — confundindo-se com o horisonte — uma saphira que se volatisou ha muito...

Ferem duas horas. No quarto da condessinha o sol entra a mêdo, coado pelos *stores* de setim côr de rosa. Da cidade vem até aqui o ruido confuso dos trens que rolam eternamente sobre as calçadas asperas. E de quando em quando um pregão chorado estende-se pelo ar quieto e luminoso, como um lamento de pobre...

Na casa fluctua a luz côr de rosa dos *stores*, uma luz feérica e mysteriosa, onde perpassam gargalhadas finas de satyros em bom estado, e risos chrystalinos de deusas virginaes.

Do grande leito torneado apenas se vêem as largas cortinas de Bruxellas, caindo em dobras principescas, suaves e harmonicas, e no tapete rutilante uma chinella de setim dormita socegada, sonhando no mysterio voluptuoso dum baile.

Na rua um cornetim ladra umas velhas arias italianas. E' um rapazito gordo, esfarrapado, com quem o sol brinca nas mauhãs frias de janeiro, e que todas as tardes alli passa, defronte do palacio. E' um

—

Até aqui, admitto que eu ande enganado e que o meu illustre contendor tenha toda razão.

Vou passar agora a outros pontos mais melindrosos, porque affectão directamente a *grammatica*.

Ceusurei esta phrase, que sôa tão mal ao ouvido: « o ar vivo, fresco, o passeio de bond, a multidão ruidosa e alegre de cousas e pessoas ... etc.. tirára-lhe um pouco das preoccupações do grande acto da vida que ia effectuar. »

— Não vejo ahi nenhum erro de grammatica, — exclama Jorge Rodrigues, transcrevendo em seguida opiniões do grammatico A. Grivet; e accrescenta: « Já vê o attencioso sr. Pujol que o criticado sabe grammatica. S. s. é que anda assim um pouco..... um pouco exigente..... vá! »

Comprehendo bem aquellas reticencias.

Creia o sr. Jorge que eu não me zangaria si, em vez daquelle — *exigente*—s. s. tivesse escripto o qualificativo com que, em consciencia, mimoseou-me.

Podia dizer que eu não sei grammatica; dizendo-o não se enganaria. Isto de grammatica, meu amigo, é uma cousa muito seria, acredite.

A minha pouca idade e os meus poucos estudos de linguistica não me permittem *saber* grammatica: sou apenas um obscurissimo amante de lettras, que se exforça por saber alguma cousa.

Comtudo, não são precisos grandes conhecimentos para affirmar que o dr. Tancredo, si sabe grammatica, —como creio piamente—é muito distrahido.

A opinião do Grivet, citada pelo sr. Rodrigues, não me convence: talvez tenha elle razão; mas, si assim é, eu entendo, de accôrdo com muitos philologos auctorisados, que taes exemplos não são dignos de imitação.—A dissonancia que destas expressões resulta, escreve um abalisado professor, só apparece disfarçada si a phrase estiver em ordem inversa.

Prosigamos.

Aceito aquelle — *armazenado* — como um erro typographico. Outro tanto não se póde dizer de— fizerão-n'o, beliscarão-n'o, empurrarão-n'o, achassem-n'o,—etc. Para o meu collega, parece que o Grivet é um *tira-teimas*. Pois bem; leia o Grivet, á pagina 522:

« — A Próthese consiste no accrescimo, por augmento, do *N* euphonico ao mesmo pronome pessoal o, a, os, as, quando posposto a uma terminação nasal (ão em). Não são poucos os publicistas, que por ignorancia dos principios de grammatica, julgão necessario, para mais expressamente resalvar o alcance méramente euphonico do referido n, separal-o do pronome pelo apostropho, escrevendo n'o, n'a, n'os, n'as.

E' o mesmo como pôr dous topes em chapéo armado ».

Adiante.

« Quando chegarão, porém (diz o conto) um *espasmo* nervoso, inexprimivel, *sacudiu-lhe* todo o organismo, e *sentiu* como um vapor de lagrimas subindo-lhe a cabeça.... »

Quem é que sentiu o tal vapor? perguntei eu.

Jorge Rodrigues julga inutil essa pergunta.

Leia ainda o mesmo Grivet á pagina 350:

« Nos seguintes exemplos, a suppressão indevida de um sujeito idoneo, junta ao emprego mal cabido da conjuncção copulativa e, torna as orações, senão de todo amphibologicas, ao menos de construcção viciosa ».

Confesso ainda que não posso analysar a phrase: « Mas o peior foi na hora do recreio, sobresaltado, quasi tonto, no meio do barulho e das caras novas », visivelmente viciosa: não admitto aquella « grande sala *núa, cheia* de desconhecidos » nem o emprego successivo de *immovel* e *empurrado* etc.

Aquellas *manhãs sonóras*, não as admitto tambem, pelo menos em prosa.

Jorge Rodrigues tem lido essa expressão em laureados poetas, sem que a critica os verbére.

De accordo, mas só em verso.

Essas cousas, ditas em verso pódem passar...

São *sandices sonóras* como diz Toalber, o querido chronista vassourense.

—

Estava a concluir este artigo, quando recebi uma honrosissima e delicada carta de Jorge Rodrigues.

E essa carta foi-me direito ao coração, tal é a sinceridade das expressões nella contidas.

Jorge Rodrigues revela-se um moço de grande talento, que tem caracter e muita dignidade, o que é raro mostrar-se em um só individuo.

Longe de censural-o pela attitude que ante mim tomou, louvo-o muito e muito applaudo-o com sincero enthusiasmo, porque soube cumprir um dever de lealdade.

Lastimo que se tenha dado entre nós esse incidente, e tanto mais quanto a Jorge Rodrigues pareceu que existem em mim odiosinhos inveterados contra o distincto moço que escreveu os *Primeiros Espinhos*.

Assim, quero pôr termo a essa questão, para poupar-me maiores desgostos.

Diga-me Jorge Rodrigues o que entender: não lerá outra resposta minha.

O dr. Tancredo de Mello hade encontrar sempre em mim um bom camarada, que deseja vêl-o coberto de louros na republica das lettras; quanto a Jorge Rodrigues, estendo-lhe amigavelmente a mão, como companheiro que de ha muito o aprecia, e agradeço-lhe de coração os lisongeiros termos que me dirige em seu artigo, inclusive mesmo aquellas reticencias...

Alfredo Pujol.

Mendes, Janeiro, 1886.

O Vassourense (RJ) - Ano 1886\Edição 00005 (1)

—

Onde está o bode?

No *Jornal do Recife*, de 10 do corrente, voltou o autor do problema publicado no mesmo *Jornal*, de 24 do mez proximo passado; e, como era de esperar, como ultimo recurso do desespero e taboa de salvação, com uma tremenda descompostura.

Não nos queixamos, porém, visto termos a culpa de não nos haver occorrido, em tempo, o antigo e sabio proverbio: « *quem com porcos se mistura farelo come* ».

Pode-se dividir o alludido artigo, que, pela vez primeira, deixou de ser de *quatro linhas*, sem deixar, todavia, de ser indecente e injurioso, em 3 partes distinctas.

Na primeira, o autor d'elle injuriou, esbravejou, insultou; na segunda, procurou, mas debalde, defender-se dos erros crassos de grammatica, que tem commettido, sem collocar a questão em seus devidos termos; na terceira, apegando-se a um engano manifesto de nossa parte, commettido no artigo de 9 do corrente, prorompeu em uma explosão de exclamações desordenadas, como se tivera inventado a polvora!!

Precisamos, tambem, responder por partes; e, vamos começar pela ultima.

Quando para mostrarmos, que o—QUE—quando pronome relativo, refere-se sempre ao antecedente, demos os seguintes exemplos: « *a casa que Pedro construio é uma das mais bellas d'aquelle sitio* »: « *a encadernação do livro que me déste é muito elegante,* » não podiamos absolutamente considerar o —*que*—em ambas as orações, como sujeito dos verbos—construio—e—déste—

Preoccupado, com o que queriamos demonstrar; isto é, que o—QUE—refere-se sempre a um nome que lhe antecede, e nunca a um que lhe succede, dissemos—*sujeito*—, em lugar de dizermos—*complemento*—

E' principio corrente, que o—QUE—, quando pronome relativo, faz, na oração em que se acha, o officio, ora de sujeito, ora de complemento.

Foi um engano manifesto, e, tanto mais evidente quanto, em ambos os exemplos figurados, o—QUE—é complemento dos verbos—*construio* e déste.

E, só por preoccupação, nos escapou semelhante equivoco, o qual não devia ter provocado por parte do *sabio* articulista tantas interrogações e admirações, como se tivesse feito um grande invento.

O que não fez, porém, foi mostrar, que o—*que*—não se referia aos antecedentes—*livro* e *casa*; o que constituia exactamente o objecto de nossa demonstração.

Se conseguisse fazel o, é que poderia exultar e entoar os hymnos da victoria.

E, para verificar-se, que, os alludidos exemplos, só foram trazidos para o fim que alludimos, basta lêr-se, o que logo em seguida dissemos:

« E, assim, em muitos outros exemplos e casos, « sempre o—*que*—como relativo, refere-se ao an- « tecedente; é uma regra que não tem excepção; « porque todas as vezes que houver ambiguidade « no sentido da phrase empregando-se o conjunc- « tivo—*que*—deve este ser substituido pelo adjec- « tivo—*o qual*—

« Ex: *a desobediencia dos Israelitas ás ordens « de Deus*, A QUAL é *materia continua das queixas « de Moysés.* »

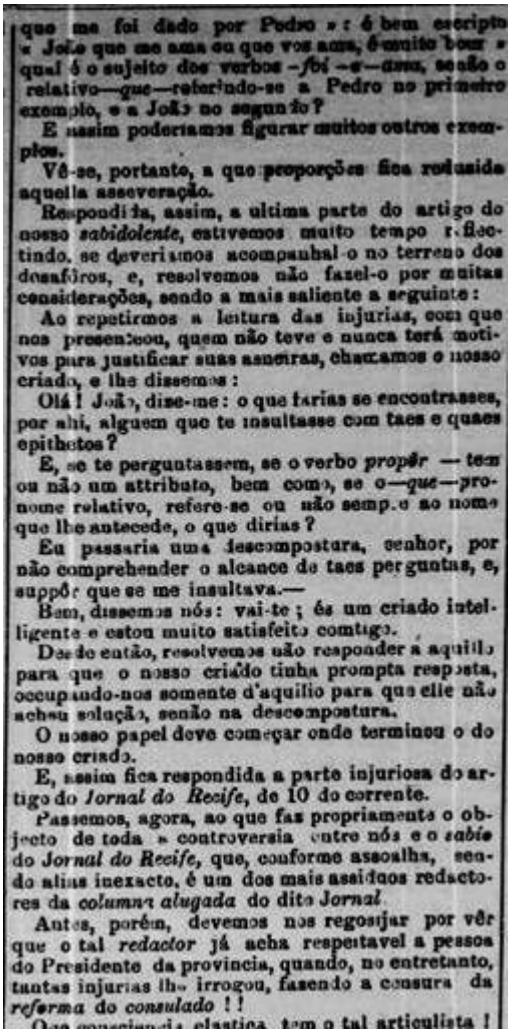
« Aqui, como o—*que*—refere-se a—*desobedien- « cia*—e, não a—*Deus*—, se emprega—*a qual*— « em vez de—*que*—

Assim, portanto, só por um equivoco, consideramos o—*que*—como sujeito dos verbos—*construio* e *déste*, quando, em ambos os exemplos, elle serve de complemento de taes verbos.

Não é por este lado, que, o autor do problema sobre *pomada em canudos*, se ha de justificar ou fugir da nossa argumentação.

O que é admiravel, porém, é que soccorrendo se ao que se está vendo ser manifestamente um engano, tenha o *sabio* articulista aventurado o seguinte asserto: « nas orações em que entra o pro- « nome pessoal, o—QUE—relativo não pode ser « sujeito. »

Pois bem; nos seguintes exemplos: « o livro



que me foi dado por Pedro » : é bem escripto « João que me ama ou que vos ama, é muito bom » qual é o sujeito dos verbos —*foi* —*é*—*ama*, senão o relativo—*que*—referindo-se a Pedro no primeiro exemplo, e a João no segundo?

E assim poderiamos figurar muitos outros exemplos.

Vê-se, portanto, a que proporções fica reduzida aquella asseveração.

Respondida, assim, a ultima parte do artigo do nosso *sabidolente*, estivemos muito tempo reflectindo, se deveriamos acompanhal-o no terreno dos desafôros, e, resolvemos não fazel-o por muitas considerações, sendo a mais saliente a seguinte:

Ao repetirmos a leitura das injurias, com que nos presenteou, quem não teve e nunca terá motivos para justificar suas asneiras, chamamos o nosso criado, e lhe dissemos:

Olá! João, dize-me: o que farias se encontrasses, por ahi, alguem que te insultasse com taes e quaes epithetos?

E, se te perguntassem, se o verbo *propôr* — tem ou não um attributo, bem como, se o—*que*—pronome relativo, refere-se ou não sempre ao nome que lhe antecede, o que dirias?

Eu passaria uma descompostura, senhor, por não comprehender o alcance de taes perguntas, e, suppôr que se me insultava.—

Bem, dissemos nós: vai-te; és um criado intelligente e estou muito satisfeito comtigo.

Desde então, resolvemos não responder a aquillo para que o nosso criado tinha prompta resposta, occupando-nos somente d'aquillo para que elle não achou solução, senão na descompostura.

O nosso papel deve começar onde terminou o do nosso criado.

E, assim fica respondida a parte injuriosa do artigo do *Jornal do Recife*, de 10 do corrente.

Passemos, agora, ao que faz propriamente o objecto de toda « controversia entre nós e o *sabio* do *Jornal do Recife*, que, conforme asseolha, sendo alias inexacto, é um dos mais assiduos redactores da *columna alugada* do dito *Jornal*.

Antes, porém, devemos nos regosijar por vêr que o tal *redactor* já acha respeitavel a pessoa do Presidente da provincia, quando, no entretanto, tantas injurias lhe irrogou, fazendo a censura da *reforma* do *consulado* ! !

Que consciencia elastica tem o tal articulista !

reforma do consulado ?

Que consciencia elastica tem o tal articulista !

Quando lhe temos aconselhado que não se metta a escrever artigos, é porque, ficamos penalisados, vendo a imprensa emporcalhada, já, com despropositadas descomposturas, já com uma *linguagem elegante*, como dá testemunho eloquente : « os *com novos* encargos. »

Occupem-nos, porém, com a questão principal, e tornemos bem saliente e claro de que se trata ; o que motivou a discussão, e sobre que ella versa. Attenda o publico.

No *Diario* de 21 do proximo passado, alludindo ao que com tanta *eloquencia* e *verdade* se disse a respeito da reforma do consulado, formulamos um problema, e, o concluimos assim :

« Se o bôbo que escreveu sobre a reforma do « consulado resolver este problema, ganhará fogos « para o S. João. »

No *Jornal do Recife* de 24 do mesmo mez tres dias depois, appareceu tambem um problema, cuja conclusão era a seguinte :

« Se, o conhecido idiota QUE PROPOZ no *Diario* « de 21 do corrente, resolver o difficil problema, « ganhará um pratinho de carurú e algumas duzias de traques. »

No *Diario* de 26, sob o titulo, « *onde está o gato* ? referindo-nos a semelhante problema, perguntamos : qual o attributo do verbo—*propor* ? »

« Que foi que o conhecido idiota propoz ? »

Cumpre aqui observar, que, tendo sido santificado o dia 24, somente a 26 houve jornaes, ficando assim respondida a arguição, que se nos fez, no *Jornal*, de ante-hontem, de termos passado dous dias para fazermos taes perguntas.

D'esta data (26) até o 1.º do corrente, houve diversos artigos, de parte a parte ; nós a pedirmos resposta á aquellas perguntas, e, o nosso antagonista a esquivar-se de dal-a ; até que, afinal, no *Jornal* d'esse celebre dia 1.º appareceu elle e disse :

« *Podiamos* simplesmente dizer, « que o verbo— « *propor* NÃO TEM ATTRIBUTO ; (attenda se bem « para esta asseveração do nosso *sabio* antagonis « ta) mas é preciso demonstrar que o tal *doutor* « (*que não é douto*) ignora o que seja attributo, e « que leva a sua supina ignorancia ao ponto de « confundir attributo com o complemento de ora « ção. »

Devemos observar, que, ainda hoje, esperamos pelas explicações promettidas !

« Vamos explicar o periodo, continúa o PROBLEMATICISTA, pondo as orações em ordem grammatical. »

« Oração principal : — o conhecido idiota ganhará um pratinho de carurú, e algumas duzias de traques. »

« Oração condicional : — Se (elle idiota resolver o difficil problema.

« Oração explicativa : — *que* (ou QUAL PROBLEMA elle idiota) *propoz*, no *Diario* de 21 do corrente. »

Pedimos toda attenção para esta oração explicativa, do sabio autor do problema do *Jornal do Recife*.

Depois deste historico, estamos habilitados para mostrar quaes os pontos sobre que versa a discussão, e, para bôa ordem na argumentação, podemos estabelecer tres questões :

1.ª—O verbo—*propor*—tem ou não attributo ?

2.ª—E' possivel, que, quem formula um problema, peça a solução, não do que propõe, mas de outro, publicado em *jornal* diverso, e ao qual nenhuma referencia se fez ?

3ª. Está correcta a ordem grammatical, que, do periodo com que concluio o problema, fez o autor d'este ?

Com relação a primeira questão, o SABIO *problematicista* diz cathegoricamente : « Podiamos simplesmente dizer que o verbo —*propôr*—NÃO TEM ATTRIBUTO.

Já, em dous longos artigos, publicados nos *Diarios* de 7 e 9 do corrente, mostramos, a saciedade, que o verbo—*propôr*—tem attributo, quer se tome esta palavra no seu sentido rigoroso, quer, se a repute como significando regime, complemento ou paciente.

No *Jornal*, de ante-hontem, veio o autor do tal problema, e, disse :

1º—que os termos, sujeito, verbo e attributo, não são termos necessarios á toda oração, logicamante estudada.

2º—que, não ha verbo que peça attributo, depois de si. »

Concordou, todavia, que o verbo—*propôr*—sendo transitivo ou relativo pede depois de si um complemento, regime ou paciente.

E, a razão é porque ; não tendo os verbos transitivos ou relativos um sentido completo, precisam de um complemento ou regime para determinar-lhes o sentido.

Ora, o accordo em que está comnosco o *sabio* articulista, a respeito do facto de pedirem os verbos transitivos um complemento, importa uma confissão de sua parte, que o compromette redondamente; porque; sendo certo que, nos verbos concretos, por isso mesmo, que taes verbos têm os attributos respectivos concentrados na mesma expressão verbal, se tem admittido tomar a palavra attributo, como significando regime, complemento ou paciente, o verbo—*propor*—(que é um verbo concreto, como todos os outros, excepto o verbo ser, que é abstracto) sendo incontestavelmente transitivo ou relativo, pede depois de si um regime, complemento, paciente, ou attributo, tomada esta palavra, no sentido que acabamos de explicar.

Por confissão, portanto, do proprio articulista, o verbo—*propor*—*pede depois de si* (já que faz questão de taes expressões) attributo, tomada a palavra, como equivalendo a regime ou paciente, perdendo, então, sua significação rigorosa.

Por outro lado, tomando-se a palavra attributo, na sua significação rigorosa, como significando, aquillo que se affirma ou nega do sujeito, o verbo —propôr—tem ou não attributo?

Não ha quem possa negal-o.

O verbo—propôr,—como todos os verbos concretos, tem um attributo, concentrado na mesma expressão verbal.

Quando se diz: « Pedro—propõe », se tem dito: « Pedro é proponente; » do mesmo modo que, quando se diz: « Paulo ama, » se tem dito: « Paulo é amante; » e, assim por diante.

E, nem poderia ser de modo contrario; porque não ha oração, que, logicamente estudada, possa deixar de conter tres termos, sujeito, verbo e attributo; quer elles estejam todos claros, como: « Deus é poderoso; » quer se ache o attributo combinado com o verbo, como: « o sol brilha; » quer seja a proposição exprimida por um só vocabulo, encerrando ao mesmo tempo o sujeito, o verbo e o attributo, como: neva, chove, troveja, e em todas as interjeições, oh! ah! etc. etc.

E, absurdo seria pensar de outro modo, desde que se attender para o que se deve entender por um—verbo;—e, se considerar que papel elle representa na oração.

« *Verbo* é a palavra que, exprimindo a exis-
« tencia intellectual com relação a um *attributo*,
« liga este ao sujeito. »

O verbo exprime uma relação, e sem os termos aos quaes elle serve de relação, é impossivel a sua existencia.

O *sabidolente* do *Jornal do Recife* teve a coragem de affirmar, em seu artigo, de ante-hontem, que pode haver—verbo—sem sujeito e sem attributo!!

Qual o papel que representa o verbo?

E', exactamente, como diziam, muito bem, os Escolasticos, a fórma de que o sujeito e o attributo são a materia.

Poderá haver fórma sem materia? absolutamente não; do mesmo modo que é impossivel haver materia sem fórma.

Os dous termos se suppõem.

A palavra—chove—trazida para exemplo, está no mesmo caso que: neva, troveja,—e, qualquer das interjeições, que, constituindo uma oração, tem incluido em um só vocabulo os tres elementos, sujeito, verbo e attributo.

Assim, pois, o verbo—*propor*—tem um attributo, concentrado na mesma expressão verbal, como verbo concreto; e, por isto mesmo, como verbo transitivo, pede depois de si attributo, porque, esta palavra perde a sua significação rigorosa, para significar complemento, regime ou paciente.

E, feita a distincção entre a palavra attributo, tomada em sua accepção rigorosa, e, a mesma palavra tomada no sentido de complemento ou paciente, a que se reduzem os dilemmas formulados pelo autor do tal problema, no *Jornal*, de ante-hontem?

Quando, no *Diario* de 26 do proximo passado, pedimos attributo para o verbo—*propor*—tomamos esta palavra no sentido do paciente, tanto que immediatamente depois, dissemos:

« Que foi que o conhecido idiota *propoz*? »

Mas o *sabio*, que, aliás ignora, ao que parece, estes rudimentos, diz no *Jornal* do 1º do corrente, com incrivel desembaraço: « o verbo *propôr* não tem attributo »; quando, mesmo na accepção rigorosa desta palavra, tal verbo tem attributo, concentrado na mesma expressão verbal.

E quando assim argumentamos, se nos diz, que fugimos da questão!

Risum teneatis...!

Agora, aprecie o publico a coragem do nosso *problematicista*. Diz elle no *Jornal* de ante-hontem:

« Attributo, *meu doutor*, não na verbo *que o peça* « —*depois de si*; isto é, foi e será uma grande asneirá ».

E' preciso ter muita paciencia para supportar semelhante ousadia!

Tomada a palavra attributo, na accepção de complemento, todos os verbos transitivos pedem um attributo, porque pedem complemento ou paciente.

Mas, tomada a palavra attributo, em sua accepção rigorosa, significando, aquillo que se affirma ou nega do sujeito, o verbo abstracto—ser— pede ou não depois de si um attributo?

Não ha quem seja capaz de dizer que não, a não ser o *illustradissimo* autor do problema do *Jornal do Recife*.

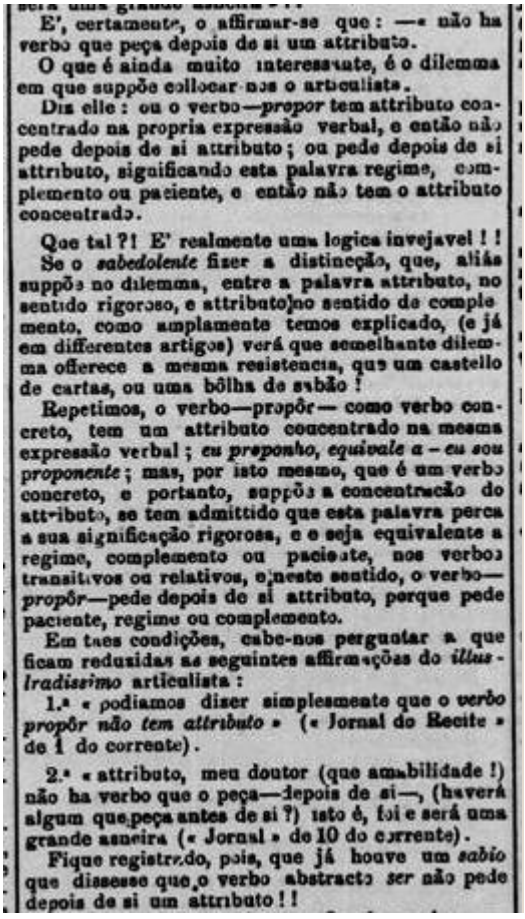
E a razão é obvia.

Sendo o verbo abstracto, o que designa o ser pela idéa precisa da existencia intellectual com relação a um attributo *qualquer*, ao contrario dos verbos concretos, que designam o ser, pela idéa precisa da existencia intellectual com relação a um attributo *determinado*, contido na expressão verbal, é mister que venha depois do verbo abstracto—*ser* —o *attributo*, para que se saiba o que se affirma ou nega do sujeito

Quando se diz: Pedro é; as casas são; os homens foram; os peixes são; é preciso que venha depois do verbo, é, são, foram, —alguma cousa— que mostree determine o que Pedro é, o que são as casas, o que foramos homens, o que os peixes são: ao contrario, nenhum juizo se tem externado com aquellas proposições inteiramente abstractas e sem significação real e positiva.

Assim, o verbo —*ser*, não pede só, exige depois delsi um attributo, tomada esta palavra na accepção rigorosa.

E, agora, digam os entendidos: « o que é, foi e será uma grande asneira »?!



será uma grande asneira ?!

E', certamente, o affirmar-se que: —« não ha verbo que peça depois de si um attributo.

O que é ainda muito interessante, é o dilemma em que suppõe collocar-nos o articulista.

Diz elle: ou o verbo—*propor* tem attributo concentrado na propria expressão verbal, e então não pede depois de si attributo; ou pede depois de si attributo, significando esta palavra regime, complemento ou paciente, e então não tem o attributo concentrado.

Que tal ?! E' realmente uma logica invejavel ! !

Se o *sabedolente* fizer a distincção, que, aliás suppõe no dilemma, entre a palavra attributo, no sentido rigoroso, e attributo no sentido de complemento, como amplamente temos explicado, (e já em differentes artigos) verá que semelhante dilemma offerece a mesma resistencia, que um castello de cartas, ou uma bôlha de sabão !

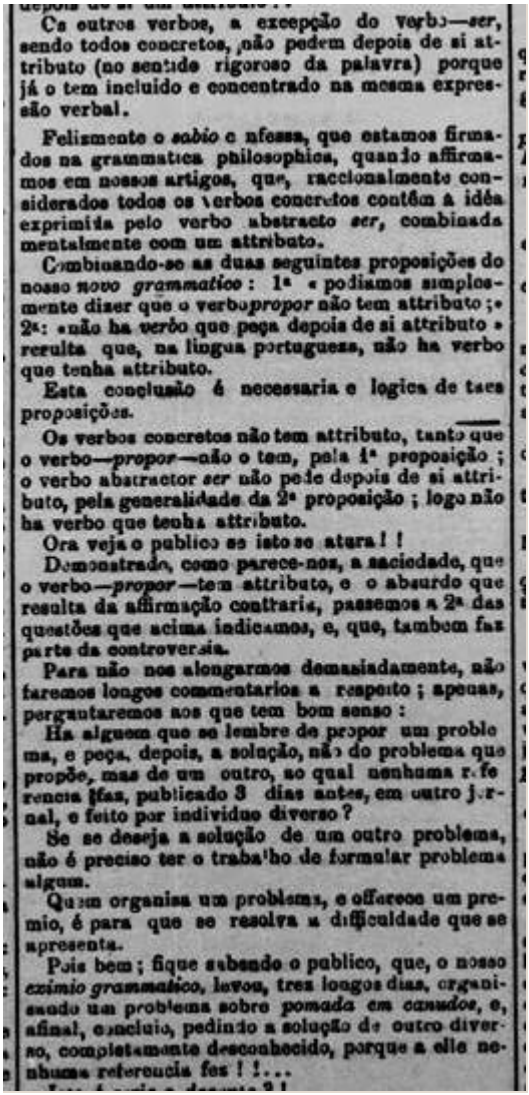
Repetimos, o verbo—propôr— como verbo concreto, tem um attributo concentrado na mesma expressão verbal; *eu proponho, equivale a – eu sou proponente*; mas, por isto mesmo, que é um verbo concreto, e portanto, suppõe a concentração do attributo, se tem admittido que esta palavra perca a sua significação rigorosa, e e seja equivalente a regime, complemento ou paciente, nos verbos transitivos ou relativos, e neste sentido, o verbo—*propôr*—pede depois de si attributo, porque pede paciente, regime ou complemento.

Em taes condições, cabe-nos perguntar a que ficam reduzidas as seguintes affirmações do *illustradissimo* articulista:

1.ª « podiamos dizer simplesmente que o *verbo propôr não tem attributo* » (« Jornal do Recife » de 1 do corrente).

2.ª « attributo, meu doutor (que amabilidade !) não ha verbo que o peça—depois de si—, (haverá algum que peça antes de si ?) isto é, foi e será uma grande asneira (« Jornal » de 10 do corrente).

Fique registrando, pois, que já houve um *sabio* que disesse que o verbo abstracto *ser* não pede depois de si um attributo ! !



Os outros verbos, a excepção do verbo—*ser*, sendo todos concretos, não podem depois de si attributo (no sentido rigoroso da palavra) porque já o tem incluido e concentrado na mesma expressão verbal.

Felizmente o *sabio* confessa, que estamos firmados na grammatica philosophica, quando affirmamos em nossos artigos, que, racionalmente considerados todos os verbos concretos contêm a idéa exprimida pelo verbo abstracto *ser*, combinada mentalmente com um attributo.

Combinando-se as duas seguintes proposições do nosso *novo grammatico*: 1ª «podiamos simplesmente dizer que o verbo *propor* não tem attributo;» 2ª: «não ha *verbo* que peça depois de si attributo» resulta que, na lingua portugueza, não ha verbo que tenha attributo.

Esta conclusão é necessaria e logica de taes proposições.

Os verbos concretos não tem attributo, tanto que o verbo—*propor*—não o tem, pela 1ª proposição; o verbo abstractor *ser* não pede depois de si attributo, pela generalidade da 2ª proposição; logo não ha verbo que tenha attributo.

Ora veja o publico se isto se atura!!

Demonstrado, como parece-nos, a saciedade, que o verbo—*propor*—tem attributo, e o absurdo que resulta da affirmação contraria, passemos a 2ª das questões que acima indicamos, e, que, tambem faz parte da controversia.

Para não nos alongarmos demasiadamente, não faremos longos commentarios a respeito; apenas, perguntaremos aos que tem bom senso:

Ha alguem que se lembre de propor um problema, e peça, depois, a solução, não do problema que propõe, mas de um outro, ao qual nenhuma referencia faz, publicado 3 dias antes, em outro jornal, e feito por individuo diverso?

Se se deseja a solução de um outro problema, não é preciso ter o trabalho de formular problema algum.

Quem organisa um problema, e offerece um premio, é para que se resolva a difficuldade que se apresenta.

Pois bem; fique sabendo o publico, que, o nosso *exímio grammatico*, levou, tres longos dias, organisando um problema sobre *pomada em canudos*, e, afinal, concluio, pedindo a solução de outro diverso, completamente desconhecido, porque a elle nenhuma referencia fez!!...

Isto é serio e decente?!

Quem assim procede, não demonstra ter uma *intelligencia privilegiada*!!

Não é mesmo um santo, em toda a extensão e comprehensão desta palavra?!

E, temos notado, que, apesar de termos em differentes artigos, nos occupado d'este ponto, que tanto caracterisa o *talento* do nosso *grammatico*, até hoje elle não ensaiou nem mugiou a respeito, talvez porque não tivesse encontrado em Grivet a resposta.

Pois bem ; que vão e resolvam o Grivet, e respondam-nos, é o que simplesmente pedimos.

Todo o absurdo, porém, provém de não ter o *grammaticista*, dado paciente ao verbo—*propor*,—no periodo com que concluio o tal problema, que tanto lhe tem custado !

Vendo-se acoçado por nós para que indicasse qual o paciente do alludido verbo, procurou fazer uma ordem grammatical do tal periodo, que além de importar o absurdo que apontamos, é um mimo, um *primor*, como vamos provar.

Para abstermo-nos de repetições fastidiosas, pedimos ao leitor o obsequio de attender para o periodo a que nos referimos, assim como para a ordem grammatical, que alludimos, periodo e ordem transcriptos neste mesmo artigo.

E, como no artigo, de ante-hontem, tambem, não se encontrou em *Guanabara* resposta para as nossas censuras, a respeito, feitas no *Diario* de 9 do corrente, transcrevemos para aqui o que ahi dissemos.

O periodo começa: se o conhecido idiota que razoa; este—que,—na oração, é pronome relativo ou adjectivo demonstrativo, e, portanto, refere-se necessariamente ao substantivo que lhe está junto e ao qual substitue, e, nunca póde referir-se a um nome que lhe está posterior e muito distante.

Não ha quem ignore isto !

O—*que*—pronome relativo resolve-se em—*o qual, a qual, as quaes, os quaes* e vem de—*qui quæ quod*, referindo-se *sempre* ao nome que lhe antecede.

Na oração que examinamos faz o officio de sujeito do verbo—*propoz*.

A regra de que o—*que*, quando pronome relativo refere-se sempre ao antecedente, e nunca ao consequente não tem excepção possivel ; mesmo porque ; quando houver ambiguidade no sentido da phrase, empregando-se o conjunctivo—*que*—para referir-se sempre ao antecedente, porém, mais distante, deve ser elle substituido pelo adjectivo—*o qual*.

Ex.: a desobediencia dos Israelistas as ordens de Deus,- *a qual* é materia continua das queixas de Moysés ».

Eis o conjunctivo- *que*—substituido pelo adjectivo—*a qual*—porque elle se fosse empregado se referiria a *desobediencia*, e não a *Deus*, que lhe antecede immediatamente.

Estes principios são incontestaveis.

Assim, no periodo que examinamos, o—*que*—da oração do verbo—*propoz*—só póde referir-se a—*idiota*- que lhe antecede, e, nunca, absolutamente nunca a—*problema*—que lhe succede, e, está á algumas leguas de distancia.

No entanto, o *sabio* autor do problema, na ordem grammatical, que fez de seu periodo, reputou o—*que*—relativo, mas (isto é simplesmente horrivel) referindo-se a problema ! !...

O que, porém, é mais admiravel, é que, segundo a tal ordem grammatical, o *que*—sendo relativo e referindo-se a—*problema*—representa o papel de paciente do verbo—propor !

Eis a oração, segundo o autor do problema : «que (ou o *qual problema*, elle idiota) *propoz* no *Diario* de 21 do corrente.

Elle idiota, para o *grammatico*, é o sujeito do verbo -*propoz*-, ficando para fazer o officio de paciente do mesmo verbo, que é transitivo, o pronome relativo—*que*,—que, na hypothese, equivale a—*o qual problema*.

Quanta belleza, e quanta novidade na lingua ! !

gua ! !

Do que temos dito a respeito da *mimosa* ordem grammatical, podemos deduzir duas perguntas, que quizeramos ter uma resposta franca.

1.ª O *que*—pronome relativo, em um periodo dado, pode referir-se a um nome que lhe succede ?

2.ª Na oração, em questão, o—*que*, pronome relativo, é ou não sujeito do verbo—propoz ?

E, o que respondeu o articulista ás nossas censuras a respeito, no *Jornal* de ante-hontem ?

Não se tratava de descompôr, e, passou como gato por brazas ; dizendo : qual erro ! é porque ainda não se comprehendeu o periodo ! !

Bem dito e bem resolvido ; de facto, o tal periodo tem suas difficuldades, e, parece ter, como se costuma dizer, *dente de coêlho* ! !

E, ainda se diz que fugimos da questão ! ! ...

O que provoca certamente o riso é a seguinte justificação : colloque-se as orações em ordem grammatical, e ver-se-ha que—o *que*—refere-se a problema, que lhe succede, e não a idiota, que lhe antecede ! !

De modo que, é mister, em um periodo qualquer, pôr as orações em ordem grammatical, para se conhecer a que palavra se refere o—*que*—pronome relativo ! !

Essa é esplendida, e constitue uma *novidade* ! !

Ora experimentemos o processo, e vejamos o resultado :

Ex. « a casa que Pedro construio é uma das mais bellas d'aquelle sitio » Tal como está o periodo o—*que*—refere-se a *casa* que lhe antecede ; e, temos—a casa a *qual* casa, Pedro construio.

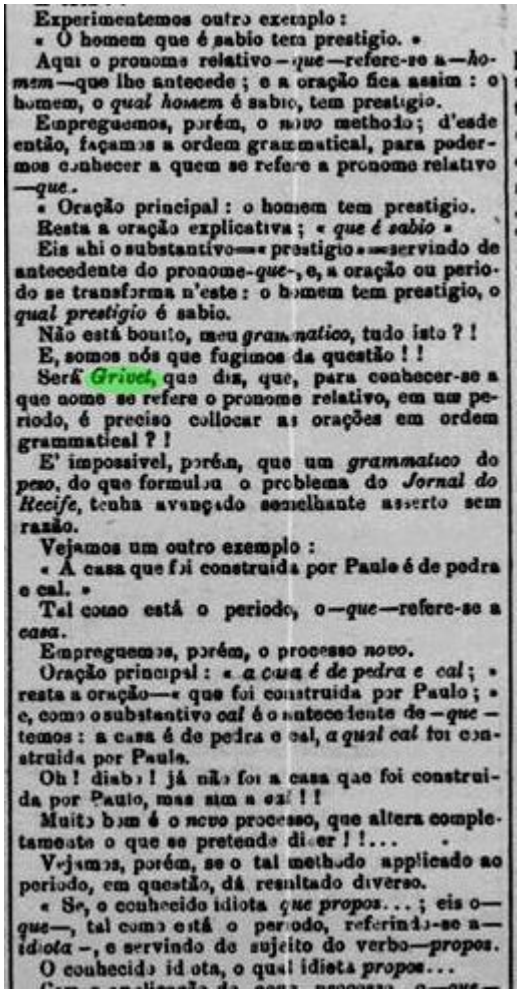
Agora empreguemos o *invento* ou o *processo* do nosso *grammatico*, que consiste em collocar as orações em ordem grammatical.

Oração principal :—a casa é uma das mais bellas d'aquelle sitio.

Resta a oração explicativa :—*que Pedro construio* : vem o substantivo—*sitio*—ser o antecedente de—*que*— ; e, portanto, o—*que*—refere-se a *sitio*, e não, a *casa*.

E, eis aqui Pedro construindo, não a *casa*, mas o *sitio* ou *logar* onde está a *casa* ! !

E esta ? !



Experimentemos outro exemplo:

« O homem que é sabio tem prestigio. »

Aqui o pronome relativo —*que*— refere-se a —*homem*— que lhe antecede; e a oração fica assim: o homem, o *qual homem* é sabio, tem prestigio.

Empreguemos, porém, o novo methodo; d'esde então, façamos a ordem grammatical, para podermos conhecer a quem se refere o pronome relativo —*que*.

« Oração principal: o homem tem prestigio.

Resta a oração explicativa; « *que é sabio* »

Eis ahi o substantivo — « prestigio » — servindo de antecedente do pronome-*que*-, e, a oração ou periodo se transforma n'este: o homem tem prestigio, o *qual prestigio* é sabio.

Não está bonito, meu *grammatico*, tudo isto ? !

E, somos nós que fugimos da questão ! !

Será *Grivet*, que diz, que, para conhecer-se a que nome se refere o pronome relativo, em um periodo, é preciso collocar as orações em ordem grammatical ? !

E' impossivel, porém, que um *grammatico* do peso, do que formulou o problema do *Jornal do Recife*, tenha avançado semelhante asserto sem razão.

Vejamos um outro exemplo:

« A casa que foi construida por Paulo é de pedra e cal. »

Tal como está o periodo, o —*que*— refere-se a *casa*.

Empreguemos, porém, o processo *novo*.

Oração principal: « *a casa é de pedra e cal*; » resta a oração — « que foi construida por Paulo; » e, como o substantivo *cal* é o antecedente de —*que*— temos: a casa é de pedra e cal, *a qual cal* foi construida por Paulo.

Oh! diabo! já não foi a casa que foi construida por Paulo, mas sim a *cal* ! !

Muito bom é o *novo* processo, que altera completamente o que se pretende dizer ! !... .

Vejamos, porém, se o tal methodo applicado ao periodo, em questão, dá resultado diverso.

« Se, o conhecido idiota *que propos*...; eis o— *que*—, tal como está o periodo, referindo-se a— *idiota* —, e servindo de sujeito do verbo—*propos*.

O conhecido idiota, o qual idiota *propos*...

Com a applicação do novo processo, o—*que*— vem referir-se a—*problema*—que é a palavra, que, na ordem grammatical, lhe antecede, e, perde a qualidade de sujeito, para tornar-se paciente do verbo—*propos*; porque; se continuar como sujeito; resulta que; o problema o qual problema *propos*.

Seria gaiato um *problema propondo* alguma cousa ! !

Além d'isto, resulta o absurdo intoleravel de propor-se um problema, e, afinal, pedir-se a solução de outro diverso, o que, ninguem, de criterio e bom senso, fará.

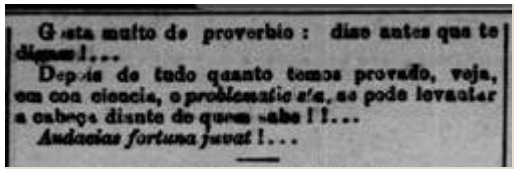
Assim; ou o relativo—*que*—refere-se a problema, e, d'esde então, temos, que não se quer a solução do problema que se propõe, mas, de outro que se ignora; e, o que era sujeito torna-se paciente, o que não deve ser das melhores cousas; ou, o —*que*—, refere-se effectivamente a—*idiota*,— que lhe antecede no periodo, tal como está enunciado; e, então, resulta, que o verbo —*propos*—não tem paciente, na oração, não se sabendo a quem, e, o que, o conhecido idiota *propos*.

Bonito processo que dá taes resultados ! !...

Escolha o nosso *grammatico* o que prefere no tal periodo, o absurdo intoleravel, ou o erro imperdoavel ! !

E, agora, diga-nos, com todo desembaraço, que fugimos da questão ! !

E, no entanto, o autor do tal problema ousa affirmar, sem corar, que fugimos da questão, e que só fazemos descompor !


Gosta muito de proverbio : diso antes que te digam !...
Depois de tudo quanto temos provado, veja, em con sciencia, o problematico s'a, se pode levantar a cabeça diante de quem sabe ! !...
Audacias fortuna juvat !...

Diario de Pernambuco (PE) - Ano 1887\Edição 00156 (1)

Onde está o bode !

E' mister desmascarar o *doutor* S., que ultimamente tem rabiscado nas solicitadas do *Diario de Pernambuco*.

O pobre typo, além de uma ignorancia invencivel, é de um pedantismo colossal e ridiculo !

Anda agora a encarecer uns artigos *bestialogicos* que escreveu, com supremo esforço e prolongada demora, para defender a administração do Exm. Sr. Dr. Pedro Vicente.

E, no meio dos seus *aranzeis*, só se preocupa em allegar que escreveu sobre a reforma do Consulado ; que não póde tolerar (coitado !) que se ataque a administração da provincia.

E' preciso que o Sr. Pedro Vicente faça constar ao seu officioso defensor, que o nome de S. Exc. não pode figurar no meio de esterquilinios.

Agradeça ao *insensato* e despeça-o, quanto antes, para evitar discussões injuriosas acerca da sua respeitavel pessoa.

Ha em Pernambuco muitos homens habilitados, talentos brilhantes, que figurando na politica conservadora, podem prestar excellente concurso a sua administração.

Mande o tal *idiota* para casa, e com isto lucrará immensamente.

Quem não sabe discutir, quem não tem a menor educação não póde conviver em sociedade escolhida e delicada.

A imprensa não é praça de garotagem.

Vamos, agora, responder ao bobo do *doutor* S , que, afinal, não poude declinar — para os typographos — a responsabilidade da asneira que escreveu, repetidas vezes, acerca do verbo *propor*.

Felizmente não poude escapar-se e fazer o costumado *ratapá* !

O periodo que despertou a questão de portuguez dizia assim :

Se o conhecido idiota, que propoz, no Diario

Se, o conhecido idiota, que propoz, no Diario de 21 do corrente, resolver o difficil problema, ganhará um pratinho de caruru' e algumas duzias de traques.

Depois de pensar dous dias, veio o nosso *doutor* perguntar: *Qual o* ATTRIBUTO DO VERBO PROPOR?

Mais tarde, a 2 de Julho, ainda escreveu o seguinte:—*o verbo propor é de acção transitiva e* PEDE DEPOIS DE SI, PACIENTE, ATTRIBUTO *ou complemento objectivo.*

Ainda no dia 5 do corrente, insistio em affirmar que PROPOR—*sendo de acção transitiva*—PEDE DEPOIS DE SI *um paciente,* ATTRIBUTO *ou complemento objectivo!*

Não ha affirmativa mais clara, franca e positiva.

As palavras paciente, attributo ou complemento objectivo foram empregadas na sua accepção vigorosa.

Basta lêr-se o que transcrevemos, para conhecer-se o pensamento manifesto do seu autor.

Temos, pois, de um lado o tal *doutor S* asseverando que o verbo *propor* PEDE DEPOIS DE SI ATTRIBUTO; e, do outro, nós a negarmos a sua affirmativa

O meio facil de resolver-se a questão, seria indicar-se o attributo que o *verbo propor* PEDIA DEPOIS DE SI.

Entretanto, já que não podemos conseguir isto, seja nos licito, ao menos, apreciar os seus subterfugios, para não dizermos a sua *fuga vergonhosa.*

Vejamos o que diz no *Diario* de 7 do corrente, plagiando a *grammatica philosophica*:

« *Sendo oração a enunciação de um juizo não póde deixar de compor-se necessariamente de 3 partes: sujeito, verbo e attributo.* . . . . .

Ora, se tudo isto é incontestavel, segue-se que o verbo *propor* pede depois de si attributo!.....

O homem é das Arabias!. . . quando se vê em embaraços recorre a *philosophia* e adeus regencia grammatical.

E' preciso conter o riso para semelhante modo de augmentar.

Engana-se, porém, o tal sandêo.

Não permittiremos as suas evasivas, e acompanhal-o-hemos para onde correr.

Para destruirmos a theoria da grammatica philosophica, cederemos a penna ao notavel grammatico A. Grivet, que se incumbe, brilhantemente, de refutar o conceito a que se soccorreu o nosso antagonista.

soccorreu o nosso antagonista.

A grammatica philosophica, com a sua theoria de verbo substantivo, quer quatro cousas:

1· Que não haja proposição sem 3 termos;

2· Que não haja facto sem sujeito;

3· Que não haja verbo attributivo que se não resolva em verbo substantivo;

4· Em não haja fóra do verbo substantivo, verbo sem attributo, nem haja para tal verbo outro attibuto, senão o que delle se extrahe.

Tudo isto, diz Grivet, se poderia arguir de falso com uma simples palavra: —*chove*, que constitue uma proposição clara, clarissima, e onde não se encontra as 3 *partes*, e conseguintemente, as trez ideias distinctas em todo e qualquer pensamento.

Desejariamos, para divertir ao publico, que o articulista do *Diario*, viesse fazer a decomposição analytica dessa proposição e indicar as 3 partes a que alludio.

Agora tambem seja-nos licito perguntar: — se toda oração não se compõe, necessariamente, de sujeito, verbo e attributo, a que fica reduzido o argumento do articulista do *Diario*?

Admittamos, porém, que não haja proposição sem os tres termos; ainda assim, não se póde concluir que o verbo *propor peça depois de si attributo*.

Isto é uma asneira digna de palmatoria!.....

Quando dizem os grammaticos que toda a oração deve ter sujeito, verbo e attributo, não empregam este vocabulo na sua accepção rigorosa; porque se assim fosse, desapparecerian os *complementos*, regime ou pacientes que servem para completar o pensamento que se pretende externar.

Não queira, pois, meu doutor, pegar-se nessa *teia* de aranha.

Dizer-se que toda oração se compõe de sujeito, verbo e attributo, é cousa muito diversa de affirmar-se que tal verbo PEDE DEPOIS DE SI ATTRIBUTO.

Deixaremos de parte esta questão, e vamos ver, afinal, como se *estende* nosso homem acerca do verbo propor.

Diz elle: « o que se póde allegar é que, sendo o verbo propor, um verbo concreto, e designando os verbos concretos o ser, pela ideia precisa da existencia, intellectual com relação ao attributo determinado, TAES ATTRIBUTOS ESTÃO CONCENTRADOS OU CONTIDOS NA MESMA EXPRESSÃO VERBAL. »

Bonito!

Afinal, entregou se o homem!

Oh! quantos bolos não dariamos!..... e!.....

Agora pergunto:

Onde fica, meu doutor?

O verbo PROPOR PEDE ou não ATTRIBUTO DEPOIS DE SI?

Se pede attributo, é porque não o tem incluido em si.

Se o tem, não póde certamente pedil-o, como foi affirmado em publicações successivas! (*Diario de Pernambuco* de 23 de Junho e 2 e 5 de Julho.)

Ora diga-nos: onde foi que errou? Seria quando pedio attributo para o verbo propor — em virtude de ser elle *de acção transitiva*? Ou seria, quando affirmou ser elle verbo concreto ter o attributo incluido em si?

Responda, faz favor!

Se o petulante articulista fosse mais sensato, teria verificado, primeiramente, que o verbo propor, sendo um verbo activo, objectivo relativo, pedia complemento objectivo e terminativo ; o que encontrará na oração que suppõe defeituosa, mas que não o é.

Attributo, *meu doutor*, não ha verbo que o peça —*depois de si* ; isto é, foi e será uma grande asneira !

Não param ahi os dislates do nosso *homem*.

Depois de ter pedido attributo para o verbo *propor*, conhecendo a sua asneira, procurou salvar-se, porém, de um modo a comprometter-se ainda mais !

Vejamos :

« E, como por isto mesmo, que os verbos concretos tem os seus attributos na mesma expressão verbal, se tem admittido que a palavra attributo, perdendo a sua significação rigorosa, possa ser empregada como significando paciente, complemento em regime nos verbos relativos ou transitivos, que são os que não tem um sentido complecto, e neste caso está o verbo propor etc. »

Parece-nos que, neste periodo, quiz o doutor S. safar-se dos apertos !

Elle insinúa que empregou a palavra attributo, como significando paciente, complemento ou *regime* !

Bravos !

Das duas uma : ou a palavra attributo foi empregada como synonima de completo ; e, neste caso, não póde achar-se incluido no verbo propor, porque elle pede, necessariamente, complemento objectivo e terminativo.

Ou então : foi applicada na sua rigorosa accepção, e, n'esta hypothese, é necessario que o tal rabiscador apresente o attributo que o *verbo* (segundo a sua opinião) *pede depois de si*.

Em que ficamos, meu *doutor* !

Esse jogo de disparate não nos serve.

E', porém, impagavel o nosso *homem* nos seus derivatidos !

Quiz desviar a questão para uma outra em que não póde sahir-se bem !

Firmando-se na grammatica philosophica, assim denominada, diz Grivet, por se incumbir de explicar a linguagem que todo mundo entende (*v. g. anto procurando*) por uma outra que ninguem sabe o que ella é (*sou andante procurante*), pretende demonstrar que todos os verbos se reduzem ao verbo *ser*.

Para que se mette nisto ?

Não vê logo que esta é uma discussão superior as suas forças ?

Tome o meu conselho ; vá lêr, estude alguma cousa, e peça a algum dos seus guias que lhe ensine melhor o portuguez.

Não concluiremos sem tornar saliente os disparates a que chegou o articulista, quando pretendeu mostrar erro no periodo que escrevemos, e que ainda não foi comprehendido.

Se o *homem* tem cabeça dura !...

Organisado o periodo em ordem grammatical, temos a seguinte enunciação :

O conhecido idiota ganhará um pratinho de carneiro e algumas duzias de traques, se resolver o difficil problema, *que* (o qual) propoz no *Diario* de 21 do corrente.

Ora, quem lêr isto comprehende (a menos que não seja um doutor S) que o pronome relativo—*que*—representa, certamente a palavra *problema*, que lhe antecede, collocadas as orações na devida ordem.

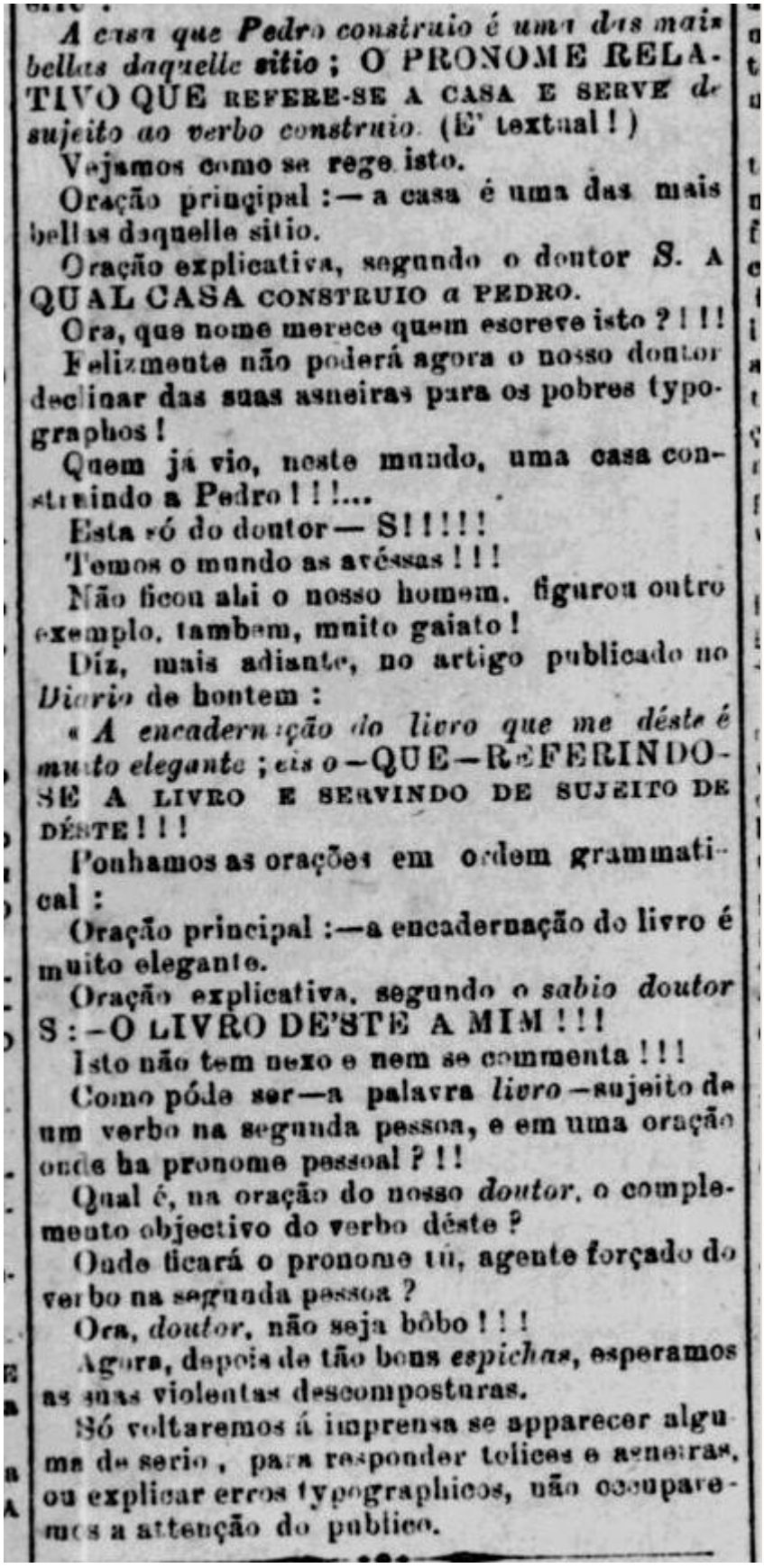
Fica assim demonstrado que, com effeito, o pronome relativo *que*, a referindo-se a palavra problema, serve de complemento objectivo ao verbo propor.

Ninguem poderá contestar isto convenientemente.

Só — o — não comprehende o *doutor* S., porque como já dissemos, é de uma ignorancia invencivel.

E senão vejamos.

Diz elle, exemplificando, para mostrar o nosso erro :



A casa que Pedro construio é uma dis mais bellas daquelle **sitio** ; O PRONOME RELATIVO QUE REFERE-SE A CASA E SERVE *de sujeito ao verbo construio.* (E' textual!)

Vejamos como se rege isto.

Oração principal :— a casa é uma das mais bellas daquelle sitio.

Oração explicativa, segundo o doutor S. A QUAL CASA CONSTRUIO *a* PEDRO.

Ora, que nome merece quem escreve isto ? ! ! !

Felizmente não poderá agora o nosso doutor declinar das suas asneiras para os pobres typographos !

Quem já vio, neste mundo, uma casa construindo a Pedro ! ! !...

Esta só do doutor — S ! ! ! ! !

Temos o mundo as avéssas ! ! !

Não ficou ahi o nosso homem. figurou outro exemplo, tambem, muito gaiato !

Diz, mais adiante, no artigo publicado no *Diario* de hontem :

« *A encadernação do livro que me déste é muito elegante* ; *eis o* — QUE — REFERINDO-SE A LIVRO E SERVINDO DE SUJEITO DE DÉSTE ! ! !

Ponhamos as orações em ordem grammatical :

Oração principal :— a encadernação do livro é muito elegante.

Oração explicativa, segundo o *sabio doutor* S :— O LIVRO DE'STE A MIM ! ! !

Isto não tem nexo e nem se commenta ! ! !

Como póde ser — a palavra *livro* — sujeito de um verbo na segunda pessoa, e em uma oração onde ha pronome pessoal ? ! !

Qual é, na oração do nosso *doutor*, o complemento objectivo do verbo déste ?

Onde ficará o pronome tú, agente forçado do verbo na segunda pessoa ?

Ora, *doutor*, não seja bôbo ! ! !

Agora, depois de tão bons *espichas*, esperamos as suas violentas descomposturas.

Só voltaremos á imprensa se apparecer alguma de serio, para responder tolices e asneiras, ou explicar erros typographicos, não occuparemos a attenção do publico.

ASSUMPTOS GRAMMATICAES

UM CASO DE CONCORDANCIA

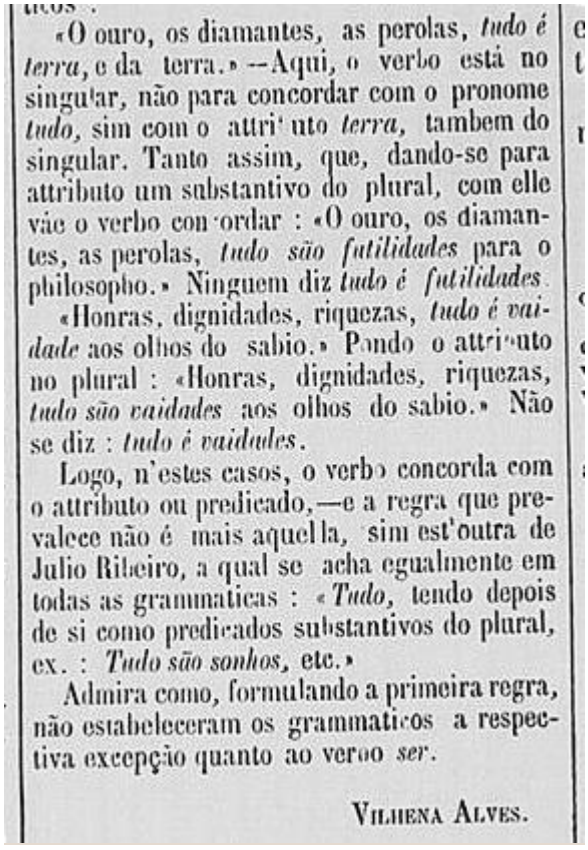
Diz Soares Barbosa : «Quando algum dos adjectivos collectivos universaes *tudo* e *nada* se põe depois de muitos substantivos continuados, ainda que sejam do plural, o VERBO VAE AO SINGULAR.»

A mesma regra acha-se reproduzida nas grammaticas do padre Duarte, Passos, Costa e Cunha, Julio Ribeiro, Grivet, etc.

Para mim, esta regra é verdadeira quando se trata dos verbos chamados adjectivos. Exemplos dos auctores citados : «Bens, dignidades, honras, *tudo desapparece* com a morte.—Jogos, conversações, espectaculos, *nada* o *tirava* do seu retiro.—Passageiros, carga, tripolação, *tudo* se *perdeu* no naufragio.»

Quando, porém, se tratar do verbo *ser*, a concordancia do mesmo se faz, não com o pronome *tudo*, mas com o attributo, *sendo este representado por um substantivo*.

Venham, para demonstrar, os proprios exemplos apresentados por aquelles grammaticos :



«O ouro, os diamantes, as perolas, *tudo é terra*, e da terra.» —Aqui, o verbo está no singular, não para concordar com o pronome *tudo*, sim com o attributo *terra*, tambem do singular. Tanto assim, que, dando-se para attributo um substantivo do plural, com elle vae o verbo concordar : «O ouro, os diamantes, as perolas, *tudo são futilidades* para o philosopho.» Ninguem diz *tudo é futilidades*.

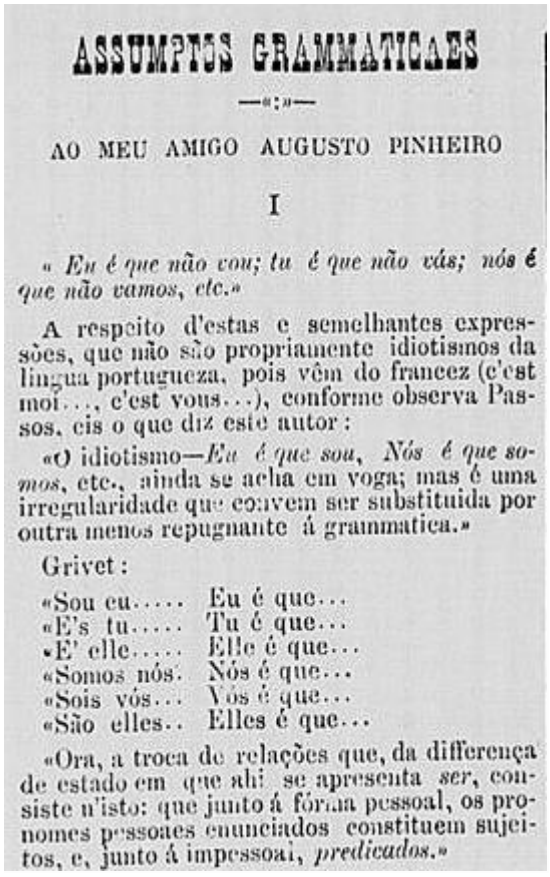
«Honras, dignidades, riquezas, *tudo é vaidade* aos olhos do sabio.» Pondo o attributo no plural : «Honras, dignidades, riquezas, *tudo são vaidades* aos olhos do sabio.» Não se diz : *tudo é vaidades*.

Logo, n'estes casos, o verbo concorda com o attributo ou predicado,—e a regra que prevalece não é mais aquella, sim est'outra de Julio Ribeiro, a qual se acha egualmente em todas as grammaticas : «*Tudo*, tendo depois de si como predicados substantivos do plural, ex. : *Tudo são sonhos*, etc.»

Admira como, formulando a primeira regra, não estabeleceram os grammaticos a respectiva excepção quanto ao verbo *ser*.

VILHENA ALVES.

Diario de Belém: Folha Politica, Noticiosa e Commercial (PA) - Ano 1889\Edição 00027 (1)



ASSUMPTOS GRAMMATICAES

—«:»—

AO MEU AMIGO AUGUSTO PINHEIRO

I

« *Eu é que não vou; tu é que não vás; nós é que não vamos, etc.*»

A respeito d'estas e semelhantes expressões, que não são propriamente idiotismos da lingua portugueza, pois vêm do francez (c'est moi..., c'est vous...), conforme observa Passos, eis o que diz este autor :

«O idiotismo—*Eu é que sou, Nós é que somos*, etc., ainda se acha em voga; mas é uma irregularidade que convem ser substituida por outra menos repugnante á grammatica.»

Grivet :

«Sou eu..... Eu é que...
«E's tu..... Tu é que...
«E' elle..... Elle é que...
«Somos nós. Nós é que...
«Sois vós... Vós é que...
«São elles.. Elles é que...

«Ora, a troca de relações que, da differença de estado em que ahi se apresenta *ser*, consiste n'isto: que junto á forma pessoal, os pronomes pessoaes enunciados constituem sujeitos, e, junto á impessoal, *predicados*.»

Bento d'Oliveira :

«E tambem o são (elegancias) os pleonasmos expletivos, isto é, certas particulas e outras palavras que, não exercendo na oração funcção grammatical, servem apenas para dar mais energia e realce á expressão. Ex.: Eu *é que* não estou por isso...»

Assim, segundo Passos, aquellas expressões constituem um idiotismo reprovado; na opinião de Grivet, parecem ser de uso corrente, explicando-se como predicado o pronome pessoal com que discorda o verbo *é;* e, segun Oliveira, são pleonasmos que dão energia e realce á phrase.

O certo é que, por qualquer fórma que sejam consideradas, são ellas usadas por escriptores modernos, e dos melhores. Citarei alguns exemplos :

1.—«Fizeste bem; *eu é que* sou injusto. Mas que eu padeço é tanto e tal !....» (Garrett.) —*(Frei Luiz de Sciuas).*

2.—«Ha de ter: mas *eu é que*...» (Idem.)

3.—«E *eu* agora *é que* faço de forte e assizada, que zombo de agouros e de sinas... para a animar, coitada !» (Idem.)

4.—«Ah ! *tu é que* és uma bella nós, disse comsigo o lobo.» (Guerra Junqueiro.—*Contos para a infancia.*)

5.—«Mas então *tu é que* deves ser o abbade de S. Call, e desde já o ficas sendo.» (Idem.)

6.—«Que deitem fogo hoje a essa minha, e verão ! *Eu é que* hei de rir.» (Rebello da Silva.—*Mocidade de João V.*)

7.—«Tinha razão; mas *eu é que* não contava que, além das minhas maguas, havia de necessitar valor para resistir ás injustiças de vossa magestade.» (Idem.)

8.—«*Tu é que* te enganas. Oh ! os signaes que digo não mentem.» (Idem.)

9.—«*Eu é que* o não tinha feito feliz como merece.» (Idem.)

10.—«Quem, elle? gritou Felippe com a bocca cheia. Conheço-o de dentro para fóra. *Eu é que* o entendo.» (Idem.)

***

Qual é o melhor meio de analysar taes orações?

Reproduzamos um dos exemplos: «*Nós é que não vamos.*»

Segundo Grivet, a analyse é esta :

Sujeito:—Não existe, porque o verbo é impessoal;

Verbo:—é;

Predicado:—nós.

Parece-me isto forçado em demasia.

Segundo Oliveira, consideraremos as palavras—*é que*—como pleonasmos expletivos, ficando assim a phrase: «*Nós não vamos.*»

Passos não analysa; mas deprehende-se que elle dá o pronome inicial como sujeito do verbo *é*, e por isso diz que é uma irregularidade repugnante á grammatica, propondo a substituição d'essas phrases por est outras: *Sou eu quem não vou; somos nós quem não vamos.*

Ultimamente vi analysarem-se essas expressões, considerando o pronome pessoal, que inicia a oração, como sujeito do segundo verbo; tomando a segunda oração como sujeito do verbo é; e subentendendo o predicado—«*certo, evidente*», ou outro adequado ao sentido.

Por este systema, a oração dada ficaria assim constituida, depois de tornada plena:

«*E' certo* que nós não vamos.»

E da mesma fórma todas as outras :

E' certo que eu não vou que tu não vás, que elles não vão.»

«*E' evidente* que eu sou injusto, que eu hei de rir, que tu te enganas, etc.»

Esta maneira de analysar,—que, segundo me consta, é devida ao distincto professor Severiano Bezerra,—acho-a regular, e preferivel á de Grivet, assim como á substituição proposta por José Alexandre Passos.

Para mim, é o unico meio de resolver a difficuldade; salvo se tivermos de considerar as palavras—*é que*—como vocabulos expletivos, conforme ensina Oliveira.

(Conclúe).

Vilhena Alves.

Diario de Belém: Folha Politica, Noticiosa e Commercial (PA) - Ano 1889\Edição 00043 (1)

Um pouco de tudo

Do *Diario de Noticias* da Bahia :

Diz Soares Barbosa : « Quando alguns adjectivos collectivos universaes *tudo* e *nada* se põe depois de muitos substantivos continuados, ainda que sejam do plural, o VERBO VAI AO SINGULAR ».

A mesma regra acha-se reproduzida nas grammaticas do padre Duarte, Passos, Costa e Cunha Julio Ribeiro, Grivet, etc.

Para mim, esta regra é verdadeira quando se trata dos verbos chamados adjectivos. Exemplos dos autores citados : « Bens, dignidades, horas, *tudo desaparece* com a morte—logos, conversações, espectaculos, *nada* o *tirara* do seu retiro—Passageiros, carga, tripolação *tudo se perdeu* no naufragio ».

Quando, porém, se tratar do verbo *ser*, a concordancia do mesmo se faz mas com o attributo, *sendo este representado por um substantivo.*

Venham, para demonstrar, os proprios exemplos apresentados por aquelles grammaticos :

« O ouro, os diamantes, as perolas, *tudo é terra* e da terra ». —Aqui o verbo está no singular, não para concordar com o pronome *tudo*, e sim com o attributo *terra*, tambem do singular. Tanto assim, que, dando-se para attributo um substantivo do plural, com elle vai o verbo concordar : « O ouro, os diamantes, as perolas, *tudo são futilidades* para o philosopho ». Ninguem diz *tudo é futilidades.*

« Honras, dignidades, riquezas, *tudo é vaidade* aos olhos do sabio ». —Pondo o attributo no plural : « Honras, dignidades, riquezas, *tudo são vaidades* aos olhos do sabio ». Não se diz : *tudo é vaidades*

Logo, nestes casos, o verbo concorda com o attributo ou predicado—e a regra que prevalece não é mais esta, sim est'outra de Julio Ribeiro, a qual se acha igualmente em todas as grammaticas : « *Tudo*, tendo depois de si como predicados substantivos do plural, ex. : *tudo são sonhos*, etc.

Admira como, formulando a primeira regra, não estabeleceram os grammaticos a respectiva excepção quanto ao verbo *ser*.

Vilhena Alves.

Diario de Pernambuco (PE) - Ano 1889\Edição 00047 (1)

Trapos, ou farrapos?

E' irrisorio o zelo pharisaico da *Liberdade* pugnando pelos interesses fiscaes do thesouro!

O noticiarista da edição da *Coruja* n. 4, não tem rasão para tantos receios e temores!

Alguns collectores que não prestaram ainda sua fiança, estão dentro do praso que para isso lhes foi marcado. Nada de afflições.

Entretanto elles ainda não deram prejuiso á provincia como outros o deram no tempo das *vaccas gordas*,

Houve sujeitinho n'aquelle tempo que, apropriou-se dos saldos existentes em seu poder, prejudicando á fazenda em cerca de 3 contos de réis!

Era liberal.

Um outro, que escapou do suicidio, lá se acha agora pronunciado por malversações praticadas como collector de Touros.

Era liberal.

As prevaricações contavam-se pelos trimestres dos exercicios, e a *Liberdade*, silenciosa, sem articular uma só palavra!

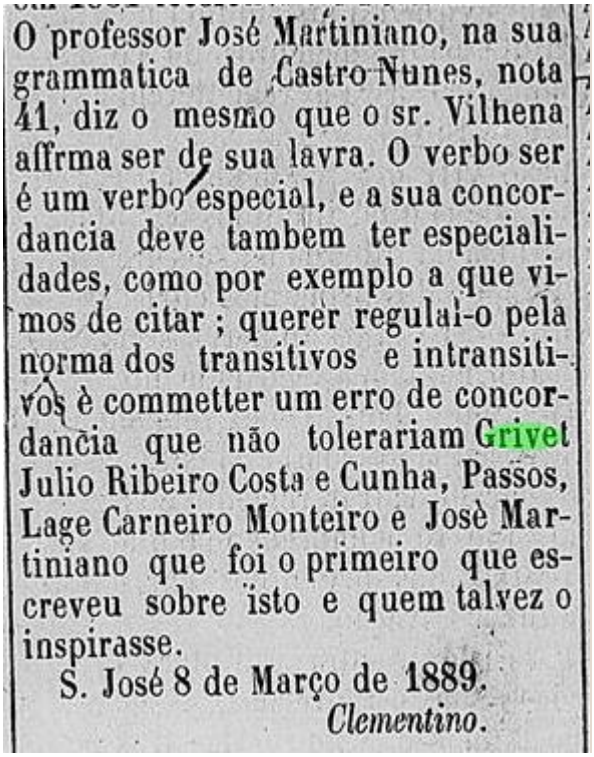
E' que *piranha não engole piranha!*

Tenham criterio e não *cuspam* impunemente *para o ar!*

Capadinho.

Sr. Redactor da *Gazêta*:

Peço-lhe a publicação das linhas seguintes: tendo lido na secção *um pouco de tudo do Diario de Pernambuco* um escripto do sr. Vilhena Alves, da Bahia sobre concordancia do sujeito com o verbo, em que o novo grammatico procura dar como sua a descoberta do *mel de pàu* de que, quando depois de muitos sujeitos no plural vier a palavra tudo seguida do verbo ser, não ficará este no singular; mas irá para o plural concordando como attributo. Permitta pois que lhe diga; esta sua regra não é nova, já foi por mim publicada nas minhas apostillas a grammatica de F. J. C. Aulete, quando em 1881 leccionei em Pernambuco.



O professor José Martiniano, na sua grammatica de Castro Nunes, nota 41, diz o mesmo que o sr. Vilhena affrma ser de sua lavra. O verbo ser é um verbo especial, e a sua concordancia deve tambem ter especialidades, como por exemplo a que vimos de citar ; querer regular-o pela norma dos transitivos e intransitivos è commetter um erro de concordancia que não tolerariam Grivet Julio Ribeiro Costa e Cunha, Passos, Lage Carneiro Monteiro e Josè Martiniano que foi o primeiro que escreveu sobre isto e quem talvez o inspirasse.

S. José 8 de Março de 1889.

Clementino.

Gazeta do Natal : Orgão Conservador (RN) - Ano 1889\Edição 00111 (1)

ESTUDOS GRAMMATICAES

DE

A preposição *de* reune-se por metaplasma a determinativos ou pronomes que encetam um complemento—*somente quando este não é constituido por uma oração infinitiva.*

Exemplos. Depois *da aula.* Antes *d'elle.* Apezar *d'isto.*

Quando, porém, o complemento é oracional, deixa-se de fazer a respectiva contracção.

Exemplos: Depois *de a* aula haver começado. Antes *de elle* chegar. Apezar *de isto* não ser verdade.

Grivet estende a regra ás preposições *a, em, por*; mas não apresenta exemplos senão da preposições *de,* e um só da preposição *por,* de auctor antigo.

Exemplos dos classicos:

1.—«Se quer destruir os inimigos, dispara sem dar signal, e executa o golpe; e antes *de elles* o sentirem, se vêm cahidos a seus pés.» (P. Vieira.)

2.—«A segunda razão *de o* juiz *dos* homens ser mais terrivel que o juiz de Deus, é porque no juizo de Deus geralmente basta só o testemunho *da* propria consciencia: no juizo *dos* homens a propria conciencia não val testemunha.» (P. Vieira.)

3.—«Sabeis vós para quem não era bôa invenção a *de os* homens verem os corações? para os trahidores, para os hypocritas, etc.» (P. Vieira.)

4.—«Suspendeu o senhor a resposta, porque havia ao redor grande multidão de enfermos, e depois *de os* sarar a todos milagrosamente, voltou-se para os embaixadores *do* Baptista, etc.» (P. Vieira.)

5.—«El-rei D. Sebastião, sem embargo *de a* paixão não ser pouca, e a idade não ser muita, reconheceu logo o toque *da* adulação.» (P. Manoel Bernardes.)

6.—«Eu tive sempre na minha alma este pensamento, ainda antes—perdoai-me a innocente vaidade, se vaidade isto chega a ser—ainda antes *de elle* apparecer formulado em tão elegantes phrases por esses escriptores que alumiam e caracterisam a epocha, os Victor-Hugos, os Dumas, etc.» (Garrett.)

***

A' vista d'isto, não teve razão Rebello da Silva em fazer a contracção no seguinte exemplo da *Mocidade de D. João V:*

7.—«Bem ouviste que seu pai tinha morrido de paixão, *depois d'elle* desapparecer.»—Devia ser: depois *de elle* desapparecer; porque o regimen da preposição não é simplesmente o pronome *elle*, senão o infinitivo.

E no seguinte dos *Fastos da Egreja:*

8.—«Os viajantes, que visitaram a Palestina antes *do* jugo musulmano a ter despovoado tanto, e *dos* revezes a reduzirem á situação deploravel em que hoje está, são unanimes em confessarem a uberdade d'aquelle solo.»—Devia ser; antes *de o* jugo musulmano... e *de os* revezes...

Ao passo que, Lopes de Mendonça comprehendeu perfeitamente o caso em que se faz e o em que se deixa de fazer a contracção.

9.—«Mas, em todo o caso, quem póde obrigar o poeta a deixar de percorrer o circulo fatal da sua vocação? Quem o póde julgar definitivamente antes *de o* ouvir tanger, uma por uma, as cordas da sua lyra?» *(Memorias de Litteratura Contemporanea.)*—«Antes *dos* caminhos de ferro, *da* imprensa, *dos* vapores, *dos* telegraphos electricos, já Corneille e Molliére se tornavam reflexos *da* litteratura hespanhola.» (Idem.)

S. Caetano.—Escola Silva Santo.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00046 (1)

No grave

O bom do *Macario* o mestre de grammatica portugueza e philologo de grande nomeada, criticou o portuguez de meu artigo de 1.º de Maio.

Eis o trecho: «Assim como sabeis ser altivos oh filhos de Iracema, para viver com honra, dignidade e florescencia nos aridos e abrasadores sertões de vosso Estado, fertilizando o que é esteril e elevando vosso nome entre vossos irmãos, tambem *sejaes*, longe do berço, para repellir as especulações e os engodos dos que não vos fazem justiça».

Aconselhou-me que fosse decorar verbos para não errar mais. Primeiro que tudo, meu bom *Macario*, devo ensinar-lhe que não era questão de conjugar verbo e sim de saber em que modo deveria estar o verbo.

Eu por minha vez peço ao amigo que faça o obsequio de abrir a grammatica analytica de Grivet na pagina 300 a 320 e leia para ficar sabendo alguma cousa a respeito do emprego do imperativo e do subjunctivo.

Ahi está uma phrase que meu caro *Macario* com certeza considera errada: Venhais embora! Venhais embora! e seja em tão boa hora a vossa entrada n'esta minha casa, como a da rainha Helena na terra santa de Jerusalém»!

Se não gostar da grammatica de Grivet, leia a de Julio Ribeiro da pagina 264 a 268.

Mas, collega, quiz trocar o sentido de minhas palavras, no que andou mal, permitta-me a franquesa.

Uma outra cousa que peço ao illustre chronista *Macario*, é que recorde as regras de interpretações para melhor apanhar o pensamento de qualquer escriptor. Seu affectuoso.

Zerara.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00064 (1)

Estudos Grammaticaes

Um caso de concordancia

Diz Soares Barbosa: « Quando algum dos adjectivos collectivos universaes *tudo* e *nada* se põe depois de muitos substantivos continuados, ainda que sejam do plural, o VERBO VAI AO SINGULAR. »

A mesma regra acha-se reproduzida nas grammaticas do padre Duarte, Passos, Costa e Cunha, Julio Ribeiro, Grivet, etc.

Para mim, esta regra é verdadeira quando se trata dos verbos chamados adjectivos. Exemplos dos auctores citados: « Bens, dignidades, honras, *tudo desapparece* com a morte. —Jogos, conversações, espectaculos, *nada* o *tirava* do seu retiro.—Passageiros, carga, tripolação, *tudo se perdeu* no naufragio. »

Quando, porém, se tratar do verbo *ser*, a concordancia d'este verbo se faz, não com o pronome *tudo*, MAS COM O ATTRIBUTO, SENDO ESTE REPRESENTADO POR UM SUBSTANTIVO.

Venham, para demonstração, os proprios exemplos apresentados por aquelles grammaticos:

« O ouro, os diamantes, as perolas, *tudo é terra* e da terra. »—Aqui, o verbo está no singular, não para concordar com o pronome *tudo*, sim com o attributo *terra*, tambem do singular. Tanto assim, que, dando-se para attributo um substantivo do plural, com elle vai o verbo concordar: « O ouro, os diamantes, as perolas, *tudo são futilidades* para o philosopho. » Ninguem diz: *tudo é futilidades.*

« Honras, dignidades, riquezas, *tudo é vaidade* aos olhos do sabio. »—Pondo o attributo no plural: «Honras, dignidades, riquezas, *tudo são vaidades* aos olhos do sabio. » Não se diz: *tudo é vaidades.*

Logo, n'estes casos, o verbo concorda com o attributo,—e a regra que prevalece não é mais aquella, sim est'outra de Julio Ribeiro, a qual se acha igualmente em todas as grammaticas:

« *Tudo*, tendo depois de si como predicados substantivos do plural, leva o verbo ao plural, ex.: *Tudo são sonhos*, etc. »

Admira como, formulando a primeira regra, não estabeleceram os grammaticos a respectiva excepção quanto ao verbo *ser.*

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00121 (1)

Estudos grammaticaes

CARO

Quando o vocabulo *caro* está modificando um verbo deve ficar invariavel, porque então perde a sua natureza de adjectivo e toma a de adverbio, como acontece tambem com outros adjectivos:—*certo, alto, baixo, subito, breve, claro*, etc.

Exemplos:

« Rico !.. *certo:* de feridas ao menos... » (Garrett, *Camões.)* Isto é: *certamente.*

« Não é razão, que se avalie tão *alto* no seu pensamento, quem se vende tão *baixo* no seu peccado. » (P. Antonio Vieira, *Sermões.)* Isto é: *tão altamente, tão baixamente.*

« *Subito* um dia, de bordão na dextra... » (Garrett, *Camões.)* Isto é: *subitamente.*

« E Aleixo quanto ouvira ao missionario *breve* lhe expõe. » (Id., ibid.) Isto é: *brevemente.*

« *Claro* avistamos a azulada chamma... » (Id., ibid.) Isto é: *claramente.*

Entretanto, muitos classicos da lingua fazem esse vocabulo variar, para concordar com um substantivo ou pronome, como se o mesmo exercesse ahi as funcções de adjectivo. Exemplos:

1.—« Se nos vendemos tão baratos, porque nos avaliamos tão caros? » (P. Vieira, *Sermões.)*

2.—« Depois que as dignidades se fizeram venaes, os lugares mais se alugam, do que se alcançam: e não se dão a quem mais *caros* os compra. » (Id., ibid.)

3.—« Sim, vencereis; mais a victoria *cara* tem de custar-vos. » (Garrett, *Camões.)*

4.—« Mas *cara* custa a victoria. » (Id., ibid.)

5.—« Dia de vergonha e de opprobio para esta cidade, que deixou acutilar, no seu seio, por mãos infames, alguns dos seus mais honrados filhos, primeiros martyres de uma idéa tão pouco aproveitada . . . e que tão *cára* pagaria a fama, que a historia não conhece, quarenta annos depois do sacrificio. » (Camillo Castello Branco, *Onde está a felicidade?)*

Já vê o sr. Grivet *(Grammatica Analytica,* 190), que não são só os periodicos que usam da palavra *caro* como adjectivo modificando verbo (!)

Parece, porém, que os classicos dormitaram n'este ponto, pois tal uso não póde ser considerado como um contrasenso grammatical.

Com effeito:

Se a palavra *caro* é adjectivo no terceiro e quarto exemplos, segue-se que—tem de custar-vos *a victoria cara,* em contraposição *á victoria barata;* e no quinto, que a cidade pagaria *a fama cara,* tambem em contraposição *á fama barata.* Ora, o sentido, inteiramente outro, é que a victoria e a fama seriam compradas *por alto preço.* Logo, *caro* deve conservar-se invariavel, como adverbio que é, equivalente de um complemento adverbial, e os ditos exemplos devem corrigir-se do seguinte modo:

« Sim, vencereis; mas a victoria *caro* tem de custar-vos. »

« Mas *caro* custa a victoria. »

« E' que tão *caro* pagaria a fama. »

Quanto ao primeiro exemplo do padre Vieira, consideremos:

1.° Que a palavra *caro,* como modificativo dos verbos, não póde ser senão adverbio, e portanto invariavel;

2.° Que, substituindo o dito vocabulo por um outro no mesmo sentido, este outro conserva-se invariavel; o que prova que aquelle é, como este, um adverbio e não um adjectivo. Exemplo: « Por que nos avaliamos *tão alto?* » e não: *tão altos.*

No segundo exemplo substitua-se a palavra em questão pelo complemento adverbial correspondente, e ver-se-á que a mesma palavra não passa de um adverbio: « E não se dão a quem melhor os merece, senão a quem *por mais alto preço* os compra. »

Porto Salvo, 29 de julho de 1890.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00139 (1)

Estudos grammaticaes

SUPERIOR, INFERIOR, ETC.

Alguns auctores, entre elles Costa e Cunha *(Manual do Examinando de Portuguez)*, Bento de Oliveira *(Grammatica Portugueza)*, Leoni *(Genio da Lingua Portugueza)*, João Ribeiro, Carneiro e Condurú *[Grammatica]*, dão os adjectivos *superior* e *inferior* como comparativos, o primeiro de *alto*, e o segundo de *baixo*.

Taes adjectivos são positivos, pois não se diz—*superior que, inferior que*—como se diz—*melhor que, peior que*—; mas sim—*superior a, inferior a*. Esta consideração é de Soares Barbosa. O mesmo ensinam Grivet, Maximino Maciel, José Alexandre Passos e outros.

Neste caso se acham tambem os adjectivos *anterior, posterior, interior, ulterior* e *citerior*, os quaes, assim como aquelles, formam comparativos em latim; mas passaram para o portuguez como simples positivos.

Grivet diz: «Se, por uma redundancia insoffrivel, é perfeitamente illicito dizer — *tão maior, tão menor*, ou *mais melhor, menos peior*,— não o é, de modo algum, em relação ás locuções— *tão superior, tão inferior; mais exterior, menos interior*, etc. Portanto, são de per si simples positivos.»

Passos *[Diccionario Grammatical]*: «Ha na lingua portugueza alguns adjectos relativos que na significação se assemelham aos comparativos, como *superior, inferior, anterior, posterior*, aos quaes juntamos o complemento terminativo, v. g. *Esta seda é superior áquella* que tu compraste; *Este vinho é inferior ao de Lisbôa;* e ás vezes se usam sem complemento algum, v. g. *Quero vinho superior*. Estes adjectivos são comparativos NO LATIM, d'onde se derivaram...»

Francisco José Monteiro Leite, nos seus *Subsidios para o estudo da lingua portugueza*, diz o seguinte:

«Excepto as palavras — *maior, menor, melhor, peior, superior, inferior, anterior, posterior, exterior, ulterior*, não temos nas linguas neolatinas adjectivos comparativos.»

Entretanto, logo no periodo seguinte a este, demonstra elle que, excepto os quatro primeiros, todos os mais são positivos.

«Quando usarmos dos comparativos de superioridade e inferioridade—diz elle— devemos ligar o segundo termo de comparação com o primeiro, por a locução — *do que*... Devemos ligar, nos comparativos de igualdade, o segundo termo de comparação com o primeiro —*como*.»

Ora, repito, ninguem diz — *superior do que, inferior do que, anterior do que*, etc.; nem — *anterior como*, etc.

Logo taes palavras são positivos, conforme a propria regra do sr. Leite.

Maximino Maciel diz :

« O estudo e o cultivo dos classicos latinos contribuiu para que muitos comparativos em *or* e superlativos em *imo* passassem para a lingua vernacula DESCLASSIFICADOS, isto é, *perdendo as funcções de comparativos e tomando as de positivos*, ex. : *anterior, posterior, inferior, ultimo*, etc. »

Eu apresentarei exemplos, colhidos de optimos escriptores, em que o adjectivo *superior* vem precedido dos respectivos adverbios, para formar comparativos.

Se esse adjectivo fosse já de si comparativo, ropelliria o adverbio, assim como o repellem os comparativos, MAIOR, MENOR, MELHOR, PEIOR, pois não se diz — MAIS MAIOR, TÃO MENOR, como diz-se—MAIS SUPERIOR, TÃO INFERIOR,

1.—« Bem se vê d'aqui a opulencia d'este grande rei; e que se Nero fôra a Pekin, bem o podia elle hospedar com tratamento e grandezr. TÃO SUPERIOR, como o mesmo Nero hospedou a el-rei Tyridates em Roma. » (Padre Manoel Bernardes.—NOVA FLORESTA.)

2.—« Nunca a vaidade attingiu MAIS SUPERIORES limites.» (Lopes de Mendonça. MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA.)

3.—« (O sr. Garrett) viu fecundado o seu engenho n'um MAIS vasto e SUPERIOR theatro.» (Id., ibid.)

4.—«... E todavia cremos que a litteratura moderna não possue monumento de MAIS SOPERIOR e acabado molde. » (Id., ibid.)

5.— « Ainda hoje, na phrase commum, a donzella Theodora é o typo da sabedoria feminina MAIS SUPERIOR.» (Garrett. FREI LUIZ DE SOUZA.)

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00142 (1)

Estudos grammaticaes

Complementos

Os complementos são sete: *objectivo, terminativo, de causa efficiente, designativo, explicativo, restrictivo* e *circumstancial.*

I

Complemento objectivo, complemento directo, complemento passivo, regimen directo, objecto directo,—é a palavra ou phrase, sem preposição, sobre que recáe a acção do sujeito por meio do verbo activo; ou a variação pronominal que designa acção reflexa directa. Exemplos: Pedro ama *as letras.* Tu te *feriste.*

Usa-se, por excepção, das preposições *a, de, per, por, em, com,* quando o complemento representa pessôa, ou cousa personalisada, ou quando se quer evitar ambiguidade, ou se falla em estylo emphatico. Exemplos: Amo *a meus pais.* O sol attráe *á terra.* Puxou *da espada* ou *pela espada, por uma pistola.* Pegou *no livro* Atirou *com a tocha.* Em lugar de: Amo *meus pais.* O sol attráe *a terra.* Puxou *a espada, uma pistola.* Pegou *o livro.* Atirou *a tocha.*

As preposições são, portanto, pleonasticas.

Outros auctores dão estes complementos como terminativos, tomando os verbos como relativos.

O certo é que, do mesmo modo que acontece com o complemento directo quando precedido pleonasticamente da preposição *a,* póde-se converter a oração activa em passiva, supprimindo as outras preposições:

Eu amo *a meus pais: Meus pais* são amados por mim.

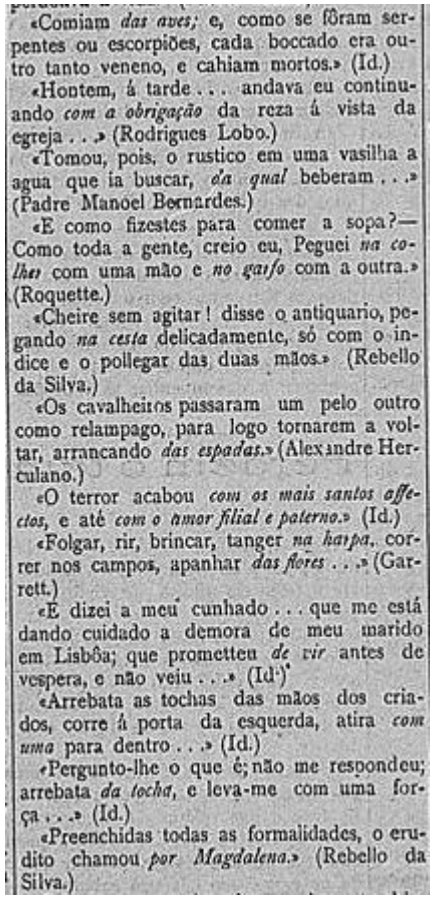
Elle atirou *com a tocha: A tocha* foi atirada por elle.

O general arrancou *da espada: A espada* foi arrancada pelo general.

Inclino-me, portanto, á opinião d'aquelles que consideram taes complementos como objectivos, sendo a preposição um mero expletivo.

Para maior elucidação, vão mais os seguintes exemplos de auctores classicos:

«Saul lhe atirava *com a lança* para o matar; David, tendo-o de baixo da lança, lhe perdoava a vida.» (Padre Vieira.)



«Comiam *das aves;* e, como se fôram serpentes ou escorpiões, cada boccado era outro tanto veneno, e cahiam mortos.» (Id.)

«Hontem, á tarde . . . andava eu continuando *com a obrigação* da reza á vista da egreja . . .» (Rodrigues Lobo.)

«Tomou, pois, o rustico em uma vasilha a agua que ia buscar, *da qual* beberam . . .» (Padre Manoel Bernardes.)

«E como fizestes para comer a sopa?— Como toda a gente, creio eu, Peguei *na colher* com uma mão e *no garfo* com a outra.» (Roquette.)

«Cheire sem agitar! disse o antiquario, pegando *na cesta* delicadamente, só com o indice e o pollegar das duas mãos.» (Rebello da Silva.)

«Os cavalheiros passaram um pelo outro como relampago, para logo tornarem a voltar, arrancando *das espadas.*» (Alexandre Herculano.)

«O terror acabou *com os mais santos affectos,* e até *com o amor filial e paterno.*» (Id.)

«Folgar, rir, brincar, tanger *na harpa,* correr nos campos, apanhar *das flores* . . .» (Garrett.)

«E dizei a meu cunhado . . . que me está dando cuidado a demora de meu marido em Lisbôa; que prometteu *de vir* antes de vespera, e não veiu . . .» (Id.)

«Arrebata as tochas das mãos dos criados, corre á porta da esquerda, atira *com uma* para dentro . . .» (Id.)

«Pergunto-lhe o que é; não me respondeu; arrebata *da tocha,* e leva-me com uma força . . .» (Id.)

«Preenchidas todas as formalidades, o erudito chamou *por Magdalena.*» (Rebello da Silva.)

Sobre esta materia—do complemento objectivo com preposição, eis o que diz Grivet:

«. . . Apenas alguns verbos se compadecem indifferentemente, em uma mesma accepção, com um complemento directo ou indirecto, como—gozar *boa saúde* ou *de boa saude;* cumprir *o seu desejo* ou *com o seu desejo.*»

Por estes exemplos se vê que o illustre auctor da «Grammatica analytica» considera estes complementos como terminativos. Entretanto, supprimindo a respectiva preposição, como se dá com os complementos do verbo activo precedidos da preposição *a;* podem elles constituir-se em sujeito da passiva: *Boa saude ser gozada; o seu desejo ser cumprido.*

Julio Ribeiro diz: «A relação objectiva não é indicada por preposições, salvo quando para evitar amphibologias usa-se da preposição *a,* ex.: Enéas venceu *a Turno;* ou quando por idiotismo da lingua empregam-se preposições explicativas, ex.: Pegar *da lança,* puxar *pela espada;* em vez de Pegar *a lança,* puxar *a espada.*»

João Ribeiro:

«O complemento directo quando é um substantivo não vem regido de preposição, excepto quanto aos nomes proprios: Amo *a Deus.* Mandou *a Pedro.*

«O complemento directo, sendo infinitivo, vem precedido de preposição com alguns verbos.

«Com os verbos *começar, acabar, cessar,* o complemeto directo tem a preposição *de:* começar *de escrever.* Acabar *de escrever* Cessar *de escrever.* (Começar, acabar, cessar a escripta.)

«Sendo infinitivo o complemento directo

traz a preposição *a* com os verbos *começar, principiar, aprender, ensinar*, etc: Começou *a dizer*. Ensinou *a fallar*. Principiou *a ler*. (Começou o dito, o discurso; ensinou a falla, a linguagem; principiou a leitura.)

Pacheco Junior:

«Em alguns casos, porêm, o objecto directo é precedido de preposição:—amo *a Deus*, arrancam mão *das espadas*.»

Maximino Maciel diz que «a funcção objectiva póde effectuar-se por meio de preposições», 1.º por idiotismo, como: pega *na lyra sonora* . . .; Puxemos *pela espada* e acabemos *com os inimigos*»; 2.º si fôr um nome de ser vivo ou personificado, ex.: «A D. Fernando de Castro» depositaram em separado encerro.

Carneiro Ribeiro diz que o complemento objectivo é exprimido sem preposição alguma, se não é que esta é empregada para evitar algum equivoco, ou quando, afastando-a de seu sentido proprio. usamos d'ella como meramente euphonica, etc.»

Bento de Oliveira:

«Tambem a alguns verbos activos se dá elegantemente complemento objectivo como certas preposições, como: Puxar ou tirar «pela espada, pelo páo, etc.»

Costa e Cunha:

«Entretanto, quando o mesmo complemento é representado por nome de pessôa ou cousa personificada, leva antes de si preposição «a» . . . Emphaticamente usa-se algumas vezes este complemento com a preposição «de», ex.: puxar «da espada», tomar «da lança».

Dr. Abilio Borges:

«Nos classicos encontram-se exemplos d'este complemento com a preposição «de»: Deseja «de comprar-vos» para genro (Camões). Puxar «da espada». Pegar «da penna».

Verissimo R. Vieira:

«O complemento objectivo directo póde ser algumas vezes precedido de preposição, sobretudo se é nome de pessôa, ou cousa personificada; mas em tal caso a preposição não é mais do que uma palavra, que se emprega para dar realce, enfeitar, ornar a phrase, ou para evitar equivocos; e não influe na significação do complemento, tanto que póde ser retirada sem que o sentido da phrase se altere, como: Pedro puxou «da espada» e «ferio ao soldado»—«da espada» e «ao soldado» são complementos objectivos directos, apezar de precedidos das preposições «de» e «a»; porque póde-se dizer: Pedro puxou «a espada» e «ferio o soldado»—retirando-se as preposições sem que o sentido soffra . . .

«Havendo duvida sobre o complemento objectivo, quando precedido de preposição, se é ou não indirecto; retira-se a preposição; e se o sentido ficar alterado o complemento é indirecto, no caso contrario é directo.»

(Continúa).

VILHENA ALVES.

Estudos grammaticaes

Concordancia do verbo «ser»

I

O verbo *ser* concorda com o attributo quando este é um substantivo, sendo sujeito da oração um dos pronomes— *tudo; isto, isso, aquillo, o; tudo isto, nada d'isto; e mais;* algum relativo referido a esses pronomes; ou ainda um substantivo do singular. Exemplos:

1.—«*Eram tudo memorias* de alegria» (Camões.)

2.—«As azas do favor, os impulsos do poder, e os cuidados da diligencia, *tudo* para elle *são desprezos* e riso.» (Padre Vieira.)

3.—«De sorte que nas mesmas entranhas maternaes, onde houve dous que competiram sobre o primeiro lugar, *tudo foram inquietações e batalhas;* e onde houve um só que quiz antes o ultimo que o primeiro, *tudo foi paz e quietação.*» (Idem.)

4.—«Se *tudo são troncos,* não é sermão, *é madeira;* se *tudo são ramos,* não é sermão, *são maravalhas;* se *tudo são folhas,* não é sermão, *são versas;* se *tudo são varas,* não é sermão, *é feixe;* se *tudo são flôres,* não é sermão, *é ramalhete. Serem tudo fructos,* não póde ser; porque não ha fructos sem arvore.» (Idem)

5.—«Ponto, coros, e os mesmos comparsas, *tudo eram parentes ou amigos intimos.*». (Garrett.)

6.—«Quem não vê que *são isto preceitos gentilicos?*» (Fr. Luiz de Souza.)

7.—«Para os semeadores, *isto são glorias.*» (P. Vieira.)

8.—«*Aquillo não são modos. Aquillo não são desculpas* que sirvam.» (A. E. da Costa e Cunha.)

9.—«Upa! *Isto são horas* de estar no quente?» (Rebello da Silva.)

10.—«Olha para alli, bruto! «aquilo são remedios!» Repara 'neste pescoço, alarve; «isto são outras! (Idem.)

11.—«*O* que certamente não vereis *eram as lagrimas* que humedeciam a carta.» (Camillo Castello Branco.)

12.—«*Que differentes cousas são* ordinariamente *o* que dizeis de vós, e *o* que sois! E o peior é que muitas vezes não *são cousas differentes:* porque o que sois, é nenhuma cousa; e *o* que dizeis, *são infinitas cousas.*» (P. Vieira.)

13—«*Nada d'isto são cousas* dignas de apreço.»

14.—«Uma geração, em phrase da Escriptura, quer dizer uma idade, ou um seculo; porque *o mais,* que chega a durar a vida humana, *são oitenta annos.*» (P. Vieira.)

15.—«Casta e severa como as de Eschylo, apaixonada como as de Euripedes, energica e natural como as de Sophocles, tem, demais do que essoutras, aquella unção e delicada sensibilidade que o espirito do Christianismo derrama por toda ella, molhando de lagrimas contrictas o *que seriam desesperadas ancias* 'num pagão, etc.» (Garrett.)

16.—«Se o homem timido não tem coração, o teimoso não tem cabeça; porque não conhece que sendo o errar um só defeito, *o sustentar o erro são dous.*» (Fernão Mendes Pinto.)

17.—«No juizo dos homens, *o maior inimigo*, que temos, *são as nossas boas obras.*» (P. Vieira.)

18.—«Finalmente *a terra bôa são os corações bons*, ou os *homens* de bom coração.» (Idem.)

19.—«Se *o genero* da pena *são pedras*, apedrejem-n'a.» (Idem.)

20.—«Aqui *a molestia são os remedios.*» (Rebello da Silva.)

21.—«*A sua molestia foram diabruras jesuiticas.*» (Idem.)

22.—«O abbade tambem se calava, porque *o seu capital eram as palavras*, e poupava-as como perolas.» (Idem.)

23.—«No amor do proximo, *o termo de comparação sómos nós mesmos.*» (Idem.)

EXCEPÇÃO Á REGRA:

24.—«*A primeira phrase* que lhe sahiu do coração, foi eloquente e sagrada: *era lagrimas.*» (Camillo Castello Branco.)

II

Sendo o sujeito um nome ou pronome do singular representando pessôa, e o attributo um nome do plural, o verbo concorda ordinariamente com o sujeito. O mesmo dá-se quando o sujeito é um nome ou pronome do plural representando pessoa, e o attributo um nome do singular. Exemplos :

A) 25.—«...O são já é enfermo; e *o homem já é cinzas.*» (P. Manoel Bernardes.)

26.—«*Cada um é as suas acções*, e não é outra cousa.» (P. Vieira.)

27.—«*Eulalia era as alegrias e desvelos* de João Verissimo.» (Camillo Castello Branco.)

B) 28.—«*Nós somos a directoria* da sociedade. Albuquerque, *tu foste as algemas* da Asia.» (Julio Ribeiro.)

III

Sendo o sujeito um nome do plural, representando cousa, e o attributo um nome do singular, o verbo concorda umas vezes com o sujeito, outras com o attributo. A primeira concordancia acha-se hoje mais em uso. Exemplos :

A) 29.—«*São os escriptos um verdadeiro retrato* de seus auctores...» (Fr. Luiz de Souza.)

30.—« O Baptista definiu-se pelas acções; porque *as acções* de cada um *são a sua essencia.*» (P. Vieira.)

31.—Não *são as trevas a capa* dos latrocinios, terceira dos adulterios, etc.?» (Idem.)

32.—«Sei que não ama Cecilia; mas *os seus loucos inventos foram talvez a causa*...» [Rebello da Silva.]

33.—«Digo, ainda mais, porque *exequias*, por exemplos, *são funeral* tambem e nada têm com o enterro, sahimento, etc.» (Garrett.)

34.—« As vigias e almenaras eram apenas uma velha fórmula militar,» cuja significação a série não interrompida dos triumphos até então alcançados tornára inintelligivel.» [Alexandre Herculano.]

B) 35.—«A mim me parece, tornou Leonardo, que *os titulos é cousa* conveniente e necessaria.» (Rodrigues Lobo.) — Seria melhor: «os titulos são cousa conveniente e necessaria.»

36.—«*As redeas* por que se governavam, *era o impeto* do espirito.» (P. Vieira.)

37.—«*As joias*, meu tio, *é tudo isto.*» [Camillo Castello Branco.]

IV

Sendo o verbo empregado impessoalmente, fica no singular, embora seja o attributo do plural; apezar do que estatue Epiphanio Dias em sua Grammatica Portugueza, caso esse que constitue uma excepção á regra. Exemplo :

38.—«Se amaram, ainda que *seja as trevas*, as trevas hão de ser melhores que a luz.» (P. Vieira.)

EXCEPÇÃO :

39.— «Eram seis horas; são quatro horas; são dezoito do mez.»

Sobre esta excepção, consulte-se a grammatica de Epiphanio, pag. 85; de Grivet, 397; de João Ribeiro, 3.º anno, 3.ª edição, 264, nota.

Porto Salvo, 14—8—90.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00176 (1)

Estudos grammaticaes

«N'isto» — «'nisto» — ou — «nisto» ?

—

(CONCLUSÃO)

«*Nos* questionarios, e sobretudo *nos* exercicios, fazemos consistir a vantagem do nosso methodo, que procura sempre alliar a theoria com a pratica, confiando muito mais *n'ella* do que *n'esses* arrojos de memoria com que alguns preceptores pretendem illudir os incantos». (Conego Fernandes Pinheiro—*Grammatica da infancia*, prologo).

Rebello da Silva ainda é mais contradictorio, pois as proprias fórmas de que tratamos ora as escreve *n'elle, n'um, n'isto*, etc., ora *nelle, nella, neste*, etc. (V. *Mocidade de D. João V.*)

O proprio sr. Monteiro Leite, apezar de pugnar com esforço e proficiencia pela uniformidade da orthographia, e reconhecer a inconveniencia do apostropho nos casos em questão, usa delle em todo o seu luminoso tratado de grammatica comparada. E ainda mais: diz que o viracento é para marcar a suppressão da vogal! Ora a vogal supprimida é antes do *n*, e não depois.

Se uma intelligencia tão lucida como aquella se deixou eclipsar por essa rotina deploravel, a ponto de affirmar o que não existe, calcule-se quantos contrasensos não commetterão os que não empregam a minima attenção na analyse dos factos da linguagem. (V. *Subsidios para o estudo da lingua portugueza*, pags. 119, 261, 275.)

O sr. Evaristo Leoni usa de *no, na, nos, nas*, sem apostropho; e, quanto ás outras fórmas, põe o apostropho antes do *n* (*'nisto*) para indicar a suppressão da vogal *e* da preposição *em*. Já é um passo andado para o triumpho do bom senso; mas subsiste a falta de uniformidade entre fórmas parallelas, principalmente separando elle o *n*, do adjectivo ou pronome que se lhe segue. Exemplos deste auctor:

«E é *'nisto* que fazemos consistir o mal.—Exposto, como fica, o motivo que nos demoveu á composição da presente obra, passaremos a tratar do que *'nella* se contem—*'Noutros*, porém, a muda em tras, tres e tra.» (V. *Genio da lingua portugueza*, v. I, prologo; v. II, 164; etc.)

***

Do que fica dito, conclue-se que a melhor fórma orthographica é a que liga o *n*, sem apostropho, não só ao artigo definido, como ao indefinido, e aos outros adjectivos e pronomes: *no, na, nos, nas; num, numa; nesle, nesse, naquelle; nisto, nisso, naquillo; nelle, nella; noutro*, etc.

Esta fórma já era usada no seculo 16.º por Damião de Góes, como se póde ver dos seguintes trechos da chronica por elle escripta:

«O que muitos delles viuendo (vivendo) entre nos, mouidos (movidos) de nossa religião, e do bom uso della se podia sperar que fezessem (fizessem), e que hauia (havia) ainda *nisto* outros inconvenientes,... —... E lhe déu a capitania dellas com palauras (palavras) de muita confiança, poude diante ho (o) peso de tamanho negocio consistir não na despeza, que se *nelle* podia fazer, nem no que se *nisso* auenturava (aventurava), senão no serviço de Deus... ao que se ajuntarião muitas merces que lhe sperava fazer em galardão de todolos trabalhos, que *nesta* viagem passasse, etc.» (V. Sotero dos Reis, obra citada).

Desta mesma orthographia usaram ou usam os seguintes auctores:

Pedro Antonio Vietra (*Sermões*).—Exemplos: «Mas para que possais ir desenganadas com o sermão, tratarei *nelle* uma materia de grande peso e importancia.—As pedras são os corações duros e obstinados; e *nestes* secca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raizes.».

Roquette (*Diccionario de Synonimos*.—Exemplo: «Descobriram-se as ruinas de Herculano, e *nellas* se acharam preciosos monumentos das artes.»

Antonio José dos Reis Lobato (*Arte da Grammatica da lingua portugueza*).—Exemplo: «E *neste* estudo sem duvida gastariam com grande utilidade o tempo ...» (Introducção.)

Padre Antonio da Costa Duarte (*Compendio de Grammatica philosophica da lingua portugueza*).—Exemplo: «...*Numa* palavra, sempre houve nas linguas palavras essencialmente differentes.» (5.ª ed., pag. 18.)

A. Grivet *Grammatica Analytica*, pags 118, 122, 156, etc.)

Achilles Monteverde (*Grammatica Portugueza*).—Exemplo: «*Nesta* proposição—A virtude é amavel—a virtude é o sujeito, etc»

Condurú (Idem).—Exemplo: «Na segunda fórma toma o nome de verbo adjectivo, porque o attributo *nelle* incluido se exprime geralmente por meio de adjectivos.»

Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro (*Grammatica Portugueza philosophica*).—Exemplo: «Quando *numa* phrase houver dous verbos, um do modo definito, outro do infinitivo, etc., usaremos em geral do infinitivo impessoal.»

Epiphanio Dias (*Grammatica Portugueza*).—Exemplo: «O mais que *neste* logar poderamos dizer, guardamol-o para o prologo da segunda edição.»

Maximino Marciel (*Grammatica Analytica*).—Exemplo: *Nestes* casos o elemento para reagiu sobre o b.» (Pag. 24.)

João Ribeiro (*Grammatica Portugueza*, 3.º anno, 3.ª e lição).—Exemplo: «*Nestes* exemplos, vê-se que a resolução do hiato se formou pela transposição (vigairo—vigario), que NESTE caso se obliterou.» (Pag. 40).

Bento José de Oliveira (NOVA GRAMMATICA PORTUGUEZA, 17.ª ed., pag. 76): «EM com os artigos e demonstrativos toma as fórmas NO, NA, NOS, NAS, NUM, NUMA, NUNS, NUMAS, NESTE, NESSE, NAQUELLE, etc.».

Finalmente, Julio Ribeiro (GRAMMATICA PORTUGUEZA): «Escrever N'UM, N'UMA, etc., como geralmente se faz, é absurdo. Taes fórmas são contracções de EM UM, EM UMA, etc.: a usar-se do apostropho, ha de ser escrevendo-se 'NUM, 'NUMA, de módo que elle occupe o lugar da vogal E desapparecida. Melhor é seguir o caminho mais curto, e escrever NO, NUM.»

Porto Salvo, 20 de agosto de 1890.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00199 (1)

Estudos grammaticaes

«Lhe», complemento restrictivo

II

Lê-se na grammatica de Bento José de Oliveira:

«Estas fórmas dos pronomes pessoaes juntas a verbos que não pedem complemento terminativo, valem por—*d'elle, d'ella, d'elles, d'ellas*, etc., indicando POSSESSÕES. Exemplo: Louvo *lhe* a modestia, por—a modestia *d'elle*: ama-*lhe* a belleza, por—a belleza *d'ella*.—Converteu-se-*me* a carne em terra dura, por—a *minha* carne.»

Claro está que nos dous primeiros exemplos a variação *lhe*, correspondendo a—*d'elle, d'ella*—, é complemento restrictivo de *modestia* e *belleza*; assim como no terceiro exemplo *me* é complemento restrictivo de *carne*:—*minha carne*, ou *carne de mim* (resolvendo o possessivo para maior clareza).

Entretanto diz elle que o complemento restrictivo quando é pronome pessoal *deve ser substituido pelo possessivo correspondente.*

Nada mais inexacto. Os proprios exemplos citados provam que póde-se usar do pronome pessoal até com vantagem para a belleza da phrase. Alem d'isso, d'essa substituição constante poderia resultar equivoco tratando-se da terceira pessoa: Pedro recebeu de João os *seus* livros. Livros de quem? de Pedro ou de João?

A dubiedade que se nota n'este distincto grammatico indica apenas o receio de affirmar sem rebuço uma verdade ainda por alguns contestada.

Com effeito, se elle diz que os pronomes pessoaes n'aquelles casos equivalem aos possessivos (que são verdadeiros complementos restrictivos contractos), e até resolve a phrase—*ama-lhe a belleza*—por—*ama a belleza d'elia*—, por que não diz francamente—*as variações pronominaes podem ser complementos restrictivos?*

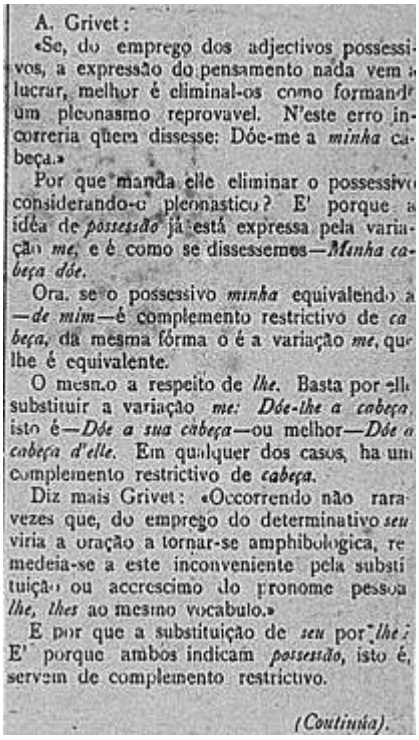
***

Julio Ribeiro:

«Os pronomes substantivos em relação objectiva adverbial equivalem algumas vezes aos adjectivos possessivos *meu, teu, seu.*, etc., ex,: *Elle me é pai—Amigos lhe somos—Não lhe sou tutor*—, em vez de—*Elle é pai meu—Amigos suas somos—Não sou tutor seu.*»

No terceiro exemplo—*Não lhe sou tutor*—, tanto póde resolver-se o *lhe* pelo possessivo *seu*, como pela expressão *d'elle*, que lhe é equivalente: *Não sou tutor d'elle.* N'um ou n'outro caso, o complemento é restrictivo de *tutor.*

***



A. Grivet:

«Se, do emprego dos adjectivos possessivos, a expressão do pensamento nada vem a lucrar, melhor é eliminal-os como formando um pleonasmo reprovavel. N'este erro incorreria quem dissesse: Dóe-me a *minha* cabeça.»

Por que manda elle eliminar o possessivo considerando-o pleonastico? E' porque a idéa de *possessão* já está expressa pela variação *me*, e é como se dissessemos—*Minha cabeça dóe.*

Ora, se o possessivo *minha* equivalendo a —*de mim*—é complemento restrictivo de *cabeça*, da mesma fórma o é a variação *me*, que lhe é equivalente.

O mesmo a respeito de *lhe*. Basta por elle substituir a variação *me*: *Dóe-lhe a cabeça*, isto é—*Dóe a sua cabeça*—ou melhor—*Dóe a cabeça d'elle*. Em qualquer dos casos, ha um complemento restrictivo de *cabeça*.

Diz mais Grivet: «Occorrendo não raras vezes que, do emprego do determinativo *seu* viria a oração a tornar-se amphibologica, remedeia-se a este inconveniente pela substituição ou accrescimo do pronome pessoal *lhe, lhes* ao mesmo vocabulo.»

E por que a substituição de *seu* por *lhe*? E' porque ambos indicam *possessão*, isto é, servem de complemento restrictivo.

(Continúa).

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00201 (1)

Estudos grammaticaes

——

Eu é que não vou; tu é que não vás; nós é que não vamos; etc.

(A Augusto Pinheiro)

A respeito d'estas e semelhantes expressões, que não são propriamente idiotismos da lingua portugueza, pois vêm do francez (c'est moi... c'est vous...), conforme observa Passos, eis o que diz este auctor:

«O idiotismo—*Eu é que sou, Nós é que somos*, etc.—, ainda se acha em voga; mas é uma irregularidade que convém ser substituida por outra menos repugnante á grammatica.»

Grivet:

«Sou eu... Eu é que...

«E's tu... Tu é que...

«E' elle... Elle é que...

«Somos nós... Nós é que...

«Sois vós... Vós é que...

«São elles... Elles é que...

«Ora a troca de relações que, da differença de estado em que ahi se apresenta *ser*, consiste n'isto: que junto á fórma pessoal, os pronomes pessoaes enunciados constituem sujeitos, e, junto á impessoal, *predicados*.»

Bento de Oliveira: «E tambem o são (elegancias) os pleonasmos expletivos, isto é, certas particulas e outras palavras que, não exercendo na oração funcção grammatical, servem apenas para dar mais energia e realce á expressão. Ex.:... Eu *é que* não estou por isso...»

Assim, segundo Passos, aquellas expressões constituem um idiotismo reprovado; na opinião de Grivet, parecem ser de uso corrente, explicando-se como predicado o pronome pessoal com que discorda o verbo *é*, e segundo Oliveira, são pleonasmos que dão energia e realce á phrase. Entendam-nos lá!

O certo é que, por qualquer fórma que sejam consideradas, são ellas usadas por escriptores antigos e modernos, e dos melhores. Citarei alguns exemplos:

1.—«Fizeste bem; *eu é que* sou injusto. Mas o que eu padeço é tanto e tal!...» (Garrett.—Drama *Frei Luiz de Souza*.)

2.—«Ha de ter; mas *eu é que*...» (Idem.)

3.—«E *eu agora é que* faço de forte e assizada, que zombo de agouros e de sinas... para a animar, coitada!» (Idem.)

4.—«Ah! *tu é que* és uma bella nóz, disse comsigo o lobo.» (Guerra Junqueiro.—*Contos para a infancia*.)

5.—«Mas então *tu é que* deves ser o abbade de S. Gall, e desde já o ficas sendo.» (Idem.)

6.—«Que deitem fogo hoje a essa mina, e verão! *Eu é que* hei de rir.» (Rebello da Silva.—*Mocidade de D. João V*.)

7.—«Tinha razão; mas *eu é que* não contava que, além das minhas maguas, havia de necessitar valor para resistir ás injustiças de vossa magestade.» (Idem.)

8.—«*Tu é que* te enganas. Oh! os signaes que digo não mentem.» (Idem.)

9.—«*Eu é que* o não tinha feito feliz como merece.» (Idem.)

10.—«Deos não tem necessidade de nada! nem de ninguem: não tem necessidade de que nós o sirvamos: *nós é que* temos necessidade de o servir a elle.» (Padre Vieira.)

11.—«Quem, elle? gritou Filippe com a bocca cheia. Conheço-o de dentro para fóra. *Eu é que* o entendo.» (Rebello da Silva.)

⁂

Qual é o melhor meio de analysar taes orações?

Reproduzamos um dos exemplos: *Nós é que não vamos.*

Segundo Grivet, a analyse é esta:

Sujeito: —Não existe, porque o verbo é impessoal;

Verbo: —é;

Predicado: — nós.

Parece-me isto forçado em demasia.

Segundo Oliveira, consideraremos as palavras —*é que*— como pleonasmos expletivos, ficando assim a phrase: *Nós não vamos.*

Passos não analysa; mas deprehende-se que elle dá o pronome inicial como sujeito do verbo *é*, e por isso diz que é uma irregularidade repugnante á grammatica, propondo a substituição d'essas phrases por est'outras: *Sou eu quem não vou; Somos nós quem não vamos...* —Parece peior a emenda que o soneto...

O sr. Corrêa, nos seus *Estudinhos*, considera o pronome pessoal, que inicia a oração, como sujeito do segundo verbo; tomando a segunda oração como sujeito do verbo *é;* e subentendendo o predicado *facto.*

Por este systema, a oração dada ficaria assim constituida depois de tornada plena: «*E' facto* que nós não vamos.»

E da mesma fórma todas as outras.

Póde-se tambem subentender os adjectivos *certo, evidente,* ou outro semelhante: «*E' certo* que eu não vou, que tu não vás, que elles não vão.»—*E' evidente* que elle é injusto, que eu hei de rir, que tu te enganas, etc.»

Esta maneira de analysar acho-a regular, e preferivel á de Grivet, assim como á substituição proposta por José Alexandre Passos.

Para mim, é o unico meio de resolver a difficuldade; salvo se tivermos de considerar as palavras —*é que*— como vocabulos expletivos, conforme ensina Oliveira.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1890\Edição 00230 (1)

Estudos grammaticaes

LHE, complemento directo

Nos casos em que o pronome «lhe», acompanhando a verbos transitivos—directos, equivale a—«o»—, e póde, transformado no pronome elle, constituir-se sujeito da passiva,—deve o dito «lhe» se considerado como complemento objectivo directo,—de accordo com o que ensina Grivet, o qual dá como propriedade essencial dos complementos directos constituidos por substantivos e pronomes o prestarem-se elles a formar o sujeito dos mesmos verbos quando convertidos em passivos, «o que em caso algum se póde dar com um complemento real e genuinamente indirecto».

Exemplos :

1.—«E Platão quando d'elles (dos livros santos) escreve, lhes chama divinos interpretes dos deuses». (Rodrigues Lobo.)

Analysemos a oração principal : «Platão lhes chama divinos interpretes dos deuses.

Platão sujeito;
Chama verbo;
Lhes (os livros santos) compl. directo;
Interpretes, compl. attributivo de «lhes»;
Divinos, apposição restrictiva de interpretes;
Dos deuses, compl. rest. de interpretes.

Muitos erram a analyse d'estas orações, considerando n'este caso interpretes como complemento objectivo e «lhes» como complemento terminativo. A prova, porém, do contrario, é que, passando-se a oração para a passiva, não faz sentido : «Interpretes divinos dos deuses lhes é chamado» ou «lhes são chamados por Platão !»; ou : «Interpretes divinos dos deuses é chamado ou são chamados a elles por Platão !»

Ao passo que, tomando interpretes como complemento attributivo de livros, e «lhes» como complemento objectivo, a conversão fica regular, pois não offende ao sentido. Basta substituir «lhes» por elles, visto que passa a ser sujeito da passiva, do mesmo modo que substituem-se os outros pronomes-complementos pelos respectivos pronomes-sujeitos : «Elles (os livros santos) são chamados por Platão interpretes divinos dos deuses.

Conseguintemente, «lhes» exerce ahi a funcção de complemento objectivo.

(*Continúa*).

VIEHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1891\Edição 00372 (1)

Estudos grammaticaes

ORAÇÕES INTEGRANTES DE SENTIDO

Ha uma especie de orações que pódem denominar-se *integrantes de sentido*, pois não servem de termo ou de complemento necessario a outra, mas completam-lhe o sentido. Foi Julio Cezar, creio, quem primeiro deu-lhes esse nome.

Taes são as orações ligadas pela conjuncção integrante *que*, correlativa de *tal, tanto, tão, tamanho;* ou pelo adverbio conjunctivo *quanto*, correlativo de *tanto;* ou pelo comparativo *como*, correlativo de *tal* e *tão;* ou pelo comparativo *qual*, correlativo de *tal*

A razão é que as palavras *tal, tão, tanto tamanho*, quando denotam encarecimento, ou fazem parte do primeiro membro de uma comparação, deixam suspenso o sentido da phrase, e por isso demandam necessariamente uma outra oração para completar o sentido da primeira.

Exemplos: «Era *tal* sussurro—*que* ninguem se entendia. Havia *tanto* povo—*que* não poudemos entrar. *Tão* grande era de membros—*que* bem posso etc. Era *tamanho* o seu pesar—*que* nada o consolava. Vi-o *tal*—*como* ou *qual* nunca o vi. Recebi *tanto* dinheiro—*quanto* houvera pedido. Este menino é *tão* estudioso—*como* aquelle (menino é estudioso).»

Em todos estes exemplos, vê-se que a segunda oração não faz parte grammatical da primeira, que está completa quanto á grammatica, porém não quanto ao sentido.

Nota.—A's vezes as palavras suspensivas, do primeiro termo da comparação, ficam occultas: «Vi-o—*como* nunca. Recebeu—*quanto* houvera pedido. Este menino não é—estudioso *como* aquelle.»

* * *

N'esta mesma categoria se deveriam incluir as orações que formam o segundo membro de uma comparação de superioridade e inferioridade, ligadas pela conjuncção *que* ou a locução *do que* correlativas de *mais* e *menos;* assim como as iniciadas pela mesma conjuncção ou locução, correlativas de *antes*, exprimindo opção: comquanto outros considerem taes orações como *terminativas*. Exemplos: «Era *mais* (ou *menos*) formosa *que* (ou *do que*) discreta.—*Antes* quiz morrer *que* (ou *do que*) ceder».

* * *

Passos diz que a conjuncção *que*, n'estes casos, é equivalente da explicativa *de sorte que*.

Ora, sendo esta locução, da especie dos *coordenativas*, servindo para approximar simplesmente as orações sem tornal-os dependentes umas das outras, segue-se que a segunda oração não é *integrante*, sim principal, coordenada á primeira pela explicativa *que* ou *de sorte que*.

Supprima-se, porém, qualquer das duas orações, e ver-se-ha que nenhuma faz sentido sem a outra: «*Era tal o sussurro—que ninguem se entendia.*» E isto porque a primeira (a principal) demanda o completivo da idéa que expressa; e a segunda, porque tem por funcção integrar o sentido da principal, nada significando separada d'ella.

Mais bem avisado andou Grivet em dar a taes orações o nome de *complementarias*: comquanto esta denominação não exprima exactamente a funcção que ellas exercem na phrase, *complementarias* são tambem todas as orações que servem de complemento a outras, e as de que tratamos completam somente o *sentido*.

Razão teve portanto o illustre grammatico paraense em dar a taes orações a denominação de *integrantes de sentido*.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1891\Edição 00461 (1)

Estudos grammaticaes

Divisão do verbo

A divisão do verbo em—*verbo substantivo* e *verbo adjectivo*—, satisfazendo os principios geraes da grammatica philosophica, contraria os usos e a indole da lingua portugueza (V. Condurú, *grammatica*), porque é absurdo dizer com Soares Barbosa, padre Duarte, Sotero dos Reis, Costa e Cunha e outros, que todos os verbos chamados adjectivos pódem resolver-se pelo verbo *ser* acompanhado de um attributo representado no radical do verbo.

Que especie de giria não ficaria sendo o portuguez, a admittir-se tão esdruxula doutrina?

Exemplo: «Eu queria ir ao Rio; mas não vou, porque não tenho dinheiro para pagar a passagem.»—Traducção: «Eu era querente ser inte ao Rio; mas não sou inte, porque não sou tente dinheiro para ser pagante a passagem.»

Tem toda a razão o sr. Grivet, n'este ponto. (V. *Grammatica Analytica*—226—244.)

Além d'isso, quando mesmo se consiga *descentraliar* do verbo uma palavra bem-soante e vernacula para attributo, não póde prevalecer aquella doutrina:

1.º Porque, por exemplo, *eu oiço* não é o mesmo que *eu sou ouvinte*. Conseguintemente não ha identidade entre o verbo adjectivo e a expressão por que o resolvem.

2.º Porque o complemento directo transforma-se em indirecto, o que prova ainda mais essa falta de identidade.

3.º Porque, quando mesmo com alguns verbos haja equivalencia entre as ditas expressões, não póde esse facto favorecer aquella opinião, pois os preceitos doutrinarios devem basear-se na generalidade dos casos, e não em excepções.

***

Eu proporia a divisão do verbo em—*copulativo* e *activo*

Copulativo—o que unisse o attributo ao sujeito da proposição, como: Pedro é feliz está doente, ficou surpreso, nasceu pobre, etc.

Activos—todos os outros, ou os mesmos copulativos quando não fossem tomados como taes, ex.: Nasceu em 1803.

E dividiria os verbos activos em *intransiticos, transitivos* e *bi transitivos*, subdividindo os transitivos em *transiticos-directos* e *transiticos-indirectos*, como faz Maximino Maciel em sua *Grammatica Analytica*.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1891\Edição 00484 (1)

Estudos grammaticaes

As palavras «o, a». As variações pronominaes «me, nos, te, vos.»

(CONCLUSÃO)

III

O, a, artigos ou quantitativos universaes, são complementos determinativos (Avila Pimentel), ou appositivos (Grivet), ou adjuntos attributivos (João Ribeiro) de um substantivo.

O, a, pronomes, pódem ser sujeitos, attributos, complementos.

Como attributos:

« Ella é *a* que menos estuda.—Os bons julgam que os mais tambem *o* são.—A carta é breve, tambem *o* fôra o livro (Jacintho Freire).

Como objectos directos:

« O entendimento acha *o* que ha; a vontade *o* que quer.» (Padre Vieira)—Conhece-*o*, conheço-*a*.»

Como objectos indirectos:

« Entre todas estas plantas, gósto mais *da* que está no meio do Jardim.—Appello *do* que dizes hoje para as tuas opiniões de hontem.»

Como sujeitos:

O que eu te digo é verdade.—De todas estas flôres, *a* que trazes no peito é a mais formosa.—Estando o réo preso, o juiz *o* mandou vir á sua presença.»

Neste ultimo exemplo, *juiz* é sujeito do verbo *mandou;* e o pronome pessoal *o*, referido a réo, é sujeito do verbo *vir*. E' como se dissessemos: O juiz mandou *elle* vir, ou mandou que *elle* viesse.

O mesmo dá-se em todas as orações em que entra este pronome junto aos verbos *mandar, deixar, ver, ouvir* e *fazer* no modo finito seguidos de outro no infinito.

Exemplos identicos:

« Furtar ao mesmo ladrão, e fazêl-*o* repôr com mão fiel o que tinha levado com mão enganosa, tem tanta graça, que move desejos de premiar-se.» (Bernardes).—Isto é: fazer *elle repôr*.

« Ainda sem ti, eu me teria arrojado sobre o imperio godo, e a minha lança *o* faria cahir a meus pés moribundo.» (Alexandre Herculano).—Isto é: faria *elle cahir*.

O mesmo dá-se com as variações *me, nos, te, vos.*

Eis o que diz Condurú no seu compendio de grammatica portugueza:

« Permitte porem a lingua portugueza... o uso do infinito pessoal em certos casos...

« 1º Quando a phrase infinitiva, como regimen directo do verbo finito, tiver sujeito diverso...—Ficará porém invariavel o infinito *se o seu sujeito*, ainda que diverso, *fôr algum dos casos dos pronomes pessoaes*, expresso na phrase como complemento necessario do verbo finito. Ex.: O Evangelho manda-*nos ser* caridosos. O preconceito *te* faz *desconhecer* as cousas mais evidentes.»

Os gryphos que vêem nos exemplos são do auctor citado, e denotam que a variação *nos* é sujeito do verbo *ser*, e *te* sujeito do verbo *desconhecer*.

Assim, n'estas orações—fizeste-me correr, deixei-te fugir, mandou-nos ir embora,—*me* é sujeito do verbo *correr*, *te* do verbo *fugir*, e nos do verbo *ir*.

Esta mesma opinião segue o sr. José A. Corrêa nos seus *Estudinhos da lingua portugueza*.

N'um ponto me afasto do pensar de Condurú, e é em considerar elle *a variação* que acompanha o verbo finitivo como *complemento necessario d'este*.

Em minha opinião, tal variação não é complemento do verbo finito: esse complemento é constituido por toda a oração seguinte, que é uma clausula substantiva objectiva.

Tomemos o proprio exemplo de Condurú — *O Evangelho manda-nos ser caridosos.*

A analyse deve ser esta:

Oração principal:
Suj.—O Evangelho;
V.—manda;
Obj. dir.—A oração seguinte *(nos ser caridosos)*.

Oração subordinada:
Suj.—*nos;*
V.—ser;
Attr.—caridosos.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1891\Edição 00488 (1)

Estudos grammaticaes

LHE, complemento objectivo

(AOS MEUS AMIGOS PROFESSORES ARAUJO NUNES E BERTHOLDO NUNES)

Nos casos em que o pronome *lhe*, acompanhando a verbos activos, equivale a *o*, e póde, na fórma primitiva *elle*, constituir-se sujeito da passiva,—deve o dito *lhe* ser considerado como complemento objectivo, de accordo com o que ensina Grivet, o qual dá como propriedade essencial dos complementos directos de substantivos e pronomes, o prestarem-se elles a formar o sujeito dos mesmos quando convertidos em passivos, *o que em caso algum se póde dar com um complemento real e genuinamente indirecto.*

Exemplos :

«E Platão quando d'elles (dos livros santos) escreve, *lhes* chama divinos interpretes dos deoses.» (Rodrigues Lobo.)

Analysemos a oração principal : *Platão lhes chama divinos interpretes dos deoses.*

Platão sujeito;

Chama verbo;

Lhes (os livros santos...) complemento objectivo;

Interpretes completivo do complemento objectivo;

Divinos adjunto attributivo de interpretes;

Dos deoses idem.

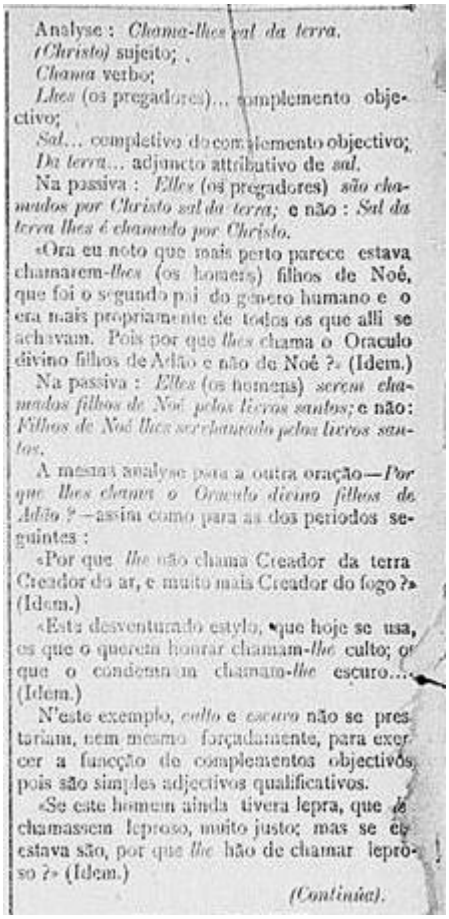
Muitos erram a analyse d'estas orações, considerando n'este caso *interpretes* como complemento objectivo e *lhes* como complemento terminativo. A prova, porém, do contrario, é que passando-se a oração para a passiva, não faz sentido : *Interpretes divinos dos deoses lhes é chamado por Platão !:* ou *Interpretes divinos dos deoses é chamado a elle por Platão !*

Ao passo que, tomando *interpretes* como um completivo de *lhes*, e este pronome como complemento objectivo, a conversão fica regular, pois não offende o sentido. Basta substituir *lhes* por *elles*, visto que passa a ser sujeito da passiva, do mesmo modo que substituem-se os outros pronomes-complementos pelos respectivos pronomes-sujeitos : *Elles* (os livros santos) *são chamados por Platão interpretes divinos dos deoses.*

Conseguintemente, *lhes* exerce ahi a funcção de complemento objectivo.

Outro exemplo :

«Vós, diz Christo Senhor Nosso falando com os pregadores, sois o sal da terra : e chama-*lhes* sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal.» (Padre Antonio Vieira.)



Analyse: *Chama-lhes sal da terra.*

(Christo) sujeito;

Chama verbo;

Lhes (os pregadores)... complemento objectivo;

Sal... completivo do complemento objectivo;

Da terra... adjuncto attributivo de *sal*.

Na passiva: *Elles* (os pregadores) *são chamados por Christo sal da terra;* e não: *Sal da terra lhes é chamado por Christo.*

«Ora eu noto que mais perto parece estava chamarem-*lhes* (os homens) filhos de Noé, que foi o segundo pai do genero humano e o era mais propriamente de todos os que alli se achavam. Pois por que *lhes* chama o Oraculo divino filhos de Adão e não de Noé?» (Idem.)

Na passiva: *Elles* (os homens) *serem chamados filhos de Noé pelas Escrituras santas;* e não: *Filhos de Noé lhes ser chamado pelas livros santos.*

A mesma analyse para a outra oração—*Por que lhes chama o Oraculo divino filhos de Adão?*—assim como para as dos periodos seguintes:

«Por que *lhe* não chama Creador da terra Creador do ar, e muito mais Creador do fogo?» (Idem.)

«Esta desventurado estylo, que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-*lhe* culto; os que o condemnam chamam-*lhe* escuro...» (Idem.)

N'este exemplo, *culto* e *escuro* não se prestariam, nem mesmo forçadamente, para exercer a funcção de complementos objectivos, pois são simples adjectivos qualificativos.

«Se este homem ainda tivera lepra, que se chamassem leproso, muito justo; mas se elle estava são, por que *lhe* hão de chamar leproso?» (Idem.)

(Continúa).

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1891\Edição 00507 (1)

COLLABORAÇAO

A grammatica de Julio Ribeiro

I

Seria ociosissimo elogiar a grammatica de Julio Ribeiro: é um monumento de sciencia, de erudição, é uma obra luminosa.

Os doutos, os competentes, os entendidos na póda, atiram-lhe pétalas de rosas, elevam-n-a, glorificam-n-a...

A 3ª edição surdiu, enche as livrarias: está bem impressa, está «cuidadosamente revista» pelo sr. Vieira de Almeida.

Um livro magnifico.

Tenho á vista um exemplar, percorro-lhe as paginas com mão febril, com profunda tristeza...

Francamente, não me agrada a cousa.

O sr. Vieira é um professor distinctissimo, é um ornamento da Eskhóla Normal: considero-o, acato-o, admiro-lhe a illustração, o «saber de experiencias feito.»

Permitta-me, porém, s. s., algumas considerações levemente criticas, delicadamente picantes, traçadas sem pretenção, sem maldade, sem a parvoice ingenua do aprendiz enthusiasmado pelo brilho de sua producção immortal...

O saudosissimo Julio tinha amor á sua sua grammatica, tinha-lhe affeição, tinha-lhe carinho mesmo: «para nós, os escriptores, os livros são como os filhos: carne da nossa carne, sangue de nosso sangue (1).

Foi-se o mestre, morreu, desapparoceu, sumiu-se no sorvedouro mysterioso do tumulo...

E vem o sr. Vieira de Almeida, e, sem escrupulos, altera-lhe o labor genial, bifa-lhe trechos, torce-lhe o pensamento, deturpa-lhe doutrinas — livremente, arbitrariamente, desastradamente...

Vou proval-o.

O grupo *kh* foi azorragado, foi banido-lo vez: não lhe valeu a paternidade, não lhe valeu o vigor, o brilhantismo com que Julio Ribeiro o legitimou como romanico genuino, como fórma muitissimo correcta, muitissimo *orthographica*...

Ora leia-se... o sr. Vieira de Almeida:

«A modificação vocal *kh* representa

«. . . . . .

«5) por *ch* — nos derivados de raizes «gregas escriptas por *c* e algumas pala«vras oriundas de linguas orientaes, ex. «*anachronismo* — *archetypo* — *Achmet*.»

«Os derivados de palavras gregas es«criptas com *x* orthographam-se usual«mente com *ch*, ex. «*anachronismo* — *ar«chetypo*»; mas insta a acceitar a refor«ma acima, já proposta por Grivet (2) e «por varios outros grammaticos. Os lati«nos, querendo trasladar para o seu idio«ma o *x*, que é κ aspirado, com muito «acerto pospozeram ao *c*, que no seu al«phabeto equivalia sempre a *k*, o *h*, signal «de aspiração: representar, porém, *x*, por «*ch* portuguez, que symbolisa uma modifi«cação veranenia especialissima, é dislate «etymologico que só serve para dificultar «tirocinio da lingua.

«Com effeito, quem será capaz de saber «a pronuncia exacta dos vocabulos scr«*cheiro*, *archontes*, só por vel-os escri«ptos? Não é a confusão originada do tal «uso de lettras improprias um estorvo sé«rio ao conhececimento perfeito da lingua «franceza? Os vocabulos *cairurgien* e «*chiromancie*, por exemplo, derivam-se «ambos da mesma raiz *xeip*, e todavia, «um pronuncia-se *xirurgien* outro *[hiro«mancie!*

«Mas o uso é soberano, despotico, e «*quer ch!...* (3)»

Vingança, manes de Julio Ribeiro!

Eu já não condemno a deturpação inqualificavel da bella doutrina do philologo; o que eu resputo monstruoso, iniquo, é a divergencia absurda entre o *preceito* e o *commentario*, é a incoherencia pavorosa, que logo se patenteia...

Deve-se escrever *ch*—eis o preceito, muito velho, muito sabido, muito batido...

Nada se reformou.

E todavia mais adiante está isto, com todas as lettras: «MAS ISSTA ACCEITAR A REFORMA ACIMA, JA' PROPOSTA POR GRIVET E POR VARIOS OUTROS GRAMMATICOS»...

Mas, que reforma, santo Deus!...

Pasme agora a grande phalange dos estudiosos, dos *eruditos*, dos SABIOS DE MEIA E MEIO; pasme a posteridade!

«...REPRESENTAR, PORÉM, JÁ POR CH» PORTUGUEZ, QUE SYMBOLISA UMA MODIFICAÇÃO VERNACULA ESPECIALISSIMA, E' DISLATE ETYMOLOGICO QUE SÓ SERVE PARA DIFFICULTAR O THROGINIO DA LINGUA»...

E' a negação do preceito, forte, vigoroso, esmagadora... E o sr. Vieira acha-lhe fundamento, *concordia* com ella: estampou-a!

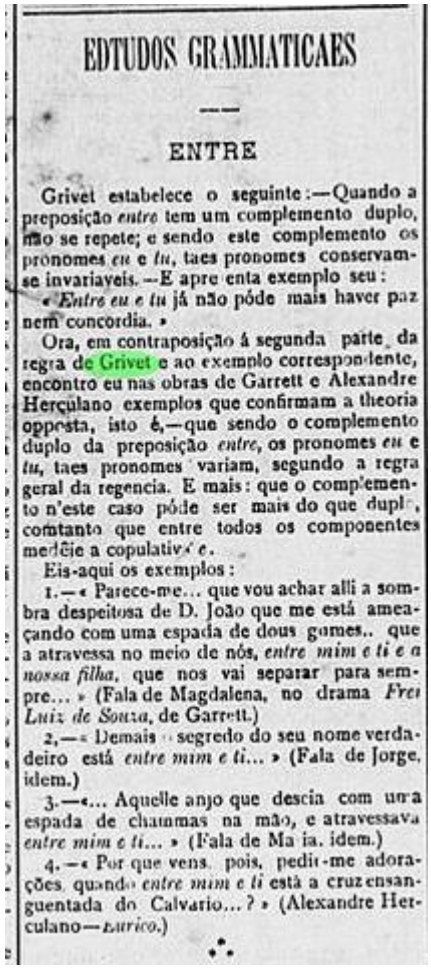
Melhor fôra que o illustre professor supprimisse esses trechos, como supprimiu o «annexo».

— O *grupo kh*, como supprimiu o commentario da *orthographia* de *khh*:

«O douto sr. Antonio Ennes, na sua «monumental traducção da Historia Universal de Cesar Cantu (4), já adoptou «para os nomes proprios estas reformas «orthographicas (5) 6). Oxalá o tivera «feito em todos os casos em que é ella «exigida pela etymologia, etc. (5)»

Um reparo, antes de proseguir.

Correio Paulistano (SP) - Ano 1892\Edição 10636 (1)



EDTUDOS GRAMMATICAES

—

ENTRE

Grivet estabelece o seguinte:—Quando a preposição *entre* tem um complemento duplo, não se repete; e sendo este complemento os pronomes *eu* e *tu*, taes pronomes conservam-se invariaveis.—E apresenta exemplo seu:

«*Entre eu e tu* já não póde mais haver paz nem concordia.»

Ora, em contraposição á segunda parte da regra de Grivet e ao exemplo correspondente, encontro eu nas obras de Garrett e Alexandre Herculano exemplos que confirmam a theoria opposta, isto é,—que sendo o complemento duplo da preposição *entre*, os pronomes *eu* e *tu*, taes pronomes variam, segundo a regra geral da regencia. E mais: que o complemento n'este caso póde ser mais do que duplo, comtanto que entre todos os componentes medêie a copulativa *e*.

Eis-aqui os exemplos:

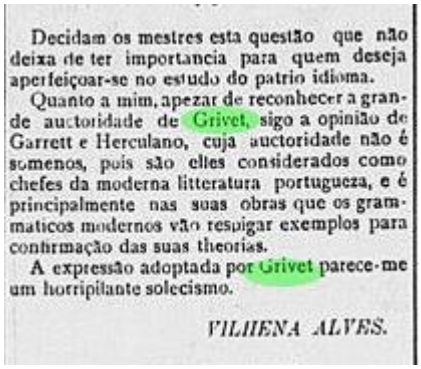
1.—«Parece-me... que vou achar alli a sombra despeitosa de D. João que me está ameaçando com uma espada de dous gumes.. que a atravessa no meio de nós, *entre mim e ti e a nossa filha*, que nos vai separar para sempre...» (Fala de Magdalena, no drama *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett.)

2.—«Demais o segredo do seu nome verdadeiro está *entre mim e ti*...» (Fala de Jorge, idem.)

3.—«... Aquelle anjo que descia com uma espada de chammas na mão, e atravessava *entre mim e ti*...» (Fala de Maria, idem.)

4.—«Por que vens, pois, pedir-me adorações, quando *entre mim e ti* está a cruz ensanguentada do Calvario...?» (Alexandre Herculano—*Lyrico*.)

***



Decidam os mestres esta questão que não deixa de ter importancia para quem deseja aperfeiçoar-se no estudo do patrio idioma.

Quanto a mim, apezar de reconhecer a grande auctoridade de Grivet, sigo a opinião de Garrett e Herculano, cuja auctoridade não é somenos, pois são elles considerados como chefes da moderna litteratura portugueza, e é principalmente nas suas obras que os grammaticos modernos vão respigar exemplos para confirmação das suas theorias.

A expressão adoptada por Grivet parece-me um horripilante solecismo.

VILHENA ALVES.

A Republica: Orgão do Club Republicano (PA) - Ano 1893\Edição 00901 (1)

APEDIDOS

NOTICIAS CALUNIOSAS

Veio o *Estado* de 3 do corrente despertar-me um sentimento de compaixão pela intellectualidade do sr. Sergio.

O moço promotor devia, antes de escrever uzar de alguma bôa receita, que. abrandando-lhe os nervos, desse ao seu espirito um pouco de calma.

Quando o publico esperava que fosse esmagadora a defeza do sr. Sergio, já antes decantada, eis que o pobre moço surge esqualidamente na «Conta Alheia» do *Estado* em um *crescendo de rabicismo* que até já causa dó sem nada fazer senão dirigir-me novos insultos

O axioma latino citado pelo sr. Sergio é uma verdade sediça, que faz as delicias de qualquer rabula que não saiba que elle não se exime do preceito imperativo da conhecida parenia—*não ha regra sem excepção.*

Quando os factos são publicos e notorios ou quando a presumpção legal está do lado do autor, incumbe a prova ao réo—Isto no foro civil.

As calumnias que contra mim foram assacadas pelo moço protos a celebre phraze ; *addito á queixa de fls*, toma da phrase a palavra *additar*, cuja significação não conhece, e torna patente sua ignorancia pelo emprego que d'elle tem feito.

Depois admira-se que promotor *indefira* um requerimento de fiança—Quem ler com attenção o meu artigo verá que eu quiz dizer o seguinte : que o promotor, que estava presente, tendo dito : *fiança provisoria tambem tem um processo e hoje já é muito tarde para tractar d'isso*, commetteu um flagrante erro e uma violação da Constituição federal e foi causa de o dr. Paulo que fosse recolhido por ter o delegado confirmado suas palavras

O moço não negou que tivesse dito tal e ahi é que esta a questão.

O que exprime, em summa, declinar do mandato o mandatario antes repellido pelo mandante?

O mandato é revogavel em todo o correr da lide, admitte a praxe, não obstante a Ord. L 3 T 26 § 1, que exige para sua revogação depois da contestação que seja allegada justa causa, mas è preciso que a revogação seja por algum dos meios legáes e póde ser tacita ou expressamente feita.

motor, pela sua mesma natureza não podiam ser provadas, nem elle foi alem da simples ennunciação mas no entanto aquellas que me podiam ferir, levantei-as e provei evidentemente a sua falsidade e quando agora tratam-se de factos por si capazes de atrahirem a sancção penal sobre a cabeça do promotor, este com um heroico desprendimento encolhe-se e nem ao menos tenta negar a existencia dos factos, confessando, ou melhor reconhecendo pelo seu silencio que não se pode defender.

Pobre moço! Estou vingado!

E elle que é tão facil em levantar as mais duras calumnias contra os outros foge covardemente quando se trata de propria defeza!

Aquelles factos compromettem horrivelmente a reputação de funccionario publico quanto ao moço e elle sem negal-os, mostra apenas a ignorancia em que está das mais comesinhas regras de direito e até (pro pudor!) da grammatica.

Aquelles dous pontos de admiração na palavra *morphologica* são de sabor irritante e capazes de fazer os meninos de escola rirem-se do nosso homem.

A minha tarefa não é de lexicographo, por isso consulte o moço si quizer, qualquer diccionario moderno e veja que empreguei a perfeitamente; e se não póde consultar alem da grammatica de *Grivet* a de Julio Ribeiro, que é adoptada nas escolas d'esta cidade.

Naturalmente, e é esta a razão de eu perdoar o seu professor primario, o *illustrado* moço era fraquinho em creança e em sua conta de bólos houve economia grossa...

A outro assumpto. O publi-

mente feita.

Vir o constituinte simplesmente dizer ao advogado que não o quer mais como seu mandatario, póde até ser uma cilada para responsabilizal-o depois pelo damno que soffresse, maximé quando como no caso em questão elle não passou mais procuração a outrem.

E fique sabendo o moço promotor que o mandato ás vezes é irrevogavel.

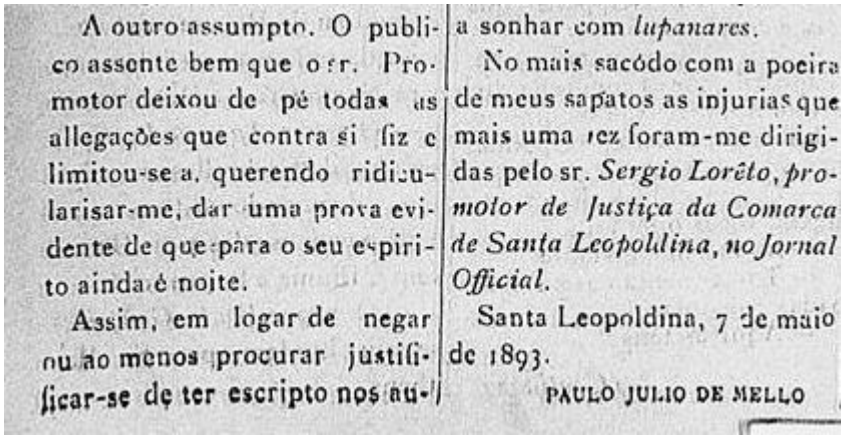
Fica tambem desafiando contestação o facto do promotor ter tomado, logo apóz, o patrocinio de uma causa de Carlos Bulleryahn, quando este tinha processo em juizo em que o *curador de ausentes* era interessado.

Poderia muito bem entrar em discussão com o moço promotor a respeito de *mandados* e ordens de prisão; mas, não o faço attentas as condições de irritabilidade de temperamento do sr. promotor que só o impellem para o plano inclinado das injurias e calumnias, das quaes com o soccorro de Deus, me hei de livrar.

Eu quero encerrada entre paredes a vida particular, e por isso é que poupo o moço promotor; mas quanto a mim deixo que virem e revirem a bel prazer as paginas do livro de minha vida, porque excepção de calumnias, nada tenho de que me envergonhar.

Orgulho-me, sem que isso seja um leve peccado ao menos, com o final do artigo do moço, porque da sua leitura conclue se que só comecei a ser politico depois que despi immaculada a toga de magistrado.

E, como ninguem é indifferente á lisonja e á justiça que se lhe faça, sinto-me com desejos de perdoar o pobre moço, que me parece deve medicamentar-se contra a satyriasis; pois vive a sonhar com *lupanares*.



A outro assumpto. O publico assente bem que o sr. Promotor deixou de pé todas as allegações que contra si fiz e limitou-se a, querendo ridicularisar-me, dar uma prova evidente de que para o seu espirito ainda é noite.

Assim, em logar de negar ou ao menos procurar justificar-se de ter escripto nos au-

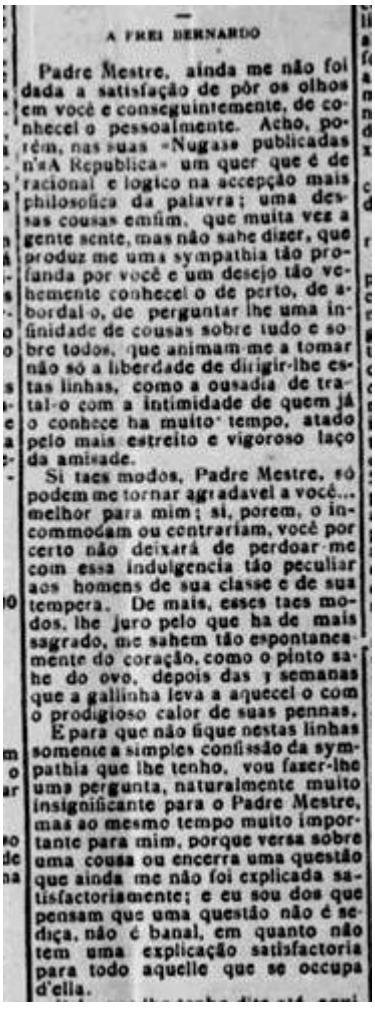
a sonhar com *lupanares*.

No mais sacódo com a poeira de meus sapatos as injurias que mais uma vez foram-me dirigidas pelo sr. *Sergio Lorêto, promotor de Justiça da Comarca de Santa Leopoldina, no Jornal Official*.

Santa Leopoldina, 7 de maio de 1893.

PAULO JULIO DE MELLO

Commercio do Espirito Santo (ES) - Ano 1893\Edição 00854 (1)

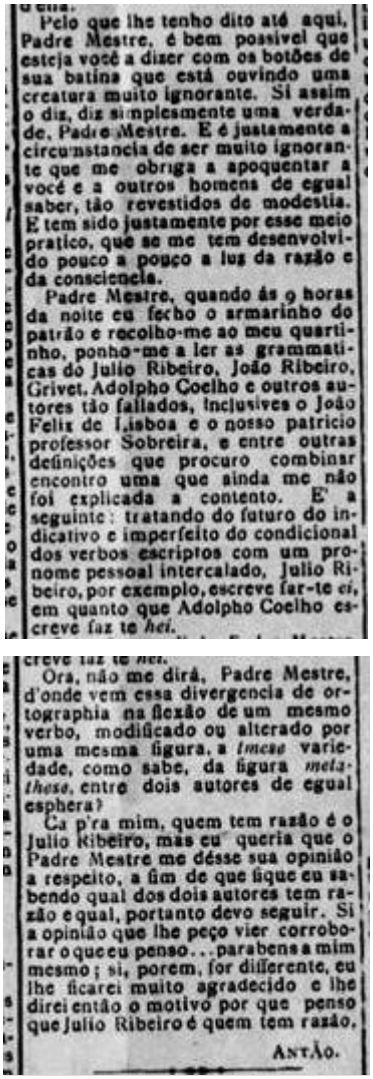


A FREI BERNARDO

Padre Mestre, ainda me não foi dada a satisfação de pôr os olhos em você e conseguintemente, de conhecel-o pessoalmente. Acho, porém, nas suas «Nugas» publicadas n'«A Republica» um quer que é de racional e logico na accepção mais philosofica da palavra; uma dessas cousas emfim, que muita vez a gente sente, mas não sabe dizer, que produz me uma sympathia tão profunda por você e um desejo tão vehemente conhecel-o de perto, de abordal-o, de perguntar lhe uma infinidade de cousas sobre tudo e sobre todos, que animam-me a tomar não só a liberdade de dirigir-lhe estas linhas, como a ousadia de tratal-o com a intimidade de quem já o conhece ha muito tempo, atado pelo mais estreito e vigoroso laço da amisade.

Si taes modos, Padre Mestre, só podem me tornar agradavel a você... melhor para mim; si, porem, o incommodam ou contrariam, você por certo não deixará de perdoar-me com essa indulgencia tão peculiar aos homens de sua classe e de sua tempera. De mais, esses taes modos, lhe juro pelo que ha de mais sagrado, me sahem tão espontaneamente do coração, como o pinto sahe do ovo, depois das 3 semanas que a gallinha leva a aquecel-o com o prodigioso calor de suas pennas.

E para que não fique nestas linhas somente a simples confissão da sympathia que lhe tenho, vou fazer-lhe uma pergunta, naturalmente muito insignificante para o Padre Mestre, mas ao mesmo tempo muito importante para mim, porque versa sobre uma cousa ou encerra uma questão que ainda me não foi explicada satisfactoriamente; e eu sou dos que pensam que uma questão não é sediça, não é banal, em quanto não tem uma explicação satisfactoria para todo aquelle que se occupa d'ella.



Pelo que lhe tenho dito até aqui, Padre Mestre, é bem possivel que esteja você a dizer com os botões de sua batina que está ouvindo uma creatura muito ignorante. Si assim o diz, diz simplesmente uma verdade, Padre Mestre. E é justamente a circumstancia de ser muito ignorante que me obriga a apoquentar a você e a outros homens de egual saber, tão revestidos de modestia. E tem sido justamente por esse meio pratico, que se me tem desenvolvido pouco a pouco a luz da razão e da consciencia.

Padre Mestre, quando ás 9 horas da noite eu fecho o armarinho do patrão e recolho-me ao meu quartinho, ponho-me a ler as grammaticas do Julio Ribeiro, João Ribeiro, Grivet, Adolpho Coelho e outros autores tão fallados, inclusives o João Felix de Lisboa e o nosso patricio professor Sobreira, e entre outras definições que procuro combinar encontro uma que ainda me não foi explicada a contento. E' a seguinte: tratando do futuro do indicativo e imperfeito do condicional dos verbos escriptos com um pronome pessoal intercalado, Julio Ribeiro, por exemplo, escreve far-te *ei*, em quanto que Adolpho Coelho escreve faz te *hei*.

creve faz te *hei*.

Ora, não me dirá, Padre Mestre, d'onde vem essa divergencia de ortographia na flexão de um mesmo verbo, modificado ou alterado por uma mesma figura, a *tmese* variedade, como sabe, da figura *metathese*, entre dois autores de egual esphera?

Ca p'ra mim, quem tem razão é o Julio Ribeiro, mas eu queria que o Padre Mestre me désse sua opinião a respeito, a fim de que fique eu sabendo qual dos dois autores tem razão e qual, portanto devo seguir. Si a opinião que lhe peço vier corroborar o que eu penso... parabens a mim mesmo; si, porem, for differente, eu lhe ficarei muito agradecido e lhe direi então o motivo por que penso que Julio Ribeiro é quem tem razão,

ANTÃO.

A Republica: Fusão do Libertador e Estado do Ceara (CE) - Ano 1894\Edição 00031 (1)

VICIOS DE LINGOAGEM

Subordinada a esta epigraphe, recebemos uma nova carta do Sr. Horto de Godoy (pseudonymo) em resposta ás observações que á primeira fizera em o n. 20 d'A SEMANA o nosso illustrado collaborador Julio Valmor.

Representando esta segunda carta uma defesa e havendo nós inserido a primeira, consideramo-nos no dever de publical-a tambem.

Mas tanto a Horto como a Julio pedimos, pelo amor de Deus, que não estiquem a questão.

Olhem que uma querella grammatical é calamidade quasi tão grande como um terremoto ou uma inundação!

Eis a carta:

SR. REDACTOR. — O meu humilde artigo, inserto em o n. 20 d'A SEMANA, valeu uma severa contestação da parte do seu illustre chronista, o Sr. Julio Valmor.

Voltando a campo, faço o papel de David em lucta com o gigante Goliath, lucta desigual mas proveitosa, visto que da discussão sae a luz.

Humilde, desconhecido, sem competencia, não ousaria sahir ao encontro de um gigante experimentado em armas, si a tanto não fosse chamado.

Antes, porém, de ferir o alvo, tenho a lamentar que o Sr. Valmor, tractando de assumpto serio, como promettera a uma "gentil interlocutora," venha nos sahindo com lettreiros de "estrebarias," etc.

Não foi serio nesse poncto, e "a gentil interlocutora" deve manifestar-lhe pezar por isso.

Quanto ao termo "projectis," deixo-o entregue ao Sr. João Ribeiro e ao publico que nos lê: ao primeiro mandará corregir o preceito grammatical; ao segundo satisfará, explicando-se melhor.

"Agora visto que o Sr. Godoy é caroavel d'estas investigações de vernaculidade, atrevo-me a pedir-lhe que nos seus ocios de Rio-Claro se sirva indagar da legitimidade d'aquella expressão que se lê no seu artigo: "deparei com muitos termos estranhos." .

Vou satisfazer-lhe a curiosidade.

Abra o livro— Vocabulos e Locuções da Lingua Portugueza, do Sr. G. Bellegarde, pag., 39, v. Deparar, e leia até á pag. 42, onde encontrará:

"Perguntar-lhes-iamos se "deparam com" espectaculos semelhantes nas antigas republicas gregas...

(A. F. de Castilho — Proemio á traducção das PALAVRAS DE UM CRENTE, pag. 16).

" Na caça "deparara" co'estes paços."
(Garret, D. Branca, c. 4°, pag. 93.)

" Deparei com a cara sciencia de um santo e venho exhibir-vol-a! "
(Padre Senna Freitas — Jesuitas, traducção, vol. 1, pag. 89.)

O Sr. Valmor concordará que — " deparei com " bons companheiros.

Veja o que dizem Pacheco Junior e Lameira de Andrade sobre o "se" Gram. Port. pag. 482.

Consulte Grivet — Grammatica Analytica, publicada em 1865, pag. 189.

Terminando sua argumentação, Grivet cita o seguinte trecho: "Nini, côrte de Nino, foi a maior cidade do mundo: endava-se, de porta a porta, não menos que em tres dias de caminho " (Padre A. Vieira) Isto é... " a gente " andava, de porta a porta etc.

Ora, si nos exemplos de Pacheco Junior e L. de Andrade e nos de Grivet, como este, pode-se dizer " a gente andava " etc. porque naquelle outro — commummente se lê, " etc., não se póde dizer: " commummente a gente lê pelos jornaes, etc. ?

Si o " se " pode servir de eujeito em um, pode servir em outro caso tambem.

O Sr. João Ribeiro diz em sua— Grammatica Portugueza, 3° anno, pag. 268, terminando a argumentação sobre "se":

" A litteratura contemporanea, tão approximada das fontes francezas, acabará talvez por fixar o uso do "se" como sujeito, apezar da resistencia que a isso oppoem os grammaticos. "

Poderia discutir mais longamente a questão, mas não quero enfadar os leitores com insulsas pretensões de " sabichão. "

Termina o Sr. Julio Valmor dizendo: " Complane-me o Sr. Horto de Godoy aquellas corcovas desgraciosas no liso dorso da sã linguagem portugueza e conte depois com este seu creado para irmos juntos, de Moraes em punho, dar caça sem treguas nem mercê aos estrangeiros de má raça. "

Poderia acceitar o convite, si o Moraes não estivesse cheio das taes " corcovas. "

Leia o que diz o Sr. Aulete no " Diccionario Contemporaneo, " publicado em 1881, sob o titulo — PLANO.

O Sr. Valmor deve concordar comigo que—a bella linguagem portugueza, tão querida de Francisco Rodrigues Lobo, anda " remendada como capa de pedinte " e a causa principal disto é que nós não queremos sujeitar-nos a aprendel-a bem.

Os jornaes andam sempre abarrotados de grossas asneiras, devido tão somente ao descuido, ao desmazelo, ao pouco caso " dos naturaes da lingua. "

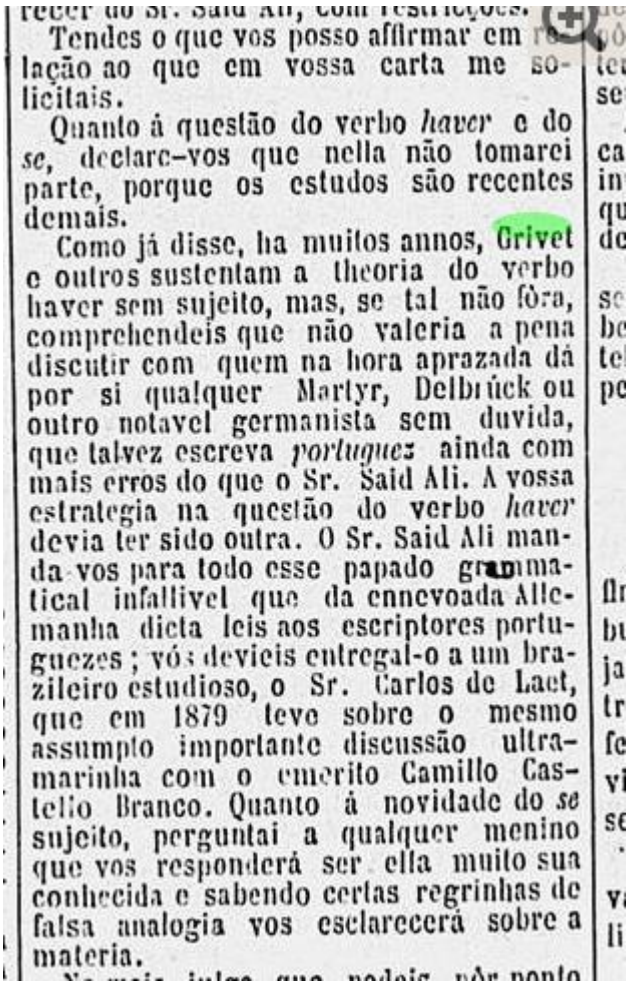
Depois que os " dez poetas" tomaram aquella grande tunda, depois da critica terrivel feita ao livro do Dr. V. de Castro, não se deve admirar que o desconhecido rabiscador Horto recebesse lições de Julio.

Agradecendo summamente a lição gratis, fico á disposição do illustre chronista.

Rio-Claro, 1894.

HORTO DE GODOY.

A Semana: Volume I (RJ) - Ano 1894\Edição 00025 (1)



receber do Sr. Said Ali, com restricções.

Tendes o que vos posso affirmar em relação ao que em vossa carta me solicitais.

Quanto á questão do verbo *haver* e do *se*, declare-vos que nella não tomarei parte, porque os estudos são recentes demais.

Como já disse, ha muitos annos, Grivet e outros sustentam a theoria do verbo haver sem sujeito, mas, se tal não fôra, comprehendeis que não valeria a pena discutir com quem na hora aprazada dá por si qualquer Martyr, Delbrück ou outro notavel germanista sem duvida, que talvez escreva *portuguez* ainda com mais erros do que o Sr. Said Ali. A vossa estrategia na questão do verbo *haver* devia ter sido outra. O Sr. Said Ali manda-vos para todo esse papado grammatical infallivel que da ennevoada Allemanha dicta leis aos escriptores portuguezes; vós devieis entregal-o a um brazileiro estudioso, o Sr. Carlos de Laet, que em 1879 teve sobre o mesmo assumpto importante discussão ultramarinha com o emerito Camillo Castello Branco. Quanto á novidade do *se* sujeito, perguntai a qualquer menino que vos responderá ser ella muito sua conhecida e sabendo certas regrinhas de falsa analogia vos esclarecerá sobre a materia.

Não mais julgo que podeis pôr ponto

O Paiz (RJ) - Ano 1895\Edição 03765 (1)

LIÇÕESINHAS DE PORTUGUEZ

CONCORDANCIA DO PRONOME «QUEM»

O pronome *que* não concorda com o antecedente «*homem*» ou «*o*», sim com o pronome pessoal que o precede; exemplo: Fui eu *o que fiz* isto, foste tu *o que fizeste*, fomos nós *os que fizemos*, etc.

O pronome *quem*, sendo a contracção de «*o que*» ou «*o homem que*», deve sujeitar-se á mesma regra: Fui eu *quem fiz*, foste tu *quem fizeste*, fomos nós *quem fizemos*.

São os mesmos exemplos acima, com a unica differença de os pronomes «*o*» «*que*» apparecerem ahi contrahidos no vocabulo *quem*.

Outros exemplos:

«Ao par amante, que innocente vaga,
Sou eu *quem prendo* em derretido enleio».
(G. Dias).

«Eu porêm no peito amante
Sou *quem fumento* a paixão . . .
Quem lhes *ponho* risos n'alma,
Quem falo nos sonhos seus».
(G. Dias).

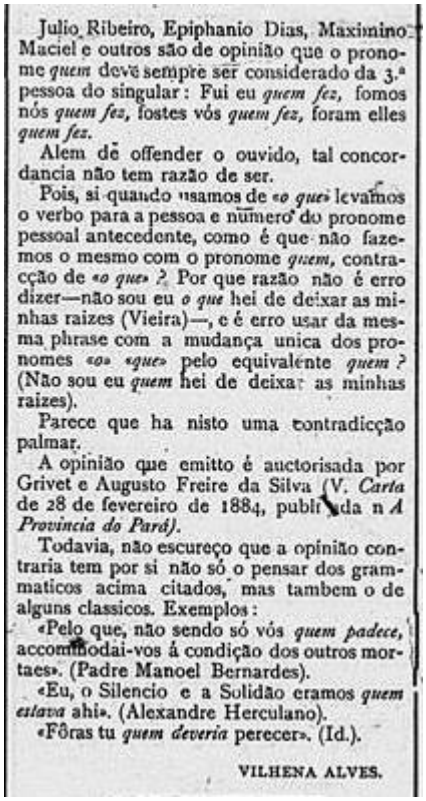
«Na innocencia do infante és tu *quem falas*,
E's tu *quem dás* rumor á quieta noite . . .»
(G. Dias).

«Eu sou *quem venho* consultar a vontade de meu tio». (Camillo Castello Branco).

«Fui eu *quem* o *determinei* a isso». (Lacerda).

Quando, porêm, a phrase começar por «*o que*» ou por «*quem*», não havendo, antes, pronome pessoal a que se refira *que* e *quem*, estes pronomes levam o verbo para a 3.ª pessoa: *Quem fez* isto fui eu; *quem fez* isto foste tu; *quem fez* isto fomos nós; *os que fizeram* isto fostes vós; *quem governa* a harmonia dos astros és tu; *quem* o *determinou* a isso fui eu.

* * *



Julio Ribeiro, Epiphanio Dias, Maximino Maciel e outros são de opinião que o pronome *quem* deve sempre ser considerado da 3.ª pessoa do singular: Fui eu *quem fez*, fomos nós *quem fez*, fostes vós *quem fez*, foram elles *quem fez*.

Alem de offender o ouvido, tal concordancia não tem razão de ser.

Pois, si quando usamos de «*o que*» levamos o verbo para a pessoa e numero do pronome pessoal antecedente, como é que não fazemos o mesmo com o pronome *quem*, contracção de «*o que*»? Por que razão não é erro dizer—não sou eu *o que* hei de deixar as minhas raizes (Vieira)—, e é erro usar da mesma phrase com a mudança unica dos pronomes «*o*» «*que*» pelo equivalente *quem*? (Não sou eu *quem* hei de deixar as minhas raizes).

Parece que ha nisto uma contradicção palmar.

A opinião que emitto é auctorisada por Grivet e Augusto Freire da Silva (V. *Carta* de 28 de fevereiro de 1884, publicada n *A Provincia do Pará*).

Todavia, não escureço que a opinião contraria tem por si não só o pensar dos grammaticos acima citados, mas tambem o de alguns classicos. Exemplos:

«Pelo que, não sendo só vós *quem padece*, accommodai-vos á condição dos outros mortaes». (Padre Manoel Bernardes).

«Eu, o Silencio e a Solidão eramos *quem estava* ahi». (Alexandre Herculano).

«Fôras tu *quem deveria* perecer». (Id.).

VILHENA ALVES.

Folha do Norte (PA) - Ano 1896\Edição 00096 (1)

LIÇÕESINHAS DE PORTUGUEZ

COMPARATIVO-SUPERLATIVO

Assim denomina José Alexandre Passos ao comparativo de superioridade e inferioridade encarecido com a anteposição do adverbio *muito*: «Muito mais rico, muito mais bella.» *(Diccionario grammatical.)*

Estas fórmas são auctorisadas pelos mestres da lingua:

«Comparado o rigor do juizo de Deus com os rigores do juizo dos homens, *muito mais rigoroso e muito mais tremendo*, é o juizo dos homens que o juizo de Deus.» (Padre Vieira—*Sermões.)*

«*Muito maior, muito mais alto.*» (Constancio.)

Diz João Ribeiro:

«O Portuguez admitte a emphase de gráu adaptando adverbios ás fórmulas do comparativo e do superlativo: *muito mais formoso, mui formosissimo, assaz formosissimo*, etc.»

(Grammatica, 3.º anno.)

Notemos que não está em uso o encarecimento do superlativo, como diz João Ribeiro, mas somente o do comparativo. Ninguem diz: *mui utilissimo.*

Parece que aquelle distincto grammatico quer resuscitar «o uso improprio de *muito* com os superlativos», o qual se nota nos antigos escriptores e é condemnado por Solano Constancio *(Diccionario*, palavra *muito)*, por Grivet *(Grammatica Analytica*, 446), e... pelo uso vivo da lingua.

Folha do Norte (PA) - Ano 1896\Edição 00103 (1)

PALESTRA LITTERARIA

Fixemos bem na memoria as duas singelas regras; hão de ser-nos de grande utilidade, se as tivermos sempre presentes á lembrança, simplificando muitas distincções que os grammaticos fazem e que não servem senão para tudo complicar.

« *Quando o sujeito do verbo no tempo* (1) *finito é o mesmo que o do infinito, este infinito fica invariavel.*

« *Quando os sujeitos são diversos, isto é, quando o infinito tem sujeito proprio, torna-se elle variavel.*»

Terriveis quasi sempre os taes Srs. grammaticos!

Por mais claros e concisos que busquem ser, internam-se num labyrintho de difficuldades explicativas, num dedalo de classificações casuisticas, num cipoal terminologico, de que as primeiras e mais desgraçadas victimas são as creanças! Ah, sim, bem desgraçadas!

Adriano Grivet, suisso de origem, mas que escreveu uma das mais completas e talvez melhores grammaticas portuguezas, não tanto pela elucidação propria dos casos duvidosos, como pela extraordinaria copia de exemplos tirados dos classicos e bem escolhidos, Grivet discrimina no infinito nada menos de seis tempos, e lá vem a enumeração, que, na verdade, só por si é capaz de pôr a arder a intelligencia do menino mais precoce e desejoso de bem comprehender o que deva estudar.

Curiosos os exemplos dados para apoiar essas distincções:

Fazemos trabalhar (infinito presente), *fizemos trabalhar* (infinito passado), *faremos trabalhar* (infinito futuro) e assim por deante.

Tudo isto nos recorda as tremebundas e interminaveis discussões da theologia escolastica, na edade média, em que os maiores espiritos da epoca (e quanto poder pensante despendido, malbaratado, por vezes, em subtilezas miudas ou insubsistentes e até ridiculas!) dividiam a eternidade em periodos, determinando para tal e tal erro ou crime do homem a eternidade inteira ou meia eternidade ou quarto e outras fracções da... eternidade!

Em confirmação, porém, daquellas duas regras, citemos alguns exemplos de auctoridades de escól na nossa lingua portugueza. Quanto á primeira:

« Como *podiam* deixar de *intervir* grandes injustiças? (Padre Antonio Vieira). «Succede aos rios impetuosos *conservarem* o sabor de suas aguas depois de *misturar-se* com o mar» «Não nos *envergonhemos* de *querer* ajudar o poder divino, etc. (Frei Luiz de Souza) «*Nascemos* sem *saber* para que nascemos (Padre Antonio Vieira) «Os homens, desfigurados como toupeiras, *vivem* debaixo da terra sem *ter* olhos para *vêr* (Idem) «Ha erros, que mais credito *trazem* ao *emendar-se* do que desdouro ao *commetter-se* (Manoel Bernardes), etc.

Quanto á segunda regra:

« Mais nos agrada *discorrermos* subtilmente do que com acêrto (Mathias Ayres). «A maior fatalidade dos reis é *nascerem* todos em signo de ser louvados (Padre Antonio Vieira). «Donde nasceu, a meu juizo, *fingirem* alguns philosophos, etc. (João de Barros). «Não *fazerem* mercês os reis sería não *serem* reis (Antonio Vieira). Parece ahi que a regra é transgredida. Qual porém, o sujeito de *sería*? E' fazerem. E de *serem*? Reis. «Um só meio *acho* aos homens para *salvarem* taes inconvenientes (Padre Antonio Vieira).

E assim por deante.

Duas excepções, porém, têem, já dissemos, aquellas regras.

Eil-as:

1.ª *Quando o infinito precede, na phrase, o tempo finito, torna-se elle variavel, embóra sejam os sujeitos os mesmos.*

Por exemplo: «Ao *entrarem* na cidade, *levaram* os soldados tudo a ferro e fogo.» «Ao *estudares*, attende bem, etc.» «Antes de *conhecerdes* a materia, não vos *arrisqueis* a provas publicas», etc.

2.ª *Quando o infinito fica, por incidencias mais ou menos longas, separado do verbo no tempo finito, toma elle a feição pessoal* com razão logica pois, e no verdadeiro papel de personalidade do infinito, que é esclarecer bem o pensamento, diremos com todo o acêrto:

« *Buscavam* os sitiantes *repellir* os ingentes esforços da guarnição da cobiçada praça na reconquista das fontes tomadas, para a *dominarem* pela sêde.»

Insistamos nessas duas excepções ás regras primordiaes.

A.

(1) Por equivoco, que salta logo aos olhos veiu, no artigo anterior; *modo* finito, em vez de *tempo* finito.

PERVERSIDADE!

Informada, por denúncia particular e caritativa, de qualquer coisa bastante grave para os habitos morigerados da nossa população, a policia, representada pelo seu chefe Dr. Macedo Soares, delegado capitão Fróes, escrivão Santos e medico Dr. Miguel Pereira, poz-se em campo no dia 4 do corrente e dirigiu-se para a Mosella, onde fez uma visita solemne a quem, pelas declarações abaixo exaradas, pareceu pouco incommodar-se com o facto, tão desnaturada e perversa é a sua indole. A auctoridade está na presença de André Reboult, de 37 annos, casado, typo baixo e magro, compleição rachitica, usando bigode e pêra, sujo, asqueroso mesmo.

Tendo sido accusado de maltractar um menor de 14 annos, seu enteado de nome Pedro Reboult, a quem infligia barbaros castigos, sendo interrogado, declarou cynicamente:

— Que o pequeno era fugião, e por diversas vezes se ausentava com grande demora; e, para que perdesse

Questões grammaticaes

Pronome possessivo

Aguardava a opinião daquelles que reputo meus mestres, para confirmar ou modificar a que me parece acertada sobre a classificação do vocabulo inglez—*my*—; como, porem, não quizeram elles escrever sobre o assumpto, tomo a liberdade de offerecer as minhas razões de julgar—*my*—, um adjectivo e não um pronome.

—Os grammaticos nacionaes e extrangeiros estão de accordo quanto á definição de pronome—*palavra usada em logar de um substantivo*—; mas não concordam todos na classificação de algumas palavras que uns julgam pronomes e outros, adjectivos.

Murray, por exemplo, admitte a classe de *adjective pronouns*, e outros grammaticos, tambem inglezes, denominam essa classe—*pronominal adjectives*.

Grivet classifica como pronomes os determinativos que se acharem isolados, isto é, sem os substantivos por elles determinados, admittindo *pronomes numeraes*, que outros não acceitam como taes.

Parece-me que a opinião de Grivet é muito logica, pois que em muitas linguas existem adjectivos que podem ser pronomes, sem alteração alguma, salvo as flexões de genero e numero, como:

Portuquez	*este*
Francez	*ce*
Inglez	*this*
Italiano	*questo*
Allemão	*dieser*
Hollandez	*dese*
Grego	*hóde*
Latim	*hic*
Russo	*étot*
Arabe	*had'a*

Relativamente ao vocabulo—*meu*—, ha linguas que possuem uma sò forma, servindo tanto para ser usada com um substantivo, como sem elle :

Portuguez	*meu*
Italiano	*mio*
Latim	*meus*
Grego	*emós*
Russo	*moïi*
Hollandez	*myn*

Outras linguas possuem duas formas; uma só usada com o substantivo, outra unicamente empregada sem substantivo :

Inglez	*my*	*mine*
Francez	*mon*	*mien*
Espanhol	*mi*	*mio*
Allemão	*mein*	*meinige*

Outras, em vez de vocabulo possuem flexão, como o Arabe : *dâr*, casa: *dâri*, minha casa.

As linguas que conservaram declinação substituem muitas vezes o vocabulo pelo *caso possessivo*, como o Latim, Hollandez, Russo etc.

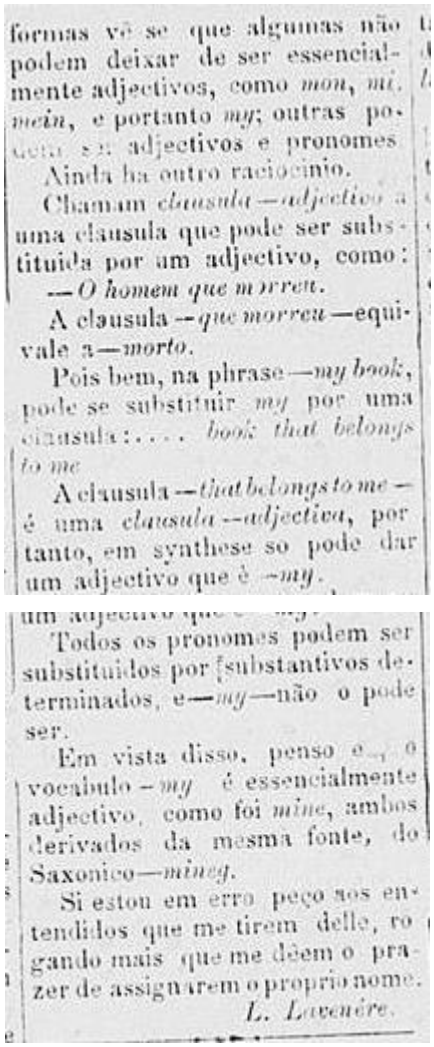
Por isso alguns grammaticos inglezes dizem que—*my*—é o *genitivo* do pronome pessoal – I –.

Antigamente *my* e *mine* eram usados antes de substantivos; o primeiro antes dos vocabulos que começassem por consoante; como, *my hand*; o segundo antes dos que começassem por vogal ou —*h* mudo, como. *mine eye*.

Hoje *my* só se usa antes de substantivos, e *mine*, sò se usa isoladamente.

Esse facto vem provar que —*mine*—tambem era o adjectivo.

—Pelo exame de todas essas



formas vê se que algumas não podem deixar de ser essencialmente adjectivos, como *mon*, *mi*, *mein*, e portanto *my*; outras podem ser adjectivos e pronomes.

Ainda ha outro raciocinio.

Chamam *clausula—adjectiva* a uma clausula que pode ser substituida por um adjectivo, como:

—*O homem que morreu.*

A clausula—*que morreu*—equivale a—*morto*.

Pois bem, na phrase—*my book*, pode se substituir *my* por uma clausula:.... *book that belongs to me*

A clausula—*that belongs to me*—é uma *clausula—adjectiva*, por tanto, em synthese so pode dar um adjectivo que é—*my*.

um adjectivo que é—*my*.

Todos os pronomes podem ser substituidos por substantivos determinados, e—*my*—não o pode ser.

Em vista disso, penso e—o vocabulo—*my* é essencialmente adjectivo, como foi *mine*, ambos derivados da mesma fonte, do Saxonico—*mineg*.

Si estou em erro peço aos entendidos que me tirem delle, rogando mais que me dêem o prazer de assignarem o proprio nome.

L. Lavenère.

Grammatica portugueza por José Ventura Boscoli

XXXVII

Escreve o grande grammaticographo (§ 239) : « é pronome possessivo o adjectivo dessa classe quando desacompanhado de substantivo (Mais sabe o tolo no *seu* que o sabio no *alheio* — Vieira) ».

Está errado :

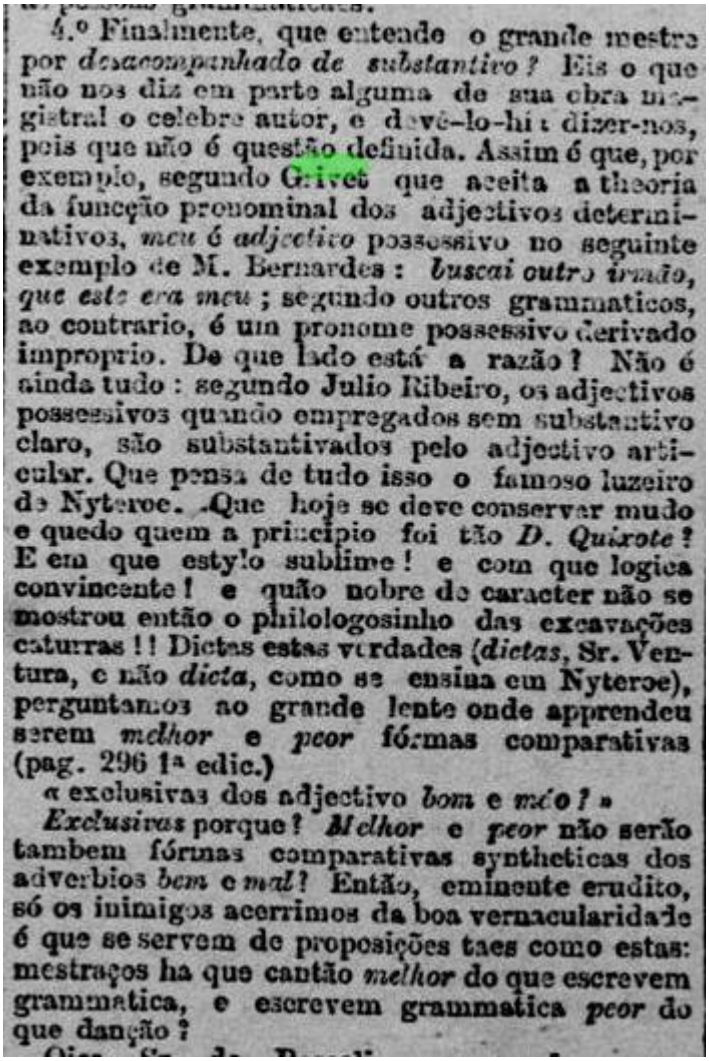
1.º *Enumerar* não é *definir* : o honrado professor não define o pronome possessivo, não diz o que elle seja ; apenas indica os casos em que certas palavras devem ser consideradas como pronomes possessivos. Será pedagogico este novo systema *sui generis* de ensinar ?

2.º No exemplo de Vieira, *seu* e *alheio* não são pronomes ; estão empregados substantivamente : *seu*—o que é proprio de cada um, *alheio* —o que pertence a outrem (C. Aulete, etc.).

3.º Não devendo *proprio* e *alheio* ser considerados como adjectivos possessivos, não podem funccionar como pronomes possessivos derivados improprios.

Com effeito, o que caracteriza terminantemente o adjectivo possessivo e o discrimina de qualquer outra especie de palavra, é a circumstancia de determinar elle os seres mediante uma relação definida de posse : indica a pessoa grammatical possuidora do ser determinado.

Ora, *proprio* e *alheio*, embora envolvão idéa de posse, como envolvem a mesma idéa muitos adjectivos qualificativos (fazenda *nacional*, familia *imperial*, etc.), não é essa idéa definida ; é, ao contrario, vaga e indeterminada em relação ás pessoas grammaticaes.



4.º Finalmente, que entende o grande mestre por *desacompanhado de substantivo?* Eis o que não nos diz em parte alguma de sua obra magistral o celebre autor, e devê-lo-hia dizer-nos, pois que não é questão definida. Assim é que, por exemplo, segundo Grivet que aceita a theoria da funcção pronominal dos adjectivos determinativos, *meu é adjectivo* possessivo no seguinte exemplo de M. Bernardes: *buscai outro irmão, que este era meu*; segundo outros grammaticos, ao contrario, é um pronome possessivo derivado improprio. De que lado está a razão? Não é ainda tudo: segundo Julio Ribeiro, os adjectivos possessivos quando empregados sem substantivo claro, são substantivados pelo adjectivo articular. Que pensa de tudo isso o famoso luzeiro de Nyteroe. Que hoje se deve conservar mudo e quedo quem a principio foi tão *D. Quixote*? E em que estylo sublime! e com que logica convincente! e quão nobre do caracter não se mostrou então o philologosinho das excavações caturras!! Dictas estas verdades (*dictas*, Sr. Ventura, e não *dicta*, como se ensina em Nyteroe), perguntamos ao grande lente onde apprendeu serem *melhor* e *peor* fórmas comparativas (pag. 296 1ª edic.)

« exclusivas dos adjectivo *bom* e *máo*? »

Exclusivas porque? *Melhor* e *peor* não serão tambem fórmas comparativas synthéticas dos adverbios *bem* e *mal*? Então, eminente erudito, só os inimigos acerrimos da boa vernaculariade é que se servem de proposições taes como estas: mestraços ha que cantão *melhor* do que escrevem grammatica, e escrevem grammatica *peor* do que dançáo?

Oiça, Sr. de Boscoli, e apprenda o que ninguem ignora: Entendeu-o *melhor* que todos, o maior interprete das Escripturas. (Vieira.)—Considerava D. João *melhor* suas victorias que as figuras e circulos de Euclides. (J. Fr. de Andrade)—*Melhor* mereceis vós outros todos a morte, que este pobre homem. (G. de Rezende.)—Fizestes mal; porém quem vos aconselhou, fez *peor*. (Vieira.)—O Governador me respondeu... e cria *melhor* em Deus que eu. (Vieira.)—... corpo, que o mesmo Infante, com vigilias e jejuns, ainda tratava *peor*. (D. W. de Leão.)—*Melhor* lhe esfole eu a pello. (G. Vicente.)

Continuaremos segunda-feira.

No nosso ultimo artigo leia-se: de Nyteroe ainda ficão (linha 39), o GRANDE sapientissimo (linha 40) e não como sabio. Outras faltas ha menos importantes.

J.: DA COSTA E SILVA.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1899\Edição 00302 (2)

Grammatica portugueza por José Ventura Boscoli

XXXVII

Escreve o grande grammaticographo (§ 239) : « é pronome possessivo o adjectivo dessa classe quando desacompanhado de substantivo (Mais sabe o tolo no *seu* que o sabio no *alheio* — Vieira) ».

Está errado :

1.° *Enumerar* não é *definir* : o honrado professor não define o pronome possessivo, não diz o que elle seja ; apenas indica os casos em que certas palavras devem ser consideradas como pronomes possessivos. Será pedagogico este novo systema *sui generis* de ensinar ?

2.° No exemplo de Vieira, *seu* e *alheio* não são pronomes ; estão empregados substantivamente : *seu*—o que é proprio de cada um, *alheio* —o que pertence a outrem (C. Aulete, etc.).

3.° Não devendo *proprio* e *alheio* ser considerados como adjectivos possessivos, não podem funccionar como pronomes possessivos derivados improprios.

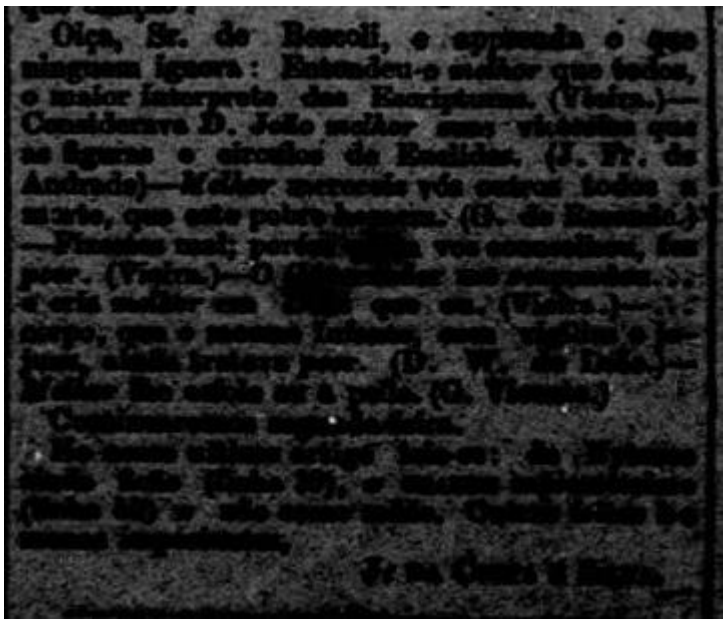
Com effeito, o que caracteriza terminantemente o adjectivo possessivo e o discrimina de qualquer outra especie de palavra, é a circumstancia de determinar elle os seres mediante uma relação definida de posse : indica a pessoa grammatical possuidora do ser determinado.

Ora, *proprio* e *alheio*, embora envolvão idéa de posse, como envolvem a mesma idéa muitos adjectivos qualificativos (fazenda *nacional*, familia *imperial*, etc.), não é essa idéa definida ; é, ao contrario, vaga e indeterminada em relação ás pessoas grammaticaes.

4.º Finalmente, que entende o grande mestre por *desacompanhado de substantivo?* Eis o que não nos diz em parte alguma de sua obra magistral o celebre autor, e devé-lo-hia dizer-nos, pois que não é questão definida. Assim é que, por exemplo, segundo Grivet que aceita a theoria da funcção pronominal dos adjectivos determinativos, *meu* é *adjectivo* possessivo no seguinte exemplo de M. Bernardes: *buscai outro irmão, que este era meu*; segundo outros grammaticos, ao contrario, é um pronome possessivo derivado improprio. De que lado está a razão? Não é ainda tudo: segundo Julio Ribeiro, os adjectivos possessivos quando empregados sem substantivo claro, são substantivados pelo adjectivo articular. Que pensa de tudo isso o famoso lumieiro de Nyterce. Que hoje se deve conservar mudo e quedo quem a principio foi tão *D. Quixote*! E em que estylo sublime! e com que logica convincente! e quão sobre do caracter não se mostrou então o philologosinho das escavações esturras!! Dictas estas verdades (*dictas*, Sr. Ventura, e não *dicta*, como se ensina em Nyterce), perguntamos ao grande lente onde apprendeu serem *melhor* e *peor* fórmas comparativas (pag. 296 1ª edic.)

e exclusivas dos adjectivo *bom* e *máo*?»

Exclusivas porque? *Melhor* e *peor* não serão tambem fórmas comparativas synthéticas dos adverbios *bem* e *mal*? Então, eminente erudito, só os inimigos acerrimos da boa vernaculidade é que se servem de proposições taes como estar mestrapos ha que estão *melhor* do que escrevem grammatica, e escrevem grammatica *peor* do que dançio!



Oiça, Sr. do Bescoli, e aprenda o que ninguem ignora: Entendeu-o *melhor* que todos, o maior interprete das Escripturas. (Vieira.)—Considerava D. João *melhor* [illegible] que as figuras e circulos de Euclides. (J. Fr. de Andrade)—*Melhor* morrendo vão entrar todos a morte, que este pobre homem. (B. de Brandão.)—Finalmente, perdi[illegible] vos convidou, fez *peor*. (Vieira.)—O [illegible] e era *melhor* em [illegible] que os. (Vieira.)—[illegible] corpo, que o mesmo [illegible] e [illegible] ainda [illegible] *peor*. (D. Fr. de Luz.)—*Melhor* fica calada a [illegible] (B. Vieira.)

Continuaremos depois.

Grammatica Portugueza

Escreve o grande grammatico grapho catito (§ 239): «é pronome possessivo o adjectivo d'essa classe quando desacompanhado de substantivo (Mais sabe o tolo no *seu* que o sabio no *alheio*. Vieira)».

Está errado: 1° *Enumerar* não é *definir*: o grande mestre não define o pronome possessivo, não diz o que elle seja; apenas indica os casos em que certas palavras devem ser consideradas como pronomes possessivos. Será pedagogico este novo systema *sui generis* de ensinar? 2° No exemplo de Vieira, *seu* e *alheio* não são pronomes; estão empregados substantivamente: *seu* = o que é proprio de cada um, *alheio* = o que pertence a outrem. (C. Aulete, etc.) 3° Finalmente que entende o grande mestre por *desacompanhado de substantivo?* Eis o que não nos diz em parte alguma de sua obra magistral o celebre auctor, e devel-o-hia dizer-nos, pois que não é questão definida.

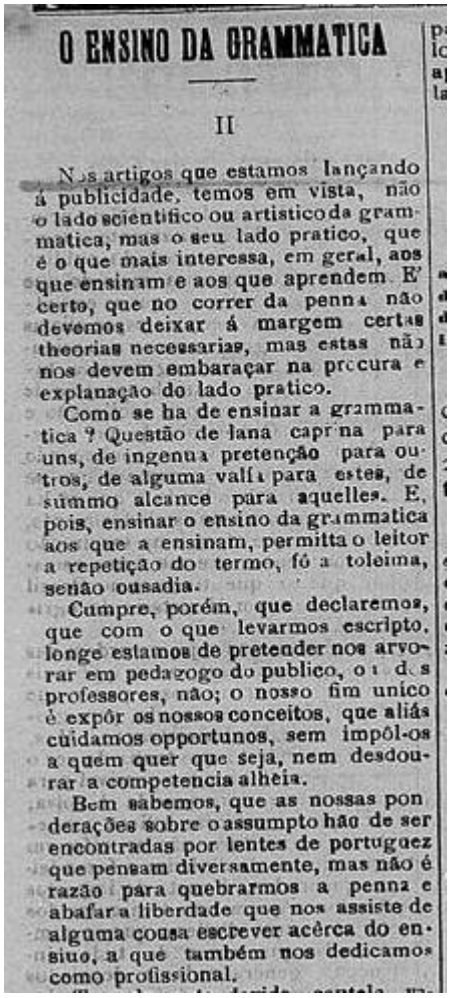
questão definida.

Assim é que, por exemplo, segundo Grivet que acceita a theoria da funcção pronominal dos adjectivos determinativos, *meu* é *adjectivo* possessivo no seguinte exemplo de M. Bernardes: *buscae outro irmão, que este era meu*; segundo outros grammaticos, ao contrario, é um pronome possessivo derivado improprio. De que lado está a razão? Não é ainda tudo: segundo Julio Ribeiro, os adjectivos possessivos quando empregados sem substantivo claro, são substantivados pelo adjectivo articular. Que pensa de tudo isso o famoso luzeiro de Nyterói.

Que hoje se deve conservar mudo e quedo quem a principio foi tão D. Quixote?

Continuaremos.

O Fluminense (RJ) - Ano 1900\Edição 04203 (1)



O ENSINO DA GRAMMATICA

II

Nos artigos que estamos lançando á publicidade, temos em vista, não o lado scientifico ou artistico da grammatica, mas o seu lado pratico, que é o que mais interessa, em geral, aos que ensinam e aos que aprendem. E' certo, que no correr da penna não devemos deixar á margem certas theorias necessarias, mas estas não nos devem embaraçar na procura e explanação do lado pratico.

Como se ha de ensinar a grammatica? Questão de lana caprina para uns, de ingenua pretenção para outros, de alguma valia para estes, de summo alcance para aquelles. E, pois, ensinar o ensino da grammatica aos que a ensinam, permitta o leitor a repetição do termo, fóra toleima, senão ousadia.

Cumpre, porém, que declaremos, que com o que levarmos escripto, longe estamos de pretender nos arvorar em pedagogo do publico, ou dos professores, não; o nosso fim unico é expôr os nossos conceitos, que aliás cuidamos opportunos, sem impôl-os a quem quer que seja, nem desdourar a competencia alheia.

Bem sabemos, que as nossas ponderações sobre o assumpto hão de ser encontradas por lentes de portuguez que pensam diversamente, mas não é razão para quebrarmos a penna e abafar a liberdade que nos assiste de alguma cousa escrever acêrca do ensino, a que também nos dedicamos como profissional.

como profissional.

Tomada esta devida cautela, vamos tocar nos varios pontos do ensino da grammatica, em que julgamos de nosso dever e do nosso estado insistir.

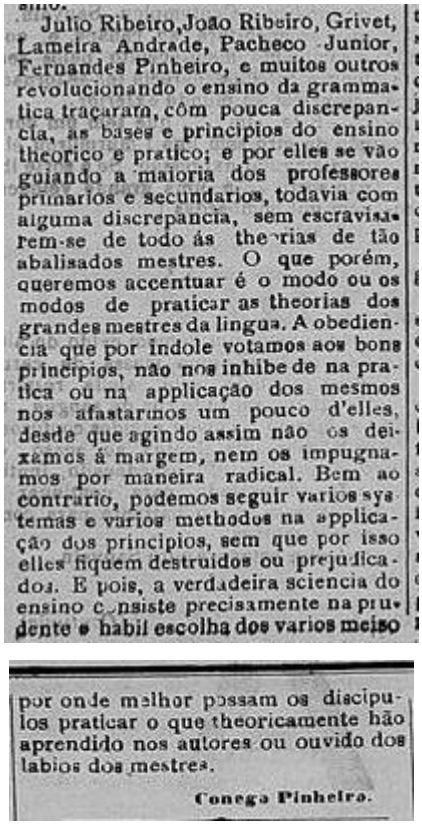
Assim como o ensino da grammatica na parte scientifica abrange o conjuncto das regras ou o methodo geral em que são applicadas as regras para escrever e falar a lingua, assim também abrange elle as diversas modalidades do espirito, em que se applicam aquellas regras, de conformidade com a capacidade intellectual de cada menino. Já aqui apparece o inconveniente do ensino por alto d'estas regras; se são regras, hajam de ser ajustadas á intelligencia, como o artista ajusta a regra á obra que faz.

A intelligencia infantil é *ad instar* da cêra, que se amolda á fórma que se pretende, ou á figura que se quer d'ella tirar. As regras grammaticaes são outras tantas fórmas, a que se hão de adaptar as intelligencias infantis, para d'ellas tirarem o maior proveito.

Já temos testemunhado por experiencia propria que certos alumnos, por refractarios á disciplina dos estudos, e por não deixarem que o seu intendimento se amolde aos principios do ensino methodizado, chegam á epocha das differentes analyses, até mesmo da analyse synthetica e logica, sem ainda terem uma verdadeira idéa da grammatica, ou por melhor dizer, sem saber bem ou mal o que ella seja. E' triste dizel-o, mas é a pura verdade.

Por contrapezo e para consolação nossa, também encontramos meninos que uma vez inteirados intellectualmente do que sejam as regras de bem falar e escrever uma lingua em geral, e depois a lingua materna em particular, atinam depressa com todo o ensino que d'ahi dimana, não encontrando difficuldade no comprehender das differentes maneiras de encarar e de analysar as phrases grammaticaes.

Ha varios modos ou methodos de ensinar a grammatica, dos quaes entretanto não temos ouvido falar muito nos autores classicos. E a razão d'isto em geral, é que cada autor ou cada professor quer ter a liberdade de ensinar conforme as tendencias e aptidões do seu espirito; e nem também por isso merecem censura. E, pois, traçar-lhes uma norma invariavel no ensino fóra coartar-lhes a liberdade de acção, e mesmo pôr obices aos esforços da razão profissional. O que convém, e no que muito concordamos, é que dos varios modos ou methodos de instruir os meninos no estudo da grammatica nacional, se tire o melhor partido, e d'elles se vá empregando aquillo, que mais consentaneo fôr ao mesmo instructivo ensino.



Julio Ribeiro, João Ribeiro, Grivet, Lameira Andrade, Pacheco Junior, Fernandes Pinheiro, e muitos outros revolucionando o ensino da grammatica traçaram, com pouca discrepancia, as bases e principios do ensino theorico e pratico; e por elles se vão guiando a maioria dos professores primarios e secundarios, todavia com alguma discrepancia, sem escravisarem-se de todo ás theorias de tão abalisados mestres. O que porém, queremos accentuar é o modo ou os modos de praticar as theorias dos grandes mestres da lingua. A obediencia que por indole votamos aos bons principios, não nos inhibe de na pratica ou na applicação dos mesmos nos afastarmos um pouco d'elles, desde que agindo assim não os deixamos á margem, nem os impugnamos por maneira radical. Bem ao contrario, podemos seguir varios systemas e varios methodos na applicação dos principios, sem que por isso elles fiquem destruidos ou prejudicados. E pois, a verdadeira sciencia do ensino consiste precisamente na prudente e habil escolha dos varios meios por onde melhor possam os discipulos praticar o que theoricamente hão aprendido nos autores ou ouvido dos labios dos mestres.

Conego Pinheiro.

O Pará (PA) - Ano 1900\Edição 00766 (1)

O Projecto do Codigo Civil

Escreve-nos o Dr. Oliveira Fonseca

Quero combater uma injustiça que o Sr. Dr. Coelho Rodrigues fez a si mesmo. O illustrado censor do Dr. Clovis Bevilaqua foi nisto assás modesto e não merece o conceito de Diogo Bernardes:

Da condição humana é não ver traves
Em nossos proprios olhos, nos alheios
Arestas leves nos parecem graves.

Lê-se no projecto Coelho Rodrigues:

« *Salvo* a disposição do artigo antecedente...»

« *Salvo* disposição especial em contrario...»

«... *salvo* disposição especial...»

« *Salvo* declaração em contrario...»

«... *salvo* a disposição do artigo seguinte.

« *Salvo* as disposições do capitulo seguinte...»

«...*salvo* os casos expressamente exceptuados.»

« *Salvo* disposição expressa...»

Referindo-se á substituição daquelle primeiro *salvo*, escreveu o Dr. Coelho Rodrigues:

« ...a primeira palavra do art. 6º da lei preliminar—*salvo*, em vez de ser reduzida á forma feminina, para concordar com *disposição*, como cumpria e foi feito pela commissão revisora, foi substituida, pela dicção *salvante*, naturalmente porque o revisor confundiu um adverbio com um adjectivo.»

Confessa, portanto, o Dr. Coelho Rodrigues ter commettido numerosos solecismos, que o Dr. Clovis deveria emendar! Confessa ter empregado um adjectivo como se fosse palavra invariavel, confundindo um adjectivo com um adverbio!

Felizmente as confissões não prejudicam ao innocente, quando contrarias á evidencia dos factos.

Como ensina Grivet, os participios *excepto*, *salvo*, *supposto* e *visto* passam a ser preposições, e conseguitemente inva-

riaveis, quando, deixando de constituir uma apposição ou um predicado, vêm a exercer uma regencia.

Ao exemplo que elle dá, de Fr. Luiz de Souza, «...armado de todas as armas, *salvo* as da cabeça», e aos mais que se acham nos diccionarios, accrescentarei alguns recolhidos por mim nos proprios originaes.

« Não toca as orelhas, nem a fronte, nem outra parte do corpo, *salvo* as mãos. » D. Fr. Amador Arrais, *Dialogos*.

« E digo mais (*salvo* a determinação da Santa See Apostolica) que ainda neste Jubileo da Santidade de Gregorio 15 e em outros semelhantes se pode dizer o mesmo. » D. Rodrigo da Cunha, *Explicação dos Jubileos*.

E este de João Franco Barreto, no *Condestabre de Portugal* :

Não tinha o lugar muro, cerca ou cava,
Salvo uma torre grande e bem fornida...

A commissão revisora não fez a concordancia, que hoje pretendem ser necessaria; ella, ao contrario restabeleceo as palavras: «*Salve* a disposição do artigo antecedente...»

Seja-me permittido defender de outra censura o projecto apresentado pelo Dr. Coelho Rodrigues. Não tem razão os que descobrem um erro de grammatica no art. 1709: «...o credor posterior que *rime* a hypotheca do anterior...»

O verbo *remir* tornou-se defectivo; não se usam as inflexões que não têm logo depois do radical a vogal *i*, e ellas são substituidas pelas fórmas correspondentes de *redimir*; mas póde-se mostrar em escriptores antigos *rime*, *rimem*. etc.

Dirá talvez algum impertinente, que esta razão não é acceitavel; pois ninguem hoje escreveria com a autoridade de Camões: *e porém*, *mas porém*, *palabras*, *calidades*, *prantado*, *pregunta*, *giolhos*, *treiçam*, *fermosa*, *escuitar*, etc. Replico: houve apenas um archaismo, uma expressão antiquada, embora (valha a verdade) mais antiquada que o *salvante*.

A proposito de Camões, pondero que ainda não foram respondidas algumas increpações injustas feitas ao grande épico. Citarei duas.

José Agostinho de Macedo assevera na *Censura das Lusiadas*, que ha nestes versos um crasso erro de grammatica:

Vós...
Maravilha fatal da nossa edade,
Dada ao mundo por Deus que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande...

Macedo, poeta eruditissimo, não entendeu bem estes versos, e suppoz se deveria diver: *que todo o manda.*

O proprio Faria e Sousa, extremado investigador que, mais de um seculo antes de Macedo, dedicára um volumoso commentario ao poema de Camões, parece que tambem não entendeu aquella phrase e converteu-a em aspiração do poeta. Eis a traducção de Faria e Souza:

« Vos, o temor nuevo de la mauritana lança! maravilla fatal de nuestra edad, dada por Dios (que todo el lo mande) para darle parte grande del proprio mundo! »

Como quem dissesse: faço votos, desejo que Deus o *mande* todo.

Vejamos o verdadeiro sentido. D. Sebastião, certissima esperança de augmento da *pequena* christandade, e novo temor da maura lança, foi dado ao mundo, *para que* o mande todo (conquistando-o); e o mande todo, para do mesmo dar a Deus uma *grande* parte (convertendo-a ao christianismo).

Que em logar de *para que* é frequente nos Lusiadas. Veja-se no canto 8º, estancia 94:

Vem a fazenda á terra aonde logo
A agasalhou o infame estual:
Com ella ficam Alvaro e Diogo;
Que a possessem vender pelo que val.

Jeronymo Soares Barbosa (em sua *Analyse*, obra posthuma) attribuiu a Camões o grave erro de ter feito do genero masculino o substantivo *gente* nestes versos do canto 3º, art. 34 (vão com a orthographia de Soares Barbosa):

Eis se ajunta o soberbo Castelhano
Para vingar a injuria de Thereza
Contra o tão raro em *gente lusitano*,
A quem nenhum trabalho aggrava e pesa.

O eximio autor da *Grammatica Philosophica da lingua Portugueza*, mandada publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, disse que os dois ultimos versos eram obscuros pela incoherencia que tinham com o que ficava antes e o que vinha depois! A culpa era do censor, que não entendêra uma cousa tão simples.

O soberbo Castelhano (*Castella*) reuniu seu exercito contra o Lusitano (*Portugal*), tão raro em gente (*de tão escassa população*).

Camões escreveu *Castelhano* e *Lusitano* com iniciaes maiusculas, e Soares Barbosa copiou *Castelhano* e *lusitano* convertendo o segundo vocabulo em simples adjectivo, que deveria concordar com o substantivo *gente*!

Superbus tambem significa *nobre, illustre, grande, glorioso*. Camões contrapôz o grande reino de Castella ao pequeno e pouco povoado reino de Portugal. Confrontem-se aquelles versos com estes da estancia 42:

Já no campo de Ourique se assentava
O arrayal *soberbo*, e bellicoso

Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força, e *gente* tão pequeno.

Console-se o amigo Clovis, se lhe attribuem um solecismo imaginario. Camões soffreu ainda mais e os seus censores, em questão de grammatica, eram mais autorisados que os do novo projecto do Codigo Civil.

27, Abril, 1901.

OLIVEIRA FONSECA

Jornal de Recife (PE) - Ano 1901\Edição 00096 (1)

O projecto do Codigo Civil

Escreve-nos o Dr. Oliveira Fonseca:

Quero combater uma injustiça que o Sr. Dr. Coelho Rodrigues fez a si mesmo. O illustrado censor do Dr. Clovis Bivilaqua foi nisto assás modesto e não merece o conceito de Diogo Bernardes:

Da condição humana é não ver traves
Em nossos proprios olhos, aos alheios
Arestas leves nos parecem graves.

Lê-se no projecto Coelho Rodrigues:

« *Salvo* a disposição do artigo antedecente...»
« *Salvo* disposição especial em contrario...»
«... *salvo* disposição especial...»
« *Salvo* declaração em contrario...»
«... *salvo* a disposição do artigo seguinte.»
« *Salvo* as disposições do capitulo seguinte...»
« ... *salvo* os casos expressamente excepttuados.»
« *Salvo* disposição expressa...»

Referindo-se á substituição daquelle primeiro *salvo*, escreveu o Dr. Coelho Rodrigues :

« ... a primeira palavra do art. 6º da lei preliminar — *salvo*, em vez de ser reduzida á fórma feminina, para concordar com *disposição*, como cumpria e foi feito pela commissão revisora, foi substituida pela dicção *salvante*, naturalmente porque o revisor confundio um adverbio com um adjectivo. »

Confessa, portanto, o Dr. Coelho Rodrigues ter commettido numerosos solecismos, que o Dr. Clovis deveria emendar ! Confessa ter empregado um adjectivo como se fosse palavra invariavel, confundindo um adjectivo com um adverbio !

Felizmente as confissões não prejudicão ao innocente, quando contrarias a evidencia dos factos.

Como ensina Grivet, os participios *excepto*, *salvo*, *supposto* e *visto* passão a ser preposições, e conseguintemente invariaveis, quando, deixando de constituir uma apposição ou um predicado, vêm a exercer uma regencia.

Ao exemplo que elle dá, de Fr. Luiz de Souza, « ... armado de todas as armas, *salvo* as da cabeça », e aos mais que se achão nos diccionarios, accrescentarei alguns recolhidos por mim nos proprios originaes.

« Não toca as orelhas, nem a fronte, nem outra parte do corpo, *salvo* as mãos ». D. Fr. Amador Arrais, *Dialogos*.

« E digo mais (*salvo* a determinação da Santa See Apostolica) que ainda neste Jubileo da Santidade de Gregorio 15 e em outros semelhantes se póde dizer o mesmo ». D. Rodrigo da Cunha, *Explicação dos Jubileos*.

E este de João Franco Barreto, no *Condestabre de Portugal*:

> Não tinha o lugar muro, cerca ou cava,
> *Salvo* uma torre grande e bem fornida...

A commissão revisora não fez a concordancia, que hoje pretendem ser necessaria; ella, ao contrario, restabeleceu as palavras: « *Salvo* a disposição do artigo antecedente... »

Seja-me permittido defender de outra censura o projecto apresentado pelo Dr Coelho Rodrigues. Não tem razão os que descobrem um erro de grammatica no art. 1.703: « ... o credor posterior que *rime* a hypotheca do anterior... »

O verbo *remir* tornou-se defectivo; não se usão as inflexões que não têm logo depois do radical a vogal *i*, e ellas são substituidas pelas fórmas correspondentes de *redimir*; mas póde-se mostiar em escriptores antigos *rime*, *rimem*, etc.

etc.

Dirá talvez algum impertinente que esta razão não é aceitavel, pois ninguem hoje escreveria com a autoridade de Camões: *e porém, mas porém, palabras, calidades, prantado, pregunta, giolhos, treiçam, fermosa, escuitar*, etc. Replico: houve apenas um archaismo, uma expressão antiquada, embora (valha a verdade) mais antiquada que o *salvante*.

A proposito de Camões, pondero que ainda não forão respondidas algumas increpações injustas feitas ao grande épico. Citarei duas:

José Agostinho de Macedo assevera na *Censura dos Lusiadas* que ha nestes versos um crasso erro de grammatica!

Vós...
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus que todo o mande,
Para do mundo a Deus dar parte grande...

Macedo, poeta eruditissimo, não entendeu bem estes versos, e suppoz se deveria dizer: *que todo o manda*.

O proprio Faria e Souza, extremado investi-

O proprio Faria e Souza, extremado investigador que mais de um seculo antes de Macedo, dedicára um volumoso commentario ao poema de Camões, parece que tambem não entendeu aquella phrase e converteu-a em aspiração do poeta. Eis a traducção de Faria e Souza :

« Vós, o temor nuevo de la mauritana lança! maravilla fatal de nuestra edad dada por Dios (que todo el lo mande) para darle parte grande del proprio mundo ! »

Como quem dissesse : faço votos, desejo que Deus o *mande* todo.

Vejamos o verdadeiro sentido: D. Sebastião, certissima esperança de augmento da *pequena* christandade, e novo temor da maura lança, foi dado ao mundo, *para que* o mande todo (conquistando-o); e o mando todo, para do mesmo dar a Deus uma *grande* parte (convertendo-a ao christianismo.)

Que em lugar de *para que* é frequente nos Luziadas. Veja-se no canto 8º, estancia 94ª :

Vem a fazenda á terra aonde logo
A agasalhou o infame Catual !
Com ella ficão Alvaro e Diogo,
Que a pudessem vender pelo que val.

Jeronymo Soares Barbosa (em sua *Analyse*, obra posthuma) attribuio a Camões o grave erro de ter feito do genero masculino o substantivo *gente* nestes versos do canto 3º, est. 34 (vão com a orthographia de Soares Barbosa):

Eis se ajunta o soberbo Castelhano
Para vingar a injuria de Theresa
Contra o tão raro em *gente lusitano*,
A quem nenhum trabalho aggrava e pesa.

O eximio autor da *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, mandada publicar pela Academia Real de Sciencias de Lisboa, disse que os dous ultimos versos erão escuros pela incoherencia que tinhão com o que ficava antes e o que vinha depois! A culpa era do censor que não entendêra uma cousa tão simples.

O soberbo Castelhano (*Castella*) reunio seu exercito contra o Lusitano (*Portugal*), tão raro em gente (*de tão escassa população*).

Camões escreveu *Castelhano* e *Lusitano* com as iniciaes maiusculas, e Soares Barbosa copiou *Castelhano* e *lusitano*, convertendo o segundo vocabulo em simples adjectivo, que deveria concordar com o substantivo *gente!*

Superbus tambem significa *nobre, illustre, grande, glorioso*. Camões contrapoz o grande reino de Castella ao pequeno e pouco povoado reino de Portugal. Confrontem-se aquelles versos com estes da estancia 42:

Já no campo do Ourique se assentava
O arrayal *soberbo*, e bellicoso
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força e *gente* tão pequeno.

Console-se o amigo Clovis, se lhe attribuem um solecismo imaginario. Camões soffreu ainda mais e os seus censores, em questão de grammatica, erão mais autorisados que os do novo projecto do Codigo Civil.

OLIVEIRA FONSECA.

27, Abril, 1901.

(Do *Jornal do Recife*.)

Lingua patria

XXI

—COMPLEMENTO DUPLO—

Verbos ha que, sem variarem de accepção, admittem, quer complemento directo, quer indirecto. Em guisa de exemplo, alguns apontaremos, como *assignar*, *desdenhar*, *desejar*, *desertar*, *determinar*, *encontrar*, *exceder*, *gosar*, *jurar*, *preceder*, *precisar*, *usar*, e varios outros. Exemplifiquemos: *Assignar* um jornal ou *para* um jornal; «*Assignei*, pois, *para* o jornal a *Semana*» (Castilho). —*Desdenhar dos* mais e *desdenhar* as ameaças; «O conselho da santa inquisição *desdenhando* as ameaças do consul» (Camillo). —*Desejar* fazer ou *desejar de* fazer; «Este livrinho *desejo de* imprimir» (D. Francisco Manuel). —*Desertar* do culto e *desertar* uma causa; «Pamplona *desertara* a causa popular» (Latino Coelho) —*Determinar* fazer ou *determinar de* fazer: «*Determinou de* edificar» —e —«*determinou* passear» (Damião de Goes). —*Exceder os*... *exceder aos*... —*Gosar* os privilegios

exceder aos...—*Gosar* os privilegios ou *gosar* dos privilegios.— *Jurar* cumprir ou *jurar de* cumprir: «Tornárão a ratificar o passado, *jurando* de novo *de* não obedecerem a Lopo Vaz.» (Diogo de Couto.)—*Preceder* alguem ou *preceder a* alguem: «Os Imperadores que *precedêrão ao* imperio de Trajano» (Vieira).—*Precisar* alguma cousa ou *precisar de* alguma cousa: «Todo o homem *precisa revelação* divina» (Manuel Bernardes)—*Usar* bigode e usar de *embuços*.—*Consentir* abusos ou *consentir em* abusos.—*Encontrei* F., ou encontrei com F.; etc., etc.

Outros, entretanto, ha que, variando de complemento, variam tambem de accepção. Ex. *Carregar* um navio, *carregar com* as culpas alheias; *correr* um grande perigo, *correr atraz da* fortuna. (Vid. Grivet, *Gram. Analyt.*, ediç. de 1881, pg. 371.)

De proveito são, ao meu ver, estas singelas observações, visto como uma das graves difficuldades que se deparam a quem procura escrever correctamente, é distinguir os complementos que são pedidos por certos verbos.

Caturra.

A Fé Christã: Hebdomadario dedicado aos interesses da religião catholica (AL) - Ano 1902\Edição 00038 (1)

A PROPOSITO DE FERREIRA

(RESPOSTA AO DR. SILVIO DE ALMEIDA)

Escreve-nos o illustre professor sr. Luiz Pessanha :

«O illustrado sr. dr. Silvio de Almeida, no proposito de refutar os argumentos que expendemos no *Minas Geraes* do dia 28 do mez proximo passado, acerca desta phrase *Cuida que tudo é si*, publicou na *Cidade de Campinas*, sob a mesma epigraphe, um outro artigo que foi transcripto pelo *Minas Geraes*, em sua edição do dia 13 do corrente.

Aos argumentos exarados no referido artigo, passamos a fazer, com a devida venia, os competentes commentarios.

Antes, porém, seja-nos permittido não deixar em silencio o seguinte topico do alludido artigo, em que o nosso illustre impugnador assim se exprime :

«Antes de responder ao illustrado professor da Escola Normal de Ouro Preto, cumpre-me agradecer-lhe a fidalga cortezia com que me tratou, provando assim, contra inveterados exemplos, que o conhecimento das regras da grammatica não exige o desconhecimento das do bom tom.»

Si bem comprehendemos todo o alcance que em si encerra esta tão bondosa referencia, tanto mais nos daremos por satisfeito, pois assim vemos confirmado mais uma vez este tão judicioso preceito: *Pares nom habitus, sed virtus facit.*

Occorrendo-nos aqui o bello—EMBLEMA DA OCCASIÃO—*Fugit irreparabile tempus*, que pela bocca de Phedro nol-o dão os antigos, voltamos novamente ao assumpto, pois,

«Tal figura os antigos inventaram
Para nos ensinar, que uma demora,
Por pequena que seja é mui capaz
De impedir os effeitos das emprezas.»

Posto isto, entremos em materia.

Quanto á regencia que apresentámos, dando a este—*si*—da phrase—«Cuida que tudo é si», uma funcção *nominativa anomala*, confirmamol-a com o eminente Burnouf : e quanto aos exemplos de Vieira e Couto : (*Maior que si mesmo.—Este que aqui está é outro si*), vimos tambem que se conformam e se justificam plenamente, categoricamente, com as doutrinas grammaticaes até aqui estabelecidas, e ainda não refutadas, ao que presumimos, pelo illustrado sr. dr. Silvio de Almeida, não obstante confessar que admitte, sim, «esta funcção nominativa, limitada, aliás, ás linguagens de comparação.»

Entretanto, no exemplo—«Cuida que tudo é si», é que S. S. presume que este—*si*—deve ser tomado por—*assim*—do *sic* latino ; começando agora, porém, a adduzir os argumentos que justificam esta sua supposição ; e nem podia deixar de ser assim, pois S. S. em seu primeiro artigo o disse apenas dogmaticamente, não adduzindo sequer uma prova experimental.

E já que neste segundo artigo o nosso insigne contradictor, no intuito de reforçar os seus argumentos, assás valiosos e respeitaveis, antepõe exemplos da mais alta e preciosa investigação philologica—as lições de tão illustres auctoridades que temos seguido até aqui, em corroboração do nosso acerto, voltamos, com a devida venia, novamente ao assumpto, ao encontro de suas doutrinas ; e, confiado tão sómente, não em nossas forças, mas na prova eloquentissima dos factos, ousamos dizer : que temos por summamente certo que a hypothese que S. S. apresenta do—si—por—ASSIM—não prevalece de modo algum no exemplo em questão («Cuida que tudo é si») ; posto que não seja rejeitavel nem inopportuna quando applicada a muitos outros casos, como havemos de demonstrar á toda a luz dos documentos.

Antes, porém, de refutarmos a hypothese—do si (sic), por—ASSIM, no exemplo—«Cuida que tudo é si», como suppõe o nosso illustre antagonista, tratemos do caso do—si—por—ELLE—como já o demonstrámos.

Que o illustre sr. dr. Silvio de Almeida não póde refutar a interpretação que demos, de que aquelle—*si*—é um *nominativo anomalo*, afigurá-se-nos um facto a todo o ponto incontestavel. E para que S. S. se convença cada vez mais que conhecemos perfeitamente que—*as theorias deduzem-se dos factos e não os factos das theorias*, vejamos o que de certo e irrecusavel se nos offerece ainda em corroboração do nosso acerto, na insistencia e convicção, repetimos, com que damos aquelle—*si*—da clausula complementar objectiva como *sujeito* do verbo—é—por isso que representa tambem—nem mais nem menos—o mesmo *sujeito* da clausula principal.

Seja-nos concedido synthetizemos mais uma vez a nossa regencia para que fique ainda bem patente esta nossa allegação.

—Que é que o lisonjeado cuida ?

—O lisonjeado cuida que tudo é si ; isto é:

—O lisonjeado cuida—que *elle mesmo* é tudo isso que lhe attribue maliciosamente o lisonjeiro ; ou, que *elle mesmo* é ou foi o auctor, o heróe de «todas essas façanhas, de todas essas coisas que elle nunca viu nem fez, de todas essas batalhas que venceu, de mil perigos em que se achou. etc.»

Leiamos agora o sabio Fr. Diez (Grammaire des Langues Romaines, Tome III, pag. 45) :

«Le réflechi soi se présente aussi comme sujet, mais non pas d'une manière indépendante : il est toujours réuni A MEME ; *il faut conduire ses affaires soi même* ; ang. *he told me himself*. Si l'on se raporte à l'usage ancien ou ne tarde pas á se convaincre que les formes de nominatif étaien loin d'avoir cedé i cel les de l'accusatif dans la proportion adoptée aujourd'hui.»

«A este reciproco, diz Theophilo Braga, ajunta-se para dar mais força, o adverbio MESMO, segundo o uso latino que ajuntava *met* e *ipse* e *met ipsum*».

Vejamos agora o que se nos depara de summamente opportuno na bella Tragedia de P. Corneille, no dialogo—Horacio e Curiacio—LE CID—(Beautés du Theatre Classique—Acte II, Scènes II et III, pag. 290) :

. . . . . .

Horace :

«Mais vouloir au public immoler ce qu'on aime,

«S'attacher au combat contre un autre SOI MEME,

«Attaquer un parti qui prend pour defenseur,

«Le frére d'une femme et l'amant d'une sœur ; (*)

Poderá o illustrado sr. dr. Silvio de Almeida traduzir litteralmente aquelle verso em que occorre o *soi-même*, para negar o *gallicismo* ?—E nas mesmas condições não estará por ventura o *latinismo do fudicat se esse omnia ?*

O illustrado sr. dr. Silvio de Almeida, não obstante os seus profundos conhecimentos, parece extranhar, rejeitando-nos aquelle—SI—por um *nominativo anomalo*, para adduzir o—*assim*—do *sic* ao, parece extranhar, diziamos, outros factos muito mais transcendentes do que o em questão.

Pois não é tão certo que o grande Fr. Diez nos ensina cabalmente que em francez o nominativo e o accucativo do pronome da terceira pessoa (*il, lui, ils, eux, elle, elles*), tanto se applicam ás pessoas como ás cousas, e quando acompanhados de preposição não se referem senão a pessoas ou objectos personificados ?

E não é tão certo que «esta distincção rigorosa de objectos pessoaes e impessoaes, que ignoravam outros dialectos, taes como o hespanhol e o portuguez, nem sempre existiu tambem em francez ?» E que estas fórmas pronominaes, acompanhadas de preposição, posto que rejeitaveis no mais antigo periodo da lingua, são, entretanto, toleraveis em relação ao dativo ? Por exemplo: *coupez lui les ailes* (à l'oiseau) ; *il faut leur donner de l'eau* (aux plantes).

E quando nos ensina tambem o sabio mestre das Linguas Romanas—que a substituição do nominativo pelo accusativo em francez—tornou-se ama regra estavel e decisiva ; é summamente surprehendente, mas é certo que, (*sed sic est*) onde quer que o pronome não se limite a indicar simplesmente a *pessoa do verbo*, mas se apresenta com um valor independente como *sujeito*, e reclama tambem em consequencia desse facto—a inflexão da voz,—os nominativos *je, tu, il, ils* que o uso os reverteu á categoria de simples palavras formaes, não prevalecem então mais ; cedem o logar e são supplantados pelos accusativos *moi, toi, lui, eux*. Esta mudança, porém, dil-o o illustre mestre, não podia attingir aos pronomes *elle, nous, vous, elles*, porque estes pronomes têm a mesma fórma no accusativo.

E quando de tão doutos ensinamentos ressumbra emtanto que, por uma como compensação, taes fórmas expressivas não são immediatamente antepostas ao verbo, ao contrario, permanece este acompanhado de fracos nominativos, como : *moi je dis* e não *mois dis* : *moi je n'en sais rien ; lui il s'en alla ; ils sont venus nous voir eux et leurs amis*, etc. ;

E considerando tambem que um duplo nominativo do sujeito e do attributo, se applicam em latim com os verbos *être, devenir, paraître*, e os passivos dos verbos que regem um duplo accusativo ; e que sendo *ser* e *estar* os prototypos dos demais verbos de estado ; e que a assistencia absoluta, permanente, inauferivel de um predicado, como diz o sabio Grivet, implica a condição de que um tal verbo seja supprivel por *ser* e *estar*, tal como se verifica, por exemplo, com o verbo TORNARE ; a saber : *egli torna giovane ; tudo se tornou tristeza* (Camões) ; *on voit l'herbe retourner* (redevenir) *vive*, etc. ; quando vemos tudo isso, tamas dizendo,—não mais nos admiraremos da resistencia e pertinacia daquelle nominativo—SI—no *Cuida que tudo é* SI por um *Cuida que tudo é* ELLE.

E quando tambem ressumbra de tão profiucas doutrinas—que é de habito assignar-se a fórma do accusativo pelo pronome dependente do verbo ESSE, como : *io non sono te ; s'io fossi lui ; il est aussi grand que toi*, etc., sobreavisa-nos tambem o douto mestre, o presumimos, que as expressões—*o coraçon pode muys ca mi* (D. Diniz) ; *porque sois maior que mim* (Camões), parecem ser *gallicismos*. E porque parecem ? perguntamos—E', porque, sabemos todos :—a grammatica não tem alçada de abolir as leis promulgadas pelo uso dos bons escriptores, que pensam segundo os usos da lingua, no tempo em que—ELLA ESCREVE—SE COMO SE LE E ASSIM SE FALA.

Ora, se o proprio Diogo do Couto escreveu : «Não errasteis em nada, que o meu amigo é outro EU, (Cacographia Portugueza. pag. 83) ; e se com toda a opportunidade disse : «Este que aqui está e outro SI ; » não menos opportunamente deixou de escrever : «O valido do rei seja outro ELLE» (Moraes—Dicc.)

Quem não vê, pois, que Antonio Ferreira, muito naturalmente em vez de escrever : *Cuida que tudo é si*, poderia dizer tambem : o lisonjeado *cuida que tudo é* ELLE.

Ora, quando consideramos que em materia de analyse o alcance syntactico ou a *funcção regencial* da palavra é TUDO ; e que a *forma* em si não chega a ser um POSTULADO, como havemos de suppor que uma simples mudança de uma palavra do texto por uma outra, possa ser argumento mais poderoso que a logica dos factos da linguagem !

Se a PHILOLOGIA tem suas leis, as LINGUAS—têm o seu curso.

Extranhou o illustrado sr. dr. Silvio de Almeida que houvessemos tomado a phrase «Cuida que tudo é si» por um latinismo dizendo : «Tambem Aureliano Pimentel julgou ter na supracitada construcção um perfeito latinismo, porque diz que ella corresponde exactamente a *«Judicat se esse omnia»*.

Entretanto : *sed sic est* ; salvo se pudessemos contrapôr nossos argumentos ás licções de tão illustres auctoridades que aqui seguimos : não porque as citamos simplesmente ; sim, porèm, porque examinamos o que ellas valem : *Homines non numerandi, sed ponderandi.*

«Les pronoms, derivés de *is, ipse* et IDEM, diz F. Diez, sont rendus en roman par un seul et même mot tiré de IPSE : ital. *stesso, medesimo* ; esp. *mismo* ; port. *mesmo* ; prov. *eis, meteis* ; franc. *même* ; val. *insu*. Pour rendre le sens de IPSE, ils s'associent a un autre pronom personnel après lequel ils se placent : *egli stesso, esse stesso, noi medesime, yo mismo, nos otros mismos, de si mismo, eu mesmo, de mi eys, de mi metis* ; en français aux formes absolues : *moi, toi, soi, lui, elle même, nous, vous, eux. elles mêmes* ; val. *eu insumi*. A côté de IPSE quelques langues se servent de PROPRIUS.» (Obra cit. pag. 72).

A' vista, pois, do expendido, temos que a phrase «Cuida que tudo é si» outra não é senão esta :

—*Judicat se esse omnia* ;

ou :

—*Judicat* SE IPSUM *esse omnia*.

Il n'y a pas deux sentiments la dessus.

(Continuamos).

Ouro Preto, maio, 1902.

(Transcripto do *Minas Geraes* de 16 de maio).

(*) Le frére...—Curiace, frére de Sabine e amant de Camille, l'une l'autre sœur d'Horace.

Recebemos o numero 153 do *D. Quixote*, a explendida revista illustrada de Angelo Agostini.

Traz o retrato de Augusto Severo e a vista da inauguração do monumento do visconde do Rio Branco, no Rio.

Recebemos a visita do sr. Carlos Faller, ultimamente nomeado fiscal de fumo para a 14.ª circunscripção deste Estado, com séde em Theophilo Ottoni.

Na matriz de Ouro Preto realizou-se no dia 29 do passado, a festividade de Corpus Christi.

De manhã houve missa cantada e em seguida procissão que, depois de percorrer as ruas do costume, recolheu á matriz ás 3 horas da tarde.

Para Guarany seguiu ha dias o sr. Urselino Lana, ex-compositor desta folha.

Jornais de Ouro Preto: Orgão do Partido Conservador (MG) - Ano 1902\Edição 00032 (1)

A PROPOSITO DE FERREIRA

(RESPOSTA AO DR. SILVIO DE ALMEIDA)

Escreve-nos o illustre professor sr. Luiz Pessanha :

«O illustrado sr. dr. Silvio de Almeida, no proposito de refutar os argumentos que expendemos no *Minas Geraes* do dia 28 do mez proximo passado, acerca desta phrase *Cuida que tudo é si*, publicou na *Cidade de Campinas*, sob a mesma epigraphe, um outro artigo que foi transcripto pelo *Minas Geraes*, em sua edição do dia 13 do corrente.

Aos argumentos exarados no referido artigo, passamos a fazer, com a devida venia, os competentes commentarios.

Antes, porém, seja-nos permittido não deixar em silencio o seguinte topico do alludido artigo, em que o nosso illustre impugnador assim se exprime :

«Antes de responder ao illustrado professor da Escola Normal de Ouro Preto, cumpre-me agradecer-lhe a fidalga cortezia com que me tratou, provando assim, contra inveterados exemplos, que o conhecimento das regras da grammatica não exige o desconhecimento das do bom tom.»

Si bem comprehendemos todo o alcance que em si encerra esta tão bondosa referencia, tanto mais nos daremos por satisfeito, pois assim vemos confirmado mais uma vez este tão judicioso preceito: *Pares nom habitus, sed virtus facit.*

Occorrendo-nos aqui o bello—EMBLEMA DA OCCASIÃO—*Fugit irreparabile tempus*, que pela bocca de Phedro nol-o dão os antigos, voltamos novamente ao assumpto, pois,

«Tal figura os antigos inventaram
Para nos ensinar, que uma demora,
Por pequena que seja é mui cavaz
De impedir os effeitos das emprezas.»

Posto isto, entremos em materia.

Quanto á regencia que apresetámos, dando a este—*si*—da phrase—«Cuida que tudo é si». uma funcção *nominativo anomalo*, confirmamol-a com o eminente Burnouf : e quanto aos exemplos de Vieira e Couto : (*Maior que si mesmo.—Este que aqui está é outro si*), vimos tambem que se conformam e se justificam plenamente, categoricamente, com as doutrinas grammaticaes até aqui estabelecidas, e ainda não refutadas, ao que presumimos, pelo illustrado sr. dr. Silvio de Almeida, não obstante confessar que admitte, sim, «esta funcção nominativa, limitada, aliás, ás linguagens de comparação.»

Entretanto, no exemplo—«Cuida que tudo é si», é que S. S. presume que este—*si*—deve ser tomado por—*assim*—do *sic* latino ; começando agora, porém, a adduzir os argumentos que justificam esta sua supposição ; e nem podia deixar de ser assim, pois S. S. em seu primeiro artigo o disse apenas dogmaticamente, não adduzindo sequer uma prova experimental.

E já que neste segundo artigo o nosso insigne contradictor, no intuito de reforçar os seus argumentos, assás valiosos e respeitaveis, antepõe exemplos da mais alta e preciosa investigação philologica—as lições de tão illustres auctoridades que temos seguido até aqui, em corroboração do nosso acerto, voltamos, com a devida venia, novamente ao assumpto, ao encontro de suas doutrinas ; e, confiado tão sómente, não em nossas forças, mas na prova eloquentissima dos factos, ousamos dizer : que temos por summamente certo que a hypothese que S. S. apresenta do—si—por—ASSIM—não prevalece de modo algum no exemplo em questão («Cuida tre que tudo é si») ; posto que não seja rejeitavel nem inopportuna quando applicada a muitos outros casos, como havemos de demonstrar á toda a luz dos documentos.

Antes, porém, de refutarmos a hypothese—do si (sic), por—ASSIM, no exemplo—«Cuida que tudo é si», como suppõe o nosso illustre antagonista, trate-mos do caso do—si—por—ELLE—como já o demonstrámos.

Que o illustre sr. dr. Silvio de Almeida não póde refutar a interpretação que demos, de que aquelle—*si*—é um *nominativo anomalo*, afigurá-se-nos um facto a todo o ponto incontestavel. E para que S. S. se convença cada vez mais que conhecemos perfeitamente que—*as theorias deduzem-se dos factos e não os factos das theorias*, vejamos o que de certo e irrecusavel se nos offerece ainda em corroboração do nosso acerto, na insistencia e convicção, repetimos, com que damos aquelle—*si*—da clausula complementar objectiva como *sujeito* do verbo—é—por isso que representa tambem—nem mais nem menos—o mesmo *sujeito* da clausula principal.

Seja-nos concedido synthetizemos mais uma vez a nossa regencia para que fique ainda bem patente esta nossa allegação.

—Que é que o lisonjeado cuida ?

—O lisonjeado cuida que tudo é si ; isto é:

—O lisonjeado cuida—que *elle mesmo* é tudo isso que lhe attribue maliciosamente o lisonjeiro ; ou, que *elle mesmo* é ou foi o auctor, o heróe de «todas essas façanhas, de todas essas coisas que elle nunca viu nem fez, de todas essas batalhas que venceu, de mil perigos em que se achou. etc.»

Leamos agora o sabio Fr. Diez (Grammaire des Langues Romanes, Tome III, pag. 45) :

«Le réflechi soi se présente aussi comme sujet, mais non pas d'une manière indépendante : il est toujours réuni A MEME ; *il faut conduire ses affaires soi même* ; ang. *he told me himself*. S'il on se raporte à l'usage ancien ou ne tarde pas á se convaincre que les formes de nominatif étaien loin d'avoir cedé i ceules de l'accusatif dans la proportion admise aujourd'hui.»

«A este reciproco, diz Theophilo Braga, ajunta-se para dar mais força, o adverbio MESMO, segundo o uso latino que ajuntava *met* e *ipse* e *met ipsume*».

Vejamos agora o que se nos depara de summamente opportuno na bella Tragedia de P. Corneille, no dialogo—Horacio e Curiacio—LE CID—(Beautés du Theatre Classique—Acte II, Scènes II et III, pag. 290) :

. . . . . .

Horace :

«Mais vouloir au public immoler ce qu'on aime,

«S'attacher au combat contre un autre SOI MEME,

«Attaquer un parti qui prend pour defenseur,

«Le frére d'une femme et l'amant d'une sœur ; (*)

Poderá o illustrado sr. dr. Silvio de Almeida traduzir litteralmente aquelle verso em que occorre o *soi-méme*, para negar o *gallicismo* ?—E nas mesmas condições não estará por ventura o *latinismo do judicat se esse omnia ?*

O illustrado sr. dr. Silvio de Almeida, não obstante os seus profundos conhecimentos, parece extranhar, rejeitando-nos aquelle—SI—por um *nominativo anomalo*, para adduzir o—*assim*—do *sic* latino, parece extranhar, diziamos, outros factos muito mais transcendentes do que em questão.

Pois não é tão certo que o grande Fr. Diez nos ensina cabalmente que em francez o nominativo e o accucativo do pronome da terceira pessoa (*il, lui, ils, eux, elle, elles*), tanto se applicam ás pessoas como ás cousas, e quando acompanhados de preposição não se referem senão a pessoas ou objectos personificados ?

E não é tão certo que «esta distincção rigorosa de objectos pessoaes e impessoaes, que ignoravam outros dialectos, taes como o hespanhol e o portuguez, nem sempre existiu tambem em francez ?» E que estas fórmas pronominaes, acompanhadas de preposição, posto que rejeitaveis no mais antigo periodo da lingua, são, entretanto, toleraveis em relação ao dativo ? Por exemplo : *coupez lui les ailes* (á l'oiseau); *il faut leur donner de l'eau* (aux plantes).

E quando nos ensina tambem o sabio mestre das Linguas Romanas—que a substituição do nominativo pelo accusativo em francez—tornou-se ama regra estavel e decisiva ; é summamente surprehendente, mas é certo que, (*sed sic est*) onde quer que o pronome não se limite a indicar simplesmente a *pessoa do verbo*, mas se apresenta com um valor independente como *sujeito*, e reclama tambem em consequencia desse facto—a inflexão da voz,—os nominativos *je, tu, il, ils* que o uso os reverteu á categoria de simples palavras formaes, não prevalecem então mais ; cedem o logar e são supplantados pelos accusativos *moi, toi, lui, eux*. Esta mudança, porém, dil-o o illustre mestre, não podia attingir aos pronomes *elle, nous, vous, elles*, porque estes pronomes têm a mesma fórma no accusativo.

E quando de tão doutos ensinamentos ressumbra emtanto que, por uma como compensação, taes fórmas expressivas não são immediatamente antepostas ao verbo, ao contrario, permanece este acompanhado de fracos nominativos, como : *moi je dis* e não *mois dis* : *moi je n'en sais rien ; lui il s'en alla ; ils sont venus nous voir eux et leurs amis*, etc. ;

E considerando tambem que um duplo nominativo do sujeito e do attributo, se applicam em latim com os verbos *être, devenir, paraître*, e os passivos dos verbos que regem um duplo accusativo ; e que sendo *ser* e *estar* os protótypos dos demais verbos de estado ; e que a assistencia absoluta, permanente, inauferivel de um predicado, como diz o sabio Grivet, implica a condição de que um tal verbo seja supprivel por *ser* e *estar*, tal como se verifica, por exemplo, com o verbo TORNARE ; a saber : *egli torna giovane ; tudo se tornou tristeza* (Camões) ; *on voit l'herbe retourner* (redevenir) *vive*, etc. ; quando vemos tudo isso, iamas dizendo,—não mais nos admiraremos da resistencia e pertinacia daquelle nominativo—SI—no *Cuida que tudo é* SI por um *Cuida que tudo é* ELLE.

E quando tambem ressumbra de tão profiicuas doutrinas—que é de habito assignar-se a fórma do accusativo pelo pronome dependente do verbo ESSE, como : *io non sono te ; s'io fossi lui ; il est aussi grand que toi*, etc., sobreavisa-nos tambem o douto mestre, o presumimos, que as expressões—*o coraçon pode muys ca mi* (D. Diniz) ; *porque sois maior que mim* (Camões), parecem ser *gallicismos*. E porque parecem ? perguntamos—E', porque, sabemos todos :—a grammatica não tem alçada de abolir as leis promulgadas pelo uso dos bons escriptores, que pensam segundo os usos da lingua, no tempo em que—ELLA ESCREVE—SE COMO SE LE E ASSIM SE FALA.

Ora, se o proprio Diogo do Couto escreveu : «Não errasteis em nada, que o meu amigo é outro EU, (Cacographia Portugueza. pag. 83) ; e se com toda a opportunidade disse : «Este que aqui está e outro SI ; » não menos opportunamente deixou de escrever : «O valido do rei seja outro ELLE» (Moraes—Dicc.)

Quem não vê, pois, que Antonio Ferreira, muito naturalmente em vez de escrever : *Cuida que tudo é si*, poderia dizer tambem : o lisonjeado *cuida que tudo é* ELLE.

Ora, quando consideramos que em materia de analyse o alcance syntactico ou a *funcção regencial* da palavra é TUDO ; e que a *forma* em si não chega a ser um POSTULADO, como havemos de suppor que uma simples mudança de uma palavra do texto por uma outra, possa ser argumento mais poderoso que a logica dos factos da linguagem !

Se a PHILOLOGIA tem suas leis, as LINGUAS—têm o seu curso.

Extranhou o illustrado sr. dr. Silvio de Almeida que houvessemos tomado a phrase «Cuida que tudo é si» por um latinismo dizendo : «Tambem Aureliano Pimentel julgou ter na supracitada construcção um perfeito latinismo, porque diz que ella corresponde exactamente a *«Judicat se esse omnia»*.

Entretanto : *sed sic est* ; salvo se pudessemos contrapôr nossos argumentos ás licções de tão illustres auctoridades que aqui seguimos : não porque as citamos simplesmente ; sim, porèm, porque examinamos o que ellas valem : *Homines non numerandi, sed ponderandi.*

«Les pronoms, derivés de *is, ipse* et IDEM, diz F. Diez, sont rendus on roman par um seul et même mot tiré de IPSE : ital. *stesso, medesimo* ; esp. *mismo* ; port. *mesmo* ; prov. *eis, meteis* ; franc. *même* ; val. *insu*. Pour rendre le sens de IPSE, ils s'associent a un autre pronom personnel après lequel ils se placent : *egli stesso, esse stesso, noi medesime, yo mismo, nos otros mismos, de si mismo, eu mesmo, de mi eys, de mi metis* ; en français aux formes absolues : *moi, toi, soi, lui, elle même, nous, vous, eux. elles mêmes* ; val. *eu insumi*. A côté de IPSE quelques langues se servent de PROPRIUS.» (Obra cit. pag. 72).

A' vista, pois, do expendido, temos que a phrase «Cuida que tudo é si» outra não é senão esta :

—*Judicat se esse omnia* ;

ou :

—*Judicat* SE IPSUM *esse omnia*.

Il n'y a pas deux sentiments la dessus.

(Continuamos).

Ouro Preto, maio, 1902.

(Transcripto do *Minas Geraes* de 16 de maio).

Recebemos o numero 153 do *D. Quixote*, a explendida revista illustrada de Angelo Agostini.

Traz o retrato de Augusto Severo e a vista da inauguração do monumento do visconde do Rio Branco, no Rio.

Recebemos a visita do sr. Carlos Faller, ultimamente nomeado fiscal de fumo para a 14.ª circunscripção deste Estado, com séde em Theophilo Ottoni.

Na matriz de Ouro Preto realizou-se no dia 29 do passado, a festividade de Corpus Christi.

De manhã houve missa cantada e em seguida procissão que, depois de percorrer as ruas do costume, recolheu á matriz ás 3 horas da tarde.

Para Guarany seguiu ha dias o sr. Urselino Lana, ex-compositor desta folha.

(*) Le frére...—Curiace, frére de Sabine e amant de Camille, l'une l'autre sœur d'Horace.

A Cidade (MG) - Ano 1902\Edição 00032 (1)

Communicado

Nugas grammaticaes

Fui eu quem fiz ou fui eu quem fez?

Na sua resposta á consulta que lhe fizera o sr. Firmino José Rodrigues, o auctor das *Questões grammaticaes*, depois de admirar-se como podesse haver duvida acerca de uma questão tão facilmente intelligivel, não hesitou em condemnar de erronea, *inconsiderada a conformidade flexional—fui eu quem fez*—capitulando-a de *excentricidade de originalistas grammaticaes, que por obnoxia teimosia têm originado controversia a tal respeito, prejudicando consideravelmente aos que, insciente dos principios grammaticaes, vão cincando a cada passo contra a exacção syntactica.* (*Correio do Povo*, 12 de abril de 1903).

Quem não enxergou logo nas palavras do sr. Ildefonso Gomes, uma censura directa, categorica áquelles que ensinam que se deve dizer e escrever—*Fui eu quem fez* e não—*fui eu quem fiz.*

Essa censura deu logar a que, esquecendo a minha obscuridade de mestre-escola de aldeia, escrevesse as linhas que appareceram nas columnas da *Federação* de 24 p. p. Nessas linhas tive em mira não provocar uma polemica com o abalisado mestre, mas unicamente salvar aos olhos dos meus discipulos de hoje e de hontem a minha responsabilidade, affirmando que se deve dizer e escrever:—*fui eu quem fez*—e não —*fui eu quem fiz.*

—*fui eu quem fiz.*

Meu intuito foi apenas provar-lhes que ensinando-os a se expressar assim, eu me estribava em auctoridades incontestavelmente de primeira ordem, e que si errava, errava com os mais insignes mestres de vernaculidade portugueza.

Ainda mais; quiz mostrar-lhes que não se póde acoimar de *inconsiderada* uma construcção que é apadrinhada por tão bons patronos.

Si eu consegui ou não consegui o meu proposito, deixo a decisão ao criterio dos que me leram.

O que é certo é que aquellas despretenciosas linhas não deixaram de actuar no proprio espirito do sr. Ildefonso Gomes; pois basta confrontar os dous artigos de s. s. a respeito desta questão para se ver que s. s. modificou algum tanto o seu modo de encaral-a.

De feito, ao passo que no seu artigo de 12 de abril, declarava peremptoriamente não poder haver duvida acerca de uma questão tão facilmente intelligivel e formulava, com certo tom magistral e categorico, a regra sobre a concordancia do verbo nas orações ligadas pelo pronome quem; no artigo de 28 confessa que se tracta de um *ponto controvertido e duvidoso*, a respeito do qual *dissentiram sempre os grammaticos, e as auctoridades classicas não tinham tambem uma opinião segura.*

gura.

Donde se conclue que s. s. implicitamente reconhece que, na sua resposta á consulta do sr. Firmino José Rodrigues, muito mais bem avisado andaria, si tivesse declarado que, a respeito deste ponto grammatical,—*auctores utroque trahunt*—isto é, que os grammaticos discordavam, que os proprios auctores classicos não tinham firme a opinião; e se tivesse limitado a apresentar os argumentos por que prefere uma conformidade flexional a outra.

E' o que deduzimos da leitura dos dous artigos; e isto já me satisfaz e eu poderia acolher me ao silencio.

Um dever de cortezia, porém, obriga-me a acudir ao delicado convite que, no fim do seu segundo artigo, me faz o sr. Ildefonso Gomes; e em poucas linhas expenderei os motivos por que discordo da opinião de s. s. e que me levam a ensinar que se deve dizer *fui eu quem fez* e não *fui eu quem fiz*.

O primeiro argumento estriba-se na auctoridade dos mestres da lingua. São elles, os grandes escriptores e não os grammaticos, os que estabelecem as normas do dizer; são elles os arbitros, os modelos por onde se guiam os demais; a elles é que se applicam as palavras do velho Horacio:

. . . . . *usus*
quem penes arbitrium est et jus et norma loquendi»

norma loquendi»

Aos grammaticos, a esses incumbe estudar como fallaram e escreveram, como manejavam a lingua os grandes mestres, e formular então as regras.

Uma grammatica só é boa, quando os seus preceitos vêm confirmados, corroborados pelos exemplos dos bons escriptores.

Quando uma palavra, uma expressão, uma construcção é empregada repetidas vezes por um Vieira, um Luiz de Souza, um Bernardes, um Alexandre Herculano, um Camillo C. Branco, essa construcção, essa expressão, essa palavra adquire *ipso facto* fóros de cidade, apesar da grita dos grammaticos, gente em geral myope e teimosa.

No artigo de 24 p. p. apresentei numerosos exemplos, não de um só, mas dos mais eminentes escriptores portuguezes, quer antigos quer modernos, exemplos que bem claramente mostram que o verbo, nas orações ligadas pelo pronome *quem* (sujeito) concorda sempre com este pronome na 3ª pessoa do singular.

Esses exemplos são tantos, são tão frisantes, são de tal natureza que não deixam a menor duvida de que aquelles insignes mestres da lingua tinham opinião bem firme a respeito deste ponto grammatical.

Não se trata aqui de um exemplo isolado, deste ou daquelle escriptor, de somenos valia, mas são exemplos que se encontram a cada passo nas obras dos vultos mais eminentes das lettras portuguezas. Na mesma obra, na mesma pagina, no mesmo periodo encontramos essa construcção empregada por elles, e portanto é mister confessar que essa construcção é portugueza, legitimamente portugueza.

Tenho lido e relido com a maior attenção as obras de fr. Luiz de Souza, de Vieira, Bernardes, Alexandre Herculano, Camillo C. Branco, e posso affirmar que ainda não me succedeu topar um só exemplo da construcção defendida pelo sr. Ildefonso Gomes.

Bem sei que se podem apontar um ou outro exemplo em contrario, extrahido de alguns bons escriptores como Souza Caldas (Psm. XXI) Gonçalves Dias (Te Deum Vers. 14), Gonzaga (Lyra XXXVI v. 38) Garrett (Lyrica XI v. 119).

Mas releva notar: 1º que esses escriptores não se podem equiparar em correcção, pureza, elegancia e riqueza de linguagem aos mestres acima apontados; 2º que em geral são poetas; e os poetas gozam de muito mais liberdade do que os prosadores. A natureza do verso, o numero de syllabas, a rima, etc., etc., obrigam-nos muita vez a sacrificar os preceitos grammaticaes; do que temos numerosos exemplos em Camões, o principe dos poetas portuguezes.

Citou o sr. Ildefonso Gomes, no seu 2º artigo, dois trechos para provar que as proprias auctoridades classicas não tinham opinião segura a respeito desta construcção.

Os dous trechos, porem, ainda quando não fossem suspeitosos, de maneira alguma infirmam o valor dos exemplos por mim citados e serviriam, quando muito, para evidenciar mais uma vez que até os grandes mestres claudicam de quando em quando, e aqui viria muito a pelo o—*quandoque bonus dormitat Homerus.*

Digo que os trechos citados se me figuram suspeitos e passo a dar já os motivos.

O trecho de Bernardes, que a meu ver destoa do estylo das obras do grande oratoriano, é extrahido de uns *Excerptos de philosophia religiosa*, opusculo attribuido pelo sr. Ildefonso Gomes a Bernardes, quando entre as obras originaes deste não figura tal opusculo. De certo esses *Excerptos* são de algum colleccionador pouco escrupuloso, e conviria citar a obra original e a pagina respectiva, donde foi extrahido o trecho, para desvanecer toda e qualquer duvida a respeito.

O segundo trecho é de Alexandre Herculano, e foi exhumado da *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*, da qual o eminente portuguez foi um dos principaes directores.

Mas, pergunto eu, o trecho citado será de algum artigo assignado por Alexandre Herculano? ou será de algum collaborador anonymo? Não basta que esse artigo venha publicado na «Revista Contemporanea», para que se possa attribuir a A. Herculano.

Admittamos, porém, que o artigo, donde foi extrahido o trecho referido, seja de proprio A. H.; quem ousará contrapor um trecho de um artigo destinado á vida ephemera de um jornal ou de uma revista aos numerosos exemplos extrahidos das melhores obras de um auctor que se esforçou por perpetuar, immortalizar nella o seu nome?

Portanto, os dois trechos apontados pelo sr. Ildefonso Gomes, não têm ainda, a meu ver, valor algum; não provam que os nossos melhores escriptores não têm opinião formada, segura sobre estas construcções—*fui eu quem fez* ou *fui eu quem fiz*.

Continúo, pois, a affirmar, á vista dos exemplos citados e de outros sem numero, que a construcção *fui eu quem fez* é a que é empregada pelos mestres da lingua; e que portanto é ella portugueza, genuinamente portugueza.

ingueza.

Passemos ao segundo argumento.

Apprellemos para a analyse grammatical e para o bom senso.

Nesta expressão—*fui eu quem fez*, que é o que vem a ser QUEM ?

O sr. Ildefonso Gomes, escudado com a auctoridade de Grivet, Pacheco Junior e outros grammaticos, affirma que *quem* é um pronome relativo ou conjunctivo e que seu antecedente é o pronome *eu*.

Peço permissão a s. s. para discordar da sua opinião e da opinião de tão abalisados grammaticos Ha aqui, no meu fraco entender, um *qui-pro-quo* : quer me parecer que s. s. tomou a nuvem por Juno.

Vejamos.

Quem é pronome relativo, quando se póde substituir por *o qual, a qual, os quaes, as quaes*; como se deprehende dos seguintes exemplos :

O homem de *quem* fallas, *é* um homem de bem.=O homem *do qual* fallas etc. Os homens de *quem* fallas, são homens de bem=Os homens *dos quaes* fallas, são homens de bem.

Como pronome relativo, liga sempre uma oração incidente ou, como lhe chamam outros, uma oração adjectiva, ao seu antecedente.

Si, pois, o pronome *quem* fosse simplesmente relativo e *eu* o antecedente ; esta expressão : — *Fui eu quem fez*, equivaleria a est'outra : — *Fui eu o qual fez*, e teriamos, pois, duas orações grammaticaes : *Fui eu*—principal ; e *o qual fez*, incidente de *eu*.

Collocando agora estas duas orações na ordem directa teriamos : — *Eu, o qual fez, fui*.

Agora pergunto eu : onde fica o predicado da oração principal—*Eu fui* ? nem a logica, nem a analyse grammatical o descobrem.

Logo é força reconhecer que *quem* na expressão — *Fui eu quem fez* — não é simplesmente um pronome relativo, nem o pronome *eu* o seu antecedente. Então que vem a ser o *quem*?

O bom senso e a grammatica respondem : *quem* é um pronome *indefinito* e equivale a *aquelle que, aquella que*, etc. ; encerra em si dois elementos: o relativo e o seu antecedente, e portanto a expressão —*Fui eu quem fez*—equivale a est'outra : — *Fui* eu aquelle que fez— e na ordem directa —*Eu fui aquelle que fez*.

Parece-me que é isto mais consentaneo á logica e ao bom senso, porque neste caso não fica a oração principal sem o predicado, que vem a ser o pronome *aquelle*, determinado pela oração incidente—*que fez*.

Quem, pois, na expressão— *Fui eu quem fez* — é um pronome indefinito.

Mas este pronome é invariavel na fórma, é do genero masculino e só póde representar A 3ª PESSOA DO SINGULAR; como os pronomes *alguem, ninguem, outrem*.

Daqui se conclue que, quando o pronome *quem* figura no discurso como sujeito, o verbo forçosamente tem de ir para 3ª pessoa do singular. Logo eu devo dizer e escrever :

Fui eu quem fez, foste tu quem fez, foi elle quem fez, etc. etc. e não *fui eu quem fiz*, etc.

O mesmo não acontece com o pronome relativo *que*.

Este pronome, invariavel na fórma, é dos dois generos, masculino e feminino, é do singular e do plural, e póde representar TODAS AS PESSOAS GRAMMATICAES; e dahi vem que deve-

mos dizer *fui eu que fiz, foste tu que fizeste, foi elle que fez*, etc.

Nestas expressões o pronome relativo *que* deixa de concordar, com o seu antecedente occulto, que é *o* (aquelle) para concordar *por attracção* com o pronome pessoal *eu, tu, elle*, etc.

Mas, si este argumento fornecido pela analyse grammatical não é sufficiente para desvanecer qualquer duvida dos menos atilados, soccorramos-nos mais uma vez o bom senso.

Convido aos que me lêm a inverterem as seguintes phrases : «Fui eu *quem fiz* este trabalho.» «Foste tu *quem escreveste* aquella carta.» «Fomos nós *quem abrimos* a porta.»

Quem se animará a dizer : «Quem *fiz* este trabalho fui eu.» Quem *escreveste* esta carta foste tu.» «Quem *abrimos* esta porta fomos nós ? ? !»

Ao passo que dizendo—*Fui eu* quem fez *este trabalho, fomos nós* quem abriu *esta porta*, a inversão é tão natural, tão simples :

natural, tão simples :

Quem *fez* este trabalho fui eu; etc.

Parece-me superfluo accrescentar mais alguma cousa; entretanto, sem querer fazer praça de conhecimentos philologicos, permitta-me o benevolo leitor que faça ainda uma observação que não deixa de ser bem cabida e serve muito para elucidar este ponto, o qual, seja dito de passagem, para mim nada tem de duvidoso nem de controvertido.

A observação é esta : No hespanhol, que com o portuguez formavam uma só lingua commum, com mais ou menos variantes, na peninsula iberica, e que depois da conquista de Portugal e formação da nacionalidade portugueza, se separaram seguindo cada lingua o seu curso natural de accordo com as leis da evolução; no hespanhol, digo, encontramos a mesma construcção, isto é, vemos que o verbo, nas orações ligadas pelo pronome *quien*, vae sempre para a 3ª pessoa do singular. ex. Vete y no vuelvas ; soi yo QUIEN te lo ORDENA. (Lecciones de gramatica Castellana por F. S. deMartinez. Pag. 80.)

Concluindo, direi que escrevendo estas linhas não sei si satisfiz aos desejos do sr. Ildefonso Gomes; uma cousa, porem, posso affirmar a s. s. e é que foram escriptas sem paixão e unicamente por um dever de cortezia.

A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS) - Ano 1903\Edição 00110 (1)

Notações filologicas(*)

EXCEPTO - SALVO

« A emenda de hoje começa por uma revista illustrada, redigida por moços de incontestavel talento. Um delles escreve: Tudo por conseguinte descança, *exceptos* os Colyseus! e *exceptos* os banqueiros do Estado.»

« O chronista imaginou que *excepto* é em portuguez adjectivo e concorda com Colyseus e banqueiros, no plural. Ora, *excepto*, para quasi todos os escritores, foi sempre e é ainda uma palavra invariavel; quer o appliquemos a um nome no singular ou no plural, quer o appliquemos a um nome feminino ou masculino, é sempre *excepto*. E assim diremos:

« Tudo descança, *excepto* os Coliseus; tudo lhe é indifferente, *excepto* as mulheres; gosta de bebidas alcoolicas, *excepto* a aguardente.

« O caso alludido não é muito vulgar, mas é vulgarissimo o que se comete com *salvo*, preposição, sinonimo de *excepto*. A cada passo lemos nas gazetas, e até em livros applaudidos, expressões como esta: os politicos, *salvas* honrosas excepções. Isto é erro *crasso*. Ha o adjectivo *salvo, salva*; mas, quando tomamos a palavra *salvo* como sinonimo de *excepto, afora, com excepção de, alem de*, é sempre preposição. Por isso tem de dizer-se: «os politicos, *salvo* honrosas excepções». (*Lições praticas*, p. 89 — 90, 2ª edição.)

Parece-me insustentavel esta absoluta opinião do sr. Candido de Figueiredo, privando a dous adjectivos da lingua do direito de exprimir a idéa que a cada um delles é propria e ao mesmo tempo identica á da preposição em que se convertem.

Basta ler o que ensina Moraes, na 2ª edição do Diccionario, tão encarecida por s. ex., e á qual descuidou de recorrer.

«*Excepto*, part. passado irregular do verbo *exceptuar*. Muitos usam delle nesta variação *indeclinavel* «todos morrerão, *excepto* este». — *Vieira* nas Cartas *varia*-o —como a outro adjectivo, v. g. «*exceptas* as cartas do Marquez»; e este uso é *mais correcto*.»

Grivet, em sua *Grammatica analitica*, p. 183, diz que os participios irregulares, *excepto* e *salvo*, só passam a ser preposições e conseguintemente invariaveis, quando deixam de constituir uma apposição ou predicado e vêm a exercer uma regencia.

Realmente, si *excepto* e *salvo* são adjectivos, que significam *exceptuado, reservado, excluido, não comprehendido*, podem estar na oração, expressando esta idéia, com qualquer substantivo com que concordem em genero e numero. Sómente quando apparecem invariaveis, seguidos de complemento ou complementos, é que se transformam em preposição, segundo a maioria dos grammaticos ou em adverbios ou expressões adverbiaes, segundo outros (Soares Barbosa, v. g.)

Por isso, tão correcta é a sintaxe com qualquer dos referidos adjectivos concordando com o substantivo, como com qualquer delles tornado preposição. Vai o mesmo dizer: Tudo lhe é indifferente, *exceptas* as mulheres—tudo descança, *exceptos* os Coliseus—gosta de bebidas *excepta* a aguardente, etc., e—tudo lhe é indifferente *excepto* as mulheres,—tudo descança *excepto* os Coliseus,—gosta de bebidas alcoolicas, *excepto* a aguardente, etc. Ou—os politicos, *salvas* honrosas excepções, e — os politicos, *salvo* honrosas excepções.

Para autorizar sua opinião, cita o sr. Candido de Figueiredo dous exemplos; um de frei Luiz de Souza—«não falou nunca com pessoa nenhuma de fóra, *excepto* com o seu confessor»; outro, de Alexandre Herculano—«*salvo* se era a necessidade de fazer companhia a um cavalheiro».

Suppondo a lacuna dos exemplos passo

Supprindo a lacuna dos exemplos, passo a apresentar outros, mostrando que pode usar-se dos invariaveis *excepto* e *salvo*, como preposições e dos variaveis *excepto* e *salvo*, como adjectivos, no mesmo sentido de *exclusão, reserva* ou *excepção*.

Excepto, como adjectivo:

«Todos os dias de sua vida, *exceptos* os sabbados» Figueiredo, *Judith*, c. 8, v. 6.

«Os varões sanctos e todos os que algo sabem, despresam esta diabolica invenção, *exceptos* aquelles que vivem della ou cahiram nas suas redes». Arraes, *Dialogo* 1, c. 5.

«A paralisia tinha amortecido todos os membros de seu corpo, *excepta* unicamente a lingua (que nas mulheres, esta não perde tão facilmente o uso).» Bernardes, *Nova Floresta*, t. 3, p. 405.

«Ja então não será imprudencia impôlas... *exceptos* alguns casos particulares» Idem, p. 314.

« E assim o executarão, *excepta* huma que foi leal ao seu» Idem, p. 462.

« Todos os livros que andam nas mãos das Sybillas, *exceptas* algumas autoridades de que os Padres se valem para illustrar as verdades catholicas, são tidos por apocrifos». Idem, t. 2. p. 3.

« Huma noite succedeu acharem-se todas, sem se saber a causa, derribadas, *excepta* huma». Idem, p. 90—91.

« Quasi toda esta ilha, *exceptas* algumas terras de assucar, está plantada de vinhos». A. Cordeiro, *Historia Insulana*, l. 1, c. 6.

« Nas taes ruas, *exceptos* alguns arrabaldes da Cidade, nenhuma casa ha despegada da outra». Idem, l. 6. c. 21.

«Tinha Deus concedido ao Diabo que naquella grande casa pudesse fazer ou desfazer contra elle tudo o que seu odio, sua astucia o maldade julgasse conveniente para o vencer, *excepta* sómente a vida do mesmo Job.» Vieira, *Sermões* Selectos, t. 6, p. 167.

«Na grande provincia de Hollanda, *excepta* sómente Dorth, por isso chamada a Virgem, nenhuma cidade houve que não fosse conquistada.» Idem, t. 3, p. 281.

«Tudo chegou a salvamento, *exceptas* as partes liquidas.» Idem, *Carta* 63, t. 1.

«*Excepta* por mercê particular de Deus, a experiencia da vossa Excellencia, todas as outras, assim no mar, como na terra, terão difficultosamente quem lhes succeda.» Idem, *Carta* 91, t. 3.

Salvo, como adjectivo:

Transcreveu o *sr.* Candido de Figueiredo um exemplo de Alexandre Herculano para comprovar que *salvo* só se deve empregar como preposição, no sentido de *exceptuado, excluido, reservado*, e não como adjectivo, o que capitula de *erro crasso*. Confessa, porém, que o uso do adjectivo em semelhante accepção é vulgarissimo.

Por isso, e visto que para s. ex. é, com todo o fundamento, o grande Alexandre Herculano mestre dos mestres da lingua portugueza, limito-me a oppor ao exemplo referido outro exemplo do mesmo Alexandre Herculano em que emprega no sentido de *salvo*, como preposição, *salvo* como adjectivo, concordando no plural com o substantivo, o que exclue qualquer duvida sobre o facto.

«Os arabes viram dentro em pouco os homens hispano-godos irem-se amoldando aos seus habitos e idéas, SALVAS as crenças religiosas, ultima coisa que as nações abandonam.» Herculano, *Historia de Portugal*, t. 3, p. 173, 2ª edição.

Heraclito Graça

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1903\Edição 00760 (1)

Notações filologicas (*)

MAIS INFIMO

Considera o sr. Candido de Figueiredo influencia de certa giria inconsciente, que vassalla ás vezes os espiritos mais cultos, o dizer-se *mais infimo*, porquanto *infimo* é um superlativo do positivo *baixo*, que tem por comparativo o adjectivo *inferior*. (*Lições praticas*, t. 1, p. 238, 2ª edição).

Não colhe o argumento.

Do adjectivo portuguez *baixo* o natural comparativo é *mais* ou *menos baixo* e o superlativo é *baixissimo*.

Infimo é superlativo derivado do latim *infimus*, que tinha por positivo *inferus*, que não passou á lingua portugueza e por comparativo *inferior*, que não póde ser comparativo em portuguez.

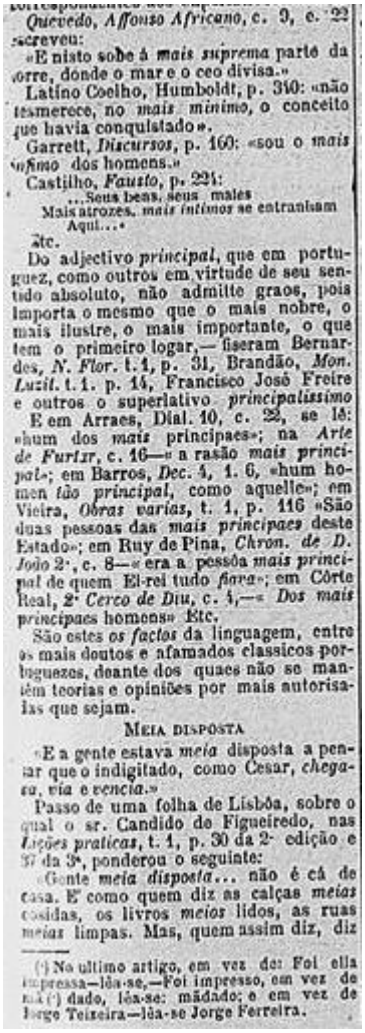
Os adjectivos *superior* e *inferior*, *anterior* e *posterior*, *interior* e *exterior* só são comparativos no *latim*, não o são no *portuguez*, porque não dizemos *superior que*, *inferior que*, etc., mas *superior a*, *inferior a*, etc. O que mostra que são uns adjectivos *positivos* com a significação das preposições de que se formaram, e se vê em *interior* e *exterior*, que valem tanto como *interno* e *externo*.» Soares Barbosa, *Gram. port.*, 6ª edição, p. 128.

Esta razão é reforçada por A. Grivet, que addiciona *ulterior* e *citerior* áquelles comparativos latinos. Diz elle que, além de não poder nenhum desses adjectivos ter depois de si, em portuguez, *que*, *de que* ou *do que*, como tem *melhor* e *peior*, se usam as locuções *tão superior*, *tão inferior*, *mais exterior*, *menos interior*, ao passo que a ninguem é licito, por uma redundancia insoffrivel, empregar *tão melhor*, *mais melhor*, *menos peior*. E que assim como *ulterior*, *citerior*, *anterior*, *posterior*, *exterior*, *interior*, *superior* e *inferior* só são comparativos de superioridade no latim, e, passando para o portuguez, apparecem como *positivos*, da mesma sorte acontece que os vocabulos *Junior* e *Senior*, que, em latim, eram etymologicamente comparativos de superioridade, passaram para o portuguez com o significado de meros cognomes. *Gram. analytica*, p. 143.

Infimo, *maximo*, *minimo*, *optimo*, *pessimo*, *summo*, *supremo*, *intimo*, etc., ficaram *superlativos absolutos portuguezes*, como nos vieram do latim, só com a mudança de terminação; mas, além dessas formas cradativas não corresponderem radicalmente ás positivas, segundo observa o dr. Alfredo Gomes, *Gram. port.*, 9ª edição, p. 54, salvo em *magno*, cumpre advertir, com todos os grammaticos, que esses e semelhantes superlativos não são comparativos na lingua portugueza, como o são em latim; e si algumas vezes se empregam comparativamente, é como relativos e precedidos do artigo — *o optimo*, *o pessimo* dos homens em vez de *o melhor*, *o peior* dos homens. (Julio Ribeiro, *Gram. port.*, 4ª edição, p. 245).

Effectivamente, escreveu Vieira, *Serm. Selectos*, t. 5, p. 136: «entre todos os espiritos malignos o *pessimo* e mais nocivo é a tristeza»—e t. 6, p. 92 «o *summo* da tirannia»; Bernardes, *Luz e Calor*, p. 211—«Podia um S. Francisco entender que elle era o *pessimo* de todos os nascidos»; Garrett, *Discursos*, p. 201—202—« a primeira tristissima conclusão de certo a estão tirando com mais ou menos boa fé os adversarios deste *nobilissimo* de todos os systhemas de governação»; Arraes, *Dialogo* 1, c. 19—«Levantando os animaes para o *supremo* do mundo.» etc.

Daqui para se dar outro grau enfatico aos superlativos tomados do latim não ha mais que um passo. Reputa-se erro deploravel e nem se diz, nem se escreve mais hoje—*mui muito*, *muito pessimo* ou *mais optimo*; mas, segundo lembra o dr. João Ribeiro, *Gram.* 10ª edição, p. 75,—*mais ou muito intimo*, *muito proximo*, geralmente se diz, como si *intimo* e *proximo* fossem meros adjectivos positivos não correspondentes aos superlativos latinos.



Quevedo, Affonso Africano, c. 3, e. 22 escreveu:

«E nisto sobe á *mais suprema* parte da serre, donde o mar e o ceo divisa.»

Latino Coelho, Humboldt, p. 340: «não desmerece, no *mais mínimo*, o conceito que havia conquistado».

Garrett, *Discursos*, p. 160: «sou o *mais* ínfimo dos homens.»

Castilho, *Fausto*, p. 224:

...Seus beas, seus males
Mais atrozes, *mais intimos* se entranham
Aqui...»

Etc.

Do adjectivo *principal*, que em portuguez, como outros em virtude de seu sentido absoluto, não admitte graos, pois importa o mesmo que o mais nobre, o mais ilustre, o mais importante, o que tem o primeiro logar,— fiseram Bernardes, *N. Flor.* t. 1, p. 31, Brandão, *Mon. Luzit.* t. 1. p. 14, Francisco José Freire e outros o superlativo *principalissimo*

E em Arraes, Dial. 10, c. 22, se lê: «hum dos *mais* principaes»; na *Arte de Furtar*, c. 16—« a rasão *mais principal*»; em Barros, *Dec.* 4, l. 6, «hum homen *tão principal*, como aquelle»; em Vieira, *Obras varias*, t. 1, p. 116 «São duas pessoas das *mais principaes* deste Estado»; em Ruy de Pina, *Chron. de D. João* 2°, c. 8—« era a pessôa *mais principal* de quem El-rei tudo *fiara*»; em Côrte Real, 2° *Cerco de Diu*, c. 4,—« *Dos mais principaes* homens» Etc.

São estes *os factos* da linguagem, entre os mais doutos e afamados classicos portuguezes, deante dos quaes não se mantêm teorias e opiniões por mais autorisadas que sejam.

MEIA DISPOSTA

«E a gente estava *meia* disposta a pensar que o indigitado, como Cesar, *chegara, viu e vencia*.»

Passo de uma folha de Lisbôa, sobre o qual o sr. Candido de Figueiredo, nas *Lições praticas*, t. 1, p. 30 da 2ª edição e 37 da 3ª, ponderou o seguinte:

«Gente *meia disposta*... não é cá de casa. E' como quem diz as calças *meias* cosidas, os livros *meios* lidos, as ruas *meias* limpas. Mas, quem assim diz, diz

(*) No ultimo artigo, em vez de: Foi ella impressa—lêa-se,—Foi impresso, em vez de ma(*) dado, lêa-se: mãdado; e em vez de Jorge Teixeira—lêa-se Jorge Ferreira.

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1903\Edição 00798 (1)

TROVANDO E CANTANDO

—

«Em seu numero de domingo, na secção de um sr. *Bem bem Lundú*, appareceu uma critica dirigida á seguinte phrase d'este jornal: «Vem dizer que nós baralhamos tudo, que nós é que lançamos palavras ao vento, etc.

Como porém no caso o que serve, aos olhos do ignorante, é algum philologo, convidamos o estranho censor a lêr Grivet.

Acceite o conselho e seja menos *grammaticalmente frouxo*, com licença do publico, etc.»

(Do «Amazonas» de hontem).

—

Então o publico é *frouxo*, hein, *seu* Pereira?

Este *seu* Pereira tem coisas!...

«Não se zangue, primasinha,
Que eu não disse p'ra zangar».

E. F.

Não se zangue, *seu* Pereira,
Guardai p'ra lá o Grivet;
Vêde bem que é grossa asneira,
Dizer-se á gente - *nos é!*

Lêde Paulino de Britto,
Pinto Marques, João Ribeiro,
E outros, que aqui não cito—
Distinctos no mundo inteiro.

Se eu, porém, não fôr fiel
No que digo.—a Biblia ahi está:
Vêde como á Ezequiel.
Falou no assumpto, Jehovah!

N'ella, subsidio farto,
Desde o principio do mundo,
Achareis: capitulo quarto—
Versículo decimo segundo!

Bembem LUNDU'.

Quo Vadis? : orgam de interesses populares (AM) - Ano 1903\Edição 00138 (1)

Liquidação
No Regulador da Marinha.

Carta aberta

Meu caro Oswaldo Machado! — Muito lisonjeado, li a interessante carta aberta a que o *Jornal do Recife* deu acolhida em suas columnas, na qual um modesto philologo anonymo me argúe sobre os pontos grammaticaes por mim tratados em artigo publicado nesta folha.

Aproveitando a monção que se me offerece para esclarecer melhor as idéas emittidas naquelle trabalho, eu devo, antes de tudo, deixar aqui consignados os meus agradecimentos ao illustre sr J., pelas palavras gentis com que se aprouve dirigir á minha humilde e desconhecida individualidade.

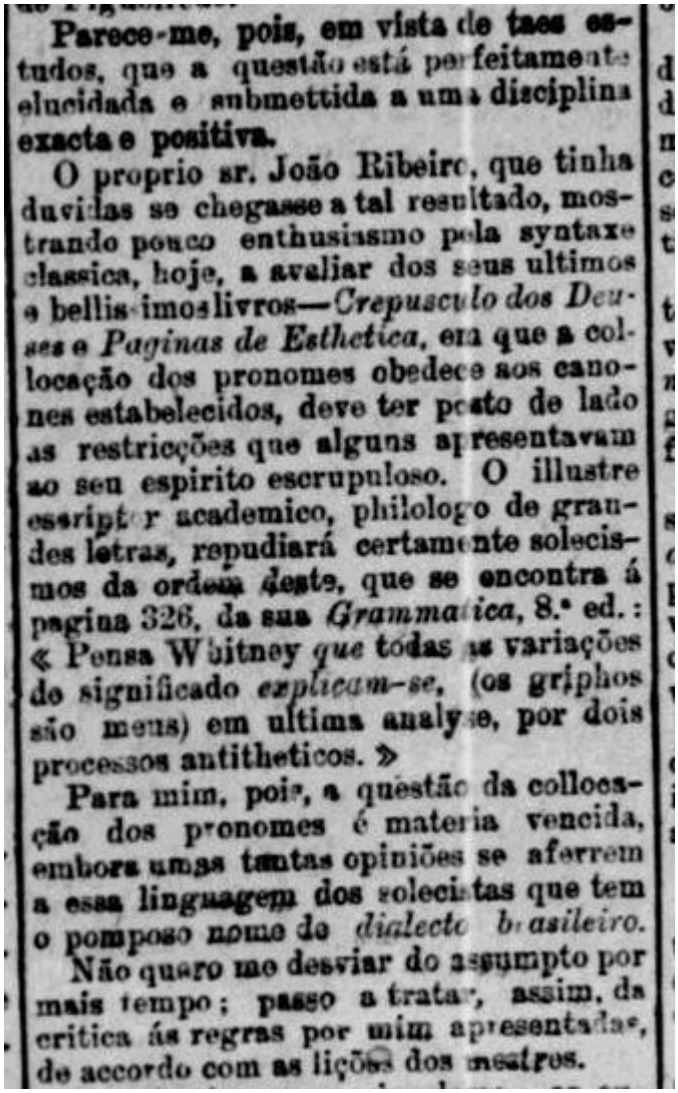
Dito isto, passo a responder ao meu illustre arguente, que, embora não contrarie as regras por mim formuladas, de accordo com as lições dos mestres, sobre a collocação do pronome regimen e a anteposição do artigo ao *que* interrogativo, as julga, comtudo, discutiveis.

Por amor ao methodo, tratarei separadamente aos dois casos.

A questão da collocação das encliticas pronominaes por largo tempo passou despercebida aos grammaticos, tanto portuguêses, como brasileiros.

Na ordem chronologica, o primeiro a observar o phenomeno foi o grammatico do Funchal Francisco Ferreira de Andrade Junior, que, na sua *Grammatica das Grammaticas*, publicada em 1850 e de que tenho noticia pelos *Estudos Philologicos* do sr. João Ribeiro, diz, em referencia a materia:—«Alguma cousa ha ahi que me persuado não ter sido ainda reduzido a regras por algum grammatico: — ao menos, não o encontrei nas grammaticas que consultei; mas colhi-o da leitura dos mais elegantes classicos da lingua». Em seguida, num conjunto excellente, estabelece as regras relativas a collocação dos pronomes, tal como, com ligeiras restricções, são hoje lei entre os melhores escriptores portuguêses e brasileiros.

Eu não ignoro que a discussão sobre tal assumpto seja muito antiga; conheço alguns dos trabalhos citados pelo meu illustre arguente, e mais os de Lameira de Andrade, Pacheco Junior, Araujo Maciel e Raggio Nobrega, sem contar os de João Ribeiro, Ruy Barbosa e Candido de Figueiredo.



Parece-me, pois, em vista de taes estudos, que a questão está perfeitamente elucidada e submettida a uma disciplina exacta e positiva.

O proprio sr. João Ribeiro, que tinha duvidas se chegasse a tal resultado, mostrando pouco enthusiasmo pela syntaxe classica, hoje, a avaliar dos seus ultimos e bellissimos livros—*Crepusculo dos Deuses* e *Paginas de Esthetica*, em que a collocação dos pronomes obedece aos canones estabelecidos, deve ter posto de lado as restricções que alguns apresentavam ao seu espirito escrupuloso. O illustre escriptor academico, philologo de grandes letras, repudiará certamente solecismos da ordem deste, que se encontra á pagina 326, da sua *Grammatica*, 8.ª ed.: « Pensa Whitney *que* todas as variações do significado *explicam-se*, (os griphos são meus) em ultima analyse, por dois processos antitheticos. »

Para mim, pois, a questão da collocação dos pronomes é materia vencida, embora umas tantas opiniões se aferrem a essa linguagem dos solecistas que tem o pomposo nome de *dialecto brasileiro*.

Não quero me desviar do assumpto por mais tempo; passo a tratar, assim, da critica ás regras por mim apresentadas, de accordo com as lições dos mestres.

A primeira passou incolome; as outras foram mais infelizes... Vamos por parte.

Na segunda regra eu disse que o pronome se pospõe ao chamado gerundio, excepto quando o gerundio é precedido da particula *em*. Vejamos alguns exemplos. Da regra:

Azurara, *Chronica do Conde D. Pedro, apud* Dicc. de Vieira, Chrestomathia historica, p. LXXI:

«Cas *vendo-se* homens como aquelles...»

P. Antonio Vieira, *cit. do* Grivet, *Gram. Anal.*, p. 139:

«Que faz o lavrador na terra *cortando-a* com o arado?»

P. Manuel Bernardes, *ibidem*, p. 315:

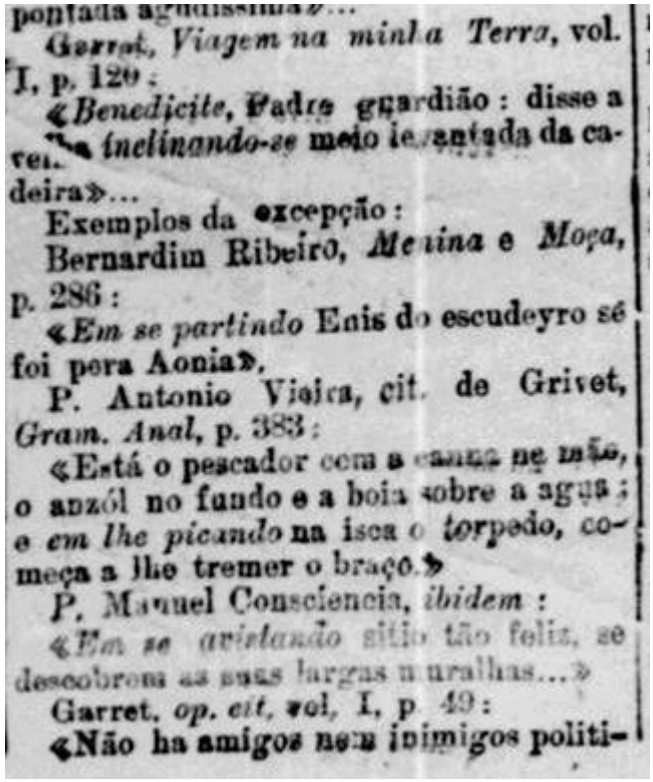
«Quando nos banquetes não houver a mais excessos, *provocando-se* uns aos outros»...

A. Herculano, *Lendas e Narrativas*, vol. I, p. 82:

«Não era Fernão Vasques homem que faltasse a este auto, *tendo-o* a arraya miuda elegido seu provedor...»

A. F. de Castilho, *Vivos e Mortos*, vol. I, p. 105:

«Revolvia-se o marido, *torcendo-se* e *retorcendo se* sob as angustias de uma pontada agudissima»...



pontada agudissima»...

Garret, Viagem na minha Terra, vol. I, p. 129:

«*Benedicite*, Padre guardião: disse a [illegible] *inclinando-se* meio levantada da cadeira»...

Exemplos da excepção:

Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*, p. 286:

«*Em se partindo* Enis do escudeyro sé foi pera Aonia».

P. Antonio Vieira, cit. de Grivet, *Gram. Anal*, p. 383:

«Está o pescador com a canna na mão, o anzól no fundo e a boia sobre a agua; e *em lhe picando* na isca o *torpedo*, começa a lhe tremer o braço.»

P. Manuel Consciencia, *ibidem*:

«*Em se avistando* sitio tão feliz, se descobrem as suas largas muralhas...»

Garret, *op. cit*, vol. I, p. 49:

«Não ha amigos nem inimigos politicos *em se largando* o mando e as pretenções a elle.»

Quanto a terceira regra que apresentei, acha o meu illustre arguente que está em séu conjunto mal emittida. Vejamos. Diz a regra:

«Quando os pronomes indefinidos, *tudo*, *nenhum*, *ninguem*, *nada* e outros, antecedem um verbo, o pronome *se*, como reflexo e como particula que apassiva o verbo, tambem o antecede, e *vice-versa*».

Não percebo a razão da critica a esta regra, aliás copia do que escreveu Candido de Figueiredo, ás ps. 238—239, das *Lições Praticas*, vol. III.

E' facto verificavel que aquelles pronomes têm o poder de chamar a si a particula; nos maiores classicos foi quasi sempre esta a construcção seguida. Darei alguns exemplos justificativos:

P. Antonio Vieira, cit. de Grivet, *Gram. Anal*, p. 198:

«Se tendes posto muito perto ao rei, *tudo se* vos sujeita».

A. F. de Castilho, *Vivos e Mortos*, vol. III, p. 51:

«*Nenhuma* tradição se conserva no convento, ainda mesmo entre as antigas moradoras.»

Garret, *Helena*, p. 136:

« Entraram os dois amigos, e apenas foram vistos, ajoelharam junto ao leito, e *ninguem se* occupou delles».

Exemplo de Grivet, *op. cit*:

« *Nada me* agrada...»

Menos feliz ainda é a critica do meu illustre arguente á quarta regra, que diz:

« Nas proposições affirmativas e independentes, o pronome é enclitico, isto é, segue o verbo.»

O exemplo de Vieira, com que a pretende invalidar: « *Muito me* apraz dizel-o»— não lhe concerne, porquanto, sendo *muito* adverbio de quantidade, incorre na lei de attracção dos pronomes, que deixei claramente figurada no meu artigo anterior,—lei que não padece contestação, aceita e formulada pelo sr. João Ribeiro, em sua *Grammatica* e em seus *Estudos Philologicos*, e pelo sr. Ruy Barbosa, em sua *Replica*.

O mesmo podia dizer, *mutatis mutandis*, sobre os exemplos, ainda de Vieira: —«*Eu me* arranco daqui com magoa e dor»— e de Camões:—*Ella lhe* prometteu»—pois que *eu* e *ella*, nos casos previstos, são sujeitos das orações, e os sujeitos gosam de eguaes propriedades attrahentes dos adverbios de quantidade, negação e tempo, para com o pronome obliquo.

O exemplo de Bocage é que não tem justificativa; quem é, porém que considera esse grande poéta classico da lingua?

Passo agora ao caso da anteposição claudicante do artigo ao pronome *que*, em proposições interrogativas não subordinadas a uma acção clara ou occulta.

Neste particular é ainda uma vez infundada a critica do meu illustre arguente.

« Os melhores classicos, escreve o dr. Ruy Barbosa (*Replica*, p. 36) nunca admittiram semelhante attentado á syntaxe e ao bom senso.» Camões, Vieira, Fr. Luis de Sousa, P. Bernardes, Barros, Duarte Nunes, A. Ferreira, Jacintho Freire, nunca, absolutamente, commetteram tal erro; debalde serão suas obras esmiuçadas, e nenhum exemplo se achará do artigo *o* antecedendo o pronome

rá do artigo *o* antecedendo o pronome indefinido *que*, em phrases interrogativas, não complementares, objectivas ou integrantes.

No *Opusculo* do dr. fr. João Claro, monge de Alcobaça, um dos primeiros documentos da lingua, encontra-se:

« *Que* te direy mais da mjnha malicia, que me non pesar quanto deve da morte dos que muyto amo ?»

No *Leal Conselheiro*, d. Duarte, pagina 203, *apud* Ruy Barbosa:

« Nom queiraaes porem seer contynuadamente cuydadosos, dizendo *que* comeremos, ou *que* beveremos, ou de *que* nos cobriremos ? »

Nos *Lusiadas*, de Camões, 1ª ed. de 1572, fls. 9, canto I: (Nesta edição as estrophes não estão numeradas, como o são nas subsequentes):

«Quem eram, de que terra, *que* buscavão,
Ou que parte do mar corrido tinham ? »

Canto V, fls. 103:

«Vos a quem mais compete esta vingança,
Que esperais, porque a pondes em tardança ?

Em P. Antonio Vieira, exemplo já citado neste artigo :

« *Que* faz o lavrador na terra cortando a com o arado ?

Creio que bastam estes exemplos, os que já adduzi e a affirmativa, sumptuosamente comprovada, do dr. Ruy Barbosa, para dissipar todas as duvidas sobre o assumpto.

Conheço a discussão a respeito travada entre os drs. Heraclito Graça e Candido de Figueiredo e, em que pese ao meu amor proprio de brasileiro, força é convir que o escriptor português levou sobre o nosso distincto patricio evidentissima vantagem.

Para melhores esclarecimentos, remetto o meu illustre arguente ao ultimo livro de Candido de Figueiredo, *Problemas da Linguagem*, paginas 144 e seguintes, onde a questão se acha perfeitamente elucidada.

Assim, pois, persisto em affirmar que se não pode empregar o artigo definido *o* antes do pronome indefinido *que*, em proposições independentes e interrogativas, isto é, não subordinadas a uma acção clara ou occulta, integrantes ou objectivas.

Se, porém, se trata de uma proposição de natureza complementar, objectiva ou integrante, neste caso, a anteposição do artigo é legitima.

Agora, meu caro Oswaldo, me permitta uma resposta ao *Domingo a Domingo*, de Arthur de Albuquerque, no *Diario*, de hoje.

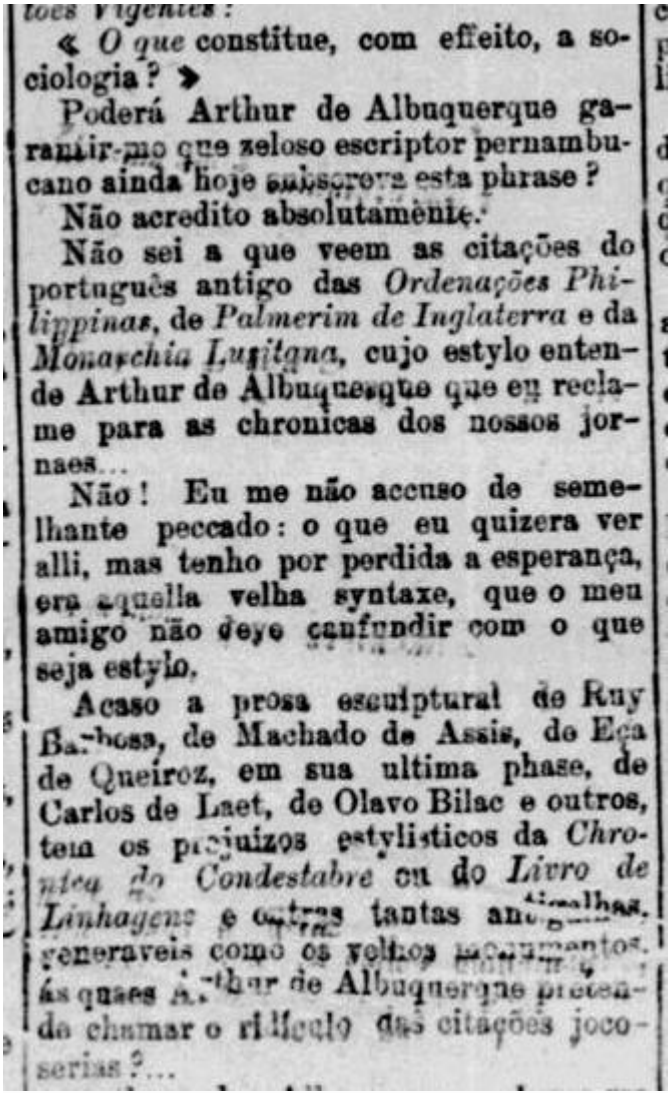
Com esse nosso amigo é impossivel discutir a serio... Pois se elle até lança á minha conta a incivil molestia que o obrigou a ficar de cama alguns dias e ainda o impide de sair á rua!...

Eu tinha noticia de certa indisposição passageira que afflige os estudantes nas occasiões de exames; mas, *influenza*... é a primeira que ouço tal!

Tomem nota os senhores clinicos: os meus artigos provocam *influenza*...

Entretanto, todos os meus argumentos ficaram de pé no meio daquella immensa móle de citações indigestas, a encher o roda-pé do *Diario*; nem um só foi sequer combalido ou contrariado.

De tantas citações, apenas, com ser de autor presente, quero tomar em consideração a do illustrado dr. Arthur Orlando, á pagina XVI do prologo das *Questões Vigentes*:



toes vigentes?

« *O que* constitue, com effeito, a sociologia? »

Poderá Arthur de Albuquerque garantir-me que zeloso escriptor pernambucano ainda hoje subscreva esta phrase?

Não acredito absolutamente.

Não sei a que veem as citações do português antigo das *Ordenações Philippinas*, de *Palmerim de Inglaterra* e da *Monarchia Lusitana*, cujo estylo entende Arthur de Albuquerque que eu reclame para as chronicas dos nossos jornaes...

Não! Eu me não accuso de semelhante peccado: o que eu quizera ver alli, mas tenho por perdida a esperança, era aquella velha syntaxe, que o meu amigo não deve confundir com o que seja estylo.

Acaso a prosa esculptural de Ruy Barbosa, de Machado de Assis, de Eça de Queiroz, em sua ultima phase, de Carlos de Laet, de Olavo Bilac e outros, tem os prejuizos estylisticos da *Chronica do Condestabre* ou do *Livro de Linhagens* e outras tantas antiguidades, veneraveis como os velhos monumentos, ás quaes Arthur de Albuquerque pretende chamar o ridiculo das citações jocosérias?...

Arthur de Albuquerque chama-me *impertinente*... Porque? Que accepções terá este vocabulo no famoso *dialecto brasileiro*, que elle se jacta de praticar?

Não sei... Deve ser bôa e gentil, porque o meu amigo não tinha razão alguma para magoar a quem, a elle se dirigindo, só teve delicadezas. Demais, póde merecer semelhante qualificativo quem, provocado á uma discussão de doutrina, não faz mais do que acudir ao chamado?

Basta, meu caro Oswaldo Machado. Sou seu amigo affectuoso,

RODOLPHO GARCIA.

Em 27 Agosto 1905.

Jornal de Recife (PE) - Ano 1905\Edição 00194 (1)

O dr. Clovis Bevilaqua endereçou ao dr. Julio Pires a seguinte carta :

« *Illustrado amigo sr. dr. Julio Pires.*—Venho trazer-lhe os meus agradecimentos e os meus applausos. Os agradecimentos reclama a gentileza com que se lembrou de me offerecer os seus dois ultimos livros de *Grammatica portugueza*, e os applausos traduzem a synthese de meu juizo sobre os dois alludidos trabalhos.

Na *Grammatica portugueza* para uso dos cursos primarios, as noções se acham diluidas e ao mesmo tempo condensadas, de modo a penetrarem sem esforço na intelligencia dos pequenos, para quem o estudo abstracto das regras grammaticaes é sempre aspero e fatigante como todo o estudo que fala mais á memoria do que á intelligencia e mais ao intellecto do que á emotividade. Se os meninos têm de aprender grammatica, é preciso que esta se apresente reduzida ao que fôr essencial, que prime pela clareza e que se insinue intuitiva e praticamente no espirito dos alumnos.

Encarada por esse angulo, a sua grammatica para o curso primario satisfaz plenamente, porque é simples, clara e pratica.

No curso medio e superior, já é admissivel aprofundar noções e desenvolver os germens semeados no curso primario. E' o que faz a sua *Grammatica*, onde o leitor estudioso encontra a *exposição dos factos da linguagem* segundo a orientação dos melhores mestres. Principalmente na estymologia, na exposição historica da formação da lingua, naquillo que justamente imprime uma feição scientifica á grammatica, o seu trabalho é meritorio pelo criterio com que, no intricado das opiniões divergentes, soube descobrir o desdobramento dos factos.

brir o desdobramento dos factos.

Os estudos de grammatica, aqui no Brasil transformados e consideravelmente melhorados com os emprehendimentos de Grivet, Julio Ribeiro, Pacheco Junior, Lameira de Andrade, têm adquirido ultimamente grande estima. João Ribeiro, Heraclito Graça, Fausto Barreto, Mario Barreto, Silva Ramos e tantos outros, continuam a cultivar com amor e competencia o campo da philologia. A questão do Codigo civil, que de juridica se transformou em grammatical, veio revelar ao Brasil uma erudição vastissima em tudo quanto respeita á lingua portugueza. O dr. Carneiro Ribeiro, apezar de sua *Grammatica philosophica* e dos *Serões grammaticaes*, era apenas conhecido na Bahia, por seus dis-

cipulos e, naturalmente, pelos especialistas. Foi com as *Ligeiras observações* e especialmente com a *Redacção do projecto do Codigo civil e a replica do dr. Ruy Barbosa* que o Brasil reconheceu nelle um mestre consummado, alliando á mais exacta e profunda sciencia da lingua a elegancia artistica do escrever. Ao menos esta compensação nos trouxe o desvio da questão do Codigo civil: determinou a elaboração de um livro em que se apuram os ultimos resultados da sciencia grammatical no Brasil.

Ao lado destes notaveis philologos colloca-se o auctor das *Notas sobre a lingua portugueza* e da *Grammatica portugueza* (2.º anno), que tem a orientação scientifica de Julio Ribeiro e a preoccupação de estudar os factos da linguagem como é a tendencia do grupo de philologos citado em ultimo logar.

O estudo pratico da lingua é utilissimo para dar apoio ás generalisações scientificas. Infelizmente conduz elle, muitas vezes, ou a uma preoccupação doentia de purismo, dando ao estylo uma feição artificial que estrangula a alma do escriptor, como se vê nas *Paginas estheticas* de João Ribeiro que, aliás, é um espirito superior; ou a impertinencias pretenciosas que desconhecem a evolução organica da lingua e a capacidade creadora dos artistas.

Felizmente [illegible] como quasi todos os bons

dos artistas.

Felizmente v., como quasi todos os bons mestres cujos nomes invoquei, tem o espirito aberto ás idéas que procedem de todos os pontos cardeaes e não se deixa arrastar por injustificados preconceitos. Poude assim escrever uma excellente grammatica portugueza que ensina a disciplina da lingua, estimulando as faculdades do raciocinio, que estabelece a bôa norma do dizer, sem a pretenção de fixar regras que se não baseiam na reiterada observação dos factos e na intelligente interpretação das leis que presidem á manifestação do pensamento pela palavra.—*Clovis Bevilaqua.* »

A Provincia: Orgão do Partido Liberal (PE) - Ano 1906\Edição 00010 (1)

De domingo a domingo

Permitta o leitor que eu continue aqui umas considerações que me despertou a grammatica portugueza do dr. Julio Pires Ferreira.

Completo assim o compromisso contrahido.

—

Reina, em relação, não a centenas e sim a milhares de palavras, a mais desanimadora anarchia, dizia, em 1874, A. Grivet, em sua *Nova Grammatica Analytica.*

E o notavel pedagogo, cuja obra, pela robustesa de logica e pela vasta erudição, o festejado litterato Francisco Octaviano, em seu relatorio ao ministro, julgou se destacar completamente das outras de igual natureza, perguntava:

Donde vem que, não faltando á lingua portugueza nem diccionarios, nem grammaticas, a sua orthographia esteja ainda em tal desamparo?

Sotero dos Reis e Theophilo Braga estatuem que a ortographia se aprende mechanicamente, observando-se o uso dos escriptores contemporaneos da melhor nota, rectificado pelo diccionario.

A julgar, pois, pelos primorosos trabalhos glottologicos de Adolpho Coelho, era de esperar que as lacunas da graphia portugueza fossem suppridas pelo seu annunciado *Diccionario etymologico.*

Assim acreditava em 1833 o dr. Augusto Freire da Silva, cathedratico da Lingua Nacional no Curso annexo á Faculdade de S. Paulo e autor de um excellente compendio para uso dos alumnos de humanidades.

Entretanto, nós já vimos que o erudito philologo não resolveu o problema.

Nem elle, nem nenhum outro que depois delle se tenha occupado do assumpto.

Continuamos, portanto, na desanimadora anarchia de que fallava Grivet.

A tendencia moderna é, como diz o dr. Julio Pires, despojar as palavras dos seus elementos superfluos: lettra que não sôa deve desapparecer.

Mas isso é firmar sobre a ortographia a preferencia da pronuncia, onde as difficuldades não são menores.

A base é falsa, hão de convir, e o trabalho contraproducente.

Existem regras fixas sobre a prosodia?

No prefacio de seu livro responde Adolpho Coelho:

« Não temos um typo de pronuncia que seja geralmente considerado como o preferivel em todas as suas formas; a linguagem dos doutos, dos litteratos diverge nesse ponto bastante, de terra a terra, de individuo para individuo, e os proprios individuos representam em geral pronuncias mixtas para que possa admittir-se a existencia de tal typo unitario. »

E o diccionarista, no seu embaraço, indicou, por meio d'um alphabeto simplificado, todas as lettras que *em geral* se pronunciam!

A balburdia não diminuio com esse alphabeto.

Ha alli vocabulos congeneres e oriundos da mesma raiz que são absolutamente, perante o uso, discordes no accento e na escripta.

Tambem no diccionario do sr Candido de Figueiredo as contradições existem patentes.

O dr. Ramiz Galvão aponta-as innumeras e opina que o autor das *Lições praticas* preferio o registo fiel dos erros e das incongruencias actuaes.

Todos reclamam a uniformisação, harmonia e simplicidade da ortographia, mas até hoje ninguem teve autoridade e forças para impôr qualquer reforma decisiva.

E' para lastimar isso, confesso.

Nos seus *Estudos de litteratura*, o sr. José Verissimo accentúa que a lingua portugueza não tem ortographia.

Herculano, Castilho, Garrett, Castello Branco, os quatro mais consideraveis escriptores da moderna litteratura portugueza, cada um tem a sua graphia especial.

E de cada escriptor portuguez ou brasileiro se póde dizer o mesmo.

Cada jornal, cada officina typographica tem o seu modo pecular de graphar, a que chama pittorescamente *a ortographia da casa.*

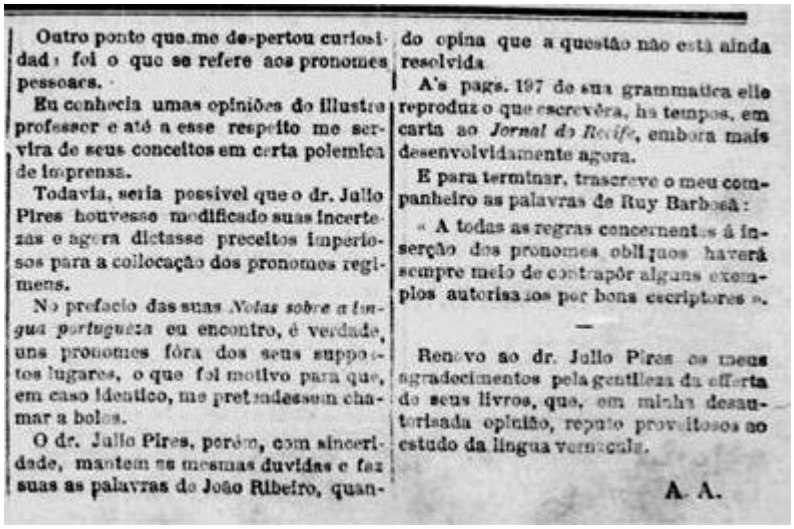
E' mais ou menos o que escreve o eminente critico.

Mas, quem accusará de erroneas semelhantes ortographias?

A porta está aberta e bem larga para todas as desidias e presumpções.

E sobretudo os presumidos, os pretenciosos não faltam.

Não está, felizmente, nesse numero o dr. Julio Pires, cuja grammatica é antes um registo de opiniões alheias, methodicamente expostas, ao alcance dos seus alumnos.



Outro ponto que me despertou curiosidade foi o que se refere aos pronomes pessoaes.

Eu conhecia umas opiniões do illustre professor e até a esse respeito me servira de seus conceitos em certa polemica de imprensa.

Todavia, seria possivel que o dr. Julio Pires houvesse modificado suas incertezas e agora dictasse preceitos imperiosos para a collocação dos pronomes regimens.

No prefacio das suas *Notas sobre a lingua portugueza* eu encontro, é verdade, uns pronomes fóra dos seus supposstos lugares, o que foi motivo para que, em caso identico, me pretendessem chamar a bolos.

O dr. Julio Pires, porém, com sinceridade, mantem as mesmas duvidas e faz suas as palavras de João Ribeiro, quando opina que a questão não está ainda resolvida.

A's pags. 197 de sua grammatica elle reproduz o que escrevêra, ha tempos, em carta ao *Jornal do Recife*, embora mais desenvolvidamente agora.

E para terminar, trascreve o meu companheiro as palavras de Ruy Barbosa:

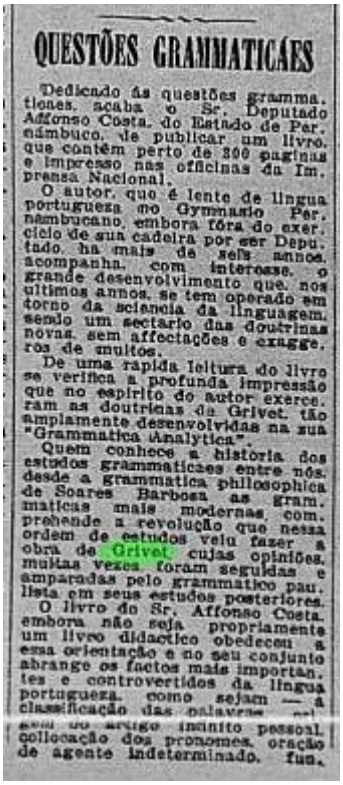
« A todas as regras concernentes á inserção dos pronomes obliquos haverá sempre meio de contrapôr alguns exemplos autorisados por bons escriptores ».

—

Renovo ao dr. Julio Pires os meus agradecimentos pela gentileza da offerta de seus livros, que, em minha desautorisada opinião, reputo proveitosos ao estudo da lingua vernacula.

A. A.

Diario de Pernambuco (PE) - Ano 1906\Edição 00004 (1)



QUESTÕES GRAMMATICAES

Dedicando ás questões gramma. ticaes, acaba o Sr. Deputado Affonso Costa, do Estado de Per. nambuco, de publicar um livro, que contém perto de 300 paginas e impresso nas officinas da Im. prensa Nacional.

O autor, que é lente de lingua portugueza no Gymnasio Per. nambucano, embora fóra do exer. cicio de sua cadeira por ser Depu. tado, ha mais de seis annos, acompanha, com interesse, o grande desenvolvimento que, nos ultimos annos, se tem operado em torno da sciencia da linguagem, sendo um sectario das doutrinas novas, sem affectações e exagge. ros de muitos.

De uma rapida leitura do livro se verifica a profunda impressão que no espirito do autor exerce. ram as doutrinas de Grivet, tão amplamente desenvolvidas na sua "Grammatica analytica".

Quem conhece a historia dos estudos grammaticaes entre nós, desde a grammatica philosophica de Soares Barbosa as gram. maticas mais modernas, com. prehende a revolução que nessa ordem de estudos veiu fazer a obra de Grivet, cujas opiniões, muitas vezes foram seguidas e amparadas pelo grammatico pau. lista em seus estudos posteriores.

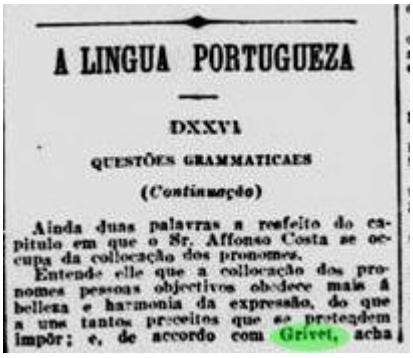
O livro do Sr. Affonso Costa, embora não seja propriamente um livro didactico obedeceu a essa orientação e no seu conjunto abrange os factos mais importan. tes e controvertidos da lingua portugueza, como sejam — a classificação das palavras, [illegible] do artigo indefinito pessoal, collocação dos pronomes, oração de agente indeterminado, fun.

ção do — "se" — voz passiva, svntemse de analyse, gallicismos, construcção das phrases e ques. tão orthographica.

Para confirmar os differentes exemplos que o autor offerece em abono dos principios e regras que defende, em seu trabalho, procurou sempre os escriptores de maior e mais segura reputação, como João de Barros, Ferreira, Ituy de Pina, Fernão Lopes, Camões, Bernardes, Bernardim Ribeiro, Quevedo, Frei Luiz de Souza, Sá de Miranda, Mendes Pinto, Rebello da Silva, Filinto Elysio, Rodrigues Lobo, D. F. Manuel de Mello, Herculano, Garrett, Ruy Barbosa e Carneiro.

O livro têm sido elogiado nas rodas dos entendidos.

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1908\Edição 00345 (1)



A LINGUA PORTUGUEZA

DXXVI

QUESTÕES GRAMMATICAES

(*Continuação*)

Ainda duas palavras a respeito do capitulo em que o Sr. Affonso Costa se occupa da collocação dos pronomes.

Entende elle que a collocação dos pronomes pessoas objectivos obedece mais á belleza e harmonia da expressão, do que a uns tantos preceitos que se pretendem impôr; e, de accordo com Grivet, acha

que, a tal respeito, mais se aprende na leitura dos bons modelos da lingua, do que nas lições dos grammaticos.

Quanto á primeira parte desta observação, parece-me que a belleza e a harmonia da expressão constituem conceito tão vago, que mal se podem indicar como processo: o que, em linguagem, é harmonico e bello em Portugal, póde ser, e é muitas vezes, feio e desharmonico no Brasil; e essa mesma differença se póde dar entre o Sr. Dr. Affonso Costa, em Pernambuco, e o Sr. João Ribeiro, no Rio.

Não vale a pena insistir na inconsistencia de tal processo.

Mas na segunda parte da referida observação do abalizado professor, ha só que aceitar e applaudir: na leitura dos bons modelos é que se aprende a boa collocação dos pronomes.

E quem disse já o contrario? Ninguem, creio eu.

São, com effeito, os bons modelos da lingua o que seguramente nos póde dirigir na collocação dos pronomes pessoaes.

E por isso eu pedi aos *bons modelos da lingua* os factos que constituem o livro *Problema da collocação dos pronomes*; e desses factos facilmente os grammaticos deduzirão preceitos, que consubstanciem o que Grivet chama a *unica norma attendivel*: modo de proceder dos classicos.

O Sr. Affonso Costa evita a expressão *regras*, porque as desadora, e prefere a expressão *factos*, que redundam na mesma cousa.

Entre os *factos*, que elle considera como taes, alguns ha que são muito discutiveis. Assim, quando nos diz que a posposição ou anteposição é indifferente nas phrases affirmativas, não pesou devidamente o seu asserto, porque parece dar-nos a entender que, numa dada phrase, póde o pronome átono antepor-se ou pospor-se ao verbo, o que raríssimas vezes será verdade.

Bastará mencionarmos duas *phrases affirmativas*, consideradas como taes pelo autor, e que elle cita entre os exemplos da sua these:

1.ª — "Deus nos livre de tal méthodo."

Não é phrase affirmativa, mas supponhamos que o é. Em qualquer caso, não é alli indifferente a collocação do pronome *nos*. Se o fosse, poderiamos dizer: — "Deus livre-nos de tal methodo". — Mas esta construcção será o que quizerem: mas o que não é, não foi nem será, é portugueza.

2.ª — "Tudo isto se encadeava."

Tambem aqui não é indifferente a collocação do *se*. Quem disser: — "Tudo isto encadeava-se", não falla portuguez.

Passemos a outro ponto.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Lisboa, 4—IV—09.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1909\Edição 00118 (1)

—:«o»:—

MEU CANHENHO

—

NUM EXAME

Esta passou-se em Maceió entre uma candidata a uma cadeira no magisterio primario, o marido respectivo e um examinador philosopho.

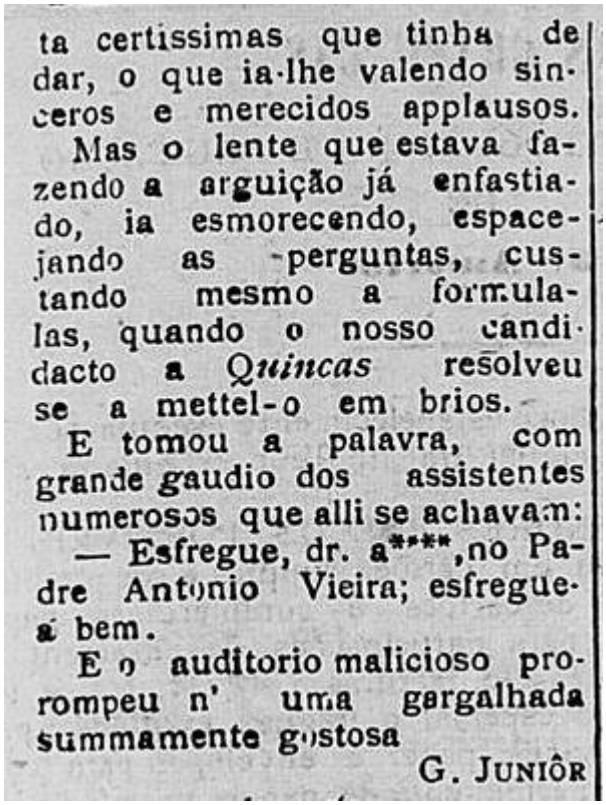
O exame era de portuguez o livro de analyse *Cartas Selectas* do Padre Antonio Vieira.

A examinanda, si não tinha dotes physicos notaveis, realçava por luminosa intelligencia e solido preparo.

Grivet, Sotero dos Reis, Alexandre Passos, Jeronymo Soares Barbosa, Aulette e outros grammaticographos lhe eram completamente familiares.

Tinha tambem manuseado com assiduidade os bons classicos portuguezes. O marido desvanecia-se da illustração da chara metade e exultava de jubilo ao vel-a fazendo uma figura tão singularmente honrosa perante uma banca constituida por gente de rara competencia.

Arguida por um grande espaço de tempo não vacillou nem titubiou nas respos-



ta certissimas que tinha de dar, o que ia-lhe valendo sinceros e merecidos applausos.

Mas o lente que estava fazendo a arguição já enfastiado, ia esmorecendo, espacejando as perguntas, custando mesmo a formula-las, quando o nosso candidacto a *Quincas* resolveu se a mettel-o em brios.

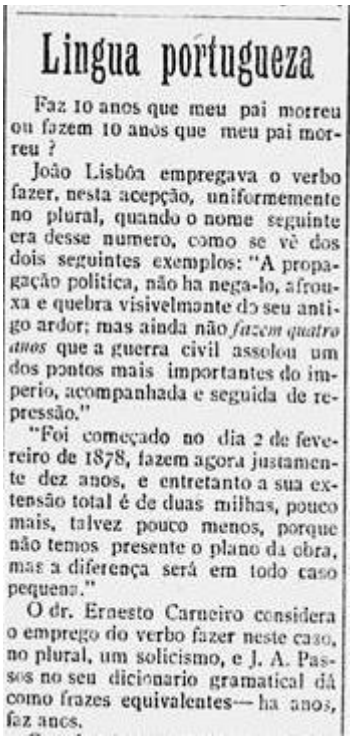
E tomou a palavra, com grande gaudio dos assistentes numerosos que alli se achavam:

— Esfregue, dr. a****,no Padre Antonio Vieira; esfregue-a bem.

E o auditorio malicioso prorompeu n' uma gargalhada summamente gostosa

G. JUNIÔR

O Monitor (AL) - Ano 1909\Edição 00026 (1)



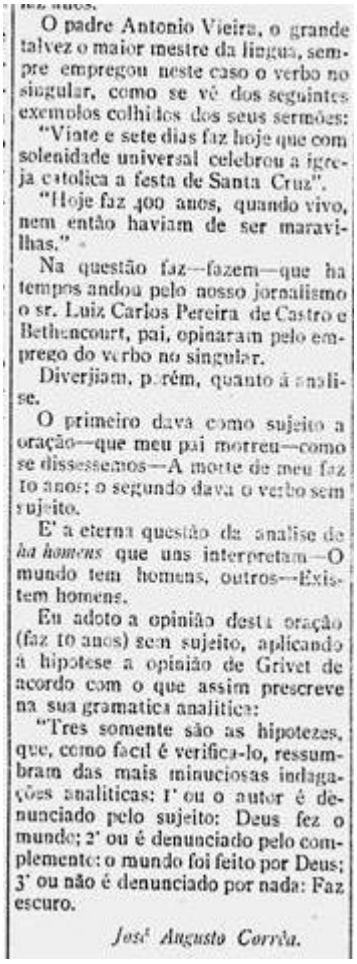
Lingua portugueza

Faz 10 anos que meu pai morreu ou fazem 10 anos que meu pai morreu ?

João Lisbôa empregava o verbo fazer, nesta acepção, uniformemente no plural, quando o nome seguinte era desse numero, como se vê dos dois seguintes exemplos: "A propagação politica, não ha nega-lo, afrouxa e quebra visivelmente do seu antigo ardor; mas ainda não *fazem quatro annos* que a guerra civil assolou um dos pontos mais importantes do imperio, acompanhada e seguida de repressão."

"Foi começado no dia 2 de fevereiro de 1878, fazem agora justamente dez annos, e entretanto a sua extensão total é de duas milhas, pouco mais, talvez pouco menos, porque não temos presente o plano da obra, mas a diferença será em todo caso pequena."

O dr. Ernesto Carneiro considera o emprego do verbo fazer neste caso, no plural, um solicismo, e J. A. Passos no seu dicionario gramatical dá como frazes equivalentes— ha annos, faz annos.



O padre Antonio Vieira, o grande talvez o maior mestre da lingua, sempre empregou neste caso o verbo no singular, como se vê dos seguintes exemplos colhidos dos seus sermões:

"Viste e sete dias faz hoje que com solenidade universal celebrou a igreja catolica a festa de Santa Cruz".

"Hoje faz 400 annos, quando vivo, nem então haviam de ser maravilhas."

Na questão faz—fazem—que ha tempos andou pelo nosso jornalismo o sr. Luiz Carlos Pereira de Castro e Bethencourt, pai, opinaram pelo emprego do verbo no singular.

Diverjiam, porém, quanto á analise.

O primeiro dava como sujeito a oração—que meu pai morreu—como se dissessemos—A morte de meu faz 10 annos: o segundo dava o verbo sem sujeito.

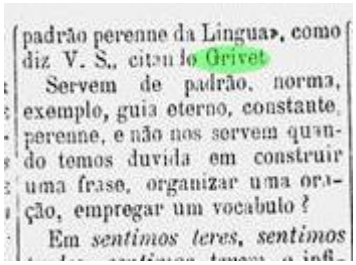
E' a eterna questão da analise de *ha homens* que uns interpretam—O mundo tem homens, outros—Existem homens.

Eu adoto a opinião desta oração (faz 10 anos) sem sujeito, aplicando á hipotese a opinião de Grivet de acordo com o que assim prescreve na sua gramatica analitica:

"Tres somente são as hipotezes, que, como facil é verifica-lo, ressumbram das mais minuciosas indagações analiticas: 1' ou o autor é denunciado pelo sujeito: Deus fez o mundo; 2' ou é denunciado pelo complemento: o mundo foi feito por Deus; 3' ou não é denunciado por nada: Faz escuro.

José Augusto Corrêa.

Pacotilha (MA) - Ano 1915\Edição 00254 (1)



padrão perenne da Lingua», como diz V. S., citando Grivet.

Servem de padrão, norma, exemplo, guia eterno, constante, perenne, e não nos servem quando temos duvida em construir uma frase, organizar uma oração, empregar um vocabulo?

Em *sentimos teres, sentimos*

Diario do Povo: Orgão do Partido Republicano Conservador (AL) - Ano 1916\Edição 00351 (1)

O "Paiz" apresentou hontem uma idéa muito interessante, muito curiosa, mas tambem muito exquisita: crear uma commissão de sujeitos sabidos em lingua portugueza para estudar o grave problema da orthographia e fixar um typo definitivo de graphia luso-brasileira.

Essa commissão, cujos membros seriam tirados da nossa Academia de Lettras e da Academia de Sciencias de Lisboa, por indicação destas duas sociedades, podia reunir-se ora aqui ora na inclyta Ulyssêa e — aqui é que está o gato — seria remunerada...

Realmente, se mandassemos para Lisboa meia duzia de grammaticos incumbidos de estudar grammatica, era justo remunerar-lhes o estudo, porque naturalmente elles, sem isso, não iriam, só por amor ás enclyses e proclyses, passar mezes e mezes no estrangeiro, com incommodo das suas familias e saudades dos seus amigos.

dos seus amigos.

Mas, francamente, haverá tão grave necessidade de gastar dinheiro com uma commissão de grammaticos num tempo em que se cuida de augmentar impostos e demittir em massa o funccionalismo? De mais a mais, não nos esqueçamos do seguinte: se até agora ha por ahi uma porção de cavalheiros que estudam grammatica e até brigam por causa da collocação dos pronomes, é porque não têm obrigação nem de estudar nem de brigar; e mais, carecem de estudar para viver; mas no dia em que o Estado garantir a esses pittorescos casmurros que são os grammaticos uma pensão certa para elles fixarem as regras de bem escrever a nossa lingua, nunca mais elles abrirão o Bluteau, nem o Brachet, nem o Grivet, nem o Bréal. No dia em que elles tiverem vencimentos para estudar só cuidarão de uma cousa: de obter um augmentosinho de vencimentos, vitaliciedade no cargo de grammaticos officiaes, com direito a aposentadoria, montepio, etc.

Depois, não é só isso. Sabido como é que os grammaticos nunca chegam a accordo — **grammatici certant** — essa commissão seria eterna. Podia até chamar-se: **Commissão Mixta, Movel e Permanente do Orthographia da Lingua Portugueza**: mixta, porque se compõe de academicos brasileiros e portuguezes; movel, porque se reune ora aqui ora em Lisboa; permanente, porque... Ora porque! Porque nunca o academico brasileiro o etymologico Osorio Duque Estrada entraria em accordo com o academico phonetico lusitano Candido Figueiredo. Mais ainda: a commissão de brasileiros academicos iria brigando desde aqui do nosso cáes Lauro Muller até o Terreiro do Paço; porque o sobredito Osorio Duque Estrada é etymologista, e o Sr. coronel de artilharia Medeiros e Albuquerque, tão academico como elle, é phonetista. O Sr. João Ribeiro adopta a graphia academica; ao passo que o Sr. Ruy Barbosa, presidente da Academia, não admitte essas tolas innovações e faz muito bem, porque conhece a lingua portugueza como o padre Vieira e traz todas as suas regras na ponta da lingua...

Por ahi vê o "Paiz" que a sua idéa nunca poderá ser posta em pratica, a não ser que se trate de uma cavação como outra qualquer e patrocinada pelo poder publico...

Gazeta de Noticias (RJ) - Ano 1916\Edição 00311 (1)

A lingua portugueza

Fatos de linguajem

Primeiro

Vulgarmente se diz faz, traz, diz, no imperativo, por apocope, mas o rigor gramatical exijiria faze, traze, dize, porque o imperativo se fórma das segundas pessôas do presente do indicativo com a queda do s.

Segundo

Faze, traze, dize afirmativamente; não faças, não tragas, não digas negativamente; é erro vulgar não faz, não traz, não diz.

Terceiro

Alegoria é uma figura pela qual damos a entender uma coisa empregando palavras bem diversas; só um espirito esclarecido poderá compreende-la.

Nas duas estancias abaixo dá Camões a entender que vai ficando velho e que precisa da conspiração das ninfas para concluir o seu immortal poema:

Vão os anos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o enjenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me
[abono.
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono.
Mas, tu me dá que cumpra, ó gran
[rainha
Das musas, com o que quero á nação
[minha:

(*Camões*, 346).

Um ramo na mão tinha... Mas,ó cégo!
Eu que cometo insano e temerario
Sem vós,ninfas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo,longo e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar,com vento tão contrario,
Que,sinão me ajudais,hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

(Camões, 267).

Quarto

Todos os dois é construção franceza, o portuguez tem o adjetivo dual ambos, ambos de dois, como emprega Camões, constitue arcaismo.

Quinto

Muitas gramaticas modernas conjugam o imperativo com cinco variações: ama tu—ame ele—amemos nós—amai vós—amem eles—. Sendo assim, pode-se considerar como principal oração:

"Cessem do sabio grego e do troiano as navegações grandes",sendo inutil entender para principal eu digo ou mando, como faziam os antigos; além disto, segundo Grivet, o subjuntivo nestes casos é um imperativo disfarçado.

Sexto

Do preterito perfeito do indicativo se forma o mais que perfeito, do mesmo modo é o preterito imperfeito e futuro do subjuntivo; deste modo de pude se deriva pudera, pudesse, puder e não podera, podesse, poder.

José Augusto Corrêa.

Pacotilha (MA) - Ano 1916\Edição 00043 (1)

A lingua portugueza

Trechos extraidos dos sermões do padre Antonio Vieira:

Primeiro

Não obstante Candido Figueiredo entender que o gerundio não se pode empregar com função adjetiva, é do padre Antonio Vieira o seguinte exemplo em que claramente o gerundio *lutando* modifica *homem* com valor da clausula *que lutava*: "Um homem lutando com uma fera era o espetaculo dos cesares".

Ainda o grande escritor continuando diz: "Um homem lutando com a má fortuna, é o espetaculo de Deus"; claramente se percebe:—um homem que luta com a má fortuna, é o espetaculo de Deus.

Segundo

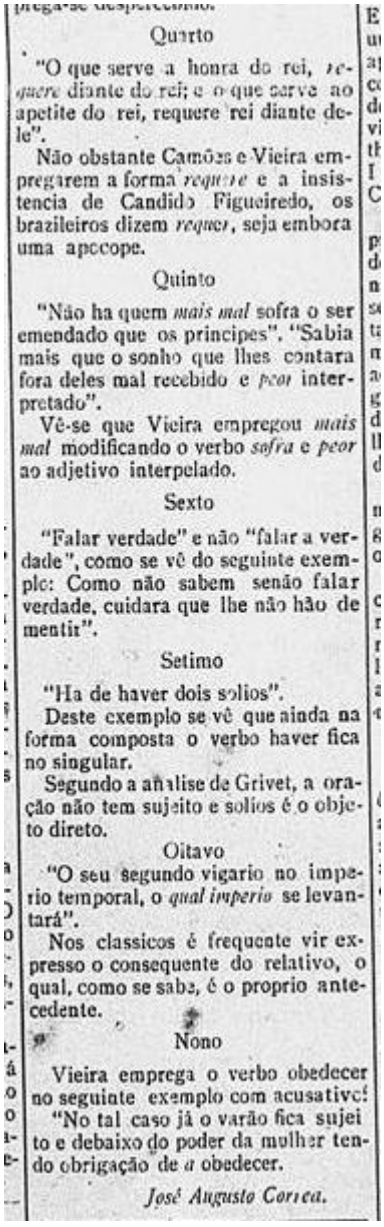
"Uma pouca de luz", e não "um pouco de luz", diz ele: "Deus vos déu uma pouca de luz".

Terceiro

"O exercito marchasse logo a Portugal, enquanto estava desapercebido".

Compreende-se que desapercebido é—não aparelhado, não preparado.

Querendo exprimir *não atento*, emprega-se despercebido.



Quarto

"O que serve a honra do rei, *requere* diante do rei; e o que serve ao apetite do rei, requere rei diante dele".

Não obstante Camões e Vieira empregarem a forma *requere* e a insistencia de Candido Figueiredo, os brazileiros dizem *requer*, seja embora uma apocope.

Quinto

"Não ha quem *mais mal* sofra o ser emendado que os principes". "Sabia mais que o sonho que lhes contara fora deles mal recebido e *peor* interpretado".

Vê-se que Vieira empregou *mais mal* modificando o verbo *sofra* e *peor* ao adjetivo interpelado.

Sexto

"Falar verdade" e não "falar a verdade", como se vê do seguinte exemplo: Como não sabem senão falar verdade, cuidara que lhe não hão de mentir".

Setimo

"Ha de haver dois solios".

Deste exemplo se vê que ainda na forma composta o verbo haver fica no singular.

Segundo a analise de Grivet, a oração não tem sujeito e solios é o objeto direto.

Oitavo

"O seu segundo vigario no imperio temporal, o *qual imperio* se levantará".

Nos classicos é frequente vir expresso o consequente do relativo, o qual, como se sabe, é o proprio antecedente.

Nono

Vieira emprega o verbo obedecer no seguinte exemplo com acusativo:

"No tal caso já o varão fica sujeito e debaixo do poder da mulher tendo obrigação de *a* obedecer.

José Augusto Correa.

Pacotilha (MA) - Ano 1916\Edição 00086 (1)

NOTAS A' MARGEM

(Conclusão)

Quando não seja, como já ficou de certo modo provado, "para amenisar a monotonia das flexões pessoaes" em dois verbos no infinito que se empregam successivamente na mesma phrase, ou quando "taes locuções são variantes de verbos periphrasticos gerundiaes" — havendo nesses exemplos a ellipse do verbo regente que justifica a forma *impessoal*, tornando-a obrigatoria, segundo Grivet", ha ainda outras razões de ordem morphologica que influem sobremaneira na combinação harmonica dos elementos, estabelecendo principios antagonicos em jogo, litigio grammatical em que somente um accordo entre partes com o voto supremo de um philologo de nomeada decidirá peremptoriamente firmando no caso a verdadeira doutrina. *Serpes nisi serpentem comederit non fit draco.*

Para corroborar a asserção dessa verdade, eu, que vivo sempre a esmeuçar questiunculas grammaticaes no labyrintho das boas obras e publicações, escrevendo ás vezes alguma coisa a respeito dellas, cá para mim e no meu fraco entender, vacillo de ordinario no emprego do infinito dos verbos e, mesmo, fico em duvida por muito

Gazeta do Commercio (SC) - Ano 1917\Edição 00037 (1)

ta que se lhe haja afigurado. *Insignissima honra!* Mas então, não percebeu v., Osorio Duque Estrada, que isso é uma tolice de marca maior? E os seus ouvidos de bardo e de critico nem de leve se incommodaram com aquella *má honra* que reméda um urro, tremenda assonancia que só entre irracionaes ou selvagens poderia ser ouvida sem horror? Imagino o effeito que isso não produziu naquella assembléa presidida pelo sr. Ruy Barbosa, talvez, no presente, o mais perfeito phraseador da lingua portugueza!

Alem disso, Duque Estrada, o vocabulo *insigne* é daquelles a que naturalmente repugna o superlativo synthetico. Está rigorosamente no caso dos a que se refere o sapiente Grivet nas seguintes palavras que se encontram á pag. 146 da *Grammatica Analytica*:

"A mesma pratica dá igualmente a conhecer que um numero assaz avultado de adjecti-

prada? Que cousa é a prosperidade humana, *sendo* um vento que corre todos os rumos? Finalmente, que cousa é a mesma vida, *sendo* uma alampada accesa? (*Apud* Grivet: *Gramm. Analytica*, pag. 207).

Logo a seguir, ao longo da pag. 56, caem-lhe da penna os seguintes despropositos: tem sido essa *a pauta e a norma* do passado;—em pouquissima *conta tenho*;—em toda uma obra immensa, de cerca de sessenta volumes, e através da qual se patenteia a personalidade de um extraordinario polygrapho, que foi ao mesmo tempo critico, philosopho, orador, polemista, ethnologo, historiador, jurista, poeta, professor, sociologo e *pamphletista*, *ha*, evidentemente, a par de grandes lacunas e defeitos, que lhe desprimoram a belleza, outros tantos *predicados e qualidades* que bastam para tornar a memoria do publicista benemerita *não só dos louvores, como até mesmo da gratidão e dos applausos* da pos-

Pacotilha (MA) - Ano 1917\Edição 00151 (1)

A. Freire da Silva

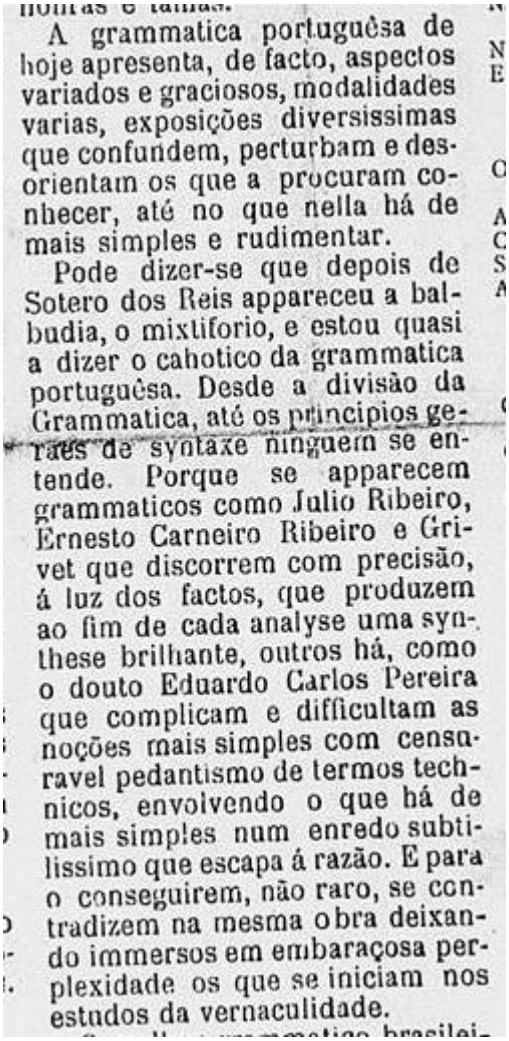
Há poucos dias o telegrafo communicou ao país o fallecimento de Augusto Freire da Silva, professor do Gymnasio de S. Paulo.

Notavel professor, deixa uma obra de valor, que é a sua *Grammatica Portuguêsa*.

Entre tantas que se recommendam á leitura dos estudiosos a de Augusto Freire tem collocaçao distinta.

E' um compendio escripto em linguagem clara, francamente comprehensivel, capaz de ser assimilado, sem auxilio de mestres. O grammatico expõe os factos com a nitidez propria dos que durante annos cuidam de assumptos grammaticaes, com a limpidez apreciavel dos que tem o habito de transmittir a discipulos o saber que longas vigilias accumularam, com a pratica segura que distingue os que no magisterio aos conhecimentos da materia alliam o preparo pedagogico.

Convem salientar estas qualidades da obra de Augusto Freire da Silva para que o seu merecimento não fique ao mesmo nivel em que se acham grammaticos modernos cobertos pela critica, de honras e famas.



nouras e tantas.

A grammatica portuguêsa de hoje apresenta, de facto, aspectos variados e graciosos, modalidades varias, exposições diversissimas que confundem, perturbam e desorientam os que a procuram conhecer, até no que nella há de mais simples e rudimentar.

Pode dizer-se que depois de Sotero dos Reis appareceu a balbudia, o mixtiforio, e estou quasi a dizer o cahotico da grammatica portuguêsa. Desde a divisão da Grammatica, até os principios geraes de syntaxe ninguem se entende. Porque se apparecem grammaticos como Julio Ribeiro, Ernesto Carneiro Ribeiro e Grivet que discorrem com precisão, á luz dos factos, que produzem ao fim de cada analyse uma synthese brilhante, outros há, como o douto Eduardo Carlos Pereira que complicam e difficultam as noções mais simples com censuravel pedantismo de termos technicos, envolvendo o que há de mais simples num enredo subtilissimo que escapa á razão. E para o conseguirem, não raro, se contradizem na mesma obra deixando immersos em embaraçosa perplexidade os que se iniciam nos estudos da vernaculidade.

estudos da vernaculidade.

O melhor grammatico brasileiro, na expressão respeitavel do sr. Candido de Figueiredo, é o sr. João Ribeiro, e eu não conheço livro mais incolor, mais fraco, mais destestavel para os cursos do que a sua grammatica do terceiro anno, apesar da reconhecida competencia do afamado philologo, muitas e muitas vézes provada em estudos valiosos esparsos em revistas, jornaes, e que se acham até na sua propria grammatica.

Falo da grammatica do sr. João Ribeiro para me abster de referenciar os outros.

Nota-se que quasi todos tem a preocupação de dizer novidades, em termos novos. E dahi a diversidade, e mais que isso o prejuizo irremediavel com que se sobrecarrega a mocidade.

Imaginem o alunno que na sua primaria estou na grammatica de Verissimo Vieira, ou Pires, ou Vilhena Alves, ou Menezes Vieira, mas imaginem tambem que esse aluno estudou bem, de accordo com os processos aferidos pela pedagogia moderna.

Candidata-se em seguida a um exame de admissão ao curso secundario. Ao que lhe disseram chamar-se *artigo*, denomina o seu examinador — adjectivo articular. [illegible] o que são palavras agudas, graves ou exdruxulas, [illegible] quer [illegible] oxytono e proparoxytono. O que elle a chama de ve[illegible]

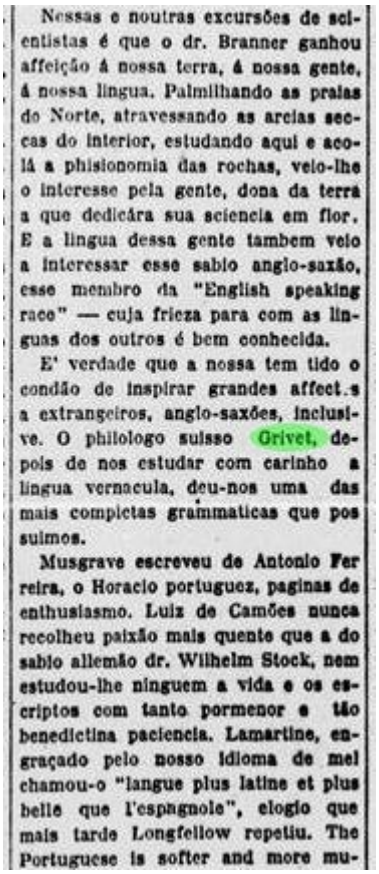
bo *bi-transitivo*, passa a ser *bi-objectivo*, ou de *predicação dupla*, etc. O verbo substantivo—*ser*, já é verbo de ligação.

O que o alumno aprendeu está nullo. Principia de novo. O alicerce que o curso primario lhe daria, falha completamente, pois com a technologia nova apparecem doutrinas novas.

Por tudo isto que ahi fica muito mais ainda que estas linhas ligeiras não comportam, eu não posso deixar de me referir com affecto ao compendio simples, facil e assimilavel desse grammatico de valor que acaba de desapparecer.

NASCIMENTO MORAES

O Jornal (MA) - Ano 1917\Edição 00705 (1)



Nessas e noutras excursões de scientistas é que o dr. Branner ganhou affeição á nossa terra, á nossa gente, á nossa lingua. Palmilhando as praias do Norte, atravessando as arcias seccas do interior, estudando aqui e acolá a phisionomia das rochas, veio-lhe o interesse pela gente, dona da terra a que dedicára sua sciencia em flor. E a lingua dessa gente tambem veio a interessar esse sabio anglo-saxão, esse membro da "English speaking race" — cuja frieza para com as linguas dos outros é bem conhecida.

E' verdade que a nossa tem tido o condão de inspirar grandes affect.s a extrangeiros, anglo-saxões, inclusive. O philologo suisso Grivet, depois de nos estudar com carinho a lingua vernacula, deu-nos uma das mais completas grammaticas que possuimos.

Musgrave escreveu de Antonio Ferreira, o Horacio portuguez, paginas de enthusiasmo. Luiz de Camões nunca recolheu paixão mais quente que a do sabio allemão dr. Wilhelm Stock, nem estudou-lhe ninguem a vida e os escriptos com tanto pormenor e tão benedictina paciencia. Lamartine, engraçado pelo nosso idioma de mel chamou-o "langue plus latine et plus belle que l'espagnole", elogio que mais tarde Longfellow repetiu. The Portuguese is softer and more mu-

Diario de Pernambuco (PE) - Ano 1919\Edição 00303 (1)

Não pequeno será o desserviço trazido á lingua, se a nossa Academia de Letras persistir no intento de levar ao cabo um diccionario de brasileirismos, o qual de modo algum deve preceder ao diccionario de genuino vocabulario. *Brasileirismo,* como o está entendendo aquelle areópago de humanistas, e segundo tem tomado a si demonstrá-lo o provecto sr. **Solidonio Leite**, é synonimo de corruptela, e toda corruptela vocabular nunca deixou de ser escalracho da linguagem. Não continue a egregia corporação a gastar o tempo com essas cogitações. O que lhe cumpre fazer é organizar o nosso diccionario, haja o que houver, custe o que custar, porque é esse dos seus fins o que mais lhe justifica e abona a existencia.

Esse, sim, o mais assignalado serviço que prestará á nossa cultura literaria, de que depende o aperfeiçoamento da lingua.

Já lá vão mais de tres seculos que a lingua francesa se estorcia em peiores condições do que a nossa. Incumbida, porém, que foi, a Academia Francesa de elaborar o diccionario normal, que o governo adoptou, para logo, como faz sentir **Grivet**, sob o influxo dessa organização definitiva a que aliás adheriram patrioticamente as mais altas intelligencias, veiu o idioma daquella nação a assumir a imponente preponderancia que exerceu e ainda exerce no mundo das idéas. Disto se faz manifesto que a almejada fixação da materna lingua só se completará, como a da francesa e a do castelhano se completaram, quando tivermos uma academia que nos dote com um diccionario.

E por que não no fará a nossa, se o caminho lhe está traçado?

Tendo ella, como tem, no seu seio, entre autoridades varias, notaveis profissionaes do philologia, e todos dentro da ordem — **João Ribeiro, Laet, Silva Ramos** e **Alberto Faria** —, bastaria que estes se constituissem em commissão central da grande obra, e empreendessem a revisão e fusão dos diccionarios, desde o de **Moraes** até o de **Ramiz Galvão**, para o que á propria competencia deveriam juntar a collaboração dos mestres, que nenhum lh'a negaria. E dest'arte quando obra original e completa não realizasse, dar-nos-ia, ao cabo de algum tempo, uma edição consideravelmente melhorada e accrescida do melhor dos nossos diccionarios, na qual se procuraria pôr termo á anarchia orthographica, com o simplificar e uniformizar a escripta; se incluiriam os innumeraveis vocabulos que ali não figuram, procurando-se de todos dar a legitima etymologia; esclarecer-se-iam pontos duvidosos da prosodia, da syntaxe, da lexicologia, á luz dos textos dos grandes escriptores. Ser-lhe-ia ainda dado, se o entendesse, ouvir a sua co-irmã de Lisbôa.

Será porventura irrealizavel esse trabalho? Não. Por que foi possivel a **Moraes**, no retiro solitario da Moribeca, em Pernambuco, elaborar um diccionario (1) ao alvorecer do seculo passado, e não póde hoje a Academia de Letras

(1) Refiro-me á 2ª edição.

Brasileira, num centro, como este, onde nada lhe falta e tudo lhe sobra, empenhar-se na feitura desse livro?

A' cerca do nosso inolvidavel lexicographo, desfaçamos uma injustiça com que se lhe diminue o merito.

O douto **Herculano** não via com olhos de sympathia aquelle grande compatriota nosso. A proposito da palavra *brial*, a que elle deu a significação de *manto dos cavalleiros*, disse o emerito historiador, em nota das suas *Lendas e Narrativas*: — *E' um dos bastos destemperos daquella babel da lingua portuguesa*. Não é babel da lingua o livro que se tornou, no conceito do autorizado sr. **Leite de Vasconcellos**, instrumento imprescindivel de quem quizer saber a lingua e escrevê-la com acerto. E por que foi assim destractado o nosso **Moraes**, não no sabemos; o que sabemos é que diccionario igual ao seu não no escreveu nenhum português, nem a lingua até hoje possue melhor, — confissão que faz amiúde o mais recente dos vocabularistas portugueses — **Candido de Figueiredo**.

Por tudo, fôra muito para desejar que a douta instituição do Syllogeu se desviasse das discussões em que se entretem, e começasse de trabalhar no «primeiro livro da nação, que é o diccionario da sua lingua...»

A TERCEIRA CONFERENCIA

Eis a logica do sr. Doria:

A humanidade não pode substituir a patria.

Esta é a cellula do organismo social.

Devemos defender a patria.

Até ahi nada de novo senão que "Le pays natal repose sur un point: la patrie, est partout où l'ame peut exercer toute son activité".

Rousseau confundiu o amor do paiz natal com o amor da patria. "Il y a entre l'effet de ces deux amours la même différence qui existe entre la nostalgie et l'enthousiasme national. L'enthousiasme national acquiert d'autant plus d'activité que la nation est plus grande; la nostalgie devient d'autant plus profonde que le pays est plus petit".

"Não duvideis, diz o Mestre: o homem é um sêr universal, cosmopolita por essencia. Elle não se isola senão degradando-se. Ha grande distancia sem duvida do amor de uma choupana aos do Universo: mas o sentimento é o mesmo. A differença é de extensão. Transportando este sentimento de uma choça á aldeia, e de uma aldeia á cidade, e de uma cidade a um Estado, e de um Estado a um Imperio, e de um Imperio ao Universo, é que o homem, a principio concentrado em si mesmo, extende-se, cresce, universalisa-se."

Quando censuraram Socrates de não amar a patria, elle respondeu olhando para o céu: "Enganae-vos, amo-a infinitamente". O commentador accrescenta: "Este philosopho entendia a patria mesmo acima das coisas visiveis". Por isso elle agiu melhor do que Demosthenes e Cicero: morreu para não violar as leis de Athenas.

Os estrangeiros provam com actos que a patria é por toda a parte onde se possa exercer a sua actividade. Esta definição vale mil vezes mais do que a conferencia do sr. Doria. E' um mundo de idéas!

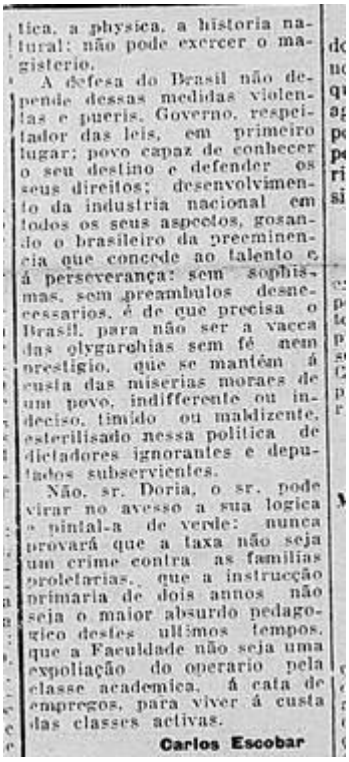
Mas ajudemos o sophista. Demos de barato que precisamos defender o Brasil ameaçado de dissolução. Como? Segundo o conferencista:

1) prohibindo o ensino das linguas estrangeiras ás crianças;

2) prohibindo que o estrangeiro, fosse um Grivet, ensine portuguez neste paiz.

Não estão os brasileiros convencidos de que pouco adianta conhecer uma lingua só, fosse a mais bella do mundo, a mais rica de termos, a mais expressiva? Para o caso brasileiro, o latim não se impõe como fonte original? O hespanhol e o inglez não são linguas dos povos limitrophes?

A prohibição ao estrangeiro de ensinar o portuguez é tão absurda que não merece reparo. Si elle conhece a lingua, como Grivet, porque se lhe ha de tolher um exercicio legitimo? Si elle a ignora, é o caso de ignorar-se a arithme-



tica, a physica, a historia natural: não pode exercer o magisterio.

A defesa do Brasil não depende dessas medidas violentas e pueris. Governo, respeitador das leis, em primeiro lugar; povo capaz de conhecer o seu destino e defender os seus direitos; desenvolvimento da industria nacional em todos os seus aspectos, gosando o brasileiro da preeminencia que concede ao talento e á perseverança: sem sophismas, sem preambulos desnecessarios, é de que precisa o Brasil, para não ser a vacca das olygarchias sem fé nem prestigio, que se mantém á custa das miserias moraes de um povo, indifferente ou indeciso, timido ou maldizente, esterilisado nessa politica de dictadores ignorantes e deputados subservientes.

Não, sr. Doria, o sr. pode virar no avesso a sua logica e pintal-a de verde: nunca provará que a taxa não seja um crime contra as familias proletarias, que a instrucção primaria de dois annos não seja o maior absurdo pedagogico destes ultimos tempos, que a Faculdade não seja uma expoliação do operario pela classe academica, á cata de empregos, para viver á custa das classes activas.

Carlos Escobar

O Combate: Independencia, Verdade, Justiça (SP) - Ano 1920\Edição 01662 (1)

c) que o inifnito pessoal constitue ao mêsmo tempo uma ANOMALIA e uma PRECIOSIDADE da lingua portuguesa e que, tanto neste como naquelle caracter, *não se póde vulgarizar ou malbaratar o seu emprego;*

d) que o infinito *não póde ser identificado com as outras fórmas verbaes de caracter* DETERMINADO E DEFINIDO;

e) que, segundo Grivet (*Gramm. Analytica,* pag. 327, § 411). «o infinito participa do facto syntactico, SEM SER FACTO: é EXPRESSÃO VERBAL (Não esquecer que Grivet definia o verbo a palavra «que enuncia o facto»); NÃO CHEGA A ENUNCIAR DE PER SI UM FACTO, apenas enuncia um *acto;*»

f) que (*citado autor*), (Obra cit., 339, § 443), «ao avesso das idéas, que parecem geralmente prevalecer, a IMPERSONALIDADE É PROPRIEDADE ESSENCIAL DESTE MODO (o modo no infinito), e a *personalidade,* propriedade accidental»;

g) que o infinito NÃO É VERBO, mas nome; que, se não é verbo, *deve ser indeclinavel em pessôa;*

chegaremos ás seguintes CONCLUSÕES:

a) o emprego do infinito pessoal deve ser o MAIS RESTRICTO POSSIVEL;

b) a IMPESSOALIDADE constitue a NORMA GERAL; a pessoalidade, excepção;

c) o infinito pessoal e o infinito impessoal NÃO SE PODEM EMPREGAR INDISTINTAMENTE um pelo outro: cada um delles tem a sua órbita, o seu campo de acção propria. As razões para o emprego de um devem ser *diametralmente oppostas* ás razões para o emprego de outro. Estribado nesses e outros factos do genio da lingua, chegamos (salvas as «restricções» que a seu tempo e em seu logar proprio serão assignaladas) a conclusões que parece terem-nos habilitado a fixar, em NOVE CASOS, a linha divisoria dos dois infinitos. Organizámos para isso o seguinte:

ESCHEMA COMPARATIVO

INFINITO IMPESSOAL	INFINITO PESSOAL
1. Sentido abstracto (indeterminação da classe e da individualidade do sujeito);	1. Sentido concreto (determinação da classe e indeterminação da individualidade do sujeito);
2. Clareza;	2. Obscuridade, amphibologia;
3. Descuramento intencional (modestia, desprendimento);	3. Reforço intencional (emphase, enfatuação);
4. Pessoalidade do verbo *parecer;*	4. Impessoalidade do verbo *parecer;*
5. Contiguidade ou aproximação do verbo regido ao verbo regente;	5. Distancia ou apartamento do verbo regido ao verbo regente.
6. Sujeito em caso obliquo;	6. Sujeito em caso recto;
7. Posposição do adjunto adverbial infinitivo;	7. Anteposição do adjunto adverbial infinitivo;
8. Voz uni-accional (singular semiótico.	8. Voz multi-accional (plural semiótico);
9. Identidade dos sujeitos.	9. Não identidade dos sujeitos.

Revista de Lingua Portuguesa (RJ) - Ano 1921\Edição 00012 (3)

d) para EVITAR AMPHIBOLOGIA: As mulheres teem a seu mandar as lagrimas para *chorarem* — M. Bernardes (pud S. Tullio). (Com o infinito impessoal poderia parecer que o sujeito era o termo mais proximo *lagrimas*) — *Deixas* criar ás portas o inimigo, por *ires* buscar outro de tão longe — Camões (apud Said Ali). (Com o infinito impessoal poderia parecer que o sujeito era o termo mais proximo — *inimigo*) — Dirão que nos *trouxestes* a este deserto para aqui nos *tirardes* a vida e nos sepultardes — Vieira (apud Grivet). (Com o infinito impessoal poderia parecer que o sujeito era o termo mais proximo — *deserto*);

e) se a voz fôr REFLEXA: Fios de luz que SE entretecem sem SE *torcerem*, SE *cortam* sem SE *quebrarem*, SE concentram sem SE *confundirem* — Castilho (apud S. Tullio);

f) se a voz fôr RECÍPROCA: Valerio e Mariana *ficam* algum tempo de mãos dadas sem SE *olharem* — Castilho (apud S. Ali) — Ambos nos conheciamos, sem *dizermos* nada *um ao outro* — M. Assis (*C. Fluminenses*, p. 291).

11) Quando o infinito funccionar como *sujeito do finito*, — estando o sujeito do infinito em FUNCÇÃO OBJECTIVA INDIRECTA ao finito e, como tal, *regido de preposição: Importa* AOS PRELADOS *fazer* todo o esforço e resistencia — M. Bernardes (*Nova Floresta*, V, 37). — *Era impossivel* AOS PASSAGEIROS e AOS MORADORES *penetrar* na casa do solitario — M. Assis (*Contos Fluminenses*, pag. 274) — Nem se permitte AOS CIDADÃOS *subtrair* á publicidade — Ruy Barbosa (*Nullids. de Arbitr.*, p. 11, § 9) — A *estas* não lhes era possivel *lançar* mão do outro systema — Idem (*Idem*, p. 12, § 10).

Tomando o primeiro exemplo: O sujeito de *importa* (modo finito) é *fazer* (modo infinito); *o* objecto indir. de *importa* é *aos prelados;* o sujeito de *fazer é* tambem *os prelados;* este termo funcciona, pois, *cumulativamente* como sujeito de um verbo, e como objecto indirecto de outro, — verdadeira «anomalia grammatical». Prevalecendo a funcção de objecto indirecto á de sujeito, vem por isso aquelle termo regido de preposição, assumindo, pois, o caso obliquo, que não o recto. Resulta d'ahi que aquelle termo *não tem força regencial para levar ao plural o verbo de que é sujeito:* por isso o infinito fica insensivel á flexão. O caso obliquo facilmente se patenteia (se para tanto não bastasse a preposição *a*), — se o sujeito do infinito fôr um pronome: Importa-*lhes* fazer todo o esforço.

12) Quando o sujeito do infinito funccionar na frase *cumulativamente* como OBJECTO INDÍRECTO DO VERBO NO MODO FINITO: A lei estatue aos JUIZES *punir* os criminosos — A postura prescreve AOS NEGOCIANTES *pagar* multa — A Constituição delega AOS DEPUTADOS representar o povo.

Revista de Lingua Portuguesa (RJ) - Ano 1921\Edição 00012 (3)

por força da attracção que sobre elle exerce o predicativo: Para que não pudessemos duvidar *serem* isto obras da poderosa mão de Deus — João de Lucena (*Anth. Nac.*).

No exemplo dado o verbo *ser* deixou de concordar com o sujeito *isto* para concordar com o predicativo no plural; facto identico occorre com o verbo *ser* no modo finito: *Eram* tudo *memorias* de alegria. — Camões. Tudo *são instrumentos* necessarios ao meu officio de guardador. — F. R. Lobo. E' um puro caso de *concordancia attractiva,* que vem comprovar que o verbo ser (*copulativo ou de ligação*) se identifica mais como seu completivo que com o seu sujeito.

10) Quando o infinito, *com sujeito proprio,* funccionar como SUJEITO (caso recto) DO MODO FINITO: Póde bem ser *quererdes* saber a que venho. — *Euphros.*, Prol., (apud S. Tullio). — *Quererdes saber* (no infin.),. é sujeito fraseologico de *póde ser* (modo finito). — O que vos dá mais fama é *vencerdes* tantas ingratidões, tão grande inveja — Camões (*Sonetos,* 60) — (*Vencerdes* é sujeito de *é*).

11) Quando, *differentes sujeito* do finito e do infinito, — vier este APASSIVADO PELA PARTICULA SE: Eu vos prometto, filha, que *vejais esquecerem*-SE Gregos e Romanos — Camões (*Lusiadas,* 11, 44).

Este caso parece influenciado pelo 5º caso (vid.), dada a *analogia de construcção* que existe entre a voz reflexa, ou reciproca, e a voz passiva construida como o *se,* a ponto de se confundir uma com outra.

E' proprio da linha aproximar casos que se assemelhem, e procurar subordiná-los á mesma forma de concordancia; assim irá ella attingindo o seu magno escopo que é a *uniformidade.*

12) para EVITAR A AMPHIBOLOGIA, que esultaria do emprego do infinito impessoal, ex.: E crêde que haverei prazer de me *matardes* — Canc. D. Diniz (apud S. Ali). (Com o infinito impessoal *matar*, pareceria que o sujeito era *eu* e não *vós*) — Deixas criar ás portas o inimigo, por *ires* buscar outro de tão longe — Camões (*Idem,* IV, 101) — Com o infinito impessoal *ir,* pareceria que o sujeito era o *inimigo)* — Direi que nos trouxestes a este deserto para aqui nos *tirardes* a vida e nos *sepultardes.* — Vieira (apud Grivet). (Com o infinito impessoal *tirar, sepultar,* pareceria que o sujeito era *deserto).* Poderiamos citar um sem numero de exemplos analogos em que, militando razões para a impessoalidade, todavia o infinito se pessoaliza para evitar «dualidade de sentidos».

A' flexionalidade do infinito neste caso chama Said Ali «reforço necessario», para assim o distinguir da emphase, que constitue o que denomina «reforço intencional».

13) Quando, embora sejam communs o sujeito do infinito e o do finito, mediar *grande distancia* entre um e outro

NO DOMINIO DA LINGUAGEM

I

O meu ultimo livro — Lingua Portuguêsa", — agora publicado, mereceu do illustre critico do "Registro Literario" do "Jornal do Brasil", o Dr. Osorio Duque Estrada, minuciosa e lisongeira critica, o que, a par de outros juizos egualmente autorizados, embora benevolos, me serve de estimulo a não recuar na pesquiza e no estudo de tanto facto interessante e controvertido do nosso bello e opulento idioma. Agradecendo ao illustre academico as bondosas referencias que me dispensou, julgo-me, entretanto, no dever de replicar-lhe nos pontos em que divergiu de minhas opiniões a respeito de regras e principios ennunciados por mim e por mim defendidos no trabalho que foi objecto de sua brilhante critica. Li, com muito acatamento as razões do critico e ellas não me convenceram.

Não tenho nem posso ter, por minha vez, a presumpção de abalar e convencer a quem, como o Dr. Osorio, é mestre nesses assumptos e por isso mesmo já formou opinião assente e segura, depois de porfiado estudo e larga meditação, acerca das mais difficeis questões da lingua nacional, mas desejo demonstrar aos que, porventura, me lerem, que os conceitos e razões externados na "Lingua Portuguêsa" tambem se apoiam em factos re-

é exemplifica: "Este" relogio é bom, "aquelle" é ruim. O pronome "aquelle" está em logar do substantivo relogio e, ao mesmo tempo, limita-o indicando a distancia em que se acha a cousa que elle representa".

Não acceita o illustrado critico esta divisão, necessaria para facilitar a analyse grammatical dos termos que se nos deparam nas orações, porque "se o facto de se empregarem os adjectivos possessivos sem nome claro fosse razão bastante para os converter em pronomes, teriamos tambem pronomes numeraes e, em muitos casos, seriam egualmente pronomes demonstrativos os adjectivos — "este, esse" e "aquelle".

E' isto mesmo, os demonstrativos — "este, esse", e "aquelle" são adjectivos e são pronomes, como os numeraes tambem o podem ser. O que nos leva, em taxinomia, a classificar os termos grammaticaes é a funcção que cada um delles exerce no discurso; é pela funcção que distinguimos quando, na phrase, esta ou aquella palavra é substantivo ou verbo, pronome ou adjectivo, adverbio ou conjuncção. Ex.: A "falla" é privilegio do homem; Pedro "falla" muito; "esto" chapéo é "teu", mas aquelle é "meu". Irei "logo". Comeste? "logo" estás farto.

Na opinião e nos exemplos

conceitos e razões externados na "Lingua Portuguêsa" tambem se estribam em factos repetidos da linguagem, exemplos autorizados e juizos egualmente respeitaveis sob o ponto de vista do saber grammatical e da vernaculidade.

Ha, felizmente para mim, uma circumstancia que me é summamente agradavel pôr em relevo e é que, na desenvolvida critica do meu livro só em quatro pontos divergimos, notando-se ainda que em dous delles a nossa divergencia se origina exclusivamente do modo de encaral-os, como se verá adiante, quando, aliás, as divergencias entre escriptores e grammaticos a respeito de varias questões da lingua portugueza são numerosas, não havendo problema mais difficil do que chegarem os contendores á boa avença nos prelios travados em torno de principios e regras grammaticaes.

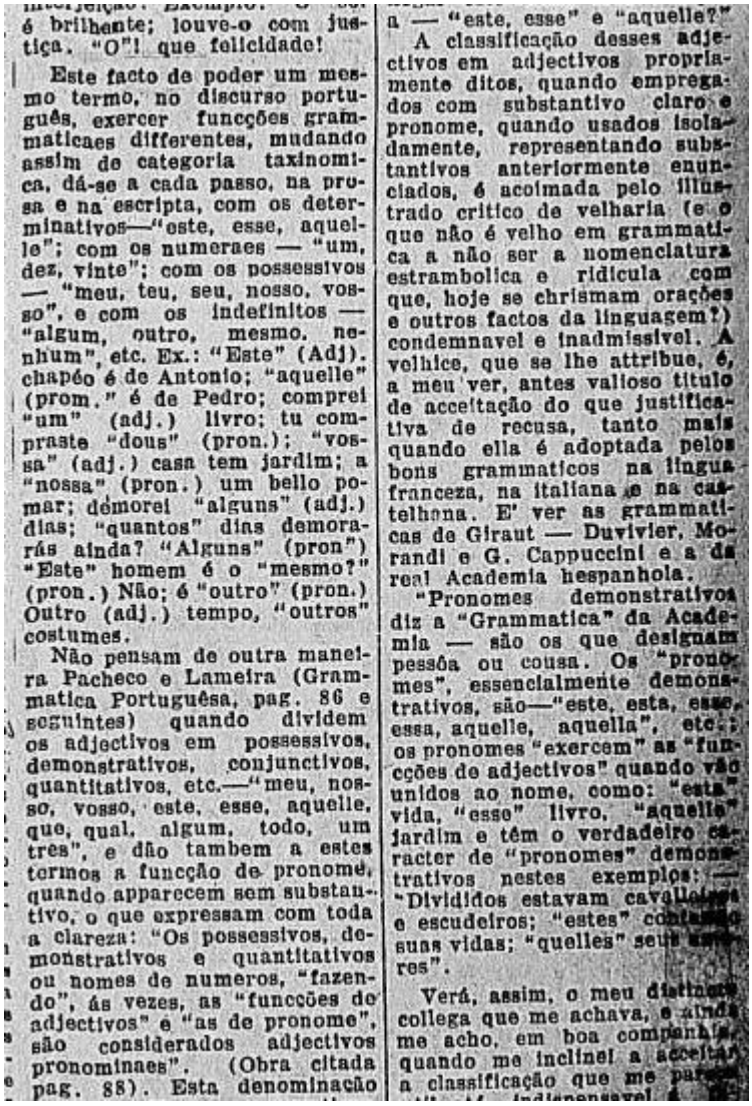
Ensina Grivet ("Grammatica Analytica", pag. 124 e seguintes) no que é acompanhado por Domingos de Azevedo, (Grammatica Nacional, pags. 45 e 67), Adolpho Coelho, (Grammatica Portuguêsa, pag. 94) e muitos outros philologos lusitanos e brasileiros, que varios termos da lingua portugueza podem ser grupados em mais de uma categoria grammatical, das estabelecidas pela taxinomia, conforme a funcção que cada um delles representar na phrase, tanto assim que —"O" póde ser artigo, caso objectivo do pronome elle e até interjeição. Exemplo: "O" sol é brilhante; louve-o com justiça. "O"! que felicidade!

Irei "logo". Comeste ? "logo" estás farto.

Na opinião e nos exemplos dos mestres, acima citados, estribei eu o meu juizo a respeito deste ponto da nossa divergencia. O meu distincto amigo, não admittindo, entretanto, a hypothese de serem — "este, esse" e "aquelle" — ora pronomes, ora adjectivos, consoante o papel que representarem na phrase em que apparecerem, acceita como facto grammatical, corrente e inconteste, accommodar-se a palavra "que" a diversas categorias, de accordo com as funcções que exercer no discurso, para ser ora adjectivo e pronome, ora adverbio e conjuncção, lembrando até que este mesmo termo póde ser tambem preposição, interjeição e substantivo nos passos seguintes: "Tenho muito "que" dizer! (*) Que! Noto-lhe um certo "que".

Que motivo levou o Dr. Osorio á considerar o—"que",—do primeiro exemplo, uma preposição em vez de para, o do segundo uma interjeição e o do terceiro um substantivo ? Só e exclusivamente a diversidade de funcções que este termo exerce em cada um dos exemplos referidos, exprimindo, no primeiro caso, uma relação que é o papel das preposições, no segundo, espanto, surpreza, e no terceiro, um accidente qualquer, uma cousa que se não define. E se a diversidade de funcções nos induz a classificações differentes para a mesma palavra, porque havémos de negar este facto com relação a — "este, esse" e "aquelle?"

A classificação desses adjectivos em adjectivos propria-



interjeição! Exemplo: O ... é brilhante; louve-o com justiça. "O"! que felicidade!

Este facto de poder um mesmo termo, no discurso português, exercer funcções grammaticaes differentes, mudando assim de categoria taxinomica, dá-se a cada passo, na prosa e na escripta, com os determinativos—"este, esse, aquelle"; com os numeraes — "um, dez, vinte"; com os possessivos — "meu, teu, seu, nosso, vosso", e com os indefinitos — "algum, outro, mesmo, nenhum", etc. Ex.: "Este" (Adj). chapéo é de Antonio; "aquelle" (prom." é de Pedro; comprei "um" (adj.) livro; tu compraste "dous" (pron.); "vossa" (adj.) casa tem jardim; a "nossa" (pron.) um bello pomar; demorei "alguns" (adj.) dias; "quantos" dias demorarás ainda? "Alguns" (pron") "Este" homem é o "mesmo?" (pron.) Não; é "outro" (pron.) Outro (adj.) tempo, "outros" costumes.

Não pensam de outra maneira Pacheco e Lameira (Grammatica Portuguêsa, pag. 86 e seguintes) quando dividem os adjectivos em possessivos, demonstrativos, conjunctivos, quantitativos, etc.—"meu, nosso, vosso, este, esse, aquelle, que, qual, algum, todo, um tres", e dão tambem a estes termos a funcção de pronome, quando apparecem sem substantivo, o que expressam com toda a clareza: "Os possessivos, demonstrativos e quantitativos ou nomes de numeros, "fazendo", ás vezes, as "funcções de adjectivos" e "as de pronome", são considerados adjectivos pronominaes". (Obra citada pag. 88). Esta denominação — "este, esse" e "aquelle?"

A classificação desses adjectivos em adjectivos propriamente ditos, quando empregados com substantivo claro e pronome, quando usados isoladamente, representando substantivos anteriormente enunciados, é acoimada pelo illustrado critico de velharia (e o que não é velho em grammatica a não ser a nomenclatura estrambolica e ridicula com que, hoje se chrismam orações e outros factos da linguagem?) condemnavel e inadmissivel. A velhice, que se lhe attribue, é, a meu ver, antes valioso titulo de acceitação do que justificativa de recusa, tanto mais quando ella é adoptada pelos bons grammaticos na lingua franceza, na italiana e na castelhana. E' ver as grammaticas de Giraut — Duvivier, Morandi e G. Cappuccini e a da real Academia hespanhola.

"Pronomes demonstrativos diz a "Grammatica" da Academia — são os que designam pessôa ou cousa. Os "pronomes", essencialmente demonstrativos, são—"este, esta, esse, essa, aquelle, aquella", etc.; os pronomes "exercem" as "funcções de adjectivos" quando vão unidos ao nome, como: "esta" vida, "esse" livro, "aquelle" jardim e têm o verdadeiro caracter de "pronomes" demonstrativos nestes exemplos: — "Divididos estavam cavalleiros e escudeiros; "estes" contam suas vidas; "quelles" seus ...res".

Verá, assim, o meu distincto collega que me achava, e ainda me acho, em boa companhia, quando me inclinei a acceitar a classificação que me parece ... indispensavel ...

monstrativos e quantitativos ou nomes de numeros, "fazendo", ás vezes, as "funcções de adjectivos" e "as de pronome", são considerados adjectivos pronominaes". (Obra citada pag. 88). Esta denominação que lhes dão os grammaticos, é claro, é a que lhes cabe genericamente, devendo-lhes dar a de pronome quando empregados isoladamente, em vez do nome que lembram ou representam, e a de adjectivos quando precedem os substantivos e os determinam: "Este" homem, o "meu" chapéo, a "minha" casa".

"Em verdade, escreve João Ribeiro — (Grammatica Portuguêsa, pag. 85) os adjectivos determinativos são "simultaneamente adjectivos" e "pronomes". A descriminação de funcções é apenas apreciavel no texto da phrase. A distincção consiste em que o "adjectivo" vem junto ao substativo e o "pronome" vem isoladamente. Assim, nas phrases: "Que" cousa? "meu" tio" as partes — "que" e "meu" — são adjectivos. Na phrase: "o chapéo "que" achaste é "meu", as mesmas "que"—e "meu"—são pronomes".

Pelas mesmas razões na phrase: "os soldados são "sete" — a palavra "sete" deveria ser ahi considerada um pronome".

Não é de outro parecer Julio Ribeiro — (Grammatica Portuguêsa, pag. 66 e 72) quando divide os adjectivos em demonstrativos, "este, esse, aquelle"; numeraes, "um, cinres".

Verá, assim, o meu distincto collega que me achava, e ainda me acho, em boa companhia, quando me inclinei a acceitar a classificação que me parece util até indispensavel á facilidade da analyse. Aos mestres talvez pouco importe isso, mas nos que entendem que a analyse deve ser mesmo analyse importa muito.

"A conveniencia de discriminar os casos, em que uma mesma palavra passa de uma classe para outra, não é nenhuma superfluidade apparatosa de subtilezas analyticas: é uma consequencia indeclinavel da incumbencia que tem a grammatica de explicar, pelos meios mais consentaneos com a logica, anomalias, ou divergencias que, sem taes explicações, ficariam inadmissiveis". (Grivet, obra citada, pag. 115).

Limito-me hoje, por aqui, com o meu Grivet, para tratar, no artigo seguinte, do segundo ponto da nossa divergencia.

(*) — Ha, naturalmente neste ponto, um equivoco. O "que" empregado ahi, depois de "muito" — só póde ser pronome. Tenho muito "que" dizer (tenho muita "cousa, assumpto, facto, que" — (o qual "facto, assumpto, cousa" — devo dizer ou hei de dizer).

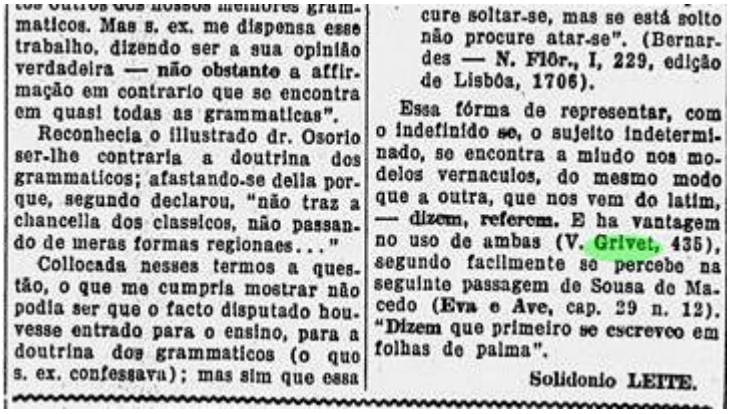
Affonso Costa.

nomes".

Pelas mesmas razões na phrase: "os soldados são "sete" — a palavra "sete" deveria ser ahi considerada um pronome".

Não é de outro parecer Julio Ribeiro — (Grammatica Portuguêsa, pag. 66 e 72) quando divide os adjectivos em demonstrativos, "este, esse, aquelle"; numeraes, "um, cinco, vinte; distributivos, conjunctivos, indefinidos e possessivos — "meu, teu, seu, nosso, vosso", dividindo tambem os pronomes em pessoaes, demonstrativos —"este, esse, aquelle", conjunctivos, indefinitos, possessivos, etc.

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1922\Edição 00211 (1)



maticos. Mas s. ex. me dispensa esse trabalho, dizendo ser a sua opinião verdadeira — **não obstante** a affirmação em contrario que se encontra em quasi todas as grammaticas".

Reconhecia o illustrado dr. Osorio ser-lhe contraria a doutrina dos grammaticos; afastando-se della porque, segundo declarou, "não traz a chancella dos classicos, não passando de meras formas regionaes..."

Collocada nesses termos a questão, o que me cumpria mostrar não podia ser que o facto disputado houvesse entrado para o ensino, para a doutrina dos grammaticos (o que s. ex. confessava); mas sim que essa

cure soltar-se, mas se está solto não procure atar-se". (Bernardes — **N. Flor.**, I, 229, edição de Lisbôa, 1706).

Essa fórma de representar, com o indefinido **se**, o sujeito indeterminado, se encontra a miudo nos modelos vernaculos, do mesmo modo que a outra, que nos vem do latim, — **dizem, referem.** E ha vantagem no uso de ambas (V. Grivet, 435), segundo facilmente se percebe na seguinte passagem de Sousa de Macedo (**Eva e Ave**, cap. 29 n. 12). "**Dizem** que primeiro se escreveo em folhas de palma".

Solidonio LEITE.

O Jornal (RJ) - Ano 1922\Edição 01046 (1)

Notas de linguagem portuguesa

XLI

COM E SEM

"O Congresso que as adopte, com ou sem codificação, mas faça obra geral e não para duas ou tres classes."

Póde considerar-se como legitima a forma com ou sem?

Nos ultimos mêses recebi varias consultas relativas ao **com** e **sem** e a falta de tempo obstou a que eu as respondesse. Em dias da semana passada recebi de uma cliente, que se diz minha ex-aluna, a seguinte carta, que não é propriamente uma consulta, sendo antes uma lição.

— "**Comparação** do torax e do abdome de uma mulher com e sem colête." O periodo que se chega de copiar, escreve a minha consulente, a despeito de ser encontrado em livro de quem é ornamento da Faculdade de Medicina e da Academia de Letras, não está correcto. Com e sem não se diz, nem se escreve: Havia de assim redigir-se o periodo, para ficar certo: "de uma mulher com o colête e sem êle." Nenhum escritor, digno do nome, usou até hoje as formas "com e sem apoio", "a favor e contra a lei", etc.

Copio palavras do eximio mestre, continua a minha ex-aluna: "A preposição **com**, entre outras coisas, designa o meio, o modo e instru-

mos: Escrever com metodo, ou, com ordem; ir com pressa; estudar com afinco, e em sentido opposto, sem ordem, sem metodo, sem pressa, sem afinco.

Sendo, pois, as preposições **com** e **sem** contrarias não podem convir a um só termo, solecismo que se comete em exemplos tais como **com** ou **sem** apoio, com ou sem ardor, etc."

Nada teria que opôr ás affirmações da missivista e me limitaria a transcrevêr a carta, se houvesse a sua autora omitido o periodo onde diz que nenhum escritor usa a expressão posta em fóco.

Quasi todos os do seculo XIX fizeram uso da expressão, segundo verifiquei num rapido folhear de livros.

Encontrei exemplos nos seguintes — Castilho, Herculano, Camilo, Francisco de Castro, Machado de Assis, Pacheco Junior, Carneiro Ribeiro, Grivet, Ruy Barbosa, Olavo Bilac, Carlos de Laet, João Ribeiro, José Maria Rodrigues, Mário Barreto...

"Como se haviam de fazer perante o parocho e o tabellião os casamentos por simples palavras de presente, com ou sem testemunhos?" (Alexandre Herculano. Estudos sobre o casamento civil, pag.

O Jornal (RJ) - Ano 1923\Edição 01496 (1)

RETALHOS

FALLECEU O PROFESSOR ALFREDO GOMES

Um desastre levou desta para outra vida o professor Alfredo Gomes.

Era um nome vastamente conhecido no paiz.

Sua grammatica portugueza, quando appareceu pela primeira vez, soffreu alguns reparos da critica. O professor soube perseverar e quando apresentou a segunda edição de seu trabalho, já era elle um trabalho apreciavel.

A grammatica do dr. Alfredo Gomes tornou-se popularissima, dentro de pouco tempo.

Qual seria a força de seu prestigio?

Seria melhor que a de Carneiro Ribeiro, que a de Lameira de Andrade, Pacheco Junior, João Ribeiro, Buscolli, Virissimo Vieira, Julio Nogueira?

Seria melhor que a de Paulino de Souza, que a de Ribeiro e Vasconcellos, que a de Nunes, Candido de Figueiredo?

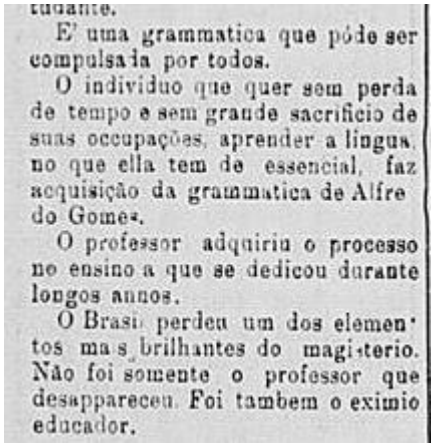
Quanto ao desenvolvimento da materia, não.

Cremos que qualquer das citadas lhe levaria vantagem, excepto a de Candido de Figueiredo.

A grammatica de Augusto Freire da Silva e de Eduardo Carlos Pereira, a de Grivet, são como a de Carneiro Ribeiro, abundantissimas de ensinamentos.

Porque, pois, essa popularidade da grammatica do dr. Alfredo Gomes?

E' sua grande accessibilidade. O processo do dr. Alfredo Gomes é a alma de seu livro. O processo é seu e por elle facilmente a materia de seu compendio é assimilada pelo estudante.



tudante.

E' uma grammatica que póde ser compulsada por todos.

O individuo que quer sem perda de tempo e sem grande sacrificio de suas occupações, aprender a lingua, no que ella tem de essencial, faz acquisição da grammatica de Alfredo Gomes.

O professor adquiriu o processo no ensino a que se dedicou durante longos annos.

O Brasil perdeu um dos elementos mais brilhantes do magisterio. Não foi somente o professor que desappareceu. Foi tambem o eximio educador.

Diario de S. Luiz (MA) - Ano 1924\Edição 00227 (1)

thymo fosse do *Novo Diccionario*, agora gloriosamente adulto, adiposamente já quasi trintão.

E' como uma endocrina sacrificada á antipathia invencivel (e recente do illutre philologo que a reduz e reduz, emquanto lhe não faz a total ablação, pelo muito respeito votado ás convenções internacionaes e aos ajustes da diplomacia em relação ao kilo.

Coisas de grammatico e de grammatiquices...

Aqui nos nossos bellos e barbaros Brasis (naquelle tempo ainda com *z*) tivemos um grammatico eminente, sobremodo senhor *das artes e bruxedos* da grammatica portugueza. Era elle Julio Ribeiro, que o sr. C. de F. bem conhece, pois declara já lhe haver lido *A carne*, a *Grammatica Portugueza*, os *Estudos Philologicos* e o *Belchior de Pontes*.

A este ultimo, entre parenthese, intitula *Belchior da Ponte*, como se fôra o santo ignacino paulistano aparentado com o bem conhecido titular do mesmo nome, o de Jundiahy, velho portuguez estalajadeiro e gaiatão, que a cada passo se proclamava "barão por acclamação dos povos" e não por agraciamento da "Curôa", coisa sem valor algum no seu dizer.

Pela "resenha dos escriptores e obras citadas" que acompanha o *N. D.*, verifico que o sr. C. de F. já compulsou ou, pelo menos, já se avistou com as obras de Julio Ribeiro.

Pois bem, era este nosso illustre philologo, como geralmente se sabe, verdadeiro apaixonado do K. Votava-lhe tanta estima quanta (hoje) ogerisa lhe tem o eminente confrade lusitano. Dedicava-lhe até tal apreço que, aos seus leitores, queria inculcar graphias pejadas de K, KH, KK. Queria immenso que se escrevesse *sanskrito*, *anakhronismo*, *parokia*, *arkhetypo*, etc., etc. e até que se dobrasse os K como em *ekkhymose*. E deste pendor pelo emprego do K compartilhava outro grammatico illustre e conhecedor profundo do portuguez, Adriano Grivet, como se póde ler á pagina 226 de sua monumental *Grammatica analytica da lingua protugueza*, hoje tão rara quanto procurada. Certamente a conhece o sr. S. de F., muito embora não a cite em sua *resenha de autores*.

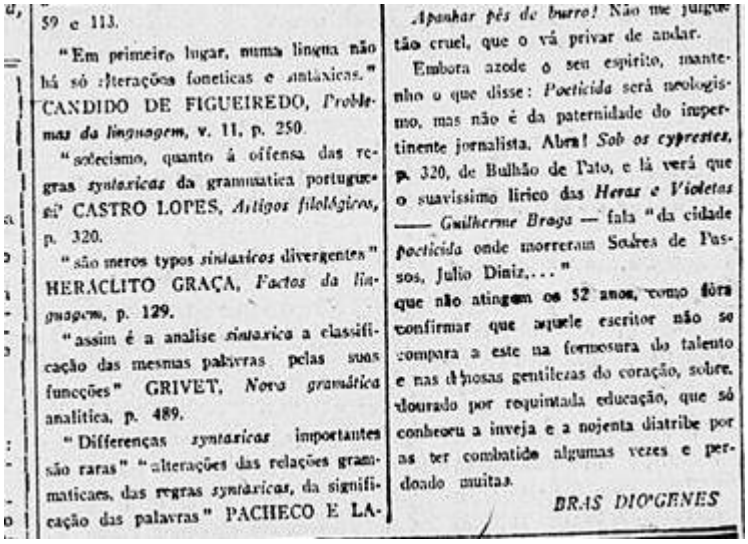
IV

OCANIGUINECORNI, VOCABULO PORTUGUEZ

Com abundancia de argumentos justifica Julio Ribeiro as suas preferencias pelo emprego do K (cf. *Grammatica*, 8ª ed., p. 346.)

Dirá o sr. Candido de Figueiredo que o autor da *Carne* queria-o nos derivados de raizes gregas, responder-lhe-ei que não: tanto nas palavras de procedencia hellenica como nas de outras linguas como em *kangurú*, *kiosque*, *kermes*, que o sr. Candido de Figueiredo (agora) grapha cangurú, quiosque, quermes, a cantar a palinodia.

Revista de Lingua Portuguesa (RJ) - Ano 1926\Edição 00043 (1)



59 e 113.

"Em primeiro lugar, numa lingua não há só alterações foneticas e sintaxicas." CANDIDO DE FIGUEIREDO, *Problemas da linguagem*, v. 11, p. 250.

"solecismo, quanto á offensa das regras *syntaxicas* da grammatica portugueza" CASTRO LOPES, *Artigos philologicos*, p. 320.

"são meros typos *sintaxicos* divergentes" HERACLITO GRAÇA, *Factos da linguagem*, p. 129.

"assim é a analise *sintaxica* a classificação das mesmas palavras pelas suas funcções" GRIVET, *Nova gramatica analitica*, p. 489.

"Differenças *syntaxicas* importantes são raras" "alterações das relações grammaticaes, das regras *syntaxicas*, da significação das palavras" PACHECO E LA-

Apanhar pés de burro! Não me julgue tão cruel, que o vá privar de andar.

Embora azede o seu espirito, mantenho o que disse: *Poeticida* será neologismo, mas não é da paternidade do impertinente jornalista. Abra! *Sob os cyprestes*, p. 320, de Bulhão de Pato, e lá verá que o suavissimo lirico das *Heras e Violetas* — *Guilherme Braga* — falla "da cidade *poeticida* onde morreram Soares de Passos, Julio Diniz,..."

que não atingem os 52 annos, como fôra confirmar que aquele escritor não se compara a este na formosura do talento e nas dithosas gentilezas do coração, sobre. dourado por requintada educação, que só conheceu a inveja e a nojenta diatribe por as ter combatido algumas vezes e perdoado muitas.

BRAS DIOGENES

O Imparcial (RJ) - Ano 1926\Edição 05637 (1)

FAZ OU FAZEM 20 ANNOS

E' erronêa dizer-se "fazem 20 annos". O verbo fazer, referindo-se ao tempo passado, é impessoal.

Tem somente a 3.ª pessôa. Deve dizer-se: "Faz vinte annos". E' a mesma impessoalidade que se nota no espanhol, no francês e no latim.

Dizem os espanhoes: **Hace diez annos.**

Os francêses: **Il fait des éclairs.**

E em latim, conforme um passo de Gregorio de Tours: **Gravem hyemen facit.**

Isso é aliás, a lição de dois grandes mestres: Grivet "Grammatica", pg. 158-161) e Julio Ribeiro ("Grammatica" ed. . 1881, pg. 255).

A. CINTRA

o *l* euphonico ao pronome: mas está claro que, como elle substitue o lugar do *r* ou *s* final da primeira palavra, nesse mesmo se deve pôr." (Pags. 18 e 19 da 5.ª edição, 1871). Note-se que a 1.ª ed. de Soares Barbosa é de 1803.

Innumeros repetidores teve este asserto de Soares Barbosa, tanto em Portugal como no Brasil. Releva ainda ponderar que muitos desses continuadores desconheciam, mesmo depois de Diez, e de outros linguistas mais modernos, a origem do artigo-pronome.

Não vale a pena citar textualmente as palavras dos defensores da doutrina de Soares Barbosa. Indicarei apenas, dos seus continuadores de maior nomeada, os respectivos livros: Francisco José Monteiro Leite, *Subsidios para o estudo da lingua portugueza,* Porto, 1881, pag. 118; e *Grammatica portugueza dos lyceus,* Porto, 1887, pag. 45; Adriano Grivet, *Grammatica analytica,* Rio de Janeiro, 1881, pags. 521; Julio Ribeiro, *Grammatica Portugueza,* 2.ª ed., 1885, pag. 29.

Ao numero dos que opinam pela assimilação (*amallo*) e queda do segundo *l* (*amal-o*) pertencem Maximino Maciel e Julio Nogueira. A opinião do segundo já foi reproduzida pelo sr. padre Magne. (Cfr. pag. 25 do vol. 49 desta *Revista*). Vejamos como pensa o primeiro: "Escreva-se agglutinado ao vocabulo o *l* euphonico (?), substituto do *s, z, r,* porquanto, embora seja elle o antigo *l* das formas *o, a, os, as* = *lo, la, los, las,* já estas de ha muito o perderam. Assim mais logico se torna agglutinar o *l* ao vocabulo cujo som ou letra substituiu, do que destacal-o com a variação e ter de recorrer a accento agudo ou circumflexo". (*Grammatica descriptiva,* 6.ª ed., Rio, 1916, pags. 72 e 73).

Inutil se torna citar exemplos que comprovem o typo D, tão usado tem sido elle, tanto em Portugal como no Brasil.

Fecho estas linhas transcrevendo a opinião conciliadora de um nosso grammatico: "Os que preferem escrever *amá-lo* argumentam que o infinitivo não termina em *l,* ao passo que *lo* é a forma antiga de *o;* os que escrevem

Revista de Lingua Portuguesa (RJ) - Ano 1927\Edição 00050 (1)

REPARANDO UM CONCEITO HISTORICO

Preoccupado com uma communicação scientifica, que devia ser dada a estampa, com prazo fixo, só hoje, 9 de Abril, pude ler o que escreveu o Sr. Roquette Pinto, no *Jornal do Brasil*, de 5 deste mez.

No espirito, quem sabe, attribulado do Sr. Roquette Pinto, passou nubecula rosea e elle, tomou da penna e escreveu: "Educar pela mentira?" naturalmente em resposta ao nosso artigo, por titulo "Reparando um conceito historico".

Não nos quiz mencionar o nome, na série de locuções facetas que, talvez, fariam romper riso a tamanduá da Rondonia.

Que importa o do modesto signatario deste! Pouco, muito pouco... mas o do apregoador "Phrases feitas". O conceito é diverso; outra a significação de phrases feitas. Como quer que seja, o que se aprende em Grivet, em João Ribeiro, em Othoniel Motta e tantos outros, quando se tem a natural tendencia para o escrever polido, é a applicação do escriptor a outras louçanias de estilo. Ahi é que o Sr. Roquette Pinto deve abrevar-se para se aperfeiçoar na escriptura, como solam dizer os memorados quinhentistas, mestres da penna.

Deixemos, porém, essas cousas de recreação proveitosa e firamos o ponto essencial da replica ao nosso risonho patricio. "Nada valem, portanto, *opiniões* e *palavras* em materia de historia", diz elle adeante, no artigo.

Os substantivos vêm grifados,

mandua da Rondonia.

Que importa o do modesto signatario deste! Pouco, muito pouco... mas o do apregoador enthusiastico das nossas — *injustiças historicas*, — esse é que é preciso mencionar, alto e bom som.

Roquette Pinto, Edgar ou Edgardo Roquette Pinto, ouviram leitores?

Foi elle que proclamou, com voz quasi estentorica o bem timbrada, numa sessão da Academia de Letras, a errada attitude do Brasil, rompendo guerra contra o Paraguay, na segunda metade do seculo passado. Inteiraram-se leitores? O Brasil, segundo o Sr. Roquette Pinto, comprometteu a sua gloria militar vencendo o Paraguay, numa guerra iniqua.

A audacia illogica desse homem só deve ser comparada á daquelle general norteamericano, que não figura entre os que bem serviram á grande nação, porque foi infiel yankee. Mas façamos uma pausa e respiguemos trecho impertinente do "Educar pela mentira?"

Illustre academico, Sr. Roquette Pinto, o que é isso? "As phra-

valem, portanto, opiniões e palavras em materia de historia", diz elle adeante, no artigo.

Os substantivos vêm griphados, salvosamente griphados. Porque? Será uma allucinação? uma extravagancia?, o que quer que de burlesco ou hilariante?

Não campamos de historiographo, não pertencemos a nenhuma instituição, onde ha opportunidade para revelar sabença, cara ou barata. Para que, então, esse aferro de nos malquerer ou pretender malquistar-nos com outrem.

Não, Sr. Roquette Pinto, opiniões e palavras auriluzentes são as da maioria da nação que não porfia por entregar os trophéos e não vê razão para açodado perdão de divida que o Paraguay não solicitou. O contrario é que significa rabular, numa intransigencia que provoca o estado alacre dos que lêm Labiche ou Mark Twain.

Mas, rabular aqui é mentir ao preceito de Taine, que manda sentir-se o historiador como barbaro entre barbaros, para lhes adentrar a psychologia exacta; isto é, não deturpar o rigor objectivo e historico.

E conclue o eminente, avisado,

tira?

Illustre academico, Sr. Roquette Pinto, o que é isso? "As phrases feitas, mesmo segundo os moldes dos Grivet, mais ou menos desconhecidos... etc. etc." A vaidade sem peias do Sr. Roquette Pinto o enraiveceu contra o homem que sempre lhe apertou a mão com inarrefecido cavalheirismo.

No artigo, sahido a lume no *Jornal do Brasil*, de 4 do corrente, dissemos fraco o seu coração, uma simples e clara verdade.

Foi o sufficiente para ensoberbecer-se o anthropologo e, perdendo aquelle modo de lutar leal e nobre, em que os contendores só buscam concluir para se travarem das mãos e sorrirem numa lealdade e numa nobreza de animo louvaveis, desce e desce, como se lhe fosse aprazivel, a fallar em "moscas zumbindo aos ouvidos dos estudiosos".

Ninguem duvida do pendor para o estudo do Sr. Roquette Pinto, mas, vê-se-lhe, logo, a fallencia no convivio dos bons modelos classicos da literatura. Passaram-lhe de largo Chesterfield, Thomas Moro, Luciano Samosatano e tantos outros padrões perennes do bom senso, da pollidez e da superioridade de animo. Ainda é tempo, Sr. Roquette Pinto, de boa e salutar emenda! Com um pouco de perseverança poderá aprender, que Grivet é um dos nossos melhores grammaticos, e que phrases feitas são outra cousa. Quer sabel-o, com proveito, o novel academico? Abra o excellente livro do alto glossologo João Ribeiro, intitulado

historico.

E conclue o eminente, avisado, sisudo e risonho patricio: "A nação que educa os filhos na mentira historica, prepara cidadãos de civismo incerto. Não os encontrará na hora dos supremos sacrificios".

Acceitemos a primeira asserção para desapplaudir a impropriedade de linguagem daquelle *civismo incerto*, que parece pobreza seraphica de vocabulario. Quanto a segunda, a nação só encontra, de facto, para os duros momentos da guerra externa, aquelles cidadãos que crêm na grandeza da terra natal e que marcham sobre o canhão com acrisolado civismo, o maior amor do soldado.

O Sr. Roquette Pinto conhece, de certo, o lemma inglez: "right or wrong my country".

Não gosta da phrase? Pois a sustentação da mesma levar-nos-ia muito longe e desejamos ser breve.

Esta brevidade pede conclusão, mas antes de realizal-a lancemos repto ao Sr. Roquette Pinto: prove o illustre orientador dos moços, mas faça-o positivamente, não positivistamente, baseado em documentos fidedignos, a sem razão com que entramos em guerra contra o Paraguay. Se não o fizer dará mostra de fanfar affirmações improvaveis, o que constitue grave damno para a boa e justa conta em que consideramos os seus bellos attributos de intelligencia, erudição e notavel versar dos factos da nossa historia.

Dionisio Cerqueira

A pontuação de Camões

Nas controversias grammaticaes, em regra abespinhadas e esterceis, o velho Camões, arrotado como testemunha de eximia idoneidade, é infallivelmente obrigado a trazer o seu depoimento precharo.

Nada mais justo: o grande epico, figura central da egregia pleiade quinhentista que acepilhou e enfloreou aquella rude algaravia antiga, vale, na critica de Schlegel, por "uma literatura inteira".

A questiuncula pode girar ao derredor de uma virgula ou de um ponto; nem por isso é dispensada a presença do glorioo poeta. Todavia elle tambem não foi impeccavel em pontuação, capitulo que Grivet, em sua Grammatica Analytica de Lingua Portugueza, assignala, com razão, "ter sido sempre descurado" em portuguez. Agora, mais do que nunca, á bambalhona...

A pontuação de uma estrophe camoneana, a 50 do canto I dos Lusiadas, tem feito correr rios de tinta e posto em sarilho os eruditos.

Assim termina a estrophe:

"Os portuguezes somos do occidente.

Mas, Adolpho Coelho, na referida edição popular explicou ter sido "alterada a pontuação, sempre muito imperfeita nas antigas edições, de modo que o texto ficasse intelligivel."

O incansavel Bellegarde, alem do exame de uma infinidade de edições, consultou diversas traducções sem encontrar uniformidade na pontuação. Contudo a maioria vae com o traductor italiano Felice Belletti: "Portuguesi noi siam' dell Occidente, (virgula) e cerchiam nuove terre in Oriente".

Amparando a opinião de Evaristo Leoni, tão duramente repellida por Theophilo Braga, o saudoso escriptor brasileiro Franklin Tavora trouxe ao debate uma [illegible] paginas.

Acceitou a corrigenda de Leoni, os dois pontos (os portuguezes somos: do occidente imos buscando, etc.) e procurou subsidios interpretativos nas demais estrophes que constituem essa passagem da immortal epopéa.

Allegara The Braga "inadmissivel a correcção de Leoni, porque ella exigiria no verso seguinte VIMOS e não IMOS."

te,
Imos buscando as terras do oriente."

Afigurou-se ao critico Evaristo Leoni, no "Camões e os Lusiadas", incorrecta a pontuação e propoz: "Os portuguezes somos: (dois pontos) do occidente imos buscando as terras do oriente."

Theophilo Braga desapprovou esta emenda, mais tarde acceita por Adolpho Coelho, dizendo que Leoni raciocinará assim: "Não é possivel que Luiz Camões dissesse os portuguezes do occidente, como se alguns houvesse que fossem do Oriente". E o eminente Theophilo repelliu a substituição da virgula pelos dois pontos, aliás posteriormente, numa edição popular do **Diario de Noticias** de Lisboa, trocados por ponto e virgula.

Como esta edição fosse feita pela de 1572 publicada em vida do poeta, Guilherme Bellegarde, que esmerilhou meticulosamente este caso intrincado prestando-nos excellentes informes, examinou um exemplar da velhissima edição, verificando que os dois versos trasem a pontuação da primeira citação deste artiguete, isto é, a virgula após o vocabulo **occidente.**

Franklin Tavora refutou lembrando que o verbo ir junto a gerundio denota **continuação** e **imperfeição de acção.** "Ora, não era de outra natureza a acção dos portuguezes, de passagem em Moçambique, onde não estava o alvo de seu sonho — acção imperfeita e que tinha de continuar."

Logo que chegaram ao termo da viagem, Calecut, Camões não emprega mais o **imos**, porem vimos:

"Aorindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo o grão corrente
Por onde a lei divina se accrescenta."

E' possivel que, de um lado e de outro, esteja errada tão conspicua exegese literaria, o certo é que, com virgula, dois pontos ou ponto e virgula, reticencias, etc. o poema de Camões, por seculos, continuará a ser, na phrase lapidar de Latino Coelho, "o magico talisman de uma nacionalidade e a arca santa de suas glorias."

Euclides Bandeira

O Dia (PR) - Ano 1928\Edição 02055 (1)

prensa periodica, um advogado das instituições do país, identificado no oraculo da mocidade".

Vem a ponto alludir nestas resumidas notas, ao tocante discurso que, na qualidade de representante da Assembléa Legislativa do Maranhão, pronunciou ao chegarem a S. Luiz os restos mortaes do notavel escriptor, historiador e jornalista, João Francisco Lisboa, fallecido em Portugal.

De João Lisboa foi mestre, adversario politico e grande admirador.

Nesse discurso, primoroso lavor literario, na belleza do pensamento exteriorizado em genuinas e eloquentes frases, vibra a descripção da grande perda maranhense, tambem nacional.

Igualmente muito se enaltece pela enlevante objectivação de amor e de saudade o commovente soneto que dedicou Sotero dos Reis á memoria da esposa.

Discutiu este grammatico, com tanta proficiencia, a syntaxe do infinitivo pessoal, esse elemento de clareza, quando opportunamente empregado, que o genial Ruy Barbosa ao citá-lo, na monumental obra a que deu o titulo "Replica", chama-lhe o "mestre dos mestres".

Candido de Figueiredo, no estudo critico com que surgiu do prélo a obra "A lingua portuguesa" (difficuldades e duvidas), de Felippe Franco de Sá, politico e estadista do segundo reinado, cuja vida é um modelo de virtudes e de austeridade, denotando o valor dessa erudita obra assim escreve: "Mas o que muita gente de certo ignora é que o velho estadista e parlamentar era um doutissimo linguista, que, sendo do Maranhão, tem direito a que o agrupemos na brilhante pleiade daquelles maranhenses que se chamaram Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, João Lisboa, Odorico Mendes".

Deixando o sabio A. Grivet a Suissa, sua terra natal, depois de ahi firmar inconcussas provas de talento, saber e competencia pedagogica, escolheu o Brasil para residencia, aonde veio e onde adquiriu rapido,

profundo e vasto conhecimento da lingua de Camões e de Antonio Vieira.

Deu a publico, além de uma pequena grammatica em 1865, um trabalho completo, em 1881, com o titulo — "Nova grammatica analytica da lingua portuguesa".

Com vigorosa logica, sempre fortalecendo os conceitos, no testemunho dos classicos, especialmente do insigne padre Vieira, magistralmente explanou as difficuldades da linguagem, resolvendo-as sob novos methodos. Proclamou nessa interessante e erudita obra, com enthusiasmo e admiração, as bellezas do idioma luso.

Além de haver estudado geographia, historia, rhetorica, philosophia, mathematicas, physica, chimica, historia natural e direito, conhecia perfeitamente francês, alemão, russo, latim e grego.

No capitulo em que se occupa da collocação das palavras no discurso, tece vero hymno á lingua portuguesa. Transcrevo a seguinte passagem:

"Um simples retrospecto synthetico sobre os pontos successivamente discutidos deve gerar a convicção, mormente em quem estudou outros idiomas, que é prodigiosa a elastidade, a ductilidade da lingua portuguesa, e que talvez nenhuma dentre as linguas modernas a ella se avantaja em fecundidade de recursos, independentemente da riqueza do vocabulario; nenhuma é mais eminentemente literaria."

Para confirmar o que ensina nessa bella pagina, cita dois excerptos de Vieira, sobre os quaes assim se manifesta:

"Não será talvez pouco demonstrativa a tal respeito a citação das duas seguintes magnificas hypotyposis do padre Antonio Vieira, onde uma profusão de actos formando extenso panorama, com tanta certeza e rapidez se deslisão por entre transposições e ellipses, que o espirito nunca tropeça á procura do pensamento, e

chega ao fim dos trechos, maravilhado de tão esplendida visão, em que nem um ponto obscuro faz mancha."

Adduzidos taes considerandos, no tocante a Grivet, passo a exarar as razões que me levaram a citá-lo, nestes apontamentos á biographia de Sotero dos Reis.

De feito, Grivet, na sua valiosa grammatica, criticando, aliás com extremada veemencia, a theoria do verbo substantivo, criada em França, pelos dois notaveis grammaticos Noël e Chapsal, a qual veio a "dominar soberanamente em varios países", e foi ardorosamente accita e sustentada por Sotero dos Reis, combatendo os argumentos com que este philologo a justificava, embora sem lhe assignalar, uma só vez, o conceituado nome, mas citando *ipsis verbis,* definições e exemplos e até trechos dos trabalhos do mesmo autor, severamente se externa contrariando-a. Todavia, apesar de adversario intransigente, confessa que Sotero dos Reis "dentre os arautos da theoria do verbo substantivo foi o mais eminente e o unico que na sinceridade de sua fé e no ardor de seu proselytismo, não se esquivou ao dever de deduzir de seus principios as mais longinquas consequencias".

Emfim, em torno dos trabalhos de Sotero dos Reis architectou Grivet a argumentação com que se oppôs á theoria do verbo substantivo.

Completou o contra-almirante dr. Raimundo Frazão Cantanhêde a iniciativa de seu illustre progenitor, o commendador Antonio Cesar Cantanhêde que, na qualidade de vereador, na Sessão da Camara Municipal de S. Luiz, no dia 21 de outubro de 1879, em homenagem á memoria de Francisco Sotero dos Reis, propunha que se desse o nome desse douto maranhense á Praça da Alegria, onde residia e falleceu, proposta que foi unanimemente approvada.

Revista de Lingua Portuguesa (RJ) - Ano 1929\Edição 00060 (2)

NÃO DOU CONFIANÇA!

Não costumo gastar cêra com màos defunctos. Por isto, não dou resposta ao mascarado que na " Folha de Veado ", dia 29 do mês passado, andou a escrever cousas sem nexo contra mim. O individuo que escreveu o artigo sob a epigraphe "Pelo Vernaculo" só me inspira compaixão. Coitado! Está sob um cilicio horrivel: a dôr da inferioridade. Não lhe dou, a elle, a resposta, porque a não merece. E a resposta, elle a não merece, porque se escondeu, porque não teve coragem de apparecer. Verdade é o que disse Ruy: " Vilão consciente é aquelle que de viseira baixa arremete contra um homem de rosto descoberto ". Elle não achou erros nos meus artigos. Não os poderia achar,—não porque eu tenha a presumpção de não errar,—mas porque não está elle nas condições de enxergar erro no que escrevo.

Ora, vejam só: mosquito a querer ter catarrho! O que *Um Observador* encontrou em " O Liberal " foram lapsos de revisão muitos dos quaes em artigos que não são de minha lavra. A não ser isto, o ról de palavras que apresentou, de orthographia inusitada no Brasil, não tem importancia. Hà, entre nós, varios systemas orthographicos. A graphia *portuguez, francez*, etc. além de ser a mais usada, é perfeitamente defensavel.

Graves erros se encontram no artigo "Pelo Vernaculo". Não são erros de revisão. São erros crassos. São erros gravissimos.

Veja o leitor interessado o trecho seguinte:

" Em *sua* replica ao artigo publicado n' "O Alegrense" de 16, o signatario de "Na Estacada" revela a *sua* preoccupação absorvente de exhibir palavreado e reclama a conservação do nosso *castiço* (sic) etc ".

Se *Um Observador* soubesse alguma cousa, não teria empregado, como empregou, repetidamente, o possessivo *sua*.

Diz, a respeito desse grave erro, A. Grivet (Grammatica Analytica, pagina 456):

" Se, do emprego dos adjectivos possessivos, a expressão do pensamento nada vem a lucrar em lucidez ou energia, melhor é elimina-lo como formando um pleonasmo reprovavel ".

Ensina, ainda relativamente ao mesmo assumpto, Eduardo Carlos Pereira (Grammatica Historica, pag. 393):

" O artigo suppre o possessivo, quando se fala das diversas partes de um ser ou de cousa que lhe pertença".

Finalmente, como que para dar a ultima pá de cal, transcrevo o que diz Carlos Góes em trabalho attinente ao emprego dos possessivos (Diccionario de Gallicismos, pagina 174) com o brilho de expressão que lhe é peculiar:

" *Possessivo*—Resumbra francezia, e nada tem de

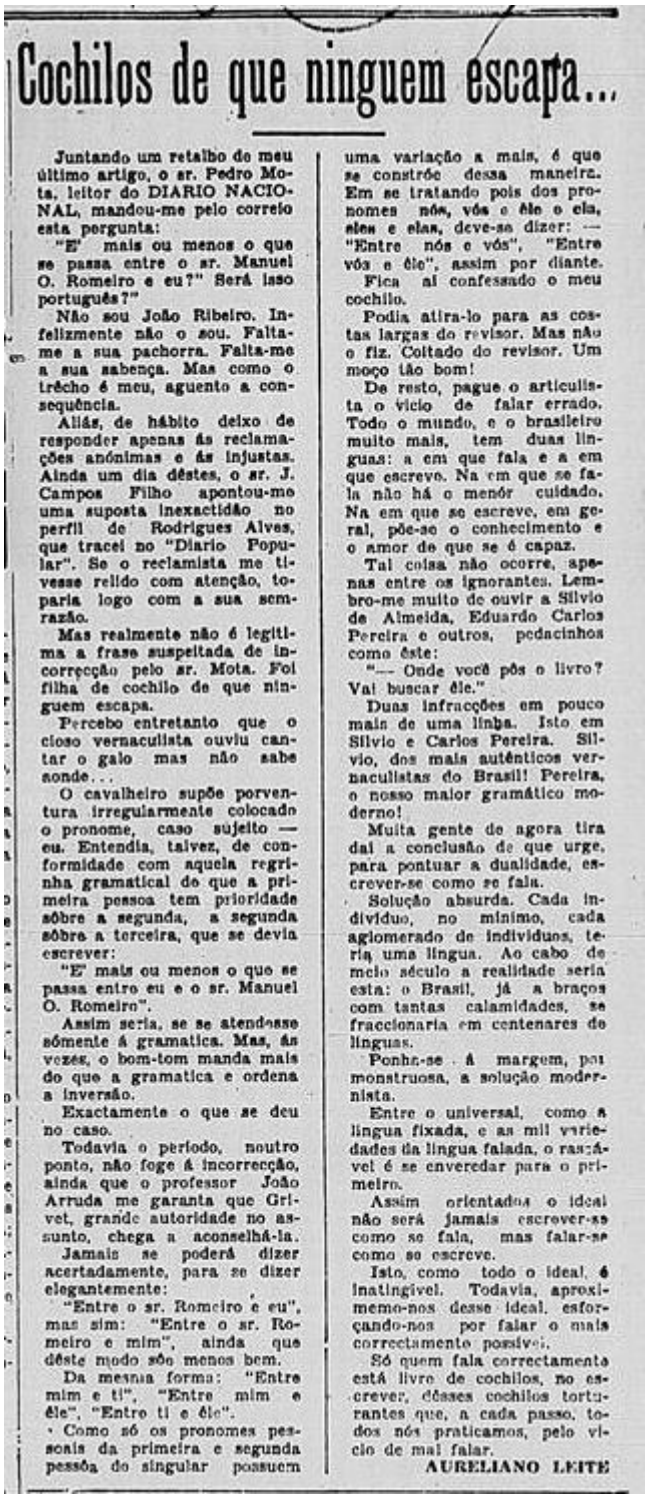
---

tados liberaes, pela sua victoria, são provas do nosso asserto.

Merecem parabens, os senhores adversarios do P. L. V., e não seriamos nós que os haveriamos de regatear neste momento.

Apollinario Rattes

O Liberal: Orgam do Partido Liberal de Veado (ES) - Ano 1929\Edição 00007 (1)



Cochilos de que ninguem escapa...

Juntando um retalho de meu último artigo, o sr. Pedro Mota, leitor do DIARIO NACIONAL, mandou-me pelo correio esta pergunta:

"E' mais ou menos o que se passa entre o sr. Manuel O. Romeiro e eu?" Será isso português?"

Não sou João Ribeiro. Infelizmente não o sou. Falta-me a sua pachorra. Falta-me a sua sabença. Mas como o trêcho é meu, aguento a consequência.

Aliás, de hábito deixo de responder apenas ás reclamações anónimas e ás injustas. Ainda um dia dêstes, o sr. J. Campos Filho apontou-me uma suposta inexactidão no perfil de Rodrigues Alves, que tracei no "Diario Popular". Se o reclamista me tivesse relido com atenção, toparia logo com a sua sem-razão.

Mas realmente não é legitima a frase suspeitada de incorrecção pelo sr. Mota. Foi filha de cochilo de que ninguem escapa.

Percebo entretanto que o cioso vernaculista ouviu cantar o galo mas não sabe aonde...

O cavalheiro supõe porventura irregularmente colocado o pronome, caso sujeito — eu. Entendia, talvez, de conformidade com aquela regrinha gramatical do que a primeira pessoa tem prioridade sôbre a segunda, a segunda sôbre a terceira, que se devia escrever:

"E' mais ou menos o que se passa entre eu e o sr. Manuel O. Romeiro".

Assim seria, se se atendesse sòmente á gramatica. Mas, ás vezes, o bom-tom manda mais do que a gramatica e ordena a inversão.

Exactamente o que se deu no caso.

Todavia o periodo, noutro ponto, não foge á incorrecção, ainda que o professor João Arruda me garanta que Grivet, grande autoridade no assunto, chega a aconselhá-la.

Jamais se poderá dizer acertadamente, para se dizer elegantemente:

"Entre o sr. Romeiro e eu", mas sim: "Entre o sr. Romeiro e mim", ainda que dêste modo sôe menos bem.

Da mesma forma: "Entre mim e ti", "Entre mim e êle", "Entre ti e êle".

Como só os pronomes pessoais da primeira e segunda pessôa do singular possuem uma variação a mais, é que se constróe dessa maneira. Em se tratando pois dos pronomes nós, vós e êle e ela, eles e elas, deve-se dizer: — "Entre nós e vós", "Entre vós e êle", assim por diante.

Fica aí confessado o meu cochilo.

Podia atira-lo para as costas largas do revisor. Mas não o fiz. Coitado do revisor. Um moço tão bom!

De resto, pague o articulista o vicio de falar errado. Todo o mundo, e o brasileiro muito mais, tem duas linguas: a em que fala e a em que escreve. Na em que se fala não há o menór cuidado. Na em que se escreve, em geral, põe-se o conhecimento e o amor de que se é capaz.

Tal coisa não ocorre, apenas entre os ignorantes. Lembro-me muito de ouvir a Silvio de Almeida, Eduardo Carlos Pereira e outros, pedacinhos como êste:

"— Onde você pôs o livro? Vai buscar êle."

Duas infracções em pouco mais de uma linha. Isto em Silvio e Carlos Pereira. Silvio, dos mais autênticos vernaculistas do Brasil! Pereira, o nosso maior gramático moderno!

Muita gente de agora tira daí a conclusão de que urge, para pontuar a dualidade, escrever-se como se fala.

Solução absurda. Cada individuo, no minimo, cada aglomerado de individuos, teria uma lingua. Ao cabo de meio século a realidade seria esta: o Brasil, já a braços com tantas calamidades, se fraccionaria em centenares de linguas.

Ponha-se á margem, por monstruosa, a solução modernista.

Entre o universal, como a lingua fixada, e as mil variedades da lingua falada, o razoável é se enveredar para o primeiro.

Assim orientados o ideal não será jamais escrever-se como se fala, mas falar-se como se escreve.

Isto, como todo o ideal, é inatingivel. Todavia, aproximemo-nos desse ideal, esforçando-nos por falar o mais correctamente possivel.

Só quem fala correctamente está livre de cochilos, no escrever, dêsses cochilos torturantes que, a cada passo, todos nós praticamos, pelo vicio de mal falar.

AURELIANO LEITE

Diario Nacional: A Democracia em Marcha (SP) - Ano 1930\Edição 00846 (1)

com *apherese* em hav-eis é a menos precaria e a que menos soffre impugnação. Camões, Bernardes e Vieira não se forraram ao desejo de *uza-lo* como *verbo*: *eis* appareceu logo uns pequenos bateis; "*eis aqui* mil quinhentos marcos de prata" — *vós tendes* ou *haveis* aqui mil quinhentos marcos de prata; começa a sahir e a nascer o sol; *eis* o gesto agradavel do mundo" — *haveis* o gesto agradavel do mundo". Os oppositores allegam que os pronomes possessivos substituem adjectivos na falta de substantivos a que determinem, e isso impede que se diga: *eis o teu* melhor amigo em vez de *eis o vosso* melhor amigo, sendo *vosso* e não *teu* o pronome correspondente á segunda pessoa do plural. Lembram-se ainda os contestantes, do nono e decimo verso do canto III dos Lusiadas em que o celebrado epico e primoroso poeta põe na bocca, do fiel vassalo "Egas Muniz", disposto a pagar a obrigação contrahida como fiador do principe Affonso: "*Eis* aqui venho offerecido a *te* pagar co'a vida o promettido". Em que, aparteam elles, a referencia do obliquio *te*, de modo algum poderia alludir á *segunda pessoa do plural*. E' insubsistente a prova. Arrima-se a u'a muleta falsa. Cortemos o nó gordio. São communs as phrases que andam, sem parar, na linguagem da gente pobre a na da erudita: Vêde-*me* aqui, senhor, e não é raro que, por modestia sejam *empregados eu e tu em lugar de nós e vós. As encliticas só se acostam*, já o dissemos, a *verbos*—sympathia de que não goza *nenhum outro elemento grammatical*: *eis-me* aqui; *ei-lo* que chega.

E' argumento decisivo. A meu ver, essa é a hypothese acceitavel. *Não são locuções adverbiadas* as phrases *eis aqui, eis ahi, eis alli* e sem *verbos* modificados por *adverbios*, seguido de *que* e ás vezes de *não*, o vocabulo *eis* precede e rege orações inteiras: "*eis que* surgem agora difficuldades. *Sim, não, apens, só, sequer, senão, somente, exclusivamente, unicamente, certamente, nada, nunca, aliás, afóra*, etc. Na impossibilidade de incluirem os vocabulos supra citados *somente na classe dos adverbios*, os grammaticos classificam-n'os como *preposições, adverbios, interjeições e particulas de negação, affirmação, inclusão e exclusão*. Intercallando-se entre outras palavras para marcar ou assignalar uma relação, *afóra* é *preposição*: "não ha anno que, alli, não naveguem de mil juncos para cima, *afóra* outros navios pequenos"; modificando a significação de verbo, adverbio ou adjectivo é adverbio: "a agua dos poços, *afóra* ser tão pouca, e desde que não affirme circumstancia e refira-se *a substantivo é particula de exclusão*: *afóra Joaquim*, todos fizeram bôa viagem. Apenas tem funcção de *adverbio* e equivale a *com difficuldade, escassamente*: "o que lhe produz o trabalho, *apenas chegava* para que, no Domingo, tivesse mais um prato á mesa.

Com a equivalencia de *logo que*, assume o caracter de locução conjunctiva: "*apenas* chegado uma dos primeiros portuguêses que chamou aos seus conselhos foi..."; e na phrase apenas eu soube lição é, para outros *particula* ou *palavra de exclusão*. *Sim* e *não* são incluidos entre os adverbios:..." o teimoso não tem cabeça porque não conhece que...; "agora sim, irmãos, levantemos o vôo"...; *entre as interjeições*, porque, implicitament, podem abranger os elementos de uma proposição, e até o professor Grivet affirma serem as mais perfeitas quando sirvam de resposta peremptoria a uma interrogação: — *vaes para a sepultura?* Sim. Outros porém, pensam que os vocabulos *sim, não, certamente, apenas, só, unicamente, nada, nunca*, etc... não podem ser inventariados entre os *adverbios* em phrases como: apenas eu fiquei em casa; você vae á rua? vou sim. Vão ao commercio? não. "Só a palavra... fala... só ella esculpe estatuas;" "todos seguiram inclusive eu;" "Unicamente tu foste ao collegio;" todos almoçaram inclusive eu etc...,

Revista de Ensino (AL) - Ano 1930\Edição 00022 (1)

Questões grammaticaes

PRECISAR

Segundo os lexicographos, o verbo *precisar* pode ser tomado como transitivo-directo e como transitivo-indirecto.

Como transitivo-indirecto, significa *ter necessidade, carecer* e pede um complemento regido da preposição *de*. Como transitivo-directo, é synonymo de *exigir* e o complemento não tem preposição.

Exemplos de Constancio:

1) *O doente precisa de descanso*, isto é, tem necessidade, carece de descanço.

2) *O negocio precisa grande attenção*, isto é, exige grande attenção.

Isto posto, erram os que, no primeiro caso, eliminam a preposição, dizendo, por exemplo: *preciso estudar a questão;* pois, o verbo *preciso* não pode ahi substituir-se por *exijo*, sem alteração do sentido: *exijo estudar a questão*. O sentido da phrase é este: *tenho necessidade de estudar a questão*. Logo, deve-se dizer:

Himalaya, na região onde o Ganges nasce.

deve-se dizer: *Preciso de estudar a questão.*

Vende-se livros — vendem-se livros — vendem-se ouro e prata.

A primeira forma é gallicismo puro e não ha escriptor de merito, antigo ou moderno, que a autorise. Todos usam da segunda forma, concordando o verbo com o substantivo do plural, que é o sujeito da oração passiva.

Quanto á terceira forma, é correcta, apezar de ser o sujeito composto e formado de substantivos no singular e isto porque a oração está na ordem inversa. Grivet abona-a, fundado em numerosos exemplos, de classicos, entre os quaes o seguinte do padre Antonio Vieira: "*Falta-me o tempo e o talento* para escrever".

cia nem em latim é de rigor; S. JERONIMO escreveu na *Vulgata*:

"*Pater tuus et* EGO *quaerebamus te*"

Segundo Figueiredo, como vimos, devemos dizer:

Entre mim e *êle*
Entre êle e *eu*.

GRIVET (*Gr.*, p. 375) condena "entre mim e *ti*" e só admite:

"Entre *eu* e *tu* não pode haver mais concordia"...

Apontando varios usos em latim, em inglês e em diversas linguas romanicas, considera SILVIO DE ALMEIDA (*Questão Gramatical*, 1900) irreprochavel:

"*Entre Paulo e* MIM" e não "entre Paulo e *eu*", já que é defeso empregar o caso reto naqueles idiomas, salvo o castelhano, em dizeres que exprimem cooperação, v. g.: "Entre Pablo y *yo* nos comimos tres pollos", mas já se dirá: "Entre Pablo y *mí* no hay ningun secreto", etc.

CONSTANCIO e MORAES só aceitam, louvavelmente,

Entre vós e *mim*
Entre ti e *mim*,

e portanto,

"Entre *mim* e *ti*"

Confrontemos alguns dos pareceres acima exarados.

A Castro Lopes e Figueiredo repugna "entre mim e *ti*", por entenderem que estas particulas exigem a regencia imediata da preposição.

Não o ignorava, sem dúvida, Grivet, e todavia houve êle por bem aconselhar "entre *eu* e *tu*" (!), sem embargo de não poder o pronome "*eu*" ser regido de preposição!

Fixemos agora isto: o segundo termo deve ser *mim*, *ti*, *nós*, *vós*, *êle*, etc.

Ilustremos o asserto com documentos:

Em A. PEREIRA DE FIGUEIREDO, lemos:

"No que toca porém á palavra que nós nos demos um ao outro, o Senhor seja d'ella para

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1934\Edição 00073 (1)

A LINGUA VERNACULA

A. RAGGIO NOBREGA.

NOS DOMINIOS DA SINTAXE
"ENTRE ÊLE E MIM"

—(*)—

Antes de tomarmos conhecimento do parecer de RUI BARBOSA, importa um rapido exame da preposição *entre*.

Nos "ESTUDOS DE PORTUGUÊS", eu ponderei:

"Persuadimo-nos de que a preposição ENTRE não *rege* somente o termo a que está ligada: *entre* tem a peculiaridade de dominar duas ou mais entidades ou coisas: *entre* a espada e a parede, *entre* os romanos, etc.; aquela preposição *não se repete* antes de cada um dos termos empregados, como acontece com as outras, v. g.: *a* Pedro e *a* Paulo, *de* pau e *de* ferro, *com* um *com* outro, etc.

Afigura-se-nos que assim como se diz: "entre a cruz *e a caldeirinha*", sem possibilidade de repetir-se o *entre*, não nos será vedado *"entre êle e* MIM", ou, como escreveu ALEXANDRE HERCULANO, cuja autoridade é de grande peso para amparar a nossa apreciação: "ENTRE mim E TI" (*Eurico*). Erraria o egregio vernaculista? Ai está a particula, sem que a preceda imediatamente a preposição! Aliás, exatamente como em passos de FERNÃO LOPES e VIEIRA, que RUI cita na *Réplica!*" (p. 180-181).

O tempo e a reflexão vieram confirmar, vieram robustecer o meu modo de pensar. Novos documentos classicos, de que parece se não cogitou ao versar esta materia, só corroboram o conceito por mim externado.

O *entre* de fato *não se repete* dou com grande acerto no discretear deste magno assunto, foi o preclaro RUI BARBOSA.

A' pagina 532 da *Réplica*, traçou o Mestre:

"Creio que isso basta a quem *entre êle e* MIM houver de pronunciar"

Em *nota* a este passo, declara êle discordar de varios especialistas, aduzindo, em abono da construção que adota, os seguintes exemplos:

"Como a comparação não é mais que *entre meu Pai e* MIM, cuidem embora..."

(VIEIRA, *Sermões*, vol. II. p. 66)

"Não queria que el-rei de Inglaterra cuidasse que eu lhe faleci ou quero falecer no que *entre êle e* MIM é posto"

(FERNÃO LOPES, *Cronica de El-Rei D Fernando*, c. 162)

E acrescenta RUI:

"Que se não admite o *entre ele e eu*" (como o *entre eu e ele*) é sem dúvida. Mas, de *entre mim e ele* a *entre ei: e mim* não vejo onde a vernaculidade padeça quebra, suposto assim não pensem gramaticos de nomeada. E ainda bem que não opino sem dar autor, como diria o citado VIEIRA (*Cartas*, v. III, p. 32)"

Em todo este debate confesso a minha grande estranheza ao deparar-se-me um *"entre* EU e TU" caido de penas magistrais...

Nas linhas que aí ficam algo ha de proveitoso aos que desejam esclarecimentos no meio deste cáos sintatico.

Não ha, pois, elva de incorra-

materia, só corroboram o conceito por mim externado.

O *entre* de fato *não se repete*, no uso hodierno do idioma, mas algo, no dizer dos antigos, serve de elucidar completamente o seu papel nas locuções que estamos examinando.

E' de correção inconteste na linguagem consagrada o emprêgo de *entre* estabelecendo uma relação, v. g. "para discernir ENTRE *o doce e o amargo*" (P. FIGUEIREDO, II Reis, XIX, 35) : ficam aí igualmente *regidos* pela preposição os dois termos ligados pelo *e*. Diz-se, outrosim : "entre *os modernos*", "entre *os antigos*", etc.

Um termo no singular, um substantivo, um pronome, admite tambem o *entre* ?

Quem responde afirmativamente é o citado escritor da Vulgata :

"Disse o justo ENTRE SI MESMO".

(*Psalmos*, XXXV, 2)

Equivale ao "*em mim*" do decasilabo de um dos nossos poetas :

"E eu disse *dentro em mim* neste momento".

O *entre* pode efetivamente ser repetido : é o que nos demonstram documentos que vêm em apoio da minha tese :

"Lançae sortes ENTRE MIM *e* ENTRE JONATHAS meu filho".

(A. P. FIGUEIREDO, I Reis, XIV, 42).

Esta sintaxe não é insolita, não é passo unico : reaparece, de feito, aqui e acolá na obra monumental.

Vejamos :

"Jojada pois fez uma alliança ENTRE O SENHOR, *e* ENTRE O REI, *e* ENTRE O POVO, para que êle fosse o Povo do Senhor, *e* ENTRE O REI E O POVO"

(IV Reis, XI, 17)

"E Samuel tomou uma pedra, e a poz ENTRE MASFATH *e* ENTRE SEN, e appellidou este logar a Pedra do Soccorro"

(I Reis, VII, 12)

E ainda :

jam esclarecimentos no meio deste cáos sintatico.

Não ha, pois, elva de incorreção nas frases a que aludiu a consulta :

"Entre ele e *mim*"
"Entre mim e *êle*"

São vernaculos, por conseguinte, estes torneios :

"Entre mim e Pedro"
Entre ti e Antonio
Entre João e *mim*
Entre êle e *mim*
Entre João e *ti*
Entre *mim* e *ti*
Entre ti e *mim*,
Etc.

A MINHA CORRESPONDENCIA

Avulta, dia a dia — avulta e complica-se, — a correspondencia dos que desejam colaborar nesta campanha "sanead ora" da nossa lingua. O termo é de um consulente.

Batem-me á porta estudiosos — alguns se revelam verdadeiros mestres — trazendo-me preciosas sugestões a proposito da particula "se", do pronome "si", de uma infinidade de fatos sintaticos, de varios assuntos prosodicos, de questões de grafia, acentuando-se a necessidade de exame das normas prescritas no acôrdo bi-academico.

Fazem-se as mais curiosas indagações. Revolve-se, esquadrinha-se a lingua de Camões... Aplaudem-me (não odigo por vaidade) a tentativa de elucidação especialmente de questões sintaticas por mim ventiladas, garantindo-me alguns missivistas, com requintada gentileza, que o numero dos que lêm atenta e carinhosamente estes artigos é maior, muito maior do que talvez suponha o autor... Isto sensibiliza, confunde. São palavras confortadoras, são brados de animação, que me estimulam a proseguir com a mesma firmeza, constancia, tenacidade, afoiteza e desassombro, neste batalhar em prol de uma causa nobre, qual a de zelar dos fóros de lindeza do idioma nacional. Empresa ciclo-

DAVID *e* ENTRE JONATHAS filho de Saul"

(II Reis, XXI, 7)

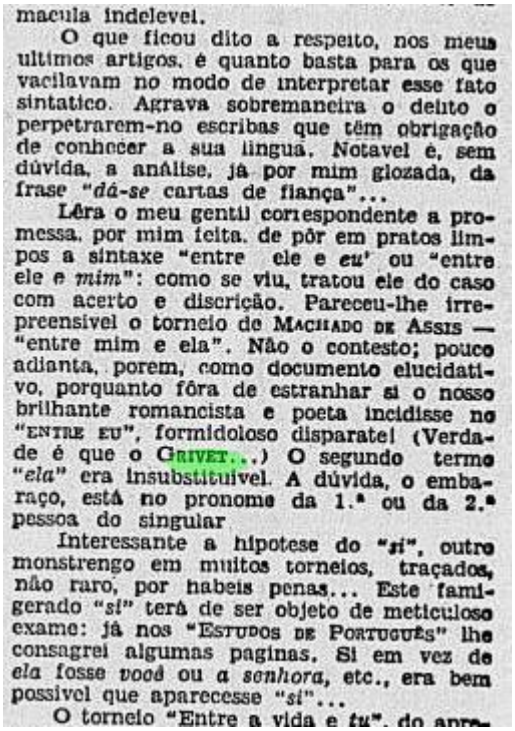
Os trechos transcritos nos explicam porque pode o segundo termo vir *sem a regencia imediata* da preposição, como no torneio : "ENTRE Pedro e MIM"

O que é certo, em ultima analise, em conclusão clara, insofismavel, é que só podem, em torneios dessa natureza, empregar-se termos que ADMITAM A REGENCIA DE "ENTRE" : logo, "entre *eu* e TU", entre Pedro e EU", etc. são de flagrante incorreção, são indefensaveis, são verdadeiros solecismos. GRIVET tem de dar a mão á palmatoria. FIGUEIREDO val outrosim confessar que errou e faz jus a meia duzia de bolos, podendo ainda agravar-lhe a pena a tal historia de *cessar a regencia* por estar distanciada a preposição... Famosa patranha !

"Entre ele e eu" é, de fato, o mesmo que "entre êle e ENTRE EU", o que, em hipotese alguma serie tolerado.

Quem, incontestavelmente, an-

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1934\Edição 00074 (1)



macula indelevel.

O que ficou dito a respeito, nos meus ultimos artigos, é quanto basta para os que vacilavam no modo de interpretar esse fato sintatico. Agrava sobremaneira o delito o perpetrarem-no escribas que têm obrigação de conhecer a sua lingua. Notavel é, sem dúvida, a análise, já por mim glozada, da frase "*dá-se* cartas de fiança"...

Lêra o meu gentil correspondente a promessa, por mim feita, de pôr em pratos limpos a sintaxe "entre ele e *eu*" ou "entre ele e *mim*": como se viu, tratou ele do caso com acerto e discrição. Pareceu-lhe irrepreensivel o torneio de MACHADO DE ASSIS — "entre mim e ela". Não o contesto; pouco adianta, porem, como documento elucidativo, porquanto fôra de estranhar si o nosso brilhante romancista e poeta incidisse no "ENTRE EU", formidoloso disparate! (Verdade é que o GRIVET...) O segundo termo "*ela*" era insubstituivel. A dúvida, o embaraço, está no pronome da 1.ª ou da 2.ª pessoa do singular.

Interessante a hipotese do "*si*", outro monstrengo em muitos torneios, traçados, não raro, por habeis penas... Este famigerado "*si*" terá de ser objeto de meticuloso exame: já nos "ESTUDOS DE PORTUGUÊS" lhe consagrei algumas paginas. Si em vez de *ela* fosse *você* ou *a senhora*, etc., era bem possivel que aparecesse "*si*"...

O torneio "Entre a vida e *tu*", do apre-

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1934\Edição 00077 (1)

O Emprego do Infinito Pessoal

Maria Antonia de Mello
Da Diretoria Geral do Ensino

Si o uso do Infinito pessoal só é proprio de nossa lingua, quando devemos usál-o?

Nos "Serões Gramaticais", do dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, lente jubilado do Ginásio da Baía, 3.ª edição, 1919 — encontramos:

"Este idiotismo de nossa lingua dá-lhe uma vantagem incontestavel sobre suas irmãs, as linguas romanicas, facilitando-lhe a variedade da frase, conforme as exigencias da harmonia, a energia dos conceitos e o colorido das idéas. As regras, porém, relativas ao emprego dos dois infinitos de nossa lingua são sujeitas a muitas dificuldades, e podemos considerar este, um ponto de nossa gramatica, em cuja aplicação a maioria de nossos escritores vacilam e tropeçam. Formularemos todavia, as seguintes regras não tendo *a maior parte delas nada de rigorosas e absolutas*".

O grifo é nosso, mas si os leitores quizerem lêr as onze regras poderão encontrá-las no volume acima citado.

Julio Ribeiro admite as regras de Diez, mas afirma que as de Soares Barbosa, seguidas por muitos gramaticos só servem para gerar incerteza no espirito de quem estuda. Segundo tais regras, os escritos de Camões, Vieira, Herculano e outros estão inçados de erros.

Eduardo Carlos Pereira vai mais longe: "O gosto literario, o ouvido culto e o criterio gramatical do escritor, a harmonia da frase e a clareza são as duas leis regulamentares do emprego correto do Infinito Pessoal.

As regras absolutas dadas pelos gramaticos são artificiais, não condizem com os fatos do idioma vernáculo e lançam a confusão no espirito dos escritores principiantes."

As regras aludidas são as formuladas:

1.º — por Jeronimo Soares Barbosa em 1803:

a) usa-se o infinito pessoal quando tem êle sujeito proprio, diverso do de seu verbo regente e o infinito impessoal quando os sujeitos são identicos;

b) usa-se ainda o infinito pessoal quando o infinito é empregado como sujeito, predicado ou complemento de preposição em sentido pessoal.

2.º — em 1836 - 1844, na Gramatica das Linguas Romanicas, Frederico Diez (adotado por Julio Ribeiro) diz:

Emprega-se o infinito pessoal quando a clausula do infinito póde subtrair-se á dependencia do verbo principal — sendo substituida por outra no indicativo ou no subjuntivo — quer tenha ou não sujeito proprio.

Carlos Góes apresenta as regras de Diez e Soares Barbosa como defeituosas, mas para esclarecer o uso do infinito impessoal dá 18 regras, e como se não bastassem, dá mais 15 para definir o emprego do infinito pessoal. Ao todo 33 regras!

E' o cumulo! Como si as cabeças dos estudantes tivessem de ser apenas receptaculos de regras gramaticais!

Coelho Netto, num de seus artigos, escreve:

"A gramatica é apenas a codificação das leis e a prova mais eloquente e forte desse asserto é o progresso das linguas, reagindo contra todos os entraves que lhes opõem os aferrados aos principios, tão arcaicos como as palavras, que, por inuteis, caindo em desuso, são logo substituidas por termos que batisam novas ideias e novos inventos. Ficar na prisão absurda das regras é estacionar em ambito limitado. As leis nascem das necessidades — são marcos que fixam conquistas. A gramatica é a historia das linguas, como a historia dos povos deve avançar, dilatar-se com a evolução".

O professor José Portugal, no Curso Prático de Português, 3.ª edição — 1907, pags. 390 e 391 dá alguns conselhos sobre o uso do infinito impessoal.

1.º — quando é empregado de um modo absoluto, sem referencia a nenhum determinado sujeito, ex.: Fazer bem é um dever nosso. Não haver quem nos ajude é duro. Vejamos aquele entrar e saír sem descanso.

2.º — quando está subordinado a outro verbo sem sujeito próprio e referido ao sujeito desse verbo, ex.: Não poderemos dar esmolas a todos os pobres. Eu queria comprar todas as bonecas. Mandaram-nos emendar os exercicios.

3.º — quando faz as vezes de imperativo, ex.: Escoteiros! Marchar! Soldados, direita volver! Apontar armas!

Grivet, em sua Gramatica Analitica, completa (a meu vêr) estes conselhos quando recomenda o uso do infinito impessoal:

1.º — nos verbos combinados (conhecidos pelo nome de verbos perifrasticos) exs.: Has de louvar a grandeza da terra. Estudamos para fazer boa figura. Os operarios começaram a trabalhar. Os meninos olham sem vêr.

2.º — quando são complemento de outro verbo tambem no infinito, exs.: Vocês deviam querer ajudar-nos. Não podiam deixar de intervir. As crianças foram puxar a rir a barba postiça do palhaço.

Fóra estes casos, diremos com Eduardo Carlos Pereira e o prof. José Portugal: E' indiferente o uso do infinito pessoal ou impessoal submetendo-se apenas ás exigencias da clareza, elegancia ou harmonia. Ex.: O fazendeiro deu muitas sementes aos visinhos para viver em paz e harmonia. (Para que êle fazendeiro vivesse em paz com os visinhos, etc.). O fazendeiro deu muitas sementes aos visinhos para viverem em paz e harmonia (Para que os visinhos vivessem em paz, etc.).

EM TODAS AS LIVRARIAS:
PEDRA NO SAPATO
Satiras de Victor Caruso

Revista do Professor (SP) - Ano 1934\Edição 00005 (1)

um pronome indefinido e representa o sujeito da oração, dada a equivalência do *se* com o *on*.

Said Ali (3) contesta parte de tal opinião e ensina que o fenômeno será, quando muito, um caso de vulgarismo ou plebeismo... português, calcado sôbre locuções congêneres do falar pátrio.

Tem muita razão o eminente mestre porque, de fato, a construção de que falo é observada principalmente, nos domínios populares que nada ou quási nada sabem da França e sua língua.

E' interessante verificar a opinião de um velho gramático — Adriano Grivet (4) — sôbre o ponto. Diz êle: o *se* constitue um sujeito, quando se deixa traduzir pela expressão vaga — a gente.

O que é certo, porém, é que tal fenômeno existe no idioma luso-brasileiro. Cumpre, portanto, estudá-lo à luz de elementos outros, ainda não falados.

E' sabido que o latim vulgar se caracterizava por alguns fatos interessantes, como os seguintes: o desenvolvimento ao analitismo (5), a redução e confusão dos casos, a tendência para o desaparecimento do gênero neutro, o aumento acentuado de preposições, etc.

Cumpre lembrar, neste momento, que o latim de que se trata, tinha formas especiais de expressão, "mais il emprunte au latin classique la plus grande partie de ce qui le constitue, la plupart des mots, la plupart des formes, la plupart des constructions síntaxiques". (6)

A propósito da construção — objeto dêste trabalhinho, é necessário notar o que se segue, porque é de interêsse para a explicação do fato.

São uns exemplos do latim vulgar, em que se nota o emprêgo da voz passiva impessoal, acompanhada do objeto direto no plural: "legitur libros" — "Monetur pueros" (7), tendo as respectivas traduções — "lê-se livros" — "Admoesta-se meninos".

---

(3) "Dificuldades" — 3.ª edição — pág. 162.
(4) Gramática Analítica" — 1865 — pág. 189.
(5) Clóvis Monteiro, em recente livro, conclue que semelhante tendência parte dos idiomas clássicos.
(6) "Manuel des Etudes Grecques et Latines", de Laurand — 1930 — pág. 675 — V. 6.
(7) Conf. José M. Rodrigues in "Revista de Língua Portuguesa" — N. 24.

Revista de Lingua Portuguesa (RJ) - Ano 1935\Edição 00001 (1)

Maravalhas Grammaticaes

EXPLANAÇÕES:

Caracter verbal do infinitivo.

Embora substantivado, não perde de todo o infinitivo o seu caracter verbal, conforme se poderá verificar do confronto das expressões seguintes:

O SORRIR DOS FELIZES (OS SORRISOS DOS FELIZES).

O GARGALHAR PARVO DOS IDIOTAS (AS GARGALHADAS PARVAS DOS IDIOTAS).

O SOLUÇAR DOS AFFLICTOS (OS SOLUÇOS DOS AFFLICTOS).

Esta idéa de acção, vamo-la encontrar nos *adjunctos attributivos*, quando estes modificam o infinitivo substantivo:

O NASCER DO DIA (O DIA NASCE).

O CAHIR DA TARDE (A TARDE CAHE).

O BORBORINHAR DAS AGUAS (AS AGUAS BORBORINHAM).

Da comparação das expressões supras, resalta com evidencia o, quer que seja que lembra a acção dos verbos nos casos estudados. E certo que nos exemplos dados todos exprimem *actividade*. Entretanto, pódem elles conter idéa de *passividade*:

O QUEBRAR DOS PRATOS (OS PRATOS SÃO QUEBRADOS).

O PARTIR DOS CRYSTAES (OS CRYSTAES SÃO PARTIDOS).

Com certeza por essa razão é que muitas vezes *adverbios* e *expressões circumstanciaes* os modificam:

O ANDAR SEM FIRMEZA, SEM APRUMO, quasi gigante e sinuoso.

(Euclydes da Cunha)

O VESTIR-SE BEM é proprio das pessoas de gosto.

O caracter verbal do infinitivo é naturalmente posto em relevo pelos proprios *complsmentos* que lhe integralizam o sentido e realçam a acção, como já vimos:

UM ESPARSO TILINTAR de chocalhos, de guizos.

(Eça de Queiroz)

O TRITURAR O CORAÇÃO de oitenta annos.

(A. Herculano)

Do que levamos dito, se conclue que o infinitivo é essencialmente *expressão verbal*, caracterizada pela abstracção e indeterminação do sentido, sendo egualmente a *fórma nominal dos verbos*, pelo que equivale ao substantivo, gozando das propriedades deste.

Já Grivet dizia: "O infinitivo participa do facto syntactico, sem ser facto: é expressão verbal; não chega a enunciar de per si um facto, apenas enuncia um acto. Ao vêsso das idéas, que parecem geralmente prevalecer, a *impessoalidade é propriedade essencial deste modo*, e a *personalidade, propriedade accidental*".

CONSULTAS:

Pede-nos um consultante para explicar a origem do vocabulo OCHLOCRACIA (pron: O-KLO-CRÁ-SSI-A). Allega que já consultou a respeito a opinião do critico da secção PORTUGUÊS & LITERATURA, da "Gazeta de Noticias", mas que não se conformou com a hypothese aventada pelo Sr. Horacio Mendes, de que se trata de algum *neologismo*. Realmente o vocabulo em apreço é legitimo vernacula, e sua etymologia é, certamente, a que lhe attribue o provecto professor do INSTITUTO RABELLO, a cujos talentos rendemos as homenagens de nossa mais viva admiração. Significa OCHLOCRACIA o governo em que o poder reside nas multidões ou no populacho; e representa em geral o primeiro periodo da historia dos povos. Sua origem é grega (OCHLOS = PLEBE, e CRATEIN = GOVERNAR). O Diccionario de Adolpho Coelho regista o termo, e foi justamente nessa perenne fonte de ensinamentos philologicos que nos louvámos para alinhavar estas linhas de simples esclarecimentos.

LIVROS & PUBLICAÇÕES:

CENACULO PHILOSOPHICO — da Faculdade de Philosophia, Sciencias e Letras da Universidade da Capital Federal.

O presente opusculo dá conta do que se vae realizando de util naquelle novo e já esperançoso CENACULO PHILOSOPHICO, com interesse para esses transcedentaes estudos entre nós. É uma publicação proveitosa, que registra dois cuidadosos discursos sobre o assumpto, de magna importancia para os povos que formam á vanguarda das nações que se prezam de ser cultas.

O CENACULO PHILOSOPHICO é iniciativa de uma pleiade de alumnos daquella Faculdade, e nelle repousam as esperanças mais ridentes de quantos desejam ver encaminhados estes conhecimentos entre nós. É de prever-se que, em futuro que não está longe, terá conquistado o Cenaculo logar de destaque entre as associações congeneres, disseminadas pelo mundo inteiro, projectando a luz da philosophia nas intelligencias preparadas para recebê-la. Sua creação, pois, veio prehencher uma grande lacuna neste particular, lacuna esta que se não justificava e era o mais triste attestado de atrazo intellectual passado á cultura do nosso povo e, ainda mais, revoltante menosprezo á memoria dos cultores desses estudos no Brasil. Era, acima de tudo, esquecimento injustificavel de valores como Tobias Barreto, Farias Brito, Sylvio Romero, e tantos outros, cujos nomes são o melhor estimulo para que a mocidade estudiosa das escolas continuem a trilhar essa senda maravilhosa, proseguindo nas pégadas dos mestres e que ahi reluzem com o brilho proprio dos astros.

V. PAULA REIS

Nação Brasileira (RJ) - Ano 1936\Edição 00155 (1)

los a dedo.

Vale a pena esmiuçar as varias opiniões que consignei. A *precedencia* da primeira pessoa é coisa de todo insustentavel: é disparate. C. DE FIGUEIREDO escrupuliza no emprego de *entre* regendo pronome pessoal: este só póde ser de caso obliquo. Para ALFREDO GOMES *eu* e *tu* (caso reto) *podem* ser regidos de preposição (!), e daí: "*Entre eu e ele*". Dispensa contestação. GRIVET, metendo os pés pelas mãos, perpetra: "*Entre eu e tu*". C. DE FIGUEIREDO, menos desarrazoado mas incurso em erronia, aceita "*Entre ele e eu*". Como C. LOPES, como GRIVET, como GOMES, não admite pronome obliquo (no segundo termo) sem que venha *imediatamente* regido de preposição. Assim opina SANDOVAL, para quem *seria* correto:

"Entre ele e *eu*", "*entre* ti e *eu*", "*entre* mim e *tu*", etc.

Nos meus *Estudos de Portugues* (2.ª ed.), ventilando o caso, arrisquei a seguinte ponderação:

"Persuadimo-nos de que a preposição ENTRE não *rege* sómente o termo a que está ligada: *entre* tem a peculiaridade de dominar duas ou mais entidades ou coisas: *entre* a espada *e a parede*, *entre* os *romanos*, etc.; aquela

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1937\Edição 00302 (2)

A LINGUA VERNACULA

Uma saraivada de perguntas — "Entre ele e mim"

III

Relativamente á sintaxe de *entre*, patenteia-se a balda de se fixar opinião doutrinaria sem o indispensavel exame.

Sabendo-se que *eu* e *tu* não podem ser *regidos de preposição* (em "*para eu* beber", o *para* rege a *frase infinitiva* e não o pronome), não têm faltado gramaticos que preconizem o torneio — "*Entre* EU e Pedro"! Esse *entre* deixou de ser prepositivo? E' exceção á regra, de todos aceita? E em que termos deverá a critica severa e honesta estigmatizar tais disparates?

Vimos o juizo externado pelo competentissimo Sr. coronel SANDOVAL: — "Entre ele e *eu*, entre ti e *eu*, *etc.*", é o que DEVIA ser considerado vernaculo!"

Aquele segundo termo, que parece liberto da influencia da preposição, é que tem desorientado os tratadistas. Que ha nisso de estranhavel? Não nos fere ainda o timpano a opinião de GRIVET? Quem diz "*entre eu*", "*entre tu*" hesitará em gatafunhar — "entre Paulo *e eu*, entre Paulo e *tu*"? Assim distanciado, é claro que se afigura perfeitamente aceitavel e legitimo o caso reto!

Mas ha que notar: não se buscou, não se busca, em geral, *interpretação* em harmonia com os *modelos* da boa linguagem, gar a idéia, a opinião preconcebida!

Diante da vasta cópia de exemplos que nos aponta RUI BARBOSA á pagina 577 da *Réplica;* em face de documentos colhidos em CAMÕES, ANTONIO FERREIRA, BERNARDES, VIEIRA, FILINTO, ANTONIO DE CASTILHO, C. CASTELO BRANCO e outros, teima-se em negar a vernaculidade de "*entre mim*", "*entre si*", etc., equivalentes a *em mim, em si!* E todavia, que haverá na lingua mais solida e exuberantemente comprovado?

E', em tudo isto, patente a falencia de sereno e razoavel criterio no apreciar os *fatos*: põe-se á margem, com a maior sem-cerimonia, o testemunho dos mais acatados escritores, com a decisão de impôr, de fazer vingar, como disse, a opinião preconcebida!

Não está certo. E' destempero.

Em face da profusa documentação classica, outra poderá ser, concordo, a *decisão* do gramatico: haja vista, a este proposito, o meu trabalho, ha muito estampado n'*A Lingua Vernacula*, acerca da sintaxe de "custa a" (*custa a crér*), em que tive a honra e afoiteza de insurgir-me contra o parecer do exelso RUI BARBOSA. O caso, porém, era outro. Tambem lá aparece uma caterva

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1938\Edição 00011 (1)

SONORIDADE DO NOSSO IDIOMA

De todas as linguas dos povos cultos, que hão servido de vehiculo ao pensamento, é, sem duvida, a nossa a mais linda e maviosa. Das romanicas ou néo-latinas é a mais rica e encantadora. Riquissima de belleza rythmica, de suffixos, de tropos lindos, de interessantes idiotismos, de vocabulario pomposo e fascinante.

Desde dois seculos antes da vinda de Christo, isto é, desde a época em que os Romanos conquistaram a Peninsula Iberica, até aos dias actuaes, no decurso de mais de um bi-millenio, a lingua querida de Frei Luiz de Souza e de Vieira vem se enriquecendo e sublimando através dessa lenta evolução no tempo e no espaço.

A' guisa de Carlos Góes, posso dizer: Se a linguagem, em sua verdadeira generalidade, segundo os accordes dos grammaticos, é a expressão do pensamento, a nossa, sobretudo, é deste a musica espiritual. E', tambem, no dizer de Goethe, um desses bens difficeis, que, mesmo herdados, para se possuir, precisam ser adquiridos de novo.

Infelizmente poucos são os super-homens que, como Ruy, Mario Barreto, Machado de Assis, João Francisco Lisboa, Julio Ribeiro, E. Carlos Pereira, Carlos Góes, Camões, Jacintho de Andrade, Bernardes, Vieira, Castilho, Herculano, Garrett, Latino Coelho, Candido de Figueiredo, lhe conhecem os segredos e as bellezas. Poucos são hoje os escriptores que não esfarrapam a franja de damasco do vernaculo. Mestre Alberto de Oliveira, em uma consagradora carta que, em 1935, endereçou ao meu querido amigo Plinio Motta, exaltando o poema "O Pantano" deste, assim se expressou: "Vae rareando, cada vez mais, ultimamente, entre nós, o gosto das boas normas de escrever. A lingua pouco lhe falta para andar mais remendada, se já não o está, do que capa de pedinte, segundo o conceito que vem na "Corte na Aldeia".

Continuemos a exaltar a peregrina belleza e a sonoridade na nossa lingua, em que no cantar de José Albano, "mel com aroma se mistura".

O italiano, o idioma immortalizado por um Dante, ensinado por Zambaldi e no qual, modernamente, philosopha o preclaro pensador Croce, soffre dos sons duplicados e chocalhantes. O castelhano, a lingua suavissima, na phrase patriotica de André Bello, na qual Cervantes creou o romance de cavallaria e Vargas Vila, na Colombia, cinzelou bellas paginas de esthetica, é, comtudo, profusa de sons duros e aspirados, e mais ainda o era quando da sua origem do dialecto gallego, velho marco de transição entre essa lingua do precioso Gongora e a de Camões. O allemão, o idioma acclamado enthusiasticamente por um Max Muller, por um Soares Barbosa e todas as linguas germanicas, de pronuncia difficilima, têm um som guttural, forçado e, por isso mesmo, desagradavel ao ouvido. Em diversas linguas do Oriente como da China, da Arabia, e tambem da Australia, da Polynesia, da Africa e mesmo da America, as quaes segundo repetiu Ayer, não possuem o nosso importante verbo de ligação, o verbo SER, considerado por muitos grammaticos o unico que exprime verdadeira affirmação, existe uma babel de sons coxos e chaoticos, como o sanskrito antigo, pronunciado pelos brahamanes em sua linguagem sacra.

Finalmente, o francez, preconizado em voz alta por um Darmesteter, por um Mason, e o idioma que serviu de vehiculo ao pensamento de um Descartes, de um Voltaire, de um Hugo e de outros vultos da "madre intellectual dos povos latinos", na phrase lapidar e eterna de Ruy, é essencialmente nasal e dá a certos phonemas um som duplo e de escabrosa enunciação. O accento, do latim "accentus", egual a canto, por Carlos Pereira considerado a modulação da voz humana; por Cicero uma simples modulação; por F. Diez, um signal imprescindivel á linguagem: por Diomede como que a alma da palavra — "velut anima vocis", e tão exigido pelo idioma francez, emtanto, não lhe empresta o effeito euphonico a que alludem os linguistas. No portuguez, porém, produz elle toda a musicalidade de que nos falla um philologo da Patria do torturado Leopardi, o qual lhe chama "as pulsações, que batem o compasso da vida."

Como prova cabal da doce malleabilidade da lingua, em que Camões "chorou, no exilio amargo, o genio sem ventura e o amor sem brilho", temos os sympathicos idiotismos do infinitivo flexionado, que, de todas as linguas irradiadas do Lacio, é somente peculiar á nossa. Temos mais ainda a discordancia do verbo com o sujeito composto posposto, que concorda só com o termo mais proximo, salvando-se apenas os casos de excepção. Grivet, em sua magnifica "Grammatica Analytica", referindo-se á questão em apreço, num gesto largo de absoluta e louvavel imparcialidade, assim se expressou: "O portuguez, pelo contrario (isto é, pelo contrario do francez, que se preoccupa com a integridade do pensamento), rico de sonoridades caracteristicas, e, por isso mesmo, mais musical, acabou por offender-se de qualquer dissonancia. No seu melindre excessivo antes quiz constranger o espirito ao esforço de uma interpretação, de que sujeitar o ouvido a uma cacophonia."

E já do latim me apraz a mim a musicalidade e a pronuncia, geralmente breve das palavras. Certo é porque a lingua de Cicero tem a de Bernardes, como filha dilectissima. Effectivamente não se póde penetrar o amago da ultima, as suas subtis bellezas e difficuldades, sem conhecer as particularidades da primeira, sem traduzir, de um rufo, por exemplo as odes horacianas, as eclogas vergilianas. E, tambem, o estudo do grego é imprescindivel, como, no dizer de Garrett, não podia o orador de Ispahan ou de Stambul "escrever bom turco ou bom persiano, sem saber o arabe antigo, a lingua de Koran e de Hafiz, agora tão morta para elles, como o grego e o latim para nós, como o sanskrito para os Indios Mongoes."

O FIGADO
Regula os outros orgãos
FIGADO DOENTE
Doentes todos os orgãos
Tome para o figado

(30853)

ces do "Angelus", o sol oscular as leivas, a lua beijar os palmares, o adejar do "guanumby", o rescar da procena indigena, a candura de uma Cecilia, a paixão ardente de uma Isabel, a paixão e a fidalguia de um Alvaro, o extremado devotamento de um Pery, a mesquinhez de um Loredano, a ineffavel doçura dos "labios de mel" de uma Iracema — este verdadeiro poema em prosa, em que o dr. Affranio Peixoto descobriu "o anagramma de America". Sentimos emfim, na prosa e na poetica desses primorosos artistas da palavra e nas de innumeros outros que seria longo e enfadonho citar o embalador lyrismo, todo o voluptuoso bucolismo, todas as magnificencias primaveraes deste Brasil gigante ante cujos fascinios todos nos ajoelhamos, em extasis, para modularmos um poema verde e uma prece nessa lingua sonora, "tuba de alto clangor, lyra singela", na poetica bilaqueana.

Ella é, ainda, cheia de intricados arcanos e, por isso, proporciona-nos difficuldades mil. Por esse motivo já havemos tido renhidas polemicas entre insignes luminares que a professam. Tivemos gigantescas pugnas polemisticas entre Ruy Barbosa e Ernesto Carneiro Ribeiro, entre o mesmo esculptor da monumental "Replica" e Graça Aranha, entre João Ribeiro e Said Ali, entre Castilho e Alencar entre Paulino de Brito e Candido de Figueiredo, entre Carlos de Laet e Camillo Paulo e Candido, por causa de um simples pronome. Laet e Camillo, por causa de um "Houveram", que, tambem encontramos em "O Bem e o Mal", do ultimo.

A nossa lingua riquissima de meigos e harmoniosos verbos, nos dejara, amiude, muitos que formam verdadeira onomatopéa. Tal se dá com os verbos imitati-

Que sonora que é a lingua de Gil Vicente! Bem no-lo disse José Bonifacio num arroubo de vibratil enthusiasmo: "E' a lingua portugueza bella, rica e sonora, menos dura e tarda que a allemã e a ingleza, mais energica e variada ao ouvido que a italiana, mais suave e natural que a castelhana, e superior em tudo á franceza".

A nossa lingua é a idolatrada dos poetas que dedilham as lyras sob a espiritualidade sonhadora do radioso céo brasileiro, em que faulham os reverberos do Cruzeiro do Sul e da Via-Lactea, magico enlevo de Bilac. A sua sonoridade dá ao verso espontaneo e bem trabalhado um rouxinolar encantador, um rythmo maravilhoso, como se de feito fosse cantado ao som da lyra dos dedos hellenicos. Nos versos regios de Guerra Junqueiro, por exemplo, sentimos um concerto de musica, um modular de harpas eolias, de um violino paganiniano, da flauta ideal de Pan nas florestas da Thessalia e o canto dos rouxinoes da França romantica de Lamartine. Na poesia cantante, brasilica e indianista de um Gonçalves Dias experimentamos e ouvimos o gorgeio dos sabiás tropicaes, o baloiçar das palmeiras, o encantamento féerico das noites brasileiras, o "renonhenhem nhenhem gatu' rupí" dos selvagens nas solidões das nossas selvas, o cair das cascatas americanas nos remansos de crystal, doce encanto de Chateaubriand e de Cooper. Na prosa-lyra, na prosa-poesia de José de Alencar, ouvimos, vemos e sentimos o serpentear dos rios, o sonhar esmeraldino dos "verdes mares bravios", a alegria verde da paisagem, o murmurio das regas, o marulhar dos ribeiros deslizando entre limpidos seixos, a symphonia das frondes, o perfume das flores silvestres, os beijos das brisas amenas, a verdura lyrica das nossas campinas, o gazeiar de alvas garças nas lezirias, as auroras opalinas, os solemnes crepusculos proprios para as prevos, que com serem derivados de substantivos, imitam o som natural e dão-nos a nitida impressão dos seres designados por esses substantivos. Quem, por exemplo, ao ler o verbo "balançar", já não teve a impressão do movimento da uma balança? O ramalhar nos apresenta o farfalho virgem e a musica barbara das mattas brasilicas, das carnaubeiras viridentes, dentro de cujos caules roreja a chlorophyla côr da esperança dos sonhos da nossa mocidade! O "pyrilampear" proporciona-nos a luz verde-flava dos vagalumes sig-zagueando nas noites calidas e estrelladas de verão! Na patinar temos a visão de um pato sobre as lymphas tranquillas de um lago sonhador! No "serpentear" vemos os movimentos da cobra. No "trovejar" sentimos, assustados, o ribombo cyclopico do trovão. E, assim multissimos outros. A proposito, vem-nos á memoria aquelle "tutucar" dos "atabaques" que nos depara a "Carne", de Julio Ribeiro, ou carniça, como, injustamente, lhe chamam os inimigos do grande philologo e romancista realista. Sobre esse "tutucar" diz Ruy na Republica", pag. 73: "Não ha maravilha maior de onomatopéa. Longe, pois, de ser uma nodoa, é um toque magistral do escriptor. Nessas quatro palavras ulula, ao concerto dos instrumentos selvagens, a musica do captiveiro negro. E' o soturno batucar da melopéa africana entre as palhoças, nas tristes senzalas da escravaria."

A mais remota theoria da onomatopéa vemol-a no "Cratio", trabalho polemico de Platão, no qual figuram tres interlocutores: Socrates, Hermogenes e Cratilo. Só, porém ha a verdadeira onomatopéa na lingua em que evangelhizou o excelso Humberto de Campos.

O nosso vernaclo é, ainda, rico de significativos substantivos abstractos, proprios ás summas questões transcendentes da Metaphysica. Haja vista a acre-doce Saudade, a aza de Dôr do pensamen-

A MÁ DIGESTÃO
Não soffra mais!

A primeira dóse do Pó Digestivo De Witt proporciona allivio immediato.

Entre as varias consequencias da má digestão figuram a prisão de ventre, o máu halito, enxaqueca, flatulencia, azia, somnolencia após as refeições etc. O Pó Digestivo De Witt não sómente faz desapparecer estes symptomas, como restabelece a normalidade da funcção digestiva.

O seu emprego regular effectua a cura completa, mesmo nos casos mais antigos e rebeldes.

Não Protele, tome o

PÓ DIGESTIVO DE WITT

(36265)

to", "presença dos ausentes", "gosto amargo de infelizes", "delicioso pungir de acerbo espinho", "olhar de minha mãe rezando", "espinho cheirando a flor", flor que, quanto mais fenece, mais perfuma, e, afinal, o sorriso entre lagrimas de outros poetas, como Camões Bernadim Ribeiro, José Maria do Amaral, Casimiro de Abreu.

Esse vocabulo sublime, emotivo, evocador e poetico, creado por D. Duarte, o Rei-Saudade só a nossa lingua o sabe guardar, custodeado num hostiario votivo, como uma reliquia sagrada, porque essa maviosa lingua, como cantou o parnasiano opifice da "Via-Lactea", "tem o tom e o silvo da procella, o arrojo da Saudade e da ternura". "Falamos pelos labios de Camões a mesma forte e sonora lingua, onde o bronze ressoa e o oiro não mingua. Voz que canta a Saudade de teus mares, minhas maguas, teus ais, nossos amores na voz languida e verde dos palmares, no alado gorgear dos meus tenores", assim poetou festejado bardo pernambucano. Nenhuma lingua que me tem ciciado ao ouvido, inda me fez ouvir, com tanta sublimidade com tanta maviosidade, com tanto sentimento, essa coisa tão definida e que, todavia, como bem se expressa Plinio Motta somente será precisamente definida "quando o humano coração falar". O allemão, inexpressivamente, no logar da cantante e suggestiva palavra *Saudade*, diz *"Sehnsucht"*. O inglez, *"longing"*. O russo, *"toscá"*. O italiano, *"ricordo"*. O francez, *"souvenir"*. O hespanhol, *"recuerdo"*.

Emfim é a lingua portugueza, regia e sonora, sob cujos accordes evolados dos labios de minha sendosa Mãe, eu dormi os somnos serenos e brancos da minha creancice passada num solaçoso rincão de Minas Geraes, numa paizagem alpestre, perto dos gorgeios dos ninhos e do sonhar perfumado das flores agrestes! Quero portanto, ser humilde, porém, devotado jardineiro do seu jardim encantado onde, como dirla Martins Fontes "reflorirá qual verde renovo" e "os poetas cantarão, para gloria da raça, na lingua de ouro velho a terra de ouro novo".

Mil vezes bemdita a lingua sonora do poeta-soldado que morreu na patria e com a patria!

OCTAVIO J. ALVARENGA

(Do livro inedito — "Ensaios e Estudos" — 2ª série).

Coqueiral (Sul de Minas Geraes)

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1940\Edição 14022 (1)

isto, aquilo e aquiloutro, resolvo". O chamado pronome pessoal da primeira pessoa não pode representar nome que pederia o verbo na terceira: "(Eu) estou lendo"; se, em, vez de "eu", estiver o meu nome a frase será "Fulano está lendo". Assim, tendo por subsistente a definição gramatical de pronome, mantemos o que dissèmos em Gramatica anterior:

> "Êste exercício pode ser feito em menos de uma hora! Essa frase equivale a "...em menos tempo do que uma hora". "Menos", se a palavra tempo estivesse presente, seria adjetivo quantitativo; estando ausente, é pronome quantitativo."

E' de Eduardo Carlos Pereira esta observação:

> "Considera Grivet, e com êle muitos gramáticos, como pronome todo adjetivo determinativo que não tem na frase o seu substantivo claro."

Os chamados pronomes da primeira e da segunda pessoas, do singular e do plural, vieram do latim, de palavras com igual função—pessoas verbais. Os da terceira pessoa originaram-se, porém, do demonstrativo "ille". As nossas variações pronominais correspondem aos "casos" latinos. Êsses chamados "pronomes pessoais" são, afinal, as pessoas do verbo, as quais, no nominativo (sujeito) determinam a fórma verbal e

ses tesouros de gemas sem corte para os museus do purismo e os sumidoiros do cascalho arcaico".

E' força reconhecer nos clássicos portugueses, amantes dos padrões gregos e latinos, o génio e a índole da nossa língua, os cimentos da estrutura vernácula. Eles a desbastaram da rudeza primitiva, a ornaram, polindo-a com gosto na sua pureza e dando-lhe em vez da impropriedade, da imprecisão, da redundância, da confusão, o ritmo, a ordenação, o equilíbrio, o perfeito da forma.

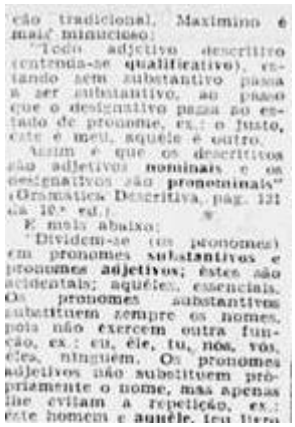
Com quanta razão um professor suiço, Adrien Grivet, que depois de ter corrido mundo a ensinar línguas, chegando até Moscovo, aqui lecionou muitos anos com o louvor do primoroso Francisco Octaviano, com quanta razão escreveu no pórtico da sua "Gramática Analytica da Lingua Portuguesa" que o estudo sistemático dos clássicos é de todo indispensavel e que o confronto com os textos que eles nos herdaram é o único meio para reagir com eficácia contra as "loquelas espúrias do tempo presente" e a decadência crescente da nossa linguagem. Bela lição, que escrita em 1874 deve ser trazida nos dias atuais.

Mas como apontou o nosso João Ribeiro (em muitas páginas um verdadeiro clássico) a leitura dos grandes escritores lusos dos séculos XVI, XVII e XVIII «é uma arte difícil e para poucos». E' preciso lê-los como se nos transportassemos ao seu tempo. A lição que deles nos vem, bem o adverte por outro lado o correto escritor português José Pereira Tavares no seu livro de «*Como se devem ler os clássicos*» não pode ser infalível e eterno, donde as precauções e os descontos com que deve ser adotada em nossa época. Não se pode aceitar o conservantismo absoluto em moldes clássicos, se é certo que a lingua tem que andar com o tempo. Ainda aqui professa João Ribeiro: «A lição dos clássicos em verdade nos ensina alguma coisa daquela rigida imobilidade e disciplina em que viveram, a qual, se não há demasia, é sempre util e proveitosa. Nesse perpétuo evolver das coisas, nessa renovação sem treguas do presente, é uma lição de temperança no seio das nossas descomedidas desordens». Não se veja pois, no escrever dos clássicos a carcoma dos séculos. A lingua do passado tambem é do presente.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1950\Edição 00077 (1)

vras.

No Brasil, Júlio Ribeiro e Maximino Maciel, êste último gramático mais injustamente criticado que merecidamente estudado, ambos apoiados no velho Grivet, persistem na li-



ção tradicional. Maximino é mais minucioso:

"Todo adjetivo descritivo (entenda-se **qualificativo**), estando sem substantivo passa a ser substantivo, ao passo que o designativo passa ao estado de pronome, ex.: o justo, este é meu, aquêle é outro.

Assim é que os descritivos são adjetivos **nominais** e os designativos são **pronominais**" (Gramática Descritiva, pág. 121 da 10.ª ed.).

E mais abaixo:

"Dividem-se (os pronomes) em pronomes **substantivos** e pronomes **adjetivos**; êstes são acidentais; aquêles, essenciais. Os pronomes substantivos substituem sempre os nomes, pois não exercem outra função, ex.: eu, êle, tu, **nós**, vós, êles, ninguém. Os pronomes adjetivos não substituem propriamente o nome, mas apenas lhe evitam a repetição, ex.: êste homem e **aquêle** leu lisa

Jornal do Brasil (RJ) - Ano 1956\Edição 00093 (1)

CONEGO FERNANDES PINHEIRO

Guardo, carinhosamente, dois livros da autoria do Cônego Fernandes Pinheiro, e são êles. "Episódios da História Pátria Contados à Infância" — edição de 1864 e no qual estudou a minha saudosa mãe, quando discípula do Professor Grivet — e o "Curso Elementar de Literatura Nacional" — editado, em 1862, e que adquiri, ainda academico de Direito, num leilão de livros do advogado Alberto de Carvalho, realizado numa loja da Rua da Carioca, alugada especialmente para aquele fim. Vale recordar os últimos períodos da sua História Pátria: "Difícil é falar dos vivos ou daqueles cujos tumulos estão ainda tépidos: para êles não começou o juízo da posteridade. Vós, meus meninos, que tivestes a ventura de nascer nos novos tempos, abençoai os nomes dos obreiros da civilização, que vos deram, dotando-a de livres instituições; e completai seu generoso pensamento, tomando próspero e respeitado o Brasil que êles tanto amaram". Não era um soberbo; e tomou de empréstimo uns versos de Horácio com que firou a sua orientação na análise da nossa literatura:

"Por contente me dou, fazendo às
[vêzes
De pedra d'amolar, que em si não
[tendo
Virtude de cortar, dá corte ao fer-
[ro!"
(trad. de Cândido Lusitano)

Não se pode negar a valia do dito compêndio, merecendo leitura atenta a lição primeira concernente à origem da língua portuguesa, que termina de um modo em que se afirma o seu empenho em torná-la mais popularisada: "Se tão nobre é a genealogia da língua portuguesa, se tão elevado posto ocupa na família néo-latina, por que não é ela mais conhecida e estimada?"

Quem o ler, com a atenção dedicada aos livros, cuja publicação representa grande operosidade, grande senso analítico, grande entusiasmo pelas plagas nativas, há de adquirir excelentes conhecimentos, pois êle nunca se escravisou aos impulsos da odiosidade, ou aos exagêros da lisonja.

A apreciação dos "Suspiros Poéticos" de Gonçalves de Magalhães — futuro Visconde de Araguaia — não agradou ao senhor Ronald de Carvalho; entretanto, sem querer ingressar no grupo dos criticos: — "fugi desse homem; êle morde: êle é um crítico" — como se exprimiu Voltaire — entendo que o juízo do Cônego Fernandes Pinheiro sôbre o autor da "Confederação dos Tamoios", mormente na parte atinente ao romantismo, é magnífico e digno de galos. Se me não alistei entre os "derramados", isto é, se jamais pratiquei o cortezanismo, não posso admitir que conspícuos vultos das letras brasilicas sejam amesquinhados, ou esquecidos, propositadamente, para serem incensados indivíduos de valor duvidoso. Sua posição no mundo literario brasileiro está firmada e não será quebrada, enquanto houver apreciadores do que é belo.

Quero, também, numa época tão materialisada, louvar o procedimento do jovens Mário Portugal Fernandes Pinheiro, que vem defendendo o seu eminente antepassado de juízos injustos, demonstrando, assim, que o culto ao passado ainda encontra desvelados cultores nas terras brasilanas. O Cônego Fernandes Pinheiro foi, igualmente, acatado professor do Colégio Pedro II, pelo seu saber, bem como pela dedicação ao magistério, elogiada pelos alunos.

Alfredo Balthazar da Silveira

ABATE DE ANIMAIS

O maior abate de bovinos ocorre, nos matadouros do Sul, principalmente no Rio Grande do Sul e S. Paulo, e do Leste (Minas, Estado do Rio e Ba-

A Cruz: Orgão da Parochia de S. João Baptista (RJ) - Ano 1957\Edição 02082 (1)

da parte primeira da sua obra, ao cuidar do "nome adjetivo" (p. 197, vol. I, ed. 1858).

Depois, em 1865, no mesmo ano em que Alencar publicava Iracema, explicava no seu Dicionário Gramatical o esquecido José Alexandre Passos: "O adjetivo se divide em duas espécies principais: qualificativo, e determinativo" (p. 12).

Nesse mesmo ano Adriano Grivet agasalhava a mesma bipartição na sua celebrada obra.

Júlio Ribeiro, o renovador dos estudos gramaticais brasileiros, disse em 1885, na sua Gramática Portuguêsa: "Divide-se o adjetivo em adjetivo descritivo, e adjetivo determinativo" (p. 61 da 7.ª ed.).

Em 1894, Maximino Maciel, o grande classificador de nossos estudos gramaticais explicava na sua Gramática Descritiva: "Os adjetivos dividem-se em descritivos, e designativos// Os têrmos "descritivos" e "designativos" estão mais de acôrdo com a gramática moderna" do que os têrmos "qualificativos", e "determinativos"." (p. 117, ed. 1910).

Quero crêr que no século passado só uma grande autoridade desgarrou dêste ponto-de-vista, e essa foi Epifânio Dias, na sua Gramática Prática da Língua Portuguêsa, que é de 1884.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1958\Edição 00250 (1)

UM NOVO DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS

Aires da Mata Machado Filho

(Especial para o "Diário de Notícias")

A mais incitante tortura, no no suave martírio de escrever, costuma estar na caça à palavra única. E' aquela que prima pela precisão, que assenta ao ritmo secreto ou manifesto ou encerra o esquivo sabôr de **humour**, de ironia.

Onde procurar êsse têrmo insubstituível? Dicionários comuns dificilmente o deparam. Está nos raros, onde as palavras vêm classificadas, segundo afinidades ou analogias ideológicas.

Também se encontram nos bons dicionários de sinônimos. Importa, porém, saber procurá-lo.

O dicionário analógico ocasiona certa ilusão. Proporciona menos do que promete. Não raramente, o escritor exigente consigo resigna-se a ficar nas aproximações, ou dá com a palavra almejada, através da via indireta das associações. Ora, isso pode alcançar, recorrendo ao léxico simplesmente alfabetado. Reside a dificuldade em ajustar a estrutura psicológica do consulente com a classificação adotada, ainda a mais exata, como seria a de Júlio Casares, enriquecida pelas contribuições de Bally.

Em verdade, nada substitui, nêsse terreno, o estudo atento das séries sinonímicas. Daqui a infalível utilidade de um bom dicionário de sinônimos, como êsse que últimamente publicou o profes-

Dicionário de Sinônimos está no meticuloso discrime das conjunções. Assim, **porque, que, visto que, visto como, pois, porquanto, uma vez que,** etc., são tôdas causais, mas cada uma delas desempenha ofício diferente. Vejam bem de que modo:

«A de mais amplo sentido é **porque**, que encabeça oração que tem por fim dar a razão do que se acaba de comunicar: — Não digo porque não quero. Nesta oração causal, há impressão de certeza e a causa, a razão, o motivo são enunciados de modo mais direto do que o teriam sido se se usasse outra conjunção. **Como** lembra a causa determinante, cuja conseqüência é o principal, e se enuncia em primeiro lugar: — Como viu São Francisco de Borja o que era a alma, deixou o mundo (Vieira, apud. Grivet, **Cram. Anal.**, 415). **Já que** fundamenta a ação e indica que a causa determinante é fato bem conhecido: — Já que deixou de chover, retiro-me. **Pois** indica, de modo um tanto vago, com um quê de probabilidade ou dúvida, que a causa é acontecimento evidente, natura, usual: — Não bebo o coquetel, pois pode fazer-me mal. **Pois que** tem o valor de **poi**, com a direferença de que a indicação é menos vaga, é mais positiva: — Ape-

vros ao papel de pronto socorro semântico. Deixam-se ler, encantam o amigo das palavras, oferecem ensinamentos a cada passo. Quero confirmá-lo com mais amostras.

«ALAMIRE, DIAPASÃO — Instrumento músico de som fixo, o qual dá o **lá** com que se afinam outros instrumentos. **Alamiré** ou **lamiré** é o antigo nome vulgar que aparece ainda hoje na expressão **dar o alamiré**, isto é, fazer o sinal para começar uma coisa».

«ALARIDO, ALGAZARRA, BERREIRO, BRAMIDO, CELEUMA, CLAMOR, GRITARIA, VOZERIA OU VOZEARIA — **Alarido** é a gritaria das pessoas que brigam ou das que pranteiam ou se lamentam. Camões, descrevendo uma batalha naval, diz: «E' fumo, ferro, flamas e alaridos» (**Lusíadas**, X, 36, 8). Vieira, **Sermões**, VIII, 212, diz: «Não se via nas mulheres mais que lágrimas, prantos, alaridos, etc.» **Algazarra** é a gritaria de tal modo confusa que não se percebe nada do que se diz. **Berreiro** é gritaria monótona, como o berro de um bezerro, como o pranto de uma criança manhosa. **Bramido** é um clamor de cólera, de ameaça, de pessoa que sofre dor muito violenta; lembra o rugir de certas feras. **Celeuma** é o canto com que marinheiros remam, suspendem âncoras, etc., dos operários que suspendem um pêso e se animam mûtuamente e marcam o compasso necessário para a apli-

Diario de Noticias (RJ) - Ano 1959\Edição 11110 (1)

so acadêmico. Foi o assassínio de Henrique de Almeida, ocorrido numa noite em que êle se retirava de um salão de festas. Desconheço detalhes. Entretanto quero crer que, apezar de tardio, fôsse um ato de talião, vingador da morte de Albuquerque.

Fechando o parêntese, não sei, agora, como prosseguir no tema que, de entrada, me propus, e, a fim de não arriscar-me a maiores bestidades num campo em que sou muito bisonho, deixarei de abordar o romantismo paulista (que julgo, igualmente, pobre), indo, logo, ao anverso da medalha.

E devo acentuar que, no que disse, não vai nenhuma ogeriza aos paulistanos. Admiro-os como quem quer que mais os admire, e me dei perfeitamente bem em S. Paulo. Depois, si "nem só de pão a gente vive", muito menos, só de poesia e romance. "Primum vivere, deinde philosophari".

Mais pragmáticos e utilitários, criaram a maior potência econômica do Brasil e o maior parque industrial entre todos os países ibero-americanos. E, demais disso, ninguém porá em dúvida que, em S. Paulo, nasceram ou se formaram notáveis estadistas, juristas e sumidades de nosso mundo científico, em geral. Para não esquecer matéria de minha predileção, ouso opinar que a Gramática Expositiva de Eduardo Carlos Pereira, um paulistano, seja, na sua classe, a melhor do país. Digo: na sua classe, porque, dentre as analíticas, para não já falar de gramáticas históricas, a melhor obra que já vi, foi a de um francês, do Cantão de Vaud (Suiça), de nome Charles Adrien Grivet, que, durante muitos anos, exerceu o magistério no Rio de Janeiro, onde faleceu.

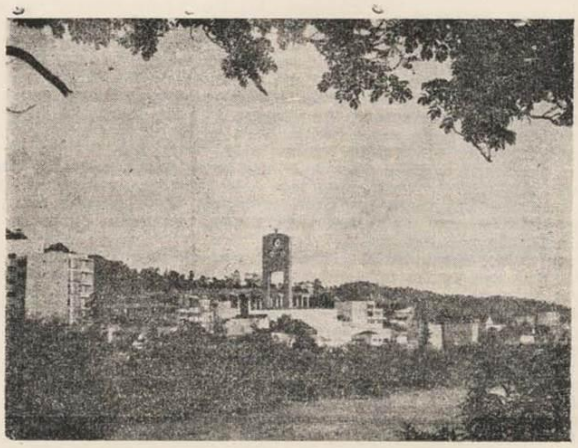
Ora bolas! para onde me levou o estranho Sérgio Milliet! Um homem que, quando vai espairecer numa das práias de Santos, só fala de cães, repetindo, de quando em vez, sua descoberta de que o Deus do canídeo doméstico é o homem. Quizesse êle, ao menos, produzir um poema como "O Fiel", de Guerra Junqueiro.

Pedindo queira revelar-me a caceteação, com um cordial abraço, me subscrevo

conterrâneo admirador

E. Barreto.

—*☆*—



Um interessante ângulo de Blumenau, vendo-se a matriz de São Paulo Apóstolo, com a monumental tôrre.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Gramática

João Paraguassú

No meu último escrito sôbre Cultura e Ortografia, a propósito do intercâmbio lítero-científico luso-brasileiro, eu tinha rascunhado que, nas cidades do Recôncavo baiano, banhadas pelo Rio Paraguassu, as populações respectivas, grafavam êsse nome com dois ss e o ú com o acento agudo enfiado. E acrescentei: "Aprendi assim. E tôda gente dessas localidades igualmente aprendeu". Na cópia datilográfica saiu... "igualmente aprenderam". Ninguém reparou e ficou por isso mesmo. Seria de boa gramática?

Na Idade Média, costumava-se repetir: Graecum est; non legitur. Ou, traduzindo: É grego; ninguém lê. Hoje, melhor diríamos: Grammatica est; non legitur. Vale registrar: É gramática; ninguém lê. E com razão, tão complicadas e confusas são as suas regras.

Contava Medeiros e Albuquerque ter ouvido de Machado de Assis esta narrativa: O grande poeta-romancista, dias antes, abrira a gramática de um sobrinho ginasiano e ficara assombrado da própria ignorância. Não entendera nada! Vejam, só! A confissão era de um dos nossos estilistas mais puros, de quem disse Ruy, no momento em que o iam enterrar, dando-lhe o adeus da Academia, que "prosava como Frei Luiz de Souza e cantava como Luiz de Camões". Vindo de onde vinha o elogio, não era pouca coisa.

Os mestres antigos argumentavam com uma figura de sintaxe denominada syllepse (de algum tempo para cá virou silépse) pela qual a concordância das palavras se fazia não pela sua forma, mas pelo seu sentido. Explica-nos Edmundo Lins, em suas eruditas Reminiscências, apoiado em Grivet, que nem sempre o adjetivo concorda com o substantivo "que está claro na oração, mas com o que temos em mente". Freqüentemente, também por syllepse, perdão, por silépse, o verbo evita concordar "com o sujeito claro para concordar com um que temos em mente".

Não estaria aí a sabedoria do cochilo datilográfico da minha apagada crônica? Talvez.

Mudemos, porém, de assunto. Seria filosofar muito alto dentro da Gramática. Correria o risco de me despencar das alturas e cair de cabeça para baixo. Quod Deus avertat!

No fim do Segundo Reinado, houve aqui um deputado nortista chamado João Manoel. Era padre. Falava-se que era maçon. Não sei. Mas que era um extremado do partido conservador, isso era. Nem foi por outro motivo que êle se precipitou, ao ouvir, em sessão da Câmara, o visconde de Ouro Prêto ler o seu programa com a apresentação do Gabinete, que seria o derradeiro do Império. Aparteou-o, bradando: Abaixo a Monarquia! Viva a República! Foi a primeira vez que à República se deu um viva, no Parlamento. Esse padre era um temperamento de brigão. Entretanto, como bem afirma o historiador Heitor Lyra, em seu recente livro História da Queda do Império, não era tanto por ser republicano, circunstância duvidosa, mas por ser adversário dos liberais que escalavam o poder, que êle interrompia tão violentamente a fala do visconde, procurando constrangê-lo.

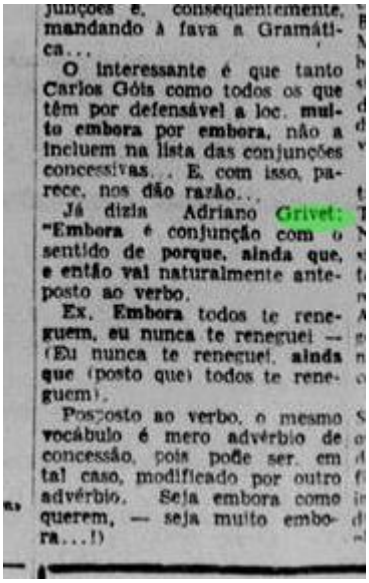
João Manoel, embora conservador, não estimava a José de Alencar. Divulgou, em artigos para imprensa, uma série de críticas e restrições à obra do glorioso romancista. O padre redigia bem, não se nega. Achava, entretanto, que Alencar se exprimia mal. Por quê? Êle mesmo disse: "Porque se obcecara na estilização do indianismo, cogitando de um linguajar que não era de Castilho, Camilo e Herculano."

Em verdade. O que Alencar queria, na sua maneira de estilizar, parece que era a autonomia do português falado e escrito no Brasil. Depois, é que vieram Júlio Ribeiro, Ruy, Machado de Assis, Xavier Marques, Carneiro Ribeiro e os outros. Regressaram a Filinto Elísio, a Manoel Bernardes, a Vieira e aos demais.

Em resumo: a língua, quem a faz, é o povo. A tarefa de policiá-la, aperfeiçoá-la e enriquecê-la, é que é dos filólogos, dicionaristas, gramáticos e prosadores de bom quilate. Não retifico, nem ratifico o aludido, cochilo datilográfico. Homero também cochilou. E' serviço deixado aos que não têm que fazer...

BANCO BOAVISTA S. A.
Uma completa organização bancária. 3058

Correio da Manhã (RJ) - Ano 1964\Edição 21976 (1)



junções e, consequentemente, mandando à fava a Gramática...

O interessante é que tanto Carlos Góis como todos os que têm por defensável a loc. **muito embora** por **embora**, não a incluem na lista das conjunções concessivas... E, com isso, parece, nos dão razão...

Já dizia Adriano Grivet: "**Embora** é conjunção com o sentido de **porque, ainda que, e então vai naturalmente** anteposto ao verbo.

Ex. **Embora** todos te reneguem, **eu nunca te reneguei** — (Eu nunca te reneguei, **ainda que** (posto que) todos te reneguem).

Posposto ao verbo, o mesmo vocábulo é mero advérbio de concessão, pois pode ser, em tal caso, modificado por outro advérbio. Seja embora como querem, — seja muito embora...!)

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1964\Edição 00118 (1)

QUESTÕES GRAMATICAIS

Ainda o Pronome

Délcio Muniz

O Prof. Carlos Henrique da Rocha Lima, que é um dos devotos de "São" Said Ali, depois de transcrever a definição de **pronome**, deste último ("Gram. Secundária da L. P.", 4.ª ed., p. 91), divide, como muitos, os pronomes em duas classes: "Os pronomes ou se empregam isoladamente, fazendo as vêzes de um substantivo; ou se juntam a um nome, como os adjetivos".

No primeiro caso, chamam-se **pronomes absolutos**; no segundo, **pronomes adjetivos**." ("Gram. Normativa da L. P.", 2.ª ed., p. 103.)

E, seguindo a escola alemã (não por convicção, ou raciocínio, mas por mera preferência), diz em nota à p. 106: "A inclusão dos possessivos, demonstrativos, indefinidos e relativos na classe dos PRONOMES é doutrina definitivamente consagrada pela moderna filologia. Abraçam-na, entre outros: Frederico Diez, Mayer-Lübke, Edouard Bourciez, no campo da filologia românica; J. Huber, Edwin

rigo da clareza ou da elegância da frase.

Adjetivo quer dizer, como vimos, **junto** a (junto ao substantivo), merecendo tal denominação qualquer palavra, incapaz de entrar na frase sem a companhia dum substantivo, com que concorde. **Seguimos, neste ponto, a escola francesa,** que nos parece mais racional do que a alemã." ("Lições Práticas de Português", 9.ª ed., p. 60.)

E, com isso, a argumentação do assunto ficaria nas citações de autores.

Mas acontece que, ultimamente, já alguns professores haviam compreendido melhor o conceito de **adjetivos e pronomes**, entre êles: Cândido (filho) que, no seu "Nôvo Método de Análise da Linguagem", 1936, p. 29, não só discorda de Rocha Lima senão também da teoria de Grivet, e Altamirano Nunes Pereira ("Análise Sintática", 1938, p. 38), que é da mesma opinião que Cândido Juca.

Pois bem, em virtude da

ciez, no campo da filologia românica: J. Huber, Edwin Williams, Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, Epifânio Dias, Ribeiro de Vasconcelos, Said Ali, Sousa da Silveira e Antenor Nascentes, no âmbito da filologia histórica portuguêsa e no da própria gramática normativa: além de grandes teoristas de outras línguas, como Menéndez Pidal, Amado Alonso e Pedro Henríquez Ureña, em espanhol; e Marouzeau, em francês."

Em primeiro lugar, nem sempre a citação de mestres é argumento, pois podemos, com Francisco da Silveira Bueno ("Gram. Normativa da L. P.", 4.ª ed., p. 160), citar outros que seguem outro sistema, como: Grivet, João Ribeiro, A. A. Cortesão, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Andres Bello e outros.

Em segundo lugar, poderíamos citar, também, o Professor português Pires de Castro, que observa: "Alguns gramáticos chamam **pronomes adjetivos** ou **conjuntos** às formas pronominais que vêm acompanhadas de substantivos, com que concordam. Neste livro, chamamos **adjetivos determinativos** a tais pronomes, reservando a categoria pronominal, apenas, para aquelas palavras que estão em vez dos nomes e que aparecem, na frase, independentes de qualquer forma substantiva, de cuja presença, absolutamente, prescindem, sem pe-

não que Cândido Juca.

Pois bem, em virtude da teoria que seguiu, Rocha Lima não teve outro remédio senão criar outro caso, isto é, fazer uso de mais uma denominação: a de **adjunto adnominal** para nela encaixar os **adjetivos determinativos** tornados **pronomes** à fôrça... Ficava, pois, para êle (ou, pelo menos, parecia que ficava) resolvido o problema; esqueceu-se, porém, de falar nos **adjuntos adverbais** (não confundir com **adverbiais**), uma vez que um se opõe ao outro (**Vid**. Walmírio de Macedo, "Dic. de Gram.", s.d., p. 21).

Ora, se os adjetivos qualificativos e determinativos, ou expressões equivalentes, isto é, os **adjuntos atributivos e limitativos** se referem a um nome, não vemos razão por que as palavras que se referem a um verbo, como os **objetos**, os **adjuntos circunstanciais** (quando se referem a um verbo), etc. não se denominem **adjuntos adverbais**, já que se pretende resumir para simplificar...

No entanto, a "Nomenclatura Gramatical Brasileira" também adotou os **adnominais** e rejeitou os **adverbais**, atendendo à mesma conveniência, e, portanto, é um "dogma"...

E que ela, nas condições de Chefe de uma "Igreja Gramatical", ou, melhor, de uma "Igrejinha", se intitula "papisa" e, como tal, "infalível"...

Longe vá a "Nomenclatura"!

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1965\Edição 00061 (1)

A reforma gramatical portuguêsa (II)

Délcio Munis

Dando seguimento ao artigo de 26 de fevereiro p.p., aguardamos a nomenclatura padrão portuguêsa presidida pelo Dr. Manuel Paiva Boléo, esperando não aconteça lá como aconteceu aqui no Brasil, onde se fêz uma nomenclatura abaixo da crítica, a qual não veio absolutamente simplificar nem uniformizar, mas tão sòmente complicar ainda mais a Gramática.

Assim, sugerimos à douta comissão lusa que não imite o personalismo e o ecletismo infeliz da nossa «Nomenclatura», pelo menos, nos seguintes pontos de que trataremos sucintamente:

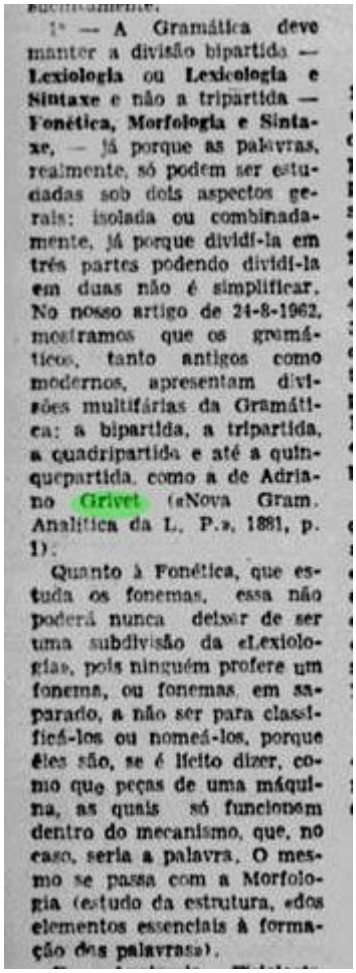
1º — A Gramática deve

quanto tôda palavra empregada interrogativamente seria um **interrogativo**, e seria uma incoerência não haver, também, adjetivos ou pronomes **exclamativos ou admirativos**.

São a favor da inclusão dos interrogativos entre os indefinitos, entre outros, Grivet («ob. cit.», p. 476), Maximino Maciel («Gram. Descritiva», 11ª ed., p. 135), Luís A. P. Vitória («Método Prático de Análise Léx. e de Anál. Sintática, 1958, p. 11) e outros.

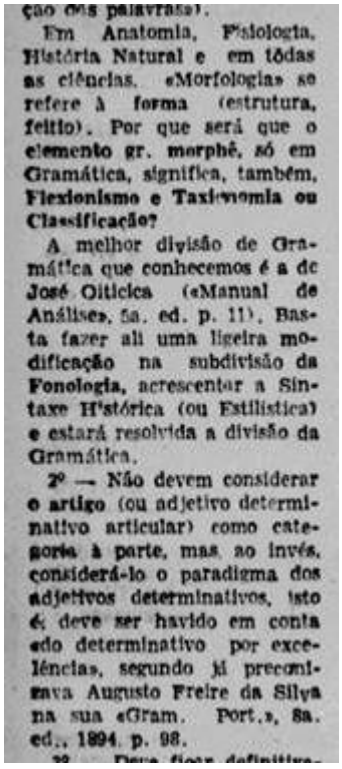
Há até gramáticos que nem sequer mencionam os «interrogativos.»

Continuaremos.



1º — A Gramática deve manter a divisão bipartida — **Lexiologia** ou **Lexicologia e Sintaxe** e não a tripartida — **Fonética, Morfologia e Sintaxe**, — já porque as palavras, realmente, só podem ser estudadas sob dois aspectos gerais: isolada ou combinadamente, já porque dividí-la em três partes podendo dividí-la em duas não é simplificar. No nosso artigo de 24-8-1962, mostramos que os gramáticos, tanto antigos como modernos, apresentam divisões multifárias da Gramática: a bipartida, a tripartida, a quadripartida e até a quinquepartida, como a de Adriano Grivet («Nova Gram. Analítica da L. P.», 1881, p. 1):

Quanto à Fonética, que estuda os fonemas, essa não poderá nunca deixar de ser uma subdivisão da «Lexiologia», pois ninguém profere um fonema, ou fonemas em separado, a não ser para classificá-los ou nomeá-los, porque êles são, se é lícito dizer, como que peças de uma máquina, as quais só funcionam dentro do mecanismo, que, no caso, seria a palavra. O mesmo se passa com a Morfologia (estudo da estrutura, «dos elementos essenciais à formação das palavras»).

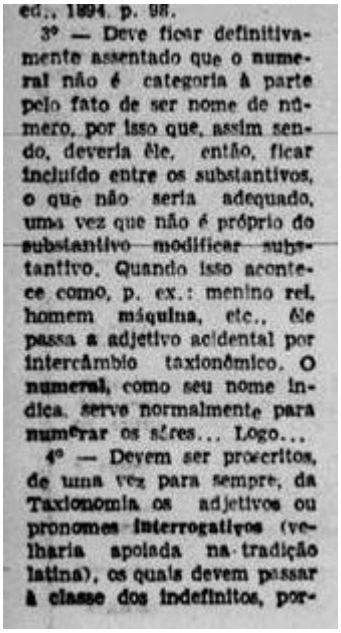


ção das palavras»).

Em Anatomia, Fisiologia, História Natural e em tôdas as ciências, «Morfologia» se refere à **forma** (estrutura, feitio). Por que será que o **elemento gr. morphê**, só em **Gramática**, significa, também, **Flexionismo e Taxionomia ou Classificação?**

A melhor divisão de Gramática que conhecemos é a de **José Oiticica** («Manual de Análise», 5a. ed. p. 11). Basta fazer ali uma ligeira modificação na subdivisão da **Fonologia**, acrescentar a Sintaxe Histórica (ou Estilística) e estará resolvida a divisão da Gramática.

2º — Não devem considerar o artigo (ou adjetivo determinativo articular) como categoria à parte, mas ao invés, considerá-lo o paradigma dos adjetivos determinativos, isto é, deve ser havido em conta «do determinativo por excelência», segundo já preconizava Augusto Freire da Silva na sua «Gram. Port.», 8a. ed., 1894, p. 98.



ed., 1894, p. 98.

3º — Deve ficar definitivamente assentado que o **numeral** não é categoria à parte pelo fato de ser nome de número, por isso que, assim sendo, deveria êle, então, ficar incluído entre os substantivos, o que não seria adequado, uma vez que não é próprio do substantivo modificar substantivo. Quando isso acontece como, p. ex.: menino rei, homem máquina, etc., êle passa a adjetivo acidental por intercâmbio taxionômico. O **numeral**, como seu nome indica, serve normalmente para **numerar** os sêres... Logo...

4º — Devem ser proscritos, de uma vez para sempre, da Taxionomia os adjetivos ou pronomes **interrogativos** (velharia apoiada na tradição latina), os quais devem passar à classe dos indefinitos, por-

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1967\Edição 00153 (1)

A Reforma Gramatical

Portuguêsa (III)

Délcio Munis

Esperamos que o II Simpósio Brasilo-Português, que será realizado no Brasil, em data ainda não marcada, para «unificar a ortografia e a nomenclatura gramaticais da língua portuguêsa», o grupo português da comissão mista «não se deixe influenciar pela nossa personalista «Nomenclatura Gramatical Brasileira» por aquela cortesia tão peculiar aos nossos irmãos de além-mar, ou pela amizade fraterna que une o Brasil a Portugal», conforme dissemos no artigo de 26 de fevereiro do ano corrente.

Além do que sugerimos ao Prof. Manuel Paiva Boléo

não tem casca, mas só miolos?...

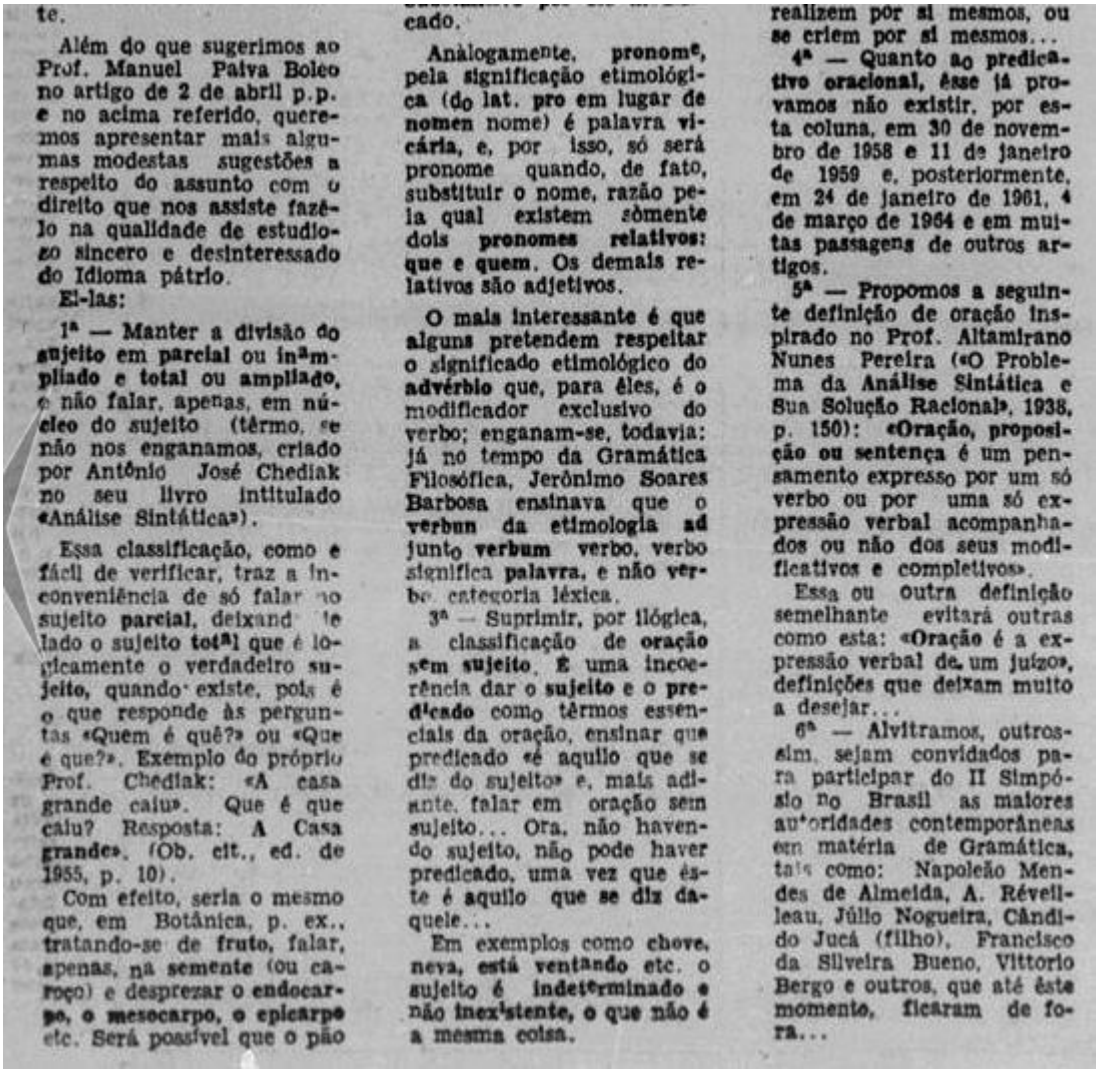
2º — Respeitar o significado etimológico das **categorias léxicas** (categorias gramaticais) como faz o Prof. Pires de Castro («Lições Práticas de Português», 9ª ed., p. 55 e ss. e Obs., p. 60). Assim, **adjetivo** (do lat. **ad** junto **jectum** pôsto, colocado) será tôda palavra que modifica outra, **clara** ou **oculta**, e terminar de vez com a teoria adotada por Grivet, segundo a qual o **adjetivo** passa a **pronome** quando não vem claro o substantivo por êle modificado.

Anàlogamente, **pronome**,

Tem razão Maximino Maciel quando diz, entre outras coisas, o seguinte: «A adoção de x, como sujeito do verbo impessoal, constitui necessidade para a análise, pois, ao dizermos **chove**, exprimimo-nos com a **indeterminação** do sujeito». («Gram. Descritiva», IIa. ed., p. 389).

Efetivamente, a desinência verbal indicará sempre a pessoa do verbo, a qual, por sua vez, indicará sempre um sujeito conhecido ou desconhecido. Parece incrível que ainda haja quem creia que os fatos se realizem por si mesmos, ou se criem por si mesmos...

4ª — Quanto ao predica-



te.

Além do que sugerimos ao Prof. Manuel Paiva Boléo no artigo de 2 de abril p.p. e no acima referido, queremos apresentar mais algumas modestas sugestões a respeito do assunto com o direito que nos assiste fazê-lo na qualidade de estudioso sincero e desinteressado do Idioma pátrio.

Eis-las:

1ª — Manter a divisão do **sujeito em parcial** ou in**ª**m**pliado e total** ou **ampliado**, e não falar, apenas, em **núcleo** do sujeito (têrmo, se não nos enganamos, criado por Antônio José Chediak no seu livro intitulado «Análise Sintática»).

Essa classificação, como é fácil de verificar, traz a inconveniência de só falar no sujeito **parcial**, deixando de lado o sujeito **tot**ª**l** que é logicamente o verdadeiro **sujeito**, quando existe, pois é o que responde às perguntas «Quem é quê?» ou «Que é que?». Exemplo do próprio Prof. Chediak: «A casa grande caiu». Que é que caiu? Resposta: **A Casa grande**». (Ob. cit., ed. de 1955, p. 10).

Com efeito, seria o mesmo que, em Botânica, p. ex., tratando-se de **fruto**, falar, apenas, na **semente** (ou caroço) e desprezar o **endocarpo, o mesocarpo, o epicarpo** etc. Será possível que o pão

cado.

Anàlogamente, **pronom**e, pela significação etimológica (do lat. **pro** em lugar de **nomen** nome) é palavra **vicária**, e, por isso, só será pronome quando, de fato, substituir o nome, razão pela qual existem sòmente dois **pronomes relativos: que e quem**. Os demais relativos são adjetivos.

O mais interessante é que alguns pretendem respeitar o significado etimológico do **advérbio** que, para êles, é o modificador exclusivo do verbo; enganam-se, todavia: já no tempo da Gramática Filosófica, Jerônimo Soares Barbosa ensinava que o **verbum** da etimologia **ad** junto **verbum** verbo, verbo significa **palavra**, e não **ver**bo categoria léxica.

3ª — Suprimir, por ilógica, a classificação de **oração sem sujeito**. É uma incoerência dar o **sujeito** e o **predicado** como têrmos essenciais da oração, ensinar que predicado «é aquilo que se diz do sujeito» e, mais adiante, falar em oração sem sujeito... Ora, não havendo sujeito, não pode haver predicado, uma vez que êste é aquilo **que se diz** daquele...

Em exemplos como **chove, neva, está ventando** etc. o sujeito é **indet**erminado e não **inex**istente, o que não é a mesma coisa.

realizem por si mesmos, ou se criem por si mesmos...

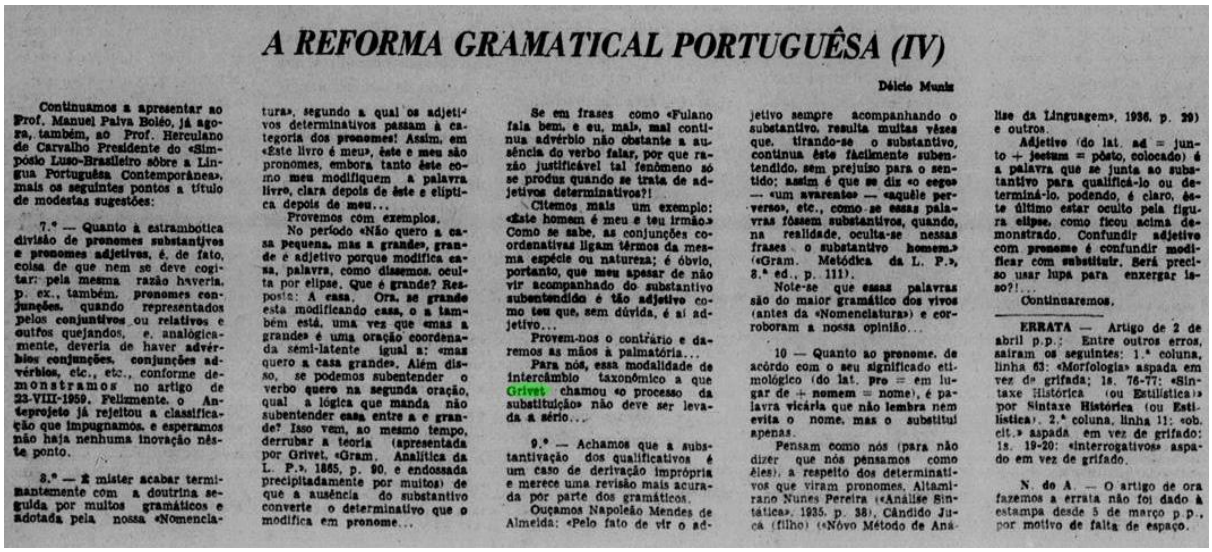
4ª — Quanto ao **predicativo oracional**, êsse já provamos não existir, por esta coluna, em 30 de novembro de 1958 e 11 de janeiro de 1959 e, posteriormente, em 24 de janeiro de 1961, 4 de março de 1964 e em muitas passagens de outros artigos.

5ª — Propomos a seguinte definição de oração inspirado no Prof. Altamirano Nunes Pereira («O Problema da **Análise Sintática** e Sua Solução Racional», 1938, p. 150): «**Oração, proposição ou sentença** é um pensamento expresso por um só verbo ou por uma só expressão verbal acompanhados ou não dos seus modificativos e completivos».

Essa ou outra definição semelhante evitará outras como esta: «**Oração** é a expressão verbal de um juízo», definições que deixam muito a desejar...

6ª — Alvitramos, outrossim, sejam convidados para participar do II Simpósio no Brasil as maiores autoridades contemporâneas em matéria de Gramática, tais como: Napoleão Mendes de Almeida, A. Réveilleau, Júlio Nogueira, Cândido Jucá (filho), Francisco da Silveira Bueno, Vittorio Bergo e outros, que até êste momento, ficaram de fora...

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1967\Edição 00211 (1)



A REFORMA GRAMATICAL PORTUGUÊSA (IV)

Délcio Munis

Continuamos a apresentar ao Prof. Manuel Paiva Boléo, já agora, também, ao Prof. Herculano de Carvalho Presidente do «Simpósio Luso-Brasileiro sôbre a Língua Portuguêsa Contemporânea», mais os seguintes pontos a título de modestas sugestões:

7.º — Quanto à estrambótica divisão de **pronomes substantivos e pronomes adjetivos**, é, de fato, coisa de que nem se deve cogitar: pela mesma razão haveria, p. ex., também, **pronomes conjunções**, quando representados pelos **conjuntivos** ou **relativos** e outros quejandos, e, analògicamente, deveria de haver **advérbios conjunções, conjunções advérbios**, etc., etc., conforme demonstramos no artigo de 23-VIII-1959. Felizmente, o Anteprojeto já rejeitou a classificação que impugnamos, e esperamos não haja nenhuma inovação nêste ponto.

8.º — É mister acabar terminantemente com a doutrina seguida por muitos gramáticos e adotada pela nossa «Nomenclatura», segundo a qual os adjetivos determinativos passam à categoria dos **pronomes**! Assim, em «Êste livro é meu», êste e meu são pronomes, embora tanto êste como meu modifiquem a palavra livro, clara depois de êste e elíptica depois de meu...

Provemos com exemplos.

No período «Não quero a casa **pequena, mas a grande**», grande é adjetivo porque modifica casa, palavra, como dissemos, oculta por elipse. Que é grande? Resposta: A **casa**. Ora, se **grande** está modificando **casa**, o **a** também está, uma vez que «mas a grande» é uma oração coordenada semi-latente igual a: «mas quero a **casa grande**». Além disso, se podemos subentender o verbo **quero** na segunda oração, qual a lógica que manda não subentender **casa** entre **a** e **grande**? Isso vem, ao mesmo tempo, derrubar a teoria (apresentada por Grivet, «Gram. Analítica da L. P.», 1865, p. 90, e endossada precipitadamente por muitos) de que a ausência do substantivo converte o determinativo que o modifica em **pronome**...

Se em frases como «Fulano fala bem, e eu, mal, mal continua advérbio não obstante a ausência do verbo falar, por que razão justificável tal fenômeno só se produz quando se trata de adjetivos determinativos?!

Citemos mais um exemplo: «**Êste** homem é meu e teu irmão.» Como se sabe, as conjunções coordenativas ligam têrmos da mesma espécie ou natureza; é óbvio, portanto, que **meu** apesar de não vir acompanhado do substantivo **subentendido é tão adjetivo** como **teu** que, sem dúvida, é aí adjetivo...

Provem-nos o contrário e daremos as mãos à palmatória...

Para nós, essa modalidade de intercâmbio taxonômico a que Grivet chamou «o processo da substituição» não deve ser levada a sério...

9.º — Achamos que a substantivação dos qualificativos é um caso de derivação imprópria e merece uma revisão mais acurada por parte dos gramáticos.

Ouçamos Napoleão Mendes de Almeida: «Pelo fato de vir o adjetivo sempre acompanhando o substantivo, resulta muitas vêzes que, tirando-se o substantivo, continua êste fàcilmente subentendido, sem prejuízo para o sentido; assim é que se diz «o cego — «um avarento» — «aquêle perverso», etc., como se essas palavras fôssem substantivos, quando, na realidade, oculta-se nessas frases o substantivo homem.» («Gram. Metódica da L. P.», 8.ª ed., p. 111).

Note-se que essas palavras são do maior gramático dos vivos (antes da «Nomenclatura») e corroboram a nossa opinião...

10 — Quanto ao **pronome**, de acôrdo com o seu significado etimológico (do lat. **pro** = em lugar de + **nomem** = nome), é palavra **vicária** que não **lembra** nem evita o nome, mas o substitui apenas.

Pensam como nós (para não dizer que nós pensamos como êles), a respeito dos determinativos que viram pronomes, Altamirano Nunes Pereira («Análise Sintática», 1935, p. 38), Cândido Jucá (filho) («Nôvo Método de Análise da Linguagem», 1936, p. 29) e outros.

Adjetivo (do lat. **ad** = junto + **jectum** = pôsto, colocado) é a palavra que se junta ao substantivo para qualificá-lo ou determiná-lo, podendo, é claro, êste último estar oculto pela figura **elipse**, como ficou acima demonstrado. Confundir **adjetivo** com **pronome** é confundir modificar com **substituir**. Será preciso usar lupa para enxergar isso?!...

Continuaremos.

ERRATA — Artigo de 2 de abril p.p.: Entre outros erros, saíram os seguintes: 1.ª coluna, linha 63: «Morfologia» aspada em vez de grifada; 18. 76-77: «Sintaxe Histórica (ou Estilística)» por **Sintaxe Histórica** (ou **Estilística**), 2.ª coluna, linha 11: «ob. cit.» aspada em vez de grifado; 18. 19-20: «interrogativos» aspado em vez de grifado.

N. do A. — O artigo de ora fazemos a errata não foi dado à estampa desde 5 de março p.p., por motivo de falta de espaço.

Jornal do Commercio (RJ) - Ano 1967\Edição 00271 (1)

Conheça a gramática

COMPOS SUI — Locução latina que significa "senhor de si"; Tanto na bonança quanto na tempestade o homem bem formado mantém-se compos sui.

COMPREENSIVO, COMPREENSÍVEL — Há diferença de significação, que decorre dos sufixos; juntam-se ambos ao radical de verbos, mas ivo traz significação ativa, ao passo que ível (ável, évei, óvel, úvel: o sufixo realmente e vel, do latim bil, antecedido da vogal temática verbal) denota passividade, aptidão para sofrer ou receber. Uma pessoa é compreensiva (compreende, pode compreender), uma coisa é compreensível (pode ser compreendida).

Os que aparece antes desses sufixos deve-se ao radical do supino do verbo latino: comprehensum.

COMPRIMENTO — Já se encontra assentada a distinção entre essa palavra com "o" e cumprimento, com "u". Enquanto esta, com "u", indica o ato de cumprir, de executar (O cumprimento do dever), de saudar (Devemos responder aos cumprimentos), a primeira, com "o", significa extensão. O comprimento da sala.

Se o dever é cumprido, a sala é comprida.

"COMPROMISSO" — "Por outro lado, eles não aceitam compromisso" — Não, compromisso já havia, e, que não houvesse, o que as partes conflitantes não aceitam é acordo, é "an agreement to refer matters in dispute to arbitrators" (em inglês para o amante de estrangeirismos entenda melhor), ou seja, conciliação, coisa esta diferente de compromisso. O redator não está conciliando o português com os fatos; na próxima vez redija: "Por outro lado, eles não aceitam acordo".

COMPUTADORIZAR — De computador mais izar, o verbo nosso deve ser computadorizar, com seus derivados computadorizável, computadorização.

"Computorizar" é barbarismo; tem justificação em inglês, não em português, pois nosso substantivo é computador, e não "computor".

COMPUTAR — Na verdade, forma verbal rizotônica alguma existe paroxítona. Ouvimos entretanto umas vezes, e outras vemos infelizmente escrito, que o verbo computar assim se conjuga: cômputo, cômputas, cômputa.

Tal doutrina faz lembrar aquele que jamais dizia picadela por arrepiar-lhe o "conceito moral" em que é tida a fêmea do cachorro O substantivo é que é cômputo (o cômputo mensal), mas o verbo é compúta, sem perigo de melindrar instintos alheios.

COMUM — Superlativo sintético: comunissimo e CONÇÃO — Adjetivo pátrio dessai (pronuncie dessái; femin. dessaina)).

CONCEITO — Aumentativo conceitarraz, conceitarrão.

CONCELHO (município, distrito) — Não confundir com conselho (opinião, aviso; corpo de pessoas). CONCENTRAÇÃO — Errada não se pode dizer a construção "concentrados no centro do campo". Concentração deriva de centro, mas não indica posição não determina lugar Poderá ser a concentração no sul, no norte, no canto... no centro: saibamos distinguir.

CONCERTO (harmonia, simetria; sessão musical) — Não confundir com conserto (remendo).

CONCÍLIO (assembléia de prelados, de religiosos) — Não confundir com "consílio", forma antiquada de conselho (reunião, assembléia).

CONCORDÂNCIA ÀS AVESSAS — Escritores há que empregam e gramáticos existem que apóiam a construção "o primeiro e o segundo batalhões". Dois motivos levam-nos a não aceitar esse procedimento.

1. Se o próprio adjetivo, que por natureza léxica deve em português adaptar-se ao nome, fica no singular quando anteposto a dois substantivos ("notando o ESTRANGEIRO modo e uso" "CHEGADA a hora e a ocasião" — "declarou CRIMINOSA a ré e o réu") e no singular é visto em bons autores ainda quando posposto ("o retrato de Maria com túnica e escapulário BRANCO" — "coragem e disciplina DIGNA de granadeiros' — "dudeza e pusilanimidade ALHEIA"), como admitir a plurização "supletivo de primeiro e segundo GRAUS"?

BIOa)soCsi o

2. Se o adjetivo é que por regra concorda com o substantivo, como pretender impor a reciproca? O non datur vicissim dos latinos impõe-se no caso; preferimos ficar com Grivet, com José Portugal, com Júlio Ribeiro, com Carlos Pereira, com Augusto Freire, e com escritores de altura de um Vieira ("Dáme grande exemplo o semeador, porque depois de perder a primeira, a segunda e a terceira PARTE do trigo, aproveitou a quarta e última" — "O filho do primeiro e terceiro MATRIMÔNIO"), de um Castilho ("A luta do bom e do mau PRINCIPIO") — "...de um e de outro SISTEMA"), e redigir "na ÁREA política e empresarial" — "no primeiro e no segundo ANDAR" — "na ESFERA municipal, estadual e federal" — "no encontro entre O LICER socialista e o comunista" — "vê se com mais nitidez que SEU ASPECTO militar e mesmo político PASSOU a plano secundário" — "no RAMO industrial e comercial" — "nas escolas da REDE municipal e estadual" — "de professores da 5a. à 8a. SÉRIE" — "arbitrariedades cometidas pela POLÍCIA civil e militar" — "reveladores de EDUCAÇÃO científica e artística".

Na Editora Caminho Suave (Tel. 278-5840, São Paulo), o Dicionário de Questões Vernáculas (R. Fagundes, 157 — CEP 01508).

(Napoleão Mendes de Almeida — "O Estado")

Cécil Meira

Erros de linguagem no uso cotidiano

No uso da língua portuguesa temos de levar em conta o conceito lógico do termo atenção. É certo que para tudo que fazemos o elemento atenção é fundamental, mas em nossa escrita diante das dificuldades e complexidades da língua portuguesa, devemos redobrar nossa atenção no momento em que escrevemos. Todos nós sabemos que o idioma exige a presença de nosso pensamento, da boa idéia, enfim daquilo que representa a expressão e a comunidade.

Com referência ao significado psicológico da atenção, queremos referir-mos ao que aconteceu com o grande cientista e professor Brown Sequard, conforme nos relata o psicólogo inglês Stanley Jevons. Logicamente, a definição de atenção seria a aplicação do espírito ou dos sentidos ao que se faz, ou diz. Conta Jevons que o professor Brown Sequard compareceu a sala de aula para explicar um assunto referente a endocrinologia, isto é, aos estudos das glândulas internas. O objetivo do preceptor consistia em dar conhecimento aos estudantes do seguinte preceito: "Retirando-se a glândula supra renal de um animal, ele morre'. Mas não ficou nisso. Ilustrou no quadro negro a figura bem traçada de um animal, colocou na posição certa a glândula supra renal, fez uma seta indicativa, no sentido de bem orientar os estudantes. E assim prosseguiu. No decorrer de toda a aula, por várias vezes insistiu na frase axiomática, dizendo: retirando-se a glândula supra renal de um animal, ele morre. Enfim esgotou o assunto, até o momento em que bateu a campa do término da aula. Já se preparava recolhendo seu material de ensino quando, mais uma vez, dirigiu-se aos estudantes esclarecendo: — Como os srs. viram, se retirarmos a glândula supra renal de um animal, ele morre. Neste momento, já encerrando a aula, foi interpelado por um aluno indagando se podia fazer uma pergunta. O professor aquiesceu, e perguntou:

— Que deseja?

O estudante levantou-se, respeitosamente, dizendo que desejava fazer uma pergunta. O sr. pode me explicar o que acontece com um animal se nós retirarmos a glândula supra renal do mesmo?

Eis o problema fundamental a atenção. A língua portuguesa é ao mesmo tempo fácil e difícil. Se o assunto é difícil e complexo deve redobrar a atenção do estudante ou da pessoa, em geral que deseja aprender. Se não houver atenção, de modo que nosso espírito e nossos sentidos convirjam para o problema, certamente que vamos errar e em vez de aprender vamos desaprender. Se ensinamos que o pretérito perfeito do verbo reaver é reouvera e não reavera, se não houver atenção logo adiante vamos errar.

Mas, deixemos essas preliminares de lado e vamos ver mais alguns aspectos de erros ou falhas de nossa linguagem. No verbo vir, encontramos vimos NO PRESENTE e viemos no passado. É comum confundir vimos com viemos e viemos com vimos. Vamos aos exemplos: — vimos agora a presença do governador para pedir... e dizemos — viemos, ontem, a presença do governador para pedir... o que ocorre no uso cotidiano é ouvirmos, por exemplo, — viemos hoje a presença do governador, quando o certo é — vimos, hoje, a presença do governador, e do mesmo modo dizemos-viemos, ontem, a presença do governador. Tudo é muito claro, se houver atenção. Vimos é presente e viemos é passado.

Vamos, agora, divagar um pouco sobre o plural das palavras terminadas em ão sendo esses vocábulos de prosódia nasalada, os estrangeiros não sabem pronunciar tais palavras, uma vez que fazem a pronúncia sem a ortoépia nasal. Mas isto é secundário e é problema para estrangeiros. Todas as palavras em português terminada em ão recebem três terminações — ões, ãos, e ães. O número maior são das palavras terminadas em ões — coração, corações, opinião, opiniões, clarão, clarões, e assim por diante; o segundo plural é ãos e assim temos mão, maõs, vão (da janela) vãos, sótão, sótãos; o terceiro plural é em ães e assim dizemos — pão, paães, cão, cães, tabelião, tabeliães. Mas, além disso ocorrem outras singularidades. Temos, por exemplo, palavras terminadas em ão com plural duplo e ambos certos: — aldeão, aldeões e aldeãos, vilão, vilãos e vilões, truão, truões e truães. Além desse plural duplo algumas terminadas em ão têm plural triplo, isto é, — ancião dá anciões, anciãos e anciães, alão (cão de alto porte) dá corretamente, alãos, alães, e alões.

Estas singularidades de nosso idioma exigem muita atenção e, às vezes, devemos recorrer ao dicionário para tirar a dúvida ou as dúvidas. É natural que estamos discorrendo ligeiramente sobre o assunto, mas a finalidade fundamental é que sempre devemos atentar para a forma correta na hora de escrever.

Ao terminarmos mais essa digressão sobre esses pequenos óbices, que nos ocorrem todos os dias, queremos chamar a atenção para um fato singular sobre os grandes conhecedores da lingüística portuguesa.

É impressionante que apontemos como grandes conhecedores do idioma pátrio, mestres que não são portugueses e não são brasileiros, e é em homenagem a eles que os cito neste momento. Muita gente não sabe que foi o professor alemão Frederico Diez o formulador de uma regra, que até hoje usamos sobre o infinitivo pessoal, tanto estudou o português e tanto se aprofundou em seus mistérios, que devemos a ele a norma do infinitivo pessoal e que acompanha outra forma já elaborada pelo professor português Jerônimo Soares Barbosa, em sua Gramática Filosófica. Hoje, ambas as normas são utilizadas para solução de alguns problemas do infinitivo pessoal além dos ensinamentos do grande mestre brasileiro Miguel Said Ali. Da mesma forma, é grande honra para nós saber que uma das melhores gramáticas da língua portuguesa é da autoria de um professor suiço, sr. Grivet. Ele publicou e sistematizou os fenômenos da lingüística portuguesa sob o nome "Nova Gramática Analítica da Língua portuguesa".

Nascido na cidade de Friburgo na Suiça, desde moço tornou-se emérito professor e foi convidado, ainda muito jovem, por um general russo para ensinar dois de seus filhos. Passado algum tempo com saudade de sua terra natal e de seus velhos pais regressou à Suiça. Em sua volta ocorreu o fato doloroso da perda de seus pais e foi quando ele resolveu emigrar para o Brasil. Embora suiço tornou-se no Brasil grande mestre de línguas, principalmente de português, que ele estudou a fundo. Não foi difícil assim a elaboração de uma belíssima gramática da língua portuguesa e todos os grandes conhecedores de nosso idioma, em Portugal e no Brasil, acolhem suas lições, como primorosas ordenações de nossa lingüística.

Citamos esses dois grandes mestres estrangeiros — Frederico Diez e Charles Adrien Olivier Grivet, seu nome por inteiro, como exemplo para juventude brasileira, que deve, com seus estudos, e com sua inteligência, enobrecer cada vez mais o rico idioma português.

Diário do Pará (PA) - Ano 1989\Edição 02229 (1)